This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

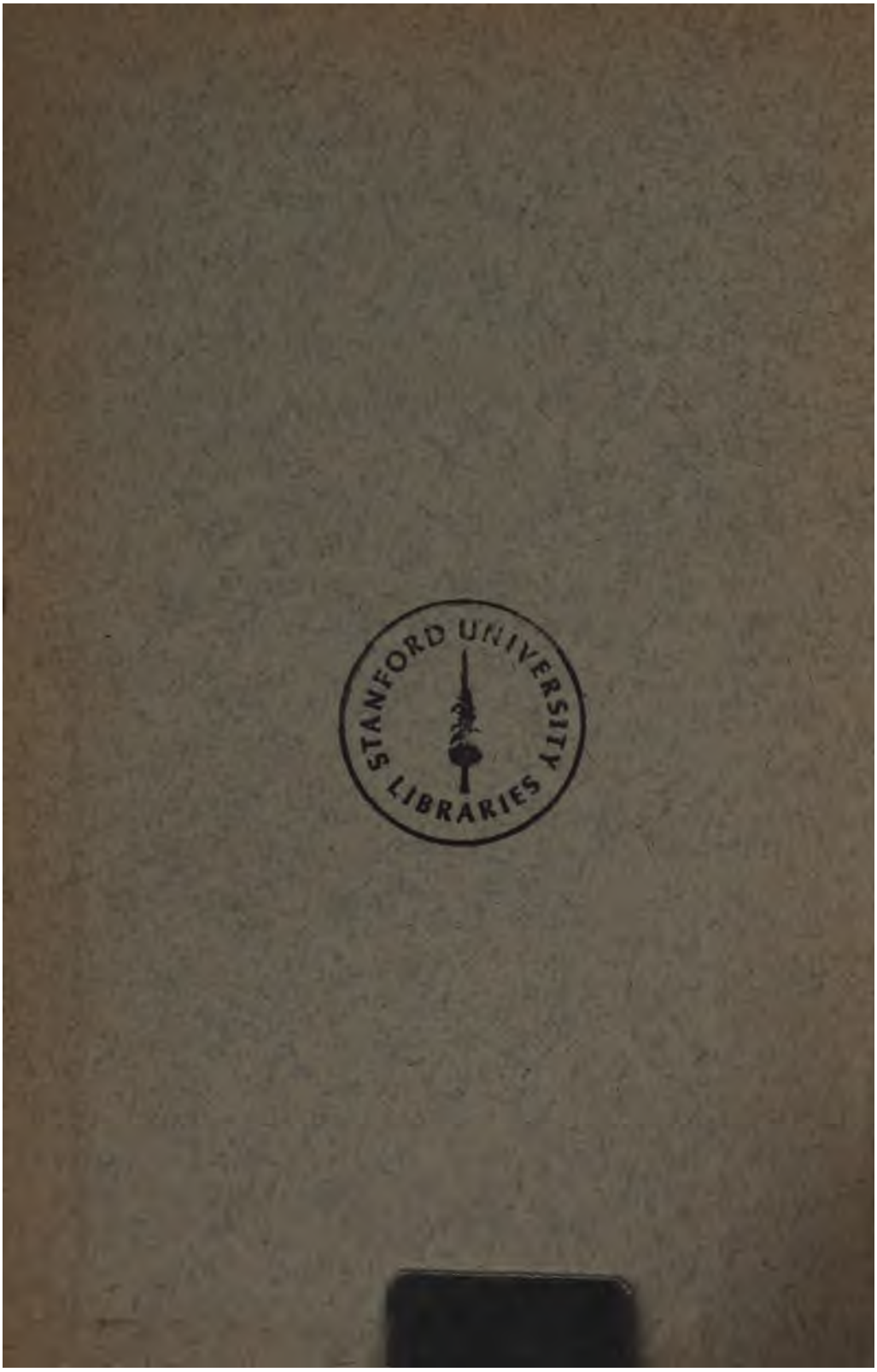
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Alfredo P. M. Silva

Os Generaes do Exercito Brasileiro

1822-a-1889

GLIMEDES REGO BARROS
1º. Tenente


STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

OS GENERAES DO EXERCITO BRAZILEIRO

DE 1822 A 1889

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

POR

Alfredo Pretextato Maciel da Silva

Bacharel em mathematica, sciencias physicas e naturaes pela extincta Escola Superior de Guerra e capitão do Estado-Maior do Exercito

* * *

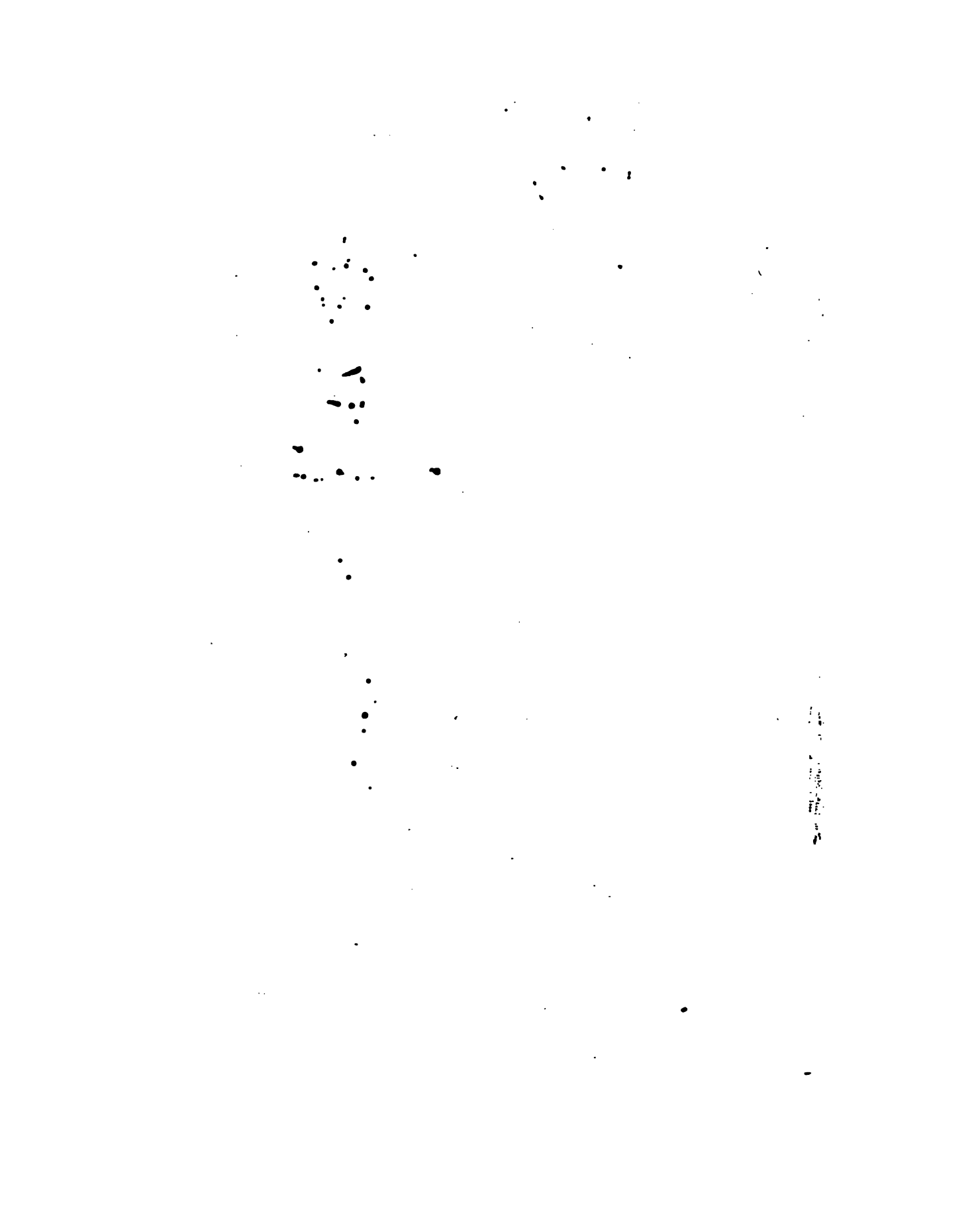
« Quem recorda o passado trabalha para o futuro. »

PRIMEIRO VOLUME

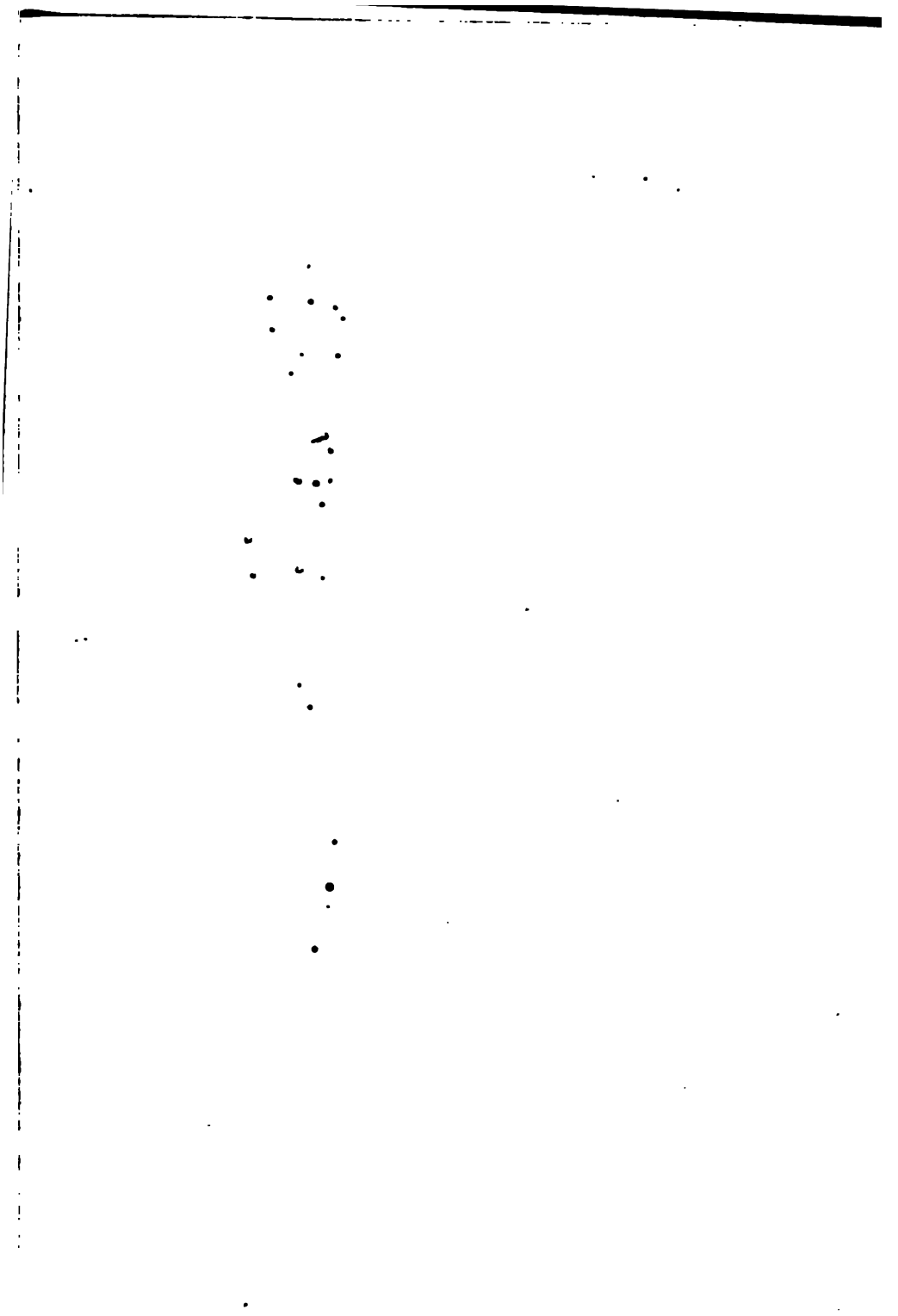
(Reinado de D. Pedro I)

...DO 4º. DISTRICTO MILITAR
Em ___ de _____ de 190
SECÇÃO DO PESSOAL

IMPRESSORES
M. OROSCO & C. — Rua da Assembléa, 24
RIO DE JANEIRO
1906



L. Musso & Co.
A Pretentato Maciel da Silva



AOS

OFFICIAES ACTIVOS,

REFORMADOS

E

HONORARIOS

DO

EXERCITO NACIONAL

O. D. C.

AO LEITOR

REUNINDO em o presente volume, sensivelmente augmentados e corrigidos, os traços biographicos d'« Os Generaes do Exercito Brazileiro », que, desde julho de 1905, em homenagem á memoria dos que se extinguiram, *temos publicado na REVISTA MILITAR, procuramos apenas corresponder ás delicadas solicitações de alguns amigos e camaradas que conseguiram convencer-nos que assim procedendo prestariamos um serviço á nossa classe e principalmente á futura historia militar do nosso joven e querido Brazil; o que declaramos para que não se supponha que alimentamos a idéa de que semelhante trabalho aspirar possa um modesto logar entre as producções litterarias dos nossos patricios, pois reconhecemos a nossa incompetencia intellectual aggravada pela falta do necessario tirocinio.*

Entretanto, confessamo-nos desvanecidos com o termos podido encetar dito trabalho, remontando ao anno de 1822, em que se deram os conhecidos successos da noite de 11 para 12 de janeiro, dos quaes assumiu toda a responsabilidade o governador das armas tenente-general Jorge Avilez Zuzarte de Souza Tavares que, pondo-se á frente da já amotinada «divisão portugueza auxiliadora», tomou posição no morro do Castello, procurando d'ahi hostilizar os habitantes desta heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro; pelo que alguns dos illustres precursores da nossa emancipação politica fizeram com que o povo e tropa se reunissem incontinenti no campo de Sant'Anna, onde foram habilmente dirigidos pelos legendarios generaes Oliveira Alvares e Xavier Curado, para repellir e defender a cidade e o principe de tão insolita aggressão.

Desde então, podemos dizer, ficou formado o nucleo do nosso exercito, com os militares de 1ª linha que compareceram a essa reunião e com outros que depois protestaram franca adhesão áquelle principe e á nobre causa brazileira.

Como sabemos, em consequencia desta energica attitude, pela manhã do referido dia 12, passou-se Jorge Avilez para a Praia Grande e n'esse mesmo dia foi acclamado governador das armas da côrte o general Joaquim Xavier Curado, sendo organizado um novo ministerio no dia 16, que consideramos como o primeiro brazileiro, pois d'elle faziam parte, além de outros propagandistas, o patriarcha José Bonifacio e o referido general Joaquim de Oliveira Alvares.

Conhecedor do valor de taes elementos, mais convencido se tornou o « principe rebelde » da sinceridade dos discursos dos amigos que com elle privavam, justamente indignados pelas deliberações das côrtes de Lisboa com relação ao Brazil, pelo que não trepidou em soltar á 7 de setembro o patriotico brado de: — Independencia ou morte ! — data essa em que o referido «nucleo», achando-se methodicamente augmentado, passou a constituir o exercito — verdadeiramente brazileiro — que contava então não pequeno numero de generaes e cujos nomes até aqui considerados perdidos, conseguimos catalogar.

E nisto consiste o verdadeiro merito do presente trabalho, porquanto sabemos que altas e competentes autoridades em diversas épocas pretenderam executal-o, não o conseguindo, por não terem sido encontrados os preciosos documentos que deviam guardar esses nomes seguidos do historico da vida dos que os possuiram.

Scientes que fomos dessas difficuldades, maior se nos tornou o desejo de realizar o nosso desideratum e desde então não poupamos esforços entregando-nos á constantes e penosas buscas em diversos archivos, especialmente no da secretaria da guerra, cuidadosamente organizado desde o anno de 1808, onde folheamos por longos mezes, nas horas vagas, os livros de registro das cartas-régias, decretos, patentes e um sem numero de documentos originaes, aliás de muita importancia para, reunidos aos muitos que existem nas repartições militares e fortalezas d'esta capital e dos Estados da União, constituirem um rico cabedal necessario á fundação de um — Archivo Militar — para o exercito.

DO 4º DISTRICTO MILITAR
Em ___ de ___ de 190
SECÇÃO DO PESSOAL

Alexandre Eloy Portelli

Nascido em Portugal no deccorrer do sexto decennio do seculo XVIII, Alexandre Eloy Portelli em franca adolescencia, matriculou-se na Real Academia de Marinha, sendo approvado no curso mathematico.

Proseguindo seus estudos na Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho foi premiado nos exames theoricos e praticos dos tres annos d'este ultimo curso, percorrendo facilmente os postos subalternos, alcançando, em 1780, o de capitão do corpo de engenheiros.

Resolvida entre os governos de Hespanha e Portugal a nomeação de uma commissão mixta para a demarcação dos limites entre o Brazil e as possessões hespanholas do Rio da Prata, de conformidade com o tratado firmado em Santo Ildefonso á 1º de outubro de 1777, na commissão portugueza de que foi chefe o brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, então governador do Rio Grande do Sul, achou-se encorporado, como auxiliar astronomo e geographo, o capitão Alexandre Eloy Portelli que com a mesma commissão sahio de Lisbôa a 19 de fevereiro de 1781, com destino ao Rio de Janeiro.

Depois de ter permanecido n'esta capital por mais de dous annos empregados na organisação das instrucções e mais providencias sobre as operações que deviam ser executadas, seguiu a commissão com destino ao Chuy, no Rio Grande do Sul, onde era aguardada pelos commissarios hespanhoes e de facto á elles se reunio á 5 de fevereiro de 1784.

Em tal destino se achou Eloy Portelli, até que, tendo sido elevado ao posto de coronel de engenheiros passou a commandar o batalhão de artilharia e infantaria da capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Pelos seus prestimos e distincção nos serviços de que fôra incumbido por carta regia de 13 de maio de 1808 foi promovido a brigadeiro de infantaria continuando no commando do mesmo batalhão.

Incorporado á columna mobilisada do general Manoel Marques de Souza seguio com o seu bathalhão em dezembro de 1810 para os serros de Bagé, onde acampou em janeiro do anno seguinte e em junho, fazendo parte do «Exercito Pacificador da Banda Oriental», transpôz o «Jaguarão» alcançando Maldonado em outubro do mesmo anno.

Em março de 1812 deixou Maldonado com o referido exercito que depois de uma penosa marcha de guerra sustentando diversos combates acampou em 12 de maio nas immediações de Paysandú, de onde, finalmente retirou-se em setembro com destino ao seu quartel na capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Por carta regia de 13 de maio de 1811 foi graduado no posto de marechal de campo continuando ainda naquelle commando, em o qual ainda obteve por outra carta de 13 de maio de 1813 a effectividade do referido posto de marechal.

Dispensado de tal commando por acto de 12 de outubro, recolheu-se ao Rio de Janeiro sendo por decreto de 17 de dezembro tudo de 1814, nomeado vogal do Conselho Supremo Militar e, prestando o devido juramento, entrou no exercicio d'esse importante cargo.

Por decreto de 6 de fevereiro de 1818, em attenção aos seus bons serviços, foi graduado no posto de tenente-general e por outro de 13 de maio do mesmo anno, nomeado conselheiro de guerra.

Em 1820 foi nomeado chefe do commissariado de todas as fortificações do Reino do Brazil.

Por decreto de 24 de abril de 1821 obteve a effectividade do posto de tenente-general e no anno seguinte declarou-se á favor da boa causa da emancipação politica do Brazil que, por bem o ter servido por mais de quarenta annos, na paz e na guerra, considerava sua verdadeira patria.

Reconhecendo este general o seu prestimo e mais habilitações, em 24 de junho de 1812 o nomeou tenente secretario em commissão da legião de cavallaria ligeira do seu commando, obtendo a sua confirmação neste posto, por carta régia de 20 de janeiro do seguinte anno de 1813.

Iniciada a campanha de 1816, ainda sob proposta do referido general Marques de Souza, por outra carta régia de 4 de setembro de 1816, foi Antéro de Brito promovido a capitão passando a addido ao estado maior do exercito, pôr ter sido nomeado na mesma data ajudante de ordens do mesmo general.

Por despacho de 6 de fevereiro de 1818 foi-lhe concedida a graduação de sargento-mór.

Neste ultimo anno achando-se encarregado, da guarda de «Castilhos» conseguiu surprehender as partidas de La-Torre e Pancho, fazendo-os prisioneiros.

Obteve a medalha conferida pelo decreto de 20 de janeiro de 1813 aos que fizeram a campanha de 1811 a 1812 e no cargo do ajudante de ordens do já mencionado general Marques de Souza fez toda a campanha de 1816 á 1820 sendo por decretos de 25 de julho e 14 de outubro deste ultimo anno elevado ao posto de coronel aggregado de 2ª linha e pelo de 30 de dezembro, nomeado commendador da ordem militar de São Bento de Aviz.

Achando-se no governo da provincia do Rio Grande do Sul o brigadeiro João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, levado pelos dictames de sua consciensia, como brasileiro e politico, na manhã do dia 16 de outubro de 1821, se dirigiu Antéro de Brito a diversas notabilidades e commandantes de tropa participando-lhes que a Camara e o vigario geral de Porto Alegre e bem assim todos os corpos militares e civis estavam promptos para na madrugada do dia seguinte proclamarem na praça publica um novo governo ; idéa esta a que muitos adheriram, deixando porém de ser posta em pratica por terem sido denunciados os projectos do coronel Antéro ao referido governador.

Preso e immediatamente submettido a interrogatorios por uma commissão militar, ficou provado — que *havia*

tentado mudar o governo, assumindo a si uma autoridade, que só reside nas côrtes geraes extraordinarias e constitucionaes da nação, tornando-se deste modo réo de lesa magestade nacional, e passando a responder a conselho de guerra foram taes as suas allegações que provaram seu crime; pelo que, acompanhado pelo coronel Manoel Carneiro da Silva Fontoura, foi mandado apresentar na côrte do Rio de Janeiro ao principe regente D. Pedro, com os documentos comprobatorios dos seus actos considerados subevrsivos da ordem da sua provincia natal.

Foi assim que, por occasião dos factos que se deram em janeiro de 1822 nesta cidade do Rio de Janeiro, ao coronel Antéro de Brito, cuja prisão fôra relaxada pelo alludido principe, se offereceu o ensejo de nelles tomar parte activa, comparecendo nas reuniões dos campos da Acclamação e do Brandão, quando se tratava de fazer frente ás tropas da divisão luzitana do commando do general Jorge Avilez.

Por avisos de 4 de março e 18 de Setembro ainda de 1822 seguiu Antéro de Brito em deligencia de serviço para Montevidéo, sendo o seu nome comtemplado na relação dos que foram distinguidos com o habito de cavalleiro da ordem Imperial do Cruzeiro, publicada com o decreto de 1º de dezembro do mesmo anno que a instituiu, em commemoração á coroação e sagração do imperador D. Pedro I.

Regressando dessa commissão foi nomeado coronel effectivo e commandante do 2º regimento de cavallaria de 2ª linha, por decreto de 24 de fevereiro de 1823; seguindo para a Bahia assistiu, á bordo da náo *Pedro I*, o combate travado entre as esquadras brazileiras e portuguesas, em aguas da mencionada provincia.

Tendo tomado terra, apresentou-se ao general Pedro Labatut, commandante em chefe do—Exercito Pacificador, — sendo designado para o cargo de quartel-mestre general do mesmo exercito.

Por occasião da prisão imposta pelo general Labatut ao coronel Felisberto Gomes Caldeira commandante da 3ª brigada, por ordem do mesmo general foi designado para assumir o dito commando, o que não lhe foi possivel

cumprir visto ter a dita brigada se revoltado ao receber a noticia da prisão e consequente destituição do seu commandante e, pegando em armas, realisou a prisão do proprio general Labatut que, como sabemos, substituido no commando em chefe pelo coronel José Joaquim de Lima, foi mandado seguir para a côrte do Rio de Janeiro, em setembro desse anno, pelo governo da junta da Caxoeira.

Continuando a servir no Exercito Pacificador da Bahia logo que chegou ao conhecimento dos sitiantes o abandono da capital pelas forças do general Madeira, dada a ordem de occupal-a, pelo meio dia de 2 de julho de 1823 nella penetrou o «corpo de exploradores que ia na vanguarda sob o commando do coronel Antéro José Ferreira de Brito que foi recebido com vivas estrepitosos pela população que não se prestára a imitar o exemplo de Madeira». Por decreto de 20 de outubro ainda deste anno, obteve Antéro de Brito a nomeação de Moço da Imperial Camara.

No seguinte anno de 1824 foi incorporado á expedição do brigadeiro Francisco de Lima e Silva que desta capital partiu para a provincia de Pernambuco onde havia sido proclamada a «Confederação do Equador», cabendo-lhe mais uma vez o exercicio do cargo de quartel-mestre general do exercito em operações de guerra.

De Pernambuco passou o coronel Antéro para a provincia da Bahia afim de interinamente exercer o cargo de commandante das armas, do qual tomou posse a 3 de dezembro de 1824, exercendo-o até 1º de janeiro do seguinte anno, em que por ordem superior o passou ao brigadeiro Gordilho de Barbuda.

Por decreto de 20 de outubro ainda de 1824 foi condecorado com as medalhas da campanha de Pernambuco e a «dos mais bravos».

Achando-se no commando das armas da Bahia, por decreto de 16 de dezembro do já referido anno de 1824 passou no mesmo posto de coronel para o exercito e foi nomeado commandante das armas de Pernambuco, cargo este de que tomou posse no Recife á 23 de maio de 1825, exercendo-o sem interrupção até 5 de maio de 1830.

Durante este ultimo periodo, pelos serviços prestados obteve Antero de Brito da munificencia de D. Pedro I, os seguintes galardões :

— Officialato da Imperial Ordem do Cruzeiro por decreto de 9 de janeiro de 1825 — Medalha da campanha da guerra da independencia, da Bahia e Guarda-roupa honorario da Imperial Casa, por decretos de 12 de outubro de 1826 — Medalha da campanha Cisplatina de 1816 á 1820 e a graduação de brigadeiro, por decretos de 8 de agosto e 12 de Outubro de 1828 — Promoção á effectividade do posto de brigadeiro e a dignitaria da Imperial Ordem do Cruzeiro, por decretos de 27 de fevereiro e 2 de maio de 1829.

Nomeado commandante das armas da Bahia por despacho de 2 de abril de 1831 assumiu este cargo a 15 de maio, occupando-o até 13 de outubro ; recolhendo-se ao seu quartel nesta capital, por decreto de 25 de novembro, tudo do mesmo anno, assumiu o exercicio de commandante das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro, cargo este que deixou a 14 de Setembro de 1832 por ter sido nomeado ministro e secretario de Estado dos Negocios da Guerra e interino dos da Marinha. Deixou esta pasta em novembro do seguinte anno, e por decreto de 16 de janeiro de 1833 foi-lhe concedida a demissão da da guerra.

Por decreto de 15 de outubro reverteu ao cargo de commandante das Armas da Côrte que exerceu até 14 de dezembro, tudo do mencionado anno de 1835, e, conservando-se nesta capital, por carta imperial de 21 de novembro de 1836, foi nomeado presidente da provincia do Rio Grande do Sul que, como sabemos, nessa época se achava a braços com a revolução republicana chefiada pelo coronel Bento Gonvalves e outros.

Chegando a Porto-Alegre á 5 de fevereiro do seguinte anno, tomou posse de suas funcções e preparou-se para entrar em campanha contra os revolucionarios, procurando assim, aproveitar a estação então a mais propicia para a mobilisação das tropas.

Achava-se porém no commando das armas da mesma provincia desde 31 de outubro do anno anterior o brigadeiro Bento Manoel Ribeiro a quem, segundo resam as chronicas, desgostára profundamente a demissão do presidente Dr. José de Araujo Ribeiro, seu parente e amigo, pelo que resolveu vingar-se do governo da regencia praticando actos que salientar deviam sua necessidade e alta importancia civil e militar nessa lucta fraticida; resolução esta excitada ainda pela « conducta impolitica do brigadeiro Antéro para com o seu antecessor forçando-o até á sahir da proyincia, o que deu ganho de causa aos rebeldes », pois, de tudo sciente enviou-lhe Bento Manoel o seu pedido de demissão do que teve aspera contestação e na qual se lhe ordenava passar o commando ao official cûja graduação competisse substituil-o.

E de facto á 1º de março desse anno (1837) passou Bento Manoel, em Caçapava, ao coronel João Chrisostomo da Silva, o commando de que se achava investido tendo porém antecipadamente, licenciado quasi toda a tropa legalista.

Aos ouvidos do brigadeiro Antéro foram levadas estas e outras noticias taes que determináram a sua immediata marcha para a *campanha* depois de ter scientificado em officio ao governo da regencia a palpitante necessidade da substituição do seu collega Bento Manoel; este porém sabedor da sua incursão esperou-o em logar conveniente, e em a noite de 23 para 24 ainda de março, fel-o seu prisioneiro quando transpunha o arroio *Itapevy*.

« Por este acto inaudito de deslealdede, diz o general *Abreu e Lima,* viu-se Bento Manoel obrigado á abraçar de novo a causa da rebellião, resultando dahi a subsequente perda de Caçapava e de toda a força que commandava o coronel João Chrisostomo, no dia 8 de abril ».

Em poder dos revolucionarios, onde não soffrêra o menor insulto ou desacato, se achou Antéro de Brito até o dia 5 de janeiro de 1838 em que foi posto em liberdade na frequezia de Viamão, por troca com o tenente-coronel republicano Francisco Xavier do Amaral, que se achava em poder dos imperialistas.

Recolhendo-se a côrte do Imperio obteve a nomeação de vogal do Conselho Supremo Militar por decreto de 2 de dezembro de 1839 e no seguinte anno embarcou para a provincia de Santa Catharina como substituto do presidente Soares de Andréa, conforme se vê da carta imperial de 10 e, por decreto de 14, tudo de junho desse anno, foi encarregado do commando das armas da mesma provincia.

Veador de SS. Magestades Imperiaes por decreto de 2 de agosto ainda de 1840, por outros de 18 de julho de 1841 teve o titulo de conselho e a graduação de marechal de campo, em cujo posto foi confirmado por despacho de 7 de setembro do anno seguinte, sendo agraciado com a grã-cruz da ordem militar de Aviz por carta imperial de 3 de novembro de 1843.

Dispensado das commissões em que se achava em Santa Catharina por despacho de 1.º de agosto de 1845, recolheu-se ao seu quartel nesta capital e assumindo o commando das armas da côrte para que fôra nomeado por decreto de 21 de setembro de 1850, fez parte da commissão nomeada para propôr a distribuição dos officiaes existentes pelos differentes corpos e armas do exercito.

Por decretos de 3 de março e 13 de julho tudo de 1852, foi promovido a tenente-general e nomeado conselheiro de guerra, sendo condecorado com o titulo de «Barão de Tramandahy», com honras de grandeza, por carta Imperial de 14 de março de 1855.

O tenente-general Antéro José Ferreira de Brito falleceu no Rio de Janeiro em 5 de fevereiro de 1856 merecendo de um escriptor dessa época o seguinte necrologio :

« Rigido na disciplina militar, cumpridor austero de seus deveres, e exigindo de seus companheiros d'armas a mesma exactidão, o Sr. tenente-general barão de Tramandahy, era no emtanto geralmente estimado pelo exercito, porque alliava á severidade de chefe a dedicação de pae.

Suas opiniões liberaes, em quadras difficeis e arriscadas, deram-lhe uma posição politica no paiz até certo

tempo. A essa circumstancia foi devida a sua entrada em um gabinete da regencia, na época da menoridade, e a sua nomeação, depois, para a presidencia do Rio Grande do Sul. Mas, ou por desgosto, ou porque não tivesse propriamente aspiração politica, o Sr. tenente-general Antéro não tomou uma parte activa nas lutas dos partidos.

Presidente por muitos annos da provincia de Santa Catharina, mereceu alli sempre a consideração que lhe era devida. Retirando-se para a Côrte, foi aproveitado pelo governo imperial para o elevado cargo de commandante das armas, que exerceu até fallecer.

O exercito perdeu nelle um chefe dedicado,e o paiz um servidor fiel ».

Antonio Elzeario de Miranda e Brito

Nascido em Lisbôa no anno de 1786, Antonio Elzeario de Miranda e Brito, verificou praça voluntariamente como soldado no 1º regimento de infantaria de Portugal em 1796 e, seis annos depois, matriculou-se na Academia de Marinha de Lisbôa, sendo reconhecido cadete de 1ª classe a 22 de outubro de 1804.

Concluiu o curso mathematico da referida academia, obtendo approvações plenas nos dous primeiros annos de fortificação, artilharia e desenho e em engenharia de minas.

Passou a servir no Brazil como alferes do 3º regimento de infantaria de linha da côrte, por decreto de 20 de abril de 1808 e por outro de 19 de julho do mesmo anno, foi transferido como 2º tenente para o corpo de engenheiros, sendo empregado nos telegraphos.

Em 1809, com outros officiaes de engenheiros, ficou encarregado de levantar as plantas das fortalezas e mais tarde as dos terrenos entre o Andarahy e S. Christovão, fazendo os nivelamentos dos rios Cachorro e Maracanã, para um projecto de encanamento dos mesmos rios.

Por decreto de 13 de maio de 1810, foi promovido a tenente, em seguida encarregado do levantamento da planta topographica desde a lagôa Rodrigo de Freitas

até a cidade. Seguiu em 1814 para a Fazenda de Santa Cruz, afim de levantar a planta de seu campo, com o respectivo nivelamento em relação ao nivel do mar. Foi promovido a capitão por decreto de 12 de outubro do mesmo anno.

Proclamada a republica no Recife, logo após a insurreição militar de 6 de março de 1817, para alli seguia Elzeario fazendo parte da columna organizada nesta capital pelo general Luiz do Rego Barreto, que com ella embarcou nos navios da esquadra á 30 de abril do mesmo anno.

Depois de dez mezes passados em Pernambuco em effectivo serviço da mencionada columna, que tomou a denominação de — Divisão de Voluntarios Reaes — regressou á côrte do Rio de Janeiro e continuou a prestar seus serviços technicos na sobre dita Fazenda de Santa Cruz, tendo sido graduado em major por decreto de 26 de outubro do mesmo anno de 1817.

No anno seguinte foi posto ás ordens do tenente-general Francisco de Borja Garção Stokler, para fazer o reconhecimento da costa e terrenos adjacentes desde Guaratiba até Mangaratiba. Em 1819, por decreto de 13 de maio foi promovido a major effectivo.

Por occasião dos acontecimentos presenciados por esta capital nos dias 11 e 12 de janeiro de 1822, prestou os melhores serviços quando o general Jorge Avilez pretendeu hostilizar os seus habitantes, sendo tambem encarregado de, sob o commando do prestimoso coronel Luiz da Nobrega de Souza Coutinho, reunir a força do Reconcavo, como por escripto havia proposto á Sua Magestade afim de fazer frente no Campo do Brandão áquella divisão, emquanto á força maritima com gente de desembarque ameaçava a sua retaguarda ; por cujos serviços foi o seu nome honrosamente mencionado em ordem do dia e promovido a tenente-coronel graduado por decreto de 4 de abril do dito anno.

Foi encarregado da construcção da estrada desta capital para a provincia de S. Paulo, em maio, e bem assim, da fortificação e defesa de uma parte da costa, em setembro, tudo do mesmo anno. Por decreto de 12 de outubro

de 1823, foi promovido á effectividade do posto de tenente-coronel.

Por aviso de 18 de março de 1826, foi designado para servir de quartel-mestre-general junto ao exercito da provincia do Rio Grande do Sul, onde assistiu a celebre batalha do —Ituzaingó— ferida a 20 de fevereiro do anno seguinte, e sendo o seu nome recommendado ao governo, pelo Marquez de Barbacena, por ter durante a acção se tornado delle inseparavel, desempenhando com exactidão e acerto todas as ordens no meio de um chuveiro de balas e bombas, por decreto de 12 de outubro deste ultimo anno foi promovido a coronel, por distincção.

Dispensado do exercicio de quartel-mestre-general do exercito do Sul á 15 de abril de 1828, recolheu-se ao Rio de Janeiro recebendo então a sua patente de coronel effectivo do Imperial Corpo de Engenheiros.

Por decreto de 27 de fevereiro de 1829, foi nomeado governador das armas da provincia do Maranhão e por outro de 5 de maio do mesmo anno, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz.

Seguiu para o Maranhão onde tomou posse do alludido cargo de governador á 3 de maio, exercendo-o até maio de 1831, tendo ahi recebido a patente de brigadeiro graduado com que fora galardoado por despacho de 17 de outubro do anno anterior.

Apresentando-se na côrte nella permaneceu até que em fevereiro de 1833 seguiu em commissão para os — Campos de Goitacazes.

Travada a lucta entre imperialistas e republicanos, na provincia do Rio Grande do Sul, desde setembro de 1835, em virtude do aviso de 2 de maio de 1836, para alli seguiu o brigadeiro Elzeario commandando uma força de infantaria e artilharia, e, tendo sido nomeado presidente da mesma provincia em substituição ao Dr. José de Araujo Ribeiro, ao aportar a cidade do Rio Grande, a respectiva camara municipal pediu-lhe para sustar o acto de sua posse até que a regencia resolvesse uma representação em que se pedia a continuação do referido Dr. Araujo Ribeiro nesse cargo, ao que não accedeu,

allegando que só era de seu dever cumprir as ordens superiores, e tomou posse a 11 de julho.

O seu governo, porém, tornou-se quasi ephemero, pois teve de deixal-o a 20, por ter sido removido para identico cargo na provincia de Santa Catharina, por carta imperial de 9, tudo do referido mez de julho de 1836.

Dispensado desta ultima commissão por acto de 20 de agosto do mesmo anno, conforme pedira, recolheu-se á côrte, sendo nomeado presidente da Directoria de Obras Publicas da provincia do Rio de Janeiro, em 6 de março de 1837, cargo este de que foi exonerado por ter sido nomeado governador das armas da côrte, por decreto de 16 e por outro de 30, ambos de julho, obteve a confirmação do posto de brigadeiro «pelos relevantes serviços prestados na provincia do Rio Grande do Sul», sendo tambem graduado no de marechal de campo por despacho de 14 de setembro, tudo do mencionado anno de 1837.

Quando o senador Pedro de Araujo Lima empunhou as redeas do governo em substituição ao regente padre Diogo Antonio Feijó, na circular que fez publicar no dia seguinte (20 de setembro de 1837), contendo o seu programma administrativo, referindo-se á guerra civil do Rio Grande do Sul, dizia:

«A ninguem se esconde que debellar e escarmentar a rebellião é um dever de todos os brazileiros; é o interesse vital da verdadeira liberdade, essencialmente ligado á união e integridade do Brazil. O governo não perderá instantes, não poupará esforços para restaurar alli o imperio da lei».

Assim compenetrado, um dos seus primeiros actos foi a substituição do presidente dessa provincia pelo marechal Antonio Elzeario (decreto de 6 de outubro), encarregando-o tambem do commando em chefe de todas as forças do imperio em operações de guerra na mesma provincia.

A 3 de novembro tomou posse Antonio Elzeario desses altos cargos na cidade de Porto Alegre, e em seguida tratou de delinear o seu plano de batalha, que resumia-se em «acabar com a guerra, dispersando os rebeldes, sem derramar sangue em batalha campal», con-

forme scientificára ao governo da regencia em o seu officio de 28 de fevereiro de 1838.

« Preparado o presidente Antonio Elzeario, julgou dever sahir de Porto Alegre ; tendo por intento, como primeiro fructo do seu plano de guerra, fazer levantar o assedio da capital da provincia.

Com effeito a 31 de janeiro de 1838 elle sahia da sua residencia presidencial, no intuito de cercar os rebeldes em Viamão, e batel-os. Estes, porém, apenas viram mover-se as forças imperialistas, retiram-se de Viamão em diversas partidas, e passam o rio Cahy, seguindo para a campanha.

Antonio Elzeario snppoz haver conseguido grande vantagem, descercando a capital da provincia e regressou para o seu palacio.

Foi a isto, que o provecto general em sua correspondencia official denominou *passeio militar de 15 dias.*

Voltando para Porto-Alegre, cuidou de marchar para a campanha ; e com este intento em março seguinte dirigiu-se para o Rio Pardo, que foi desoccupado por Bento Manoel, que então alli se achava com forças militares.

Antonio Elzeario não proseguiu porém para a campanha em consequencia de reconhecer o máu estado da cavalhada do seu exercito.

Regressou pois, deixando n'aquelle posto militar o marechal Sebastião Barreto; como commandante da infantaria o brigadeiro Francisco Xavier da Cunha e commandante da cavallaria o brigadeiro Bonifacio Caldeiron ». (T. ARARIPE, *Guerra civil do Rio Grande do Sul).*

Sabe-se o que foi o desastre do Rio Pardo occorrido a 30 de abril de 1838, onde foram completamente desbaratadas as forças commandadas pelos referidos generaes morrendo mais de 60 homens e um maior numero de prisioneiros além de 30 officiaes das forças imperialistas.

Ao marechal Elzeario chegára aviso desse premeditado ataque dos revolucionarios, porém na vespera do dia em que o realisaram, de modo que lhe era humanamente impossivel dar quaesquer providencias, circumstancia esta que ainda mais o exarcebou quando a fatal noticia chegou a capital.

Depois do desastre do Rio Pardo e achando-se novamente sitiada a capital, tratou o marechal de preparar-se para no primeiro verão continuar a lucta para o que contava com os reforços que effectivamente foram-lhe enviados pelo governo da regencia.

Dando as suas ordens para se effectuar a viva força o levantamento do sitio da capital; á 2 de janeiro de 1839 a frente de uma columna de 1.600 homens das tres armas procurou pôr-se em contacto com os revolucionarios visando destroçal-os completamente na capella do Viamão então elevada a villa Setembrina e residencia do governo da Republica Rio-Grandense.

O coronel Bento Gonçalves que em pessoa dirigia o assedio da capital sciente das intenções do marechal mandou dividir o seu exercito convenientemente fazendo-o em seguida retirar segundo linhas divergentes.

Emquanto isso se dava ataca Bento Manoel á 1º de fevereiro duas canhoneiras e um lanchão de guerra dos imperialistas fundeados no rio Cahy e, mortos o mestre do lanchão e um dos commandantes das canhoneiras, apodera-se das tres embarcações que se achavam excellentemente artilhadas.

« Este revez intimidou por tal forma a Antonio Elzeario que o obrigou a regressar a capital, onde entrou no dia seguinte receioso de ver atacada, a mesma capital; ao redor da qual já os rebeldes tinham reunidos 4.000 homens, mais ou menos, com 7 boccas de fogo, occupando novamente a sua villa Setembrina.

O general legalista acautelou a tomada da capital, e a isto limitou a sua actividade bellica, quaudo então tinha na provincia ás suas ordens uma força de 7.289 praças.

Elle reconhecia e confessava ao governo imperial, que com toda essa força não podia ter acção aggressiva contra os rebeldes, que podiam reunir, segundo elle o diz, 5.000 homens, dos quaes 3.500 eram de cavallaria.

A noticia dos successos da guerra chegavam á côrte, e o exito das operações do marechal Antonio Elzeario não correspondia á espectativa do regente, que o nomeára na confiança de promptos e decisivos resultados.

O feito praticado por Bento Manoel contra as nossas canhoneiras no rio Cahy, impressionou desagradavelmente ao governo regencial. Accrescia a isto a certeza de serias indisposições contra o marechal por parte da officialidade do exercito legal.

Servia de motivo ao desgosto o conceito pouco vantajoso dos talentos militares do general e fomentava a intriga o facto de ser elle nascido em Portugal, provindo d'ahi a suspeição de infenso aos officiaes de origem brasileira.

A verdade é que o governo geral receiou que o nosso exercito se manifestasse em sedição contra o seu chefe ; e n'estas circumstancias o regente resolveu enviar ao Rio Grande do Sul o ministro da guerra para amainar o espirito de insubordinação e preparar elementos efficazes de triumpho sobre a rebeldia ».

«Na côrte o governo imperial perdera a esperança, aliás tão acariciada, de que o marechal Antonio Elzeario poria termo a guerra.

Por mais de anno e meio dirigia este general as operações bellicas ; e em vez de ganhar terreno, a causa da legalidade havia assáz perdido.

O governo imperial, facil então na mudança de presidente, não duvidou remover o marechal do posto, em que o collocara ». E de facto, a 24 de maio deixou o exercicio dos altos cargos que occupava na provincia recolhendo-se a côrte onde se apresentou a autoridade competente no dia 30 de junho tudo do referido anno de 1839.

Por portaria de 27 de dezembro de 1840 foi encarregado interinamente do commando do corpo de engenheiros e directoria do archivo militar. Por decreto de 24 de setembro 1841 foi promovido a marechal de campo effectivo e dispensado da commissão acima á 11 de outubro de 1842.

Em outubro de 1844 foi nomeado inspector dos corpos da guarnição da côrte.

Em 14 de maio de 1845 assumiu o cargo de commandante interino das armas da mesma côrte e por decreto de 7 de outubro de 1846 foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar, deixando aquelle commando no

dia 13 do mesmo mez e anno. Por decreto de 19 de julho foi graduado no posto de tenente-general e por outro de 2 de dezembro, tudo de 1849, foi nomeado conselheiro de guerra.

Por despacho de 16 de dezembro de 1850 foi designado para presidir a commissão de engenheiros creada por outro de 14 de setembro anterior e ambos da repartição do ministerio Imperio. Em 28 de janeiro de 1851 se lhe mandou agradecer a parte que teve nos trabalhos da commissão de classificação dos officiaes do exercito e reorganização do mesmo.

Por decreto de 31 de dezembro deste ultimo anno foi nomeado commissario para a demarcação da linha de limites do Imperio com o Estado Oriental do Uruguay e por outro de 22 de abril de 1852, foi reformado no posto de marechal de exercito, continuando no exercicio de conselheiro de guerra.

O marechal de exercito Antonio Elzeario de Miranda e Brito, falleceu, n'esta capital á 22 de outubro de 1858, com setenta e dois annos de idade, cincoenta dos quaes consagrados ao serviço do Brazil, sua patria adoptiva.

São do conceituado historiographo J. Manoel de Macedo, seu contemporaneo, as seguintes palavras :

«Intelligencia e zêlo no commando, fidelidade e disciplina em todos os tempos e circumstancias, prudencia e sagacidade para prevenir um desastre, placidez e valentia no ataque, e força inhabalavel na resistencia, eis alguns dos principaes dotes que recommendavão o marechal Elzeario, como soldado. Bom amigo, parente extremoso, cidadão honrado e beneficente, eis o que era elle na sociedade ».

Antonio Genelle

Nascido em Portugal no decurso do ultimo trintenio do seculo XVIII, Antonio Genelle, depois de haver adquirido as necessarias habilitações theoricas iniciou a sua carreira de official de marinha, attingindo o posto de capitão-de-fragata em 1806.

Quando o principe D. João chegou ao Brazil em 1808, da sua comitiva fazia parte Antonio Genelle, que

occupava então o cargo de ajudante de ordens da extincta «Brigada Real de Marinha».

Por carta regia de 17 de dezembro de 1815, no posto de coronel, foi transferido para o exercito, sendo classificado na arma de infantaria ficando addido ao Estado-Maior do Exercito.

Por decreto de 6 de fevereiro de 1818 foi graduado no posto de brigadeiro e promovido a effectividade do mesmo posto por outro decreto de 13 de maio do anno seguinte. Em 1822, por occasião dos acontecimentos que deram logar á nossa independencia, achou-se no campo do Brandão ao lado do legendario general Xavier Curado, que organizava a resistencia contra Jorge Avilez.

Em virtude do disposto do art. 10 da carta de lei de 20 de novembro de 1830, em acto de 16 de maio de 1831, foi lavrada a sua demissão do exercito por ser estrangeiro, ficando, porém, sem effeito tal medida por decreto de 4 junho do mesmo anno, por haver provado ter sido naturalizado brazileiro quando coronel.

Havendo solicitado a sua reforma, esta lhe foi concedido no posto de marechal de campo pela immediata resolução de 10 de setembro de 1836.

O marechal de campo Antonio Genelle falleceu nesta capital no dia 6 de fevereiro de 1843.

Antonio José Dias Coelho

O tenente-general Antonio José Dias Coelho nasceu no anno de 1745 na freguezia de Santo Estevão de Regagadas, da comarca de Guimarães (Portugal) e, tendo vindo para o Brazil, alistou-se em 25 de janeiro de 1769, como simples soldado no regimento de cavallaria de linha da capitania de Minas Geraes, onde de cabo de esquadra foi elevado a forriel a 10 de julho de 1775, a alferes por decreto de 26 de dezembro de 1779 e a tenente a 24 de janeiro de 1780, sendo confirmado neste posto por decreto de Sua Magestade de 6 de novembro de 1783.

Passou a capitão aggregado para ser incluido na primeira vaga a 9 de outubro de 1789, sendo confirmado por patente de Sua Magestade de 5 de outubro do anno

seguinte e decreto de 15 de Setembro do mesmo anno. Por portaria do governador capitão-general Visconde de Barbacena, de 29 de novembro de 1793, foi elevado ao posto de sargento-mór.

Em 1796 dos seus assentamentos constam as seguintes alterações: « Remettido para o conselho de guerra em 7 de maio. Accusado do crime de usurpação de jurisdicção ao desembargador e intendente dos diamantes Luiz Beltrão de Gouvêa e Almeida e de oppressor dos habitantes do districto Diamantino, quando commandou os destacamentos do arraial do Tejuco e seus connexos.

Sendo visto e examinado o processo verbal, interrogatorio e summario a que procedeu o desembargador Luiz Beltrão de Gouvêa e Almeida, intendente dos diamantes do Serro Frio, defesa dada pelo réo e mais documentos por elle apresentados, o declararam innocente e livre das penas que merecia pelos delictos que se lhe imputava si provados fossem. — Villa Rica, 9 de maio de 1796 ».

«Confirmada esta sentença pelo Illm. Exm Sr. Visconde de Barbacena, governador e capitão-general da capitania de Minas Geraes em 16 de junho de 1796 e remettida ao commando do regimento em 24 e intimada ao réo a 29, tudo de julho de 1796, sendo solto e livre ».

Pela resolução de Sua Magestade de 26 de abril de 1797 tomada em consulta do Conselho Ultramarino foi confirmado no alludido posto de sargento-mór.

A 28 de setembro de 1801 foi extrahida a sua fé de officio por ter sido elevado ao posto de tenente-coronel por patente de 29 de fevereiro e decreto de Sua Alteza Real de 9 de janeiro, tudo do mesmo anno.

Por decreto do mesmo principe de 31 de agosto de 1804 foi-lhe concedida a patente de coronel aggregado á primeira plana da côrte em attenção aos seus serviços e prestimos.

Por carta régia de 13 de maio de 1808 obteve Dias Coelho a graduação de brigadeiro dos reaes exercitos, « ficando aggregado ao commando do regimento de cavallaria de linha da capitania de Minas-Geraes, onde deverá entrar como effectivo ».

Como brigadeiro graduado foi-lhe commettida a com-

sem nota, antes plenamente illibado o meu comportamento, no qual é constante a todo o Imperio a minha integridade, e que sempre tive em vista o exacto desempenho das minhas obrigações, e a servir com zêlo, amor e fidelidade, tanto á nação, como a Sua Magestade o Imperador. ». Officio este que tendo sido, por copia, remettido ao secretario da camara dos deputados, para os devidos fins, deu tambem logar a que lhe fosse dirigido pelo ministerio da guerra o aviso seguinte :

« Illm. e Exm. Senhor. — Tendo presente a S. Magestade o Imperador o officio de V. Ex. de 30 de junho proximo passado, dando conta da maneira por que marchára para esta côrte o contingente de tropa de 2ª linha, e reconhecendo-se por elle não ter sido acompanhado de medidas de violencia, com que fôra caracterisado, foi agradavel ao Mesmo Augusto Senhor o não ver extremecido o bom conceito, em que sempre teve a V. Ex., pela intelligencia, honra e zêlo, com que o ha servido, e assim lh'o Manda significar para seu devido conhecimento. — Deus guarde a V. Ex. — Palacio do Rio de Janeiro em 13 de julho de 1826. — *Barão de Lages* ».

Não obstante, na sessão de 26 deste mesmo mez e anno, foi approvado na camara dos deputados, por unanimidade de votos, o longo parecer que a commissão mixta de constituição e guerra apresentou, aonde, além de *extranhar o desmedido estylo em que* o tenente-general Dias Coelho *se atreveu* a *escrever o dito officio,* o declarara infractor de conhecidas disposições regulamentares; resolvendo, finalmente, que se officiasse ao governo, *offerecendo-se á sua consideração as razões apontadas, afim de que se o mandasse responsabilisar na fórma da lei.*

Não consta, porém, que por taes motivos tivessem sido tomadas quaesquer providencias contra o tenente-general Antonio José Dias Coelho, que continuou a residir na provincia de Minas Geraes, onde falleceu.

Antonio José Rodrigues

Natural de Portugal, Antonio José Rodrigues verificou praça voluntariamente a 4 de dezembro de 1794 no

regimento de artilharia de marinha do mesmo reino, sendo delle excluido com transferencia para o de artilharia da côrte de Lisbôa a 14 de agosto de 1798. Foi promovido a 1° tenente para a 1ª divisão da brigada real de marinha, por decreto de 22 de setembro de 1798 e passou a empregado da Directoria Geral do Desenho.

Tendo passado a servir no Brazil, foi promovido ao posto de major para o corpo de engenheiros, por decreto de 14 de novembro de 1802. Sendo mandado servir na capitania de Matto Grosso passou a encarregado do respectivo trem de guerra da mesma capitania e mais tarde assumiu o commando geral da fronteira do Baixo Paraguay, e bem assim, por determinação regia, foi incumbido da cópia da cartas geographicas existentes no respectivo archivo.

Por ordem do general governador da capitania, marchou para Cuyabá e depois para a capital da mesma (cidade de Matto-Grosso) na qualidade de ajudante de ordens do dito general, deixando o alludido commando. Foi promovido a tenente-coronel por decreto de 27 de maio de 1809 e a coronel por outro de 24 de setembro de 1813 sendo novamente nomeado commandante geral da fronteira do Baixo Paraguay de onde se retirou em agosto de 1817. Apresentou-se na côrte com licença a 28 de março de 1818, sendo mandado em commissão activa para a ilha de Santa Catharina em junho de 1819, e alli chegando foi encarregado de diversas obras de fortificação e publicas da alludida ilha, da qual se recolheu em setembro de 1821.

Promovido a brigadeiro por decreto de 18 de março de 1822, continuou em serviço na côrte, onde jurou a constituição do Imperio e assignou a acta que se lavrou no quartel general do governo das armas, em 30 de março de 1824. Foi nomeado commandante militar das villas da Ilha Grande e Paraty, para cujo commando não marchou, por ter sido nomeado governador da fortaleza de Santa Cruz e encarregado da direcção das obras da mesma por decreto de 22 de janeiro de 1825.

Brigadeiro effectivo por decreto de 25 de março deste ultimo anno, por outro de 22 de setembro de 1827 foi

Por decreto de 26 de maio de 1804 foi despachado alferes para o regimento n. 20 da mesma arma em serviço na côrte daquella capital e promovido a tenente por outro decreto de 17 de dezembro de 1806, para o mesmo regimento, passando mais tarde para o exercito do Brazil, onde, por carta regia de 13 de maio de 1808, foi elevado ao posto de capitão para o 2º regimento de infantaria da côrte.

Tendo sido graduado no posto de sargento-mór a 15 de outubro de 1816, marchou no anno seguinte para Pernambuco com o seu batalhão, que fazia parte das forças destinadas a bater os partidarios da revolta militar de que foram chefes principaes os capitães de artilharia Domingos Theotonio Jorge e José de Barros Lima, alcunhado *Leão Coroado*.

Regressando á côrte a 1º de fevereiro, por carta regia de 14 de maio, tudo de 1818, foi promovido á effectividade do posto de sargento-mór para o 1º batalhão de granadeiros e a tenente-coronel por outra de 24 de novembro de 1820, para o mesmo batalhão.

Em virtude dos acontecimentos que em janeiro de 1822 tiveram logar nesta capital, marchou Barroso Pereira, no commando do seu batalhão, para o campo « Brandão », onde sob as ordens do tenente-general Xavier Curado, governador das armas, com outras tropas brazileiras, ficou de observação á « divisão portugueza auxiliadora ».

Serviu como ajudante-general junto ao referido governador, ficando encarregado da respectiva repartição desde 8 de agosto, sendo promovido a coronel a 12 de outubro, tudo de 1824. Deixou aquelle exercicio, bem como o commando de seu batalhão a 15 deste ultimo mez e anno por ter sido graduado no posto de brigadeiro e designado para commandante da 4ª brigada, com cujo exercicio lhe foi dado ainda o de commandante interino da divisão militar de policia da côrte, deixando ambos a 17 de dezembro ainda do alludido anno de 1824 por ter seguido para a provincia de Pernambuco no desempenho de uma *commissão especial de caracter reservado*.

Como sabemos a 28 do mez anterior havião sido com-

tros que se sentiram magoados pela demissão dada como castigo ao seu collega.

Por decreto de 13 de novembro ainda desse anno de 1828, obteve Barroso Pereira a sua reforma no mesmo posto de brigadeiro.

Depois da abdicação do primeiro imperador ao brigadeiro Barroso Pereira coube mais uma vez occupar a referida pasta na qual serviu de 3 de agosto a 14 de setembro de 1832, exercendo posteriormente apenas a sua cadeira de senador por Pernambuco, até que veio a fallecer nesta capital a 8 de fevereiro de 1837.

Bento Corrêa da Camara

O general Bento Corrêa da Camara nasceu no Rio Grande do Sul, onde em franca adolescencia verificou praça de 1º cadete a 1º de março de 1795 no regimento de dragões do Rio Pardo, de que era commandante seu pai, tenente-coronel Patricio José Corrêa da Camara, ao depois tenente-general e condecorado com o titulo de Visconde de Pelotas.

Filho de tão adestrado guerreiro, o joven Corrêa da Camara achou-se naturalmente preparado para conquistar pelos seus esforços os mais altos postos da hierarchia militar; assim é que, iniciando a sua carreira militar em um periodo de luctas, exhibiu as suas aptidões guerreiras na que teve logar em 1801 e que nos assegurou a inteira posse do territorio das Missões, o que deu logar a que fosse elevado ao posto de tenente, em novembro do seguinte anno de 1802.

Conservando-se no alludido regimento de dragões, obteve por carta regia de 25 de julho de 1808 a patente de capitão para o dito regimento e com elle fez a campanha de 1811 a 1812, finda a qual, em attenção aos serviços até então prestados, foi por carta regia de 13 de março de 1813, graduado em sargento-mór, de cujo posto obteve a effectividade por decreto de 12 de outubro do anno seguinte.

Pelos seus conhecidos prestimos e mais circumstancias foi-lhe conferida a patente de coronel aggre-

em pratica os seus arrojados planos contra o governo do Brazil e a integridade do seu territorio, quando, por saber que as nossas fronteiras se achavam desguarnecidas, por ter o general Curado se conservado no Rincon-de-Haêdo, á frente de tres mil homens e sem que soffresse a menor opposição, atravessa o Quarahim e dirige-se em marchas forçadas para o Santa Maria, de onde, pondo a frente de tão forte columna o seu immediato La-Torre, fel-o travar combate em 14 de dezembro de 1819, com uma pequena força de 404 homens das duas armas do nosso exercito em Ibirapuitan-Chico.

Commandava esta força o atilado chefe José de Abreu, que, forçado a acceitar lucta tão desigual apenas conseguir pôde uma feliz retirada com a sua cavallaria para o passo do Rosario, deixando, porém, mais de 80 dos nossos no campo, por terem sido envolvidos e degollados, devido á covardia do capitão Daniel Beresford, que abandonou a sua infantaria e fugiu vergonhosamente.

Foi assim que, de posse desta deploravel occurrencia, determinou o Conde de Figueira ao tenente-general Marquez de Souza, que fizesse marchar o brigadeiro Corrêa da Camara a communicar-se com o seu collega José de Abreu, para de commum accôrdo conterem os invasores no Santa Maria.

Logo no dia seguinte ao do alludido combate encontrou-se Corrêa da Camara com José de Abreu além do passo do Rosario e, unidas as forças de seus respectivos commandos, se tornaram fortes, de modo que, sendo atacados a 17 pelo referido La-Torre, depois de porfiada lucta, desde as dez horas da manhã até o pôr do sol, conseguiram rechaçal-o.

Retirando-se La-Torre, foi convencionado que Corrêa da Camara e José de Abreu deviam seguir-lhe as pégadas para conhecerem os seu intentos, e logo a 18 se puzeram em marcha; oito dias depois foram scientes de que se achavam a legua e meia do acampamento dos orientaes, pelo que assentaram os seus na margem direita do Ibicuhy-Guassú, poucas braças acima da sua confluencia com o

Ibicuhy-mirim ; ficaram assim entre aquelle rio e o passo de S. Borja, no Santa-Maria.

Ahi foram atacados no dia 27 por duas fortes columnas, procurando o inimigo vadear o rio em dous logares. — No passo da esquerda se collocou Abreu, e Corrêa da Camara no da direita.

Travou-se renhida lucta; passando, no ardor da peleja, de atacados para atacantes, os nossos briosos antecessores conseguiram romper as linhas dos aguerridos inimigos, que foram perseguidos por Corrêa da Camara até o proprio acampamento de Artigas, onde, porém, foi detido pela sua artilharia, emquanto o denodado José de Abreu se apoderava de um espesso bosque escolhido por grande numero dos adversarios para offerecerem melhor resistencia.

Os louros desta feliz acção consistiram em grande cópia de armamento, 17 prisioneiros e alguns cavallos encilhados que nos deixou o inimigo sobre o campo, em que tambem delle se contaram 60 mortos.

A's nove horas da noite regressaram Abreu e Camara para a margem direita do Ibicuhy-Guassú e no dia seguinte manobraram pela esquerda do inimigo, sem que fossem hostilisados. E, com o fim de evitar que se reunissem elles ao grosso do exercito, então sob o commando do governador Conde de Figueira, marchou Artigas em direcção a Sant'Anna, de onde contramarchou rapidamente, pensando attrahil-os a uma acção em que seriam materialmente batidos.

A vista, porém, da fraqueza numerica de suas columnas, o que os privava de se empenharem em qualquer acção em campo descoberto, resolveram Corrêa da Camara e Abreu uma retirada, com o duplo fim de evitar derrota certa e conduzir o inimigo ao passo de S. Borja que era o objectivo do Conde de Figueira.

A reunião destes generaes com o commandante em chefe teve logar a 10 de janeiro de 1820, e o intrepido caudilho, conhecedor do logar, marchou novamente para as nascentes do «Taquarembó», abandonando o territorio brazileiro.

Disto avisado deliberou o Conde de Figueira se-

guir no seu encalço conseguindo, a marchas forçadas, alcançal-o no dia 20 do referido mez de janeiro.

A posição escolhida por José Artigas não podia ser melhor porquanto, defendida pela frente por um enorme banhado, apoiava seus flancos no rio Taquarembó, que descreve neste logar uma perfeita curva, que se achava então alagada pelas sobras das aguas.

Reconhecida a posição do inimigo e o seu poder em força, foi determinado o ataque pelo Conde de Figueira. O intemerato José de Abreu com a sua columna devia atravessar o banhado e atacar pela frente; Corrêa da Camara, simultaneamente, á frente da sua divisão devia transpôr o rio Taquarembó e carregar o inimigo pelo flanco.

Artigas com o seu exercito em linha de batalha e com quatro peças de artilharia rompeu o fogo, um tanto inefficaz, á vista do denodo com que os nossos soldados se arrojaram na melhor ordem sobre os contrarios, obedecendo religiosamente ás ordens dos seus respectivos chefes.

Sobre esta celebre batalha eis o que lê-se no «Indice chronologico dos factos mais notaveis da capitania do Rio Grande do Sul»: — 1820; janeiro 22. — Combate de Taquarembó. — O capitão general do Rio Grande, Conde de Figueira, desbarata, á margem esquerda do Taquarembó, o exercito oriental, em força de 2.500 homens, ao mando de La-Torre, tendo ás suas ordens os generaes Pantaleon Sotello e Manoel Cahiré. O inimigo perdeu 800 mortos, entre os quaes o general Sotello e quatro officiaes superiores, 15 feridos e 490 prisioneiros, entre estes 21 officiaes superiores. Tomaram-se quatro peças de artilharia, uma bandeira, quatro caixas de guerra, 5.408 cavallos em máo estado, 90 bestas muares e 430 rezes. — Consta que Artigas só vira principiar a batalha, e logo se retirára para Matoojo. La-Torre conseguiu a custo escapar-se á garupa de um indio. — Distinguiram-se neste combate os brigadeiros José Abreu e Bento Corrêa da Camara»; ephemeride esta extrahida, naturalmente, da parte dada por aquelle governador no dia seguinte ao da batalha e que se acha publicada á

se empenhado em outras, como as do serro de Araiçôa, Ibicuhy, Cunha-Perú, Palombas, Itaquatiá, Sant'Anna, Itapevy, etc.

Sempre que a patria reclamava o seu concurso para demover as difficuldades da guerra, era solicito em attendel-a; assim é que forneceu graciosamente cavallos, gado e até valores para custear o exercito e augmentar a nossa esquadra nessa época, e foi pela patria que soffreu tambem enormes prejuizos pelos repetidos saques, que foram levados ás suas estancias, tornando-se notavel o da columna de D. Lucio Mancilla, que em março de 1827 arrebatou-lhe, em Santa Maria, de uma só vez, 10.000 rezes e 3.000 eguas de cria, cavallos, ovelhas e até cães de cria, enviando-lhe ainda o curioso documento que se acha no archivo publico desta capital e foi transcripto á pag. 188 do primeiro volume da « Historia do General Ozorio ».

O tenente-general Bento Corrêa da Camara falleceu nesta capital a 13 de abril de 1851, quando tratava de resolver alguns negocios de caracter particular.

Camillo Maria Tonnelet

O tenente-general Camillo Maria Tonnelet nasceu no anno de 1749.

Com pouco mais de 18 annos de idade alistou-se em um dos regimentos de infanteria da capitania do Rio de Janeiro, em o qual foi graduado no posto de sargento porta-bandeira, a 29 de maio e elevado ao de alferes por despacho de 27 de junho, tudo de 1768. Tenente por decreto de 1 de abril do anno seguinte e capitão por outro de 5 de junho de 1772, continuou na mesma arma a prestar os seus serviços.

Em 1781, por despacho de 5 de Julho, foi promovido a major e neste posto foi encarregado da organização de um esquadrão de cavallaria que commandou até ser promovido a tenente-coronel, conforme se vê do despacho de 17 de dezembro de 1792.

Pelos seus serviços e prestimos obteve a patente de coronel com o commando do 3° regimento de infantaria de linha do Rio de Janeiro, em o qual foi-lhe concedida

a graduação de brigadeiro por carta regia de 14 de outubro de 1808.

Tendo estabelecido a sua côrte no Rio de Janeiro o principe D. João VI e apreciando os bons serviços do commandante Tonnelet, por despacho de 5 de outubro de 1809, houve por bem confirmal-o neste ultimo posto; continuando no alludido commando nelle obteve a graduação de marechal de campo.

Por carta regia de 13 de maio de 1810, foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar, pelo que deixou o commando do 3º regimento de infantaria.

Em 1815, por despacho de 17 de dezembro foi promovido á effectividade do posto de marechal de campo.

Promovido a tenente-general graduado por carta regia de 8 de fevereiro, foi por outra de 13 de maio, tudo de 1818, nomeado conselheiro de guerra.

«Tendo sido convocados procuradores das cidades e villas do reino do Brazil e das ilhas portuguezas, para se tratar das leis constitucionaes que se discutiam em Lisbôa e dos melhoramentos do Brazil», por decreto de 23 de fevereiro de 1821, foi designado o tenente-general Tonnelet para «fazer parte como deputado da commissão que tinha por fim averiguar e evitar a demora da convocação das provincias mui distantes», commissão esta que tinha como presidente o general Marquez de Alegrete.

Ainda neste anno, por outro decreto de 24 de abril foi-lhe concedida a effectividade do posto de tenente-general.

Dada a independencia do Brazil, a ella adheriu o general Tonnelet, jurando em março de 1824 a constituição do imperio. Em 1829 seguio para o Rio Grande do Sul, no desempenho de uma commissão de alta importancia.

O tenente-general Maria Tonnelet, falleceu nesta capital a 22 de fevereiro de 1831, sendo sepultado nas catacumbas antigas da ordem terceira de S. Francisco de Paula.

Candido Xavier de Almeida e Souza

O general Candido Xavier de Almeida e Souza, filho legitimo do Dr. Luciano de Souza Azevedo, nasceu na

capitania de S. Paulo em o anno de 1748. Destinando-se á carreira das armas, assentou praça voluntariamente no regimento de infantaria da citada capitania, a 14 de julho de 1762, e, devido ás suas habilitações e pronunciado interesse pelo serviço, conseguiu em breve tempo ser galardoado com o primeiro posto de official dos reaes exercitos.

Em 1770, o governador de S. Paulo, D. Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão, morgado de Matheus, procurando satisfazer os desejos do Marquez de Pombal «para que fossem cada vez mais alargados os dominios portuguezes, por este lado do Brazil, e em predispôr o paiz de modo a estabelecer-se nelle a monarchia portugueza» — poz termo ás descobertas que mandou emprehender, com a que foi commettida ao então tenente de granadeiros Candido Xavier de Almeida e Souza que iniciou-a «embarcando com 34 soldados em duas canôas no porto das Capivaras do rio Iguassú, e transpondo-o, entrou no rio Jordão e entranhou-se pelas mattas, deparando em 24 dias com os campos de Guarapuava, não sem grandes difficuldades e privações, tendo por vezes recontros com os selvagens daquelle sertão, que o desviaram por alguns dias do curso da sua derrota».

Tal descoberta se realizou á 8 de setembro do referido anno de 1770 e os alludidos campos se estendiam desde o rio Itatú ao rio Uruguay, e da serra dos Agudos ao rio Paraná, e com ella encetou Candido Xavier os seus trabalhos officiaes de explorações, em os quaes se tornou notavel pelo cabal desempenho que lhes dava e são attestados ainda hoje pelas memorias que com precisão e minuciosidade redigiu, algumas das quaes foram publicadas.

Descobertos os alludidos campos, fez Candido Xavier construir em local apropriado um grande forte que denominou de «N. S. do Carmo», — o qual mais tarde se tornou em espaçoso aldeiamento dos indios. E' neste terreno que existe hoje a populosa cidade de Guarapuava, do florescente Estado do Paraná.

No exercicio de outras commissões da mesma natureza, obteve Candido Xavier a promoção de capitão de

Francisco Ignacio de Souza Queiroz, que do quartel dos amotinados partiu com o fim especial de acompanhar o marechal para que nas ruas da cidade tivesse elle «seguro transito e garantil-o das apupadas da canalha que havia posto nas ruas e que disposta a isso o esperava á porta do quartel. A que ponto de aviltamento chegou o decoro publico, a que tinha indiscutivel direito o marechal Candido Xavier de Almeida e Souza, um dos mais honrados veteranos do exercito, que militou desde a sua infancia sempre com zelo e intelligencia e fez importantissimos serviços á provincia de S. Paulo, na exploração dos seus sertões d'oeste e dos maiores rios do sul da provincia (consta de oito memorias suas, registradas na secretaria do governo)». («Quadro Historico da provincia de S. Paulo», pagina 280).

Apresentando-se na casa do governo, antes de dar as explicações que lhe foram pedidas, requisitou o general Candido Xavier a presença do marechal Toledo Rendon e, sendo elle presente, deu então a lêr aos membros do governo o aviso de 23 do mez anterior, de que já nos occupamos e pelo qual lhe fora ordenado marchar em auxilio do governador das armas alli presente, demonstrando, portanto, ter cumprido o seu dever como militar.

Com as palavras sinceras do marechal Candido, nenhuma réplica houve da parte do governo, ficando, porém, assentado que, tendo-se posto o — cumpra-se — na patente do governador das armas, Toledo Rendon, e satisfeitas outras determinações do governo do principe, nada mais restava de anormal e portanto que as tropas de Santos regressar deviam á sua parada. Não obstante, «os escrupulos militares do general Candido lhe impuzeram o dever de ser a ordem da sua retirada competentemente emanada do governador das armas, que para alli o chamára; e como este verbalmente lhe dissesse que ainda não estava nesse exercicio, retirou-se, não estando pelo que lhe pedia o governo—demorar-se mais tempo na capital». (Vide Quadro Historico citado).

Do que se convencionou nessa conferencia foi lavrada a seguinte acta:

«Aos 21 dias do mez de julho de 1822, pelas 9 ho-

« E para que conste onde convier, se mandou lavrar este termo no livro delles, do qual se tiraram tres outros originaes, e foram todos assignados pelos membros do governo, que se achavam presentes e pelos ditos Srs. marechaes de campo. Eu, Manoel da Cunha Azeredo Coutinho Souza Chichorro, secretario do governo para o expediente geral, o fiz escrever. — *Miguel José de Oliveira Pinto,* presidente interino. — *Daniel Pedro Muller,* secretario. — *Francisco Ignacio de Souza Queiroz.* — *Antonio Maria Quartin.* — *André da Silva Gomes.* — *José Arouche de Toledo Rendon.* — *Candido Xavier de Almeida e Souza.* — No impedimento do secretario do expediente, *José Mathias Ferreira de Abreu* ».

E explicada fica assim a não entrada das forças do commando do general Xavier de Almeida na capital de S. Paulo.

O marechal Candido Xavier nessa mesma noite regressou á Santos, onde ao chegar continuou a providenciar sobre os preparativos, reputados urgentes, para a defesa da praça ameaçada, bem como todo o littoral do Brazil, de invasões portuguezas, depois do celebre — Fico — e tambem pela ostensiva attitude tomada por quasi todo o paiz para a sua independencia.

Como consequencia dos factos que se deram na capital de S. Paulo, mais conhecidos pelo titulo de «Bernarda de Francisco Ignacio» e cujo epilogo acabamos de referir, foi lavrada a carta regia de 25 de junho de 1822 extinguindo o governo provisorio e creando para substituil-o uma junta de tres membros, a qual depois da retirada do principe D. Pedro ficou constituida a 10 de setembro pelo bispo diocesano D. Matheus, pelo juiz de fóra José Corrêa Pacheco e pelo marechal Candido Xavier, já então empossado do cargo de governador das armas, conforme reza o seguinte decreto : — Tendo eu concedido ao marechal de campo José Arouche de Toledo Rendon demissão de governador das armas desta provincia, por elle assim m'o haver pedido : hei por bem, attendendo ás qualidades que concorrem no marechal de campo Candido Xavier de Almeida e Souza, sendo uma dellas, e a mais essencial, o amor á causa brasilica, nomeal-o interinamente gover-

nador das armas desta provincia.— Luiz de Saldanha da Gama, meu ministro e secretario de estado interino o faça executar, etc., etc. — Paço em Mogy das Cruzes, 23 de agosto de 1822. — Com a rubrica do principe regente — *Luiz de Saldanha da Gama* ».

O marechal Candido Xavier serviu na alludida junta até 8 de janeiro de 1823, em que foi ella dissolvida, passando então no dia seguinte a occupar o governo da provincia uma terceira junta de sete membros e da qual ainda fez parte, cabendo-lhe, porém, assumir nesta as funcções de presidente.

Sendo já professo nas ordens militares de S. Bento de Aviz e de Christo, creada a imperial do Cruzeiro, no numero dos primeiros agraciados acha-se inscripto o seu nome em a lista dos que o foram com o officiliato dessa ordem, conforme se vê da relação dos despachos de 1º de dezembro de 1822.

A 12 de fevereiro de 1823 deixou o marechal Candido Xavier os cargos publicos que occupava na sua provincia natal e desejando recolher-se á vida privada, á vista da sua avançada idade, solicitou sua reforma, que lhe foi concedida por decreto de 8 de março de 1824, no posto de tenente-general, com o soldo respectivo.

O tenente-general Candido Xavier de Almeida e Souz, depois de reformado passou a residir na villa de Santos, onde falleceu a 25 de dezembro de 1831, contando oitenta e tres annos de idade, sessenta e dois dos quaes, como acabamos de ver, exclusivamente consagrados ao serviço da patria, concorrendo sempre para o seu engrandecimento moral e material, cabendo-lhe ainda a honrosa e agradavel tarefa de, embora já alquebrado pelo peso dos annos, fazer parte do primeiro governo da sua extremecida provincia natal, logo depois que em as margens do Ypiranga resoou o patriotico brado de—INDEPENDENCIA OU MORTE.

Carlos Frederico Lecór

Barão e Visconde da Laguna

A 15 de outubro de 1792 verificou praça de cadete no regimento de artilharia da guarnição do Algarve, Car-

los Frederico Lecór que, por decreto de 17 de março de 1795, foi elevado ao posto de ajudante da praça de Villa Nova de Portimão e por outro de 2 de dezembro do mesmo anno, ao de 1º tenente para o mencionado regimento.

Neste mesmo anno, fazendo parte da guarnição da náo « Principe Real », expedicionou até a capitania da Bahia e regressando á Portugal, por decreto de 1 de março de 1797 foi promovido a capitão para a legião de tropas ligeiras.

Dada a campanha de 1801, coube ao capitão Frederico Lecór a direcção dos postos avançados do corpo de exercito que, sob o commando do general marquez de Alorna, occupava a Beira-baixa, sendo no anno seguinte promovido a major para a mesma legião, por decreto de 13 de maio.

Continuando a prestar seus serviços no mencionado corpo de exercito, por decreto de 5 de abril de 1806 foi elevado ao posto de tenente-coronel de cavallaria e nomeado ajudante de ordens do alludido marquez, que o encarregou no anno seguinte de ir em descoberta do exercito francez que, sob o commando do general Junot, marchava sobre Portugal ; commissão esta que desempenhou satisfactoriamente.

Tendo-lhe sido dada a missão de levar ao conhecimento do principe D. João, em Lisboa, que o dito exercito já se achava no territorio portuguez, ao passar por Abrantes deu acertadas providencias no sentido de ser desmanchada a grande ponte de barcos existente sobre o rio Sever, com o fim de retardar a marcha do inimigo ; o que se realisou, produzindo o desejado effeito.

Chegado a Lisboa, por ordem do principe regressou á Abrantes afim de observar e participar-lhe os movimentos do exercito invasor, que ahi se achava demorado pelos motivos já referidos. Pelo desempenho desta commissão deixou o tenente-coronel Frederico Lecór de acompanhar ao Brazil o principe D. João ; passando-se, porém, para a Inglaterra, de lá voltou com as forças mandadas contra os invasores francezes e assim lhe foi dado o ensejo de, incorporado ao exercito da Inglaterra, bater-se pela sua patria.

Por decreto de 26 de novembro 1808 foi Lecór pro-

movido a coronel para o regimento de infantaria n. 23, continuando a prestar serviços no exercito alliado sob o commando do general lord Wellington, que em março de 1811 invadiu a Hespanha, perseguindo o exercito francez que, tendo á frente o general Messena transpozéra as fronteiras de Portugal, que assim ficava livre da terceira e ultima invasão dos francezes.

Logo depois destes acontecimentos foi Lecór promovido a brigadeiro (decreto de 8 de maio de 1811) e a marechal de campo por despacho de 4 de junho de 1813.

Em 1814, penetrou no territorio francez, fazendo parte das forças do exercito anglo-luso, do que resultou a paz geral e regressando a Lisboa foi nomeado governador da praça de Elvas, em cujo cargo lhe chegou do Brazil a patente de tenente-general a que fôra elevado por carta regia de 24 de junho de 1815.

Neste mesmo anno teve ordem de aprestar-se com uma divisão das tres armas que se denominou de «Voluntarios Leaes do Principe» e que ficou composta de 4.800 homens aguerridos, pois foram recrutados entre os veteranos que acabavam de tomar parte nas campanhas da Peninsula contra o exercito francez. Esta divisão, como sabemos, aportou no Rio de Janeiro a 30 de março de 1816.

Eis a summula dos serviços que na Europa foram prestados á Portugal pelo tenente-general Carlos Frederico Lecór que completára a sua educação militar no campo da honra, tendo como mestre, entre outros, o preclaro general que a 18 de junho de 1815 venceu o grande Napoleão em Warterloo. Vejamos agora os que lhe foi dado prestar na America, ao Brazil-reino e Brazil-imperio.

Depois de curta permanencia no Rio de Janeiro, seguiu o general Lecór com a sua divisão em demanda de Santa Catharina, onde desembarcou, seguindo por terra para o Rio Grande do Sul com destino a Montevidéo.

Ao chegar á fronteira, mandou o brigadeiro Araujo Corrêa atacar o forte de Santa Thereza, que, depois de fraca resistencia rendeu-se; em seguida, a vanguarda do mesmo brigadeiro enfrentando-se com as forças ao mando do caudilho Fructuoso Rivera, conseguiu destroçal-as perto da «India Muerta».

A divisão proseguindo sua marcha alcançou e facilmente occupou Maldonado, pequeno povoado, mas que por ser porto de mar e offerecendo seguro abrigo aos navios da esquadra se tornara de subida importancia estrategica; neste ponto estabeleceu o general Lecór correspondencia com o commandante da divisão naval ás suas ordens, e, encarregando-o do bloqueio de Montevidéo, ahi entrou sem nenhuma resistencia a 20 de janeiro de 1817.

Tendo guarnecido o porto de Maldonado, fez occupar a Colonia do Sacramento, outro porto de mar á doze leguas de Montevidéo, pelo coronel Manoel José Rodrigues, com o batalhão sob o seu commando, e a villa do Serro Largo, por uma brigada sob o do brigadeiro Araujo Corrêa.

O general Lecór conservou-se em Montevidéo, onde se relacionou com os seus principaes habitantes e por ordem de D. João VI, proximamente ao seu regresso para a Europa, convocou á 10 de abril de 1821 um congresso com representantes de todas as cidades da Cisplatina, para se manifestarem sobre si lhes convinha a incorporação á monarchia portugueza e em que condições; si preferiam a annexação a qualquer outro governo, ou a sua independencia.

Depois das necessarias discussões, que terminaram em 31 de julho de 1821, foi lavrada nesse dia uma acta em a qual o presidente e mais deputados da provincia Cisplatina em nome dos seus habitantes e o general Lecór, já então Barão da Laguna, como representaute de sua magestade fidelissima, declararam:

« Que havendo pesado as criticas circumstancias em qne se achava o paiz e consultando os verdadeiros interesses dos povos e das familias, accordaram e pela presente convieram em que a provincia oriental do Rio da Prata se incorpore ao reino unido de Portugal, Brazil e Algarves constitucional, com a obrigação imprescindivel de se respeitarem, cumprirem, observarem e se fazerem observar as bases que se apresentaram ».

As bases acima referidas eram em numero de vinte

e uma, das quaes convem sejam aqui transcriptas as seguintes:

« 1ª Este territorio deve considerar-se como um estado diverso dos demais do Reino Unido, debaixo do nome de Cisplatina ».

.....

« 3ª Gosará da mesma dignidade que os demais da monarchia e terá desde já a sua representação no Congresso Nacional ».

.....

« 8ª Logo que se verificar a incorporação, todos os cargos e empregos, excepto por agora os da capitania geral, serão concedidos aos naturaes ou aos habitantes casados e estabelecidos na Cisplatina ».

Assim deixou o governo portuguez a questão do Rio da Prata quando em 1821 retirou-se para a Europa.

Dada a independencia do Brazil, o general Barão da Laguna, apoiado pelo brigadeiro Manoel Marques de Souza e outros officiaes, declarou-se brazileiro, sendo nesse acto acompanhado pelo povo oriental e notavelmente pelos officiaes e praças orientaes que solemnemente affirmaram a annexação da sua patria ao Brazil.

O seu logar-tenente, D. Alvaro de Souza, porém, por não o querer acompanhar, reuniu elementos para resistir á execução do decreto em que o novo general brazileiro mandava considerar desligada do exercito de Portugal a divisão lusitana de Montevidéo que se achava sob as suas ordens. Assim é que, seduzindo as praças dessa divisão tomou conta da praça e do seu governo civil e militar, obrigando o Barão da Laguna a refugiar-se em Canelones, de onde requisitou auxilios dos governos do Rio Grande do Sul e do central no Rio de Janeiro.

O governo do Rio Grande do Sul achava-se então a cargo de uma commissão de cinco membros sob a presidencia do marechal João de Deus Menna Barreto.

O general Lecór tratou em acto continuo da organisação do seu novo exercito para entrar em lucta, no que foi auxiliado pelos generaes Marques de Souza e Sebastião Barreto e coronel Bento Manoel Ribeiro, contando

ainda com o concurso dos rios-grandenses sob as ordens do legendario general Abreu e da divisão naval enviada pelo governo central sob as ordens do commandante Pedro Antonio Nunes.

Garantida a tranquillidade na campanha, foi estabelecido rigoroso sitio á praça de Montevidéo, por mar e terra. Os sitiados em varias sortidas executadas contra as tropas de Lecór, são valentemente repellidos, pelo que, desanimados, offerecem a capitulação que se realizou no dia 14 de fevereiro de 1824, entrando o general em Montevidéo, reassumindo o seu governo; ficando a independencia assim sanccionada pelo direito e pela força.

O general Lecór desenvolveu então criteriosa propaganda afim de conquistar as sympathias dos habitantes de todo o territorio oriental no louvavel intuito da conservação da provincia Cisplatina; assim é que aconselhara a união matrimonial dos seus officiaes com as orientaes, sendo elle pressuroso em dar o exemplo, pois não obstante a sua avançada idade casou-se com uma joven de dezoito annos.

Em o seguinte anno, porém, desembarcaram á 19 de abril no Arenal-Grande os «trinta e trez» bravos orientaes entre os quaes o ex-tenente-coronel D. Juan Antonio Lavalleja e a elles se reuniu grande numero de orientaes que almejavam a independencia de sua patria.

Em o numero destes se acharam o brigadeiro Fructuoso Rivera com as tropas do seu commando e o coronel D. Juan Laguna, tendo o primeiro recebido ordem do general Lecór para marchar contra a nascente insurreição e destroçal-a, porém, em logar do cumprimento da ordem, *deixou-se aprisionar* pelo seu velho amigo e compadre Lavalleja, com quem fez causa commum e em seguida pondo-se a frente dos insurgentes fez com que fosse elle acclamado o chefe da revolução.

Lavalleja, poz em sitio a cidade de Montevidéo e logo depois a Colonia do Sacramento ainda sob o commando de Manoel Jorge Rodrigues, então graduado em brigadeiro.

As tropas brazileiras ficaram assim reduzidas ás

destas duas praças, dominando em toda a campanha a dos insurgentes.

O general Lecór, sentindo-se fraco para manter a sua posição e suffocar o movimento, havia soliçitado os necessarios soccorros.

Com a esquadra do vice-almirante Rodrigues Lobo, enviaram-lhe da côrte mil e duzentos homens sob o commando do general Francisco de Paula Maggessi Tavares de Carvalho e do Rio Grande do Sul marchou uma columna de igual numero sob a habil direcção do general Abreu, então no commando das armas da mesma provincia, a qual se concentrou em Mercedes; e por ter Rivera demonstrado achar-se de observação aos seus movimentos estrategicos, mandou Abreu ao seu encalço o coronel Bento Manoel Ribeiro, que conseguiu destroçal-o no dia 4 de setembro.

Continuavam entretanto as guerrilhas em toda a campanha oriental.

A' 22 de abril de 1825 recebeu o general Lecór um officio concitando-o a que obtivesse do governo do Rio de Janeiro a retirada das forças brazileiras e que facultasse a entabolação das relações de paz, officio este que fôra firmado pelo chefe Lavalleja intitulando-se « capitão-general, e governador da provincia Oriental », ao que lhe respondeu « que não reconhecendo outro capitão-general, que não fosse feito por S. M. Imperial, não podia acceital-o ». Extrahindo, porém, uma cópia do dito officio remetteu-a para o Rio de Janeiro.

Com tal resposta exasperou-se Lavalleja por ver que não lhe era dado conseguir a independencia de sua patria sinão pelas armas e para tal se dispondo preparou e logo depois conseguiu dar a celebre *batalha do Sarandy,* realisada a 12 de outubro do referido anno de 1825.

A' vista do resultado desta acção foi de todo abandonada pelas forças brazileiras a *campanha* do Estado Oriental e tomaram posição na fronteira do Rio Grande do Sul, permanecendo porém o general Lecór senhor da praça de Montevidéo e o brigadeiro Jorge Rodrigues da Colonia do Sacramento.

A' 25 do mesmo mez o congresso, reunido em

Buenos-Aires, decretou a incorporação da Banda-Oriental ás demais provincias da União do Rio da Prata, reconhecendo assim como legitimo o governo dos insurgidos contra o Brazil.

Admittiu como parte integrante do seu exercito as forças sob o commando do general D. Juan Antonio Lavalleja, as quaes passaram a ser mantidas pelo thesouro argentino e, ainda mais, « expediram-se ordens ao general Martim Roiz para que de Entre-Rios se passasse ao Estado Cisplatino com a divisão que se denominou «Exercito Auxiliar Pacificador », fazendo todas as hostilidades ao inimigo e prestando franco apoio á revolução ».

A' vista de taes emergencias em 30 de outubro de 1825 o general Lecór dirigiu-se ao governo imperial e fazendo-lhe sentir que medidas efficazes deveriam ser sem demora postas em pratica, dizia : « Espero que as sabias providencias de Sua Magestade Imperial salvem esta providencia do conflicto em que se acha e porque si não se acudir com prompto remedio, podem resultar maiores males, tanto a esta como á do Rio Grande do Sul ».

Realmente, as *taes sabias providencias* não foram determinadas em seu devido tempo, o que deu logar á *nota* que por intermedio do ministro Garcia foi enviada ao governo imperial a 4 de novembro, resultando a immediata declaração de guerra ás provincias unidas do Prata e ao seu governo em 10 de dezembro de 1825, a que este respondeu com a proclamação publicada em Buenos-Aires a 3 de janeiro de 1826.

Da organisação do exercito brazileiro nas fronteiras do Rio Grande do Sul foi por acto de 1 de dezembro do anno anterior encarregado o brigadeiro Francisco de Paula Rosado, substituindo-se assim por motivos politicos o marechal barão do Serro Largo ! !...

A 12 de setembro de 1826 foi o general Lecôr dispensado tambem do commando em chefe do exercito do sul e nomeado para substituil-o o tenente-general marquez de Barbacena.

Logo no começo do anno de 1827, no passo do Rosario, deu-se a celebre batalha do *Ituzaingo,* e depois de ter o exercito brazileiro se retirado, tomando posição em S. Sepé

o argentino abandonou a provincia e foi estacionar além da fronteira, em Currales.

Dous mezes ainda não eram decorridos quando o general Alvear projectou nova invasão ao Rio Grande e para tal mandou reunir gente e cavalhada em Serro Largo e no dia 13 de abril moveu-se no rumo de Bagé, com mais de oito mil homens das tres armas, onde conseguiu entrar ; no dia 23 pretendeu ainda surprehender a cavallaria sob as ordens do general Sebastião Barreto, mas não conseguiu realisar o seu desejo.

O general Alvear teve de evacuar de novo a provincia e foi estabelecer-se no Serro Largo, com o seu exercito *fartamente* aprovisionado.

Deixando o marquez de Barbacena a 1º de junho de 1827 o commando do exercito, o governo imperial, « attendendo ás reconhecidas qualidades de honra, valor e pericia militar do tenente-general Visconde da Laguna », nomeou-o por decreto de 18 de setembro do mesmo anno seu substituto effectivo.

Em 1828 o general Lavalleja, tendo substituido no commando do exercito a D. Carlos de Alvear, resolveu mais uma invasão ao Rio Grande do Sul.

Em janeiro iniciou os seus movimentos, ameaçando a fronteira de Jaguarão, para cuja defesa se aprestou o general Lecór á frente do exercito imperial que constava então de 6.600 homens das tres armas.

Lavalleja além dos seus 4.800 que occupavam a margem direita do rio Jaguarão, aguardava ainda um forte reforço de 4.000 homens das provincias federadas.

O general Lecór dispunha mais de uma pequena vanguarda, composta de 610 homens das tres armas, que se achava de observação á de Lavalleja, « divisão volante », composta de 400 homens de cavallaria.

Para organisar e bem disciplinar o exercito o general Lecór teve de empregar as mais severas medidas e por lhe faltar a tão necessaria cavallaria, resolvido ficou conservar-se na defensiva, porquanto, com tão resumida força, se achava obrigado a cobrir uma linha de fronteira com mais de 200 leguas de desenvolvimento ; a combater a invasão projectada contra o ter-

ritorio das Missões, pelo governo das provincias unidas que delle pretendia se apoderar sustentando pertencerlhes e a resistir ao general Lavalleja.

A 29 de janeiro officiou para côrte, dizendo: « Na defensiva não poderei evitar a invasão, roubo de gados e desgostos dos rio-grandenses, e mesmo poderei ser obrigado a acceitar uma batalha que perdendo, deve dar resultado contra os interesses de S. Magestade e do Imperio ».

E assim foi, não poude evitar a invasão, mas com o prejuizo de um morto e seis feridos conseguiu a cavallaria brazileira no dia 22 do seguinte mez repellir Lavalleja que, com todo o grosso de sua força, tentava damnificar o exercito sob o seu commando tres leguas distante do passo Sarandy, no rio Jaguarão, sendo-lhe mortos dous officiaes e sete soldados, sahindo seis feridos, todos attingidos pelos fogos dos nossos atiradores.

O inimigo em retirada foi pernoitar no arroio do Telho, á duas leguas de distancia, para aventurar-se no dia seguinte a novo ataque, do que desistiu por ter observado os movimentos do exercito de Lecór, que effectivamente conseguiu desalojar do Telho a cavallaria inimiga, que foi obrigada a repassar o rio Jaguatão.

Livre assim o exercito brasileiro, foi tomar posição no Campo do Leivas, a uma legua daquelle passo (no Sarandy).

Tendo sido combinada uma suspensão de hostilidades, bem cedo Lavalleja trahiu-a e, abusando da boa fé do general Lecór, fez seguir occultamente nos primeiros dias de abril algumas tropas ligeiras para arrebanharem todos os gados existentes desde á barra do Telho á freguezia do Serrito, o que conseguiram com a maior facilidade.

Justamente indignado com tal procedimento, o general Lecór ordenou na noite de 14 do mesmo mez que uma divisão sob o commando do general Gustavo Brown, com o fim de retomar aquellas rezes, «emprehendesse algum choque contra o inimigo como altamente reclamava a vindicta da boa fé ultrajada».

O general Brown não conseguiu retomar os gados,

mas arrojou-se sobre o campo da cavallaria inimiga a bateu-a com firmeza, obrigando-a a uma vergonhosa retirada apezar de sua superioridade numerica.

Emquanto se davam estes factos o destemido caudilho Fructuoso Rivera invadia a fronteira das Missões á frente de alguns homens de Santa Fé, Corrientes e Entre-Rios, apoderando-se sem muito trabalho do territorio, dizendo-se commandante da vanguarda do Exercito do Norte, chefiado por Estanisláo Lopez, governador de Santa Fé. Conseguiu assim impor-se pelas suas bravatas, pondo em seguida em pratica o seu plano de organizar nas Missões um novo Estado independente do Brazil.

O general Lecór não conseguiu frustar a invasão de Rivera e nem providenciou depois para fazel-o retirar das Missões, visto achar-se a mui longa distancia e desprovido da necessaria cavalhada; entretanto, destacou um emissario com o fim de approximar-se desse caudilho e obter informações sobre os seus projectos; soube então que elle tinha em vista o audacioso plano de completa conquista da provincia do Rio Grande do Sul. Felizmente as operações do exercito inimigo foram suspensas pela entrada do inverno, pelo que concentrando-se no Serro Largo retirou as avançadas que tinha sobre o Jaguarão.

O general Lecór deu ordem á sua cavallaria para, com a brigada de artilharia, acampar em Candiota ás ordens do marechal de campo Sebastião Barreto Pereira Pinto e, estabelecendo seu quartel general em Piratinim, acampou nos seus arredores toda a sua infantaria com o resto da artilharia; nas proximidades de Jaguarão estacionou o coronel Bento Gonçalves da Silva com dois corpos de cavallaria.

Em 14 de outubro desse anno recebeu communicação de um convenio de paz entre o governo imperial e o das Provincias-Unidas. do que resultou ficar desligada do Brazil a provincia de Montevidéo, para se « constituir em Estado livre e indpendente de toda e qualquer nação, adoptando o governo que julgasse mais conveniente aos seus interesses ».

Terminada a guerra, foi restituido ao Brazil o territorio das Missões e as tropas de guarnição nos diversos pontos da Cisplatina se recolheram ao Brazil em abril de 1829.

Havendo feito a distribuição dos diversos corpos pelas fronteiras e guarnições da provincia do Rio Grande do Sul, passou o general Lecór ao seu substituto, marechal de Campo Pereira Pinto, o commando de que se achava investido e do qual foi definitivamente exonerado por decreto de 13 de março de 1829.

Recolhendo-se á côrte, solitou do governo a sua reforma, a qual lhe foi concedida no posto de marechal de exercito, com a respectiva tença, por contar mais de trinta e cinco annos de serviços, conforme a imperial resolução de 10, tomada sobre consulta do Conselho Supremo Militar de 6, tudo de novembro de 1832.

Depois de reformado continuou o marechal Visconde da Laguna a prestar ao governo o concurso de sua actividade intellectual, assumindo a presidencia da commissão creada pelo decreto de 14 de outubro de 1834 para, na fórma do art. 150 da constituição do Imperio, « dotar o exercito nacional com uma ordenança especial regulando as suas promoções, soldos e disciplina ».

O marechal de exercito Carlos Frederico Lecór, Barão e Visconde da Laguna, do Conselho de S. M. I., commendador das ordens militares de Christo, S. Bento de Aviz e da Torre e Espada, official da Imperial do Cruzeiro, condecorado com as medalhas de distincção concedidas pelo rei de Portugal aos que fizeram a guerra da Peninsula e com a creada pelo governo do Brazil por carta de 31 de janeiro do 1823, destinada ás forças do exercito e da esquadra do Sul sob o seu commando, falleceu nesta captial no dia 4 de agosto de 1836, sendo sepultado nas catacumbas antigas da Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula.

Como acabamos de ver, os ultimos vinte annos de sua existencia foram exclusivamente dedicados aos interesses do Brazil, antes e depois da sua emancipação politica, pelo que o seu nome deve figurar entre os dos

que se esforçaram pela independencia e integridade da nossa patria.

Domingos Alves Branco Muniz Barreto

Filho do capitão de igual nome, do regimento de infantaria de Extremoz, o tenente-general Domingos Alves Branco Muniz Barreto nasceu na antiga capitania da Bahia no decorrer da segunda metade do seculo XVIII.

Educado no mesmo regimen abraçado pelo seu pai, que alliava á espada á penna, naturalmente foi Alves Branco levado a seguir as pégadas de seu illustrado progenitor; assim é que, tendo a necessaria instrucção, alistou-se no exercito do Brazil, onde lhe foi dado seguir os primeiros postos de official, alcançando o de sargento-mór, em 1804.

Por decreto de 13 de maio de 1808 foi promovido a tenente-coronel de infantaria, concedendo-se-lhe, por acto de 28 de julho do anno seguinte, a sobrevivencia da fortaleza de S. João da Barra e por despacho de 7 de junho de 1810 foi elevado ao posto de coronel, addido ao Estado Maior do Exercito, com exercicio ás ordens do Paço, ficando dispensado do de governador da fortaleza de S. João da Barra.

Tendo ainda o governo de D. João VI em consideração os «seus merecimentos e prestimos», por despacho de 25 de novembro de 1816 nomeou-o secretario do governo da capitania de Montevidéo, sendo graduado no posto de brigadeiro de infantaria por decreto de 6 de fevereiro de 1818.

De regresso á côrte do Rio de Janeiro, passou a ser extremado partidario da independencia do Braztl e, na qualidade de orador do «Grande Oriente do Brazil», propoz, em sessão de 2 de agosto de 1822, que se désse a D. Pedro I, çomo fundador da monarchia brazileira o pomposo titulo de «Imperador e Defensor Perpetuo do Brazil» em vez de rei.

Apezar de seu ardente patriotismo e extremado amor á nova causa, foi recolhido preso, sendo o seu nome o primeiro de uma relação de outros patriotas

apontados como responsaveis pelos acontecimentos do celebre dia 30 de outubro de 1822.

Felizmente no processo mandado instaurar a 21 de abril de 1823 pelo ministro José Bonifacio (do que lhe deram, ao processo, a alcunha de *bonifacia),* foi julgado innocente, por falta de provas «do horroroso crime de conspiração contra o governo estabelecido, que a mais baixa e vil calumnia lhe imputara e aos seus companheiros».

Restituido á familia e á patria, houve por bem o governo, por decreto de 10 de dezembro do referido anno de 1823, nomeal-o vogal do Conselho Supremo Militar, e por outro decreto de 12 de outubro do anno seguinte concedeu-lhe a effectividade do posto de brigadeiro.

Graduado em marechal de campo por acto de 12 de outubro de 1827, «em attenção aos seus bons serviços e mais circumstancias», solicitou Alves Branco a sua reforma, logo depois, sendo-lhe esta, porém, concedida por decreto de 25 de agosto de 1830, no posto de tenente-general com as honras de conselheiro de guerra, «em contemplação aos seus longos serviços».

O general Domingos Alves Branco Muniz Barreto falleceu nesta capital a 19 de junho de 1831.

Além dos dotes, que conhecemos, de eximio orador de idéas alevantadas e ardoroso partidario da então chamada causa brazilica, era assaz competente escriptor, como o demonstram os seus escriptos e preciosas obras existentes em diversas bibliothecas e das quaes faz menção o Dr. Nascimento Black no seu utilissimo «Diccionario Bibliographico Brazileiro».

Felisberto Caldeira Brant Pontes

Visconde e Marquez de Barbacena

O marechal de exercito Felisberto Caldeira Brant Pontes, filho legitimo do coronel Gregorio Caldeira Brant, nasceo a 19 de setembro de 1772, no arraial de S. Sebastião da então capitania de Minas Geraes.

Em 1788 como praça de cadete seguiu para Lisbôa,

e depois de ter frequentado o Collegio dos Nobres, matriculou-se na Academia de Marinha, onde fez um curso de 5 annos, e pelos premios conquistados lhe deveria ser conferida a patente de capitão de mar e guerra aos dezenove annos.

Não lhe tendo sido conferido esse prêmio por ser demasiado moço, foi transferido para o Estado-Maior do Exercito como major e nomeado ajudante de ordens do governador da Angola, onde devia servir por espaço de dous annos.

Pelos serviços ahi prestados foi agraciado com o habito da ordem de Christo e, terminados os dous annos, regressou á Lisbôa, onde conseguiu vir para o Brazil como tenente-coronel do 1º regimento de linha estacionado na Bahia.

Tendo ahi constituido familia, seguiu com ella para Portugal, donde regressou novamente em 1807, acompanhando a familia real portugueza.

Em 1811 foi promovido á brigadeiro e nomeado inspector geral das tropas da Bahia.

Graduado em marechal de campo por despacho de 6 de fevereiro de 1816, foi promovido a effectividade deste posto por decreto de 13 de maio do anno seguinte, data do anniversario natalicio de D. João VI.

« A noticia da revolução de Portugal em 1820, pozera em exaltação o Brazil, onde as tropas lusitanas por impulso de patriotismo, e os brazileiros por amor das idéas liberaes adheriram áquelle grande movimento. O Pará pronunciou-se n'esse sentido a 1 de janeiro de 1821. Na Bahia operou-se o pronunciamento á 10 de fevereiro.

Brant Pontes recusára fazer parte do club director da revolução; porque tudo lhe indicava que esta tendia principalmente a restituir á Lisbôa sua antiga preponderancia com abatimento do Brazil.

No dia 10 de fevereiro, reunindo-se muito povo na praça do palacio e no forte de S. Pedro, quartel do regimento de artilharia, ordenou o capitão general, conde de Palma, ao marechal Brant Pontes que fosse examinar o estado d'aquelle regimento.

O marechal partio a cavallo com duas companhias de

infantaria e vendo já nas proximidades do forte de S. Pedro uma peça de artilharia postada e um destacamento com official, mandou fazer alto aos soldados que levava, e avançou seguido apenas pelo seu pagem ; logo porém o official deu a voz de fogo, e ao tiro da peça Brant Pontes recebeu uma bala na espada, atravessou-lhe outra o chapéo, seu pagem cahiu morto e elle escapou arrebatado pelo cavallo que ferido disparára.

A revolução não achou resistencia. O conde de Palma e os diversos chefes reuniram-se na casa da camara atopetada de povo : o marechal Brant Pontes ali mostrou-se e se manteve a despeito de invectivas e de vozes que exigiam a sua retirada.

Lavrou-se a acta do pronunciamento, conforme as instrucções recebidas de Lisboa e começando ella a ser lida, Brant Pontes, ouvindo que se assegurava obediencia á constituição, que fizessem as côrtes em Portugal, pedio a palavra e disse, que uma vez que se quebrava o jugo do absolutismo, o que mais convinha ao Brazil era declarar-se independente e fazer a sua constituição.

Esta idéa foi reprovada no meio de novas invectivas e de ameaças dirigidas ao proponente.» *(Anno Biographico)*.

Continuando a leitura da acta e declarando-se nella que o Brazil acceitava sua *sujeição* á Portugal protestou Brant Pontes pelo emprego de tal palavra que devia ser substituida por *adhesão,* e de facto foi declarado na referida acta essa substituição.

Tendo recebido avisos e denuncias de que o queriam assassinar embarcou para o Rio de Janeiro em uma fragata ingleza, apresentando-se ao governo e com licença d'este seguio para Inglaterra e ficou residindo em Londres.

Tendo sido eleito deputado á Assembléa Constituinte, regressou ao Rio de Janeiro e tomou assento á 11 de Outubro de 1823.

Em 1824, já então agraciado com o titulo de visconde de Barbacena e graduado em tenente-general, por decreto de 12 de outubro, foi mandado seguir para Londres em commissão do governo, donde, regressando novamente á capital do Imperio achou-se contemplado nos listas para senadores offerecidas pela Bahia, Minas-Ge-

raes e Alagôas, sendo escolhido pela desta ultima provincia, a 19 de abril de 1826.

Por decreto de 12 de setembro foi nomeado commandante em chefe do exercito em operações no Rio Grande do Sul, sendo então elevado á marquez do mesmo titulo e promovido á tenente-general effectivo por outro decreto de 7 de dezembro, tudo do mencionado anno.

Seguindo para o Rio Grande do Sul, fez-se acompanhar dos generaes Gustavo Brown, Sebastião Barreto Pereira Pinto, Raymundo J. da Cunha Mattos e Francisco de Souza Soares de Andréa, e do tenente coronel de engenheiros Antonio Elizeario de Miranda e Brito.

Chegando a 1º de janeiro de 1827, á capella de Sant'Anna do Livramento, onde se achava acampado o exercito, então sob o commando do brigadeiro Paula Rosado, depois de o ter passado em revista fez publicar o seguinte :

« Bravos do exercito do Sul ! A honra de commandar-vos é a maior a que póde aspirar um general brazileiro. — O Imperador nol-a concedeu, e eu procurarei compensar a tão alta mercê, proporcionando ao exercito todos os fornecimentos necessarios a seu commodo e existencia, dispondo e aproveitando toda a occasião de encontrar com o inimigo ».

« A proclamação imperial de 16 de dezembro, que acaba de ser distribuida, me dispensa de recommendar-vos cousa alguma. Cumpra cada um de nós o que o magnanimo Imperador determina, que a disciplina, a abundancia e a victoria serão inseparaveis de nossas fileiras. — Quartel-General em Sant'Anna do Livramento, 1º de janeiro de 1827. — *Marquez de Barbacena* ».

O exercito argentino sob o commando do general D. Carlos de Alvear, desde 26 de dezembro havia deixado o acampamento do Arroio-Grande, em procura da nossa fronteira. Cumpunha-se elle de trez divisões, sendo uma de infantaria ao mando do general E. Soler, duas de cavallaria commandadas pelos generaes D. Juan A. Lavalleja e D. Julian Laguna e um corpo de artilharia ás ordens do coronel Iriarte.

« A inacção em que estivemos por espaço de mais de um anno, dizia em 1865 o Dr. J. M. da Silva Paranhos, nosso actual ministro do exterior, déra tempo a que o inimigo se preparasse descançadamente e assumisse a offensiva, reconhecendo-se habilitado para guerrear-nos em nosso proprio territorio :

« A direcção que traziam os contrarios era ignorada dos nossos, mas, qualquer que ella fosse, devêra decidir o marquez a abandonar Sant'Anna do Livramento, para reunir-se ás forças que as ordens do marechal de campo Gustavo Henrique Brown, chefe do estado-maior, achavam-se na fronteira de Jaguarão.

« O intento de Alvear era penetrar por Bagé, collocando-se entre Barbacena e Brown, para batel-os separadamente ; mas apezar das precauções que tomára no intuito de occultar seus movimentos, passou pela decepção de ver frustrado o seu plano ».

Assumindo o commando em chefe do exercito a 11, deixou o marquez de Barbabena á 13, tudo do referido mez de janeiro, a coxilha do Livramento e foi acampar na Varzea do Morro-Grande á margem esquerda do Cunha-Perú, de onde fez sahir o general Sebastião Barreto com 1.700 homens de cavallaria para, nas proximidades de Bagé, observar e certificar-se dos movimentos do inimigo.

Por motivo de perigosa molestia permaneceu porém no referido acampamento até o dia 19, e tendo á 16, recebido communicação de que o exercito republicano se mostrára em força no Passo das Pedras, e uma de suas avançadas penetrado em Bagé, expediu ordem ao marechal de campo Henrique Brown para que, sem nenhuma demora, se reunisse ao exercito, e desde então começou a forçar suas marchas.

Ao general em chefe apresentou-se, em 31 de janeiro, o brigadeiro João Chrisostomo Callado que fôra mandado vir da Cisplatina para ser empregado no exercito que n'aquelle dia transpunha o rio *Camacuan*. Este official general o prevenio que tinha de bater-se com um exercito de dez mil homens, bem commandado, melhor organisado e armado; e que por consequencia muito conviria, desde já, dar ao brasileiro uma completa fórma militar.

Docil o marquez a esta reflexão, fez logo organisar o exercito em duas divisões compostas de quatro brigadas de cavallaria e duas de infantaria, confiando o commando da 1ª divisão ao brigadeiro Sebastião Barreto Pereira Pinto, e o da 2ª ao brigadeiro Callado.

Continuando as suas marchas forçadas alcançou á 2 de fevereiro o Arroio das Palmas, onde tomou posição definitiva á 4, para ahi esperar fosse atacado pelo inimigo, por se considerar fortemente amparado pelas condições estrategicas do terreno.

No dia seguinte (5 de fevereiro) apresentou-se o marechal de campo Henrique Brown, á frente dos dois mil e quinhentos homens que conduzia da cidade do Rio-Grande e com os quaes ficou incorporado ao exercito, passando logo depois á occupar o alto cargo de Chefe do Estado-Maior, sendo dado o commando geral da artilharia ao coronel Thomé Fernandes Madeira, que havia chegado da côrte do Imperio.

« Vendo destruido o seu plano, Alvear não ousou atacar o pequeno exercito imperial na formidavel posição que este occupava, e tomou o partido de attrahil-o para o interior da provincia, procurando o valle do Santa-Maria.

« Até então tinha o marquez de Barbacena manobrado com tino e habilidade. O rapido movimento que executou, para operar a juncção com as forças da esquerda, separadas da direita por mais de oitenta leguas, desconcertou completamente o general Alvear, e arrancou deste palavras de admiração, que partindo de um inimigo, constituem o mais bello dos elogios ; (*Vide Exposição de Alvear em resposta á mensagem do Governo* — Buenos-Ayres — 1828 — 1º volume) mas, desde que teve noticia da marcha do exercito contrario em direcção á São Gabriel, e da sua simulada fuga, o nosso general abandonou o campo das Palmas, e forçou as marchas em seu seguimento cahindo assim no laço que lhe armára o seu adversario.

« Acreditou que um exercito com cerca de onze mil homens, composto de excellente tropa, fugia diante de um que não chegava a contar sete mil, e deixou-se arrastar pelo inimigo até ao logar que este escolhêra para offerecer-lhe batalha ».

Ao reunir-se ao exercito do marquez de Barbacena á frente do seu *corpo de paisanos,* avisou-lhe o marechal de campo José de Abreu, barão do Serro-Largo, que Alvear seguia em direcção á São Gabriel, noticia esta logo após confirmada por outra que accrescentava haver o exercito inimigo acampado no referido logar.

« O marquez confiou ao illustre barão do Serro-Largo a importante missão de fazer o serviço da vanguarda do exercito com o seu pequeno corpo de voluntarios, e começou a accelerar as marchas. Em quatro dias venceu o nosso exercito, acampando successivamente em varios galhos do Camacuan, as vinte e tres leguas que separam d'aquella povoação o — Passo dos Enforcados.

« A 17 a vanguarda de Serro-Largo entrou em S. Gabriel, achando-a abandonada do inimigo, e livrou-a do incendio que havia destruido já tres casas.

« Em S. Gabriel soube o marquez que Alvear procurava o — Passo do Rosario, no Santa-Maria, e que tinha abandonado algum trem pesado. Isso convenceu-o ainda mais do que o seu adversario fugia precipitadamente diante do exercito imperial », pelo que dirigio-lhe a seguinte proclamação :

« Soldados ! Quando o inimigo se apresentou n'esta fronteira, estava o centro do exercito imperial a mais de oitenta leguas de distancia das divisões da esquerda; estaveis sem transporte, e até com falta de armamento e munições de guerra. Vosso valor e vosso patriotismo venceram todas as difficuldades, e por marchas forçadas e atrevidas, quasi a vista do inimigo, e estando os postos avançados em constante tiroteio, conseguiste fazer juncção com a maior parte das tropas da esquerda no dia 5 do corrente : as outras reuniram-se nos dias 11 e 13. Então fazia o inimigo todas as demonstrações de atacar-nos, e posto que, por sua superioridade numerica, e pela linguagem de suas proclamações, o ataque parecia provavel, não passou de demonstrações, e, deixando as margens do Camacuan, colorou aquelle principio de retirada, dizendo que nos esperava nos campos de S. Gabriel, ou que seguiria para Porto-Alegre. Por novas marchas forçadas aqui chegastes esta manhã, e, longe de encontrar-

mos o inimigo, achamos a certeza de sua vergonhosa e precipitada fugida, havendo a retaguarda, commandada por Lavalleja, deixado a povoação de S. Gabriel hontem pelas 4 e 1/2 da tarde, entretanto que Alvear adiantou de quatro marchas a infantaria e artilharia. Bem quizera eu dar-vos algum descanço depois de tantos centos de leguas de marcha com um sol abrasador, e até alguns dias sem agua, e muitos sem pão ou farinha ; mas um instante de demora nos privaria de colher os fructos de nossos trabalhos, e de termos acabado a guerra para sempre, como exigem a honra e a gloria do exercito imperial.

« Soldados ! Redobremos de esforços: a victoria é certa ; na cidade de Buenos-Ayres, vingaremos as hostilidades commettidas nas pequenas povoações de Bagé e S. Gabriel ! — Quartel general em S. Gabriel, 17 de fevereiro de 1827 — *Marquez de Barbacena,* tenente-general commandante em chefe ».

Dahi partindo o exercito imperial, na madrugada de 19 fez reforçar sua vanguarda e acampou no Campo dos Salsos, a tres e meia leguas de São Gabriel, depois de ter atravessado o banhado de Inhatium, então quasi completamente secco pelo rigor do verão.

No Campo dos Salsos houve um ligeiro embate entre as forças da vanguarda do nosso exercito e a cavallaria que fazia a retaguarda da columna inimiga, que depois de um forte tiroteio foi forçada a retirar-se.

« Sabendo, pouco antes das 4 e 1/2 da tarde, do resultado dessa escaramuça, o marquez levantou o campo e foi collocar-se, já á noite, em uns banhados seccos da estancia de Antonio Francisco, situada á esquerda da estrada, tres leguas adiante do ultimo acampamento.

« Ahi apresentaram-se-lhe alguns prisioneiros soltos por Alvear, dando a noticia de que este effectuava a passagem do — Santa-Maria.

« O ardil, de que lançou mão o chefe inimigo, acabou de allucinar o nosso general que apenas deu ao exercito tres horas de descanço, ordenando que a cavallaria e a artilharia não soltassem os cavallos, e os conservassem presos pela soga, afim de que podessem marchar ao primeiro signal.

«Logo que a lua começou a despontar, os nossos soldados puzeram-se de novo em movimento, posto que extenuados de cansaço. A vanguarda foi nessa occasião reforçada com a brigada do coronel Bento Gonçalves, composta dos regimentos de segunda linha ns. 21 e 39 e de quatro companhias de guerrilhas, reforço este que elevou as forças do barão do Serro-Largo á mil cento e cincoenta homens de cavallaria ».

O saudoso major Ladisláo dos Santos Titára em a sua—Memoria do Grande Exercito Alliado Libertador do Sul da America — sobre este assumpto, diz o seguinte :

« Logo que o general Alvear conseguio uma posição eminentemente militar, quer por vantajosa, quer por inflanqueavel, a uma legoa do rio Santa Maria em *Ituzaingo*, deu subitamente volta, fez alto, passou o grosso de suas bagagens e todos os doentes para o outro lado do rio, occultou uma parte de suas tropas no reverso das coxilhas e com a outra aguardou descançado e com perfeito conhecimento do terreno, o alvorecer do dia 20 de fevereiro (1827) para surprender, como surprendeo, o exercito brasileiro, contra a expectação do marquez que esbarrou-se com o inimigo, assim collocado em posições escolhidas, quando menos o suspeitava ».

« Quando o dia começava a despontar, diz o referido Dr. Silva Paranhos, avistou a nossa vanguarda forças inimigas. O barão deu-se pressa em prevenir o general em chefe, e este, firmemente persuadido de que grande parte do exercito argentino estava já na margem esquerda do Santa Maria, accelerou a marcha, julgando que tinha de haver-se unicamente com uma fracção delle.

« Qual não seria a sua sorpreza, quando ás 5 e 1/2 da manhã avistou em linha mais de dez mil homens esperando-o firmes no logar que haviam escolhido para offerecer-lhe combate ? !

« Já era tarde para recuar. Nossa vanguarda, ao mando do intrepido Serro-Largo, sustentava um renhido fogo de atiradores com as avançadas inimigas. Era preciso tomar posições e pelejar.

« Nosso pequeno exercito, apenas composto de 5567 homens, com dez boccas de fogo, collocou-se em frente

ao do inimigo, que se achava postado na coxilha de Santa-Rosa, e o ataque começou, tendo logar a celebre batalha de Ituzaingó.

« Esse punhado de bravos que não descançavam desde a madrugada de 19, e que desde então quasi não haviam tomado alimento, tiveram de bater-se com exercito duas vezes superior em numero, e que a esta vantagem reunia a de estar em repouso havia dois dias ».

Em seguida inserimos os officios que a respeito dessa memoravel acção dirigio ao governo imperial, o marquez de Barbacena :

« Illm. e Exm. Snr. — No dia 20 do corrente, encontrei o inimigo nas visinhanças do Passo do Rosario, pelas seis horas da manhã e desde logo começou o fogo. O marechal Barão do Serro-Largo, fazia a vanguarda com uma brigada de 560 homens, por elle escolhidos e segundo sua expressão, todos de fazer pé. Longe porém de fazer pé, ou a menor resistencia a quatro esquadrões inimigos, fugiram sem dar um tiro, ou tirar pelas espadas e em tal debandada que causaram alguma desordem no quinto regimento, destinado a sustental-os ; teriam cahido sobre o quadrado dos batalhões 13 e 18 se não fizessem fogo sobre elles. Alguns destes tiros mataram ao marechal. Esta desordem expondo a divisão do brigadeiro Callado a ser flanqueada, obrigou o referido brigadeiro a occupar-se em repellir, como fez, os repetidos ataques do inimigo por este lado deixando por isso de cooperar com a 1ª divisão, onde a victoria duas vezes se declarou á nosso favor, mas onde tambem tivemos a desgraça de vêr arrecuar o regimento n. 24 ; entretanto que o inimigo por sua superioridade numerica não só mandava reforço a todos os pontos atacados, mas destacava esquadrões que nos flanqueavam pela direita e esquerda, lançando fogo nos campos ao mesmo tempo. Os lanceiros do Uruguay (Guaranys) e os conductores tambem se portaram mal, lançando-se sobre as nossas bagagens, que roubaram. Com taes acontecimentos, com as tropas fatigadas, com seis horas de continuado fogo e o inimigo dispondo cercar-nos, forçoso foi retirar-me, posto que até então tivessemos vencido em todos os ataques feitos ou

recebidos. Os cinco batalhões fizeram prodigios de valor á elles se deve a respeitavel attitude que o Exercito pôde conservar ; na retirada eu só perdi uma peça de artilharia por causa dos conductores e 242 homens entre mortos e prisioneiros. O numero dos extraviados é maior, mas deixei esquadrões de cavallaria para os receber na garupa e assim se vão reunindo. Estando com a cavallaria mal montada e com a infantaria cançadissima, procuro algum ponto menos exposto em que possa receber os soccorros indispensaveis de calçado, fardamento, munições de guerra e cavallos ; quanto a mim só póde ser o Passo de S. Lourenço, em Jacuhy; a pluralidade dos officiaes foi de opinião, que S. Sepé era preferivel por causa do sustento da gente e dos cavallos, concluindo porém todos que nós deviamos occupar o Passo de S. Lourenço, logo que o inimigo avançasse. Ora, estando o inimigo unicamente distante de 4 marchas e devendo a passagem do rio Jacuhy occupar-nos um, ou dous dias, vem a ser manifesta contradicção demorar-se em S. Sepé. Recebendo em tempo os soccorros de que preciso, espero tirar-me da lucta.

Não devo omittir o quanto brilharam na acção os regimentos de cavallaria de Lunarejo, e 20 assim como uma parte da brigada do coronel Bento Gonçalves. Na relação junta achará V. Ex. o numero dos mortos, feridos e prisioneiros.

Em outro officio darei conta á V. Ex. dos officiaes que mais se distinguiram, porque supposto tivessemos de abandonar o campo de batalha, os heroes que tanto se illustraram durante onze horas de combate, vinte e quatro de marcha sem descanço, e quarenta e oito sem comer, são, na minha opinião, não dignos das boas graças de S. M. I., como se aos seus esforços tivesse acompanhado a victoria. Deus Guarde a V. Ex.— Vaccacahy, 25 de fevereiro de 1827. — Illm. Exm. Snr. Conde de Lages — *Marquez de Barbacena* ».

« Illmo. e Exmo. Snr. — Tendo no meu officio, de 25 do corrente, dado conta á V. Ex. da acção do dia 20 em geral, cumpre-me agora particularisar os nomes dos officiaes que mais se destinguiram. O combate começou pela nossa direita e o brigadeiro Barreto á testa da 2ª brigada

de cavallaria composta dos regimentos 4 e o Lunarejo, fez a mais brilhante carga sobre o inimigo e por duas vezes poz em derrota quanto se lhe oppoz. O regimento de Lunarejo, commandado pelo tenente-coronel José Rodrigues, teve a melhor parte n'estes ataques.

« A primeira brigada de infantaria composta dos batalhões 3, 4 e 27 fez a bayoneta calada retirar-se a primeira linha inimiga, e quando foi carregada por mui numerosa cavallaria retirou-se formando em quadrado por batalhões, causando o maior estrago nos lanceiros inimigos. A brigada era commandada pelo coronel Leitão, que foi obrigado a encarregar-se tambem do commando immediato do batalhão 4º, em consequencia de ter fallecido o major e dous capitães e de retirar-se ferido o tenente-coronel Freire, quando a perda de sangue já lhe não permittia continuar no combate.

« Duas vezes teve esta divisão ganha a victoria, mas o inimigo dispunha de numerosas forças e eu não podia acudir com a 2ª divisão, pela debandada do marechal do Serro Largo.

« A 2ª divisão tambem fez seu dever e mereceu mui particular distincção o tenente-coronel Felippe Nery, e Lamenha : o primeiro porque sendo abandonado pelos seus soldados, conseguio por esforços e risco extraordinario, leval-os á carga ; e o segundo porque sendo ferido no principio da acção, continuou até o fim com a maior presença de espirito e guapice.

O brigadeiro Callado, commandante da divisão preencheu a minha espectação e mostrou-se general habil durante a retirada. O Ajudante e Quartel Mestre General e o coronel Alencastro foram inseparaveis de mim durante a acção e desempenharam com exactidão e acerto todas as ordens no meio de um chuveiro de balas e bombas.

« O marechal Brown teve um cavallo morto e foi levemente contuso de uma bala de mosquetaria. Só faço menção dos officiaes generaes e superiores até tenente-coronel inclusive, porque deste posto para baixo, estou autorisado a promover os que merecem. Em consequencia do exposto e das recommendações dos commandantes de

divisões fiz a relação inclusa para V. Ex. obter de S. M. I. a remuneração que lhe parecer justa.

« Deus guarde a V. Ex. Passo de S. Sepé, 28 de fevereiro de 1827 — Illmo. e Exmo. Snr. Conde de Lages. — *Marquez de Barbacena* ».

Quando tratarmos dos marechaes Henrique Brown, Chrisostomo Callado, Leitão Bandeira e de outros que fazem parte desta galeria, serão dadas mais detalhadas informações sobre as differentes phases desta batalha, onde se notaram, de parte á parte, actos da mais correcta disciplina, de intrepidez, bravura e sangue frio que inscreveram os nomes de quem os praticou nas paginas do grande livro dos heroes de todos os tempos.

Segundo a relação mencionada no officio acima transcripto, o prejuizo do exercito brazileiro foi de cento setenta mortos no combate, inclusive o marechal Abreu e 12 officiaes; de noventa e dous feridos, inclusive quinze officiaes, havendo tambem um contuso e setenta e dois prisioneiros, em cujo numero contam-se um capitão de artilharia e dois cirurgiões. Quanto aos extraviados, attendendo-se a indole e procedencia da maior parte dos individuos que se alistaram n'esse nosso exercito e o modo porque á isso foram compellidos, nos julgamos não distanciados da verdade, computando o seu numero de 20 á 25 por cento, embora mais tarde muitos se apresentassem aos seus respectivos corpos.

Tendo sido demittido do commando do exercito do sul a 1º de junho d'esse anno, recolheu-se o marquez de Barbacena ao quartel de sua residencia na côrte, seguindo logo depois em commissão do governo, de caracter reservado, para a Inglaterra de onde regressou no principio do anno seguinte.

Sendo-lhe commettida nova commissão na Europa, partiu da côrte á 5 de julho de 1828 acompanhando a rainha D. Maria II que seguia a fixar residencia em Londres.

Ainda n'esse anno tendo solicitado sua reforma, allegando molestia, obteve-a no posto de marechal de exercito com a respectiva tença por contar mais de 40 annos de serviço.

Em outubro de 1829 apresentou-se na côrte de regresso da Europa acompanhando aquella rainha e a imperatriz do Brazil, D. Amelia Augusta Eugenia.

Por decreto de 4 de dezembro foi nomeado Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, cargo este que exerceu até 2 de outubro de 1830, passando d'ahi em diante a occupar simplesmente a sua cadeira de senador.

Em 1836 seguiu novamente para a Inglaterra em commissão diplomatica da qual voltou doente.

O marechal de exercito, Felisberto Caldeira Brant Pontes, marquez de Barbacena, senador do Imperio, conselheiro de Estado, gentil-homem da imperial camara, mordomo-mór da Imperatriz Duqueza de Bragança, alcaide-mór da villa de Jaguaripe, cavalleiro da ordem de Pedro I, gran-cruz das do Cruzeiro e Rosa, commendador da de Christo, cavalleiro da Torre e Espada e grão-cruz da Corôa de Ferro da Austria, falleceu nesta capital a 13 de junho de 1842.

Os valiosos serviços que prestou ao Brazil dentro e, principalmete, fóra do seu territorio se acham minuciosamente relatados na volumosa obra do dr. ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR, sob o titulo *Vida do Marquez de Barbacena*.

Felix José de Mattos Pereira de Castro

O marechal de campo Felix José de Mattos Pereira de Castro, brasileiro nato, viu a luz do dia no decurso do penultimo quartel do seculo XVIII.

Ainda no verdor dos annos abraçou a carreira das armas, onde pelas suas habilitações ascendeu facilmente aos primeiros postos da hierarchia militar, obtendo a promocão de sargento-mór e logo após a de tenente-coronel, para o batalhão de artilharia e infantaria da capitania do Rio Grande do Sul, de que era commandante o coronel de engenheiros Alexandre Eloy Portelli.

Achando-se Felix de Mattos em Porto Alegre no commando de um contingente do seu batalhão, tomou parte no conselho de generaes, convocado pelo capitão general D. Diogo de Souza, e que se reuniu nos dias 2 e 4

de março de 1810, para serem adoptadas as medidas que necessarias fossem, á vista das instrucções que o dito capitão-general recebera do Rio de Janeiro, com relação á politica então seguida pelos hespanhoes do Rio da Prata.

Nessas conferencias, entre outras medidas, foi resolvido que Felix de Mattos se recolhesse, com o seu destacamento, á cidade do Rio Grande, onde se achava aquartelado o seu batalhão, com o qual seguiu logo depois para a fronteira, incorporando-se ás forças de observação ao mando do marechal de campo Manoel Marques de Souza, que assentou o seu quartel-general em Bagé.

Em 1811 seguiu com as colnmnas que, sob o commando de D. Diogo de Souza, invadiram a campanha de Montevidéo, assistindo ás acções que se deram durante a marcha, estacionando afinal em Maldonado.

Depois da convenção de 27 de maio de 1812, como se sabe, com as forças de seu commando recolheu-se D. Diogo á capitania do Rio Grande do Sul, desamparando assim o territorio invadido, sem que nenhum proveito tirasse o governo do principe regente da marcha e feitos de seu exercito, posto que colhesse triumphos sempre que lhe foram oppostas forças inimigas.

Por despacho de 13 de maio do anno seguinte obteve Felix de Mattos a graduação de coronel, em cujo posto passou a effectivo pela carta régia de 12 de outubro de 1814, que o mandou tambem assumir o commando de seu batalhão, por ter sido delle dispensado, na mesma data, o já então marechal de campo Alexandre Eloy Portelli.

Com a concentração das forças nas fronteiras Sul e Oeste do Rio Grande do Sul, para ser travada a lucta com as tropas do audacioso caudilho José Artigas, ao coronel Felix de Mattos foi confiado o commando de uma columna das tres armas que do Serrito marchou em agosto de 1816 para tomar de surpreza a villa de Mello do Serro-Largo e, na execução desta diligencia, se houve de modo tal que, apezar de não ter sido ella coroada de bom exito, em consequencia do máo tempo que o perseguiu durante a marcha da mesma columna; conseguiu, porém, aprisionar a guarda de Arredondo, composta de quarenta homens, en-

trando dous officiaes e duas outras guardas de menor força, não tendo soffrido nenhuma perda, a não ser a morte de um soldado tocado por uma faisca electrica.

Por decreto de 24 de junho de 1817 foi graduado Felix de Mattos no posto de brigadeiro com antiguidade de 25 de abril do mesmo anno, pelos seus serviços e prestimo, continuando no commando do batalhão de artilharia e infantaria.

Em maio de 1819 com a columna das tres armas de seu commando occupou o passo do Valente sobre o Rio Negro, e ahi ficou de observação aos movimentos do inimigo, destacando no mez seguinte um forte contingente para cobrir a fronteira de Bagé, por ter o brigadeiro Bento Corrêa da Camara, que a occupava, recebido ordem de tomar posição em Itaquatiá, com as forças do seu commando.

Por despacho de D. João VI, de 13 de maio deste mesmo anno, foi confirmado no posto de brigadeiro, continuando no commando do alludido batalhão.

Em julho marchou com a sua columna afim de occupar a posição do Serrito, em Jaguarão, guarnecendo assim toda a fronteira de que se achava encarregado e obrigado a bater o inimigo sempre que lhe fosse possivel fazel-o e a prestar soccorros á fronteira de Bagé quando ameaçada fosse.

Pretendendo o inimigo molestar o centro da linha de defesa, de combinação com o seu collega Bento Corrêa da Camara, obstou tal projecto, fazendo-lhe frente com as suas respectivas columnas que se haviam deslocado das posições em que se achavam nos dias 15 e 17.

Depois de pequenos encontros e fortes escaramuças, nada tendo podido conseguir o inimigo, retirou-se para o centro da campanha oriental no fim deste mez, regressando as ditas columnas para os seus acampamentos.

Terminada esta luta com a total derrota de José Artigas no dia 22 de janeiro de 1820, em Taquarembó, regressou logo depois o brigadeiro Felix de Mattos com o seu batalhão a Porto Alegre, onde se conservou até que, havendo sido ahi organisado o governo representativo da

provincia, a 22 de fevereiro de 1822, foi eleito membro do mesmo governo.

A 12 de outubro deste mesmo anno, por occasião da solemne acclamação de D. Pedro I como imperador e defensor perpetuo do Brasil, pelo governo, tropa e povo, congregados na praça publica, ahi compareceu o brigadeiro Felix de Mattos que, relatando depois o facto em longa e minuciosa carta dirigida, neste mesmo dia, ao seu amigo e collega de governo Francisco Xavier Ferreira, assim se expressou, ao concluil-a :

.....

« finalmente esta provincia vae marchando com toda a dignidade, colligada firmemente ás mais que teem jurado a sua independencia ; a acclamação de Sua Magestade nivelou todos os espiritos a um só partido, os *portuguezes* foram os primeiros a darem as mãos que acceitamos como generosos brasileiros ».

.....

« o governo nomeou-me para ir em seu nome prestar a S. M. Imperial os seus respeitos e congratulações e eu enthusiasmei-me tanto que acceitei, mas as minhas forças não podem satisfazer tão honrosa e importante commissão ; estou muito mal, confesso ao meu amigo : esta me custou assás a concluir ».

Não obstante tendo-se transportado á côrte do Rio de Janeiro com aquella incumbencia, que condignamente desempenhou, por decreto de 24 de fevereiro foi promovido á marechal de campo graduado, e não mais regressou á provincia de cujo governo era um dos membros, por ter fallecido nesta capital a 15 de maio, tudo do seguinte anno de 1823.

Francisco das Chagas Santos

O marechal de exercito Francisco das Chagas Santos, filho legitimo de Antonio Manoel dos Santos, nasceu na cidade do Rio de Janeiro á 17 de setembro de 1763.

Possuindo o curso primario, seguiu em companhia do seu progenitor para Lisboa, onde foi admittido no «Real Collegio dos Nobres» para melhorar os seus conhecimentos

theoricos; verificando então praça, dedicou-se ao estudo das sciencias exactas.

Renovando-se na Peninsula a questão de limites entre as possessões americanas de Hespanha e Portugal, foi resolvido que se dividisse a extensa fronteira em litigio, sendo nomeadas diversas commissões scientificas para tal fim e consequente demarcação.

Em uma dessas commissões, na de que foi chefe o então governador do Rio Grande do Sul, brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral, foi comtemplado em 5 de fevereiro de 1781, com o exercicio de engenheiro, o joven Francisco das Chagas Santos, promovido então a ajudante de infantaria.

Chegando a esta capital a dita commissão, aqui se conservou por espaço de tres annos em trabalhos preparatorios e de acquisição de material e pessoal, de modo que só em fins de janeiro de 1784 conseguiu sahir da cidade do Rio de Janeiro para o Chuy, onde a esperava a commissão hespanhola, para conjuntamente iniciarem os seus trabalhos.

Pelos bons serviços prestados nessa commissão, de caracter scientifico, mereceu o ajudante Chagas ser promovido a capitão de infantaria por decreto de 12 de dezembro de 1791, continuando no mesmo exercicio de engenheiro.

Em 1800, por decreto de 9 de janeiro foi promovido ao posto de sargento-mór de engenheiros e continuando na mesma commissão demarcadora, por outro decreto de 25 de agosto de 1804 foi promovido a tenente-coronel, tocando-lhe em 10 de outubro do anno seguinte assumir o cargo de 1º commissario e chefe da alludida commissão, pela fallecimento do brigadeiro que os occupava.

Tendo seguido para a côrte de Lisboa em serviço da sua especialidade, ao alli chegar, em fins do anno de 1807, encontrando a cidade em poder do general francez Junot, regressou immediatamente para o Rio de Janeiro, entregando ao ministro Conde de Linhares os preciosos documentos que se achavam em seu poder.

Pelo seu zelo e merito, por decreto de 13 de maio de 1808 foi graduado no posto de coronel, sendo no anno

seguinte por outros decretos de 4 de agosto, nomeado commandante dos Povos de Missões e promovido á effectividade do posto de coronel.

Tomando conta do seu novo cargo, no Povo de S. Luiz, escolhido pelos seus antecessores para quartel general, por estar esse logar a mais de doze leguas do rio Uruguay, resolveu mudar-se para S. Borja, por ser o mais meridional dos povos das referidas Missões e estar situado a duas milhas apenas do referido rio.

Pelas medidas acertadas que foi pondo em pratica mereceu do governo, que com ellas se achou satisfeito, ser promovido a brigadeiro graduado com a clausula, porém, bastante significativa, de continuar na commissão em que se achava, conforme se vê da carta- regia de 20 de janeiro de 1813.

Por occasião de ser atacado pelas forças de André Artigas, em 21 de setembro, desenvolveu grande actividade, sustentando as suas posições e embora soffrendo as consequencias de um sitio, não desanimou nunca, dando exemplos de coragem e paciencia, abrindo claros nas fileiras do inimigo em suas diversas sortidas para cansal-o e, distrahindo assim sua attenção, fazia sahir o pessoal encarregado de, em uma lagôa proxima, se prover da agua que se fazia muito necessaria para mitigar a sêde de toda a população.

Felizmente ao raiar do dia 3 de outubro de 1816 foi descoberta ao sul uma columna que avançava a grandes marchas.

Eram os seiscentos e cincoenta e tres bravos do legendario José de Abreu que em poucas horas conseguiu feliz victoria sobre os sitiantes, pondo assim termo aos soffrimentos da briosa população de S. Borja que resistiu heroicamente os longos 13 dias de sitio e de privações.

Em sua MEMORIA DA CAMPANHA de 1816, Diogo Arouche de Moraes Lara, historiando todos os feitos do brigadeiro Chagas Santos em relação á invasão das Missões Occidentaes, assim termina: « O brigadeiro Chagas Santos, dignamente escolhido para instrumento de obra tão grande e gloriosa, tendo-se honradamente desempenhado da sua commissão, verificou quanto delle

esperavam os que tinham noticia de sua extensa capacidade e se fez recommendavel na opinião publica, constituindo-se igualmente digno da contemplação de seus soberanos ».

Recommendado o seu nome ao governo pelo capitão-general Marquez de Alegrete, por todos esses feitos e dos actos de bravura praticados nos diversos encontros que teve com o inimigo, foi por decreto de 24 de julho de 1817 promovido a brigadeiro effectivo e por outro de 6 de fevereiro de 1818 foi graduado em marechal de campo e a 4 de julho do mesmo anno, foi despachado commendador da ordem de S. Bento de Aviz.

Havendo solicitado exoneração do cargo que exercera por mais de doze annos nos Povos das Missões, foi substituido em principios do anno de 1821, sendo, a 2 de junho do mesmo anno, designado pela junta governativa da provincia, para commandar o porto, villa e fronteira do Rio Grande, o que foi approvado por acto do governo central de 18 do mez seguinte.

Neste cargo coube-lhe festejar condignamente a boa nova da — Independencia do Brazil —, recebendo logo depois a *relação dos despachos,* onde se achavão os decretos: de 8 de novembro, que o promoveu á effectividade do posto em que era graduado e de 1º de dezembro, tudo de 1822, que o agraciou com a venéra da recem-creada « Ordem Imperial do Cruzeiro ».

Por decreto de 12 de outubro de 1823, foi nomeado governador das armas da provincia de S. Paulo, onde se conservou até que foi por ella eleito deputado á Assembléa Geral em a sua primeira legislatura, de 1829.

Por decreto de 18 de outubro de 1829 foi condecorado com o officialato da imperial ordem do Cruzeiro.

Em dezembro de 1830 foi designado para assumir o commando das armas da côrte, no qual foi substituido em 20 de março de 1831, sendo-lhe conferido por decreto de 25 do mesmo mez e anno o gráo de commendador da ordem da Rosa.

Solicitando a sua reforma esta lhe foi concedida em 11 de setembro de 1832 no posto de tenente-general com o respectivo soldo, pois contava mais de 50 annos de

serviço, seguindo com sua familia para a cidade de Porto Alegre, onde fixou residencia.

Proclamada a revolução no Rio Grande do Sul sob a direcção do coronel Bento Gonçalves da Silva, teve ainda o general Chagas de pôr-se em actividade, concorrendo com o seu prestigio e experiencia para reprimil-a, cabendo-lhe em tal emergencia o commando de todas as forças que compunham a guarnição de Porto Alegre, de cujas fortificações se encarregou com reaes vantagens para a defesa da praça.

Tendo obtido dispensa de tal commando, em janeiro de 1837, continuou firme em auxiliar a causa da legalidade, até que, por decretos de 14 de abril, foi nomeado presidente e commandante das armas da mencionada provincia, cargos estes que deixou a 6 de junho, recolhendo-se á côrte onde se achavam então quasi todos os seus filhos.

Por ter seguido para o sul o general que exercia o logar de commandante das armas da côrte, foi-lhe dado occupal-o, apezar de reformado, em 6 de outubro ainda do referido anno de 1837.

Por decreto de 5 de dezembro do anno seguinte foi exonerado do alludido cargo, a seu pedido e, tendo a Regencia *em consideração os relevantes serviços por elle prestados em favor da ordem publica e da integridade do Imperio em differentes commissões que exerceu, concedia-lhe melhoramentos de reforma no posto de marechal de exercito.*

Em 12 de outubro de 1840, com 80 annos de edade, falleceu nesta capital o marechal de exercito Francisco das Chagas Santos, sendo os seus restos mortaes sepultados no cemiterio de São Francisco de Paula.

Francisco Claudio Alvares de Andrade

Natural da capitania do Rio de Janeiro, onde vio a luz no decorrer do ultimo trintenio do seculo XVIII, Francisco Claudio Alvares de Andrade, tendo completado os seus estudos de humanidade, com a idade legal, alistou-se em um dos regimentos de infantaria de milicias da referida capitania.

Quando em março de 1808 aportou ao Rio de Janeiro o principe D. João VI, com toda a côrte de Portugal, entre o grande numero de seus subditos do Brazil que o foram cumprimentar e beijar-lhe a real dextra, achava-se Alvares de Andrade ostentando o seu uniforme de — coronel commandante do 14º regimento de infantaria de milicias da Ilha Grande.

Logo depois, o referido principe havendo sido informado dos serviços e prestimos do coronel Alvares de Andrade, resolveu transferil-o no mesmo posto de coronel para o Estado-Maior do Exercito de 1ª linha, concedendo-lhe na mesma data a graduação de brigadeiro dos seus « Reaes Exercitos. »

Por carta régia de 13 de maio de 1819 foi promovido a effectividade do posto de brigadeiro, continuando ainda nessa commissão, da qual foi dispensado por decreto de 27 de setembro de 1822, recolhendo-se á côrte.

Por immediata resolução de 18 de setemero de 1832 foi reformado no posto de marechal de campo por contar mais de 35 annos de serviço.

O marechal de campo Francisco Claudio Alvares de Andrade depois de reformado continuou á residir nesta Capital, onde falleceu á 6 de novembro de 1836, sendo sepultado nas catacumbas da Ordem 3ª de São Francisco de Paula.

Francisco José de Souza Soares de Andréa

Barão de Caçapava

O marechal de exercito Francisco José de Souza Soares de Andréa, barão de Caçapava, conselheiro de Estado e de Guerra ; grã-cruz da ordem militar de S. Bento de Aviz, official da imperial do Cruzeiro, commendador da ordem da Rosa e fidalgo cavalleiro da extincta casa imperial, nasceu em Lisbôa no dia 29 de janeiro de 1781.

Destinado a seguir a nobre carreira das armas verificou praça voluntariamente no 2º regimento de infantaria á 14 de dezembro de 1796 e, reconhecido cadete de primeira classe em 18 de fevereiro de 1797, matriculou-se na «Real Academia de Marinha» onde completou o respectivo

curso, que se compunha então de dois annos de mathematica, um de astronomia e navegação e outro de pratica no observatorio.

Completou tambem o curso de engenharia militar, sendo em ambos approvado plenamente e premiado successivamente em os quatro annos d'este ultimo curso.

Como cadete fez Soares de Andréa a campanha de 1801, servindo na arma de artilharia.

Por despacho de 15 de agosto de 1805 foi promovido a alferes com antiguidade de 1º de janeiro do mesmo anno.

A' 6 de setembro de 1807, como voluntario passou a servir na «Esquadra do Estreito», sendo promovido a tenente em março e a capitão a 7 de abril, desembarcando a 18 de junho, tudo do anno de 1808, no Rio de Janeiro.

Já havendo sido creado o «Archivo Militar» por decreto de 7 de abril do referido anno de 1808, passou a ter n'elle exercicio o capitão Soares de Andréa, sendo classificado no corpo de engenheiros á 20 ainda do referido mez de junho.

Por despacho de 13 de maio de 1811 foi graduado em sargento-mór e desligado do archivo, onde desempenhou varias commissões technicas, entre ellas a do levantamento da planta e projecto do enseccamento da Quinta da Bôa Vista, nivellamento da cidade, e levantamento da planta de Copacabana.

A' 28 de março de 1812 ficou encarregado do exame das picadas para a abertura da estrada nova do «Rio Preto» (depois do «Commercio»), e por decreto de 30 de janeiro do anno seguinte foi promovido a effectividade de sargento-mór, conservando-se na mesma commissão até abril de 1817, como encarregado da sua execução.

Proclamada a revolta em Pernambuco, a 6 de março de 1817, para alli seguio, o sargento-mór Soares de Andréa, fazendo parte do estado-maior do general Luiz do Rego Barreto commandante da divisão das tres armas, previamente organisada e embarcada n'esta capital á 16 de abril com o fim de bater os revoltosos da alludida provincia.

Chegando a cidade do Recife á 29 de junho, assumio o commando da brigada de engenheiros e ahi se conservou

até o mez de fevereiro de 1821, tendo realisado diversos reconhecimensos militares, sendo tambem encarregado, pelo governador, da direcção de todas as obras civis e militares.

Graduado em tenente-coronel por despacho de 6 de outubro de 1817, passou, em abril de 1818 a exercer o, cargo de secretario do governo da provincia, cumulativamente com as funcções militares do seu posto, sendo ainda em junho encarregado da organisação de todos os corpos da 1ª e 2ª linhas da provincia, segundo o plano approvado por D. João VI.

Por taes serviços foi promovido á effectividade do posto de tenente-coronel, por carta-regia de 4 de novembro do mesmo anno, e graduado no de coronel, pela de 13 de maio do anno seguinte (1819).

Com o exercicio d'estas commissões ainda foi dado ao coronel Soares de Andréa o do cargo de delegado-commissario do Conselho Supremo Militar, conforme a provisão de 15 de junho de 1820, onde, *coube-lhe a honra de desagradar á cruellissima alçada por intervir mais de uma vez a favor das victimas destinadas ao supplicio.* (*J. M. de Macedo*; — ANNO BIOGRAPHICO).

Por carta regia de 4 de janeiro de 1821 foi dispensado do exercicio de secretario do governo de Pernambuco e, fazendo entrega das demais commissões que ahi exercia, recolheo-se ao Rio de Janeiro, onde se achava quando o general Jorge Avilez se declarou desobediente ao principe regente sendo então chamado para acompanhar á 3 de fevereiro de 1822 o tenente-general Xavier Curado ao quartel-general da sua brigada na Armação; demonstrando n'essa occasião ser um dos adeptos á causa da independencia do Brazil.

Por decreto de 12 de outubro de 1823 foi-lhe concedida a effectividade do posto de coronel do Corpo de Engenheiros, em que era graduado.

Desde o seu regresso de Pernambuco até o anno de 1826 esteve o coronel Soares de Andréa, com outros officiaes do seu corpo, encarregado do reconhecimento militar de todo o terreno e costa desta capital até a barra de Sepitiba, do seu plano de defesa e, bem assim, da forti-

ficação do Reducto e linha do Barro-Vermelho e São Diogo, e, da praia da Gavêa á barra e linha interior até a Gloria; cabendo-lhe mais a direcção das obras encetadas para a construcção do pharol da « Ilha Rasa ».

Em 1823 foi distinguido, pela Assembléa Legislativa Constituinte, com a nomeação de membro da commissão de guerra exterior, cujos trabalhos duraram até que foi ella dissolvida em novembro.

A' 12 de outubro de 1826 o Sr. D. Pedro I « tendo em consideração os serviços do coronel Soares de Andréa houve por bem gradual-o no posto de brigadeiro »; achava-se então inspeccionando os trabalhos da estrada da Policia desde o arraial do Rio Preto até Chaves, na comarca de São João d'El-Rey, commissão esta que deixou para ir servir no exercito do sul, sob o commando em chefe do tenente-general Marquez de Barbacena.

A' 3 de novembro seguio com os demais officiaes do estado-maior, do mesmo general para o Rio Grande do Sul, onde, ao chegar, foi empossado no cargo de ajudante-general do exercito para o qual havia sido proposto á 23 do referido mez de outubro.

A 1º de janeiro de 1827 acampou em Sant'Anna do Livramento e sendo assentado a mudança do acampamento das forças, foram ellas reorganisadas e em seguida mobilisadas, de modo que, á 20 do seguinte mez de fevereiro, se enfrentaram, no passo do Rosario, com as do exercito republicano do commando do general D. Carlos de Alvear.

O modo porque se portou na batalha do *Ituzaingó*, o brigadeiro Soares de Andréa, dil-o o marquez de Barbacena, na sua ordem do dia de n. 24, de 20 de março de 1827 onde se acham as seguintes phrases: *Não posso egualmente deixar de fazer honrosa menção aos Srs. brigadeiro Soares de Andréa ajudante-general e tenente-coronel Antonio Elzeario quartel-mestre general, os quaes foram de mim inseparaveis durante a acção e prestaram mui grandes serviços...*

Retirando-se o marquez para a côrte continuou o brigadeiro Andréa a exercer o mesmo cargo até 27 de janeiro de 1828, data em que por ordem do visconde da Laguna assumio o commando da guarnição e fronteira do

Rio Grande, encarregando-se tambem de sua fortificação.

Por decreto de 12 de outubro do mesmo anno foi agraciado com o officialato da ordem Imperial do Cruzeiro.

Em janeiro de 1829, deixou aquelle commando por ter seguido para Montevidéo e n'essa occasião apresentou o projecto para a construcção do pharol da barra do Rio-Grande.

Alli chegado assumio o commando das forças brazileiras até a entrega dessa praça á 23 de abril de 1829, em virtude da convenção de 27 de agosto do anno anterior.

De Montevidéo passou o brigadeiro Soares de Andréa á provincia de Santa Catharina onde, á 30 de junho assumio o cargo de governador das armas para que fôra nomeado por despacho de 8 de maio, tudo do referido anno de 1829.

A' 1º de abril de 1830 embarcou para a provincia do Pará, afim de n'ella exercer o mesmo cargo em obediencia ao decreto de 30 de janeiro do mesmo anno.

Logo depois do golpe de estado, (7 de abril de 1831) ao brigadeiro Soares de Andréa foi scientificado que uma das facções partidarias de Belém exigia a sua deposição do commando das armas; nella porém, se conservou á despeito de tal exigencia, até que sendo decretado a sua demissão em 22 de abril, pelo governo da regencia, entregou o mencionado commando ao seu substituto legal, á 31 de julho, tudo de 1831 e recolheo-se ao seu quartel no Rio de Janeiro.

«Os acontecimentos do mez de março de 1831, (*J. Manoel de Macedo;* — ANNO BIOGRAPHICO) em que o inaudito arrojo de grandes numero de portuguezes nas noites que se chamaram das *garrafadas* inflamou os brios da nacionalidade brazileira, e comprometteu mais que muito o imperador Pedro I, reacenderam o antagonismo internacional, e foram nocivos ao general Andréa, que era nascido em Portugal, e, militar de disciplina severa, fôra sempre addicto a causa do imperador».

« Andréa chegou do Pará no meio de prevenções que lhe eram contrarias, e suspeitoso ao partido dominante, ficou desempregado».

« Aggravaram-se as suspeitas ; porque Andréa foi membro influente da *Sociedade Militar* em franca opposição as ideas e ao governo de 7 de abril e accusado de conspirar para a restauração de D. Pedro I ».

« O general Andréa foi perseguido; teve de responder á conselho de guerra por ter mandado prender um tenente de milicias no Pará (Jacintho Lopes) ; foi absolvido; mas, por sentença do supremo conselho militar, sujeito a novo processo (que nunca teve andamento) não descançou ».

« O governo o queria longe da côrte, onde o temia como um dos chefes (real ou supposto) do partido *caramurú* ou restaurador, e não achando nelle docil obediencia, fel-o prender na madrugada de 14 de dezembro de 1833 (no «Presiganga ») e seguir á 27 do mesmo mez para a provincia do Rio Grande do Sul, devendo alli incumbir-se de diversos trabalhos militares; mas a 25 de janeiro do anno seguinte o general Andréa foi dispensado d'essa commissão e a 17 de fevereiro mandado transferir para a villa de São José do Norte, onde se *conservaria* até nova ordem da regencia ».

« Estas medidas violentas eram de caracter politico e evidentemente consequencias dos motins populares tolerados pelo governo, que na capital se pronunciaram, atacando a casa da Sociedade Militar e algumas typographias do partido da opposição ».

A noticia do precoce fallecimento do duque de Bragança em Lisbôa, (24 de setembro de 1834) trouxe comsigo a derradeira desillusão para os que se batiam pela restauração do primeiro imperador do Brazil, que já se achavam, aliás, notoriamente enfraquecidos pela *vindicta* popular promovida contra elles pelos *moderados*.

Desapparecendo assim os *temidos caramurús,* que não pouparam sacrificios para obterem o triumpho da causa porque se batiam; *in continenti,* seguiram instrucções para a presidencia do Rio Grande do Sul e á 17 de novembro do mesmo anno era posto em liberdade o brigadeiro Soares de Andréa, ficando porém encarregado da construcção do pharol da barra da villa do Rio Grande, com-

missão esta de que foi dispensado a 1º de março do anno seguinte, por ter sido chamado a côrte do Rio de Janeiro.

Desde o anno de 1832, sabemos, debatia-se a provincia do Pará nas garras da mais sanguinolenta revolução *(cabanada)* que, por ultimo, havia até perdido o seu primitivo caracter de «politica» pela pratica ostensiva das mais revoltantes scenas de barbarismo, determinadas e applaudidas pelos celebres irmãos *Vinagres* e o cearense Nogueira Angelim.

Para soccorro dos legalistas paraenses, das provincias do Ceará e Maranhão foram enviados varios contingentes de tropas que, reunidos a columna de quinhentos homens de Pernambuco, sob o commando do tenente-coronel Joaquim José Luiz de Souza, e a esquadrilha do capitão de fragata Bartholomeu Hayden, muito concorreram posteriormente para o almejado restabelecimento da ordem, n'essa parte do então Imperio do Brazil.

Em tal emergencia houve por bem o governo da Regencia nomear por despacho de novembro de 1835 o brigadeiro Soares de Andréa, para os cargos de presidente e commandante das armas da provincia do Pará, o qual partio desta capital á 2 de janeiro de 1836, levando um contingente de tropa que foi augmentado pelos que recebeu dos batalhões da Bahia.

Com elle seguiram tambem as forças navaes do commando do capitão de fragata Frederico Mariath, secundado pelos primeiros tenentes Francisco Manoel Barroso, o heróe do Riachuelo e João Marques Lisbôa, ao depois marquez de Tamandaré.

A' 11 de abril assumio Soares de Andréa na ilha da «Tatuoca» o exercicio de seus altos cargos e ahi estabeleceu o seu quartel-general.

Com a chegada de Soares Andréa convencidos ficaram os cabanos que não poderiam continuar a resistencia pelo que á 28 mandou-lhe o chefe Angelim, uma deputação com um officio onde propunha:

— *que publicasse Soares Andréa uma amnistia geral, dando liberdade a todos os presos e lançando um véu sobre os males passados;*

— que prestasse alguma garantia que assegurasse não ser offendida pessôa alguma compromettida na revolta.

Em resposta o brigadeiro Andréa declarou ao commissionado que não tinha autoridade para taes concessões.

No dia 1º de maio a bórdo da corvêta *Defensôra,* onde se achava o brigadeiro Soares de Andréa, apparece outra commissão, com officios do dito Angelim e seus cumplices pedindo a suspensão das hostilidades até que a regencia ou a Assembléa Geral resolvesse sobre o pedido que nessa data lhe dirigiam; ao que respondeo-lhes: *Escolham uma posição em que possam esperar a resposta de sua supplica, sem que ella seja tal que possa ser base de novas tentativas.*

Então eu tomo a responsabilidade e respeitarei essa posição, emquanto não vier a resposta. — E não prometto mais nada.

No dia 3 comparecendo ainda uma terceira commissão perante Soares de Andréa, da parte de Eduardo Angelim, communicando-he que começaria a retirada dos rebeldes para o Amazonas logo que fossem dadas as necessarias ordens aos navios de esquadrilha para deixal-os passar, tiveram como resposta que não sendo conveniente que se dirigissem para a mencionada provincia podiam no entretanto occupar a fazenda do Caruapijó, com o compromisso de não tentarem passar além do rio Bacarena e o furo Atetua; pelo que no dia seguinte (4) fez-se novamente representar o chefe Angelim á bordo da *Defensora,* declarando os seus commissionados que a fazenda Caruapijó, que lhe pertencia não comportava os cinco mil homens que o acompanhavam e nem havia com que provel-os e tambem que por ser mui proxima da capital poderiam dar-se quaesquer disturbios, etc.

Finalmente á 6 interpozeram perante o general Andréa os bons officios do bispo diocesano D. Romualdo de Souza Coelho, conforme se vê do seguinte documento.

« Reunindo-se hoje o povo no palacio do governo, me pediu com muita instancia por uma deputação houvesse de rogar a V. Ex. se digne de annuir a todas as proposições que se lhe tem feito, na certeza de que, recusando-se V. Ex. a esta accommodação pacifica, pas-

sarão a incendiar e destruir a capital, como fez a legalidade em Igarapé-mirim, o que elles têm sentido vivamente. Espero, pois, que V. Ex., compadecendo-se do estado deploravel em que me acho, não tendo mais do que a pelle collada aos ossos, e sobretudo pelo interesse da humanidade opprimida, que deve tocar o piedoso coração de V. Ex., tudo fique em bôa ordem, mediante a prudencia e sabedoria que caracterisa a V. Ex. — *D. Romualdo,* Bispo do Pará ».

Ainda d'esta vez respondeu o presidente Andréa conforme já o havia feito, isto é, que não lhe assistia o direito de fazer quantas concessões lhe pediam os rebeldes.

Como as outras, a resposta dada a D. Romualdo não agradou a Angelim e seus sequazes, pelo que houve a idéa da mudança de acampamento sob a bandeira ingleza, o que levado ao conhecimento do presidente Andréa immediatamente, mandou dizer aos rebeldes, « ser repugnante esta idéa, pois brazilheiros não necessitavam da misericordia de bandeiras estrangeiras, e elle Andréa, posto que nascido na Europa, era descendente de brazileiros e vivendo no Brazil desde criança só conhecia a soberania d'este paiz que elle amava extremecidamente e pelo qual faria todos os sacrificios ». (GONZAGA DUQUE; *Revoluções Brazileiras).*

Não havia pois como chegarem a um accôrdo, pelo que determinando o general fosse tornado o sitio da cidade uma rigorosa realidade, o chefe rebelde Eduardo Angelim á 8 de maio proclamou aos paraenses, convidando-os a abandonar a cidade, nos seguintes termos :

«...Esta cidade se acha em rigoroso bloqueio e a falta de mantimentos já nos persegue com bastante força; innocentes familias, miseras crianças, velhos decrepitos, que até hoje têm vivido tranquillos á sombra de nossa protecção, vão ser as primeiras victimas da fome..... Nossa posição é muito triste, pois mesmo já começamos a experimentar falta de munição de guerra: nossos cobardes inimigos não se atrevem a atacar-nos e só tratam de render-nos pela fome; não lhes demos, pois, patrícios

caros, esse gosto. Uma boa retirada nos é mais airosa do que morrer de penuria. ».

« Vamos para o interior, com as nossas armas e munições esperar a amnistia que nos promette o governo dentro de trez mezes e quando nos faltem a ella, nós lhe faremos o que hoje nos pretendem fazer. Sim ! Nós os poremos em sitio na capital e por ultimo os lançaremos fora vergonhosamente, como das mais vezes o temos feito.... ».

Realisando os rebeldes o seu intento na noite de 12 para 13 de maio, o general Andréa logo pela manhã, mandou occupar a capital pelo chefe Frederico Mariath e por uma columna de infantaria e artilharia sob o commando do tenente-coronel Luiz de Souza, o vencedor dos cabanos de Pernambuco, entrando em seguida elle proprio na referida capital, com todo o seu estado-maior, e, desde então, diz o general Abreu e Lima, « occupou-se incessantemente da pacificação do resto da provincia ».

« Os rebeldes Vinagres, Angelim e outros cabecilhas, tendo fugido para os sertões, foram presos uns após outros ; e d'este modo logrou-se, quando não completa tranquillidade, ao menos, abater a furia d'aquelles perversos e reduzil-os ao extremo de se entregarem ou de serem anniquilados pelas forças policiaes que o presidente ia creando nos logares submettidos á ordem legal ».

« No anno seguinte o Pará estava quasi todo pacificado.... ».

Antonio e Raymundo Vinagre pereceram no sertão como muitos outros cabecilhas e d'entre os que foram aprisionados, chegaram ao Rio de Janeiro á 4 de abril de 1837 á bordo da escuna *Brazilia,* Francisco Pedro Vinagre e Eduardo Nogueira Angelim, que depois foram cumprir em Fernando de Noronha os dez annos de prisão com trabalhos a que foram condemnados, sendo, porém, mais tarde amnistiados pelo imperador D. Pedro II.

Ainda n'esse anno de 1836 e por decreto de 17 de outubro foi concedida a effectividade do posto de brigadeiro á Soares de Andréa, « em attenção aos serviços prestados como presidente e commandante das armas do Pará » ; sendo graduado em marechal de campo por

outro decreto de 15 de fevereiro do anno seguinte continuou a prestar os seus serviços nos mesmos cargos e na provincia que conseguio pacificar, até que sendo d'elles exonerado por decreto de março de 1839 entregou-os á 8, do seguinte mez de abril á seus substitutos legaes, recolhendo-se a capital do Imperio.

Marechal de campo effectivo por decreto de 1º de maio, tomou assento na Assembléa Geral Legislativa, como deputado supplente pela provincia do Pará, de 6 de junho á 11 de agosto, tudo do mesmo anno de 1839.

Pelos seus collegas (deputados) foi então accusado « de abusos, de horrores e de attentados que o tinham feito o Verres feroz daquella provincia, porém defendeu-se cabalmente ».

« Não negou, mas demonstrou a necessidade do rigor e dos seus actos os mais censurados ».

Pacificada estava a provincia do Pará, mas na do Rio Grande do Sul continuava a lucta ingloria entre irmãos, e a 23 de julho d'esse anno, o denodado republicano David Canabarro conseguio que a villa e o porto da Laguna, em Santa Catharina, ficassem sob o dominio dos revolucionarios rio-grandenses, sendo aquella elevada a cathegoria de « citade Juliana» e considerada capital da nova Republica Catharinense.

A noticia da tomada da Laguna vivamente impressionára o governo da Regencia e a população da capital do Imperio.

Sem mais demora foi convidado o marechal Soares de Andréa para acceitar o cargo de commandante das armas de Santa Catharina, dando-se-lhe plenos poderes para governal-a como presidente e commandante em chefe de todas as forças de mar e terra, n'ella existentes.

Deixando pois a sua cadeira de deputado supplente, partio sem mais demora para o sul do Imperio com alguns officiaes e tropa, acompanhando-o tambem uma esquadrilha, cujo commando, ainda d'esta vez, foi confiado ao capitão de mar e guerra Frederico Mariath e da qual faziam parte os 1ºs tenentes Francisco Luiz da Gama Roza e Francisco Pereira Pinto, ao depois, barão

de Ivinheima, almirante e, actualmente, ministro e presidente do Supremo Tribunal Militar.

Chegando a Santa Catharina, depois de empossado nos seus altos cargos tratou o marechal Soares de Andréa de reunir as forças que deviam atacar os revolucionarios e cujo effectivo foi elevado com os recrutas enviados das diversas localidades da provincia e, deste modo, formou dois batalhões de infantaria que com alguns esquadrões de cavallaria e um batalão do Rio Grande, constituio uma forte brigada, cujo commando deu ao tenente-coronel José Fernandes dos Santos Pereira, um dos officiaes que o acompanharam da côrte e ordenou-lhe que marchasse sobre a Laguna, que devia atacar ao mesmo tempo que o commandante Mariath com os seus navios forçasse a entrada do porto, que era defendido por uma fortaleza bem artilhada.

Circumstancias imprevistas, porém, fizeram com que a brigada de José Fernandes não podesse marchar com a necessaria presteza, do que resultou fosse a villa da Laguna retomada sómente pelas forças da esquadrilha de Mariath que conseguio, pelas duas horas da tarde de 15 de novembro de 1839, forçar a barra, depois do mais renhido combate com os 5 navios de José Garibaldi que eram proficuamente auxiliados pelos fogos da fortaleza, dos canhões e da fuzilaria das tropas de terra, sendo, não obstante, anniquilados, com grandes prejuizos para ambos os contendores.

Pelas cinco horas da tarde a victoria era completa para as forças imperiaes e o bravo David Canabarro, reconhecendo ser impossivel sustentar-se em terra, bateu em retirada para a provincia do Rio Grande do Sul, seguindo-se então o incendio ateado em todos os navios republicanos pelo proprio Garibaldi que conseguio escapar-se, ao lado de sua esposa, a legendaria Annita.

Ficou assim restabelecida a ordem na provincia de Santa Catharina que d'ahi por diante embóra por vezes ameaçada de ser invadida, não mais vio em seu territorio os revolucionarios rio-grandenses, senão em Lages, onde por vezes appareceram em ligeiras excursões.

No entretanto continuava a lucta no territorio do Rio

Grande e ainda n'esse anno, á 14 de dezembro, conseguiram os revolucionarios facil victoria no passo de Santa Victoria sobre as forças distrahidas do governo, sendo sacrificado o seu commandante, brigadeiro Xavier da Cunha, com mais trinta commandados.

Convencido o governo da Regencia da utilidade de dar ao Rio Grande do Sul um presidente militar que reunisse em si a administração civil e a direcção da guerra, houve por bem, por decreto de 14 de junho de 1840, nomear para estes cargos o marechal de campo Soares de Andréa e, para substituil-o nos que exercia em Santa Catharina, o brigadeiro Antero José Ferreira de Brito.

A' 26 de junho citado entregou o marechal Andréa ao seu substituto os alludidos cargos e com as instrucções que recebêra do governo seguio para o Rio Grande do Sul, onde sendo empossado das suas altas funcções á 27 de julho, depois da obtenção dos necessarios dados, delineou o seu plano de campanha.

« Um acontecimento momentoso para todo o Imperio realisava-se ao tempo em que Soares de Andréa, chegava ao Rio Grande do Sul (23 de julho de 1840); o Imperador D. Pedro II, sem a idade legal de 18 annos, era declarado maior por uma revolução operada na côrte com assentimento de ambas as camaras do parlamento brazileiro; e esse acontecimento ia influir positivamente sobre a direcção dos negocios da provincia rebellada. ».

« No entretanto Bento Manoel, desavindo com Bento Gonçalves, de quem era competidor na republica, resolveo abandonar a causa da rebeldia e, da campanha, onde se achava, escreveu ao presidente legal pedindo amnistia para si e mais alguns amigos seus ».

« Esta concessão foi-lhe promptamente outorgada pelo general Soares d'Andréa, em segredo, como exigia o impetrante; pois, segundo este declarava, lhe não convinha desde já manifestar-se divorciado da rebeldia »,

« Emquanto isto se passava no theatro da guerra, na côrte occorria a revolução politica acima indicada, que collocava o imperador á frente do governo da nação ».

« Pareceu que semelhante successo influiria beneficamente para a prompta terminação da guerra do sul ».

« Os rebeldes já tinhão sugerido a idéa da pacificação, quando o principe attingisse á moioridade, e por si governasse o paiz ».

« Apressada esta pela revolução, era tempo de aproveitar a opportunidade de chamar ao gremio nacional os dissidentes d'elle ».

« Uma circumstancia vinha ainda fortificar as esperanças da paz ».

« A revolução da maioridade era feita pelo partido liberal, e estando no poder um ministerio d'esse partido, tinham os rebeldes seguro penhor da lealdade, com que seria cumprida a condição de pleno esquecimento dos passados erros ».

« O governo imperial, pois insinuou, que se procurasse ver, si os rebeldes estavam resolvidos a depôr as armas, mediante amnistia ».

« Em consequencia de tudo isso, em dias de agosto de 1840 entabolou-se, entre Soares de Andréa e Bento Gonçalves, correspondencia epistolar sobre a pacificação da provincia; essa correspondencia, porém, não produzio outro resultado senão fortalecer a crença do general imperialista, de que só apresentando-se o governo imperial com forças capazes de bater effectivamente os rebeldes, consequiria a desejada paz ».

« Com effeito nem o general legalista, nem o caudilho revolucionario acreditavam no exito das negociações ».

« Um as iniciava por obediencia ao seu governo, que as determinára ; o outro as admittia como meio de illudir o adversario, protelando a guerra ».

« Vejamos as disposições de ambas as partes em similhante emergencia ».

« O general Soares de Andréa, officiando então ao governo imperial, dizia : *Estou persuadido, que se levará algum tempo em doces esperanças ; mas que não são os rebeldes os que hão de acceitar condições, que deixem de ser injuriosas ao Imperio: a unica maneira de conciliar os partidos é mostrar-lhes forças, com que não possam* ».

« Si por seu lado assim falava o delegado do governo legal, por seu lado o representante do governo rebelde,

communicando aos seus soldados, que esperava da côrte resposta sobre a paz, dizia-lhes :

« *Emquanto porém isto não succede, é mister redobrar de esforços para operarmos com feliz successo; porque si o governo do Brazil estiver disposto a entrar em negociações comnosco, quanto mais favoravel for a nossa posição, tanto mais vantagens podemos obter d'ella ; no caso opposto, esgotados todos os recursos para obter-se uma conciliação honrosa, só nos cumpre sustentar a guerra* ».

« Com disposições taes de parte a parte, evidente era o nenhum fructo das negociações ; e terminado o incidente, cuidou o general legalista de combater a rebeldia, que jámais cessára de vigilancia e das costumadas hostilidades e correrias em qualquer ponto, onde podia achar ingresso ».

« A campanha estava então occupada em parte por cavallaria legal, e em parte por cavallaria dissidente ».

« As forças legaes subiam então na provincia a 7.979 praças ; os rebeldes poderiam reunir de 4.000 á 5.000 homens ».

« A necessidade porém de manter guarnição na cidade do Rio Grande, na villa de S. José do Norte, em Porto-Alegre, e outros pontos de menor importancia coagia o sobredito general a não emprehender aggressão contra os rebeldes ».

« Elle considerava como indispensavel um exercito de 10.000 homens para bater os rebeldes, e restituir a paz ao Rio Grande do Sul ; por isso, além da força de que dispunha, pedia ao governo imperial mais 2.000 soldados para realizar o seu plano de guerra ».

« O general Soares de Andréa terminou sem fructo a sua correspondencia com os rebeldes ; não obstante, entendeu o mesmo governo imperial, que novo intermediario poderia ser bem succedido ».

« O general, de credo politico diverso do do partido dominante, e nomeado pelo ministerio anterior, não merecia a confiança do actual gabinete ; e assim facilmente se acreditou ser o naufragio da negociação devido a repugnancia dos rebeldes em tratar com um homem, contra quem articulavam a prevenção do nascimento, e actos de

cruêza praticados no Pará, vituperosamente assoalhados pela imprensa partidaria ».

« Soares de Andréa era com effeito nascido em Portugal, mas viera ainda no berço para o Brazil, a quem em longa carreira publica havia prestado bons serviços; e no Pará, incumbido da pacificação d'essa provincia, procedera com energia ; d'ahi tiraram os rebeldes pretexto para arguir a falta de bom exito da negociação ; o seu principal intuito era consumir tempo, e esperar novas vicissitudes ».

« O ministerio da maioridade, composto de personagens eminentes no Brazil, e, conhecidos então por suas idéas liberaes, tomára a peito realizar a pacificação do sul ; por isso não exitou em enviar outro homem, contra o qual não podessem os rebeldes contrapôr desconfianças; e assim o distincto medico Francisco Alvares Machado, deputado paulista, foi escolhido para entender-se com os chefes insurgentes, e conseguir a deposição das armas ».

« Estes chefes, offerecendo duvidas, adiamentos e condições, deram por fim a conhecer, que o emissario do gabinete imperial devia ter acção livre e plena para tratar com caracter official e ostensivo, e consummar a obra da paz ; o que se obteria, dando-se-lhe o cargo de presidente de provincia ».

« Não duvidou ainda o governo central arredar mais um motivo de embaraço, e o general Soares de Andréa foi demittido, e Alvares Machado nomeado Presidente do Rio Grande do Sul, (decreto de 7 de novembro).

« Conjunctamente foi nomeado o general João Paulo dos Santos Barreto commandante em chefe do exercito em operações n'aquella provincia, para onde com recommendações especiaes partio da côrte, levando a carta de nomeação de Alvares Machado ».

« Eram instrucções do governo imperial activar a guerra, e debellar pela força, caso falhasse a intentada negociação pacifica». (*T. de Alencar Araripe;* GUERRA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL).

Reunidos em Porto-Alegre o presidente nomeado e o general Santos Barreto, á 30 de novembro passou-lhes o

marechal Soares de Andréa os exercicios dos seus cargos recolheu-se a côrte do Rio de Janeiro.

Ainda n'este anno de 1840 obteve o marechal Andréa o fôro de fidalgo cavalheiro, por alvará de 13 de outubro e a 22 de janeiro do anno seguinte prestou juramento e entrou no exercicio do cargo de vogal do Conselho Superior Militar, para que fôra nomeado por despacho de 2 de dezembro de 1839, quando se achava em operações de guerra em Santa Catharina, passando a 5 de maio do mesmo anno, á occupar a sua cadeira de deputado supplente na Assembléa Geral Legislativa.

Fez parte da commissão encarregada da reorganisação do Exercito e da classificação dos seus officiaes nos novos quadros, sendo elogiado por haver desempenhado satisfatoriamente a confiança n'elle depositada pelo governo.

Graduado em tenente-general por decreto de 7 de setembro, passou o commandar o Corpo de Engenheiros á 11 de outubro, tudo do mesmo anno de 1842.

A 1º de janeiro de 1843 tomou assento na Assembléa Geral Legislativa, como deputado pela provincia do Rio de Janeiro.

Foi nomeado presidente de Minas-Geraes e commandante das forças da mesma provincia por actos de 20 de fevereiro e 4 de março, sendo por decreto de 11 de setembro, tudo de 1843, condecorado com a Gram-Cruz da Ordem de S. Bento de Aviz.

Deixou a presidencia de Minas-Geraes e o commando das forças em 1º de julho de 1844, por ter sido, por decreto de 28 de maio anterior, exonerado dos referidos cargos e nomeado para o de presidente da provincia da Bahia, cargo este em que foi empossado a 10 de dezembro, cumulativamente com o de commandante das armas dessa provincia, para o qual fôra tambem designado por decreto de 31 de outubro do mesmo anno.

Nomeado commendador da Ordem da Rosa a 17 de junho de 1845 e conselheiro de guerra por decreto de 22 de julho de 1846, foi por outros decretos de 24 e 27 do mesmo mez, exonerado dos cargos da presidencia da Bahia e do commando das armas, passando-os aos substitutos legaes, a 3 de Agosto.

Por decreto de 15 de novembro ainda de 1846 foi-lhe concedida a effectividade do posto de tenente-general.

Depois da pacificação da provincia do Rio Grande do Sul, pelo conde de Caxias, á 1º de março de 1845, não se conduziam bem os negocios politic os do Estado Oriental onde, em 1848, D. Manoel Oribe como executor dos desejos do dictador Rosas, havia posto em sitio a praça de Montevidáo e, senhor de toda a campanha, consentia que os seus sequazes, em constantes correrias, ultrapassassem as fronteiras do Brazil; na espectativa de uma lucta, resolvido ficou pelo governo imperial, que se deviam tomar medidas de prevenção nas mencionadas fronteiras, para o que, por carta imperial e decreto de 18 de março de 1848, foi nomeado o tenente-general Soares de Andréa presidente e commandante das armas da provincia do Rio Grande, cargos estes que assmio a 10 do seguinte mez de abril.

Nas providencias tomadas pelo general Andréa resaltaram as que se referiam ao recrutamento, organisação e concentração dos corpos das diversas armas e bem assim as posições que escolhéra para um grande acampamento determinando fosse estabelecido em *Caçapava* um deposito de material para supprir cerca de vinte mil homens e mais outras providencias.

Sendo substituido n'estes cargos por decreto de fevereiro, passou-os ao seu substituto legal á 20 de maio, tudo de 1850; e, recolhendo-se ao seu quartel — no Rio de Janeiro, foi louvado em nome do imperador pelos bons serviços que n'elle prestou.

Em agosto do seguinte anno foi nomeado membro da commissão encarregada da revisão da legislação militar.

Havendo, por motivo de molestia, solicitado a sua reforma, esta lhe foi concedida por decreto de 17 de fevereiro de 1852, no posto de marechal de exercito, continuando, porém, no exercicio do cargo de conselheiro de guerra, para que fôra nomeado por decreto de 22 de janeiro de 1846.

Depois da batalha de « Monte-Caservos » ficando salvo o Estado Oriental das garras do ambicioso dictador de Buenos Ayres, resolvida ficou tambem a questão dos

limites do Rio Grande do Sul com a visinha republica e por aviso de 12 de Junho de 1852 ao marechal Soares de Andréa foi commettida a presidencia da commissão demarcadora d'esses limites, em a qual se houve com a sua reconhecida proficencia, « todo o seu respeito a equidade e toda a energia de zeloso patriota ».

Por decreto de 14 de Março de 1855 foi lhe conferido o titulo de barão de *Caçapava* com honras de grandezas sendo por outro de 9 de setembro de 1856, nomeado conselheiro do Estado extraordinario.

A demarcação dos limites completada estava, apenas faltava algumas duvidas de so menos importancia a resolver e ultimar quando, o marechal Soares de Andréa, atacado por pertinaz enfermidade, falleceu na villa de São José do Norte a 2 de Outubro de 1856 ; contava então setenta e sete annos, oito mezes e trez dias e a morte colheu-o no vigôr das suas faculdades intellectuaes ainda devotadamente empregadas no serviço da — PATRIA BRAZILEIRA.

Faancisco Manoel da Silva e Mello

Dos documentos que compulsámos verifica-se que o tenente-general Francisco Manoel da Silva e Mello nasceu a 2 de fevereiro de 1760 na colonia do Sacramento, onde verificou praça, como simples soldado, a 21 de novembro de 1774.

Cabo de esquadra a 29 de dezembro de 1775 e sargento porta-bandeira a 12 de abril de 1777, foi neste posto transferido para o regimento de artilharia do Rio de Janeiro e nelle incluido como aggregado, a 10 de agosto do mesmo anno ; passou a effectivo da 3ª companhia a 17 de dezembro do anno seguinte.

Pela sua applicação aos estudos foi promovido a 2º tenente para a 8ª companhia, por decreto de 2 de fevereiro de 1786.

Conhecedor das suas habilitações e prestimos, houve por bem o vice-rei do Brazil, Luiz de Vasconcellos e Souza, encarregal-o de uma commissão scientifica, da qual bem se desempenhou durante o pequeno periodo de 6 a

30 de setembro de 1788, conforme se vê do « mappa da expedição botanica, das praças que existem, trabalho que fez e o mais respectivo a beneficio da mesma expedição », trabalho este que existe na Bibliotheca Nacional.

Por despacho de 7 de outubro de 1790 foi transferido para a companhia de pontoneiros, sendo, por decreto de 21 de março de 1795, promovido a 1º tenente para a 1ª companhia do citado regimento. Por outro decreto de 18 de março de 1797, foi elevado ao posto de capitão para a 7ª companhia, da qual passou para a de mineiros, por despacho de 17 de dezembro de 1806.

Em abril de 1807 apresentou a cópia do seguinte mappa, a qual se acha archivada na repartição competente do ministerio da guerra: « Mappa Geographico, que mostra grande parte da Costa do Brazil contida na Latitude Meridional de 19 até os 37 gráos na confrontação do Cabo de Santo Antonio, no Rio da Prata, comprehendendo juntamente uma grande porção de terreno que deste ponto discorre a Oeste pelo interior e voltando ao Norte até 11 gráos Austraes ».

Por despacho de 18 de janeiro de 1808 foi promovido a sargento-mór de artilharia e mandado addir ao Estado-Maior do Exercito e por outro de 4 de julho, ainda deste anno, foi graduado em tenente-coronel com exercicio de ajudante de ordens do governador das armas da côrte e capitania do Rio de Janeiro.

Por carta regia de 13 de maio de 1809 o D. João VI, em attenção ao particular e distincto serviço em que, além do de ajudante de ordens do governador das armas e capitania, se achava empregado o tenente-coronel graduado Silva e Mello houve por bem promovel-o á effectividade deste posto e gradual-o no de coronel de artilharia, em o qual foi confirmado por outra carta regia de 24 de junho do anno seguinte « em attenção ao particular e distincto serviço de que se acha encarregado e no qual deverá continuar ».

Em 1815, por decreto de 13 de maio, foi-lhe conferida a sobrevivencia do governo da Ilha das Cobras. Promovido a brigadeiro de artilharia por decreto de 15 de dezembro de 1817, foi mandado continuar no commando

da referida ilha, ficando tambem ás ordens immediatas de Sua Magestade o Sr. D. João VI, tudo em attenção aos seus longos e bons serviços.

Graduado em marechal de campo por outro decreto de 13 de maio de 1819, continuou ainda no governo da Ilha das Cobras, em cujo cargo jurou a Constituição do Imperio, assignando a acta que foi lavrada no quartel general a 30 de março de 1824.

Por decreto de 11 de setembro deste mesmo anno foi-lhe concedida a reforma no posto de tenente-general com o respectivo soldo, por contar mais de quarenta e oito annos de bons serviços.

O tenente-general Francisco Manoel da Silva e Melio, depois de reformado ainda prestou alguns serviços nesta capital, onde falleceu com mais de setenta annos de idade e, conforme se vê das « Ephemerides Nacionaes » do dr. J. A. Teixeira de Mello, foi um dos principaes collaboradores da monumental obra do bem conhecido botanico brazileiro frei José Mariano da Conceição Velloso, intitulada — FLORA FLUMINENSE.

Francisco de Paula Maggessi Tavares de Carvalho

(Barão de Villa Bella)

Natural de Castello de Vide (Portugal) onde viu a luz em o anno de 1769, Francisco de Paula Maggessi Tavares de Carvalho verificou praça a 30 de novembro de 1778, como 1º cadete, no regimento de infantaria de linha n. 8, do exercito de Portugal.

Por decreto de 24 de dezembro de 1787 foi promovido a alferes de fuzileiros, e a tenente de granadeiros por outro de 25 deabril de 1794 ; continuando no mesmo regimento, foi elevado ao posto de capitão a 17 de março de 1797.

Promovido a sargento-mór por decreto de 14 de Janeiro de 1802, foi mandado servir no corpo de policia de Portugal e nesta commissão, por outro decreto de 6 de novembro de 1805, foi promovido a tenente-coronel. Sendo dispensado della e mandado servir no Brazil, apresentou-

se no Rio de Janeiro no anno seguinte e ficou a disposição da respectiva autoridade.

Em 1808, tendo sido resolvida a creação do 1º regimento de cavallaria do exercito, com o decreto de 13 de maio que publicou a sua organisação, foi Francisco de Paula Maggessi promovido ao posto de coronel chefe do novo regimento, cargo este que occupou até 14 de julho de 1817, em que, sendomarechal de campo graduado, foi nomeado capitão general e governador da capitania de Matto grosso.

Por decreto de 13 de maio de 1809 foi graduado no posto de brigadeiro, sendo nelle confirmado, por outro de 13 de maio de 1810, e graduado no de marechal de campo a 7 de dezembro de 1815.

Em 1817, sendo nomeado para o já alludido cargo de governador de Matto Grosso, foi promovido á effectividade do posto de marechal de campo, por decreto de 6 e graduado no de tenente-genral por outro de 17, tudo do mez de agosto; neste mesmo mez teve a carta de conselho.

Tendo seguido para Matto Grosso, tomou posse do cargo em *Villa Bella* á 6 de janeiro de 1819, e sendo nelle substituido pela junta constitucional provisoria á 20 de agosto de 1820, regressou á côrte, onde por decreto de 24 de abril de 1821, foi promovido á effectividade do posto de tenente-general.

A' 19 de maio de 1825 foi nomeado 2º commandante do exercito do sul e commandante da praça de Montevidéo, exercicios estes em que se achou até 18 de novembro do mesmo anno, por ter sido por carta imperial designado para o cargo de presidente e commandante das armas da provincia Cisplatina, sendo o primeiro a exercer taes cargos na mesma provincia.

Por carta imperial de 15 de fevereiro de 1827 foi condecorado com o titulo de barão de Villa-Bella; depois do tratado de 27 de agosto de 1828, que restabeleceu a paz entre o Brazil o o governo de Buenos Aires, regressou ao Brazil e ficou residindo no Rio de Janeiro.

Tendo solicitado a sua reforma, foi-lhe essa concedida no posto de marechal de exercito com o respectivo

soldo, conforme a imperial resolução de 31 de maio de de 1833. Por carta imperial de 25 de março de 1845 foram dadas as honras de grandeza ao seu baronato.

O marechal do exercito Francisco de Paula Maggessi Tavares de Carvalho, barão de Villa-Bella, grão-cruz da ordem Militar de S. Bento de Aviz e commendador da da Conceição de Portugal, falleceu nesta capital no dia 26 de junho ne 1847 e sepultou-se no cemiterio de São Francisco de Paula.

Francisco de Paula (Massena) Rosado

Quando á 30 de Março de 1816 desembarcou no Rio de Janeiro a «divisão de voluntarios reaes do principe», em o numero dos seus officiaes figurava o do depois brigadeiro do exercito brazileiro, Francisco de Paula Rosado, que era então tenente-coronel commandante do 2º batalhão de caçadores da alludida divisão.

Como sabemos este forte reforço de tropas das trez armas se compunha de duas brigadas, tendo cada uma dois batalhões de infanteria, um corpo de cavallaria e uma companhia de artilharia, sendo commandantes das brigadas os brigadeiros Jorge Avilez Zuzarte de Souza Tavares e Francisco Homem de Magalhães Pizarro.

A divisão era commandada pelo tenente general Carlos Frederico Lecór, ao depois Visconde da Laguna, exercendo as funcções de ajudante general o brigadeiro Sebastião Pinto de Araujo Corrêa. Todo o pessoal desta divisão se havia distinguido nas campanhas da Peninsula. Era, portanto, uma legião de veteranos.

A D. João VI, já então rei do Reino Unido, causou enorme alegria a chegada d'essa tropa, e achando-se ella aquartelada na Praia Grande, para ahi se fez transportar no dia do seu anniversario natalicio (13 de Maio), e ordenando ao seu commandante que fossem feitas diversas manobras em sua presença, foram ellas garbosamente executadas nos campos de D. Helena e do Icarahy. Mostrando-se plenamente satisfeito pelo modo por que se desempenharam todos os corpos mandou elogiar toda a divisão «pelo seu garbo, continencia mi-

litar, ordenando mais que d'ahi em deante, fosse ella denominada : *Divisão dos voluntarios d'El-Rei*».

Em 12 de Junho embarcou a divisão para Sta. Catharina, de onde seguio por terra, para o sul, contrariamente ás ordens que foram dadas ao general Lecór, que devia com ella embarcar na esquadrilha do Conde de Vianna.

« E emquanto na sua longa e penosa marcha pela deserta costa de léste perdia seis mezes preciosos para as operações planejadas, as tropas do Rio Grande do Sul sob as ordens dos generaes Curado, Oliveira Alvares, João de Deus e Chagas Santos e tenente-coronel José de Abreu, cobrião-se de gloria nos campos de *Sant'Anna, Carumbé, Ibiraocahy, São Borja, Arapehy* e *Catalão,* contra forças, sempre mais numerosas com que Artigas tentava invadir as fronteiras do Rio-Pardo, Entre-Rios (zona entre os rios Quarahim e Ibicuhy) e Missões ».

« Chegando a divisão a cidade do Rio Grande, ahi incorporou-se-lhe uma força de milicianos do major Manoel Marques, e continuou sua marcha sm direcção a Maldonado, tendo a vanguarda, sob as ordens de Sebastião Pinto sustentado varios choques (em *Santa Thereza, Castilhos-chicos e Passo de Xaphalote* em os dias 5 e 24 de setembro) bem como a acção junto aos banhados da *India-Muerta* onde em 19 de dezembro, foi desbaratada a columna de d. Fructuoso Rivera ».

« Em os primeiros dias do auno seguinte (1817) chegou Lecór a Maldonado, onde desde outubro o esperava o Conde de Vianna com a sua flotilha ; e combinando com este os seus movimentos, poz-se novamente em marcha a 14 de janeiro, e a 19 perto de Chacarita, a duas leguas de Montevidéo, veio ao seu encontro uma deputação de tres cidadãos, os, quaes, noticiando a fuga do governador d. Manoel Barreiros, fizerão entrega dos chaves da cidade ao general Lecór, rogando-lhe em nome da população a prompta entrada da divisão, afim de impedir que se executassem as barbaras determinações de Artigas e Barreiros, relativas á destruição da praça ».

« No dia segulnte entrava na cidade o general com as suas tropas, no meio dos applausos dos habitantes, que

vião-se afinal livres do jugo tirannico que os opprimia e forão acampar perto de Cerrito ».

Restabelecida a ordem em Montevidéo, mandou o general Lecór uma expedição para se apossar da Colonia do Sacramento, a qual confiou ao intrepido coronel Manoel Jorge Rodrigues, expedição esta que se compunha de dois batalhões, sendo um d'elles o 2º de Caçadores do commando do tenente-coronel Paula Rosado. Tomada esta importante praça de guerra desde então Artigas, ficou privado da expedição dos seus corsarios «que muito prejudicavam o nosso commercio de cabotagem».

Por carta-regia de 4 de Junho do anno seguinte 1818) obteve Paula Rosado a graduação de coronel, com antiguidade, de 22 de Janeiro do mesmo anno, continuando no commando do seu batalhão e em serviço na provincia Cisplatina.

Depois de proclamada a independencia do Brazil, sabemos que tendo a ella adherido o general Lecór, agora Barão da Laguna, declarou-se publicamente brazileiro e com elle parte da officialidade e soldados da divisão lusitana ; mas o brigadeiro D. Alvaro da Costa Macedo, que considerava a Banda Oriental como uma exclusiva conquista de Portugal, collocou-se á frente dos officiaes adversos á causa brasilica e fomentando a insurreição de varios corpos não quiz prestar obediencia ao seu respeitavel commandante em chefe, que teve de retirar-se para Canelones com os officiaes e tropas que commungavam suas idéas.

D'este acampamento expediu o Barão da Laguna para esta capital o coronel Miguel Antonio Flangini, a quem entregou os officios de 12 de Outubro de 1822, assignados pelos officiaes dos corpos de Montevidéo e Colonia do Sacramento, que protestavam obediencia a D. Pedro I.

Não será demais nomear aqui alguns d'esses officiaes que, como Paula Rosado, foram elevados posteriormente aos altos postos do nosso exercito, e tiveram ensejo de prestar valiosos serviços a sua nova patria, na paz e na guerra ; são elles : Manoel Jorge Rodrigues (Barão de Taquary), João Chrisostomo Callado, José Fernandes

dos Santos Pereira, Joaquim Norberto Xavier de Brito, Luiz Manoel de Jesus, Jacintho Pinto de Araujo Corrêa, Felippe Nery de Oliveira, Francisco Xavier da Cunha, Salustiano Severino dos Reis, Manoel de Souza Pinto de Magalhães (Barão de Tury-Assú), Vicente Antonio Buys, João Pedro Lecór, Miguel Antonio Flangini, Antonio Pinto de Araujo Correia e Pedro Pinto de Araujo Correia.

Segundo rezam as chronicas o 2º batalhão de caçadores foi um dos que se haviam decidido a acompanhar D. Alvaro de Macedo, pelo que seu commandante, coronel Paula Rosado, n'um verdadeiro assomo de audacia, apoiada pela sua força moral, conseguio, auxiliado por alguns officiaes, desarmar esse batalhão que, desde então, ficou extincto ; acto este que como era de esperar o tornou recommendavel ao governo do nascente imperio que, por decreto de 12 de Outubro de 1823, lhe concedeu a effectividade do posto de coronel, sendo classificado no Estado Maior do Exercito.

Recolhendo-se Paula Rosado ao Rio de Janeiro jurou a Constituição do Imperio, assignando a respectiva acta que a 30 de Março de 1824 foi lavrada no Quartel General do Exercito, sendo, por decreto de 1º de Dezembro do mesmo anno, nomeado commandante do Deposito Geral de Recrutas da Côrte e graduado em brigadeiro.

Confirmado n'este posto por despacho de 4 de abril de 1825, continuou na côrte do Imperio.

Tendo chegado do Sul a noticia dos revezes que soffreram duas columnas das nossas forças, á 24 de setembro no Rincou de Haêdo e a 12 de outubro no arroio Sarandy, columnas estas que haviam sido destacadas da divisão de cavallaria com o que o marechal de campo barão do Serro Largo, governador das armas do Rio Grande do Sul, invadira a Cisplatina attendendo presurôso á solicitação do visconde da Laguna ; D. Pedro I fortemente abalado com taes noticias, pondo em pratica a sua reconhecida actividade, fez organisar um forte contingente de tropa que pessoalmente embarcou n'esta capital, e deu o seu commando a Paula Rosado que, por decreto de 1º de dezembro, tudo do referido anno de 1825,

foi nomeado governador das armas do Rio Grande do Sul e encarregado tambem da organisação e commando de um exercito na fronteira ; ficando assim destituido d'estes cargos o marechal de campo barão do Serro Largo !...

Seguindo com essa expedição, com ella demorou-se Paulo Rosado em Santa Catharina por mais de um mez de modo que sómente á 3 de fevereiro do anno seguinte assumiu o exercicio de suas funcções.

Occupando estes cargos em quadra em que a integridade de nossa patria se achava ameaçada por mar e terra, pelos nossos visinhos do Rio da Prata, o brigadeiro Paula Rosado não correspondeu a espectativa dos brazileiros, si bem que parte do seu censusavel procedimento fosse devido ao proprio governo, porquanto, « ao tomar conta do commando solicitou armamento, correame, montarias, munições, estandartes, fardamentos e equipamentos, isto é, barracas, instrumentos cirurgicos, boticas, etc., etc. ! Nada havia ! E a guerra estava declarada e o inimigo já batia a porta ! »

D'ahi as muitas accusações que então lhe foram feitas ; o marechal barão do Serro Largo, porém, ao ter conhecimento do decreto que lhe dava um substituto, fazendo publicar as suas despedidas ao povo rio-grandense assim se expressou :

.....

.....

.....

« Foi servido Sua Magestade Imperial subtituir-me pelo Exm. Snr. brigadeiro Francisco de Paula Massena Rosado official habilitado para o lugar que acabo de deixar, pelos conhecimentos e pelas qualidades que possue ».

No entretanto, diz o dr. José Maria da Silva Paranhos, na biographia do general José de Abreu, (São Paulo 14 de Julho de 1865) : « Se afastar do supremo commando militar um tal homem (José de Abreu) era um erro funesto, o governo parece que esforçou-se em aggraval-o com a nomeação do governador das armas (Paulo Rosado) homem desconhecido, e que, supposto tivesse

bôas intenções, não estava na altura do cargo que ia desempenhar »...

« Este desde que tomou conta do governo das armas começou a contrariar todas as sabias disposições tomadas pelo seu antecessor para cobrir a fronteira ».

Realmente, recebendo do barão do Serro-Largo a investidura dos cargos de governador das armas e commandante em chefe das forças do exercito do Rio Grande do Sul o brigadeiro Paula Rosado, não teve o menor escrupulo em desprezar as disposições estrategicas que haviam sido tomadas pelo seu antecessor, assim é que a fronteira foi abandonada fazendo recolher as diversas forças que guarneciam os seus pontos principaes, concentrando-as, com as demais, nos arredores da capella de Livramento, na coxilha de Sant'Anna, deixando apenas em Jaguarão a brigada do coronel Bento Gonçalves, pelas energicas ponderações por elle feitas.

« Não podia ser mais desastrada a escolha feita pelo brigadeiro Rosado do local onde determinou fossem concentradas todas as forças sob seu commando, pois como se sabe era um estreito recinto montuoso d'aquella povoação nova e isolada, arenoso, desarborisado e apenas banhado em uma de suas orlas por pequenos regatos origens do Ibicuhy, os quaes no verão seccavam e tornavam-se insalubres ».

D'ahi as molestias que dizimaram o pequeno exercicico que se achava tambem como já dissemos totalmente desprovido do mais necessario ; e foi n'este terreno e com taes recursos que Paula Rosado em março assentou o seu quartel general occupando com o seu estado maior os poucos casebres que então existiam.

Para conseguir o que de mais preciso lhe faltava teve que sustentar verdadeiras luctas e até, ao que parece, pelo modo porque se houxe para prover a tropa tornou-se franca e publica a sua desintelligencio com o presidente da provincia, o tambem brigadeiro José Egydio Gordilho Velloso de Barbuda ; desintelligencia esta que ainda hoje póde ser comprovada pelo impresso que examinamos na Bibliotheca Nacional, publicado em 1826, pelo referido presidente, com o tiiulo :

porto de Lisbôa, onde reclamavam sua presença, para occupar o throno dos seus avós que se achou abandonado por mais de 13 annos.

No seguinte anno de 1822, como sabemos, deram-se nesta cidade do Rio de Janeiro os celebres movimentos militares provocados pelas demonstrações aggressivas da divisão lusitana do general Jorge Avilez, que, não se conformando com o tradicional FICO de D. Pedro, contra elle se rebellou tomando posição no morro do Castello em a noite de 11 para 12 de janeiro.

Conforme resam as chronicas esta divisão « forte e prepoderante », conservava-se disposta a entrar em campanha, tendo á sua frente o general Jorge Avilez ; mas não obstante a sua vigilancia, na noite do dia 11 de janeiro, o major de artilharia Francisco de Paula e Vasconcellos, tenente José Maria da Silva Bittencourt e outros, passaram uma peça com seus pertences que servia para o ensino dos recrutas, por uma janella que deitava para a praia de Santa Luzia, tendo arrombado um portão para lhe dar sahida, e reunindo as praças do corpo de artifices e obreiros do arsenal, com uma companhia de cavallaria que se achava proxima seguiram para o campo de Sant'-Anna pela mencionada praia, afim de reunirem-se mais, á uma companhia de policiaes que se achava aquartelada no campo da Ajuda. E tomando todos pela rua da Guarda Velha foram se juntar no campo de Sant'Anna (á força alli existente) ».

A' 15 ainda deste mez, o major Paula e Vasconcellos foi nomeado encarregado do commando e melhoramentos das fortificações do *Pico;* sendo elogiado pelo modo porque se houve nestas commissões quando della foi dispensado á 6 do mez seguinte, para assumir o commando interino da Fortaleza de Santa Cruz, que escapára de ser tomada dias antes, por um forte destacamento da divisão de Jorge Avilez, logo que se passou, por ordem do principe, para o seu aquartelelamento na Praia Grande.

Por decreto de 24 de junho obteve Paula e Vasconcellos, a effectividade do posto de major, e a graduação do de tenente-coronel e deixando o commando da Forta-

com aquelle destino ; mas á sua approximação abandona Aguirre o campo, indo refugiar-se em Corrientes.

Bento Manoel, porém, atravessa a 31 de outubro o Uruguay, e a 5 de novembro colheu a gente de Aguirre.

Collocou-se este na *Capilla del Rosario* com oitocentos homens e tres peças, postando muito adiante e d'este lado do Merinãy, o coronel Pedro Gomes Toribio com outros duzentos.

Bento Manoel desbaratou inteiramente esta força, ficando Toribio entre os mortos, e avança sobre a outra ; mas Aguirre com sua artilharia poz-se logo em retirada deixando para protegel-a trezentos soldados que foram igualmente destroçados.

No campo deixou o inimigo trezentos homens mortos ou feridos, muito armamento e mais de mil cavallos ».

Da brigada de Bento Manoel fazia parte o corpo de cavallaria de 2ª linha do tenente-coronel Manoel Luiz da Silva Borges, pae do legendario Ozorio, marquez do Herval. N'esta acção tivemos um official e trinta e sete praças fora de combate.

Nomeado o tenente general marquez de Barbacena, por decreto de 12 de setembro ainda desse anno, para commandante em chefe do Exercito do Sul, para alli seguiu com o seu estado-maior, e depois de ter estado em Porto Alegre e nas villas do Rio Grande e Rio Pardo, chegou ao acampamento da capella de Sant'Anna, a 1º de janeiro de 1827, sendo condignamente recebido pelo brigadeiro Paula Rosado.

No dia seguinte formou todo o exercito a quem aquelle marquez passou rigorosa revista, e a 11 reuniu o conselho de guerra para deliberar sobre, si o exercito esperaria o inimigo, ou si iria tomar outra posição mais conveniente.

Pelo dito conselho ficou assentado que se devia marchar para Currales ou que se devia occupar outro qualquer logar mais vantajoso.

Desde este dia (11) deixou o brigadeiro Paula Rosado de fazer parte do Exercito do Sul, recolhendo-se ao

Rio de Janeiro, onde falleceu a 6 de outubro de 1836, sendo sepultado nas catacumbas antigas da ordem terceira dos minimos de S. Francisco de Paula.

Francisco de Paula e Vasconcellos

Filho do tenente-coronel Joaquim de Frias e Vasconcellos e nascido no Rio de Janeiro á 7 de março de 1787, Francisco de Paula e Vasconcellos assentou praça como 1º tenente, no regimento de artilharia do reino de Angóla, em 12 de setembro de 1806, data do decreto que o promoveu a 1º tenente.

Por despacho de 6 de novembro de 1809, foi transferido daquelle regimento para o de artilharia do Rio de Janeiro, onde servio no dito posto até o anno de 1814, em que por decreto de 13 de maio, foi elevado a capitão, ficando aggregado ao mesmo regimento aguardando vaga.

A' 13 de maio do anno seguinte passou a effectivo para a 1ª companhia, sendo graduado em sargento-mór por despacho de 6 de fevereiro de 1818.

Convidado para tomar parte na revolução de 26 de fevereiro de 1821, que teve por fim fazer com que o Sr. D. João VI jurasse a constituição que fosse promulgada pelas côrtes portuguezas, « por serem conhecidos os seus sentimentos liberaes » apesar de não ter seu regimento boccas de fogo, comprometteu-se á reunir os soldados que podesse e a marchar com elles, o que fielmente executou, levando tambem o destacamento de artilharia de Pernambuco, que se achava addido ao dito regimento ; a todo este pessoal incorporaram-se, na madrugada do referido dia 26, com as suas nove boccas de fogo os dois corpos de artilharia montada, que já se achavam no largo do Rocio, sob os commandos dos capitães João Carlos Pardal e 1º tenente Luiz Alexandre Ferreira Nobre.

Como sabemos, nessa resolução, como em todas as outras que se seguiram, predominou o elemento militar. Assim é que antes do signal convencionado (o tiro de peça do navio de registro do porto), se achavam em parada no largo do Rocio, além dos referidos corpos de artilharia, o 3º batalhão de caçadores de Portugal, commandado pelo

sem que houvesse meio de impedir semelhante barbardade, pois toda a força armada se tinha rebellado, e obrava de commum accordo.

Finalmente no dia 16, tendo dado largas á sua ferocidade, já ebrios e dispersos, pelas ruas, carregados com os despojos de sangue, pareciam os soldados exahustos de força e de animo, e por isso menos terriveis que no dia antecedente. Já então se haviam reunidos ao redor da cidade algumas milicias e cidadãos armados para occorrerem á commum defesa, e neste estado foram aquelles malvados accommettidos pela Bôa-Vista e pelo Recife (bairros) e esmagados pelo denodo civico, de tal maneira que mais de tresentos morreram ás mãos do povo, sendo presos mais de oitocentos, que foram confinados para a ilha de Fernando, como se fôra isto castigo bastante para tantos e tão horrorosos crimes ! »

Uma vez pacificada a cidade pelo restabelecimento da ordem nos quarteis, o Brigadeiro Paula e Vasconcellos fez publicar a seguinte e significativa ordem do dia :

« Fieis Soldados e Bravos Officiaes Pernambucanos. — Testemunha ocular da vossa bravura exemplar, vosso camarada, vosso amigo e vosso chefe, eu não posso resistir ao imperioso e vehemente desejo de vos patentear os sentimentos de admiração de que estou possuido pela vossa disciplina na perturbação, vigor nos perigos e impavidez no Campo da Batalha.

Sim, vossa conducta militar na espinhosa e deplorabilissima conjunctura em que nos achamos, está acima de todo o encomio, além de todo o louvor.

Abandonado, e não mais obedecido por uma soldadesca insubordinada, exposto ao furor, aos embates das suas paixões selvagens e degradantes, contrariado mesmo por acasos desgraçados e lamentaveis : finalmente pungido pelo dolorosissimo, e acerbo sentimento de ver a Lei escarnecida, as Autoridades afrontadas, os Cidadãos insultados, os domicilios invadidos e pilhados, todos os direitos, finalmente, violados, dissolvida quasi toda a sociedade ; eu confesso que teria sucumbido com a Patria se me não achasse escudado em vossos braços, ligado a vós pelos estreitos laços de sympathia, do amor da Patria

é da disciplina, em uma palavra, se vós me não houvesseis coadjuvado e, convosco, a briosa juventude Pernambucana.

Intrepidos Officiaes! Vossos sentimentos, vosso denodo acabam de penhorar do modo o mais vivo a gratidão da Patria, e se um dia a historia dos nossos successos referir com negrume, e opprobio tão lamentaveis scenas e seus infames autores, vossos esforços, vosso valor, saberão ao menos temperar a colera e mitigar o resentimento dos nossos vindouros.

Graças ao vosso denodo, graças aos esforços dos Pernambucanos, e ao zelo das nossas autoridades, a paz se acha já restabelecida, e com ella, a justiça e a Lei; os rebeldes, os insurgentes em breve soffrerão o severo castigo dos seus nefastos attentados.

Defendido pela Lei, em perfeito accordo com o nosso honradissimo Presidente, eu só hei mister da vossa coadjuvação, do vosso zelo para obrar segundo cumpre. Vós já me déstes a vossa confiança, continuai a prestar-me vossa coragem, e a Patria será salva, a Liberdade triumphante, e a honra Brazileira restabelecida. Uni-vos ás autoridades e aos vossos benemeritos compatriotas, e a anarchia fugirá dentre nós, como fugiram os rebeldes.

Viva o Brazil!

Viva a Patria!

Viva a Constituição!

Viva o Officialidade e Cidadãos Pernambucanos!

Quartel do Commando das Armas de Pernambuco, 19 de setembro de 1831. — *Francisco de Paula e Vasconcellos* ».

Por despacho de 10 de outubro o brigadeiro Paula e Vasconcellos foi dispensado desse tão attribulado commando, e entregando-o ao seu substituto legal, coronel Francisco Jacintho Pereira, á 3 de novembro, tudo do referido anno de 1831, recolheu-se á côrte do Imperio. Por decreto de 23 de janeiro de 1833, foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar de Justiça onde prestou o respectivo juramento.

Por decreto de 12 de setembro de 1837, foi-lhe concedida a graduação de marechal de campo e por aviso de

10 de outubro do seguinte anno foi nomeado membro da commissão encarregada da qualificação dos officiaes idoneos para o serviço do exercito.

Nomeado commandante das armas da Côrte, por decreto de 5 de dezembro de 1838, neste posto recebeu o aviso que o elogiava, em nome do Imperador, pela commissão que exercêra nas fortalezas e fortificações, sendo por outro decreto de 12 de novembro de 1839, nomeado presidente da commissão encarregada de dar o plano e orçamento do grande arsenal de guerra. Por despacho de 2 de dezembro do dito anno foi promovido á effectividade do posto de marechal de campo.

Por carta imperial de 2 de agosto de 1841, foi-lhe concedida a dignitaria da Ordem da Rosa, sendo, por decreto de 21 de março do seguinte anno, exonerado do commando das armas da Côrte, e elogiado pelo zêlo com que desempenhou os seus deveres.

Nomeado membro da commissão de pratica de artilharia, em aviso de julho de 1844, por decreto de 1º de outubro do anno seguinte obteve o titulo de conselho de S. Magestade o Imperador e por outros decretos, de 15 de novembro de 1846 e de 14 de março de 1847 foi graduado em tenente-general e nomeado conselheiro de guerra.

Dispensado da commissão de pratica de artilharia em 6 de maio, por decreto de 17 de junho foi nomeado director da Escola Militar e promovido á tenente-general effectivo, por despacho de 11 de outubro, tudo de 1848. A 16 de abril de 1851 foi designado para membro da commissão de promoções.

Solicitando a sua reforma, por motivo de molestia, esta lhe foi concedida por decreto de 7 de fevereiro de 1852, no posto de marechal de exercito, por determinação legal, continuando porém nos exercicios dos cargos de membro da commissão de promoções, de conselheiro de guerra e de director da Escola Militar.

Deste ultimo cargo foi dispensado por decreto de 12 de fevereiro de 1856, e sendo extincta a commissão de promoções, por aviso de 31 de dezembro do mesmo anno, foi nessa occasião louvado pelos serviços que prestára.

O marechal de exercito Francisco de Paula e Vas-

concellos, do conselho de S. Magestade o Imperador, conselheiro de guerra, dignitario da Ordem da Rosa, official da imperial do Cruzeiro, commendador da militar de São Bento de Aviz, falleceu nesta capital a 10 de julho de 1859, com setenta e dois annos de idade, cincoenta e tres dos quaes empregados exclusivamente no serviço de sua patria.

Fructuoso Ribeiro (ou Rivera)

Nascido no Estado Oriental do Uruguay no anno de 1791, Fructuoso Rivera desde a sua mocidade dedicou-se á nobre carreira das armas, sendo seu principal objectivo concorrer para a independencia e engrandecimento moral e material da sua patria, que se achava então sob o dominio dos hespanhóes.

Quando em 1811 os revolucionarios orientaes unidos ás forças argentinas chefiadas pelo general Rondeau, puzeram em sitio a cidade de Montevidéo, no numero destes patriotas se contavam o coronel D. José Gervasio Artigas, como director, e Fructuoso Rivera como um dos seus melhores auxiliares ou « o braço potente do rei dos caudilhos », na feliz phrase de um conhecido escriptor brazileiro.

Como se sabe, em tal emergencia o general vice-rei D. Francisco Javier Elio pediu soccorro ao governo do Rio de Janeiro, tendo sido invadida a Banda Oriental em julho do mencionado anno pelo exercito brasileiro sob o commando do general D. Diogo de Souza, então governador da capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Depois da publicação do armisticio celebrado em maio de 1812, retiradas as forças brazileiras para a fronteira do Rio Grande do Sul, sabe-se que os independentes do Rio da Prata transpuzeram o Rio Uruguay e puzeram em sitio Montevidéo, de cuja praça se apoderaram em 1813 por meio de uma capitulação, que o general do exercito sitiador violou.

Durante este sitio rompeu definitivamente Artigas com o Governo de Buenos-Ayres e na encarniçada guerra que contra elle sustentou durante dous annos, a Fru-

ctuoso Rivera coube o triumpho da celebre batalha de Guayabo, que decidiu a contenda, obrigando os argentinos a evacuarsm Montevidéo em 1815, e o Directorio de Buenos-Ayres a desistir de suas pretenções de dominio sobre a Banda Oriental.

Resolvida, em 1816, a occupação do territorio oriental pelo governo do Sr. D. João VI, afim de destruir o poder de Artigas, « que se tornara um vizinho turbulento e perigoso », contra o exercito invasor do general Frederico Lecór, mandou aquelle caudilho, Fructuoso Rivera, á frente de dous mil homens, para lhe tolher o passo na fronteira de Santa Thereza, sendo porém infeliz, pois foi completamente derrotado a 19 de novembro, em *India-Muerta,* pela vanguarda de Lecór, ao mando do general Araujo Correia.

Depois da batalha de Taquarembó, em que foram totalmente desbaratadas as forças de Artigas, ordenou-lhe este que abandonasse a Banda Oriental, e com as forças que pudesse reunir procurasse um territorio mais propicio á continuação da luta, de que não queria desistir.

Não lhe obedeceu, porém, Fructuoso, que tinha em mente substituil-o no commando da margem esquerda do Rio da Prata ; vendo, porém, desfeitos os seus sonhos, pelas deserções em massa dos seus soldados, que preferiram acompanhar Artigas, deixando-o reduzido a um pequeno nucleo.

Levado pelos conselhos do Cabildo de Montevidéo, resolveu então entregar-se aos nossos generaes, acceitando a confirmação de seu posto de coronel e o commando de um regimento de orientaes.

Achando-se assim incorporado ao exercito brazileiro, com o nome de Fructuoso Ribeiro, continuou em serviço na sua patria, onde eram apreciados os seus dotes intellectuaes e moraes, alliados á sua bravura e intrepidez nos combates.

Tendo sido convocado um Congresso de Deputados para discutir a conveniencia de unirem-se os Orientaes a um Estado poderoso ou se constituirem independentes, foi eleito Rivera pelo districto de Extramuros.

Reunido o Congresso, em 16 de julho de 1821, deli-

berou que o Estado Oriental do Uruguay deveria continuar incorporado ao Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves, com a denominação do *Estado Cisplatino*; deliberação esta que em 31 do referido mez e anno foi por elle assignada com os demais deputados.

Na acta lavrada a 17 de outubro de 1822, onde consta a acclamação do Sr. D. Pedro I, em Montevidéo, figura em primeiro logar o nome de Rivera, seguido dos de outros officiaes orientaes sympathicos á causa do Brazil; não obstante, houve scisão entre as tropas de terra e mar, ficando de um lado as brazileiras, sob o commando do general Lecór, e do outro as portuguezas, commandadas pelo general D. Alvaro de Souza.

Da parte dos orientaes, os partidarios da união em Buenos-Ayres ficaram ao lado de D. Alvaro, tendo por chefe Manoel Oribe, e os adeptos da união com o Brazil seguiam o general Lecór chefiados pelo coronel Fructuoso Rivera, a quem, por carta imperial de 22 de janeiro, foi concedido o habito de cavalleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, sendo graduado em brigadeiro por decreto de 26 de maio, tudo em 1823.

Sabemos que durante esse periodo de resistencia dos lusitanos apenas se deram em terra algumas pequenas escaramuças, e dous fortes embates (nas Pontas de Toledo em 17 de março, e em Las-Piedras e 18 de maio), sendo os sitiados repellidos e perseguidos até á praça, e a esquadrilha portugueza posta fóra da barra pela divisão naval brazileira do vice-almirante Pedro Antonio Nunes, a 23 de outubro; do que de tudo resultou entrar D. Alvaro em convenção, no dia 18 de novembro, tudo do referido anno de 1823, embarcando em seguida com as suas tropas para Portugal.

A' 14 de fevereiro de 1824 entrou em Montevidéo o exercito brazileiro, ao mando do general Frederico Lecór, acompanhado pelos officiaes que mais o auxiliaram nesta campanha, salientando-se entre elles o brigadeiro Fructuoso Ribeiro.

Desde então ficou a Banda Oriental formando uma das dezenove provincias do novo Imperio do Brazil sob a denominação de — Provincia Cisplatina.

Promovido á effectividade do posto de brigadeiro, por decreto de 12 de outubro de 1824, endereçou Rivera, neste mesmo anno, ao Sr. D. Pedro I os seguintes documentos, que se acham archivados na Bibliotheca Nacional:

Manifestacion hecha a S. M. Y. per el Regimento de Caballeria de la Union y los habitantes del Estado Cisplatino. Filicitacion hecha a S. M. Y. a nombre del Brigadier Fructuoso Rivera.

Deixando Rivera o commando de seu regimento, por ter sido confirmado no posto de brigadeiro, pela confiança que sempre mereceu do general Lecór, foi por este nomeado commandante geral de todas as tropas disseminadas pela campanha oriental.

Dada a insurreição denominada dos *Trinta e tres,* de que foi chefe D. Juan Antonio Lavalleja, ex-tenente-coronel do regimento de Dragões da União, e que por motivos politicos havia sido deportado de Montevidéo, recebeu Rivera terminantes ordens para marchar contra os insurgidos, pelo que a 26 de abril de 1825 sahiu da Colonia acompanhado de pequena escolta, afim de reunir as tropas espalhadas por toda a campanha e com ellas ir ao encontro de Lavalleja que se achava no Porto das Vaccas, o que não conseguio *realizar por ter sido cercado e aprisionado* no dia seguinte pelos insurgentes.

Depois de ter tido uma longa conferencia com Lavalleja, concordou Rivera em servir á revolução, compromettendo-se tambem a entregar as tropas que se achavam sob o seu commando, como de facto succedeu, sendo ainda engrossada pela população da campanha oriental, que, sciente destas occurrencias, pressurosa procurava alistar-se sob as bandeiras dos dous caudilhos.

Com excepção das praças de Montevidéo e da Colonia do Sacramento, onde se mantinham os generaes Lecór e Jorge Rodrigues; das villas de Mercêdes e Serro Largo, onde haviam pequenas guarnições brasileiras, e do Salto, onde se achava o brigadeiro Sebastião Barreto; todo o Estado-Oriental ficou dominado pela revolução, e em junho desse anno, já dispunham os insurgentes de mais de 3.500 homens, e

todos os dias recebiam de Buenos-Ayres grande cópia de armamento, munições e reforços de homens.

Iniciando as suas operações de guerra, resolveu Rivera pôr em sitio Mercêdes, o qual foi obrigado a levantar pelo general barão de Serro-Largo, que o fez seguir pelo coronel Bento Manoel Ribeiro, conseguindo este derrotal-o a 4 de setembro junto ao Coquimbo, seguindo dahi o mesmo coronel para Montevidéo, onde devia receber instrucções do general chefe.

Em 24 ainda deste mez surprehendeu Rivera no « Ricon das Gallinhas » os regimentos commandados pelos coronejs José Luiz Menna Barreto e Jeronymo Gomes Jardim, que *isoladamente* marchavam a reunir-se ao barão do Serro Largo, em Mercêdes, sendo completamente desbaratados, morrendo heroicamente o coronel Menna Barreto, que recusou render-se.

Recebendo Bento Manoel do gereral Lecór um reforço de 260 homens de cavallaria sem esperar pela infantaria e artilharia, que tambem lhe havia sido promettida para completar a sua columna, destinada a bater os insurgentes, partiu de Montevidéo para Minas, onde fez juncção com os 354 milicianos mal armados do coronel Bento Gonçalves, e dahi continuou a sua marcha.

Neste interim Fructuoso Rivera que, depois do feito de 24 de setembro, havia contramarchado, conseguiu em breve tempo reunir-se a Lavalleja de modo que, esperando Bento Gonçalves encontrar apenas parte do exercito inimigo, reconheceu, mas já tarde, que se achavam os dous caudilhos reunidos proximo ao arroio de Sarandy, e dispondo de 2.500 homens das tres armas ; apezar disto aventurou-se em atacal-os com os seus 1.411 de cavallaria, d'onde resultou soffrer completa derrota, deixando no campo 831 mortos, feridos e prisioneiros, conseguindo escapar-se milagrosamente com os restos da sua columna, com a qual refugiou-se em Sant'Anna do Livramento.

E' a este feito d'armas que muitos escriptores dão erradamente o nome de « Batalha de Sarandy » e que teve logar a 12 de outubro do alludido anno de 1825.

Logo depois desta acção, por um accumulo de intrigas

de que resultaram sérias divergencias entre Lavalleja e Rivera, abandonou este a Revolução no seguinte anno de 1826 e foi incorporar-se ao exercito do general Martins Rodrigues: donde mais tarde passou para Santa Fé, collocando-se ao lado de D. Estanisláo Lopes, porque logo que foi declarada a guerra entre o Brazil e a Republica Argentina, recebendo ordem de apresentar-se ao Governo de Buenos-Ayres, assim o fez e alli ficou, até que, sendo ainda victimado pela intriga, procuraram prendel-o, allegando que estava mancommunado para de novo adherir á causa do Brazil.

Prevenido, porém, por alguns amigos, conseguiu Rivera escapar-se a tempo, indo apresentar-se ao mencionado governador de Santa Fé, que o protegeu na empresa de apoderar-se das Missões brazileiras, onde effectivamente penetrou a 21 de abril de 1828, á frente de uma pequena columna de 140 homens, não soffrendo nenhuma resistencia, pois usara do estratagema de dar-se como amigo do Brazil; no que foi facilmente acreditado, pela simplicidade do povo; sendo porém, o seu principal objectivo a organização de um novo Estado independente do Brazil, sob a fórma republicana.

Burladas foram porém, todas as suas aspirações, em consequencia da convenção preliminar de paz firmada a 27 de agosto, no Rio de Janeiro.

Por esta convenção, que foi ractificada a 30 de agosto pelo Imperador do Brazil, á 29 de setembro pelo Governo argentino e finalmente a 4 de outubro em Montevidéo, tudo no referido anno de 1828, constituiu-se a provincia Cisplatina em Estado livre e independente; e no anno seguinte, approvada a sua Constituição politica, depois de examinada no Rio de Janeiro, em virtude do art. 7º da mencionada convenção preliminar, pelos commissarios do Brazil e da Republica Argentina, foi solemnemente jurada em Montevidéo a 18 de julho de 1830.

Como é natural, o primeiro acto politico do novo Estado independente devia ser a eleição do seu presidente; e, de facto, assim se procedeu, recahindo a escolha no brigadeiro Fructuoso Rivera «o favorito de todos os orientaes», que, sendo empossado nesse alto cargo, o

exerceu no seu primeiro quatriennio com muito tino e alto patriotismo, pois soube cercar-se das mais recommendaveis entidades de seu paiz, como Santiago Vasquez, Herrera, Muñoz e outros, tendo tido tambem como ministro, ao depois, o celebre general D. Manoel Oribe, personagem por elle creado e que lhe succedeu em 9 de março de 1835.

De posse do governo da Republica Oriental do Uruguay, não tardou Oribe em manifestar suas tendencias dictatoriaes, inspirado pelo celebre D. João Manoel de Rosas, que de ha muito exercia o governo absoluto em Buenos-Aires ; do que resultou collocar-se Rivera á frente de um pronunciamento, que explodiu no seguinte anno de 1836 ; não lhe tendo sido, porém, possivel conseguir o seu intento nas primeiras investidas, procurou abrigo nas fronteiras do Rio Grande do Sul.

Instado por D. Manoel Oribe, apoiado pelo dictador de Buenos Aires, ordenou o Governo do Brazil ao da provincia do Rio Grande do Sul, que fizesse desarmar Rivera e os seus partidarios e os internasse na provincia, arredando-os da fronteira ; ordem esta que foi cumprida, seguindo Rivera, Lavaleja e outros officiaes seus sectarios para a cidade de Porto Alegre, onde foram entregues á vigilancia das autoridades competentes.

Achava-se na presidencia do Rio Grande do Sul desde 5 de fevereiro de 1837, o marechal de campo Antero José Ferreira de Britto, que «em virtude da recommendação ministerial, insinuara á Rivera que se transportasse ao Rio de Janeiro, onde conseguiria do Governo Imperial a interposição dos seus bons officios, afim de que obtivesse elle na republica, de que estava expatriado, posição congruente ao seu gráo militar e á sua influencia politica ».

« O general decahido, que lutava pelo mando supremo, querendo ser o primeiro e não segundo no seu paiz natal, não admittiu a insinuação ; em consequencia do que Antero de Britto *incontinenti* o declarou prisioneiro, accrescentando que, sob seu destino, consultaria ao Governo Imperial ».

Tendo, porém, o marechal Antero de Britto partido para a campanha, no dia seguinte evadiu-se Rivera de

Porto Alegre, collocando-se ao lado do seu amigo, brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, que prendeu o referido marechal a 23 de março proximo ao passo do Itapevy; ficando Antero muito surprehendido encontrando Rivera entre os seus detentores.

Tendo conseguido reorganizar o seu exercito, atirou-se Rivera novamente á lucta contra o governo de Oribe, e depois de varios combates parciaes entre *blancos* e *colorados*, foram aquelles derrotados no Palmar, dando-se logo depois a capitulação de Paysandú, resignando Oribe *officialmente* a presidencia, a 20 de outubro de 1838, e refugiando-se em Buenos-Aires.

Ficando novamente empossado no governo de sua patria, continuou Rivera a auxiliar os revoltosos rio-grandenses, dando lugar a que o Governo Imperial fizesse com que o seu representante em Montevidéo lhe censurasse tal conducta, da qual procurou, sophisticamente, justificar-se, innocentando-se; são, porém, hoje bem conhecidos os documentos comprobatorios da sua protecção aos republicanos rio-grandenses, figurando entre elles a convenção de 28 de dezembro de 1841, celebrada em territorio da Republica do Uruguay, presentes Bento Gonçalves e o seu enviado plenipotenciario, D. José Luiz Bustamante e em a qual se assegurava a effectiva cooperação dos dous presidentes de ambas as republicas, nessa epocha.

No entretanto continuava Rivera a repellir os ataques das tropas argentinas entregues pelo dictador Rosas á Oribe que, com titulo de presidente legal, poz em sitio Monvidéo, por terra e mar, fazendo com que Rivera se alliasse com as provincias de Entre Rios e Santa Fé, então revoltadas contra Buenos Aires; não obstante, foi batido por Oribe e Urquiza no « Arroio Grande » a 6 de dezembro de 1842.

Não desanimando, lançou-se Rivera sobre o territorio argentino e com os seus se collocou ao lado dos que se batiam contra os federalistas, capitaneados pelos referidos generaes, até que foi completamente destroçado por elles nas proximidades da « India Muerta » a 27 de março de 1843, refugiando-se mais uma vez no Rio Grande do Sul, onde não quiz perder occasião de favorecer aos seus

amigos, ainda a braços com a revolução, resolvendo dar-lhes auxilios de forças, que na sua situação não lhe prestavam serviços.

Mandou, pois, que os seus sectarios derrotados passassem para a dita provincia, afim de encorporarem-se aos revolucionarios rio-grandenses.

« Com effeito nos primeiros dias de outubro de 1843, uma força de 400 homens sob o commando do coronel Baldomero Sotelo, passou a fronteira do Brazil, e penetrou no nosso territorio ».

« O Barão de Caxias (então general em chefe do Exercito Imperial), manda immediatamente cercar esta força e desarmal-a, dando o seu chefe por desculpa, que, vencido no paiz natal, e cançado do despotismo nelle reinante, vinha buscar serviço no Imperio, e offerecer-se para alistar-se nas fileiras do exercito imperial ».

« Fructuoso Rivera, que assim procedia, dentro de breves dias approxima-se da nossa fronteira, e manda offerecer ao general Caxias cavalhada e todo o mais auxilio que delle dependesse ! »

« Nada, porém, foi acceito ; porque sabia o general brazileiro com quanta simulação era feito esse offerecimento ».

Pretendeu Rivera mais tarde (em setembro de 1844) servir de intermediario entre o barão de Caxias e os republicanos rio-grandenses, no sentido de ser feita uma accommodação ; mas por saber Caxias da existencia da já mencionada convenção de 28 de dezembro de 1841, lhe respondeu do seguinte modo... « tendo expressa ordem do Governo Imperial para não acceitar nenhuma proposição dos rebeldes que não tivesse por fim a deposição das armas, não annuia a proposta, não concordava com a suspensão de hostilidade ; que, si os seus constituintes pretendiam directamente representar a S. M. o Imperador por intermedio de algum dos seus chefes, desde já certificava o livre transito até a Côrte ; que, no emtanto, podiam os rebeldes rio-grandenses passar ao outro lado da fronteira e alli, no Estado Oriental, esperar a volta do seu commissionado com a ultima decisão de S. M. o Impe-

rador, ficando, porém, certos de que continuaria a perseguir aos que, armados, passassem á Provincia ».

Do Rio Grande do Sul passou ainda Fructuoso á fronteira; perseguido, porém, pelas forças Rosistas, transpoz o Jaguarão recolhendo-se em seguida á capital do Imperio, onde chegou a 17 de maio de 1845.

No seguinte anno resolveu regressar á sua patria, por lhe parecer favoravel o ensejo para uma revolução em Montevidéo, onde fôra decretado o seu exilio, mascarado com a sua nomeação de ministro da Republica, junto ao Governo do Paraguay, para onde *deveria seguir pelo territorio do Brazil,* seguindo-se logo depois o seu banimento temporario, com uma pensão, a 17 de março de 1846.

Apezar de tantas precauções, apresentou-se Rivera no porto de Montevidéo a 18 de março, onde recebeu varias intimações para afastar-se do littoral da Republica, as quaes não quiz cumprir, irrompendo afinal a 1 de abril a mais desbragada sedição, cujo fim era entregar-lhe o commando em chefe de todas as forças da Republica.

Desembarcando dias depois (a 6 de abril), foi empossado nos cargos de commandante das armas e de general em chefe do exercito em operações, e logo no seguinte mez atirou-se á lucta, tendo obtido felizes successos em algumas acções; salientando-se entre ellas as de Mercedes, Arenal e Paysandú. Sendo, porém, derrotado a 27 de dezembro, refugiou-se em Yaguary, passando dahi para Maldonado, com os 900 homens que lhe restavam.

No mez de janeiro de 1847 apoderaram-se os Rosistas do Salto, e no de fevereiro foi Rivera dispensado do commando em chefe do exercito em operações, que foi logo dissolvido, conforme as exigencias dos ministros interventores.

Continuava Rivera domiciliado em Maldonado, quando, por accumulo de circumstancias filhas da politica de então, foi decidido o seu assassinato e de mais cinco dos seus officiaes, devendo ser perpetrado esse crime, no dia 5 de outubro de 1847, acobertado por uma sedição militar; o que não teve logar, porque o proprio ministro da guerra, que de tudo recebera denuncia, se transportou na manhã desse dia de Montevidéo, levando forças sufficientes para

as providencias que poz em pratica, sendo a ultima a destituição do commando, que então exercia Rivera, e sua consequente deportação para o Brazil, passando no dia seguinte para bordo de um paquete francez, que o desembarcou nesta capital, a 11 de novembro do referido anno de 1847.

Depois destes acontecimentos, conservou-se Rivera completamente alheio aos negocios politicos do Rio da Prata, até que os erros politicos e administrativos de d. Juan Francisco Giró, eleito presidente do Estado Oriental, a 1 de março de 1852, provocaram uma nova reacção popular, cujo resultado foi a sua deposição, a 24 de setembro de 1853, sendo então estabelecido, como governo provisorio, um — triumvirato — do qual fizeram parte d. Venancio Flores, d. Juan Lavalleja e Fructuoso Rivera, que mais uma vez apparecia no scenario politico de sua extremecida patria, sendo este o ultimo serviço que lhe prestou, porque depois de haver tomado posse deste cargo, falleceu no Cerro Largo a 13 de Janeiro de 1854.

O conhecido historiador d. Antonio Deodoro de Pascual, tratando de sua personalidade em os seus «Apuntes para la historia de la República Oriental del Uruguay», assim se expressa:

«Este hombre, en quien se resume la historia del Uruguay, hasta su fallecimento en Cerro Largo, es acriminado por muchos, como inconsecuente y descabellado: otros le admiran por sua generosidad y filantropia: estos le elevan hasta las estrellas como tipo de patriotismo y bizarria militar; aquellos tiznan su retrato com toda classe de borrones: los que hicieron fortuna por su medio, le consideran como el único hombre capaz en su tiempo de gobernar a sus compatriotas: los que no sacaron pingues ventajas de su gobierno e influencia, le reputan como el azote de su pais: los Orientales respetan sa memoria en general aunque conocen sus fragilidades: los Bonaerenses le odian en particular, aun, despues, de finado. Por fin, ni unos ni otros concuerdan en lo que era en realidad Rivéra; en lo bueno y malo que pratico y hasta despues de y acer en la huesa no se le hace justicia.

« No obstante, es innegable que este caudillo, desde 1817 hasta 1854, ha ejercido major ó menor influencia en la extraordinaria historia de su pais, cujo ascendiente no hubiera durado por tan luengos años, á no haber habido algun merecimiento de su parte ».

Gustavo Henrique Brown

O general Gustavo Henrique Brown, sendo marechal de campo reformado de Portugal e coronel do exercito inglez, foi contractado, em Londres a 12 de maio de 1826 para servir no exercito brazileiro, mediante as seguintes condições :

« 1ª Que teria no exercito do Brazil a effectividade do posto de marechal de campo em que fora reformado no de Portugal ;

« 2ª Que o vencimento do respectivo soldo e tempo começaria a decorrer do dia em que partisse da Inglaterra para o Brazil ;

« 3ª Que se obrigava a servir com zêlo, honra e fidelidade em qualquer provincia do Imperio em que Sua Magestade Imperial houvesse por bem empregal-o ;

« 4º Que receberia da legação o adiantamento de mil libras esterlinas, que ao par de 67 1/2, faziam—3:555$555, que lhe seriam descontados pela quarta parte da importancia dos seus vencimentos annuaes ;

« 5ª Que a legação pagaria o preço da passagem de sua pessoa, mulher e trez criados no paquete e ficaria esta despeza á cargo da repartição dos negocios da guerra ».

Apresentando-se no Rio de Janeiro, por decreto de 22 de agosto de 1826 foi mandado incluir no quadro effectivo do exercito com o posto de marechal de campo, e com antiguidade de praça de 14 de junho do mesmo anno, data em que embarcou na Inglaterra com destino ao Brazil, na fórma da clausula segunda do seu contracto.

Depois de preenchidas as formalidades legaes, após a nomeação de tenente-general marquez de Barbacena para commandante em chefe do exercito do Sul, foi designado para servir as ordens do mesmo marquez, pelo

que embarcou com a sua familia a 25 de novembro, na corveta de guerra *Duqueza de Goyaz* navegando nas aguas da esquadrilha imperial que partira na vespera para o Rio Grande do Sul, levando á seu bordo o Sr. D. Pedro I.

Encarregado de varias commissões pelo commandante em chefe, achava-se o marechal Henrique Brown, em Porto Alegre, quando lhe foram entregues instrucções e terminantes ordens para se reunir ao exercito na campanha, o que immediatamente cumprio, apresentando-se á 5 de fevereiro de 1827, no arroio das Palmas, áquelle marquez, levando sob suas ordens uma forte brigada, composta dos regimentos 4º e 5º de cavallaria de linha ; dos batalhões 18º e 27º de infanteria, sendo este ultimo de allemães, e mais 80 lanceiros da mesma nacionalidade.

Depois de organisado o « corpo de exercito » que devia bater-se com o do general D. Carlos de Alvear, pela ordem do dia de 6 de fevereiro, foi nomeado para nelle exercer o cargo de « Chefe do Estado Maior », funcção esta que passou a ser exercitada pela primeira vez no exercito brazileiro.

Dada a batalha de 20 de fevereiro denominada « do Ituzaingó », nella exhibiu-se Henrique Brown, demonstrando pericia militar unida á natural bravura, quando no mais forte da peleja collocou-se á frente das tropas que atacaram o centro da linha inimiga, com vistas de tomarem a sua artilharia.

« Vendo, porém, que apezar dos esforços não era possivel galgar as alturas, onde estava assestada a artilharia argentina, antes de algum recontro com as forças que já avançavam impetuosamente, e favorecidas pela declinação do terreno, fez alto e desembaraçando á frente da infantaria da cavallaria, com que marchava coberta, esperou firme e impavido a carga do inimigo. O choque foi tremendo; dir-se-hia que era o golpe supremo e decisivo do desespero de terminar um combate que apenas começára ».

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

« O general em chefe testemunhou a bravura que assignalou todos os feitos desta « divisão » do exercito, os quaes foram, na maxima parte, iniciados e dirigidos pelo proprio marquez, com a valiosa cooperação dos valentes marechal Brown e brigadeiro Barreto ».

Nesta batalha teve Henrique Brown o seu cavallo morto ; perdeu toda a sua bagagem, morrendo tambem o criado que a guardava, e, ferido por bala de fuzil em uma perna, continuou no seu posto, até que teve de ser cumprido o toque de « retirar » ordenado pelas circumstancias que sobrevieram no decorrer da acção.

Apreciando o procedimento do marechal Brown, durante o tempo que com elle servio, o marquez de Barbacena em a sua ordem do dia de 20 de maio, mandou elogial-o, e, retirando-se para a Côrte do Rio de Janeiro a 1º de junho, tudo do 1827, entregou-lhe, com palavras de sincera gratidão, o commando em chefe do exercito do Sul.

Por decreto de 12 de outubro do mesmo anno em attenção aos seus serviços foi agraciado com a dignitaria da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Neste posto se conservou Henrique Brown até 2 de janeiro de 1828, data em que apresentou-se o tenente-general Visconde da Laguna, que por decreto de 18 de setembro do anno anterior havia sido designado substituto do mencionado marquez.

Por decreto de 28 do supracitado mez de janeiro, foi o marechal Brown nomeado instructor dos corpos de cavallaria de primeira e segunda linha da provincia do Rio Grande do Sul, e em tal exercicio, teve o feliz ensejo de demonstrar, por factos, as suas qualidades de arrojado chefe e, as preconisadas, de emerito guerreiro, conhecedor da « tactica applicada ». Assim é que tendo sido ajustada uma suspensão de hostilidades, entre aquelle visconde e o chefe Lavalleja, abusando este das bôas intenções daquelle, mandou arrebanhar á viva força todo o gado existente nas estancias comprehendidas desde a barra do Telho até a capella do Serrito ; o que conseguiu sem nenhum esforço, á vista da conhecida circumstancia da

suspensão de armas, aprisionando tambem um contingente de 20 homens e o official que os commandava.

Indignado com tão baixo procedimento, o Visconde da Laguna fez seguir uma divisão de cavallaria sob o commando de Henrique Brown, com o fim não só de retomar o gado como tambem « para que emprehendesse algum choque contra o inimigo, como altamente reclamava a vindicta da bôa fé ultrajada ».

Não podendo o marechal Brown retomar as rezes que já havião sido habilmente postas em logar seguro, arrojou-se destimidamente sobre o campo das cavallarias inimigas, commandadas por Julian Laguna e Latorre, as quaes foram completamente batidas, e destroçadas e assim obrigadas a uma vergonhosa retirada, apezar da sua superioridade numerica e deixaram no campo cinco mortos e vinte prisioneiros inclusive um official.

Neste encontro, que teve logar a 15 de abril de 1828, junto ao *Arroio das Cannas,* conseguiu, Henrique Brown arrebanhar dois mil cavallos dos contrarios, tendo tido apenas dois soldados feridos.

Ainda neste mez de abril foi communicado ao commando das armas da côrte ter o marechal Henrique Brown de responder a conselho de guerra, conforme solicitára, pelo que foi desligado e mandado seguir para o Rio de Janeiro onde ao chegar, tendo comparecido perante os seus pares, lavraram estes a sentença que, presente ao Conselho Supremo Militar de Justiça, deu logar a que este tribunal *o julgasse sem culpa, á vista das razões que expendera e do mais que consta do respectivo processo, não só quanto a sua conducta, como commandante interino do exercito do Sul, como pelo seu procedimento, como chefe do estado-maior do mesmo exercito.*

Assim rehabilitado perante o governo de d. Pedro I, resolveu este, por decreto de 30 de janeiro de 1830, confiar-lhe o importante cargo de governador das armas do Rio Grande do Sul, que exerceu até 11 de janeiro de 1831, data em que teve conhecimento dos despachos de 24 de novembro do anno anterior que delle o dispensava e nomeava para substituil-o o marechal de campo Sebastião Barreto Pereira Pinto.

Recolhendo-se ao Rio de Janeiro e apresentando-se ao ministro da guerra, recebeu Henrique Brown o fatal decreto de 6 de maio de 1831, que o demittia do serviço do exercito brazileiro, por ser estrangeiro, na forma do art. 10º da lei de 24 de novembro do anno transacto. Não se conformando, porém, com semelhante acto, ao governo da Regencia solicitou immediatamente fosse elle nullificado por não se julgar alcançado pelos termos da referida lei; pedido este que, tendo sido enviado á camara dos deputados, foi por ella resolvido á 24 de outubro do mesmo anno de 1831 *que ao governo competia deferir ao supplicante a respeito de sua pretenção sobre ser considerado na excepção do art. 10º da Lei de 24 de novembro de 1830.*

Vendo-se assim destituido do alto posto que espontaneamente lhe fôra dado occupar no exercito brazileiro e que pelo seu contracto, bilateral, considerava garantido, solicitou ainda do governo da regencia licença para se transportar á Europa, tendo por despacho: *Emquanto o supplicante não fôr admittido ao serviço não necessita de licença desta secretaria* (dos negocios da guerra) *para poder ir a qualquer parte;* á vista do que embarcou com aquelle destino e alli domiciliou-se.

Achando-se porém a regencia em 1839, luctando com sérias difficuldades para debellar os movimentos revolucionarios e sediciosos que irromperam no Pará, Maranhão e Rio Grande do Sul, o marechal de campo Henrique Brown *recebendo lisongeira offerta da graça de reverter ao serviço do exercito, não quiz accudir ao appello do paiz que uma vez lhe déra elevado posto nas fileiras dos seus defensores* (informação á sua reclamação posterior).

Havia decorrido mais de um lustro que as decisões e decretos do governo do Brazil se publicavam sem a phrase — em nome do Imperador o sr. d. Pedro II, — quando o marechal Brown, achando-se em Berlim, endereçou nova reclamação áquelle monarcha, no sentido de ser reintegrado no posto em que havia servido nas fileiras do exercito brazileiro, pelas razões já adduzidas.

Esta, como as precedentes reclamações, não teve o desejado deferimento, conforme se vê da imperial resolu-

ção de 25 de julho de 1846, tomada sobre consulta do extincto conselho de Estado.

Não desanimou porém o marechal Brown e, porfiando, endereçou mais uma reclamação ao governo do Brazil.

Ouvidos sobre ella o Conselho Supremo Militar, a procuradoria geral da corôa, soberania e fazenda nacional, servindo tambem de argumento o parecer da commissão especial da camara dos deputados de 14 de setembro de 1848 que reconheceu *ser incontestavel ao marechal Brown o direito que elle allega e funda nas disposições do contracto porque se engajou ao serviço militar do Imperio,* mais uma vez, detalhadamente debatido foi o assumpto no mencionado conselho de Estado, nada sendo, porém, resolvido, por ter sido sanccionada a lei n. 621, de 6 de setembro de 1851, que autorisou o governo imperial a mandar ficar sem effeito a demissão do marechal de campo Gustavo Henrique Brown e reformal-o no mesmo posto; o que foi litteralmente executado, pelo decreto de 8 do referido mez e anno.

O marechal de campo Gustavo Henrique Brown, tendo obtido a necessaria licença para continuar a residir na Europa, alli se conservou até que falleceu em Dresde (Allemanha) no anno de 1861.

Henrique Isidoro Xavier de Britto

O general Henrique Isidoro Xavier de Brito, nasceu no anno de 1782, em Lisbôa, onde verificou praça no extincto Regimento de Artilharia de Marinha a 2 de setembro de 1796.

Sendo reconhecido cadete foi admittido na Real Academia de Guardas Marinhas onde estudou com aproveitamento, sendo por aviso de 29 de junho de 1799 despachado guarda-marinha.

Promovido a 2º tenente da Armada Real, por despacho de 15 de agosto de 1805, obteve permissão para matricular-se na Real Academia de Fortificação Artilharia e Desenho, sendo premiado nos dois primeiros annos;

achava-se matriculado no 3º quando foi mandado servir no Brazil.

Chegando ao Rio de Janeiro prestou exames do «Tratado de Minas de Rose e da Hydrodinamica de Franceur».

Por decreto de 8 de março de 1808 foi promovido a capitão para o Real Corpo de Engenheiros.

Tendo sido creada a repartição do «Archivo Militar», por decreto de 7 de abril passou a ter nella exercicio a 20 de junho, tudo do referido anno de 1808.

Nesta commissão foi destacado para exercer varias outras, dentro e fóra da Côrte e provincia do Rio de Janeiro.

Graduado em sargento-mór por despacho de 13 de maio de 1809, foi promovido a effectividade deste posto por carta régia do mesmo dia e mez do anno de 1810.

Em fevereiro de 1811 foi encarregado da direcção das obras da nova academia militar; e das do quartel de artilharia em agosto de 1812, da conclusão das que foram encetadas no Hospital Militar, e da construcção do quartel do 3º regimento de infantaria no seguinte anno de 1813.

Por despacho de 13 de maio de 1814, obteve a graduação de tenente-coronel e, neste mesmo anno, passou a dirigir as obras do forte de Caraguatá, as do quartel do 1º regimento de infantaria e as da fortaleza de S. João, sendo tambem encarregado do levantamento das plantas dos «Saccos da Gambôa, do Alferes e São Diogo» para serem feitas as descriminações ordenadas pelo Conselho da Fazenda.

Além destes apreciaveis serviços, ao tenente-coronel Xavier de Britto foram commettidos nos dois annos seguintes: o do nivellamento da cidade do Rio de Janeiro; o exame das obras do novo aqueducto do «Maracanã»; o levantamento da planta de todo o terreno entre o Andarahy Grande e o campo de Sant'Anna, e o do arranjo do hospital para os lasaros na ilha das Enxadas.

Por carta régia de 5 de fevereiro de 1818 foi-lhe concedida a effectividade do posto de tenente-coronel, sendo graduado no de coronel, por despacho de 13 de maio do anno seguinte.

Em 1822, por portaria de 9 de fevereiro foi encarregado de promptificar na Quinta do Macaco (Villa-Isabel) o aquartelamento do regimento de cavallaria miliciana da Serra.

Proclamada a independencia do Brazil, a esta adherio da melhor vontade o coronel Xavier de Britto, sendo por decreto de 12 de outubro de 1823, promovido a coronel effectivo do Imperial Corpo de Engenheiros. Jurou a Constituição do Imperio e assignou a acta que a 30 de março de 1824 foi lavrada no quartel general do exercito.

Por portaria de 27 de outubro de 1826 foi encarregado do levantamento da carta da provincia de Rio de Janeiro, cuja commissão foi suspensa por aviso de 20 de dezembro de 1828.

Por decreto de 12 de outubro de 1826 obteve a graduação de brigadeiro, e continuou a prestar seus serviços nesta capital e provincia do Rio de Janeiro, sendo por decreto da regencia de 12 de setembro de 1837, promovido á effectividade do posto de brigadeiro.

Por aviso do Ministerio da Guerra de 15 de junho de 1840, a regencia, em nome do imperador, houve por bem nomeal-o presidente da directoria de Obras Publicas da provincia do Rio de Janeiro, e por decreto de 18 de julho do mesmo anno concedeu-lhe a graduação de marechal de campo.

Por decreto de 19 de agosto de 1842, por se achar doente, foi o marechal de campo Henrique Ignacio Xavier de Britto, transferido para a 3ª classe do exercito, na fórma do § 1º do art. 1º da lei n. 260 de 1º de dezembro do anno anterior, onde se conservou até que falleceu nesta capital.

João Carlos Augusto d'Oeynhausen e Grevenbourg

Visconde e marquez do Aracaty

O marechal de campo João Carlos Augusto d'Oeynhausen e Grevenbourg era natural de Lisbôa, onde alistou-se a 15 de abril como aspirante na Armada Real, sendo a 5 de junho, tudo de 1793, despachado guarda-marinha.

Concluido o respectivo curso, foi promovido a 2º tenente á 10 de novembro de 1796 e no anno seguinte, por decreto de 9 de outubro, foi transferido para o exercito com a patente de capitão aggregado á arma de infantaria ; posto este em que foi mandado para o Brazil como governador da capitania do Pará e Rio Negro.

Tendo fallecido em novembro de 1802 o chefe de esquadra Bernardo Manoel de Vasconcellos, 1º governador da capitania do Ceará, foi João Carlos Oeynhausen designado para substituil-o, sendo empossado no dito cargo a 13 de novembro de 1803.

No anno seguinte, achando-se em excursão pelo interior do Ceará e, sabendo que em Villa-Nova existia o celebre coronel Manoel Martins Feitosa, cujos actos da mais reprovada prepotencia haviam chegado ao conhecimento do Governo, para alli seguiu, acompanhado apenas do pessoal de sua comitiva, e ardilosamente procurando pousar em casa do alludido coronel conseguiu, durante a noite, captural-o pessoalmente, remettendo-o em seguida para a capital, sendo dahi deportado para Lisbôa, onde consta ter fallecido dous annos depois (Henri Koster — Voyages Pittoresques en Amérique — Brazil — 1º V., pag. 223).

Em fevereiro de 1807 deixou João Carlos a capitania do Ceará, onde foi muito apreciado, por ter sido nomeado governador e capitão general da de Matto Grosso, cargo este de que foi empossado na Villa Bella á 18 de novembro do mesmo anno.

O Sr. D. João VI, tendo em consideração os serviços prestados pelo capitão João Carlos d' Oeynhausen como governador do Pará, Ceará e Matto Grosso e « attendendo que, pelo exercicio destes cargos, se achava prejudicado na sua carreira militar, houve por bem, em carta regia de 24 de junho de 1813, promovel-o ao posto de sargento-mór, com a graduação de tenente-coronel, ficando addido ao Estado Maior do Exercito.

A 30 de dezembro foi elevado ao posto de coronel, com antiguidade de 12 de outubro, tudo do mesmo anno de 1813, continuando no cargo de governador de Matto Grosso. Por carta regia de 6 de fevereiro de 1818, foi

graduado no posto de brigadeiro em attenção aos seus serviços, deixando a 7 de janeiro do anno seguinte o cargo de governador de Matto Grosso, que exerceu por mais de onze annos.

Designado para governador de S. Paulo, tomou posse deste cargo na respectiva capital a 25 de abril de 1819, cabendo-lhe logo depois determinar fossem dadas as necessarias providencias para a tranquillidade dos moradores do districto de Itapeva, que se achavam atemorisados pelo apparecimento de numerosa horda de *bugres* pelas suas circumvizinhanças.

O brigadeiro Oeynhausen, suppondo que esses indigenas seriam capazes das atrocidades commettidas pelos de Matto Gresso, ordenou, em outubro deste mesmo anno fossem elles perseguidos pela tropa, que não lhes devia dar quartel « a não ser que se entregassem vassallos obedientes a Sua Magestade, quando não deveriam ser exterminados ou reduzidos a captiverio, como dispoem as Reaes Ordens ».

Com as noticias de que a Hespanha alimentava a idea de reconquistar suas antigas colonias na America do Sul, e que tambem se havia pronunciado hostilmente contra o reino unido de Portugal, foi ordenado pelo Governo da Côrte ao governador Oeynhausen providenciasse no sentido de ser repellida qualquer tentativa de invasão pelo seu então extenso littoral. Foi assim que determinou a divisão da provincia em quatro districtos militares, comprehendendo os tres primeiros o territorio, desde a parte banhada pelo oceano até a « Cordilheira Maritima », o qual ficou assim discriminado :

Primeira divisão : desde S. Sebastião até os limites com o Rio de Janeiro e zona correspondente, sob o commando do marechal de campo, José Arouche de Toledo Rendon, que estabeleceu o seu quartel general em Villa Bella.

Segunda divisão : desde S. Sebastião á S. Vicente, comprehendendo a zona do littoral á serra de Paranapiacaba, sob o commando do coronel de engenheiros Daniel Pedro Müller, com o seu quartel general na villa de Santos.

Terceira divisão: desde S. Vicente para o Sul da provincia foi commettido o commando ao marechal de campo Candido Xavier de Almeida e Souza, que fixou o seu quartel general em Cananéa.

Ao governador Oeynhausen ficou o privativo commando da quarta divisão, comprehendendo a zona entre a cordilheira matitima e os confins da provincia, para bem poder attender, em quaesquer emergencias a todos os pontos, inclusive auxilios a qualquer das tres primeiras divisões. Em seguida determinou a mobilisação do regimento de cavallaria miliciana de Curytiba, que devia seguir, á primeira voz, para a provincia de Santa Catharina, como reforço á sua guarnição e defesa.

Todos estes preparativos bellicos tiveram seu termo no anno seguinte (1820), conforme determinou o governo central, em aviso de 28 de fevereiro, por ter-se convencido que as taes noticias assustadoras não passavam de *ballelas*.

A 25 de novembro ainda deste anno de 1820 foi lavrada e assignada a seguinte carta regia: « Querendo contemplar a João Carlos d'Oeynhausen pelo distincto serviço que sempre prestou nos governos do Ceará e Matto Grosso: Hei por bem conceder-lhe a effectividade do posto de brigadeiro de infantaria do meu Real Exercito, em que era graduado ». — A 21 de junho de 1821, por ter sido eleito pelo povo e tropa, continuou Oeynhausen na mesma provincia, exercendo o cargo de presidente do governo provisorio.

Diz a historia patria que logo depois de organisado o primeiro governo do Brazil, sob a direcção de José Bonifacio, um grupo de outros patriotas chefiados por José Clemente Pereira se declarou em opposição ao dito governo.

Entre os amigos dedicados deste novo partido — Liberal fluminense — contavam-se na capital de S. Paulo, além de outros, o brigadeiro Oeynhausen e o ouvidor da Camara, José da Costa Carvalho, os quaes, dedicados tambem ao principe D. Pedro « não se afastavam do caminho legal, embora procurassem sempre oppôr os seus conceitos a todas as medidas propostas por Martim Francisco,

membro do Governo provisorio »; fazendo este sciente a seu irmão José Bonifacio de todas estas e outras occurrencias que se davam na capital de S. Paulo, resultou que o principe D. Pedro, não satisfeito com taes noticias, mandasse lavrar o aviso de 10 de maio de 1822, determinando ao Governo provisorio de S. Paulo que fossem remettidos para o Rio de Janeiro o seu presidente, o Brigadeiro João Carlos Augusto d'Oeynhausen e o ouvidor da Camara, José da Costa Carvalho, « *no intuito de evitar lutas e conflictos no seio do Governo provincial* ».

Chegando ao conhecimento do povo este acto, *que foi classificado de altamente arbitrario,* os do partido contrario á Martim Francisco, exasperados, prorromperam em invectivas contra o mesmo, a quem deram como promotor de tal ordem ; dahi as reuniões que tiveram logar na praça publica, onde reunindo-se o povo e tropa ao toque de rebate, no dia 23 do mesmo mez, em manifesto dirigido á camara solicitavam os seus bons officios junto ao governo provisorio, para que fosse conservado em sua presidencia o brigadeiro Oeynhausen, conforme se vê do seguinte documento :

« Illms. e exms. srs. — Achando-nos reunidos, a instancias do povo e tropas, postados nesta praça, nos foi unanimemente representado que mui sisudamente requeriam a conservação do exm. sr. João Carlos Augusto de Oeynhausen, presidente deste governo, bem como a deposição do secretario dos negocios do interior o sr. coronel Martim Francisco Ribeiro de Andrada, e igualmente do membro do mesmo governo, brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão, por serem ambos perniciosos a esta provincia.

« A' vista do referido, se servirão VV. EEx. dar as providencias que julgarem mais acertadas, fazendo-nos a honra de participar-nos, por nos achar em sessão.

« Deus guarde a VV. EEx.—S. Paulo, em camara extraordinaria de 23 de maio de 1822.—Illms. e Exms. Srs. do Governo provisorio desta provincia.— *Bento José Leite Penteado. — Antonio de Siqueira e Moraes.— Caetano Pinto Homem. — Luiz Manoel da Cunha Bastos* ».

A este officio respondeu o governo na mesma data, do seguinte modo :

« O governo provisorio, em resposta ao officio de VV. SS. desta mesma data, declara que é um verdadeiro acto de desobediencia o deixar de cumprir as ordens de S. A. Real, assim como não é da sua competencia demittir os dous membros eleitos pelo povo, e sanccionados pelo mesmo Augusto Senhor ; mas os referidos membros, sabendo da vontade denominada do povo e tropas e desejando em tudo concorrer para o socego da provincia e para que nenhuma vergonha ou macula sobre ella recaia, deram immediata e voluntariamente a sua demissão ; e para obter-se o mesmo fim o Exm. Sr. presidente se obriga a ficar ; o que tudo se participa a VV. SS. para sua intelligencia. — *João Carlos Augusto d'Oeynhausen,* presidente. — *Miguel José de Oliveira Paes,* secretario. — *Daniel Pedro Muller. — Antonio Maria Quartim. — Francisco de Paula e Oliveira. — André da Silva Gomes. — João Ferreira de Oliveira Barros.* — Srs. juizes de fóra, pela lei, presidente e officiaes da camara desta cidade ».

Depois de lida em sessão da camara este documento, foi deliberada a sua publicação immediata, acceitando o povo e tropa, com ruidosa demonstração, a demissão dos dous alludidos membros do governo provisorio e a permanencia do seu presidente, brigadeiro João Carlos d'Oeynhausen, lavrando-se de tudo o competente termo.

De todas estas occurrencias e das que se deram no seguinte mez de junho se fizeram as necessarias communicações ao governo da côrte, para onde seguiu logo após o coronel Martim Francisco Ribeiro de Andrada, sendo, porém, bem acolhido pelo principe d. Pedro « como amigo e dera-lhe inequivocas demonstrações de apreço, já porque lhe reconhecia os serviços e qualidades selectas, já porque era irmão de José Bonifacio e de Antonio Carlos ».

Conseguiu então o coronel Martim Francisco que fossem tomadas energicas providencias a respeito dos negocios da provincia de S. Paulo ; assim é que a 25 de junho expediu seu irmão José Bonifacio, na qualidade de ministro do imperio, um energico aviso em resposta ao que recebera da junta sobre os acontecimentos supra referidos, em o qual, estranhando o seu modo de proceder, reiterava-lhe a deliberação do governo do principe « para

que immediatamente a executasse, não só em relação á retirada do brigadeiro João Carlos d'Oeynhausen e ouvidor Costa Carvalho, como tambem para que se procedesse a uma severa e escrupulosa investigação seguida de um processo regularmente feito contra os miseraveis e facciosos que haviam levantado o povo e tropas, e reclamando daquella junta o não cumprimento das resoluções do poder competente e superior, a que todos deviam obedecer».

Recebendo o brigadeiro João Augusto a categorica determinação de deixar a presidencia do governo, pondo-lhe o respectivo — cumpra-se — escreveu em seguida :

«Recebi a intimação, que muito fielmente cumprirei, e me dou por demittido da autoridade, que só conservei até saber a real vontade do Serenissimo Senhor Principe Regente, que desta carta regia consta. — S. Paulo, 16 de julho de 1822».

Dado o que, se transportou no dia seguinte para o Rio de Janeiro, onde se conservou até que a 22 de janeiro de 1826, tendo então o titulo de visconde de Aracaty, foi eleito e escolhido senador pela provincia do Ceará, tomando assento em 4 de maio do mesmo anno.

No anno seguinte, elevado de visconde a marquez do mesmo titulo, foi o brigadeiro Oeynhausen reformado no posto de marechal de campo por decreto de 7 de fevereiro, e a 20 de novembro foi-lhe confiado o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, em o qual ainda lhe foi dado demonstrar o quanto se interessava pelos negocios da sua patria adoptiva.

Em consequencia das reiteradas queixas dos subditos do rei de França, pelo aprisionamento dos seus navios pela esquadra brazileira, em operações de guerra e bloqueio do Rio da Prata, deliberou o seu governo que fosse compellido o do Brazil a pagar-lhes a indemnisação reclamada, antes de ser o assumpto submettido á decisão do tribunal competente, e, para apoiar tão intempestivo alvitre, como é sabido, surgiu a 6 de julho de 1828 na barra do Rio de Janeiro a esquadra franceza, composta de doze possantes navios de guerra, sob o commando do almirante Roussin, com apparatosas e grosseiras demonstrações de hostilidade, pois além de não corresponder as

saudações das pragmaticas, entrou sem o menor aviso na bahia, tomando posição em ordem de combate em frente á esta cidade.

O general Oeynhausen, na qualidade de ministro dos estrangeiros, pressuroso, reclamou as necessarias explicações do marquez de Gabriac, diplomata residente da França, e ao responder-lhe este que o almirante trazia instrucções para que fossem dadas immediatas satisfações das indemnisações exigidas pelos subditos francezes, as quaes deviam ser apoiadas com a força maritima de que dispunha, estabeleceu elle, como preliminar a todo e qualquer ajuste, que a dita esquadra abandonar devia a attitude hostil e ameaçadora que ostentava, o que foi acceito pelo mencionado diplomata, concluindo-se assim o accôrdo, e lavrado o competente documento, assignado a 21 de agosto de 1828, ficando nelle assentado que se liquidariam as indemnisações até o fim do anno seguinte.

Resolvida a questão pacificamente, desembarcaram os officiaes da esquadra, que foram levados aos paços do Imperador pelo marquez de Gabriac, afim de cumprimental-o, sendo depois esta visita retribuida pessoalmente, afim de que ficassem provadas *as boas relações de amizade* entre os governos das duas nações.

Ao marechal de campo Marquez de Aracaty, ainda como ministro dos negocios estrangeiros, coube o difficil encargo de relutar, para não ser desannexada do Imperio a provincia Cisplatina, proposta esta apresentada pelo mediador inglez, quando se tratava de estabelecer a paz entre o Brazil e o governo de Buenos-Aires, sendo neste patriotico esforço fortemente auxiliado pelo seu collega José Clemente Pereira.

Como sabemos, não foi possivel conservar esse pomo de discordia e, conforme o estipulado no convenio de 27 de agosto de 1828, deixou a Cisplatina de ser provincia do Brazil para se constituir um Estado autonomo « livre e independente de toda e qualquer nação, adoptando o governo que julgasse mais conveniente ».

O marechal Oeynhausen ainda no governo se conservou, até 13 de abril de 1829.

Por occasião dos successos de abril de 1831, ainda lhe foi dado occupar o mesmo cargo no gabinete de 5 de abril denominado — ephemero — deixando-o a 7, dia em que foi dado o GOLPE DE ESTADO.

Depois destes acontecimentos seguiu o marechal de campo Marquez de Aracaty para a Europa, razão pela qual, não tendo comparecido á abertura do Congresso Nacional, foi, a 15 de maio do mencionado anno de 1831, considerada vaga a sua cadeira de senador pelo Ceará, por não ter obtido a necessaria licença para ausentar-se do Imperio.

O marechal Marquez de Aracaty, durante os 30 annos que serviu no Brazil como governador de quatro das suas antigas capitanias, demonstrou elevados dotes administrativos, exercendo os ditos cargos « com probidade e reconhecida illustração, procurando sempre attingir o justo e honesto, desenvolvendo-se com zelo, bem acceito no cumprimento dos seus deveres, qualidades estas que foram visivelmente modificadas, quando em S. Paulo teve de exercer um governo partilhado », o que deu logar aos acontecimentos de maio e junho de 1822, é dos quaes resultou a sua retirada, quasi forçada, do mesmo governo.

Não se póde, entretanto, deixar de reconhecer os serviços que ao Brazil prestou e que não teve escrupulos em se tornar adepto de sua independencia, esforçando-se mesmo para mantel-a ; porém, que os successos de abril de 1831, que deram logar a que o governo do Brazil fosse entregue a uma regencia provisoria, composta de tres membros, actuaram de tal modo em seu espirito, que o levaram a despir-se das honrarias e altas posições de que se achava investido pela sua patria adoptiva, por ter renunciado os direitos de cidadão brazileiro, em face do art. 7º da constituição de Imperio, acceitando o logar de governador de Moçambique, onde veio a fallecer no dia 28 de maio de 1838.

João Chrysostomo Callado

Filho do coronel Manoel Joaquim Callado, João Chrysostomo Callado, nasceu na cidade de Elvas (Portugal),

no dia 24 de março de 1780 e verificou praça de 1º cadete no regimente 20 de infantaria a 26 de março de 1795.

Tomou parte na campanha contra os hespanhóes em 1801, e do anno seguinte até o de 1804, cursou as aulas de mathematica com suas applicações á arte da guerra.

Em 5 de janeiro de 1805 foi promovido a tenente, e neste posto deixou o serviço militar durante o dominio francez ; apresentando-se, porém, logo depois, ao tenente-general Paula Leite, foi por elle designado para servir sobre as ordens do general D. Antonio d'Arce e com elle entrou em Portugal fazendo parte da divisão de tropas hespanholas, para bater as do governo francez.

Por decreto de 12 de dezembro de 1810 foi promovido a capitão ; pela sua conducta na acção de 5 de março de 1811, junto á Childana, foi graduado em sargento-mór em janeiro do anno seguinte.

Fez parte da expedição que sahiu de Cadix para Sevilha, onde prestou bons serviços, e, na acção de 17, em S. Munhoz, commandando uma ala do 2º regimento de caçadores, obstou a passagem dos inimigos nos váos de um rio, demonstrando assim zelo, valor e acerto pelo que, por decreto de 29, tudo de novembro de 1812, foi confirmado no posto de sargento-mór.

Por ter tomado parte nessas lutas, obteve a cruz das campanhas da Peninsula como attestado dos seus bons serviços de guerra durante o periodo de 1808 a 1814.

Em 1815, por decreto de 22 de junho foi Chrysostomo Callado elevado ao posto de tenente-coronel.

Sendo designado para fazer parte da divisão que, sob ás ordens do tenente-general Lecór, devia embarcar para o Brazil, com ella aportou ao Rio de Janeiro a 30 de de março de 1816, commandando o 4º batalhão de caçadores, que organizou na melhor ordem e disciplina.

Com esta divisão seguiu Callado para a campanha do Sul, cabendo-lhe então o commando do 2º regimento de infantaria, e mais tarde os de diversas brigadas, havendo-se nelles, e nos combates em que entrou, com «sizudez e bom senso», conservando aquellas unidades na melhor ordem.

Nomeado cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz, em junho do dito anno de 1816 ; graduado em coro-

nel a 22 de janeiro de 1818 e promovido á effectividade deste posto, por decreto de 24 de junho de 1820, foi ainda por acto de 30 de janeiro de 1821, distinguido com o gráo de cavalleiro da ordem da Torre e Espada, Valor, Lealdade e Merito.

Em 1822 com a brigada de seu commando fez causa commum com as tropas brazileiras que pugnavam pela independencia, contra as forças ao mando do general D. Alvaro da Costa, que, senhor da praça de Montevidéo, fez sequestrar os bens que nella possuia o coronel Callado !

Depois da capitulação da praça e consequente retirada de D. Alvaro para a Europa, ao coronel Chrysostomo Callado coube a missão de vir ao Rio de Janeiro relatar ao monarcha tudo quanto se dera na provincia de Montevidéo, com relação á proclamação da independencia do Brazil.

Promovido a brigadeiro graduado, por decreto de 12 de novembro de 1822, e agraciado com as medalhas das campanhas do Sul, por despacho de 21 de janeiro de 1823, regressou á Montevidéo, onde se fazião precisos os seus serviços.

Por acto do general em chefe foi nomeado a 15 de março de 1825 commandante da guarnição e do departamento de Maldonado, onde lhe chegou a patente de brigadeiro effectivo, lavrada em virtude do decreto de 20 de junho do mesmo anno, e bem assim o diploma que lhe autorizava o uso da «Cruz de Ouro» pelos effectivos serviços que prestou na provincia de Montevidéo, no periodo de 1817 a 1821.

Reaberta a campanha, ainda neste anno de 1825, continuou o brigadeiro Callado a prestar ao Brazil os melhores serviços, merecendo por elles o officialato da ordem Imperial do Cruzeiro, sendo-lhe dado o commando de uma divisão das forças brazileiras que se batiam contra os valorosos insurgentes da Cisplatina. Deixou o dito commando, por ter sido chamado pelo general Marquez de Barbacena para servir no exercito que manobrava na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Conforme se vê da organização dada a esse exercito, ao brigadeiro Callado coube o commando da divisão da esquerda, a mesma que na celebre batalha de 20 de fevereiro de 1827, manobrou e combateu com reconhecida pericia e sangue-frio, como bem se deprehende do seguinte documento !

« Illm. e Exm. Sr. — Pelas inclusas partes dos commandantes das brigadas da 2º divisão do meu commando, verá V. Ex. os serviços, que a cada uma d'ellas coube desempenhar debaixo de minhas ordens na batalha do dia 20 do corrente, junto ao passo do Rosario e rio Santa Maria e cumprindo com o que V. Ex. verbalmente me exigio de dar-lhe uma conta detalhada de todos os factos, passo a expendel-os da fórma seguinte :

A minha divisão apresentou-se no campo da batalha ás 6 horas da manhã, formando a direita do exercito ; julgando V. Ex. acertado collocar-me muito mais para esquerda, fui conduzido pelo quartel mestre general do exercito em direcção a uma collina como a 1.800 passos da minha primeira posição : foi-me ordenado novamente depois de ir a caminho, o retirar-me, e formar mais unido á esquerda do exercito, o que cumpri, ficando ainda a minha esquerda, 560 homens ao commando do Sr. marechal Abreo, e duas peças de artilharia á direita, onde V. Ex. se achava collocado ; sustentadas por uma companhia de caçadores : foi depois uma outra peça entregues ao Sr. marechal Abreo, recebendo eu ordem de defender a esquerda do exercito.

Principiou o fogo na artilharia da nossa direita, das 7 para as 8 horas da manhã, seguido pela peça da esquerda ás ordens do dito Sr. Abreo, e continuaram as duas á minha direita, onde V. Ex. se achava, quando logo desceram as forças da cavallaria inimiga a atacar os nossos flancos e então me preparei a recebel-as, formando a minha 4ª brigada de cavallaria em columna de esquadrões á esquerda para sustentar o Sr. marechal Abreo e repellir o inimigo, e ordenei a 2ª de infantaria a formar quadrado, ao qual fiz reunir nos angulos as 2 peças de artilharia, que V. Ex. alli tinha deixado por julgar de outra fórma perdidas por demasiado fracas.

Atacam 4 esquadrões inimigos a força do Sr. marechal Abreo que eu sustentava com a 4ª brigada de cavallaria, e esta pelo quadrado do 2º de infantaria estando a 3ª brigada de cavallaria em reserva, para defender e observar a minha direita, centro do exercito : desgraçadamente a gente do Sr. Abreo não recebe a carga do inimigo, retira-se, abandona a peça de artilharia, atropela o 5º regimento de cavallaria que se achava em columna, e cahe uma força desordenada sobre o meu quadrado. Grito ao Sr. marechal Abreo que se contenha, mas não sou ouvido nem attendido, talvez porque S. Ex. já vinha ferido ; o meu cavallo cahe morto e eu grito de pé com furor ao quadrado que faça fogo para não ser roto, montando logo n'outro cavallo e ordenando ao 5º regimento de cavallaria da 4ª brigada se fizesse forte, afugentando todas essas disposições o inimigo. O 5º regimento de cavallaria voltou logo á sua ordem e o mandei tomar a peça perdida pela gente do Sr. Abreo.

O inimigo prepara-se para novo ataque : mando o mesmo 5º de cavallaria da 4ª brigada, e o 20 da 3ª, que o recebessem, atacam-se e é repellido o inimigo. Recebo em seguida ordem de V. Ex. para destacar a 3ª brigada de cavallaria em protecção a 1ª divisão, o que cumpri mandando que marchasse : vejo seguir pela minha esquerda, como para cortar, ou atacar a minha retaguarda ou talvez tomar o caminho para onde seguio nosso exercito uma força inimiga, como de um esquadrão ; mando que o capitão Garcez com o do seu commando o ataque : este official faz muito barulho, dizendo-me que a sua gente o não obedecia. Grito-lhe se ponha em marcha, á sua frente, não o consigo, apezar de alguns esforços, e tomei a deliberação immeditamente de mandar que um esquadrão do 5º regimento de cavallaria, ao mando dos capitães Belchior da Roza, e Brito protegesse a companhia do capitão Garcez; dando ordem ao dito para castigar os que não seguissem.

A parte junta do mencionado capitão Belchior relata o resto, sendo a final o inimigo retirado sem que a nossa força chegasse á elle, e sendo unido ao seu corpo, pois se preparava o inimigo a de novo atacar-me com dez esquadrões de cavallaria formados em duas linhas, é neste mo-

mento que recebo ordem pelo coronel Joaquim Antonio de Alencar para marchar com minha divisão para a direita, caso estivesse desembaraçado do inimigo: mostrei-lhe o estado em que me achava, respondeu-me de ordem de S. Ex. não desse execução á dita determinação e sendo logo a minha infantaria ameaçada, passei a cavallaria á retaguarda do quadrado formado da minha segunda brigada de infantaria. O inimigo tenta rompel-o, mas esperando-o a 20 passos de distancia, mando fazer-lhe fogo, retirando-se o inimigo em debandada, saio fóra do quadrado e ordeno ao 5º Regimento de Cavallaria o perseguisse, indo valerosamente o seu commandante na frente, e eu acompanhando-o para obrigar os soldados á carga os quaes se achavam fatigados e com pouca confiança nos cavallos por cançados, pois eram já duas horas da tarde: avisam-me que a direita do Exercito se retirava.

Dous esquadrões inimigos avançam sobre o meu flanco direito, como para cortar o 5º Regimento da minha cavallaria, faz o quadrado fogo, á voz do commandante da brigada da minha divisão, tão felizmente, que resultou ficarem do 1º esquadrão inimigo 16 a 20 homens a cavallo e o 2º debandou.

Principío a minha retirada á exemplo da 1ª divisão levando a minha infantaria em quadrado, com os feridos no centro, parte da 4ª brigada de cavallaria em atiradores na retaguarda do quadrado e o resto em columna na frente, sendo eu perseguido constantemente pelo inimigo: encontro no caminho a maior parte da nossa artilharia em dispersão, alguns carros de munições, a cavalhada, a boiada que tudo levo na minha frente e guarda; diligencia arriscada, que para actival-a muito coouperou o tenente-coronel commandante do 5º Regimento de Cavallaria, sustentando continuo fogo contra meus perseguidores que haviam incendiado o pasto, sendo todo o campo um vulcão, que eramos obrigados a trilhar, menos a minha 3ª brigada de cavallaria, que destaquei por ordem de V. Ex. para a 1ª divisão.

Só junto á noite pude unir-me á V. Ex., salvando quanto levo dito, e recebendo com lisonja agradecimentos de V. Ex., em frente de meus valentes subditos, á quem

aquelles agradecimentos eram devidos. Desde o principio ao fim da acção, os chefes, officiaes e praças dos corpos do meu commando comportaram-se com denodado valor e todos merecem a attenção de V. Ex. áquem recommendo com especialidade os serviços do tenente coronel do 5º Regimento de Cavallaria, Felippe Nery de Oliveira, do meu ajudante de ordens, o tenente Claudio José dos Santos e com especialidade, o tenente-coronel commandante do batalhão 18, Bento José Lamenha, ferido com bala de fuzil na perna esquerda, conservando-se assim mesmo no commando do seu batalhão, até que dous dias depois foi possivel o ser regularmente tratado.

Eu sinto não ter mais forças e mais saber militar, para bem ajudar á V. Ex. Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Campo 24 de fevereiro de 1827. — Illm. Ex. Sr. Marquez de Barbacena, commandante em chefe do exercito. — *João Chrisostomo Calado*, commandante da 2ª divisão.»

O general Visconde da Laguna, assumindo o commando do exercito, por ter se recolhido á côrte o Marquez de Barbacena, designou-o para commandar as tropas brazileiras de posse da praça de Montevidéo, cargo este que deixou, por ter sido por decreto de 1º nomeado commandante da praça e colonia de Sacramento, em cujo cargo se conservou até que as tropas brazileiras abandonaram a provincia, *ex-vi* de tratado de 28, tudo de agosto de 1828.

A 12 de outubro ainda desse anno foi Chrisostomo Callado graduado no posto de marechal de campo e no seguinte, por decreto de 26 de janeiro, designado para o commando das armas de Santa Catharina.

Ao ser empossado neste cargo, por não ter querido proteger idéas e planos de systema, de governo absoluto, que algumas autoridades machinaram, foi denunciado, e por aviso de 28 de julho de 1829 submettido a conselho de guerra, que o absolveu unanimente, sendo a sentença confirmada pelo conselho supremo militar, e que declarou seu comportamento «não só irreprehensivel, mas louvavel».

Voltou áquella provincia no exercicio do referido cargo de commandante das armas, para que foi nomeado

por acto de 30 de janeiro do anno de 1830, sendo delle dispensado em março do mesmo anno, em o qual tambem recebeu os diplomas de commendador das ordens militar de Aviz e da Rosa.

Nomeado commandante das armas da Bahia, onde fermentava a exaltação revolucionaria, foi o marechal Callado empossado nesse cargo a 2 de abril ainda de 1830, e o abandonou a 23 de abril, por ordem do presidente da provincia, Luiz Paulo de Araujo Bastos, no intuito de evitar o derramamento de sangue, á vista das energicas medidas que pretendia Callado pôr em pratica, com o fim de supplantar a sedição e a revolta que pela tropa e povo se haviam manifestado, com profunda perturbação da ordem e disciplina.

Ao chegar á côrte, foi por aviso de julho, tudo de 1831, mandado recolher preso e submettido a conselho de guerra, que o absolveu, sendo a sentença confirmada pelo conselho supremo militar, declarando este que assim o fazia, não só por se lhe não provar criminalidade, mas até por serem louvaveis todos os seus procedimentos.

Depois destes acontecimentos, no gozo de uma licença, seguiu o marechal Callado para Montevidéo, donde regressou em 1833.

Por decreto de 12 de setembro de 1837 foi confirmado no posto de marechal de campo, e por outro de 28 de janeiro do anno seguinte é pela segunda vez nomeado commandante das armas da Bahia, de cujo cargo tomou posse em 23 de fevereiro, sendo então incumbido de formar um exercito em força e disciplina, para oppôr-se aos revoltosos, que dominavam a provincia desde 7 de novembro de 1837; feito o que, dirigiu em pessoa as operações, que duraram dias, conseguindo afinal que a revolta fosse debellada nas memoraveis batalhas de 13 e 16 de março de 1838, restituindo assim áquella provincia ao governo legal e os revoltosos á obediencia ao governo imperial.

Regressando á côrte, por decreto de 6 de abril, é designado vogal do Conselho Supremo Militar, e logo depois promovido a tenente-general por outro de 20 de agosto, tudo ainda do anno de 1838, em attenção aos relevantes

serviços que prestou a bem da ordem e integridade do Imperio, na provincia da Bahia.»

Nomeado conselheiro de guerra por decreto de 18 de julho de 1841, oito annos depois solicitou a sua reforma, a qual lhe foi concedida no posto de marechal de exercito, por contar mais de quarenta annos de serviço, conforme se vê do decreto de 19 de julho de 1849.

Depois de reformado continuou o marechal Callado no exercicio de suas funcções de conselheiro de guerra, até que veio a fallecer nesta capital a 1º de abril de 1857.

João de Deus Menna Barreto

(Visconde de S. Gabriel)

Os documentos que serviram para traçarmos as linhas que seguem, demonstram ter nascido, em 1769, no Rio Grande do Sul, o marechal de exercito João de Deus Menna Barreto, filho do coronel João de Deus Barreto Pereira Pinto.

Dotado de pronunciada vocação para a nobre carreira das armas, ao entrar na juventude, alistou-se no regimento de dragões do Rio Pardo, onde percorreu em poucos annos os postos de official subalterno. Havendo com o seu regimento tomado parte na campanha de 1801, logo depois foi elevado ao posto de sargento-mór, obtendo a patente de tenente-coronel para o mencionado regimento, por carta régia de 23 de julho de 1808.

Quando o capitão-general D. Diogo de Souza, em cumprimento da carta régia de 6 de junho de 1811, teve de invadir a provincia de Montevidéo, á frente do denominado — Exercito Pacificador da Banda Oriental — em julho desse mesmo anno, antes de o fazer mandou uma columna guarnecer convenientemente o territorio das Missões, dando o seu commando ao tenente-coronel João de Deus, que no numero dos officiaes que ficaram ás suas ordens contava o tenente-coronel José de Abreu, ao depois marechal e barão do Serro Largo.

Depois de terem regressado á capitania do Rio Grande do Sul, as forças sob o commando do mencionado D. Diogo, por conveniencia do real serviço, foi João de Deus

transferido para o regimento de cavallaria de milicias do Rio Pardo no posto de coronel, em o qual foi confirmado pela carta régia de 20 de janeiro de 1813, sendo ainda por despacho de 13 de maio do mesmo anno, graduado em brigadeiro, continuando no commando do mesmo regimento.

Como sabemos, em consequencia das correrias e depredações de que eram victimas os habitantes da capitania do Rio Grande do Sul, por parte dos sequazes de D. José Gervasio Artigas, deliberou o governo de D. João VI praticar a guerra offensiva contra tão audacioso caudilho, por quanto eram inefficazes os meios de defesa até então mantidos para demover os perigos latentes e pôr no devido respeito á soberania do Brazil, os desordeiros e malfeitores que se haviam incorporado ás suas forças. Para garantir o melhor exito possivel dos seus designios, sabe-se tambem que aquelle principe fez vir de Portugal a divisão de voluntarios reaes do commando do general Frederico Lecor que operar devia de accôrdo com o capitão-general governador do Rio Grande, no sentido de serem conquistadas as cidades de Montevidéo, Maldonado, etc.

Isto feito iniciou-se a campanha de 1816, tão despretenciosamente descripta, e com apreciaveis documentos, na memoria publicada no tomo VII da—Revista do Instituto Historico — desta capital, pelo saudoso tenente-coronel de infantaria Diogo Arouche de Moraes Lara, da Legião de São Paulo, e que nessa campanha tomou parte.

Ao brigadeiro João de Deus não foram regateadas occasiões proprias a tornar-se celebremente valoroso e de perfeito tino militar em tal campanha ; assim é que sciente o tenente-general Xavier Curado do triumpho das armas brasileiras, em 3 de outubro desse anno no territorio das Missões, concebeu o plano de accommetter a divisão do caudilho Verdum, que occupava as margens do Quaraim, com pleno dominio sobre o Ibirocahy, Inhanduy e Paipasso, e para executar esta difficil commissão confiou na « capacidade do habil brigadeiro João de Deus Menna Barreto, que para este fim, destacou do quartel-general de

Ibirapuitan-chico, no dia 13 de outubro de 1816, com uma columna de 480 homens, composta de 150 do regimento de infantaria de Santa Catharina ; 300 de cavallaria miliciana, 20 de guerrilhas de voluntarios e 30 praças de artilharia da Legião de São Paulo, com duas peças, calibre 3. Pequena força que elle organisou e lhe deu a melhor ordem no sentido geral, depois de começar a sua marcha pela ordem do dia 15 do dito mez de outubro, na qual nada ficou a prevenir. Ella emfim é a producção de um habil e prudente general e só basta para assegurar ao brigadeiro o bem merecido conceito que gosa de taes qualidades ».

« Esta columna pois forçou as suas marchas em direcção ao Ibirocahy, buscando o inimigo ; e no dia 18 teve a noticia certa da posição de Verdum, estando della muito approximado ; e posto que até aquelle dia não pudesse verificar a sua juncção com o tenente-coronel Abreu, conforme as instrucções do general Curado, apezar disto e posto que as forças de Verdum (que tinha 800 homens) excedesse ás da sua columna, o brigadeiro João de Deus comtudo resolveu investir ao inimigo no dia seguinte e com este objecto se pôz em marcha na noite do dito dia 18 ».

Pela manhã do dia seguinte descobriu a vanguarda do inimigo, forte de 200 homens que bateu e derrotou com a sua cavallaria, ficando no campo 18 mortos e muitos feridos, que com o resto dos seus, procuraram abrigo no grosso da columna.

Marchava João de Deus com tres columnas em uma perfeita planicie, tendo a de infantaria no centro com as duas boccas de fogo que ficavam mascaradas pelas duas de cavallaria dos flancos e da vanguarda, disposição esta com que pretendendo chamar a attenção de Verdum não deu ordem para picar de perto a sua destroçada avançada.

« Verdum porém estava com a sua linha de batalha sobre á margem do Ibirocahy em posição vantajosa, na qual não mostrava ceder, antes havia apparencia de alli esperar o ataque ».

« A' vista disto o brigadeiro Barreto avançou para a frente e desenvolveu a sua columna em batalha, fazendo o centro a infantaria, a cujos flancos se postaram as duas peças de 3, ficando guarnecidas pelas alas de cavallaria da direita e esquerda. Ainda não estava completo o desenvolvimento quando a linha portugueza principiou pelo centro a bater o inimigo com o seu fogo, começando por uma viva canhonada, que foi seguida de vehemente fuzilaria, ao que o inimigo retribuiu promptamente com grandes descargas, porém sem effeito ».

« Algum tempo se passou desta maneira, e a acção estava indecisa porque a cavallaria inimiga aterrada pelo successo do primeiro choque não deixava a sua posição e nem tentava ataques sobre a linha portugueza, e o commandante desta não se resolvia a investir ao inimigo na posição que occupava, por não poder alli esperar vantagem, sem grande perda da sua parte, principalmente attendendo á circumstancia de não ser possivel empregar em tal terreno toda a sua cavallaria. Em consequencia deliberou-se ao *estratagema* de falsa retirada, para convidar o inimigo a perseguil-o e pôl-a immediatamente em pratica, com todas as disposições e apparencias de realidade. »

« Este movimento incitou o inimigo a largar o terreno em que estava e perseguir a linha portugueza ; e o brigadeiro Barreto para mais o persuadir a isto, mandou que os soldados largassem as moxillas e fez picar a marcha de retirada ; então o inimigo abandonou inteiramente o seu terreno vantajoso, e carregou em desordem a retaguarda da linha portugueza, que todavia se retirava a largo passo. Finalmente o brigadeiro Barreto, havendo trazido o inimigo á perfeita planicie, fez alto, volveu a retaguarda e de repente investiu o geral da linha dos contrarios pela frente e flancos, com uma carga de cavallaria, que a victoria se declarou immediatamente a seu favor, e o inimigo foi completamente derrotado por todas as partes, salvando-se apenas pouca gente de cavallaria, porque a infantaria foi toda morta e o resto prisioneiro, principalmente da infantaria portugueza que a investiu pelo centro ».

« Verdum salvou-se na fuga, deixando no campo de batalha 238 mortos, inclusive 11 officiaes, 24 prisioneiros,

armas, cavallos, munições, finalmente quanto tinha, que tudo cahiu nas mãos dos portuguezes, que não perderam nesta acção mais que 2 mortos e 22 feridos, inclusive o brigadeiro Barreto ».

« Assim findou a batalha de Ibirocahy, tão funesta para o inimigo, que alli purgou os crimes e horrores commettidos na invasão daquelle territorio por elle assolado, etc. » (Moraes Lara ; memoria já citada).

Logo depois deste glorioso feito recebeu João de Deus a seguinte carta :

« Eu teria muitos motivos de sentimento pelo incommodo que V. S. tem soffrido, si V. S. mesmo me não tivesse dado tantas razões para alegrar-me na concurrencia de tantas acções brilhantes do valor e boa conducta na disposição do ataque e na conclusão da victoria. E' certo que V. S. derramou muitas gottas de seu sangue ; mas adquiriu muitos gráos de gloria, e como interesso-me muito nas felicidades de V. S. só me lembro que a sua ferida ha de sarar em breve tempo e que o seu merecimento será eterno. Hontem ao principio da noite partiu o professor com os appositos e remedios necessarios : é natural que V. S., a quem Deus guarde por muitos annos, o encontre como desejo, afim de beneficiar os nossos valorosos companheiros e restituir a saude a V. S. Acampamento de Ibirapuytan, 20 de outubro de 1816. — De V. S. muito obsequioso venerador *Joaquim Xavier Curado* ».

A' 4 de janeiro de 1817, já restabelecido do seu honroso ferimento, tocou-lhe na batalha de Catalão o commando da ala esquerda do exercito de que era chefe o Marquez de Alegrete, a qual se compunha de cavallaria, sendo uma parte a pé, e uma bateria de tres peças de calibre 6 ; e porque no ardor do combate pretendesse a cavallaria do flanco direito do inimigo apossar-se da cavalhada que se achava á retaguarda do acampamento, pondo-se á frente de um corpo da sua cavallaria, se empenhou João de Deus em defendel-a, o que conseguiu repellindo o inimigo, recolhendo em acto continuo a dita cavalhada para o interior do campo, fazendo-a passar o rio Catalão.

Proseguia a acção, que aliás estava indecisa, quando a ala esquerda do inimigo desanimando, executa a retirada, e logo é perseguida pela cavallaria do coronel José de Abreu, que com esta carga faz decidir a victoria pela ala direita do nosso exercito, que derrota completamente a cavallaria do inimigo, seguindo-se logo o ataque da sua infantaria pela nossa que a desalojou da boa posição em que se achava, numa barranca, sendo tambem destroçada.

« E no emtanto o general Xavier Curado e brigadeiro João de Deus dirigiram com igual successo e valor os ataques contra o centro e direita do inimigo que, como nas mais partes da sua linha, foi completamente derrotado, fugindo os dispersos por todas as direcções, e sendo por todas ellas carregados e perseguidos pela cavallaria dos vencedores ».

Na parte enviada ao Governo, em 8 de janeiro de 1817 pelo marquez de Alegrete, governador da capitania do Rio-Grande do Sul e commandante em chefe do exercito, que alcançou a victoria no Catalão, lê-se o seguinte :

« Foi muito distincto o comportamento dos brigadeiros graduados Joaquim de Oliveira Alves, chefe da legião de S. Paulo, e João de Deus Menna Barreto, chefe do regimento de milicias do Rio Pardo ; e não é esta a primeira vez qne, por motivos semelhantes, eu ponho na presença de S. M. os nomes destes dignos officiaes ».

Ainda neste anno de 1817 foi João de Deus louvado por Sua Magestade, em aviso do ministerio da guerra de 2 de fevereiro, pelos seus serviços e valor manifestado na acção de Ibirocahy, em que, apezar da superioridade numerica do inimigo, conseguiu derrotal-o com grave perda ; e por carta régia de 24 de junho promovido á effectividade do posto de brigadeiro, com antiguidade de 25 de abril do dito anno por distincção na acção de Ibirocahy, em que foi ferido, e na de Catalão.

Em o seguinte anno de 1818, havendo o cabecilha Aranda, com mil e trinta homens procurado atacal-o junto ao arroio Guabijú, deu-se o combate que tornou-se formidavel, sahindo porém batido Aranda, que deixou no campo cento e trinta mortos e duzentos e setenta prisioneiros, todo o armamento e seiscentos cavallos, « com a

pasmosa circumstancia de só ter custado a vida de um unico soldado nosso ».

Por decreto de 6 de fevereiro deste anno foi João de Deus graduado no posto de marechal de campo, continuando no commando de seu regimento.

Pacificada a capitania do Rio Grande do Sul com a final derrota de José Artigas, a 22 de janeiro de 1820, no Taquarembó, e logo após a sua passagem para o outro lado do Uruguay, por decreto de 28 de setembro desse anno foi o marechal João de Deus nomeado inspector geral dos corpos de cavallaria e infantaria de milicias do Rio Grande do Sul, cargo este que deixou a 22 de fevereiro de 1822, porque, tendo sido installada em Porto-Alegre a junta representativa do governo da provincia, pela sua alta patente, foi para ella eleito e escohido para vice-presidente, sendo por decreto de 13 de maio do mesmo anno promovido a marechal de campo effectivo.

Com a retirada do general João Carlos Augusto de Saldanha e Daun, da presidencia da dita junta, imposta pelo povo e tropa para *interesse e seguridade da provincia,* ao marechal João de Deus coube assumir essa presidencia a 15 de julho, e bem assim o cargo de governador das armas da mesma provincia, pelo que se lhe offereceu ensejo de a 16 de setembro dirigir ás tropas da guarnição da capital em grande parada a seguinte proclamação :

« Bravos e fieis companheiros de armas — Não é só sobre o campo de honra, onde costumaes valorosamente tomar a fortuna dos combates, que nos devemos reunir e congratular. Alli me desvaneço haver sido vosso camarada constante igual nos trabalhos e na gloria ; hoje vos chamei a este logar para vos transmittir na linguagem do coração a mesma ingenuidade de sentimentos.

« A qualidade de general e governador das armas, que me recahio pela antiguidade da minha patente, me impõe, além dos deveres de tão decoroso titulo, o de vosso protector, vosso amigo e o de primeiro soldado em sacrificar tudo em defesa e a bem da minha e vossa patria.

« Soldados ! Crêde-me, os meus esforços em promover os vossos soldos, os vossos soccorros e vencimentos, não serão vãs palavras, protestos futeis ; o vosso

general é demasiado sincero para vos enganar; os filhos, que teem por divisa e juramento immolar a vida pela integridade de seus lares, são os primeiros credores dos suffragios de suas finanças.

« Eu sei por obrigação o seu estado: os funccionarios de sua administração são pobres; confiae em mim e nelles, que vos farão a justiça e a distincção que mereceis.

« Camaradas! Assaz tendes provado que amaes a disciplina, porque sem ella não terieis colhidos os louros de que vos ornaes. O vosso general só vos quer recommendar obediencia e respeito ao governo da provincia, e aos vossos chefes e officiaes de todas as classes. Sustentae com dignidade, valor e patriotismo, os sagrados direitos da causa do Brasil; ella é a causa de todos os brasileiros, ainda hoje ameaçados com grilhões coloniaes. Que insulto! Que indignidade! Soldados! Eia, o pacto social brasiliense está entre nós com independencia absoluta; elle será collocado no sanctuario da lei pelos nossos deputados, e o incomparavel principe regente deste Reino é a sua égide; nós lhe transmittimos dignamente o augusto titulo de protector e defensor perpetuo deste rico e vasto Imperio; temos peito, armas e razão; somos soldados e amigos do nosso heróe; nada falta; seremos felizes.

« Viva el-rei constitucional! Viva o principe regente constitucional! Vivam as côrtes do Brasil! Viva a união luso-brasiliense e viva a fiel e invencivel tropa desta provincia! — *João de Deus Menna Barreto* ».

A 11 de outubro com a camara, tropa e povo fez annunciar que no dia seguinte seria acclamado imperador constitucional do Brasil o Sr. D. Pedro de Alcantara, o que realmente se effectuou na praça publica com grande concurrencia e enorme apparato de festas religiosas e profanas, ás quaes, como lhe cumpria, compareceu, ou fez-se representar.

Por despacho de 1 de dezembro ainda deste anno de 1822, foi agraciado com a venéra da Imperial Ordem do Cruzeiro, creada neste dia para commemoração do acto da sagração e coroação do primeiro imperador do Brasil.

Corriam os negocios publicos da provincia do Rio Grande do Sul, com a regularidade compativel com essa época de transformação politico-social, quando a 19 de junho de 1823 recebeu o seu governo um officio assignado pelo tenente-coronel Gaspar Francisco Menna Barreto, commandante da guarnição de Porto Alegre, e por seu irmão major José Luiz, commandante do corpo de Guaranys (ambos filhos do marechal João de Deus), onde annuciavam que haviam resolvido marchar com toda a tropa dos seus commandos, afim de, na praça publica e em presença de todas as autoridadas civis e ecclesiasticas, ratificarem e ampliarem o juramento de inabalavel fidelidade á pessôa do imperador.

Consentiu o governo que a reunião tivesse logar nesse mesmo dia, e então ao som das musicas e vivas repetidos, prestaram novo juramento solemne de fidelidade e obediencia ao Sr. D. Pedro I, declarando expressamente que competia-lhe o direito de *veto absoluto* ás deliberações da assembléa constituinte legislativa, que não lhe parecessem dignas da sua approvação ou inconvenientes aos interesses e felicidade do Imperio.

Fallou então aos congregados o tenente-coronel Menna Barreto, que ao concluir foi ruidosamente applaudido, e demonstrações de adherencia ás suas idéas foram dadas pelos membros do governo e pelas demais autoridades, as quaes, com os representantes do povo e tropa alli presentes, assignaram o termo de juramento que se segue :

« Juro aos Santos Evangelhos defender, até a ultima gotta do meu sangue, a Religião Catholica Apostolica Romana e a independencia do Imperio do Brasil ; juro fidelidade, amor, respeito e adhesão ao nosso Augusto Imperador e defensor perpetuo ; juro á Constituição, que fizer a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Brasil na conformidade em que a jurou Sua Magestade Imperial, isto é, si fôr digna delle e do mesmo Brasil e por ella tiver o mesmo augusto Senhor o *veto absoluto ;* juro finalmente odio implacavel e guerra eterna ao systema republicano. Assim Deus me ajude ».

De todas estas occurrencias fez sciente o governo do Rio Grande do Sul á Sua Magestade o Imperador, dous dias depois no officio de 21 do dito mez, ao qual fez acompanhar por cópia os dos referidos officiaes, e os da junta a elle dirigidos e ao vigario geral da provincia e o juramento acima transcripto.

Chegados estes factos ao conhecimento da Assembléa constituinte levantaram-se incontinente enormes protestos da maioria dos seus membros, e requisitando-se do governo as informações sobre tão debatido assumpto, foram então presentes os alludidos documentos, dos quaes se occuparam nas sessões de 22, 24 e 26 do seguinte mez de julho, ficando afinal assentado que o governo, entre outras, devia tomar as seguintes providencias :

« 1ª Que se mandasse proceder á devassa, a qual sómente devia versar e restringir-se ao conhecimento dos autores primarios do delicto.

2ª Que se autorise o governo para remover do commando o tenente-coronel Gaspar Francisco Menna Barreto e o sargento-mór José Luiz Menna Barreto, e para suspender do exercicio de secretario do governo provincial a Bernardo Avelino Ferreira de Souza.

.....

8ª Que se autorisasse o governo para remover da provincia os dous chefes da força armada e o secretario interino do governo da provincia.

9ª Que o presidente do referido governo seja suspenso do exercicio do seu logar.

.....

11ª Que o mesmo presidente seja removido do districto em que se ha de tirar a devassa.

12ª Que se mande trancar para mais não ser lida a acta do juramento de que se trata. »

De posse desta «resolução legislativa» demorou-se ainda por algum tempo o Sr. D. Pedro I, em dar-lhe execução ; parece, entretanto, que outras occurrencias o aconselharam a pôl-a em pratica, d'ahi a ordem expedida a 6 de outubro ao governo do Rio Grande do Sul, ainda sob a presidencia do marechal João de Deus, o qual cumpriu re-

ligiosamente quanto nella se determinava, conforme conforme se vê do seguinte documento :

« Illm. Exm. Sr. — O governo provisorio do Rio Grande de S. Pedro do Sul, no dia 12 corrente, recebeu a portaria que pela secretaria de estado dos negocios do imperio lhe foi dirigida, em data de 6 de outubro proximo passado, na qual S. M. Imperial ha por bem mandar remover para fóra do districto ao presidente do mesmo governo, e ao secretario interino Bernardo A. Ferreira de Souza para fóra da provincia, em consequencia da resolução da *Assembléa* geral constituinte legislativa deste Imperio, sendo substituida a presidencia pelo mais immediato em votos. Em virtude daquella imperial ordem foi no mesmo dia 12 despedido do governo o presidente, e por estes dias sahirá da capital, na fórma da citada determinação, tendo partido ha mais de dous mezes o ex-secretario Avelino, com passaporte para Côrte do Rio de Janeiro. Deus guarde á V. Ex. — Palacio em Porto Alegre, 14 de novembro de 1823. — *José Ignacio da Silva*, presidente. — *Francisco Xavier Ferreira*. — *Fernando de Mascarenhas*. — *Castel Branco* ».

(Notavel coincidencia : neste mesmo dia 12, á 1 hora da tarde, o general José Manoel de Moraes, á frente de uma brigada das tres armas, apresentava a supra citada assembléa geral constituinte legislativa o decreto com que o Sr. D. Pedro I houve por bem dissolvel-a) !

Tendo assumido a presidencia da provincia o Dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro, recebeu instrucções para que com seus dous filhos se recolhesse a Porto Alegre o marechal de campo João de Deus, sendo assim restituido á sua familia no dia 10 de maio de 1824, e neste mesmo anno recebeu a patente de tenente-general graduado, a que foi promovido por decreto de 12 de outubro, data do anniversario natalicio do Sr. D. Pedro I.

Depois de declarada a guerra e consequente invasão da Cisplatina pelo exercito republicano do Rio da Prata, ao tenente-general João de Deus apezar de não lhe ter sido designado um commando no exercito em operações de guerra, foi dado todavia prestar algum serviço durante o periodo dessa luta; assim é que achando-se em Caça-

pava assumiu o commando das forças irregulares que guarneciam as nossas fronteiras, cabendo-lhe a 28 de fevereiro de 1828, o encargo de annunciar ao governo de S. Pedro o feliz successo das armas brasileiras sobre os tres mil homens do exercito republicano, no passo de Sarandy.

Restabelecida a paz nessa parte da nossa fronteira sul, continuou nella residindo o tenente-general João de Deus que, pelo seu máo estado de saude, solicitou reforma, a qual lhe foi concedida no posto de marechal de exercito, com o respectivo soldo, conforme se vê da resolução de 2 de outubro de 1832.

Achava-se o marechal João de Deus residindo em Porto Alegre, quando teve inicio a revolução republicana de que foi chefe o coronel Bento Gonçalves e, apezar de physicamente alquebrado, de accordo com o general Chagas Santos e outras influencias locaes, preparou em junho de 1836 a reacção na capital.

Accedendo ás instancias daquelle seu velho amigo e companheiro de armas, assumiu o commando das forças legaes e como tal se correspondeu com o governo imperial, «mais o illustre vencedor de Ibirocahy, possuindo muitos louros para querer tomar os que competiam aos seus amigos, esquivou-se logo após o triumpho desta reacção e entregou-lhe o commando em 26 do referido, mez allegando suas enfermidades».

Quando a 5 de fevereiro do anno seguinte o brigadeiro Antero José Ferreira de Brito assumiu a presidencia da provincia em Porto Alegre, o povo reunindo-se em frente á casa de João de Deus e dos outros chefes, que com elle se haviam distinguido na defesa da cidade, manifestou-lhe a sua gratidão por meio de acclamações e musicas.

Tendo o brigadeiro Bento Manoel Ribeiro se passado para os revolucionarios, neste mesmo mez e anno, logo depois de ter prendido o referido presidente, Antero de Brito, contando que seria acompanhado pelos seus antigos camaradas do exercito, se dirigiu por carta ao marechal João de Deus, convidando-o a seguir o seu exemplo,

mas não conseguiu abalar as crenças do velho servidor do Brazil monarchico.

Depois de restabelecida a paz entre os rio-grandenses, para o que muito concorreu o immortal Duque de Caxias, voltou a residir no Rio Pardo o marechal João de Deus, e ahi lhe chegou ás mãos a carta imperial de 10 de fevereiro de 1846 que o condecorou com o titulo de Visconde de S. Gabriel, com honras de grandeza.

O marechal do exercito João de Deus Menna Barreto, Visconde de S. Gabriel, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem militar de S. Bento de Aviz, dignitario da imperial do Cruzeiro, e condecorado com as medalhas da campanha Cisplatina de 1811 a 1812 e com as do Sul de 1811 a 1812 e de 1815 a 1820, falleceu no Rio Pardo, a 27 de agosto de 1849 e, segundo um abalisado escriptor dessa época, « perdeu a patria um benemerito servidor, e a provincia do Rio Grande do Sul, em particular, deverá chorar a perda do distincto soldado cujas glorias e feitos são para ella um padrão de glorias » conceitos estes que subscrevemos.

João Egydio Calmon

Filho de José Gôes de Siqueira e natural da Villa de Santo Amaro da capitania da Bahia, João Egydio Calmon nasceu a 30 de agosto de 1783.

Em 1796, tendo completado treze annos de idade, com o nome de João Egydio Calmon de Siqueira, assentou praça voluntariamente no 2º regimento de infanteria de linha da mencionada capitania, sendo reconhecido cadete e incluido na setima companhia.

Com o louvavel desejo de aperfeiçoar-se no estudo da mathematica e mais sciencias necessarias ao bom desempenho da profissão que abraçára, seguio para Portugal onde matriculou-se no « Real Collegio dos Nobres » ; com a retirada, porém, do principe D. João VI para o Brazil e consequente invasão de Lisbôa pelas tropas francezas, vio-se obrigado a abandonar os seus estudos e a dita capital « motivos que o obrigarão a procurar a esquadra ingleza debaixo de tantos perigos e risco de vida ».

Annos depois da sua feliz chegada a esta capital « não tendo afrouxado o seu enthusiasmo em querer empregar-se no serviço do principe D. João VI » animou-se a offerecer-lhe o levantar a sua propria custa uma companhia de cavallaria para augmento do « Corpo da Guarda Real da Policia » ; conseguindo que fosse bem acceito esse offerecimento, passou-se-lhe a patente de capitão, conforme se vê da carta regia de 11 de setembro de 1813.

Tendo preenchido todas as condicções a que se tinha obrigado e despendido avultadissimas quantias, não conseguio no entretanto que se realisasse a formatura da annunciada companhia de cavallaria, por motivos que occorreram, e foram tomados em consideração por D. João VI que « em attenção á promptidão com que tudo satisfez para levar a effeito o seu offerecimento, houve por bem conceder-lhe, por Decreto de 23 de abril de 1818, o posto de capitão aggregado ao 1º regimento de cavallaria do exercito, vencendo antiguidade da data da mencionada carta regia de 11 de setembro de 1813 ». Por essa occasião foi-lhe agradecido, por aviso do ministerio da guerra, o seu « bom serviço e patriotismo » por ter feito recolher ao arsenal do exercito grande copia de utensilios proprios para o fornecimento de novas companhias de artilharia montada e que á sua custa foram adquiridos.

Apresentando-se ao 1º regimento de cavallaria, onde se conservou no serviço, por carta regia de 13 de maio de 1819 foi nelle incluido como capitão effectivo da quarta companhia, cujo commando assumio no dia seguinte.

Em 1822, sciente o principe D. Pedro do modo por que se conduzio bem como todo o pessoal do seu regimento, em face dos acontecimentos qne derão logar ao embarque forçado da « divisão portugueza auxiliadora », por decreto de 13 de maio, o promoveu a major, para o mesmo regimento o qual, por outro decreto de 15 de abril do anno seguinte, passou a commandar.

Promovido a tenente-coronel, por decreto de 22 de janeiro de 1824, continuando no mesmo commando, jurou a constituição do Imperio, e assignou a acta que sobre

esse facto foi lavrada no quartel general do governador das armas, á 30 de março do dito anno.

A' 16 de novembro de 1825 apezar de doente, marchou Egydio Calmon com o seu regimento para a campanha da provincia do Rio Grande do Sul, onde recebeu a patente de coronel, a que fôra elevado por decreto de 12 de outubro de 1826.

Passou a commandar a 4ª brigada de cavallaria por ordem do brigadeiro Paula Rosado, desde 6 de Julho desse anno, e a 1ª, tambem de cavallaria, pela nova organização dada ao exercito do Sul no arroio das Palmas, pelo tenente-general Marquez de Barbacena, em a sua ordem do dia de 2 de fevereiro de 1827 ; brigada esta que ficou organisada com os regimentos de cavallaria : 1º do exercito e 24º de segunda linha e foi incorporada á 1ª divisão do commando do brigadeiro Sebastião Barreto Pereira Pinto.

No dia 20 ainda desse mez e anno tomou parte na batalha do Ituzaingó, onde, segundo se vê das partes sobre essa acção « perdeu o seu regimento (1º) muitos officiaes e soldados e nunca voltaram a cara ao inimigo », e o commandante em chefe na ordem do dia n. 24, de 20 de março, declarando que tinha sempre presente na sua memoria a primeira carga derigida pelo referido brigadeiro Barreto e a retirada da 2ª divisão sob o commando do brigadeiro Callado, mencionou o seu nome entre os que elle classificou de « quinhoeiros na gloria daquelles illustres feitos », palavras estas perfeitamente corroboradas pelo final do seguinte documento :

« Francisco José de Souza Soares d'Andrea, brigadeiro graduado do corpo de engenheiros e ajudante-general do exercito do Sul — Attesto que no dia 20 de fevereiro em que teve lugar a batalha do Rosario, dada junto ao *passo* do mesmo nome, no rio Santa Maria, entre o exercito imperial sob o commando do illustrissimo excellentissimo senhor tenente-general marquez de Barbacena e o exercito da republica sob o commando de Carlos Alviar; quando a acção estava na força do engajamento e o nosso exercito envolvido pelos flancos e retaguarda, hindo eu em direcção para o lado direito encontrei quatro peças

commandadas pelo tenente Mallet, coisa de 30 caçadores do batalhão 27 e os restos do 1º regimento de cavallaria do exercito, que tudo vinha retirado da direita tendo soffrido muita perda o 1º regimento, e falhando os nossos esforços sobre a esquerda do inimigo : o major Mello, meu deputado, que me acompanhava, alli fez reunir alguns dos caçadores que continuavão a marcha em dispersão ; e nós seguimos ao destino em que hiamos para a direita ; mas encontrando-nos com alguns esquadrões inimigos que tinhão volteado á nossa direita, retrocedemos para junto daquelle pequeno grupo de tropas, e os achamos postos em ordem e promptos a repellir o inimigo debaixo do commando do excellentissimo senhor coronel João Egydio Calmon, commandante da 1ª brigada de cavallaria, e não obstante a superioridade do inimigo, que tentou por duas ou trez vezes tomar áquella artilharia, foi sempre tão castigado do nosso fôgo e recebido com tanto valôr, que abandonou por fim a empreza e o campo, unindo-se com grande perda aos outros corpos que estavão sobre a nossa retaguarda. — Quartel general, no passo de São Lourenço 20 de abril de 1827. — *Francisco José de Souza Soares de Andréa*...

Continuando a servir no exercito em operações de guerra pela ordem do dia do Visconde da Laguna, de 27 de fevereiro de 1828, passou Egydio Calmon á commandar a 2ª brigada de cavallaria, « tendo assim feito toda essa campanha sem apartar-se um só dia do seu regimento ou brigada ».

Recommendado o seu nome ao governo imperial, por decreto de 12 de outubro do anno anterior foi-lhe concedida a dignitaria da ordem Imperial do Cruzeiro.

Por aviso do ministerio da guerra de 23 de maio, publicado em ordem do dia do exercito, em operações de 27 de agosto do mencionado anno de 1828, foi mandado recolher a côrte trazendo em sua companhia o casco do seu regimento, cujo archivo deixou de o acompanhar por ter sido destroçado pelo inimigo na cidade de Rosario.

Promovido a brigadeiro graduado, por decreto de 18 de outubro de 1829, ficou Egydio Calmon desligado do commando do 1º regimento de cavallaria, conforme solici-

tára, pelo seu precario estado de saude, sendo porém, por despacho de 24 de dezembro do anno seguinte, nomeado governador das armas da provincia de S. Paulo, para alli seguiu, assumindo tal cargo á 13 de abril de 1831. Chamado logo depois a esta capital, passou-o ao brigadeiro reformado Joaquim Mariano Galvão de Moura e Lacerda, á 31 de maio do mesmo anno, conservando-se, desde então, em disponibilidade.

Por aviso de 23 de fevereiro de 1832 obteve licença para residir na sua provincia natal (Bahia), sendo-lhe concedida a effectividade do posto de brigadeiro, por decreto de 12 de setembro de 1837, pelo governo da regencia, em nome do Imperador D. Pedro II, de quem era veador.

De conformidade com a lei nº 260 de 1º de dezembro de 1841, por se achar doente, por decreto de 19 de agosto de 1842, foi Egydio Calmon transferido para a 3ª classe do exercito, onde se conservou até que por outro decreto de 23 de abril de 1849 passou para a dos reformados, com o posto de marechal de campo, por contar mais de trinta e cinco annos de serviço.

O marechal de campo João Egydio Calmon, depois de reformado continuou a residir na Bahia, onde falleceu, com setenta e quatro annos de idade.

João Gomes da Silveira Mendonça

Visconde do Fanado e Marquez de Sabará

Filho de João Gomes Pereira, o brigadeiro João Gomes da Silveira Mendonça, nasceu em 1781, na villa de S. Miguel, da então Capitania de Minas Geraes. A 28 de março de 1801 assentou praça no regimento de cavallaria de linha da mesma capitania, sendo reconhecido cadete a 17 de junho do mesmo anno. Por acto de 17 de setembro de 1817 foi elevado ao posto de alferes e classificado no mesmo regimento. Neste posto seguiu para a Europa em diligencia do real serviço, e chegando á Lisboa passou a frequentar com vantagem os cursos de ensino superior, dedicando-se especialmente ás sciencias physicas e naturaes, como teve occasião de demonstrar em varias com-

missões technico-militares de que foi posteriormente encarregado.

Elevado ao posto de tenente, e em seguida ao de capitão, regressou ao Brazil, sendo nomeado ajudante de ordens do general inspector geral de artilharia e fundições, cargo este em que se achava quando, por carta regia de 13 de maio de 1810, foi graduado no posto de sargento-mór, e obtendo delle a effectividade em igual data do anno seguinte, continuou no mesmo cargo até que, sendo tenente-coronel, por decreto de 24 de julho de 1816 foi graduado em coronel para a arma de cavallaria, e mandado servir addido ao estado maior do exercito.

Por outro decreto de 6 de fevereiro de 1818 obteve a effectividade deste ultimo posto.

Em 1821 foi contemplado o seu nome no numero dos deputados do Brasil á Assembléa Constituinte de Lisboa, como um dos representantes da provincia de Minas Geraes. A 18 de março de 1822 foi graduado no posto de brigadeiro e nomeado inspector da Fabrica de Polvora da Estrella.

Convocada pelo Sr. D. Pedro I, por decreto de 3 de junho do dito anno, a assembléa constituinte legislativa para o reino do Brazil, foi Gomes da Silveira Mendonça eleito deputado pela sua provincia natal, e no dia 3 de maio do anno seguinte, comparecendo á sessão solemne da dita assembléa, nella tomou assento.

Dissolvida esta, pelo golpe de Estado de que trata o decreto de 12 de novembro de 1823, e em o qual foi pelo Sr. D. Pedro promettido um projecto de Constituição politica para os povos do Brazil, no dia seguinte houve o mesmo Senhor por bem crear um conselho de Estado, composto de dez membros e do qual fez parte o brigadeiro Silveira Mendonça, por ter sido nomeado ministro e secretario de Estado dos Negocios da Guerra, por decreto de 19 do mesmo mez e anno, sendo então condecorado com o titulo de visconde do Fanado.

Em 1824, a 25 de março, na sua qualidade de conselheiro de Estado, coube-lhe ser um dos dez signatarios da constituição politica do Imperio.

Deixando o cargo de ministro da Guerra, a 26 de julho, por decreto de 12 de outubro foi promovido a brigadeiro effectivo.

Em 1826, resolvida a creação do Senado do Imperio, por decreto de 22 de janeiro, foi escolhido senador ainda pela sua provincia natal, e tomou assento na sessão solemne de 4 de maio, recebendo neste anno o titulo de marquez de Sabará.

O brigadeiro João Gomes da Silveira Mendonça, 1º marquez do Sabará, 1º visconde do Fanado, conselheiro de Estado, senador do Imperio, dignitario da Imperial Ordem do Cruzeiro, falleceu no dia 2 de julho de 1827, com 48 annos de idade.

Jaz na sua parochia de Sant'Anna, para onde foi conduzido, e onde foi sepultado, com as honras devidas aos seus sublimes empregos.

João Jacome de Baumann

O marechal de campo João Jacome de Baumann, nasceu na Suissa no decorrer do ultimo trintenio do seculo VIII.

Alistando-se no exercito de Portugal obteve a patente de capitão, e neste posto acompanhou o Sr. D. João VI, quando com a sua côrte de Lisbôa emigrou para o Brazil, sendo então incluido como aggregado ao 3º regimento de infantaria de primeira linha do Rio de Janeiro.

Por carta régia de 28 de maio de 1808 foi elevado ao posto de sargento-mór e despachado tenente-coronel de cavallaria, por outra carta régia de 18 de outubro do mesmo anno, ficando addido ao estado-maior do exercito.

Em 1810, por acto de 24 de junho, foi elevado ao posto de coronel de cavallaria, com exercicio de ajudante de ordens do governador da capitania de Pernambuco e obrigado a dar conta da inspecção dos corpos de infantaria de linha e milicias da mesma capitania.

De Pernambuco passou o coronel Baumann a servir na capitania de S. Paulo, no mesmo posto de coronel de cavallaria, conforme a determinação régia de 14 de julho de 1815.

Por carta régia de 6 de fevereiro de 1818, obteve a graduação do posto de brigadeiro.

Em julho de 1824 assumiu interinamente o governo das armas de S. Paulo, que deixou a 31 de agosto do mesmo anno.

Por decreto de 22 de janeiro de 1826 foi nomeado governador das armas da provincia de Goyaz, sendo promovido á effectividade do posto de brigadeiro por outro decreto de 4 de maio do mesmo anno.

Tendo seguido para a dita provincia neste mesmo anno, por decreto de 12 de outubro do anno seguinte (1827) foi graduado no posto de marechal de campo, e por outro de 17 de outubro de 1830 foi-lhe concedida a commenda da ordem de Christo.

O marechal de campo João Jacome de Baumann falleceu a 28 de outubro de 1830 no exercicio do cargo de commandante das armas da provincia de Goyaz.

João José Duran

Nascido na Banda Oriental do Uruguay, no decorrer do ultimo trintenio do seculo XVIII, recebeu João José Duran esmerada educação, que pôz em alto relevo os seus dotes intellectuaes e moraes, tornando-se deste modo geralmente apreciado e respeitado pelos seus conterraneos.

Achava-se o coronel José Gervasio Artigas á frente das tropas orientaes, que se batiam pela independencia de sua patria, e, por decisão do Congresso de 21 de abril de 1813, exercendo os altos cargos de commandante militar e presidente do Corpo Municipal (poder administrativo) da provincia de Montevidéo, quando contrariamente aos seus desejos, se reuniu a 8 de dezembro do dito anno de 1813, na capella do menino Jesus, da chacara de D. Francisco Maciel, na margem do arroio de Miquelito, o novo congresso geral da provincia Oriental sob a presidencia do general D, José Rondeau, de cujo congresso fazia parte D. João José Duran, como representante de Montevidéo.

Neste Congresso ficou resolvido :—a formação da provincia Oriental por todos os seus *povos,* cidades, villas, etc., e territorios correspondentes, figurando como uma das pertencentes as « Unidas do Rio da Prata », com todas as attribuições e direitos ; e, bem assim, que o seu governo seria exercido por uma junta governativa composta de tres cidadãos nomeados pelos representantes da provincia.

Procedendo-se em seguida á eleição para os membros dessa junta forão eleitos —os cidadãos Thomaz Garcia de Zuñiga (*) João José Duran e Remigio Castellano, que ficaram com toda a autoridade e prerogativas de um governador politico de provincia.

Para posse desta junta, sua installação e reconhecimento foi reunido o alludido Congresso, que a recebeu em sessão solemne, revestida de todo o ceremonial do estylo, lavrando-se de tudo uma acta especial.

A praça de Montevidéo ainda achava-se porém em poder dos hespanhoes, embora sitiados pelas forças argentinas e orientaes.

Tendo Artigas reclamado contra o que fôra deliberado pelo congresso da chacara Maciel, não foi attendido pelo representante do governo de Buenos-Aires que, desprezando os seus designios, o convocára nesse logar, ficando assim aguardando aquelle caudilho a primeira opportunidade para se rebellar contra o mesmo governo ; occasião esta que não se fez esperar, pois mandou a 20 de janeiro do seguinte anno de 1814, retirar a divisão de suas tropas que compunha a ala esquerda do exercito sitiante, e, deste modo, declarada ficou a guerra entre orientaes e argentinos.

Sciente de tão grave procedimento do chefe dos orientaes, decretou o directorio de Buenos-Aires fosse elle considerado traidor á patria e infame, privado dos seus empregos e fóra da lei ; offerecendo-se seis mil *pesos* a quem o entregasse vivo ou morto.

(*) Foi mais tarde (1825) brigadeiro graduado do exercito brazileiro, presidente da provincia Cisplatina e condecorado com o titulo de Barão de Caldra ; reformou-se no referido posto de brigadeiro em 1841, ao ser iniciado o reinado de D. Pedro II, fallecendo poucos mezes depois.

Como consequencia destes factos, ficaram *ipso facto* annulladas as deliberações do « Congresso Maciel », para o chefe dos Orientaes. de modo que a 27 de Março declarou, de accôrdo com o Estatuto Provincial de 27 de novembro de 1811, que a Provincia Oriental do Uruguay era parte integrante das « Provincias Unidas » e deu-lhe um governador intendente, cuja nomeação recahio ainda no prestimoso cidadão D. João José Duran, tendo para assessor o já nomeado D. Remigio Castellanos.

Evacuada a praça de Montevidéo, pelas forças hespanholas, a 23 de junho de 1814, derão nella entrada as forças argentinas, sob o mando de D. Carlos de Alvear, que, como veremos, tiveram logo depois de travar lucta com os aguerridos soldados de Artigas.

Nomeou então o directorio de Buenos-Aires outro governador-intendente (D. Nicolas Roiz Peña), que mais tarde foi substituido pelo coronel Soler.

O primeiro ataque dos argentinos contra os orientaes teve logar em *Las Piedras*, onde, ao cahir da noite de 24 de junho as tropas de Alvear atacaram as de Otorgués, que foram destroçadas, sendo porém protegidas na sua fuga pelo chefe Fructuoso Rivera que se interpoz entre estas e aquellas, conseguindo, assim, Otorgués escapar-se com quasi todos os seus.

O segundo encontro, como se sabe, teve logar a 10 de janeiro de 1815, em Guayabo, onde o chefe argentino Dorrego ficou completamente derrotado pela divisão de Rivera, do que resultou desistir o governo de Buenos-Aires de sua idéa de submetter pela força os habitantes da Banda Oriental.

Em agosto do anno anterior havia sido derogado o decreto infamante, publicado pelo directorio de Buenos-Aires contra José Artigas.

Nesse anno de 1815 o poder de Artigas havia chegado ao apogêo . . . Dominava então as provincias de Corrientes, Santa Fé e Entre-Rios e grande parte da de Cordoba, e quanto á sua patria, constituio-se della senhor absoluto.

Tomando posse da praça de Montevidéo, integrado ficou o seu dominio, e então mandou eleger um novo Ca-

bildo, sendo escolhidos os mais criteriosos cidadãos, figurando entre elles D. João José Duran. Para o alto cargo de Alcaide de 1º voto foi eleito, D. Thomaz Garcia dè Zuñiga ; *persona de ilustracion y acrisolado en el servicio abnegado de la patria*.

Deixando Garcia de Zuñiga, em 11 de maio, o alludido cargo de alcaide, por incompatibilidade moral com o governo militar da praça (Otorgués), foi nelle substituido por D. João José Duran.

Em 29 de junho de 1816 assumio D. João Martin de Pueyrredon a chefia do poder executivo das Provincias Unidas ; e, dias depois, invadiam a Banda Oriental as forças que do Rio de Janeiro seguiram para o Sul, sob o commando do tenente-general Carlos Frederico Lecór.

Tendo Pueyrredon, em 31 de outubro enviado um emissario ao general Lecór (coronel Nicolas de Vedia), com o fim exclusivo de inquirir quaes os seus intentos, com relação ás provincias occidentaes do Uruguay, se dirigiu, no dia seguinte, ao Cabildo de Montevidéo e ao chefe dos caudilhos da Bahia Oriental, que se achava no Uruguay, convidando-os a «lembrarem-se da origem commum, e a ligarem-se todos na defesa da patria ameaçada pela invasão das tropas de Lecór, e offerecendo-se coadjuval-os com os recursos de que pudesse dispôr».

Confessando-se agradecido, respondeu o Cabildo á Pueyrredon que desejavam acquiescer aos seus desejos, porém nenhuma deliberação poderiam tomar sem as necessarias ordens de Artigas, a quem scientificaram de tão importante occurrencia.

Recebida tambem amigavelmente por Artigas a dita proposta, resolveu fazer seguir para Buenos-Aires dois plenipotenciarios que «pacteassem as condições de auxilio e liga com o director Pueyrredon, afim de se combater de accordo as tropas portuguezas».

Para o desempenho desta missão foram escolhidos, pelo delegado de Artigas em Montevidéo, os cidadãos João José Duran e João Francisco Giró, «pessoas de alguma importancia e prestigio, sendo este regedor e aquelle alcaide de 1º voto da praça de Montevidéo».

A 6 de dezembro chegaram os plenipotenciarios de

Artigas, em Buenos-Aires, e na ausencia do Congresso, que funccionava em Tucuman, foram ouvidos em uma assembléa de corporações civil e militar, presidida pelo director Pueyrredon na qual, depois de tres sessões, ficou convencionado na de 8 de dezembro de 1816 :

« Que o territorio da Banda Oriental jurava obediencia ao Congresso e ao director, do mesmo modo que as demais provincias, compromettendo-se a arvorar o novo pavilhão nacional do Prata e a enviar seus deputados ao Congresso ; finalmente, que se coadjuvaria poderosamente com todas as suas forças a Banda Oriental e José Artigas na guerra que se ia travar com o exercito do sr. D. João VI ».

Submettido o convenio á ratificação do chefe dos caudilhos, foi-lhe esta negada e exasperadamente communicou, em 26 de dezembro, tal resolução aos seus plenipotenciarios Duran e Giró, cuja missão deu por finda, ordenando-lhes déssem por nullo o ajustado e se retirassem de Buenos-Aires e que ao chegarem em Montevidéo poderiam tratar das competentes justificações e, *oxalá que os resultados de sua missão, condigam com os da sua conhecida honestidade*.

Em o seguinte anno de 1817 fazia D. João Duran parte do Cabildo de Montevidéo; e porque a 18 de janeiro o delegado de Artigas, D. Miguel Barreiros, se retirasse com toda a guarnição, assumindo o mencionado Cabildo o governo civil e militar da praça, envion uma commissão ao general Lecór em *Manga*, «convidando-o a tomar posse da cidade, a qual se punha desde então debaixo da protecção do sr. D. João VI».

De posse de Montevidéo o mencionado general Lecór, resolveu ainda o Cabildo em sessão de 31 do referido mez que se enviasse ao Rio de Janeiro dois dos seus membros para «solicitarem do governo do sr. D. João VI fosse a Banda Oriental incorporada ao Reino Unido do Brazil, Portugal e Algarves».

Procurando o general Lecór, já Barão da Laguna, dar execução ás instrucções recebidas do sr. D. João VI e que lhe haviam sido repetidas pelo principe D. Pedro em 1821, logo que á côrte de Lisbôa se recolheu seu pae,

sobre a mencionada incorporação da Banda Oriental, foi-lhe suggerida a idéa da convocação de uma assembléa de deputados eleitos pelos diversos departamentos da provincia, com o fim de apresentarem suas propostas, ácerca do futuro governo que dęsejar pudesse o povo oriental, idéa esta que para pol-a em pratica recorreu em junho de 1821 ao prestigiado chefe politico D. João Duran, intendente da provincia, a quem scientificou achar-se autorisado «a fazer a vontade e acquiescer as decisões que livremente tomassem os membros dessa assembléa».

Como se sabe, um mez depois (15 de julho), sob a presidencia de D. João José Duran, reuniram-se os cidadãos eleitos para esta assembléa e, recebendo o convite do Barão da Laguna para se manifestar «sobre si queria formar uma nação soberana e independente, alliada com outra qualquer nação poderosa, ou de se constituir com a fórma de governo que melhor conviesse», encetaram a discussão onde, diz o general Abreu e Lima, «foram por fim assentando as solidas e bem reflectidas razões de D. Garcia de Zuñiga, e Llambi e de outros deputados de igual conceito, os quaes opinaram que, não bastando desejos de constituir-se nação independente, era indispensavel que interviessem certos elementos de poder ; ponderaram os perigos da federação com qualquer das republicas visinhas, a impossibilidade de por si existirem na falta daquelles elementos, e de resistirem a algum ambicioso externo ; concluiram que em taes circumstancias o unico meio para a estabilidade seria o de incorporarem-se a alguma nação poderosa e então nenhuma melhor lhes convinha que o Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves».

«Por unanimidade decidio-se e lavrou-se a acta de espontanea incorporação da denominada — Provincia Cisplatina, — debaixo de certas condições (31 de julho de 1821).

Além do presidente João Duran assignaram a mencionada acta, de espontanea incorporação, os seguintes cidadãos deputados : *Damaso A. Larrañaga,* (vigario) *Fructuoso Rivera. — Thomaz Garcia de Zuñiga. — Lorenzo de Gomensoro. — João Vicente Gallegos. — Manoel Lago.— Luiz Perez. — Mateo Visillac. — José de Alagon. — Gero-*

nimo Pio Bianqui. — Romualdo Gimeno. — Alejandro Chucarro. — Manoel Antonio Silva. — Salvador Garcia. — Francisco Llambi.

Continuando D. João Duran a prestar em Montevidéo o seu valioso e intelligente concurso ao Barão da Laguna, obteve este do governo do Rio de Janeiro, que lhe fosse expedida a patente de brigadeiro graduado dos reaes exercitos «pelos seus serviços e prestimo».

Proclamada a independencia do Brazil, entre os que se collocaram ao lado do Barão da Laguna, em dissidencia com a maioria dos officiaes das tropas portuguezas, se achava o brigadeiro João Duran, cujo nome foi contemplado entre os dos primeiros agraciados com o officialato da ordem Imperial do Cruzeiro creada para solemnisar, a 1 de dezembro de 1822, a sagração e coroação do Sr. D. Pedro I, conforme se vê das relações dos despachos do mesmo dia.

Tendo sido promulgada e jurada no Rio de Janeiro, a 25 de março de 1824, a constituição politica do Imperio do Brazil, chegando a Montevidéo o exemplar legalmente authenticado, foi ella jurada com toda a solemnidade, a 9 de maio do mesmo anno, por todas as classes da sociedade, cabildo, tropas, etc., etc.; cujo juramento foi do seguinte teor; «Juro por los santos Evangelios obedecer y ser fiel á la Constitucion politica de la nación brasileña, a todas sus leyes y al emperador constitucional y defensor perpetuo del Brasil, Pedro I».

«Entre os centenares de juramentados achavam-se os nomes illustres dos patriotas João José Duran, Thomaz Garcia de Zuniga, Llambi, Obes, etc.».

Jurada assim a Constituição politica do Imperio se realizaram logo depois as eleições para senadores e deputados, na capital e demais departamentos da Cisplatina e, como sabemos, a 9 de novembro foram eleitos: D. Lucas José Obes, D. Nicolas Herrera e D. Damaso Antonio Larrañaga, por terem sido os mais votados, e entre os que os seguiram em votos se contavam: João José Duran, barão da Laguna, Garcia Zuñiga, brigadeiro Marques de Souza (pai do conde de Porto Alegre), Joaquim Suares, etc.

Em o seguinte anno de 1825, por decreto de 11 de

março, o Sr. D. Pedro I «attendendo á proposta feita pelo tenente-general Barão da Laguna, houve por bem promover á effectividade do posto de brigadeiro do exercito imperial a João José Duran, brigadeiro graduado»; obtendo assim D. João Duran mais uma prova do quanto eram apreciadas as suas qualidades moraes e intellectuaes, pelo governo do nascente imperio que, além disso, o encarava como aos seus illustrados compatriotas, Zuñiga, Larrañaga, Obes, Herrera e outros que taes, como poderosos elementos para o desenvolvimento moral e material da provincia Cisplatina, e o cultivo das suas boas relações com os demais estados do novo e do velho continente, por se terem sempre mostrado amantes da ordem e tranquillidade.

Foi a 19 de abril ainda deste anno, como sabemos, que os «trinta e tres» bravos orientaes, domiciliados em Buenos-Aires, desembarcaram no Arenal-Grande, proximo ao porto das Vaccas, a elle se reunindo mais alguns patriotas que foram convenientemente armados, sendo logo depois expedidos emissarios, em direcções divergentes, a toda a campanha, providos de dinheiro e proclamações enthusiasticas e cheias de promessas, e cujos effeitos não se fizeram esperar.

Dias depois estava por demais elevado o numero dos revolucionarios, aos quaes adheriram o brigadeiro Fructuoso Rivera, com tropas que se achavam sob o seu commando, o coronel Juan Laguna e muitos outros que serviam ao imperio, como tambem servira o chefe dos insurgentes D. Juan Antonio Lavelleja, ex-segundo commandante do regimento da União aquartelado em Canelones.

A respeito da deserção de Rivera, que da colonia havia sido mandado pelo visconde da Laguna para destroçar os revolucionarios, assim se expressa o abalisado historiographo D. Antonio Deodoro de Pascual:

«Doloroso es, sin dada, deber transmitir á la posteridad los deslices y acciones poco dignas de nuestros antepasados, juntamente con sus glorias y merecimientos; mas tal es la faena del historiador y mal que le pese está tenido á cumplirla, ó a descarriarse del sendero de la verdad, unica que puede conducir al templo de la justicia».

Sabemos das occurrencias que se seguiram nesse periodo de graves embaraços para os governos do Sr. D. Pedro I.

Os nossos desastres militares de 24 de setembro e 12 de outubro deram forte impulso á causa sagrada dos orientaes que, para cumlo de felicidade, recebiam ainda o apoio moral e material dos seus irmãos de Buenos-Aires « que mais do que elles se empenhavam pela sua independencia ».

Tivemos assim a guerra com a Republica Argentina, e depois da celebrisada acção de 20 de fevereiro de 1827, no Ituzaingó, a « convenção preliminar de paz ajustada, concluida e firmada nesta cidade do Rio de Janeiro, no dia 27 de agosto de 1828, pelos plenipotenciarios de S. M. o Imperador do Brazil, e os do governo da republica das provincias unidas do Prata, mediante a intervenção de S. M. Britannica », convenção esta ratificada a 30 do mesmo mez por D. Pedro I e a 29 do seguinte pelo governador da referida republica, e pela qual ficou a provincia Cisplatina separada do territorio do Brazil « constituindo-se porém em ESTADO LIVRE E INDEPENDENTE de toda e qualquer acção, debaixo da fórma de governo que julgar conveniente aos seus interesses, necessidades e recursos ».

Durante todo este tempo conservou-se o brigadeiro João José Duran, em Montevidéo, no exercicio dos seus cargos; logo após, porém, de se ter tornado a sua patria independente pedio demissão do posto de brigadeiro, no que foi attendido, conforme se vê do decreto de 8 de maio do seguinte anno de 1829. Tornando-se deste modo simples cidadão na sua estremecida patria, recolheu-se João José Duran á vida privada de cujo bem estar gosou em os ultimos annos de sua existencia.

João Pedro Lecór

Natural de Portugal, João Pedro Lecór assentou praça de cadete, em 1792, em um dos regimentos de artilharia, com o qual tomou parte nas campanhas de *Rousillon* e nas da Peninsula, até que, sendo capitão do

regimento de artilharia n. 2, foi nomeado governador da praça de Abufeira e promovido á sargento-mór da mesma arma, conforme se vê da carta régia de 12 de março de 1810.

Quando em março de 1816 aportou ao Rio de Janeiro a « Divisão Auxiliadora » sob o commando do tenente-general Carlos Frederico Lecór, a ella veio encorporado o sargento-mór João Pedro Lecór, na qualidade de ajudante de ordens do referido general, seu irmão, com o qual seguiu para Montevidéo.

No anno seguinte regressou á côrte no posto de tenente-coronel conduzindo os despachos em que aquelle general annunciava a encorporação da provincia de Montevidéo á corôa portugueza ; pelo que D. João VI, em carta régia de 24 de junho deste anno houve por bem promovel-o ao posto de tenente-coronel de artilharia, continuando no cargo de ajudante de ordens «por ter sido o portador da noticia da entrada das tropas portuguezas em Montevidéo, depois dos gloriosos combates por ellas empenhados com o fim de conseguir esta conquista, contando-se-lhe antiguidade do mesmo posto de 25 de abril do mesmo anno ».

Ainda no exercicio do cargo de ajudante de ordens do general Visconde da Laguna, que permanecia em Montevidéo, foi João Pedro Lecór, por decreto de 26 de março de 1821, graduado no posto de brigadeiro.

Segundo se lê no *Diario Fluminense* « logo que se deu a independencia consta que estivera unido ao general D. Alvaro da Costa, e fez a guerra ao Brazil até a ultima, e que só passados vinte e poucos dias depois de feita a capitulação é que foi apresentar sua pessoa no quartel general do exercito brazileiro, passando assim de inimigo do Imperio, a general do Imperio. O Visconde da Laguna apezar disto entregou-lhe novamente as chaves e o governo da praça de Montevidéo ».

Sendo confirmado no posto de brigadeiro, por decreto de 12 de janeiro de 1824, por ter sido então considerado cidadão brasileiro, neste mesmo anno, jurou a Constituição do Imperio, assignando tambem a acta que foi lavrada sobre o mesmo assumpto.

Tendo regressado á côrte do Imperio por acto de 23 de junho de 1828, foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar.

Em 1830, por decreto de 13 de dezembro, foi-lhe concedida a reforma no posto de marechal de campo, por contar mais de 35 annos de serviço, continuando a residir nesta capital.

Por decreto de 14 de julho de 1840 foi-lhe ainda concedida a aposentadoria com as honras de vogal do supramencionado Conselho Supremo Militar.

O marechal de campo João Pedro Lecór, professo na ordem militar de Aviz e condecorado com as medalhas da campanha da Peninsula e com as das guerras do Sul do Brazil, de 1815 a 1822, falleceu nesta capital a 8 de julho de 1844, sendo sepultado nas catacumbas antigas da ordem 3ª de S. Francisco de Paula.

João Vieira de Carvalho

Barão, conde e marquez de Lages

Filho legitimo do coronel João Vieira de Carvalho, o general marquez de Lages, nasceu no anno de 1781, em Olivença, então pertencente ao reino de Portugal.

Em 1786 foi admittido como praça de cadete no exercito, sendo em 1801 promovido á alferes e a ajudante do 2º regimento de Olivença, em 1805.

Frequentou em Lisbôa o «Collegio dos Nobres», onde foi successivamente premiado no curso de mathematica.

Depois de ter servido nas forças que na Peninsula bateram-se contra as do exercito francez, se transportou para o Brazil aportando, em 1809, nesta cidade do Rio de Janeiro, sendo então elevado ao posto de major do Real Corpo de Engenheiros.

No seguinte anno de 1810, com o seu collega Jacintho Desiderio Cony seguiu para a capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul, com o fim especial de levantar a planta dos terrenos auriferos da mesma capitania, onde ambos se apresentaram ao respectivo governador em maio do dito anno.

Depois de mais de dous annos consumidos em explorações e mais trabalhos de campo deram-se por concluidos esses trabalhos, cuja planta e relatorios foram remettidos ao conde de Aguiar com o officio de governador D. Diogo de Souza, datado de 27 de dezembro de 1812.

No desempenho d'esta commissão, ao major Vieira de Carvalho, mais uma vez, se offereceu o ensejo de expôr a sua vida no campo da honra, em pról da patria, porquanto tomou parte nas campanhas cisplatinas de 1811 á 1812, e de 1815 á 1817, portando-se sempre com sangue frio e reconhecida bravura, merecendo mais ser elogiado pelo zêlo e proficiencia com que desempenhou os trabalhos de engenharia á seu cargo, pelo que D. João VI houve por bem promovel-o á tenente-coronel pelo modo distincto porque se houve na batalha de Catalão, travada a 4 de janeiro de 1817.

Por decreto de 13 de maio de 1819 foi promovido a coronel para o corpo de engenheiros.

Em 1821 foi nomeado director da colonia de Nova-Friburgo, cujo commando militar assumiu na mesma data, ficando addido ao Estado Maior do Exercito.

Adherindo á causa da independencia do Brazil, occupou em outubro de 1822 a pasta da guerra.

Em 1823 foi nomeado fidalgo cavalleiro da Imperial Casa, deixando o exercicio de ministro da guerra á 10 de novembro do mesmo anno.

Por decreto de 22 de janeiro de 1824 foi graduado no posto de brigadeiro passando a occupar novamente a pasta da guerra para cujo cargo fôra nomeado por despacho de 3 de agosto do mesmo anno, sendo-lhe então concedido o officialato da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Em 1825 foi-lhe conferido o titulo de Barão de Lages com grandeza, e no anno seguinte foi nomeado Conselheiro de Estado.

Deixou a pasta da guerra em 21 de novembro de 1827, sendo promovido a marechal de campo, por decreto de 20 de novembro de 1829.

Em 1828 foi elevado de Barão a Conde de Lages e escolhido senador pela provincia do Ceará á 11 de feve-

reiro de 1829, tomando assento a 1º de abril do mesmo anno.

Em 5 de abril de 1831 foi novamente ministro da guerra, cargo este que deixou á 7 do mesmo mez com a abdicação do imperador D. Pedro I, em favor do seu filho D. Pedro II.

Tendo solicitado a sua reforma, por motivo de molestia, esta lhe foi concedida no posto de tenente-general, por contar mais de trinta e cinco annos de serviço, conforme se vê da resolução de 11 de setembro de 1832.

Em 1840 foi o general Conde de Lages agraciado com a grã-cruz da ordem de Aviz, e a 9 de abril de 1845 foi elevado a marquez do mesmo titulo.

Depois de abril de 1831 occupou ainda por duas vezes a pasta da guerra, nos periodos de 1 de novembro de 1836 a 7 de abril de 1837, e de 16 de maio de 1839 a 18 do mesmo mez do anno de 1840.

O tenente-general João Vieira de Carvalho, Marquez de Lages do conselho do Imperador D. Pedro II, falleceu n'esta capital, a 1º de abril de 1847, com 66 annos de idade dos quaes mais de quarenta dedicado ao publico serviço.

Joaquim Caetano da Silva

Nascido no Rio de Janeiro, no anno de 1776, Joaquim Caetano da Silva alistou-se como simples soldado nas fileiras do exercito a 15 de fevereiro de 1793.

Depois de ter occupado os postos subalternos foi promovido a alferes para o 1º regimento de infantaria da capitania do Rio de Janeiro, em o qual foi elevado a tenente por despacho de 13 de maio de 1808.

Por decreto de 2 de abril de 1810, foi promovido á capitão para a primeira companhia do alludido regimento de infantaria. Em 19 de dezembro deste anno resolveu o principe regente eleval-o ao posto de sargento-mór de cavallaria, ficando addido ao Estado-Maior do Exercito, tendo por despacho de 30 de janeiro do anno seguinte (1811) mandado seguir para a capitania da Bahia para ser empregado nas commissões a que o destinasse o re-

spectivo governador, D. Marcos de Noronha e Brito (Conde dos Arcos) que havia deixado o cargo de vice-rei do Brazil, em consequencia da chegada ao Rio de Janeiro do referido principe com toda a côrte de Lisboa.

Por decreto de 22 de setembro de 1814 foi promovido a tenente-coronel, continuando addido ao Estado Maior e ás ordens do alludido governador.

Coronel por carta régia de 6 de fevereiro de 1818, continuou na referida capitania até que, regressando á côrte, foi mandado ficar as ordens do Real Paço e, por ter sido reformado o marechal de campo Lourenço Caetano da Silva por despacho de junho de 1823, foi nomeado para substituil-o no governo da fortaleza da Conceição e inspectoria da fabrica de armas nella existente.

Por decreto de 9 de agosto de 1824 obteve Joaquim Caetano a graduação de brigadeiro em cujo posto foi confirmado por outro decreto de 25 de março de 1825, continuando a exercer os referidos cargos até a data de seu fallecimento.

Joaquim Norberto Xavier de Brito

O marechal de campo Joaquim Norberto Xavier de Brito nasceu em Lisboa no anno de 1774.

Destinado á carreira das armas, foi matriculado na Academia de Marinha e, depois de ter sido approvado nos dous primeiros annos, proseguiu seus estudos na de Fortificação, Artilharia e Desenho, onde nos tres annos do respectivo curso obteve ser premiado nos exames que prestou, assistindo tambem os exercicios praticos durante o tempo em que esteve matriculado.

Por decreto de 4 de dezembro de 1796 foi promovido a 2º tenente e, sendo encorporado a 1º de fevereiro do anno seguinte no Real Corpo de Engenheiros, passou a servir sob as ordens immediatas do marechal Duque de Lofoens.

Em 1800, por decreto de 23 de setembro, foi elevado ao posto de 1º tenente, continuando na mesma commissão, á qual accumulou, no anno de 1801 o exercicio do cargo de official-maior da secretaria do expediente do Exercito.

Promovido a capitão por decreto de 26 de março de 1805, passou no mesmo anno a servir no Archivo Militar, onde se conservou até que, elevado ao posto de major em 3 de novembro de 1807, foi encarregado da confecção da carta militar de uma parte da provincia de Extremadura. A 11 de dezembro do anno seguinte foi nomeado para fortificar a Villa de Miranda dos Corvos, e bem assim para organizar e dirigir os corpos de milicias e ordenanças que fossem precisos para a guarnição da mesma villa.

Deixou estas commissões a 3 de maio de 1809 para ser encarregado das fortificações e linhas de defesa de Lisboa, as quaes ultimou em 21 de junho do mesmo anno, recolhendo-se ao Archivo Militar.

Por acto de 2 de novembro de 1809 foi posto á disposição do coronel Fletcker, então commandante dos engenheiros do Exercito, ficando empregado na construcção das linhas de defesa da Capital, conservando-se nesta commissão até 22 de junho de 1815, data do despacho que o promoveu a tenente-coronel, afim de seguir para o Brazil encorporado á Divisão de Voluntarios Reaes d'El-Rey.

Chegando ao Rio de Janeiro a 30 de março de 1816, ficou encarregado do deposito da « Armação », sendo, no anno seguinte promovido a coronel por carta régia de 25 de abril ; continuou na mesma commissão até 13 de agosto de 1819, em que a deixou, por ter sido transferido para o corpo de engenheiros do exercito do Brazil, no mesmo posto de coronel, afim de ser empregado como tal na capitania da Ilha dos Açores. Ahi chegando, passou a encarregado das obras das fortalezas, ficando ás ordens do general Caula. Regressando ao Rio de Janeiro no anno seguinte (1820), seguiu para a capitania do Rio Grande do Sul como inspector das fronteiras.

Por decreto de 14 de abril de 1821 foi nomeado commandante do Corpo de Engenheiros e director do Archivo Militar, sendo consignado em os seus assentamentos o bom desempenho com que se houve na commissão em que esteve em Portugal.

Graduado no posto de brigadeiro a 24 de junho de 1822 foi promovido, á effectividade de tal posto a 12 de outubro de 1824, conforme se vê dos respectivos decretos.

A 31 de março deste ultimo anno jurou a Constituição do Imperio, assignando a acta que foi lavrada no Quartel-General do Exercito no mesmo dia.

Por decreto de 18 de outubro de 1829 foi graduado em marechal de campo e por outro de 24 de novembro de 1832 designado para vogal do Conselho Supremo Militar.

Promovido á effectividade do posto de marechal de campo por decreto de 12 de setembro de 1837, foi transferido para a 3ª classe do exercito por outro de 19 de agosto de 1842, por motivo de molestia.

O marechal de campo Joaquim Norberto Xavier de Brito falleceu nesta capital, a 17 de julho de 1843, sendo sepultado no cemiterio de S. Francisco de Paula.

Joaquim de Oliveira Alvares

O general Joaquim de Oliveira Alvares nasceu no dia 19 de novembro de 1776 na ilha da Madeira.

Concluindo o curso de preparatorios feitos na Inglaterra, matriculou-se na Universidade de Coimbra, e nella recebendo o grão de bacharel em mathematicas e philosophia, sahiu a alistar-se na marinha real portugueza.

Tendo sido prisioneiro em um combate travado com alguns navios da esquadra franceza, conseguiu escapar-se ; deixando a marinha, alistou-se no exercito portuguez ; vindo em 1804 para o Brazil, foi nomeado capitão de artilharia da legião de voluntarios de S. Paulo.

Em 1807 foi promovido a major commandante da mesma legião, com a qual no anno seguinte marchou para a capitania do Rio Grande do Sul, onde obteve o posto de tenente-coronel no anno de 1810.

Tomou parte nas campanhas de 1811 a 1812, sendo promovido a coronel daquella legião, em 20 de fevereiro de 1812 e, graduado no posto de brigadeiro no anno de 1814, continuou no mesmo commando e incorporado ás forças do exercito da referida capitania.

Quando tratámos do marechal João de Deus Menna Barreto, vimos que á 19 de outubro de 1816, conseguiu elle uma das mais notaveis victorias, desbaratando no — Ibiraocahy — as forças do caudilho Verdun, do que

resultou ficar completamente desembaraçada e livre de sorprezas á direita do exercito do tenente-general Curado, pelo que, concebeu este intemerato chefe o atrevido projecto de atacar o proprio Artigas em o seu acampamento.

E de facto, tendo recebido novos contingentes que lhe foram enviados dos diversos pontos da capitania, depois do regresso da columna do mencionado Menna Barreto, mudando todo o seu acampamento para o Ibirapuitan-grande, designou 760 combatentes, dos quaes 419 cavallarianos escolhidos entre os da legião de S. Paulo, dragões, milicianos e guerrilhas de voluntarios, 311 da infantaria e 30 de artilheiros, da mencionada legião, e confiou-os, em bôa hora, ao brigadeiro Joaquim de Oliveira Alvares, para realizar o dito projecto.

« Organisada esta columna, o brigadeiro Oliveira principiou a sua marcha em direcção á guarda de Sant'Anna, em a noite de 24 para 25 do referido mez de outubro, com parte d'ella ; e ao fim de 4 leguas tomou posição na estancia de Varguinhas, aonde se lhe reuniu o resto das tropas, com as quaes, por estar em proximidade do inimigo ; marchou em um só corpo todo o dia 26, ao fim do qual tomou posição sobre o arroio do Elias, sendo alli reconhecida á sua força pelos espias do inimigo.

No dia 27, tendo marchado uma legua, avistou algumas pequenas massas de cavallaria, que faziam as avançadas de Artigas : então o brigadeiro Oliveira mandou atacal-as pelos corpos de guerrilhas que flanqueavam a sua columna ; e estes corpos o executaram com denodo e discrição ; mas, vendo o brigadeiro que as massas inimigas se empenhavam pouco nas escaramuças e se retiravam, percebeu que a columna d'Artigas estava proxima ; e querendo chamal-a a combate na posição que occupava, fez alto, e dispoz a ordem de batalha ; ordenando todavia aos corpos de guerrilhas, que avançassem além do Quarahim, que estava proximo e perseguissem as differentes de cavallaria inimiga, retirando-se porém para a columna logo que fossem ameaçados por maiores forças.

Feitos os mencionados movimentos dos corpos de guerrilhas, protegidos pela cavallaria da legião de São Paulo, havendo-se n'elles com a mais louvavel discrição

os respectivos commandantes, resolveu-se Artigas a procurar o brigadeiro Oliveira áquem do Quarahin, aonde este conservava a sua linha de batalha e donde observava em descanso todos os movimentos das guerrilhas, tanto suas como inimigas.

Haviam 3 horas que duravam os tiroteios e escaramuças, quando as massas de cavallaria inimiga começaram a engrossar e a carregar as guerrilhas portuguezas contra o Quarahim: então os commandantes d'estas foram-se retirando e reunindo-se com protecção reciproca, repassaram o arroio; e a cavallaria inimiga occupou e cobriu os passos d'este, para proteger a passagem das columnas de suas tropas, que já appareciam em marcha para alli. A' vista d'isto o brigadeiro Oliveira, cuja effectiva posição era temporariamente occupada, com o fim de proteger mais de perto as suas guerrilhas, moveu a sua linha para a retaguarda; e na distancia de 400 passos, pouco mais ou menos, se formou em batalha, tendo a infanteria no centro, as duas peças da artilharia nos extremos da linha d'esta e a cavallaria dividida em partes iguaes, fazendo as alas esquerda e direita; tendo cada uma d'estas alas metade das guerrilhas de voluntarios aos seus lados. Um pequeno lado á retaguarda servia de apoio á bagagem e cavalhada; e alli estava postado o corpo de reserva composto de uma companhia de infantaria e a cavallaria da legião.

Esta foi a ordem com que as tropas portuguezas esperavam tranquillamente o exercito d'Artigas, que viam desevolver-se, e formar-se na sua frente em batalha, com 1.500 homens de infantaria e cavallaria.

Finalmente, por uma hora da tarde principiou a mover-se, avançando a linha inimiga, formada em ordem singela e em figura de semi-circulo, com 500 homens de infantaria no centro e 800 de cavallaria nos lados, flanqueados por 150 ou mais lanceiros; e com esta ordem crescendo cada vez mais o denodo com que avançava, começou o fogo, atacando sobre os portuguezes e os flanqueadores, no entanto forcejavam por envolver e voltearlhes a ala direita e retaguarda; mas sempre, infructuosa-

mente, se bem que foi necessario empenhar-se todo o esforço e valor para os repellir.

Uma chuva de balas passava sem effeito algum, por cima da linha portugueza, aonde o brigadeiro Oliveira tinha posto a sua infantaria deitada por terra, prohibindo-lhe o atirar; e sómente a artilharia fazia vivo fogo sobre os contrarios, emquanto estes avançavam a largo passo para frente.

Estava o inimigo dentro de meio alcance de fuzil e dispondo a sua ala esquerda a investir a ala direita portugueza, quando o brigadeiro Oliveira fez atacal-a á carga pela mesma ala direita, a qual desempenhou o choque com tanto vigor e velocidade que a cavallaria inimiga foi immediatamente rota e debandada pela esquerda; eis ahi o momento da victoria, que o brigadeiro soube aproveitar, mandando erguer a infantaria, dar uma descarga, que foi muito bem empregada e atacar o inimigo pelo centro.

A descarga da infantaria portugueza lançou a terra boa parte da linha contraria, e ao immediato choque da bayoneta, não se atrevendo o inimigo a resistil-o, declarou-se a derrota pelo centro, já então completa pela esquerda. A este tempo a ala direita portugueza, tendo já completado o destroço da ala esquerda inimiga, e destacado uma parte da sua força a perseguil-a cortava a retirada á infantaria pela retaguarda do centro; a qual, sendo ao mesmo tempo investida pela frenta, foi totalmente destruida, ficando o campo coberto de mortos.

Estando pois tudo concluido do centro da linha contraria para a esquerda, achava-se ainda empenhado o flanco esquerdo portuguez no mais vigoroso combate, havendo para alli concorrido grande força de infantaria, que insistia no ataque; então as tropas do flanco direito, principalmente a cavallaria, atacando de flanco, e pela retaguarda, completaram a derrota e declarou-se geral victoria.

Immediatamente o brigadeiro Oliveira destacou tropas a perseguir os fugitivos por todas as direcções; e nesta diligencia ainda houveram pequenos choques e

muito fogo, principalmente no vizinho mato das margens do Quarahim.

Assim findou no dia 27 de outubro a gloriosa batalha de Carumbé, que deriva o nome dos serros assim chamados, que estão proximos ao theatro da acção; foi uma das mais sanguinolentas até então havidas n'esta campanha e aonde o furor e o denodo com que atacou o inimigo se mostrou mais constante: n'ella perdeu Artigas mais de 600 mortos, inclusive muitos officiaes, 2 estandartes, muitos prisioneiros, 7 caixas de guerra, mais de 300 espingardas, mais de 200 espadas, 500 cavallos, munições, arreios de montaria, petrechos, bagagens, tudo finalmente que tinha alli. A perda dos portuguezes, que até ao choque das linhas tinha sido nenhuma, foi então consideravel; porque perderam 26 mortos e tiveram 44 feridos».

«Completa pois a victoria e a restauração do resto do terreno de Entre-Rios, de que estava Artigas apossado, pela evacuação que se seguiu á batalha de Carumbé; e não podendo o brigadeiro Oliveira levar adiante as hostidades, por ter ordem do seu general para não exceder o limite da linha divisoria, regressou ao quartel-general de Ybirapuitan com a sua columna victoriosa; e no dia 29 do dito mez de outubro, verificou a sua juncção com as tropas alli acampadas e se apresentou ao seu general, de quem recebeu os honrosos elogios e dignos louvores a que tinha jus por sua conducta assignalada na commissão de que fôra encarregado.» (*D. A. de Moraes Lara, Memoria da Campanha de 1816*),

Na batalha de Catalão, dada a 4 de janeiro de 1817, figura o seu nome entre os dos que mais se distinguiram, porquanto na madrugada desse dia, sendo atacado o acampamento do exercito portuguez pelos valentes caudilhos La Torre, Verdun e Mondragou cujas columnas excediam ao total de trez mil guerrilheiros, combateu heroicamente até ao cahir da noite, sustentando com denodo a posição, até que sobreveio o intemerato José de Abreu á frente dos seus bravos milicianos, sendo então o inimigo obrigado a bater em retirada «com bandeiras despregadas e salvando os feridos», mas deixando no campo cerca de mil cadaveres.

Recommendado o seu nome pelo general em chefe ao governo do Sr. D. João VI, por carta regia de 27 de julho do mesmo anno foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro *por actos de bravura praticados em Carumbé e Catalão*.

Em 1819 foi agraciado com a commenda da ordem de S. Bento de Aviz, e graduado no posto de marechal de campo.

Em 1820, depois de acabada a guerra, retirou-se por doente para a provincia de Santa Catharina, e dalli para o Rio de Janeiro.

Em 1821 foi nomeado, por decreto de 11 de novembro, ajudante general do estado-maior do governador das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro, e promovido a marechal de campo effectivo, a 7 de janeiro de 1822.

Segundo o conhecido historiographo Joaquim Manoel de Macedo, o marechal Oliveiro Alvares estabeleceu no edificio do quartel general o «Club conspirador e patriota, dissimulado em gabinete de leitura de periodicos.

«As reuniões do Club, á que concorrião Lédo, Januario, J. Joaquim da Rocha Nobrega, frei Sampaio e outros, faziam-se em uma sala do fundo, e o coronel Francisco Gordilho guarda-roupa do principe, pertencia á sociedade conspiradora, e era della o intermediario e representante, que fallava ao principe no empenho de leval-o á pôr-se a frente do movimento nacional brazileiro, que lhe assegurara o throno imperial e explendida gloria.

O principe hesitava; mas o decreto da constituinte de Lisboa, que annullava rispidamente sua autoridade no Brazil, e o mandava *aprimorar sua educação*, viajando por algumas capitaes ou paizes da Europa, irritou-o e pôz termo ás suas hesitações, em dezembro de 1821.

Preparou-se o pronunciamento de D. Pedro em representações officiaes e populares contra o decreto provocador de reação.

A' 9 de janeiro de 1822 o principe D. Pedro declarou-se desobediente ao governo de Lisboa, dizendo : «Fico no Brazil.»

Dois dias depois, já o temos referido, as tropas luzitanas da guarnição da cidade já habituadas á acção domi-

nadora por faceis e não disputadas imposições de sua vontade, em duas sedições militares no anno de 1821, tomaram as armas, e sob o commando do general Avilez, occuparam o morro do Castello, e ameaçaram a cidade no empenho de obrigar o principe á retirar-se em obediencia ao decreto do poder soberano de Lisbôa.

O general Oliveira Alvares achava-se então a guardando o leito ; mas ao saber desta ultima occurrencia fez-se transportar para o campo de Sant'Anna, onde assumiu o commando da força, composta de tropas do paiz e paisanos patriotas, providenciando de modo a repellir o esperado ataque, em toda noite de 11 para 12 de janeiro, em cuja manhã o general Avilez achou mais prudente passar com a sua divisão para o outro lado da bahia, acantonando na Praia Grande.

Em 16 do mesmo mez foi nomeado ministro da guerra, deixando este cargo a 27 de julho, por doente, sendo a 12 de outubro, tudo do referido anno de 1822, nomeado conselheiro de guerra, obtendo a carta de conselho a 25 de julho do anno seguinte.

Promovido a tenente-general por decreto de 12 de outubro de 1824, por outro de 12 de maio de 1825 foi nomeado official da imperial ordem do Cruzeiro.

A' 24 de julho de 1828 pela segunda vez entrou para o ministerio com a pasta da guerra, e foi um dos negociadores do tratado preliminar de paz com a Republica Argentina, á 27 de agosto d'esse anno.

«Em 1 de fevereiro de 1829 houvera em Pernambuco um motim no qual se derão vivas á republica : o povo mostrou-se indifferente ao grupo amotinador, que dos Afogados se dirigiu para Ipojuca e lá se dissolveu, antes de chegar a força publica.

O presidente da provincia deu muito mais importancia do que devia a esse facto, communicando-o ao governo geral, e este tomou medidas extraordinarias : o ministro da Justiça referendon um decreto, suspendendo as garantias constitucionaes em Pernambuco, e o da guerra annunciou officialmente, em outro decreto, a creação de uma commissão militar na capital da mesma provincia, para julgar os suspeitos de rebellião e dar immediata exe-

cução ás suas sentenças, menos as de pena de morte que que não seriam cumpridas, sem o consentimento do Imperador.

Reunida a Assembléa Geral, o deputado Hollanda Cavalcanti, depois Visconde de Albuquerque, apresentou á Camara accusação formal contra os dous ministros, e a commissão á que esta foi remettida, deu parecer considerando o acto da suspensão de garantias attenuado pela agitação dos espiritos em Pernambuco, e portanto que não devia ter andamento a accusação contra o ministro da Justiça; mas que cumpria tel-o apresentada contra o da Guerra por ter infringido a constituição do Imperio que não permittia tribunaes excepcionaes e extraordinarios.

Longa e renhida foi a discussão, que chegou a ser irritante, relativamente, a Joaquim de Oliveira Alvares, o qual, emfim, teve á seu favor trinta e nove votos, e contra, trinta e dous, e preciso é dizel-o, o imperador D. Pedro I nem dissimullou o empenho que tomou em pról da causa dos seus ministros, e principalmente em apoio de Oliveira Alvares, que além de muito mais ameaçado da accusação, era seu amigo pessoal.

A' 4 de agosto de 1829 Oliveira Alvares pedio demissão, a qual lhe foi concedida, lavrando-se o seguinte decreto:

«Attendendo as justas razões que lhe ponderou o tenente-general Joaquim de Oliveira Alvares: Hei por bem conceder-lhe a demissão qne pedio do logar de ministro e secretario de Estado dos Negocios da Guerra, louvando-lho os bons serviços que fez. — Palacio no Rio de Janeiro aos 4 de agosto de 1829, oitavo da Independencia e do Imperio. — Com a rubrica de S. M. o Imperador — *Miguel de Souza Mello e Alvim*.

Por decreto de 17 de outubro deste anno concedeu-lhe o Imperador D. Pedro I a gran-cruz da Imperial Ordem da Roza que acabava de ser creada.

Eleito deputado pela provincia do Rio Grande do Sul, para a segunda legislatura, os liberaes exaltados da camara propuzeram e sustentaram a annullação do seu diploma, não por vicios da eleição, *mas por seus actos de ministro e suas idéas e tramas contra as liberdades publicas e o*

systhema representativo. Oliveira Alvares teve por companheiros n'essa guerra, que soffreu, José Clemente Pereira e Salvador José Maciel. Felizmente os liberaes moderados ligaram-se n'essa questão com os deputados do governo, e o abusivo, e impolitico precedente não ficou plantado na Camara.

Quarenta e um votos reconheceram deputados Oliveira Alvares e José Clemente , que foram dos tres os mais guerreados com offensa profunda do direito eleitoral do povo, e ainda assim trinta e cinco deputados votaram pela annullação dos seus diplomas.

No mesmo anno de 1830, em que isso se passou, Oliveira Alvares partio para Londres, onde tinha de receber herança avultadissima, que lhe deixára um irmão negociante da praça daquella capital.

De posse desse legado empregou cincoenta mil libras sterlinas em fundos brasileiros á vista, e trinta mil á prazos, conseguindo assim que os nossos titulos subissem rapidamente de 45 á 49. Alem desta acção patriotica mandou scientificar ao governo da regencia do Brazil que o credito do Imperio nada soffreria no caso de não chegassem em tempo as necessarias remessas para o competente dividendo, pois de bom grado, prestar-se-ia, si necessario fosse, á adiantar até vinte e cinco mil libras para o dito fim.

Depois de 1832 o partido restaurador procurou o apoio e intervenção de Oliveira Alvares no sentido de suas idéas.

Si exatas são informações particulares, em todo caso delicadisssimas e sujeitas ás duvidas de confidencias e de planos que se passaram em segredo, D. Pedro, tendo firmado o throno de sua filha D. Maria II em Portugal, se prestava a voltar ao Brazil, sob a condição de lhe pedirem isso em representações todas ou em sua maxima parte as camaras municipaes do Imperio.

Queriam ao contrario agentes restauradores, que D. Pedro voltasse para o Brazil, trazendo o concurso da legião estrangeira que servira, no cerco do Porto, e que commandando a expedição viesse Oliveira Alvares, o qual ouvindo semelhante proposição exclamou :

— A' frente de tropa estrangeira, nunca !

Reformado no posto de marechal de exercito á 5 de julho de 1833, e tendo fallecido o ex-imperador D. Pedro I, dispunha-se á voltar para o Brazil; mas sentindo-se doente e abatido, quiz ir primeiro á Paris ensaiar o recurso de pequena viagem, e de outro clima, e em Paris foi morrer em 1835, sendo sepultado no cemiterio Père-Lachaise.

São do referido Dr. Joaquim Manoel de Macedo as seguintes phrases :

«Joaquim de Oliveira Alvares foi heróe nas guerras do sul, benemerito da independencia, soldado bravo, intelligencia illustradissima. homem probo e honrado.

As paixões politicas que o guerrearam de 1828 á 1830, o seu erro de ministro em 1829 pago de sobra nos tormentos da accusação proposta n'esse anno, e na inconstitucional disputa do seu diploma de deputado na seguinte legislatura, não podem enublar a gloria do guerreiro celebre em 1816 e 1817, e a do patriota dedicadissimo de 1821 e 1822».

Joaquim Xavier Curado

(Barão e Conde de São João das Duas Barras)

Filho legitimo de João Gomes Curaro e de D. Maria Josepha Pinheiro, Joaquim Xavier Curado nasceu a 1º de março de 1743, na freguezia de Meia-Ponte, a actual Pyrinopolis no estado de Goyaz.

Ficando orphão de pai, abandonou a sua terra natal com destino ao Rio de Janeiro, onde pretendia habilitar-se nos estudos secundarios, afim de matricular-se na universidade de Coimbra.

Com o correr do tempo, porém, foram mudados os seus designios ; assim é que, a convite do governador o conde da Cunha, deixou o seminario de S. José e alistou-se no exercito, como soldado nobre, contando então 21 annos de idade.

Achando-se travada a lucta no Sul, em consequencia da invasão hespanhola, Xavier Curado, já então alferes de infantaria, para alli seguiu em 1774 com o seu regimento, que foi encorporado á expedição commandada

pelo general João Henrique Bohm; os seus serviços nesta guerra, onde praticou actos de bravura, deram-lhe facil accesso aos outros postos, até o de sargento-mór.

No governo do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza (1779 á 1790), partio do Rio de Janeiro para pôr-se á testa dos moradores dos sertões da Parahyba-Nova, nos limites das capitanias de São Paulo e Minas Geraes, com o fim de reprimir com maior rigor, antes que se fizessem mais prejudiciaes as irrupções que faziam nos referidos sertões uma horda de indios bravios, assolando as fazendas que saqueavam, atacando e matando a todos os que lhe cahim infelizmente nas mãos, de modo que a maior parte dos fazendeiros que tinham os seus estabelecimentos ao norte do rio os abandonaram, por não serem as suas forças capazes de lhe fazer frente, o que permittia á esses indios passarem ao lado opposto, em que foram continuando as suas hostilidades e depredações.

Conseguiu porém Xavier Curado salvar os ditos fazendeiros e moradores de tanta oppressão, e restabeteceu a paz e tranquilidade de que se achavam elles privados, com toda a prudencia e moderação empregando um corpo de tropas que formou de diversos moradores para as diligencias que fossem necessarias, para rechassar os que se tornassem indomaveis, com o que fez — respeitado em muitas e repetidas occasiões e lugares em que se praticaram aquellas irrupções; « e, sem fazer estrago, por ter recorrido aos meios só capazes de os aterrar, sempre conseguio afugentar os rebeldes fóra do sertão circumvisinho, donde não mais appareceram e congregou os dispersos que não duvidaram formar uma nova aldêa no logar que habitavam denominando-o — Minhocal — onde por longos annos se conservaram, sob a intelligente direcção do padre Henrique José de Carvalho.

Pelo feliz resultado dessa commissão foi louvado e agradecido pelo mencionado vice-rei, que mencionou os seus serviços no relatorio que apresentou em 20 de agosto de 1789, ao conde de Rezende, como seu substituto no vice-reinado do Brazil.

Em officio de 20 de julho de 1797, o vice-rei conde do Rezende, apresentando-o a D. Rodrigo de Souza Couti-

nho, deu as melhores informações de sua capacidade, conhecimentos e serviços prestados ao Brazil— pelo que, no anno seguinte, foi promovido a tenente-coronel de infantaria.

No ultimo periodo do governo do sobredito conde foi designado pelo governador de Campos, desempenhando com alto criterio esta commissão, de modo a conseguir a verdadeira harmonia e boa ordem entre os campistas, que até então viviam em constantes desavenças.

Desta commissão seguiu para a Europa no desempenho de outra por demais importante, junto á côrte de Lisbôa, sendo porém forçado, em alto mar, a fazer desapparecer a correspondencia de que era portador, depois de se ter della inteirado, conforme lhe havia sido ordenado, por ter sido preza a embarcação, em que se achava, por um navio francez, e sendo levado como prisioneiro á bahia de Biscaya, dahi foi ter por terra á Lisbôa, com escala por Madrid.

Terminada esta tão ardua missão, a contento de quem della o incumbiu, regressou ao Rio de Janeiro, em 1800, e, sendo elevado ao posto de coronel, foi nomeado governador de Santa Catharina, para onde seguiu, e tomou posse desse cargo á 8 de dezembro do mesmo anno.

Ao coronel Xavier Curado foi dado concorrer para o progresso material e moral da então villa do Desterro, pois que, durante os cinco annos de seu governo, muito se empenhou em aformoseal-a, determinando a construcção de varios edificios e outras obras de palpitante necessidade. Dando forte impulso á agricultura em toda a capitania, demonstrou verdadeiro tino administrativo, concorrendo com estes e outros factos originados da sua fina e apurada educação, para elevar os creditos dessa parte do territorio brasileiro e da propria nação, no conceito dos governos mais poderosos do velho continente.

Em 5 de junho, de 1805 foi substituido no governo de Santa Catharina por D. Luiz Mauricio da Silveira, deixando em toda a capitania as mais gratas recordações de suas virtudes, como homem publico e em mais elevado gráo como particular.

Tendo-lhe sido dada a reforma no posto de briga-

deiro, o Conde dos Arcos, que era então vice-rei, excusou-se de pôr o *cumpre-se* na respectiva patente, objectando ao governo que assim fôra resolvido a proceder, « por não querer privar a Nação dos serviços que ainda lhe podia prestar um official benemerito, e cujo zelo suppria as forças physicas, que talvez *alguns* allegassem perdidas ».

Promovido ao posto de brigadeiro effectivo, por despacho de 2 de abril e graduado no de marechal de campo, por decreto de 13 de maio, tudo de 1808, seguiu Xavier Curado no anno seguinte para Buenos-Aires e Montevidéo, encarregado de uma secreta e importante commissão, a qual lhe foi dado desempenhar com escrupulosa rectidão ; ao regressar do Rio da Prata em 1810, seguiu logo depois para a capitania do Rio Grande do Sul á disposição do general D. Diogo de Souza, governador da mesma capitania.

Tendo este capitão-general recebido ordens para, á frente de um exercito, invadir a Banda Oriental, afim de auxiliar as autoridades de Montevidéo, conforme communicação, datada de 19 de fevereiro de 1811, reorganizou as duas columnas do seu exercito de observação, até então separadas, sendo a primeira commandada pelo general Marques de Souza e a segunda por Xavier Curado, que por carta régia de 13 de maio do mesmo anno foi promovido a effectividade do posto em que era graduado.

Deixando ao coronel João de Deus Menna Barreto a guarda e defesa dos povos das Missões, invadiu D. Diogo de Souza, por Jaguarão, o territorio Oriental á frente das referidas columnas que formaram o denominado — « Exercito Pacificador da Banda Oriental ».

Depois de penosa marcha estrategica, difficultada pelas enchentes dos rios e outros tropeços, conseguiu o general em chefe occupar a cidade de Maldonado em outubro de 1811, onde, estabelecendo o seu quartel-general, se conservou, até que, em março de 1812, se transportou para as immediações de Paysandú, na confluencia do arroio S. Francisco com o rio Uruguay, ahi acampando em maio do mesmo anno.

As columnas do «Exercito Pacificador» conseguiram

sempre sahir victoriosas, nos diversos combates e encontros que tiveram, com os partidos do caudilho Artigas no Rio-Negro, Salto e nos arredores do Serro-Largo, obrigando este chefe a abandonar a margem esquerda do rio Uruguay, á frente de tres mil guerreiros.

Foram assaltadas as povoações de Japejú e S. Thomé, e destroçados os inimigos que as occupavam, e bem assim os gentios Charruas e Mineanos, no arroio Laureles, a quem o caudilho Artigas confiava a vanguarda das suas hostes, nas acções por elle consideradas as mais arriscadas.

Tendo D. Diogo de Souza conhecimento do armisticio celebrado em 27 de maio, por se mostrar pouco satisfeito com elle, fez reunir em conselho os seus officiaes mais graduados e, submettendo-se ao que por elles ficou resolvido nesse conselho, tratou de evacuar o territorio Oriental, recolhendo-se ao do Rio Grande, mandando postar uma columna na fronteira de Bagé, e outra no Arroio Grande.

Depois desta campanha, foi Xavier Curado promovido a tenente-general graduado, por decreto de 13 de maio de 1813.

Na segunda campanha, que teve inicio em julho de 1816, como militar sagaz e experiente, achou-se á frente do exercito que cobria a fronteira do Rio Pardo, que comprehendia o districto de Entre-rios, e o da provincia de Missões da capitania do Rio Grande do Sul, então sob o governo do capitão-general marquez de Alegrete.

Sob o commando do general Curado se achavam: o destemido José de Abreu (barão do Serro Largo), o bravo João de Deus Menna Barreto (visconde de S. Gabriel) e os prestimosos generaes Oliveira Alvares, Chagas Santos, e Corrêa da Camara, os quaes procuravam sempre auxilial-o efficazmente, commettendo até impossiveis em presença do inimigo.

O caudilho José Artigas empregava sempre o seu bem conhecido systema de guerrilhas, e contava com o poderoso auxilio dos intemeratos guerrilheiros Verdum, Fructuoso Rivera, André Artigas, Latorre, Pantaleão Sotel, Mandagron e outros; mas com a habil direcção dada

ás tropas brazileiras por tão consummado tactico nenhuma vantagem conseguiram alcançar esses bons auxiliares, pelos revezes e derrotas que soffreram, e que foram testemunhas o Japejú, Ybicury, S. Borja, Ibirocahy, Carumbé, Arapehy e Catalão, « onde se feriu a 4 de janeiro de 1817 a batalha em que sahio victorioso o exercito brazileiro, organizado e instruido pelo tenente-general Xavier Curado ».

Sobre esta campanha existe publicada, á pag. 125 do volume VII da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro,* uma memoria do saudoso capitão Diogo Arouche de Moraes Lara, da legião de S. Paulo, que nella tomou parte, em a qual salientando os meritos militares e pessoaes de seu chefe assim se expressou : « Os relevantes serviços que o tenente-general Curado nesta campanha prestou á patria e ao principe, que nella reina, são tão extensos para não poder-se avaliar, quanto é grande a munificencia do augusto monarcha, em cuja defeza foram praticados, que é só quem os póde reconhecer e premiar, estando de posse do thesouro inexgotavel da honra ; ainda que o general por sua fidelidade e patriotismo desinteressado do premio particular, se julgue pago desses mesmos serviços com a régia approvação de seu soberano, e com o interesse geral que delles resultou á sua patria e nação.

« Mas, ainda que difficil seja o dar-se justo valor a serviços tão extensos, porque até nem é facil conhecel-os perfeitamente, é comtudo rigorosa obrigação das tropas que este general guiou tantas vezes ao campo da gloria, a confissão do muito que lhe devem, e da admiração que por muitas vezes lhes causaram os exemplos de soffrimento, quando passava as noites nas suas fileiras descançando sobre a terra e sem mais abrigo que os soldados ; da frugalidade com que lhes ensinava a soffrer as privações ; do valor com que se expoz aos maiores perigos ; da fidelidade que sempre patenteou aos seus deveres de vassallo honrado ; e finalmente da franqueza, humanidade e affabilidade com que soube acarear os animos dos subditos, fazendo jus á sua amisade, amor e respeito,—virtudes não vulgares em um general, — que produzem quasi

sempre os melhores fructos, e dos quaes temos as mais claras provas nos resultados desta campanha ». E, relatando em suas minudencias, a citada batalha de Catalão, onde por se achar presente o capitão-general Marquez de Alegrete, teve que ceder-lhe o commando, entrando porém na acção como seu immediato, diz :

« O general Curado, 2º commandante do exercito, desenvolveu naquelle mesmo dia um valor, e presença de espirito tão extraordinarios, como a sua conhecida capacidade e talentos até alli patenteados. Elle sobre tudo se fez notavel pela sua firmeza em conservar a posição do flanco esquerdo, aonde, exposto a um terrivel fogo, que lhe feriu duas praças do seu piquete, se conservou até o ponto de dirigir os ataques da esquerda, e do bosque, expondo-se mesmo ao fogo do inimigo no ultimo ataque.

« Neste habil e valoroso general muitas vezes tem havido e haverá motivo de tratar-se no periodo desta MEMORIA : e ainda que pareça excesso o elogial-o em todas as occasiões em que o deve ser, não é comtudo demasiado quanto a seu respeito se póde dizer : é sim difficil descrever os seus serviços e merecimentos dignamente ; e em quanto melhor penna o não executa, basta por agora a publica opinião do exercito para fazer-lhe justiça ». Conceitos estes que plenamente corroborados pelo alludido commandante em chefe Marquez do Alegrete, quando na parte official que sobre essa batalha dirigio no dia 8 do mesmo mez ao ministro da guerra, Marquez de Aguiar escreveu o seguinte :

« Faltam-me as expressões para elogiar devidamente a conducta de toda a tropa, e é grande o meu embaraço, tendo de particularisar os que mais se distinguiram ; seja-me, porém, licito, sem offuscar a gloria de que se cobriu todo o exercito, mencionar especialmente o tenente-general Joaquim Xavier Curado, cujos honrados e distinctos serviços em toda esta campanha justificam o conceito que me mereceu, desde que principiou a servir debaixo das minhas ordens ».

Retirando-se da campanha o marquez de Alegrete a 25 ainda do já citado mez de janeiro, reassumiu Xavier Curado o commando em chefe do Exercito e, por motivo

de maior commodidade administrativa, deixou a margem esquerda do Quarahim indo acampar meia legua acima do «Passo do Lagedo», pois que terminada estava a «campanha de 1816», ficando porém de observação aos movimentos de inimigos para o que estabeleceu as necessarias guardas-avançadas em toda a linha divisoria.

Foi nesse seu quartel de inverno que lhe chegou ás mãos o diploma de «commendador da ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito», com que fôra galardoado por D. João VI, pelos relevantes serviços que acabara de prestar á patria, no campo da honra.

Tolhido o chefe dos caudilhos para a pratica das suas habituaes correrias com relação á fronteira, sob a guarda do general Curado, imaginou interceptar as communicações entre o territorio brazileiro e as praças de Maldonado e Montevidéo, então dominadas pelo general Lecór, e, para conseguil-o, reuniu gente sufficiente para occupar o Jaguarão, Tahim e Pelotas, dando depois ordens para a tomada do forte de Santa Thereza e do Cerro Largo, o que conseguiu; mas não contava com o general Marques de Souza, que sahindo do seu quartel-general na villa do Rio Grande, retomou essas posições, fazendo Artigas retirar-se para as serras e margens do Uruguay.

Ao ter o general Curado conhecimento que o caudilho Aranda levantava gente para invadir de novo o povoado de S. Borja, ou para se reunir a José Artigas, na Banda Oriental, destacou em março de 1817 setecentos homens ao mando do general Chagas, que, atravessando com elles o Uruguay, deu combate áquelle caudilho em S. Carlos e, depois de porfiada lucta, conseguiu victoria, tendo sido morto na acção o mencionado Aranda.

Com o fim de não prejudicarmos a terceiros, omittimos aqui a descripção dos principaes feitos que, por determinação e inspiração de Xavier Curado, foram praticados pelos seus dignos auxiliares nessa campanha que, depois da final derrota de Artigas em Taquarembó, terminou com o tratado de 31 de julho de 1821, annexando ao Brazil a Banda Oriental, com a denominação de — provincia Cisplatina; diremos apenas que depois da referida derrota recolheu-se á côrte do Rio de Janeiro este benemerito sol-

dado, que, por decreto de 20 de dezembro de 1820, foi nomeado conselheiro de guerra, e a respeito do qual assim se expressou um dos seus contemporaneos:

« Nestas campanhas o tenente-general Joaquim Xavier Curado se desenvolveu com, tanta gloria, que não cabe em um curto espaço de uma noticia a exposição dos relevantes serviços que praticou.

A sua vigilancia á frente de um inimigo astuto; a sua actividade em baldar todos os planos dos generaes que haviam abraçado uma tactica só propria daquelle paiz; a sua firmeza em conservar a disciplina dos seus soldados, offerecendo-se elle mesmo como primeiro exemplo; emfim, a certeza de todos os seus calculos nos golpes que déra por tantas vezes, tão seguro dos seus resultados, que nem uma só acção perdera nas campanhas do sul em que figurára, acham-se bem provadas na memoria que se publicára e correm entre nós apregoadas por muitos officiaes de intelligencia e de honra que serviram debaixo do seu commando ».

Ao chegar á esta capital tomou assento no Conselho Supremo Militar, de que era membro, desde 30 de dezembro de 1820.

Como sabemos, em consequencia do celebre—FICO—o general Jorge Avilez, depois de sublevada a « divisão portugueza auxiliadora » pretendeu apoderar-se do principe D. Pedro para obrigal-o a retirar-se do Brazil, pois já o havia proclamado « rebelde ás côrtes de Lisbôa ».

E porque esse general tivesse tomado uma attitude ameaçadora contra os habitantes desta cidade, em a noite de 11 para 12 de janeiro de 1822, fazendo occupar o morro do Castello e suas adjacencias até o mosteiro de S. Bento, pela referida divisão portugueza; previamente avisados se congregaram os partidarios daquelle principe, que o eram da bôa causa da — independencia — e, instantaneamente á elles se reuniram no Campo de Sant'Anna, civis e militares que ahi permaneceram em armas até o dia seguinte.

Tão espontanea demonstração de resistencia abalou profundamente o animo daquelle general, ou pelo menos o dos seu commandados, porquanto « ao amanhecer do dia

12 as tropas portuguezas continuavão na mesma posição que tinhão tomado na vespera, porém já não dominada do mesmo ardor. O golpe tinha falhado. Entre muita gente as disposições varião e a presença de espirito não é igual em todos quando se lamenta o mallogro de uma tentativa.

« Havia já divisão entre os soldados.

« Jorge de Avilez estava com elles. Senão fôra assim muitos terião largado as armas.

« Não se distribuiu ração naquella manhã ; mas os que de fóra animavão a tropa não se descuidarão em lhes fornecer o necessario. Poucos milicianos portuguezes se reunirão aos revoltosos.

« No campo de Sant'Anna estava o acampamento brazileiro já assás numeroso, sob o commando do marechal de campo Joaquim de Oliveira Alvares.

« Compunha-se elle de trez batalhões de infantaria ou antes de trez cascos de batalhões, porque nenhum delles tinha mais de 100 praças ; do 1º regimento de cavallaria da côrte e da artilharia a cavallo, commandado pelo coronel Almada. Este corpo estava aquartelado na Praia Vermelha e logo que recebeu aviso se pôz em marcha para o campo de Sant'Anna.

« A' estas tropas de linha ajuntaram-se os milicianos, quasi todo o regimento dos pardos, alguns dos pretos e tambem dos brancos e muitos paisanos de todas as classes da sociedade, que se armaram, a cavallo e a pé, e se sujeitaram á disciplina militar para defenderem, com mais efficacia, a honra e a independencia do seu paiz.

« Ecclesiasticos e regulares, com as armas na mão, não eram raros naquelle acampamento que se achou durante a noite provido de todo o necessario, sem que se soubesse, com exactidão d'onde vinhão. Eram as virtudes civicas e o espirito publico que proviam a tudo.

« A's 8 horas da manhã appareceu naquelle acampamento o general Xavier Curado, que foi alli proclamado governador das armas da côrte e provincia. Este velho general, que já tinha dado provas do seu valor na guerra do Sul, quasi que, de repente, imprimio um novo caracter nas forças que alli estava.

« Achou homens armados de puro patriotismo. Em menos de 3 horas, essa gente armada, de mistura com a tropa de linha e milicianos formavam já batalhões organisados e commandados por officiaes distinctos. Tudo se pôz em ordem, e se houvesse de marchar seria já (salva a variedade dos uniformes, porque cada um trajava o que tinha) uma divisão regular.

« No principio da tarde do mesmo dia 12 o Principe Regente, que continuava a mostrar-se indifferente aos acontecimentos, mandou um official ao campo de Santa Anna, e outro ao acampamento dos portuguezes, afim de perguntar, em seunome, o que significavam aquelles ajuntamentos. O general Curado respondeu que *os brasileiros estavão alli para defender o Principe e a cidade e que não largarião as armas emquanto o Principe e a cidade se achassem ameaçados pela opposição hostil que tomára a tropa portugueza,* e Jorge de Avilez que *havia tomado posição para se defender da hostilidade que os brasileiros manifestavão contra elle e os seus soldados.*

« O Principe fez trocar estas respostas entre os dous generaes, e depois de dizer a ambos que elle não podia supportar por mais tempo taes actos de insubordinação, ordenou que se entendessem para restabelecer o socego á cidade e aos seus habitantes.

« Em virtude d'esta intimação do Principe os dous generaes se entenderam, concordaram e ordenou-se:

« 1º Que as tropas portuguezas passariam n'aquella mesma tarde, com as armas, para outra banda da bahia do Rio de Janeiro e que alli seria conveniente aquartelal-as.

« 2º Que se lhe pagaria regularmente o seu soldo e etápa até se apresentarem navios a transportal-as para Portugal.

« Em seguida a este accôrdo procedeu-se ao embarque de toda a divisão, inclusive o batalhão 3 de caçadores, que tinha ficado em S. Christovão, em lanchas e em um barco de vapor, unico que havia então n'este porto. Os soldados portuguezes, que estavam de guarda, foram substituidos por soldados brasileiros, mandados do campo de Sant'Anna. Piquetes de cavallaria escoltavam os guardas que sahiam para que o povo os não insultasse. Aó

anoitecer estavam todos embarcados, excepto os que ficaram tomando conta dos quarteis, nos hospitaes ou extraviados. A estes o Principe deu baixa no dia seguinte e aos que a pediram.

«Ao chegar á outra banda o general Avilez que havia concordado, de má fé e com sinistras intenções, como se verá, expediu logo um forte destacamento para reforçar a guarnição da fortaleza de Santa Cruz que era n'aquella occasião, fóra os artilheiros, composta pela maior parte de soldados do batalhão 11 de infantaria, com ordem de se amparar da fortaleza e prender a todos que lhe fizessem resistencia.

«Foram ainda mallogrados n'esta tentativa, porque o regimento de milicias de S. Gonçalo que marchava em soccorro da cidade, sabendo no caminho de todo o occorrido n'aquella tarde, e que um forte destacamento da tropa desembarcada, marchava em direcção da fortaleza de Santa Cruz, forçou a sua marcha e entrou elle primeiro na fortaleza, pôz fóra d'ella os soldados do batalhão 11, levantou a ponte e ficou assim sem communicação pelo lado de terra.

«O destacamento portuguez quando alli chegou já era tarde. Reuniu-se aos camaradas, que tinham sido postos fóra da fortaleza e retrocederam mortos de sêde e de cansaço para as antigas armações da pesca de balêas que lhe tinham sido destinadas para quarteis.

«A má fé com que o general Jorge de Avilez tratára da sua passagem para a outra banda da bahia do Rio de Janeiro mallogrou-se-lhe, assim como o projecto de se apoderar do Principe para o mandar para Portugal, e tambem da fortaleza de Santa Cruz, para ficar senhor da barra d'este grande porto, e ter uma praça forte, onde, em caso de necessidade, pudesse resistir por algum tempo a forças muitas vezes superiores ás suas.

«Apezar de tanto mallogro, a sua maligna perseverança o leva ainda a novas tentativas igualmente arrojadas e impossiveis de execução, e isto porque presumia muito de si e contava com exageração no valor dos seus soldados. Para que isso assim pudesse acontecer era ne-

cessario que o seu juizo fosse diverso a respeito dos seus adversarios. Achou-se enganado.

«Jorge de Avilez esperava no Rio de Janeiro por uma expedição maritima, com tropas de desembarque enviada de Lisbôa, com destino ao Rio de Janeiro e escala por Pernambuco, onde devia desembarcar o general José Corrêa de Mello e toda a tropa, ou parte d'ella se assim fosse necessario, para manter o socego publico na mesma provincia e isto na phrase dos legisladores da constituinte portugueza.

«O commandante d'esta expedição era o chefe de divisão Francisco Maximiano, que vinha a bordo da náo *D. João VI*. Jorge de Avilez pretendia protellar a sua partida até á chegada desta divisão, julgando achar-se então, com a reunião d'ella, com força sufficiente para se pôr na offensiva contra a autoridade do Principe Regente.

«A actividade do governo n'aquelle tempo se imprimia em todos os actos de sua administração. A 29 de janeiro todos os navios destinados a transportar a divisão auxiliadora estavam promptos de todo o necessario para seguirem viagem.

«Por aviso do ministerio da guerra, dirigido ao marechal de campo Carretti, commandante da divisão auxiliadora, com a data de 30 do mesmo mez, determinou o Principe Regente que a divisão embarcasse sem perder tempo.

«Carretti era o commandante legitimo por ter sido nomeado por el-rei e Avilez era commandante intruso que a divisão tinha escolhido no acto de se revoltar e por isso o ministro não se dirigiu a elle.

«Em presença da ordem de embarque os chefes dos corpos pediram que o embarque fosse adiado para o dia 5 de fevereiro e o Principe annuio a este pedido, acreditando na bôa fé d'essa gente. No dia 5 pediram elles ainda que fosse demorado o embarque até o dia 8 do mesmo mez, motivando este pedido com a necessidade de certos arranjos domesticos, que até então não tinham podido concluir.

«O Principe annuio ainda a este segundo pedido; mas, chegando ao prazo marcado a divisão não embarcou nem deu mais satisfações sobre a sua desobediencia.

«Com este jogo os seus chefes procuravam ganhar tempo até que chegasse a nova divisão que se esperava de Portugal escoltada pela náo *D. João VI.* A divisão com estes manejos já não podia sorprehender o governo, que a tudo occorria com previdencia e incrivel actividade.

«Por editaes da policia, datados de 2 de fevereiro foi prohibida toda a communicação com a margem do norte da bahia do Rio de Janeiro onde a divisão se achava aquartelada, e ordenado a todos os habitantes d'aquelle lado houvessem de se retirar para o interior, a 6 leguas de distancia. N'aquelle tempo as ordens do governo eram obedecidas e executadas com fiel promptidão.

«Pelo littoral em frente do aquartelamento, a tiro de canhão, foram postadas a fragata *União,* commandada pelo chefe de divisão Rodrigo Delamare, a corveta *Liberal* e alguns barcos canhoneiras, promptos a fazer fogo sobre os quarteis ao primeiro signal de desobediencia ». (A. J. DE MELLO MORAES, *Reino do Brazil).*

O general Curado que, como vimos desde o dia 12 de janeiro era governador das armas da côrte e provincia, passou-se para a outra banda com o seu estado maior, e estabeleceu o seu quartel-general em S. Gonçalo, onde estavam acampados um batalhão de granadeiros, outro de caçadores, dous esquadrões de cavallaria e 4 peças de artilharia.

Em Villa Nova estavam reunidos os regimentos 8 e 9 de infantaria, e o 1º de cavallaria, todos milicianos, que enthusiasticamente, cumpriam as suas ordens e levavam os seus reconhecimentos até o morro de Sant'Anna, á meia legua de distancia dos quarteis da divisão portugueza.

A fortaleza de Santa Cruz destacava patrulhas até a Praia de Fóra e S. João de Icarahy. Notava-se que todas essas forças ardiam em desejos de virem-se ás mãos com as portuguezas.

O signal de combate seria para elles um momento de grande prazer.

« Na tarde do dia 9 o Principe Regente apresentou-se á bordo da fragata *União*, e d'alli ordenou que, ao amanhecer do dia seguinte, a divisão começasse a embarcar para bordo dos transportes. Os chefes portuguezes vieram

á bordo, e, com bastante arrogancia, pretenderam impôr ao Principe o adiar o embarque ; mas Sua Alteza com dignidade e nobreza os repelliu, dizendo que se fossem embora, e que, si as suas ordens não fossem cumpridas, ao amanhecer do dia seguinte principiavam as hostilidades.

«Jorge de Avilez, falto de todos os recursos e apertado pelas criticas circumstancias a que o tinham reduzido as suas imprudencias por ter desobedecido ás ordens do Principe Regente e receiando maiores desgraças, chamou a conselho os officiaes de divisão e depois de lhes ter ponderado todas estas criticas circumstancias, com impossibilidade de uma viagem por terra para a Bahia, lhes disse : *O Principe Regente está a frente da força inimiga e sendo elle corajoso e atrevido como é, nós deveremos fazer-lhe fogo !!!* »

«A resposta e decisão do conselho sendo negativa, tratou Jorge de Avilez de dar as ordens para embarcar-se com a divisão e ao amanhecer o dia 10 a divisão operava o seu embarque ; e no dia 11, pelas 5 horas da tarde estava tudo embarcado ». (Dr. M. MORAES, *obr. citada)*.

Depois de serenados os animos com o cargo de governador das armas da côrte exerceu tambem Xavier Curado o de deputado á Assembléa Legislativa pela provincia de Santa Catharina.

Por decretos de 20 de outubro de 1825 e de 7 de setembro de 1826 foi condecorado com o titulo de Barão e conde de S. João das Duas Barras, e por outro de 25 de março de 1828, foi-lhe concedida a exoneração solicitada do cargo de governador, á vista de seu precario estado de saude.

O tenente-general Joaquim Xavier Curado, barão e conde de S. João das Duas Barras, do conselho de Sua Magestade e do de Guerra ; fidalgo cavalleiro da Imperial Casa, grã-cruz da ordem imperial do Cruzeiro, commendador das de S. Bento de Aviz e da Torre e Espada e condecorado com as medalhas das campanhas do Sul de 1811 á 1812 e 1815 á 1820, falleceu nesta capital a 15 de etembro de 1830, sendo sepultado nas catacumbas anti-

gas da ordem 3ª dos minimos da igreja de S. Francisco de Paula.

São do seu já mencionado contemporaneo as phrases que seguem :

« O verdadeiro amigo da patria sente o coração dilatar-se em nobre ufania, quando estendendo as suas vistas, desde o berço até o tumulo de um patricio, conduzido sempre pela honra, vê o seu nome immortalizar-se em seus feitos e seus feitos concorrendo para a gloria da nação.

« E' tal o respeito que infundem os bons serviços do patriota celebre, naquelles que o contemplam recolhido ao seio da terra, depois de fechado o circulo dos seus luminosos dias, que a maledicente inveja cala-se envergonhada, quando a patria proclama sobre o seu sepulchro, as virtudes que a honráram, e que só a modestia calava, porque em vida os elogios podem corromper, e na morte são tributos que a justiça não póde recusar.

« O Conde de S. João das Duas-Barras terminou com gloria a longa carreira de uma vida consagrada toda ao serviço da patria ; salvemos a sua memoria do esquecimento dos tumulos, porque somos brasileiros, amigos da justiça e agradecidos aos nobres sentimentos de quem tanto nos honrára pelos seus feitos ».

Em dezembro de 1869, por ordem e a expensas de D. Pedro II, foram os seus restos mortaes trasladados da referida igreja e «depositados em um jazigo perpetuo», construido junto á capella do actual cemiterio de São Francisco de Paula, homenagem esta que lhe prestou aquelle monarcha por saber o quanto elle pôz em pratica, para que fosse consolidada a integridade da nossa patria e a sua independencia.

José de Abreu

Barão do Serro Largo

O general José de Abreu, barão do Serro Largo, nasceu durante o ultimo trintenio do seculo XVIII em Povo Novo, pequeno povoado situado entre as cidades do Rio Grande e Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul.

Terminando os seus estudos primarios, assentou pra-

ça no regimento de dragões, em o qual tomou parte nas diversas campanhas de 1801 a 1812, conquistando as divisas de capitão pela sua bravura, alliada á reconhecida actividade e bom senso pratico das cousas militares com applicação á arte da guerra.

Em 1814 foi nomeado commandante das milicias de Entre-Rios, sendo logo após elevado a tenente-coronel, tocando-lhe o commando militar do districto do mesmo nome, que comprehendia a linha de fronteiras entre o Quarahym e Sant'Anna do Livramento.

Em 1816 o caudilho Artigas postou-se com tres mil homens em bem escolhida posição para invadir o Rio Grande do Sul, e enquanto os seus immediatos á frente de numerosas columnas ameaçam os generaes Carlos Lecór, na fronteira de Jaguarão, e Xavier Curado na do Quarahym, José de Abreu incumbido de obstar no Uruguay a passagem de Sotel e a sua juncção com André Artigas, que com mil e quinhentos homens ameaçava S. Borja, poz-se á frente de seiscentos e cincoenta homens das tres armas com duas peças de artilharia e a 21 de setembro derrotou Sotel no passo de Japejú, junto ao rio Ibicuhy e atravessando-o em plena cheia, destroçou a 27 do mesmo mez, em Ituparay, um corpo de tropas de duzentos homens, que conduziam o gado para a esperada columna de Sotel, chegando inesperadamente, em frente á S. Borja, a 3 de outubro, onde em renhida luta esmagou as forças, aliás muito superiores do referido André Artigas.

Diz Joaquim Manoel de Macedo: «O nome de José de Abreu tornou-se legendario e aterrador dos gaúchos de Artigas, aos quaes só em S. Borja elle tinha morto quatrocentos.

«Perto de mil mortos, prisioneiros, bagagens, artilharia, secretaria militar de André Artigas, cópia de armamento, mais de dois mil cavallos, muito mais do que isso em rezes deu José de Abreu ao general Curado, como fructo do seu commando de seiscentos e cincoenta homens, a quem soubera inspirar bravura e como que insensibilidade a marchas forçadas, a fadigas, e a privações experimentadas, até o momento de travar das pelejas.

«As victorias de José de Abreu facilitaram duas outras alcançadas por generaes portuguezes.

«A campanha toca a dia decisivo : La Torre, tenente de Artigas, avançando e contramarchando, se acha á retaguarda do exercito portuguez, emquanto o mesmo Artigas o ameaça pela frente, acampando em *Arapehy*.

«Resolve-se o immediato ataque de *Arapehy*, e José de Abreu é delle incumbido : o legendario avança na noite de 5 de janeiro de 1817 e ás 7 horas da manhã do dia seguinte, ataca posições e desfiladeiro, que ser eputavam inexpugnaveis : a derrota de Artigas foi completa e horrivel.

«Na noite do mesmo dia 3, José de Abreu, extenuado de fadiga, incorporou-se victorioso, mas humanamente alquebrado, ao exercito.

«A 4 de janeiro, pela madrugada, La Torre, com tres mil e quatrocentos homens, atacou o campo portuguez : feriu-se terrivel, durante horas, indecisa batalha : o marquez de Alegrete, e o general Curado, dando exemplo de inexcedivel valor, encorajavam as tropas ; começavam, porém, a temer o resultado da acção, quando surge no meio da peleja o raio da guerra, José de Abreu, que, dirigindo impetuosas cargas de cavallaria, põe em desordem e em derrota as hostes inimigas, e conquistam a victoria.»

«No fim dessa campanha José de Abreu era brigadeiro graduado, e por carta régia de 7 de agosto de 1819, foi promovido á effectivo.

De 1819 a 1820 elle continua a prestar os maiores serviços na guerra, e a 20 de janeiro desse ultimo anno contribue muito no commando em chefe do conde da Figueira, para a victoria, na batalha de *Taquarembó*, que poz termo ao poder e á influencia de Artigas, que, fugindo para o Paraguay, foi lá internado pelo dictador Francia.

O brigadeiro José de Abreu subiu a marechal de campo graduado por decreto de 1º de março de 1820, pela «sua bravura e entrepidez na batalha de Taquarembó».

Pacificada a Banda Oriental, elle ficou na fronteira, commandando as forças que deviam guardal-a.

A independencia do Brazil foi proclamada, e o mare-

chal José de Abreu, nomeado governador das armas da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, mandou consideraveis reforços ao Viscode da Laguna, que sitiava Montevidéo e marchava á frente de forte columna, quando as tropas portuguezas capitularam naquella cidade.

Já marechal de campo effectivo, por despacho de 12 de outubro de 1824 e sempre governador das armas, José de Abreu, ao romper a guerra da Cisplatina em 1825, invadiu essa provincia com uma divisão, e ganhou nesse anno novos louros, em alguns combates parciaes.

Achava-se empenhado nos trabalhos da defesa das fronteiras, quando recebeu o titulo de barão do Serro Largo. Ao seu appello se reuniram centenas de bravos que se preparavam para, com o invicto chefe, entrar em campanha, quando foi elle demittido do cargo de governador das armas do Rio Grande do Sul, que passou a ser exercido pelo brigadeiro Rosado.

A guerra da Cisplatina continuava manifestamente desfavoravel ao Brasil.

O imperador D. Pedro I partira para o Rio Grande de Sul em novembro de 1826, afim de, pessoalmente, ver o estado do exercito, e providenciar o que mais conveniente fosse na difficil situação das cousas; mas, recebida a noticia da morte da imperatriz, foi obrigado a voltar para a côrte em janeiro de 1827.

No emtanto o Barão do Serro Largo, sempre patriota, se offerecera ao imperador para levantar um corpo de voluntarios. Diz ainda o referido historiador J. M. de Macedo:

«O Marquez de Barbacena pediu ao Barão que acceitasse o commando de uma divisão do exercito; elle, porém, recusou-se a isso, mas insistiu em commandar o corpo de voluntarios, e partindo para S. Gabriel, ao seu grito de — *ás armas* !... acudiram ardentes seus já conhecidos companheiros de combates, e muitos novos guerreiros que se exaltaram e correram ao nome de José de Abreu.

«O Barão do Serro Largo reune-se ao exercito com o seu corpo de voluntarios no passo dos *Enforcados*.

«Está proxima uma batalha: o Marquez de Barbacena exige que elle commande a vanguarda: em face da bata-

[illegible] José de Abreu, o Barão do Serro Largo, não sabe negar-se á exigencia».

Aos applausos dos seus amigos e admiradores por vel-o voltar ao campo da lucta, respondia como que prophetisando «venho dar a guerra o que della tenho recebido».

A 20 de fevereiro de 1827 feriu-se a batalha do passo do Rosario, mais conhecida pela do *Ituzaingo*.

O exercito brazileiro, segundo diversos escriptores, constava apenas de cinco mil e poucos combatentes pois nesta batalha deixou de tomar parte a columna de 1.200 homens do coronel Bento Manoel Ribeiro; o argentino com o oriental excediam de dez mil e quinhentos homens, bem apparelhados e dispondo de 26 canhões, ao passo que aquelle dispunha apenas de 12 peças.

O general em chefe Marquez de Barbacena mandou na madrugada de 20 accelerar a marcha do seu exercito e atacou o de D. Carlos de Alvear.

O Barão do Serro Largo, commandando uma pequena columna de 560 homens, foi designado para guardar o flanco esquerdo do exercito, quando viu-se atacado por enorme columna de cavallaria; os seus commandados, tomados de panico, recuavam destroçados, procurando o apoio da divisão do general Chrysostomo Callado, quando foram acommettidos por outras forças que os atacavam pelo flanco.

José de Abreu, não conseguindo conter os seus soldados, em grande parte *paisanos voluntarios*, foi com elles levado de roldão sobre a divisão Callado, que não podendo distinguil-os dos numerosos inimigos, cuja carga impetuosa ameaçava a sorte da sua divisão, mandando formar quadrado, deu signal de fogo; e o Barão do Serro Largo, o intemerato Rio-Grandeense, nunca vencido pelos inimigos, cahiu morto, traspassado pelas balas brazileiras!...

Occupando setenta e quatro paginas da segunda parte do tomo XXXI da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, encontrará o leitor a biographia deste notavel «cabo de guerra» pelo dr. J. M. da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, que, depois de relatar todos os

seus feitos militares, desde 1801 até o fatal dia da sua de sastrada morte, a conclue com os seguintes periodos :

«Ássim terminou sua carreira gloriosa esse distincto veterano. A vida, que inteira consagrára á patria, devia ser tambem sacrificada a ella, e, de feito, sua espada só deixou de combater quando a mão que a brandia cahiu desfallecida.

«Com tantos serviços, com tantas glorias, com tantas virtudes, tanta abnegação e civismo, o illustre Barão do Serro-Largo, teve nos ultimos dias de sua vida, como premio e recompensa, a ingratidão e o esquecimento do governo de seu paiz !...

«Bem o disse Mme. de Servigné : «Ha serviços tão grandes e tão importantes, que só a ingratidão os póde pagar.»

«Mas acima das fragilidades e miserias dos contemporaneos, acima de seus odios e de seus erros, eleva-se um dia o juizo da posterioridade, sempre severo, inflexivel e imparcial ; e a posterisidade, póde-se já dizel-o, ha de destinar a tão eximio cidadão e a tão illustre victima um logar distincto entre os mais gloriosos e prestantes filhos da terra de Santa-Cruz».

José Antonio do Passo Bruques

Filho de José do Passo e natural da villa de Oeiras (Portugal), José Antonio do Passo Bruques, ainda joven, foi admittido na Real Academia de Marinha de Lisboa, em a qual foi approvado nos dois primeiros annos de mathematica e plenamente no exame do 3º, que prestou a 1 de julho de 1795, ficando assim com o respectivo «curso mathematico» da mesma academia.

No dia 9 do mez de setembro desse anno, embarcou como voluntario em a náo «Rainha de Portugal» e nella serviu até 30 de novembro, data em que passou para a «Principe Real» onde se conservou até 10 de abril de 1796.

Por decreto de 5 de novembro do dito anno «foi Sua Magestade servido nomeal-o segundo tenente da Real Armada» continuando a servir na referida náo até 1 de fe-

vereiro do anno seguinte, em que a deixou para embarcar na fragata «Carlota».

Neste mesmo anno (1797) serviu ainda nas fragatas «Tristão», «Tetis», e náo «Affonso de Albuquerque» passando desta para a «Andorinha» em 11 de janeiro de 1798, onde recebeu a patente que lhe foi passada á vista do decreto de 19, tudo de outubro do mesmo anno, que o elevou ao posto de 1º tenente.

«Por patente régia de 16 de março de 1799 foi nomeado capitão-tenente com assento de praça a 5 de abril seguinte e vencimento de soldo de vinte mil réis por mez, em terra e trinta mil réis embarcado, querendo Sua Alteza Real recompensar a valorosa conducta com que se portou na fragata «Andorinha», que animosamente se atacou a tiro de pistola pelo espaço de uma hora com uma fragata franceza de maior força, até arriar bandeira e se render.»

A 18 de maio do mesmo anno embarcou commandando o «Corsario Leão», de onde passou na mesma qualidade para a escuna «Real Pedro» em 24 de janeiro de 1800, que deixou a 20 de agosto para embarcar em a náo «Vasco da Gama», onde apresentou-se a 16 de fevereiro de 1801.

Dá náo «Vasco da Gama» passou o capitão-tenente José Antonio do Passo para a «Principe da Beira», em 6 de julho de 1802 e della passou para a fragata «Fenix», a 5 de março de 1803, onde serviu até 30 de setembro de 1805, por ter sido nomeado, por decreto de 9 do dito mez e anno, tenente-coronel de infantaria com exercicio de ajudante de ordens do governador e capitão-general da capitania da Bahia, conde da Ponte, João de Saldanha da Gama de Mello Torres Guedes de Brito.

Por decreto de 4 de fevereiro de 1808, passou a coronel effectivo da mesma arma de infantaria continuando no exercicio de ajudante de ordens. Por decreto de 17 de dezembro do mesmo anno foi nomeado ajudante de ordens —effectivo — de capitania da Bahia, que exerceu até 6 de fevereiro de 1818, data em que foi-lhe concedida a graduação do posto de brigadeiro dos reaes exercitos «em attenção ao acto da real coroação do Sr. D. João VI».

Chegando á capital da Bahia a noticia da revolução do Porto, e de outros logares do reino de Portugal, nas reuniões dos diversos clubs, então existentes, ficou assentado levar-se á praça publica um solemne protesto de adhesão aos revolucionarios portuguezes, o que, como se sabe, realisou-se a 10 de fevereiro de 1821, sendo proclamada na praça de Palacio a Constituição de Lisboa, com ruidosas manifestações de enthusiasmo.

Pela anormalidade do acto o governador Conde de Palma mandou reunir a tropa e, destacando-se d'ella o marechal de campo Brant Pontes (depois marquez de Barbacena), á frente de 200 homens com vistas de fazer um reconhecimento pelas adjacencias do forte de S. Pedro, onde se achavam os amotinados, foi recebido á metralha, morrendo algumas praças e o commandante do contingente, pelo que, morto tambem o seu cavallo, resolveu o marechal desistir da empresa e reuniu-se ao citado Conde, que com a tropa e mais circumstantes se concentraram na casa da camara, que já se achava repleta de povo.

Ahi, depois de tumultuosos debates, juraram todos a constituição politica de Portugal sendo designados os cidadãos que deviam compor a junta provisional que governar devia a provincia, até que Sua Magestade jurasse solemnemente a dita constituição, sendo esses cidadãos os representantes do clero, commercio, milicia e agricultura; e bem assim acclamaram tambem para membro desse governo o tenente-coronel commandante das forças armadas, Manoel Pedro de Freitas Guimarães, um dos promotores da revolução, e que nesse mesmo dia foi elevado ao posto de Brigadeiro por acclamação popular, ficando desde então encarregado do governo das armas da Bahia, e a dita junta do seu governo civil, protestando a sua adhesão á nova forma de governo, — proclamado perante Deus e todos os Santos da Côrte Celestial.

Os officiaes das tropas regulares, entre os quaes figura o brigadeiro José Antonio do Passo Bruques, resolveram tambem o que consta da seguinte acta: «Os commandantes e officiaes da tropa de linha da guarnição da cidade da Bahia, reunidos na praça de Palacio, em prensença do governador e capitão-general conde de Palma, desejando

todos de commum accordo evitar uma effusão de sangue, que infelizmente pode resultar de motins, originados de receios do povo de que sejam frustrados os desejos que tem manifestado, de adherir aos votos de seus irmãos de Portugal, a quem desejam estar perpetuamente unidos, e participar com elles dos beneficios da constituição liberal que ora se faz em Lisboa, resolveram o seguinte:

« 1º) Jurar a constituição que fizerem as côrtes em Portugal e interinamente a de Hespanha, da mesma maneira que foi adoptado em Lisboa.

« 2º) Jurar obdiencia ao mui alto e poderoso rei D. João VI e a adhesão á sua real dynastia ; conservar á santa religião que professámos.

« 3º) Que a camara proponha á approvação da tropa e povo, as pessoas que devem formar uma junta provisional que haja de governar esta provincia até que Sua Magestade tenha solemnemente jurado a mesma constituição.

« 4º) Que o governo provisional, logo depois de sua installação, forme um acto por si, em nome desta provincia, de adhesão ao governo de Portugal e a nova ordem alli estabelecida, o qual será remettido ao mesmo governo e a el-rei nosso senhor.

« 5º) Que o governo provisional mandará logo proceder a nomeação de deputados da provincia para se reunirem ás côrtes de Portugal.

« 6º) Que todos os actos da administração publica continuarão, como dantes, em nome do sr. rei D. João VI.

« 7º) Que o dia de hoje seja de reconciliação geral entre os habitantes desta provincia, que por qualquer differença de opinião politica, estejam discordes até agora.

« Bahia, em Camara, 10 de fevereiro de 1821.— *Conde de Palma.* — *Felisberto Caldeira Brant Pontes,* marechal.— *Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França,* marechal. — *Jose Thomaz Boccaciari,* brigadeiro. — *Thomaz Franco,* brigadeiro e inspector do trem. — *José Antonio do Passo,* brigadeiro. — *Joaquim José Portugal,* coronel. — *Ignacio Luiz Madeira de Mello,* coronel. — *Manoel Fernandes da Silva,* coronel (seguem-se outras assignaturas de postos inferiores, até alferes inclusive),

Por decreto do Sr. D. João VI de 27 de abril do seguinte anno (1822) foi José José Antonio do Passo promovido á effectividade do posto de brigadeiro, continuando na capital da Bahia.

Como sabemos, foi neste anno que, tendo sido proclamada a Independencia do Brazil, o brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello nomeado por D. João VI governador das Armas da Bahia, á frente das tropas lusitanas oppoz-se e lutou para que não fosse reconhecido e proclamado nessa provincia o acto de D. Pedro I, a quem classificava de rebelde. Durante toda essa luta que se denominou «guerra da independencia» o brigadeiro José Antonio do Passo se conservou na capital da Bahia observando uma especie de neutralidade ou indifferença, pelo que logo que as forças brasileiras occuparam a cidade, por deliberação do seu governo, em acta de 17 de dezembro, tudo de 1823, approvado por D. Pedro I, foi demittido do posto de brigadeiro, — por ter sua conducta durante a occupação da tropa lusitana, offuscado a sua reconhecida probidade anterior e o tornado bastante suspeito.

No seguinte anno de 1824 embarcou José Antonio do Passo para a côrte do Rio de Janeiro, e apresentou ao governo de D. Pedro I um memorial solicitando ser considerado reformado no seu posto de brigadeiro, petição esta, que tendo sido informada pelo presidente e governador das armas da Bahia, teve por despacho que devia justificar em conselho de guerra, a sua conducta durante a guerra da independencia.

Submettido a conselho de investigação a 25 de junho, e em seguida ao de guerra, foi absolvido, sendo confirmada esta sentença pelo Conselho Supremo Militar de Justiça a 11 de agosto tudo de 1825, «ficando illibada a sua honra» conforme fez publico a ordem do dia de 7 de março de 1826, pelo que e de conformidade com a imperial Resolução de 9 de maio do mesmo anno, foi confirmado no posto de brigadeiro effectivo, a que fôra promovido por decreto de 27 de abril de 1822, já mencionado, e seguiu para a Bahia.

Apresentou documento de haver jurado a Constituição politica do Imperio, promulgado a 25 de março de 1824.

Por aviso do Ministerio da Guerra de 23 de agosto ainda do referido anno, obteve licença para residir na Bahia onde exerceu o cargo de vogal da junta de justiça da mesma provincia desde 27 de fevereiro de 1828 a6 de julho de 1831.

Por motivo de molestia e baseando-se no decreto de 16 de dezembro de 1790 e resolução de 29 de dezembro de 1801, solicitou em abril de 1832 a sua reforma, a qual lhe foi concedida no posto de marechal de campo, por contar mais de 35 annos de serviços, conforme se vê da imperial resolução de 9 de agosto de 1833.

O general José Antonio do Passo Bruques, depois de conseguida sua transferencia para a classe dos inactivos do exercito, continuou a residir na Bahia, onde constituira familia, e a gosar pacificamente de alguns bens de fortuna.

José Arouche de Toledo Rendon

O general José Arouche de Toledo Rendon, filho do mestre de campo Agostinho Delgado de Toledo, nasceu na capital da antiga capitania de S. Paulo a 14 de março de 1756.

Tendo sido destinado á carreira das lettras, seguiu para a Europa em 1774 e effectuou matricula na Universidade de Coimbra.

Em 13 de julho de 1779 foi-lhe conferida a carta de bacharel em leis pela referida Universidade.

Assim diplomado, regressou José Arouche á sua terra natal, e não desejando abraçar a carreira da magistratura, fez-se no entretanto advogado, em cujo exercicio se lhe offereceram muitas occasiões para demonstrar os seus conhecimentos juridicos.

Por diversas vezes teve de servir como juiz de medições de orphãos, e bem assim de exercer o cargo de procurador geral da Fazenda Nacional e da Corôa.

Quando, pela provisão de 24 de março de 1797, foi mandada observar no Brazil a reorganização dos terços auxiliares, creando-se então os regimentos de milicias, José Arouche verfiicou praça como capitão aggregado ao

2º regimento de infantaria da mesma milicia, com séde na capital da capitania de S. Paulo.

Com o louvavel intuito de fazer sobresahir entre os demais o regimento em que se alistou, tratou de obter as necessarias obras sobre arte militar, e com os seus companheiros entregou-se ao estudo das manobras e de outros preceitos da tactica das diversas armas.

Tendo sido elevado a coronel commandante do seu regimento, tratou de beneficial-o sobre todos os modos; assim é que, além dos cabedaes que com elle de boa vontade despendia, estabeleceu mais em sua residencia uma aula particular para o estudo das manobras das armas de infantaria e cavallaria, conseguindo assim formar habeis officiaes, como o demonstravam nos exercicios geraes no campo de instrucção.

E, porque além destes serviços, muitos outros o coronel José Arouche tivesse tido occasião de prestar, sempre que a elle recorriam os governadores de S. Paulo, de tal informado D. João VI resolveu por carta regia de 15 de fevereiro de 1808 nomeal-o inspector geral das milicias de toda a capitania de S. Paulo, em « attenção o seu distincto serviço e reconhecido prestimo, continuando, porém, no commando do 2º regimento de infantaria de milicias ».

Havendo o general governador Antonio Mello de Castro Mendonça encarregado-o da direcção das aldeias dos indios, desempenhou-se de tal commissão com zelo e intelligencia, como se vê da « Memoria » que sobre a civilisação dos indios escreveu, a qual se acha publicada no tomo quarto da *Revista do Instituto Historico Brazileiro*.

Em attenção aos seus bons serviços como coronel commandante do 2º regimento de infantaria e inspector geral das milicias da capitania de S. Paulo, foi José Arouche, por carta Regia de 17 de fevereiro de 1813, graduado no posto de brigadeiro, continuando, porém, no exercicio do cargo de inspector e dispensado do de commandante do alludido regimento.

Por occasião da campanha do sul em 1816, determinada a creação de corpos de voluntarios, que deviam ser encorporados ao exercito em operações, sob o commando

do marquez do Alegrete, governador e capitão general da capitania do Rio Grande do Sul, José Arouche foi encarregado de organisar esses corpos, pelo que « fazendo-se digno de particular attenção o longo e bom serviço e efficaz zelo com que tem desempenhado as differentes e importantes commissões de que tem sido encarregado na mesma capitania, e, ultimamente, com o arranjo e disciplina dos novos corpos de voluntarios, que mandei levantar, hei por bem promovel-o á effectividade de brigadeiro de cavallaria, continuando no mesmo exercicio de inspector geral de milicias ». — Assim foi lavrada a carta régia de 6 de agosto de 1817.

Sendo governador da capitania de S. Paulo, em 1819, o capitão-general João Carlos Augusto Oeynhausen, recebeu o brigadeiro José Arouche a honrosa commissão de commandante das guarnições militares das povoações e villas do norte, que se achavam ameaçadas de uma invasão de tropas estrangeiras ; commissão esta em que permaneceu até o fim do anno de 1820, e durante o seu exercicio foi, por carta régia de 13 de maio de 1819, graduado no posto de marechal de campo.

Dotado de illustração e patriotismo, não era dado ao marechal de campo José Arouche, como brazileiro nato, deixar de concorrer para que fosse feita a nossa emancipação politica ; assim é que, tendo o povo paulistano resolvido que se mandasse uma deputação ao principe Dom Pedro, para solicitar-lhe que não abandonasse o Brazil, coube-lhe a honrosa distincção de ser um dos membros dessa deputação, razão pela qual achava-se na côrte, quando se deram os successos de 10 para 11 de janeiro de 1822, e de prompto collocando-se ás ordens do legendario Xavier Curado, poude concorrer tambem para que as tropas portuguezas ao mando do general Jorge Avilez abandonassem o morro do Castello, onde se achavam com o intuito de hostilisar os habitantes da capital.

No mez de maio seguinte achava-se ainda na côrte o marechal Arouche, quando chegou ao conhecimento do governo do principe D. Pedro de que se tramava na capital de São Paulo uma conspiração contra a ordem e socego publicos, em consequencia de haver sérias divergencias,

entre os membros do governo provisorio da alludida provincia.

Como se sabe, occupava proeminente posição no primeiro governo do Brazil o patriarcha da nossa independencia, conselheiro José Bonifacio, que era um vigilante pelos interesses do paiz e especialmente pelos da terra que o viu nascer, pelo que, entre outras medidas, que tomou, com o fim de tornar inalteravel a ordem publica, fez com que, por decreto de 10 do mesmo mez, « tendo-se mui presente os seus bons serviços, provada fidelidade e intelligencia do marechal José Arouche », fosse elle nomeado governador de S. Paulo, devendo o mesmo marechal seguir logo a seu destino, afim de nella tomar todas as medidas precisas e dar todas as providencias que lhe parecerem mais acertadas e efficazes, afim de manter a ordem e socego publicos, e de restabelecel-as, quando, por ventura, estejam alteradas por qualquer circumstancia ».

Outras noticias tendo chegado á côrte de imminente commoção na capital de S. Paulo compelliram o Governo Geral a apressar a partida do general Arouche, que na sua viagem por terra devia pôr, sob ás suas immediatas ordens, o corpo de milicias paulista, que dias antes se havia retirado da côrte, onde estiveram em virtude dos referidos successos de janeiro, tendo recebido o aviso do ministerio da guerra de 23 de junho de 1822 que, entre outras ordens, o concitava a restabelecer a ordem na cidade e provincia de S. Paulo, a pique de ser envolvida em uma guerra civil por uma triste facção desorganizadora.

Foi assim que, chegada á capital de S. Paulo a noticia da marcha do general Arouche com o corpo de milicias de que fizemos menção e auxiliado ainda pelas tropas da praça de Santos, se espalharam, ardilosa e tumultuariamente, os mais assustadores boatos que chegaram ao conhecimento do governo provisorio, por um grupo de insinuados agitadores e dahi as ordens que foram levadas ao corpo de milicias para não se submetter ao governador das armas, devendo ser dissolvido e recolhido o seu armamento ao quartel de Mogy.

Decidiu-se José Arouche a entrar na capital e, antes de pôr-se a caminho, enviou ao seu collega marechal Al-

meida e Souza, governador da praça de Santos, o aviso do ministerio da guerra de 23 de junho, em que o Governo lhe dava instrucções de marchar de pleno accôrdo com o governador das armas, com o fim de restabelecer a ordem.

O marechal Arouche entrou na Capital a 16 de julho, e entregandó ao governo provisorio o seu diploma de governador das armas e mais despachos de que fôra portador da côrte, recolheu-se á sua residencia particular.

Fôra-lhe aprazado o dia 20 do mesmo mez, para se lhe dar posse solemne do cargo de governador das armas; a discordia, porém, entre as duas facções, tomou taes proporções que inspirou serio receio de um conflicto, chegando a ser pessoalmente desconsiderado o marechal Arouche.

Foi em cumprimento da referida determinação do governo que no dia 20 do mencionado mez de julho, apresentando-se o marechal Xavier de Almeida nas immediações da capital de S. Paulo, recebeu aviso de que os quarteis haviam sido invadidos pelos populares mais exaltados, que se armavam e de commum accôrdo com a tropa local decididos estavam a obstarem a entrada das forças sob o seu commando.

Ao seu encontro foi mandado um dos membros da junta governativa, que depois de ter com elle confabulado, foi resolvido o estacionamento de forças no logar denominado Ponto Alto; feito o que e accedendo ao chamado da junta entrou o marechal Xavier de Almeida na capital na noite de 21, servindo-lhe apenas de companhia o coronel Müller.

Apresentando-se na casa do governo, e antes de responder ou dar quaesquer explicações os membros da junta governativa, requisitou o comparecimento do marechal Arouche ; sendo este presente inhibiram ambos os avisos que a cada um delles fôra expedido pelo ministro da guerra com instrucções determinantes sobre o que de anormal podesse occorrer com relação á investidura do marechal Arouche no governo das Armas, do que de tudo se lavrou uma acta, que já reproduzimos na integra á paginado 72 presente volume para explicar a não en-

trada das forças do marechal Xavier de Almeida na capital.

Quanto á posição do marechal José Arouche, convém ser tambem aqui transcripta outra acta das sessões do alludido governo de S. Paulo. Eil-a :

« Aos 24 dias do mez de julho de 1822 compareceu, em sessão do exmo. governo Provisorio desta provincia de S. Paulo, o Sr. marechal de campo José Arouche de Toledo Rendon, nomeado por S. A. Real o Serenissimo Sr. Principe Regente e defensor perpetuo do Reino do Brazil, para governador das armas interino da mesma provincia, chamado pelo exm. governo, por officio de 23 do mesmo mez, para se lhe dar posse daquelle governo, em virtude da carta regia de 20 de maio proximo passado, que lhe serve de titulo, já mandada cumprir, desde 16 do corrente, e pelo mesmo Sr. marechal de campo foi dito em sessão que, reconhecendo e estando persuadido que as intenções do governo foram sempre executar a real determinação do mesmo Augusto Senhor, e dar-lhe a determinada posse, todavia elle o Sr. marechal a recusara tomar, e não queria encarregar-se do governo interino das armas, como já havia exposto no seu officio do dito dia 23 do corrente, pela notoria indisposição que a tropa mostrára a isso, de onde poderiam resultar funestas consequencias, para evitar as quaes acha elle ser mais interessante, e até necessario, que por ora se conserve o governo das armas interinamente entregue ao Exm. governo provisorio, como até aqui, encarregando o mesmo governo a um official do contento da tropa, que a commande debaixo das vistas e direcção do governo, no que se assentou unanimemente.

« Outrosim, tendo requerido o Sr. marechal ao Exm. governo lhe dê a licença para retirar-se ao Rio de Janeiro, o governo, bem que não se ache autorisado para isso, comtudo conveio que não podia impedir o regresso de S. Ex., visto que não se havia realizado a posse que S. A. Real lhe mandou dar e pelos ponderosos motivos que mais expoz o mencionado Sr. marechal, o qual protesta fazer ver a S. A. Real que o governo só deseja acertar e cumprir as suas determinações.

« E de tudo se mandou lavrar termo para ser presente

a S. A. Real o prompto cumprimento que o governo dava ás suas ordens, e o motivo por que ellas não podem ser agora executadas, e se ordenou que ao mesmo senhor se dê um traslado deste termo, assignado por todo o governo. — Eu, Manoel da Cunha de Azeredo Coutinho Souza Chichôrro, secretario do governo para o expediente geral o fiz escrever. — *Miguel José de Oliveira Pinto,* presidente interino. — *Daniel Pedro Muller,* secretario. — *Francisco Iguacio de Souza Queiroz.* — *Francisco de Paula e Oliveira.* — *André da Silva Gomes.* — *Antonio Maria Quartin.* — *José Arouche de Toledo Rendon.* — No impedimento do secretario do expediente, *José Mathias Ferreira de Abreu* »

Eis o que dizem as actas. No entretanto, resam os compendios de Historia do Brazil que o principe D. Pedro, regressando de Minas Geraes, partiu no dia 14 de agosto de 1822 para S. Paulo, *onde reinavam graves dissenções.*

Não obstante os mencionados incidentes, occupou o marechal José Arouche uma cadeira como deputado á Assembléa Constituinte do Brazil, pela provincia de São Paulo, merecendo assim a melhor prova de consideração, por parte da maioria dos seus comprovincianos ; neste cargo se achou, até que em 12 de novembro de 1823, foi dissolvida a primeira assembléa do imperio.

Tendo sido reeleito em 1824, como deputado á Assembléa Geral Legislativa, ainda por S. Paulo, excusou-se desta tão significativa e honrosa distincção, allegando a sua avançada idade ; continuou, porém, a prestar os seus apreciaveis serviços nos conselhos do governo local.

Com a creação dos cursos de sciencias juridicas e sociaes a 11 de agosto de 1827, ao marechal de campo José de Arouche, pela sua reconhecida competencia, coube ser lembrado pelo governo para director da Academia de S. Paulo, onde foi sempre respeitosamente acatado pelas suas luzes e altos conhecimentos na especie. No exercicio deste cargo foi, por decreto de 18 de outubro de 1829, graduado no posto de tenente general, e continuou no mesmo exercicio, até que em 19 de agosto de 1833 conseguiu ser delle exonerado.

Quando, a 1 de dezembro de 1822, foi instituida a

Imperial Ordem do Cruzeiro, o marechal José Arouche de Toledo foi distinguido com o respectivo officialato: já tinha feito tambem jús ao da ordem militar de S. Bento de Aviz.

O tenente general José Arouche de Toledo Rendon falleceu em S. Paulo no dia 26 de julho de 1834, contando mais de 78 annos de vida, a qual foi consagrada conscienciosamente ao serviço da patria e dos seus concidadãos.

José Corrêa Picanço

O marechal de campo José Corrêa Picanço nasceu em Coimbra no anno de 1779, e verificou praça de aspirante á guarda-marinha, em Lisboa, a 8 de novembro de 1793.

Em 1795, por despacho de 11 de abril, foi promovido a guarda-marinha e a 2º tenente da armada real portugueza, por decreto de 5 de novembro do anno seguinte.

A 5 de junho de 1797 foi elevado a primeiro tenente e a capitão-tenente por decreto de 13 de maio de 1802. Neste posto passou a commandar a segunda companhia da segunda divisão da Brigada Real da Marinha, conforme se vê dos despachos de 13 de maio de 1807.

No anno seguinte, por decreto de 13 de maio, foi promovido a capitão de fragata, com antiguidade de 8 de março anterior, tomando a denominação de tenente-coronel, e ficou aggregado ao estado-maior da brigada de artilharia de marinha, em virtude do alvará que deu nova organisação ao dito corpo.

Por decreto de 13 de maio de 1810 foi promovido a coronel e graduado no posto de brigadeiro por outro de 17 de dezembro de 1811.

Tendo sido confirmado no posto de brigadeiro por decreto de 6 de fevereiro de 1818, por outro de 4 denovembro de 1828, foi neste posto transferido para o exercito, ficando addido ao estado-maior, onde se conservou, até que lhe foi concedida a reforma no posto de marechal de campo, por contar mais de 35 annos de serviços, conforse vê do decreto de 16 de março de 1830.

O marechal de campo José Corrêa Picanço, depois de reformado, continuou a residir no Rio de Janeiro onde falleceu.

José Egydio Gordilho Velloso de Barbuda

I.º visconde de Camamú

O marechal de campo José Egydio Gordilho Velloso de Barbuda filho legitimo do desembargador José Julio Henrique Gordilho Cabral e de D. Maria Barbosa Cabral Velloso de Barbuda, nasceu a 1.º de agosto de 1787 na villa de Chamusca, onde seu pai exercia um cargo da magistratura.

Educado com certo esmero fez progressos nos estudos de latim, grego, rhetorica e philosophia.

Tendo acompanhado seu pae para a Ilha da Madeira com 12 annos de idade assentou praça de cadete no corpo de artilharia e logo dedicou-se ao estudo da mathematica e mais sciencias techno-militares, merecendo pela sua distincção ser promovido a 2.º tenente, embarcando logo depois para o Brazil.

Por carta régia de 20 de julho de 1809 foi transferido no posto de alferes para o novo regimento de cavallaria da côrte do Rio de Janeiro, ao qual apresentou-se, sendo a 9 de julho do anno seguinte promovido a tenente para a Legião de Caçadores da Bahia e nomeado ajudante de ordens do governo da mesma capitania, do qual era então membro, o marechal de campo João Baptista Vieira Godinho.

A carta régia de 7 de setembro de 1810 elevou-o ao posto de capitão, continuando no alludido cargo de ajudante de ordens, em o qual foi mantido pelo Conde dos Arcos, que desde 30 de outubro do mesmo anno havia sido empossado no cargo de governador e capitão-general da Bahia, por assim o haver determinado o principe D. João VI.

Por outra carta régia de 25 de julho de 1814 obteve Egydio Gordilho a graduação do posto de sargento-mór, sendo nelle confirmado por decreto de 24 de julho do seguinte anno de 1815.

Em abril de 1817, á frente de um corpo de tropa, expedicionou para Alagôas e, desembarcando no porto de Jaraguá, incorporou-se ás forças que, sob o commando do marechal de campo Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda, se achavam em operações de guerra contra os revolucionarios de Pernambuco, em cuja capital fôra proclamado o governo republicano a 6 de março.

Ao regressar á Bahia, foi elogiado em ordem do dia do governador das armas de 29 de maio, «pela intelligencia e valor com que commandara a sua columna de ataque, merecendo, por tal, as mais honrosas recommendações do commando em chefe».

Por decreto de 26 de outubro, tudo ainda do referido anno de 1817, foi promovido a tenente-coronel para a arma de cavallaria, continuando no exercicio do cargo de ajudante de ordens, do qual foi exonerado a 10 de fevereiro de 1821, data em que tambem deixou o cargo do governador o Conde de Palma, que em 26 de janeiro de 1818 havia substituido o conde dos Arcos.

Por decreto de 5 de maio do referido anno de 1821 foi promovido a coronel de cavallaria, contando-se-lhe antiguidade deste posto de 12 de julho de 1819.

Segundo refere Innocencio Accioli em as suas «Memorias Historicas da Bahia», os destemperos de alguns actos das côrtes de Lisbôa haviam dado origem a irritações dos animos no Brazil, produzindo a idéa de rivalidades entre brazileiros e portuguezes, mais augmentada ainda pelo comportamento irreflectido de muitos destes, a quem a junta governativa que substituiu o Conde de Palma prestava especial protecção.

Foi assim que, em consequencia de tal estado de cousas, se deram os factos de 3 de novembro de 1821, preparados desde o dia 1º com o apparecimento de grande cópia de proclamações por toda a cidade e especialmente pelos quarteis e fortalezas, concitando o povo e tropa a deporem a referida junta, que, por tal, avisada, tomou sem demora as necessarias providencias. pondo toda a tropa de mar e terra em rigorosa promptidão, conservando-se ella, por sua vez, em reunião permanente no respectivo palacio até que, no alludido dia 3, pelas 11 horas da ma-

nhã, á frente de numeroso grupo de militares e paizanos, se collocou o coronel Egydio Gordilho, acompanhado pelo tenente-coronel Gomes Caldeira, e majores Silva Torres, Silva Daltro, Costa Branco, Eloy Pessoa e outros muitos officiaes subalternos, e se dirigiu á praça do Palacio, dando vivas á Constituição, ás côrtes e ao novo governo e gritando *abaixo o actual*.

Passando pelo paço da camara se fizeram acompanhar os conspiradores pelo seu presidente, que timidamente empunhava o estandarte e dirigindo-se, finalmente, ao palacio do governo, onde penetraram sómente os militares que perante a junta fizeram fallar o alludido presidente da camara, declarando este que os cidadãos que alli se dirigiam tinham por fim propôr um novo governo, por ser essa a vontade do povo.

Em igual sentido e com acrimonia fallaram os coroneis Egydio Gordilho, Gomes Caldeira e major Eloy Pessôa. A junta, porém, protelara, dando logar a que a tropa que havia sido requisitada occupasse as vizinhanças do palacio, o que não tardou acontecer, como foi annunciado pelos gritos de — *morra Gordilho — fóra os revolucionarios,* — sóltados por um numeroso grupo de portuguezes desordeiros, achando-se em seguida tomadas pela tropa as portas e invadidas pelos soldados portuguezes as salas do palacio.

Ouvia-se tambem toda a tropa a dar vivas ao governo existente, mas taes manifestações, com o seu ruidoso apparato, não aterraram os conspiradores que, com mais tenacidade, insistiam pela demissão da junta e procuravam persuadir os commandantes das forças, alli presentes, a fazerem causa commum com elles.

Por sua vez procuravam tambem os membros da junta, com boas maneiras, fazer com que o coronel Gordilho e seus companheiros desistissem de tão tumultuosos e anarchicos projectos, ao que elles não cederam, sendo então ameaçados de prisão, si não evacuassem a sala.

Obedeceram alguns, mas Gordilho sustentou que todos queriam ser presos e começava o major Eloy Pessôa a redigir uma declaração dos motivos que os haviam impellido a dar tal passo, quando novamente lhes foi inti-

2º regimento de infantaria da mesma milicia, com séde na capital da capitania de S. Paulo.

Com o louvavel intuito de fazer sobresahir entre os demais o regimento em que se alistou, tratou de obter as necessarias obras sobre arte militar, e com os seus companheiros entregou-se ao estudo das manobras e de outros preceitos da tactica das diversas armas.

Tendo sido elevado a coronel commandante do seu regimento, tratou de beneficial-o sobre todos os modos; assim é que, além dos cabedaes que com elle de boa vontade despendia, estabeleceu mais em sua residencia uma aula particular para o estudo das manobras das armas de infantaria e cavallaria, conseguindo assim formar habeis officiaes, como o demonstravam nos exercicios geraes no campo de instrucção.

E, porque além destes serviços, muitos outros o coronel José Arouche tivesse tido occasião de prestar, sempre que a elle recorriam os governadores de S. Paulo, de tal informado D. João VI resolveu por carta regia de 15 de fevereiro de 1808 nomeal-o inspector geral das milicias de toda a capitania de S. Paulo, em « attenção o seu distincto serviço e reconhecido prestimo, continuando, porém, no commando do 2º regimento de infantaria de milicias ».

Havendo o general governador Antonio Mello de Castro Mendonça encarregado-o da direcção das aldeias dos indios, desempenhou-se de tal commissão com zelo e intelligencia, como se vê da « Memoria » que sobre a civilisação dos indios escreveu, a qual se acha publicada no tomo quarto da *Revista do Instituto Historico Brazileiro*.

Em attenção aos seus bons serviços como coronel commandante do 2º regimento de infantaria e inspector geral das milicias da capitania de S. Paulo, foi José Arouche, por carta Regia de 17 de fevereiro de 1813, graduado no posto de brigadeiro, continuando, porém, no exercicio do cargo de inspector e dispensado do de commandante do alludido regimento.

Por occasião da campanha do sul em 1816, determinada a creação de corpos de voluntarios, que deviam ser encorporados ao exercito em operações, sob o commando

do marquez do Alegrete, governador e capitão general da capitania do Rio Grande do Sul, José Arouche foi encarregado de organisar esses corpos, pelo que « fazendo-se digno de particular attenção o longo e bom serviço e efficaz zelo com que tem desempenhado as differentes e importantes commissões de que tem sido encarregado na mesma capitania, e, ultimamente, com o arranjo e disciplina dos novos corpos de voluntarios, que mandei levantar, hei por bem promovel-o á effectividade de brigadeiro de cavallaria, continuando no mesmo exercicio de inspector geral de milicias ». — Assim foi lavrada a carta régia de 6 de agosto de 1817.

Sendo governador da capitania de S. Paulo, em 1819, o capitão-general João Carlos Augusto Oeynhausen, recebeu o brigadeiro José Arouche a honrosa commissão de commandante das guarnições militares das povoações e villas do norte, que se achavam ameaçadas de uma invasão de tropas estrangeiras ; commissão esta em que permaneceu até o fim do anno de 1820, e durante o seu exercicio foi, por carta régia de 13 de maio de 1819, graduado no posto de marechal de campo.

Dotado de illustração e patriotismo, não era dado ao marechal de campo José Arouche, como brazileiro nato, deixar de concorrer para que fosse feita a nossa emancipação politica ; assim é que, tendo o povo paulistano resolvido que se mandasse uma deputação ao principe Dom Pedro, para solicitar-lhe que não abandonasse o Brazil, coube-lhe a honrosa distincção de ser um dos membros dessa deputação, razão pela qual achava-se na côrte, quando se deram os successos de 10 para 11 de janeiro de 1822, e de prompto collocando-se ás ordens do legendario Xavier Curado, poude concorrer tambem para que as tropas portuguezas ao mando do general Jorge Avilez abandonassem o morro do Castello, onde se achavam com o intuito de hostilisar os habitantes da capital.

No mez de maio seguinte achava-se ainda na côrte o marechal Arouche, quando chegou ao conhecimento do governo do principe D. Pedro de que se tramava na capital de São Paulo uma conspiração contra a ordem e socego publicos, em consequencia de haver sérias divergencias,

tropas em operações, conforme se vê da seguinte ordem do dia :

« Quartel General no Engenho Novo, 30 de dezembro de 1822. — S. Ex. o Sr. general em chefe manda fazer publico ao Exercito Pacificador, que tendo-lhe sido mandado, por S. M. Imperial, o Sr. brigadeiro José Egydio Gordilho de Barbuda por ser muito adherente á causa que o Brazil defende, S. Ex., para fiel cumprimento desta ordem soberana, nomêa o dito brigadeiro inspector geral do exercito desta provincia, e para seu ajudante de ordens ao major de artilharia o Sr. Luiz de Araujo Lopes Villas Boas. — *Manoel Marques Pitanga*, capitão ajudante de ordens ».

Da Bahia passou o brigadeiro Gordilho á côrte do Rio de Jameiro, onde, por decreto de 12 de outubro de 1824, foi promovido á effectividade do posto em que era graduado e, por outro de 16 de novembro do mesmo anno, foi nomeado commandante das armas daquella provincia, occupando este cargo até o mez de outubro do anno seguinte, por ter sido nomeado presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. No exercicio deste cargo, o brigadeiro Gordilho esteve sempre na mais deploravel desharmonia com o seu collega Francisco de Paula Rosado, que exercia os cargos de governador das armas da mesma provincia, e commandante em chefe do exercito que ahi se organizava para entrar em luta com o republicano do Rio da Prata.

Por ter sido, por carta imperial de 29 de agosto de 1827, escolhido para exercer identico cargo na provincia da Bahia, deixou aquelle e deste tomou posse a 11, sendo ainda, por decreto de 12, tudo de outubro do referido anno de 1827, promovido a marechal de campo, por merecimento.

Em 1828 foi agraciado com o titulo de visconde de Camamú, pelos relevantes serviços que prestou a bem da ordem e tranquillidade publica, « providenciando com celeridade, acerto e bastante energia para que fosse debellado o levantamento de numerosos grupos de escravos africanos e libertos, que em março deste anno se haviam reunidos nos sitios das Armações e Cabula e no Pirajá,

ameaçando invadir a capital, onde sabiam havia falta de tropas regulares para se lhe oppôr ».

Ainda neste anno, e pelo modo porque desempenhou o alto cargo de que se achava investido, foi accusado por Bernardo Pereira de Vasconcellos, pelo que apresentou uma bem elaborada defesa baseada em varios documentos, defesa esta que mandou imprimir e publicar e da qual existe um exemplar na Bibliotheca Nacional.

Continuava o marechal de campo Visconde de Camamú na presidencia da Bahia prestando ao governo do Sr. Dom Pedro I o forte concurso da sua actividade e dotes administrativos como se podia desejar nessa época, quando, pelas 8 horas da noite de 28 de fevereiro de 1830, achando-se em passeio, ao desembocar a rua de *Baixo* para o largo do Theatro, sobre elle se precipitaram diversos individuos a cavallo, e depois de dispararem varios tiros de bacamarte, com que o estenderam morto no chão, evadiram-se a todo galope.

« Geral indignação, diz abalisado escriptor, se patenteou de prompto e, posto que se não conseguisse descobrir os assassinos, foi logo o attentado attribuido aos revolucionarios politicos, que em periodicos incendiarios incitavam os povos a sublevar-se e ameaçavam o presidente com a vindicta popular pelos seus actos de arbitrio e violencia ».

O marechal de campo José Egydio Gordilho Velloso de Barbuda, 1º visconde de Camamú, era guarda-roupa de S. M. o Imperador, grande do Imperio, veador de S. M. a Imperatriz, grão cruz da imperial ordem do Cruzeiro, condecorado com a medalha da campanha da Bahia e commendador da ordem de Christo.

Como deixamos patente prestou ao Brazil assignalados serviços, cooperando tambem para a sua independencia e integridade.

José Ignacio da Silva

Nascido na capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul, no decorrer da segunda metade do seculo XVIII, José Ignacio da Silva, no verdor dos annos, alistou-se nas

fileiras de um dos regimentos de milicias da alludida capitania e, devido aos reconhecidos dotes intellectuaes, galgou facilmente os primeiros postos da hierarchia militar.

Tendo-se reunido a 5 de fevereiro de 1784, na fronteira do Chuy, a commissão demarcadora dos limites entre o Brasil e as possessões hespanholas, della fez parte como secretario, José Ignacio da Silva, que annos depois foi elevado ao posto de sargento-mór.

Deixando a dita commissão, passou a exercer o cargo de ajudante de ordens do governo da capitania de São Pedro, sendo promovido a tenente coronel logo depois da campanha de 1601, em a qual tomara parte.

Havendo sido empossado em 1807, no cargo de capitão general e governador da capitania geral do Rio Grande de São Pedro do Sul, o general D. Diogo de Souza, continuou José Ignacio a occupar o cargo de ajudante de ordens da mesma capitania. Tomou parte na campanha de 1811 a 1812, obtendo a graça de ser graduado em coronel de cavallaria de 1ª linha, conforme se vê da carta régia de 13 de maio de 1811, em attenção aos seus serviços.

Por decreto de 13 de maio de 1813, foi José Ignacio promovido a coronel effectivo, continuando no mesmo cargo de ajudante de ordens.

Em novembro de 1814 havendo assumido o governo da capitania o general Marquez de Alegrete, designou-o logo depois para occupar os cargos de intendente da marinha, e deputado da junta da Fazenda Nacional, da mesma capitania, a cujos cargos deu o mais cabal desempenho.

Por decreto de 6 de fevereiro de 1818, foi graduado em brigadeiro, em attenção aos serviços prestados na ultima campanha, continuando no cargo de ajudante de ordens.

Tendo sido creada a junta governativa, em virtude da eleição a que se procedeu, deixou o alludido cargo de ajudante de ordens para ser empossado no de membro e secretario dos negocios da guerra do governo representativo do Rio Grande do Sul, estabelecido em Porto Alegre a 22 de fevereiro de 1822.

Neste mesmo anno, por decreto de 29 de novembro foi José Ignacio promovido á effectividade do posto de brigadeiro, continuando como secretario da junta governativa da provincia.

A 12 de novembro do seguinte anno de 1823, em cumprimento á resolução da assembléa constituinte legislativa, que mandou dispensar o marechal de campo João de Deus Menna Barreto, do alto cargo de presidente do governo representativo da provincia, ao brigadeiro José Ignacio da Silva, por ser o membro mais votado, coube assumir a dita presidencia em a qual se conservou até março de 1824, quando a tal governo substituio o do Dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro, primeiro presidente nomeado para a provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Ainda neste anno de 1824 solicitou José Ignacio da Silva a sua reforma, a qual lhe foi concedida, por decreto de 19 de maio, no posto de marechal de campo, por contar mais de 35 annos de serviços, continuando a residir no Rio Grande do Sul, onde falleceu.

José Joaquim do Couto

O general José Joaquim do Couto, filho de Martinho José do Couto, natural de Elvas, nasceu no anno de 1775. Aos tres annos de idade assentou praça em 7 de dezembro de 1778, como voluntario, no regimento de artilharia de Estremoz, conforme determinação de Sua Magestade ; principiou a fazer serviço em 3 de fevereiro de 1790, sendo promovido a sargento em 21 de outubro de 1796.

Passou para a 1ª divisão da Brigada Real de Marinha com guia datada de 2 de fevereiro de 1798, por ter sido promovido a 2º tenente por despacho de 17 de dezembro de 1797 e para ella designado. Por decreto de 30 de junho de 1800 foi promovido a 1º tenente e por outro de 5 de janeiro de 1805 a capitão-tenente.

Por carta régia de 13 de maio de 1808 foi promovido a capitão de fragata, com antiguidade de 8 de março do mesmo anno e por outro de 17 de maio de 1808 passou a ter exercicio de commandante no 3º batalhão na organisação da brigada n. 21, com a denominação de tenente-coronel.

Por decreto de 13 de maio de 1815 foi elevado a coronel graduado, continuando no mesmo exercicio, e por outro de 6 de fevereiro de 1818 foi promovido á effectividade daquelle posto, continuando no mesmo exercicio.

Por decreto de S. A. Real o Principe Regente, de 18 de março de 1822, communicado pelo sr. ministro e secretario de Estado dos Negocios da Marinha, em officio do quartel general da mesma repartição, de 30 do dito mez, foi promovido á brigadeiro graduado, continuando no commando em que se achava; tendo sido antes por outro decreto do mesmo principe, de 30 de maio de 1821, provido no commando effectivo do batalhão da Brigada Real de Marinha, destacada no Rio de Janeiro.

Tendo adherido a causa da independecia do Brazil jurou a constituição do imperio e assignou a acta lavrada a 30 de março de 1824 no quartel general.

Por decreto de 9 de agosto de 1824 foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro, continuando no mesmo exercicio de commandante do batalhão, então denominado de artilharia de marinha.

Por acto de 20 de abril de 1826 passou a commandante da Imperial Brigada de Artilharia de Marinha, deixando esta commissão por ter passado para o exercito, onde por decreto de 7 de abril de 1828 foi promovido a marechal de campo graduado com exercicio no Conselho Supremo Militar, na qualidade de vogal.

Por carta imperial de 27 de fevereiro do anno seguinte foi nomeado commandante das armas da provincia da Bahia; tomando posse deste cargo a 6 de abril, nelle se conservou até o dia 13 de março de 1830, em que foi substituido pelo marechal de campo João Chrysostomo Callado, recolhendo-se logo depois á côrte do Imperio, onde falleceu.

José Joaquim de Lima e Silva

(Visconde de Magé)

Filho do marechal de campo José Joaquim de Lima e Silva, o marechal de exercito visconde de Magé nasceu no Rio de Janeiro em 26 de julho de 1787.

Com tres annos de idade assentou praça de cadete no 1º regimento de infantaria de linha do Rio de Janeiro, á 6 de outubro de 1790.

Por despacho de 15 de agosto de 1805 foi elevado ao posto de alferes e a tenente-ajudante por decreto de 17 de dezembro do anno seguinte, para o mesmo regimento. Capitão por decreto de 12 de outubro de 1808, foi distinguido com o habito de cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz, em outubro de 1812.

Por decreto de 17 de dezembro de 1814 foi promovido a sargento-mór e commandante das tropas de infantaria da capitania do Piauhy, sendo tambem encarregado da inspecção dos corpos milicianos da mesma capitania.

No exercicio destas commissões, foi, por decreto de 6 de fevereiro de 1818, promovido a tenente-coronel, sendo, por acto de 28 de setembro deste anno, dispensado das alludidas commissões, recolhendo-se á côrte. Coronel graduado em junho de 1822, com a creação da imperial ordem do Cruzeiro foi, por decreto de 1º de dezembro do mesmo anno, agraciado com o officialato dessa ordem e por outro de 18 de janeiro do anno seguinte assumiu o commando do «Batalhão do Imperador», com o qual marchou para encorporar-se ás forças sob o mando do general Pedro Labatut, que na Bahia se batiam pela independencia do Imperio.

Apresentando-se áquelle general, foi designado commandante da brigada do centro do «Exercito Pacificador», da qual fazia parte o seu batalhão, tomando parte nos combates de 3 de maio e 3 de junho desse anno (1823).

Em consequencia da prisão imposta pelo general Labatut ao tenente-coronel Gomes Caldeira, commandante da brigada da esquerda, se amotinaram os officiaes e praças desta brigada contra aquelle general, que se viu forçado a deixar o alto cargo de commandante em chefe, que recahiu no coronel Lima e Silva, do que de tudo foi lavrada uma acta, assignada por grande numero de officiaes, dando-se em seguida conhecimento do occorrido á junta governativa da Cachoeira.

Decidiu a junta, á vista dos factos consummados, a confirmar a investidura do coronel José Joaquim de Lima

e Silva, no alto cargo de general em chefe do «Exercito Pacificador», e a mandar transferir Labatut com o seu secretario, presos pela tropa, para a villa de Maragogipe, donde se transportaram para o Rio de Janeiro no mez de setembro seguinte.

Continuou Lima e Silva a sitiar a capital da Bahia, até que lhe foi dado nella penetrar á frente de seu exercito, no dia 2 de julho de 1823, e com elle passou a occupar as fortalezas e demais estabelecimentos publicos, que haviam sido abandonados pelas forças do general Madeira de Mello, que na esquadra portugueza sulcava o Atlantico, seguida, porém, de perto pela brazileira, no mando do almirante Cockrane.

Regressando á côrte, e já coronel effectivo por decreto de 9 de maio de 1823, foi Lima e Silva em 17 de fevereiro designado para occupar o cargo de ajudante-general junto ao imperador, sendo, por decreto de 9 de agosto, tudo de 1824, graduado no posto de brigadeiro e desligado do commando do «Batalhão do Imperador». Neste mesmo anno, em fevereiro, fôra distinguido com o gráo de dignitario da imperial ordem do Cruzeiro, sendo no seguinte confirmado no posto de brigadeiro, por decreto de 25 de março, e por outro de 1 de julho foi condecorado com a medalha de distincção, concedida aos bravos do «Exercito Pacificador».

Em 17 de outubro de 1829 foi ainda agraciado com a commenda da ordem da Rosa.

Por occasião do movimento militar de 7 de abril, do qual resultou a abdicação do primeiro imperador, nelle tomou parte saliente comparecendo ao Campo de Sant' Anna, passando a exercer interinamente o commando das armas da côrte em abril, para cujo cargo foi nomeado effectivo por decreto de 20 de junho, e delle exonerado á pedido por outro de 1º de setembro, tudo do anno de 1831.

Vogal do Conselho Supremo Militar á 24 de outubro de 1832, deixou este cargo, por ter sido nomeado secretario de guerra a 2 de janeiro de 1834.

Sendo neste ultimo anno eleito deputado pela provin-

cia do Piauhy, tomou assento a 3 de maio, continuando reeleito até a Legislatura que teve principio em maio de 1843.

Por decreto de 12 de setembro de 1837 foi promovido a marechal de campo, e teve o titulo de conselho por outro de 12 de julho de 1841,

Por acto de 5 de fevereiro foi nomeado conselheiro de Estado ; graduado no posto de tenente-general por decreto de 7 de setembro e exonerado do cargo de secretario de guerra por outro de 15 de novembro, tudo do anno de 1842, fez parte da commissão nomeada para formular o projecto de organização do exercito nacional e classificação dos seus officiaes. pelo que foi elogiado por haver correspondido á confiança que lhe fôra depositada pelo governo.

Por decreto de 25 de março de 1845, foi nomeado conselheiro de guerra, sendo promovido, á effectividade do posto de tenente-general por outro de 15 de novembro de 1846.

Em 1852 solicitou o tenente-general Lima e Silva a sua reforma, a qual lhe foi concedida no posto de marechal de exercito, por contar mais de 50 annos de serviços á patria, conforme se vê do decreto de 17 de janeiro do mesmo anno.

Por carta imperial de 2 de dezembro de 1854 foi condecorado com o titulo de visconde de Magé, com honras de grandeza.

O marechal de exercito, José Joaquim de Lima e Silva, falleceu nesta capital a 24 de agosto de 1855, com 68 annos de idade. Entre outras referencias a elle feitas, quando se tornou publico o seu fallecimento, citaremos aqui as seguintes: «Deputado em diversas legislaturas pela provincia do Piauhy, teve occasião de mostrar nas commissões da camara os conhecimentos especiaes de um militar instruido, que lhe valeram não só um logar no Conselho de Estado, mas a posição de relator da secção de marinha e guerra do mesmo conselho».

— «Sempre que se tratava da organização do exercito, de sua disciplina, de trabalhos regulamentares para

esse ramo do serviço publico, o marechal visconde de Magé era consultado com proveito pelos ministros de Estado».

José Manoel de Almeida

Nascido no decorrer do ultimo quartel do seculo XVIII, José Manoel de Almeida, possuidor da necessaria educação preliminar, alistou-se á 23 de julho de 1800 na armada real de Portugal, passando a frequentar a Academia de Marinha.

Por carta-regia de 16 novembro de 1803 foi promovido a segundo tenente, sendo classificado no corpo da «Brigada Real de Marinha», e, concluindo seus estudos profissionaes, por outra carta-regia de 17 de dezembro de 1806, obteve a promoção de primeiro tenente.

Installada no Rio de Janeiro á côrte do principe regente D. João VI, n'ella se apresentou o tenente José Manoel de Almeida que, continuando a prestar os seus serviços na armada real, por decreto de 13 de maio de 1815 foi promovido a capitão-tenente. Por carta-regia de 6 de fevereiro de 1818 foi transferido para o Estado-Maior do Exercito como tenente-coronel e nomeado ajudante de ordens do governador de Goyaz, cargo este que deixou no anno seguinte, por ter sido mandado para Montevidéo á disposição do tenente general Frederico Lecór (Barão da Laguna). Sendo graduado no posto de coronel, por despacho de 13 de maio, nelle foi confirmado, para a arma de infantaria, por decreto de 8 de setembro, tudo do referido anno de 1819.

Depois da sua adhesão á independencia do Brazil, achando-se ainda na Cisplatina, a 29 de outubro de 1822, foi graduado no posto de brigadeiro, continuando a prestar os seus serviços ao referido tenente-general Lecór, como chefe das forças que sitiaram Montevidéo, então sob o dominio do general portuguez D. Alvaro da Costa.

Por decreto de 12 de outubro de 1824, foi confirmado no posto de brigadeiro.

Recolhendo-se á côrte, por outro decreto de 22 de setembro do anno seguinte foi nomeado commandante das armas da Bahia cujo cargo exerceu até o anno de 1827,

seguindo depois para a provincia Cisplatina, onde a 18 de agosto substituiu no comando da praça de Montevidéo ao brigadeiro graduado de engenheiros Daniel P. Muller.

Neste mesmo anno, por decreto de 12 de outubro, foi graduado no posto de marechal de campo.

De regresso á côrte depois da retirada das tropas brazileiras do Estado Oriental, foi, por acto de 12 de agosto de 1829, nomeado vogal do Conselho Supremo Militar.

Em 1831, depois dos tumultos occorridos nesta capital na noite de 12 para 13 de março, mais conhecidos pela *noite das garrafadas*, os quaes devido a impunidade dos seus autores, se repetiram nos dias subsequentes, foi resolvido apenas por D. Pedro I a modificação ministerial na noite de 18 «julgando melhor confiar as pastas a *brazileiros natos* e de prestigio, afim de dominarem as circumstancias» ; e, realisadas no dia seguinte essas nomeações coube a pasta da Marinha ao marechal de campo José Manoel de Almeida, que a conservou até o dia 5 do seguinte mez de abril, em que D. Pedro, por não ter conseguido com tal medida acalmar os animos por de mais exaltados, resolveu organisar outro ministerio o dos *marquezes* ou *ephemero*, que foi dissolvido com a abdicação, á 7 do dito mez.

Dado o golpe de Estado passou novamente o marechal José Manoel Almeida a occupar aquella pasta até que foi n'ella substituido, por despacho da regencia de 28 de outubro do referido anno de 1831, pelo capitão de engenheiros Joaquim José Rodrigues Torres, continuando a residir n'esta capital onde falleceu poucos annos depois.

José Manoel de Moraes

O general José Manoel de Moraes, iniciou a sua carreira militar na arma de infantaria, em principio do ultimo decennio do seculo XVIII, seguindo nella os postos até o de capitão, em que encontramol-o exercendo o cargo de ajudante de ordens do governador e capitão-general de Matto-Grosso João Carlos Augusto d'Oeynhausen.

Por carta régia de 13 de maio de 1810 foi graduado em sargento-mór, continuando no alludido cargo e, conseguindo no anno seguinte á effectividade deste posto, mereceu ser, por decreto de 24 de junho de 1813, promovido a tenente-coronel, continuando naquelle cargo. de que foi dispensado por acto de 5 de setembro de 1816, gozando, então, da graduação de coronel.

Apresentando-se ao governo na côrte, foi mandado servir addido ao estado-maior do exercito, e em seguida nomeado ajudante de ordens do governador das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro.

Confirmado no posto de coronel, por decreto de 6 de fevereiro de 1818, continuou no exercicio do dito cargo, até que lhe foi commettido o commando militar das villas de Campos de Goytacazes e Macahé, sendo graduado no posto de brigadeiro, conforme tudo se vê do decreto de 18 de março de 1822.

Tendo sido destituido do commando das armas e das forças em operações da Bahia, o general Pedro Labatut, por decreto de 26 de junho de 1823, foi designado para substituil-o o brigadeiro José Manoel de Moraes, que, deixando o commando de que se achava investido nas villas de Campos e Macahé, partiu incontinente a assumir o seu posto. Chegando á Bahia, cuja capital já havia sido abandonada pelas forças portuguezas ao mando de Madeira de Mello, apresentou-se á junta governativa, onde, exhibindo a sua patente de commandante das armas, assumiu este cargo, recebendo-o das mãos do coronel José Joaquim de Lima e Silva, no dia 1 de agosto.

Como consequencia, porém, da indisciplinada exaltação de animos, em que se achavam povo e tropas, conforme as eloquentes manifestações subversivas da ordem, que chegaram ao conhecimento daquella junta, foi por ella assentado que ficasse suspensa a posse do brigadeiro Manoel de Moraes, conforme se lê do extenso officio a elle dirigido no referido dia 1 de agosto, que assim termina :

. . . . . .

«Vê-se na urgente necessidade de declarar a V. Ex. que o socego e tranquillidade da provincia, e até a sua

propria segurança, exigem que V. Ex. sobresteja no exercicio do commando e que nelle continue o sobredito coronel Lima, até que S. M. determine o que houver por bem, ficando V. Ex. responsavel a S. M. I. e á Nação por todos os damnos, que por sua insistencia houverem de sobrevir á provincia.»

A' vista do exposto, condescendeu o brigadeiro Manoel de Moraes, preferindo sacrificar a sua autoridade e pundonor militar ao beneficio da provincia e á tranquillidade publica!

E' de novo Lima e Silva reempossado no commando, retirando-se o brigadeiro Manoel de Moraes para a côrte, onde coube-lhe a missão de, tendo ás suas ordens uma brigada, apresentar á Assembléa Constituinte, á 1 hora da tarde de 12 de outubro de 1823, o decreto da mesma data, que ordenava a sua dissolução immediata.

No anno seguinte, por decreto de 26 de julho, foi nomeado commandante das armas da provincia de Pernambuco.

Tendo sido promovido á brigadeiro effectivo, desde outubro de 1824, passou a exercer o cargo de ajudante-general do governador das armas. Em 1826, por decreto de 12 de outubro, foi promovido a marechal de campo, e na mesma data dispensado do cargo de ajudante-general.

Em 1827, a 23 de fevereiro, passou a exercer interinamente as funcções de governador das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro, as quaes deixou a 25 de março de 1828, data do decreto que o nomeou ajudante de campo de Sua Magestade o Imperador.

Solicitando a sua reforma, esta lhe foi concedida no posto de tenente-general, conforme se vê do decreto de 5 de setembro de 1829, por contar mais de 35 annos de serviços.

Depois de reformado, e tendo o governo de D. Pedro I em muita consideração as habilitações do tenente-general Manoel de Moraes, fel-o occupar o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, de 19 de março a 5 de abril, e depois do golpe de Estado foi para

elle novamente designado pela regencia, exercendo-o de 7 de abril a 6 de julho, tudo do anno de 1831.

No anno seguinte depois dos tumultuosos acontecimentos que se deram nesta capital, por aviso do ministro de guerra de 4 de abril, foi mandado recolher preso em um vaso de guerra; sendo solto dias depois.

O conselheiro tenente-general José Manoel de Moraes, professo nas ordens militares de Aviz e Imperial do Cruzeiro, falleceu nesta capital a 16 de abril de 1848, sendo sepultado nas catacumbas antigas da ordem 3ª de S. Francisco de Paula.

José Maria Pinto Peixoto

O tenente-general José Maria Pinto Peixoto, filho do desembargador Manoel Pinto Coelho, nasceu em Lisbôa num dos primeiros annos do ultimo quartel do Seculo XVIII. Alistando-se nas fileiras do exercito de Portugal em 1795, obteve a promoção de alferes para o esquadrão de cavallaria de Goyazes, por acto de 15 de janeiro de 1799; tenente por decreto de 13 de janeiro de 1809, para o esquadrão de Angola e capitão a 24 de junho de 1810 para o mesmo esquadrão, passou, por carta régia de 9 de abril do anno seguinte, a servir no regimento de cavallaria da côrte do Rio de Janeiro, com a graduação de sargento-mór, ficando por tal aggregado até haver vaga do seu posto effectivo, o que teve logar a 16 de janeiro de 1816.

Promovido á effectividade do posto de sargento-mór por decreto de 13 de maio de 1819, passou novamente a aggregado ao mencionado regimento, sendo então designado para ir servir em Minas-Geraes, como instructor do regimento de cavallaria de linha estacionado na Villa-Rica (Ouro Preto); commissão esta que bem desempenhou nos cinco mezes em que nella se achou.

Deixando o dito regimento, se recolheu á côrte alcançando então que, por decreto de 13 de agosto de 1820, lhe fosse concedida a graduação do posto de tenente-coronel, e transferencia para o alludido regimento de Minas-Geraes.

Achava-se o tenente-coronel Pinto Peixoto no exer-

cicio do cargo de governador das armas da provincia de Minas Geraes, depois de ter partido para o Rio de Janeiro a sua deputação, presidida pelo desembargador José Ferreira da Fonseca Vasconcellos, encarregada de demonstrar ao principe D. Pedro a palpitante necessidade delle se conservar no Brazil, convindo esperasse a reposta das côrtes de Lisbôa, quando o governo da dita provincia, dias depois de ter tido conhecimento da chegada daquella deputação á côrte (15 de fevereiro de 1822), resolveu desconhecer o caracter do referido principe como regente, e isto teve logar porque o governador de Minas, D. Manoel de Portugal, nomeado por D. João VI, não querendo abraçar a causa do Brazil, expedira circulares ás diversas camaras para se proceder á eleição da Junta Provisoria que o devia succeder.

Antes, porém, de ter logar essa eleição, o juiz de fóra de Villa-Rica, Cassiano Esperidião de Mello Mattos, pondo-se de perfeito accordo com o tenente-coronel Pinto Peixoto, á frente de numeroso grupo de facciosos, resolveram formar um governo provisorio, com attribuições illimitadas e, compenetrados, como estavam, de sua indepedencia, nomearam juizes, fizeram promoções no exercito, creando até corpos de tropas regulares e outros serviços, sendo o proprio tenente-coronel Peixoto acclamado brigadeiro pelo povo e tropa.

Chegando ao conhecimento do principe D. Pedro estes factos, resolveu partir para a provincia de Minas sem nenhum apparato bellico ; o que realisou no dia 25 de março de 1822.

Sendo enthusiasticamente recebido em Barbacena, dahi partiu com destino a Villa-Rica e, ao chegar ao Capão do Lanna, cerca de duas leguas da capital, expediu, em 8 de abril diversas ordens, e entre ellas a de que lhe fosse apresentado preso o então *brigadeiro* Pinto Peixoto.

Entre os designados para a execução de tal ordem, ao coronel João Luciano de Lima Guerra, commandante do Regimento de Milicias de Ouro Preto, coube o seu cabal desempenho, pois foi elle quem conduziu á presença do principe o mencionado *brigadeiro*.

Das desculpas e explicações apresentadas, porém,

por Pinto Peixoto, resultou receber elle ordem de D. Pedro para regressar solto, á capital, « afim de dar todas as providencias para que á sua entrada nella nenhum obstaculo surgisse, responsabilisando-o directamente por qualquer acontecimento desagradavel que houvesse, ordenando-lhe mais, que substituisse as dragonas de brigadeiro pelas do seu verdadeiro posto»; o que tudo se cumpriu na melhor ordem possivel, sendo no dia seguinte recebido na capital de Minas aquelle principe, com verdadeiro triumpho, pelo povo e tropa.

Eis o que deste movimento revolucionario diz o abalizado escriptor e chronista dr. Mello Moraes, em sua Historia do Brazil Reino e Brazil Imperio : «A revolta de Minas não tinha côr definida : era paga e sustentada pelos portuguezes. Estes, o que queriam era que a provincia obedecesse a Portugal, e não se unisse ao Rio de Janeiro. Este era o pensamento reservado da revolta. A republica era ostensiva. A revolta manifestou-se com estas apparencias, que era, porem, uma realidade no animo do seu chefe militar.

«Este, de facto, queria ahi estabelecer uma republica portugueza. Si não tivesse galgado dous postos na effervescencia do barulho, não teria esta mancha na sua carreira militar. E' licito, póde ser até nobre, trabalhar para que triumphe o systema republicano ; mas é bem diverso, quando para esses meios ou sobre estes pretextos se apanham dous postos por motivos que ainda não foram sanccionados pela moral e pela lei».

De tudo isto resultou que, normalisada a situação na capital de Minas e, tendo o principe recebido a visita do *tenente-coronel* Pinto Peixoto, mandasse lavrar o seguinte decreto, em data de 12 de abril de 1822 : «Pelas razões que apresentou em memorial, que dirigiu ao governo, é promovido a brigadeiro graduado do exercito nacional, o tenente-coronel graduado José Maria Pinto Peixoto».

E' verdade que neste mesmo dia foi lavrado outro decreto fazendo reverter ao serviço activo, como effectivo no mesmo posto e nomeado governador das armas de Minas Geraes, o então bem conhecido marechal de campo

reformado Antonio José Dias Coelho, residente em Ouro Preto.

Por outro decreto de 13 de maio ainda deste anno foi o brigadeiro Pinto Peixoto transferido para o 1º regimento de cavallaria da côrte, cabendo-lhe, por tal, o commando da primeira brigada, que compunha o grande prestito militar reunido no campo de Sant'Anna a 12 de outubro para tornar mais solemne o acto da acclamação do sr. D. Pedro I, em «Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil».

Continuando na côrte do imperio, obteve Pinto Peixoto, por decreto de 12 de outubro de 1824, a sua effectividade no posto de brigadeiro, em o qual serviu ainda por mais alguns annos a D. Pedro I, até que, solicitando a sua reforma, esta lhe foi concedida, por decreto de 29 de agosto de 1828, no posto de marechal de campo graduado, par contar mais de 30 annos de serviço.

Em 1830 foi eleito deputado a Assembléa Geral Legislativa, pela provincia o Rio de Janeiro, onde tomou assento.

Depois de reformado ainda foi dado ao marechal Pinto Peixoto prestar relevantes serviços militares á sua patria adoptiva, como o dirão as linhas que seguem.

Como sabemos depois do movimento militar de 7 de abril, que obrigou o sr. D. Pedro I a sahir do Brazil, tendo antes abdicado em seu filho a imperial corôa, achou-se por demais affectada á disciplina das tropas de 1ª linha, e nesse mesmo anno, com a dissolução dos corpos mais indisciplinados, parecia completamente desassombrada esta capital, quando no dia 7 de outubro, insurreccionou-se o corpo de artilharia de marinha, aquartelado na Ilha das Cobras.

Contava então o governo da regencia com a guarda nacional creada pela lei de 20 de agosto, com o BATALHÃO SAGRADO composto exclusivamente de officiaes e bem assim com os guardas municipaes permanentes.

Foi á frente de uma forte columna composta com taes elementos que o marechal de campo Pinto Peixoto assaltou a fortaleza da Ilha das Cobras, conseguindo inteira submissão de todos os rebeldes, dando com este triumpho

toda força moral necessaria ao governo da *regencia permanente*.

Depois desses factos recebeu o marechal Pinto Peixoto o seguinte aviso :

«Manda a regencia, em nome do imperador que V. S. tome interinamente o commando das guardas nacionaes e municipaes desta cidade e seu termo, e que dê todas as providencias necessarias para que os perturbadores do socego publico sejam presos, bem como todos os que forem encontrados commettendo crimes e, quando resistam, faça empregar a força sobre elles, como inimigos da sociedade. Poderá igualmente V. S. dispôr da guarda municipal permanente, como fôr necessario á bem da segurança publica. — Deus guarde a V. S. — Palacio no Rio de Janeiro aos 14 de dezembro de 1831 — *Diogo Antonio Feijó* — Sr. José Maria Pinto Peixoto.

Corria o anno de 1833, quando a 22 de março, rebentou na cidade de Ouro Preto outra sedição, sendo deposto o presidente de Minas-Geraes, e expulsos alguns conselheiros.

Sciente dessa grave occurrencia, pressuroso offereceu os seus serviços ao governo da regencia, o marechal Pinto Peixoto os quaes foram acceitos, conforme se vê das seguintes transcripções :

«Tendo a regencia, em nome do imperador o sr. D. Pedro II, acceitado o offerecimento que V. S. voluntariamente fizera para marchar para a provincia de Minas-Geraes, a fim de restabelecer a ordem publica que alguns faciosos ousarão perturbar na capital d'aquella provincia, ha por bem dispensal-o, temporariamente, do Commando Superior dos Guardas Nacionaes deste municipio, e encarregal-o, pelo decreto da copia inclusa, não só do commando geral de todas as forças que devão marchar para quaesquer pontos da provincia que possão estar dominados pelos faciosos, nomeando para o acompanhar, e servirem debaixo de suas immediatas ordens, ao tenente-coronel José Manoel Carlos de Gusmão, ao sargento-mór Paulo Barboza da Silva e ao tenente José Joaquim de Lima e Silva e quatro soldados de cavallaria.

A regencia confiada no reconhecido patriotismo e

particular ahdesão que V. S. tem sempre manifestado em pról da liberdade constitucional, espera ver perfeitamente restabelecida a ordem publica na sobredita provincia, por meio das acertadas providencias e esforços de V. S., de accordo e sob as ordens do legitimo presidente d'ella.

Deus guarde a V. S. Paço em 3 de abril de 1833 — *Honorio Hermeto Carneiro Leão.*

Sr. José Maria Pinto Peixoto.»

O governo da regencia proclamando aos mineiros no mesmo dia 3, assim concluiu :

«Mineiros ! E para vos coadjuvar nos esforços que tendes a fazer para este fim, a regencia, em nome do Imperador, tem encarregado do Commando Superior dos Guardas Nacionaes do Municipio de Barbacena e de commandante geral de todas as forças que houverem de marchar sobre quaesquer pontos da vossa provincia que estiverem dominados pelos facinoras, ao marechal de campo José Maria Pinto Peixoto, bem conhecido de vós pela sua bravura e patriotismo. Elle deverá obrar sob as ordens do vosso legitimo presidente.

Mineiros ! A regencia em nome do Imperador espera ver agora realizadas as vossas promessas e que o successo corresponda á confiança que ella em vós tem posto.

«Viva a religião ! Viva a constituição polilica do imperio ! Vivam os mineiros !»

Ao chegar em Minas-Geraes o marechal Pinto Peixoto, por sua vez fez destribuir as seguintes proclamações dirigidas respectivamente aos sediciosos civis e militares:

«Ouro-pretanos. A Justiça Nacional exige que se empregue a força publica para restabelecer o governo legitimo nessa capital, onde a facção liberticida ousou derribal-o ; a necessidade de combater os sediciosos auctorisa medidas de rigor, que só se dirigem aos autores de mal tão grave. Estejaes tranquillos em vossas casas ; vossas vidas e propriedades serão religiosamente respeitadas : eu vos juro por esta patria querida, que um punhado de desordeiros tem enluctado e offendido. Os objectos de vosso culto politico : a constituição, as leis, e o throno do senhor D. Pedro Segundo, vão ser salvos ; elles só armão os braços de vossos bravos irmãos, que tenho a honra de

commandar. Fugi de tomar parte em um crime que tem com razão magoado os corações dos briosos mineiros ; não consintaes que continue por mais tempo na capital da provincia um estado de cousas tão contrario á vossos juramentos, tão opposto a vossa prosperidade. Quaesquer que sejão os pretextos dos sediciosos, elles não podem nunca justificar o attentado, de que se fizerão réos : outros são os meios, outras as vias, com que a constituição e leis do Imperio mandão procurar o reparo de injustiças verdadeiras ou pretendidas.

«Ouro-pretanos, mostrai-vos puros, e isentos de um contagio, que (não o duvideis) ameaça de inteira dissolução vossa patria ; não queiraes á vosso pesar, servir uma facção sempre hostil ás instituições livres, que, tantos bens vos promettem, e de que já gosaes em parte. A lei não pune cidadãos pacificos, ou que illudidos commetterão erros : ella se embravece só contra verdadeiros criminosos. Ouro-pretanos, deixai que opere a Força Nacional para chamar a seus deveres os sediciosos ; estai seguros em vossas habitações, e se não podeis ajudar os vossos irmãos em seu santo empenho, não engrosseis ao menos as fileiras da sedição ; de outra sorte vós sereis tambem responsaveis perante a Patria, perante o Brazil, pelos males, que se seguirem d'esta lucta fratricida, e a espada da Justiça vos não poupará. Não hesiteis na escolha, abraçai vossos irmãos ; a causa é tambem vossa.

Viva a Nossa Santa Religião.

Viva a Nação Brazileira.

Viva a Constituição.

Viva S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II.

Viva a Regencia Permanente.

Viva o Excel. Presidente desta Provincia o Des. Manoel Ignacio de Mello e Souza.

José Maria Pinto Peixoto, Commandante das forças contra os sediciosos.»

«Camaradas — No momento, em que se via empregar a Força Nacional para vingar as leis, que illudidos tendes violado, é ainda tempo de abraçar vossos irmãos, é ainda tempo de reparar vossa falta : a Patria que vos lamenta, não vos regeita ainda. Ah ! não permittais vós que

se derrame o sangue mineiro, não queiraes obstinados abrir o exemplo da guerra civil em uma Provincia, ats aqui isenta de tão grande calamidade! Vêde que sois o cego instrumento de uma facção, que vos deshonra e vêde que, sem o pensar, servis á homens, cujos nomes são outras tantas hostilidades contra a causa abraçada pela Nação, á que pertenceis! Quaesquer que fossem os pretextos, com que vos enganassem, as armas só vos forão confiadas para a defeza da Constituição, e do Throno do nosso Joven Imperador; e o crime com que vos manchaes, é um enorme attentado contra esses objectos santos da veneração e respeito dos brazileiros. A Regencia, que governa em Nome do mesmo Imperador, assim o tem declarado, que esperaes pois? Que espirito vertiginoso vos detem? Voai á nossos braços Camaradas, confiai no vosso antigo Chefe. Vêde que se resistis a esta ultima appellação, que se faz á vossa razão, sereis responsaveis perante essa mesma Patria, perante o Brazil inteiro, dos males, que vão ser o deploravel resultado, desta luta de irmãos contra irmãos. Ah! não hesiteis; o osculo da paz, o amor fraternal, vos esperão de um lado; do outro só tendes a vossa ruina e espada inexgotavel da Justiça: a escolha não pode ser duvidosa.

Viva a nossa Santa Religião.

Viva á Nação Brazileira.

Viva a Constituição.

Viva S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II.

Viva a Assembléa Geral Legislativa.

Viva a Regencia Permanente.

Viva o Excel. Presidente desta Provincia o Dez. Manoel Ignacio de Mello e Souza.

José Maria Pinto Peixoto, Commandante da Força contra os sediciosos.»

O marechal Pinto Peixoto com um pequeno assedio aos sediciosos conseguiu que a 19 de maio abandonassem elles a cidade de Ouro Preto, que passou a ser occupada militarmente.

Os que foram presos por esta sedição, e bem assim os que se occultaram por ter sido conniventes com ella foram amnistiados todos no anno seguinte (1834).

Recolhendo-se a côrte fez publicar, em 5 de junho a seguinte

ORDEM DO DIA

«O marechal commandante em chefe das forças da provincia, faltaria á um dos mais sagrados deveres, se no momento de separar-se dos mineiros, lhes não dirigisse seus cumprimentos de despedida.

E mais particularmente ás guardas nacionaes, municipaes Permanentes, e divisões do Rio Doce, que se dirige, louvando e agradecendo-lhes a confiança, que nelle pozerão, e a cega obediencia, com que seguirão seus dictames.

Elle se demoraria mais entre os briosos e constitucionaes mineiros, se o cargo de deputado o não chamasse á côrte, donde virá a esta provincia todas as vezes, que seus serviços sejão por ella reclamados, ainda que, quando considera em cada guarda nacional um baluarte inexpugnavel posto em defeza da Constituição em toda a sua plenitude, julga desnecessaria sua presença.

Elle só tem a sentir o pouco, que o exercito lhe deixou a fazer, advinhando, por assim dizer, a sua vontade : seus esforços quasi se limitarão a adoçar a indignação e impetuosidade deste contra os sediciosos, a fim de poupar sangue de um e outro lado.

A recordação de ter commandado, com feliz exito, a flor da população de Minas-Geraes e á seu aprasimento, é para elle a mais doce e mais apreciavel recompensa.

Pertence ao exercito a gloria de ter restituido á providencia a ordem legal aos ouro-pretanos á liberdade, á sua séde o Excel. Presidente, desmentindo assim as calumnias de que o cobrião os sediciosos ; ter entregue á Justiça muitos destes e estes á seus remorsos...

Cada uma destas victorias é um indelevel monumento erigido á gloria do nome mineiro.

O Brazil todo vai participar dos effeitos da conducta do exercito da legalidade, e tributar-lhe agradecimentos pela completa derrota desse infame partido retrógado, similhante ao polypo em sua reproducção, e ao camelitio na diversidade de cores, com que se tem apresentado.

A gratidão é o unico premio, que ambicionão as almas bem formadas : agradecimentos tributa ao exercito mineiro o seu commandante em chefe — (assignado) *José Maria Pinto Peixoto.*»

Em 2 de dezembro de 1839 o governo, em remuneração destes serviços, decretou que a reforma do marechal Pinto Peixoto fosse melhorada no posto de tenente-general graduado, com o soldo de marechal de campo.

Em 1848 tendo deixado o commando superior da guarda nacional da côrte o tenente-general Lazaro José Gonçalves, coube-lhe mais uma vez assumir esse cargo, em o qual foi substituido em janeiro do anno seguinte, pelo marechal barão de Suruhy.

O tenente-general José Maria Pinto Peixoto falleceu nesta capital a 5 de maio de 1861, sendo sepultado no cemiterio de S. Francisco Xavier.

José da Nobrega Botelho

Nasceu José da Nobrega Botelho no anno de 1769, na villa de Moura (Portugal) e a 11 de fevereiro de 1779, verificou praça de cadete no regimento de cavallaria da sua terra natal, com destino ao de Macklembourg, onde foi incluido por ordem do general, conde de Azambuja, a 15 de janeiro de 1782.

Em virtude do aviso expedido pelo Sr. marechal-general, duque de Lafões, a 14 de março de 1783, passou José da Nobrega para o corpo de marinha, onde seguiu os postos de official.

Achava-se como immediato da fragata *S. Raphael,* que sahiu de Lisboa a 10 de agosto de 1794, com destino a Portsmouth, quando a mesma naufragou em 31 desse mez na barra das Agulhas, e esgotados todos os meios para salval-a, depois de ter sido tragado pelas ondas o seu commandante, tomou José da Nobrega uma pequena embarcação e nella foi em procura de soccorros para salvar a guarnição, no que teve bom exito, voltando em um *cutter* que se achava em cruzeiro naquella costa, em o qual fez recolher os seus commandados.

Chegando a Portsmouth o chefe da esquadra portu-

gueza alli estacionada fel-o voltar para o sitio em que havia naufragado, acompanhado de um forte destacamento de tropas e officiaes, com o fim de salvar a artilharia e mais fragmentos da *S. Raphael*.

Regressando a Portsmouth foi nomeado commandante do hospital de convalescentes; deixando este cargo recolheu-se a Lisboa.

Em 1804 foi nomeado segundo commandante da expedição que conduziu á Côrte de Pariz o embaixador de Portugal, passando depois a servir sob as ordens do marquez de Aguiar, então vice-rei do Brazil, até o anno de 1806.

Quando em 1807 se transportou de Lisboa para o Brazil D. João VI com toda a sua côrte, e mais comitiva, nella veio incorporado José da Nobrega sendo então capitão de mar e guerra da Armada Real Portugueza.

Por Carta Regia de 18 de outubro de 1809, em « attenção ás molestias que o privavam de continuar no serviço da Armada, foi transferido para o Exercito no posto de coronel de infantaria, ficando addido ao estado maior do mesmo Exercito ».

Graduado no posto de brigadeiro, por despacho de 6 de fevereiro de 1818, foi promovido á effectividade deste posto por decreto de 13 de maio de 1819, e ao de marechal de campo por outro de 12 de outubro de 1824.

Havendo solicitado a sua reforma esta lhe foi concedida no posto de tenente-general, por decreto de 22 de janeiro de 1825, por contar mais de quarenta annos de serviço.

Jurou a Constituição e assignou a acta que a 30 de março do anno anterior foi lavrada no quartel-general do Exercito.

O tenente-general José da Nobrega Botelho falleceu nesta Capital, no dia 11 de março de 1842, com 73 annos de idade.

José de Oliveira Barbosa

(Barão do Passeio Publico e visconde do Rio Comprido)

O marechal do exercito José de Oliveira Barbosa, filho legitimo de João de Oliveira Barbosa, nasceu no dia

22 de agosto de 1753, na fortaleza de S. João da Barra do Rio de Janeiro, de que era então governador o seu avô materno o sargento-mór Francisco Pereira Leal.

Depois de concluir os seus estudos, no convento dos Franciscanos desta cidade, resolveu José de Oliveira Barbosa abraçar a carreira de seu avô, verificando praça, como cadete, no regimento de artilharia da capital no dia 25 de janeiro, sendo a 6 de junho, tudo do anno de 1775, elevado ao posto de 2º tenente para a 8ª companhia do alludido Regimento.

A 6 de junho de 1776, o vice-rei marquez do Lavradio contemplou-o como 1º tenente da 3ª companhia do mesmo regimento, de onde foi transferido a 17 de dezembro de 1783 para a de mineiros, por ordem do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza.

No anno seguinte, 1784, foi mandado servir, por acto de 20 de fevereiro, no destacamento de guarnição á ilha da Trindade, sendo elevado a capitão, para a 7ª companhia do já mencionado regimento de artilharia, a 13 de maio de 1789.

Tendo sido eleito primeiro substituto da aula de artilharia, foi mandado assumir o exercio desse cargo pelo Vice-rei conde de Rezende, a 5 de dezembro de 1792.

Em 23 de outubro de 1795 foi transferido para a companhia de bombeiros.

Nomeado para exercer o logar de Secretario do Estado, entrou em exercicio a 4 de junho de 1796 e deixou-o a 16 de junho do anno seguinte.

Em observancia ao aviso de 24 de setembro de 1798, foi elevado ao posto de tenente-coronel, e empossado no logar de lente da aula do Regimento de Artilharia, a 20 de dezembro do mesmo anno de 1798.

Por decreto de 21 de janeiro de 1803 foi promovido a coronel do Regimento de Artilharia, tendo sido armado cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz, a 16 de novembro do anno anterior, por contar mais de 20 annos de bons serviços.

Com a chegada do principe regente D. João VI a esta capital, a 8 de março, foi, por carta régia de 13 de

maio, tudo de 1808, graduado no posto de brigadeiro, sendo promovido á effectividade pouco tempo depois.

Por outra carta régia de 12 de julho de 1809, foi nomeado governador e capitão-general do Reino de Angola.

Por immediata resolução de 23 de fevereiro de 1810, foi elevado ao posto de marechal de campo, e por decreto de 13 de maio de 1813 teve a mercê de commendador da referida ordem militar de S. Bento de Aviz.

Por decreto de 22 de janeiro do anno de 1818 foi nomeado vogal do Supremo Conselho Militar.

Foi graduado no posto de tenente-general, por decreto de 6 de fevereiro de 1818, e por outro de 13 de maio do mesmo anno foi nomeado conselheiro de guerra.

Por decreto de 6 de fevereiro do mesmo anno foi nomeado chefe da divisão da Guarda Real de Policia da Côrte.

Por outro decreto de 24 de abril de 1821 foi promovido á effectividade daquelle posto.

Exerceu o cargo de Ministro e Secretario de Estado e Negocios da Guerra do 3º Gabinete do Imperio, de 10 a 14 de novembro de 1823, cabendo-lhe referendar o decreto que a 12 dissolveu a Assembléa Constituinte.

Por carta imperial de 24 de outubro de 1829, foi condecorado com o titulo de barão do Passeio Publico, e por outro de 18 de julho de 1841, foi elevado ao de visconde do Rio Comprido.

Por decreto de 19 de agosto de 1842 foi reformado no posto de marechal de Exercito. O Visconde do Rio Comprido falleceu nesta Capital a 2 de maio de 1844, sendo sepultado no dia seguinte, nas catacumbas antigas da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula.

José da Silva Brandão

O brigadeiro José da Silva Brandão, nasceu no arraial de São Caetano (Minas-Geraes) no anno de 1758.

Tendo-se alistado no regimento de cavallaria de Villa-Rica, foi-lhe conferida a patente de alferes por despacho de 1 de agosto de 1775.

Elevado a tenente para a 4ª companhia do mesmo re-

gimento por portaria de 31 de março de 1787, foi neste posto confirmado por «despacho do conselho Ultramarino de 6 de setembro de 1792, e patente de Sua Magestade a Rainha de 1795».

Passou a capitão para a 5ª companhia por decreto de 19 de outubro de 1798 e patente de «Sua Alteza Real de 22 de abril de 1801.

Por consulta do Conselho Supremo Militar de 6 de novembro de 1809, foi elevado ao posto de sargento-mór para o mesmo regimento,

Por decreto de 17 de dezembro de 1817, foi promovido a tenente-coronel, continuando no mesmo regimento, o qual se achava sob o seu commando, quando pelos acontecimentos que se deram em Villa-Rica, de que resultou a creação de um governo provisorio, em abril de 1822, recebeu as seguintes portarias :

«S. A. R. o Principe Regente ordena ao tenente-coronel commandante da tropa de linha da capital da Villa-Rica José da Silva Brandão, que convindo ao decoro de sua real pessôa entrar na mesma capital acompanhado de grande guarda de todo o seu corpo, pela confiança que d'elle faz deve o mesmo commandante no dia de amanhã achar-se no Capão da Lana, onde vai estabelecer o seu paço, ás 10 horas da manhã, afim de compôrem a sua guarda, o que manda participar ao sobredito commandante para sua intelligencia e cumprimento. — Paço da Villa de Queluz, 8 de abril de 1822 — (Assignado) *Estevão Ribeiro de Resende*».

«S. A. R. o Principe Regente ordena ao tenente-coronel commandante de cavallaria de linha desta provincia José da Silva Brandão que, immediatamente, que receber a presente portaria, prenda ao tenente-coronel graduado José Maria Pinto Peixôto, e o faça conduzir ao seu Paço do Capão do Lana, onde vai pernoitar na noite do dia de hoje, lançando mão de todas as medidas que forem precisas para se effectuar esta diligencia, por cujo exito põe em responsabilidade o dito commandante a quem faz saber que esta mesma ordem é communicada ao governo da provincia, e que quer a receba ou não por elle, por effeito desta porta-

ria sómente a execute — Paço da Villa de Queluz, 8 de abril de 1822.»

S. A. Real ordena mais que, se para mais prompta verificação das suas reaes ordens fôr preciso, o tenente-coronel commandante acima mencionado se entenda com o coronel João Luciano de Souza Guerra Araujo Godinho (commandante do regimento de milicias), que prestará o auxilio que lhe fôr necessario. — (Assignado) *Estevão Ribeiro de Resende.*»

Realisada a prisão de Pinto Peixoto, e sendo elle no dia seguinte presente aquelle principe, depois de se ter justificado, regressou a Villa-Rica onde incorporou-se aos demais habitantes para a recepção estrondosa com que foi alli recebido o mesmo principe, ficando deste modo inteiramente desfeita a projectada revolução, conforme tivemos occasião de mais detalhadamente relatar tratando do general José Maria Pinto Peixoto. Quanto ao principe D. Pedro, depois de ter recebido as mencionadas demonstrações de «apreço e de adhesão a sua pessoa, a ninguem perseguio e nas proximidades da sua partida, falando dos acontecimentos que acabaram de terminar disse: «*Foi uma falta que se commetteu em familia; esqueçamo-nos della.*»

Ainda nesse anno de 1822 D. Pedro I não esquecendo os presurosos serviços que Silva Brandão lhe prestara, concorrendo para restabelecer a ordem publica de Minas-Geraes, por decreto de 8 de novembro, o promoveu a coronel commandante do regimento de cavallaria de linha de Villa Rica, e por outro de 1 de dezembro o contemplou no numero dos agraciados com a venéra da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Empossado neste ultimo mez, no citado commando nelle se conservou até que, por ter sido graduado em brigadeiro, por despacho de 29 de abril de 1824 o passou ao seu substituto legal e seguio para a provincia de S. Paulo, como governador das armas, para cujo cargo fôra nomeado por decreto do referido dia 29 de abril.

Em 31 de agosto deste anno tomou o brigadeiro Silva Brandão posse do cargo de governador das armas.

Por decreto de 12 de outubro de 1827 foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro, continuando no mes-

mo cargo do qual foi dispensado por despacho de 5 de setembro, entregando-o ao seu substituto brigadeiro Francisco de Lima e Silva a 25 de novembro, tudo de 1828.

O brigadeiro José da Silva Brandão falleceu em Minas-Geraes com setenta e seis annos de idade.

Lazaro José Gonçalves

Nascido em Lisbôa no anno de 1781, Lazaro José Gonçalves verificou praça no exercito de Portugal a 29 de abril de 1796.

Por decreto de 14 de novembro de 1805 foi promovido ao posto de alferes, e por outro de 13 de maio de 1806 ao de tenente para o regimento de infantaria de Cascaes, seguindo com elle logo depois para a provincia do Alemtejo.

Quando o Sr. D. João VI emigrou para o Brasil no numero dos officiaes que compunham a sua comitiva se achava o tenente Lazaro José Gonçalves, que, por carta régia de 13 de maio de 1808, foi incluido como aggregado ao 3º regimento de infantaria da côrte, com a graduação de capitão, iniciando assim no Brasil a sua já principiada carreira militar.

Promovido a capitão por outra carta régia, de 12 de outubro do mesmo anno, foi-lhe dado o commando da 1ª companhia do alludido regimento de infantaria. Tendo sido graduado no posto de sargento-mór a 14 de março de 1809, foi por carta régia de 14 de março de 1811 promovido á effectividade deste posto, e nomeado commandante da companhia de primeira linha da capitania do Espirito Santo.

A 27 de maio deste mesmo anno passou a servir como aggregado á brigada de infantaria da legião de S. Paulo, ficando ás ordens do governador, o capitão general marquez do Alegrete, que o encarregou da organização de um corpo de seiscentas praças de infantaria e duzentas de cavallaria, para reforçar o exercito do sul, e cujo corpo conduziu até Porto-Alegre, onde delle fez entrega ao chefe da legião de S. Paulo, brigadeiro graduado Joaquim de Oliveira Alvares, a 1 de maio de 1815 ;

tendo sido graduado no posto de tenente-coronel, por carta régia de 17 de julho de 1817, foi confirmado neste posto para o regimento de caçadores da praça de Santos e por decreto de 12 de julho de 1819, foi promovido a coronel para o mesmo regimento.

Em 1821, por occasião de ser adoptado na capital da provincia de S. Paulo o novo systema de governo, comparecendo na praça de S. Gonçalo, a 23 de junho, como chefe da tropa ahi reunida ao povo, coube-lhe declarar ao conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva, que era esperado, que elle concorresse para a organização de um bom governo, o qual deveria em seguida prestar o decretado juramento ás bases da Constituição.

Depois de ter sido o mesmo governo acclamado pelo povo e tropa, por indicação do citado José Bonifacio, entre os seus membros figurava o coronel Lazaro Gonçalves, a quem foi dado o exercicio do cargo de secretario da guerra do sobredito governo.

Havendo sido concedidos ao exercito do Brasil os mesmos vencimentos que percebia o de Portugal (decreto de 22 de abril de 1821), e como se achava por demais retardada em S. Paulo a execução de tal medida, deu isso logar a que no quartel do 2º batalhão do regimento de caçadores da guarnição na capital, se percebessem alguns rumores surdos de sedição, e que, apenas lobrigada, foi abafada, energicamente, pelo vigilante e disciplinador coronel Lazaro Gonçalves ; na villa de Santos, porém, onde se achava o 1º batalhão do mencionado regimento, chegou a noticia da sedição abafada e as suas praças, não tendo encontrado quem usasse de meios energicos para contel-as, sahiram do quartel, em armas, na noite de 28 para 29 de junho deste mesmo anno, causando alarmante panico na população, e obrigados os officiaes a abandonarem a praça aos sublevados, que usaram de todos os desmandos, arrombando as prisões militares e a cadeia publica, engrossando assim as fileiras dos amotinados que travaram combate com os navios de guerra ancorados no porto, combate este que cessou para se darem ás delicias do saque.

Ao coronel Lazaro Gonçalves, como membro do go-

verno provisorio da provincia foi determinado em portaria de 2 de julho de 1821 que, com o seu collega de governo coronel de engenheiros Daniel P. Muller, se puzesse em campo afim de submetter os amotinados, conseguindo a prompta pacificação da villa e praça de Santos, e por outra portaria de 7 do mesmo mez « foi congratulado pelo feliz exito da missão que lhe foi dada e novamente autorisado para praticar tudo que fosse conveniente á segurança publica do referido logar », sendo-lhe finalmente « agradecido pela maneira com que dirigiu a tropa que pacificou a revolta, agradecimentos estes não só do governo como da camara municipal, e de todo o commercio da villa pacificada ».

Por outra portaria de 10 de setembro ainda de 1821, que lhe dava instrucções para providenciar sobre a guarnição de Santos, recebeu tambem ordem de retirar-se para a capital por ter sido nomeado membro da commissão que devia organizar os corpos de 1ª e 2ª linhas para a defesa da provincia.

Em consequencia das noticias chegadas da côrte, sobre os acontecimentos de janeiro de 1822, em que se tornou saliente o procedimento do despeitado general Jorge Avilez, que havia sido dispensado do cargo de governador das armas, a 26 de junho do anno anterior invocou o principe D. Pedro em carta régia de 12 do dito mez « o brazileirismo dos paulistas, seu amor á ordem e á tranquillidade publica, e chamou-os ao Rio de Janeiro que se achava a braços com a indisciplina e anarchia da divisão lusitana, assanhada contra a sua população ».

Ao receber tal appello ordenou o governo de São Paulo ao coronel Lazaro Gonçalves que dos corpos milicianos da capital, organizasse um batalhão que deveria ser reforçado no seu trajecto para a côrte pelos contingentes requisitados dos regimentos das villas do Norte, sendo incorporada ao dito batalhão toda a tropa de linha que se achava na capital.

A este batalhão foram annexados dous esquadrões de cavallaria miliciana, sob o commando do tenente-co-

ronel Pinto Gavião, sahindo toda a tropa, no dia 24 do alludido mez de janeiro com 1.100 praças e, nesta occasião, o coronel Lazaro assim fallou aos seus commandados: « Em observancia das ordens do principe regente dispõe o governo que marcheis para a Capital do Rio de Janeiro. O governo espera de vós, nobres guerreiros, que por tantas vezes tendes mostrado o vosso valor nos campos de batalha, concorraes, incorporados ás tropas brasileiras de guarnição á côrte, para defendel-a de qualquer ataque projectado pelos inimigos de ordem, da união e tranquillidade publica. O governo e a patria assim o esperam do vosso ardor e patriotismo e do vosso enthusiasmo por tão justa causa; e o governo e a patria não se enganam ».

A esta columna expedicionaria foi dado o titulo de — « Divisão dos Leaes Paulistanos » — e no seu commando se conservou o coronel Lazaro Gonçalves, até que depois de com ella e outros corpos da côrte e Minas Geraes ter tomado parte no apparatoso prestito que, em 12 de outubro de 1822, desfilou perante o Sr. D. Pedro I, logo após o acto da sua acclamação, foi elevado ao posto de brigadeiro graduado, por decreto da mesma data.

Em 1824, depois de ter jurado a Constituição do Imperio, e assignado a acta que foi lavrada a 30 de março no quartel do regimento de caçadores dos leaes paulistanos, foi por portaria de 1 de junho nomeado commandante da 1ª Brigada do Exercito e por decreto de 12 de outubro, promovido á effectividade do posto de brigadeiro.

A 24 de janeiro de 1827 foi distinguido com a nomeação de ajudante de campo da imperial pessôa, e graduado em marechal de campo á 12 de outubro do mesmo anno.

Tendo sido, por decreto de 13 de outubro de 1829, confirmado no dito posto de marechal foi, a seu pedido, por immediata resolução de 21 de novembro de 1832 reformado no posto de tenente-general com o respectivo soldo pelos seus annos de serviço.

Depois de reformado e tendo sido creado o commando superior da guarda nacional da côrte, para elle

foi nomeado o tenente-general Lazaro Gonçalves e com esta milicia em ordeira formatura no campo da acclamação a 22 de julho de 1840, concorreu para que no dia seguinte fosse decretada a maioridade do Sr. D. Pedro II.

Deixando o cargo de commandante superior em 1848, continuou o general Lazaro Gonçalves, apenas com exercicio de gentil homem da Imperial Camara, até que falleceu nesta capital em o anno de 1852.

O tenente-general Lazaro José Gonçalves, além das medalhas de Portugal, era grã-cruz da ordem de S. Bento de Aviz, commendador da de Christo, dignitario da ordem da Rosa e official da imperial do Cruzeiro.

Como o deixamos escripto, prestou relevantes serviços á sua patria adoptiva, concorrendo efficazmente para a sua independencia.

Lourenço Caetano da Silva

A 18 de outubro de 1743, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, Lourenço Caetano da Silva, que, em 15 de outubro de 1759, alistou-se em um dos regimentos de infantaria da mesma cidade. Cabo de esquadra a 8 de março, e sargento a 3 de maio, tudo de 1762, dous annos depois, com a occupação militar da villa da Rio Grande do Sul pelos hespanhóes, para alli expedicionou Lourenço Caetano, onde permaneceu até outubro de 1769.

Pelas suas habilitações, por decreto de 14 de julho de 1776, foi elevado ao posto de 2º tenente do regimento de artilharia da capitania do Rio de Janeiro, obtendo por outro decreto de 7 de janeiro do anno seguinte, a patente de 1º tenente para o mesmo regimento.

Organizada a grande expedição que, sob o commando do tenente-general João Henrique Bohm seguiu em 1774, para o Rio Grande do Sul, a ella foi encorporado um parque de artilharia, do qual fez parte o 1º tenente Lourenço Caetano, que no anno seguinte, por decreto de 6 de janeiro, foi promovido a capitão aggregado ao mencionado regimento.

Livre totalmente do dominio hespanhol, o territorio

[illegible] por [illegible] que se [illegible] de [illegible] de artilharia [illegible]

[illegible] passando a [illegible] de [illegible]

[illegible] de [illegible]

[illegible] de 1808. [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] marechal Lo- [illegible] pela sua [illegible] annos [illegible] posto [illegible] e com [illegible] de 2 de junho [illegible]

O tenente-general Lourenço Caetano da Silva, depois de reformado continuou a residir no Rio de Janeiro onde falleceu poucos annos depois.

Luiz Antonio de Olveira Bulhões

Natural da capitania do Rio de Janeiro onde viu a luz no dia 21 de março de 1777, Luiz Antonio de Oliveira Bulhões, verificou praça no regimento de artilharia da referida capitania e, depois de ter regularmente frequentado as respectivas aulas, foi considerado partidista de numero, a 21 de abril de 1791.

Por decreto de 21 de março de 1795 foi promovido a 2º tenente para a 1ª companhia e a 1º tenente por outro de 17 de agosto de 1799, para a 2ª companhia, ambas do referido regimento.

Capitão por despacho de 15 de agosto de 1805 para a 1ª companhia, passou para a de bombeiros, por decreto de 17 de dezembro de 1806, ficando aggregado por ordem do vice-rei a 11 de junho de 1807, até apresentar a sua patente de capitão de bombeiros, o que fez a 2 do mez seguinte.

Tranferido para a 1ª companhia de artilharia montada da côrte, por despacho de 20 de setembro de 1808, foi graduado no posto de sargento-mór por acto de 18 de outubro do mesmo anno.

Promovido a effectividade deste posto, por decreto de 13 de setembro de 1809, para o regimento de artilharia obteve a graduação de tenente-coronel a 9 de abril de 1813, sendo, por decreto de 17 de dezembro de 1815, promovido a effectividade deste ultimo posto, e para o mesmo regimento.

Dada a revolução de 6 de março de 1817, na capital de Pernambuco, para alli seguiu Oliveira Bulhões, a 4 de maio do mesmo anno, commandando o batalhão de artilharia tirado do seu regimento e que foi incorporado á divisão organisada e commandada pelo general Luiz do Rego Barreto.

Regressando á côrte obteve, por acto de 6 de fevereiro de 1818, a graduação de coronel sendo-lhe concedida

a patente de effectivo para commandante do supracitado regimento de artilharia, por decreto de 18 de março de 1822.

Acompanhou, com reconhecido interesse, os acontecimentos que determinaram a independencia do Brazil, sendo, por decreto de 24 de fevereiro do anno seguinte, graduado no posto de brigadeiro, e nomeado commandante da fortaleza de Villegaignon.

Jurou a Constituição do Imperio e assignou a acta lavrada no quartel general a 30 de março de 1824, e, por decreto de 12 de outubro do mesmo anno, foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro.

Solicitando a sua reforma esta lhe foi concedida, por decreto de 2 de dezembro de 1828, no posto de marechal de campo, por contar mais de trinta e cinco annos de bons serviços, continuando a residir nesta capital onde falleceu.

Luiz Pereira da Nobrega de Souza Coutinho

O brigadeiro Luiz Pereira da Nobrega de Souza Coutinho, nasceu em Angra dos Reis na antiga Capitania do Rio de Janeiro.

Tendo abraçado a carreira militar, foi percorrendo os postos subalternos, alcançando o de capitão do 3º regimento de infantaria de linha da Côrte, de onde, pela sua reconhecida competencia, foi por carta régia de 13 de maio de 1811, elevado ao posto de tenente-coronel aggregado ao 1º regimento de cavallaria de Milicias do districto de Itapacorá.

Por carta régia de 17 de dezembro de 1815, foi-lhe concedida a graduação de coronel, para o 1º regimento de cavallaria de milicias da Côrte, sendo por outra de 6 de fevereiro de 1818, e em attenção aos seus merecimentos e serviços, transferido na mesma graduação e arma para a tropa de linha, ficando addido ao Estado-Maior do Exercito, e exercendo o cargo de deputado do ajudante-general do Exercito.

Em remuneração aos bons serviços prestados neste cargo foi por outra carte de 22 de janeiro de 1820 promo-

vido á effectividade do posto de coronel, continuando no alludido cargo.

Como bom brazileiro, abraçou Luiz Pereira da Nobrega a causa da emancipação politica de sua Patria, aggremiando-se em 1821 com os patriotas que mais cooperaram para esse fim, de modo que durante os dias 9, 10 e 11 de janeiro do anno seguinte muito auxiliou com a sua presença, e pelo prestigio que então gosava, o povo e tropa, que unidos se dispunham a combater a divisão portugueza sob o commando do general Jorge Avilez.

Neste mesmo anno de 1822, em 13 de março, foi graduado no posto de brigadeiro, e a 13 de maio lavrado o seguinte decreto :

« Achando-se vago no Estado-Maior do Governo das armas desta Côrte e provincia o logar de ajudante-general, creado por decreto de 24 de junho de 1818 e convindo nomear pessoa em quem concorram os requisitos necessarios para o bom desempenho não só das funcções e incumbencias deste logar, mas tambem áquelles que são inherentes á repartição de quartel-mestre-general, cujas attribuições e encargos ficarão d'ora em diante annexos ao sobredito logar : Hei por bem, tendo mui presente o merecimento, intelligencia e distinctas qualidades de Luiz Pereira da Nobrega de Souza Coutinho, brigadeiro graduado de cavallaria e deputado do ajudante-general de o nomear para o supramencionado logar de ajudante-general ; ficando na fórma acima dita, encarregado tambem de todo o expediente e incumbencias da repartição de quartel-mestre-general, na conformidade do Regulamento de 21 de fevereiro de 1816. Autorisando-o, outrosim, para escolher e propôr-lhe, por intervenção e com o beneplacito do governador das armas, aquelles officiaes do Estado-Maior do Exercito que lhe pareçam sufficientes para serem empregados no expediente de ambas as sobreditas repartições. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e em consequencia lhe expeça o despacho necessario. Paço, em 13 de maio de 1822. Com a rubrica de Sua Alteza Real o Principe Regente. — *Joaquim de Oliveira Alvares* »

A 27 de julho deixou este cargo para assumir interi-

namente o de ministro da guerra. A 1. de agosto coube-lhe referendar o decreto declarando inimigas todas as tropas que de Portugal ou de qualquer outra nação aportassem ao Brazil, sem o prévio consentimento do governo.

Depois de proclamada a «Independencia» a 7 de setembro e de ter assistido a 12 de outubro á acclamação do principe D. Pedro em Imperador e Defensor Perpetuo do Brazil, deixou o brigadeiro Souza Coutinho o cargo de ministro, que exercera apenas por 3 mezes.

Suspeitado de conspirador pelos seus collegas de ministerio, por serem conhecidas as suas idéas democraticas, foi desterrado para a França com os devotados patriotas Cunha Barbosa e José Clemente Pereira.

Regressando á patria em 1824, foi promovido a brigadeiro effectivo, por decreto de 12 de outubro, e, apezar da completa abstenção nos negocios politicos, a sua provincia o elegeu deputado á Assembléa Geral, na sua primeira legislatura ordinaria em 1826, e nella tomando assento foi distinguido pelos seus pares com o logar de presidente da camara. Neste mesmo anno de 1826 falleceu o brigadeiro Luiz Pereira da Nobrega de Souza Coutinho, sendo sepultado a 28 de dezembro nas catacumbas antigas da Ordem 3ª de S. Francisco de Paula.

Como bem diz o historiador Joaquim Manoel de Macedo, este brigadeiro foi um dos benemeritos da independencia do Brazil, e a ella prestou serviços tão relevantes em 1822, que merece logar de honra na Historia Patria.

Manoel da Costa Pinto

A 2ª de agosto de 1780 nasceu na cidade de Lisboa Manoel da Costa Pinto. Tendo frequentado as aulas de mathematica e sciencias correlatas, foi admittido no exercito de Portugal, como 2 tenente do regimento de artilharia n. 1, por decreto de 2ª de setembro de 1802 e nomeado na mesma data para substituto do mesmo regimento.

A 2ª de janeiro de 1807 foi promovido a 1º tenente e a capitão aggregado aquelle regimento por decreto do mesmo anno.

Com a mudança da côrte de Lisboa para o Rio de Janeiro passou o capitão Costa Pinto a servir no exercito do Brazil, pelo que por carta regia de 17 de fevereiro de 1808, foi nomeado commandante da companhia de mineiros do regimento de artilharia aqui estacionado, e no anno seguinte passou a occupar a cadeira de lente do mesmo regimento, sendo elevado ao posto de sargento-mór, conforme se vê da carta regia de 12 de agosto desse anno.

Por decreto de 11 de março de 1811 foi nomeado lente do 7º anno da Academia Militar do Brazil, sendo neste mesmo anno, por carta regia de 17 de dezembro graduado no posto de tenente-coronel.

Por outra carta regia de 9 de janeiro de 1816 foi confirmado no posto de que tinha a graduação e promovido a coronel graduado do mesmo regimento de artilharia, continuando no logar de lente da Academia Militar.

Por occasião da revolução de Pernambuco (6 de março) para alli destacou a 17 de abril, sendo promovido a coronel effectivo a 26 de outubro, tudo de 1817.

Regressando de Pernambuco, a 1º de novembro do anno seguinte reassumiu as funcções de lente da Academia, sendo por decreto de 22 de abril de 1821 nomeado inspector da artilharia.

Por despacho de 18 de março de 1822, foi graduado no posto de brigadeiro e designado por acto de 6 de novembro do mesmo anno, para o logar de quartel-mestre general da côrte e provincia do Rio de Janeiro.

A 5 de março de 1823 foi nomeado deputado da Junta de Direcção dos Estudos da Academia Militar da Côrte.

Tendo sido promovido á effectividade do posto de brigadeiro por decreto de 12 de outubro de 1824, foi nomeado deputado-intendente da Junta de Fazenda dos Arsenaes do Exercito, Fabricas e Fundições por despacho de 3 de setembro de 1826.

A 12 de outubro do anno seguinte foi graduado no posto de marechal de campo, sendo promovido á effectividade do mesmo posto por decreto de 24 de janeiro de 1828.

Por carta imperial de 24 de dezembro de 1827 foi nomeado presidente da provincia do Maranhão.

Por decreto de 12 de setembro de 1837 foi graduado no posto de tenente-general, no qual e na forma do decreto de 1º de dezembro de 1841 foi, por doente, transferido para a 3ª classe do exercito por acto de 19 de agosto do anno seguinte.

O tenente-general Manoel da Costa Pinto falleceu nesta capital contando 64 annos de idade.

Manoel Antonio Leitão Bandeira

Dos documentos existentes no archivo do Estado-Maior do Exercito, verifica-se que Manoel Antonio Leitão Bandeira nasceu em 1778, na cidade de Bragança (Portugal), onde assentou praça voluntariamente como cadete no regimento de infantaria da mesma cidade, a 3 de janeiro de 1801.

Por despacho do principe regente de 23 de setembro de 1805, foi promovido a tenente para o — Estado da India — de onde passou, como aggregado, para o 2º regimento de infantaria de linha do Rio de Janeiro, por carta régia de 12 de abril de 1809.

A 22 de junho do anno seguinte foi incluido como effectivo na 6ª companhia do mesmo regimento, *ex-vi* do decreto de 13 de maio antecedente.

Por carta-régia de 12 de outubro e patente de 20 de novembro, tudo do referido anna de 1810, foi promovido a capitão para a 2ª companhia do já citado 2º regimento de infantaria.

A 16 de abril de 1817, seguiu para a provincia de Pernambuco, fazendo parte das forças expedicionarias do commando do general Luiz do Rego Barreto, contra os revolucionarios que á 6 de março desse anno haviam proclamado o governo republicano no Recife.

Recolhendo-se ao Rio de Janeiro, á 9 de agosto do mesmo anno, por decreto de 14 de maio foi transferido para o 2º batalhão de fuzileiros, e por outro de 12 de outubro, tudo do seguinte anno de 1818, obteve a patente de sargento-mór para o mesmo batalhão.

Quando a 9 de janeiro de 1822, pronunciando o celebre — FICO, — o principe D. Pedro tornou-se ostensivamente desobediente ao governo de Lisbôa, sabemos que o general Jorge Avilez Zuzarte de Souza Tavares, sublevando a — divisão portugueza auxiliadora — depois de ter occupado o morro do Castello, ameaçara hostilisar a cidade com o fim de demover aquelle principe dos seus atrevidos intentos ; á vista do que os partidarios da nobre causa da independencia do Brasil, em acto continuo se reuniram no campo de Sant'Anna sob as ordens do general Joaquim de Oliveira Alvares e Joaquim Xavier Curado *para defender o principe e a cidade e que não largariam as armas emquanto o principe e a cidade se achassem ameaçados pela opposição hostil que tomára a tropa portugueza.*

Entre os que engrossaram as fileiras d'esse exercito de resistencia, se achou o sargento-mór Manoel Antonio Leitão Bandeira, que prestou os melhores serviços á causa brasileira, até que a mencionada divisão auxiliadora, depois de ter sido obrigada á acampar na Praia Grande, — foi definitivamente embarcada em os navios que a deviam reconduzir a Portugal ; pelo que o governador das armas da côrte em a sua ordem do dia 13 de fevereiro do dito anno, congratulando-se com os seus commandados, o mandou elogiar *pelos bons serviços que prestou em todas as differentes crises,* desse periodo anormal sendo então elevado a tenente-coronel para o 3º batalhão de caçadores da côrte, obtendo logo depois a graduação de coronel.

Em 1824, com o seu batalhão, seguiu Leitão Bandeira para o Norte do Imperio, fazendo parte da chamada — Brigada Expedicionaria e Cooperadora da Bôa Ordem da provincia de Pernambuco — commandada pelo então coronel Francisco de Lima e Silva.

Chegados que foram ao Recife depois de em varios encontros terem sido batidos, subjugados e aprisionados alguns dos principaes chefes da mallograda — Confederação do Equador — e bem assim não pequeno numero dos que se batiam por essa nobilissima causa, em cumprimento ás terminantes ordens de D. Pedro I, ao coronel Leitão Bandeira coube ainda a ingrata tarefa de servir de vogal da celebre commissão militar creada *para se-*

rem por ella sentenciados os cabeças da atroz e abominavel facção de alguns habitantes de Pernambuco de que é chefe o rebelde revolucionario Manoel de Carvalho Paes de Andrade, e da qual foi presidente o mencionado coronel Lima e Silva.

Como sabemos, entre os sentenciados por esta commissão, figuram os nomes dos abnegados e valentes patriotas: Fei Joaquim do Amôr Divino Caneca, illustrado e popular tribuno e professor de mathematica; o capitão de granadeiros Agostinho Bezerra Cavalcanti, commandante do 4º batalhão de artilharia, de Henriques (homens de côr), e Francisco Souza Rangel, soldado do corpo de guerrilhas; sendo o primeiro çondemnado a pena de morte natural, a qual foi executada á 13 de janeiro do seguinte anno de 1825, no largo das «Cinco Pontas».

Regressando do Recife, obteve Leitão Bandeira a effectividade do posto de coronel, por decreto de 11 de março do dito anno de 1825.

Jurou a Constituição Politica do Imperio e assignou a acta que para tal fim havia sido lavrada no quartel general do exercito.

Dada a revolução dos 33, na então provincia Cisplatina, de que foi consequencia a declaração de guerra ao Brazil pelo governo da Republica Argentina, á frente do 3º batalhão de caçadores de seu commando, seguiu Leitão Bandeira, para o sul do Imperio, e á 2 de fevereiro de 1827, no arroio das Palmas, foi nomeado commandante da 1ª brigada de infantaria, que com seis boccae de fogo foi incorporada a 1ª divisão do exercito do sul, por determinação do commandante em chefe, tenente-general Marquez de Barbacena.

Como se sabe, tendo sido deliberado o encontro do exercito imperial com o dos republicanos do Rio da Prata, se offereceu esta occasião ao amanhecer do dia 20 de fevereiro de 1827 no passo do Rosario, junto ao pequeno arroio *Ituzaingó,* na provincia do Rio Grande do Sul.

Conforme o que se tem escripto sobre esta batalha sabe-se que a peleja se iniciou pela direita do exercito imperial carregando sobre o inimigo a 2ª brigada de cavallaria, composta dos regimentos 4º e de Lunarejo, sendo

este commandado pelo tenente-coronel José Rodrigues Barbosa, que muito salientou-se.

Reconhecendo o Marquez de Barbacena que o general Alvear, tencionando contornal-o, deixara enfraquecido o centro da sua linha de batalha, onde se achava a artilharia que tanto mal lhe fazia, deu ordem para ser esse centro vigorosamente atacado pela cavallaria a que poz de protecção a 1ª brigada de infantaria do coronel Leitão Bandeira, com duas boccas de fogo que, desde logo, foram postas em acção, pelo mesmo coronel, afim de romper o dito centro e ser-lhe possivel apossar-se da artilharia inimiga.

Percebendo porém o chefe Alvear o fim desta manobra, depois de fazer troar com mais actividade a sua artilharia, ordenou ao coronel Frederico Brandzen que, com a divisão de cavallaria de seu commando, carregasse sobre a columna de Leitão Bandeira.

Recebendo esta ordem, escalonou Brandzen os seus esquadrões, collocou-se no seu posto e os arrojou sobre a columna imperial ; mas o coronel Leitão Bandeira, que não o perdia de vista, mandou fazer alto á distancia conveniente, formou quadrado e, com firmeza esperou o ataque.

Approximava-se Brandzen com o valor e garbo que sempre exhibiu nas pugnas anteriores, quando, cêrca de trinta metros do quadrado, rompe Leitão Bandeira um bem disciplinado fogo de salvas fazendo estacar o primeiro esquadrão, que acto continuo, se destroça, retrocedendo os poucos cavalleiros que delle restam ; os demais esquadrões são recebidos do mesmo modo e derrubados são, homens e cavallos e com elles beija heroicamente o campo da honra o coronel Brandzen, para não mais se erguer.

Abandonando os cavallerianos o campo, recebem os bravos de Leitão Bandeira o mais formidavel cumprimento dos canhões de Alvear que, aproveitando os excellentes alvos, despejam simultaneamente, bombas, metralhas e toda a sorte de projectis.

Vendo não lhe ser possivel levar a effeito o ataque e procurando evitar novas cargas da numerosa cavallaria

inimiga, retrocede Leitão Bandeira, lenta e ordenadamente, apezar da sua victoria sobre o intrepido coronel Frederico Brandzen.

Da parte que no dia seguinte, ao desta batalha, endereçou ao general em chefe o brigadeiro Sebastião Barreto, commandante da 1ª Divisão, sobresahem os seguintes periodos:

.... « A Divisão cumpriu religiosamente seus deveres, porém, devo em abono da razão, e da justiça, particularisar a primeira brigada de infantaria composta dos batalhões 3º e 4º, e 27º allemã, commandados pelo benemerito e valoroso coronel Leitão.

Esta Brigada, Exm. Sr., fez prodigios de valor, e por isso eu a contemplo digna da consideração de V. Ex., e recommendo com especialidade o referido coronel Manoel Antonio Leitão Bandeira, assim como imploro sua alta protecção a favor dos officiaes, a quem elle particularisa».

Procedimento este que foi apreciado pelo proprio general em chefe, que os levou ao conhecimento do governo de D. Pedro I, conforme se vê do seguinte topico do officio, de 28 do mesmo mez, dirigido ao ministro da guerra Conde de Lages:

.....

«A primeira brigada de infantaria composta dos batalhões 3º, 4º, e 27º, fez a bayoneta calada retirar-se a primeira linha inimiga e quando foi carregada por mui numerosa cavallaria, retirou-se formando em quadrado por batalhões, causando o maior estrago nos lanceiros inimigos. A brigada era commandada pelo coronel Leitão, que foi obrigado a encarregar-se tambem do commando immediato do batalhão 4º, em consequencia de ter fallecido o major e dous capitães e de retirar-se ferido o tenente-coronel Freire, quando a perda de sangue, já lhe não permittia continuar no combate.»

N'este mesmo anno de 1827 e por despacho de 12 de outubro obteve Leitão Bandeira ser elevado — de cavalleiro á commendador da Ordem Militar de São Bento de Aviz — e trez annos depois, isto é, á 17 de outubro de 1830, foi gradnado em brigadeiro, achando-se addido

ao estado-maior do exercito, d'esde 23 de junho de 1828, data do despacho imperial que o demittiu do commando do heroico 3º batalhão de caçadores da côrte do Rio de Janeiro.

Promovido a effectividade do posto de brigadeiro por decreto da regencia de 12 de setembro de 1837, solicitou do mesmo governo a sua reforma que, por despacho de 12 de fevereiro do anno seguinte, lhe foi concedida no posto de marechal de campo, com o respectivo soldo, por contar mais de trinta e cinco annos de serviço.

O marechal de campo Manoel Antonio Leitão Bandeira, depois de reformado continuou a residir n'esta capital onde falleceu em 1856.

Manoel Ignacio de Moraes de Mesquita Pimentel

Em 1764 nasceu em Celoures, termo de Ancians (Portugal), Manoel Ignacio de Moraes de Mesquita Pimentel, que verificou praça de cadete a 11 de julho de 1784 no regimento de cavallaria de Chaves.

Por decreto de Sua Magestade de 21 de julho de 1790 passou do mencionado regimento, com a patente de tenente, para o de cavallaria regular de Villa-Rica « para servir por seis annos e o maior tempo que Sua Magestade fôr servida ». A 24 de outubro do mesmo anno embarcou no porto de Lisbôa com destino ao Brasil.

Apresentou-se no referido regimento de Villa-Rica, onde foi incluido como tenente aggregado á 5ª companhia, a 29 de janeiro de 1791, sendo, por ordem do Sr. governador, de 21 de fevereiro de 1795, mandado considerar como effectivo do alludido regimento.

« Do posto de tenente foi Mesquita Pimental elevado ao de sargento-mór para o 2º regimento de cavallaria de milicias da comarca de Villa-Rica, por decreto de 19 de outubro de 1798 e patente de Sua Alteza Real o principe regente, de 16 de dezembro de 1799 ».

Apresentou-se ao mencionado regimento a 16 de agosto de 1800, em o qual lhe foi conferida a patente de tenente-coronel.

Por graça especial do Sr. D. João VI foi transferido

no mesmo posto de tenente-coronel para a tropa de linha, ficando addido ao estado-maior do exercito, conforme se vê da carta régia de 13 de maio de 1814, data do anniversario natalicio do mencionado principe.

Por carta régia de 29 de março de 1817 foi nomeado commandante do presidio de Fernando de Noronha para onde seguiu mezes depois; tendo entrado no exercicio deste cargo a 19 de outubro do mesmo anno, foi nelle substituido pelo major Diogo Thomaz de Ruxlebero a 28 de maio de 1819.

Reincluido nas fileiras dos reaes exercitos, obteve Mesquita Pimentel a patente de coronel de cavallaria, sendo graduado em brigadeiro em virtude da resolução de 10 de abril de 1821.

Tendo continuado no Brasil, depois de se ter retirado para a côrte de Lisbôa o Sr. D. João VI e em 1822 prestado franca adhesão a causa da nossa independencia, por decreto de 12 de janeiro de 1824 foi confirmado no alludido posto de brigadeiro, jurando neste mesmo anno a Constituição do Imperio.

Em attenção ao seu estado de saude solicitou logo depois a reforma, que lhe foi concedida, por decreto de 9 de março de 1827, no posto de marechal de campo, de conformidade com a lei então em vigor.

O marechal de campo Manoel Ignacio de Moraes de Mesquita Pimentel depois de reformado continuou a residir na provincia de Minas-Geraes, onde falleceu.

Manoel Jacintho Nogueira da Gama

[illegible]

O General Marquez de Baependy filho legitimo do [illegible] Nicolau Antonio No[illegible] em S. João d'El-[illegible] Minas Geraes.

[illegible] humanidades em sua pro[illegible] com o fim de for[illegible] onde conseguir [illegible] com difficuldades ma-

teriaes por ter fallecido o seu progenitor, compensadas, no entretanto, pela sua força de vontade alliada a uma superior intelligencia, de que tirou os meios de sua subsistencia fazendo-se explicador dos seus collegas menos talentosos.

Manoel Jacintho, compenetrado dos seus deveres de estudante pobre e desprotegido, dedicou-se inteiramente aos livros, conquistando assim ser premiado em todos os exames que prestou nos cursos de philosophia e mathematica.

Matriculado se achava na Faculdade de Medicina, proseguindo no seu ardente desejo de saber e illustrar-se, quando foi surprehendido com o decreto de 16 de novembro de 1791, nomeando-o lente substituto de mathematica da Academia Real de Marinha de Lisboa, cadeira esta que occupou com muita proficiencia até o anno de 1801.

Tendo sido admittido no quadro dos officiaes de Marinha, como 1º tenente, em 1793, foi gradativamente elevado ao posto de capitão-tenente e ao de fragata em 1798, tendo sido condecorado com o gráo de cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz.

Em 1802, por decreto de 9 de fevereiro, foi transferido na mesma patente (tenente-coronel) para o real corpo de engenheiros, passando neste mesmo anno ao Brazil, afim de prestar os seus serviços como deputado e escrivão da junta da real fazenda na capitania de Minas Geraes.

Creado o logar de escrivão do real erario no Rio de Janeiro, foi para tal cargo nomeado em 1808 o tenente-coronel Manoel Jacintho e neste exercicio cohibiu abusos e prevaricações, fazendo grandes reformas no systema da arrecadação das rendas, e tomada de contas das despezas; como era de esperar, com a execução de taes medidas adquiriu inimizades, das quaes zombou, tendo a consciencia de que cumpria com zelo e honra os deveres do cargo de que se achava investido.

Por carta régia de 4 de abril deste mesmo anno foi promovido a coronel para o mesmo corpo «em attenção aos seus distinctos serviços, e cujas luzes e reconhecida

intelligencia serão sempre de grande utilidade neste ramo do serviço militar».

Creada a academia militar, foi-lhe dado occupar o cargo de deputado da Junta Directora da mesma academia cumulativamente com o de inspector de suas aulas.

Em 1809 foi nomeado commendador da ordem de S. Bento de Aviz; em 1814 obteve o titulo de conselho e no anno seguinte o de fidalgo cavalleiro da casa real de Portugal.

Por carta régia de 6 de fevereiro de 1818, á vista dos seus «merecimentos e serviços» foi graduado no posto de brigadeiro, e por outra de 13 de maio de 1819 foi promovido á effectividade desse posto.

Em 1821, em fevereiro, foi nomeado membro e secretario da commissão dos 20, que com os procuradores das camaras das cidades e villas, deviam examinar o que dos artigos da futura Constituição portugueza fosse adoptavel no Brazil e apresentar as reformas necessarias. Entrava assim abertamente para a politica o brigadeiro Manoel Jacintho. Em abril deste anno assistiu, sendo então eleitor pela parochia de S. José, á discussão tumultuaria e consequente ataque que soffreu a assembléa eleitoral na *Praça do Commercio*.

Por decreto de 13 de maio de 1822 foi-lhe concedida a reforma no posto de marechal de campo. No anno seguinte foi eleito deputado á Constituinte Brazileira pela provincia do Rio de Janeiro, e a 17 de julho do mesmo anno foi-lhe dado occupar o cargo de ministro da fazenda no ministerio que substituiu o dos Andradas, renunciando este cargo para não acarretar com a responsabilidade da dissolução da Constituinte.

A 13 de novembro ainda de 1823, foi o marechal Manoel Jacintho nomeado conselheiro de Estado, e como tal assignou a constituição politica do imperio, recebendo então a dignitaria da imperial ordem do Cruzeiro.

Por carta imperial de 15 de outubro de 1825 foi condecorado com o titulo de visconde de Baependy, com grandeza, sendo elevado a marquez do mesmo titulo, no anno seguinte.

Em 4 de janeiro de 1826 foi-lhe dada ainda occupar

o cargo de ministro da fazenda, sendo neste mesmo anno escolhido senador pela lista triplice apresentada pela provincia de Minas Geraes.

Em 1827 deixou o cargo de ministro, continuando a occupar a sua cadeira no senado, até que a 5 de abril de 1831 teve que acceitar novamente aquella pasta no ministerio que cahiu com a abdicação do imperador Pedro I em seu filho, á 7 do mesmo mez e anno, pela imposição, que lhe fôra feita pelo povo e tropa reunido no campo de Sant'Anna.

De 1831 a 1841, foi o marechal marquez de Baependy vice-presidente e presidente do senado, sendo por occasião da coroação de D. Pedro II, a 18 de julho de 1841, agraciado com a gran-cruz da ordem da Rosa.

Ao marechal marquez de Baependy se deve a primitiva idéa de um montepio militar, que foi levada a effeito, em 1890, no governo do benemerito marechal Deodoro da Fonseca, e a outra, que constitue hoje a benefica instituição do montepio geral dos servidores do Estado.

O marechal de campo Manoel Jacintho Nogueira da Gama, visconde e marquez de Baependy, falleceu nesta capital a 15 de fevereiro de 1847, com mais de oitenta e um annos de idade, sendo os seus restos mortaes sepultados nas catacumbas antigas da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula.

Como acabamos de vêr, este distincto brasileiro nos legou bons ensinamentos, quer como estudante, lente e engenheiro militar, quer como administrador honrado, financeiro, legislador e homem politico que extremecia devotadamente a sua Patria.

Manoel Joaquim Pereira da Silva

O general Manoel Joaquim Pereira da Silva nasceu no decorrer dos primeiros annos do ultimo quartel do seculo XVIII. Alistando-se nas fileiras dos reaes exercitos, pelo seu saber e reconhecida aptidão, conquistou facilmente os dous primeiros postos de official subalterno da arma de infantaria.

Nomeado ajudante do 3º regimento de infantaria

do Rio de Janeiro, obteve, neste cargo, a graduação de capitão.

Por carta régia de 31 de agosto de 1807 foi promovido á effectividade do posto de capitão e nomeado ajudante de ordens do inspector dos corpos de infantaria de linha da capital.

Graduado em sargento-mór por determinação régia de 13 de maio de 1810, foi promovido á effectividade de tal posto por despacho do Conselho Supremo Militar de 17 de dezembro do anno seguinte (1811).

Promovido a tenente-coronel, annos depois, obteve a graduação do posto de coronel, sendo mandado addir ao estado maior do exercito, tudo por carta régia de 24 de julho de 1816.

Em 1818, por decreto de 9 de fevereiro, foi promovido á effectividade deste ultimo posto, por merecimento, continuando a exercer o alludido cargo, o qual deixou por ter sido, por outro decreto de 18 de agosto de 1821, nomeado governador militar e commandante geral das tropas dos districtos das villas da Ilha Grande e Paraty «pelos seus bons serviços e prestimos que o fazem recommendavel».

Determinada a sua exoneração deste cargos, a camara e povo das alludidas villas dirigiram ao principe regente uma representação pedindo a sua conservação nos alludidos cargos.

Por decreto de 18 de março de 1822, foi-lhe concedida a graduação de brigadeiro, continuando nos mencionados cargos.

Jurou a Constituição do Imperio e assignou a respectiva acta, sendo por decreto de 12 de outubro de 1824, promovido á effectividade do posto de brigadeiro.

Por decreto de 31 de maio de 1828 foi nomeado commandante das armas da provinha da Bahia e dispensado então da commissão que exercia nas villas da Ilha Grande e Paraty; não chegou, porém, a assumir o dito commando.

Por decreto de 23 de fevereiro do anno seguinte foi graduado no posto de marechal de campo, e na mesma data foi lavrada a carta imperial, que o nomeou presidente

da provincia do Ceará, cargo este de que tomou posse a 2 de abril do mesmo anno.

Em 1830 deixou esta presidencia para ir assumir a da Parahyba do Norte, para a qual havia sido nomeado, sendo nesta empossado a 21 de março ; fez della entrega ao seu substituto legal a 5 de agosto, recolhendo-se á Côrte do Imperio.

Solicitando a sua reforma, esta lhe foi concedida no posto de tenente-general, por contar mais de 35 annos de serviço, conforme se vê da imperial resolução de 25 de setembro de 1832.

O tenente-general Pereira da Silva depois de reformado continuou a residir no Rio de Janeiro até a data do seu fallecimento.

Manoel Jorge Rodrigues

(Barão de Taquary)

No dia 23 de abril de 1777 nasceu na cidade de Lisbôa, Manoel Jorge Rodrigues, filho legitimo do negociante Jeronymo Rodrigues.

Matriculado na aula do commercio, abandonou seus estudos e assentou praça no regimento de infanteria n. 8 do exercito de Portugal, a 18 de setembro de 1794. Entrando nas campanhas de 1800 á 1801, subiu gradualmente os postos inferiores, obtendo a promoção de alferes por decreto de 24 de junho de 1807.

Em 1808 fez a campanha da restauração, e commissionado no posto de capitão foi encarregado da organisação do primeiro batalhão de caçadores, com o qual fez toda a campanha da Peninsula.

Promovido a capitão effectivo por despacho de 21 de janeiro de 1809, tomou parte : na acção de Côa, em 24 de julho de 1810 ; na batalha do Bussaco, em 26 e 27 de setembro seguinte ; nas acções de Pombal, Redinha, Flor de Arouca e Sabugal ; na de Fuentes de Honor, em 5 de maio de 1811 ; no cerco e assalto da Ciudad Rodrigo, de 5 a 19 de janeiro de 1812 ; em Badajoz, de 17 de março a 6 de abril ; em Tordecillas, em 18 de julho ; em S. Muñoz, em 17 de novembro, e assim em quantas acções se deram

acceitado a criminosa commissão de o levarem, morto ou vivo, ao campo adverso. Disposto já a mandar os presos para a ilha de S. José, onde estava o quartel-general, viu chegar o coronel Antonio Pinto, com alguns officiaes, que, mandados pelo visconde da Laguna, vinham effectuar a captura, por se haver descoberto em Montevidéo a intenção da partida.

Assim se conservou a Colonia, á custa de immensos sacrificios, sendo o resultado de grande vantagem para a causa do Brazil, porque era ella a chave da provincia, notavel ponto de apoio, e importante pelo seu porto fronteiro a Buenos Aires».

Por despacho de 31 do janeiro obteve Manoel Jorge Rodrigues a medalha da «Pacificação do Sul» ; a effectividade do posto de coronel por decreto de 6 de agosto, tudo de 1823 ; a venéra de cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro por carta imperial de 4 de janeiro, e as patentes de brigadeiro graduado e de governador da praça da Colonia do Sacramento, por decreto de 1º de dezembro tudo de 1824, e no seguinte anno de 1825, por decreto de 4 de abril, foi-lhe concedida a effectividade do posto de brigadeiro.

Neste ultimo anno, como sabemos, desembarcaram no «Porto das Vaccas» os bravos *trinta e tres*, que pugnaram pela independencia da provincia Cisplatina.

E' desnecessaria aqui a narração dos incidentes que occorreram em seguida, todos de pequena monta, até que a Colonia foi atacada pelo general Lavalleja, que foi repellido, com perdas de muitas vidas na força do seu commando, sendo este o unico resultado da tentativa.

Era já bem diversa a situação, quando, em 25 de fevereiro de 1826, se apresentou W. Brown em frente da Colonia, com 6 navios, montando 107 peças, tratando logo de intimar o governador para que entregasse a praça, ameaçando-o audaciosamente no caso de recusa. São dignos de menção os dois officios dirigidos para este fim ao governador, e as respostas d'este a Brown. Eis o primeiro :

« A bordo da fragata, «25 de Maio» — fevereiro 25 de 1826.

« O general em chefe da esquadra da Republica Argentina, em nome de seu governo, intima o Sr. governador da Colonia do Sacramento para que a entregue, com as forças maritimas que se acham n'esse porto, no preciso termo de vinte e quatro horas, prevenindo ao Sr. governador de que, se assim o fizer, serão respeitadas todas as propriedades que se acham nessa praça, e não será incendiada a povoação, nem os navios.

« O abaixo assignado espera do Sr. governador, por humanidade, para evitar toda a effusão de sangue, accederá a esta intimação, fundada na superioridade das minhas forças no Rio da Prata.

« Sem motivo para mais, saúdo o Sr. governador com toda consideração.

« Exm. Sr. governador da Colonia do Sacramento.— *W. Brown* ».

RESPOSTA

« Praça da Colonia do Sacramento, 25 de Fevereiro de 1826.

« O brigadeiro dos exercitos nacionaes e imperiaes, e governador d'esta praça, responde em seu nome, e de toda a guarnição que tem a honra de commandar, á intimação do Sr. general em chefe da esquadra da Republica Argentina, que a sorte das armas é que decide a sorte das praças.

« Saudo o Sr. commandante em chefe com toda a consideração.

« Exm. Sr. general em chefe da Republica Argentina — *Manoel Jorge Rodrigues*.

Magoado com esta resposta, tão breve como terminante e desprezadora de intempestivas ameaças, dirigiu-se o general W. Brown para o porto na manhã seguinte ; depois de quatro horas de vivo fogo, tendo Brown perdido um brigue, e achando-se em perigo uma corveta que pegára na restinga de S. Gabriel, içou bandeira branca e mandou ainda ao governador segundo officio do theor seguinte :

« Parece-me que é chegado o momento em que deve ter effeito o offerecimento que fiz ao governador, no dia

de hontem ; por conseguinte, espero que immediatamente se decida pela justa intimação ; quando não, soffrerá toda a severidade, que merece a tenacidade do Sr. governador.

« Deus guarde a V. Ex. muitos annos. — Fevereiro 26 de 1826 ».

A insistencia em ponto já discutido era para Manoel Jorge uma offensa ; não admittia elle que, tendo respondido ao primeiro officio, esperassem, em resposta ao segundo, uma opinião contraria á que tinha manifestado tão corajosamente, quando n'este se não apresentava nova proposta, nem idéa nova que desafiasse a discussão. Julgou, pois, inutil a continuação da correspondencia, e como a linguagem do adversario o dispensava de formalidades respondeu verbalmente ao portador do officio :

« Diga ao Sr. general em chefe, que — O DITO, DITO ».

« Em seguida a esta nobre resposta, em que se revela o caracter do governador, rompeu de novo o fogo, que durou ainda mais de uma hora, fundeando Brown, por fim, dentro do porto, mas fóra do alcance da artilharia. Auxiliado por mais duas escunas e sete canhoneiras, tentou um desembarque na noite do 1º de março ; mas foi baldado o esforço, porque tudo estava prevenido, e depois de duas horas e meia de fogo de artilharia e fusilaria, tres das canhoneiras foram aprisionadas, tornando-se cada vez mais duvidoso o triumpho para o atacante.

Continuou o fogo, com mais ou menos intervallos, nos dias seguintes, até que, na madrugada do dia 14, resolveu Brown fazer-se de velas para Buenos Aires, com perda de cerca de 500 homens, e com grande estrago em todas as embarcações.

A praça perdeu n'esses 16 dias, 23 homens, sendo um major, e os outros marinheiros e soldados. Feridos ficaram 2 officiaes, e pouco mais de 50 entre soldados e marinheiros ».

Pelo seu honroso e denodado procedimento em tão difficil emergencia, mereceu Jorge Rodrigues as seguintes palavras, do tenente-general Barão de Villa Bella, em sua ordem do dia nº 13, de 8 de março de 1826 :

« O Sr. brigadeiro Manoel Jorge Rodrigues é digno dos maiores elogios pelo valor, e acerto com que dirigiu os seus ataques, e a tropa de seu commando pela heroica maneira com que os executou contra o inimigo, conseguindo um vantajoso resultado á Sagrada Causa do Imperio : Este bravo, e digno governador, e a briosa guarnição daquella praça bem depressa verão subir á Augusta Presença de S. M. Imperial seus gloriosos feitos, merecendo de sua paternal bondade a recompensa de que se fizeram dignos ».

E de facto, por decreto de 4 de abril desse anno, foi esse preclaro chefe promovido a marechal de campo,—por distincção.

Estabelecida a paz, em 1828, foi-lhe dado o commando da divisão de observações que permaneceu em Montevidéo, sendo substituido nesse posto pelo general Soares de Andréa, para assumir o commando das armas da provincia do Rio Grande do Sul.

« Apenas chegado a Porto-Alegre, deparou-lhe o acaso um ensejo de mostrar a sua intrepidez e influencia, que exercia sobre os soldados. Amotinára-se o batalhão de caçadores n. 14, que, com as armas nas mãos, exigia o pagamento dos soldos atrazados.

A presença do denodado chefe, foi bastante para submetter á obediencia os amotinados que por sua ordem se recolheram ao quartel, continuando depois a fazer a guarnição, sem que reapparecesse signal algum de revolta ».

Em 1830 foi removido para identico cargo na provincia de Minas-Geraes, onde precedera a boa fama de seu nome.

Recolheu-se a esta côrte em abril de 1831, por ter sido substituido neste ultimo commando.

Em janeiro de 1835 requereu ser reformado, obtendo a seguinte resposta :

« A Regencia, em nome do Sr. D. Pedro II, a quem foi presente o requerimento em que V. S. pede reforma, julga acertado não annuir, por ora, a tal pretenção; por isso que, lembrada dos distinctos serviços por V. S. prestados a este Imperio do Brazil, espera que ainda possa continuar em tão brilhante carreira, com o mesmo zelo e lealdade que lhe darão forças para o bom desempenho. —

Deus guarde a V. S.—Paço, em 25 de janeiro de 1835.—*João Paulo dos Santos Barreto* ».

Nomeado presidente e governador das armas do Pará, empossou-se nestes cargos a 25 de junho de 1836, encontrando fortes elementos de revolta reunidos, para levarem a effeito um ataque á capital da provincia, o que realizaram a 14 de agosto, resultando ter fallecido no combate travado, entre outros officiaes, o capitão Jeronymo Herculano Rodrigues, que era seu filho.

Dispensado por carta imperial de 14 de novembro do mesmo anno de tão penosa quão lugubre commissão, recolheu-se á côrte, sendo por decreto de 16 de fevereiro de 1837, nomeado vogal do Conselho Supremo Militar de Justiça e graduado em tenente-general por outro de 12 de setembro do mesmo anno.

A guerra civil do Rio Grande do Sul continuava a preoccupar seriamente a attenção do governo da Regencia, que não se achando satisfeito com a direcção dada as operações de guerra pelo marechal de campo Antonio Elzeario, resolveu exoneral-o do commando em chefe do exercito do Sul e, por decreto de 23 de maio de 1839, designou o tenente-general Manoel Jorge Rodrigues para substituil-o.

Embarcando para a provincia do Rio Grande do Sul alli chegou e tomou posse do seu alto cargo em Porto Alegre, a 24 de julho, e por decreto de 2 de dezembro, tudo do referido anno de 1839, foi promovido a tenente-general effectivo.

Na esperança de auxilios de tropas e material para o seu exercito, seguiu Jorge Rodrigues para a *campanha*, no proposito de dar combate aos revolucionarios. Taes auxilios, porém, se retardaram por demais ; de modo que de tudo sciente, Bento Gonçalves moveu se das immediações de Porto Alegre onde se achava, tranpoz o rio Cahy, procurando o seu digno adversario, e no dia 3 de maio de 1840 encontrando-o acampado na margem esquerda do *Taquary* travou-se renhida lucta por mais de uma hora, sendo Jorge Rodrigues vantajosamente coadjuvado pela esquadrilha, sob o commando do chefe Pascoe Greenfel, que nesse rio se achava fundeada.

Dos 4626 homens do exercito imperial foram mortos 53, feridos 125 e 4 prisioneiros e dos 6000 dos republicanos foram mortos 35, feridos 114 e 8 prisioneiros. Neste combate foi morto o cavallo em que montava Jorge Rodrigues.

Ambos os generaes deram-se por vencedores ; inquestionavelmente, porém, não houve vantagem notavel de parte a parte ; porquanto o exercito legal não causou grave damno ao dos republicanos. Este voltou para continuar o assedio de Porto Alegre e Jorge Rodrigues com a infantaria e artilharia tomou posição em S. Amaro na margem esquerda do *Jacuhy* tendo dado direcções diversas a sua cavallaria, que fraccionou.

Por decreto de 14 de julho do mesmo anno foi dispensado Jorge Rodrigues deste commando sendo elogiado pelos serviços prestados no Sul, e por outro de 18 de julho de 1841 passou de vogal a conselheiro de guerra.

Em 1842 assumiuo cargo de governador das armas da côrte e por carta imperial de agosto do anno anterior obteve a nomeação de gentil homem da Imperial Camara.

Em recompensa dos seus longos serviços por decreto de 25 de março de 1845, foi distinguido com o titulo de barão de Taquary, com honras de grandeza.

O tenente-general Manoel Jorge Rodrigues, barão de Taquary, conselheiro de Estado e de guerra, gentil-homem da Imperial Camara ; commendador das ordens da Rosa e de Aviz, official do Cruzeiro, Cavalleiro da Torre e Espada e condecorado com as medalhas das campanhas da Peninsula e da Cisplatina e com as de distincção de Portugal e da Inglaterra, por commandos de corpos em batalhas campaes, falleceu nesta capital a 14 de maio de 1845, legando aos seus descendentes e ao Exercito Nacional, um nome puro de cidadão e militar honesto e bravo, digno de servir de modelo aos que procuram seguir o caminho da honra e do dever.

Manoel Marques d'Elvas Portugal.

O general Manoel Marques d'Elvas Portugal era natural de Portugal , onde viu a luz no dia 2 de fevereiro de 1762, na villa de Penamosor. Com decidida vocação

para a carreira das armas, embora sem o assentimento de seus pais, alistou-se em 1780 no regimento de artilharia do Extremoz da guarnição de Elvas, de que era então chefe, o depois general, Vallerée.

Muito dedicado á sua ambicionada profissão, matriculou-se Manoel Marques nas aulas regimentaes, onde, com distincto aproveitamento, completou o respectivo curso, tendo, pelos exames prestados, percorrido com rapidez os postos de official inferior sendo elevado ao de official de patente por merecimento.

Em 1801, como 1º tenente de artilharia, foi designado para commandar a artilharia da praça de Campo Maior, então sitiada pelas forças hespanholas, e nesse posto se houve com tão admiravel valor, que, além da promoção a capitão, mereceu receber em publico a medalha da ordem de S. Bento de Aviz, que lhe foi collocada sobre o peito pelo principe regente.

Resolvendo-se em 1803 a creação de um corpo de artilharia para a defesa da cidade de Belém, e achando-se em Lisboa o capitão Manoel Marques, foi-lhe commettida a commissão de organisar e instruir este novo corpo, para o qual, sendo elevado ao posto de tenente-coronel, foi nomeado chefe, embarcando em seguida com destino á então capitania do Pará e Rio Negro.

Achando-se no Brazil D. João VI, e soffrendo Portugal as consequencias da invasão do seu territorio pelas tropas de Napoleão Bonaparte, foi resolvido a conquista e posse da Guyana Franceza, em meiado do anno de 1808, e para tal foram expedidas as necessarias ordens ao tenente-general Magalhães de Menezes, governador do Pará, afim de que fizesse marchar forças de terra e mar, para occupar militarmente a margem direita do Oyapock, divisa entre a França e o norte do Brazil.

Em virtude desta ordem foram organizadas as forças dessas duas expedições, cabendo o seu commando ao tenente-coronel Manoel Marques, tendo sob as suas ordens diversos officiaes e quatrocentas praças da companhia de granadeiros e caçadores dos regimentos de linha, com uma bateria de 4 peças e 2 obuses.

A força naval ficou composta de uma escuna com

12 peças ; de dois cutters, de 8 ditas ; tres barcas canhoneiras com uma peça de rodizio ; uma sumaca e mais transportes para a tropa. No dia 8 de outubro de 1808, fez-se ao mar a expedição com destino á villa de Chaves, onde foi augmentada com o 2º regimento, que ahi se achava de guarnição.

A 2 de novembro tomou a direcção de cabo do Norte, passando entre o grande numero de ilhas da fôz do Amazonas, correndo os enormos perigos proporcionados pelas *pororocas*, conseguindo afinal dobrar o cabo na noite de 12, com fortes chuvas e completa cerração.

Conseguida a entrada da expedição no rio Oyapock, foram desembarcadas as tropas, procedendo-se ao acto solemne da posse a 1º de dezembro e em seguida os preparativos para o ataque ao forte de S. Luiz, que dias depois foi encontrado á margem direita do rio acima, porém enterrado e as suas muralhas cobertas de vegetação.

Já reforçada a expedição com mais 300 praças vindas do Pará em outros navios, sob o commando do capitão James Lucas Yeo, foi ella dividida em dois commandos, cabendo a este o das forças navaes, ficando o tenente-coronel Manoel Marques sómente com as de terra. De completo accôrdo resolveram a conquista da cidade de Cayenna, conforme as ordens recebidas do Rio de Janeiro, ficando-se assim de posse de toda a colonia franceza ; avisados, porém, de que o governador de Cayenna se tinha apercebido da approximação do ataque e feito guarnecer as baterias da margem esquerda do rio Maroni, não hesitaram e ficou decidido o assalto a essas posições, realizando-se o primeiro na madrugada do dia 6 de janeiro de 1809, com o auxilio de canoas e botes, sendo tomado de sorpreza o forte — « Diamante » — e logo em seguida o — « Degrad des Canes » — « e o Trio » —, ficando os invasores senhores da margem esquerda do rio Maroni, o que permittiu a entrada franca de todas as suas embarcações.

Repellidos, os francezes tentaram, durante a noite, um assalto ás tropas brazileiras, no que foram mal succedidos, retirando-se em confusão, deixando 17 mortos no campo.

Estava assim completamente desimpedido o passo para os invasores, que no dia 8 do mesmo mez moveram-se com destino ao interior da ilha e, tomando posição no sitio de Bouregard, intimaram o governador Victor Hugues, que solicitou um armisticio, que lhe foi concedido.

A 12, discutida a capitulação, foi ella assignada pelos referido governador, tenente-coronel Manoel Marques e capitão Yeo, seguindo as tropas brazileiras no dia seguinte para se apossarem da praça de Cayenna, o que effectivamente realizaram no dia 14, com as devidas formalidades.

Dias depois da capitulação, o tenente-coronel Manoel Marques creou uma junta composta dos mais notaveis habitantes, que, sob a sua presidencia, se occupava dos negocios administrativos da colonia.

Esta junta era consultiva e deliberante e os seus actos promulgados pelo tenente-coronel Manoel Marques, como governador e em seu nome publicados para os devidos effeitos.

Corriam com invejavel regularidade os negocios da colonia, mas a ambição de um official das forças brazileiras, tentou alteral-a e, aproveitando-se dos queixumes de algumas praças, que não se podiam habituar com a alimentação propria do logar, fez com que as mesmas se insubordinassem contra o seu prestimoso governador, e em um dia do mez de junho, amanheceu formada a guarnição, pondo-se em sua frente o referido official.

Sabedor do que occorria, o tenente-coronel Manoel Marques comparece pressuroso á frente dos seus subordinados e inquirindo sobre o motivo dessa formatura, que não foi precedida de ordem sua, respondeu-lhe o indisciplinado official que a tropa queria que elle largasse o governo para nelle ser empossado.

Indignado com esta resposta do seu immediato, dirigiu-se Manoel Marques resolutamente aos amotinados que, com as suas energicas palavras, ficaram convencidos que haviam sido torpemente illudidos, e assim levados a praticar um grave crime, cuja punição era a mais severa. O tenente-coronel Manoel Marques ordenou-lhes

em seguida que se recolhessem aos seus quarteis, sendo religiosamente obedecido.

Levando esta triste occurrencia ao conhecimento do governador da capitania do Pará, fez-lhe sentir o quanto se achava desgostoso, pelo que pedio ser substituido, no que foi attendido, passando as suas funcções ao coronel de engenheiros Pedro Alexandrino Pinto de Souza.

No entretanto, tendo chegado á côrte a noticia da feliz conquista feita pelo tenente-coronel Manoel Marques, o sr. D. João VI, por carta régia de 30 de maio de 1809, resolveu promovel-o ao posto de brigadeiro de infantaria «em attenção ao valor e intelligencia militar com que se houve no commando da expedição ordenada contra Cayenna e Guyana Franceza, em cuja conquista o céo se dignou de abençoar as suas armas, ficando no governo das mesmas provincias conquistadas, que ficaram sendo dependentes da capitania do Pará».

Pela morte do governador capitão-general do Pará, José Narciso de Magalhães e Menezes, á 20 de dezembro de 1810, pela sua patente, entrou o brigadeiro Manoel Marques para o governo provisorio dessa capitania na forma do alvará de 12 de dezembro de 1770, cargo que desempenhou até fevereiro de 1812, em que foi nelle substituido pelo brigadeiro José Pereira Vidigal.

A pedido do intendente geral de policia desembargador, João Severiano Maciel da Costa, voltou para aquella colonia como seu governador militar e ahi se manteve na melhor harmonia com o referido desembargador, até que foi restituida á França esta possessão em acto solemne, que teve logar no dia 21 de novembro de 1817, com a presença do tenente-general conde de Carra Saint Syr, seu novo governador, acompanhado de todo o seu estado-maior.

Tendo feito embarcar as forças brazileiras com destino ás costas do Brazil, em dias de fevereiro, seguiu-as logo depois o general Manoel Marques com a familia e officiaes do seu estado-maior, desembarcando no porto de Belém a 20 de fevereiro de 1818.

A 19 de maio de 1819 foi promovido a marechal de campo effectivo. Exercia o cargo de inspector das tropas do Pará, quando foi proclamada a independencia do Brazil,

á qual adherio, por já ser brazileiro de coração e nas lutas, que por tal se deram no Pará, bateu-se contra a fracção contraria, que era chefiada pelo governador das armas, José Maria de Moura.

O general Manoel Marques d'Elvas Portugal falleceu na cidade de Belém, no anno de 1824 ; pelos seus bons serviços ao Brazil obteve as commendas das ordens de Aviz e da Conceição da Villa Viçosa.

Manoel Marques de Souza

O tenente-general Manoel Marques de Souza, filho legitimo de Antonio Simões e de D. Quiteria Marques, nasceu na freguezia de Jesus Maria e José, do Rio Grande de São Pedro do Sul onde, por necessidade, foi baptisado á 27 de fevereiro de 1743, na propria casa que o viu nascer.

Depois de ter recebido o necessario preparo intellectual dedicou-se nos primeiros annos de sua mocidade ao funccionalismo publico; tendo sido alistado no exercito de milicias daquella capitania, desde 1770, distinguiu-se em 1773 como official subalterno as ordens do major Patricio José Correia da Camara, por occcasião da invasão das tropas hespanholas ao mando do general D. João José de Vertier y Salcedo.

Em 1774 o tenente-general João Henrique Bohm, a quem foi confiado o commando em chefe das forças que deviam repellir os invasores, sciente das qualidades militares que ornavam o então tenente Manoel Marques de Souza, incorporou-o ao seu estado-maior, onde prestou-lhe os mais assignalados serviços, como conhecedor perfeito de toda a zona em que teve de operar ; logares estes em que Marques de Souza já tinha adquirido grande somma de prestigio pelos seus actos de valor e intrepidez.

Em 1776 cobriu-se de novos louros no assalto do forte da Trindade, á 1º de abril, e consequente reconquista do Rio Grande de São Pedro.

Foi assim que ficou Marques de Souza dedicado á vida militar, e o general Bohm, recommendando-o ao governo, induziu-o por sua vez a nella proseguir, continuando a prestar seus valiosos serviços á patria, como já os havia

prestado concorrendo para que fossem repellidos do seu territorio os invasores hesponhoes.

Tendo sido elevado ao posto de capitão do regimento de dragões, foi-lhe confiado o commando da fronteira do Rio Grande, cargo este que deixou a 5 de outubro de 1780, por determinação do general governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, que o mandou elogiar por ter servido a seu contento no referido commando.

Sendo gradualmente elevado aos postos superiores, foi Marques de Souza, no de coronel, transferido para a 1ª linha, assumindo o commodo da legião de cavallaria ligeira da capitania de São Pedro, e o de toda a fronteira e guarnição do Rio Grande.

Declarada a guerra entre Portugal e Hespanha em 1801, o coronel Marques de Souza recebeu ordem para convocar os principaes moradores da sua circumscripção, afim de auxiliarem as tropas que deviam marchar, incumbencia esta que desempenhou com o melhor exito pelas attenções que lhe dispensavam os seus compatriotas, alliadas ao commum desejo do triumpho da boa causa, pois que se tratava de prover á defesa do territorio nacional.

Conseguida a organização do exercito, foi elle dividido em duas columnas, tocando a Marques de Souza o commando da que havia sido designada para operar sobre a fronteira de que já era commandante, e a outra, a do Rio Pardo, ao tenente-coronel Patricio José Corrêa da Camara.

Offerecia-se assim mais uma occasião a Marques de Souza para cooperar, com os seus reconhecidos dotes militares em pról da patria.

Havendo tomado posição com a sua columna em os primeiros dias de outubro, em uma guarda abandonada pelos hespanhoes, teve logo depois conhecimento de que uma bôa partida delles tinha sido encontrada acampada nas immediações do «Passo do Perdiz», em posição fronteira á sua. Destacando então da sua columna, as companhias dos capitães Antonio Xavier de Azambuja e Antonio Rodrigues Barbosa e um pequeno esquadrão de 40 praças de dragões, ao mando do alferes Hyppolito do Couto, determinou a esses officiaes fossem em descoberta exami-

nar a qualidade e quantidade do inimigo e quaes as suas intenções.

Logo, porém, que foram elles avistados, preferiu o capitão Azambuja, contrariamente com os seus dous collegas, que queriam atacal-os incontinente, «procurar com a sua companhia uma posição elevada afim de *observar si o inimigo trazia ou não artilharia,* o que realmente fez ».

Os outros dous, porém, não trepidaram em entrar em acção e com tal valor e intrepidez o fizeram, que venceram e destruiram o inimigo, ficando com a victoria desta acção o capitão Rodrigues Barbosa, e o alferes Couto, a qual se realizou na manhã do dia 17 do referido mez de outubro. O inimigo perdeu cincoenta e dous mortos e setenta e dous prisioneiros, e neste numero dous officiaes.

Dos nossos morreu apenas uma praça, sahindo feridas cinco. Neste encontro muito distinguiu-se o alferes Hyppolito do Couto, que apesar do nutrido fogo do inimigo, que tinha os seus flancos bem apoiados, conseguiu debandal-o, contra elle investindo a espada com os seus 40 dragões, conforme relata o coronel Marques de Souza, em documento que dirigiu ao governo da capitania.

Em virtude das instrucções recebidas, a oitocentos homens da sua columna reuniu Marques de Souza um parque de artilharia, e pondo-se á sua frente marchou para a *campanha ;* investindo o forte do « Serro Largo » pol-o em sitio, e com os seus fogos obrigou os sitiados a uma capitulação no dia 30 do já referido mez de outubro de 1801.

Elevado ao posto de brigadeiro, pelos seus feitos nesta campanha, foi posteriormente, a 13 de maio de 1808, graduado no de marechal de campo « em attenção aos seus distinctos e dilatados serviços, continuando, porém, no commando da legião de cavallaria ligeira de S. Pedro do Rio Grande do Sul ».

Encarregado pelo governador capitão-general para dar parecer sobre a força de cavallaria da capitania, mereceu ser preferido o seu trabalho, conforme se vê do seguinte officio de 17 de abril de 1810, dirigido ao governo da côrte : « ... De todos os pareceres eu prefiro o do marechal Marques de Souza, tanto pelo que respeita á constituição, como á posição, regimen e conservação dos

corpos militares desta capitania ; não póde, á vista das condições que lhe foram propostas, haver nada mais acertado do que pondera este official general tão conhecedor do local, tão intelligente e tão modesto, etc... »

Como sabemos, a 25 de maio de 1810, com a deposição do vice-rei Cysneros, seguida da installação de uma junta governativa de nove membros, sob a presidencia de Saavedra, foi proclamada a revolução em Buenos-Aires ; á vista do que se tornou necessaria a mobilização das tropas da capitania de S. Pedro do Sul, para garantia e defesa das nossas fronteiras. Assim, foram organizadas duas columnas, a primeira das quaes, composta de quatro esquadrões de cavallaria da legião de S. Paulo, do batalhão de infantaria e artilharia de S. Pedro, sob o commando do brigadeiro Alexandre Eloy Portelli, de dous esquadrões de cavallaria ligeira e um de milicias do Rio Grande, ficou sob as ordens do marechal de campo Marques de Souza.

A segunda columna teve o marechal Xavier Curado como chefe, e compunha-se de dois batalhões de infantaria, e as duas baterias de artilharia á cavallo da legião de S. Paulo ; do regimento de dragões ; dois esquadrões de milicias do Rio Pardo, e uma companhia de lanceiros guaranys.

Em dezembro deste mesmo anno marchou do Rio Grande, o marechal Marques de Souza, á frente de sua columna, e acampou proximo aos serros de Bagé, em janeiro de 1811.

No mez de março alli apresentou-se o capitão-general D. Diogo de Souza, que passou minuciosa revista ás suas tropas, tendo-se mostrado plenamente satisfeito, e sob tal impressão, no officio que dirigio ao governo da côrte, em 13 do dito mez, assim se expressou : « Inspectando a tropa deste acampamento achei a legião de cavallaria ligeira desta capitania em perfeição, o que é uma consequencia natural do reconhecido zelo do seu chefe, o marechal de campo Manoel Marques de Souza, a quem por mais este motivo fiz na frente daquelle corpo os elogios que lhe são devidos e aos seus officiaes ; e é pena que não tenha aquelle corpo passado a regimento

ompleto em conjunctura que se faz preciso, e que podia ser disciplinado debaixo das vistas immediatas de tão habil commandante ».

A 13 de maio de 1811 foi promovido á effectividade do posto de marechal de campo, e continuou na mesma commissão.

Em junho deste anno, o referido capitão-general, havendo recebido instrucções do governo para que, sem perda de tempo, se occupasse em obstar que a praça de Montevidéo cahisse em poder dos insurgentes que se achavam material e moralmente apoiados pela junta governativa de Buenos-Aires, foi resolvida a invasão da Banda Oriental pelas forças brasileiras, e para tal fim foram ellas reunidas em uma só columna, sob o commando do alludido capitão-general.

Tendo sido entregue a guarda e vigilancia do territorio das Missões ao coronel João de Deus Menna Barreto, foi praticada a invasão pela fronteira de Jaguarão.

Das forças invasoras fazia parte a columna, sob o commando do marechal de campo Manoel Marques de Souza, que, adiantando-se occupou o Serro Largo, e na sua passagem pela lagôa do Castilho e Sitio do Rocha, aprisionou 32 homens em ligeiro combate com o inimigo, arrebanhando boa copia de cavalhada.

As forças que realizaram esta invasão e denominaram-se « Exercito Pacificador », foram levando pela sua frente tudo de vencida ; em principios do mez entraram de outubro em Maldonado, dahi sahindo á 16 de março do seguinte anno de 1812, e á 2 de maio acamparam nas immediações de Paysandú, tendo percorrido 97 leguas de penosas marchas.

Assentada a evacuação da Banda Oriental, em consequencia do celebre armisticio, firmado a 27 de maio de 1812, em Buenos-Ayres, a 12 de setembro recolheram-se as nossas forças ao Rio Grande, sem que nenhum proveito adviesse ao governo da sua marcha e feitos praticados, e cujos triumphos se acham assignalados na historia das campanhas dessa época.

Por carta régia de 13 de maio de 1813, foi Marques [illegible] elevado ao posto de tenente-general graduado, e

continuou na capitania do Rio Grande a prestar os seus serviços.

Por occasião da campanha de 1816, foi-lhe mais uma vez confiado o commando das forças que guarneciam a fronteira do Rio Grande e toda a linha do Jaguarão, e, emquanto o general Lecór com a sua divisão de voluntarios, invadia o territorio oriental, foi dada ao legendario Xavir Curado e aos seus dignos auxiliares, a empreza de repellir e destroçar as forças do audacioso caudilho José Artigas, que se pronunciavam ameaçadoras do territorio da capitania pelas fronteiras de *Entre-Rios* e *Missões*.

As diversas phases desta campanha assignaladas por outras tantas victorias das nossas armas se acham relatadas por diversos historiadores, e já temos tido occasião de referil-as tratando dos generaes que nella tomaram parte. Terminada ella, recolheu-se o tenente-general Marques de Souza ao quartel de sua residencia, onde, com satisfação recebeu, como justo premio dos seus patrioticos esforços, a carta régia de 24 de junho de 1817, confirmando-o no alto posto de tenente-general com antiguidade de 25 de abril do mesmo anno, « pelo bem que tem servido, assim como pela intrepidez, decidido valor e lealdade com que se tem distinguido ».

Em cumprimento ao alvará de 12 de dezembro de 1770, passou o tenente-general Marques de Souza a fazer parte do governo interino da capitania, do qual assumiu a presidencia a 22 de setembro de 1820, por ter o respectivo governador Conde de Figueira se retirado para a côrte, no goso de licença.

A 26 de abril de 1821, havendo o batalhão de artilharia e infantaria da capital se amotinado na praça publica, conseguiu o governo fazel-o embarcar, e determinou fosse o seu pessoal distribuido pelas diversas guarnições da fronteira, afim de evitar a reproducção de taes actos de indiciplina, e assim « ficou restabelecida a confiança publica com essa medida, devido á energia do tenente-general Manoel Marques de Souza, presidente do referido governo, que, como medida complementar, fez seguir preso para a côrte o reverendo José Rodrigues Malheiros Trancoso Souto Maior como principal instigador de tal

occurrencia, sobre a qual mandou abrir devassa pelo juiz competente ».

Neste mesmo anno e após os acontecimentos supramencionados, achando-se empossado no governo da capitania o brigadeiro João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, foi o tenente-general Marques de Souza, no mez de outubro, mandado recolher á côrte por lhe ter sido attribuida a connivencia com o seu ajudante de ordens coronel de milicias, Antero José Ferreira de Brito, accusado de ter pretendido em 16 desse mez, organizar um novo governo na capital do Rio grande do Sul.

Marques de Souza cumpriu religiosamente a ordem recebida, e por terra seguiu para Santa Catharina, de onde embarcou com destino ao Rio de Janeiro.

O seu ajudante de ordens coronel Ferreira de Brito, depois de preso e sujeito a um processo summario, onde ficou provado haver tentado mudar o governo da capital, foi por tal considerado réo de lesa-magestade nacional e mandado conduzir á presença do principe D. Pedro; incumbencia esta que foi dada ao coronel Manoel Carneiro da Silva Fontoura, que desempenhou como lhe cumpria a ordem que recebera do brigadeiro Saldanha (*).

Chegando a côrte o general Marques de Souza, encontrou batendo-se denodadamente pela causa da nossa emancipação politica o seu genro marechal de campo Joaquim de Oliveira Alvares que, para tal conseguir conspirava abertamente de accordo com outros illustres e distinctos patriotas; além disso teve conhecimento de que na bem conhecida reunião do senado da camara e da elite do povo fluminense, realizada á 9 de janeiro de 1822, muito saliente se tinha feito a presença do coronel Carneiro da Fontoura, que, como filho do Rio Grande do Sul, protestou perante o principe que os « sentimentos da sua provincia eram absolutamente con-

(*) Este mesmo coronel tendo regressado a Porto Alegre, foi encarregado de *acompanhar* á côrte o brigadeiro João Carlos de Saldanha, ao depois duque de Saldanha, que pela junta governativa de que fôra presidente, foi mandado apresentar ao principe D. Pedro, deixando de « continuar as suas impertinentes e levianas representações com que muito apurara a moderação da mesma junta ». (Officio dirigido ao Ministerio do Imperio em 9 de setembro de 1822).

formes aos da capital» e de tudo isso, como se sabe, deu logar a que aquelle principe se declarasse desobediente ao governo de Lisboa, pronunciando o celebre — FICO.

Em seguida a estes factos foi levado o principe D. Pedro a organizar seu primeiro governo, o que realisou a 16 do mesmo mez, data esta, póde-se dizer, determinante da fundação do Imperio do Brazil. Deste primeiro ministerio, já o dissemos, teve a pasta da guerra o marechal de campo Joaquim de Oliveira Alvares que, com os seus companheiros, tinha como principal objectivo consolidar a independencia da nossa patria.

E' pois, de suppôr-se que o prestimoso general Marques de Souza, tão patriota como sempre demonstrou ser em toda a sua longa vida, inteiramente dedicada ao publico serviço, e no fim della desterrado pelo brigadeiro Saldanha, do logar que o viu nascer, com muita satisfação presenciava o desenrolar destes acontecimentos precursores da definitiva independencia da sua patria, razão pela qual, tendo elle fallecido nesta capital a 22 de abril desse anno (1822), somos levados a contemplar o seu respeitavel nome nesta galeria em a qual, por taes circumstancias, e attendendo ao seu glorioso passado, deverá occupar um dos primeiros logares, como, naturalmente, occupa entre os generaes do mesmo nome, dos quaes trataremos opportunamente.

Rendendo a devida homenagem á memoria do tenente-general Manoel Marques de Souza assim se expressa,o notavel escriptor rio-grandense, Alfredo Ferreira Rodrigues :

« Porém nem a lembrança das façanhas da juventude, nem a gloria de que cobrira o seu nome, nem os altos cargos de que se vira investido, nada se podia comparar ao intimo jubilo de que se sentia possuido o VELHO GUERREIRO, vendo a continuação de seu passado, vivo, brilhante e glorioso, nos feitos do seu filho primogenito, nas primeiras proezas do neto idolatrado (o ao depois Conde de Porto Alegre).

Podia morrer descançado e feliz. Cançara o braço ao serviço da patria, porém legava-lhe outro que sa-

beria empunhar a espada, que lhe caia da mão e com ella levaria os inimigos de vencida.

O seu nome não desappareceria: dera-o ao filho que o transmittia, rico de novos louros, ao neto. Este, recebendo a sagrada herança do nome do pae e do avô, devia illustral-o ainda mais, levando-o ás culminancias da fama, glorioso por todo e sempre».

Conceitos estes que com satisfação subscrevemos.

Manoel Marques de Souza (Filho)

Filho do tenente-general do mesmo nome cujos feitos militares praticados durante meio seculo, acabamos de relembrar nas paginas precedentes, Manoel Marques de Souza nasceu no anno de 1780, na então villa do Rio Grande de São Pedro do Sul.

Depois de ter recebido a necessaria instrucção compativel com os recursos de que então podiam dispôr os habitantes dessa parte do Brazil-Colonia, alistou-se o joven Marques de Souza na legião de cavallaria ligeira de São Pedro do Rio Grande do Sul, onde ascendeu em pouco tempo ao posto de tenente ajudante, tendo tomado parte na campanha de 1801.

Por carta régia de 25 de julho de 1808 foi promovido a capitão para a 2ª companhia do mesmo corpo, onde continuou a exercitar-se para bem poder servir á sua patria.

Em junho de 1811 transpôz a fronteira, fazendo parte da columna de que era chefe o seu pai, e se havia mobilisado para formar com a do marechal Xavier Curado o denominado «Exercito Pacificador da Banda Oriental», sob o commando em chefe de D. Diogo de Souza; tomando assim parte nos combates que se deram durante a penosa marcha destas forças, até o seu estacionamento em Maldonado, nos primeiros dias do mez de outubro.

Em janeiro do anno seguinte passou o capitão Marques de Souza a Buenos-Aires, no desempenho de importante commissão reservada, que lhe fôra commettida pelo capitão general commandante em chefe do Exercito; commissão esta que bem desempenhou, regressando dias depois a Maldonado.

A 13 de maio de 1813 obteve a graduação de sargento-mór para a mencionada legião, com a qual se recolheu á capitania do Rio Grande do Sul.

Pelas providencias que haviam sido tomadas pelo governador marquez de Alegrete, para entrar em luta com as tropas do caudilho José Artigas, ao major Marques de Souza coube ser designado para assaltar e tomar o forte de Santa Thereza, o que bravamente conseguiu em agosto de 1816, tendo ás suas ordens uma columna composta de cem homens de cavallaria da legião de S. Paulo e duas companhias do regimento de milicias do Rio Grande ; ficando assim garantido o pontal de S. Miguel, onde devia dar desembarque a divisão que o referido marquez esperava e que tinha de aprovisionar, para poder emprehender a sua marcha com destino a Montevidéo.

A 24 do mez seguinte coube ainda a Marques de Souza derrotar no passo de Chafalote uma partida de trezentos homens da columna de Fructuoso Rivera, digno auxiliar do caudilho José Artigas.

Achando-se incorporado com a sua columna á divisão portugueza do commando do tenente-general Carlos Frederico Lecór, ainda lhe foi dado tomar parte, tornando-se saliente, na batalha travada a 19 de novembro, em *India-Muerta,* entre a columna avançada do marechal de campo Sebastião Pinto de Araujo Corrêa e a dos insurgentes, composta de dous mil homens de cavallaria com infantaria e artilharia, ao mando do mencionado Fructuoso Rivera ; acção esta que durou mais de quatro horas e em que distinguiu-se o ardoroso major Marques de Souza pelos actos de bravura, valor e disciplina que com os seus praticou, ficando contuso.

Por carta régia de 24 de junho de 1817 foi promovido a tenente-coronel da legião de cavallaria de voluntarios do Rio Grande do Sul, «ficando a ella aggregado para ser effectivo logo que se der vaga deste posto, por distincção na surpreza do forte de Santa Thereza e na acção de Chafalote, que commandou e na *India-Muerta,* onde ficou contuso».

Occupada a provincia de Montevidéo pelas forças do general Lecór, nella continuou a prestar os melhores

serviços, como era de prevêr, o tenente-coronel Marques de Souza, pelo que disto sciente o Sr. D. João VI, houve por bem e por outra carta régia de 26 de outubro, ainda de 1817, promovel-o a coronel graduado da arma de cavallaria, «em consideração aos distinctos serviços praticados nas ultimas operações na capitania de Montevidéo».

Continuando no mesmo corpo e servindo ás ordens do referido tenente-general, de quem se tornou amigo e auxiliar de confiança, por decreto de 21 de abril de 1821, foi promovido a coronel effectivo para a legião de voluntarios do Rio Grande do Sul, estacionada na capitania de Montevidéo, e por outro decreto de 17 de julho do seguinte anno (1822) foi graduado no posto de brigadeiro «em attenção aos seus merecimentos e bons serviços prestados em Montevidéo, no commando da legião de voluntarios de S. Pedro do Rio Grande do Sul, contando antiguidade deste posto de 24 de junho do mesmo anno».

Neste mesmo anno (1822), em virtude dos acontecimentos que se davam no Rio de Janeiro e em outras provincias, para que se tornasse um facto a independencia do Brazil, no brigadeiro Maques de Souza, como brazileiro e consummado patriota, encontraram os esforçados adherentes da nobre causa, entre elles, o general Lecór, o mais franco e decidido apoio, para que em Montevidéo fosse solemnemente firmada pelos officiaes e praçar orientaes, em concurrencia com o povo, a annexação da sua patria ao Brazil-independente.

Como sabemos, não concordando com o seu chefe offereceu-lhe forte resistencia o general portuguez D. Alvaro de Souza, que, tomando conta da praça e do seu governo civil e militar, obrigou Lecór a refugiar-se em Canellones, donde pediu auxilio aos governos do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro.

Tratando Lecór da organização do seu novo exercito para entrar em luta com o portuguez ás ordens de D. Alvaro, como era de esperar, foi proveitosamente auxiliado por diversos chefes militares brazileiros e orientaes de reconhecida competencia, salientando-se, porém, entre elles, o brigadeiro Marques de Souza, vantajosamente se-

cundado por Fructuoso Rivera, então coronel ao serviço do Brazil desde janeiro de 1820.

Tendo garantido a tranquillidade na campanha com o valioso concurso do barão do Serro Largo e estabelecido rigoroso sitio á praça de Montevidéo, varias sortidas fizeram as aguerridas tropas de D. Alvaro, mas foram valentemente repellidas pelas forças sitiantes, sobresahindo entre ellas a derrota que soffreu do brigadeiro Marques de Souza, a 18 de maio de 1823, em *Las Piedras*, sendo perseguido até os suburbios de Montevidéo, razão porque desanimado offereceu capitulação, a qual de facto se realizou no dia 14 de fevereiro de 1824, restabelecendo Lecór o seu governo em Montevidéo, ficando assim sancionada a independencia pelo direito e pela força.

Na propaganda, que então criteriosamente desenvolvia o general Lecór para conquistar as sympathias de todos os habitantes do territorio oriental á causa brazilica, em nenhum dos que os cercavam encontrou melhor auxiliar que no brigadeiro Marques de Souza, a quem o Sr. D. Pedro I, houve por bem conceder a effectividade do posto de brigadeiro por decreto de 12 de outubro do dito anno de 1824, «em attenção aos seus bons serviços e mais circumstancias».

O brigadeiro Manoel Marques de Souza, professo na Ordem Militar de S. Bento de Aviz, official da Imperial Ordem do Cruzeiro e condecorado com as medalhas das campanhas do Sul de 1811 a 1812, de 1815 a 1820 e de 1817 a 1822, e com a especial destinada ás forças do exercito e da esquadra, sob o commando do general Lecór, morreu envenenado, em Montevidéo, a 21 de novembro do referido anno de 1824, contando apenas 44 annos de idade, e mais de 30 de valiosos serviços prestados á sua extremecida patria.

Manoel Martins do Couto Reis

O tenente-general Manoel Martins do Couto Reis, nasceu na villa de Santos, no decorrer do quinto decennio do seculo XVIII. Alistando-se nas fileiras do regimento de infantaria da capitania de S. Paulo, pela sua educação

e procedencia obteve em breve tempo a promoção do primeiro posto de official ; concluindo logo depois o curso de mathematica pura e applicada, foi promovido a tenente, para a companhia de granadeiros do regimento de infantaria da villa e praça de Santos. Tendo sido destacado para o presidio militar de Iguatemy, delle foi retirado em 1774, afim de seguir para o Rio Grande do Sul incorporado ás forças, que, sob o commando do tenente-general João Henrique Bohm, deviam repellir os invasores hespanhóes, o que effectivamente conseguiram. Terminada esta campanha, ao tenente Couto Reis foi commettido o trabalho da exploração e consequente levantamento da zona comprehendida pela barra do Rio Grande do Sul, freguezia do Estreito, arroio Tahim, e os campos de Piratinim, do que se desobrigou a contento do seu chefe, conforme attesta a carta chorographica que apresentou em 1777, e da qual existe uma cópia nos nossos archivos militares.

Recolhendo-se ao seu regimento, teve Couto Reis a promoção de capitão para o 1º regimento de infantaria do Rio de Janeiro e, logo em seguida, sciente o governador Luiz de Vasconcellos e Souza das suas habilitações scientificas e amor ao trabalho, fel-o seguir para o rio Parahyba do Sul, com a missão de levantar uma carta topographica abrangendo todo o districto dos campos de Goytacazes, a qual levantou com muita precisão, designando nella todas as freguezias e innumeros estabelecimentos então existentes ; trabalho este que concluiu em outubro de 1785, conforme se vê da cópia existente na 3ª secção da Repartição do Estado-Maior do Exercito.

Elevado ao posto de sargento-mór para o mesmo regimento, no seguinte anno de 1786, ainda por ordem do citado governador «delineou geometricamente sobre o proprio terreno o mappa topographico do districto da cidade de N. S. da Assumpção do Cabo Frio, em o qual se notam miudamente todos os objectos mais circumstanciados da sua marinha e sertões adjacentes com as divisões particulares das suas povoações e freguezias», conforme se vê da cópia existente nos archivos militares.

Elevado ao posto de tenente-coronel para o alludido regimento, e achando-se em commissão na imperial Fa-

zenda de Santa Cruz, apresentou ao governo em 10 de fevereiro de 1799, uma bem elaborada «memoria acêrca dos meios de facilitar e ampliar a civilisação dos indigenas que habitam as margens do rio Parahyba do Sul e seus confluentes ; do expediente mais racional para tentar uma navegação pelo mesmo rio, e do modo mais proprio de arranjar serrarias, córte e fabrico de madeiras a coberto das invasões dos indigenas », memoria esta que em original se encontra na Bibliotheca Nacional, com a sua assignatura.

Pelas suas habilitações foi promovido a coronel para a arma de artilharia, apresentando no anno de 1804 outra « memoria sobre a Fazenda de Santa Cruz, seu estabelecimento e economia primitiva; seus successos mais notaveis, continuados do tempo da extincção dos denominados Jesuitas, seus fundadores, até o referido anno de 1804 ». Esta memoria acha-se publicada á pagina 154 do tomo V, da « Revista Trimensal do Instituto Historico », desta capital.

Por carta régia de 24 de setembro de 1808, D. João VI, tendo em consideração o seu merecimento e prestimo, elevou-o ao posto de brigadeiro de artilharia e, já graduado no de marechal de campo, em 20 de abril de 1814 endereçou ao marquez de Aguiar criteriosa « carta demonstrando a necessidade de se estabelecerem cartas geographicas, bem calculadas em todas as capitanias do Brazil em que se indiquem individualmente as suas partes centraes ».

Por decreto de 6 de fevereiro de 1818 foi promovido á effectividade do posto de marechal de campo e graduado no de tenente-general por outro de 13 de maio do anno seguinte.

Muitos outros trabalhos foram elaborados pelo tenente-general Couto Reis, alguns dos quaes se acham ineditos.

Em 1821, por decreto de 24 de abril, foi-lhe concedida a effectividade do posto de tenente-general, continuando a residir nesta capital.

Em virtude da execução dada ao decreto de 16 de fevereiro de 1822, que creou o conselho de procuradores das provincias, ao tenente-general Couto Reis, coube ser para

elle eleito pela sua provincia (S. Paulo), tomando posse deste alto cargo a 2 de junho do mesmo anno.

Ainda neste anno de 1822 pela sua elevada patente e cargos publicos que occupava coube-lhe empunhar uma das varas do pallio por occasião da espectaculosa ceremonia da coroação e sagração do Sr. D. Pedro I.

Em 1823, reunida a Assembléa Geral Constituinte, nella tomou assento como supplente do deputado eleito, pela referida provincia de S. Paulo, Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, sendo á 12 de maio designado, com os seus collegas generaes José Arouche de Toledo Rendon e Manoel Jacintho Nogueira da Gama, para a commissão permanente de marinha e guerra da mesma assembléa, da qual foi dispensado á 30 de junho, data em que apresentou-se o mencionado deputado Campos Vergueiro.

O tenente-general Manoel Martins do Couto Reis falleceu nesta capital, sendo vogal do conselho de guerra nomeado, por aviso do ministerio da marinha de 11 de setembro de 1826, para apurar as responsabilidades que cabiam ao vice-almirante Rodrigo José Ferreira Lobo, pelos acontecimentos mais notaveis que se deram durante o periodo em que commandou as forças navaes do Rio da Prata.

Martiniano José de Andrade e Silva

O brigadeiro Martiniano José de Andrade e Silva, fez o curso de fortificação e desenho, e depois de obter os primeiros postos do Exercito de Portugal foi elevado ao de capitão para o Real Corpo de Engenheiros.

Graduado em sargento-mór por acto de 13 de maio de 1808, foi-lhe concedida a effectividade deste posto por carta régia de 19 de agosto do mesmo anno, sendo então designado para servir na direcção dos telegraphos.

A 25 de junho de 1810 foi promovido a tenente-coronel, continuando na mesma commissão.

Passou a exercer o cargo de director dos telegraphos no anno seguinte. Em 1817 por carta régia de 26 de fevereiro foi elevado ao posto de coronel para o Corpo de Engenheiros, «continuando na direcção do serviço dos telegraphos, attendendo á boa direcção que lhe tem dado».

Por decretos de 24 de junho e 8 de outubro de 1822 foi graduado no posto de brigadeiro.

Jurou a Constituição do Imperio e assignou a respectiva acta a 30 de março de 1824, sendo neste mesmo anno e por decreto de 12 de outubro, confirmado no posto de brigadeiro, em que falleceu, sendo sepultado nas catacumbas antigas da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula, á 12 de abril de 1825.

Miguel Lino de Moraes

Nascido em Portugal, no decorrer da segunda metade do seculo XVIII, Miguel Lino de Moraes encetou a sua carreira militar na Armada Real de Portugal, onde, depois de ter preenchido as formalidades necessarias ao accesso, foi successivamente elevado aos postos da respectiva escala até o de capitão-tenente.

Por carta régia de 12 de agosto de 1809, foi transferido para o exercito do Brazil e nomeado ajudante de ordens do general D. Diogo de Souza, governador da nova Capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul, com a patente de tenente-coronel de infantaria, e considerado addido ao Estado-Maior do Exercito.

Por outra carta regia de 13 de maio de 1811 foi elevado ao posto de coronel da mesma arma, continuando no alludido cargo, em o qual lhe foi dado prestar diversas e importantes commissões de guerra, e bem assim outras de caracter reservado e de alta importancia de que o encarregara o governador dessa capitania, quer para a côrte do Rio de Janeiro, quer para a Banda Oriental do Rio da Prata.

Em 13 de maio de 1813, o sr. D. João VI houve por bem gradual-o no posto de brigadeiro, continuando, porém, na mesma commissão. Por decreto de 6 de fevereiro de 1818 obteve a effectividade deste posto, sendo, por outro de 13 de maio do anno seguinte, graduado no de marechal de campo e, dispensado do cargo de ajudante de ordens do Governo do Rio Grande do Sul, recolheu-se á côrte.

Por occasião dos acontecimentos de 12 de janeiro de

1822, achou-se o marechal Lino de Moraes entre o grande numero de officiaes que no campo de Sant'Anna preparavam a resistencia contra as tropas portuguezas ao mando do general Jorge Avilez.

Jurou a Constituição do Imperio e assignou a respectiva acta, que foi lavrada no quartel-general do exercito a 30 de março de 1824.

Nesse mesmo anno, por decreto de 12 de outubro, foi promovido a marechal de campo effectivo.

Fez parte, como vogal, do conselho de guerra que, em fevereiro de 1827, absolveu, por unanimidade de votos, o vice-almirante Rodrigo Lobo, ex-commandante das forças navaes brazileiras no Rio da Prata.

Neste mesmo anno, tendo sido nomeado presidente da provincia de Goyaz, para alli seguiu e tomou posse desse cargo a 24 de outubro, exercendo-o até o anno de 1831, em que falleceu.

O marechal de campo Miguel Lino de Moraes era professo nas ordens militares de Christo e de S. Bento de Aviz, e condecorado com a medalha da campanha Cisplatina de 1811 á 1812.

Miguel Nunes Vidigal

Nascido na antiga capitania do Rio de Janeiro, no decurso da segunda metade do seculo XVIII, Miguel Nunes Vidigal, depois de haver concluido o curso de humanidades, alistou-se em um dos regimentos de cavallaria de milicias da mesma capitania e nelle conquistou os postos até o de sargento-mór, em o qual, por carta régia de 24 de junho de 1808, foi promovido a tenente-coronel para o 2º regimento de cavallaria das referidas milicias, que então pertencia á segunda meia brigada. Neste mesmo anno, por decreto de 26 de outubro, foi promovido a coronel commandante do mesmo regimento.

Em 1821, por decreto de 23 de abril, foi nomeado 2º commandante do corpo da Guarda Real de Policia da Côrte, deixando o commando do regimento de milicias.

Durante os acontecimentos de 11 para 12 de janeiro de 1822, em que, sabemos, a divisão portugueza

auxiliadora se mostrou hostil aos habitantes desta cidade do Rio de Janeiro, de tal modo se portou o coronel Miguel Nunes Vidigal, até o mez de fevereiro, que mereceu do tenente-general Xavier Curado, governador das armas da côrte e provincia, os mais francos elogios corroborados no seguinte topico da sua ordem do dia, de 13 do referido mez de fevereiro:

.....

« Ultimamente s. ex. tem que agradecer aos officiaes, inferiores e soldados da Guarda Real de Policia o bem com que souberam, em crise de tanta ponderação, manter o ordem, segurança e tranquillidade que tem reinado nesta capital e de que felizmente gosam os seus habitantes o que em parte se deve ao zelo e actividade do seu commandante coronel Vidigal.»

.....

.....

Como consequencia desses factos, por decreto de 10 do seguinte mez de março, foi o coronel Vidigal transferido para o exercito de 1ª linha, « em consideração aos seus merecimentos » contando a antiguidade de seu posto de coronel de milicias.

Por decreto de 18 do dito mez e anno, teve a graduação de brigadeiro, continuando no alludido cargo de 2º commandante da Guarda Real de Policia da Côrte.

Por carta imperial de 1 de dezembro, ainda de 1822, foi agraciado com o habito de cavalleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, recem-creada.

A 30 de março de 1824 jurou a constituição do Imperio, e assignou a acta que foi lavrada no quartel general nesse mesmo dia,

A 12 de outubro foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro, sendo a 14 do mez de novembro, tudo do mesmo anno de 1824, reformado no posto de marechal de campo, conforme se vê dos respectivos decretos.

O marechal de campo Miguel Nunes Vidigal, depois de reformado, continuou a residir na côrte, onde falleceu a 10 de junho de 1853, sendo sepultado nas catacumbas da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula.

Patricio José Corrêa da Camara

Barão e Visconde de Pelotas

O general Patricio José Corrêa da Camara nasceu na primeira metade do seculo XVIII, a bordo de um navio que transportava seus paes da ilha Terceira para Lisbôa, onde, recebendo zelosa educação e os primeiros ensinamentos mais necessarios á vida do homem, assentou praça voluntariamente em um dos regimentos de infantaria de Portugal, e logo no principio da sua carreira militar coube-lhe presenciar as funestas consequencias do terremoto em uma cidade, como succedeu em 1755, na de Lisbôa.

Sendo designado para servir nos Estados da India, prestou seus serviços nas guarnições de Gôa, Diu e Damão, e fazendo as campanhas dessa época, serviu depois em Moçambique e Loanda, até que, regressando á Lisbôa, pediu para vir servir no Brazil.

Chegando ao Rio de Janeiro com o posto de capitão, foi-lhe designado o commando de uma companhia de granadeiros no 1º regimento de infantaria.

Sabendo que as tropas do Rio Grande do Sul se achavão em guerra com os nossos vizinhos do Prata, pediu e obteve transferencia para o regimenro de dragões do Rio Pardo, onde se apresentou com o posto de major e, como tal, o commandou de 1771 a 1772; entrando em lucta distinguiu-se na tomada do forte de Santa Tecla.

Terminado este periodo de guerra, continuou no seu posto, e pelos serviços prestados, foi elevado ao posto de tenente-coronel, continuando naquelle commando e no da fronteira do Rio Pardo.

Dada a campanha de 1801, nella tomou parte activa, salientando-se em differentes combates, repellindo sempre o inimigo, retomando o forte de Santa Tecla, a villa de Batovy e o extenso territorio, aquem e além dos rios Santa Maria, Ibicuhy e Negro, levando de vencida a columna do brigadeiro Quintana.

Achando-se ameaçada a fronteira do Rio Grande, marchava em sua defesa, quando proximo ás vertentes do

rio Jaguarão e, tendo já á vista o inimigo, retrocedeu em consequencia da notificação da paz de Badajoz.

Brigadeiro em 1807, foi graduado em marechal de campo a 13 de maio do anno seguinte, e promovido a effectividade deste posto a 13 de maio de 1811, sendo graduado no de tenente-general no mesmo dia e mez do anno de 1813.

Continuando a prestar seus serviços na guarnição do Rio Pardo, encarregou-se da construcção de aquartelamentos e hospitaes para a tropa; de uma casa da polvora; da prisão militar, e da casa de residencia do governo e de outros serviços, com grande economia para os cofres publicos.

Tomou parte nas campanhas de 1811 a 1812 e de 1816 a 1818, sendo promovido a tenente-general effectivo por decreto de 24 de junho de 1817.

Pelos bons serviços prestados, foi-lhe concedido o titulo de Barão de Pelotas a 12 de outubro de 1825, e o de Visconde do mesmo titulo a 12 de outubro do anno seguinte.

O general Patricio José Corrêa da Camara, Visconde de Pelotas, era fidalgo cavalleiro da Imperial Casa; commendador da ordem de Aviz e condecorado com as medalhas das campanhas do Sul. Com mais de 90 annos de idade, falleceu, na então villa do Rio Pardo, a 28 de maio de 1827.

Pedro Labatut

O marechal de campo Pedro Labatut nasceu em Marselha (França) no decorrer do ultimo trintenio do seculo XVIII.

Esmeradamente educado e testemunha ocular dos factos que se desenvolveram na sua patria, desde o anno de 1789, resolveu seguir a carreira das armas.

Servindo nos exercitos de Napoleão Bonaparte conquistou facilmente os mais elevados postos da hierarchia militar, attingindo o de general de brigada pelos seus feitos militares, sendo tambem condecorado com a venéra da Legião de Honra.

no dia 8 de novembro, uma aggressão aos sitiantes, no Pirajá, travando-se o combate pela manhã desse dia, que durou mais de 5 horas, vendo-se, porém, obrigado a retirar, deixando mais de 80 mortos e conduzindo maior numero de feridos, soffrendo os brazileiros igualmente grande prejuizo nas suas fileiras.

Neste feito muito se distinguio o major pernambucano José de Barros Falcão, que commandava uma das brigadas.

Achando-se o general Madeira gosando das festas promovidas para solemnizar o acto da publicação da constituição politica de Portugal, o general Labatut, aproveitando a occasião, determinou um assalto á cidade no dia 29 de dezembro ; do que sendo avisado em tempo o general sitiado, distribuio as suas forças de modo que ao ser atacado travou-se renhido combate terminando a luta sem nenhuma vantagem para os contendores, que, depois de lamentavel numero de mortos e feridos, continuaram a conservar as suas posições anteriores.

A' vista dos repetidos assaltos, que recebiam dos sitiantes, começou o desanimo ; a emigração crescia de modo que as milicias cada vez mais diminuiam; os proprios empregados publicos, entre elles dous membros da junta governativa, abondonaram os seus cargos, procurando o interior da provincia, onde se uniam aos brazileiros, augmentando cada vez mais o numero dos sympathicos á causa da independencia.

Forçado pela falta de viveres, que já se fazia sentir na capital, resolveu o general Madeira, em 30 de janeiro de 1823, tornar publico que permittia a sahida franca da praça ás mulheres, velhos e crianças que desejassem abandonal-a.

Ao saber destas occurrencias, o general Labatut endereçou-lhe no mesmo dia o seguinte officio : « General. — E' chegado, finalmente, o momento terrivel de decidirmos á força d'armas a ardua questão... Para que o mundo inteiro e a posteridade, sempre imparcial, me não taxem de tyranno, eu vos aviso que intento entrar á viva força na cidade que occupais, para que já tomei as necessarias medidas e hei de cumpril-as ; e para que se não

julgue em nós fraqueza, vos declaro que sabemos por bôas noticias dos innumeros enfermos, que enchem os vossos hospitaes, a falta de viveres e a diminuição dos vossos soldados nos continuados ataques de Pirajá e Itapoan no mez passado, e nos dias 7, 8 e 9 do corrente. Tropas pernambucanas e o armamento do Rio de Janeiro acabam de reunir-se a este exercito. Elles desejam beber a longos sorvos o sangue luzitano.

Decidi, portanto, dentro de tres dias, ou embarcar ou morrer nas pontas das baionetas brazileiras, que, ainda que eu quizesse, vos não dariam quartel...»

No dia 30 de abril seguinte desembarcaram duas mil e quinhentas praças de caçadores e de infantaria, vindas de Lisboa para reforçar as tropas do general Madeira, o qual, depois da intimação acima transcripta, tratou cada vez mais de fortificar a praça.

Neste intervallo de tempo, as tropas brazileiras se conservaram inactivas, devido a questões que se deram entre o general Labatut e a junta governativa da Cachoeira, que houve por bem publicar uma portaria declarando desconhecer o general como governador das armas da provincia, pelo que a sua autoridade se limitava apenas ao commando do exercito organizado, para expulsão das tropas de Portugal e não sobre os militares que fóra deste exercito se achassem occupando cargos de nomeação da referida junta, pelo que cada um por sua vez se dirigiu ao governo do Rio de Janeiro, pedindo providencias.

O governo central respondeu-lhe, declarando que, emquanto durasse a guerra, ao general Pedro Labatut competia, como commandante em chefe do exercito, a superintendencia de todos os negocios que lhe fossem connexos e que todos os militares de quaesquer classes delle se achavam subordinados, bem assim todos os estabelecimentos militares.

Nesse interim, tendo o general Labatut recebido um reforço de tropas compostas do «batalhão do imperador» com 900 homens, sob o commando do coronel José Joaquim de Lima e Silva, e de um grande contingente de Minas-Geraes, organizou uma terceira brigada, cujo commando confiou ao mesmo coronel, transferindo em seguida

o seu quartel-general para Cangurungú, posição esta em que ficava mais em contacto com as tres brigadas e a linha de assedio; não se descuidando de tomar todas as medidas conducentes ao fim que tinha em vista, entre ellas a de reunir varios corpos dispersos para augmentar o effectivo do seu exercito, e assim poder manter as suas posições.

No louvavel intuito de conciliar-se com a junta governativa da Cachoeira, endereçou-lhe extenso officio, em 16 de abril de 1823, de que foi portador seu ajudante de ordens e no qual, appellando para o seu patriotismo, solitava que fossem expedidas as necessarias ordens aos capitães-móres e ricos proprietarios, para que pudessem ser reunidos com presteza de 4 a 5 mil homens, que deviam ser incorporados ao exercito sitiante, afim de fazer abortar os planos que o chefe dos inimigos pretendia pôr em pratica, levado pelo seu estado de desesperação, fortemente aggravado pelas divergencias suscitadas, entre elle e o commandante em chefe da esquadra que o devia proteger.

Tendo o general Labatut recebido instrucções do hoverno central para andar de accordo com Lord Cockrane, commandante da divisão naval brazileira, servindo-se da barra falsa de Itaparica, conseguiu com elle entabolar relações, logo que a frota se approximára do morro de S. Paulo, e desde então ficou combinado o modo por que deviam agir, dado o caso de uma capitulação da praça, sem luta, ou si para tal fosse o inimigo forçado pelas armas.

Depois da chegada da esquadra brazileira á Bahia, muitos outros encontros ainda tiveram logar entre as tropas brazileiras e lusitanas, mas com accentuadas desvantagens para estas.

O general Labatut se achava então empenhado em dar a batalha decisiva, quando um amontoado de intrigas entre os naturaes, e contra a sua autoridade de chefe, de tal modo foram urdidas, que, adquirindo adeptos nas fileiras do exercito sob o seu commando, deu logar a que elle, com o fim de evitar mal maior, que muito concorreria para a indisciplina das tropas, mandasse recolher preso a

uma fortaleza da ilha de Itaparica o commandante da 3ª brigada, coronel Felisberto Gomes Caldeira, feito o que, este, se amotinou, pondo em sitio o quartel-general do commandante em chefe, que foi preso, succedendo-lhe no commando, por determinação da junta governativa de Cachoeira, o coronel José Joaquim de Lima e Silva, cabendo-lhe assim a gloria de, a 2 de julho de 1823, apossar-se da capital da Bahia, já então abandonada pela tropa portugueza, que recolhida aos navios da respectiva esquadra, se fez ao largo em demanda do continente europeu.

A esquadra do almirante lord Cockrane, que seguiu no seu encalço, não deixou de hostilisal-a, conseguindo aprisionar diversos navios com tropas e pessoas emigradas.

O general Pedro Labatut, tendo sido mandado preso para a villa de Maragogipe, dahi se transportou com o seu secretario para o Rio de Janeiro, onde, tendo sido submettido a conselho de guerra, por sentença de 9 de fevereiro de 1824, foi julgado innocente de todas as arguições que lhe foram feitas como commandante do Exercito Pacificador da provincia da Bahia ; sentença esta confirmada por outra do Conselho Supremo Militar de Justiça, de 18 de março do mesmo anno,

Por aviso de 17 de julho do alludido anno obteve um anno de licença registrada, sendo a mesma prorogada por mais tres annos. Por outro aviso de 22 de outubro de 1828 lhe foi concedida nova licneça, por mais dous annos,

Por decreto de 5 de fevereiro de 1829 foi Labatut demittido do exercito, sendo reintegrado no mesmo posto de brigadeiro por outro decreto de 11 de abril de 1831 com a consideração de ter sido a sua demissão realizada sem preceder sentença do tribunal competente.

Por acto de 7 de junho de 1832 foi nomeado commandante das forças pacificadoras da provincia do Ceará, para onde seguio, e com ellas, desembarcando na cidade de Fortaleza a 23 do mez seguinte, seguiu immediatamente para o interior dessa provincia,

A 4 de setembro alcançou a villa do Icó, onde se achava o presidente José Mariano de Albuquerque Cavalcanti,

que lhe fez entrega do commando em chefe do exercito, que se batia contra a revolução.

Desta villa proseguio o general Labatut a sua marcha, dando combate aos revoltosos em diversas localidades, até que a 22 do mesmo mez fez a sua entrada triumphante no *Cariry*, onde fez publicar uma proclamação em que promettia segurança de vida aos rebeldes que depuzessem as armas.

Pinto Madeira, o principal chefe dos rebeldes, sendo perseguido pelas forças de Labatut, e logo após batido, resolveu entregar-se com cêrca de mil homens, no dia 12 de outubro. Labatut, conseguida a pacificação no interior da provincia, demandou a capital, onde fez entrega de Pinto Madeira ao governo local, que o mandou submetter a processo na villa do Crato, sendo condemnado á pena ultima.

Depois destes acontecimentos, embarcou no porto do Ceará, a 6 de março, desembarcando no do Rio de Janeiro a 30 de abril, tudo de 1833 e, logo depois, entrou no goso de um anno de licença, na fórma da lei, para ir a França; licença esta que foi prorogada até 30 de setembro de 1834, data em que foi considerado della apresentado.

Por decreto de 2 de dezembro de 1839 foi Labatut graduado no posto de marechal de campo.

Sendo, por aviso de 10 de janeiro de 1840, nomeado commandante das forças da fronteira da provincia de São Paulo, para alli seguiu e assumiu este cargo no dia 1º de fevereiro, na cidade de Santos, em substituição ao brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, fallecido á 14 de dezembro do anno anterior, quando atacado, no passo de Santa Victoria do rio «Pelotas» pelas forças dos republicanos rio-grandenses.

Na mesma data fez publicar Labatut uma proclamação dirigida ao povo de São Paulo, e organisou as suas forças, a que se deu a denominação de divisão paulistana, e com ella marchou para Santa Catharina, onde lhe foi designado occupar a villa de Lage, proximo á fronteira do Rio Grande do Sul.

Occupada esta posição, recebeu ordem do marechal Soares de Andréa, então presidente daquella provincia,

para avançar sobre a fronteira com destino a S. Francisco de Cima da Serra, afim de impedir a sua posse pelas forças dos revolucionarios,

Com uma penosa marcha, em que foram consumidos mais de dous mezes, conseguiu Labatut com a sua, por demais desfalcada divisão, alcançar a Serra e ahi chegando teve logo de contramarchar, fazendo uma retirada de mais de 50 leguas, em que gastou mais 18 dias, alcançando o Passo Fundo, onde prestou bons serviços.

Das boccas da serra de S. Francisco officiou ao presidente da provincia em 9 de novembro sobre o movimento do exercito dos revoltosos e qual o seu numero e solicitava ao mesmo tempo reforços para poder enfrental-os.

Conseguido o reforço solicitado, o general Labatut havia regressado para o Lagoão e dahi esteve na Vaccaria, donde encetou novas marchas e contramarchas, seguindo a 21 de dezembro em direcção a Cruz-Alta, em procura dos cavallos que lhe foram promettidos, porém não os encontrando, fez reunir o conselho a 24 do mesmo mez, sendo resolvido que se executasse a retirada sobre o Rio Pardo; o que não se realizou em relação á força sob o seu commando, por ter recebido ordem terminante para occupar nova posição além do Lagoão, mas realizou-a elle general, que passou o commando ao seu substituto legal, pois para tal fôra autorisado.

Ao chegar ao Rio Pardo foi apresentar-se ao general João Paulo dos Santos Barreto, commandante em chefe do exercito em operações, a quem prestou informações sobre o estado precario da sua divisão e dos reforços que se lhe juntaram.

Do Rio Pardo seguio Labatut para Porto Alegre, por doente e se apresentou ao presidente da provincia a 6 de janeiro de 1841 dahi embarcando para a côrte onde ao se apresentar foi, por aviso de 14 de fevereiro do mesmo anno, mandado submetter a conselho de investigação pelos factos de que fôra accusado pelo referido general em chefe.

Obteve a cidade por menagem a 20 de março; passando a 21 de abril a responder a conselho de guerra, foi

a 30 de agosto, tudo do referido anno de 1841, mandado cumprir a sentença que o absolveu.

Por decreto de 19 de agosto de 1842 foi transferido para a 3ª classe do exercito, e seguio a 3 de abril de 1843 para a França no goso de um anno de licença, a qual foi prorogada até agosto de 1844.

Por decreto de 21 de agosto de 1845 reverteu a 1ª classe do exercito, sendo promovido a marechal de campo effectivo por outro de 15 de novembro de 1846.

Em janeiro de 1848 seguio para a provincia da Bahia, com licença para tratamento de sua saude, vindo a fallecer nessa provincia a 24 de setembro de 1849, sendo sepultado no mosteiro da «Piedade».

Conforme havia solicitado em os seus ultimos momentos da vida, em 1853, encerrados em uma urna de marmore, foram os seus restos mortaes trasladados para a matriz do Pirajá, onde devem ainda existir.

O general Pedro Labatut, segundo um dos nossos historiadores, além do perfeito conhecimento que tinha da arte militar, era bravo e reconhecidamente illustrado. O seu nome, como acabamos de vêr, acha-se inscripto no numero dos que se esforçaram para a consolidação da independencia e integridade da nossa patria.

Pedro da Silva Gomes

Filho de Francisco da Silva Gomes, Pedro da Silva Gomes nasceu em Lisboa no decorrer do penultimo quartel do seculo XVIII, e dahi se transportou para o Brazil no verdor dos annos.

Achando-se domiciliado na ilha de Santa Catharina, por occasião da guerra com os hespanhoes, assentou praça voluntariamente, como soldado, a 6 de outubro de 1775, no regimento de infantaria de linha existente na referida ilha.

Neste mesmo anno passou a sargento porta-bandeira e, encorporado á legião de S. Paulo, tomou parte na guerra contra os hespanhoes no Rio Grande do Sul, finda a qual regressou á capitania de Santa Catharina, tendo sido promovido a alferes por acto de 6 de julho de 1777.

Por carta régia de 17 de dezembro de 1788 foi promovido a tenente e a capitão por outra de 23 de maio de 1796.

Promovido a sargento-mór, por carta régia de 22 de junho de 1807, para o seu regimento, neste posto tomou parte nas campanhas do Rio Grande do Sul de 1811 a 1812, sendo por outra carta régia de 17 de dezembro deste ultimo anno elevado ao posto de tenente-coronel 2º commandante da legião de primeira linha de S. Paulo, com a qual havia feito as ditas campanhas.

Em consideração aos seus bons serviços foi despachado coronel para o regimento de infantaria de Santa Catharina, por carta régia de 24 de junho de 1815, com o qual lhe foi dado compartir das glorias ganhas nas campanhas do Sul de 1816 a 1820, obtendo por taes serviços a graduação do posto de brigadeiro, por decreto de 6 de fevereiro de 1818.

Em 1819 assumiu o commando do povo de S. Borja, sendo por outro decreto de 23 de maio do anno seguinte, promovido á effectividade do posto de brigadeiro, continuando no commando do regimento da provincia de Santa Catharina.

Regressando á dita provincia e sciente dos factos que determinaram a proclamação da nossa independencia, como era de esperar, adheriu á boa causa o brigadeiro Silva Gomes, que já era brazileiro de coração, sendo, por decreto de 18 de junho de 1822, nomeado governador das armas de Santa Catharina.

O brigadeiro Pedro da Silva Gomes professo na ordem militar de S. Bento de Aviz, e condecorado com as medalhas das guerras Cisplatinas de 1811 á 1812, e de 1815 á 1820, falleceu a 6 de outubro de 1822 em Santa Catharina no exercicio do referido cargo de governador das armas

Raymundo José da Cunha Mattos

O general Raymundo José da Cunha Mattos, filho legitimo de Alevandre Manoel da Cunha Mattos, nasceu a 2 de novembro de 1776; na cidade de Faro, provincia do Algarve, do reino de Portugal.

Em 1790 assentou praça voluntariamente na companhia de artifices do regimento de artilharia de guarnição na alludida cidade de Faro.

Frequentou as aulas do curso de mathematica pura e applicada aos problemas da artilharia, pelo methodo Belidor; pelas provas que prestou nos respectivos exames foi promovido a cabo de esquadra, posto este com que marchou, voluntariamente, em 1793 para o Roussillon, incorporado a expedição commandada pelo general João Forbes Skellater.

Nesta campanha, que durou tres annos, o *cabo de esquadra* Cunha Mattos se houve com accentuada compenetração dos deveres de um militar brioso, distinguindo-se com bravura em alguns combates; e sendo ferido em um delles, mesmo assim, completamente isolado, resistiu a um numeroso grupo de inimigos, que tentaram em vão arrebatar uma peça abandonada pelos camaradas que compunham a sua guarnição.

Voltando a divisão portugueza aos seus quarteis, com ella Cunha Mattos regressou á patria e, logo depois, promovido a forriel de artilharia de marinha, embarcou com destino ás ilhas de S. Thomé e Principe e ahi chegando foi designado pelo respectivo general governador para encarregado da fortaleza de São Sebastião da Barra de São Thomé.

Neste posto se conservou, até que em 1806, sendo 1º tenente de artilharia, foi nomeado ajudante de ordens do mencionado governador, continuando no commando da fortaleza.

Sendo elevado ao posto de major da mesma arma, foi nomeado em 1811 para o cargo de provedor da fazenda e alfandega de S. Thomé.

Em 1814, no gozo de licença, apresentou-se á côrte, então no Rio de Janeiro, e, sendo bem acolhido pelo governo, voltou promovido a tenente-coronel para aquella ilha como seu governador.

Neste cargo se conservou Cunha Mattos até o anno de 1817, em que, sendo promovido a coronel, foi delle dispensado, e mandado seguir para Pernambuco como

inspector do *Trem*, denominação primitiva do arsenal de guerra da mesma provincia, ora extincto.

Tendo desembarcado na Bahia, para dar cumprimento ás instrucções que recebêra com relação ao preparo das tropas imperiaes que deviam bater as diversas partidas de patriotas que, no campo da honra, sustentavam o governo republicano proclamado no Recife, logo após a sedição militar de 6 de março desse anno, foi-lhe dado o ensejo de endereçar, para esta capital, a seguinte carta:

«Illmo. e revmo. sr. — Se eu me não contasse no numero dos fieis e honrados vassallos de Sua Magestade, não faria a V. Illma. as minhas jeremiadas para lhe pintar com as mais vivas côres as angustias em que todos aqui vivemos.

«Na minha primeira carta dirigida a V. Illma., desta Bahia, lhe participei que não temos aqui noticia alguma dos movimentos das tropas commandadas pelo marechal de campo Joaquim de Mello; agora repito que ainda continuamos a viver na mesma incerteza, fluctuando entre o temor e a esperança.

« Não falta quem diga que os insurgentes querem capitular; outros annunciam que pretendem defender-se até á ultima extremidade, e apezar de tudo isto o sr. conde dos Arcos não sei em que principio fundado, prega-nos que não é nada, que não deve marchar a divisão, que o seu systema de guerra é o tumultuario, e que os insurgentes não têm chefes peritos que os governem.

« Mandou o sr. conde um corpo de tropas desta capitania para unir-se aos milicianos da comarca das Alagôas, afim de irem atacar os insurgentes. Sabemos que o major Cordilho com um partido se acha no Rio Formoso; porém nada absolutamente nos consta á respeito do marechal Mello, e muito menos sobre o estado do sertão de Pernambuco, Parahyba, Ceará, Piauhy, etc.; não se estabeleceram communicações por terra, e apenas temos algumas noticias pelos navios que o commandante do bloqueio para aqui remette, não consentindo que entrem no Recife.

« Eu sei positivamente que as tropas de Sua Magestade, commandadas pelo general Mello, soffrem as maiores privações, e que lhes faltam muitas cousas indispen-

saveis para fazerem a guerra. Ninguem poderá acreditar o que se disser a respeito do miseravel estado dos armazens desta capitania, e da triste figura das tropas de linha d'ella.

«Basta dizer a V. Illma. que sua magestade aqui não tem mais que uma peça de 9, montada em reparo pôdre e sem armão, uma de 6 e uma de 3 com armões, além de um carro de munições em bom estado, e tres ou quatro que nada valem. Tambem achei cobertas de ferrugem, em um armazem duas peças de calibre um, as quaes para nada servem, porque os reparos não estão em termos de resistir ao fogo.

« Esta é toda a artilharia de parque que está montada. Ha mais quatro reparos sem armão, e o peior é que me dizem em altas vozes que para se fazer um reparo é preciso o tempo de um mez! O ajudante-general pedio ao sr. conde dous obuzes, duas peças de 9 e duas de 6, mas infelizmente não levaremos mais do que uma peça de 6 e uma de 3. Dizem que daqui já foram dez peças de artilharia de campanha, não se sabe porém, onde se acham.

« Eu entreguei a relação do que é necessario para as tropas que daqui hão de marchar ; soffro, porém, o desgosto de saber que não ha granadas nem balas de calibre 6. No laboratorio apenas fazem 1.000 cartuchos cada dia. Não ha lanternetas ; enfim, Illmo. Sr. tenho-me visto doudo, trabalhando todo o dia, sem nada poder alcançar.

« Queira Deus que as tropas cheguem dessa côrte e que as que se acham nas Alagôas, Serinhãem, Rio Formoso ou Tamandaré, não soffram algum revez, porque a serem batidas uma vez perde muito a causa de sua magestade.

« O sr. conde faz o negocio de Pernambuco muito facil de concluir ; porém nós tememos que elle se engane, e eu avanço que no caso que elle seja feliz nos seus projectos nada mais fez do que uma loucura, e o resultado deve chamar-se um desacerto coroado pela ventura propicia.

« Rogo a V. Illma. que me repute seu fiel compadre e obsequioso criado. — *Raymundo José da Cunha Mattos,* Bahia, 9 de maio de 1817.

Os presentimentos do coronel Cunha Mattos não se realisaram, conforme se verifica do seguinte documento :

« Por noticias chegadas hontem á noite do quartel-general do marechal Mello consta que nossos camaradas tiveram a ventura de desfazer totalmente no dia 15 o exercito denominado dos soldados insurgentes ficando prisioneiros o chamado general Domingos José Martins e muitos outros chamados officiaes, que já estão na cadêa d'esta cidade, passando a nosso poder a caixa militar, 6 peças de artilharia, muitas munições de bocca e de guerra, a bandeira revolucionaria, ficando outrosim sobre o terreno quasi todos os cadaveres dos infames que compunham tão monstruoso exercito.

« Cumprindo-me pois annunciar sem perda de tempo aos militares, que ora estão por ventura debaixo do meu commando, tanta gloria obtida por nossos irmãos de armas, é no mesmo momento do meu essencial dever convidal-os para irmos todos juntos render graças ao Deus dos exercitos o que terá lugar hoje ao meio-dia na igreja do Collegio.

« E' tambem mui doce obrigação minha fazer publico que os dois majores Salvador (José Maciel) e Gordilho (1º visconde de Camamú) commandaram as duas columnas do ataque, com tanta intelligencia e valor, que merecem as mais honrosas recommendações do marechal commandante em chefe merecendo iguaes expressões o capitão de melicias do regimento de Penedo, Antonio José dos Santos, que o referido marechal graduou no campo da batalha em sargento-mór e tendo merecido pelo que se sabe até agora especial consideração o major da legião D. Luiz, e capitães Paula Hermogenes, Manoel Duarte, Argolo e José Felix.

« Com a rubrica do Illmo. e Exmo. Sr. conde general. — (assignado) *Antonio Fructuoso de Menezes Doria*, ajudante de ordens de semana. — Bahia, 29 de Maio de 1817.

Além disso sabemos que o referido chefe republicano Domingos José Martins, quando á frente de uma columna procurava unir-se ás forças sob o commando do capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti em o seu engenho

Trapiche de Ipojuca, sendo surprehendido pela companhia de homens pardos de Penedo e indios de Atalaia, depois de tenaz resistencia foi ferido e preso e mais tarde barbaramente fuzilado no campo da Polvora, por ordem do conde dos Arcos.

E quanto ao capitão-mór tendo-lhe sido impossivel resistir ás columnas de ataque do general Joaquim de Mello Cogominho de Lacerda, bateu em retirada internando-se com seus valentes companheiros nas mattas.

No anno seguinte el-rei D. João VI, commiserando-se da parte dos infelizes patriotas, tão cruelmente maltratados pela celebre ALÇADA, cujos actos impiedosos commoveram até ao proprio Luiz do Rego, aliás tão notavel por suas crueldades, resolveu, no dia 6 de fevereiro que foi o de sua sagração e coroação e como tal considerado de concessão de graças, conceder amnistia a todos os implicados naquella patriotica revolução.

Tendo se apresentado em Pernambuco ao mesmo general Luiz do Rego, foi o coronel Cunha Mattos encarregado da organização da primeira brigada miliciana das tres armas, da organização dos depositos e bem assim do recrutamento, instrucção e distribuição do pessoal pelos corpos de primeira linha.

Cabendo-lhe depois o commando geral da arma de artilharia, fez construir as baterias de defeza da costa de Pernambuco, para as quaes organizou um batalhão de artilharia de posição.

Regressando de Pernambuco, por decreto de 25 de julho de 1819, foi nomeado vice-inspector do «arsenal do exercito» na côrte e deputado da junta de fazenda do mesmo arsenal. Creada por decreto de 12 de março de 1822 a «commissão do arsenal», foi designado para servir como deputado da mesma commissão.

Abraçou com o melhor enthusiasmo a causa da independencia do Brazil, e logo depois da consumação desse facto, por despacho de 24 de fevereiro de 1823, foi nomeado governador das armas da provincia de Goyaz, para onde seguiu a 8 de abril, tomando posse deste cargo a 16 de junho, tudo do mesmo anno.

Por decreto de 9 de agosto de 1824 foi elevado ao

posto de brigadeiro: regressando de Goyaz como deputado, seguiu a 3 de novembro de 1826 para o Rio Grande do Sul, fazendo parte do estado-maior do tenente-general marquez de Barbacena, então nomeado para organizar e commandar o exercito que devia bater e expellir do territorio brasileiro, o commandado pelo general argentino d. Carlos de Alvear.

Em 23 do referido mez de novembro chegou a Porto Alegre, donde embarcou a 17 de dezembro com destino ao Rio Pardo e dahi á Capella do Livramento, onde com o referido marquez e comitiva chegou a 1 de janeiro de 1827.

No dia 3 foi encarregado do exame da cavalhada existente nas diversas invernadas e pertencentes ás forças do exercito, que se achavam então acampadas no logar supramencionado, commissão esta que lhe dizia respeito pelo cargo de quartel-mestre-general, para que fôra nomeado, por proposta do general em chefe que resolveu na nova disposição dada ás suas forças, designar o brigadeiro Cunha Mattos para commandar uma das linhas de batalha do exercito, parte da qual havia sahido do acampamento e já executava marchas estrategicas, com o fim de observar as do inimigo.

Tendo adoecido bruscamente o marquez de Barbacena assumio o brigadeiro Cunha Mattos o commando do campo no dia 15.

Depois das marchas que fez com o exercito, e no sentido de sobre elle prestar os necessarios esclarecimentos, resolveu o general em chefe enviar á côrte o brigadeiro Cunha Mattos, que de Santa Maria partiu, no dia 23, tudo ainda de janeiro.

Com tal encargo, e chegando á côrte depois de o ter desempenhado, nella se conservou occupando a cadeira de deputado pela provincia de Goyaz, que, satisfeita com os seus serviços, o elegeu para a seguinte legislatura.

A' pagina 445 do primeiro tomo do volume XLIX da *Revista do Instituto Historico Brazileiro*, onde se acha publicada a HISTORIA DA CAMPANHA DO SUL EM 1827, lê-se o seguinte paragrapho:

« O brigadeiro Cunha Mattos, a quem o marquez de Barbacena espontaneamente convidára a acompanhal-o ao

sul, regressando em commissão á côrte junto ao governo imperial, por offerecimento proprio, deixou-se convencer pelos inimigos do marquez de que este o accusára gravemente perante o governo, como republicano e anarchista. De amigo fez-se inimigo tenaz, que não poupou esforços em atacar os actos e o nome de seu general em chefe, o qual nas cartas confidenciaes lhe dava o mais solemne testemunho de profunda estima e sincera amizade. Este brigadeiro na camara temporaria, da qual era membro, e na imprensa occupou-se longo tempo em combater imaginarias accusações, e em detrahir ao velho amigo e companheiro de armas ».

Nomeado inspector do arsenal de guerra da côrte, em 1831, seguiu no mesmo anno Cunha Mattos, para a Europa, no gozo de dous annos de licença; regressando á côrte foi por decreto de 14 de outubro de 1833 designado para a commissão encarregada de formular um projecto de ordenança para o exercito, commissão esta chefiada pelo marechal de exercito reformado visconde da Laguna.

Em 1834, com a reforma dos estatutos da Academia Militar, foi nomeado seu commandante, cargo este que deixou em consequencia de ter sido mandado ficar sem effeito a alludida reforma, sendo então nomeado vogal do Conselho Supremo Militar.

Por decreto de 7 de setembro de 1835 foi graduado no posto de marechal de campo.

O general Raymundo José da Cunha Mattos falleceu nesta capital a 24 de fevereiro de 1839. Pelos seus serviços como militar foi agraciado com o officialato da ordem do Cruzeiro e a commenda de S. Bento de Aviz. Como escriptor e scientista publicou obras de reconhecida utilidade, como sejam: *Repertorio das Leis militares; Projecto de Ordenanças Militares; Itinerario da Côrte á provincia de Matto-Grosso; Memoria sobre as navegações antigas e modernas; Chorographia Historica de Minas-Geraes; idem de Goyaz; Memoria historica ácerca dos mappas geographicos antigos e modernos; Mappa e itinerario desde o Rio de Janeiro até os confins de Goyaz, com os do Pará, Matto-Grosso, Maranhão, Piauhy, Pernambuco, São Paulo, e Minas; Dissertação ácerca da maneira de escrever a historia antiga e*

moderna do Brazil ; Apontamentos sobre a navegação do Rio Doce ; Latitudes e longitudes de alguns logares do Brazil, e outros muitos trabalhos publicados no *Auxiliador da Industria Nacional*.

Foi um dos fundadores do *Instituto Historico e Geographico Brazileiro* e socio de diversas sociedades scientificas da Europa, onde eram conhecidos os seus meritos como abalisado e activo escriptor.

Sebastião Barreto Pereira Pinto

Nascido em Porto-Alegre, no anno de 1775, Sebastião Barreto Pereira Pinto assentou praça e foi reconhecido cadete no regimento de dragões do Rio-Pardo da capitania do Rio Grande do Sul, a 18 de outubro de 1791.

Fez a campanha de 1801, em que serviu com distincção, desempenhando acertadamente as commissões de que fôra encarregado pelo commandante do seu regimento, tenente-coronel Patricio José Correia da Camara, que assim o declarou em ordem do dia regimental.

Conservou-se, destacado na guarnição das fronteiras do Rio Pardo e Missões onde recebeu as suas patentes de tenente e capitão, conforme se vê das cartas régias de 14 de novembro de 1802 e de 25 de julho de 1808.

Fez as campanhas de 1811 a 1812, tomando parte no combate de Itapebuhy.

« Durante as mesmas campanhas foi encarregado de varias commissões importantes que desempenhou com actividade e discreção, sendo uma d'ellas executada na margem occidental do Uruguay » conforme se vê da ordem do dia de 24 de fevereiro de 1813, do marechal de campo Joaquim Xavier Curado, commandante da 2ª columna do « Exercito Pacificador da Banda Oriental ».

Pelos serviços prestados nessas campanhas obteve Sebastião Barreto a graduação de sargento-mór por despacho de 13 de maio de 1813, sendo promovido á effectividade deste posto, por carta régia de 12 de outubro do anno seguinte.

Durante a campanha iniciada em 1816 foi empregado em arriscadas commissões, pelo general marquez de

Alegrete, « do que deu a melhor conta desempenhando-as a contento d'aquelle general que assim o declarou em ordem do dia ».

Por impedimento legal do brigadeiro chefe assumiu, em dezembro de 1816, o commando do seu regimento com o qual tomou parte na acção de Carumbé, e na batalha de Catalão, « sendo este o primeiro corpo que em ambos os combates rompeu a linha do inimigo, o que muito cooperou para tão assignaladas victorias », como declaram as ordens do dia de 18 e 20 de março de 1817, dos generaes marquez de Alegrete e Joaquim de Oliveira Alvares.

Por carta régia de 25 de abril de 1817, obteve a graduação do posto de tenente-coronel, por distincção nas referidas acções.

Em março de 1818 invadiu a provincia de Montevidéo, onde assistiu aos choques de Chapecuhy, Rabão e Sanches, sempre no commando do seu regimento, tendo sido promovido a effectividade do posto de tenente-coronel, por decreto de 26 de junho do referido anno.

Conservando-se com o seu regimento no Estado-Oriental, depois do desbarato das forças de Artigas em Taquarembó, foi promovido a coronel. por decreto de 25 de julho de 1820, para o mesmo regimento.

Em agosto de 1821 por ordem do tenente-general Frederico Lecór assumiu Sebastião Barreto o commando da divisão da direita estacionada na linha do Uruguay, sendo por decreto de 14 de agosto do anno seguinte, graduado no posto de brigadeiro.

Em janeiro de 1823 marchou com a divisão, sob o seu commando, e se encorporou ás forças que sitiavam Montevidéo, onde o general D. Alvaro da Costa, á frente das tropas luzitanas, se batia contra a independencia do Brazil.

Evacuada a praça, em fevereiro do anno seguinte, ahi penetraram as tropas brazileiras e com ellas a divisão do commando de Sebastião Barreto que, por decreto de 12 de outubro do mesmo anno, foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro.

Em janeiro de 1825 seguiu para a linha do Uruguay, *á frente* de uma columna, estabelecendo seu quartel-ge-

neral no « Salto », onde se achava, quando os orientaes proclamaram pelas armas a sua independencia.

Neste posto conservou-se Sebastião Barreto até que, por decreto de 1º de dezembro do mesmo anno, foi encarregado do governo da praça de Montevidéo, que deixou em abril de 1826, seguindo em commissão para o Rio de Janeiro, onde se apresentou, ficando á disposição do governo.

Tendo sido, por decreto de 12 de setembro de 1826, nomeado commandante em chefe do exercito em operações na provincia do Rio Grande do Sul, o tenente-general marquez de Barbacena, com elle seguiu Sebastião Barreto a 3, chegando a Porto Alegre a 23 de novembro, donde embarcou a 17 de dezembro com destino ao Rio Pardo, e d'ahi á capella do Livramento onde chegou com o referido marquez e mais comitiva, a 1º de janeiro de 1827.

Assumindo o marquez de Barbacena o commando em chefe de todas as forças, na sua reorganização, coube ao brigadeiro Sebastião Barreto o commando da primeira divisão desse corpo de exercito, á frente da qual tomou parte na celebre batalha do *Ituzaingó*, a 20 de fevereiro, « merecendo por seus importantes serviços nesse dia, especial distincção do general commandante em chefe, manifestada em ordem do dia ».

Por ordem do mencionado chefe foi encarregado do commando geral das cavallarias, a 25 ainda de fevereiro do referido anno e, regressando as fronteiras da provincia que se achava invadida pelo inimigo, fez alli assignalados serviços por ter salvo muitas vidas e bens dos perseguidos habitantes.

Por decreto de 12 de outubro ainda de 1827, foi graduado em marechal de campo, e continuou no serviço do exercito em operações, do qual assumiu interinamente o respectivo commando a 5 de fevereiro de 1829, em substituição ao tenente-general visconde da Laguna.

Nomeado commandante das armas da provincia de Pernambuco, por decreto de 30 de janeiro de 1830, seguiu Sebastião Barreto para a côrte do Rio de Janeiro, onde conseguiu ser dispensado do referido cargo, e bem assim do de igual categoria em S. Paulo, para que fôra poste-

riormente nomeado, regressando finalmente ao Rio Grande do Sul, por haver sido, por decreto de 4 de novembro do dito anno, encarregado do respectivo commando de armas, o qual exerceu até 11 de janeiro de 1831.

Achava-se o marechal Sebastião Barreto exercendo, interinamente, o commando das armas do Rio Grande do Sul, e em serviço na *campanha,* quando, a 20 de setembro de 1835, explodiu em Porto Alegre a sedição que ao depois se tornou a « revolução republicana rio-grandense » tendo por chefe o coronel Bento Gonçalves da Silva.

Como se sabe, o presidente da provincia, obrigado a retirar-se de Porto-Alegre, foi substituido pelo Dr. Marciano Pereira Ribeiro, o n. 4 dos vice-presidentes, que se achava, porém, de commum accôrdo com os sediciosos.

Um dos seus primeiros actos foi suspender Sebastião Barreto do commando das armas ; achando-se elle em Jaquary na fronteira do Livramento e, tendo sido abandonado por parte da força do seu commando, passou á fronteira, e no seguinte mez de outubro domiciliou-se em Montevidéo.

Tendo assumido o governo da provincia o Dr. Americo Cabral, logo que foi conhecida a prisão do presidente Antero de Brito, regressando Sebastião Barreto de Montevidéo, assumiu de novo e, interinamente, o cargo de commandante das armas, a 15 de abril de 1837, e em seguida seguiu para a campanha, onde reuniu forças para bater os revoltosos, sendo porém mais uma vez infeliz, pois foi completamente destroçado pelos revolucionarios nos campos do Athanagildo.

Deixou o alludido cargo a 3 de novembro do mesmo anno, por ter se empossado n'elle, e no de presidente da provincia, o marechal de campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

Entre as providencias tomadas por este novo chefe, figura a occupação militar da cidade do Rio Pardo, em março do seguinte anno, donde se retirou a 18 deixando-a occupada por uma divisão das tres armas, sob o commando do marechal Sebastião Barreto, que tinha ás suas ordens 8 boccas de fogo e os brigadeiros Francisco Xa-

vier da Cunha, commandante da infantaria e Bonifacio Izás Calderon, da cavallaria.

A' 30 do seguinte mez de abril, reunindo as suas forças, Antonio Netto, David Canavarro, João Antonio e Bento Manoel, conseguiram pôr em linha de combate 2.500 homens, sendo 800 cavallerianos, e em acto continuo atacaram inesperadamente a posição occupada pelo marechal Sebastião Barreto que, depois de mortifero combate, foi totalmente destroçado.

Releva consignar aqui que a divisão deste chefe, compunha-se de 1.546 praças das quaes eram combatentes 1.200; sendo o seu prejuizo por mortes: 2 coroneis, 4 capitães, 5 alferes e 60 praças, e prisioneiros: 30 officiaes e mais de 100 soldados.

O governo imperial surprehendido e magoado com o desastre do Rio Pardo, mandou submetter a conselho de guerra os generaes que alli commandaram as tropas derrotadas.

O marechal Sebastião Barreto foi, porém, absolvido pelo referio conselho « visto haver se provado que a divisão sob o seu commando não havia cedido senão na maior e ultima extremidade », sentença esta que foi confirmada no Conselho Supremo Militar de Justiça.

Por decreto de 2 de dezembro de 1839 foi promovido á effectividade do posto de marechal de campo.

Recolhendo-se a côrte do Rio de Janeiro, por carta imperial de 29 de julho foi nomeado presidente da provincia de Minas-Geraes, e, tomando posse desse cargo a 22 de agosto, tudo de 1840, o exerceu até abril do anno seguinte.

O marechal de campo Sebastião Barreto Pereira Pinto, professo na ordem militar de S. Bento de Aviz e na da Imperial do Cruzeiro, condecorado com as medalhas das campanhas do Sul de 1811 á 1812; de 1815 á 1820, e de 1817 á 1822, e com a destinada ás forças do exercito e da esquadra, sob o commando do general visconde da Laguna, falleceu com sessenta e seis annos de idade, sendo cincoenta dedicados, ao serviço da patria.

Thomaz Joaquim Pereira Valente.

Barão e Conde do Rio Pardo.

Nascido em 1790 na cidade do Porto, Thomaz Joaquim Pereira Valente, alistou-se a 4 de fevereiro de 1807, como praça de cadete no regimento de infantaria da referida cidade.

Por occasião da invasão do exercito francez, tendo sido dispersado o seu regimento passou a servir no 7º batalhão de caçadores da «Legião Lusitana» onde foi elevado aos postos de alferes e tenente, por despacho de 28 de junho e 14 de setembro de 1808, e a capitão á 3 de novembro de 1809.

Por decreto de 4 de maio de 1813 foi promovido a sargento-mór para o 4º batalhão de caçadores.

Tomou parte em toda a campanha da Peninsula, e nas duas da Hespanha, assistindo as batalhas da Victoria e Albuera, sendo levemente ferido em Alcantara, e gravemente na batalha da Victoria.

Por despacho de 11 de julho de 1817 foi transferido para o 3º batalhão de caçadores, com o qual expedicionou para o Brasil, onde chegou a 22 de janeiro de 1818, ficando incorporado á divisão do commando do tenente-general Marquez de Angeja.

Por carta régia de 6 de fevereiro, deste ultimo anno, foi promovido á tenente-coronel commandante do referido 3º de caçadores.

Por occasião do pronunciamento militar da guarnição do Rio de Janeiro no sentido da revolução de Portugal de 1820, na madrugada do celebre dia 26 de fevereiro de 1821, procurando obstar que o mencionado batalhão sahisse do seu aquartelamento nos Lasaros á fim de se reunir aos demais corpos que no largo do Rocio deviam conseguir que o Sr. D. João VI jurasse a constituição que as côrtes portuguezas promulgassem, respondeu-lhe o sargento-mór do mesmo batalhão, Antonio Garcez Pinto de Madeira, que seus companheiros ao tiro da alvorada se haviam de achar no Rocio onde o esperavam e que n'aquelle momento tinha recebido aviso.

« Continuou Pereira Valente á oppôr-se ; foi então

preciso que Antonio Garcez pondo-lhe ao peito uma pistola, lhe intimasse ou morrer, ou ser preso, ou seguir os companheiros ; preferiu no emtanto a prisão ».

O batalhão marchou e as tres e meia horas tomou posição no campo de Sant'Anna, ficando ás ordens do brigadeiro Francisco Joaquim Carreti a quem fôra offerecido o commando de toda a tropa, que pressuroso acceitou.

Sabe-se que el-rei D. João VI houve por bem, acceder aos desejos dos promotores dessa revolução, conforme préviamente promettera seu filho, o principe D. Pedro, depois imperador.

Por carta patente de 21 de Abril de 1821, foi Pereira Valente nomeado governador de Santa Catharina, tendo passado para o estado-maior do exercito, e seguindo ao seu destino, tomou posse a 20 de julho, do alludido cargo.

Segundo o Dr. Teixeira de Mello « o tenente-coronel Pereira Valente, foi excessivo nos actos de seu governo do que lhe resultou o odio dos povos seus governados ; mas por pouco tempo exerceu o cargo em rasão da mudança governativa e politica que nesse mesmo anno se operou em todas as capitanias do Brasil com a sua emancipação da metropole ». (Ephemerides Nacionaes ; 2ª parte, pag. 35).

A' 20 de maio de 1822, tendo sido posto em execução o decreto das côrtes geraes extraordinaria constituinte de Portugal, foi eleita a junta do governo provisorio, e a ella entregou, o tenente-coronel Pereira Valente, o governo, tendo sido o vigesimo e ultimo governador de Santa Catharina, pelas leis coloniaes.

Recolhendo-se á côrte e, proclamada a nossa independencia,a ella adheriu da melhor bôa vontade, sendo por decretos de 5 e 12 de outubro tudo de 1822, nomeado ajudante de campo junto á pessôa de D. Pedro I, e promovido a coronel.

Promulgada a Constituição do Imperio, em 25 de março, prestou-lhe o devido juramento, assignando em seguida a acta lavrada no quartel-general, á 30 do referido mez, e á nove de agosto, tudo de 1824, foi graduado no posto de brigadeiro.

Brigadeiro effectivo por decreto de 25 de março, por carta imperial de 18 de outubro, tudo de 1825 foi condecorado com o titulo de Barão do Rio Pardo, com honras de grandeza.

No anno seguinte, por despacho de 12 de outubro, foi elevado a conde do mesmo titulo, e por decreto de 25 de março de 1828 foi nomeado governador das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro, cargo este que exerceu até 4 de dezembro de 1829, data em que foi empossado no de ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra.

A' 19 de março de 1831 foi dispensado do cargo de ministro da guerra, obtendo em seguida licença para residir na provincia do Rio Grande do Sul, de onde veio á côrte á chamado do governo á 15 de janeiro de 1839, regressando para a mesma provincia, em outubro do mesmo anno com licença do ministerio da guerra.

Nomeado commandante em chefe do exercito em operações na supra citada provincia por decreto de 24 e promovido a marechal de campo por despacho de 26, tudo de março de 1841, tomou posse do mesmo commando na cidade de Porto-Alegre, a 17 do seguinte mez de abril.

Dessa capital, deu o Conde do Rio Pardo conhecimento da sua alta missão ao seu collega general João Paulo dos Santos Barreto que, como commandante em chefe do exercito imperial, se achava na campanha, e que se achou assim autorisado a passal-o ao brigadeiro Antonio Corrêa Seára, que o recebeu em agosto desse anno, no acampamento junto ás margens do arroio «S. Vicente».

Tomando conhecimento, do effectivo das forças que constituiam o exercito em operações contra os republicanos rio-grandenses, verificou o Conde do Rio Pardo, que se achava elle reduzido a pouco mais de cinco mil homens o que não lhe dava logar a pôr em pratica o seu primeiro plano de campanha, que consistia na organisação de tres columnas que separadamente deviam bater o inimigo, e para o que precisava pelo menos, de doze mil homens!

No periodo de seu commando conseguiu, porém, algumas vantagens sobre os revolucionarios como sejam: a

acção de novembro de 1841, em que foram elles batidos em S. Gabriel, pelo coronel Francisco Pedro que fez 20 prisioneiros e tomou 400 cavallos ; á do Rincão do Bonito, nas costas do Pequiry onde foram derrotados pelas forças do tenente-coronel Propicio Menna Barreto, morrendo-lhes 120 homens e ficando 182 prisioneiros com muitas bagagens e 800 cavallos ; e a de 20 de janeiro de 1842 em que o referido coronel Francisco Pedro, inesperadamente atacado pelo chefe Bento Gonçalves com 300 homens, o destroçou deixando este no campo 36 mortos, 20 prisioneiros e toda a bagagem, ao passo que os imperiaes tiveram apenas 3 homens mortos e 7 feridos.

Apreciando estes successos dizia o Conde do Rio Pardo ao governo em o referido mez de janeiro : « E' bem notorio que os dezares que os rebeldes soffreram nestes quatro mezes lhes tem causado grande perda de força moral, e maior teria sido, si os inimigos da monarchia não favorecessem com aereas esperanças de movimentos revoltosos em algumas provincias, dando para esse fim grande importancia ás illegaes representações feitas, na de Minas ».

Como sabemos os revoltosos por negociações havidas no estado visinho, recebiam petrechos bellicos, fazendas e tudo o mais que lhes era necessario ; Fructuoso Rivera prestava-lhes toda a possivel coadjuvação, desde que esta não se tornasse em actos ostensivos de responsabilidade, não só por não lhe convir offender declaradamente o governo imperial, como principalmente para poder continuar a favorecer os revoltosos secretamente, em quanto elles acceitavam propostas de paz, e entretinham o governo do Rio de Janeiro com esperanças de pacificação por meios amigaveis.

« E era embalado por estas esperanças, diz abalizado escriptor, que o governo imperial não se decidia a empregar medidas decisivas para suffocar de uma vez para sempre a rebellião».

« E o conde do Rio Pardo, propalava, que o seu systema de guerra, conservando o exercito em posições verdadeiramente militares, e fazendo operações parciaes por meio de columnas volantes, tinha produzido continuadas e importantes vantagens, ao passo que, relatando o recen-

te revez, de Bento Gonçalves, a 20 de janeiro de 1842, assegurava ao governo imperial ter providenciado para dar novo e seguro golpe no chefe rebelde ».

« Os planos e esperanças do conde não tiveram a annunciada fortuna; e em maio (decreto de 21) do dito anno, esse mesmo governo imperial, que no seu delegado tanto confiava, o demittiu de commandante geral do exercito e o substituiu interinamente, pelo brigadeiro José Maria da Silva Bittencourt, o qual á 26 de junho seguinte tomava posse de sua commissão».

« O conde do Rio Pardo, no desempenho de seus planos bellicos, não fôra jamais á campanha ; e o novo commandante em chefe, recebendo a nomeação recebia tambem ordem de seguir para alli, com brevidade, revelando-se d'aqui ter sido a inacção do conde a causa principal da sua destituição».

« O velho titular, que premeditava o seu plano de guerra e pensava vencer os rebeldes com a tactica militar, não occultou o seu despeito pela inesperada demissão, e retirou-se logo para a côrte (*Tristão de Alencar Araripe*. —Guerra Civil do Rio Grande do Sul).

Apresentando-se o conde ao sr. D. Pedro 2º, entregou-lhe nessa occasião uma exposição, do seu proprio punho, dos principaes acontecimentos militares e particulares que se deram no Rio Grande do Sul, durante o seu commando em chefe do exercito pacificador.

Nomeado por decreto de 10 de junho de 1844, vogal do Conselho Supremo Militar, foi ainda neste mesmo anno despachado presidente da provincia do Piauhy, para onde seguiu.

Deixando esta commissão e regressando á côrte continuou o conde do Rio Pardo apenas, no exercicio de membro do referido Conselho.

O marechal de campo Thomaz Joaquim Pereira Valente, conde do Rio Pardo, conselheiro de Estado, gentilhomem da Imperial Camara, gran cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro, grande dignitario da da Rosa, commendador das militares de Christo e Aviz, cavalleiro da Torre e Espada, Valor, Lealdade e Merito, condecorado com a cruz de ouro das seis campanhas da Peninsula, e

com as das batalhas da Victoria e Albueira, e das duas campanhas da Hespanha, falleceu nesta capital a 30 de agosto de 1849, sendo sepultado no dia seguinte, nas catacumbas do convento de Santo Antonio.

Segundo um escriptor dessa epocha « o illustre defunto nos mostrava o soldado que tendo por sólio a espada, soube elevar-se entre o fumo dos canhões ao prestigio militar.»

***

Além destes generaes cujos traços biographicos temos esboçado, existiram á mais neste mesmo periodo de nove annos, os trinta e dois constantes da seguinte relação e que, por terem sido apenas «graduados» em brigadeiro, não foram contemplados nesta galeria pelas razões já expostas.

Relação dos brigadeiros graduados de 1822 á 1831, e que não foram confirmados neste posto :

Paulo José da Silva Gama (barão de Bagé).
João Francisco Neves.
Joaquim José Pinto de Moraes Leme.
Antonio Lopes de Barros.
Antonio de Souza Sepulveda.
Antonio Pinto da Costa.
Manoel Pedro de Freitas Guimarães.
Marcello Joaquim Mendes de Menezes.
Francisco Maria Gordilho Vellozo de Barbuda (marquez do Jacaré-Paguá).
Francisco Antonio de Paula Nogueira da Gama.
Joaquim Mariano Galvão de Moura e Lacerda.
Izidoro de Almada e Castro.
Luiz Carlos da Costa Lacé.
José Ignacio Borges.
Alb[illegible]ino Gomes Guerra de Aguiar (commissario chefe).
Francisco da Costa Souza Macedo (marquez da Cunha).
Francisco de Lima e Silva.
Inacio José Vicente da Fonseca.
Duarte Guilherme Coelho de Moraes.
Daniel Pedro Müller.
Thomaz Garcia de Zuñiga (barão de Calêra).
Miguel Antonio Flangini.
Marcos Antonio Jacques (conde de Beaurepaire).
João da Costa Britto Sanches.
Salvador José Maciel.
Francisco Cordeiro da Silva Torres (visconde de Jerumirim).
Jacintho Desyderio Cony.
João Valentim de Faria Souza Lobato.
Fernando Carneiro Leão (conde de Villa-Nova de São José).
Manoel Ferreira de Araujo Guimarães.
Miguel Pereira de Araujo Barreto.
João Baptista Alves Porto.

FIM DO 1° VOLUME.

ERRATAS

PAGS.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
5	31	brasileiras	brasileira
"	32	portuguezas	portugueza
7	5	da campanha	supprima-se
20	25	providencia	previdencia
23	30	Promovido á	Graduado em
54	1	foi restituido ao Brazil	foi-nos restituido
87	23	citade	cidade
93	6	Superior	Supremo
94	8	Montividáo	Montevidéo
"	38	Caservos	Caséros
95	5	proficencia	proficiencia
99	5	grão-cruz	grã-cruz
"	13	figurava o do	figurava o ao
105	27	Guarahim	Quarahim
106	36	que se devia occupar	occupar-se
107	33	resolução	revolução
119	27	Gonçalves	Manoel
137	18	solicitavam	solicitaram
141	26	porém que os successos	parece, porém, que os referidos successos
142	10	e com elle	com quem
144	37	cidade do Rosario	batalha do Rosario
147	13	48	46
"	20	VIII	XVIII
180	37	Ibirocahy	Ibiraocahy
185	23	lado	lago
"	29	desevolver-se	desenvolver-se
187	20	hostidades	hostilidades
192	23	Curaro	Curado
193	12	cahim	cahiam
194	6	pelo	para
196	2	os partidos	as partidas
197	4	Ybicury	Ibicuhy
198	24	conceitos estes que	supprima o *que*
199	3	Lagedo	Lageado
205	18	*Reino Brasil)*	*Brasil-Reino e Brasil-Imperio)*
206	11	de divisão	da divisão
208	40	de travar	do travar
212	13	Servigné	Sevigné
220	12	governador de	governador das armas do
221	26	de forças	das forças
"	27	Ponto-Alto	Ponte-Alta

Relação dos brigadeiros graduados de 1822 á 1831, e que não foram confirmados neste posto :

Paulo José da Silva Gama (barão de Bagé).
João Francisco Neves.
Joaquim José Pinto de Moraes Leme.
Antonio Lopes de Barros.
Antonio de Souza Sepulveda.
Antonio Pinto da Costa.
Manoel Pedro de Freitas Guimarães.
Marcello Joaquim Mendes de Menezes.
Francisco Maria Gordilho Vellozo de Barbuda (marquez de Jacaré-paguá).
Francisco Antonio de Paula Nogueira da Gama.
Joaquim Mariano Galvão de Moura e Lacerda.
Izidoro de Almada e Castro.
Luiz Carlos da Costa Lacé.
José Ignacio Borges.
Albino Gomes Guerra de Aguiar (commissario chefe).
Francisco da Costa Souza Macedo (marquez da Cunha).
Francisco de Lima e Silva.
Ignacio José Vicente da Fonseca.
Duarte Guilherme Coelho de Moraes.
Daniel Pedro Müller.
Thomaz Garcia de Zuñiga (barão de Calêra).
Miguel Antonio Flangini.
Marcos Antonio Jacques (conde de Beaurepaire).
João da Costa Britto Sanches.
Salvador José Maciel.
Francisco Cordeiro da Silva Torres (visconde de Jerumirim).
Jacintho Desyderio Cony.
João Valentim de Faria Souza Lobato.
Fernando Carneiro Leão (conde de Villa-Nova de São José).
Manoel Ferreira de Araujo Guimarães.
Miguel Pereira de Araujo Barreto.
João Baptista Alves Porto.

FIM DO 1º VOLUME.

ERRATAS

PAGS.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
5	31	brasileiras	brasileira
"	32	portuguezas	portugueza
7	5	da campanha	supprima-se
20	25	providencia	previdencia
23	30	Promovido á	Graduado em
54	1	foi restituido ao Brazil	foi-nos restituido
87	23	citade	cidade
93	6	Superior	Supremo
94	8	Montividáo	Montevidéo
"	38	Caservos	Caséros
95	5	proficencia	proficiencia
99	5	grão-cruz	grã-cruz
"	13	figurava o do	figurava o ao
105	27	Guarahim	Quarahim
106	36	que se devia occupar	occupar-se
107	33	resolução	revolução
119	27	Gonçalves	Manoel
137	18	solicitavám	solicitaram
141	26	porém que os successos	parece, porém, que os referidos successos
142	10	e com elle	com quem
144	37	cidade do Rosario	batalha do Rosario
147	13	48	46
"	20	VIII	XVIII
180	37	Ibirocahy	Ibiraocahy
185	23	lado	lago
"	29	desevolver-se	desenvolver-se
187	20	hostidades	hostilidades
192	23	Curaro	Curado
193	12	cahim	cahiam
194	6	pelo	para
196	2	os partidos	as partidas
197	4	Ybicury	Ibicuhy
198	24	conceitos estes que	supprima o *que*
199	3	Lagedo	Lageado
205	18	*Reino Brasil)*	*Brasil-Reino e Brasil-Imperio)*
206	11	de divisão	da divisão
208	40	de travar	do travar
212	13	Servigné	Sevigné
220	12	governador de	governador das armas de
221	26	de forças	das forças
"	27	Ponto-Alto	Ponte-Alta

PAGS.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
"	40	paginado 72 presente	pagina 40 do presente
232	13	1601	1801
247	1	ahdesão	adhesão
249	2	ats	até
250	28 e 29	providencia	provincia
256	21	acabaram	acabavam
258	24	na capital	da capital
261	26	1776	1767
268	26	anna	anno
269	10	do general	dos generaes
272	12	allemã	allemão
317	3	este	esta

Além destas existem outras irregularidades que serão promptamente corrigidas pela indulgencia do leitor.

INDICE

Ao leitor V
Alexandre Eloy Portelli 1
Antero José Ferreira de Brito (barão de Tramandahy) 3
Antonio Elzeario de Miranda e Brito 10
„ Genelli 17
„ José Dias Coelho 18
„ „ Rodrigues 22
„ Manoel da Silveira Sampaio 24
Bento Barroso Pereira 25
„ Correia da Camara 28
Camillo Maria Tonellet 34
Candido Xavier de Almeida e Souza 35
Carlos Frederico Lecór (barão e visconde da Laguna) 43
Domingos Alves Branco Muniz Barreto 55
Felisberto Caldeira Brant Pontes (visconde e marquez de Barbacena) 56
Felix José de Mattos Pereira de Castro 69
Francisco das Chagas Santos 72
„ Claudio Alvares de Andrade 76
„ José de Souza Soares de Andréa (barão de Caçapava) ... 77
„ Manoel da Silva e Mello 95
„ de Paula Maggessi Tavares de Carvalho (barão de Villa Bella) 97
„ de Paula (Massena) Rosado 99
„ „ e Vasconcellos 107
Fructuoso Ribeiro (ou Rivera) 115
Gustavo Henrique Brown 126
Henrique Izidoro Xavier de Brito 131
João Carlos Augusto Oeynhansen e Grevenbourg (visconde e marquez do Aracaty) 133
„ Chrissostomo Callado 141
„ de Deos Menna Barreto (visconde de São Gabriel) 149
„ Egydio Calmon 161
„ Gomes da Silveira Mendonça (visconde de Fanado e marquez de Sabará) 165
„ Jacome de Baumann 167
„ José Duran 168
„ Pedro Lecór 176
„ Vieira de Carvalho (barão, conde e marquez de Lages) 178
Joaquim Caetano da Silva 180
„ Norberto Xavier de Brito 181
„ de Oliveira Alvares 193

Joaquim Xavier Curado (barão e conde de S. João das Duas Barras) 192
José de Abreu (barão do Serro Largo) ... 207
„ Antonio do Passo Bruques ... 212
„ Arouche de Toledo Rendon ... 217
„ Corrêa Picanço ... 224
„ Egydio Gordilho Vellozo de Barbuda (1º visconde de Camamú) 225
„ Ignacio da Silva ... 231
„ Joaquim do Couto ... 233
„ „ de Lima e Silva (visconde de Magé) ... 234
„ Manoel de Almeida ... 238
„ „ de Moraes ... 239
„ Maria Pinto Peixoto ... 242
„ da Nobrega Botelho ... 251
„ de Oliveira Barbosa (barão do Passeio Publico, visconde do Rio Comprido) ... 252
„ da Silva Brandão ... 254
Lazaro José Gonçalves ... 257
Lourenço Caetano da Silva ... 261
Luiz Antonio de Oliveira Bulhões ... 263
„ Pereira da Nobrega de Souza Coutinho ... 264
Manoel Antonio Leitão Bandeira ... 268
„ da Costa Pinto ... 266
„ Ignacio de Moraes Mesquita Pimentel ... 273
„ Jacintho Nogueira da Gama (visconde e marquez de Baependy) ... 274
„ Joaquim Pereira da Silva ... 277
„ Jorge Rodrigues (barão de Taquary) ... 279
„ Marques d'Elvas Portugal ... 287
„ „ de Souza ... 292
„ „ „ „ (Filho) ... 300
„ Martins do Couto Reis ... 303
Martiniano José de Andrade e Silva ... 306
Miguel Lino de Moraes ... 307
„ Nunes Vidigal ... 308
Patricio José Correia da Camara (barão e visconde de Pelotas) ... 310
Pedro Labatut ... 311
„ da Silva Gomes ... 320
Raymundo José da Cunha Mattos ... 321
Sebastião Barreto Pereira Pinto ... 329
Thomaz Joaquim Pereira Valente (barão e conde do Rio Pardo) ... 334
Relação dos brigadeiros graduados de 1822 á 1831 ... 341
Erratas ... 343
Indice ... 345

OS GENERAES DO EXERCITO BRASILEIRO

DE 1822 A 1889

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

POR

Alfredo Pretextato Maciel da Silva

Bacharel em mathematica, sciencias physicas e naturaes pela extincta Escola Superior de Guerra e capitão do Estado-Maior do Exercito

* * *

« Quem recorda o passado trabalha para o futuro. »

* * * *

SEGUNDO VOLUME

IMPRESSORES

M. OROSCO & C. — Rua da Assembléa, 24

RIO DE JANEIRO

1907

Duque de Caxias

AO

MARECHAL DE EXERCITO

LUIZ ALVES DE LIMA

O IMMORTAL

DUQUE DE CAXIAS

*

O GRANDE CIDADÃO

« QUE PRIMEIRO NAS ARMAS

ELEVOU AOS ASTROS O NOME E

A FAMA DA BRASILEA TERRA »

DEDICAMOS

O

PRESENTE VOLUME

REPARTIÇÃO DO CHEFE DO ESTADO MAIOR DO EXERCITO

Quartel General na Praça da Republica, em 30 de Abril de 1907

ORDEM DO DIA

N. 24

Publico, para conhecimento do exercito e devida execução, o seguinte :

.....

.....

.....

— Ministerio dos negocios da guerra — Rio de Janeiro, 23 de março de 1907 — N. 733.

Sr. chefe do Estado Maior do Exercito — Mandae elogiar em ordem do exercito o capitão do corpo de estado maior do mesmo exercito Alfredo Pretextato Maciel da Silva, de accordo com a informação da 4ª secção da repartição a vosso cargo, relativamente á apresentação do seu trabalho intitulado — *Os Generaes do Exercito Brasileiro*, — ficando vós autorisado a fazer acquisição de quinhentos exemplares do mesmo trabalho, os quaes deverão ser distribuidos pelos corpos e estabelecimentos militares deste ministerio, conforme indicardes, correndo a respectiva despeza por conta da verba destinada ao expediente dessa repartição.

Saude e fraternidade. — *Hermes R. da Fonseca.*

E' com verdadeira satisfação que, dando cumprimento ao aviso acima transcripto, louvo ao capitão de estado-maior Alfredo Pretextato Maciel da Silva, adjunto desta repartição, pelo excellente trabalho que publicou, intitulado *Os Generaes do Exercito Brasileiro*, que vem preencher uma lacuna nos nossos annaes militares, sendo, portanto, um precioso contingente de informações para os futuros historiadores de nossa patria, que encontrarão nelle uma fonte copiosa de informações.

.....

.....

.....

MARECHAL

João Pedro Xavier da Camara,

Chefe do Estado Maior do Exercito.

OPINIÃO DA IMPRENSA

UM LIVRO DE HISTORIA

Acaba de surgir á luz publica o primeiro volume d'*Os Generaes do Exercito Brasileiro.*

E tanto que me chegou ás mãos esse primeiro volume, folheei-lhe as paginas, percorri-lhe os dizeres com o pensamento.

O titulo é suggestivo. Indica de prompto o valor da obra. Porque a historia dos generaes do Exercito brasileiro é, por assim dizer, a propria historia da patria.

Mas ao titulo principal, que desvenda todas as difficuldades do assumpto, addicionou o autor um subtitulo que inspira facilidades apparentes. Não aspira esse autor a gloria de historiador. Propõe-se escrever tão só, *Traços biographicos dos generaes do Exercito brasileiro.*

Ora, é mais limitada que a do historiador a tarefa do biographo. Este possue campo de observação mais restricto do que aquelle. Nem traços biographicos valem pinturas completas ou acabadas.

No entanto elles denunciam o vigor intellectual de quem os escreve.

Realmente homens de paciencia podem rabiscar esses traços. Reunem documentos. Accumulam factos. E emprehendem a narrativa com a linguagem dos chronistas de antanho.

Mas a questão é menos dessa habilidade de compilação do que de capacidade creadora.

Em verdade, os homens de talento reunem documentos e accumulam factos. Porém, não se limitam nem a estes nem aquelles, que factos e documentos são méras testemunhas contingentes e falliveis. Formulam interrogatorio a despeito do silencio dessas testemunhas. Procuram a verdade, interpretando acontecimentos de uma época. Depois, sim, estarão apparelhados para a empreza, que, por espontaneidade ou não, collocaram sobre os hombros. E, com a penna em punho, se desobrigarão dos seus deveres de escriptores justos, competentes, imparciaes, deixando ao de lado os encantos de fórma, as bellezas de phrase dos chronistas do tempo.

Ora, sob certo ponto de vista, foi assim que procedeu o talentoso capitão Alfredo Pretextato Maciel da Silva com os seus *Traços biographicos dos generaes do exercito brasileiro.*

E dahi a importancia do livro que elle veiu de publicar.

Aliás, ainda haveria merito no trabalho do operoso official. Quero dizer: si o capitão Pretextato ficasse adstricto ás notas preciosas que pôde encontrar em varios archivos, mesmo dest'arte o seu livro despertaria interesse como valioso repositorio ao alcance de toda a gente,

Assim merece as melhores sympathias o esforço a que se entregou o illustre capitão do estado-maior do exercito nacional.

E esforço é esse tanto mais para se louvar, quanto mais raras se vão tornando as dedicações ao trabalho da collectividade.

Com o primeiro volume d'*Os generaes do Exercito brasileiro*, devo ao distincto capitão Pretextato o prazer de uma homenagem á memoria de muitos compatricios gloriosos. As figuras dos heróes ahi nas paginas desse primeiro volume se agitam, e traçam o caminho do futuro. Esses homens, pela nobreza de conducta, ensinam a lealdade, a confiança, a abnegação até ao sacrificio, a fé nos destinos da patria. Como me senti feliz, abeirando-me, com a leitura desse primeiro volume, da grandeza moral desses benemeritos brasileiros!...

E a galeria, que remonta a 1822 e vem até 1889, não abrange senão os perfis de generaes "que foram effectivos do quadro ou a elle aggregados por disposição legal".

Mas essa galeria, infelizmente, ainda não está de tal modo, de todo concluida. O trecho construido comprehende apenas o periodo do primeiro reinado. São nove annos que ahi se contemplam, e nada mais do que isso.

E, no entanto, quantas energias não despendeu o capitão Pretextato para arrancar, de bolorentos archivos desse periodo de nove annos, todo o material necessario á recomposição dos caracteres especiaes de mais de setenta e cinco notaveis brasileiros!...

Agora, imagine-se que não chega a um seculo a distancia desses nove annos aos dias de hoje, e a admiração despertada pelos labores do estudioso collega se une a condemnação, que vibra em cada patriota, contra o abandono de toda a sorte de documentos relativos á historia patria.

Não sei si a historia é a mestra da vida. Mas os povos que esquecem os seus maiores, perdem as suas tradições. Isolam-se no tempo. Não caminham para a frente. Estiolam-se. Desfallecem. Debilitam-se rapidamente.

A crença no futuro de uma nacionalidade não é um phenomeno casual, fortuito, inesperado. Não depende do presente senão do passado. Começa de formar-se com os primeiros ensinamentos dentro na familia. Mas toma corpo e se faz inabalavel com as lições, dentro na escola. Porque a palavra dos professores conduz os discipulos pelos campos magnificos da historia.

E como a gente se retempera com a recordação de tempos que se foram!...

Mas estou longe de pensar que — "quem recorda o passado trabalha para o futuro". Porque não basta recordar. Faz-se necesaria e indispensavel a acção do raciocinio. Ahi aonde se não pensa, é impossivel o assentamento de alicerces para obras duradouras.

Continúe de reflexionar o capitão Pretextato, examinando factos, inquirindo documentos, seleccionando notas para os *Traços biographicos dos generaes do exercito brasileiro*. O contentamento que lhe vae pelo espirito, em consequencia dos resultados que pôde obter com as suas penosas e utilissimas investigações, é um nobre estimulo para proseguir no desempenho da missão de patriotismo em que metteu hombros com perseverança e amor ao estudo. Si outros naufragaram no mar dessas investigações, e o amigo vae ao termo da sua viagem, trazendo riquezas já ignoradas, "nomes até aqui considerados perdidos", — justo é que não desanime quem dominou aborrecimentos e tempestades.

Certo existem outros escolhos. Ao cabo das batalhas, ainda se discutem as condições da victoria. Nem basta vencer todas as tormentas para estadear soberano desprezo pelas contingencias humanas.

O primeiro volume da obra de que ora me estou occupando, é um bello attestado de inexcedivel zelo, de muito vigor e de bastante coragem. Mas o segundo volume, que ha de conter os traços biographicos de cincoenta e cinco generaes do glorioso Exercito republicano será eu o espero, mais do que simples attestado de uma eloquente affirmação do alto preparo de escriptor e critico do seu modesto autor, modesto e competente.

E, então, ver-se-á por terra a illusão reductora da personalidade de Floriano Peixoto. Porque o destaque do immortal marechal não se produziu pela vulgaridade do meio em que elle appareceu.

Ha de mostrar o biographo que o scenario brasileiro não foi tão vulgar como se tem pensado, e, pois a figura de Floriano é, com effeito, a de um verdadeiro grande homem.

Não pare o capitão Pretextato. E si o meio lhe for indifferente ou lhe condemnar o louvavel esforço, não cruze os braços em attitude desalentadora. A obra, cujo primeiro volume eu acabo de ler, é um trabalho de dedicação ás classes armadas do paiz; é um serviço meritorio do cidadão que se fez soldado para morrer pela Patria e pela Republica. E essa obra desperta francos applausos.

MOREIRA GUIMARÃES

(Do *Correio da Manhã*).

OS GENERAES DO EXERCITO BRASILEIRO

Um dos mais distinctos e intelligentes officiaes do exercito brasileiro, o capitão de estado-maior Alfredo Pretextato Maciel da Silva, acaba de publicar um livro interessante e de real utilidade.

Chama-se essa obra, que revela um costante trabalho de paciencia e de meticuloso criterio, "Os generaes do exercito brasileiro" titulo que por si resume a sua incontestavel importancia, como, aliás, o laborioso capitão Pretextato assignala na legenda com que illustrou a capa do seu livro: "Quem recorda o passado, trabalha para o futuro".

O volume que recebemos é o primeiro da serie, que naturalmente, o capitão Pretextato vai publicar, reunindo assim, numa collecção preciosa, a biographia de todos os generaes que tem tido o nosso glorioso exercito, desde 1822, data em que se póde considerar formado o nucleo do nosso exercito com os militares que compareceram á reunião de povo e tropa, effectuada no campo de Sant'Anna, a 12 de Janeiro daquelle anno, sob a direcção dos generaes Oliveira Alvares e Xavier Curado, para jugular a rebellião do tenente general commandante das armas Jorge Avilez Zuzarte de Souza Tavares que tomara posição no morro do Castello, para hostilizar os habitantes desta cidade.

Uma clara ampliação destas notas constitue o preambulo em que o autor do livro pede ao leitor benevolencia para o seu trabalho, pedido que não será certamente satisfeito, porque, para ser benevolo, o leitor não seria obrigado a ser justo e, para merecer este ultimo titulo, tem elle por força de julgar bom o livro, sem favor, sem benevolencia.

Nessa obra, o capitão Pretextato consegue dar a biographia de todos os generaes desse tempo, trabalho tentado infrutiferamente por outras altas e competentes autoridades, em épocas diversas, pois que os nomes desses valorosos personagens da nossa historia militar andavam dispersos por archivos de fortalezas e de repartições militares de varios Estados, figurando alguns nos registros de cartas régias, patentes, decretos e outros documentos originaes, sendo outros colhidos, á falta de fés de officio, nos archivos seculares, existentes em uma das dependencias do antigo Arsenal de Guerra.

Isto bastará para salientar o alto merito desse livro, que, além desse e de outros, tem o de ser o archivo militar de mais completas biographias dos nomes legendarios d' "Os generaes do exercito brasileiro", que se gloria justamente de os contar entre as suas mais brilhantes constellações.

Acompanha a obra uma relação dos brigadeiros graduados, de 1822 a 1831, que não foram incluidos entre os generaes biographados, nesse periodo, porque o livro se refere exclusivamente aos effectivos do quadro, ou a elle aggregados, por disposição legal.

(D'*O Paiz*).

VIDIGAL

Li o primeiro volume da excellente obra do illustre Sr. capitão do estádo-maior Alfredo Pretextato Maciel da Silva — *Os Generaes do Exercito Brasileiro — de 1822 a 1889.*

Do merecimento e real valor dessa importante collectanea de biographias já se pronunciaram os sabedores destas coisas antigas.

Em boa hora, o erudito official nos apresentou essa immensa galeria de valentes cabos de guerra de cujas gloriosas vidas existiam noticias dispersas em livros e documentos, prestes a desapparecerem pela mão do tempo e incuria dos homens.

Avalio a somma de paciencia, de investigações e de aturados estudos a que se entregou o Sr. capitão Maciel da Silva para nos dar as bellas paginas com que acaba de enriquecer os fastos militares do nosso paiz.

De tantos bravos e patriotas só tive a felicidade de conhecer dois: os Marechaes Antonio Elsiario de Miranda e Brito e Francisco de Paula Vasconcellos. O primeiro residia em frente á minha casa, na rua da Misericordia n. 40 hoje 36. Era um ancião de aspecto venerando e de todos respeitado. Lembro-me perfeitamente de seu funeral. Nunca vi tanta tropa reunida na precitada rua.

Relações de familia fizeram-me frequentar a casa do segundo illustre veterano, na rua do Riachuelo, então de Matacavallos. Era curioso ver a amabilidade e carinho com que affagava a meninada, dando-lhes doces a granel. De lá não se sahia sem trazer tijolos de gostosa goiabada de Campos.

Pondo de parte estas saudosas recodações do passado li com enthusiasmo além de todas as outras as paginas dedicadas a Miguel Nunes Vidigal, cuja psychologia me foi dada pela brilhante fé de officio em resumo citada pelo autor do livro *Os Generaes do Exercito Brasileiro.*

De ha muito fazia eu idéa favoravel da personalidade de Vidigal cujo caracter vae passando á posteridade, ora como de um verdadeiro desfructavel, ora como o de um tyranno, rancoroso, só respirando odios e vinganças.

Por satisfazer a minha curiosidade cheguei mesmo a tomar apontamentos sobre a vida desse militar para combater a injustiça com que era apreciado. Esta convicção me viera do seguinte facto; quando moço li algumas paginas do curioso romance *Memorias de um sargento de milicias*, a um ancião meu parente fallecido em 1868.

Este octogenario, testemunha ocular de factos da independencia e tendo conhecido o Vidigal, garantio-me ser elle homem energico, militar disciplinador, respeitavel chefe de familia e de costumes austeros. Não podem, pois, ser admittidos os exageros do romancista.

Da nobreza de caracter de Miguel Vidigal fiquei fazendo excellente idéa, pelo que nos refere Drummond, no volume

XIII, fasciculo 2º. Dissolvida a Constituinte, presos os Andradas e seus amigos, o governo procurava, depois da destruição das officinas do jornal *Tamoyo*, capturar a todo transe Drummond. Este esteve homisiado em casa do capitão mór Rocha, á rua da Ajuda, predio hoje demolido. Depois passou-se até 23 de novembro de 1823, para casa de um pobre velho, servida por uma unica escrava, de onde partio para bordo de um navio inglez em direcção á Bahia.

Refere Drummond: "Fui para bordo acompanhado de um homem de côr, a que acima me referi, bom amigo, cujo nome deixo aqui recommendado á posteridade — Caetano Manoel da Lapa. Quando iamos para a praia de D. Manoel, em busca do bote que me devia levar para o navio inglez, onde eu era esperado naquella noite, passámos pela egreja do Parto, em frente da qual se achava um café ainda com as portas abertas e bem illuminado. Iamos pelo lado do café, quando de repente me encontrei face a face com o coronel Vidigal, commandante da guarda da policia... O coronel, ao ver-me, virou o rosto para o lado opposto, fingindo que me não via, e eu segui o meu caminho bem persuadido que a maxima parte dos brasileiros não approvava as violencias do poder". Bastaria este facto para ante meu espirito estar rehabilitado Vidigal. O resto acaba de realisal-o o Sr. capitão Maciel da Silva.

Com a devida venia do emerito escriptor, lançarei aqui os precitados apontamentos que eu havia colhido com relação ao antigo general do nosso exercito.

Assevera o Sr. capitão Maciel da Silva ter nascido Miguel Nunes Vidigal na antiga Capitania do Rio de Janeiro. Seu pae tinha o mesmo nome e fôra sargento-mór de milicias do reconcavo da referida capitania, dos quaes foi Mestre de Campo Alexandre Alves Duarte de Azevedo. Era fallecido no fim do governo do Marquez de Lavradio, que assim o assegura no relatorio escripto para servir ao successor Luiz de Vasconcellos, em data de 19 de junho de 1779.

Como cadete assentou praça em novembro de 1770, no primeiro regimento denominado o *Velho*. Em dezembro de 1782 passou a alferes para o 20º regimento denominado o *Novo*. Em dezembro de 1784 foi elevado ao posto de tenente do esquadrão de cavallaria da guarda dos Vice-Reis, onde subio a capitão em 20 de outubro de 1790. (Archivo Municipal. Anno de 1894, pag. 481 — Anno de 1895, pag. 528).

Em 1789, foi por ordem de Luiz de Vasconcellos a Minas buscar presos da conspiração Mineira. Conduzio de lá o conego Luiz Vieira, e sargento-mór Luiz Vaz de Toledo Piza e o coronel Domingos de Abreu Vieira (Joaquim Noberto. Conjuração Mineira pag. 289 officio de Vasconcellos ao visconde de Barbacena).

Segundo o almanak de Antonio Duarte Nunes para o anno de 1799 (Revista Inst. Hist. Tomo XXI 1858, Vidigal

passava para o regimento miliciano de cavallaria onde occupava o posto de sargento mór.

Pela carta regia de 24 de junho de 1808 foi promovido a tenente-coronel para o 2º regimento de cavallaria das referidas milicias. Nesse mesmo anno, por decreto de 26 de outubro, foi elevado ao posto de commandante do precitado regimento.

Como nem todos os leitores da *A Noticia* poderão ter o livro do Sr. Alfredo Pretextato Maciel da Silva, resumirei o que elle refere sobre o militar assumpto destas despretenciosas notas.

Em 1821, decreto de 23 de Abril, foi nomeado 2º commandante do corpo da Guarda Real da Policia. Pelo seu procedimento durante os dias 11 para 12 de Janeiro de 1822, em que a divisão portugueza se mostrou hostil aos habitantes desta cidade, foi elogiado pelo Tenente-general Xavier Curado, governador das armas da côrte e provincia.

Em 10 de Março do mesmo anno foi o coronel Vidigal transferido para o exercito de 1ª linha. Por decreto do dito mez e anno teve a graduação de brigadeiro continuando como commandante da Guarda Real da Policia.

Em primeiro de Dezembro de 1822 foi condecorado com o habito de cavalleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro. O governo de então quiz remunerar os importantes serviços prestados aos cooperadores e patriarchas da nossa independencia. Isto é corroborado pelos escriptos do tempo e pelas memorias do Dr. Mello Moraes Pae e Joaquim Manuel de Macedo.

Em 30 de Março de 1824 jurou a Constituição do Imperio. A 12 de Outubro de 1824 foi promovido a brigadeiro effectivo, sendo a 14 do mez de novembro reformado no posto de marechal de campo.

Retirou-se á vida privada, residio nesta cidade onde falleceu a 10 de junho de 1843.

Foi sepultado nas antigas catatumbas da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula.

Conforme leio no relatorio dessa veneravel corporação de 1897 os restos mortaes do marechal Miguel Nunes Vidigal foram transportados, em 1850, para o cemiterio de Catumby, quando por lei houve prohibição para enterramentos dentro da cidade.

Dizem os que o conheceram ter sido Vidigal homem alto, cheio de corpo, com ares de moleirão e de voz adocicada. Rapida transformação nelle se operava quando em conflictos em meio dos quaes deu sempre provas de coragem e agilidade medindo-se com mais afamados capadocios e capoeiras.

Estes em malta, segundo nos refere o Dr. Elysio de Araujo, reunidos nas tabernas das mais baixas ruas ou nos terrenos devolutos exercitavam-se em jogos de agilidade e destreza corporal com immenso gaudio dos embarcadiços e marujos que entre baforadas de fumo impregnadas de alcool gostosamente apreciavam taes divertimentos.

O que eram e praticavam esses desordeiros já o descreveu Mello Moraes Filho, em seus numerosos trabalhos em que á mais stricta observação reune a elegancia de uma linguagem cheia de louçanias.

Não reproduzirei aqui as anecdotas com referencia ao energico commandante da policia. Serviram ellas para deturpar a personalidade desse militar que, entre os muitos serviços prestados, foi o garantidor da ordem publica.

Falla-se nas famosas *ceias de camarão*, porém ellas eram fructos da justiça do tempo — prompta, summaria e energica. Não existia o *habeas corpus*!

Dormia-se, porém, com as gavetas abertas, tal era a tranquillidade dos habitantes.

E a historia deve perdoar ao Vidigal algumas demazias, levando em conta os grandes serviços por elle prestados ao alvorecer da nossa emancipação politica.

Em todo o caso, devemos agradecer ao Sr. capitão Maciel da Silva o ter rehabilitado a memoria de Vidigal, que, de agora em deante, não será o Vidigal *famoso, mais rancoroso que um bicho mau*!

VIEIRA FAZENDA

(D'*A Noticia*).

IMPRENSA

Sob o titulo *Os generaes do Exercito Brasileiro* deu publicidade o capitão do Estado-Maior Alfredo Pretextato Maciel da Silva ao primeiro volume de uma obra em que se propõe a pôr em relevo os traços biographicos dos nossos generaes desde o anno de 1822 época em que por um accidente da nossa evolução historica constituio-se o primeiro nucleo do exercito brasileiro até os nossos dias, que assignalam um periodo de desenvolvimento e prosperidade da classe militar que anceia por se elevar ao nivel superior em harmonia com os seus destinos de mantenedor da paz no continente sul-americano.

"Quem recorda o passado trabalha para o futuro" é a legenda que o illustre official inscreveu muito a proposito na primeira pagina do seu interessante livro. Em verdade recordar o passado, descerrar a cortina do olvido que subtrahe aos nossos olhos as investigações dos factos curiosos que caracterisam, estudar uma época, os meios e os principaes personagens protogonistas dos acontecimentos que nelle se verificarem, é trabalhar com fé e perseverança na locação da estrada do futuro. O autor da publicação alludida sahio-se bem em sua producção na parte propriamente biographica cujos dados, cujos apontamentos que pacientemente colheu são fidedignos, pois foram extrahidos de documentos officiaes referentes a esses militares illustres; mas seria para desejar que

ao lado dos perfis biographicos traçados, *que constitue um trabalho material*, (*) aliás digno de nota, melhor se revelasse o espirito do autor fazendo estudo psychologico mais desenvolvido sobre cada um dos biographados. Assim o seu livro teria uma alma, teria mais vida e por isso mesmo empolgaria mais ainda a attenção do leitor.

Em todo o caso é um trabalho que recommenda o autor, representa um esforço e não pequeno no louvavel intuito de concorrer com um contingente precioso para a nossa historia militar. Foi este certamente o seu intuito, merecendo portanto os applausos dos seus camaradas que deve animal-o a proseguir sem esmorecimento no seu afan de prestar util serviços á Patria, á sua historia.

(Do " *Jornal do Commercio* ")

OS GENERAES DO EXERCITO BRASILEIRO

I write simply the truth of history.

major OLIVER WILSON.

O capitão Alfredo Pretextato Maciel da Siva, do estado-maior, acaba de publicar o 1º volume d'*Os Generaes do Exercito Brasileiro*, obra sobremodo interessante, um escrupuloso preparo ha mais talvez de um decennio.

Em meio ao desanimo litterario actual quando as pennas mais queridas e melhormente exercitadas se entregam, no seio da classe, a uma condemnavel mudez, o publicar-se um livro sobre assumpto technico, a expensas proprias, é certo um commettimento arrojado, digno dos mais sinceros e francos applausos.

(*) O grypho é nosso para chamar a attenção dos competentes sobre si constituirá simples "trabalho material", o pesquisar factos historicos, coordenal-os, estudando-os detidamente, de modo a tornar possivel esboçar o historico da vida dos seus autores, collaboradores ou contemporaneos. E foi o que conseguimos executar em relação a mais de setenta ignorados (!) generaes, dos quaes, já o dissemos, existiam apenas algumas biographias dos que, no regimen passado, desempenharam cargos essencialmente politicos ou o mando supremo das forças brasileiras em circumstancias anormaes.

Quanto ao *estudo psychologico mais desenvolvido, sobre cada um dos biographados*, releve-nos a illustrada redacção ponderar que o julgamos prematuro, pois para tal seria preciso que os dados por nós colhidos já o tivessem sido por outros, cabendo-nos então o importante trabalho intellectual, superior ás nossas forças, de estudal-os e desenvolvel-os; mas, temos dito, nem ao menos os nomes da maior parte desses nossos primeiros directores existiam relacionados nas repartições competentes.

Esperamos, porém, que os subsidios que apresentamos servirão para os mais habeis em breve prazo nos mimosearem com o desejado estudo, estabelecendo, é bem de vêr, o parallelo entre as qualidades politico-militares e mesmo moraes, do elevado numero de cento e noventa e tantos cidadãos brasileiros que durante o extincto Imperio, affirmamos, pertenceram, como generaes effectivos, ao nosso exercito.

(Nota do autor)

Houve um tempo em que a litteratura militar indigena começou a crescer com assombrosa rapidez, só comparavel á rara actividade administrativa então observada: os diarios mais queridos do paiz esforçavam-se por manter selecta e cuidada collaboração profissional; as publicações periodicas enchiam-se de questões technicas das mais interessantes, todas discutidas com amor e sobretudo com competencia; os livros militares succediam-se uns aos outros, ininterruptamente, attestando aos quatro ventos o estado progressista da nossa cultura e do nosso desenvolvimento profissional.

Tudo parecia correr ás mil maravilhas, no mecanismo complicado das cousas da guerra.

Respirava-se puro e são militarismo.

Iniciavam-se trabalhos importantes, ás guarnições e fronteiras; projectavam-se grandiosas e difficeis emprezas bellicas; architectavam se em summa reformas radicaes, no velho systema de commando e de administração; abandodonadas mas importantes fortalezas eram reconstruidas e prestes artilhadas; substituia-se o defeituoso armamento da infantaria; tentava-se cousa analoga com a artilharia e com a cavallaria; estudava-se com ardor a defesa das costas e das fronteiras; abriam-se estradas importantes; construiam-se linhas ferreas e linhas telegraphicas; atacava se pela primeira vez o problema tão importante quanto abandonado da geographia militar; cuidava-se, emfim, da reorganisação da classe, em todas as suas minucias e complicações, banindo de vez passados erros e pessimos systemas de máo administrar.

E essa pasmosa actividade administrativa, nunca dantes observada, fazendo-se logo sentir em todas as guarnições e districtos, levou á tribuna e ao jornal, á revista e ao livro um numero bastante consideravel de capacidades de valor incontestavel, cuja benefica acção se ia fazendo sentir por toda a classe.

A litteratura militar suppõe a organisação profissional correspondente.

O nivel intellectual do exercito subia então a olhos vistos.

Dizia-se até ir receber solução definitiva o nosso decantado problema militar. Mas aquella pasmosa actividade administrativa, que tantos beneficios nos causava, foi gradativamente desapparecendo, graças á nossa fórma original de governamentação, que não permitte estabilidade em cousa alguma; os escriptores militares, longe das regalias que se lhes devia dar, começaram ao contrario a ser ingratamente perseguidos; e as penas mais queridas e melhormente exercitadas foram aos poucos emmudecendo, até perderem de todo a nobillissima faculdade.

Era fogo em palheiro toda aquella actividade litteraria!

Apenas um escriptor, o mais incompetente de quantos possuiamos, fez excepção á debandada, a despeito das muitas ingratidões então duramente experimentadas: foi o autor

das presentes linhas, que, pezar de todos os pezares, jamais abandonou por completo o seu posto de combate.

Mas uma só andorinha não fez nem faz verão. E as cousas militares quasi que voltaram ao estado desesperador de sempre.

Felizmente, porém, passageiro foi o eclipse. Commandante do 4º districto o mais activo e mais novo dos nossos generaes, revela então qualidades de commando tão accentuadas, que é logo levado, com geral agrado, á direcção suprema de sua classe. Cerca-se aqui e ás guarnições de auxiliares dos mais trabalhadores e competentes que possuimos, reapparece prestes a antiga actividade administrativa, e com ella os escriptores profissionaes.

Depois do tenente Parga Rodrigues, com a sua excellente *Esgrima de Espada*, surge o capitão Salles Brasil com interessantes *Instrucções para o combate*, o major Herculano de Araujo, com duas bellas monographias sobre o serviço de sua arma em campanha, por fim o capitão Pretextato Maciel, com o primeiro volume d'*Os Generaes do Exercito Brasileiro*.

Sei perfeitamente que se não trata, neste ultimo caso, de um escriptor novel, que ora faça sua estréa no dominio das lettras, si não de uma penna muito trabalhada, affeita a penosas indagações historicas, e, como tal, reconhecida e apreciada em as nossas mais importantes guarnições.

Mas, si o escriptor era conhecido, não o era a sua obra, attrahente pelo assumpto, grandiosa pelo valimento, notavel, emfim, pela originalidade.

Essa é filha dilecta do actual renascimento das nossas cousas militares.

Não é de facto um livro de historia, na accepção scientifica do vocabulo, onde o homem de sciencia appareça de braço com o philosopho, apontando defeitos e virtudes para tirar conclusões e ensinamentos. Perderia o livro grande parte de sua originalidade, quasi mesmo o seu caracter technico si o autor se abalançasse a tanto: porque seria fatalmente levado a abandonar as cousas delicadas da profissão pelos assumptos ingratos da politica, do que Deus nos livre e guarde para todo o sempre. Mas é um livro notabilissimo de indagação e de pesquiza, de esforço intellectual e pratico, porventura superior ás forças de um unico homem.

Como o celebre historiador americano do *Grand Army of the Republic*, o major Oliver Wilson, que "escreveu simplesmente a verdade historica"; inspirado certamente nos mesmos e alevantados sentimentos, o capitão brasileiro invadiu secretarias, gabinetes, bibliothecas e archivos; folheou escrupulosamente, ás horas vagas, livros e registros de cartas-régias, decretos, patentes, officios, ordens do dia e uma infinidade de documentos originaes, atirados inconscientemente aos cantos escusos dos archivos e ao pó devastador das repartições, conseguindo por fim, após tamanho esforço, organisar uma longa relação, por ordem alphabetica, dos setenta

e tantos generaes que serviram ao Brasil durante o primeiro reinado.

Pois bem: são traços biographicos dessa quasi centena de bravos servidores da patria, muitos nacidos no Reino, e quasi todos criminosamente desconhecidos por nós outros, que se encontram, em estylo suave, sem pretenções de especie alguma, neste primeiro volume, que é digno de cuidadosa leitura, porque é pleno de feitos militares e de são patriotismo.

Ha muito que me não é dado ler em vernaculo livro tão interessante: porque me ensinou, em algumas horas apenas, capitulos interessantissimos e para mim quasi desconhecidos da nossa historia militar.

O leitor que o adquira e que o leia, porque adquire e lê uma obra notavel, que deve ser largamente recompensada pelos poderes competentes.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

LIBERATO BITTENCOURT

(D'A Tribuna).

LITTERATURA MILITAR

— "Quem recorda o passado, trabalha para o futuro".— Foi com esta legenda, de resto consubstanciando uma enormissima verdade, que o Sr. Alfredo Pretextato Maciel da Silva, capitão do estado-maior do exercito, abriu o seu valiosissimo volume *Os generaes do exercito brasileiro.*

Um tão formidavel conceito explica o fim do illustre escriptor militar: incutir nos seus camaradas o espirito de civismo com o exemplo desse passado brilhante das nossas forças armadas, com o reavivamento de feitos patrioticos e o relevo de personagens que nos grandes acontecimentos patrios figuram na nossa historia como filhos dilectos desta nação sempre ciosa da sua liberdade e do seu progresso.

O Sr. capitão Pretextato Silva iniciou com galhardia de verdade historica uma obra de real valor; este primeiro volume, que vae de 1822 a 1889, isto é, sessenta e nove annos de honrosa acção militar, é um bello trecho da historia do nosso exercito, porque a par da tarefa biographica, ha tambem a investigação historica, ha o registro dos factos, ha o estudo do meio, a observação das épocas, compensando a escassez da psychologia.

Todavia, não se póde ter essa exigencia, porque o illustre official declara ter-se limitado a biographar, e o seu livro vae mais longe, chega mesmo a constituir um poderoso concurso para a historia militar brasileira.

O volume é iniciado com vultos militares de uma época em que se constituiu o nucleo do nosso exercito, e até 1889 todo esse longo periodo militar está assignalado no seu desenvolvimento pelo realce de nomes que o engrandeceram e que vêm desde Eloy Portelly, Lecôr e Caldeira Brant até o conde do Rio Pardo. Neste livro, de incontestavel valor, a briosa classe militar encontra incentivo para o seu desenvolvimento e prosperidade, para se elevar ao nivel dos seus destinos, que são grandes como o seu passado, como a sua missão no futuro, como o seu papel na obra de paz e de progresso no continente sul-americano.

Num paiz onde a litteratura militar tem tão poucos espiritos a ella dedicados, embora os que existam sejam de um merito elevado na comprovação do talento, o volume do capitão Pretextato Silva é um trabalho de real valor, empolga a attenção de uma numerosa classe, constitue um elemento poderoso para a historia do exercito brasileiro, um pouco falha de subsidios desta natureza.

Agradecemos ao illustre escriptor militar a offerta da um exemplar de sua valiosa obra, que, além do merito historico, encerra um incentivo para a continuidade da acção patriotica do nosso exercito, tão notavel desde 1822, com a sua verdadeira constituição tão accentuadamente nacional.

(Do *Diario Popular* de São Paulo).

HISTORIA MILITAR

Pretextato Maciel da Silva, capitão do Estado-Maior do Exercito, acaba de entregar ás mãos do povo e, especialmente ás mãos dos militares activos, reformados e honorarios do Exercito, um livro de real merecimento para quem estuda.

"Os Generaes do Exercito Brasileiro — *de 1822 á 1889*" — eis o titulo do livro, dividido em tres volumes de trezentas e tantas paginas cada um, artisticamente composto e impresso pela casa M. Orosco & C.

Encima as suas paginas a expressiva legenda — "Quem recorda o passado, trabalha para o futuro".

E' uma verdade, é absolutamente uma verdade essa asserção.

O passado, nas suas paginas eloquentes e sinceras, encerra a lição do futuro; nellas a mocidade bebe ensinamentos para destruir os grilhões da escravidão do meio e se guiar rompendo os nevoeiros do presente, em demanda da estrella do porvir.

Na historia de todos os povos, vêm-se, mais de uma vez, os directores sociaes evocando a vida do passado, em prol do futuro e disto usufruirem o maior proveito possivel.

E, quando se trata da historia guerreira dos homens, é maior, é excessivamente maior a fonte exhuberante do passado.

Augusto Comte estabelece como principio :—"*Les vivants, sont toujours et de plus en plus, gouvernés par les morts*", phrase sublime de sabedoria, onde os adeptos de sua escola se tornam invenciveis nas soluções logicas e precisas dos problemas sociologicos.

O livro que ora apparece, é de real merito quer sob o ponto de vista scientifico, quer sob o ponto de vista praticamente util.

Scientifico, dissemos, porque si a Historia é sciencia, ali a temos, com todos os seus pormenores, obedecidas ás suas leis, completas e immutaveis, sob cuja acção a sociedade evolue; e, de real merito, porquanto a nova scena apparecida em seu palco, era inexplorada até então, a não ser, exparsamente, sem ordem, sem um processo didactico, perdida no cahos horrivel em que se barafustciam todos os nossos feitos, de qualquer natureza que sejam.

Sob o ponto de vista pratico, diremos ainda, é de real merito, porquanto para a mocidade militar brasileira, para a mocidade que estuda, que até então bebia luzes nas paginas das historias de outros povos, principalmente na de França, póde, com proveito, de hoje em diante, se inspirar, na vida guerreira dos nossos, que tão sabiamente souberam applicar, nos inhospitos campos paraguayos, a tactica e a estrategia que nos convinha e nos convirá sempre, visto serem estes elementos da guerra, variaveis com as condições orographicas do paiz onde se age.

"Os Generas do Exercito Brasileiro" é trabalho que demonstra o esforço titanico de seu autor, pois, como o dissemos, é difficil, é difficilimo, organizar-se a historia de um povo. Representa um esforço extraordinario este livro, pois ao capitão Pretextato, mais de uma vez, se haveriam de seccar as fontes de informações, e elle, pacientemente, deveria ter esperado novos elementos para sua obra como os assolados pelas seccas, nos paizas estereis, esperam pelas aguas vivificadoras.

A lucta foi titanica, mas a victoria foi certa, e, a prova, ahi está o livro, encerrando em suas paginas a legenda homerica de nossos homens de guerra.

Vamos lêl-o detidamente, e sobre o que elle guarda, hemos de algo dizer, em época opportuna.

Por hora, seja isto que ahi fica uma exhortação ao esforço do nobre militar.

Nabuco do Valz (*Autran Dourado*).

(Do *Diario de Noticias*).

*
* *

Aos eminentes chefes; aos distinctos autores dos artigos retro-transcriptos; aos amigos e camaradas que nos dirigiram palavras elogiosas, verbalmente e por escripto; aos que materialmente tem concorrido para a publicação deste modesto trabalho :

A todos, penhoradissimo, se confessa para sempre grato e reconhecido o

AUTOR.

Rio, 30 de Junho de 1907.

Alexandre Manoel Albino de Carvalho

Filho de Manoel Albino Rodrigo de Carvalho e natural de São Pedro do Rio Grande do Sul, onde vio a luz no decorrer do anno de 1812, Alexandre Manoel Albino de Carvalho, assentou praça voluntariamente no corpo de artilharia montada a 4 de janeiro de 1826, sendo dias depois reconhecido cadete de 1ª classe.

Por decreto de 12 de outubro de 1828 foi elevado ao posto de 2º tenente e por outro de 12 de janeiro de 1830, ao de 1º tenente, contando antiguidade de outubro do anno anterior.

Tendo frequentado com aproveitamento o curso mathematico da academia militar desta capital, por despacho de 30 de maio de 1835, foi transferido no mesmo posto para o corpo de engenheiros, passando logo depois a servir no Archivo Militar, sendo por portaria de 21 de março de 1837, encarregado do archivo desta repartição.

Por decreto de 13 de setembro do mesmo anno foi promovido a capitão de engenheiros.

Por ordem do Governo foi mandado servir na provincia de Santa Catharina desempenhando ahi diversas commissões, sobresahindo entre ellas a de um reconhecimento entre os municipios de Lages e os do norte da provincia do Rio Grande do Sul, por occasião da invasão dos revolucionarios desta ultima provincia, «commissões que foram cabalmente desempenhadas e com proveito do serviço publico».

Exerceu tambem o cargo de deputado do quartel-mestre-general, da columna expedida de Santa Catharina para o Rio Grande do Sul, servindo tambem de engenheiro da mesma columna «no que foi muito prestavel assim

como em todas as outras commissões que desempenhou satisfactoriamente».

O presidente da provincia de Santa Catharina em o seu officio de 18 de julho de 1839, informou ao governo «que o achava dotado de muita capacidade, mostrando constante zêlo pelo serviço e promptissimo desempenho de tudo quanto se lhe incumbe».

Neste mesmo anno recolheu-se a côrte recebendo louvores do presidente da commissão encarregada da organisação do diccionario topographico de que fazia parte, «pelo zêlo, intelligencia e assiduidade com que se houve no desempenho dos trabalhos que lhe foram destribuidos»; e por aviso de 4 de dezembro ainda do dito anno reverteu ao seu logar de archivista do Archivo Militar ficando tambem encarregado da direcção da officina lytographica da mesma repartição.

Por decreto de 7 de setembro de 1842 foi-lhe concedida a graduação de major, com antiguidade de 18 de julho do anno anterior, e ao deixar os cargos que exercera no Archivo Militar, foi louvado «pela intelligencia e dedicação com que os desempenhou».

Por aviso de 14 de dovembro de 1843 foi posto a disposição do marechal de campo Barão de Caxias, commandante em chefe das forças imperialistas, que operavam contra os revolucionarios do Rio Grande do Sul, e ahi chegando, foi empregado como engenheiro, exercendo ao mesmo tempo o cargo de deputado do quartel-mestre-general, tudo no exercito em campanha, desempenhando-se dessas commissões «com honra, intelligencia e actividade», sendo por decreto de 25 de março de 1844 nomeado cavalleiro da ordem da Rosa da qual obteve o officialato por outro decreto de 2 de dezembro do seguinte anno de 1845.

Por despacho de 14 de fevereiro de 1846, declarou-lhe o Conde de Caxias «ter desempenhado os empregos de deputado do quartel-mestre-general, e de engenheiro militar e civil da provincia do Rio Grande do Sul, com muita honra, intelligencia e actividade, desempenhando muito a seu contento todas as commissões de que o incumbira, tanto durante a guerra como depois da sua

terminação, merecendo-lhe por isso e pela sua excellente conducta civil e militar, o melhor conceito possivel. Nesse mesmo anno regressou o major Albino de Carvalho á côrte do Imperio revertendo a seu emprego no Archivo Militar, conforme se vê do aviso de 28 de julho do dito anno.

Por contar mais de vinte annos de bons serviços, sem notas que desabonassem a sua conducta civil e militar, por decreto de 28 de junho de 1847 foi-lhe concedida a venéra de cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz e por outro de 7 de setembro do mesmo anno foi promovido a effectividade do posto de major.

Creada a commissão de engenheiros da côrte do Rio de Janeiro, por aviso de 3 de janeiro de 1851 foi nomeado membro da mesma commissão que teve de abandonar por ter sido, por outro aviso de 16 de junho, mandado apresentar ao Conde de Caxias com o qual seguiu para a provincia do Rio Grande do Sul, á 20 do mesmo mez e anno. Assumindo o referido Conde o commando em chefe do exercito do sul, em a sua ordem do dia de 1 de julho, o designou para exercer o cargo de deputado do quartel-mestre-general cumulativamente com o de encarregado do expediente da mesma repartição.

Por decreto de 2 de dezembro ainda de 1851 foi transferido para o corpo de estado-maior de 1ª classe e pela ordem do dia do commando em chefe de 1º do dito mez foi nomeado quartel-mestre-general do mesmo exercito.

No anno seguinte, por decreto de 19 de junho foi promovido a tenente-coronel por antiguidade e, dispensado do alludido cargo, pela ordem do dia de 26 desse mez, se lhe mandou agradecer «a valiosa e leal coadjuvação que nelle prestou ao general em chefe» com o qual regressou á côrte, onde ao chegar foi destinguido pelo governo imperial com o diploma de commendador da ordem da Rosa, conforme se vê do decreto de 29 de julho ainda do 1852.

Com a respectiva permissão passou a exercer a 2 de março de 1853 o cargo de administrador da «Casa de Correcção», do qual pedio e obteve dispensa a 11, sendo por aviso do ministerio da guerra de 13 de abril do mesmo

anno, posto á disposição da presidencia da provincia do Rio de Janeiro que o nomeou director da «Imperial Colonia de Petropolis», de cujo cargo foi exonerado a 23 de abril de 1855.

Apresentando-se ao ministerio da guerra ahi recebeu a portaria de 7 de dezembro do mesmo anno que lhe deu a posse do cargo de director do arsenal de guerra da provincia de Pernambuco, onde recebeu o decreto de 2 de dezembro de 1856 que o promoveu a coronel, por merecimento.

Exonerado deste ultimo cargo, em aviso de 3 de fevereiro de 1857, foi determinado á presidencia de Pernambuco que o mandasse louvar «pelos bons serviços que prestára no logar de director do arsenal daquella provincia».

Recolhendo-se a côrte por outro aviso de 16 de março do mesmo anno, passou o coronel Albino de Carvalho a exercer o cargo de director do arsenal de guerra desta capital.

A' 2 de setembro de 1859 apresentou carta de bacharel em mathematica e sciencias physicas,conferida pela extincta «Escola Central».

Por aviso de 1 de outubro de 1860 foi nomeado membro da commissão encarregada dos trabalhos da reorganisação dos arsenaes de guerra, armazens de artigos bellicos, conselhos administrativos e pagadorias; sendo por outro aviso de 2 de março do anno seguinte louvado «pelo zêlo e interesse com que se houve na confecção desse importante trabalho».

Por decreto de 24 de janeiro de 1863 foi nomeado chefe do estado-maior do commando superior da guarda nacional da côrte, do qual foi exonerado por despacho de 12 de outubro do mesmo anno, sendo elogiado pelo modo porque exerceu o referido cargo.

Por carta imperial de 21 de maio ainda de 1863 foi nomeado presidente da provincia de Matto-Grosso para onde seguio, tomando posse desse cargo á 15 de julho do mesmo anno ; e por decreto de 2 de março de 1864 foi promovido a brigadeiro.

Foi durante a administração do brigadeiro Albino de Carvalho que o dictador do Paraguay, Solano Lopes mandou invadir pelas suas tropas a desguarnecida provincia de Matto-Grosso.

A respeito desse facto cumpre-nos relembrar aqui o seguinte:

O general Albino de Carvalho desde março de 1864 instava por doente pela sua demissão do cargo de presidente, e o seu successor coronel Carneiro de Campos, como sabemos, achando-se de viagem a bordo do paquete—Marquez de Olinda—foi considerado prisioneiro de guerra pelo mencionado dictador, quando em 12 de novembro desse anno resolveu a captura do mesmo paquete, *como bôa presa de guerra*. De modo que tendo sido lavrada a sua demissão, conforme pedira em despacho de 1º de junho de 1864, á vista das circumstancias excepcionaes em que se achava a provincia, teve de conservar-se no cargo e de fazer das fraquezas forças para enfrentar-se com o exercito invasor. E como o poude fazer?

Documentos existem em que se evidencía haver o brigadeiro Albino de Carvalho reclamado em todos os tempos da sua administração do governo da côrte do Rio de Janeiro, o augmento do estado effectivo das forças militares da provincia e bem assim todas as providencias necessarias ao bom desempenho de suas altas funcções, visando especialmente uma agressão por parte do governo do Paraguay.

Sabe-se que no mez seguinte ao do aprisionamento do «Marquez de Olinda» partiu de Assumpção uma expedição militar com mais de 3.000 homens de infanteria e duas baterias de artilheria de campanha. Embarcaram essas forças (24 de dezembro) nos vapores de guerra *Tacuary*, *Paraguary*, *Igurey*, *Marquez de Olinda* e *Iporã* que levavam á reboque tres escunas e duas *chatas* armadas cada uma dellas com uma peça de calibre 68 e outra de 80, conseguindo dois dias depois, navegando dia e noite fundear durante a noite de 26 para 27, a uma legua áquem do forte de Nova Coimbra.

Commandava a expedição paraguaya o coronel Vicente Barrios que a teve augmentada ao passar por *Con-*

cepcion com mais 1.000 homens de desembarque, computando-se em mais de 50 o numero de canhões de toda a esquadrilha, que o dictador Solano Lopes fez seguir por terra, por uma columna de cavallaria forte de 5.000 homens e seis peças de campanha, sob o mando do coronel Resquin.

Atacado pela manhã de 27 o forte de Coimbra assumia o commando da defeza o tenente-coronel de artilheria Hermenegildo de Albuquerque Porto Carreiro, que ahi se achava nessa occasião, no exercicio das suas funcções de commandante da respectiva fronteira.

O modo porque se conduziu o alludido tenente-coronel durante os dois dias em que resistiu heroicamente ao inimigo, tão superior em forças, o relataremos opportunamente ao tratarmos da sua individualidade, pois conseguiu, si bem que tardiamente, entrar para o quadro do estado-maior general do nosso exercito, sendo ainda, annos depois, condecorado com o significativo titulo de barão do Forte Coimbra.

De posse deste forte assaltaram os paraguayos a povoação de Corumbá, de que ficaram de posse no dia 2 de janeiro do anno seguinte, e bem assim apresaram a nossa canhoneira *Anhambay*, na entrada do rio S. Lourenço, onde foi alcançada pelos quatro vapores que a perseguiram em sua derrota para Cuyabá. Conseguiram tambem apoderarem-se da colonia de Dourados, de Miranda e Nioac, cujas reduzidas guarnições foram obrigadas a ceder, em vista da superioridade numerica dos inimigos.

A noticia da occupação do forte de Coimbra pelas forças de Solano Lopes chegou á Cuyabá, ao anoitecer do dia 6 de janeiro, e, como era de esperar, desenvolveu o brigadeiro Albino de Carvalho a maior actividade, conseguindo pôr em armas quasi toda a população da capital, onde fez distribuir a seguinte e patriotica proclamação:

«Matto-Grossenses ! A injustificavel ameaça do governo da Republica do Paraguay feita ao Imperio, em sua nota de 30 de agosto do anno passado, está consummada. Em 27 de dezembro findo uma expedição paraguaya, composta de numerosos navios á vapor e á vela com cerca de 5.000 homens, accommetteu o forte de Nova Coimbra

e intimou ao commandante, tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto-Carreiro, a sua entrega dentro do prazo de uma hora, sob pena de romper o fogo para conseguil-o á viva força, ficando em tal caso a guarnição sujeita á sorte das armas.

«Contra tão desleal aggressão protestaram energicamente a guarnição do forte de Nova-Coimbra e a do vapor *Anhambay*, seu auxiliar, compostas de menos de 200 bravos.

«Esse protesto ficará na historia, escripto pelas armas imperiaes, tintas no sangue de centenares dos aggressores que foram mortos ou mutilados durante dois dias de renhido combate.

«Foi um protesto solemne e glorioso!

«Matto-Grossenses! A's armas! e, com ellas em punho rivalisai com os valentes soldados de Nova Coimbra, e com os intrepidos marinheiros do *Anhambay*.

«Viva o Imperador.

«Viva a integridade do Imperio.

«Palacio do governo da provincia de Matto-Grosso na cidade de Cuyabá, 9 de janeiro de 1865.—O presidente da provincia, *Alexandre Manoel Albino de Carvalho*».

Fez aquartelar o 1º batalhão da guarda nacional, e logo depois improvisou-se um corpo de voluntarios cuyabanos, ao qual distribuiu o necessario armamento conseguindo tambem pôr em armas o 2º, 3º e 4º batalhões da referida milicia da qual nomeou seu commandante superior o chefe de esquadra reformado, Augusto Leverger que no dia 20 seguiu á frente de tropas para o Melgaço, importante ponto estrategico que passou a fortificar.

Desistindo o inimigo de sua incursão até a capital da provincia, retirou-se a 14 de março do Melgaço o referido chefe de esquadra, deixando porém esse ponto guarnecido por um contigente de 520 homens.

No mez de julho contava o brigadeiro Albino de Carvalho com mais de 4.000 homens em armas entre forças do exercito e da guarda nacional. Os paraguayos que do rio de S. Lourenço para o sul dominavam todos os campos saquearam e tudo destruiram durante a sua permanencia

nessa infeliz parte do nosso territorio, e quando se retiraram conduziram 61 peças de artilheria, e mais de 1.400 pessôas entre homens, mulheres e creanças, como prisioneiros de guerra.

Por ter abandonado sem a menor resistencia a povoação de Corumbá suspendeu o brigadeiro Albino de Carvalho, a 4 de março, ao valetudinario coronel Carlos Augusto de Oliveira, do cargo de commandante das armas da provincia e nomeou para substituil-o interinamente o tenente-coronel Carlos de Moraes Camisão a quem foi confiado o commando das forças que guarneciam o Melgaço donde se havia retirado, como vimos, o chefe de esquadra Leverger.

A' 13 do mez seguinte chegando as suas mãos o primeiro recurso pecuniario que lhe fôra remettido da côrte do Rio de Janeiro, determinou a creação de um corpo de voluntarios da patria, de accordo com o decreto n. 3.371 de 7 de Janeiro de 1865, e a 17 desse mesmo mez de abril, fez publicar a seguinte proclamação :

«Matto-Grossenses!—Chamei-vos ás armas em janeiro em consequencia da invasão paraguaya pela nossa fronteira do sul. Ao meu reclamo correstes pressurosos e dentro de poucos dias armaram-se e aquartelaram-se nesta capital os batalhões da guarda nacional ns. 1, 2 e 3, e ultimamente o n. 4, em Poconé o n. 5, e em Villa Maria o n. 6, e assim esperámos o inimigo que constava levar o arrojo ao ponto de pretender atacar esta capital.

«Fosse pela nossa resolução e attitude ou pelos movimentos do exercito imperial nas fronteiras do sul do Imperio, a invasão parou nas cercanias do rio S. Lourenço, mas por isso não deixa de ser immensamente affrontosa !

«Em todo o Imperio se organisam corpos especiaes de voluntarios para comporem com o exercito e armada forças capazes de esmagar o inimigo que nos accommetteu, e n'esse nobre empenho é mister que tomeis o logar de honra que vos compete em semelhante luta. Em observancia do decreto de 7 e do aviso de 10 de janeiro ultimo, resolvi por acto de hoje crear n'esta provincia um corpo de *Voluntarios da Patria*, sob as condições e vantagens

ahi estipuladas, o qual terá começo desde já pela fórma designada na dita resolução.

«O Brasil todo espera e eu conto com o vosso concurso para a formação dessa nova milicia será tão brilhante como é enthusiastico o vosso patriotismo.

«Eia, pois, Matto-Grossenses! Correi ao chamado do governo e bradae com decisão:—Viva o Imperador! Viva a integridade do Imperio! — (assignado) — *Alexandre Manoel Albino de Carvalho*».

Sciente o brigadeiro Albino de Carvalho por communicação que lhe fora entregue á 22 de maio que o inimigo se havia acampado no Tacuary e receando que por via terrestre emprehendesse um ataque á capital, tratou de mobilizar toda a força de linha e da guarda-nacional ahi existente, em numero de 2.400 homens, com os quaes organisou duas brigadas de cujo commando encarregou o tenente-coronel Moraes Camisão, que foi acampar a cinco leguas ao sul de Cuyabá no logar denominado Aricá.

Do serviço de guarnição da capital foram encarregados os guardas nacionaes da reserva, com cerca de 1.000 homens dos quaes 500 occuparam Villa Maria e Poconé e mais de 100 a cidade de Matto-Grosso.

Em seu officio n. 60 de 17 de junho declarava ao governo nenhuma noticia ter a respeito de seu successor, nem de forças que porventura tivessem sido mandadas em soccorro da provincia, e nem tampouco haver recebido até então instrucções do mesmo governo posteriormente á data em que lhe fôra remettido o já alludido recurso pecuniario que por diminuto já havia sido esgotado.

Dois dias depois mandou occupar o Coxim pelo corpo de artilheria da provincia, ordenando em seguida as forças de infanteria e de cavallaria de Goyaz que se lhes apresentaram nessa occasião, que fossem acampar tambem n'aquelle ponto. Foram estes os primeiros recursos materiaes que deram entrada em Matto-Grosso depois de decorridos seis longos mezes de occupação de parte de seu territorio pelas forças do dictador Solano Lopes.

Tendo recebido a seis de agosto o teor do decreto de sua exoneração datado de 1º de junho de 1864 remettido com o aviso de 24 de janeiro de 1865, resolveu o brigadeiro

Albino de Carvalho passar a administração da provincia ao seu substituto legal o chefe de esquadra Augusto Leverger, como o fez no dia 9, recolhendo-se a côrte do imperio, deixando assim tambem o exercicio de membro da junta de justiça militar creada nessa provincia para que fôra nomeado por despacho de 14 do mez anterior.

Ao brigadeiro Albino de Carvalho pretenderam os membros do governo Imperial responsabilizar pelos tristes successos que se deram na provincia de Matto-Grosso durante o ultimo periodo de sua administração e como já tivemos occasião de citar, são em grande numero os documentos que attestam o contrario sobresahindo entre elles o extenso relatorio com que passou a presidencia da alludida provincia ao seu substituto, onde tratando da invasão paraguaya assim se expressou :... «Isto quer dizer que a provincia estava desarmada ou indefeza, sendo certo que esse estado de cousas e suas consequencias não podem attribuir-se á falta de previsão e energia do governo local, porque muitos actos officiaes, archivados na secretaria da presidencia, e de mais de uma administração, provam o contrario. Limito-me, pois a citar em meu abono dois unicos:—o officio reservado que dirigi ao ministerio da marinha sob o n. 1 em 23 de setembro de 1863 e o que enderecei ao ministro da guerra, ostensivamente, sob o n. 162 datado em 14 de agosto de 1864...».

A' 28 de dezembro de 1865 apresentou-se na côrte o brigadeiro Albino de Carvalho, sendo no mez e anno seguinte designado para servir ás ordens do tenente-general Barão de Porto Alegre, que se achava nas fronteiras do Rio Grande do Sul organisando o 2º corpo de exercito.

Ahi se apresentando, por determinação do commando em chefe, a 23 de fevereiro passou a exercer o cargo de commandante geral de artilheria no alludido corpo de exercito.

Por decreto imperial de 23 de março de 1866 foi-lhe concedida a commenda da ordem militar de São Bento de Aviz—cujo diploma recebeu no territorio argentino de Corrientes, para onde se havia transportado o corpo de exercito a que pertencia e achava-se então acampado em *S. Thomaz*.

De São Thomaz seguio sua marcha com destino ao

territorio Paraguayo, o mesmo corpo de exercito que estacionou durante o mez de junho em *S. Borgito* de onde, proseguindo pela margem esquerda do Paraná, o transpoz no fim do mez de julho, acampando á 29 junto ás ruinas do forte do Itapirú ; ahi se conservou durante todo o seguinte mez de agosto, até que á 2 de setembro teve ordem de embarcar nos varios navios da esquadra, ao mando do almirante Tamandaré, desembarcando na tarde deste ultimo dia na margem esquerda do rio Paraguay com o fim de tomar de assalto o forte de Curuzú, o que realizou no dia seguinte.

Nesse assalto, ao brigadeiro Albino de Carvalho coube o commando da columna de infanteria que levou o ataque pela esquerda do inimigo, que apoiava-se sobre uma lagôa, conduzindo os seus commandados pelo modo porque o descreveu na sua parte de combate, donde extrahimos os seguintes paragraphos :

«A's seis horas da manhã recebi ordem de avançar sobre a esquerda da linha inimiga, tendo-se-me apresentado para guia da marcha o tenente-coronel Astrogildo Pereira da Costa.

«Cumpri immediatamente esta ordem, fazendo avançar a primeira brigada em linha, e a quarta na retaguarda desta, em columnas parallelas á quarta distancia.

«A marcha teve logar primeiramente, debaixo de vivissimo fogo da artilheria inimiga, e logo que chegámos ao alcance da fusilaria, começou-se a experimentar o fogo desta.

«Assim que avistamos a trincheira inimiga, o que teve logar a muito pequena distancia della, rompeu o fogo da nossa primeira linha, composta, como fica dito, da primeira brigada, e continuou até chegar á borda do fosso. Então os corpos 29º e 47º precipitaram-se para galgar a trincheira, o que chegámos a conseguir com grande difficuldade, em consequencia da immensa largura e profundidade do dito fosso; entretanto, o corpo 34º, guiado brilhantemente pelo valente tenente-coronel Astrogildo Pereira da Costa, dirigindo-se para a extrema esquerda do inimigo, e aproveitando-se da terminação do fosso, distinguiu uma cerca, que servia de resto de fecho da linha

inimiga, torneou o extremo da trincheira, e, galhardamente, envolveu o flanco esquerdo do inimigo, que foi d'ahi em vante levado á bayoneta por tal modo, que no fim de hora e meia de combate, contavamos a victoria».

Ao que additamos o que sobre o mesmo ataque se contem na pag. 230 do 2º volume das «Memorias» do coronel paraguayo, Juan Crisóstonio Centurion :

«Uno de los batallones de la columna del general Albino (34º) fué el que metiéndose en la laguna en que se apoyaba nuesta izquierda, con el agua más arriba de la cintura, consiguió flanquear essa parte. Nuestra gente viéndose así repentinamente atacada por el flanco y por la retaguardia, se vió obligada á retirarse. El batallón 10 que hasta entonces no había entrado en fuego, sorprendido por aquel inesperado movimiento, huyó á la desbandada.

«Pero apesar de esta vergonzosa defección, las trincheras fueron ocupadas por los brasileros en medio de la más horrorosa carniceria, porque el resto de la guarnición continuó combatiendo con tenaz resistencia hasta que abrumada por el número, se vió también compelido á efectuar la retirada dejando en poder del enemigo toda la artilleria».

O commandante em chefe, Barão de Porto-Alegre tendo presenciado o comportamento do brigadeiro Albino de Carvalho, em a sua ordem do dia n. 87 de 14 de setembro de 1866, assim se expressou :

«Faltaria a um dever, se deixasse de fazer aqui especial menção do comportamento digno do brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho, que, collocando-se á testa da columna de infanteria, que levou o ataque ao flanco esquerdo do intrincheiramento inimigo, executou esse movimento com precisão, efficacia, e inalteravel sangue frio, correspondendo assim á justa confiança que sempre me mereceu».

Resolvido o ataque das memoraveis fortificações de *Curupayti*, depois da celebre entrevista realizada no passo de *Yataity Corá*, no dia 12 de setembro de 1866, entre o commandante em chefe dos exercitos alliados, *D. Bartolomé Mitre*, e o dictador Solano Lopes, foi levada a effeito essa desastrada operação de guerra á 22 do referido mez

e anno, sob as immediatas ordens do mencionado commandante em chefe, *D. Bartolomé Mitre*.

Ao brigadeiro Albino de Carvalho se offereceu mais uma vez o ensejo de se cobrir de gloria á frente da ala direita da infanteria do 2º corpo de exercito, conforme se vê dos seguintes periodos de sua parte de combate firmada no dia seguinte :

«Em observancia das ordens que me foram dadas, marchei ás 7 1/2 horas da manhã d'este acampamento de Curuzú com as tres brigadas sob meu commando, que são a 1ª, 4ª e auxiliar, das quaes são chefes os tenentes-coroneis Alexandre Freire Maia Bittencourt, Agostinho Maria Piquet e Antonio da Silva Paranhos, e occupei a posição expectante que me foi indicada, junto e áquem do capão que demora ao nordeste deste acampamento.

«Neste ponto, em que permaneci durante a maior parte do tempo que durou o bombardeio da nossa esquadra e aquelle com que o inimigo nos contrariava, tivemos já fóra de combate varias praças.

«D'alli mesmo, e em virtude de ordem que recebi mandei que avançassem em protecção da nossa trincheira da vanguarda, que soffria vivissimo fogo do inimigo, os batalhões 20º e 46º de Voluntarios.

«Pouco depois de meio dia e tambem em virtude de ordem recebida, passei a occupar nova posição proximo á referida nossa trincheira.

«Poucos minutos depois. e em observancia de novas ordens, mandei avançar sobre o centro da fortificação inimiga, determinando que os corpos seguissem debaixo das formaturas exigidas pelos variados accidentes do terreno.

«Esta marcha teve logar debaixo de um vivo e extraordinario fogo da artilheria inimiga, que nos ceifou muita gente.

«Vencido um espaço não menor de 300 braças, achamo-nos á borda do primeiro fosso e trincheira do inimigo, onde seus fogos disparados da linha geral de fortificação, augmentaram prodigiosamente, aproveitando-se então o mesmo inimigo da desvantagem em que nos achavamos, quer pela altura do nivel da dita primeira trin-

cheira, quer pelo tempo que os nossos soldados tiveram de empregar para vencer esse obstaculo.

«Depois de grande esforço, conseguimos transpor a trincheira em questão ; e o nosso ataque teve de pender para a extrema direita do inimigo. O combate tornou-se então de tal modo mortifero, que depois de porfiada lucta, sem conseguimento de vantagem correspondente, tive ordem para reunir as forças sob meu commando e com ellas retirar-me para este acampamento, o que fiz, chegando aqui pelas 5 horas da tarde, havendo recolhido até então os feridos ao alcance da acção de minha ala.

«Tivemos fóra do combate 768 praças, inclusive officiaes; sendo mortos 70, feridos 561, contuzos 74 e extraviados 63.

«N'este memoravel combate, tão cheio de peripecias deram-se actos de valor que fariam honra ao exercito mais aguerrido».

São da ordem do dia n. 88, de 10 de outubro de 1866 do commando em chefe do 2º corpo de exercito, as seguintes palavras :

«O brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho que á testa da columna sob seu commando, atacou o centro de entrincheiramento de Curupayti, confirmou a reputação de bravo que, com justiça, adquiriu no ataque do dia 3 de setembro ultimo sobre as trincheiras de Curuzú».

A' 29 do mesmo mez de setembro passou a commandar a 1ª divisão de infanteria visto ter cessado o commando geral de artilheria e de cujo commando foi dispensado a 24, por ter a 20 tudo de novembro obtido do commando em chefe, Marquez de Caxias, tres mezes de licença para tratar de sua saude no Rio de Janeiro, finda a qual obteve prorogação.

Achando-se nesta capital, por decreto de 4 de março de 1867, recebeu a dignitaria da imperial ordem da Rosa e, regressando ao Paraguay, pela ordem do dia n. 101 de 13 de julho, do commando em chefe do exercito em operações, foi nomeado commandante da 5ª divisão de interia.

Como sabemos era por meio de comboios convenientemente escoltados que o grosso dos exercitos alliados re-

cebia em sua posição no *Tuyucué* o necessario abastecimento, enviado da nossa base de operações em *Tuyuty*, pelo que ao que se moveu pela manhã do dia 24 de setembro de 1867, com aquelle destino, coube ao brigadeiro Albino de Carvalho o commando das forças que deviam protegel-o durante o trajecto.

Como se desconfiava, logo depois das 8 horas da manhã descobriram-se as forças de cavallaria e infanteria do inimigo em linha de combate, exhibindo tambem quatro estativas de foguetes a *congréve* e sem mais demora se precipitaram sobre os comboios, quando esses se apropinquavam dos atoladiços esteiros do *Ombú*.

Tão encarniçada foi essa lucta que, o brigadeiro Albino dando logo della conhecimento ao seu chefe Visconde de Porto-Alegre, a quem tambem pedio reforços, este o attende seguindo em pessoa para o theatro da acção e, assumindo a sua direcção, não deixou de aproveitar-se do efficaz concurso do seu já experimentado auxiliar a respeito do qual, na communicação que de todo o occorrido nesse dia dirigiu ao commandante em chefe Marquez de Caxias, assim se externou :

«Os nossos officiaes e soldados fizeram-se recommendados pelos esforços que empregaram para bem cumprir seus deveres. Neste caso estão todos aquelles cujos nomes ficam mencionados, tornando-se porém digno de especial menção o do ex. brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho, pela pericia e notavel sangue frio e valor com que se houve durante o conflicto que tendo começado as *oito* horas da manhã e finalisando-se a uma da tarde, não obstante ter sido ferido na cabeça por um estilhaço de granada quasi desde o começo do combate, conservou-se sempre no seu posto de honra».

Ainda na renhida lucta de 3 de novembro onde segundo o abalisado escriptor, general Bernardino Bormann, eram nove paraguavos para um brasileiro, o brigadeiro Albino sempre ao lado do homerico Porte-Alegre se conduziu de modo a merecer do marechal Caxias o elogio constante da sua ordem do dia de 12 de dezembro de 1867, «pela maneira porque se distinguiu» nessa batalha.

O mesmo marechal, em portaria de 11 de janeiro do

anno seguinte, lhe concedeu licença para se recolher ao Rio de Janeiro por ter sido, pela junta medica, julgado «incapaz de todo o serviço, por soffrer de molestia incuravel».

Ao apresentar-se nesta capital foi logo depois, por decreto de 2 de maio de 1868, agraciado com o officialato da imperial ordem do Cruzeiro, estando tambem comprehendido o seu respeitavel nome nas felicitações que pela assembléa provincial do Rio Grande do Sul, foram approvadas em a sessão de 12 de julho de 1869.

Continuando a soffrer de sua saude, solicitou reforma, a qual, por decreto de 28 de janeiro de 1871 lhe foi concedida no posto de marechal de campo, pelos seus longos annos de serviço,

O general Alexandre Manoel Albino de Carvalho, official da ordem do Cruzeiro, dignitario da Rosa, commendador da militar de São Bento de Aviz e condecorado com as medalhas, de ouro da campanha do Uruguay de 1851 á 1852 e com a geral da do Paraguay com o passador n. 3, falleceu nesta capital á 25 de junho de 1894, legando ao nosso exercito, onde militou durante 45 annos, um nome honrado de cidadão intelligente, brioso, energico, bravo e previdente.

Antonio Corrêa Seàra

Filho legitimo de João Corrêa da Costa, Antonio Corrêa Seàra, nasceu á 2 de janeiro de 1802 na então capitania de Pernambuco.

Achava-se bem encaminhado nos seus estudos de latim, rethorica e philosophia quando, logo depois de debellada a revolução republicana de 6 de março de 1817, o capitão-general Luiz do Rego Barreto no intuito de dar nova e adequada organisação as desfalcadas forças de 1ª e 2ª linhas que deviam guarnecer essa parte do Brasil-Colonia, a proporção que ia completando os corpos das tres armas, impunha-lhes frequentes exercicios e passeios militares pelas principaes ruas e suburbios das cidades do Recife e Olinda, de modo a despertar na mocidade o enthusiasmo pelo serviço das armas.

Foi assim que esse general conseguiu angariar grande numero de voluntarios com o necessario preparo intellectual entre os quaes se achou o joven Antonio Corrêa Seàra que, abandonando os seus estudos, alistou-se voluntariamente, á 1º de agosto do referido anno de 1817, como simples soldado, em um dos batalhões da «Divisão de Voluntarios d'El Rei».

No movimento politico que se deu em Pernambuco no anno de 1821, em pról do juramento das bases da decretada constituição de Lisboa, e que tornou celebre na nossa historia patria a cidade de Goyanna, ao voluntario Corrêa Seàra, pela sua intelligencia e facil comprehensão de seus deveres de militar brasileiro, foram conferidos os dois primeiros postos da hierarchia militar por despachos de 8 de setembro e 5 de outubro do referido anno, de modo que, proclamada na Bahia a reacção do governador das armas Madeira de Mello,contra a deliberação tomada nesta capital pelo principe D. Pedro—desligando o Brasil do dominio de Portugal, com as forças que embarcaram no Recife á incorporar-se ao Exercito Pacificador, sob o commando do brigadeiro Pedro Labatut, seguiu tambem o intrepido tenente Correa Seàra, fazendo parte do 1º batalhão de caçadores. Com este corpo fez a campanha da —Independencia, tomando parte em todos os ataques havidos durante a mesma campanha, donde regressou para Pernambuco com o posto de capitão a que,em attenção aos seus bons serviços, fôra promovido por decreto de 17 de novembro de 1822, para o mesmo batalhão.

Proclamada no Recife á 2 de julho de 1824 a *Confederação do Equador*, achando-se Corrêa Seára no commando de seu batalhão, mostrou-se adverso á causa separatista de que foi chefe o presidente Paes de Andrade, a quem conseguiu prender por occasião do conflicto estabelecido entre elle e o morgado do Cabo, quando ambos disputavam a posse do governo da provincia.

Tendo sido posto em liberdade Paes de Andrade, seguiu Corrêa Seára para Alagôas á frente das tropas que se conservaram fieis a causa do morgado e com ellas se reuniu na «Barra-Grande» a divisão de que era chefe o

brigadeiro Francisco de Lima e Silva, que lhe deu o commando da 1ª brigada da mesma divisão.

Como se sabe, tendo partido desta capital o brigadeiro Lima e Silva a 18 de agosto, desembarcou as suas forças em Jaraguá donde, depois de nove dias de descanço, poz-se em marcha, pela madrugada de 28, tendo como objectivo a cidade do Recife, séde do governo revolucionario.

No dia 2 de setembro occupava Lima e Silva a «Barra-Grande» onde, como já vimos, fez juncção com as tropas do morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto. D'ahi, em marchas forçadas, tendo passado pelas villas de Serinhaem e do Cabo, de combinação com o chefe da expedição naval João Taylor, alcançou no dia 12 o arrabalde de Afogados, onde respondendo ao fogo dos rebeldes, conseguiu rechassal-os em poucas horas assenhoreando-se dos bairros de S. José e S. Antonio, concentrando-se o inimigo nos outros bairros e no interior da provincia; foram porém successivamente derrotados e desbaratado ficou o exercito da Confederação sendo logo após presos os seus principaes chefes em diversas localidades no interior das provincias do Ceará, Parahyba e Rio Grande do Norte.

Em todas os ataques e combates que se deram durante esta lucta fratrecida se achou o capitão Corrêa Seára, tendo sido em um delles gravemente ferido; no seguinte mez de outubro foi condecorado com a medalha de distincção concedida aos que marcharam sobre a cidade do Recife, e tambem com a destinada aos mais bravos da divisão denominada—Cooperadora da Bôa-Ordem.

Em o seguinte anno de 1825 recebeu do governo imperial os seguintes decretos, como justa recompensa dos serviços até então prestados: de 9 de janeiro que o nomeou dignitario da imperial ordem de Cruzeiro; de 12 de julho, que o promoveu á major para o seu batalhão «em consideração aos seus bons serviços»; de 12 de outubro promovendo-o a tenente-coronel para o corpo de estado-maior do exercito; e o de 13 de dezembro que lhe conferiu a medalha de distincção destinada aos bravos do exercito imperial que fizeram a guerra em favor da Independencia na provincia da Bahia.

Proclamada a revolução na provincia Cisplatina, como sabemos, organisou-se no seguinte anno de 1826 no Rio Grande do Sul o exercito que devia repellir o dos republicanos do Rio da Prata que invadira a nossa fronteira ; para alli seguiu o tenente-coronel Seára que tomou parte em toda a campanha até que se restabeleceu a paz com a Confederação Argentina em 1828, não tendo porém tomado parte na batalha do *Ituzaingó* por ter deixado á 13 de fevereiro de 1827 o exercito que se achava acampado nas pontas do Jaguary, recolhendo-se por doente á Porto-Alegre onde promptamente se restabeleceu.

Apresentando-se no Rio de Janeiro, em novembro de 1831 foi nomeado commandante das armas da provincia do Pará, de cujo cargo tomou posse á 27 de fevereiro do anno seguinte e sendo delle dispensado em dezembro do mesmo anno, foi pela mesma provincia eleito deputado á Assembléa Geral Legislativa, onde tomou assento, exercendo esse mandato na legislatura de 1834 a 1837.

Por decreto de 14 de setembro deste ultimo anno foi promovido á coronel e nomeado commandante do 3º batalhão de caçadores, seguindo logo depois para a Bahia onde passou a servir no—Exercito Restaurador ; alli chegando seguiu para Campinas commandando uma brigada desse exercito, sendo ferido em um dos combates que ahi se deram; tendo recebido ordem em março de 1838 de avançar com a sua brigada sobre a capital, travando lucta, conseguiu sahir victorioso recebendo, porém, outro ferimento; assumindo no seguinte mez por ordem superior o commando geral da guarda policial da referida capital, deixou-o em julho, afim de seguir para o Rio Grande do Sul, recebendo então os mais significativos louvores do governo da provincia pacificada.

Ao chegar a esta capital recebeu Corrêa Seára do governo da regencia o decreto de 20 de agosto, ainda de 1838, que o elevava ao posto de brigadeiro e seguindo á seu destino, incorporou-se ao exercito em operações contra os revolucionarios rio-grandenses que se achava acampado em *Canudos*, assumindo o commando de uma das suas brigadas de infanteria de linha, composta com o 1º e 2º batalhões de caçadores.

Conservando-se nessa commissão em abril de 1841 passou a commandar uma divisão das tres armas, sendo elogiado pelo ataque que dirigiu na noite de 12 de junho, no passo de São Borja, derrotando os rebeldes, cabendo-lhe ainda dias depois sustentar com a sua divisão, o ataque de toda a força revolucionaria que conseguiu repellir brilhantemente, pelo que foi particularmente elogiado pelo commando em chefe nos segintes termos :

«Neste bello feito dirigido pelo sr. brigadeiro Seára, commandante da 1ª divisão do exercito, coadjuvado pelo sr. coronel Silva Tavares, commandante da 2ª divisão, deu o exercito imperial mais uma prova de seu reconhecido valor e do enthusiasmo com que procura debellar os inimigos da paz desta interessantissima provincia».

A 21 de agosto ainda desse anno de 1841 por ter sido dispensado o general Santos Barreto do commando em chefe do exercito em operações, ao brigadeiro Corrêa Seára coube assumil-o interinamente em o seu acampamento, nas margens do arroio «São Vicente»; contava então o mesmo exercito cêrca de sete mil combatentes das tres armas, sendo o nomeado para substituto effectivo daquelle general o marechal de campo conde do Rio Pardo.

Ao brigadeiro Seára em attenção aos seus dilatados serviços foi concedida a dignitaria da ordem da Rosa, por decreto de 11 de março de 1842. Deixando o exercito por ter recebido ordem de se recolher á côrte do Rio de Janeiro, o commandante em chefe Barão de Caxias ao tornar publica essa occurrencia em ordem do dia, assim o elogiou : *o vacuo deixado qelo general Seára no Exercito do Sul não se pode encher.*

Ao apresentar-se ao ministro da guerra recebeu a incumbencia de pacificar a provincia de Alagôas, para onde seguio em outubro de 1845, com um reforço de quatrocentas praças, e alli chegando assumiu o commando em chefe das forças legaes dando logo combate aos insurgentes na villa da Atalaia, occupando o seu acampamento depois de os ter completamente derrotado; seguindo dahi para o Recife, á 22 de dezembro tomou posse do cargo de commandante das armas de Pernambuco, para que fôra nomeado por despacho de 16 do mez anterior. Neste cargo

se conservou o general Seára sem interrupção até 29 de maio de 1847, data em que foi delle dispensado, sendo por decreto de 16 de novembro do anno seguinte designado para exercer o mesmo cargo na provincia da Bahia, onde chegou a 25 do mesmo mez.

Por decreto de 14 de maio de 1849 concedeu-lhe o governo a graduação do posto de marechal de campo; deixando o commando das armas da Bahia á 31 de dezembro do mesmo anno, por ter sido removido para o de Pernambuco, foi-lhe agradecido os seus bons serviços naquelle cargo, pela presidencia da provincia, sendo então elogiado pela maneira com que sempre se houve no cumprimento de seus deveres.

Apenas chegou ao Recife, no dia 15 de fevereiro de 1850, assumiu o marechal Seára o seu cargo de commandante das armas chegando-lhe ahi a patente de commendador da ordem militar de São Bento de Aviz com que fôra destinguido por despacho de 2 dezembro do anno anterior. Em outubro do referido anno de 1850 deixou o commando das armas de Pernambuco agradecendo-lhe o respectivo presidente os serviços prestados, e ao chegar nesta capital recebeu a sua nova patente de commandante das armas do Rio Grande do Sul, para onde seguiu; tomando posse desse cargo em Porto-Alegre no mez de janeiro do anno seguinte, exerceu-o até junho, quando regressou a esta capital, donde partiu para a sua provincia natal por ter o governo imperial por decreto de 11 de agosto, lhe confiado mais uma vez o seu governo das armas, do qual se empossando a 22 de setembro só o deixou em abril de 1853, por ter sido eleito deputado á Assembléa Geral Legislativa, pela mesma provincia.

Promovido a effectividade do posto de marechal de campo, desde 3 de março de 1852, por decreto de 2 de dezembro de 1856, foi-lhe mandada passar a patente de tenente-general em attenção ao seus dilatados serviços, em pról da paz e integridade do extincto imperio, e no anno seguinte, por despacho de 11 de abril foi nomeado conselheiro de guerra, postos estes que honrou por bem pouco tempo pois que, devido ao seu máo estado de saúde, em consequencia dos seus honrosos ferimentos, aggra-

vados pelas privações que soffrêra por ter tomado parte em quasi todas as campanhas, que sustentamos durante os primeiros periodos do Brasil-Independente, falleceu nesta capital á 20 de maio de 1858, contando apenas cincoenta e seis annos de idade.

A imprensa do Recife dando noticia do seu fallecimento consagrou á sua memoria as merecidas phrases que com a maior satisfacção em seguida transcrevemos :

«O general Seára foi um dos filhos mais illustres de Pernambuco, que sem recommendação ou protecção, tudo deveu a si mesmo ; foi filho de suas proprias obras.

«O sangue do general Seára sempre regou a arvore da nossa liberdade politica por diversas vezes, desde o primeiro momento em que no solo de Santa Cruz soou o grito prestigioso da independeneia. Poucos foram os gloriosos feitos de armas que a nossa historia contemporanea refere, em que o distincto pernambucano não desembainhasse a sua espada, e a palma mais brilhante do triumpho sempre lhe pertenceu. A tradição dos seus relevantes serviços está tão viva na mente de todos, que não é possivel esquecel-a».

Antonio Joaquim de Souza

Filho de José Pedro de Souza, o general Antonio Joaquim de Souza, nasceu a 15 de fevereiro de 1804, na cidade de Lisbôa.

A' 16 de março de 1815 assentou praça voluntariamente de aspirante a guarda-marinha, passando a cursar a academia de marinha do Rio de Janeiro, onde, por despacho de 24 de maio do anno seguinte, foi promovido ao dito posto de guarda-marinha.

Por decreto de 13 de maio de 1818 foi elevado a 2° tenente.

Em 1823 solicitou e obteve licença do ministro da guerra para frequentar as aulas da academia militar, sendo no anno seguinte, por decreto de 9 de agosto, promovido a 1° tenente da armada, com antiguidade de 22 de janeiro do mesmo anno, depois de ter jurado a constituição politica do Imperio e assignado a respectiva acta.

Completou o curso da academia militar em 1827 e por decreto de 12 de outubro do anno seguinte foi promovido a capitão-tenente.

Por decreto de 16 de março de 1832 foi nomeado lente catedratico do segundo anno do curso de pontes e calçadas da academia militar, e por outro de 7 de setembro de 1837 passou a capitão de fragata, contando antiguidade de 22 de outubro do anno anterior.

Em 1839, por despacho de 26 de agosto foi transferido para o «Imperial Corpo de Engenheiros», com o posto de tenente-coronel, correspondente ao que tinha na armada.

Foi agraciado com a venéra da ordem da Rosa por carta imperial de 18 de julho de 1841, e promovido a coronel por decreto de 7 de setembro do anno seguinte, com antiguidade de 18 de julho do referido anno de 1841.

Pela referida academia militar foi-lhe conferido o grão de doutor em mathemetica, em sessão de 12 de dezembro de 1846.

Por aviso do ministerio da guerra de 8 de janeiro de 1849, passou a fazer parte da commissão encarregada de exame e correcção do «Atlas Topographico e Estatistico» das provincias do extincto imperio, organisado pelo Visconde de Villiers Adam.

Por decreto de 11 de março de 1851 foi nomeado director do hospital militar da côrte, de cujo cargo foi exonerado por outro de 2 de agosto do mesmo anno, passando a exercer o de inspector das obras publicas desta capital, conforme se vê da portaria do ministerio do imperio de 4 do dito mez de agosto.

No anno seguinte foi escolhido pelo ministerio da fazenda, para fazer parte da commissão de engenheiros encarregada do exame dos differentes systemas apresentados, para a construcção do caes da alfandega desta capital, pelo que a 22 de abril desse anno foi louvado pelo bom desempenho da mesma commissão, e por aviso do ministerio da guerra de 6 de julho foi elogiado, em nome do Imperador pela dedicação e esforços que empregou para atalhar o incendio do edificio da «Guarda Velha», acudindo aos logares mais arriscados.

Por decreto de 22 de agosto de 1853 foi nomeado commendador da ordem militar de São Bento de Aviz, e por outro de 24 de janeiro do anno seguinte, passou a exercer o cargo de official da secretaria da repartição geral das terras publicas, deixando então o de inspector das obras publicas da capital, sendo, por aviso do ministerio do imperio, louvado pelo zelo e intelligencia com que sempre desempenhou as funcções deste ultimo cargo.

Em 1855, por despacho de 2 de dezembro foi graduado em brigadeiro, e por decreto de 12 de fevereiro do anno seguinte nomeado director da escola militar; deixando o emprego da repartição das terras publicas na mesma data, recebeu lisongeiros agradecimentos do chefe dessa repartição, pela valiosa coadjuvação que prestou-lhe durante o tempo que nella servio; por decreto de 2 de dezembro foi promovido a effectividade do posto de brigadeiro.

Em 1858, passou, por decreto de 8 de maio, a exercer o cargo de director da «Escola Central», antes escola militar da côrte, onde como vimos exercia o mesmo cargo, sendo porem delle exonerado a seu pedido por decreto de 17 de novembro do mesmo anno.

Por aviso do ministerio do imperio de 14 de maio de 1859 foi nomeado para presidir a commissão encarregada de fazer o exame das propriedades existentes no «Morro do Castello», orçamento dos seus valores e ajuste com os proprietarios para as respectivas indemnisações. Por decreto de 13 de julho do mesmo anno passou a exercer o commando do corpo de engenheiros e directoria do—Archivo Militar.

Por decreto de 2 de março de 1864 foi promovido a marechal de campo, e por outro de 8 de julho de 1865, por ter sido julgado incapaz para o serviço do exercito por soffrer de molestia incuravel, foi reformado no posto de tenente-general, com o respectivo soldo de conformidade com as leis em vigor, continuando a residir nesta capital.

O tenente-general Antonio Joaquim de Souza falleceu nesta capital a 9 de junho de 1868.

Antonio Manoel de Mello

A' 2 de outubro de 1802 nasceu na cidade de São Paulo, Antonio Manoel de Mello, filho legitimo do marechal de campo, Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça que exercia então o cargo de governador e capitão-general da capitania do mesmo nome.

Assentou praça de cadete á 19 de fevereiro de 1813 sendo por decreto de 2 de abril do mesmo anno elevado ao posto de alferes, ficando aggregado ao 3º regimento de cavallaria de 1ª linha ; começou a servir contando-se-lhe a respectiva antiguidade a 8 de dezembro de 1814.

Por decreto de 21 de agosto de 1822 foi promovido a tenente por ter se revelado sempre fiel observador da disciplina e dedicação aos estudos profissionaes.

No anno seguinte obteve licença para proseguir o curso da escola militar, sendo premiado nos dois primeiros annos.

Em 27 de novembro de 1824, achando-se em S. Paulo, d'alli marchou para tomar parte na campanha do sul, onde se conservou tendo assistido a batalha do Rosario no dia 20 de fevereiro de 1827, anno em que por decreto de 12 de outubro foi promovido a capitão.

Pela ordem do dia do commando em chefe do exercito do sul, de 2 de março de 1828, foi nomeado vogal do conselho de guerra permanente.

O dr. Joaquim Manoel de Macedo a seu respeito assim se expressa em o seu ANNO BIOGRAPHICO BRASILERO:

«Nessa campanha, commandando uma vez um piquete de cavallaria em guarda avançada do exercito, vio por entre o nevoeiro de uma aurora rompente tres esquadrões de cavallaria inimiga que de surpresa vinham atacal-o : «Guarda ! em linha, preparar clavinas !...» gritou, e em vez de recuar, esperou a carga, travou combate desigual ; mas tão feliz que no fervor da peleja o exercito chegou para applaudil-o e victorial-o, vendo em derrota e fuga o inimigo tão superior em numero.

«Antonio Manoel de Mello, distinguio-se ainda nessa guerra, tomando parte em cargas de cavallaria que mereceram renome.

«Voltando para a academia o modesto bravo que havia de ser modestissimo sabio, alcançou o primeiro premio no terceiro, quarto e quinto annos do curso».

Por portaria do ministerio da justiça de 21 de dezembro de 1831, foi nomeado 1º commandante da primeira companhia do corpo municipal permanente da côrte, passando a major do mesmo corpo, por decreto de 13 de dezembro do anno seguinte.

Por decreto de 4 de outubro de 1834, toi transferido para o corpo de engenheiros continuando á servir no de municipaes permanente que deixou logo depois, por ter sido nomeado vice-director da fabrica de ferro de S. João de Ipanema, emprego este que exerceu até 12 de setembro de 1836.

Tendo concluido o curso da academia da côrte, por decreto de 15 de junho de 1837 foi nomeado lente substituto do curso de pontes e calçadas, e por outro de 15 de setembro do mesmo anno, foi promovido ao posto de major para o corpo de engenheiros.

Dispensado, pelo ministerio da justiça, por despacho de 3 de março de 1839, do exercicio de major do corpo de municipaes permanente, foi louvado o zelo e bom serviço que sempre prestou no mesmo corpo, e ainda neste anno foi nomeado lente da escola de architectos da provincia do Rio de Janeiro.

Por decreto de 15 de fevereiro de 1840 foi nomeado cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz, e por outro de 7 de setembro de 1842, foi graduado no posto de tenente-coronel, com antiguidade de 18 de julho do anno anterior.

No dito anno de 1842 seguiu para S. Paulo afim de assumir a directoria da fabrica de ferro de S. João de Ipanema, para que fôra nemeado por decreto de 29 de setembro.

Tenente-coronel effectivo por decreto de 23 de julho de 1844, por outro de 12 de abril de 1845 foi nomeado director do arsenal de guerra da côrte, sendo exonerado na mesma data do logar de director da mencionada fabrica de ferro. Ainda neste anno foi nomeado lente da cadeira de geometria descriptiva da escola militar, sendo exonerado

do logar de director do arsenal de guerra por decreto de 4 de julho de 1846, anno em que foi-lhe conferido pela mesma escola o gráo de doutor em mathematica, e sciencias physicas.

Por aviso do ministerio da guerra de 31 de março de 1847 foi posto á disposição do ministerio da marinha, para ser encarregado das obras civis e militares do mesmo ministerio.

Por decreto de 22 de maio do mesmo anno foi nomeado ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, «cargo em que deu provas de alta capacidade e de grande conhecimento dos negocios d'aquella repartição» o qual deixou a seu pedido a 9 de março de 1848.

Em abril deste anno tomou assento na Assembléa Geral Legislativa como deputado eleito pela provincia de S. Paulo reassumindo a 7 de novembro a direcção das obras do ministerio da marinha que deixou por ter sido nomeado ministro da guerra, fazendo tambem parte da commissão encarregada de examinar o atlas topographico e administrativo das provincias, organizado pelo Visconde de Villier.

Por decreto de 9 de setembro de 1850 foi nomeado director do observatorio astronomico da escola militar, deixando o exercicio de director das obras do ministerio da marinha e o de lente de geometria descriptiva por ter passado para a cadeira do 4º anno da referida escola.

Por decreto de 12 de março de 1853 obteve a sua jubilação do logar de lente cathedratico com a reforma porque passou aquella escola.

O Imperador que muito o apreciava, a 14 de março de 1855, o nomeou guarda-roupa de sua imperial casa e por decreto de 14 do mez seguinte o promoveu a coronel por merecimento. Alguns annos depois tendo em consideração o seu preparo scientifico o encarregou da direcção dos estudos de suas duas filhas.

Por aviso do ministerio da guerra, de 11 de maio de 1857, foi nomeado para substituir o director da escola militar durante o seu impedimento, e por outro de 6 de agosto do anno seguinte, teve de segnir para Paranaguá como membro da commissão astronomica que alli deveria

observar o eclipse do sol a 7 de dezembro do mesmo anno.

Por aviso de 11 de maio de 1860 foi nomeado commandante interino da antiga — Escola Central cujo cargo deixou a 13 de setembro do mesmo anno, sendo promovido a brigadeiro por decreto de 2 de dezembro de 1861.

Passou novamente a occupar o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, para que fôra nomeado por decreto de 17 de maio de 1863, exercendo-o até 15 de janeiro de 1864 em que delle foi dispensado a seu pedido. Por decreto de 24 de fevereiro deste anno foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar.

Declarada, por factos praticados contra o Brasil, a denominada guerra do Paraguay, em julho de 1865 seguiu o brigadeiro Antonio Manoel de Mello para o Rio Grande do Sul á disposição do ministro da guerra, que alli se achava e pela ordem do dia de 27 do mesmo mez foi mandado servir no exercito em operações então sob o commando em chefe do general Manoel Luiz Ozorio.

Apresentando-se ao dito general á 24 de setembro em *Mondosoby-Chico,* na provincia de Corrientes, foi pelo mesmo nomeado commandante geral da arma de artilharia cargo este equivalente ao de commandante de divisão o qual assumio á 26.

São do referido ANNO BIOGRAPHICO BRASILEIRO os seguintes paragraphos que com satisfacção aqui transcrevemos :

«O velho de sessenta e tres annos pareceu remoçar ao toque das trombetas, ao rufar dos tambores, e sobre tudo ao desfraldarem-se as bandeiras auri-verdes nos campos de Corrientes.

«Infatigavel no ensino, nos exercicios, na disciplina, preparando os corpos de artilheria para as proximas e imminentes batalhas, o brigadeiro Mello contou de mais com a fortaleza de seu corpo. O grande mathematico errára pela primeira vez em calculo : errára no calculo de sua idade e de suas forças, e abatido em poucos dias de subita molestia, determinada por fadigas e rudes trabalhos de campanha, morreu á 8 de março de 1866.

«Foi bravo soldado nas pelejas ; foi general illus-

trado e manobrista habil ; na cadeira de lente e verdadeira eloquencia do magisterio, clareza, precisão, profunda sciencia ; foi ministro zeloso, rico de experiencia e activo na administração ; quiz ser e fez-se sabio ; foi exemplo de probidade, e um abysmo de modestia».

Antonio Nunes de Aguiar

Natural da cidade do Rio de Janeiro e filho legitimo do major do mesmo nome, o marechal de campo Antonio Nunes de Aguiar nasceu a 22 de novembro de 1807.

A 10 de abril de 1822 assentou praça voluntariamente e jurou bandeira no 1° regimento de artilheria da côrte sendo reconhecido 1° cadete em 15 de julho do mesmo anno.

Por decreto de 12 de outubro de 1823 foi promovido á 2° tenente para o batalhão de artilheria de posição de onde reverteu áquelle regimento como 1° tenente a que foi promovido no mesmo dia e mez do anno seguinte.

Por despacho de 12 de janeiro de 1830 foi elevado a capitão para o mesmo regimento, com antiguidade de 18 de outubro do anno anterior, e neste posto foi designado a 6 de novembro de 1834 para exercer o cargo de secretario do commando das armas no exercicio de inspector dos corpos desta capital.

Por ter concluido com as melhores notas o curso da academia militar, por aviso de 25 de maio de 1835 passou a reger a cadeira do 2° anno do curso de mathematica da mesma academia que deixou a 24 de julho, sendo louvado pelo modo digno com que desempenhou esse cargo do magisterio militar e nesse mesmo anno, por decreto de 12 de outubro foi transferido para o corpo de engenheiros sendo promovido a major para o mesmo corpo por despacho de 13 de setembro de 1837.

Seguiu para o Rio Grande do Sul a 27 do dito mez para ser empregado nas fortificações e ao alli chegar pela ordem do dia do commandante em chefe das forças em operações de guerra, de 10 de novembro, foi nomeado deputado do quartel-mestre-general ficando encarregado da mesma repartição.

Em ordem do dia do commando em chefe de 16 de fevereiro de 1838 como chefe da dita repartição foi elogiado pelo denodo com que buscava o inimigo que se dispersou a vista da divisão da direita do exercito de que fazia parte.

Em 7 do seguinte mez de março foi tambem encarregado da repartição do ajudante-general do exercito durante o impedimento do respectivo deputado ; tendo pela ordem do dia de 18 do mesmo mez participado dos louvores dados a divisão da direita pela honra, valor e sangue frio que mostrou na marcha de Porto-Alegre para o Rio-Pardo, principalmente em ganhar as posições do ponto do Couto e Barro Vermelho, occupadas pelos insurgentes.

Por portaria da presidencia de 22 de maio, seguiu de Porto-Alegre para a cidade do Rio Grande, com o fim de conhecer dos objectos militares assim relativos á defeza da mesma cidade e da villa de S. José do Norte, como pelo que pertencia á divisão commandada pelo brigadeiro Calmon da Silva Cabral, e defeza do rio São Gonçalo, autorisando-o a dar as convenientes disposições á esse fim ; melhorar os intrincheiramentos e hospital conferenciando com o chefe das forças navaes segundo as instrucções que lhe foram dadas.

Por decreto de 20 de agosto tudo do citado anno de 1838 foi graduado no posto de tenente-coronel.

Retirando-se da provincia do Rio Grande do Sul, por acto de 22 de maio de 1839 do presidente commandante das armas da mesma provincia, se fez publico que muito bem se houve no exercicio de quartel-mestre-general do exercito estabelecendo a repartição de um modo que muito honra lhe fez, pela idoneidade, intelligencia e prestimo que desenvolveu, tendo além disto um exemplar comportamento civil.

Ao chegar a côrte do Rio de Janeiro apresentou-se ao governo e ficou aguardando ordens. Nomeado o coronel Luiz Alves de Lima por decreto de 12 de dezembro do dito anno para presidente e commandante das armas da provincia do Maranhão, foi designado para com elle seguir para a mesma provincia onde, como sabemos, desde o inicio do anno se achava fortemente perturbada a ordem

publica. Alli chegados a 7 de fevereiro do anno seguinte ao tomar posse dos seus cargos o coronel Luiz Alves de Lima, depois de organisada a—Divisão Pacificadora do Norte—encarregou o tenente-coronel Nunes de Aguiar da repartição do ajudante e quartel-mestre-generaes da mesma divisão, cargos estes que deixou, temporariamente para vir a esta capital, fazendo parte da commissão encarregada por todas as forças destacadas na mesma provincia para felicitar o joven imperador Pedro II pela solemne declaração de sua maioridade e haver assumido os poderes que pela constituição do Imperio lhe competiam, feito o que regressou áquella provincia assumindo as funcções do seu cargo.

Em maio do seguinte anno de 1841, deixou as ditas funcções sendo agradecida sua valiosa cooperação e relevantes serviços, e louvada a sua reconhecida probidade, e ainda mais por decreto de 18 de julho seguinte foi promovido a effectividade do posto de tenente-coronel em remuneração dos serviços prestados, na referida provincincia do Maranhão.

Rebentando a revolução de Sorocaba a 18 de maio de 1842 foi designado ainda desta vez para debellal-a o pacificador do Maranhão, já então brigadeiro e Barão de Caxias que não esquecendo os valiosos serviços que lhe prestara no Maranhão o seu amigo tenente-coronel Nunes de Aguiar o incorporou na sua expedição, e chegando a São Paulo em a sua ordem do dia de 22 do referido mez de maio, o nomeou para as funcções, já por elle tão competentemente exercidas na—Divisão Pacificadora do Norte.

Em officio de 8 de junho, por occasião de retirar-se para o acampamento dos Pinheiros, significou-lhe o presidente da provincia, Barão de Monte-Alegre «a particular estima que lhe mereceu o seu comportamento no exercicio das funcções de que esteve encarregado na capital, e agradeceu-lhe a prudencia, zelo e actividade que desenvolvera e pelas quaes conseguio a inteira confiança dos habitantes».

Com o referido general commandante das forças em operações seguiu a 25 de julho para a provincia de Minas Geraes, onde tambem se desenvolvera ao norte a rebellião

com feroz e assustador caracter sendo theatro de deploraveis scenas Taubaté, Pindamonhagaba, Silveira e Lorena ; cabendo-lhe mais esta vez o exercicio dos cargos de ajudante e quartel-mestre-generaes do—Exercito Pacificador da provincia de Minas Geraes.

Por decreto de 2 de agosto foi-lhe concedida a insignia de official da ordem da Rosa em attenção aos serviços prestados na provincia de *S.* Paulo deixando no dia 8 do mesmo mez as funcções de ajudante continuando porém na de quartel-mestre-general.

Na ordem do dia de 20 desse mez em que foi publicado o combate travado em Santa Luzia declarou-se que o tenente-coronel Nunes de Aguiar «fôra incansavel no cumprimento de seus deveres como quartel-mestre-general», e, por decretos de 7 e 19 de setembro tudo ainda de 1842 foi promovido a coronel com antiguidade de 18 de julho do anno anterior e nomeado cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz.

Recolhendo-se á côrte passou a exercer as funcções do seu posto até o anno de 1844, em que par aviso de 10 de junho foi nomeado director geral de todas as obras militares do municipio da côrte do Rio de Janeiro.

Por decreto de 11 de janeiro de 1845 foi nomeado commandante das armas da provincia de Minas Geraes, deixando por isso o referido cargo de director geral de obras militares, sendo por aviso de 23 do mesmo mez «louvado pelos bons serviços que prestara nessa commissão e pela intelligencia e zelo com que a desempenhara».

Dispensado por decreto de 28 de julho do mesmo anno do cargo de commandante das armas de Minas Geraes, recolheu-se a esta capital passando a exercer as funcções do seu posto.

Por carta imperial de 20 e decreto de 22, tudo de janeiro de 1849, foi nomeado para exercer os cargos de presidente e commandante das armas da provincia de Alagoas, dos quaes tomou posse em Maceió, no dia 6 do seguinte mez de fevereiro, sendo exonerado deste a 14 de maio, e daquelle a 8 de junho.

Neste mesmo anno por diploma de 4 de novembro

foi eleito deputado á Assembléa Geral Legislativa pela dita provincia de Alagôas.

A' 17 de dezembro de 1851 apresentou a carta de bacharel em mathematica e sciencias physicas que lhe foi conferida pela escola militar da côrte a 7 de junho do mesmo anno e por aviso do ministerio da guerra de 23 de março de 1853 foi nomeado chefe da repartição de quartel-mestre-general creada por decreto de 26 do mez anterior.

Por decreto de 14 de março de 1855 foi-lhe conferida a patente de commendador da ordem militar de S. Bento de Aviz sendo por outro de 2 de dezembro ds anno seguinte graduado no posto de brigadeiro.

Por aviso do ministerio da guerra passou a exercer interinamente o logar de deputado do ajudante general do exercito, na côrte, do qual ao ser exonerado foi declarado, na ordem do dia do exercito de 14 de janeiro do seguinte anno que, «durante quasi 11 mezes que exerceu o dito emprego concorreu com actividade, e promptidão para os primeiros trabalhos de organisação da repartição e para os de expediente diario do movimento administrativo e disciplinar do pessoal do exercito havendo-se nesse emprego com o criterio que o caracterisa, pelo que sempre mereceu o devido apreço e consideração, e por isso se lhes davam os agradecimentos de que se fez credor, e que se manifestam pela coadjuvação que prestou no desempenho das attribuições á seu cargo». Por decreto de 2 de dezembro do anno seguinte foi promovido a effectividade do posto de brigadeiro.

Na qualidade de director-geral da 3ª directoria geral da secretaria da guerra, por carta imperial de 19 de novembro de 1860, foi-lhe conferido o titulo de *conselho*, sendo exonerado de tal cargo por despacho de 21 de janeiro de 1865, por terem sido passadas na mesma data as suas patentes de vogal do Conselho Supremo Militar, e de commandante das armas da provincia do Pará para onde não seguiu.

Exonerado deste ultimo cargo por decreto de 18 de março passou a exercer o de commandante do corpo de engenheiros a 9 de julho, tudo do dito anno de 1865, deixando-o no principio do anno seguinte por ter seguido

para Montevidéo em commissão especial do governo, passando ao alli chegar a desempenhar o cargo de encarregado do movimento do pessoal e material destinado ao exercito em operações contra o governo do Paraguay. Por decreto de 6 de fevereiro desse anno foi nomeado dignitario da ordem da Rosa e por outro de 1 de junho foi promovido a marechal de campo, recolhendo-se logo depois a Côrte do Rio de Janeiro por ter sido, por despacho de 28 de março de 1868, nomeado conselheiro de guerra.

O marechal de campo Antonio Nunes de Aguiar falleceu nesta capital a 17 de junho de 1876.

Bento Manoel Ribeiro

O marechal do exercito Bento Manoel Ribeiro, filho de Manoel Ribeiro de Almeida, nasceu em 1783 na villa de Sorocaba, hoje cidade do Estado de S. Paulo.

Tendo concluido os primeiros estudos, seguiu para a capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul, onde a 1º de dezembro de 1800 alistou-se voluntariamente no regimento de milicias do Rio Pardo.

Como simples soldado fez toda a campanha de 1801, e em companhia de seu irmão, o capitão Gabriel Ribeiro de Almeida, assistiu a tres ataques nas missões Orientaes do Uruguay.

Em 1º de janeiro de 1808 foi promovido a forriel e neste posto tomou parte na campanha Cisplatina de 1811 a 1812, assistindo a diversos ataques, em um dos quaes foi ferido.

Foi sob a sua immediata direcção que em setembro de 1811, por ordem do celebre capitão Manoel dos Santos Pedroso, 60 milicianos atacaram a povoação de Paysandú, e derrotaram as forças ahi existentes, que eram commandadas por um Fuão Binedo que se dizia filho de Porto Alegre e foi morto durante a acção em que pelejou com intrepidez, escapando com vida apenas oito dos seus commandados.

Em attenção aos seus serviços e prestimo, por carta regia de 17 de dezembro de 1813, foi promovido a tenente para o mencionado regimento de milicias do Rio Pardo.

Ao iniciar-se a segunda campanha Cisplatina, em setembro de 1816, achava-se Bento Manoel com o seu regimento incorporado á divisão organisada pelo legendario general Xavier Curado, ao depois Conde de S. João das Duas Barras.

Como sabemos, o primeiro rompimento na fronteira do Rio Pardo foi realizado pelo caudilho Artigas na coxilha de Sant'Anna, tendo em vista atacar a divisão do mencionado general Curado, que recem occupára o *Ibirapituan-chico*.

Para affrontar as forças de Artigas fez partir este nosso chefe uma pequena columna de 330 praças de cavallaria commandada pelo capitão de guerrilhas Alexandre Luiz de Queiroz, que a 22 do referido mez de setembro cahiu sobre uma partida inimiga da mesma arma, que se approximára de Sant'Anna « e desbaratou-a incontinenti, sangrando-lhe e aprisionando-lhe bastante gente na refrega e na retirada ».

Reunindo-se, porém, os fugitivos a uma força superior e voltando para o combate, sustentou-o Queiroz por tres horas seguidas e, depois de perder mais de sessenta soldados, effectuou uma retirada honrosa e valente, conduzindo os proprios feridos e acolhendo-se a salvo ao quartel-general de Ibirapuitan-chico ».

Nesta acção, á frente de um contingente do seu regimento, se achou o tenente Bento Manoel, que se portou de modo a merecer as mais encomiasticas referencias em ordem do dia do general em chefe.

No seguinte mez de outubro, sabe-se que, pretendendo Artigas obstar a que a columna vencedora do coronel José de Abreu, em sua retirada das Missões, se reunisse á divisão Curado, destacou do seu exercito forte columna de 800 homens, entregando-a ao chefe Verdum, que tomou posição no Ibiraocahy, como um ponto mais adequado para interceptar aquella juncção.

Contra semelhante tentativa expediu Curado uma columna de 480 homens das tres armas, cujo commando em boa hora entregou ao brigadeiro João de Deus Menna Barreto.

Fazendo a guarda avançada desta columna de ataque,

com 80 homens de cavallaria repelliu com valor o tenente Bento Manoel os duzentos homens da vanguarda inimiga sobre a coxilha, no dia 19 do mesmo mez.

Segundo a parte do brigadeiro João de Deus, «emquanto durou o fogo, o inimigo fez differentes tentativas de voltear os nossos flancos, porém todas lhe foram repellidas pelos nossos vigorosos e atrevidos flanqueadores, capitão Machado Bittencourt e o tenente Bento Manoel» e concluindo a mesma parte ainda assim se expressa: «São dignos de maior attenção o capitão M. Bittencourt e o tenente Bento Manoel. Estes officiaes cumpriram com discreção e valor os seus deveres.—Campo de Ibirapuitan, 24 de outubro de 1816».

Com a retirada da columna do brigadeiro João de Deus Menna Barreto, logo após a derrota por elle infligida a Verdum no Ibiraocahy, e com a certeza de que se approximava do campo da divisão a do coronel José de Abreu, apresenta-se ao general Curado o favoravel ensejo de tomar a offensiva contra o mais forte dos acampamentos de Artigas, sem comtudo enfraquecer a sua divisão, o que antes não se dera.

Assim é que, organizando uma columna de 760 praças, deu o seu commando ao intrepido brigadeiro Oliveira Alvares que marchou contra o inimigo forte de 1.500 homens de cavallaria, dando-lhe batalha no campo de Carumbé, onde o derrotou no dia 27 ainda do mez do outubro de 1816, pondo-o em debandada, contando-se no campo 600 mortos.

Ainda nesta acção se achou o tenente Bento Manoel, cujo nome vê-se assignalado com distincção na participação feita ao commandante em chefe da divisão pelo alludido brigadeiro Alvares.

Como sabemos e descreve o abalisado escriptor José Joaquim Machado de Oliveira, que como capitão tomou parte nesa campanha: «abandonada a fronteira brasileira pelo inimigo, retirou-se este para o territorio de Montevidéo, e, abrigado pelas matas do Arapehy, reuniu ahi todas as suas forças, arrastando para engrossal-as os homens d'aquella praça e do interior que podiam pegar em armas. O general Curado, que não tinha por comple-

tas as tres derrotas do inimigo que invadira a fronteira brasileira, vendo-a ainda ameaçada com a concentração das forças contrarias em Arapehy, fez a divisão transpôr a linha confinante, estabelecendo o seu campo junto ao arroio Catalan. D'ahi destacou o coronel José de Abreu com uma columna de 600 praças com o fim de reconhecer a posição do inimigo, e investil-o logo que visse que as suas forças não comportassem a necessidade de marchar para alli a divisão.

Artigas, sabendo que a divisão brasileira marchara da sua fronteira, procurou evitar o seu encontro, abrindo de si o maior troço das suas forças, que as entregou ao caudilho La Torre, ordenando-lhe que a todo transe se arrojasse á divisão, certo de que, em máo logro, ia-se o triumpho da sua causa.

A 4 de janeiro de 1817 foi o campo da divisão investido de todos os lados por La Torre á testa de 3.400 homens, mas a bravura das tropas brasileiras, apezar de serem inferiores em numero ás forças inimigas, e o auxilio, que não era esperado, da columna de Abreu, a qual, concluido o desbarato de Artigas em seu alojamento de Arapehy, foi mui presta em volver ao campo da divisão, vencendo com a sua infanteria doze leguas em oito horas, deram ao paiz um dia de gloria, e ao inimigo a ultima lição de que não se podia medir com as tropas brasileiras, a despeito da superioridade numerica das suas forças.

Na batalha de Catalan deu o tenente Ribeiro mais provas e mui significativas do seu valor e discernimento militar, e de que um futuro de victorias o aguardava. Com o seu corpo, que formava a linha esquerda da divisão, por onde começou o inimigo a sua mais impetuosa investida, foi este levado de rojo, desaffrontando o flanco esquerdo do campo quasi compromettido».

O nome de Bento Manoel Ribeiro ainda uma vez foi mencionado em ordem do dia do general em chefe, por ter sido um dos distinctos nesta batalha, como o fôra nas acções anteriores, sendo na mesma data graduado em capitão.

São palavras ainda do referido escriptor: «Evacuado, como fica dito, o territorio brasileiro, e livre a fronteira

da acção infensa das hostes inimigas, que correram a abrigar-se na margem esquerda do Uruguay, para alli marchou a divisão do general Curado, não dando por terminada a luta em que se empenhou sem que visse completamente aniquilado o inimigo.

Durante esse movimento soube o general que na povoação de Belém, á margem esquerda do Uruguay, postara-se alguma força inimiga por ordem de Artigas, para sèrvir de nucleo ao recrutamento, que fazia-se na margem direita desse rio.

Não convinha deixar essa força em tal posição, que ameaçava a fronteira pela linha do Quarahym, e para atacal-a foi mandado o capitão Ribeiro, que a 7 de setembro de 1817, commandando uma força de 70 homens, bateu a divisão do chefe D. José Verdum, aprisionou este e outros officiaes e apoderou-se de todo o armamento da referida divisão.

Segundo se vê da carta régia de 12 de março do seguinte anno de 1818, Bento Manoel foi promovido á effectividade do posto de capitão « pelo distincto comportamento com que se houve na acção de Belém ».

Ao lado do seu aguerrido chefe João de Deus Menna Barreto se achava Bento Manoel, quando em abril deste anno de 1818 foram atacados junto ao arroio Guabijú pelo cabecilha Aranda á frente de 1.030 guerrilheiros; como sabemos, «a refrega foi tremenda, mas o resultado fatal para o inimigo, que teve 133 mortos, e dobrado numero de prisioneiros, perdendo mais todo o armamento e 600 cavallos, sendo apenas morto um dos nossos soldados».

« Alliciados por Artigas os chefes entre-rianos Aguiar, Ramirez e Aedo a partilharem a sua causa, tomando por principal empreza o defender-se a conquista do Estado Oriental, invadido pelo interior pela divisão do general Curado, e occupada a praça de Montevidéo pela divisão lusitana; deram-se aquelles chefes á reunião de homens que podiam servir para tal fim, concentrando estes na margem direita do Uruguay, e em um ponto que, transpondo o rio, pudessem investir a divisão, já occupando a sua margem esquerda.

Constou isso ao general Curado, que, antecipando-se

á passagem do inimigo, que então dispunha da força de 800 homens, expediu o capitão Ribeiro com 400 praças de infanteria transportadas pela esquadrilha do Uruguay, o qual desembarcando a 26 de maio no arroio da China, (Concepcion del Uruguay), bateu as forças do commandante Aguiar, arrazou as baterias que embaraçavam a navegação da flotilha portugueza, obrigou Ramirez a retirar-se com a sua divisão, tomou dos inimigos quatro canhões que, dias antes, elle havia tomado a Balcarce; 2.000 cavallos, seis carretas com armamento e munição, 500 armas, a caixa militar do chefe Artigas com 3.000 pesos, um estandarte e cinco caixas de guerra ; aprisionou 300 homens inclusive o commandante Aguiar e alguns officiaes, aprisionando tambem 14 embarcações, comprehendida uma canhoneira, apresentando-se-lhe o commandante Jédro das mesmas embarcações e a respectiva tripolação que constava de 40 praças.

Por este feito foi Bento Manoel elogiado pelo seu commandante e pelo general em chefe do exercito do sul em ordem do dia, de 23, sendo tambem por carta régia de 24, tudo do seguinte mez de junho, promovido a major por ter-se distinguido na acção do Guabijú.

Recebendo ordem do general Curado para sorprehender Artigas em o seu acampamento no *Queguay-chico*, pelas quatro horas da madrugada de 4 de julho, á frente de 500 cavallerianos, investiu Bento Manoel contra o mencionado acampamento, cujas tropas, que estavam então gosando o melhor dos somnos, foram completamente batidas e destroçadas, ficando elle assim senhor do campo e da artilharia, fazendo não pequeno numero de prisioneiros, entre os quaes se achou o ex-delegado do chefe Artigas, em Montevidéo, D. Miguel Barreiro, que, em acto continuo, foi enviado ao tenente-general Barão da Laguna, que o conservou preso por algum tempo.

O Sr. Santiago Bollo, no seu *Manual de Historia de la Republica del Uruguay*, referindo-se a esta acção, accrescenta o seguinte :

« Esta sorpresa fué neutralizada por otra que cuatro horas más tarde sufrió el mismo Bentos Manuel, realizada por los 500 hombres del mando de Rivéra, quien puso en

completa derrota al brasilero, matandole las dos terceras partes de su gente y arrebatandole les caballadas, recuperando gran número de prisioneros y obligando finalmente á Bentos Manuel á huir á piè por entre el bosque vecino ».

« No era esta la primera vez que Rivéra chocara com Bentos Manuel, pues el 14 de junio habia tenido con el dos encuentros sucesivos, uno por la mañana y el otro al caer la tarde ».

« Obligado á retirarse en el primero, volvió con nuevo impetu por la tarde y obligó á Bentos Manuel á huir desordenadamente, dejando en el campo numerosos muertos y prisioneros ».

« El teatro de estas operaciones fueran las puntas del arroyo Chapicuy en el Departamento de Paysandú ».

Em o seguinte anno de 1819, de ordem ainda do tenente-general Xavier Curado, partiu Bento Manuel em busca do seu digno competidor, o já tambem celebrisado coronel Fructuoso Rivera que se achava acampado no Arroyo Grande.

« Levara 600 milicianos de empenho, e escorava-se em cerca de 200 mais que formavam uma columna encarregada ao tenente-coronel Jeronymo Gomes Jardim, destinada a attrahir para seu lado a attenção do chefe oriental, e a enganal-o a respeito dos planos de Bento Manoel Ribeiro.

Um combate renhido travou-se no dia 28. Vingou a traça do commandante brasileiro. Soffreu Fructuoso Rivera derrota séria. Deixou 108 mortos no campo da batalha, 96 prisioneiros em poder de Bento Manoel, cerca de 100 clavinas e 700 cavallos, debandando-se de novo para o seu couto dos serros. »

O decreto de 1º de março de 1820 elevou Bento Manoel Ribeiro ao posto de tenente-coronel « por distincção no combate do Arroio-Grande ».

Como se sabe, o golpe decisivo desta segunda e longa campanha teve logar a 22 de janeiro deste ultimo anno nas margens do Taquarembó, seguindo-se o exilamento do chefe Artigas no Paraguay e a incorporação de Fructuoso Rivera ao exercito de D. João VI no mesmo

posto de coronel, dando-se-lhe o commando de um regimento de orientaes.

Bento Manoel Ribeiro, com as forças brasileiras que abandonaram a Banda Oriental, se conservou na fronteira do Rio Grande do Sul, onde foi encontral-o o brado da independenia soltado na sua provincia natal pelo fundador do Imperio, a 7 de setembro de 1822.

Por decreto de 12 de outubro do anno seguinte foi-lhe conferida a patente de coronel graduado para o regimento de milicias n. 22, conservando-se em repouso até abril do anno de 1825, em que, com a revolução que deu origem á independencia da Banda Oriental do Uruguay, se poz mais uma vez em campo com o seu regimento, ás ordens do legendario marechal de campo barão do Serro Largo, então commandante das armas da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Solicitado pelo Visconde da Laguna, reuniu este chefe as forças de que podia dispôr e, invadindo a Cisplatina, depois de penosa marcha, conseguiu nos primeiros dias do mez de julho acampar na margem direita do rio Negro, proximo a Mercedes, onde existia um destacamento de tropas brasileiras.

A colonia do Sacramento achava-se então sitiada pelo chefe dos revolucionarios D. Juan Lavalleja, mas a sua briosa guarnição, commandada pelo intrepido Manoel Jorge Rodrigues, rebateu com valor todas as investidas, pelo que o Barão do Serro Largo, com o fim de impedir que o mesmo Lavalleja, unindo-se a Rivera e avolumando seu exercito viesse batel-o, resolveu mandar atacar a columna deste ultimo chefe.

« Para isso fez vir do Rincon de Haedo (tambem chamado de las Gallinas) a cavalhada fresca que ahi tinha e destacou 800 homens escolhidos dentre todos os corpos de sua divisão, confiando sua direcção ao celebre Bento Manoel Ribeiro, então coronel ».

« Achava-se acampado no dia 2 de setembro na foz do Coquimbo, quando Abreu, Barão do Serro Largo, levantou o acampamento e manobrou com todas as suas tropas para illudir a guarda avançada que, sob as ordens de Felippe Caballero, deixara o general inimigo em nossa

frente. Graças a esse movimento, conduzido com a habilidade e pericia com que sempre se havia o distincto vencedor de S. Borja, pôde Bento Manoel sahir durante a noite sem ser percebido ».

« No dia 3 Rivera acampou nas nascentes do *Viscocho*, e nessa noite transportou-se para junto do arroio *d'Aguila;* donde se descobre a coxilha de Arbolito. »

« Ahi encontrou-o Bento Manoel no dia seguinte, depois de ter com tres esquadrões batido ao amanhecer a força de Caballero, que, descobrindo pelos rastos dos cavallos, mas já tarde, a partida da columna imperial, correra a reunir-se ao grosso das forças inimigas ».

Ao avistar os nossos soldados, formou o general Rivera sua pequena divisão e adiantou-se com todo o valor ao encontro delles ».

« Os atiradores dos dous lados tirotearam-se por algum tempo e afinal a linha inimiga, dando uma descarga, accommetteu a nossa com furia, carregando-a de espada em punho ».

« Recebida, porém, com firmeza, essa carga, pelos nossos bravos, foram os contrarios repellidos, batidos e acutilados, por espaço de quatro leguas, deixando no campo 64 mortos e 14 prisioneiros ».

No numero dos mortos se achavam o major Mancilla e mais dois officiaes e entre os prisioneiros o capitão Tavares com outros officiaes.

Depois desta victoria, por ter sido requisitado pelo Visconde da Laguna, á frente de uma columna de cavallaria seguio Bento Manoel para Montevidéo, onde foi recebido em triumpho.

Chegada se faz a occasião de tratarmos da celebre *batalha de Sarandy*; como porém *della* existe uma detalhada descripção feita em 1872 pelo legendario general Osorio, a pedido do Dr. Silva Paranhos do Rio-Branco, parece-nos que, reproduzindo-a aqui, melhormente desempenharemos a nossa missão: — publicar factos consignados nas fés de officios dos generaes do nosso exercito ou em documentos que mereçam fé. — Eil-a:

Descripção ligeira do combate de Sarandy em 12 de outubro de 1825.

« Em setembro d'esse anno, estando o exercito brasileiro de cavallaria, ao mando do general José de Abreu (Barão do Serro Largo), acampado na villa de Mercêdes, costa Sul do Rio Negro, e o general Fructuoso Rivera fazendo-nos frente, foi destacado o coronel Bento Manoel com 600 homens para o bater. Com effeito, Rivera foi derrotado nas pontas do arroio de Aguila, fazendo-se-lhe mais de 30 prisioneiros e 40 mortos.

« Bento Manoel foi reforçado com um esquadrão do 5º regimento e outro do 3º de linha, e em marchas forçadas atravessou a campanha na direcção de Montevidéo, aonde chegámos em fins do mesmo mez de setembro.

« A columna de Bento Manoel compunha-se de pouco mais de 800 homens com o reforço recebido.

« Em Montevidéo Bento Manoel pedia as cavallarias que alli estavam e alguma infanteria e artilharia, para ir bater o Exercito Oriental, que se dizia ter mais de 2.000 homens. Bento Gonçalves devia marchar do Serro Largo em direcção a Minas para fazer juncção com Bento Manoel que devia sahir de Montevidéo.

« A força de Bento Gonçalves era de 354 individuos do regimento 39º de Milicias e paisanos irregularmente armados.

« Por unico reforço recebeu Bento Manoel, em Montevidéo, 400 homens, sendo : um esquadrão de guerrilhas do paiz e portuguezes rebaixados ; um contingente do 7º de infanteria que para o effeito foram armados de lanceiros, um pequeno contingente de conductores de artilharia que com a infanteria do 7º, transformada em cavallaria, se uniram ao esquadrão do 3º regimento.

« Os primeiros 600 homens com que Bento Manoel sahio de Mercêdes eram dos regimentos de milicias ns. 22, 23 e 40, um esquadrão do 4º regimento de linha, 50 lanceiros guaranys, um contingente de milicias orientaes de Sandú e Colonia. Toda a sua columna, pouco mais tinha de 800 homens ao chegar a Montevidéo.

« Nos primeiros dias de outubro marchámos procu-

rando juncção com Bento Gonçalves e ella se effectuou pelas immediações de Minas. Segundo o que se dizia nas forças, Bento Manoel tinha ordem de operar esta juncção e bater o inimigo se fosse possivel.

« Aos primeiros raios da manhã de 12 de outubro passamos o arroio Sarandy, da margem direita para a esquerda, aonde estava o exercito inimigo acampado como a um quarto de legua acima do passo.

« Este tinha sómente 500 homens a cavallo em alarma; o mais estava a pé, e foi completamente sorprehendido.

« Depois de nos approximarmos do campo inimigo e ser a sua força reconhecida, Bento Manoel, conferenciando com os seus chefes, mandou a tropa mudar de cavallos e entretanto dispoz-se ao combate.

« Constou-me, por ouvir então aos tenentes-coroneis Calderon e Bento Gonçalves, que elles foram de opinião de retirarmo-nos, porém que Bento Manoel não quiz logo fazer esse movimento, por nos acharmos em campo raso e em presença de uma força inimiga mais que duplicada que a nossa, devendo por isso a retirada converter-se em derrota.

« O inimigo teve tempo de tomar cavallo e sahiu logo do seu campo sobre a força brasileira que á sua vez marchou ao encontro, em columna de meios esquadrões, sem reserva nem outras disposições.

« Approximando-se repentinamente formou linha, e carregou, lançando-nos pelo flanco direito e esquerdo duas columnas de flanqueadores.

« Estas columnas não acharam pela nossa inferioridade de força quem as contivesse no seu intento. Assim, foram as nossas alas, e principalmente a direita, rechassadas.

« No centro da linha brasileira os nossos esquadrões de 1ª linha venceram a carga ao inimigo, de quem tambem dispersámos a reserva de cavallaria do centro, mas, parámos ao chegarmos a uma pouca infanteria sua, que tinha um canhão que nos fez poucos disparos.

« Nestes momentos o esquadrão a que eu pertencia, e que era commandado por um tenente do contingente de

artilharia, teve ordem de acudir á direita que tinha sido rechassada. Este esquadrão, cumprindo a ordem, foi em poucos instantes cercado. Delle só escaparam combatendo braço a braço, nove praças e eu, que nos reunimos ao commandante da acção, e, combatendo em retirada, repassámos o arroio Sarandy, em cujo passo nos sustentámos por duas horas, até que se nos reunio Bento Gonçalves, Calderon e Filippe Nery com alguma gente.

« O major Alencastro com pouco mais de 400 homens victoriosos, cercados no campo, teve que capitular. Com esta noticia Bento Manoel se retirou sobre um passo do arroio Gy aonde chegámos ao cahir da tarde, encontrando porção dos dispersos da ala direita e esquerda que formaram, inclusive a nossa força, 580 homens.

« Ouvi depois o coronel Bento Manoel dictar o officio dando parte do combate e me recordo de elle dizer que teve em linha de batalha sob o seu commando 1.411 praças.

« O combate começou ás 9 horas da manhã. Só por parte do major Alencastro é que teve a duração de mais de tres horas, porque elle rechassou differentes cargas, e, entrando em parlamento, essa demora facilitou a retirada dos dispersos.

« Não é exacto, que se passasse para o inimigo a infanteria guarany, porque não a tinhamos. Os poucos d'essa arma estavam armados de lança e a cavallo.

« O major Alencastro commandava dous esquadrões do 5º regimento, porque o tenente-coronel Nery era commandante de brigada.

« Os milicianos e paisanos de Bento Gonçalves entraram em acção e foram os primeiros vencidos na ala direita, tomados de frente e flanco.

« Ora, houve dispersos escapados em differentes direcções, os chefes acima ditos retiraram-se com 580 individuos, e portanto, não podiamos ter 572 mortos, visto que dá o inimigo 573 prisioneiros.

« Não ha, pois, a perda por nossa parte de 1.278 homens.

« Bento Manoel mandou parte ao general Abreu, em Mercêdes, do occorrido e fez a sua retirada sobre o passo

do Polanco em Gy e dalli ao passo do Pereira no Rio Negro, recolhendo-se a Sant'Anna do Livramento. D'alli fez juncção em Quarahim com as forças do general Abreu e do general Sebastião Barreto, que fizeram a sua retirada de Mercêdes pela costa do Uruguy para o Quarahim.

« Bento Manoel foi froxamente perseguido do passo do Sarandy ao de Gy ; e ainda até o passo do Pereira no Rio Negro. — Pelotas, 9 de janeiro de 1872. — Conforme — *Marquez do Herval* ».

Por decreto de 9 de maio de 1826 foi Bento Manoel promovido á effectividade do posto de coronel, continuando no commando do seu regimento.

Recolhendo-se o Barão do Serro Largo a S. Gabriel, onde fixou o seu quartel-general, deixou no *Rincon de Catalan* uma brigada de cavallaria para repellir as tentativas de incursões do inimigo sobre o Rio Grande do Sul, pois se achavam de posse de toda a campanha oriental.

Para commandante da mencionada brigada foi designado o coronel Bento Manoel Ribeiro.

Substituido o Barão do Serro Largo pelo brigadeiro Francisco de Paula Rosado, determinou este que fossem concentradas todas as forças em Sant'Anna do Livramento, abrindo assim as nossas fronteiras, do que se aproveitou o inimigo que por mais de uma vez a transpoz entregando ao saque e á devastação todo a territorio banhado pelo Uruguay; factos estes que não se dariam si a brigada de Bento Manoel, estacionada no Rincon de Catalan, não tivesse sido tambem reunida ao grosso do exercito, por ordem do novo commandante das armas.

Ainda assim a Bento Manoel foi dado o ensejo de travar o combate de *Capilla del Rosario* no *Meriñay* (Corrientes) que, dos poucos que se deram no anno de 1826, foi o mais importante e se acha descripto pelo mencionado Dr. Paranhos do Rio Branco, do seguinte modo :

« Bento Manoel fôra despachado com a primeira brigada contra uma força correntina ao mando de Felix Aguirre, que saqueava as Missões Orientaes. A' sua approximação fugio o inimigo para Corrientes.

« O intrepido paulista atravessou o Uruguay a 31 de outubro e a 5 de de novembro colheu a gente de Aguirre.

Collocou-se este na «Capilla del Rosario» com oitocentos homens e tres peças, postando muito adiante, e deste lado do Meriñay, o coronel Pedro Gomes Toribio com outros duzentos. Bento Manoel desbaratou inteiramente esta força, ficando Toribio entre os mortos, e avançou sobre a outra; mas Aguirre com a sua artilharia pôz-se logo em retirada, deixando para protegel-a trezentos soldados, que foram igualmente destroçados.

« No campo deixou o inimigo trezentos homens mortos ou feridos, muito armamento e mais de mil cavallos. Tivemos um official e trinta e sete praças fóra de combate ».

Em o seguinte anno de 1827, depois de ter o Marquez de Barbacena assumido o commando em chefe do exercito do Sul, que foi convenientemente reorganizado, ao coronel Bento Manoel Ribeiro foi entregue o commando da 1ª brigada ligeira de cavallaria, com a qual se destacou do exercito, a 9 de fevereiro, para observar a direcção das forças inimigas e só veio a elle reunir-se a 22 do mesmo mez, pelo que deixou de tomar parte na batalha de Ituzaingó, coforme se vê do seguinte topico da carta dirigida pelo Marquez de Barbacena ao brigadeiro Cunha Mattos, sobre a dita batalha:

« A 1ª brigada ligeira, que estava a seis leguas, quando ouviu os primeiros tiros de artilharia, não quiz seguir o exemplo de Dessaix. Este general, ouvindo os primeiros tiros em Marengo, como V. Ex. sabe, marchou dez leguas com a sua infanteria, e veio no fim da tarde decidir da batalha. Aquelle coronel, tendo a sua gente montada em cavallos magnificos, nem veio ao campo da batalha, nem se deu ao incommodo de procurar o exercito, que o veio encontrar ao terceiro dia, tranquillamente acampado na estancia do coronel Carneiro, a dez leguas do campo da batalha ».

Do mesmo modo que já o fizemos em relação ao desastre do *Sarandy*, reproduzimos aqui a resposta dada pelo general Ozorio a diversos quesitos do Dr. Paranhos do Rio Branco, sobre a conducta de Bento Manoel, na campanha de 1827, que foi a seguinte:

« Nesta 2ª campanha não servi na columna do coronel

Bento Manoel; porém, estando no exercito do general Barbacena, sei que ao sahir o de Alvear de Bagé para S. Gabriel, foi mandado aquelle coronel com os regimentos 22, 23 e paisanos e guerrilhas, ao todo 1.100 homens a flanquearem o exercito inimigo que, em S. Gabriel, se deteve por alguns dias, tendo um piquete de 100 homens sobre o *Vacacahy*, cujo piquete foi atacado de surpresa pelo tenente João Marcellino, do regimento 22.

« Este tenente Marcellino era da vanguarda de Bento Manoel, commandada pelo major Gabriel Gomes. Nessa surpresa matou 20 cavallos e dous officiaes do inimigo, perdendo só 2 homens mortos e 3 feridos. Tambem nestes momentos do conflicto veio sobre as nossas uma força de cavallaria inimiga muito superior, mas Gabriel Gomes, manobrando com coragem e precisão, fez uma brilhante retirada.

« O feito do tenente José Theodoro foi anterior e na retaguarda do exercito inimigo, antes que este tivesse sahido de Bagé, tomando-lhe nessa occasião prisioneiros, inclusive o tenente-coronel Leonardo de Oliveira, oriental, e um fulano major Centurião, denominado o Calengo.

« Bento Manoel collocou-se, então, ao norte de São Gabriel e, sentido pelo inimigo, teve sobre si uma força que foi calculada em 3.000 homens de cavallaria commandada pelo general Mancilla, cuja força no dia 15 ou 16 de fevereiro alcançou o coronel perto do passo do *Umbú*, no Ibicuhy-grande. Bento Manoel se pôz em retirada, mudando as suas cavalhadas e poucas bagagens para além do mesmo rio, o que motivou ao inimigo se approximar ainda mais, e começar um forte combate de atiradores, até o logar denominado Sanga-Funda, antes do passo aonde o mesmo coronel mandou para deter o adversario e facilitar a passagem, carregar tres esquadrões sobre a vanguarda. E com effeito, o inimigo parou, perdendo-se de nossa parte o alferes José Xavier de Azambuja, e alli, em toda a jornada, 20 praças mortas e feridas. A nossa força transpoz o passo e se fez forte. O inimigo não passou, apezar de tental-o. A' noite Bento Manoel marchou na direcção do Jaguary, e o inimigo retrocedeu para o passo de Rosario.

« A 19 do mesmo mez, Bento Manoel retrocedeu tambem do Jaguary para o passo de Santa Victoria, de onde se ouviram os primeiros tiros de peça da batalha do Rosario. Bento Manoel, que não suppunha a batalha naquelle dia, nem tinha recebido ordens do general em chefe a respeito, mandou o porta-estandarte Zeferino Teixeira de Carvalho reconhecer a causa do fogo que havia, e foi seguindo na direcção de Cacequy, aonde o dito porta-estandarte já encontrou dispersos os do nosso exercito.

« Bento Manoel fez, pois, uma boa e feliz retirada, na qual muito bons serviços prestou o major Gabriel Gomes.

« Mais tarde, voltando força nossa ao campo de batalha, encontrou nove cadaveres de inimigos e dous no matto, á margem esquerda do passo do *Umbú*. A razão por que Bento Manoel não se reunio ao exercito na batalha de 20 de fevereiro deve ser, principalmente, explicada pela distancia que ha do passo de Santa Victoria ao do Rosario, que consta, talvez, de 9 leguas brasileiras. »

Reunido ao exercito, com elle retirou-se Bento Manoel e com a sua brigada foi incorporado á divisão de cavallaria do brigadeiro Sebastião Barreto P. Pinto, com a qual conseguiu este chefe fazer recuar a segunda invasão e conter o exercito de Alvear, e, por meio de surpresas, marchas e contra-marchas, o obrigou a retirar-se do Rio Grande do Sul, em principio do mez de junho.

Deste seu novo chefe mereceu Bento Manoel as palavras elogiosas constantes da seguinte proclamação :

« Bravos camaradas da 1ª e 2ª brigadas do commando dos coroneis Bento Manoel Ribeiro, Bento Gonçalves da Silva e do regimento de Lumarejo ao mando do tenente-coronel José Rodrigues Barbosa :

« Companheiros e amigos :

« O Exercito argentino, que tanto blasonava de conquistar nosso paiz, acaba de o deixar, retirando-se vergonhosamente !

« Vêde o quanto póde o pequeno numero de soldados, em cujos corações ainda a virtude impera.

« Vós fostes os que, á custa de mil sacrificios e privações, salvaram a Patria. Ella vos bemdirá e o augusto e

magnanimo Imperador premiará com mão liberal as nossas fadigas. E as gerações vindouras olharão com respeito para os vossos ultimos netos e dirão com assombro: « Estes ainda são os descendentes dos poucos heróes que expulsaram do nosso paiz natal o exercito que o invadiu em 1827 !

« Eia ! Camaradas ! Continuai a trilhar o caminho da honra, não eclipseis a gloria de que vos tendes coberto. Mais alguma constancia, é o que unicamente de vós exije o vosso amigo e vosso patricio—*Sebastião Barreto Pereira Pinto*. — Campo volante, nas vertentes do Velhaco, em 9 de junho de 1827 ».

Continuou Bento Manoel nesta campanha, até que depois de firmada a Convenção preliminar de paz a 27 de agosto de 1828, recolheu-se com o seu regimento á guarnição do Rio Pardo, sendo por decreto de 24 de março do seguinte anno de 1829 transferido para a 1ª linha no mesmo posto de coronel e classificado no Estado Maior do Exercito.

Deixando por tal motivo o commando do regimento de milicias n. 22, conservou-se Bento Manoel na provincia do Rio Grande do Sul, onde se tornara vantajosamente conhecido como militar experimentado, achando-se tambem relacionado em quasi toda a *campanha* por laços de parentesco e dispondo de alguns beus de fortuna, que soube accumular com o louvavel intuito de garantir o futuro dos seus descendentes.

Depois do golpe de Estado de 7 abril de 1831, foi-lhe confiado o commando da guarnição e fronteira do Rio-Pardo, que exerceu até o fim do anno de 1834, em que nelle foi substituido por um seu desaffecto, o tenente-coronel da extincta segunda linha, José Antonio Martins, *por ter sido impensadamente resolvida a sua destituição pelo presidente A. Rodrigues Fernandes Braga*, contra quem a 20 de setembro do anno seguinte irrompeu em Porto Alegre um movimento sedicioso que foi o prologo da revolução republicana rio-grandense.

As razões que levaram o coronel Bento Manoel Ribeiro a tomar parte nesse movimento são explicadas, pelo seu comprovinciano e antigo companheiro de armas, o já

nomeado brigadeiro reformado José Joaquim Machado de Oliveira, do seguinte modo :

« Entre os motivos com que se procurou cohonestar este movimento foi o da destituição do coronel Ribeiro do commando da fronteira do Rio Pardo, só fundados em falsas apprehensões ; e, comquanto fosse estranhavel ao commandante esta caprichosa destituição, não apreciou, todavia, como emergencia que actuasse em seu animo cavalheiroso para fazer causa commum com o movimento, embora considerado fosse como um distincto e brioso veterano do exercito, fitando um passado tão cheio de honra e victorias.

Foram os seus amigos que puzeram em relevo esse acto imprudente da presidencia da provincia, quando ao proprio demittido lhe fôra indifferente ; não autorizando para que se pense o contrario o haver Ribeiro adherido á revolução em seu começo, porque a isso o pungiu, bem como a outros muitos, os desmandos do governo.

« E' uma verdade authenticada por factos, que o governo da provincia, em vez de consultar sua consciencia justa e reconhecidamente benigna, era para a governação da provincia actuado por uma força irascivel, estranha e irresponsavel, por um animo pujante para vindictas, que por mais de uma vez aggrediu o bom senso e brio proverbial dos rio-grandenses, levando-os por fim ao rompimento de 1835.

« O coronel Ribeiro, pronunciando-se pela revolução, reuniu-se a Bento Gonçalves, que a tinha promovido e a expandira por alguns districtos do interior ».

Com effeito pelo seu prestigio entre os revolucionarios, quasi todos militares, tendo sido suspenso o commandante das armas, general Sebastião Barreto Pereira Pinto, o vice-presidente Marciano Pereira, que se achava em exercicio, e de accordo com os revoltosos, a 12 de outubro nomeou Bento Manoel para, provisoriamente, substituir aquelle general.

Dos documentos que em seguida transcrevemos verifica-se que neste cargo se conservou Bento Manoel, porém longe da séde do Governo, em S. Gabriel, onde, ao receber uma representação da Camara Municipal da cidade do

Rio-Grande, datada de 21 de dezembro, convidando-o a defender o governo legal, representado então pelo novo presidente Dr. Araujo Ribeiro, respondeu-a a 30 do mesmo mez, acceitando o convite e fazendo em acto continuo publicar a seguinte

ORDEM DO DIA

« Quartel do commando das armas em S. Gabriel, 30 de dezembro de 1835.

« Tendo as camaras municipaes das cidades do Rio-Grande e Pelotas e villa de S. José do Norte dirigido-se officialmente ao commandante das armas, conjurando-o a que, em cumprimento das promessas emittidas em suas proclamações, salve a provincia dos males da anarchia, em que a pretende envolver um partido republicano, que infelizmente appareceu, o qual tem chegado a dominar a assembléa legislativa provincial, conseguindo obstar que se désse posse ao dr. José de Araujo Ribeiro da presidencia da provincia, para que fôra legalmente nomeado pelo Regente em nome do Imperador o Sr. D. Pedro Segundo, dando com este proceder o primeiro passo a desmembrar a provincia da associação brasileira ; declarando ao mesmo tempo aquellas mesmas camaras a justa indignação, que uma semelhante repulsa causara nos animos dos cidadãos dos seus municipios, por conhecerem evidentemente os males que se seguiriam á patria ; e desejosos todos de prevenil-os, tinham resolvido, como o fizeram, reconhecer ao dr. José de Araujo Ribeiro, nosso compatriota, como presidente da provincia.

« O commandante das armas está demasiadamente ao facto dos manejos do partido republicano e dos meios que emprega, e mais certo ainda das desgraças, que acompanharão a separação da provincia e firme nos principios que proclamou depois do memoravel dia 20 de setembro, em desempenho da sua palavra, de accordo com aquellas illustres e patrioticas camaras e com a totalidade dos cidadãos bons da provincia, solemnemente reconhece a legitima autoridade do Exmo. Sr. Presidente dr. José de Araujo Ribeiro, desconhecendo outra qualquer, que o par-

tido republicano da capital intente levantar ou sustentar; e em consequencia ordena a todos os militares da provincia, sujeitos ao seu commando, que reconheçam ao mesmo Exmo. Sr. dr. José de Araujo Ribeiro como nosso legitimo presidente.

.....

.....

(assignado) *Bento Manoel Ribeiro.* »

Dias depois, isto é, a 1° de janeiro de 1836, atacou Bento Manoel as avançadas de Bento Gonçalves no arroio dos Ratos e durante os tres quartos de hora em que fortemente se tirotearam, perdeu este um capitão morto, muitos soldados e alguns prisioneiros e aquelle alguns feridos, um morto, sendo Bento Manoel obrigado a deixar precipitadamente o acampamento.

Em sessão de 16 de fevereiro a assembléa provincial resolveu que se recommendasse ao *vice-presidente* da provincia a dispensa de Bento Manoel do commando interino das armas, «por estar promovendo a guerra civil na provincia e que o mandasse responsabilisar por seus actos illegaes constantes da sua ordem do dia », á vista do que a mesma vice-presidencia expediu circulares no dia seguinte a todas as camaras municipaes communicando ter decretado a referida demissão e nomeado o major João Manoel de Lima e Silva para interinamente occupar o dito commando.

Mantido, porém, neste cargo pelo presidente Araujo Ribeiro, em 14 de março distribue Bento Manoel os 1.450 homens de que dispunha pelas guarnições de Alegrete, Caçapava, Bagé e Jaguarão, ficando apenas com 800, com os quaes seguiu para o Rio Pardo para refazer-se do necessario, afim de poder entrar em luta.

E de facto, tres dias depois derrotou a columna commandada pelo brioso coronel Affonso José de Almeida Côrte Real, matando-lhe 150 homens e fazendo numero igual de prisioneiros, inclusive o referido coronel, que foi o unico que conservou em segurança, até que conseguiu embarcal-o para o Rio de Janeiro, onde foi recolhido á fortaleza de Santa Cruz ; aos outros mandou pôr em liber-

dade, adherindo grande parte delles á causa da legalidade, recolhendo-se os demais ás suas casas.

Procurando depois atacar Bento Gonçalves, este escapou-se-lhe e dividindo a sua gente com Antonio Neto nas pontas do *Camaquan-chico*, tomou o rumo de Porto-Alegre, pelo que resolveu seguir no encalço deste ultimo caudilho.

Por decreto de 21 do seguinte mez de maio foi nomeado Bento Manoel Ribeiro commandante das armas effectivo, conforme a indicação do presidente Araujo Ribeiro, pelo «auxilio efficaz que prestára á reacção na provincia com a influencia de que gozava no exercito e entre os seus amigos».

Em Porto-Alegre, graças aos esforços do marechal do exercito reformado João de Deus Menna Barreto, que pelo seu velho amigo, tambem general reformado, Chagas Santos, fôra convidado a dirigir o movimento restaurador, na noite de 14 para 15 de junho com o auxilio do 8º batalhão de caçadores foram atacadas as guardas, soltos varios officiaes aprisionados, entre os quaes o major Marques de Sousa, que foi nomeado major da praça ; preso o dr. Marciano e mais autoridades illegaes e repellidos para fóra da cidade os adeptos da revolta, tornou-se um facto a restauração do governo legal.

As forças contrarias acamparam então fóra da cidade, pondo-a em sitio, e a ellas se reunindo poucos dias depois Bento Gonçalves, com grosso reforço, approximou-se das trincheiras e intimou aos seus defensores que se rendessem até o dia 27.

Desprezada a intimação, ordenou o ataque, que, ficando sem resultado, o repetiu no dia 30 por todos os lados da cidade, comprehendendo os da Bahia do Guahyba, combatendo-se durante tres horas, sendo, porém, mais uma vez repellidos os atacantes.

Passados alguns dias voltaram á carga, sem nenhum resultado, merecendo especial referencia o ataque de 20 de julho, em que foram rechassados; e tomando os sitiados a offensiva, levou-os de vencida até os «Moinhos de Vento», destruindo-lhes as trincheiras em que se abrigavam.

Na ordem do dia do chefe da reacção congratulando-se por este ultimo triumpho, era annunciada a proxima chegada a Porto-Alegre do coronel Bento Manoel, com reforços de tropas disciplinadas.

A chegada do commandanie das armas deu nova face ás operações dos revoltosos, que levantaram o sitio da capital e se empenharam na realização de outros planos de campanha.

Acampando nas cercanias de Porto-Alegre, publicou Bento Manoel uma proclamação convidando os colonos de São Leopoldo a tomarem armas pela legalidade, a qual conclue com as seguintes palavras :

«O commandante das armas, aquelle que no dia 20 de fevereiro se mostrou vosso amigo salvando a vida de centenares de vossos compatriotas, não espera de vós um procedimento desleal, antes se lisongeia de acreditar que ora voareis a incorporar-vos ás forças da legalidade e unidos aos seus valentes chefes, entoareis vivas á religião, á constituição reformada, ao Sr. D. Pedro II, aos bravos defensores da legalidade e aos industriosos colonos de S. Leopoldo. Campo á vista de Porto-Alegre, 26 de julho de 1836.»

Neste mesmo dia fez baixar a seguinte

ORDEM DO DIA

«O commandante das armas da provincia, pisando hontem o solo da capital, foi possuido da mais viva alegria, contemplando o contentamento que se divisava no semblante de todos os habitantes; e dirigindo-se mais particularmente aos seus camaradas militares os elogia, e em nome da Patria e do Governo lhes agradece a heroica reacção contra os anarchistas da noite de 14 para 15 do passado.

«A celeridade com que, sem effusão de sangue e em poucas horas, foi restituida a capital ao imperio das leis, e ao gremio brasileiro, de que os anarchistas a haviam segregado, é desses feitos que a posteridade classificará como um dos mais heroicos, e dará um nome superior ao tempo aos que o emprehenderam e tão habilmente executaram.

«Camaradas ! Nenhuma prova mais irrefragavel podieis dar ao Brasil e ao mundo, do vosso patriotismo, de vossa fidelidade á constituição reformada, e ao nosso joven imperador, do que a reacção, pela qual fizestes baquear os tyrannos, que tantos males têm causado á Patria e feito com que os rio-grandenses se massacrassem mutuamente.

«Militares da capital ! Muito fizestes n'aquella memoravel noite e o valor com que soubestes repellir os ataques do traidor, chefe dos anarchistas, e o desprezo ás suas ameaças, vos dão direito a encomios, que vosso commandante não pode expressar.

«O commandante das armas, sabendo o perigo, em que estaveis, acompanhado dos bravos que tantas vezes se teem coberto de louros e tanto trabalhado á pról da Patria, da distancia de mais de 50 leguas correu a soccorrer-vos, e no dia 24 se achava á vossa vista e parte d'esses bravos partilhando de vossos trabalhos e perigos.

«Seria minucioso e tarefa bastante ardua querer o commandante das armas particularisar individuos, quando todos perpassaram a raia do heroismo.

«O commandante das armas tambem dirige seus agradecimentos e louvores aos cidadãos da capital, que em qualidade de soldados se tem apresentado a servir nas fortificações e tomado uma viva parte nos combates.

«Militares e cidadãos da capital ! Vós todos sois credores do reconhecimento da Patria e do governo! O commandante das armas da provincia, vosso emulo em promover o triumpho da legalidade e o exterminio da anarchia, louva em extremo vossa fidelidade, honra, moderação e extraordinario valor. — *Bento Manoel Ribeiro*».

Depois da restituição da capital ao dominio legal estabelecera-se Bento Gonçalves na capella do Viamão com todas as forças que retirou do sitio, ameaçando sempre a capital ; sendo, porém, desalojado desta posição a 4 de setembro por Bento Manoel, atravessou o rio Cahy para alcançar a campanha e, estacionando na ilha da Fanfa, sobreveio-lhe ahi, a 4 de outubro, maior revez do que o soffrido com a restauração de Poto-Alegre e de consequencias fataes.

Neste logar Bento Manoel que o seguia de perto, com elle travou combate sendo efficazmente auxiliado pela flotilha sob o commando do chefe da esquadra João Pascoœ Greenfell.

As tropas legalistas de terra constavam de mil praças de infanteria e cavallaria, as de Bento Gonçalves se elevavam a mil e cem das tres armas.

A victoria dos legalistas foi completa.

Elles tiveram a perda de quarenta homens e alguns feridos.

Os revolucionarios perderam mais de cento e vinte mortos, além de muitos feridos, e tomaram-se-lhes quinze boccas de fogo de varios calibres e quinhentos prisioneiros, entre os quaes o chefe Bento Gonçalves e o seu forte auxiliar Onofre Pires.

Esta victoria foi considerada como termo da luta, pois que assim abatida, não podia a revolução proseguir.

O governo da provincia annunciou-a como um triumpho definitivo e o da regencia, altamente satisfeito, remunerou o vencedor com a promoção de brigadeiro, por decreto de 14 de novembro do mesmo anno «pelos serviços relevantes que tem prestado na provincia do Rio Grande do Sul para o restabelecimento da ordem e contra os rebeldes», recebendo além disso do mesmo governo o seguinte elogioso documento :

« Foi com a maior satisfação, que o Regente em nome do Imperador ouvio a leitura do officio de 9 de outubro proximo passado, em que V. S., dando conta do triumpho completo que obtiveram as forças da legalidade, sob seu immediato commando, no dia 4, contra os rebeldes, anarchistas capitaneados pelo chefe dos sediciosos dessa provincia, augura felizmente o breve exterminio da anarchia e total restabelecimento da ordem, para que tanto tem V. S. cooperado, coadjuvado efficazmente pelos intrepidos defensores da legalidade que, superando todas as fadigas da guerra, patrioticamente se dedicam a restituir, á grei brasileira, essa importante porção do imperio, abalada e ameaçada de horrorosa subversão.

« O Regente, em nome do Imperador, reconhecendo o relevante serviço que V.S. acaba de prestar ao Imperio

com a victoria do dia 4 de outubro, houve por bem, por decreto datado de hoje, conferir-lhe o posto de brigadeiro; e manda além disso dirigir a V. S. e aos bravos que debaixo do seu commando tão assignaladamente se comportaram contra os rebeldes, seus bens merecidos louvores, encarregando-o mais de fazer chegar ao conhecimento do governo imperial a relação nominal dos orfãos e viuvas dos que infelizmente pereceram combatendo os inimigos do Imperio afim de serem pelo competente ministerio contemplados com um testemunho de gratidão nacional».

«Deus Guarde a V. Ex.

«Palacio do Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1836. — *Conde de Lages*. — Sr. Bento Manoel Ribeiro».

Em seguida ao combate de Fanfa seguio Bento Manoel para Caçapava, á frente de cerca de tres mil homens, com o intento de se preparar para accommetter o chefe Antonio Netto que se achava na proximidade de Bagé reunindo gente para continuar a luta.

Desejando que o resultado deste encontro fosse favoravel aos legalistas, obrigou Bento Manoel os contrarios a passarem o *Caudiota*, para poder empenhar a acção em campo aberto, e assim andou este chefe manobrando, com o fim de dar-lhe golpe seguro e poupar sangue.

Ao coronel Silva Tavares ordenou que seguisse para Jaguarão e que devia percorrer os campos do Herval, a vêr se poderia depois levar um assalto a Piratinim, elevada desde 6 de novembro a capital da *Republica Rio-Grandense*.

Nesta marcha foi Silva Tavares sorprehendido a 17 de dezembro pelas forças ao mando do chefe revolucionario David Canavarro, que matou-lhe oito soldados e o prendeu com cinco officiaes e trinta praças.

Dentro de poucos dias, porém, conseguiu Silva Tavares escapar-se da prisão e mais resoluto voltou ás lides e fadigas da guerra em favor da legalidade.

Nos ultimos dias deste mez e anno recebeu Bento Manoel alguns emissarios dos revolucionarios que desejavam restabelecer a paz entre os rio-grandenses, debaixo das condições referidas no seguinte officio, que a 1º de janeiro de 1837 endereçou ao presidente Araujo Ribeiro:

« Conforme me havia assegurado o anarchista Antonio Netto e eu participei a V. Ex. no meu officio de 30 de dezembro, vieram hontem Antonio Paulo da Fontoura e José Pedro Soares, autorisados por José Gomes Jardim, que se intitula presidente da republica do Rio-Grande, para fazer as proposições tendentes a se terminar a guerra.

«Foram, porém, tão exorbitantes as proposições que me fizeram, e todas ellas tendentes a explicito reconhecimento da phantastica republica, que tive de as desprezar, e hoje me puz em marcha sobre os rebeldes com o designio de os bater.

« Elles seguem com direcção ao Veleda, e acredito, que d'ahi farão a mesma volta que da viagem passada, com o fim de nos cançar e estragar a cavalhada ; esta columna necessariamente tem de seguir na retaguarda d'elles.

« Asseguro, porém, a V. Ex. que, conseguindo approximar-me a elles, o menor descuido que tiverem, farei aproveitar.

« Deus Guarde a V. Ex.

« Campo em marcha no Seival, 1 de janeiro de 1837. — *Bento Manoel Ribeiro.*

Recusando Bento Manoel taes condições de paz, deliberou-se a tirar uma desforra da surpreza contra Silva Tavares, e nos dias 3 e 4 de janeiro atacou no Veleda e em Candiota ao chefe Antonio Netto, que foi derrotado, deixando no campo cinco canhões e 25 homens mortos, e bem assim ao caudilho Agostinho de Mello no passo do Mendonça, ainda no referido dia 4, matando-lhe dez homens e fazendo alguns prisioneiros.

Por considerações que se acham no dominio da historia, resolveu o governo da regencia que a presidencia do Rio Grande do Sul devia ser exercida por um homem capaz de conceber planos de guerra e combater a revolução sómente pelas armas, e o escolhido para esse fim foi o brigadeiro Antero José Ferreira de Brito que, a 5 de fevereiro de 1837, assumio as funcções de seu cargo em Porto-Alegre, ficando assim Araujo Ribeiro destituido do governo da provincia.

A demissão do presidente Araujo Ribeiro desgostara sobremodo a Bento Manoel que, tendo resolvido vingar-se do governo da regencia, endereçou a Antero de Brito um officio scientificando-lhe de que, por doente, não podia continuar no commando das armas, ao que se lhe respondeu que passasse o commando ao official mais graduado. A 1º de março passou Bento Manoel ao coronel João Chrisostomo o dito commando, tendo tambem licenciado quasi toda a tropa que servia sob seu commando.

Para o Rio de Janeiro remettera Antéro de Brito o pedido de demissão de Bento Manoel, fazendo, porém, por considerações que o desabonavam, resaltar a necessidade da sua substituição immediata, pelo que, a 14 de abril desse anno de 1837, foi lavrado o decreto concedendo-se-lhe a demissão do cargo, a seu pedido.

Os seguintes paragraphos são extrahidos da memoria, que com o titulo *Guerra Civil do Rio Grande do Sul* foi lida no Instituto Historico desta capital pelo dr. Tristão de Alencar Araripe, que a escreveu á vista de documentos e desapaixonadamente :

«Bento Manoel, com a demissão de Araujo Ribeiro, seu parente e amigo, julgara-se contrariado em seus planos de influencia civil e militar e não hesitou na pratica de um acto, cuja immediata consequencia lhe foi o vituperio e animadversão do partido prejudicado no presente, e o receio do lado favorecido no futuro.

«Os legalistas o cobriram de baldões e do opprobrioso epitheto de traidor; os rebeldes jámais tiveram nelle inteira confiança ; tanto essim, que Bento Gonçalves, algum tempo depois do successo que vamos relatar, pretendeu por surpreza prender Bento Manoel, que, embora já então açautelado, ainda mantinha as apparencias de amigo.

« Uma circumstancia de procedencia estranha nessa occasião arrancou e decidiu Bento Manoel a executar o seu projecto.

« E' bem conhecida a luta intestina, em que viviam os caudilhos da nossa vizinha republica do Uruguay. Manoel Oribe e Fructuoso Rivera disputavam nesse tempo o supremo dominio. Aquelle favorecido pelo famoso dicta-

dor de Buenos-Aires, João Manoel de Rosas, achava-se então vencedor e Fructuoso Rivera havia buscado refugio na nossa provincia contigua, de onde projectava regressar para tentar a queda de seu competidor e o restabelecimento da sua presidencia.

« Bento Manoel entabolou relação com o caudilho fugitivo e entenderam-se ambos para prestarem-se mutuo auxilio em seus planos.

« O Governo Imperial, instado por Manoel Oribe, apoiado por seu protector de Buenos-Aires, havia recommendado ao Presidente do Rio Grande do Sul que fizesse effectivo o desarmamento de Fructuoso Rivera e dos seus sequazes, e os internasse na provincia, arredando-os da fronteira.

« Em consequencia disto fizera-se o desarmamento, e Fructuoso Rivera, com o general João Lavale e outros officiaes seus sectarios, tinha vindo para a cidade de Porto Alegre e alli estava sob a vigilancia das autoridades do Imperio.

« O Presidente Antero de Brito, em virtude da recommendação ministerial, insinuára a Fructuoso Rivera que se transportasse ao Rio de Janeiro, onde conseguiria do Governo Imperial a interposição dos seus bons officios perante Manoel Oribe, afim de que o mesmo Fructuoso Rivera obtivesse na republica, de que estava expatriado, posição congruente ao seu gráo militar e á sua influencia politica.

« O general decahido, que lutava pelo mando supremo, querendo ser o primeiro e não segundo no seu paiz natal, não admittiu a insinuação ; em consequencia do que Antero de Brito incontinente o declarou prisioneiro, accrescentando que sobre o seu destino consultaria ao Governo Imperial.

« Entretanto chegavam da campanha noticias confirmatorias das suspeitas antecedentemente concebidas por Antero de Brito a respeito de Bento Manoel.

« Um dia depois da intimação feita a Fructuoso Rivera para considerar-se prisioneiro do Brazil, Antero de Brito partiu para a campanha.

« Pensava Antero de Brito, que com a sua presença

no exercito chamaria os discolos á ordem e inutilisaria qualquer plano do seu despeitado commandante das armas.

« Era já notorio, que Bento Manoel tentara a deposição do Presidente por via de um movimento no exercito, solicitando que este representasse ao Governo Imperial contra aquelle funccionario ; como, porém, não encontrasse apoio da officialidade que commandava projectou e executou um acto violento de indisciplina e de inesperada deslealdade.

« Para melhor exito de seu plano, licenciou as forças do exercito, afim de que assim se visse o Governo legal enfraquecido, no momento em que necessitasse da acção desse mesmo exercito. Patenteava-se já o accôrdo de Bento Manoel com os chefes da rebeldia, outr'ora seus consocios.

« O Presidente Antero de Brito, no intuito de contrariar a acção malefica do commandante das armas sobre o exercito, sahe para a campanha, como fica dito, dirigindo-se para Alegrete ; e quando no dia 23 de março de 1837 approximava-se do passo do Itapevi, no municipio de Caçapava, Bento Manoel se lhe antepõe com cento e tantos homens, prende-o e leva-o comsigo para o meio dos rebeldes, considerando-o como refem de Bento Gonçalves, então recluso nos carceres da Bahia, e de Fructuoso Rivera, detido em Porto Alegre.

« O acto de Bento Manoel foi praticado com prévia sciencia dos chefes rebeldes Antonio Netto, David Canavarro e João Antonio.

« Segundo as ordens de Antero de Brito, o tenente-coronel João Chrysostomo da Silva, que estava em Caçapava com 900 homens das tres armas e o coronel Gabriel Gomes, que estava no Rio Pardo com 600, deviam reunir-se, para então baterem os rebeldes, os quaes por conveniencia de Bento Manoel já tinham podido preparar e congregar forças nos districtos de Jaguarão e Piratinim.

« Apenas preso o presidente Antero de Brito, Antonio Netto sitia a João Chrysostomo em Caçapava com 1.000 homens, e a força legal alli existente entrega-se em grande parte, seduzida pelo espirito de rebeldia. Não se

disparou um só tiro, e a 7 de abril de 1837 o general rebelde apoderava-se da villa.

« A perda para o governo legal foi sensivel ; além de perder uma força de 900 homens, ficaram em mãos do inimigo 15 peças de artilharia, mais de 4.000 armas de infanteria e grande porção de munições de guerra.

« Tomada Caçapava, reuniram-se os chefes rebeldes, entre os quaes achava-se Bento Manoel ; e no dia 14 de abril já dito, nomearam Antonio Netto general em chefe do exercito republicano, ficando então resolvido que o mesmo general iria ao Rio Pardo e depois desceria para pôr assedio a Porto-Alegre.

« A esse conselho assistiu o general Fructuoso Rivera, o qual, evadindo-se de Porto-Alegre, apenas soube da partida de Antero de Brito, apresentara-se entre os seus amigos com surpreza e pasmo de todos e sobretudo do prisioneiro imperialista, que assim via tão fatalmente trocadas as posições nesse jogo inconstante da fortuna.

« A traição de Bento Manoel causou extrema surpreza na provincia.

« No primeiro momento foi geral a indignação da parte da população fiel ao Governo Imperial ; Silva Tavares proclamou em Pelotas, incitando os Rio Grandenses a persistir na defensão da causa nacional, e em outros pontos outros chefes militares procuraram animar a legalidade.

« Na capital a guarnição manteve-se fiel.

« Bento Manoel, contando ser acompanhado por alguns de seus antigos camaradas do exercito, dirigiu-se por carta aos nossos generaes de mais alta patente, convidando-os a seguir o seu exemplo. Elle dizia em suas cartas, que, si os seus companheiros d'armas a elle se unissem, a guerra civil se extinguiria, e accrescentava : — Tudo se conseguirá ; os republicanos desistirão dos seus projectos e se submettem ao Governo Imperial, si quanto antes vier occupar a vice-presidencia o Dr. Joaquim Vieira da Cunha e si fôr entregue ao brigadeiro Gaspar Francisco Menna Barreto o commando da guarnição dessa cidade. O plano de Bento Manoel nesta parte não foi bem succedido. Os generaes por elle convidados para

ajudal-o (*) não acceitaram o convite ; o vice-presidente mais votado existente na capital, Dr. Americo Cabral, assumiu o governo na falta do presidente aprisionado, e proclamou a provincia contra a deslealdade do commandante das armas, que insurgiu-se contra o seu legitimo superior.

« No entretanto Bento Manoel, que precedentemente havia pedido demissão do cargo militar, que occupava, era a seu pedido exonerado na côrte pelo regente do Imperio, por decreto de 14 de abril de 1837, 21 dias depois do facto da prisão do presidente Antero de Brito.

« Por este facto e pela subsequente tomada de Caçapava, Bento Manoel foi immediatamente sujeito a processo no fôro commum. No juizo de paz da cidade de Porto Alegre instaurou-se-lhe em 21 de abril o competente summario de culpa, em que foi pronunciado com seu filho Dr. Sebastião Ribeiro e mais quatro individuos como cabeças do crime de sedição e de rebellião e como cumplices de roubo e carcere privado.

« O Presidente Antero de Brito levava comsigo a quantia de 7:000$, que foi apprehendida com o prisioneiro. Esta quantia, pertencente aos cofres nacionaes, deu aso á qualificação de roubo na pronuncia judicial.

«Este processo, que aliás nenhum exito real produziu, foi posteriormente inutilisado pela amnistia concedida a todos os individuos nelle compromettidos».

Achando-se Bento Manoel com um filho na estancia do major Athanagildo, proximo á Cruz-Alta, teve disso denuncia o marechal Sebastião Barreto, que estando novamente em campanha e commandando uma columna de imperalistas, incontinente fez para alli seguir uma escolta de cavallaria com ordem positiva de o capturar, vivo ou morto.

Sorprehendido, entregou-se Bento Manoel pela madrugada de 8 de julho de 1837; mais tarde, porém, tendo

---

(*) Marechal do exercito João de Deus Menna Barreto ; tenentes-generaes Bento Corrêa da Camara e Francisco das Chagas Santos, brigadeiros Gaspar Francisco Menna Barreto e Manoel Carneiro da Silva Fontoura, todos reformados.

o chefe revolucionario João Antonio desbaratado a columna de Sabastião Barreto, cessado o combate, foi encontrado Bento Manoel sobre o campo, completamente desaccordado pelos ferimentos que recebeu dos soldados da escolta que o guardava e que, obrigados á fuga, pela derrota das forças de que faziam parte, descarregaram sobre elle as armas e o abandonaram convencidos de que o haviam matado.

Tendo recebido os primeiros cuidados, foi transportado para a casa de um seu amigo, onde, carinhosamente tratado, em breves dias se restabeleceu, e prompto se apresentou aos generaes revolucionarios para proseguir na luta, conforme se havia compromettido.

Assumindo a 3 de novembro de 1837 a presidencia da provincia o marechal de campo Antonio Elseario de Miranda e Brito, depois do celebre passeio militar que executou em 31 de janeiro do anno seguinte e á vista do qual evacuaram os revolucionarios a capella do Viamão, seguiu para a campanha e, a 17 de março, fez com que Bento Manoel, com as forças do seu commando, abandonasse tabem a villa do Rio Pardo, com o prejuizo de 20 homens mortos e alguns feridos.

Occupado assim o Rio Pardo pelas forças legalistas, contramarchou o presidente Elseario com destino a Porto-Alegre, deixando o seu collega Sebastião Barreto Pereira Pinto com o commando em chefe d'essas forças.

«Os rebeldes, que tão facilmente haviam-se retirado de Viamão, iam agora ter a desforra e compensação do levantamento do assedio de Porto-Alegre.

«Os caudilhos rebeldes Antonio Netto, David Canavarro, João Antonio e Bento Manoel reuniram as suas forças em numero de 2.500 homens, sendo destes 800 de cavallaria, e a 30 de abril de 1838 atacaram inesperadamente o Rio Pardo, do qual apoderaram-se apoz mortifero combate e total destroço da gente legal.

«As forças imperiaes no Rio Pardo constavam de dous batalhões de infanteria e dous corpos de cavallaria, com oito boccas de fogo, apresentando a totalidade de 1.546 praças, das quaes eram combatentess 1.200.

«A perda da força legal, por obitos, foi de dous coro-

neis, quatro capitães, cinco alferes e 60 praças, além de officiaes prisioneiros e mais de 100 soldados.

«O desastre do Rio Pardo causou extrema sensação no Imperio pelo inesperado successo e foi um golpe fatal para a legalidade, porquanto deu força moral e grande impulso á rebellião, que por momentos considerou-se definitivamente vencedora».

Conseguindo este triumpho, seguiu Bento Manoel a percorrer as localidades mais afastadas da provincia, chegando-lhe então ás mãos o decreto de 29 de dezembro de 1837, assignado na villa do Triumpho pelo presidente da republica rio-grandense, Bento Gonçalves da Silva, elevando-o ao posto de general da mesma republica.

Tendo permanecido por algum tempo nas Missões, d'ahi regressando, occupou as margens do rio Cahy, de onde atacou, a 1 de fevereiro de 1839, duas canhoneiras e um lanchão dos legalistas, sendo mortos o commandante d'ellas e o mestre do lanchão, apoderando-se em sguida d'estes tres vasos que se achavam perfeitamente artilhados.

« Este revez intimidou por tal fórma a Antonio Elseario, que o obrigou a regressar á capital, onde entrou no dia seguinte, receioso de ver atacada a mesma capital, ao redor da qual já os rebeldes tinham reunido 4.000 homens, mais ou menos, com sete boccas de fogo, occupando novamente a sua villa Setembrina (capella do Viamão).

« O general legalista acautelou a tomada da capital e a isto limitou a sua actividade bellica, quando então tinha na provincia ás suas ordens uma força de 7.289 praças. Elle reconhecia e confessava ao Governo Imperial, que com toda essa força não podia ter acção aggressiva contra os rebeldes, que podiam reunir, segundo elle, 5.000 homens, dos quaes 3.500 eram de cavallaria.

« A noticia dos successos da guerra chegaram á côrte e o exito das operações do marechal Antonio Elseario não correspondia á espectativa do Regente, que o nomeara na confiança de promptos e decisivos resultados.

« O feito praticado por Bento Manoel contra as nossas canhoneiras no rio Cahy, como fica referido, impressionou desagradavelmente ao governo regencial. Accres-

cia a isto a certeza de sérias indisposições contra o marechal por parte da officialidade do exercito legal ».

Em 3 de fevereiro de 1839, o marechal Antonio Elseario, escrevendo ao ministro da guerra, dizia : « que Bento Manoel propalava que *só delle é que a legalidade deve esperar o fim desta ensanguentada luta,* sendo de reparar que fazendo eu um giro de mais de 30 leguas com uma força consideravel, de que o inimigo fugia, todos os homens dos districtos se lhe apresentavam e os seguiam ; e a mim só dous velhos se apresentaram ; o que bem prova o espirito do povo ».

« Os rebeldes, levantando agora suas idéas a mais altos commettimentos, julgavam poder estender a sua acção fóra da provincia. Compenetrados da vantagem de ter um porto, por onde pudessem communicar-se com o exterior, visto não terem podido assenhorear-se da barra da Lagôa dos Patos, quer occupando a cidade do Rio Grande, quer occupando a villa de S. José do Norte, lançaram as vistas para o porto da Laguna, na provincia de Santa Catharina.

« Sob as inspirações de Bento Manoel organizaram em Viamão uma expedição para aquelle porto.

« Preparada ella, David Canavarro tomou o seu commando e á frente de 150 soldados chegou á Laguna, da qual apoderou-se a 22 de julho de 1839 ».

Ainda neste anno se desaveio Bento Manoel com Bento Gonçalves, de quem era competidor na politica da republica, e tendo resolvido abandonar a causa da revolução depois de 18 de julho officiar ao ministro da guerra da republica, José Mariano de Mattos, demittindo-se do posto e do serviço militar, dirigiu-se ao presidente da provincia Soares de Andréa, solicitando amnistia para si e mais alguns amigos que o acompanharam, amnistia que lhe foi concedida, com licença para residir fóra do Imperio.

Neste mesmo anno domiciliou-se Bento Manoel em Montevidéo, donde mais tarde embarcou para o Rio de Janeiro, afim de pessoalmente agradecer ao Imperador D. Pedro II o favor da obtida amnistia.

Prolongava-se, no entretanto, a luta fratricida nas

campinas do Sul e com intervallos reduzidos se succediam os presidentes, ora militares, ora civis, até que o Governo Imperial teve a feliz lembrança de nomear o immortal Luiz Alves de Lima, então marechal de campo e Barão de Caxias, para presidente e commandante em chefe do exercito da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

« O experiente general (diz o referido escriptor T. de Alencar Araripe) não despreza nenhum elemento de vantagem, e procurou-se entender com Bento Manoel, cujo prestimo assaz importava, já por seus dotes de guerra naquella especial campanha, já pelas suas relações de familia e pelo conceito entre os habitantes do campo, geralmente conhecidos pela denominação de gaúchos.

« Bento Manoel entrou em relação com o Barão de Caxias, o qual ao chamal-o a si, escreveu em 12 de novembro de 1842, dirigindo-se ao ministro da guerra na côrte, o seguinte : « Eu julgo, como V. Ex., impolitico o dar commandos a Bento Manoel, e muito menos antes delle ter dado prova de sua contricção ; porém creio tambem que elle me vai ser muito util, supprindo-me naquillo que me falta, que é conhecimento pratico do terreno, e com suas relações na campanha espero obter mais alguma gente de cavallaria e cavallos.

« Eis como Bento Manoel reentrava nas fileiras da legalidade e na confiança do Governo Imperial ».

Organizando o Barão de Caxias seu exercito em tres divisões, deu o commando da 1ª ao brigadeiro Felippe Nery de Oliveira, o da 2ª ao coronel Jacintho Pinto de Araujo Corrêa e o da 3ª ao tambem coronel João da Silva Tavares ; e para com bom exito poder operar na campanha, dividiu o mesmo exercito em duas columnas e aggregou ao seu estado-maior o brigadeiro Bento Manoel, de cujo caracter se receiando o Governo Imperial recommendara a Caxias, como ficou dito, que não lhe confiasse commandos de certa importancia ; no entretanto prevenindo o general em chefe ao mesmo governo da necessidade, que havia, de utilisar-se dos seus prestimos, por saber ser elle conhecedor das circumstancias peculiares dessa guerra singular, delle se utilisou e não teve occasião de arrepender-se.

« Bento Manoel, esse infatigavel devastador das coxilhas, foi proficuo auxiliar, já pela sciencia topographica da campanha, e já por suas relações de parentesco e de amizade na provincia. Os accidentes e os homens da terra em que vivia, lhe eram conhecidos e familiares ». (Memoria citada).

Encetando Caxias as suas marchas e contramarchas em perseguição dos revolucionarios, que timbravam em não acceitar combates, chegou a S. Gabriel, onde deu descanço relativo ás suas tropas e tendo resolvido dahi por diante perseguir o inimigo, em diversas direcções, repartiu o seu exercito em duas columnas, ficando uma sob a sua immediata direcção e a outra sob a de Bento Manoel que — a apresentação dos seus parentes, trazendo gente e cavallos, dissipara os receios de perfidia.

Tomando o rio Santa Maria para eixo, deviam manobrar as ditas columnas nas duas margens, destacando-se dellas as forças necessarias para baterem os revolucionarios, onde por ventura se mostrassem.

Crescido numero dos que militavam nas fileiras contrarias haviam se apresentado ao general Caxias, que em fins de abril de 1843 com elles poude organizar um luzido esquadrão com a denominação de « Cavallaria ligeira do municipio de Alegrete ».

Era isto proveitoso fructo do concurso de Bento Manoel em prol da causa imperial.

Iniciada pelas mencionadas columnas a perseguição dos revolucionarios em diversas direcções, e vendo elles assim fraccionadas as forças legalistas, ficaram convencidos de que facil victoria poderiam obter se levassem um ataque á columna de Bento Manoel, composta aliás de 1.200 bayonetas e pouco mais de 1.000 cavallerianos com duas boccas de fogo; assim é que a 26 de maio, junto ao arroio « Poncho Verde », o atacaram, quando, pelas razões expostas, dispunha elle então de 1600 homens.

As forças atacantes, que eram dirigidas pelos seus principaes chefes (Bento Gonçalves, Antonio Netto, David Canavarro, João Antonio e Jacintho Guedes) se elevavam a mais de 2.500 homens.

A acção prolongou-se por mais de duas horas, sahindo

victoriosas as tropas legaes, que perderam 30 mortos, sendo 500 o numero de feridos, entre os quaes o chefe Bento Manoel, que foi alcançado num braço e no peito esquerdo. Os revolucionarios tiveram 100 mortos e 200 feridos. — Era a seguda vez que Bento Manoel, medindo-se com Bento Gonçalves, o vencia e derrotava.

A derrota de Poncho Verde foi para a causa republicana revez muito consideravel, pela desmoralisação que produziu nas suas fileiras. Elevado tornou-se desde então o numero de deserções, começando dahi por diante o visivel enfraquecimento dos sectarios da causa republicana.

Em setembro, logo que terminou a estação invernosa, reabriram-se as operações francas da luta, e com o intento de não deixar guarida ao inimigo, reorganizou Caxias o seu exercito, accrescentando-lhe mais uma divisão, ficando elle assim composto de tres columnas.

A' frente da 1ª, que se compunha de 2.000 homens, continuou o commandante em chefe ; da 2ª, a maior em força, com perto de 3.200 homens, se encarregou Bento Manoel e da 3ª, com 1.000 homens de cavallaria e infanteria em partes iguaes, o coronel Francisco Pedro de Abreu, ao depois brigadeiro honorario e Barão de Jacuhy, « que tão notavel se tornou nesta campanha pelos seus conhecimentos topographicos da provincia, sendo a sua especialidade as surprezas inopinadas que sabia realizar causando damno ao inimigo e admiração aos amigos ».

Dada a ordem de marcha, seguiram as tres columnas : no rumo de S. Gabriel a do general em chefe, no de Alegrete a de Bento Manoel, e a occupar todo o territorio, entre os rios S. Gonçalo e Camaquan até Jaguarão, a do coronel Francisco Pedro.

Com estes ultimos movimentos findou-se o anno de 1843, assignalado pela continua perseguição aos revoltosos e durante a qual deram-se varios combates parciaes, sempre desvantajosos para elles.

No seguinte anno, de 1844, em nada foram alteradas as determinações do commandante em chefe, que continuou a não dar descanço ao inimigo, conseguindo quasi sempre destroçal-o e fazendo não pequeno numero de prisioneiros, entre os quaes os mais importantes personagens

da revolução, como Domingos de Almeida, José Mariano de Mattos, Joaquim Pedro Soares, etc.; sendo morto o não menos celebre Antonio Manoel do Amaral, concorrendo efficazmente para taes resultados os atrevidos golpes de mão do coronel Francisco Pedro que—caso raro,—conseguiu sorprehender ao precavido chefe David Canavarro pela madrugada de 14 de novembro em o seu acampamento junto á serra dos Porongos, sendo completamente desbaratados, ficando prisioneira toda a sua infanteria e deixando no campo todo o armamento, barracas, bagagem, munições e mais de mil cavallos.

O ultimo desta serie de combates, como se sabe, foi o que se deu ás margens do Rio Quaró, no Estado Oriental, em que Bernardino Pinto foi sorprehendido e Vasco Alves o atacante, resultando ser aquelle gravemente ferido, ficando prisioneiro com quatro dos seus officiaes e treze soldados, e destroçado o resto de sua força, composta de quarenta homens.

Entrava o anno de 1845, que devia ser o da paz. E de facto, esta foi realizada pelo modo por que a proclamaram: a 28 de fevereiro, o general em chefe dos revolucionarios, David Canavarro, e a 1º de março, na margem direita de Santa Maria, o inclyto marechal Barão de Caxias, commandante em chefe do exercito da legalidade.

Pacificada a provincia do Rio Grande do Sul, recolheu-se Bento Manoel ao quartel de sua residencia, na mesma provincia, levando averbadas na sua fé de officios as mais encomiasticas referencias do chefe com quem acabava de servir. Por decreto de 25, ainda do referido mez de março, obteve a graduação do posto de marechal de campo, sendo n'elle confirmado por despacho de 15 de novembro do seguinte anno de 1846.

Referindo-se ao marechal Bento Manoel Ribeiro, em a sua já citada memoria, diz o dr. Tristão de Alencar Araripe:

«A respeito d'este personagem convém observar que elle preponderou na sorte da revolução. Assim, quando esta começou por sedição, elle esposou o movimento, e a sedição triumphou. Depois, elle abandonou a causa dos sediciosos, e a legalidade venceu no Fanfa. Voltando á

causa abandonada, realisou a prisão do presidente da provincia, promoveu o desastre dos legalistas em 30 de abril, no Rio Pardo, e deu aso ao novo assedio de Porto alegre. Finalmente, convertido á causa do Imperio, ajudou, sob o commando do Barão de Caxias, a victoria definitiva contra os seus consocios e amigos de outr'ora».

Como sabemos, em virtude do convenio celebrado a 29 de maio de 1851 entre o Brasil, a Republica Oriental e o Estado de Entre-Rios, tornara-se effectiva uma alliança offensiva com o fim de manter a independencia da mencionada republica, fazendo expellir do seu territorio o general Manoel Oribe e as tropas sob o seu commando; pelo que o governo do Brasil, por despachos de 15 e 16 do seguinte mez de junho, nomeou o general Conde de Caxias para exercer os cargos de presidente do Rio Grande do Sul e commandante em chefe do exercito que era mister organizar na mesma provincia para, unido ao do general D. José Urquiza, invadir a Banda Oriental.

Seguindo Caxias para o Sul a 30 do referido mez de junho tomou posse do cargo de presidente, em Porto-Alegre, e d'ahi sahiu para a *campanha*, onde se conservou durante os mezes de julho e agosto, providenciando sobre a organização das forças do exercito e da guarda nacional que deviam ser mobilisadas. Achando-se em Sant'Anna do Livramento, determinou a organização do seu exercito de vinte mil homens em quatro divisões e quatorze brigadas.

Ao marechal de campo Bento Manoel Ribeiro, a quem mais uma vez havia convidado para auxilial-o servindo sob as suas ordens, confiou Caxias o commando da 1ª divisão, conforme se vê da sua ordem do dia n. 15 de 28 de agosto de 1851.

Transpostas, no seguinte mez, as fronteiras e achando-se acampado o nosso exercito na margem esquerda do rio Gy, sobre o passo do Polanco, a 12 de outubro, tendo o referido conde de conferenciar com o general Urquiza, que se achava no Pantanoso, durante a sua ausencia assumiu Bento Manoel Ribeiro o commando em chefe do exercito brasileiro em operações de guerra, com ordem de

approximar-se de «Santa Luzia Grande», e ahi aguardar ordens.

Tendo permanecido com o exercito na margem esquerda do alludido «Santa Luzia», a 2 de novembro passou Bento Manoel para a margem direita e no dia 7 foi dispensado do commando da 1ª divisão, por muito ter-se aggravado sua enfermidade, «esse mui distincto veterano, que envidava todas as forças, já em idade tão avançada, só para ainda prestar n'uma luta de morte ou vida para o seu paiz natal».

E foi justamente a sua divisão a designada pelo chefe Caxias para invadir o territorio em que tyrannicamente dominava o dictador Rosas, compondo o «Exercito alliado Libertador», sob o commando do general entreriano D. Justo José Urquiza, divisão essa que na batalha do «Moron», ferida a 3 de fevereiro de 1852, na chacara de «Caseros», tão bizarramente se portou, laureando ainda mais o nome do general, que o substituiu, o brigadeiro Manoel Marques de Souza, depois Conde de Porto-Alegre.

Retirando-se Bento Manoel para o Brasil, com licença para tratar-se em Santa Catharina, conforme publicou a ordem do dia do general em chefe, n. 24, do mencionado dia 7 de novembro, nesse documento foram-lhe dados os agradecimentos do mesmo general em chefe pela valiosa e franca coadjuvação que sempre lhe prestara.

O governo imperial, tomando em consideração os serviços que acabara de prestar na organização e marcha do exercito do Sul, por decreto de 3 de março de 1852 elevou Bento Manoel Ribeiro ao posto de tenente-general, conjunctamente com o seu amigo e chefe o Conde de Caxias, commandante d'esse exercito.

Continuando, porém, a sentir-se doente solicitou a sua reforma, que lhe foi concedida por decreto de 22 de setembro do referido anno de 1852, sendo-lhe passada a patente de marechal do exercito pelo Conselho Supremo Militar, com o respectivo soldo, por contar mais de cincoenta annos de serviços de paz e guerra.

O marechal do exercito Bento Manoel Ribeiro, official da imperial ordem do Cruzeiro e condecorado com a

medalha de distincção das campanhas do Sul de 1811 a 1812 e de 1815 a 1820, falleceu na cidade de Porto-Alegre a 30 de maio de 1855.

Si durante a sua longa e atribulada vida publica faltas commetteu,—ERRARE HUMANUM EST—, quando fôr imparcialmente escripta a nossa historia militar, estamos certos de que ella fornecerá poderosos argumentos para que essas faltas sejam relevadas e o seu nome perfeitamente conservado entre os dos generaes brasileiros que assignalados serviços prestaram á nossa patria, — no campo da honra — que por varias vezes tingiu com o seu sangue.

Ernesto Augusto Cesar Eduardo de Miranda

Nascido em Lisbôa em o anno de 1802, Ernesto Augusto Cesar Eduardo de Miranda assentou praça voluntariamente no 3º batalhão de fusileiros da côrte do Rio de Janeiro, a 7 de outubro de 1820, sendo reconhecido cadete.

Por decreto de 4 de dezembro do mesmo anno passou a alferes aggregado, sendo promovido á effectividade deste posto por despacho de 12 de outubro de 1823.

Depois de ter jurado a constituição politica do Imperio, assignando a respectiva acta, foi mandado estudar na Europa por conta dos cofres publicos, conforme se vê do aviso do ministerio da guerra de 29 de janeiro, e por decreto de 2 de agosto, tudo de 1825, foi promovido a tenente.

Em 1828 regressou da Europa com a patente de capitão a que fôra elevado por despacho de 12 de outubro do anno anterior, tendo seguido em serviço para a provincia do Piauhy em 1829.

Regressando a esta capital, por aviso de 5 de junho de 1831 obteve licença para concluir os seus estudos na França, de onde voltou em 4 de julho do anno seguinte, passando para a quarta classe do exercito.

Por se achar competentemente habilitado, por decreto de 12 de janeiro de 1834 foi transferido para o corpo de

engenheiros, onde foi promovido a major por despacho de 13 de setembro de 1837.

Fazendo parte das forças que, sob o commando do brigadeiro Barão de Caxias, combateram em 1842 os revolucionarios da ex-provincia de Minas-Geraes, e por se haver distinguido no combate de 20 de agosto em S. Luzia, foi promovido, por decreto de 4 de outubro, a tenente-coronel graduado com antiguidade do referido dia 20 de agosto.

Em 1851 obteve a 26 de julho a effectividade do mencionado posto para o estado-maior de 1ª classe, e sendo graduado no de coronel por decreto de 4 de abril de 1855, obteve tambem delle a effectividade em 2 de dezembro do mesmo anno.

Assumio a direcção do hospital-militar da côrte a 3 de março de 1858, e no anno seguinte, por aviso de 30 do mesmo mez, foi nomeado membro da commissão encarregada de examinar os estudos das obras que se realisavam na ilha do Bom-Jesus.

Graduado em brigadeiro por despacho de 2 de dezembro de 1861, foi no mesmo posto confirmado por decreto de 28 de novembro de 1863, sendo exonerado a seu pedido do logar de director do hospital-militar a 22 de outubro de 1864.

Nomeado commandante do corpo de estado-maior de 1ª classe do exercito, por portaria do ministerio da guerra de 11 de março de 1865, deixou o exercicio deste cargo por ter sido designado para servir no exercito em operações contra o governo da republica do Paraguay, por aviso de 28 de junho do mesmo anno.

Por ter dado parte de doente foi submettido a inspecção de saude, sendo julgado pela respectiva junta militar soffrer de molestia incuravel que o tornava incapaz para o serviço, pelo que, por decreto de 7 de julho do já referido anno de 1865, foi reformado, passando-se-lhe a patente de marechal de campo com o respectivo soldo, na fórma das leis em vigor.

O marechal de campo Ernesto Augusto Cesar Eduardo de Miranda, falleceu nesta capital a 4 de março de 1867.

Feliciano Antonio Falcão

Nascido a 31 de março de 1810, na cidade de S. Luiz, da capitania do Maranhão, Feliciano Antonio Falcão assentou praça a 26 de outubro de 1813, no extincto regimento de infanteria de 1ª linha da mencionada capitania, e na mesma data foi reconhecido cadete de 1ª classe, por ser filho legitimo do brigadeiro Manoel Antonio Falcão, — « sendo-lhe dispensada a maioridade por graça outorgada por S. A. Real o Principe-Regente, segundo fôra communicado ao senhor Governador e capitão general em aviso régio, que baixou da Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra, em data de 9 de agosto do dito anno, e o mesmo Senhor por seu turno o communicou ao coronel chefe do regimento em officio datado do dia de praça ».

Com dez annos de idade, o menino Feliciano Falcão viu-se elevado ao posto de alferes aggregado «por promoção do Senhor Governador e capitão general Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, confirmado pelo real decreto de 4 de julho do anno de 1820.

Foi promovido a tenente em 12 de outubro de 1823, por despacho publicado pelo governador das armas da provincia do Maranhão, Rodrigo Luiz Salgado de Sá Moscoso, datado do mesmo dia, e a capitão em 3 de maio de 1825, por promoção publicada pelo presidente e general das armas interino tenente-coronel Manoel Felix da Silva Lobo, sendo-lhe então confiado o commando da guarnição de Caxias, nessa época em que existia grande parte dos espiritos abalados pelas commoções oriundas da nossa transformação politica, que por demais notaveis se tornavam nessa parte do territorio nacional.

Por decreto de 19 de outubro de 1829 houve por bem o Imperador Pedro I, confirmal-o no posto de capitão para a 6ª companhia do batalhão de caçadores n. 23, de 1ª linha, por se achar no exercicio do mesmo posto desde 3 de maio de 1825.

Continuavam ainda na villa de Caxias as dissensões e odios politicos quando, por nomeação do Senhor Conde de Escragnolle, governador das armas da provincia, para alli seguiu novamente e assumiu o commando de toda a

força destacada, a 19 de março de 1828, recolhendo-se á capital a 7 de abril do anno seguinte, depois de ter conseguido o restabelecimento da ordem na referida villa.

Por ordem do coronel commandante das armas Antonio Elzeario, passou a commandar o 11º corpo de artilharia de posição, de 1ª linha do exercito, a 16 de setembro desse mesmo anno, sendo delle dispensado a 17 de maio de 1831.

Por designação do presidente da provincia foi encarregado do commando, organização e instrucção da 1ª companhia da guarda municipal permanente em 22 de janeiro de 1832, commissão esta que desempenhou com criterio e dedicação até á extincção da mesma companhia em 21 de junho de 1836.

Por portaria do presidente da provincia, Manoel Felizardo de Souza e Mello, de 13 de março de 1839, foi nomeado commandante das forças em operações no interior da provincia, contra os rebeldes que a devastavam, chefiados pelo celebre Ferreira *Balaio*; organizando-se essas mesmas forças em uma brigada com a denominação de — Pacificadora — foi-lhe conferido o commando d'ella em 28 de maio do mesmo anno.

Tendo-se apresentado ao tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira, que pelo governo imperial havia sido nomeado commandante em chefe de todas as forças em operações na provincia, deixou Feliciano Falcão o commando de que se achava investido, a 8 de julho, data em que assumiu o do 1º batalhão, cargo que teve de deixar em 10 de agosto, tudo do mesmo anno, recolhendo-se á capital por doente, em consequencia dos ferimentos que recebeu no dia antecedente no combate dado no lugar «Arêas», da villa do Icatú.

Eis como um distincto escriptor nos relata em suas minudencias o alludido combate — « A duas leguas da villa de Monim, acampavam-se as forças rebeldes, escolhendo para isso uma eminencia chamada «Arêas», onde a estrada fórma um cotovello. Ahi fortificaram-se, construindo umas trincheiras de pau a pique, com tres pés de altura, revestidas de espesso foliço e circumvalladas externamente por um fosso. Logo que tiveram aviso de que as tropas legaes approximavam-se, agacharam-se por traz des-

sas palissadas e aguardaram silenciosos o accommettimento.

« Foi porfiada a peleja e vivissimo o fogo dos inimigos, recebendo as tropas ao mando de Falcão, em cheio e a descoberto, os tiros certeiros dos *balaios:* mas, apesar do inesperado e mortifero da acção, acompanharam os soldados ao seu commandante na bravura. Ficaram na primeira descarga cerca de 30 fóra de combate ; nem por isso desmaiou Falcão, senão que fez avançar sempre sua gente.

« O estoico major, diz testemunha imparcial, não recuara, apesar de já tropeçar entre mortos e feridos apinhoados no caminho. Quiz a vanguarda retroceder, tão desalentada estava ; mas elle conteve-a e forçou-a a nova investida.

« Teria de certo triumphado dessa sangrenta refrega, se o covarde official a quem incumbiu de flanquear os rebeldes e atacal-os pela retaguarda, tivesse executado suas ordens.

« Ficaram n'esta acção feridos e mortos, perto de mil homens, pondo afinal termo á peleja e afugentando os rebeldes, os reforços frescos, que sob as ordens do intrepido alferes Antonio de Sampaio (depois morto em brigadeiro na campanha do Paraguay), vieram acudir ao major Falcão. Foi n'esse dia memoravel que o bravo militar maranhense recebeu o baptismo de sangue, cobrindo-se de louros e de feridas recebidas com denodo, calma e desprêzo da vida, como quem estima o brio e a Patria mais do que tudo e do que já dous dias antes havia dado sobeja prova em uma escaramuça.

« Foi, entretanto, esse heroico ataque que serviu de thema á inveja para querer tisnar o merito do joven militar ! Attribuiu-lhe a malevolencia, o máo exito d'este dia, deixando incolume o coronel Sergio, a cujas ordens obedecia, e que estava com o grosso do exercito em lugar de onde ouvia o som da mosquetaria e das cornetas, sem mandar tropas em auxilio da guarda avançada que estava a sacrificar-se ! » (Dr. A. Henriques Leal, *Pantheon Maranhense,* 2º tomo).

Em todo caso podemos dizer que os serviços que

acabára de prestar o capitão Feliciano Falcão, arriscando a propria vida, não passaram despercebidos ao poder competente, porquanto, por decreto de 11 de outubro seguinte, foi promovido a major, ficando aggregado ao 7º batalhão de caçadores de 1ª linha, «em attenção aos serviços distinctos prestados em favor da ordem publica», sendo por outro de 19 de dezembro, condecorado com a insignia de cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz, «em attenção á sua antiguidade e merecimento de seus bons serviços».

Tendo sido transferido para o Estado-Maior do Exercito, ao tomar posse da presidencia e commando das Armas do Maranhão, o então coronel Luiz Alves de Lima, o designou para servir na secretaria militar do seu governo, pelo que tendo-se offerecido assim o ensejo de se tornar conhecido desse chefe, dias depois foi nomeado commandante de uma força de 500 homens, que teve de marchar do acampamento da villa de Icatú para a frente, afim de se empregar na pacificação da provincia, conforme se vê da ordem do dia do commando das armas de 8 de março de 1840.

A 16 do dito mez assumiu o commando de todas as forças acampadas na Vargem Grande, em cujas cercanias se achavam acoitados grande numero de rebeldes.

Pela ordem do dia de 13 do seguinte mez de agosto foi nomeado commandante da 3ª columna do exercito em operações, commando que exerceu até á conclusão da lucta, a 19 de janeiro de 1841.

Por decretos de 18 de julho deste ultimo anno «houve por bem S. M. o Imperador promovel-o ao posto de tenente-coronel graduado, em remuneração dos serviços prestados na pacificação da provincia do Maranhão e condecoral-o com o officialato da ordem da Rosa, em testemunho da sua imperial consideração.

Por aviso do ministerio da guerra de 7 de outubro, foi nomeado commandante interino do 7º batalhão de caçadores, e por decreto de 7 de setembro de 1842 foi confirmado no posto de tenente-coronel de infanteria de 1ª linha, deixando o referido commando a 31 de janeiro de 1843, data em que seguiu em commissão para a villa de Caxias.

Tendo sido classificado no 5º batalhão de infanteria de guarnição na cidade de S. Luiz do Maranhão, ahi se apresentou, assumindo o commando do mesmo batalhão a 1º de dezembro do referido anno de 1843.

Por conveniencia do serviço expedicionou com o seu batalhão a 15 de outubro de 1847 para a provincia de Pernambuco, onde, por occasião dos tumultos com perturções da ordem publica na capital durante os dias 26 e 27 de julho de 1848, foi encarregado de guarnecer e defender com o seu batalhão o bairro do *Recife* «em que os amotinados anarchistas pretenderam com afinco commetter grandes e graves crimes, mas nada puderam conseguir por ter se portado o melhor possivel, com grande pericia e energia, frustrando todas as tentativas dos amotinados, preenchendo, assim, com a maior satisfação do governo provincial, a commissão de que fôra encarregado».

Como sabemos, foram estes motins como que o prologo da sangrenta revolução denominada *Praeira* que, por mais de dous annos, desencadeou-se sobre o territorio de Pernambuco e nos das suas visinhas provincias e da qual mais detalhadamente teremos occasião de tratar.

Foi durante ella que o tenente-coronel Feliciano Falcão teve mais uma occasião de exhibir os seus dotes militares, no campo da honra, se bem que n'uma deploravel lucta entre irmãos; assim é que commandou a guarnição da povoação do Monteiro de 17 a 27 e assistiu ao combate de 30, tudo de novembro, no logar denominado Maricota, de 10 em Catucá e ao ataque de 20 de dezembro tudo de 1848 na povoação do Cruangy.

Commandou a columna de operações do Norte, depois do fatal dia 2 de fevereiro de 1849, em que foi victima da sua hombridade e elevação de caracter o inesquecivel desembargador Joaquim Nunes Machado, e com ella deu combate a 13 de fevereiro no engenho Páu Amarello, destroçando completamente os rebeldes ; d'ahi seguio para a provincia da Parahyba, onde rechassou o grande grupo d'elles que se achavam bem entrincheirados na cidade do Brejo d'Arêas e que a desoccuparam incontinente procurando nas mattas seguro refugio.

Segundo abalisado escriptor «foram estas duas victo-

rias memoraveis pelo encarniçamento da lucta e ainda mais por seus resultados, que deram profundo e mortal golpe n'essa rebellião, e contribuiram efficazmente para a pacificação da provincia de Pernambuco».

Chegando á côrte do Rio de Janeiro as partes desses combates, não tardou o governo imperial em tornar publica a sua satisfação pelo modo porque se conduziu nessa primeira phase da lucta o tenente-coronel Feliciano Falcão, e por decretos de 5 de maio o galardoou com as insignias de commendador da ordem da Rosa e de official da do Cruzeiro.

No decurso da segunda phase dessa campanha, passou a commandar interinamente o 8º batalhão de caçadores, com o qual tomou parte a 14 de novembro de 1849 no ataque da Barra do Couceiro, passando depois a exercer o cargo de deputado do ajudante-general. Neste posto concorreu para o ataque geral do dia 26 de janeiro do anno seguinte e o deixou a 24 de fevereiro, passando a commandar o seu batalhão (5º de infanteria) com o qual seguio para a côrte do Imperio a 28 de outubro do referido anno de 1850.

Por decreto de 16 de novembro do mesmo anno foi promovido a coronel, por merecimento reconhecido e pela distincção com que servio na lucta da provincia de Pernambuco, para o mesmo batalhão, com o qual destacou para o Rio Grande do Sul a 15 de janeiro de 1851.

Chegando a Porto-Alegre, por ordem do commandante das armas de 8 de fevereiro foi nomeado commandante da fronteira e guarnição de Missões e logo depois da 6ª brigada de infanteria.

Em consequencia das ordens do marechal de campo conde de Caxias, commandante em chefe do exercito do sul, marchou do passo do Uruguay onde se achava acampado com a brigada do seu commando, a 31 de julho, para o ponto do Sarandy, designado para concentração das forças do mesmo exercito que deviam entrar em operações de guerra no Estado Oriental, e ahi chegou a 17 de agosto. No commando da sua brigada fez toda a campanha do Uruguay desde 4 de setembro até a sua conclusão em 4 de outubro.

Como sabemos, finda esta campanha teve logar a outra, a do Paraná contra o dictador de Buenos-Ayres, João Manoel Rosas, creando-se então o denominado exercito alliado libertador, cujo commando coube ao general D. Justus José Urquiza, governador de Entre-Rios e commandante em chefe do exercito Entre-Riano e Correntino. Cabendo ao Brasil concorrer com uma das divisões do seu exercito, foi designada a 1ª, sob o commando do brigadeiro Manoel Marques de Sousa, da qual fazia parte a 2ª brigada de infanteria sob o commando do coronel Feliciano Antonio Falcão.

Iniciadas as operações de guerra pelo Exercito Alliado a 14 de dezembro de 1851, terminaram a 3 de fevereiro seguinte com a celebre batalha de Moron, junto á chacara de Caseros, proxima da cidade de Buenos-Ayres. Coube á divisão brasileira o centro da linha do exercito atacante onde se portou briosamente, cumprindo enthusiasticamente as ordens do seu chefe, o qual, pondo-se á testa da brigada do coronel Falcão, composta dos batalhões 5º, 6º e 7º de infanteria, atacou de frente o inimigo, que se achava bem entrincheirado na referida chacara, conseguindo realizar com melhor proveito o seu intento, pois que esta como a 1ª brigada chegaram quasi que ao mesmo tempo áquella posição, embora avançando por terrenos irregulares, atravessando um banhado que se achava a 600 metros da frente da posição inimiga para onde se destinavam as duas columnas e conseguindo que ellas se apossassem dos edificios da mesma chacara, onde penetraram dous dos batalhões da brigada Falcão. Na parte dada pelo general commandante da divisão, foi o seu nome recommendado ao governo imperial, por haver se esforçado para manter a mais rigorosa disciplina na sua brigada durante a marcha e ter se portado dignamente durante a acção.

Por decretos de 3 do seguinte mez de março recebeu o coronel Feliciano Falcão a patente de brigadeiro do exercito imperial e a dignitária da ordem imperial do Cruzeiro, sendo tambem condecorado com as medalhas de distincção das campanhas do Uruguay e Paraná.

Regressando á côrte do Imperio, por portaria de 6 de

dezembro foi nomeado director do arsenal de guerra d'esta capital e membro do conselho administrativo de fornecimentos para o exercito, cargos estes que deixou em 11 de abril do seguinte anno de 1853 por ter sido, por decreto de 5 do mesmo mez, nomeado commandante das armas da provincia de Pernambuco, para onde seguio e tomou posse a 11 do mez de maio.

Neste cargo se conservou por pouco tempo o brigadeiro Falcão, por ter sido accommettido de grave molestia que o fez deixar a 6 do seguinte mez de junho, tendo fallecido a 19 do mesmo mez.

Dois annos depois, os seus parentes fizeram trasladar os seus restos mortaes para a cidade de São Luiz do Maranhão, onde foram recebidos a 16 de agosto de 1855, com pomposos funeraes, ficando depositados na igreja de S. João Baptista. Por essa occasião foram recitados varios discursos e poesias como justo preito á sua memoria de militar honrado e prestimoso cidadão, que dedicou toda a sua vida em pról dos interesses da Patria estremecida.

Felippe Nery de Oliveira

Nascido em Lisbôa no anno de 1789, Felippe Nery de Oliveira verificou praça voluntariamente a 1º de janeiro de 1808 em um dos corpos de cavallaria do exercito portuguez, que então batia-se contra as aguerridas tropas de Napoleão Bonaparte.

Reconhecido cadete em 7 de agosto do mesmo anno, foi elevado a 1º sargento a 19 de julho de 1809 e a porta-estandarte em 11 de fevereiro de 1810.

No anno seguinte fez parte do exercito anglo-luzo que, sob o commando em chefe do general Wellington, invadiu a Hespanha perseguindo o do general Massena que fôra obrigado a abandonar o territorio portuguez.

Pelos seus serviços nessa campanha obteve Nery de Oliveira a promoção de alferes, por despacho de 4 de abril de 1812, e a de tenente em 22 de dezembro de 1813 e bem assim a medalha de distincção concedida aos que

tomaram parte na *Campanha da Peninsula*, finda a qual recolheu-se a Lisbôa com o seu regimento.

Tendo sido determinada a vinda de tropas de Portugal para ser levada a effeito a pacificação e consequente conquista da Banda Oriental do Uruguay, nesse forte contingente de 4.800 homens das tres armas, organizado em Lisbôa pele general Lecór, se achou incorporado o tenente Nery de Oliveira, promovido então a capitão para o 2º corpo de cavallaria da «Divisão de Voluntarios Reaes de El-Rei» conforme se vê da carta regia de 22 de junho de 1815.

Como se sabe, essa divisão aportou a esta cidade do Rio de Janeiro a 30 de março de 1816, e seguindo logo depois para o Sul desembarcou em Santa Catharina, proseguindo por terra sua excursão com destino á fronteira do Rio Grande do Sul, que transpoz em novembro, tendo encontrado tenaz opposição á sua marcha estrategica pelas forças de Artigas ao mando de Fructuoso Rivera.

Conseguindo, porém, vantagem nos diversos ataques, entrou finalmente a 26 de janeiro de 1817 em Montevidéo a mencionada divisão, vantajosamente engrossada as suas fileiras por um contingente de forças brasileiras ao mando do então major Manoel Marques de Sousa.

Em janeiro do anno seguinte foi confiado ao capitão Nery de Oliveira o commando do destacamento de cavallaria estacionado na praça de Montevidéo, com o qual carregou o inimigo a 31 de março, na Villa de Pando, com tanta vantagem, que mereceu ser elogiado e o seu nome recommendado ao governo de D. João VI, conforme publicou a ordem do dia de 17 de abril, tudo do referido anno de 1818.

Em 1822 pressuroso adheriu Nery de Oliveira á causa da Independencia do Brasil. Como participante das forças que sitiaram a praça de Montevidéo, sobresahiu em alguns dos combates que ahi se deram com as tropas portuguezas até á capitulação apresentada por D. Alvaro da Costa em 18 de novembro de 1823.

Jurou a constituição politica do Imperio, e por decreto de 1º de dezembro de 1824 foi promovido a major para o

5º de cavallaria de linha, com antiguidade de 22 de janeiro do anno anterior.

Declarada a revolução dos *trinta e tres*, marchou para a campanha commandando dois esquadrões do seu regimento, a 22 de abril de 1825, e com elles tomou parte no ataque do *Arbolito*, a 4 de setembro, e na acção de 12 de outubro junto ao arroio Sarandy, onde combateu com denodo, conseguindo retirar-se com os restos de seus esquadrões unidos aos de Bento Gonçalves, que serviram de escolta ao chefe dessa acção, coronel Bento Manoel Ribeiro, o qual, assim protegido, poude alcançar a fronteira do Rio Grande do Sul onde deixou de ser perseguido pelos orientaes.

Nesse mesmo dia era lavrado e assignado o decreto que elevou Nery de Oliveira a tenente-coronel para o mencionado 5º regimento de cavallaria, e no anno seguinte (1826) assumiu interinamente o seu commando, incorporando-se ao então denominado — Exercito do Sul.

Pela ordem do dia do tenente-general Marquez de Barbacena, de 2 de fevereiro de 1827, passou o mesmo regimento a fazer parte da 4ª brigada de cavallaria da 2ª divisão commandada pelo brigadeiro João Chrysostomo Callado.

Na batalha do *Ituzaingó*, ferida a 20 do referido mez de fevereiro, portou-se Nery de Oliveira com verdadeira bravura e sangue frio, conforme declarou o referido marquez ao governo imperial no seguintes termos :... *Merece particular distincção o tenente-coronel Felippe Nery de Oliveira, porque, sendo abandonado pelos seus soldados, conseguio por esforços e risco extraordinarios leval-os á carga* ; sendo por tal feito agraciado com o officialato da imperial ordem do Cruzeiro e promovido a coronel por distincção, tudo por decretos de 12 de outubro ainda de 1827.

Depois da acção do Ituzaingó, passou Nery de Oliveira com o seu regimento a fazer parte da divisão de cavallaria do brigadeiro Sebastião Pereira Pinto e se derigindo ao acampamento de São Lourenço, onde tinha o seu quartel-general o Marquez de Barbacena, recebeu ordem deste para responder ao seguinte questionario :

«1º—Está o regimento que V. S. commanda prompto

para encontrar o inimigo, ou falta-lhe alguma cousa, e quaes ?

«2º—Com quantas praças poderá V. S. entrar em acção, não contando com os meninos recrutas que choraram no dia 20 de fevereiro ?

«3º—Que opinião fórma V. S. hoje do mau espirito, que em geral se manifestou no dia 20 de fevereiro em toda a cavallaria, porem em maior gráo na 2ª linha ? Tem diminuido, parado ou crescido ?

«Queira V. S. responder-me neste mesmo papel, e entregar em minha mão a sua resposta, porque o objecto é para nós da maior importancia e segredo.»

Dando cumprimento a essa ordem, apresentou o então tenente-coronel Nery de Oliveira a resposta que em seguida transcrevemos :

« Illm e Exm. Sr. :

« No verso d'esta, V. Ex. exprime os seus sentimentos e desejos pelo bem do serviço de S. M. I. e gloria da Nação, pelo que tanto se tem empenhado V. Ex., mas, além da impaciencia por avançar, e ter o soldado prompto para bater-se, julgo tambem digno de toda a consideração (o que não terá escapado á perspicacia, conhecimentos e sabedoria de V. Ex.), a estação, os obstaculos que se pódem encontrar nos rios, e varios arroios, e os meios que se encontram para os passar, no caso de ser necessario fazer qualquer manobra, ou mesmo uma retirada ; e a cavalhada que existe e seu estado ; os serviços que pode prestar um cavallo no inverno.

« Quanto ás tres perguntas respondo o seguinte :

« O meu regimento não está prompto a marchar ao inimigo, por ainda lhe faltarem 63 clavinas concertadas, 34 pistolas, e o completo de barretinas (muito necessario para a defesa dos soldados), e muitos outros artigos que peço nos mappas e requisições , que á primeira vista, e por quem não fôr soldado, serão julgados inuteis para brigar, mas que a experiencia tem feito conhecer que o perfeito equipamento e a bôa apparencia do soldado faz um augmento no valor pessoal, e respeito ao inimigo. Demais, ainda não está perfeitamente disciplinado, o que faz os soldados valentes, e é a base principal para vencer

batalhas : e não tem cavallos, que é a primeira arma da cavallaria ; e por isso ha cinco mezes que não pude fazer exercicios mais de duas vezes a cavallo ; o que o vulgo diz tambem não ser necessario aos soldados d'esta provincia, por serem muito bons cavalleiros, o que nego.

« Este nome dá-se a quem sabe servir-se do seu cavallo debaixo de regras, o que elles são é grandes agarradores, o que não basta para manobrar : aliás, um bom caçador que é recrutado para a infanteria, não teria necessidade de aprender o manejo d'armas ; portanto, um regimento de cavallaria que não é exercitado a cavallo, não se póde depositar confiança n'elle, para na frente do inimigo manobrar com firmeza.

« A' 2ª : Juntando as praças que tenho em differentes destinos, poderei escolher duzentas para entrarem em acção, sendo uma parte de soldados velhos e tres de recrutas, excluidas as criancinhas, que no dia 20 de fevereiro fizeram com que o regimento não se portasse como devia, o que é preciso dar-lhe o desconto de ter nas fileiras duzentos e noventa e sete recrutas, sendo cento e oito recebidos no dia 18 de janeiro, que apenas sabiam um pouco o jogo de espada.

« A' 3ª : Respondo que o máo espirito a meu vêr existe, e até tem crescido, porque ha dous annos, o inimigo consegue vantagens, o que tem consideravelmente augmentado a sua força moral, e a dos nossos diminuido na mesma proporção, e tanto que no dia 20 de fevereiro até esta data, no meu regimento têm desertado tres cabos e cincoenta e oito soldados ; isto creio porvir da falta de castigos, e portanto de disciplina, falta a que attribuo os acontecimentos do dia 20 de fevereiro, junto á bella apparencia, firmeza, e crescida força com que o inimigo nos atacou.

« Eu que já fazia uma idéa vantajosa do seu adiantamento, não julguei comtudo que o estivesse tanto, especialmente na arma de artilharia.

« Portanto, para vencer este máo espirito e concluir a guerra com honra, é preciso força, e a esta juntar a base primaria para formar o soldado — a *disciplina* — e para conseguil-a na provincia, V. Ex. muito melhor do

que eu conhece o que necessita, porém, que quanto a mim consiste em — *moralidade, zêlo, tempo, e um forte apoio do governo.*

« E' isto o que o meu fraco entendimento alcança, e póde responder, tendo sido bastante extenso pela falta de rhetorica e de conhecimentos.

« Deus guarde a V. Ex.

« Acampamento de S. Lourenço, 6 de maio de 1827. — *Filippe Nery de Oliveira*, tenente-coronel commandante do 5º regimento de cavallaria ».

Na divisão sob o commando do general Barreto, teve ensejo de tomar parte em varios combates e explorações, até que, terminada a guerra pelo tratado preliminar de 27 de agosto de 1828, recolheu-se com o seu regimento á guarnição do Rio Pardo, que annos depois foi dissolvido organizando-se com o seu pessoal o 1º e 2º corpo de cavallaria (caçadores), motivo pelo qual, visto ter ficado na disponibilidade, obteve permissão para residir em Montevidéo, onde conservou-se, até que, declarada a revolução republicana no Rio Grande do Sul, promptamente se apresentou Nery de Oliveira para combater em prol do governo da legalidade ao chefe das forças imperiaes na cidade do Rio Pardo, em 1837.

Por decreto de 20 de agosto de 1838 foi-lhe concedida a graduação do posto de brigadeiro, sendo logo depois designado o commando geral das forças de cavallaria acampadas em *Canudos*, que se compunham: da 1ª brigada de guardas-nacionaes, do coronel Silva Tavares, com 500 homens; da 3ª, do coronel Loureiro, com 420; da 4ª, do coronel Medeiros, com 430 e do 2º corpo de 1ª linha com 97, prefazendo um total de 1.447 combatentes.

Com a concentração das tropas imperiaes na margem direita do rio Taquary, conforme determinação do tenente-general Manoel Jorge Rodrigues, ao brigadeiro Nery de Oliveira coube o commando da linha principal na renhida peleja que ahi teve logar no dia 3 de maio de 1840 e na qual foi ferido.

No anno seguinte, por decreto de 25 de março, foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro, conti-

nuando a prestar seus serviços no exercito dos imperialistas.

Assumindo o Conde de Caxias o commando em chefe desse exercito, em a nova organização que lhe deu em janeiro de 1843, designou-o para commandante de uma das suas tres divisões (1ª), da qual faziam parte tres brigadas, sendo: a 1ª, de caçadores de 1ª linha, do commando do coronel José Fernandes dos Santos Pereira; a 7ª, de cavallaria de linha e de guardas-nacionaes, sob o commando do coronel Manoel Marquez de Souza, e a 8ª, de cavallaria e artilharia a cavallo, sob o do tambem coronel João Frederico Caldwell.

A 1º de março desse anno, como sabemos, iniciou o Conde de Caxias as suas marchas de guerra, seguindo-se varios combates e encontros em que as armas imperiaes obtiveram os melhores successos, sobresahindo d'entre elles a surpreza levada pelo coronel Francisco Pedro ao prestigiado chefe David Canavarro, a 14 de novembro de 1844, junto á serra dos Porongos, devido, segundo corre, a um descuido de tão acautelado caudilho, por suppor não achar-se tão perto o seu perseguidor acima nomeado, ao depois barão de Jacuhy, dando logar ás seguintes phrases do Conde de Caxias, no officio que sobre esta occurrencia dirigiu ao governo imperial: « E' sem duvida a primeira vez que David Canavarro é sorprehendido, o que até agora parecia impossivel, pela sua incansavel vigilancia ».

Depois deste feito fez o Conde de Caxias occupar pelas forças do seu exercito os principaes pontos estrategicos da provincia sul-rio grandense, e collocou em Caçapava o deposito de artigos bellicos, confiando o commando de tão importante posto ao brigadeiro Felippe Nery de Oliveira, que ahi falleceu no mez de fevereiro de 1845, não tendo assim tido o prazer de presenciar as grandes festas que serviram para solemnisar a terminação dessa tão prolongada lucta entre irmãos.

O brigadeiro Felippe Nery de Oliveira, além do officialato da imperial ordem do Cruzeiro, fez jus á venera de «cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz» e era condecorado com as medalhas de distincção da guerra da

Peninsula e das campanhas do Sul de 1817 a 1822, de que trata a provisão de 18 de fevereiro de 1823.

Firmino Herculano de Moraes Ancora

O tenente-general Firmino Herculano de Moraes Ancora, filho legitimo de José Joaquim Baptista Ancora, nasceu em Lisbôa aos 25 dias do mez de setembro de 1790.

Pouco depois de completar 12 annos de idade, isto é, a 20 de janeiro de 1803, verificou praça de 1º cadete no 1º regimento de artilharia do exercito de Portugal dedicando-se desde então ao estudo das sciencias exactas.

Em 1807 embarcou para o Brasil fazendo parte da comitiva do principe regente, ao depois D. João VI, desembarcando no Rio de Janeiro foi-lhe entregue a patente de 2º tenente aggregado ao regimento de artilharia da côrte, a que fôra elevado, por carta régia de 2 de abril de 1808, sendo por outra carta regia de 17 de dezembro do mesmo anno, promovido a 1º tenente para a segunda companhia do dito regimento.

Em 1811, obtida a necessaria licença, matriculou-se na Academia Militar da Côrte onde habilitou-se com o curso geral da mesma academia.

Elevado a capitão para a 4ª companhia do alludido regimento, por decreto de 17 de dezembro de 1815, seguio logo depois para a provincia de Pernambuco onde passou a encarregado das obras militares da capital dessa provincia.

Promovido a major graduado para o corpo de engenheiros por despacho de 4 de novembro de 1818, continuou a servir naquella provincia onde executou importantes e variados trabalhos de engenharia civil e militar, sendo louvado por portaria de 18 de março de 1822, pelos serviços até então prestados nas duas commissões.

Em abril de 1823 passou a commandar as baterias do Norte da provincia, e em setembro de 1824 ficou encarregado da linha de observação comprehendida entre os rios Beberibe e Capiberibe, commissão esta que deixou a 3 de novembro do mesmo anno, por ter sido nomeado inspector geral das pontes e estradas da referida provincia.

Por decreto de 12 de outubro do anno seguinte teve a effectividade do posto de major, sendo graduado no de tenente-coronel em que tambem passou a effectivo no mesmo dia e mez do anno de 1826.

Em 1830 seguio para a provincia das Alagoas por ter sido encarregado da direcção das obras do pharol da mesma provincia, de onde regressou á de Pernambuco em setembro de 1833, assumindo ahi os cargos de inspector das obras publicas, comprehendendo estradas em construcção e demais obras de engenharia civil de toda a provincia.

Eleito deputado á Assembéa Provincial, nella tomou assento em 1835, continuando no cargo de inspector das obras publicas.

Por decreto de 13 de setembro de 1837 foi graduado no posto de coronel, sendo por portaria de 23 de novembro do anno seguinte encarregado da direcção e inspecção das obras dos quarteis e fortalezas e de todas as mais pertencentes a repartição da guerra.

Dispensado em março de 1842 de todas as commissões civis e militares que exercia na provincia de Pernambuco, recolheu-se á côrte do Rio de Janeiro onde por decreto de 7 de setembro foi confirmado no posto de coronel, assumindo o commando interino do imperial corpo de engenheiros em dezembro, tudo do mesmo anno.

Agraciado com a commenda da ordem militar de S. Bento de Aviz, por despacho de 3 de julho de 1845, passou a exercer interinamente o cargo de director da escola militar da côrte em abril, sendo a 1º de maio graduado no posto de brigadeiro, e por decreto de 1º de outubro, tudo do seguinte anno de 1846, nomeado commandande effectivo do alludido corpo de engenheiros.

Brigadeiro effectivo, por decreto de 14 de março de 1847, deixou, em setembro de 1848, a direcção interina da escola militar, sendo nomeado membro da commissão encarregada de dar parecer sobre o plano e orçamento do cáes que se pretendia construir em frente á Alfandega desta capital, por aviso de 20 de setembro, e por outro de 1º de outubro de 1849 foi louvado pelo zelo que desenvolveu no desempenho de tal commissão.

Por decreto de 2 de dezembro de 1856 foi promovido a marechal de campo, e por aviso de 18 de novembro de 1858 foi nomeado director interino da escola central.

Por decreto de 13 de Julho de 1859 foi exonerado do commando do corpo de engenheiros e nomeado vogal do Conselho Supremo Militar, e por aviso de 30 de julho do mesmo anno foi nomeado membro da commissão encarregada de organizar as escalas das promoções geraes do exercito.

Por motivo de molestia solicitou sua reforma, a qual lhe foi concedida por decreto de 25 de maio de 1861, na fórma da lei, continuando, porém, no exercicio de vogal do Conselho Supremo, que á vista dos seus longos annos de serviço, lhe expedio a patente de tenente-general, com a respectiva tença, sendo por decreto de 6 de julho do mesmo anno nomeado conselheiro de guerra, cargo este que exerceu até o dia 26 de fevereiro de 1873, em que falleceu.

Francisco Antonio da Silva Bittencourt

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu a 2 de outubro de 1802, Francisco Antonio da Silva Bittencourt assentou praça voluntariamente como soldado, a 12 de junho de 1818, na brigada de artilharia ligeira da «Divisão Portugueza Auxiliadora», onde foi reconhecido cadete de 1ª classe a 10 de dezembro do mesmo anno, por ser filho legitimo do tenente-coronel Elesbão José da Silva Bittencourt.

Por ordem do governador das armas da côrte, de 16 de março de 1820, fez passagem para o regimento de artilharia do Rio de Janeiro, sendo, por decreto de 4 de novembro, promovido a 2º tenente aggregado á 6ª companhia do mesmo regimento, d'onde foi excluido a 12 de outubro de 1822, por ter sido mandado servir na companhia de mineiros como 2º tenente effectivo.

Promovido a 1º tenente, commandante da companhia de conductores da brigada de artilharia montada do Rio de Janeiro, por decreto de 2 de agosto, marchou para o Rio Grande do Sul a 16 de novembro tudo de 1825 e, ao

alli chegar, incorporou-se ao exercito em operações de guerra do qual foi nomeado no anno seguinte deputado do quartel-mestre-general.

Tomou parte na batalha pelejada no passo do Rosario, a 20 de fevereiro de 1827, sendo elogiado pelo commandante em chefe do exercito, marquez de Barbacena, que o promoveu a capitão por distincção, conforme se vê da ordem do dia de 20 de março do mesmo anno, tratando daquella batalha. Por decreto de 3 de setembro, tudo do referido anno de 1827, foi confirmada a sua promoção ao posto de capitão.

Em outubro de 1828 deixou o cargo de deputado do quartel-mestre-general, continuando a servir na mesma provincia.

Achava-se na villa do Rio Pardo quando os revolucionarios rio-grandenses expulsaram o presidente da provincia e offereceram resistencia ás tropas imperiaes, pelo que, depois de ter prestado alguns serviços contra a rebeldia n'aquella villa, viu-se forçado a emigrar, apresentando-se na côrte em fins do anno de 1835.

Em janeiro do anno seguinte seguiu para a provincia do Pará, que tambem se achava soffrendo do mesmo mal que a sua irmã do sul, na qualidade de commandante do corpo provisorio de artilharia da divisão expedicionaria, de que foi chefe o general Soares de Andréa.

Por decreto de 22 de agosto de 1837 foi promovido a major pelos serviços relevantes que prestou na mesma provincia, e por outro de 2 de dezembro de 1839 se lhe mandou passar a patente de tenente-coronel commandante do 4º batalhão de artilharia á pé.

Em março do anno seguinte seguiu para Santa Catharina; ahi permaneceu por alguns mezes, marchando depois para o Rio Grande do Sul, de onde regressou á côrte, em janeiro de 1841, em commissão especial, finda a qual, tornou para a campanha do Rio Grande do Sul, em março, tendo sido por decreto de 25 deste mez nomeado cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro.

Graduado em coronel, por despacho de 27 de maio, foi, pela ordem do dia do commando em chefe do exercito do sul de 18 de julho, tudo de 1842, nomeado quartel-

mestre-general do mesmo exercito, que deixou a 6 de fevereiro do anno seguinte para exercer o de ajudante general.

Promovido á effectividade do posto de coronel com o commando do 1º corpo de artilharia a cavallo, por decreto de 23 de julho de 1844, foi, pela ordem do dia do commando em chefe de 30 de abril do anno seguinte, exonerado do cargo de ajudante general do mesmo exercito, recebendo em dezembro a carta imperial de commendador da ordem da Rosa.

A 19 de outubro de 1848 passou a commandar a 2ª brigada, em cujo cargo se conservou até agosto de 1851; tendo marchado com o exercito de observação para Sant' Anna do Livramento, passou dessa data em diante a exercer o commando geral de artilharia.

Feita a campanha do Estado Oriental do Uruguay, passou á colonia do Sacramento; fez a guarnição dessa cidade, até que della se retirou o exercito brasileiro.

Por decreto de 14 de março de 1852, foi condecorado com a medalha de ouro destinada aos que fizeram a dita campanha do Uruguay. Em abril deixou o commando geral de artilharia e, por despacho de 25 de setembro, tudo do mesmo anno, foi graduado em brigadeiro, passando a commandar a 5ª brigada em março de 1853.

Ainda como remuneração dos seus serviços foi nomeado commendador da ordem militar de S. Bento de Aviz, por decreto de 7 de fevereiro, e por outro de 4 de março, tudo de 1854, foi nomeado director do arsenal de guerra da provincia do Rio Grande do Sul.

Em 1856, por decreto de 2 de dezembro, foi promovido a brigadeiro effectivo, continuando no exercicio de director do arsenal de guerra de Porto Alegre.

Por decreto de 28 de novembro de 1863 foi promovido a marechal de campo, sendo por outro de 8 de outubro do anno seguinte nomeado commandante das armas da Bahia, de cujo cargo foi exonerado a 19 de junho de 1865, e na mesma data nomeado para commandar o exercito de reserva que devia estacionar nas fronteiras da provincia do Rio Grande do Sul, para onde seguiu logo depois.

Em outubro do anno seguinte foi chamado a esta capital, onde apresentou-se a 3 de dezembro, data em que assumiu o commando do corpo de estado-maior de 2ª classe para que havia sido nomeado dois dias antes.

Por decreto de 11 de abril de 1867 foi nomeado commandante das armas interino da provincia do Rio Grande do Sul, cargo que exerceu até 13 de abril do anno seguinte, sendo para elle nomeado novamente em 26 de dezembro.

Promovido a tenente-general graduado, por decreto de 9 de novembro de 1870, por outro de 18 de fevereiro do anno seguinte foi exonerado do referido commando de armas, recolhendo-se á côrte do Rio de Janeiro.

Por decreto de 3 de fevereiro de 1874 foi promovido á effectividade do posto em que era graduado, e por outro de 18 de abril do mesmo anno teve a «grã-cruz da ordem militar de S. Bento de Aviz», sendo tambem nomeado conselheiro de guerra por despacho de 20 de dezembro do anno seguinte.

Tendo solicitado a sua reforma, esta lhe foi concedida no posto de marechal do exercito com as vantagens da lei, continuando no exercicio de conselheiro de guerra até o anno de 1881 em que falleceu nesta capital a 29 de julho.

Francisco de Arruda Camara

Filho do Dr. Francisco de Arruda Camara e natural da provincia de Pernambuco, onde nasceu em 1803, Francisco de Arruda Camara assentou praça voluntariamente como soldado, na 3ª companhia do corpo de artilharia da — Divisão dos Voluntarios Leaes d'El-Rei, — no dia 30 de setembro de 1817, sendo reconhecido cadete de 1ª classe a 15 de janeiro do anno seguinte.

Durante o anno de 1820 percorreu em diligencia militar os sertões da referida provincia. Regressando á capital, em maio de 1821, foi promovido a alferes a 8 do seguinte mez de setembro, para o 1º batalhão de caçadores, por proposta do governo temporario de Goyanna, e a

tenente, por despacho de 5 de outubro tambem do referido anno de 1821, para a 3ª companhia do mesmo batalhão e pelo dito governo.

Em 27 de abril de 1823 foi promovido a capitão, para a companhia de 1ª linha da villa de Santo Antão, hoje cidade da Victoria, ficando com ella aggregado ao referido batalhão, conforme propôz a junta do governo provisorio da provincia e, no seguinte mez de maio marchou para a provincia da Bahia, onde se conservou até o anno de 1825, em que, por decreto de 2 de julho, foi condecorado com a medalha concedida aos que n'essa provincia fizeram a guerra em favor da Independencia.

Recolhendo-se ao Recife, por decreto de 2 de julho de 1832 foi graduado no posto de major, e nesse mesmo anno, á frente de um forte contingente de tropas de 1ª e 2ª linha, marchou para o interior da provincia com o fim de dar combate aos rebeldes denominados *cabanos*, que, chefiados pelo celebre facinora Vicente Ferreira de Paula, dominavam pelos seus actos vandalicos toda a zona comprehendida entre os rios Una e o seu tributario Jacuhipe, que corre pelo territorio de Alagôas. Como sabemos, esses desordeiros, que por mais de tres annos oppuzeram forte resistencia ás forças do governo imperial, se apossaram de varias povoações, entre ellas a de *Panellas de Miranda*, d'ahi o nome de — *Guerra de Panellas*, — porque ficou conhecida essa sangrenta lucta.

Dessa diligencia regressou Arruda Camara sem a ter podido executar a contento do governo, por mais de uma vez, á vista do por demais augmentado numero de rebeldes (cerca de 6.000), aos quaes se haviam aggregado os temiveis indios que batiam as mattas e serras e saqueavam os engenhos de assucar e as casas dos seus abastados proprietarios; dando tudo isso lugar a que o proprio commandante das armas de Pernambuco, o então major Joaquim José Luiz de Souza, para alli seguisse em maio de 1835 á frente de uma forte columna de aguerridas tropas, conseguindo afinal dominal-os, depois de ter posto em pratica acertadas medidas estrategicas, que foram, convêm dizel-o, completadas pelo valioso auxilio moral, prestado pelo Bispo de Olinda, D. João da Purificação Marques

Perdigão, de saudosa memoria, que percorria tambem, distribuindo suas pastoraes, os municipios infestados por essa horda de perturbadores da ordem publica, « conseguindo excitar a crêndice dos selvicolas que se prostavam humildes perante elle.»

Por portaria do commando das armas de 21 de março do referido anno de 1835, passou o major Arruda Camara a commandar interinamente a Fortaleza do Brum, sendo dessa commissão dispensado por ter se apresentado o commandante effectivo a 15 de janeiro do seguinte anno.

Por aviso do ministerio da guerra de 23 de agosto de 1837, seguiu para a provincia do Rio Grande do Sul, e ahi chegando, foi incorporado ás forças que se batiam contra os republicanos chefiados pelo coronel Bento Gonçalves da Silva, que a 10 de setembro desse anno, conseguira evadir-se do Forte do Mar, na Bahia, para onde fora removido para *maior segurança da sua pessôa*.

Promovido á effectividade do posto de major, por decreto de 6 de julho de 1838, para o 7º batalhão de caçadores, continuou Arruda Camara em serviço no exercito do sul, onde lhe chegaram tambem ás mãos a nomeação de «cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz», conferida por carta imperial de 11 de janeiro e a patente de tenente-coronel commandante do referido 7º, já então 6º de caçadores, a que fôra elevado por despacho de 2 de dezembro, tudo de 1839.

No dia 3 de maio do anno seguinte tomou parte na acção pelejada no rincão e passo real do Taquary, sendo louvado pelo modo porque dirigiu a columna de caçadores sob o seu commando, e, em novembro do mesmo anno, foi-lhe confiado o commando de uma columna destinada a proteger a do general Labatut, que se achava no Passo-Fundo, de onde se retirou logo depois com esse general que, receioso de ser batido pelos revolucionarios, se transportou á Cruz-Alta.

Por decreto de 23 de março de 1841, pelos seus valiosos serviços obteve o tenente-coronel Arruda Camara a venera de «cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro». A 12 do seguinte mez de junho, no passo de São Borja, dirigiu a acção contra os revolucionarios, tendo antes

atravessado com o seu batalhão o rio, a nado, durante a noite, com o fim de tomar posição na margem opposta antes de romper o fogo.

No combate travado no dia 22 do mesmo mez, em São Gabriel, desempenhou-se com denodo e sangue frio, conseguindo retomar do inimigo duas carretas com munições de guerra que por elles haviam sido apprehendidas, pondo-os em debandada, pelo que foi louvado em ordem do dia do commando em chefe do exercito, sendo elevado de cavalleiro a «official da ordem imperial do Cruzeiro», por decreto de 2 de dezembro, tudo ainda do mencionado anno de 1841.

No anno seguinte foi graduado em coronel, e pela ordem do dia do marechal Conde de Caxias, commandante em chefe, de 12 de fevereiro de 1843, passou a commandar a 2ª brigada de infanteria, composta dos batalhões de caçadores ns. 6, 9 e 13, com a qual esteve sitiado pelas forças inimigas, durante dez dias, no rincão do Trilha, junto á villa de São Gabriel.

Tendo ficado com dous batalhões da sua brigada nas immediações do Serro do Vacaguá, foi alli atacado a 13 de maio, pelas forças rebeldes, em numero de 700 homens, os quaes repelliu corajosamente depois de um forte combate, pelo que foi elogiado em ordem do dia do commando em chefe.

Com o fim de privar os rebeldes da posse do municipio de Alegrete, donde tiravam os seus mais valiosos recursos pecuniarios, designou-o o mesmo commando em chefe para com um batalhão e um esquadrão de cavallaria occupar o referido municipio, concentrando essa força na villa do Alegrete.

A 26 do referido mez de maio, deu-se a celebre acção de Poncho Verde, em que as forças revolucionarias chefiadas por Bento Gonçalves, Antonio Netto, David Canavarro, João Antonio e outros, em numero de 2.500 homens, soffreram completa derrota da columna de 1.600 imperialistas, commandados pelo general Bento Manoel Ribeiro, pelo que procuraram os derrotados tirar uma desforra, e para isso designaram o chefe David Canavarro, que em 5 do seguinte mez de junho, á frente de

1.000 combatentes, poz em sitio a guarnição de Alegrete, dirigindo ao seu commandante, coronel Arruda Camara, um ardiloso officio em que dizia-lhe :

« Depois da victoria de 26 de maio ultimo, contra a divisão de Bento Manoel, marchei sobre a força imperial que commandais, e me acho hoje á vossa frente com centenares de bravos dispostos a debellar os soldados de D. Pedro II, a todo custo.

« Vossa posição é critica ; não tendes como defender tantas vidas ; vos achais a muitas leguas de distancia do exercito imperial, e elle quasi impossibilitado de marchar, e por consequencia de vos soccorrer ; nada mais vos resta senão uma capitulação, ou deixar perecer a ferro e fogo os brasileiros confiados a vosso mando ».

Com semelhantes phrases não conseguiu o general republicano illudir o experimentado coronel Arruda Camara, que lhe dirigiu tambem por officio a seguinte resposta :

« Dando a consideração que merece a patacoada que V. M.ce acaba de dirigir-me em uma folha de papel almasso, tenho a significar-lhe que estou prompto a consideral-o como brioso brasileiro, quando V. M.ce reconhecer e venerar a Independencia do Imperio, sua integridade e instituições politicas, que religiosamente juramos manter e observar sob a obediencia da sagrada pessôa do senhor D. Pedro II, imperador brasileiro e perpetuo defensor deste grande Imperio.

« Com os bravos que se acham sob o meu commando para a defesa de tão sagrados objectos, nada receio,... e desde já pode V. M.ce fazer o que lhe parecer, pois eu farei o meu dever ».

De posse desta resposta exasperou-se o chefe Canavarro, que mandou incontinenti atacar os sitiados, sendo, porém, repellido vigorosamente ; repetindo esses ataques durante seis dias e nada conseguindo, abriu mão do seu intento deixando o campo livre, pelo que na ordem do dia do commando em chefe do exercito imperial de 29 desse mez, foi o coronel Arruda Camara elogiado pelo modo porque se conduziu no seu posto de honra, repellindo com dignidade a intimação que lhe fôra feita para que se rendesse dentro do prazo de duas horas.

Peninsula e das campanhas do Sul de 1817 a 1822, de que trata a provisão de 18 de fevereiro de 1823.

Firmino Herculano de Moraes Ancora

O tenente-general Firmino Herculano de Moraes Ancora, filho legitimo de José Joaquim Baptista Ancora, nasceu em Lisbôa aos 25 dias do mez de setembro de 1790.

Pouco depois de completar 12 annos de idade, isto é, a 20 de janeiro de 1803, verificou praça de 1º cadete no 1º regimento de artilharia do exercito de Portugal dedicando-se desde então ao estudo das sciencias exactas.

Em 1807 embarcou para o Brasil fazendo parte da comitiva do principe regente, ao depois D. João VI, desembarcando no Rio de Janeiro foi-lhe entregue a patente de 2º tenente aggregado ao regimento de artilharia da côrte, a que fôra elevado, por carta régia de 2 de abril de 1808, sendo por outra carta regia de 17 de dezembro do mesmo anno, promovido a 1º tenente para a segunda companhia do dito regimento.

Em 1811, obtida a necessaria licença, matriculou-se na Academia Militar da Côrte onde habilitou-se com o curso geral da mesma academia.

Elevado a capitão para a 4ª companhia do alludido regimento, por decreto de 17 de dezembro de 1815, seguio logo depois para a provincia de Pernambuco onde passou a encarregado das obras militares da capital dessa provincia.

Promovido a major graduado para o corpo de engenheiros por despacho de 4 de novembro de 1818, continuou a servir naquella provincia onde executou importantes e variados trabalhos de engenharia civil e militar, sendo louvado por portaria de 18 de março de 1822, pelos serviços até então prestados nas duas commissões.

Em abril de 1823 passou a commandar as baterias do Norte da provincia, e em setembro de 1824 ficou encarregado da linha de observação comprehendida entre os rios Beberibe e Capiberibe, commissão esta que deixou a 3 de novembro do mesmo anno, por ter sido nomeado inspector geral das pontes e estradas da referida provincia.

Por decreto de 12 de outubro do anno seguinte teve a effectividade do posto de major, sendo graduado no de tenente-coronel em que tambem passou a effectivo no mesmo dia e mez do anno de 1826.

Em 1830 seguio para a provincia das Alagoas por ter sido encarregado da direcção das obras do pharol da mesma provincia, de onde regressou á de Pernambuco em setembro de 1833, assumindo ahi os cargos de inspector das obras publicas, comprehendendo estradas em construcção e demais obras de engenharia civil de toda a provincia.

Eleito deputado á Assembéa Provincial, nella tomou assento em 1835, continuando no cargo de inspector das obras publicas.

Por decreto de 13 de setembro de 1837 foi graduado no posto de coronel, sendo por portaria de 23 de novembro do anno seguinte encarregado da direcção e inspecção das obras dos quarteis e fortalezas e de todas as mais pertencentes a repartição da guerra.

Dispensado em março de 1842 de todas as commissões civis e militares que exercia na provincia de Pernambuco, recolheu-se á côrte do Rio de Janeiro onde por decreto de 7 de setembro foi confirmado no posto de coronel, assumindo o commando interino do imperial corpo de engenheiros em dezembro, tudo do mesmo anno.

Agraciado com a commenda da ordem militar de S. Bento de Aviz, por despacho de 3 de julho de 1845, passou a exercer interinamente o cargo de director da escola militar da côrte em abril, sendo a 1º de maio graduado no posto de brigadeiro, e por decreto de 1º de outubro, tudo do seguinte anno de 1846, nomeado commandande effectivo do alludido corpo de engenheiros.

Brigadeiro effectivo, por decreto de 14 de março de 1847, deixou, em setembro de 1848, a direcção interina da escola militar, sendo nomeado membro da commissão encarregada de dar parecer sobre o plano e orçamento do cáes que se pretendia construir em frente á Alfandega desta capital, por aviso de 20 de setembro, e por outro de 1º de outubro de 1849 foi louvado pelo zelo que desenvolveu no desempenho de tal commissão.

Por decreto de 2 de dezembro de 1856 foi promovido a marechal de campo, e por aviso de 18 de novembro de 1858 foi nomeado director interino da escola central.

Por decreto de 13 de Julho de 1859 foi exonerado do commando do corpo de engenheiros e nomeado vogal do Conselho Supremo Militar, e por aviso de 30 de julho do mesmo anno foi nomeado membro da commissão encarregada de organizar as escalas das promoções geraes do exercito.

Por motivo de molestia solicitou sua reforma, a qual lhe foi concedida por decreto de 25 de maio de 1861, na fórma da lei, continuando, porém, no exercicio de vogal do Conselho Supremo, que á vista dos seus longos annos de serviço, lhe expedio a patente de tenente-general, com a respectiva tença, sendo por decreto de 6 de julho do mesmo anno nomeado conselheiro de guerra, cargo este que exerceu até o dia 26 de fevereiro de 1873, em que falleceu.

Francisco Antonio da Silva Bittencourt

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu a 2 de outubro de 1802, Francisco Antonio da Silva Bittencourt assentou praça voluntariamente como soldado, a 12 de junho de 1818, na brigada de artilharia ligeira da «Divisão Portugueza Auxiliadora», onde foi reconhecido cadete de 1ª classe a 10 de dezembro do mesmo anno, por ser filho legitimo do tenente-coronel Elesbão José da Silva Bittencourt.

Por ordem do governador das armas da côrte, de 16 de março de 1820, fez passagem para o regimento de artilharia do Rio de Janeiro, sendo, por decreto de 4 de novembro, promovido a 2º tenente aggregado á 6ª companhia do mesmo regimento, d'onde foi excluido a 12 de outubro de 1822, por ter sido mandado servir na companhia de mineiros como 2º tenente effectivo.

Promovido a 1º tenente, commandante da companhia de conductores da brigada de artilharia montada do Rio de Janeiro, por decreto de 2 de agosto, marchou para o Rio Grande do Sul a 16 de novembro tudo de 1825 e, ao

alli chegar, incorporou-se ao exercito em operações de guerra do qual foi nomeado no anno seguinte deputado do quartel-mestre-general.

Tomou parte na batalha pelejada no passo do Rosario, a 20 de fevereiro de 1827, sendo elogiado pelo commandante em chefe do exercito, marquez de Barbacena, que o promoveu a capitão por distincção, conforme se vê da ordem do dia de 20 de março do mesmo anno, tratando daquella batalha. Por decreto de 3 de setembro, tudo do referido anno de 1827, foi confirmada a sua promoção ao posto de capitão.

Em outubro de 1828 deixou o cargo de deputado do quartel-mestre-general, continuando a servir na mesma provincia.

Achava-se na villa do Rio Pardo quando os revolucionarios rio-grandenses expulsaram o presidente da provincia e offereceram resistencia ás tropas imperiaes, pelo que, depois de ter prestado alguns serviços contra a rebeldia n'aquella villa, viu-se forçado a emigrar, apresentando-se na côrte em fins do anno de 1835.

Em janeiro do anno seguinte seguiu para a provincia do Pará, que tambem se achava soffrendo do mesmo mal que a sua irmã do sul, na qualidade de commandante do corpo provisorio de artilharia da divisão expedicionaria, de que foi chefe o general Soares de Andréa.

Por decreto de 22 de agosto de 1837 foi promovido a major pelos serviços relevantes que prestou na mesma provincia, e por outro de 2 de dezembro de 1839 se lhe mandou passar a patente de tenente-coronel commandante do 4º batalhão de artilharia á pé.

Em março do anno seguinte seguiu para Santa Catharina; ahi permaneceu por alguns mezes, marchando depois para o Rio Grande do Sul, de onde regressou á côrte, em janeiro de 1841, em commissão especial, finda a qual, tornou para a campanha do Rio Grande do Sul, em março, tendo sido por decreto de 25 deste mez nomeado cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro.

Graduado em coronel, por despacho de 27 de maio, foi, pela ordem do dia do commando em chefe do exercito do sul de 18 de julho, tudo de 1842, nomeado quartel-

mestre-general do mesmo exercito, que deixou a 6 de fevereiro do anno seguinte para exercer o de ajudante general.

Promovido á effectividade do posto de coronel com o commando do 1º corpo de artilharia a cavallo, por decreto de 23 de julho de 1844, foi, pela ordem do dia do commando em chefe de 30 de abril do anno seguinte, exonerado do cargo de ajudante general do mesmo exercito, recebendo em dezembro a carta imperial de commendador da ordem da Rosa.

A 19 de outubro de 1848 passou a commandar a 2ª brigada, em cujo cargo se conservou até agosto de 1851; tendo marchado com o exercito de observação para Sant' Anna do Livramento, passou dessa data em diante a exercer o commando geral de artilharia.

Feita a campanha do Estado Oriental do Uruguay, passou á colonia do Sacramento; fez a guarnição dessa cidade, até que della se retirou o exercito brasileiro.

Por decreto de 14 de março de 1852, foi condecorado com a medalha de ouro destinada aos que fizeram a dita campanha do Uruguay. Em abril deixou o commando geral de artilharia e, por despacho de 25 de setembro, tudo do mesmo anno, foi graduado em brigadeiro, passando a commandar a 5ª brigada em março de 1853.

Ainda como remuneração dos seus serviços foi nomeado commendador da ordem militar de S. Bento de Aviz, por decreto de 7 de fevereiro, e por outro de 4 de março, tudo de 1854, foi nomeado director do arsenal de guerra da provincia do Rio Grande do Sul.

Em 1856, por decreto de 2 de dezembro, foi promovido a brigadeiro effectivo, continuando no exercicio de director do arsenal de guerra de Porto Alegre.

Por decreto de 28 de novembro de 1863 foi promovido a marechal de campo, sendo por outro de 8 de outubro do anno seguinte nomeado commandante das armas da Bahia, de cujo cargo foi exonerado a 19 de junho de 1865, e na mesma data nomeado para commandar o exercito de reserva que devia estacionar nas fronteiras da provincia do Rio Grande do Sul, para onde seguiu logo depois.

Em outubro do anno seguinte foi chamado a esta capital, onde apresentou-se a 3 de dezembro, data em que assumiu o commando do corpo de estado-maior de 2ª classe para que havia sido nomeado dois dias antes.

Por decreto de 11 de abril de 1867 foi nomeado commandante das armas interino da provincia do Rio Grande do Sul, cargo que exerceu até 13 de abril do anno seguinte, sendo para elle nomeado novamente em 26 de dezembro.

Promovido a tenente-general graduado, por decreto de 9 de novembro de 1870, por outro de 18 de fevereiro do anno seguinte foi exonerado do referido commando de armas, recolhendo-se á côrte do Rio de Janeiro.

Por decreto de 3 de fevereiro de 1874 foi promovido á effectividade do posto em que era graduado, e por outro de 18 de abril do mesmo anno teve a «grã-cruz da ordem militar de S. Bento de Aviz», sendo tambem nomeado conselheiro de guerra por despacho de 20 de dezembro do anno seguinte.

Tendo solicitado a sua reforma, esta lhe foi concedida no posto de marechal do exercito com as vantagens da lei, continuando no exercicio de conselheiro de guerra até o anno de 1881 em que falleceu nesta capital a 29 de julho.

Francisco de Arruda Camara

Filho do Dr. Francisco de Arruda Camara e natural da provincia de Pernambuco, onde nasceu em 1803, Francisco de Arruda Camara assentou praça voluntariamente como soldado, na 3ª companhia do corpo de artilharia da — Divisão dos Voluntarios Leaes d'El-Rei, — no dia 30 de setembro de 1817, sendo reconhecido cadete de 1ª classe a 15 de janeiro do anno seguinte.

Durante o anno de 1820 percorreu em diligencia militar os sertões da referida provincia. Regressando á capital, em maio de 1821, foi promovido a alferes a 8 do seguinte mez de setembro, para o 1º batalhão de caçadores, por proposta do governo temporario de Goyanna, e a

perador, o seu serviço, honra e zelo com que desempenhou aquelle exercicio».

Em virtude do decreto de 31 de janeiro, publicado na ordem do dia do quartel general da Côrte, de 6 de fevereiro, tudo do anno de 1832, que deu nova organização á 1ª classe do exercito, para ella passou o coronel Carlos de Moraes, sendo desligado do numero de addidos ao estado maior.

Por aviso de 14 de dezembro de 1835 foi encarregado novamente do commando interino das armas da Côrte e provincia, commissão que exerceu até 16 de junho de 1837, revertendo ao commando da fortaleza da Conceição, sendo por decreto de 12 de setembro do mesmo anno elevado ao posto de brigadeiro.

Durante o impedimento do marechal de campo Francisco de Paula e Vasconcellos, governador das armas da Côrte, ao brigadeiro Carlos de Moraes coube mais uma vez o exercicio interino desse cargo, de 17 a 23 de abril de 1841.

Por decreto de 19 de agosto seguinte, anno de 1842, á vista do seu precario estado de saude foi transferido para a 3ª classe do exercito, de conformidade com a lei de 1 de dezembro do anno anterior, em a qual se conservou até que veio a fallecer nesta capital.

Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto

Filho legitimo do brigadeiro Joaquim Felix da Fonseca e natural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde nasceu a 21 de setembro de 1805, Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, assentou praça de cadete de 1ª classe no 3º batalhão de fusileiros da Côrte do Rio de Janeiro em 14 de janeiro de 1817.

Por decreto de 26 de março de 1821 foi despachado alferes para o regimento de infanteria do Maranhão, onde obteve a patente de tenente por outro decreto de 12 de Outubro de 1823, passando para o batalhão de caçadores n. 23.

Tendo seguido para a provincia do Rio Grande do

Sul, foi nomeado ajudante de ordens do commandante da 1ª divisão do exercito em operações de guerra, a 10 de outubro de 1826, e por ter tomado parte, no dia 20 de fevereiro do anno seguinte, na batalha do *Ituzaingo*, foi elevado a capitão para o estado maior do exercito, por decreto de 3 de setembro do mesmo anno, «por distincção e bons serviços que prestou na alludida batalha».

Terminada a guerra do Sul, continuou em serviço no Rio Grande do Sul, pelo que ao rebentar a revolução republicana em setembro de 1835, collocando-se ao lado do governo legal se tornou saliente na prompta execução que dava ás ordens concernentes ao restabelecimento da ordem publica.

Reorganizado o 8.º batalhão de caçadores de 1ª linha foi nelle incluido em maio de 1837, tomando assim parte nos combates de 25 de junho e 29 de setembro, travados com os revolucionarios nos «Moinhos de Vento», nos arredores de Porto Alegre.

Por decreto de 20 de agosto do anno seguinte, foi promovido a major para o mesmo batalhão, merecendo ser elogiado pelo commando em chefe pelos bons resultados colhidos nas diversas sortidas que realizou nas Pedras Brancas e Boa Vista.

O mencionado commando em chefe, em sua ordem do dia de 4 de março de 1839, o mandou louvar pelo combate que sustentou na villa do Triumpho ; na de 23 de junho seguinte pelo de «Morretes» e na de 12 de outubro, com especialidade, «pelo valor, agilidade e firmeza com que conduzio o seu batalhão no ataque de 3 de agosto no logar «Azenha», contra uma força reconhecidamente maior e composta das tres armas».

Seguio para fazer parte da guarnição do Rio Pardo, merecendo ainda ser elogiado em 18 de dezembro, tudo do referido anno de 1839, pelos felizes resultados das sortidas que commandou, em novembro, á villa daquelle nome e ao passo do «Barnabé» na aldêa dos Anjos.

Em 1840 expedicionou em janeiro para a Serra do Herval e Fazenda do Cravo, desalojando em sua marcha varios grupos de inimigos que os apanhara de surpreza, e em maio com o seu batalhão passou a guardar o posto

do «Tamanca», com o fim de obstar a passagem dos revolucionarios no rio Taquary, e ahi se conservou até dezembro.

Por despachos de 25 de março e de 4 de abril de 1841 foi condecorado com as venéras de cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz e da imperial do Cruzeiro, e por outro de 27 de maio anno seguinte, teve a promoção de tenente-coronel, para o mesmo batalhão de caçadores n. 8.

Na noite de 2 de outubro de 1843 tomou parte no ataque levado aos rebeldes na «Coxilha do Fogo» e no de «Cangussú», a 6 de novembro, e pelo modo porque nelles se conduzio mereceu ser elogiado pelo commando em chefe, conforme se vê das ordens do dia de 2 e 18 do referido mez de novembro, sendo, por decreto de 23 de julho, do anno seguinte, graduado em coronel. Expedicionou em novembro desse anno para a fronteira de Bagé, cabendo-lhe assumir o commando da respectiva guarnição.

Restabelecida a paz no Rio Grande de Sul, em cuja guerra civil, como vimos, tomou parte activa ao lado da legalidade, desde o seu inicio até o dia 1º de março de 1845, em que foi proclamada a paz, por decreto de 25 de março deste anno, recebeu o coronel Francisco Felix da Fonseca o officialato da ordem da Rosa, passando a 5 de setembro a commandar a 3ª brigada do exercito do sul e a guarnição do Rio Pardo, onde chegou-lhe a carta imperial de commendador da mencionada ordem da Rosa, a que fôra elevado por despacho de 2 de dezembro ainda de 1845.

Pela ordem do dia do Commando em chefe de 18 de janeiro de 1847 foi dispensado do commando da 3ª brigada e guarnição do Rio Pardo, e na mesma elogiado pela pericia militar com que desempenhou-se dessas commissões, as quaes reassumio em 20 do mez de setembro seguinte, exercendo-as até 12 de abril do anno de 1849 em que recebeu novo elogio pelos bons serviços que nellas havia prestado. Por decreto de 27 de agosto foi promovido a coronel commandante do seu batalhão (8º).

Nomeado commandante da guarnição de São Gabriel e toda a força ahi existente a 1º de abril de 1851, deixou

esta commissão a 3 de agosto, data em que com o seu batalhão seguio para a campanha do Estado Oriental do Uruguay. Achando-se acampado na Colonia do Sacramento com o exercito imperial, foi nomeado commandante da 1ª brigada da divisão desse exercito destinada a marchar para o territorio da Republica Argentina incorporada ao «Exercito Alliado Libertador».

Em dezembro as tropas da 1ª divisão embarcaram nos navios da esquadra brasileira com destino á ponta do «Diamante», afim de protegerem o exercito do general Urquisa na passagem para a margem occidental do rio Paraná, onde devia ser atacado o do dictador de Buenos-Aires, João Manoel de Rosas, pelo que assistio ao combate da passagem do «Tonelêro» a 17 desse mez, na margem direita do mesmo rio contra as baterias ao mando do general D. Lucio Mancilla.

Em 1º de janeiro de 1852 reunio-se no Espenillo ao exercito do referido Urquisa, com o qual tomou parte na batalha pelejada no dia 3 do seguinte mez de fevereiro na *Chacara de Caseros*, cabendo-lhe proteger o ataque levado ao inimigo pela «divisão oriental alliada» cujo effectivo era relativamente assás pequeno. São do inesquecivel major Ladisláo dos Santos Titára, os seguintes paragraphos:

«A divisão oriental, por encontrar difficeis obices no transpor os pantanos da *cañada*, existentes em terreno baixo, intermediarios as lombas, que occupavam os dois exercitos e tambem por collocar em bateria as suas boccas de fogo e mudar de frente a formatura, passando de columna de marcha ás de ataque; fez alto, e assim vio-se na urgencia de retardar a sua marcha, inda que por pouco tempo, isto no ponto, onde finalisando a *cañada*, começa a cochilha, que occupavam as forças do dictador Rosas, ponto aquelle distante quiça umas 400 braças da casa de *Caseros*, donde providente destacou então o inimigo quatro grandes peças, para collocal-as, como collocou, duzentas braças á direita da casa dita, em campo aberto, afim de seguir os passos da «Divisão Oriental», que seriamente ameaçava-lhe o flanco direito, visto como das baterias de *Caseros* não a podia damnificar, por não

descobril-a: donde resultou que fosse poupada a soffrer os effeitos da vigorosa canhonada que sobre o centro e ala direita do grande exercito alliado, sustentára por mais de uma e meia hora a enorme artilharia de *Caseros*, a quem o dito exercito soube retribuir ousadamente e com galhardia pouco commum.

«Aquella demora da tropa oriental fez que ella fosse rapidamente precedida pela 1ª brigada brasileira; que, indo em columnas de ataque, cobertas por linhas de atiradores dos batalhões 11 e 13 de infanteria, avançou a peito descoberto, subindo accelerada por um terreno suavemente inclinado, cêrca de 600 braças, despresando impavida o desesperado fogo que a borrisco dirigia-lhe assim aquella parte das baterias inimigas, secundada por tres batalhões de infanteria que guarneciam-na; como tambem as outras baterias da Rotunda, ou Pombal, e toda a infanteria, que era na esquerda da mesma Rotunda.

«Aquella 1ª brigada brasileira que ia de protecção á «divisão oriental» e a 2ª ao mando do coronel Feliciano Falcão, chegaram quasi a um tempo ás casas da sotêa, tendo avançado por terrenos irregulares e atravessado um banhado, que era como a 300 braças da frente da posição a que as columnas se conduziam, até que a 1ª brigada occupára a frente da entrada do lado de Oeste, praticado no vallo quando já o commandante do batalhão 11º de infanteria, tenente-coronel Francisco Victor de Mello e Albuquerque se havia adiantado com os atiradores, sendo tal a rapidez com que investira, que foi elle o primeiro que transpondo aquelle profundo vallo, onde este circulava a casa da sotêa e onde a affronta era maior; por quanto mui bem acastellado os contrarios, se ostentavam com alta pertinacia, os accommettera e desalojára, á bayoneta callada, soccorrido opportuna e promptamente por uma descarga tremenda desfechada por ordem do digno commandante da 1ª brigada coronel Francisco Felix, que, á testa de toda ella, havia avançado a marche-marche, e galgando assim aquella fortificação».

Por tal feito mereceu o coronel Francisco Felix ser elogiado em ordem do dia do commando em chefe de 5 do mesmo mez «por haver manifestado aquella bravura,

discernimento e sangue frio, que caracterisam o verdadeiro soldado» e por decreto de 3 do seguinte mez de março foi promovido a brigadeiro, e condecorado com a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro e medalha de ouro concedida aos officiaes superiores que fizeram a campanha do Estado Oriental do Uruguay e Confederação Argentina, achando-se então em seu quartel no Rio Grande do Sul, e no exercicio do cargo de commandante da guarnição e fronteira de Jaguarão e da 2ª brigada do Exercito.

Em julho do seguinte anno de 1853, como sabemos, o partido *colorado* capitaneado por Pacheco y Obes e outros se manifestaram em attitude aggressiva contra o governo do presidente da Republica Oriental, que havia sido eleito pelos *blancos* em primeiro de maio do anno anterior, pelo que o governo imperial, com o fim de conservar em estado de defesa e segurança as fronteiras, resolveu a organização de uma «Divisão de Observação» cujo commando deu ao brigadeiro Francisco Felix da Fonseca.

Declarada abertamente a revolução em Montevidéo, teve o presidente eleito de abandonar o poder, e a 25 de setembro organizou-se um triumvirato contra o qual se manifestaram na *campanha* os do partido *blanco,* chefiados pelo coronel Dionisio Coronel, mas nenhum resultado pratico conseguiram; e porque a agitação não cessasse na Republica, o governo constituido pela revolução vencedora requisitou o apoio do governo do Brasil, que interessado pela ordem no Estado visinho e obrigado pelo Tratado de Amisade e Alliança de 12 de outubro de 1851, não se demorou em attendel-o.

Em 17 de janeiro de 1854 assumio o brigadeiro Francisco Felix o commando da divisão que se achava de observação, e que depois denominou-se de «Auxiliadora», e a 28 de março seguinte penetrou á frente della no territorio do Estado Oriental. Esta divisão se compunha de 4000 homens e chegou ás portas de Montevidéo em maio, indo ao seu encontro o ministro brasileiro José Maria do Amaral, que dirigio-lhe a seguinte saudação:

« Bravas e fieis legiões imperiaes. O ministro do Im-

perador vos sauda com respeito, e vos abraça com fraternidade na pessoa do vosso general.

« Salve ! Guerreiros do Imperio !

« Vós vindes com as armas da guerra perfazer a obra da paz. Essas machinas de morte e destruição vão tornar-se em vossas mãos instrumentos de vida e organização.

« Soldados de Pedro II ! :

« O manarcha vos dá honrosa parte na sua politica internacional. Vós e os bravos da Armada vindes ser cooperadores da diplomacia imperial.

« Companheiros no serviço do Imperador !

« O nosso dever está definido nos tratados. O Soberano do Brasil prometteu fortificar a Nacionalidade Oriental, por meio da paz interior e dos habitos constitucionaes. A execução dessa promessa augusta, confiou-a elle ao seu exercito, á sua armada e á sua diplomacia.

« Amigos de Pedro II ! Juremos que o primeiro dos brasileiros não dá em vão a sua augusta palavra.

« Guerreiros !

« Deveis a vossa dedicação e benevolencia a todos os habitantes do Estado Oriental, sem excepção. Os filhos do Uruguay são nossos irmãos, os estrangeiros que com elles vivem são nossos amigos, porque uns e outros vos invocaram com fé, vos esperaram com ancia e vos saudaram com enthusiasmo. Sejamos gratos a cada um, sendo uteis a todos.

« Amigos e compatriotas !

« Abracemo-nos e brademos com enthusiasmo : Viva o Imperador !

« Em qualquer canto do mundo onde se achem brasileiros, este brado santo e nacional é um juramento de que cada um vae cumprir o seu dever. — Montevidéo, 2 de maio de 1854 ».

No dia seguinte a divisão Francisco Felix fez a sua entrada solemne na cidade pelas dez horas da manhã ; nessa occasião salvaram os navios de guerra brasileiros surtos no porto, e o presidente recem eleito, D. Venancio Flores, mandou distribuir a seguinte proclamação :

« Brasileiros ! O presidente da Republica compraz-se

em saudar-vos, ao sentir que pisaes com vistas pacificas a Patria dos Orientaes. Compraz-se em saudar-vos, pelas provas que já destes de vossa disciplina, de vossa moralidade, e de vossa sympathia pelos principios eternos de liberdade e de heroismo ; assim como pelo nobre sentimento que vos levou a compartilhar de nossos trabalhos na lucta contra a tyrannia, e pelo que o Paiz tem a esperar de vós.

« Brasileiros ! O magistrado que vos fala, combateu ao vosso lado e conhece o vosso denodo ; por isso, reclamou o vosso apoio ao Augusto e desinteressado alliado da Republica, na confiança de que cooperareis para garantir a paz e a estabilidade emquanto os filhos da terra oriental, dando treguas ás suas fadigas, se desforram de suas desgraças, e podem aproveitar sua dedicação em pacificos trabalhos.

« Filhos do Brasil ! Digna e generosa é a missão que vindes desempenhar na Patria dos Orientaes. Que a fraternidade iguale á disciplina e ao valor, e os fins humanitarios da intervenção corresponderão a tão alta missão. Assim conseguireis os applausos e bençãos de todos os governos e povos que a contemplam, e assim o espera o vosso alliado e amigo — *Venancio Flores* ».

Foram esplendidamente tratadas as diversas unidades da « divisão brasileira » que acamparam na *Union,* pelo povo oriental e membros do novo governo chefiado pelo mallogrado general D. Venancio Flores.

Em Montevidéo recebeu o brigadeiro Francisco Felix a carta imperial de dignitario da ordem da Rosa, que lhe fora concedida por decreto de 2 de dezembro de 1854, e no anno seguinte ahi permaneceu até que ordens lhe foram dadas para se recolher á provincia do Rio Grande do Sul onde acampou a 19 de dezembro nas margens do Pirahy-Grande, retomando então as forças do seu commando o titulo de « Divisão de Observação». Esta divisão foi logo depois dissolvida, mas distribuidas as suas forças em cinco brigadas, das quaes lhe coube o commando da 1ª, que seguiu para a fronteira de Jaguarão acampando no «Telho», e as demais em Bagé, Quarahim e Alegrete, São Borja e Missões, e São Gabriel, ficando in-

terinamente no commando de todas ellas o mesmo brigadeiro Francisco Felix da Fonseca.

Por aviso do ministerio da guerra de 7 de janeiro de 1856 houve por bem o imperador D. Pedro II mandar lonval-o em seu nome pelos bons serviços que prestou na Republica do Uruguay, em prol da honra, dignidade e interesses nacionaes, e por decreto de 2 de dezembro do mesmo anno o promoveu a marechal de campo.

Reconhecido pelo governo imperial o comportamento honroso e nobre que teve a « Divisão Auxiliadora Brasileira», durante o tempo que permaneceu em Montevidéo e que a elle como seu commandante muito se devia pelo estado de boa ordem e disciplina em que soube conservar as forças sob seu commando, por aviso de 17 de agosto de 1857, foi determinado que se averbasse em seus assentamentos tão valiosos serviços, bem como o elogio honroso feito ás praças de dita divisão, pela sua disciplina, moderação e moralidade, durante a permanencia della no territorio da Republica do Uruguay.

Ainda neste anno, tendo sido resolvido pelo governo e por motivos que são conhecidos, a organização de um corpo de exercito de observação na provincia Sul-riograndense, por decreto de 3 de outubro foi nomeado seu commandante em chefe o marechal de campo Francisco Felix da Fonseca que o organizou do seguinte modo, junto ao Ibicuhy :

Commandantes de divisão :

Da 1ª, brigadeiro João Propicio Menna Barreto; da 2ª, brigadeiro Visconde de Camamú; da 3ª, coronel honorario David Canavarro.

A 1ª divisão compunha-se de duas brigadas commandadas pelo brigadeiro Luiz Ozorio a primeira, e coronel José Luiz Menna Barreto a segunda. A 2ª divisão era tambem formada de duas brigadas, commandadadas pelos coroneis Martinho Tamarindo e Victor de Mello e Albuquerque.

A 3ª divisão, de guardas nacionaes destacadas, compunha-se das brigadas do coronel Andrade Neves e Gomes Portinho, que tão brilhantemente combateram annos depois nos campos do Paraguay.

Por decreto de 15 de março de 1858 foi removido do commando do mencionado corpo de exercito para o da divisão de observação o marechal Francisco Felix, a quem, por despacho de 10 do mez seguinte, se fez mercê do titulo de grande-dignitario da ordem da Rosa.

Deixou o dito commando por ter sido nomeado commandante das armas da provincia da Bahia por decreto de 20 de novembro do mesmo anno, para onde seguio, e tomou posse desse cargo na cidade de S. Salvador em fevereiro, exercendo-o até setembro, tudo do anno seguinte.

Nomeado para o mesmo cargo na provincia do Rio Grande do Sul por decreto de 10 de dezembro de 1859, assumio-o a 31 desse mez e nelle se conservou até novembro do anno de 1860, em que se recolheu á Côrte por ter sido, por despacho de 7 do mesmo mez, nomeado Ajudante-General do Exercito.

Ao deixar o commando das armas do Rio Grande do Sul, foi elogiado pelo presidente dessa provincia pelos bons e valiosos serviços que prestou-lhe e a coadjuvação que com honra e franqueza lhe ministrára.

Agraciado com a commenda da ordem militar de São Bento de Aviz, por despacho de 11 de maio, apresentou logo depois a carta imperial de 10 de agosto, tudo de 1861, que lhe fez mercê do titulo de Conselho.

O marechal de campo Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, falleceu nesta Capital a 28 de novembro do alludido anno de 1861, no exercicio do alto cargo de Ajudante-General do Exercito em que se achou collocado pelos seus reconhecidos dotes de militar instruido e austero observador de todas as regras da disciplina, unica e necessaria base das corporações reconhecidamente militares, e foi por procurar sempre mantel-a que lhe foi dado prestar á sua Patria os melhores serviços de paz e guerra, dentro e fóra do seu immenso territorio.

Francisco José Damasceno Rosado

Em o decurso do anno de 1796 nasceu na cidade de Tavira (Portugal), Francisco José Damasceno Rosado que a 29 de abril de 1811 assentou praça voluntariamente no regimento de infanteria n. 14 de Portugal, onde foi reconhecido 1º cadete por ser filho do major João Damasceno Rosado, marchando n'esse mesmo anno para a campanha da Peninsula.

Em setembro de 1813 passou para o deposito geral de recrutas de infanteria em Mafra, e por decreto de 21 de janeiro do anno seguinte foi promovido a alferes para o regimento de infanteria n. 12.

Tendo vindo para o Brasil em 2 de julho de 1817, marchou com um batalhão do seu regimento para a expedição de Pernambuco ficando, porém, destacado na cidade da Bahia, encarregado de instruir a legião de caçadores e os officiaes inferiores e ajudantes de milicias na nova tactica theorica e praticamente conforme determinação do capitão-general Conde dos Arcos.

No anno seguinte, por portaria de 24 de maio do governador Conde da Palma, foi nomeado instructor de todos os corpos de milicias da provincia da Bahia, cargo este que exerceu até julho de 1819, data em que, já tendo sido elevado a tenente, destacou com o seu batalhão para a provincia de Santa Catharina que se achava ameaçada de uma invasão estrangeira.

Nessa provincia passou a exercer o cargo de instructor dos officiaes e cadetes e da direcção do ensino das esquadras nos exercicios diarios.

Por decreto de 24 de julho de 1820 foi graduado em capitão para o regimento de linha de Santa Catharina, sendo tambem encarregado pelo brigadeiro Felix José de Mattos, commandante geral das tropas reunidas na mesma provincia, da instrucção dos officiaes e corpos de milicias «tanto ligeiras como de infanteria».

Passou a servir de ajudante de ordens do governador, em consequencia do officio do mesmo de 21 de outubro de 1820, exercendo esse cargo até 18 de junho de 1822.

Por decreto de 24 de fevereiro de 1823 foi promovido

á effectividade do posto de capitão, em que era graduado, achando-se então nos exercicios de fiscal e instructor do batalhão de caçadores de linha.

Jurou a constituição politica do Imperio e passou a commandar o dito batalhão de caçadores em 1824, sendo elevado ao posto de major por decreto de 4 de dezembro do mesmo anno.

No anno seguinte, tendo se offerecido para servir nas forças em operações contra os revolucionarios da provincia Cisplatina, para alli seguiu na qualidade de major de brigada na expedição que sahio do Rio de Janeiro, passando por Santa Catharina em 3 de dezembro.

Em 5 de abril de 1827 reuniu-se ao seu batalhão, que então se achava na praça de Montevidéo, onde se conservou até a declaração da paz em agosto de 1828, regressando então áquella provincia, onde recebeu a patente de tenente-coronel graduado, a que fôra elevado por despacho de 8 de maio do seguinte anno de 1829.

Passou a commandar o 8º batalhão (depois 7º) em 14 de junho de 1831, deixando esse commando em 18 de dezembro de 1832, data em que foi elle dissolvido.

Passou a commandar os officiaes avulsos da provincia, a cuja classe já pertencia, por determinação do respectivo presidente contida em officio de 23 de fevereiro de 1837.

Em 30 de outubro do mesmo anno foi encarregado de organizar e commandar o deposito de recrutas, deixando esta commissão por ter sido, pela ordem do dia da presidencia da provincia de 4 de outubro de 1838, encarregado da organização e do commando do batalhão provisorio de caçadores de linha, com o qual marchou da villa da Laguna para a campanha do Rio Grande do Sul, a 29 de dezembro do mesmo anno. Regressou áquella villa a 5 de abril de 1839 de onde embarcou para a capital da provincia a 12, e desta para o Rio Grande do Sul a 14, tudo do dito mez e anno, sendo por decreto de 2 de dezembro seguinte promovido á effectividade do posto de tenente-coronel commandante do mesmo batalhão.

Assistio ao ataque de 3, do Passo do Taquary, commandando o seu batalhão pelo que, pela ordem do dia do

commando em chefe de 10 tudo de maio de 1840, foi elogiado pelo modo porque se portára no dito ataque.

Passou a commandar a 1ª brigada de infanteria a 4 do referido mez e anno, reassumindo o commando do seu batalhão a 10 de dezembro seguinte.

Por decreto de 25 de março de 1841 foi nomeado cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro, e pela ordem do dia do commando em chefe de 16 de abril passou a commandar a 4ª brigada de infanteria, com a qual tomou parte nos combates e assaltos dos dias 13 e 14 de junho, na margem direita do Passo de S. Borja, de 18 na cochilha da Estancia do Meio, e de 22, tudo do mesmo mez e anno, no banhado do Inhatium, proximo á villa de S. Gabriel, sendo elogiado em ordem do dia do commando em chefe pelo modo porque se portou nas acções mencionadas, recebendo tambem a nomeação de official da alludida ordem do Cruzeiro que por taes serviços lhe fôra concedida por decreto de 2 do seguinte mez de dezembro, sendo finalmente promovido a coronel por despacho de 27 de maio de 1842.

A 3 de abril de 1845 seguio em commissão para a fronteira do Chuy afim de entrar no reconhecimento das reclamações melindrosas que fazia o general argentino sobre a respectiva fronteira acerca da força emigrada, e de transportar o general Rivera, que se achava nas matas do Silveira.

Seguio para a côrte do Imperio com o seu batalhão a 10 de maio do mesmo anno, e para a provincia de Pernambuco a 22 de julho seguinte, assumindo em 27 de setembro, interinamente, o cargo de commandante das armas da mesma provincia, cargo que deixou a 23 de novembro, tudo do mesmo anno, seguindo a 22 de março de 1847 com o seu batalhão para a provincia das Alagôas.

Por occasião da revolução denominada *Praieira* fez parte das forças do governo, tendo assistido, a 2 de fevereiro de 1849, ao ataque da cidade do Recife.

Por decreto de 25 de setembro de 1852 foi graduado no posto de brigadeiro com o qual lhe coube assumir o commando das armas da provincia do Pará, para que fôra nomeado por decreto de 3 de dezembro de 1857.

Promovido á effectividade do posto de brigadeiro por despacho de 2 de dezembro de 1858, e exonerado do dito commando de armas a 8 de dezembro de 1859, recolheu-se á côrte do Imperio onde, por determinação do ministerio da guerra, assumio o commando da fortaleza de Santa Cruz a 19 de abril de 1860, alli se conservando até 7 de maio de 1863.

Por aviso do ministerio da guerra de 15 de fevereiro de 1864 foi nomeado commandante do corpo de estado-maior de 2ª classe, cargo que deixou por ter sido nomeado, por decreto de 2 de julho do anno seguinte, para commandar interinamente as armas da provincia de Pernambuco, entrando em exercicio a 27 de seguinte mez de agosto.

Deixou o exercicio deste ultimo cargo em junho de 1866, passando a exercer o commando do supra-citado corpo de estado-maior de 2ª classe, interinamente, a 16 de julho do mesmo anno.

O brigadeiro Francisco José Damasceno Rosado falleceu nesta capital no dia 20 de agosto de 1870.

Francisco Sergio de Oliveira

Filho legitimo de Pedro Tavares de Oliveira e Mello e natural da cidade da Parahyba, onde nasceu a 9 de setembro de 1798, Francisco Sergio de Oliveira a 30 de junho de 1808 assentou praça na 7ª companhia do regimento de milicias de homens brancos, da capitania da Parahyba do Norte, da qual era commandante o coronel Luiz de Oliveira Chaves, passando logo depois a frequentar com aproveitamento as aulas do curso de humanidades.

Em virtude da portaria do governador, de 16 de maio de 1817, assentou praça voluntariamente nesse mesmo dia, como soldado, no batalhão de caçadores de 1ª linha, sendo elevado a cabo d'esquadra a 9 do seguinte mez, continuando a frequentar as aulas acima referidas.

Em 7 de junho passou a porta-bandeira, e a 2º sargento, em 1 de setembro, tudo de 1819. Tendo sido promovido a 1º sargento em 12 de maio, e a sargento quartel-

mestre em 2 de julho, por decreto de 6 de dezembro, tudo de 1822, foi elevado ao posto de tenente quartel-mestre, para o mencionado batalhão de caçadores.

Em 1823 reuniu-se a junta do governo provisorio estabelecido em Tibiry, a poucas leguas da capital da Parahyba, para onde marchou contra os facciosos ahi existentes, a 12 de setembro, sendo graduado no posto de capitão para o mesmo batathão por decreto de 22 de janeiro do anno seguinte, em que seguio a reunir-se a — Divisão Cooperadora da Bôa Ordem — da provincia de Pernambuco.

A 28 de Novembro do dito anno, marchou voluntariamente para o Ceará, fazendo parte da expedição de 200 homens, tirada das tropas que desde 19 de setembro se achavam na villa de Goyanna, havendo tomado antes parte no ataque de Itabayanna, a 24 de maio, como ajudante do 19º batalhão de caçadores de 1ª linha, « tendo assim prestado bons serviços a integridade do Imperio, com intelligencia, zelo e subordinação ».

Na provincia do Ceará foi designado pelo respectivo commandante das armas para commandar e disciplinar o 3º, depois o 22º batalhão de 1ª linha da mesma provincia, a 16 de fevereiro; seguio logo depois para o interior da mesma provincia, para o restabelecimento da ordem, onde teve «occasião de desenvolver o seu merecimento», recebendo particular agradecimento do coronel commandante das armas, pelo arranjo e disciplina com que tinha mantido o dito batalhão, «nada se lhe recommendando a tal respeito, porque nada é preciso recommendar a um tão distincto official » conforme determinação da presidencia.

Pela ordem do dia de 19 de maio, tudo de 1825, se fez publico que «o capitão Francisco Sergio de Oliveira, no arranjo, disciplina e subordinação em que tem posto o batalhão de seu interino commando, e que a mais decisiva prova que S. Exª lhe podia dar do conceito que lhe merece, é a alta commissão de que o encarrega perante o throno de S. M. Imperial ».

Do Ceará seguio para a côrte do Rio de Janeiro, fazendo parte da commissão nomeada pelo presidente para comprimentar o imperador Pedro Iº pela terminação

da lucta resultante da mallograda «Republica do Equador», recebendo logo depois a medalha de distincção, concedida, por decreto de 20 de outubro de 1824, aos que compuzeram o «Exercito Cooperador da Bôa Ordem», e bem assim a venéra de cavalheiro da ordem imperial do Cruzeiro.

De volta á capital da Parahyba, jurou a Constituição do Imperio, assignando a acta que para esse fim foi lavrada na mesma capital, e por decreto de 9 de maio foi promovido á effectividade do posto de capitão, para a 2ª companhia do alludido 19º batalhão de caçadores.

Tendo solicitado do governo imperial, como recompensa aos seus serviços, a promoção ao posto de major para o batalhão de caçadores de 2ª linha n. 70, da provincia da Parahyba, e obtido despacho favoravel, foi lavrado o decreto de 18 de outubro de 1829, que o elevou ao dito posto para o citado batalhão, conservando-se na provincia de Parahyba até o anno de 1834, em que marchou para a campanha de Panellas e Jacuhype em Pernambuco, a 26 de janeiro, tendo ahi se conservado até a terminação da lucta no anno seguinte.

Proclamada a revolta na provincia do Pará, para alli seguio o major Sergio de Oliveira, unido á columna de 500 homens do tenente-coronel Joaquim José Luiz de Souza, enviada pelo presidente da provincia de Pernambuco em soccorro das autoridades do Pará.

N'essa nova lucta civil commandou o 1º batalhão expedicionario, com o qual atacou e tomou a villa da Vigia, occupada pelos revolucionarios. Terminada a lucta em 1836, por decreto de 22 de Agosto do anno seguinte, obteve Sergio de Oliveira a patente de tenente-coronel, «pelos relevantes serviços prestados na provincia do Pará».

Cessada a lucta civil no Pará, não tardou muito que no territorio de sua visinha, a provincia do Maranhão, se declarasse perturbada a ordem publica, por instigação de mal orientados politicos, originando-se a denominada *Balaiada*, da alcunha de um dos facinoras que a chefiavam, (Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, pelo seu officio de fazer e vender balaios).

Impotente o governo da provincia para suffocar essa rebellião, pela falta ostensiva de recursos e diminuto numero de praças de 1ª linha, requisitou do governo imperial o necessario e urgente auxilio, pelo que o ministerio da guerra, por aviso de 5 de junho de 1839, nomeou o tenente-coronel Sergio de Oliveira, commandante em chefe das forças em operações na alludida provincia, que ahi chegou no seguinte mez de julho.

Depois da demora necessaria para a organização e municiamento das forças expedicionarias, seguio á frente dellas no dia 6 de agosto para a villa do Icatú, situada á margem direita do rio Munim, a 8 leguas da capital, que se achava então sitiada por terra por grande copia de sediciosos que tudo devastavam por aquellas cercanias dominando todo a territorio, comprebendidas entre o Munim e Jacarehy.

Nesta expedição tambem tomou parte o presidente da provincia Manoel Felizardo de Souza e Mello, depois general, e de quem trataremos mais adiante.

No dia seguinte acamparam na villa Velha, a tres leguas da villa do Icatú, onde se achavam dous batalhões de 1ª linha, commandados respectivamente pelo major Feliciano Antonio Falcão e capitão Ernesto Emiliano de Medeiros.

No dia 8 se achou toda a tropa ahi reunida em parada geral, tendo-lhe passado revista o tenente-coronel Sergio de Oliveira, que assim investido no seu commando em chefe, deu as necessarias ordens para que fosse observado o seu plano de ataque aos rebeldes na villa do Icatú, de combinação com o capitão-tenente da armada Boldts; mas este só se realizou no dia seguinte, travando-se renhido combate com a vanguarda ás ordens do major Falcão, no lugar denominado Arêas, conforme já deixámos dito paginas atrás, sendo finalmente abandonada pelos rebeldes a villa, onde entraram no dia seguinte as tropas expedicionarias, tendo regressado dias depois á capital o presidente Manoel Felizardo.

Deixando a villa de Icatú, ainda no mez de Agosto, percorreu varias povoações e villas, estabelecendo Sergio de Oliveira o seu quartel-general na do Rosario. No

mez seguinte, em nova expedição atacou os rebeldes a 29 na Bôa-Vista e Pesqueira, e no dia seguinte (30) no Iguará e na já referida villa do Icatú, que se achava então por elles sitiada.

Tendo realizado as excursões e acções acima mencionadas, em o officio que no dia 11 de outubro dirigio ao presidente da provincia, assim se expressou o tenente-coronel Sergio d'Oliveira :

« Devo fazer chegar ao conhecimento de V. Ex. que a população desta provincia se acha dividida em duas classes, a primeira mais grada, e a segunda de gente mais baixa : os que pertencem á primeira classe, ou são coniventes com os rebeldes, ou são indifferentes; a segunda é uma massa compacta em opposição ao governo. Lance V. Ex. suas vistas n'essa capital, verá entulhada dos melhores proprietarios d'estas ribeiras, que bem podiam ajudar em tudo quanto fosse possivel e compativel com as suas graduações, idades e estados ».

Após a data deste officio, entendeu-se pessoalmente com o presidente da provincia sobre as medidas que urgiam fossem postas em pratica, para que, ao menos, faltassem aos rebeldes os recursos de toda a sorte que clandestinamente recebiam dos descontentes politicos, sendo uma dessas medidas o edital que, logo depois do seu regresso á villa do Rosario, mandou publicar em 26 do referido mez de outubro, «declarando rebeldes todos os habitantes das margens do Itapicurú e do Munim, que no prazo de 20 dias não se apresentassem ás forças legaes ».

Como era de prevêr, tão inexequivel medida produzio clamores, e o proprio presidente estranhou o pensamento do seu autor, conforme scientificou-lhe em officio que foi dado á publicidade, susceptibilisando-se por tal o tenente-coronel Sergio de Oliveira, que, por sua vez, tornou publico que o caracter vacillante do presidente o levára a censurar uma das providencias que haviam combinado na entrevista que com elle tivera, como ficou dito.

Do exposto se conclue facilmente que entre as duas primeiras autoridades da provincia se achava implantada a mais inconveniente desharmonia, como accentuadamente o demonstra a seguinte transcripção :

Illm.º e Exm.º Sr. — Debalde trabalhamos para suffocar a rebellião desta provincia, debalde são todos os esforços feitos por V. Ex. e pelas tropas imperiaes para esmagar a cabeça da hydra que devora a interessante provincia do Maranhão ; semelhantes áquelle que querendo derribar uma arvore em vez de a decepar pelo tronco, começou por fustigar os ramos e as folhas ; assim estamos nós praticando, e occupados com os ramos da provincia, deixamos intacto o tronco d'essa arvore, que é a capital, d'onde os rebeldes recebem o influxo e todos os recursos dos fautores da rebellião ; que ahi se centralisam para espreitar os movimentos do governo e, atiçar a discordia, promovendo descaradamente a intriga, insubordinando o povo e desconceituando aquelles que precisam de força moral ; e bem convencido estou que a rebellião não chegará a seu termo emquanto V. Ex. não tomar medidas fortes ; eu me glorio que esta verdade tem V. Ex. reconhecido. O indifferentismo da maior parte dos membros influentes dos corpos da sociedade, a insubordinação da guarda nacional da capital, o atraiçoamento ao governo, a ponto de saberem os rebeldes até a quantia exacta que vinha para o campo, são os precursores que confirmam o que venho de dizer. Se V. Ex., como sei, reconhece esta verdade, e não se delibera a lançar mão de medidas de salvação, então escusado é estarmo-nos a cansar, ainda mais expondo as nossas vidas e exhaurindo o thesouro, sem que de tudo se tire resultado algum proveitoso á feliz sorte do paiz : se os publicos declamadores e apostolos da rebellião, se os seductores até dos corpos de outras provincias que nos mandam auxilios, se os que insubordinam a guarda nacional da capital, se os que vendem polvora, munições e armamentos, se os indifferentistas não são punidos, se emfim na provincia do Maranhão se não recruta, e nem se faz que grande parte de seus habitantes prestem-se ao serviço ; o que fazer ? Lutar contra todos esses elementos que se augmentam com a bondade de V. Ex. é o mesmo que querer-se vencer impossiveis.

Exm.º Sr., sou coagido pelas circumstancias a fallar verdades duras. Eu já em officio de outubro findo fiz conhecer a V. Ex. que o governo em crise não póde, não

deve ser aquelle dos tempos ordinarios e bonançosos ; a crise augmenta, e qual será o seu termo ?

Cumpre que V. Ex., removendo todos os obstaculos que se oppõem ao termo da guerra, se disponha, digamol-o assim, a sacrificar-se para o fim de satisfazer a importante missão de seu cargo, salvar a provincia do Maranhão, restituir-lhe socego, paz e tranquillidade : V. Ex., pela sua sabedoria, bem conhece os meios de remover os males que pesam sobre todos, e que por isso ocioso é, eu os minute.

Reflicta V. Ex. que com pouca força moral e physica, e sem que para supprir essa falta o governo mande e se faça respeitar e obedecer, em vez de esperar, de pedir e de condescender, nada se conseguirá a prol da causa dos nossos empenhos. Como pois tudo está nas mãos de V. Ex., eu descanso na esperança de que serei attendido e os meus votos serão acceitos. — Deus Guarde V. Ex. muitos annos. — Quartel do commando em chefe das forças expedicionarias na villa do Rosario, 6 de Novembro de 1839. — Illm.º e Exm.º Sr. Manoel Felizardo de Sousa e Mello, presidente da provincia. — *Francisco Sergio de Oliveira*, tenente-coronel, commandante das forças expedicionarias».

Alem deste officio outros foram dirigidos á mesma autoridade pelo tenente-coronel Sergio de Oliveira, versando mais ou menos sobre o mesmo assumpto, isto é, da falta de meios com que pudesse debellar a rebeldia e outras providencias, entre as quaes a sensivel falta de armamento, munições e reforço de homens aptos para proseguir na lucta, ou melhor, para poder atacar simultaneamente os rebeldes em os seus differentes escondedouros, ao ultimo dos quaes teve a resposta que em seguida transcrevemos :

«Conheço a situação em que V. S. infelizmente labora, e sei que não a deseja encarecer, nem, exagerar, mas nada posso fazer para melhoral-a, attentos os poucos recursos que tenho, e por isso muitas vezes me vejo obrigado a limitar-me a medidas que pouco adiantam e a enviar-lhe soccorros que apenas servem para manifestar os

bons desejos de que me acho animado» (officio da presidencia de 29 de novembro de 1839).

Vê-se do exposto quaes as difficuldades com que luctara o tenente-coronel commandante em chefe das forças expedicionarias da provincia do Maranhão, difficuldades essas que só puderam ser removidas depois que passou a administração civil e militar da mesma provincia a ser exercida pelo então coronel Luiz Alves de Lima, ao depois marechal duque de Caxias, que desses cargos foi empossado na cidade de São Luiz a 7 de fevereiro do seguinte anno de 1840.

Por decreto de 2 de dezembro do acima citado anno de 1839, foi Sergio de Oliveira promovido a coronel, e continuando na mesma provincia depois da posse do seu collega Alves de Lima, deixou o commando em chefe das forças em operações e assumio o da 1ª columna das mesmas forças com a qual marchou para a cidade de Caxias, occupada pelos rebeldes, e restaurou-a, pelo que foi elogiado pelo commando das armas. Restaurou e pacificou tambem as comarcas de Caxias e Pastos-Bons. Em officio da presidencia de 29 de novembro de 1840, foi elogiado pelas victorias que alcançára na Vargem-Grande e Boa-Vista, e por outro da mesma autoridade de 4 de janeiro de 1841 recebeu novos louvores pelas acções do Codó, Bom Jesus e Barro Vermelho, e, finalmente, foi elogiado pelos importantes serviços que prestou á causa da lei durante toda essa cruenta guerra.

Retirando-se do Maranhão, recebeu o coronel Sergio de Oliveira o officialato da ordem imperial do Cruzeiro, por decreto de 18 de julho, e por despacho de 9 de agosto foi nomeado commandante das armas da provincia do Pará, onde recebeu a patente de brigadeiro graduado a que fôra elevado, por decreto de 15 de novembro, tudo do referido anno de 1841, «em remuneração aos relevantes serviços prestados em defesa da ordem publica das provincias do Pará e Maranhão» ; e por outro decreto de 7 de maio do anno seguinte obteve a venéra de cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz.

Achando-se no Pará, por determinação do ministerio dos estrangeiros, seguio até ás fronteiras do Brasil pelos

rios Branco e Jacutá, e alli chegando prestou os melhores serviços conforme foi declarado pelo dito ministerio em aviso de 1º de dezembro de 1843.

Tendo sido eleito deputado a Assembléa Geral Legislativa pela provincia do Pará, recolheu-se á côrte do Imperio e tomou assento na respectiva camara, sendo por isso exonerado do commando das armas dessa provincia.

Por aviso do ministerio da guerra de 6 de outubro de 1845 foi nomeado commandante do presidio de Fernando de Noronha, para onde seguio, e por decreto de 15 de novembro do anno seguinte teve a effectividade do posto de brigadeiro em que se achava graduado, continuando no alludido presidio, cujo commando deixou a seu pedido em 17 de outubro de 1849, recolhendo-se ao seu quartel na côrte do Rio de Janeiro, sendo delle definitivamente exonerado por aviso de 28 de janeiro de 1850.

Tendo sido mandadas crear na provincia do Rio Grande do Sul as repartições de ajudante general e de quartel mestre general, na previsão da organisação de um exercito para operações de guerra, por aviso de 21 de dezembro do referido anno de 1850 foi nomeado para o primeiro dos referidos cargos, e tendo para alli seguido delle se empossou na cidade de Porto Alegre. O marechal de campo Antonio Corrêa Seára, ao deixar o commando das armas da mesma provincia, em a sua ordem do dia de 30 de junho de 1851 o mandou elogiar pelo bem com que desempenhou os seus deveres, e pela do commando em chefe Conde de Caxias de 1º de julho seguinte, foi dispensado do cargo de ajudante-general e designado para commandar a guarnição da cidade de Porto-Alegre.

Em 1852 sendo dispensado deste commando, o presidente da provincia, em o seu officio de 12 de junho, o mandou elogiar em nome do governo imperial, agradecendo-lhe a prompta, leal e efficaz cooperação que prestára ao governo da mesma provincia.

Regressando á côrte, por despacho de 22 de julho foi agraciado com o officialato da ordem da Rosa e por decreto de 28 de outubro, tudo do referido anno de 1852, passou a commandar o corpo de estado maior de 1ª classe, em cuja commissão se conservou até abril de 1857, sendo

então marechal de campo, patente a que fôra elevado por decreto de 2 de dezembro do anno anterior, pelos seus valiosos serviços de paz e guerra.

Nomeado commandante das armas da provincia de Pernambuco por despacho de 3 de abril, assumiu o commando na cidade do Recife a 8 de maio, tudo de 1858, o qual deixou em 15 de novembro; sendo por outro despacho de 8 de dezembro de 1859 nomeado para identico cargo na provincia do Pará, nelle foi empossado na capital desta provincia a 30 de janeiro do anno seguinte. Nesse posto recebeu a commenda da ordem militar de São Bento de Aviz a que fôra elevado por decreto de 28 de junho de 1861 e nelle se conservou até que, removido para o da provincia de Pernambuco em obediencia ao decreto de 21 de janeiro de 1865, tomou posse em agosto do mesmo anno.

O marechal de campo Francisco Sergio de Oliveira, falleceu no Recife a 27 de maio de 1866, no exercicio do alludido cargo de commandante das armas da provincia de Pernambuco. Como acabamos de vêr, desde a sua infancia dedicou-se exclusivamente ao serviço de sua patria, com abnegação e intelligencia, como o demonstra o desempenho das commissões que lhe foram dadas a exercer na paz e na guerra em varias provincias do extincto imperio do Brasil, desde a epocha de sua independencia.

Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral

(Barão de Itapagipe)

O marechal do exercito Barão de Itapagipe nasceu em Lisbôa no dia 25 de janeiro de 1806. Seo pai, o conselheiro da fazenda real Francisco Xavier da Silva Cabral, com elle aportou, ainda no berço, na antiga côrte do Rio de Janeiro, apresentando-o ao principe regente D. João VI.

Com sete annos de idade, foi por carta regia de 11 de setembro de 1813, alistado na «Divisão Militar de Policia» como tenente da companhia de cavallaria que pretendia organizar, á sua custa, João Egydio Calmon de Siqueira, ao depois brigadeiro de cavallaria ; mas como não

se verificasse a sua creação, conservou-se elle naquella corporação até que, por decreto de 13 de maio de 1818, passou no mesmo posto, como aggregado, para o 1º regimento de cavallaria do exercito.

Tenente effectivo do mesmo regimento, a 3 de maio do anno seguinte, obteve, por decretos, de 12 de outubro de 1820, a graduação do posto de capitão; de 26 de março de 1821 a venéra de commendador da ordem de Christo, e de 24 de junho de 1822 a effectividade do alludido posto de capitão.

Neste ultimo anno, na qualidade de forte partidario da independencia do Brasil, muito salientou-se pelas suas ostensivas resoluções sobre esse patriotico acontecimento, sendo um dos signatarios do celebre manifesto ou representação de 9 de janeiro que o povo do Rio de Janeiro devia levar ao Senado da Camara para que este o apresentasse ao principe regente D. Pedro de Bragança, pedindo-lhe que declarasse francamente que ficava no Brasil, documento este que, segundo o dr. A. J. de Mello Moraes, para se promover essas assignaturas outro meio não havia senão o de uma intelligencia particular entre os interessados.

«A publicidade não era ainda possivel, porque os ministros de Estado ainda eram portuguezes, e a tropa portugueza ainda comprimia o paiz. Apezar de todas as cautelas, o general Jorge Avilez levou á presença do principe uma representação por elle assignada e pelos commandantes e officiaes da «divisão auxiliadora», exigindo a prisão e remessa para Portugal das pessoas declaradas na mesma representação, que elles chamavam perturbadoras da ordem publica».

«O principe desattendeu a esta insolita pretenção da força armada, dizendo que o direito de petição já estava garantido pelas bases da constituição jurada, e que elle não podia privar os habitantes do Rio de Janeiro do goso desse direito».

Por decreto de 3 de julho de 1823 obteve Xavier Calmon a carta de moço fidalgo da imperial camara e no anno seguinte, depois de ter jurado a constituição politica do Imperio, destacou com a segunda brigada para a pro-

vincia de Pernambuco, commandando um esquadrão (duas companhias) de cavallaria.

Regressando desta commissão seguio para o Rio Grande do Sul, reunindo-se ao seu regimento (1º) em São José do Norte a 26 de janeiro de 1826, com o qual incorporou-se ao exercito do sul, e por decreto de 12 de outubro do mesmo anno foi promovido a major para o dito regimento.

A 20 de fevereiro do anno seguinte tomou parte na batalha de Ituzaingó, onde se distinguio, sendo depois louvado em ordem do dia do commando em chefe de 20 de março, e por decreto de 3 de setembro foi graduado em tenente-coronel, por distincção.

Fez toda a campanha do sul desde 1826 até 1828 em que regressou ao Rio de Janeiro com o casco do seu regimento, sendo promovido á effectividade do posto de tenente-coronel por decreto de 3 de julho e nomeado veador em outubro, tudo do mesmo anno.

Graduado em coronel por decreto de 9 de junho, foi, por outro de 18 de outubro, tudo de 1829, confirmado neste posto, continuando no mesmo regimento.

No anno seguinte foi condecorado com o habito de cavalleiro da ordem da Rosa, por decreto de 10 de julho e com da ordem imperial do Cruzeiro, por outro de 17 de outubro.

Graduado no posto de brigadeiro por decreto de 16 de setembro de 1837, seguio a 8 do seguinte mez de outubro para o Rio Grande do Sul, onde se incorporou ao exercito imperial que, desde 1835, se batia contra os republicanos rio-grandenses, sendo-lhe dado o commando da «divisão da esquerda». Em março do anno seguinte foi elogiado pelas providencias que deu no Passo do Bica para fazer calar as baterias dos rebeldes, que com elles se retiraram.

A 9 de julho do dito anno recolheu-se á côrte e por decreto de 7 de setembro de 1842 teve a effectividade do posto de brigadeiro, entrando no exercicio de veador do Sr. D. Pedro 2º que, desde 23 de julho de 1840, havia tomado as redeas do governo do Imperio.

Por decreto de 14 de março de 1847 obteve Xavier Calmon a patente de marechal de campo graduado, e em

setembro do mesmo anno foi nomeado ajudante de campo do referido imperador, achando-se no exercicio de governador das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro, que então deixou.

Assumio, interinamente, este ultimo cargo em abril de 1848, na ausencia do Conde de Caxias, e o exerceu até outubro do mesmo anno. Em 2 de novembro de 1849 passou novamente a exercel-o, tambem interinamente, tendo sido, por decreto de 14 de agosto de 1850, promovido á effectividade do posto de marechal de campo.

Ao deixar, em 21 de setembro de 1851, o cargo de governador das armas, foi mandado elogiar em nome do imperador pela efficaz coadjuvação que lhe prestára nesse cargo.

Em março de 1855 passou a exercer interinamente o lugar de membro da commissão de promoções, e ao deixal-o foi louvado.

Por decreto de 2 de dezembro obteve a graduação de tenente-general e a nomeação de gentil-homem da imperial camara, e por outro da mesma data do seguinte anno de 1856 teve a patente de tenente-general effectivo.

Por decreto de 18 de fevereiro de 1860 foi nomeado conselheiro de guerra e por outro de 22 de maio do anno seguinte condecorado com a gran-cruz da ordem militar de São Bento de Aviz.

Em 1865 acompanhou o imperador D. Pedro 2º, na viagem que fez ao Rio Grande do Sul, tendo assistido á rendição das tropas paraguayas que se achavam de posse da villa de Uruguayana, a 18 de setembro.

Recolhendo-se ao Rio de Janeiro, por despacho de 28 de agosto teve o titulo de barão de Itapagipe; foi nomeado substituto do presidente da commissão revisora da legislação militar e commandante geral da arma de artilharia, cargos estes occupados pelo principe Conde d'Eu.

Por decreto de 1º de junho de 1867 teve a graduação de marechal do exercito, conservando-se nesta capital e em serviço da casa imperial até o dia do seu fallecimento, o qual teve logar a 8 de junho de 1877.

Francisco Xavier da Cunha

Filho de Francisco Xavier Nunes da Cunha, o brigadeiro Francisco Xavier da Cunha nasceu em 1782 em Torres-Vedras, cidade da antiga provincia de Estremadura, cujo nome ainda hoje serve para designar as famosas linhas de entrincheiramentos construidas em 1810 e que foram a causa principal da retirada do general André Masséna, com o terceiro e ultimo dos exercitos de Napoleão que invadiram Portugal.

Concluindo os estudos preliminares, alistou-se Xavier da Cunha, como simples soldado, na brigada real da marinha, a 1 de setembro de 1800 e nella serviu até 1 de junho de 1809, data em que foi transferido para o regimento de infanteria n. 19, sendo reconhecido cadete a 5 do seguinte mez de julho.

Com o mencionado regimento incorporou-se ao exercito alliado e com elle fez a campanha da Peninsula até o anno de 1814, obtendo a promoção de alferes por carta regia de 6 de junho de 1810. Recebeu honroso ferimento no combate de 30 de julho de 1813 e finda a campanha foi-lhe conferida a respectiva medalha de distincção.

Determinada a organização das forças que deviam partir de Lisboa para auxiliarem as do Brasil na conquista da Banda Oriental do Uruguay, a ellas se incorporou o alferes Xavier da Cunha que, por carta regia de 23 de junho de 1815, foi promovido a tenente-ajudante do 2º batalhão de caçadores da — Divisão de Voluntarios Reaes d'El-Rey—que, como sabemos, aportou ao Rio de Janeiro a 30 de março de 1816.

Seguindo a mesma divisão para o Rio Grande do Sul, tomou parte em alguma das acções que se deram durante a marcha do exercito invasor, com o qual entrou a 20 de janeiro de 1817 em Montevidéo, sendo-lhe dado ainda tomar parte em outros combates durante a Guerra Cisplatina, que terminou a 22 de janeiro de 1820 com a batalha de Taquarembó. Por decreto de 26 de março de 1821 foi elevado ao posto de capitão para o 1º batalhão de caçadores da referida divisão.

Na luta travada entre o general D. Alvaro da Costa

de Souza e Macedo e o tenente-general Barão da Laguna, por ter este se declarado fervoroso adepto da independencia do Brasil, ao capitão Xavier da Cunha se offereceu o ensejo de «prestar relevantes serviços á causa brasilica», pelo que, por despacho de 5 de junho de 1823, teve a graduação de sargento-mór, continuando a prestar os mesmos serviços nas forças brasileiras que sitiavam a praça de Montevidéo.

Com a capitulação do referido D. Alvaro da Costa e Macedo, sabemos que a 14 de fevereiro de 1824 entraram triumphantes nessa praça as referidas forças e ahi recebeu Xavier da Cunha a patente de sargento-mór effectivo, conforme se vê do decreto de 24 de março, e a 9 de maio, tudo do mencionado anno de 1824, jurou a constituição politica do Imperio do Brasil, assignando a acta que foi lavrada no quartel-general do commando da praça, concorrendo tambem para as publicas solemnidades que por tal motivo tiveram logar na capital Cisplatina.

Por ter tomado parte na «Guerra Cisplatina» foi-lhe conferida a medalha de distincção, creada pelo decreto de 31 de janeiro de 1823, e por ter sido classificado no 9º batalhão de caçadores a elle apresentou-se, assumindo as funcções do seu posto, a 1 de abril de 1825.

Como se sabe, foi a 19 deste mez e anno que D. Juan Antonio Lavalleja e mais trinta e dous companheiros, sahidos de Buenos Aires, desembarcaram no « Porto das Vaccas » e, depois de reunidos a grande numero de compatriotas, sublevaram a provincia Cisplatina, proclamando logo depois a sua independencia com o auxilio moral e material da visinha republica.

Delineado pelo Visconde da Laguna o plano de resistencia aos insurgentes, destacou o major Xavier da Cunha com o seu batalhão para a linha extra-muros de Montevidéo, assumindo a 9 de agosto o commando do mesmo batalhão.

Havendo sido occupada em janeiro de 1826, por forças brasileiras, a ilha de «Martim Garcia», por ser um excellente ponto estrategico que se acha assignalado na confluencia dos rios Paraná e Uruguay, a 7 do seguinte

mez de fevereiro seguiu Xavier da Cunha para a dita ilha levando, além do seu batalhão, um forte contingente de artilharia, afim de fortifical-a convenientemente e assumir o commando da respectiva praça, o que promptamente tudo executou.

A' vista porém dos ataques que por mar e terra eram levados á «Colonia do Sacramento», o vice-almirante Ferreira Lobo mandou abandonar Martim Garcia «e que fossem destruidas todas as fortificações que nellas se tinham feito, encravando-se a respectiva artilharia, partindo-se os munhões, para que não pudessem servir para cousa alguma e que a sua guarnição se recolhesse áquella colonia, para que ella não fosse tomada pelos inimigos que reuniam tropas para lhe dar assalto por terra».

Foi assim que a 15 de março desse anno deixou o major Xavier da Cunha o seu honroso posto em tão importante posição, incorporando-se com as forças de seu commando ás que defendiam a Colonia, que estavam sendo briosamente dirigidas pelo brigadeiro Manoel Jorge Rodrigues; e nesta praça, esteve sempre prompto a terçar armas com os revolucionarios até o dia 3 de outubro de 1828, em que della retirou-se com as tropas brasileiras, em virtude da communicação official do convenio de paz celebrado no Rio de Janeiro a 27 de agosto do mesmo anno.

Estabelecida a paz no «Rio da Prata» recolheu-se Xavier da Cunha a Porto-Alegre para cuja guarnição fôra designado o 9º batalhão de caçadores, sendo por decreto de 6 de abril de 1829 promovido a tenente-coronel commandante do mesmo batalhão; neste commando effectivo se conservou porém por pouco tempo, porquanto, por outro decreto de 15 de junho de 1831, foi-lhe concedida a reforma no posto de coronel, pelos seus longos serviços de paz e guerra, tendo em seguida obtido permissão para continuar residindo em a referida cidade, onde constituira familia.

Não pôde, entretanto, gosar por muito tempo dessa vida calma de simples cidadão na sua patria adoptiva a cujos interesses de ordem e progresso se achava

ligado. E de facto, testemunha ocular dos acontecimentos que precederam, a 20 de setembro de 1835, a deposição do presidente da provincia, Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, que vio-se forçado a embarcar para a cidade do Rio Grande, não trepidou em collocar-se immediatamente ao lado dos *legalistas* e com elles efficazmente cooperou para que a 15 de junho do seguinte anno de 1836 fosse restaurado o dominio legal na cidade de Porto-Alegre.

Perdendo os revolucionarios o seu predominio na capital, conservaram-na em apertado sitio e, completamente senhores de todas as suas adjacencias, interceptaram as communicações pelo rio Guahyba, collocando uma bateria bem guarnecida no Itapoan.

Tendo chegado á capital o novo presidente legal, Dr. José de Araujo Ribeiro, ficou resolvida a tomada dessa bateria, para o que foi organizada uma columna de 250 homens aguerridos, cujo commando coube ao coronel Xavier da Cunha, que com ella embarcou em alguns navios da esquadrilha do capitão de mar e guerra Pascoe Greenfell.

A 23 de agosto conseguiu desembarcar a sua columna no «Sacco do Faria» de onde marchou, e protegido pelos fogos dos navios desta expedição ao mando do capitão tenente Guilherme Parker, investiu contra a bateria fronteira á ilha do Junco que foi logo tomada de assalto, deixando o inimigo sobre as trincheiras trinta e tantos mortos e feridos e alguns prisioneiros.

Dando outro desembarque ás 10 horas da manhã do dia 27 occupou o forte do Itapoan, ás 3 horas da tarde, já então abandonado pelos revolucionarios, que nelle deixaram quatro canhões de ferro de calibre 12 e um de bronze de maior calibre, os quaes foram recolhidos a bordo.

Por decreto da regencia, de 18 de fevereiro de 1837, ao coronel Francisco Xavier da Cunha foi concedida a graduação de brigadeiro, ficando sem effeito o decreto da sua reforma, «em attenção ao relevantes serviços prestados no Rio Grande do Sul para o restabelecimento da ordem contra os rebeldes».

Como já temos tido occasião de relatar, o brigadeiro

Bento Manoel Ribeiro depois de ter licenciado quasi todas as tropas sob o seu commando (que tambem passou a 1 de março deste anno de 1837, ao coronel João Chrysostomo da Silva, em Caçapava), bandeou-se para os revolucionarios, com o firme proposito de vingar-se do governo da regencia que, no seu entender, demittira o presidente Araujo Ribeiro, instigado por intrigas politicas.

Depois deste acontecimento deram-se ainda outros de maior gravidade, taes como o da prisão do presidente Antero de Brito, a 23 do mesmo mez, no passo de Itapevy, por ordem de Bento Manoel e a capitulação da villa de Caçapava a 8 de abril, imposta pelas forças republicanas commandadas pelos valentes chefes David Canavarro, Antonio Netto e João Antonio, já em combinação com Bento Manoel.

De Caçapava marchou Antonio Netto com uma columna das tres armas, a pôr em sitio a cidade de Porto-Alegre, á qual intimou a render-se no dia 11 de maio. Desprezada tal intimação, determinado foi tomal-a pelas armas, dando-se o primeiro ataque a 15, sem nenhum resultado, e o segundo a 18, tudo ainda do referido mez de maio, em que os sitiantes foram rechassados, mas não abandonaram as suas posições.

Achava-se o brigadeiro Xavier da Cunha no commndo da guarnição de Porto-Alegre quando, a 29 de setembro, pela primeira vez foram arremessadas á cidada diversas granadas e balas ardentes, pelo que, resolvendo fazer um reconhecimento á viva força sobre as posições inimigas, organizou uma columna das tres armas e pondo-se á sua frente sustentou forte tiroteio com as avançadas do inimigo, seguindo-se logo depois forte peleja em campo aberto, em que muito se distinguiram o esquadrão de cavallaria ao mando do major Manoel Luiz Osorio e o 8º batalhão de infanteria de linha, que tão notavel papel desempenhou nessa luta intestina.

A 3 de novembro ainda deste anno de 1837 chegou a Porto-Alegre e tomou posse do governo da provincia e do commando em chefe do exercito legal, o marechal de campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

Os republicanos por duas vezes abandonaram o sitio

da capital sendo a ultima no principio do anno de 1838, e a 3 de maio sahe tambem pela segunda vez da capital o marechal presidente com o intuito de «bater e debellar os revolucionarios na campanha» e ao regressar do Rio Pardo entregou o commando desta praça ao marechal de campo Sebastião Barreto Pereira Pinto, que commandava a «divisão-direita» do exercito legal, tendo sob suas ordens os brigadeiros Izás Calderon e Francisco Xavier da Cunha.

Reunidos Bento Manoel, David Canavarro e Antonio Netto, organizaram uma forte columna de 2.500 homens, sendo 800 de cavallaria com a qual, a 30 de abril, atacam inopinadamente a referida praça, e após um mortifero combate são completamente destroçadas as forças legalistas. Estas se compunham de dois batalhões de infanteria e dois corpos de cavallaria com oito boccas de fogo, perfazendo um total de 1.546 praças; e perderam, além de 100 soldados prisioneiros, dois coroneis, quatro capitães, cinco alferes e 60 praças que foram mortas na acção.

«O Governo Imperial surprehendido e maguado com o desastre do Rio Pardo mandou, por aviso de 30 de junho, recolher presos e submetter a conselho de guerra os generaes que commandavam as tropas derrotadas».

Entre elles, como já vimos, se achava o brigadeiro Xavier da Cunha, commandante da infanteria; o conselho de guerra, porém, concluiu pela absolvição, sendo a sentença confirmada pelo Conselho Supremo Militar de Justiça.

Immediatamente posto em liberdade e rehabilitado perante o governo imperial, á vista da defesa que apresentou, recebeu deste a incumbencia de organizar em São Paulo uma divisão com a qual devia seguir por terra, recebendo reforços no Paraná, afim de auxiliar as forças destinadas a bater os revolucionarios rio-grandenses, que desde o dia 23 de julho de 1839 se achavam em Santa Catharina, por se terem apossado da villa e porto da Laguna.

Não tendo, porém, sido possivel alcançar o seu objectivo antes do dia 15 de novembro, em que foi restaurada ao dominio legal a villa da Laguna, continuou o brigadeiro Xavier da Cunha a sua marcha com destino ao Rio Grande

do Sul, fazendo publicar, quando se achava na região serrana, a seguinte proclamação :

«— Serranos !

A vanguarda da columna do Rio Negro, que como por encanto se organizou e armou na extrema divisa da provincia de S. Paulo em menos de 60 dias, já pisa áquem do sertão !

O general que marcha á sua frente munido de instrucções do governo imperial, não nutre em seu peito sentimentos de vingança, não alimenta a idéa de exterminio.

Serranos ! A franqueza e lealdade, sendo sempre a sua divisa, elle julga indignos de si a dissimulação e artificio, proprios unicamente para alienar a confiança.

E' com taes sentimentos que o general offerece a todos os brasileiros desvairados o mais generoso e fraternal acolhimento, o inteiro esquecimento do passado.

A columna do Rio Negro, composta de aguerridos emigrados, de leaes e valentes paulistas e cavalleiros coritibanos, não tem outro pensamento que a do seu general, si os mal intencionados o contrario vos disserem, não os acrediteis.

Eia, serranos ! reuni-vos a estes bravos; elles vos receberão como irmãos.

A ephemera republica vai acabar, e por isso gritae commigo :

Viva a constituição do Imperio ! Viva o nosso joven Imperador o Sr. D. Pedro II ! Viva a integridade do Imperio ! Vivam os defensores da legalidade !

Quartel General em marcha no campo do Corisco, 25 de novembro de 1839.—*Francisco Xavier da Cunha.*»

Como se vê, eram por demais nobres e humanitarias as idéas que germinavam no cerebro do brigadeiro Xavier da Cunha, a respeito dessa sanguinolenta luta entre brasileiros, que infelizmente tinha de se prolongar por mais de um lustre, e o governo da regencia não despresando os seus passados serviços e sciente dos que ainda poderia prestar á sua patria, houve por bem, por decreto de 2 do seguinte mez de dezembro, promovel-o á effectividade do posto em que era graduado ; recompensa esta cujos proventos não gozou por ter succumbido dias depois, pelo

modo porque se acha descripto no cap. XIII da «Guerra civil do Rio Grande do Sul» do Dr. *Tristão de Alencar Araripe*, que aqui inserimos :

«Depois de recuperada a Laguna, facto que na verdade deu força moral á causa do governo legal, não se passaram muitos dias sem que aos imperialistas sobreviesse motivo de justo pezar.

Com effeito, o brigadeiro Francisco Xavier da Cunha achava-se na fronteira do Rio Negro, incumbido de marchar em auxilio das operações do Rio Grande do Sul e começava a sua marcha.

Nas adjacencias andavam forças rebeldes, em parte escapas da Laguna, e como o commandante legal se persuadisse de que nessas forças se encontraria facil deserção no caso de as ter de combater, não tomou na marcha as devidas precauções; o certo é que no dia 14 de dezembro de 1839 no passo de Santa Victoria do rio Pelotas, lhe appareceu o coronel rebelde Joaquim Teixeira com 400 homens, mais ou menos, e poz em completo desbaratamento a força legalista, igual em numero, morrendo ahi o seu commandante com trinta companheiros.»

Este revez produziu justos pezares em todo o paiz e principalmente no governo imperial, não só pelo desastrado fim dos bravos que marchavam ao honroso cumprimento do dever, como pelo mallogro das operações combinadas que promettiam assignalada victoria sobre os revolucionarios.

Henrique de Beaurepaire Rohan

(Visconde de Beaurepaire Rohan).

O marechal do exercito Henrique de Beaurepaire Rohan, filho legitimo do brigadeiro Jacques Antonio Marcos, Conde de Beaurepaire, nasceu a 12 de maio de 1812 na villa de São Gonçalo da então capitania do Rio de Janeiro.

Em virtude do privilegio de que gosavam os descendentes de familias militares, assentou praça voluntariamente a 9 de junho de 1819 no 3º batalhão de caçadores de 1ª linha, com sete annos de idade, sendo reconhecido 1º cadete.

Por portaria do ministerio da guerra, de 23 de abril de 1824, foi mandado seguir para a Bahia onde chegou a 20 do mez seguinte, tendo nessa provincia percorrido diversas localidades, acompanhando o seu progenitor, que nella se achava em serviço desde a guerra da independencia, na qual tomou parte saliente.

Transferido para o 15º batalhão de caçadores da alludida provincia, por despacho do governador das armas de 26 de julho de 1827, foi desligado desse batalhão por ter de acompanhar seu pae, que por decreto de 12 de outubro do anno anterior, havia sido nomeado governador das armas da provincia do Piauhy, em cujo cargo foi empossado na cidade de Oeiras a 12 de setembro do referido anno de 1827.

Por decreto de 18 de outubro de 1829, obteve o jóven Henrique de Beaurepaire a patente de 2º tenente de artilharia, continuando como empregado no governo das armas do Piauhy, onde tambem exerceu o cargo de ajudante de ordens, de 1º de março a 30 de Junho de 1831, por ter nesta ultima data deixado a referida provincia, com destino ao Rio de Janeiro afim de matricular-se na academia militar.

Ao chegar a esta capital, incorporou-se voluntariamente nas fileiras do «Batalhão dos Officiaes Soldados», que, como sabemos, foi organizado para prestar auxilio ao governo da regencia na manutenção da ordem publica.

No anno seguinte, em janeiro, effectuou sua matricula na referida academia, sendo promovido a 1º tenente, por decreto de 19 de junho de 1835, para o corpo ligeiro de artilharia da provincia de Matto-Grosso.

Promovido a capitão para o mesmo corpo, por decreto de 11 de setembro de 1837, por outro de 11 de dezembro do mesmo anno foi transferido para o corpo de engenheiros por ter concluido o curso mathematico da supracitada academia.

Por aviso do ministerio da guerra de 28 de março de 1838 foi mandado seguir para a capital da Bahia, que se achava então em plena revolta, tendo por chefe o Dr. Sabino Vieira.

Alli chegando encontrou restabelecida a ordem, gra-

ças ás energicas medidas do general Chrysostomo Callado de quem ao apresentar-se, recebeu ordem para que levantasse as plantas das posições occupadas pelo exercito imperial e da qual existe copia em os nossos archivos militares.

Em virtude do aviso do mesmo ministerio, de 8 de abril de 1839, ao regressar da Bahia, foi designado para seguir em commissão do seu posto junto ao exercito em operações na provincia do Rio Grande do Sul, para onde partiu a 1º de junho a bordo do paquete *Correio Brasileiro*.

Apresentou-se ao commando em chefe a 22 do mesmo mez de junho em Porto Alegre, sendo encarregado do levantamento da planta do entrincheiramento da mesma cidade e em o seguinte mez de agosto ficou encarregado da inspecção das obras militares.

Em dezembro do anno seguinte foi incorporado ao estado-maior do general em chefe marechal João Paulo dos Santos Barreto, com elle acampando no Passo do Jacuhy, cuja planta levantou por ordem do mesmo.

Tendo sido inspeccionado de saude no dito acampamento foi a respectiva junta de parecer que, devia retirar-se para a côrte do Rio de Janeiro, onde se apresentou para gosar da licença que lhe fôra arbitrada a 24 de maio de 1841.

Completamente restabelecido dos seus incommodos de saude, apresentou-se prompto para o serviço, e por aviso de 10 de janeiro do anno seguinte passou á disposição da camara municipal da côrte para ser empregado como engenheiro das obras municipaes, cargo este que exerceu até setembro de 1843, em que delle foi dispensado a seu pedido; gosava então a graduação de major que lhe fora concedida por decreto de 7 de setembro de 1842 com antiguidade de 18 de julho do anno anterior.

No exercicio do cargo de engenheiro das obras municipaes desta capital, que desempenhou com muito zelo e reconhecida competencia, o major Beaurepaire Rohan occupou-se das principaes questões que n'aquella época julgava do maior interesse aos melhoramentos da mesma capital.

Assim é que recorrendo-se ao relatorio que em 20 de setembro de 1843 apresentou a alludida camara se notará que aconselhava ampliação da área da cidade, alargamento e novo traçado de muitas de suas ruas, do nivelamento para o necessario escoamento das aguas pluviaes e de outras medidas attinentes á salubridade publica.

Não lhe passou despercebida a necessidade do arrazamento do morro do Castello, com vantajosa occupação da grande área por elle até agora occupada, em proveito da salubridade e embellezamento desta capital.

Tambem se occupou das obras do canal do Mangue, que felizmente devido á iniciativa e perseverança de um ministro, tambem major do corpo de engenheiros, se acham actualmente em via de conclusão, tendo-se conseguido reunir «o util ao agradavel», isto é, a construcção do canal e a das bellissimas avenidas que o marginam.

No alargamento de ruas e aberturas de outras, indicava como mais urgente o prolongamento da larga de S. Joaquim até o largo de Sta. Rita, a abertura da do Sacramento até encontrar com aquella, o que já vimos realizado, graças ao prestimoso engenheiro e prefeito Pereira Passos.

Em virtude do aviso do ministerio da guera de 14 de novembro de 1843, seguiu o major Beaurepaire Rohan para a provincia de Matto-Grosso, encarregado da exploração do Baixo Paraguay, commissão esta que desempenhou a contento do governo, e della regressando apresentou em 6 de junho de 1845 um bem elaborado relatorio.

Em outubro de 1846 seguiu para a provincia de S. Paulo onde desempenhou diversas funcções, tanto nessa provincia como na do Paraná.

Por decreto de 2 de janeiro de 1847, foi promovido á effectividade do posto de major e, regressando das referidas provincias, se conservou nesta capital, onde por decreto de 13 de julho de 1852 foi elevado, por antiguidade, ao posto de tenente-coronel do corpo de engenheiros.

No anno seguinte, em virtude do aviso do ministerio da guerra de 1º de outubro, seguio para a provincia do

Paraná, onde assumio o cargo de director geral das obras publicas da mesma provincia a 18 do referido mez.

Por carta imperial de 27 de julho de 1855 foi nomeado vice-presidente da provincia do Paraná, prestando juramento do mesmo cargo em 1º do seguinte mez de setembro, data em que assumio a presidencia da mesma provincia, que exerceu até o dia 10 de maio de 1856, em que se apresentou o Dr. Vicente Pires da Motta, que havia sido nomeado presidente effectivo por carta imperial de 15 de setembro do anno anterior.

Deixando a provincia do Paraná, seguio para a do Pará, onde assumio em 29 de maio os cargos de presidente e commandante das armas, para que fôra nomeado por carta imperial de 4 de abril e decreto 3 de maio, tudo do mesmo anno de 1856, exercendo os ditos cargos até o dia 27 de outubro de 1857.

Nomeado presidente da provincia da Parahyba do Norte, por carta imperial de 3 de setembro do referido anno, tomou posse da administração desta provincia perante a camara municipal da sua capital a 9 do seguinte mez de dezembro, e n'esta commissão se conservou até o dia 4 de junho de 1859, tendo sido por decreto de 2 de dezembro do anno anterior, elevado ao posto de coronel, por merecimento.

Recolhendo-se á côrte do Rio de Janeiro, assumio a 18 do mez de julho de 1859 a directoria de obras militares, e por aviso de 30 do mesmo mez e anno, teve ordem de se apresentar ao ministerio da justiça para, em commissão com os engenheiros militares, brigadeiro Antonio Joaquim de Souza e coronel José da Victoria Soares de Andréa, examinar e dar parecer sobre a causa dos desmoronamentos em obras da Casa de Detenção.

No seguinte anno de 1860 apresentou a carta de bacharel em mathematica, passada em 11 de abril d'esse anno pela congregação da extincta Escola Central, e por aviso de 26 de setembo de 1861, foi nomeado membro da commissão de melhoramentos do material do exercito.

Em 10 de janeiro de 1862 teve ordem do ajudante general de se apresentar ao ministerio da agricultura, commercio e obras publicas. Foi interinamente substi-

tuido na commissão de melhoramentos pelo tenente-coronel de engenheiros Antonio José de Araujo.

Em 3 de março de 1862 foi nomeado para ir em commissão á fabrica de polvora da Estrella, investigar acerca da explosão, que ali acabava de dar-se.

Em 8 do mesmo mez e anno apresentou-se, declarando ter concluido a commissão acima e que entrava no exercicio do seu emprego da commissão de melhoramentos do material do exercito.

Por aviso do ministerio da guerra de 14 de novembro de 1862, foi o coronel Beaurepaire incumbido de proceder na ilha de Fernando de Noronha, aos estudos necessarios para a transformação d'aquelle presidio em colonia agricola penitenciaria.

Tendo seguido para a alludida ilha no seguinte mez de dezembro, se dedicou com o maior escrupulo, aos estudos de que fôra incumbido, como se vê do relatorio que apresentou e foi publicado em 1865, constituindo um dos mais valiosos subsidios geographicos do archipelago de Fernando de Noronha.

Por portaria de 3 de março de 1863, foi nomeado para ir examinar o littoral e fortalezas das provincias do Pará, Pernambuco e Bahia, e propôr os melhoramentos de defesa, que julgasse opportuno.

Em 19 de agosto do mesmo anno de 1863, apresentou-se no governo, por ter concluido os seus trabalhos.

Por aviso de 18 de janeiro de 1864, foi nomeado presidente interino da commissão de melhoramentos do material do exercito.

Por carta imperial de 18 de maio de 1864, em attenção aos seus serviços militares, foi nomeado commendador da ordem da Rosa, e por decreto de 29 de julho do mesmo anno, promovido ao posto de brigadeiro.

No ministerio organizado em 31 do seguinte mez de agosto, coube-lhe occupar a pasta da guerra, e declarada a guerra ao Brasil pelo governo da Republica do Paraguay, foi um dos signatarios do decreto n. 3.371 de 7 de janeiro de 1865, *creando corpos para o serviço de guerra em circumstancias extraordinarias com a denominação de — Voluntarios da Patria.*

« Em fevereiro desse mes mo anno, diz o abalisado chronista Barão Homem de Mello, propoz o brigadeiro Beaurepaire Rohan, em conferencia de ministros, que fosse convidado o marquez de Caxias para o commado em chefe do exercito, idéa esta que tivera plena acquiescencia do imperador.

« Feito o convite formal neste sentido pelo presidente do conselho, senador Furtado, o marquez de Caxias declarou acceitar a nomeação, mas com a condição de ser igualmente nomeado presidente do Rio Grande do Sul, uma vez que tinha de levantar forças na mesma provincia e não poder n'ella ficar subordinado á autoridade de outrem.

« Pondo de parte as considerações de ordem politica, que entendia não deverem actuar na decisão da crise suprema do momento, o ministro da guerra concordou com a condição exigida pelo marquez de Caxias para a acceitação do commando. Dissentindo, porém, o gabinete d'esse parecer, o general Beaurepaire, que já se achava contrariado no ministerio por estar em divergencia com os seus collegas, que não concordavam com o seu plano de campanha contra o dictador, plano que consistia em fazer marchar o exercito brasileiro pelo territorio nacional até Assumpção, afim de atacar o inimigo na sua capital, emquanto a nossa esquadra o bloqueava abaixo de Humaytá, ficando desde então feita a estrada de Curytiba á Matto-Grosso, e, no paiz, a maior parte do dinheiro que gastou o Brasil com aquella campanha de cinco annos, o ministro da guerra apresentou, nessa occasião, em despacho imperial, a sua exoneração. O imperador acceitou-a e deu-lhe por substituto o visconde de Camamú ».

Por carta imperial de 19 de abril de 1865, foi conferida ao brigadeiro Rohan a commenda da ordem militar de São Bento de Aviz, e por decreto de 17 de maio do mesmo anno passou elle a dirigir a fabrica de polvora da Estrella.

Deixou esta commissão para acompanhar ao Rio Grande do Sul o principe marechal conde d'Eu, que desta capital partiu em 1° de agosto de 1865, afim de se reunir a comitiva do snr. D. Pedro 2°, que o precedêra com

aquelle destino em virtude da invasão da columna paraguaya, ao mando do tenente-coronel Antonio Estigarribia.

Assistiu á rendição de Uruguayna a 18 de setembro, pelo que foi condecorado com a medalha especial commemorativa desse feito militar, depois do qual recolheu-se á côrte, assumindo o commando do corpo de estado maior de 2ª classe a 23 de novembro do mencionado anno.

Por decreto de 15 de junho de 1866, foi nomeado commandante das armas de Pernambuco, tomando posse deste cargo no Recife, onde recebeu a dignitaria da ordem da Rosa que lhe fôra conferida por carta imperial de 17 de outubro do dito anno.

Exonerado a seu pedido do commando das armas de Pernambuco, por despacho de 27 de março de 1867, recolheu-se ao seu quartel nesta capital, reassumindo o do corpo de estado-maior de 2ª classe a 11 de maio.

Por decreto de 7 de julho de 1869, foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar.

Por portaria do ministerio da guerra de 28 de janeiro, foi nomeado presidente do conselho de compras do mesmo ministerio, e por decreto de 1º de junho, tudo de 1874, teve a graduação do posto de marechal de campo.

Nomeado commendador da ordem de Christo pelos relevantes serviços que prestou por occasião da exposição universal de Vienna d'Austria — por carta imperial de 1º de julho, por aviso do ministerio da agricultura e obras publicas de 10 de dezembro do referido anno de 1874, assumiu a chefia da commissão encarregada do levantamento da carta geral do Brasil.

Por despacho de 28 de junho de 1876, obteve a effectividade do posto de marechal de campo e a nomeação de conselheiro de guerra. Em 1878, foi nomeado veador da casa imperial por decreto de 13 de julho.

Dispensado a seu pedido do cargo de presidente do conselho de compras a 8 de agosto do dito anno, foi elogiado na mesma data pelo seu « zelo, intelligencia e interesse, dignos de louvor, que sempre demonstrou no desempenho dessa commissão ».

Em 1880, por decreto de 27 de junho, foi promovido a tenente-general e por despacho de 2 de setembro fo

agraciado com a gran-cruz da ordem militar de São Bento de Aviz, pelos seus serviços militares, e no anno seguinte achou-se eleito presidente das conferencias de historia e geographia do Brasil, creadas pelo governo imperial a 21 de dezembro do anno anterior.

Por decreto de 4 de dezembro de 1886, foi nomeado conselheiro de estado extraordinario, sendo designado para servir na secção de marinha e guerra, sem prejuizo do serviço militar, e por outro decreto de 13 de junho de 1888, foi agraciado com o titulo de visconde de Beaurepaire Rohan com honras de grandeza.

Proclamado o governo republicano, com a extincção da monarchia, a 15 de novembro de 1889, entre as principaes medidas tomadas pelo referido governo, figurou a da decretação de um « Codigo Militar Penal » redigido de accôrdo com os principios modernos de direito e conforme ao estado de civilisação attingido pela patria brasileira e tambem como segura garantia da disciplina tendente a elevar ainda mais o nivel moral do exercito brasileiro, pelo que por portaria do ministerio da guerra de 14 de janeiro, foi nomeada uma commissão presidida pelo ministro da guerra da qual fazia parte o tenente-general visconde de Beaurepaire Rohan. Ao governo provisorio foi apresentado o resultado desse trabalho, votando o mesmo visconde contra a pena de morte estatuida no projecto.

Por decreto de 30 do mesmo mez e anno, foi reformado compulsoriamente no posto de marechal do exercito, e por portaria do referido ministerio de 28 do mez seguinte, foi dispensado a seu pedido do cargo de presidente do conselho de compras do ministerio da guerra que exercia desde 31 de dezembro de 1888.

Publicada a reforma porque passou o Conselho Supremo Militar, em virtude do decreto legislativo n. 149 de 18 de julho de 1893, por outro do poder executivo de 22 do mesmo mez e anno, foi nomeado o visconde de Beaurepaire Rohan ministro do Supremo Tribunal Militar, em cujo cargo se conservou prestando o forte concurso de sua intelligencia ao governo da republica, do mesmo modo, com que sempre o prestara ao da monarchia, até que veio a fallecer nesta capital a 10 de julho de 1894.

Dos trabalhos scientificos e litterarios, publicados pelo marechal Beaurepaire Rohan, se occupa o dr. Sacramento Blake em as paginas 213 á 216, do 3º volume do seu utilissimo «Diccionario Bibliographico Brasileiro» e da sua personalidade o já acima referido barão Homem de Mello, em setembro de 1899, assim se expressou ao terminar o prefacio da sua biographia :

« Os que tiveram a fortuna de o conhecer de perto e de admirar as suas virtudes tão preclaras, publicas e privadas, esses podem dar testemunho de que a narração de sua vida seria um bello curso de moral em acção e de ensinamento civico.

« Sua superioridade, sempre velada em uma modestia incomparavel, só se revelava quando tratado em privança ou levado á discussão de assumptos, que entendiam com a sua competencia.

« Possuindo os mais eminentes dotes para o cabal desempenho das mais altas funcções sociaes, nunca o seduzio a politica ; e guardou sempre como um fogo sagrado o seu amor pelas lettras e pela sciencia, até os derradeiros dias da sua vida.

« Em nossa historia politica, a sua figura recorda o vulto veneravel do visconde de São Leopoldo. E delle se podia dizer o que deste ultimo disse o grande poeta brasileiro M. de Araujo Porto-Alegre : E' uma estatua tranquilla para ser pousada no silencio do gabinete ! ».

E, conciuindo a sua biographia : « O mais acrisolado patriotismo, vasta illustração e immaculada probidade, formam a feição caracteristica do vulto distincto do visconde de Beaurepaire Rohan, que, como se vê pela narrativa de sua longa vida, cheia dos maiores serviços e dedicações, lhe dá incontestavel direito á collocação na galeria dos brasileiros notaveis, que constitue o patrimonio sagrado da Patria ». Conceitos estes que, convencidamente os subscrevemos.

Henrique Marques de Oliveira Lisbôa

Filho legitimo de Francisco Marques Lisbôa e natural de Porto-Alegre, onde nasceu a 2 dezembro de 1799, Henrique Marques de Oliveira Lisbôa assentou praça voluntariamente como soldado a 9 de março de 1813, no corpo de artilharia da legião de São Paulo, que então se achava no Rio Grande do Sul e com a qual já se havia apresentado para tomar parte na campanha Cisplatina de 1811 a 1812, pelo que contava tempo de serviço desde 20 de março de 1812.

Foi reconhecido cadete de 1ª classe a 1 de junho do referido anno de 1813, em que seguiu para a côrte do Rio de Janeiro por ter-lhe sido concedida licença para matricular-se na «Real Academia Militar», creada e regida pela carta regia e estatutos de 4 de dezembro de 1810, e ahi se matriculou em o primeiro de março do anno seguinte, vencendo soldo e tempo de serviço ».

Foi promovido a 2º sargento em 1 de setembro de 1815; tendo sido approvado em todas as materias dos dois primeiros annos da referida academia, interrompeu os seus estudos no terceiro, onde obteve o segundo premio, por se ter offerecido a D. João VI, a 4 de setembro de 1816, para servir no exercito do sul, que se achava em operações de guerra contra as tropas do intransigente caudilho D. José Gervasio Artigas.

Logo depois para alli seguio, apresentando-se ao tenente-general Joaquim Xavier Curado a 13 do seguinte mez de outubro, em o seu acampamento do Ibirapuytan, tendo assim tomado parte na celebre batalha de Carumbé, dirigida pelo brigadeiro Joaquim de Oliveira Alvarez, de quem mais tarde foi ajudante de ordens. A dita acção, como sabemos, teve logar a 27 de outubro de 1816.

A 4 de janeiro do anno seguinte, com o corpo de artilharia da legião de São Paulo, a que pertencia, tomou tambem parte na batalha de Catalão, sendo elogiado pelo modo por que se portou em ambas e pelo seu procedimento civil e militar, conforme tudo se vê do seguinte documento :

« Referindo-me a minha primeira attestação, a que

me reporto, faço certo que o supplicante Henrique Marques de Oliveira, actual 2º tenente de artilharia, da legião de São Paulo, apresentou-se no acampamento de Ibirapuytan em outubro de 1816 sendo cadete, para o serviço da campanha actual na qual tem servido effectivamente com muita honra, actividade, zelo e cega obediencia ás ordens de seus superiores, tendo assistido ás acções de Catalão e Carumbé em que se manifestou com bastante desembaraço e com presença de espirito; a sua conducta civil e militar é digna de louvor. E por ser o referido verdade, para constar mandei passar este que assignei e fiz sellar com o sinete de minhas armas. — Quartel-General no acampamento de S. José, 7 de junho de 1820—*Tenente-General, Joaquim Xavier Curado* ».

Por proposta do referido commandante em chefe, obteve Henrique Marques as divisas de 2º tenente para o corpo de artilharia da legião de São Paulo, conforme se vê da carta regia de 22 de janeiro de 1818, continuando na alludida campanha até o anno de 1821, em que, promovido a 1º tenente, por decreto de 26 de março, a 18 do seguinte mez de setembro retirou-se para a côrte do Rio de Janeiro, afim de continuar os seus estudos na academia militar.

Tendo effectuado a sua matricula no 3º anno da dita academia em março de 1822, por decreto de 11 de outubro do mesmo anno, foi nomeado cavalleiro da ordem de Christo, e por outro decreto de 1º de dezembro teve a patente de capitão para a 2ª companhia do batalhão de artilharia da villa e praça de Santos, para onde seguio, assumindo no anno seguinte o commando da fortaleza da barra da mesma villa.

Pela imperial resolução tomada sobre consulta de 22 de março de 1824, foi promovido a major para o mesmo batalhão, do qual foi nomeado lente por aviso do ministerio da guerra de 20 de julho do anno seguinte, batalhão que passou a ser o *3º corpo de artilharia de posição*, pela reorganiazção dada ás forças de terra.

Em virtude das portarias do ministerio da guerra de 22 de julho e 31 de dezembro de 1826, foi nomeado

inspector das obras da fortaleza da barra e de todas as fortificações do porto de Santos.

Graduado no posto de tenente-coronel, por decreto de 12 de outubro, foi dispensado a 22 de dezembro, tudo de 1827, dos empregos acima mencionados, por assim o haver requerido.

Promovido á effectividade do posto de tenente-coronel commandante do alludido 3º corpo de artilharia de posição, por decreto de 12 de outubro de 1828, partiu a 19 de janeiro do anno seguinte em diligencia para a côrte, recolhendo-se a 20 de maio do mesmo anno, sendo-lhe conferida então a medalha de distincção destinada aos que fizeram a campanha Cisplatina de 1811 a 1812, e de 1815 a 1820, e por decreto de 2 de dezembro de 1830, foi elevado de cavalleiro a commendador da ordem de Christo.

Por despacho do ministerio da guerra de 7 de maio de 1831, foi transferido para o 2º corpo de artilharia de posição, estacionado na provincia de Santa Catharina, para onde seguio, sendo eleito membro da 1ª assembléa provincial, que n'ella foi installada no anno de 1835, achando-se em diligencia de serviço na côrte do Rio de Janeiro, desde janeiro do mesmo anno.

Regressando á provincia de Santa Catharina em março, ahi tomou assento na respectiva assembléa provincial, e apresentou-se depois ao seu corpo a 11 de maio, tudo do dito anno de 1835.

Como sabemos, foi a 20 de setembro deste ultimo anno que os *liberaes* tomaram conta da capital do Rio Grande do Sul, chefiados pelo coronel de 2ª linha Bento Gonçalves da Silva, fazendo com que o presidente Fernandes Braga se refugiasse em uma embarcação, que logo depois o transportou á cidade do Rio Grande, originando-se d'ahi a celebre — Guerra Civil do Sul — pelo que entre outros corpos mandados pelo governo imperial para suffocar a nascente rebeldia, seguiu a 18 de Abril de 1836 o 3º corpo de artilharia de posição, sob o commando do tenente-coronel Henrique Marques.

Convêm porém, em abono deste prestimoso brasileiro, a cujo irmão, o inolvidavel almirante marquez de

Tamandaré, tanto deve a nossa patria, e tambem para facilitar dados historicos; a inserção, nestas linhas, da seguinte carta :

«Illmo. Snr. Henrique Marques Lisbôa.—Uma facção republicana que existe na capital de Porto-Alegre, e que presentemente dispõe a seu arbitro dos actos do governo desta provincia, aproveitando-se da revolução que aqui se operou, a quer encaminhar para seus funestos fins, e cobrir a nossa provincia de opprobio e de miseria. Ella fez com que se me negasse até a posse de presidente, e entre os gigantescos planos que tem concebido, existe o de anarchisar ou conquistar a provincia de Santa Catharina, para cooperar tambem para a realisação de seus projectos.

« Eu officío nesta data ao seo presidente para fazer seguir dahi para as Torres ou suas visinhanças a gente de que puder dispôr com brevidade e lhe peço que haja de encarregar a V. S. do commando d'essa gente, por ser natural desta provincia, e pelo subido conceito que todos os bons rio-grandenses fazem dos seus merecimentos. O que posso assegurar a V.S., é que os nossos patricios reprovam e detestam os principios republicanos, e que se toda a provincia não estâ já levantada contra a facção que a domina, é pelo modo manhoso e encoberto porque ella caminha.

« Operou-se aqui a revolução de que V. S. ha de ter noticia, e se operou contra o mal aconselhados impostos que a assembléa provincial aqui lançou no povo, e tambem contra as suas duas primeiras autoridades que não eram populares e agora aproveitando-se os republicanos da agitação em que se achão os espiritos, querem fazer passar os seus malevolos projectos a coberto da revolução. O governo geral já mandou sua proclamação promettendo amnistia para esse primeiro acto de insubordinação, e já por isso se lançou de certo modo um véo sobre o passado; agora trata-se de estigmatisar o republicanismo, e para esse fim eu conto com a generalidade de nossos patricios.

«Ponha-se quanto antes em movimento, e dê-me noticias suas por via de portador seguro. — Tenho a honra de confessar-me. — De V. S. patricio, amigo e criado— *José de Araujo Ribeiro*.—Norte, 24 de dezembro de 1835».

A carta acima transcripta, segundo o Dr. Fernando Osorio, foi uma das muitas que a conselho do general Bento Manoel Ribeiro, fôram escriptas pelo presidente Araujo Ribeiro a bordo do brique-barca em que deixára a cidade de Porto-Alegre, por lhe ter sido negada a posse da presidencia da provincia do Rio Grande do Sul, fundeando junto a villa de São José do Norte.

Com taes cartas «agitou perfeitamente a opinião, e colheu o resultado do seo trabalho. Ao findar o anno de 1835, contava com o apoio de muitas camaras municipaes da provincia, de muitas autoridades civis, de varios militares de prestigio, e de innumeros cidadãos influentes».

O serviço que á causa da legalidade prestou o tenente-coronel Henrique Marques, e bem assim os profundos dissabores que soffreu durante sua permanencia nesse periodo revolucionario da provincia que o viu nascer, dil-o-ha melhor do que nós o seguinte documento:

«O presidente e mais vereadores da camara municipal desta cidade. — Attestam que o snr. tenente-coronel Henrique Marques de Oliveira Lisbôa, commandante do 2º corpo de artilharia de posição de 1ª linha do exercito, veio com o mesmo corpo para esta provincia em soccorro da legalidade em occasião que com mais urgencia se precisava de tropa; tanto assim, que desembarcando o supplicante nesta cidade a 9 de maio de 1836, logo no dia 2 de junho passou o inimigo para este lado do S. Gonçalo, e veio pôr esta cidade em um rigoroso assedio: o supplicante concorreu — activa e vigorasamente para a defesa da mesma, sendo o official que muito promoveu a factura das trincheiras, e que depois concorreu para o seu melhoramento: commandou as baterias em geral, e neste emprego ainda se acha, merecendo de seus concidadãos tanta confiança, que ouvindo-se dizer ha pouco tempo, que este official de tanto caracter e firmeza se pretendia retirar para a provincia de São Paulo, foi geral o descontentamento.

« O supplicante marchou com o coronel Barnabé para a ilha do Machado e commandou a infanteria e artilharia nessa expedição, que tanto concorreu para levan-

tar-se o primeiro sitio desta cidade. Foi depois com o seu corpo para a cidade de Pelotas, tornando para esta a defendel-a de um segundo sitio; esteve encarregado do commando interino da guarnição desta cidade desde 4 até 12 de fevereiro do corrente anno em razão de estar enfermo o coronel Prates; tem conservado sempre o seu corpo em disciplina e fiel á causa da legalidade. A sua conducta civil é exemplar, sendo bom pae de familia, bom cidadão, e sempre respeitador da lei.

« Tambem é de publica notoriedade o grande prejuizo que teve o supplicante no naufragio do brigue — Balão — a 10 de maio de 1836, no qual, além da lamentavel perda de sete filhos, perdeu tambem quatro escravos, dinheiro, mobilia, prata e joias o que tudo subiu a 5:000$000.

« Por este facto que de porsi só se tornou digno de toda a attenção, e dos relevantes serviços em resumo descriptos prestados a prol do governo legal, consideram os abaixo assignados merecedor o supplicante de uma recompensa do mesmo governo a quem dignamente tem servido e por quem tudo tem sacrificado. E por ser verdade quanto vae expendido e esta nos ser pedida, a mandamos passar, indo por nós assignada e sellada com as armas imperiaes.

« Dada e passada nesta cidade do Rio Grande em Camara, aos 10 de outubro de 1837. — Eu Raymundo Rodrigues Vasques, secretario interino que a escrevi. — *José dos Santos Magano.* — *Manoel de Souza e Azevedo.* — *Manoel Antonio Pereira da Silva.* — *Ismael Soares de Lima.* — *José Gonçalves Ferreira.* — *José Antonio Gonçalves Cardoso.* — *Antonio Corrêa de Mello.* — *Manoel da Costa Bezerro.* — *José de Souza Gomes.* »

Por decreto de 20 de agosto de 1838 foi Henrique Marques elevado ao posto de coronel, continuando no commando do mesmo corpo de artilharia, passando depois a fazer parte da brigada provisoria organizada em Porto Alegre, de onde reqnereu ser reformado a 24 de Janeiro de 1840, por se julgar preterido pela promoção geral do dia 2 de dezembro do anno anterior.

Não tendo sido attendido o seu pedido de reforma,

conforme se vê do despacho de 4 de abril de 1840, em virtude da ordem do dia do commando em chefe do exercito do sul de 5 de agosto do mesmo anno, regressou para a provincia de Saata Catharina onde ao apresentar-se a 23 do mesmo mez, foi nomeado para organizar e commandar a 1ª brigada destinada á defesa da mesma provincia, sendo então louvado pelos serviços que havia prestado na do Rio Grande do Sul.

Pela ordem do dia do presidente e commandante das armas d'aquella provincia de 3 de março de 1841, foi louvado pelo modo porque se houve no commando da referida brigada que deixou a 28 do mesmo mez.

Por aviso do ministerio da guerra de 17 de dezembro de 1842 e na conformidade do decreto n. 260 de 1º de dezembro de 1841, foi classificado no estado-maior de 2ª classe por ter sido transformado no 2º batalhão de fuzileiros o 5º de artilharia a pé que commandava; sendo nomeado commandante interino da fortaleza de Santa Cruz por aviso do ministerio da guerra de 29 de maio de 1843, assumindo o dito commando a 1º do seguinte mez de junho.

Por decretos de 1º de agosto de 1844 foi transferido para o estado-maior de 1ª classe e nomeado commandante das armas da provincia de Pernambuco, para onde seguiu, tomando posse no Recife a 18 de outubro, sendo por isso exonerado do commando da referida fortaleza.

Exonerado do commando das armas de Pernambuco por decreto de 16 de novembro, por outro da mesma data e por carta imperial de 20 do mesmo mez e anno de 1844 acima citado, foi nomeado commandante das forças em operações e vice-presidente, tudo da provincia das Alagôas, de cujos cargos tomou posse e prestou o devido juramento a 11, sendo, por despacho de 25, tudo de março de 1845, graduado no posto de brigadeiro.

Como sabemos, nos primeiros dias do mez de outubro de 1844 rebentára na provincia das Alagôas um movimento revolucionario, conseguindo os rebeldes se apoderar da capital e de todo o armamento que nella exestia, vendo-se obrigado o presidente Bernardo de Souza Franco a recolher-se á bordo do navio de guerra *Caçador* que se

achava no porto de Maceió ; revolução que foi debellada pelo general Antonio Corrêa Seára a 4 de novembro depois de um renhido combate de quatro horas junto á villa da Atalaia, achando-se completamente pacificada a provincia a 9 do seguinte mez de dezembro quando della tomou posse como presidente o senador Caetano Maria Lopes da Gama que, por sua vez, entregou no mesmo estado ao general Henrique Marques no supracitado dia 18 de março de 1845.

Por outra carta imperial de 25 de junho do mesmo anno foi nomeado o brigadeiro Henrique Marques presidente da mesma provincia, sendo exonerado deste cargo a 25 de setembro seguinte.

Tomou assento como deputado pela mesma provincia á assembléa geral legislativa na sessão annual de 1846, anno em que tambem foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro por decreto de 15 de novembro.

No seguinte anno de 1847 tornou a tomar assento na referida camara, ainda como deputado pela provincia das Alagôas.

Por decreto de 5 de Julho de 1850 loi nomeado commandante das armas da provincia do Pará para onde seguio e tomou posse a 13 de setembro do mesmo anno ; sendo deste cargo exonerado por despacho de 6 de agosto de 1851, recolheu-seá côrte do Rio de Janeiro, assumindo o commando da fortaleza de Santa Cruz a 18 de janeiro de 1852 para o qual havia sido nomeado por aviso de 23 de dezembro do anno anterior.

Pela ordem do dia do commando das armas da côrte de 17 de fevereiro de 1854, foi nomeado presidente da commissão de exames da arma de artilharia, e por decreto de 15 de fevereiro do anno seguinte foi nomeado director do hospital militar, sendo dispensado do commando da fortaleza de Santa Cruz.

Em virtude do disposto no aviso do ministerio da guerra de 11 de setembro de 1856, seguiu a 14 do mesmo mez para a provincia do Rio Grande do Sul para ser convenientemente empregado, sendo n'aquella data exonerado do cargo de director do hospital militar.

Chegando ao Rio Grande do Sul a 8, em virtude da

ordem do dia do presidente e commandante das armas de 9, tudo de outubro do mesmo anno, foi nomeado commandante da guarnição da cidade do Rio Grande, onde recebeu a sua patente de marechal de campo a que fôra promovido por decreto de 2 de dezembro do dito anno de 1856.

Pela ordem do dia do commando das armas de 24 de março de 1858, foi exonerado do commando da guarnição e fronteira da cidade do Rio Grande, sendo-lhe agradecido pelo respectivo commandante das armas sua coadjuvação. Apresentando-se ao quartel-general do exercito na côrte a 3 de abril, tomou posse a 10 do mesmo mez do cargo de presidente do conselho administrativo do arsenal de guerra, para que fôra nomeado por decreto de 22 de fevereiro, tudo do referido anno de 1858.

Por aviso do ministerio da guerra de 18 de agosto de 1859, foi nomeado commandante do corpo do estado-maior de 1ª classe, e por decreto de 12 de junho de 1861 foi condecorado com a commenda da ordem militar de S. Bento de Aviz.

Nomeado commandante militar da cidade de Santos por portaria de 27 de fevereiro, fez entrega do commando do alludido corpo do estado-maior a 1º de março e assumiu o da referida cidade a 28, tudo do anno de 1863.

Graduado no posto de tenente-general por decreto de 22 de setembro de 1866, por aviso de 12 de novembro do mesmo anno reassumio o commando do corpo do estado-maior de 1ª classe, o qual sendo inspeccionado no anno seguinte pelo marechal do exercito barão de Suruhy mereceu ser elogiado pela maneira porque desempenhou o dito commando, demonstrando regularidade e methodo na escripturação do mesmo corpo.

O tenente-general Henrique Marques de Oliveira Lisbôa falleceu nesta capital a 31 de Outubro de 1869.

Jacintho Pinto de Araujo Corrêa

No decurso do anno de 1794 nasceu em Vianna do Minho (Portugal) Jacintho Pinto de Araujo Corrêa, filho legitimo do marechal de campo Francisco Pinto de Araujo Corrêa.

Achava-se bem encaminhado em seus estudos de humanidades, quando soffrendo a sua patria os horrores da permanencia de tropas estrangeiras nas suas principaes cidades e villas, com muitos outros jovens procurou alistar-se nas fileiras do grande exercito portuguez, alliado então ao da Inglaterra, sob o commando em chefe do general lord Wellington ; o que de facto realisou a 5 de outubro de 1810, entrando logo em campanha contra as aguerridas tropas do marechal André Massena, depois duque de Rivoli e principe d'Essling.

Por despacho de 9 de janeiro de 1813, foi promovido a alferes. Recebendo honroso ferimento em *Bayonne*, a 13 de dezembro do mesmo anno foi feito prisioneiro sendo, porem, resgatado horas depois pelo então marechal de campo Carlos Frederico Lecór, depois visconde da Laguna.

Organizada por este general a «Divisão de Voluntarios Reas d-El-Rei», que se destinava ao sul do Brasil, por despacho de 22 de junho de 1815 teve Araujo Corrêa a patente de tenente, sendo incorporado na mencionada divisão como assistente do quartel mestre general, e com a qual embarcou no porto de Lisbôa a 10 de fevereiro de 1816.

Como sabemos, a divisão que se compunha de 4.831 praças das tres armas com um parque de artilharia, desembarcou nesta capital a 30 de março de 1816 e seguiu no seguinte mez de junho para o sul, chegando a Montevidéo, seu destino, a 20 de janeiro de 1817, sendo recebida com ruidosas manifestações de agrado e simpathia pela até então opprimida população da capital da ex-provincia Cisplatina.

Em Montevidéo recebeu Araujo Corrêa a medalha de distincção da guerra da Peninsula, conforme se vé do decreto de 28 de junho do dito anno. Tomando parte na campanha contra o caudilho Artigas, recebeu mais um ferimento na acção do Rochas a 11 de dezembro de 1816, e no anno seguinte, por decreto de 26 de outubro, foi promovido a capitão graduado, por distincção. porque tendo sido prisioneiro pelas forças inimigas, conseguiu evadir-se, concorrendo tambem para que os demais prisioneiros que

se achavam em sua companhia tambem, o conseguissem, facto este e mais outros que o abonam, narrados pelo visconde da Laguna, em autographo que temos á vista, do seguinte modo: «Foi capitão por distincção em 1817, por tomar a escuna «Cinco de Julho», carregada com petrechos e munições de guerra, no valor de quinze contos de réis, escapando-se do poder do inimigo com cincoenta a sessenta praças de differentes classes, que todos se achavam prisioneiros na «Capella de Mercedes».

«Commandou o corpo provisorio da Divisão Ligeira composta de duzentos homens de milicias de Santa Catharina. Achou-se na acção do «Pando», em que se distinguiu, commandando duzentos homens. Commandou tambem por algum tempo o corpo provisorio das companhias de granadeiros dos «Voluntarios Reaes d'El-Rei». Pelo decurso de todo o tempo mencionado foi por mim encarregado por differentes vezes de commissões reservadas e de importancia, que sempre desempenhou com zelo e acerto. Offereceu-se para ir á tomada da Ilha de Martim Garcia, Patagonia e Salado. E, finalmente, commandava o batalhão n. 11 quando, em fevereiro de 1826, foi atacado pelas forças de Buenos-Aires, em cuja acção este batalhão se bateu tão vigorosamente, como é notorio, tomando ao inimigo tres barcas-canhoneiras nessa mesma acção».

Como recompensa por tão brilhantes feitos teve Araujo Corrêa a effectividade do posto de capitão, por despacho de 24 de junho, e a graduação de major por distincção, por carta-regia de 28 de agosto, tudo de 1818.

Proclamada a independencia do Brasil, foi um dos que primeiro abraçaram esta nobre causa e por ella trabalhou com distincção, servindo como simples soldado em uma guerrilha denominada «Cruzeiro do Sul», que se organizou em Montevidéo para servir contra a divisão de voluntarios reaes d'el-rei, quando esta declarou-se contra a dita causa.

Em 1823 teve a medalha da campanha Cisplatina conferida por carta imperial de 31 de janeiro, sendo tambem agraciado com a venéra de commendador da ordem de Christo pelos serviços prestados em pról da indepen-

dencia, e promovido á effectividade do posto de major por decreto de 1º de dezembro de 1824, depois de ter jurado a constituição do imperio a 9 de maio do mesmo anno.

No seguinte anno de 1825, por decreto de 12 de outubro, foi promovido a tenente-coronel commandante do batalhão 11 de caçadores com o qual fez a campanha contra os republicanos do Rio da Prata, sobresahindo-se nella com o mesmo batalhão pelo modo porque se manifestou na sua ordem do dia n. 16 de 4 de abril de 1826, o tenente-general barão de Villa-Bella referindo-se aos ataques da colonia do Sacramento nos dias 27 de fevereiro, 2 e 13 de março, e que em seguida transcrevemos :

.....

.....

« O batalhão de caçadores n. 11, debaixo do commando do snr. tenente-coronel Jacintho Pinto de Araujo Corrêa, deu nesta occasião as mais decididas provas de valor e disciplina militar ; este chefe trabalhou como valoroso soldado e como verdadeiro e digno subdito do Imperio, assim como os seus excellentes officiaes, a cujo mando e exemplo os soldados obraram prodigios de valor, devendo-se a este chefe e ao batalhão do seu commando uma grande parte da victoria que alcançaram as armas brasileiras ».

Terminada a campanha com o tratado preliminar de 27 de agosto de 1828, recolheu-se com o seu batalhão á côrte do Rio de Janeiro o tenente-coronel Araujo Corrêa, a quem D. Pedro I houve por bem agraciar com o habito da ordem imperial do Cruzeiro « por se ter distinguido na defesa da praça da Colonia do Sacramento ».

Depois da abdicação do mencionado imperador, sabemos que deu-se na Ilha das Cobras, a 7 de outubro de 1831, uma sedição militar que se conseguiu abafar, graças aos esforços combinados das tropas municipaes recem-creadas e do batalhão de « officiaes-soldados », do qual fazia parte o tenente-coronel Araujo Corrêa, que, segundo documento que consultámos, foi o primeiro a entrar na fortaleza « escalando as suas muralhas, firmando-se na fragosidade das pedras» galgando assim sem escada o seu parapeito, sendo o seu exemplo seguido por um guarda municipal e

varios outros officiaes ; o que muito concorreu para o restabelecimento da ordem, como adiante veremos mais detalhadamente, tratando do general João Paulo dos Santos Barreto.

Em agosto de 1835, obteve tres mezes de licença para tratar de negocios de seu interesse na provincia do Rio Grande do Sul e que foi prorogada por mais um anno. Achando-se em Montevidéo, e ahi sabendo da revolta que irrompêra na cidade de Porto-Alegre, em setembro do mesmo anno, pressuroso seguio a apresentar-se ao commandante em chefe das forças legaes na cidade do Rio Grande, que o encarregou da organização de um batalhão de infanteria que depois tomou a denominação de — 1º batalhão provisorio de guardas nacionaes da cidade do Rio Grande.

Por decreto de 30 de agosto de 1838 foi promovido a coronel, passando a commandar a guarnição daquella cidade a 22 de maio de 1839, de cujo exercicio foi dispensado pela ordem do dia n. 20 de 19 de outubro de 1840, passando a commandar a 1ª brigada de infanteria em 5 de novembro do mesmo anno.

Assumindo o marechal barão de Caxias o commando em chefe do exercito e dando-lhe nova organização em março de 1843, ao coronel Araujo Corrêa coube o commando da 2ª divisão composta com a 2ª 4ª e 6ª brigadas, sendo estas de cavallaria de guardas nacionaes e aquella do 6º 9º e 13º batalhões de caçadores de 1ª linha.

Tendo o referido commandante em chefe mobilisado todo o seu exercito para dar combate em diversas direcções aos dos revolucionarios, chegando a S. Gabriel soube que haviam elles abandonado o Passo do Rosario, onde pretendia atacal-os, indo em busca da fronteira de Alegrete.

Deixando então em S. Gabriel toda a sua bagagem, guardada por 500 homens de cavallaria com tres boccas de fogo e tres batalhões de caçadores, tudo da 2ª divisão do commando do coronel Araujo Corrêa que ahi deixou, e atravessando o rio Santa Maria á frente de 4.000 homens, dirigio-se para Sant'Anna do Livramento convencido de enfrentar-se nesse ponto com as forças inimigas,

o que conseguio ao anoitecer do dia 31 de março, e por esta circumstancia (das sombras da noite) deixou de dar a desejada batalha porque tendo resolvido reunir previamente o conselho militar aproveitaram-se desta occurrencia os adversarios que abandonaram o campo durante a noite.

Segundo rezam as chronicas, foi esse o primeiro e o ultimo conselho militar, convocado pelo barão de Caxias em toda a sua campanha do sul, tão molestado ficára com o malogro do seu plano.

Conseguiram os revolucionarios durante a referida noite transpôr a fronteira, no Cunhapirú, e com cerca de 2.500 homens acamparam no territorio da visinha republica do Uruguay, de onde, em um rapido movimento, contramarcharam, passando pelo Itaquatiá em busca de S. Gabriel onde surprehendem a guarda da cavalhada fóra do acampamento e depois de matarem 2 tenentes e 13 praças se apoderam da mesma cavalhada, arrebatam a boiada de transporte e põem em sitio a villa de S. Gabriel.

Sabedor desta grave occurrencia, com toda a sua columna dirigi-se o barão de Caxias para S. Gabriel com o fim de atacar os sitiantes; estes, porém, avisados em tempo, retiraram-se em direcção a Bagé com vistas de buscar de novo asylo em territorio oriental, de modo que o referido barão, que do Livramento havia partido a 16, chegava a 19, tudo de abril, nas immediações de S. Gabriel com 4.000 homens e 9.000 cavallos! Não encontrando os sitiantes, conseguio, no entretanto, arrecadar toda a cavalhada roubada e em seguida manda submetter a conselho de investigação, o coronel Araujo Corrêa pelo crime de «não ter obstado que as forças rebeldes atacassem a divisão que commandava em 10 de abril de 1843».

O general em chefe arguio o coronel Araujo Corrêa de negligente, e considerou ter elle posto em risco a sorte da campanha por falta de vigilancia, dando motivo a um revés que tão profundamente desmoralisaria as forças de seu commando ao encetar as suas operações de guerra.

Passando a responder a conselho de guerra, foi o coronel Araujo Corrêa, absolvido do crime que lhe fôra im-

putado, sendo esta sentença confirmada pelo Conselho Supremo Militar de Justiça a 31 de julho de 1844.

Recolhendo-se a côrte do Rio de Janeiro, por decreto de 2 de agosto de 1851 foi classificado no corpo de estado-maior de 2ª classe.

Em 1853 foi nomeado para servir na fronteira da provincia do Amazonas; dispensado dessa commissão foi nomeado inspector do 6º districto militar, seguindo a seu destino a 28 de outubro de 1856.

Por aviso de 5 de junho de 1858 foi removido do referido 6º districto militar, na provincia do Matto-Grosso, para a côrte do Rio de Janeiro, onde apresentou-se a 22 de janeiro de 1859, recebendo então a patente de brigadeiro graduado, lavrada á vista do decreto de 2 de dezembro do anno anterior.

Designado para presidir na provincia do Paraná o conselho de investigação de diversos officiaes, para alli seguio a 15 de agosto, regressando a 26 de outubro, tudo do anno de 1860.

Nomeado para inspeccionar o corpo de artilharia, o de cavallaria, batalhão de caçadores e companhia de artifices da provincia de Matto-Grosso, a 23 de abril de 1861 para alli seguio apresentando-se á respectiva autoridade a 15 de janeiro de 1862, recebendo ordem para inspeccionar, além d'aquelles corpos, o 2º batalhão de artilharia a pé da referida provincia.

Foi promovido a brigadeiro effectivo por decreto de 2 de dezembro do mesmo anno.

Remetteu ao ministerio da guerra os relatorios das inspecções da companhia de artifices, do 2º batalhão de artilharia a pé e do corpo de artilharia, todos da referida provincia da qual regressou, ficando em disponibilidade.

Em janeiro de 1865 apresentou ao governo imperial minucioso relatorio sobre a provincia de Matto Grosso, tendo em vista fosse ella invadida pelo sul por tropas inimigas, facto esse que se realizou por ordem do dictador Solano Lopez, chegando tão infausta noticia nesta capital a 22 do seguinte mez de fevereiro, sendo della portador o barão de Villa Maria.

Por determinação do ministerio da guerra de 23

de junho, foi nomeado para servir no exercito em operações contra o governo da republica do Paraguay, onde se apresentou, sendo pelo commando em chefe do mesmo exercito, em ordem do dia de 17 de agosto, designado para commandar a 4ª divisão. Deixou este commando por ter sido nomeado chefe do estado-maior do exercito, conforme se vê da ordem do dia do alludido commando em chefe, n. 129, de 16 de fevereiro de 1866.

Com o referido exercito, transpoz a 16 de abril do mesmo anno o rio Paraná, e ao pisar no territorio paraguayo tomou parte activa nos combates desse dia e do dia seguinte, sendo elogiado em ordem do dia do commando em chefe « por ter guardado seu respectivo posto com serenidade, activando e dirigindo os movimentos á medida que as circumstancias do terreno o permittiam, não desmentindo deste modo o conceito de que goza ».

Tendo seguido com o exercito para o forte de Itapirú, e d'ahi para os campos de Tuyuty, entre outras acções tomou parte activa na importante batalha de 24 de maio, sendo pela ordem do dia do commando em chefe n. 156 de 28 do dito mez elogiado « por sua bravura e serenidade na batalha pelejada nos campos do Paraguay no referido dia 24 ».

Deixou o exercito em operações e recolheu-se á côrte do Rio de Janeiro onde apresentou-se a 3 de dezembro, tudo do mencionado anno de 1866, tendo antes desempenhado com criterio a commissão de inspector dos hospitaes militares das cidade de Corrientes, Buenos-Aires e Montevidéo para que fôra nomeado pelo commandante do 1º corpo de exercito.

Por decreto de 12 setembro de 1868 foi nomeado commandante das armas da provincia do Pará, do qual sendo exonerado por despacho de 3 de agosto, regressou da referida provincia e apresentou-se nesta capital a 20 de setembro, tudo de 1870.

De conformidade com as disposições do § 2º, do art. 11 da lei n. 585 de 6 de setembro de 1850 e § 2º do art. 22 do regulamento de 31 de março de 1851, por decreto de 10 de abril de 1871, foi graduado no posto de marechal de campo.

Por despacho de 26 de maio do mesmo anno foi nomeado inspector dos corpos e companhias fixas das provincias de S. Paulo, Paraná e Santa Catharina, commissão esta de que foi dispensado, achando-se nesta ultima provincia, a 17 de abril de 1872, recolhendo-se em seguida a esta capital.

Por portaria do ministerio da guerra de 3 de fevereiro de 1873 foi nomeado presidente da commissão encarregada da expedição dos diplomas da medalha geral da campanha do Paraguay, em cujo exercicio falleceu nesta capital a 29 de maio de 1874, conforme se vê do officio n. 6.552 do tenente-general barão da Gavea, ajudante general do exercito, dirigido ao ministerio da guerra em 1º de junho do mesmo anno.

Jeronymo Francisco Coelho

Filho legitimo do sargento-mór Antonio Francisco Coelho, Jeronymo Francisco Coelho, nasceu a 30 de setembro de 1806, na villa da Laguna da então capitania de Santa Catharina. Tendo seguido com o seu pae para o Ceará, onde ao chegar passou á commandar o corpo de infanteria de guarnição a fortaleza de N. Senhora d'Assumpção, ahi verificou praça, como 1º cadete, na companhia de artilharia, contando tempo de serviço de 17 de dezembro de 1813.

Regressando seu pae ao Rio de Janeiro, obteve elle sua baixa do serviço a 31 de outubro de 1814.

Em o anno de 1815, matriculou-se no curso de humanidades desta capital no intuito de seguir a carreira das lettras; morrendo, porém, seu pae, neste mesmo anno, resolveu abraçar novamente a carreira das armas, assentando praça de 1º cadete no regimento de artilharia da côrte a 25 de janeiro de 1816, effectuando a sua matricula na « Real Academia Militar ».

Tendo com as melhores notas, completado os cursos de mathematica e de engenharia desta academia, por decreto de 20 de junho de 1828, foi promovido a 2º tenente para o batalhão de engenharia de libertos e por outro de

12 de outubro seguinte passou a 1º tenente para o mesmo batalhão.

Promovido a capitão para o 1º batalhão de artilharia a pé, por decreto de 2 de janeiro de 1824, conservou-se em serviço nesta capital, sendo dez annos mais tarde (decreto de janeiro de 1834) transferido no mesmo posto para o «Imperial Corpo de Engenheiros» seguindo logo depois para a provincia de Santa Catharina á disposição do respectivo presidente, para ser convenientemente empregado como engenheiro.

Foi elevado ao posto de major por decreto de 13 de setembro de 1837, sendo desde 1835 membro da assembléa provincial de Santa Catharina

Em 1838 a mesma provincia o elegeu deputado á assembléa geral legislativa, para a qual foi reeleito até o anno de 1847, tendo tomado parte em todas as sessões, e bem assim na que começou em 1857, ao termo da qual, por motivo de ordem publica, não poude chegar.

Por carta imperial de 5 de abril de 1839, foi nomeado vice-presidente de Santa Catharina e por decreto de 7 de outubro do anno seguinte condecorado com o habito de cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz, concedendo-se-lhe tambem o tratamento de «Senhoria» por despacho de 18 de julho de 1841, por ter sido deputado na epoca da «Sagração e Coroação do Imperador D. Pedro II», data em que tambem lhe foi conferida a commenda da referida ordem de São Bento de Aviz.

Promovido a tenente-coronel, por decreto de 7 setembro de 1842, por outro de 2 de fevereiro de 1844 foi nomeado ministro e secretario de estado dos negocios da marinha e interinamente dos da guerra. Neste cargo coube-lhe a satisfação de redigir as instrucções de 18 de dezembro do mesmo anno, pelas quaes cessaram as hostilidades no Rio Grande do Sul, sendo restabelecida completamente a paz em 1º de março do anno seguinte.

Por decreto de 23 de maio do referido anno de 1844, deixou a pasta da marinha, ficando como effectivo na da guerra, sendo então agraciado com o titulo de conselho do imperador

Dispensado a seu pedido do cargo de ministro da

guerra por despacho de 25 de maio, foi por aviso de 25 de setembro, tudo de 1845, nomeado para medir e demarcar, na provincia de Santa Catharina, as terras que precisas fossem, para complemento do dote da princeza de Joinville. Concluidos os trabalhos de campo desta commissão, pelo presidente da provincia lhe foram dados todos os louvores e agradecimentos pela summa pericia e celeridade, com que os executou, na qualidade de chefe de tão ardua commissão.

No relatorio do ministerio do imperio apresentado á assembléa geral na sessão desse anno, foi declarado que, apesar dos obstaculos provenientes do pessimo tempo, que reinára, estavam já terminados os trabalhos da commissão de demarcação das terras da serenissima princesa de Joinville, e que seu chefe dando, ainda uma vez prova do seu desinteresse, renunciára quaesquer gratificações que pudessem pertencer-lhe.

Por aviso do alludido ministerio de 11 de julho, foi louvado o seu zelo, intelligencia e desinteresse com que dirigiu e desempenhou a referida commissão.

Por decreto de 14 de março de 1847 foi Jeronymo Coelho graduado em coronel, e por carta imperial de 11 de março de 1848, nomeado presidente da provincia do Pará, cargo este cujo exercicio assumiu a 28 do mesmo mez, accumulando-o mais tarde com o de commandante das armas, para que foi tambem nomeado por decreto de 24 do já mencionado mez de março.

Segundo um abalisado chronista, nestes cargos illustrou-se pela sua administração tolerante, economica e sabia, e nenhuma intervenção, directa ou indirecta, teve na eleição de deputados, a que então se procedeu, senão para tornar effectiva a liberdade do voto. Coube-lhe ainda oppôr-se com patriotica energia á occupação do territorio do Amapá, resolvida, pela segunda vez, pelos francezes de Cayenna.

Deixou a presidencia e commando das armas do Pará, de que foi exonerado por despachos de 19 de junho e 5 de julho de 1850. Recolhendo-se á côrte do Rio do Janeiro, recebeu a nomeação de commendador da ordem da Rosa, por carta imperial de 2 de dezembro do mesmo anno.

Exerceu em seguida o cargo de director da fabrica de polvora da Estrella, sendo por decreto de 13 de julho de 1852, confirmado no posto de coronel, por merecimento.

Nomeado director do arsenal de guerra da côrte, por decreto de 15 de abril de 1854, por outros de 14 de março do anno seguinte, foi promovido a brigadeiro e nomeado guarda-roupa do imperador D. Pedro II. Em 27 de setembro deixou o cargo que occupava no arsenal de guerra, por ter sido nomeado director da « Escola de Applicação do Exercito », por despacho de 18 do dito mez. Nomeado por carta imperial de 20 de fevereiro, presidente da provincia do Rio Grande do Sul, por decreto de 13 de março, tudo de 1856, foi tambem nomeado commandante das armas da mesma provincia, para onde seguio, tomando posse de ambos os cargos, em Porto-Alegre, a 28 de abril.

Por aviso do ministerio da guerra de 15 de março, foi mandado elogiar pelo bom arranjo e apurado aceio presenciado pelo imperador, na visita que o mesmo fizera ao edificio da escola de applicação, da qual deixou o exercicio de director, a 19 do mesmo mez, por ter seguido, como vimos, para o Rio Grande do Sul.

A' 13 de março de 1857 fez entrega aos seus substitutos legaes, dos cargos de presidente e commandante das armas, por ter de vir para a côrte afim de tomar assento na assembléa geral legislativa, como deputado pela provincia de Santa Catharina; sendo reconhecido como tal, tomou assento em maio do mesmo anno.

Por decreto de 4 do alludido mez de maio foi nomeado ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, ficando, em consequencia dessa nomeação, exonerado dos cargos de presidente e commandante das armas da provincia do Rio Grande do Sul.

Exonerado do cargo de ministro por motivo de molestia, por decreto de 12, por outro de 18, tudo de dezembro de 1858, foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar, cargo este que exerceu por pouco tempo por ter fallecido a 16 de Janeiro de 1860, em Nova-Friburgo, na provincia do Rio de Janeiro.

João Carlos Pardal

O marechal do exercito João Carlos Pardal nasceu em 1792 na cidade de Lisbôa de onde veio para o Brasil quando o principe regente D. João VI resolveu transferir-se com a sua côrte para a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Aqui chegando resolveu João Carlos Pardal, seguir a carreira militar, pelo que a 3 de janeiro de 1809 alistou-se na brigada real de marinha onde foi reconhecido cadete a 14 de dezembro de 1810, sendo então cabo d'esquadra do regimento de artilharia do Rio de Janeiro e alumno da «Real Academia Militar».

Tendo completado a curso mathematico foi por decreto de 25 de fevereiro de 1813 promovido a 2º tenente para a 1ª companhia do referido regimento de artilharia, continuando os seus estudos na referida academia.

Em 1817 deixou o 7º e ultimo anno da academia militar por ter seguido para Pernambuco a 18 de abril, fazendo parte da expedição militar que, sob o commando do tenente-general Luiz do Rego Barreto, combateu as tropas republicanas da mesma provincia.

Por decreto de 6 de fevereiro de 1818 foi promovido a 1º tenente do corpo de artilharia de Pernambuco ; passando a commandante da companhia de conductores de artilharia a cavallo da côrte por decreto de 26 de agosto de 1819, a ella se apresentou a 1º de setembro do mesmo anno e assumio o respectivo commando. Por despacho do Sr. D. João VI, de 20 de dezembro deste ultimo anno, foi-lhe permittido prestar os exames das materias do 7º anno da academia militar, em consideração aos motivos porque os deixou de fazer na devida epoca, conforme opinou o general director Francisco de Borja Gastão Stochler, ficando assim com o curso completo de engenharia, na forma dos estatutos de 4 de dezembro de 1810.

Quando em Pernambuco, tendo sido nomeado para guarnecer com um contingente de tropa a corveta de guerra *Princeza Real*, empregada em cruzar toda a costa do Brasil dando caça aos corsarios, neste serviço se con-

servou por mais de tres mezes até que desembarcou nesta capital em o referido anno de 1819.

Por decreto de 18 de março de 1820 foi promovido a capitão para o regimento de artilharia a cavallo da côrte.

Na revolução de 26 de fevereiro de 1821 que, como sabemos, foi originada pelos acontecimentos que se deram em Portugal nos dias 24 de agosto e 15 de setembro do anno anterior, convidado pelo agitador, tenente Cypriano Soares do destacamento de artifices engenheiros da divisão portugueza, adherio francamente ao systema constitucional, compromettendo-se a tomar parte em tão santa causa com as tropas que deviam auxiliar o movimento popular para ser jurada a constituição de Portugal.—Constituição de Portugal ou morte—era a formula do juramento dos conspiradores.

E de facto, dado o signal para a mencionada reunião, que foi um tiro de canhão do navio do registro do porto, poz-se á frente do regimento de artilharia a cavallo, com seis peças e com o batalhão de caçadores n, 3, do exercito de Portugal sob o commando do major Leitão Garcez, primeiros corpos que no silencio da madrugada do dia 2 entraram no largo do Rocio, que era o ponto convencionado, e se puzeram em attitude de combate para a defesa da bôa causa.

Como se sabe, logo depois ahi se reuniram quasi todos os corpos de 1ª linha, tanto de Portugal como do Brasil assumindo o commando geral das tropas o brigadeiro Joaquim Carreti que assim dava uma prova inequivoca da adhesão que professava á causa commum da patria. E não tardou que, chegado o rei D. João VI ao Rocio declarasse approvar tudo o que o principe seu filho havia feito, ouvindo o que, o povo e a tropa respondem com mais ruidosa acclamação, seguindo-se o cortejo e o desfile de toda a tropa pelo largo do paço (hoje praça 15 de novembro) em cujo palacio já se achava o mencionado D. João VI com toda a sua côrte.

No anno seguinte, por occasião dos acontecimentos que determinaram o principe D. Pedro a ficar no Brasil commandou o capitão Pardal no campo do Barreto brigada de artilharia que fazia parte das tropas reu

das contra a «divisão luzitana», por cujos serviços mereceu ser elogiado em ordem do dia do governador das armas, sendo por decreto de 24 de junho do mesmo anno graduado no posto de major.

Promovido a effectividade deste ultimo posto por decreto de 12 de outubro de 1823, passou a commandante da brigada de artilharia a cavallo, por despacho de 20 de maio do anno seguinte, em que jurou a constituição politica do extincto imperio, assignando a acta que a 30 de março foi lavrada no quartel-general do governador das armas da côrte.

Transferido em 1825 para o commando do 1º corpo de artilharia-montada da côrte, por decreto de 21 de julho do mesmo anno, foi nomeado lente de mathematica do dito corpo.

Por decreto de 22 de janeiro de 1826 houve por bem o imperador D. Pedro I, promovel-o a tenente-coronel commandante do corpo de artilharia montada, continuando a exercer o logar de lente. Por occasião da rebellião dos batalhões de estrangeiros, em junho de 1828, destinguio-se atacando com o seu corpo esses desordeiros, em São Christovão, onde, como sabemos, teve origem tão deploravel insubordinação, no aquartelamento do batalhão de allemães, que, deitando fogo ao mesmo aquartelamento, depois de terem prendido o seu major, puzeram em saque todas as tavernas e casas de commercio, por onde passavam, ferindo e matando aos inermes transeuntes que delles fugiam apavorados. Como era de esperar, a este acto de energia do tenente-coronel Pardal, praticado a bem da ordem publica e em desaggravo da disciplina militar, seguio-se a justa recompensa, conforme se vê dos decretos de 12 de outubro, condecorando-o com a venéra de official da Ordem imperial do Cruzeiro, e de 2 de dezembro, tudo do mesmo anno, dando-lhe a graduação do posto de coronel.

No anno seguinte teve o habito de cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz, por decreto de 25 de fevereiro, e por outro de 12 de janeiro de 1830 foi promovido á effectividade do posto de coronel, continuando no commando do corpo de artilharia montada.

Ainda nesse anno de 1830 teve a condecoração de cavalleiro da ordem da Rosa e no seguinte, quando se deram os conhecidos acontecimentos que levaram D. Pedro I a abdicar a corôa na pessôa de seu filho, sabendo que a maioria dos officiaes do seu corpo aquartelado na quinta da Bôa-Vista, pretendia acompanhar o *Batalhão do Imperador* que havia seguido para o Campo de Sant'Anna, ás 11 horas da noite do dia 6 de abril, onde se confraternisára com os demais corpos de tropa e povo que insistia pela demissão do *impatriotico ministerio*, dirigio-se o coronel Carlos Pardal ao imperador para, coherente com os seus principios de lealdade pessoal ao seu soberano e amigo, prevenil-o *de uma vergonhosa deserção dos seus commandados*, tendo, porém, em resposta que: «deixasse-os ajuntarem-se aos seus camaradas por que elle não queria o sacrificio de pessôa alguma».

No dia seguinte, 8 de abril, depois dos factos consumados, endereçou o coronel Pardal ao governo da regencia em nome do joven imperador Pedro II, um respeitoso requerimento em que, allegando haver recebido ordem na noite de 7, «para se retirar da posse do commando do 1º corpo de artilharia montada, por ter incorrido em suspeitas de desafecto publico,» e por que desejava acompanhar á Europa o imperador deposto, pedia se lhe concedesse licença sem limite de tempo na conformidade da lei recem-publicada, requerimento este que em 9 do dito mez teve o seguinte despacho:

«Por determinação da Regencia Provisoria, em nome do Imperador, se lhe concede licença sem limite para ir á Europa com vencimento de tempo e meio soldo na conformidade da carta de lei de 24 de novembro de 1830».

A' vista do que passou a ser considerado addido ao seu corpo, tendo com effeito seguido com aquelle destino, acompanhando no exilio o primeiro imperador do Brasil, por sua muito expontanea vontade deixando sua familia nesta capital.

Por decreto de 11 de junho ainda de 1831 foi exonerado do commando do 1º corpo de artilharia montada que passou a ser commandado por outro official.

Recolheu-se da referida licença a 18 de junho de 1833,

e depois de se ter apresentado ás autoridades militares, se conservou nesta capital até que, por aviso de 12 de janeiro de 1837, foi nomeado para servir na commissão encarregada do projecto de ordenança militar, durante o impedimento do coronel Manoel da Fonseca Lima e Silva.

Por decreto de 16 de junho foi nomeado commandante do 1º corpo de artilharia de posição. Sendo graduado no posto de brigadeiro por despacho de 12, deixou o commando do referido corpo a 29, tudo de setembro seguinte, por ter sido nomeado presidente da provincia de Santa Catharina, para onde seguio, tomando posse do mesmo cargo na ilha do Desterro a 14 de outubro, tudo do referido anno de 1837.

Deixou a administração da provincia de Santa Catharina a 8 de agosto de 1839, data em que nella se apresentou o seu substituto general Soares de Andréa, e recolhendo-se á côrte do Rio de Janeiro, apresentou-se ao governador das armas a 27 do mesmo mez, ficando em disponibilidade.

No anno seguinte, por carta imperial de 2 de agosto, foi nomeado veador das princezas, filhas do imperador D. Pedro 2º, e por aviso da repartição da guerra de 18 de fevereiro de 1841 passou a dirigir interinamente a fabrica de polvora da Estrella.

Por decreto de 7 de setembro de 1842 teve a effectividade do posto de brigadeiro, sendo incluido na segunda classe do exercito por outro de 29 de novembro do mesmo anno.

Dispensado do cargo que interinamente occupava na fabrica de polvora, por aviso de 26 de janeiro foi louvado pelo zêlo com que nelle serviu. Tendo sido inspeccionado pela junta militar de saude e julgado incapaz para o serviço activo requereu a 25 de maio reforma de conformidade com a lei; não a tendo porém obtido continuou doente até que apresentando-se prompto para o serviço, por decreto de 4 de julho do seguinte anno de 1846, foi nomeado director do «Arsenal de Guerra da Côrte».

Por decreto de 14 de março de 1847 teve a graduação de marechal de campo, sendo promovido á effectividade

deste posto por despacho de 11 de outubro do anno seguinte.

Em o anno de 1849, obteve exoneração do cargo de director do arsenal de guerra e a nomeação de vogal do Conselho Supremo Militar, por decretos de 3 de março, e por aviso de 17 de agosto foi designado para inspecionar a fabrica de polvora da Estrella, commissão esta que desempenhou com muito criterio e brevidade.

Nomeado secretario do Conselho Supremo Militar por decreto de 3 de julho de 1852, por outros de 2 e 17 de dezembro de 1855, foi promovido a tenente-general e elevado de vogal a conselheiro de guerra.

Por aviso de 25 de janeiro de 1856 assumio interinamente o cargo de governador das armas da côrte, do qual foi dispensado em 1.º de julho. Requerendo reforma tres dias depois, resolveu o governo imperial attendel-o, sendo por decreto de 7 do mesmo mez e anno reformado no posto de marechal do exercito, na fórma da lei, continuando no cargo de conselheiro de guerra, até que falleceu nesta capital a 15 de março do seguinte anno de 1857.

João de Castro Canto e Mello

(2º Visconde de Castro)

Natural da cidade de São Paulo onde nasceu no decorrer do anno de 1778 João de Castro Canto e Mello, visconde de Castro, filho do brigadeiro do mesmo nome e titulo, assentou praça voluntariamente na extincta legião da provincia de São Paulo a 1º de setembro de 1791, sendo reconhecido 1º cadete em 1º de junho de 1794.

Alferes por decreto de 5 de julho de 1801, e tenente por despacho de 24 de junho de 1809, seguio para o Rio Grande do Sul incorporado á cavallaria da referida legião, com a qual tomou parte nas campanhas de 1811 a 1812, assistindo aos ataques do passo de Alcorte e «Laureles» e neste, com o esquadrão que commandava, fez prodigios de valor, tendo o seu cavallo morto.

Por decreto de 13 de maio de 1813, foi promovido a capitão, continuando na mesma legião, pelo que fez a campanha iniciada em 1816, contra as aguerridas tropas

de D. José Artigas, tendo tomado parte na batalha de Catalan.

Recommendado o seu nome pelo commando em chefe, por decreto de 6 de fevereiro de 1818 teve a patente de major de cavallaria, e por outro de 23 de novembro de 1819, foi foi nomeado ajudante de ordens do governo da provincia do Rio Grande do Sul, cargo este que exerceu até o anno de 1826.

Promovido a tenente-coronel por despacho de 4 de abril de 1824, jurou nesse anno a constituição politica do imperio do Brasil, e por decreto de 10 de maio de 1826, foi promovido a coronel commandante da guarnição e fronteira do Rio Pardo, que exerceu até que foi dispensado por outro decreto de 11 de outubro de 1831, continuando, porém, a residir no Rio Grande do Sul.

Ao se declarar a revolta de 20 de setembro de 1835 em Porto Alegre, reuniu-se ás forças legaes na colonia de São Leopoldo, para a malograda reacção de 21 de janeiro de 1836, e sendo alli perseguido pelos revolucionarios, retirou-se para a capital, onde por elles foi preso a 3 de fevereiro e recolhido á «presiganga», de onde foi retirado pela victoria da reacção, dirigida pelo marechal reformado João de Deus Menna Barreto, a 15 de junho do dito anno de 1836.

Passou a prestar seus serviços no aquartelamento do batalhão 11º de caçadores de 1ª linha, e depois commandou toda a linha do centro dos entrincheiramentos da capital.

Assistiu aos ataques de 30 de junho e 20 de julho desse anno, e tomou parte nas diversas sortidas realisadas sob as immediatas ordens do general em chefe Antonio Elseario, assistindo a todos os choques que nas mesmas sortidas tiveram logar.

Por decreto de 20 de agosto de 1838, foi promovido a brigadeiro.

Commandou a columna que marchou da «Picada de D. Rita» até o «Arroio do Ribeiro» do 1º a 6 de janeiro de 1839.

Foi nomeado a 9 do seguinte mez de fevereiro para commandar a guarnição da capital, em cujo exercicio se

conservou até 30 de junho, por ter sido chamado á côrte onde se apresentou a 30 do mez de julho.

Por aviso do ministerio da guerra de 1° de outubro, tudo do mesmo anno, obteve permissão para residir na mesma provincia á qual regressou, sendo pela ordem do dia do commando em chefe, conde do Rio Pardo, de 13 de agosto de 1841, nomeado para, pela segunda vez, encarregar-se do commando da guarnição de Porto-Alegre, onde se conservou até 10 de novembro de 1842.

Por decreto de 19 de agosto seguinte, foi transferido para a 4ª classe do exercito (dos reformamados) ; tendo porém este decreto ficado sem effeito, por outro de 21 de agosto de 1845, reverteu á 1ª classe, continuando a residir no Rio Grande do Sul.

O brigadeiro João de Castro Canto e Mello, visconde de Castro, commendador das ordens de São Bento de Aviz e de Christo, official da imperial do Cruzeiro, e condecorado com as medalhas das campanhas do sul, de 1811 a 1812, e de 1815 a 1820, falleceu em Porto-Alegre a 11 de setembro de 1853.

João Eduardo Pereira Collaço Amado

Filho legitimo de José Pereira de Macedo Tavares Amado e nascido a 6 de maio de 1776 em Taveira (Portugal), João Eduardo Pereira Collaço Amado assentou praça voluntariamente como 1° cadete no corpo de artilharia de posição da Villa Real a 19 de março de 1801, obtendo licença para continuar seus estudos, conforme se vê da portaria do governador e capitão-general do reino de Algarve, de 25 do mesmo mez e anno.

Por decreto de 18 de dezembro de 1802, foi promouido a 1° tenente para o regimento de artilharia n. 2, e neste posto tomou parte na campanha contra os invasores francezes.

Achava-se de guarnição na cidade de Faro em 1808, quando a 19 de junho concorreu entre os primeiros para a expulsão do governo francez, então estabelecido na mesma cidade, fazendo recolher as boccas de fogo que estavam ás ordens do capitão de artilharia do exercito

francez, que foram logo viradas contra o inimigo; feito o que, marchou em defesa do porto do Paiol nos suburbios da cidade, donde se fez o primeiro fogo contra o inimigo. Retrocedendo este, e sendo necessario saber-se qual o destino que havia tomado, offereceu-se para seguir no seu encalço nessa mesma noite, voltando na madrugada do dia seguinte, com circumstanciadas noticias a tal respeito, tendo-se apoderado de um unico obuz por elle abandonado, seguindo a estrada para Taveira.

Continuou em serviço ne exercito do sul, até que este foi mandado guarnecer as baterias do Tejo, onde se firmaram os pavilhões portuguezes á vista de Lisbôa.

Por decreto de 8 de agosto do mesmo anno, foi promovido a capitão aggregado ao mesmo regimento, ficando ás ordens do commandante geral da artilharia e depositos de todo o material do exercito em operações.

Quando em 1810 corria á sua patria o maior perigo, coube-lhe commandar toda a artilharia do districto de Bucellas, o quarto das linhas de defesa de Lisbôa, onde nas 22 baterias do seu commando, além de outros muitos trabalhos, montou 78 boccas de fogo, de calibre 9 e 12, provendo todas as baterias de munições e mais arranjos necessarios, serviços estes prestados com a maior regularidade, intelligencia e perfeito desempenho.

Promovido á effectividade do posto de capitão, por despacho de 11 de dezembro de 1812, foi pelo commando geral, encarregado do commando da 4ª brigada de artilharia, em outubro do anno seguinte, que exerceu com a maior difficuldade no bloqueio de Pamplona, na difficil passagem das linhas dos *Pyrinêos* e nos campos de *Bayonne*.

Tendo por tão pesados seviços adoecido gravemente, a ponto de ser julgado incapaz de continuar nas fileiras do exercito pela junta militar de saude, obteve demissão do mesmo serviço em 1814, quando terminou a campanha, embarcando em seguida para o Brasil.

Apresentando-se na côrte do Rio de Janeiro com pletamente restabelecido da molestia que adquirira em campanha, requereu e obteve de D. João VI, ser readmittido no exercito, no mesmo posto de capitão, por despacho de 20 de julho de 1818, sendo então nomeado

para crear e commandar a companhia de artilharia das Alagôas, tendo-se em vista os seus serviços e conhecimentos theoricos e praticos dessa arma. No anno seguinte, por decreto de 3 de abril, foi condecorado com o habito de cavalleiro da ordem de Christo.

Decretada a organização da provincia das Alagôas, ao capitão Collaço Amado, coube a creação dos estabelecimentos militares, como arsenal, laboratorios pyrotechnicos e hospital, e bem assim a organisação do corpo de artilharia de posição, de que era commandante, instruindo tambem no exercicio da mesma arma algumas companhias de milicias da capital. Por decreto de 23 de abril de 1822, foi promovido ao posto de major commandante do referido corpo de artilharia de 1ª linha.

De 1822 a 1823 esteve encarregado da defesa de toda a costa da provincia, fortificando os differentes pontos susceptiveis de desembarque, quando as tropas luzitanas occupavão a Bahia, empregando-se com preferencia no districto de Maceió, ponto principal não só pelo seu porto, mas por estar a corveta «Maceió» no estaleiro, quasi prompta, que elles pretendiam roubar ou incendiar, como communicou o general Labatut; e as expedições que da côrte foram para o exercito do Reconcavo, ahi acharam a mesma coadjuvação, porque, autorisado pelo governo da provincia, apromptou todo o trem de guerra de que se podia dispôr, e de que aquelle exercito precisava para o honroso fim a que se destinava.

Creou o 4º corpo de artilharia a cavallo, refundindo o referido corpo de artilharia a pé, levando-o a seu estado completo, e o conservou instruido e bem disciplinado até que foi dissolvido pela nova organização dada ao exercito em 1831.

Sempre obediente ás autoridades legalmente constituidas, esteve ao lado do governo da provincia, quando em 6 de dezembro de dito anno de 1823, pretenderam depol-o os do partido contrario que tinham instaurado em Porto-Calvo o governo chamado — temporario.

Por portaria do commando das armas de 14 de julho de 1824, foi encarregado da defesa da villa de Maceió, e de assumir o commando de todas as baterias de mar e

terra, occupando-se tambem da defesa e fortificação da costa, afim de obstar com energia e vigilancia o desembarque de tropas portuguezas, que se esperavam para recolonisar o Brasil, commissão esta que exerceu com o corpo de seu commando por espaço de 6 annos.

Jurou a constituição politica do imperio nesse mesmo anno promulgada, e por decreto de 4 de janeiro de 1825, foi promovido a tenente-coronel, continuando no mesmo commando.

Por officio do presidente da provincia, de 19 de abril de 1828, foram-lhe reiteradas as ordens que já tinha para defesa da costa da mesma provincia, por constar que alguns navios corsarios pretendiam assaltar algumas das povoações do littoral; sendo pelo mesmo officio elogiado pelo zelo e actividade com que desempenhava as commissões a seo cargo.

Por decreto de 18 de outubro de 1829 foi graduado no posto de coronel para o mesmo corpo, dissolvido o qual em 1831, recolheu-se á côrte do Rio de Janeiro, onde tambem servio no «Batalhão de Officiaes», commandando a 8ª companhia, e quando circumstancias melindrosas se apresentaram, foi designado por despacho de 2 de janeiro de 1834, para commandar a fortaleza de Santa Cruz, onde exhibiu-se como perfeito artilheiro.

Por aviso do ministerio da guerra de 12 de março de 1837, foi suspenso do dito commando, e esteve preso em consequencia de haverem fugido dois presos da dita fortaleza, e que estavam sob sua responsabilidade; sendo posto em liberdade a 8 do mez seguinte, reassumiu aquelle commando a 20 de maio, por se ter reconhecido no conselho de investigação a que se procedeu, não estar compromettido na alludida fuga.

Por decreto de de 12 de setembro do referido anno de 1837 foi promovido á effectividade do posto de coronel.

Por aviso do ministerio da guerra de 2 de fevereiro de 1840 respondeu a conselho de investigação por ter deixado aprisionar por um patacho de guerra inglez um brique portuguez á vista das baterias da fortaleza sob seu commando; mas pelo mesmo conselho foi reconhecido não haver materia que servisse de base ao processo do conse-

lho de guerra, por ter seguido as instrucções que havia recebido.

Per decreto de 10 de junho do mesmo anno, foi exonerado do commando da fortaleza de Santa Cruz e nomeado commandante da de Villegagnon, sendo por decreto de 2 de dezembro de 1841, condecorado com a commenda da ordem militar de S. Bento de Aviz.

Deixou o commando da fortaleza de Villegagnon, onde prestou valiosos serviços, fazendo augmentar a arrecadação dos impostos sobre a ancoragem dos navios nacionaes e estrangeiros no porto desta capital, por haver sido, por decreto de 9 de maio de 1842, nomeado director do arsenal de guerra da côrte.

Graduado no posto de brigadeiro, por despacho de 11 de setembro do anno seguinte, continuou no exercicio de director do referido arsenal até o dia 21 de outubro de 1844. em que foi exonerado, por haver, por decreto da mesma data, reassumido o commando da fortaleza de Santa Cruz.

Promovido á effectividade do posto de brigadeiro, por decreto de 7 de setembro de 1847, continuou no alludido commando até o dia 4 de setembro de 1851, data em que foi removido para identico cargo na fortaleza de S. João desta capital, sendo elogiado em ordem do dia do governador das armas, por haver bem desempenhado aquelle commando.

Por decreto de 1º de março de 1855 foi dispensado do commando da fortaleza de S. João, sendo elogiado na mesma data, pelo modo com que se conduzio no dito emprego, e agradecido pelo governo pela cooperação e conselho que sempre prestou durante o tempo que commandou a dita fortaleza e a de Santa-Cruz.

Em 30 de junho do mesmo anno foi nomeado commandante interino do corpo de estado-maior de 1ª classe, o qual deixou a 25 de setembro de 1856, sendo louvado pelo estado lisongeiro em que se achava todo o archivo do mesmo corpo quando o entregou ao seu successor.

Por decreto de 2 de dezembro do mesmo anno, foi promovido a marechal de campo, continuando a residir na côrte, onde falleceu a 1º de fevereiro de 1859.

João Frederico Caldwell

Natural de Santarem, bispado de Lisbôa no reino de Portugal, onde vio a luz no decorrer do anno de 1801, João Frederico Caldwell, filho legitimo do tenente-general Frederico Caldwell, assentou praça de 1º cadete no 1º regimento de cavallaria da côrte do Rio de Janeiro, a 10 de setembro de 1810.

Por carta regia de 21 de janeiro do anno seguinte, foi promovido a alferes aggregado para o mesmo regimento.

Em 1817 seguiu para a provincia de Pernambuco, fazendo parte da expedição do general Luiz do Rego, destinada a combater a revolução republicana, promovida a 6 de março do dito anno.

Regressando ao Rio de Janeiro foi, por decreto de 12 de outubro de 1820, promovido a tenente para o mencionado regimento de cavallaria.

No anno seguinte, abraçando a causa dos que almejavam a independencia do Brasil, assignou o celebre manifesto que em 9 de janeiro o povo devia levar ao Senado da Camara, para que esse o apresentasse ao principe D. Pedro, no intuito de obter que esse principe declarasse francamente que ficava no Brasil.

Por decreto de 16 de abril de 1823, foi promovido a capitão para o alludido 1º regimento e, no anno seguinte, partio para o norte, no esquadrão do mesmo regimento, incorporado ás forças do coronel Lima e Silva, que se destinavam a suffocar mais uma revolução republicana da então provincia de Pernambuco, pelo que, por despacho de 12 de outubro, obteve a medalha de distincção concedida aos que compuzeram o chamado «Exercito Cooperador da Boa Ordem» da mencionada provincia.

Recolhendo-s a côrte no anno seguinte, partio sem mais demora para o Rio Grande do Sul, para onde, como já vimos, havia embarcado o seu regimento, que passou a pertencer ao exercito em operações contra os revolucionarios da então provincia Cisplatina.

Os seus serviços nessa campanha, como o seu com-

portamento civil e militar, estão consignados no documento firmado pelo legendario Bento Gonçalves da Silva, que aqui reproduzimos na integra :

« Bento Gonçalves da Silva, — cavalleiro da ordem do Cruzeiro e de Christo, — condecorado com as medalhas da campanha do sul, — coronel de cavallaria de 2ª linha do Cerro Largo, e commandante da 2ª brigada ligeira, por Sua Magestade, etc.

« Attesto que o capitão do 1º regimento de cavallaria da côrte João Frederico Caldwell, serviu de major de brigada na 2ª brigada ligeira do meu commando, desde o dia 19 de setembro do anno 1826, até esta data. Este honrado militar não só desempenhou as obrigações de seu cargo, como serviu de instructor aos trez corpos de que se compunha a «brigada», deixando-os quasi em estado de tropa de 1ª linha, tanto em manobras como do espadão, apezar de andarem sempre na frente do inimigo. Achou-se na batalha de 20 de fevereiro e em todos os encontros que teve a brigada em diversas occasiões, onde mostrou presença de espirito, desempenhando quanto lhe ordenei com actividade. E' subordinado e de exemplar conducta, tanto militar como civil, fazendo-se por tudo digno das graças e mercês de sua magestade imperial.

Para que possa apresentar este onde lhe convenha, lhe mandei passar a presente indo por mim assignada. — Acampamento nas Pedras-Altas, 31 de outubro de 1827. — *Bento Gonçalves da Silva,* coronel commandante ».

Por decreto de 12 de outubro do dito anno foi promovido ao posto de major para o 3º regimento de cavallaria de 2ª linha, recolhendo-se em seguida á côrte do Rio de Janeiro, por ordem superior.

Tendo requerido ao governo para ir novamente servir no exercito do sul, obteve informações contrarias a tal pretenção, que sendo indeferida, deu, não obstante, logar a que o imperador o mandasse louvar « pelos seus sentimentos e offerecimentos, conforme se vê do aviso de 10 de junho de 1828, resultando mais que, por se achar vago o logar de major do 1º regimento de cavallaria da côrte, fosse para elle transferido, por decreto de 29 de

julho do mesmo anno, assumindo as suas funcções logo que o dito regimento regressou da campanha, tendo de ser novamente organizado, pois apenas aqui chegou, o que em linguagem militar se denomina o — casco.

Vivendo nesta capital com as mais serias difficuldades, não só quanto aos meios necessarios á subsistencia de sua familia como tambem pelas despezas a que era obrigado, por ter de se apresentar diariamente com a devida decencia em o seu quartel e na côrte, apresentou em 1829 um requerimento de troca com o major José Feliciano Neves Gonzaga, do 1º regimento de cavallaria de 2ª linha.

Informando tal pretenção, o seu commandante, o então coronel Xavier de Silva Cabral, depois barão de Itapagipe e marechal de exercito, assim se expressou :

« Cumpre-me informar que o serviço de S. M. I. e o deste regimento perdem muito com a troca do supplicante, tanto por se encontrar neste official muito boas qualidades, intelligencia e aptidão, para tudo quanto é tendente ao serviço como para o campo, etc., etc.

Em 4 de janeiro de 1830 foi indeferido o seu pedido, continuando a bem servir a sua patria, si bem que cada vez mais onerado pelos compromissos de excellente chefe de familia e de militar brioso e altamente disciplinado.

Extincto o 1º regimento de cavallaria a que pertencia, e achando-se em difficuldades para poder manter sua familia na sua qualidade de — official avulso —, requereu ao governo da regencia o mandasse servir na provincia do Rio Grande do Sul, como bem conviesse ao serviço nacional, e sendo despachada favoravelmente tal petição em 14 de fevereiro de 1834, seguiu dias depois para aquella provincia.

Tendo resolvido fixar residencia na villa de Jaguarão nella se apresentou em o seguinte mez de abril, justamente na occasião em que o chefe politico do vizinho Estado Oriental pretendeu pertubar a paz na fronteira, dirigindo ameaças ao pavilhão nacional, o que deu logar fosse reunida toda a guarda-nacional, pelo que incontinenti poz-se ás ordens do commandante da guarnição e fronteira, coronel Bento Gonçalves da Silva, sob cujo

commando, como vimos, já havia servido durante a ultima campanha. Este coronel, acolhendo com a maior satisfação o seu patriotico offerecimento, deu-lhe a incumbencia de instruir e disciplinar os referidos guardas nacionaes, cooperando assim para o feliz resultado de se ter formado uma forte barreira ás tentativas que pudesse haver da parte dos orientaes.

Depois de serenados os animos nessa parte da nossa fronteira do sul, obteve em 11 de novembro, o então *major avulso* Frederico Caldwell, dois mezes de llcença para tratar de negocios de seu particular interesse nesta capital, onde havia deixado sua já não pequena familia; licença esta que foi prorogada para o mesmo fim até o seguinte anno de 1835.

Cumpre-nos agora relatar um facto que não deixará por certo de causar admiração: Depois de ter, o abnegado major Frederico Caldwell, elevado a guarda nacional de Jaguarão « áquelle gráo de disciplina, apesar da má estação e privações, empregando-se com aquella energia propria de seu caracter e interesse unico em bem servir a nação, e já na côrte do Rio de Janeiro, foi que veio a saber que, pelo governo da regencia, havia sido expedida ordem á principal autoridade do Rio Grande do Sul para que não se lançasse mão delle para emprego algum.

Verificando que por tal modo tinha sido posta em duvida a sua fidelidade de brasileiro, em acto continuo dirigio-se ao referido governo pedindo « fosse aniquilada uma ordem tão injusta, quanto offensiva á honra e caracter de honrado militar », petição esta que teve em 27 de fevereiro do referido anno o seguinte despacho: *que tendo cessado os motivos que deram lugar ao aviso de 18 de fevereiro de 1834, que o empreguem se julgar conveniente.*

Tal solução demonstra claramente que, como muitos outros militares, o major Caldwell, por ter sido amigo do primeiro imperador deposto a 7 de abril de 1831, deixou de merecer por algum tempo a confiança dos homens que governaram este paiz em nome do imperador D. Pedro II.

Veremos, porém, nas linhas que seguem como os factos se encarregaram de demonstrar a sua lealdade e compenetração dos seus deveres para com a sua patria

adoptiva, como militar disciplinado que era, ficando bem patente que, por não o conhecerem de perto, foram levados a determinar a expedição de tão deprimentes ordens.

Concluida a sua licença, embarcou para a cidade do Rio Grande do Sul onde, por se achar desempregado, sem recurso portanto para manter sua familia e educar os seus filhos, utilisou-se da licença que lhe foi concedida na fórma da lei, para empregar-se em alguns negocios que pudessem concorrer para fazer face áquellas inadiaveis despezas ; eis porém que se pronunciaram em revolta na cidade de Porto-Alegre em setembro desse anno, os do partido adverso ao ex-presidente dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga que, como sabemos, passou-se para a cidade do Rio Grande, onde chegou com penosa viagem, a 28 do dito mez, encarregando-o dias depois do commando das forças de todo o municipio para que o sustentasse fiel á legalidade. Embarcando, porém, o dito ex-presidente a 20 de outubro com destino á côrte, ordenou-lhe que o acompanhasse, ficando assim abandonados os seos proprios negocios.

Nesta capital esteve o major Caldwell aguardando ordens do ministerio da guerra para regressar áquella provincia, até que, por aviso de 23 de dezembro, contra a sua expectativa, foi mandado seguir na expedição destinada a bater os revoltosos da provincia do Pará.

A ter de cumprir esta determinação, mais distanciado se acharia dos seus negocios bruscamente abandonados na cidade do Rio Grande do Sul, em virtude das occurrencias mencionadas, e no louvavel intuito de pugnar pelos seus interesses sem procurar eximir-se dos deveres impostos pela sua patente de major avulso, endereçou em 28 do dito mez um requerimento ao governo da regencia em que « sem expressar os seus sentimentos onde conviria mais ao serviço nacional o seu prestimo, em qualquer das duas provincias indicadas ou em qualquer outro ponto do imperio, porquanto o seu rigoroso dever era obedecer, se a equidade se pudesse conciliar com o servico, pedia a S. M· em consideração ao expendido e por effeito de beneficencia, não ter effeito o aviso de 23 e lhe concedesse

julho tudo de 1845, nomeado commandante das armas da provincia do Pará, recolhendo-se então á côrte do Rio de Janeiro, de onde partiu para o norte do imperio a 15 de novembro do mesmo anno.

Chegando ao seu destino, tomou posse do referido commando na cidade de Belém, em janeiro do anno seguinte, e o exerceu até o dia 2 de setembro, por ter recebido o decreto de 3 de agosto, que o exonerou, sendo louvado pelo bem que desempenhráa essa commissão.

Apresentando-se á repartição da guerra nesta capital, teve ordem de seguir para o Rio Grande do Sul, para onde partiu a 28 de outubro, sendo por decreto de 15 de novembro, tudo do anno de 1846, graduado no posto de brigadeiro.

Em 13 de janeiro do anno seguinte, assumio o commando da guarnição e fronteira de Bagé, onde recebeu a patente de brigadeiro effectivo do exercito, passada em virtude do decreto de 23, e bem assim a de commandante das armas da provincia, para que fôra nomeado em despacho de 24 de julho do mesmo anno.

Assumindo o dito commando na cidade de Porto Alegre, nelle se conservou até o dia 18 de abril de 1848, data em que chegou á mesma cidade o decreto de 18 de março do mesmo anno, que o exonerou desse cargo, sendo louvado pelo govorno imperial pela zelo com que nelle se houve.

Por ordem do mesmo governo, de 6 de março de 1850, tornou a assumir interinamente aquelle commando, que deixou para exercer o de quartel-mestre-general do exercito do sul, que exerceu até julho do seguinte anno, passando, pela ordem do dia do commando em chefe de 28 de agosto, a commandar a 2ª divisão do mesmo exercito, com a qual marchou pera a campanha do Estado Oriental do Uruguay.

Por decreto de 14 de março de 1852 foi condecorado com a medalha de ouro dos officiaes generaes, concedida aos que compuzeram o exercito em operações na referida republica, sendo por outro de 30 de abril seguinte, promovido a marechal de campo.

Nomeado em 26 de janeiro do anno seguinte para

commandar as armas da provincia do Rio Grande do Sul, tomou posse deste cargo em Porto-Alegre a 5 de março, sendo por decreto de 2 de dezembro de 1854, nomeado dignitario da ordem imperial do Cruzeiro. Deixou o alludido commando em 28 de abril de 1856, por ter sido por despacho de 13 de março transferido para identico cargo na côrte do imperio.

A 18 de fevereiro de 1857, deixou este ultimo commando, sendo por aviso do ministerio da guerra do dia seguite, louvado em nome do imperador, pelo bem com que o desempenhou e seguio, a 28 do mesmo mez, para a provincia do Rio Grande do Sul, assumindo na capital a 15 de março seguinte, o respectivo commando das armas, o qual exerceu até o dia 31 de dezembro de 1859, recebendo nesse posto a nomeação de dignitario da ordem da Rosa, pelos serviços militares prestados na mesma provincia.

Por decreto de 7 de novembro foi nomeado commandante das armas do Rio Grande do Sul, sendo por outro de 2 de dezembro, tudo de 1860, graduado em tenente-general, e despachado commendador da ordem militar de S. Bento de Aviz.

Exonerado do dido commando, por decreto de 20 abril de 1864, recolheu-se á côrte do imperio, onde por despacho de 18 de maio assumio a 2ª directoria geral da secretaria de estado dos negocios da guerra (ajudante general do exercito), cargo este que deixou, porque tendo seguido para o Estado Oriental, commandando o exercito do sul o marechal João Propicio, foi designado para mais uma vez assumir o commando das armas da provincia do Rio Grande do Sul, que então se achava com as suas fronteiras ameaçadas de uma invasão.

A' 9 de janeiro do anno seguinte, chegou áquelle destino, e assumiu o dito cargo, providenciando energicamente para a reunião dos guardas nacionaes em diversos pontos, designando officiaes do exercito para servir-lhes de instructores do novo armamento distribuido, e bem assim ordenou que fosse fortificada a então villa de Uruguayana, e que se organizasse a policia e defesa do rio que a separa dos nossos visinhos do Prata.

A' frente de todas as forças mobilisadas na campanha do Rio Grande, achava-se o brigadeiro honorario David Canavarro, com quem procurou entender-se o tenente-general Caldwell, sobre a defesa da provincia, e de facto a elle reuniu-se no dia 9 de julho em o seu acampamento no *Ibiraocahy*, de onde marchou a 16 para o passo Santa Maria no Ibicuhy, e para onde se dirigiam então os invasores paraguayos, depois de terem saqueado a villa de Itaqui.

Avistaram o inimigo a 19, achan-do-se aquelle brigadeiro a 4 leguas á rectaguarda, pelo que a 21 fez reunir o conselho de guerra, do qual faziam parte, além do mencionado brigadeiro, os coroneis Alves Valença e João Manoel Menna Barreto, e nessa occasião demonstrou a necessidede de atacar sem demora o audacioso chefe Estigarribia, ao que declarou o brigadeiro Canavarro que sua opinião era hostilizal-o em marcha, aguardando-se para atacal-o quando estivessem reunidas as tropas que eram esperadas, cujo effectivo era calculado em 1.500 praças, no que ficaram de accôrdo.

Pela ordem do dia do gabinete do ministerio da guerra, na cidade de Porto Alegre de 27, tudo do referido mez de julho, foi nomeado para exercer as funcções de ajudante-general do exercito junto ao mesmo ministerio, ficando dispensado do commando das armas da provincia.

No dia 5 de agosto reunio o general Caldwell, pela segunda vez, em conselho todos os commandantes de divisão e brigadas, e lhes propoz francamente que a sua opinião era que se devia atacar o inimigo antes que elle invadisse a villa de Uruguayana ; nada porém se resolveu nesse sentido, tendo os paraguayos se apoderado de tão importante posição, com a maior tristeza para o velho general que, sob tão dolorosa impressão redigio o seguinte officio :

« Illmo. e Exmo. Snr.— E' sob a pressão da mais acerba dôr, que apresso-me o communicar a V. Ex. o que acaba de passar-se ha pouco na divisão do brigadeiro David Canavarro, a cuja frente me acho pelas circumstancias afflictivas por que está passando esta provincia.

« Esta divisão, como V. Ex.ª sabe, é composta das tres

armas, e forte de mais de sete mil homens; e posto que, á exepção de dois batalhões de infanteria do exercito, seja composta da guarda civica do paiz, todavia tentei atacar o inimigo, que, segundo observações e probabilidades, não póde exceder de tres mil combatentes das tres armas, preponderando consideravelmente a de infanteria.

«Isto mesmo já V. Exª, como é natural, saberá pelas minhas participações á presidencia da provincia, assim como que tenho visto frustadas as minhas tentativas a respeito por mais de uma vez ; porém, podendo succeder que V. Exª ignore que tivemos occasião propicia em que me propuz a libertar esta provincia dos seus barbaros invasores, remetto a V. Exª a inclusa cópia da carta que dirigi ao Sr. Canavarro, cuja resposta contrariou-me extraordinariamente, pela formal recusa que ella mereceu ; e ainda mais, por dizer o mesmo brigadeiro que estava desejoso de atacar o inimigo.

« Ao darem-se todos estes episodios, acompanhados de algumas circumstancias, que por tediosas agora excuso-me de relatar a V. Exª, tenho todavia a grata esperança de poder em breve annunciar a V. Exª a completa derrota dos vandalos que profanam o sólo sagrado de nossa patria; hoje, porém, vejo obliterado do meu coração semelhante confiança, calculando V. Exª o como me acho em completo desapontamento.

« O exercito paraguayo, com passo ufano, marchava das pontas do Imbahá para a nossa florescente villa de Uruguayana ; não pude encaral-o ; tentando um ultimo esforço, chamei á minha presença os commandantes das divisões e brigadas, para concertarmos o plano de atacar tão arrojado commettimento ; todos, á excepção do barão de Jacuhy, responderam-me sem preambulos, que achavam impossivel o podermos derrotar o inimigo, a menos que tivessemos mais quatro mil homens de infanteria ! E o mais acerrimo nesta opinião era o proprio brigadeiro David Canavarro ! ! !

«Foi assim que, de braços cruzados, vi impassivel a Uruguayana em poder do inimigo.

« *Ha dous dias li a carta de V. Exa., dirigida ao já citado brigadeiro, na qual lhe recommendava que não arriscasse*

uma batalha sem todas as probabilidades de triumpho. A linguagem desta carta actuou tanto no meu espirito que ainda me acho á frente desta força em completa expectativa, e que hoje mesmo mandei reforçar a 2ª divisão ao mando do bravo e heroico barão de Jacuhy.

. . . . . .

«Deus guarde a V. Exa.—Quartel-general do commando interino das armas da provincia de S. Pedro do Sul, em frente a Uruguayana, 5 de agosto de 1865. — Illmo. e Exmo. Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, ministro da guerra.—*João Frederico Caldwell*, tenente-general graduado.

Derrotada a columna paraguaya do chefe major Duarte, na margem direita do rio Uruguay, pelas forças alliadas na acção de 17, junto ao arroyo Yatahy, e achando-se completamente sitiada em Uruguayana a do tenente-coronel Estigarribia, endereçou-lhe o tenente-general Caldwell no dia 20 um officio, intimando-o a depôr as armas entregando-se com toda a sua columna, promettendo-lhe seriam respeitados e tratados como prisioneiro de guerra.

A esta intimação de que fôra portador o tenente paraguayo de nome Zarrilla, que havia sido feito prisioneiro em Yatahy, respondeu pela negativa o mencionado Estigarribia e terminava o seu officio dizendo :

«Se as forças de que V, Ex. dispõe são tão numerosas, como assevera, venha, e saberá então o que devem esperar o Imperio do Brasil e os seus alliados do soldado paraguayo, que sabe morrer gloriosamente perto de sua bandeira, porém jámais se render».

No dia seguinte assumio o commando em chefe de todas as forças que sitiavam a villa de Uruguayana, o tenente-general reformado barão de Porto-Alegre, e a 31, tudo do referido mez de agosto, chegaram os chefes almirante Tamandaré e generaes alliados Venancio Flores e Paunero que, depois de conferenciarem por mais de uma vez, resolveram, no dia 2 do seguinte mez de setembro, mandar nova intimação ao chefe sitiado para render-se, á qual respondeu negativamente no dia 5.

No dia 11 chegava o imperador ao acampamento das forças alliadas, onde já se achava tambem o general Mi-

tre, presidente da Republica Argentina. Depois de tomadas as necessarias providencias em as quaes foram sempre acatadas pelos generaes alliados as judiciosas opiniões de D. Pedro II, approximaram-se das trincheiras da villa sitiada no dia 18 todas as forças alliadas que subiam então a 17.346 combatentes, dos quaes 12.393 brasileiros com 22 boccas de fogo, 3.802 argentinos com 24 canhões e 1.220 orientaes com 8 peças.

No centro dessas columnas viam-se o imperador acompanhado do ministro da guerra, de seu genro marechal conde d'Eu, do tenente-general Caldwell e dos seus respectivos ajudantes de campo e de ordens.

Depois de meio-dia foi dirigida ao chefe Antonio Estigarribia a intimação feita em nome do imperador e dos generaes alliados para que se rendesse sem condições, porque já havia repellido as mais honrosas que lhe haviam sido offerecidas pelas forças alliadas, ao que se submetteo pelo modo porque veremos nas paginas seguintes.

Tendo sido acceitas, com algumas restricções, as proposições do official paraguayo, se lhe enviou pelo proprio ministro da guerra acompanhado do tenente-general Frederico Caldwell e mais 2 officiaes a seguinte resposta:

«Os generaes alliados concedem e admittem a 1ª e 3ª condições sem restricções e quanto á 2ª resolveram que: *Os officiaes de qualquer categoria se renderão, não podendo sahir da praça com armas, sendo-lhe livre escolher para sua residencia qualquer lugar que não pertença ao territorio paraguayo.* — Uruguayana, 18 de setembro de 1865, ás 2 1/2 horas da tarde. — Pelos chefes alliados, o ministro da guerra do Imperio do Brasil. — *Angelo Moniz da Silva Ferraz.*»

Depois de terem penetrado na villa os alludidos emissarios, regressaram horas depois com a resposta escripta do tenente-coronel Estigarribia acceitando todas as restricções, tendo assim se restaurado nesse grande dia essa parte do territorio nacional manchado pela occupação de tropas estrangeiras, recolhendo-se em seguida á côrte do Rio de Janeiro o imperador e toda a sua comitiva. O tenente-general Frederico Caldwell continuou, porém, no exercicio de chefe do estado-maior do exercito sob o

commando do seu collega barão de Porto-Alegre até o dia 28 de janeiro de 1866, em que foi delle dispensado na villa de S. Borja, por determinação do ministerio da guerra, de 3 de outubro do anno anterior, com a clausula de «logo que estivesse definitivamente organizado este exercito» regressasse para a côrte afim de exercer o seu cargo de ajudante-general do exercito, sendo nessa occasião agradecidos os valiosos serviços que até então prestára no circulo de suas attribuições com franco, leal e dicidido interesse.

Por decreto de 22 do referido mez foi promovido á effectividade do posto de tenente-general, reassumindo o cargo de ajudante-general do exercito a 16 de outubro, tudo do referido anno de 1866.

Nomeado grão-cruz da ordem militar de São Bento de Aviz por decreto de 20 de março de 1867, recebeu tambem a medalha commemorativa da rendição de Uruguayana.

Em 1870, por decreto de 29 de setembro, foi nomeado ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, de cujo cargo foi exonerado, a seu pedido, a 10 de novembro do mesmo anno, sendo nomeado conselheiro de guerra por decreto de 18 de fevereiro do anno seguinte, continuando no exercicio de ajudante-general do exercito até o dia do seu fallecimento, que teve logar nesta capital, a 1 hora e 25 minutos da tarde de 26 de fevereiro de 1873, sendo sepultado no dia seguinte, ás 10 horas da manhã, no cemiterio de S. Francisco Xavier, com todas as honras a que tinha direito pela sua alta patente.

João José da Costa Pimentel

O marechal de campo, João José da Costa Pimentel, filho do tenente José Maria da Costa Pimentel, nasceu em 1802, no Rio de Janeiro, onde assentou praça de 1º cadete no 3º regimento de infanteria de linha a 15 de abril de 1817 e seguiu voluntariamente no mesmo mez para a provincia de Pernambuco, fazendo parte da expedição destinada a suffocar a revolta republicana que ficou denominada—6 de março de 1817.

Regressando do Recife incorporado ao batalhão de granadeiros, em 1818, foi transferido para o 1º corpo de artilharia de posição em consequencia de ter o primeiro anno mathematico da academia militar, cujo curso geral completou em 1826. sem interrupção de um só anno, com approvações plenas, sendo premiado.

Em janeiro de 1820 passou para a companhia de mineiros, sendo, por decreto de 4 de novembro do mesmo anno, promovido a 2º tenente e a 12 de outubro de 1822 elevado a 1º tenente para o regimento de artilharia da côrte e a capitão da 6ª companhia do mesmo regimento, por despacho de 20 de junho de 1823.

Em 1830, por decreto de 12 de janeiro, foi promovido a major para o 2º corpo de artilharia de posição sendo nomeado cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro, por despacho de 17 de agosto do mesmo anno.

Durante os acontecimentos que precederam ao — sete de abril de 1831 — muito se salientou o major Costa Pimentel, desde a celebre noite de 13 de março (das garrafadas) em que, achando-se de «superior de dia á praça», expoz-se nas ruas da Quitanda e Direita(hoje 1º de março), galopando por entre os amotinados que reagiam contra os portuguezes, «para salvar a effusão de sangue dos seus patricios».

Deixou o serviço activo por motivo de molestia, a elle revertendo em dezembro do mesmo anno de 1831 continuou a prestar serviços no corpo a que pertencia até que, por decreto de 13 de janeiro de 1835, passou a commandar o corpo de artilharia de marinha.

Promovido a tenente-coronel por despacho de 15 de setembro de 1837 e condecorado com a venéra de cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz, por decreto de 4 de março de 1839, por outro de 2 de dezembro do mesmo anno foi graduado em coronel, continuando no mesmo commando.

Elevado de cavalleiro a commendador da ordem de São Bento de Aviz por despacho de 18 de julho, por outro de 2 de dezembro, de 1841, foi promovido á effectividade do posto de coronel.

Tendo o imperador visitado o aquartelamento do

corpo sob seu commando, o mandou louvar em aviso de 9 de fevereiro de 1842, pelo asseio e bom arranjo em que foram encontradas todas as suas dependencias.

Por aviso de 21 de maio do mesmo anno foi nomeado para ir em commissão á provincia de S. Paulo, assumindo o commando das forças em operações na comarca de Curityba por occasião da revolta da mesma provincia, commissão esta que desempenhou a contento do governo, pelo que em aviso de 4 de agosto, ao ser della exonerado, foi louvado em nome do imperador e bem assim no relatorio do ministerio da guerra apresentado á assembléa geral legislativa no anno seguinte.

Por decreto de 29 de agosto do referido anno de 1842 foi nomeado commandante das armas da provincia de Minas-Geraes, «onde teve de apagar a lava da guerra civil, ainda ateada no sertão da provincia, mormente na comarca de Paracatú, cujas autoridades assim como grande numero de cidadãos haviam emigrado para a capital.

Exonerado desse commando, em abril de 1843, continuou no corpo de artilharia de marinha, sendo por decreto de 12 de outubro de 1848, transferido para o estado maior de 1ª classe do exercito, e em dezembro do mesmo anno seguio para Pernambuco onde assumio o commando do 2º batalhão de artilharia a pé.

Como sabemos, achava-se essa provincia em estado de guerra promovida pela reacção do partido politico denominado — Praeiros — contra o que se achava no poder. Em 4 de janeiro de 1849 foi o coronel Costa Pimentel encarregado do commando militar da comarca de Nazareth para onde seguiu, tendo d'ahi providenciado de modo que no mez seguinte evitou que os rebeldes passassem para o norte da provincia, sendo louvado pelo respectivo presidente pela bravura e dedicação que desenvolveu na acção do dia 2 do mesmo mez, e especialmente pela rapidez com que marchou de Nazareth em soccorro da capital, tomando logo parte no combate, e tambem pela presteza com que fizera realizar o projecto da creação de uma companhia de cavallaria de voluntarios em Nazareth, approvando o plano que delineara para bater o inimigo.

Em 9 marchou em direcção ao Pasmado para atacar os rebeldes, e a 15 foi louvado pelo general commandante em chefe pela maneira distincta porque se houve a força sob seu commando no ataque do Páo-Amarello no dia 13, e o presidente da provincia em seu officio de 17 declaron importante os serviços que estava prestando á pacificação da provincia, e que esperava do seu zelo a continuação, e em officio de 24, tudo do referido mez de fevereiro, agradeceu-lhe o cuidado de participar-lhe as noticias das forças legaes que perseguiam os rebeldes, louvando-o pela sua dedicação e lealdade.

Por decreto de 14 de março, o imperador D. Pedro II houve por bem nomeal-o commendador da ordem da Rosa, e o referido presidente declarou em officio de 29 do mesmo mez, esperar que mediante o extremado zelo com que se dedicava ao serviço publico nada pouparia para que se completasse a pacificação da provincia de Pernambuco.

Nomeado, por decreto de 9 de junho, tudo do referido anno de 1849, para commandar as armas da provincia de Matto-Grosso, deixou a de Pernambuco, e ao passar pela côrte recebeu a carta imperial de 11 do mesmo mez que o nomeava presidente daquella provincia onde assumio os dois cargos a 8 de setembro, exercendo-os até o anno de 1851 em que regressou á côrte do Rio de Janeiro, assumindo em agosto a directoria do hospital militar.

Deixou este ultimo cargo a 18 de setembro, por ter sido nomeado para tomar o commando da força do exercito destacada no Rio da Prata, para onde seguio, e ao deixar o dito commando foi em nome do commandante em chefe do exercito, no Estado Oriental do Uruguay, elogiado pelos seus bons serviços, sendo por decretos de 14 de março e 25 de setembro de 1852 condecorado com a medalha de ouro concedida aos que fizeram a campanha do Uruguay e graduado no posto de brigadeiro.

Achando-se nesta capital, foi nomeado director interino do arsenal de guerra, por despacho de 20 de setembro, e por decreto de 2 de dezembro, tudo de 1855, foi promovido á effectividade do posto em que era graduado.

Nomeado commandante das armas da provincia de

Pernambuco, por despacho de 2 julho, para alli seguio, assumindo no Recife, a 4 de agosto, tudo de 1857, o dito commando, que deixou a 8 de maio por ter sido, por decreto de 3 de abril do seguinte anno, transferido para identico cargo na provincia da Bahia e do qual foi exonerado a 25 de novembro, recolhendo-se então á côrte.

Por decreto de 14 de março de 1861 foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar e por outro de 2 de dezembro do mesmo anno foi promovido a marechal de campo.

No seguinte anno de 1862 falleceu nesta capital a 25 de agosto, tendo dias antes recebido da munificencia de D. Pedro II, o titulo de mercê do fôro de fidalgo cavalleiro da casa imperial.

João Paulo dos Santos Barreto

A 30 de abril de 1788 nasceu no Rio de Janeiro João Paulo dos Santos Barreto, filho legitimo de João Paulo dos Santos.

Possuindo seu pae alguns bens da fortuna, tratou com esmero da sua educação, tendo em vista os seus bem pronunciados dotes intellectuaes, assim é que em sua infancia dedicou-se o joven João Paulo aos estudo da grammatica latina, rhetorica e philosophia e bem assim aos das linguas franceza, ingleza e italiana, tudo com o fim de seguir para a Europa afim de obter o diploma de doutor em leis pela Universidade de Coimbra.

Aconteceu, porém, que pelos acontecimentos politicos que se desenrolaram na peninsula Iberica se lhe difficultassem os meios de preencher sua carreira litteraria, e vendo que em nenhuma outra poderia mais honrosamente servir á sua patria, resolveu seguir a das armas, pelo que assentou praça voluntariamente e jurou bandeira no regimento de artilharia do Rio de Janeiro a 21 de dezembro de 1807, sendo então vice-rei dos estados do Brasil o conde dos Arcos.

Promovido a primeiro-sargento dois dias depois de verificar praça, pelas suas habilitações, applicou-se ao estudo da mathematica, completou o de Mr. Bellidor, que

era então o adoptado no dito regimento, merecendo pela sua assidua applicação ser elevado ao posto de 2º tenente para a 5ª companhia do alludido regimento, por decreto de 17 de dezembro de 1808. Achando-se vago o posto de 1º tenente da 3ª companhia, foi para elle proposto e approvado em 13 de maio de 1810, em consequencia da opposição que fez em concurso aos demais 2.os tenentes.

Tendo sido estabelecida na côrte do Rio de Janeiro depois da chegada do principe regente D. João VI, a «Real Academia Militar», nella se matriculou para completar os seus estudos militares, o que effectivamente conseguio, merecendo, além das approvações plenas desde o 1º até o 5º anno, cinco *dos partidos* destinados pelo mesmo principe regente para os mais benemeritos academicos em cada um dos annos.

Tendo completado o curso de engenharia nessa academia, passou no mesmo posto de 1º tenente para a companhia de mineiros do dito regimento, por decreto de 17 de dezembro de 1815.

Em 1817 seguio na expedição destinada a bater os revoltosos de Pernambuco, embarcando nesta capital a 18 de abril. Tendo alli prestado os melhores serviços de sua profissão durante a lucta, restabelecida a paz regressou ao seu quartel onde apresentou-se a 1º de fevereiro de 1818, sendo por decreto de 6 do mesmo mez e anno graduado no posto de capitão para o real corpo de engenheiros e nomeado lente substituto da academia militar.

Confirmado no posto de capitão, por despacho de 31 de março, partio no anno seguinte em diligencia sob as ordens do tenente-general Francisco de Borja Gastão Stockler, para fazer o reconhecimento militar da provincia do Rio de Janeiro e projectar as fortificações para a defesa maritima e central da mesma provincia.

Por decreto de 22 de Janeiro de 1821 foi promovido a major, e nesse mesmo mez foi mandado á ilha Terceira dos Açôres, para fazer a reforma dos estudos mathematicos e militares da academia d'aquella ilha, de onde partio a 12 de agosto do mesmo anno para Lisbôa, em diligencia do governo.

Por ordem da secretaria do estado dos negocios da guerra seguio,em outubro em commissão para a França, afim de estudar a pratica dos trabalhos hydraulicos dos diques, pontes e calçadas e encanamento de rios.

Achava-se no desmpenho desta ultima commissão, quando o «brado ingente do Ypiranga soou além do Atlantico no coração do illustre brasileiro, que, tornando á patria, já nação indpendente», em fevereiro de 1823, por decreto de 21 de março seguinte foi nomeado director da «Escola do Ensino Mutuo Militar», cujo methodo estabeleceo.

Por decreto de 2 de outubro foi-lhe concedida a graduação de tenente-coronel, e bem assim o diploma de lente proprietario do 7º anno da academia militar.

Nomeado deputado do ajudante-general, e encarregado da repartição de quartel-mestre-general por despacho de 21 de fevereiro, por outro de 11 de junho de 1824, passou a exercer o cargo de membro do conselho militar privado do imperado D. Pedro I, que se celebrava no paço da Bôa-Vista, aonde exerceu tambem o emprego de secretario. Nesse mesmo anno, sob as ordens immediatas do mesmo imperador e com outros officiaes superiores, fez o reconhecimento militar da parte sul da provincia do Rio de Janeiro.

Per decreto de 22 de janeiro de 1825, foi promovido á effectividade do posto de tenente- coronel para o corpo de engenheiros, e por outros de 6 de agosto e 12 de outubro foi nomeado governador das armas da provincia do Pará e promovido a coronel para o estado-maior de 1ª classe, tendo deixado de seguir immediatamente por ter sido atacado de grave molestia. Restabelecido seguio a seu destino, tomando posse em Belém a 18 de dezembro do dito anno.

Nesta commissão sobrevieram ao coronel Jaão Paulo os maiores dissabores pela má vontade que gratuitamente lhe tinha o presidente da provincia, o brigadeiro graduado barão de Bagê, por intrigas politicas proprias da epocha, convindo notar que o mesmo brigadeiro que no posto de capitão de fragata passsu para o exercito, era nascido em Portugal, e que na capital do Pará existiam odios latentes entre brazileiros natos e adoptivos.

Taes desavenças, que cada vez mais se accentuaram, deram lugar a que mais tarde chegasse ás mãos do coronel João Paulo a provisão do Conselho Supremo Militar, lavrada em consequencia da resolução do Sr. D. Pedro I, de 19 de fevereiro de 1829, pela qual se mandava fosse elle *admoestado para que não seguisse os instinctos de suas paixões;* e depois desta, outras reprimendas, que, brioso como era, o levaram a endereçar ao ministro da guerra, em 16 de junho do mesmo anno, uma longa e criteriosa exposição bem fundamentada e baseada em documetos, que assim terminava:

«Muito caro me custa a honra de servir á patria, quando me seja necessario tolerar tantas affrontas, e aquelle que tiver a constancia e a resignação para tal soffrimento tambem não é digno da confiança do soberano; porque mal defende a causa publica quem não preza a sua honra e a sua boa reputação.

«A authoridade que fôr uma vez insultada publicamente sem a immediata satisfação, não tem outro caminho a seguir se não obter a demissão do seu emprego. E isto o que dicta a razão, e o que convêm á dignidade dos cargos conferidos pelo soberano; e de que tenho a lisongeira e bem fundada esperança de obter da soberana justiça e paternal munificencia de S. M. o imperador».

Eis porque o seu contemporaneo Dr. Joaquim Manuel de Macedo, a respeito de taes occurrencias, assim se expressa em o seu *Anno biographico brasileiro*:

«O sargento de 1807 tinha subido depressa; a muitos espantára tanta fortuna, e o coronel de 1826 não escapou aos botes da inveja. A escala do merecimento não pode agradar áquelles que, pouco em si confiando, preferem a escala material dos annos, que premeia a quem a mais tempo vive, e não a quem melhor tenha servido. A mediocridade, que avança, rastejando, se o patronato não lhe empresta azas, é caracol que não tolera os vôos da aguia. Digam-lhe que o grande Condé foi aos 22 annos general [illegible] de Rocroy, e ella responderá sorrindo: [illegible] principe —; assegurem-lhe [illegible] foi Pitt um ministro na I [illegible] ndo ainda:—Era filho de l[illegible]

lembrem-lhe que Murat foi um general admiravel aos 30 annos, e ella replicará sorrindo sempre : — Era uma das espadas que se forjaram nas lavas do vulcão revolucionario da França — ; e, fiel á sua natureza mesquinha, a mediocridade nunca reconhecerá sem violencia que Condé, Pitt e Murat foram homens de genio.

« João Paulo dos Santos Barreto subira com effeito depressa; tinha, porém, merecido muito. Era entre os seus contemporaneos um dos primeiros na applicação, no trabalho e na vastidão e brilhantismo da intelligencia ».

Concedida a demissão solicitada, por decreto de 30 de janeiro de 1830, deixou o coronel João Paulo o exercicio da penosa commissão de governador das armas do Pará, a 30 de março, e recolheu-se á côrte ; convindo notar que o presidente barão de Bagé já havia sido substituido pelo barão de Itapicurú-Mirim, por carta imperial de 30 de novembro do anno anterior.

Como sabemos, depois do golpe de Estado de 7 de abril de 1831, diversos corpos do exercito insuflados pelos adversarios do governo da regencia, taes actos de indisciplina cammetteram que necessario foi a dissolução de alguns delles, recebendo as instituições de paiz o patriotico apoio dos brasileiros ordeiros, que se fizeram soldados, notando-se entre elles os que compunhão o chamado «Batalhão Sagrado» ou de «Officiaes Soldados» cabendo a honra de ser o seu commandante ao coronel João Paulo dos Santos Barreto.

Em 7 de outubro desse anno, segundo resão as chronicas, o batalhão de artilharia de marinha aquartelado na «Ilha das Cobras», se declarou em franca rebeldia contra os poderes constituidos, por instigações de alguns dos seus officiaes, de combinação com um dos politicos mais agitadores da epoca, o Dr. Cypriano José Barata de Almeida, diz o Dr. Moreira de Azevedo, que se achava detido na mesma ilha, e que mais tarde fôra removido para a provincia da Bahia.

« Ardente e exaltado em suas opiniões politicas, redactor do periodico *Sentinella,* ateou esse cidadão mais de uma vez o fogo das paixões, e a vehemencia dos odios nas lutas dos partidos. »

Persistiam os rebeldes em suas indisciplinadas exigencias, quando foi resolvido pelo governo em desaffronta, aos seus brios, que se devia tomar a viva força a ilha das Cobras, e para isso fez seguir o batalhão dos «Officiaes Soldados» com 6 canhões a tomar posição no morro de S. Bento.

Feitas as intimações aos rebeldes para depôrem as armas, ousaram elles estabelecer condições, que não foram acceitas, seguindo-se immediatamente o embarque da tropa sufficiente para detel-os e desalojal-os.

Commandava a expedição o já nosso conhecido marechal de campo reformado José Maria Pinto Peixoto, que exercia então o commando das guardas municipaes, o qual ordenou ao coronel João Paulo organizasse as columnas de assalto á fortaleza da ilha, que ficaram assim dispostas:

« A primeira columna do meio batalhão de officiaes e 186 guardas municipaes; a segunda de outra metade do mesmo batalhão, e 180 guardas muinicipaes; a terceira de 200 guardas nacionaas e de uma reserva de 150 dos referidos guardas.

« Commandava a primeira o coronel João Paulo, a segunda o major Luiz Alves de Lima, depois duque de Caxias, e a ultima o cidadão Manoel Antonio Airosa.

« Postadas estas columnas junto ao portão do arsenal, ordenou-se ás cinco e meia horas da tarde, que a bateria assestada no adro do mosteiro de S. Bento despejasse fogo contra os sublevados, e tambem os navios de guerra dispostos convenientemente e commandados pelo chefe de divisão João Taylor.

« Ao som dos primeiros tiros dos canhões, embarcou em lanchas a primeira columna, e abicou á ilha sem a menor resistencia; postada na ponte do desembarque deitára a guarda dos sediciosos uma descarga sobre as lanchas, mas respondendo-se ao fogo, fugira apressadamente.

« Na frente da columna estendeu o coronel João Paulo uma linha de atiradores, mandou os officiaes soldados protegerem a retaguarda, e com velocidade e intrepidez ganharam elle e os seus a esplanada da fortaleza pela frente do porto.

« Apezar de occuparem uma posição vantajosa, d'onde podiam causar grande damno aos cidadãos que os accommettiam, fizeram os insurgidos um fogo interrompido e mal sustentado, e cercados pela força atacante, retiraram-se dos parapeitos que defendiam.

«Desembarcou a segunda columna, circundou á ilha pelo lado esquerdo, sem encontrar resistencia, approximou-se da fortaleza e cercou-a nesse ponto.

« Reconhecendo não ser necessario enviar a ilha mais força, embarcou o marechal Pinto Peizoto, dirigiu-se ao primeiro ponto investido, e percebendo no parapeito da fortaleza alguns soldados, entre os quaes um com a bandeira naciomal desfraldada, intimou-lhes que abrissem o portão da praça e se rendessem, como já lhes havia exigido o coronel Barreto : mas não attenderam os sublevados, e, aproveitando a cessação do fogo, dispararam traiçoeiramente alguns tiros, dos quaes um matou o guarda municipal Estevão de Almeida Chaves, que se achava na esplanada junto ao fosso.

«Antes de ferir mortalmente ao guarda Almeida Chaves, varou a bala o bonet do alferes José da Victoria Soares de Andréa.

« A morte do destemido cidadão excitou os brios dos que combatiam pela lei, e inflammados pela ancia da vingança, lançaram uma descarga cerrada que amedrontou os sediciosos e afastou-os dos parapeitos.

« Appropinquaram-se do portão da fortaleza o coronel Barreto e varios officiaes, e tentaram arrombal-o a couce d'armas, mas, por ser impossivel tal operação, resolveu-se trazer do arsenal um obuz para romper e despedaçar o portão da praça ; e se não empregou-se esse meio, foi porque o tenente-coronel Jacinto Pinto de Araujo Corrêa (o que já referimos quando d'elle tratamos), escalando as muralhas, firmando-se na fragosidade das pedras, galgou sem escada o parapeito, e logo, após elle, um guarda municipal e varios officiaes praticaram tão arriscada acção ; dobados alguns minutos servia-se de uma escada de mão o coronel Barreto, para chegar ao espaldão, assim como outros officiaes, e tambem o marechal Pinto Peixoto que, intimando rendição aos revoltosos,

sujeitaram-se estes formando na praça dos quarteis e depondo as armas ».

Removidos os rebeldes para um navio de guerra, retiraram-se as forças do commando do marechal Pinto Peixoto, com excepção do batalhão de officiaes-soldados, que, sob as ordens do coronel João Paulo, ficou encarregado de sobrondar a fortaleza e capturar os rebeldes e presos que se haviam escondido nos mattos e casas adjacentes.

Por decreto de 22 de fevereiro, foi nomeado o coronel João Paulo para exercer o cargo de director do arsenal de guerra da côrte, cumulativamente com o de lente da academia militar, cargo que exerceu até o dia 4 de maio seguinte, por ter d'elle pedido exoneração pela incompatibilidade de exercel-o com o de lente, apezar de receber por este, apenas o ordenado de 400$000 annuaes, e por aquelle, o de 1:600$000. Lavrado o decreto de sua demissão, foi louvado o zelo e bom desempenho de todos os seus deveres, que mostrou, durante o tempo que esteve no referido emprego de director do arsenal de guerra.

Por decreto de 13 de janeiro de 1834, foi nomeado ajudante do commando da academia militar, conforme havia proposto o respectivo commandante brigadeiro Cunha Mattos, «por concorrerem nelle a maior graduação militar, vastidão de conhecimentos, serviços relevantes e patriotismo acrisolado».

No anno seguidte assumiu os cargos de ministro e secretario de estado dos negocios da guerra e interinamente da marinha, para que fôra nomeado por decreto de 16 de janeiro, sendo delles dispensado por despacho de 14 de março.

Por decreto de 12 de setembro de 1837, foi promovido a brigadeiro, passando a commandar interinamente a fortaleza de Santa Cruz a 2 de fevereiro, sendo, por decreto de 15 de junho, tudo de 1840, nomeado commandante effectivo da mesma fortaleza.

Deixou este commando a 9 de novembro do mesmo anno, por ter sido nomeado commandante em chefe do exercito em operações contra os revoltosos da provincia do Rio Grande do Sul, para onde seguio com recommen-

dações especiaes, sendo tambem portador da carta imperial de 7 de novembro, que nomeiou presidente da mesma provincia o doutor em medicina Francisco Alvares Machado, então deputado pela provincia de S. Paulo.

Chegando á cidade do Rio Grande, entendeu-se o brigadeiro João Paulo com o marechal Soares de Andréa, a quem ia substituir emquanto o referido doutor *na campanha*, procurava entabolar negociações de paz com os principaes caudilhos da revolução, e a 30, ainda do referido mez de novembro, reunidos em Porto Alegre, tomaram posse dos respectivos cargos : de presidente, o referido doutor e de commandante em chefe das forças o brigadeiro João Paulo.

Convencido o presidente de que os rebeldes não procediam com sinceridade quanto á terminação da lucta, como era de seu desejo, cortou as relações encetadas com o chefe Bento Gonçalves, combinando em seguida com o brigadeiro João Paulo sobre os meios de continuar a guerra, de modo que, escrevendo para o governo da côrte em 9 de dezembro, disse : « o general em chefe do exercito já tem hoje em movimento as forças imperiaes para fazer com que cedam ás bayonetas, os que não quizeram ceder á razão e á summa bondade de V. M. I. ».

Contava então o exercito da legalidade para mais de 8.000 homens, com os quaes pretendia o commandante em chefe bater os revoltosos, sendo o seu plano retel-os na capella do Viamão, o que conseguio.

Conheceram, porém, elles, o perigo que correriam se ficassem encurralados e expostos a ser destroçados pelos legalistas, que dispunham de todas as communicações maritimas e terrestres.

Assim, critica era a situação dos republicanos riograndenses, que tinham pelo sul, bem guarnecidos, São José do Norte e Rio Grande ; o rio Guayba e a lagôa dos Patos á oeste, por onde não poderiam sahir por falta de embarcações e onde dominava a marinha imperial ; não podiam transpor os rios Jacuhy e Taquary, porque as forças legaes o impediam desde Porto-Alegre até o Rio Pardo, onde estabeleceu o seu quartel-general o brigadeiro João Paulo, que confiou a defesa da linha do Ta-

quary ao seu collega Felippe Nery de Oliveira, tendo, afinal, pelo nascente, o oceano, d'onde nada podiam esperar.

Em tão difficil emergencia não desanimaram os chefes rio-grandenses e, achando-se David Canavarro com a sua columna, em busca da serra e da Vaccaria, conservando-se Bento Gonçalves no Viamão, cobrindo este movimento, acontece que a 23 de novembro uma força legal approxima-se do Viamão e reconhece assim o estratagema posto em pratica pelos ditos chefes.

Sahe então Bento Gonçalves no dia 8 de dezembro, com o resto do seu exercito, toma a direcção de Torres, de onde marcha a encontrar-se com David Canavarro, o que conseguio realizar depois de 20 dias, vencendo mil difficuldades oppostas pela natureza do terreno e pela abundancia das chuvas que o perseguiram desde a Serra até a Vaccaria; proseguindo, porém, a sua marcha, chegou nos primeiros dias do mez de janeiro, no Passo Fundo, que pôde transpor por achal-o desembaraçado, vencendo assim o principal obstaculo que se lhe podia oppôr para assenhorear-se, da *campanha* ficando portanto mallogrado o plano principal do chefe dos legalistas.

Senhor da campanha, dirige-se Bento Gonçalves para S. Gabriel, onde reassume a presidencia da republica no dia 14 de março de 1841.

Desembaraçada do assedio a capital da provincia, reunio o brigadeiro João Paulo toda a força do seu exercito no Rio Pardo, e a 1º de março do dito anno, com 5.200 homens marchou no encalço dos revoltosos, convencido de leval-os de vencida, com que de antemão se vangloriava.

Durante a marcha se lhe reunio o chefe Silva Tavares, com 1.200 homens, vindo do Rio Grande pelo rio S. Gonçalo, proseguindo a sua marcha após os rebeldes que, como sombras errantes, desappareciam, ao delles se approximar; chegou finalmente até á linha divisoria sem ter encontrado nenhum exercito a combater, pelo que resolveu acampar nas margens do arroyo S. Vicente, contando então com cerca de 7.000 homens das tres armas.

Emquanto pela campanha do Rio Grande, desenvolvendo admiravel actividade, procurava o brigadeiro João Paulo enfrentar-se com o exercito inimigo no campo da honra, eram os seus planos de guerra motivo de dissenções no seio do governo imperial, opinando um dos ministros ser necessaria a sua demissão, por lhe parecer que estava sacrificando a causa da integridade nacional, opinião esta repellida pelos demais membros do gabinete, o que deu lugar a ser elle dissolvido, retirando-se tambem do poder o partido dominante, assumindo-o os do chamado — conservador.

Um dos primeiros actos do novo governo, cuja pasta da guerra coube a José Clemente Pereira, foi a nomeação do substituto do brigadeiro João Paulo, recahindo ella no general conde do Rio Pardo, conforme se vê do decreto de 26 de março ; tendo assumido a 17 de abril, em Porto-Alegre, o exercicio do seu cargo, officiou este novo chefe ao brigadeiro João Paulo para que entregasse o commando ao seu immediato, o que cumprio em agosto, tudo de 1841, passando-o ao general Antonio Correia Seára, que lhe era immediato.

Fallando do commando em chefe do brigadeiro João Paulo, assim se expressou o autor das *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias :*

« Elle foi o primeiro general, depois de Bento Manoel Ribeiro, que se atreveo a marchar pelo terreno occupado pelas forças rebeldes. Convêm dizer mais que a sua campanha, si não foi fertil em grandes resultados, pelo menos concorreu para o desanimo dos dissidentes, que até então se persuadiam e propalavam, que as nossas forças nunca se atreveriam a mostrar-se no littoral por elles occupado ; porque, si tal tentassem, seriam destruidas de um só golpe. »

Regressando á côrte do Rio de Janeiro, nella se conservou, até que por decreto de 10 de fevereiro, foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar e por outro de 29 de maio, tudo de 1844, foi designado para exercer a presidencia e commando das armas da provincia de Minas Geraes, para onde seguio e os assumio, em Ouro Preto, a 10 do seguinte mez de julho.

Por pouco tempo exerceo os ditos cargos, deixando, porém, delles, segundo um escriptor da epocha, «a memoria de um governo justo, brando e illustrado ».

Por decreto de 25 de março de 1845, foi graduado em marechal de campo e por outro de 5 de maio do anno seguinte foi nomeado ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, sendo-lhe concedida a carta de doutor em mathematica e sciencias naturaes, a 7 de novembro do mesmo anno.

Exonerado do cargo de ministro da guerrra por decreto de 22 de maio de 1847, reverteu ao mesmo logar em 31 de maio do anno seguinte, exercendo-o até 29 de setembro, em que foi delle exonerado, sendo promovido á effectividade do posto de marechal de campo por decreto de 11 de outubro, tudo do dito anno.

Em 1849, por aviso de 17 de agosto, foi encarregado de, em commissão, examinar a fabrica de polvora da Estrella e por outro de 1º de outubro, foi escolhido para presidir a commissão da pratica da arma de artilharia, sendo tambem nomeado presidente da de melhoramentos do material do exercito, em janeiro do anno seguinte.

Por decreto de 12 de abril de 1851, foi nomeado membro da commissão de promoções do exercito, e por aviso de 25 de agosto do mesmo anno, para fazer parte da que fôra encarregada da revisão da legislação do Conselho Supremo Militar.

Graduado em tenente-general por decreto de 1º de maio, por outro de 3 de julho foi nomeado conselheiro de guerra, e por aviso de 21 de agosto, tudo de 1852, passou a presidir a commissão de exame do arsenal de guerra da côrte.

Promovido á effectividade de posto de tenente-general por decreto de 13 de junho de 1853, por outro de 27 de novembro de 1855, foi-lhe concedida a reforma no posto de marechal do exercito, continuando, porém, no exercicio de conselheiro de guerra.

O marechal do exercito João Paulo dos Santos Barreto, doutor em mathematicas e sciencias physicas e naturaes, conselheiro de estado e de guerra, fidalgo cavalleiro da extincta casa imperial da qual era veador, lente

jubilado da academia militar da côrte e ex-deputado á assembléa geral legislativa, grão-cruz da ordem militar de S. Bento de Aviz e official da imperial do Cruzeiro, falleceu nesta capital no dia 1º de novembro de 1864.

Segundo a opinião abalizada do Dr. Joaquim Manoel de Macêdo, «a munificencia imperial, o voto do povo e o reconhecimento da republica das lettras, deram-lhe inequivocos testemunhos da mais elevada consideração. O Instituto Historico desta capital e muitas outras sociedades scientificas nacionaes e estrangeiras, ufanaram-se de contal-o entre os seus membros.

«No Brasil era incontestavelmente uma das illustrações, e sumidade no exercito por sua profundeza nas materias profissionaes; era rico de conhecimentos variados, orador fluente e grave, muitas vezes cheio de eloquencia; na conversação ameno, e em toda a sua vida, tanto particular como publica, grande exemplo de honestidade.

« Viveu 76 annos; desses pertenceram 57 ao serviço da patria; foi um benemerito; honra pois á sua memoria.»

João Propicio Menna Barreto

(Barão de São Gabriel)

Conforme o determinado em aviso regio, expedido a requerimento do marechal do exercito João de Deus Menna Barreto, a 27 de julho de 1820, com dispensa de idade, verificou praça como 1º cadete, no regimento de dragões da villa do Rio Pardo do Rio Grande do Sul, João Propicio de Figueiredo Menna Barreto, filho legitimo do referido marechal e natural da mencionada villa do Rio Pardo, onde nasceu a 5 de agosto de 1808.

Principiou a fazer serviço e a contar antiguidade de praça de 1º de julho de 1822; apresentando-se ao seu regimento, em Montevidéo, então 5º de cavallaria de linha, a 1º de março de 1825, nelle fez a campanha, que teve principio em abril do mesmo anno, assistindo á batalha de 20 de fevereiro de 1827, no Passo do Rosario, sendo, por decreto de 12 de outubro desse anno, promovido a alferes.

No anno seguinte tomou parte no ataque das Ca-

nhitas, que teve logar a 15 de abril, continuando na mesma campanha até a declaração da paz, em outubro desse anno, recolhendo-se ao quartel do seu regimento, em Bagé.

Tendo sido transferido para o 2º corpo de cavallaria, ahi se conservou até o anno de 1832, em que delle foi excluido a 1º de maio, por haver sido demittido do serviço do exercito, por decreto de 20 de março do mesmo anno, conforme solicitara, contra a opinião de seus superiores, que «viam nelle um official de muito prestimo, cuja perda se tornou mui sensivel no seu corpo».

Recolhendo-se ao seio de sua familia, estabeleceu-se no districto de São Gabriel, do municipio de Caçapava, onde, procurando povoar um campo que ahi possuia, conseguiu em poucos annos auferir delle vantajosos rendimentos, com os quaes podia subsistir decentemente.

Rebentando, porém, no alludido districto o grito da sedição, que explodira a 20 de setembro de 1835, na capital da provincia, fazendo della evadir-se o respectivo presidente, sendo então alferes da guarda nacional, levado pelo seu espirito guerreiro e respeitando as tradições dos seus maiores, «não vacillando sobre o partido a que a honra, o dever, a sua fidelidade e o seu patriotismo o chamava, voou ás fileiras da legalidade, tanto que se empenharam as armas legaes, e immediatamente foi encarregado de commissões importantes, assás perigosas, sendo-lhe mister por varias vezes atravessar a *campanha* infestada de anarchistas».

Entrou em fogo contra os revolucionarios na guerrilha de Capané, em 2 de março de 1836, e nos ataques do Passo do Rosario, em 17 do mesmo mez, e no do arroio dos Cachorros a 31 de maio do mesmo anno, «tendo assim demonstrado o interesse que tinha em debellar os inimigos da ordem e tranquillidade publica da sua terra natal».

Em principio de junho, sendo então promovido a capitão da guarda nacional, incumbiu-lhe o commandante das armas coronel Bento Ribeiro, de reunir gente nos districtos de São Gabriel e Santa Maria, e operar por aquella parte contra os grupos e reuniões dos rebeldes, commissão esta que desempenhou com tanto anhelo que

conseguio reunir mais de quinhentos homens, aos quaes disciplinou e adestrou nas evoluções de maior urgencia, não se poupando a sacrificios para os armar convenientemente.

A 8 de novembro do dito anno, recebendo ordem de reunir-se á columna do exercito legalista, conduzindo avultada cavalhada, partilhou com ella dos gloriosos triumphos alcançados, em 4 de janeiro de 1837, nas immediações das Pedras Altas, e em 1º de fevereiro seguinte, no Passo do Cordeiro, no Camaquam.

Tendo se passado para os revoltosos o brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, commandante das armas, e licenciado a tropa sob seu commando, por não o ter querido acompanhar, teve o capitão João Propicio de soffrer cruel perseguição, sendo preso e privado pelo espaço de quasi seis mezes de prestar serviço á legalidade como era de seu desejo, e apezar das seducções a que se seguiam ameaças, arrostou corajosamente todos os sacrificios, e abandonando a sua não pequena fortuna, que deixou á descrição dos rebeldes, escapando com alguns homens, foi incorporar-se ao major Roberto Antonio de Souza, em setembro, para juntos, operarem como fosse mais conveniente á causa legal.

Ameaçada esta pequena columna por outra dos rebeldes, muito superior em numero, teve que emigrar para o Estado Oriental e alli submetteo-se ao commando do chefe legalista José Rodrigues Barbosa. Tendo recebido mais alguns emigrados, repassou a linha divisoria, entrando de novo em operações ; engajou-se em combate, nos campos do Inhanduhy, a 28 de dezembro, tudo do referido anno de 1837, sendo porém completamente derrotado pelas forças então sob o commando do brigadeiro Bento Manoel, reunio os dispersos e tornou a emigrar para o Estado Oriental, onde apresentou-se ao coronel legalista Antonio de Medeiros Costa.

Encarregado pelo mesmo coronel de instruir e disciplinar as forças que se hiam organisando na fronteira, com ellas, sob o commando do dito coronel Medeiros, se incorporou á columna do exercito legalista, acampada em Canudos ; sendo promovido a major em junho, passou

logo depois a tenente-coronel commandante do 3º corpo de cavallaria da guarda nacional, por elle instruido e disciplinado.

Com uma força de mais de 1.000 homens das tres armas, foi mandado postar-se na picada de Dª Rita e no desempenho dessa commissão se houve de modo a merecer louvores de todos os commandantes superiores.

Fazendo parte da divisão da direita em operações, portou-se com denodo em todos os recontros com os rebeldes, mormente na guerrilha que lhes fez aquém da capella do Viamão, cobrindo a retirada da divisão.

Os factos acima transcriptos foram completados á vista de um attestado passado em Porto Alegre, no dia 24 de julho de 1839, pelo brigadeiro reformado José Maria da Gama Lobo Coêlho d'Eça, depois barão de Saycan, que assim termina :

« Observei em toda a marcha, e mesmo na retirada e guerrilha aquem da Capella do Viamão, a presteza, actividade e valor deste official, pois que, nascido de pais guerreiros, quer com seus feitos eternizar o nome d'aquelles, e chegando aqui, foi mandado para a picada commandar uma força das tres armas que alli se estacionou, cuja commissão desempenhou como se esperava. Eu, faltaria á verdade, se não elogiasse um official tão benemerito e que tanto conceito me merece ».

Assistiu á guerrilha da Capella Grande a 5 de fevereiro de 1839 e ao ataque de Itabatingahy a 25 de março de 1840, pelo que foi elogiado em ordem do dia do exercito de 6 do mez seguinte, tendo assumido interinamente o commando da 2ª brigada, a 1º de agosto,

Em 31 de janeiro de 1841 deixou o dito commando, e com o seu regimento assistio aos ataques de São Borja, da Estancia do Meio e do banhado do Inhatium, pelejados em 13, 18 e 22 de junho, sendo, por decreto de 7 de setembro, promovido a tenente-coronel honorario do exercito.

Destacou a 21 de novembro, commandando uma columna de 700 homens de infanteria e cavallaria, para bater outra dos rebeldes : alcançando-a a 25 do mesmo mez, conseguio derrotal-a, sendo por este feito elogiado em ordem do dia do exercito. Por decreto de 2 de dezem-

bro, tudo do mesmo anno de 1841, foi nomeado «official da ordem da Rosa», pelos serviços até então prestados contra a rebellião, e, por outro de 25 de março do anno seguinte teve o «habito de cavalleiro da imperial ordem do Cruzeiro».

Tomou parte na acção do Poncho Verde, pelejada a 26 de maio de 1843, e foi elevado a «coronel chefe de legião da guarda nacional», pela ordem do dia do commando em chefe. de 15 de março ; commandou a 3ª e a 7ª brigada e a guarnição da villa de S. Gabriel. Por decreto de 23 de julho foi nomeado «commendador da ordem da Rosa». Na noite de 4 de novembro marchou á frente de 600 homens para bater os rebeldes no campo de Alexandre Ribeiro, conseguindo, no dia seguinte, acossal-os debaixo de vivo fogo, obrigando-os a refugiar-se no Estado Oriental ; a 14 do mesmo mez, tornou da mesma fórma a perseguil-os nas pontas do Iguapitangui, obrigando-os, pela segunda vez, a transpôr a linha divisoria, sendo por este feito d'armas elogiado pelas ordens do dia de 20 do mesmo mez e de 4 de dezembro, tudo de 1844.

Por decreto de 25 de março de 1845 foi nomeado coronel honorario do exercito pelos serviços prestados na então extincta revolução, pugnando pela causa da legalidade em amparo do throno do imperador D. Pedro II.

Sendo promovido á effectividade do posto de coronel para o exercito de 1ª linha, com exercicio de commandante do 4º regimento de cavallaria ligeira por decreto de 30 de setembro de 1846, pela ordem do dia do commando do exercito do sul, de 18 de dezembro, deixou o commando da 4ª brigada e fronteira de Alegrete, que exercia desde coronel honorario, sendo elogiado pelo bem que desempenhou essas funcções.

A' 2 de abril de 1849, passou a commandar a 3ª brigada, de cujo commando foi transferido para o da 6ª e fronteira do Jaguarão e Bagé, sendo tambem elogiado pelo feliz desempenho do commando que deixava.

Por officio do presidente da provincia de 4 de abril de 1850, foi elogiado pelo zêlo e disciplina no commando do 4º regimento, observada na inspecção passada ao dito regimento. Pela ordem do dia do commando das armas de

15 de maio seguinte, foi louvado pela sua dedicação no serviço da brigada sob o seu commando, observada na revista e manobras que soffreu a mesma brigada, e, por outra do dia 31, foi elogiado pelo zêlo, perícia e actividade no commando da fronteira de Bagé e pela mesma ordem do dia, passou a commandar tambem as fronteiras do Quarahim e Missões, e a dita brigada com a denominação de *terceira*.

Por occasião dos disturbios occorridos nas fronteiras do Quarahim e Bagé, prestou serviços taes, que foram mandados considerar extraordinarios em tempo de paz, desde 1º de janeiro até 16 de maio. Deixou o commando da fronteira de Missões a 28 de outubro, tudo do alludido anno de 1850.

Passou a commandar a 5ª brigada a 1º de março, e a 13 de maio deixou o commando da fronteira de Quarahim; pela ordem do dia do commando em chefe de 23 de agosto, tudo de 1851, que deu nova organização ao exercito, foi-lhe confiado o commando de uma nova brigada com a mesma numeração, e com ella marchou para o Estado Oriental do Uruguay, onde fez toda a campanha concluida a 4 de janeiro de 1852.

Pela ordem do dia do exercito de 26 de junho deste ultimo anno, assumiu o commando da fronteira de Bagé, recebendo ahi a medalha de ouro concedida aos que fizeram a referida campanha do Uruguay.

Por decreto de 2 de setembro de 1853 foi nomeado «official da ordem do Cruzeiro», em remuneração dos serviços prestados na campanha do Uruguay, sendo elogiado pela presidencia da provincia, em officio de 6 do mesmo mez, pela maneira satisfatoria com que exercia o commando da fronteira de Bagé, do qual foi exonerado a 12 de fevereiro de 1854, sendo mais uma vez elogiado pela dignidade e patriotismo com que nelle se houve. Marchou para Montevidéo commandando a 1ª brigada da «Divisão Imperial Auxiliadora», a 25 de março do mesmo anno, de onde regressou no anno seguinte, assumindo em 20 de janeiro o commando da 4ª brigada e guarnição da villa de São Gabriel.

Por decreto de 14 do seguinte mez de março, foi

graduado em brigadeiro, deixando a 27 de julho os alludidos commandos, que desempenhou como sempre a contento das autoridades superiores.

Organizada em 1856 a «Divisão de Observação», passou a commandar a 5ª brigada da mesma e guarnição de São Gabriel, onde recebeu a patente de brigadeiro effectivo, em que fôra confirmado, por decreto de 2 de dezembro do mesmo anno.

Por outro decreto de 3 de outubro de 1857, foi nomeado commandante da 1ª divisão do corpo de exercito de observação, na provincia do Rio Grande do Sul.

Dissolvido, por decreto de 15 de março de 1858, o mencionado corpo de exercito, ficou por isso exonerado do commando da 1ª divisão. Por carta imperial do mesmo dia 15 foi nomeado 1º vice-presidente do Rio Grande do Sul, e por decreto de 10 de abril seguinte, agraciado com a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro.

Assumiu o commando da 2ª brigada e guarnição de São Gabriel a 1º de maio, tudo do referido anno de 1858, o qual deixou em 5 de janeiro do seguinte.

Por decreto de 17 de abril de 1863 foi nomeado «commendador da ordem da Rosa», e por outros de 2 de março de 1864 foi elevado a marechal de campo e nomeado commandante das armas da provincia do Rio Grande do Sul, assumindo o exercicio deste cargo em São Gabriel, onde se achava, e o deixou logo depois por ter sido designado, por despacho imperial de 22 de setembro, para commandante em chefe do exercito do Rio Grande do Sul, que organizou no municipio de Bagé, acampando no Pirahy-Grande.

Como sabemos, desde o principio de janeiro desse anno lavrava a guerra civil no Estado Oriental, e o governo brasileiro, justamente indignado pelos actos da mais inqualificavel barbaria, exercida contra os nossos compatriotas residentes em diversas localidades dessa republica, havia sido forçado a intervir no conflicto, originando-se d'ahi a «Campanha Oriental», que terminou em fevereiro de 1865, quando já empenhados nos achavamos com a do Paraguay.

O marechal João Propicio organizou o seu corpo de

exercito em duas divisões, commandadas, a 1ª, pelo brigadeiro Manoel Luiz Ozorio, e a 2ª, por seu sobrinho, o tambem brigadeiro José Luiz Menna Barreto. Cada divisão se compunha de tres brigadas, fazendo parte da 1ª a do coronel de cavallaria Candido José Sanches da Silva Brandão, formada com o 2º, 3º, 4º e o 5º regimento de cavallaria de 1ª linha ; a do coronel Carlos Resin, com o 3º e 13º batalhões de infanteria de linha e a do brigadeiro honorario José Joaquim de Andrade Neves, com os corpos provisorios de cavallaria da guarda nacional 5º, 6º e 10º.

Da 2ª divisão faziam parte as brigadas do general Portinho, composta com os corpos provisorios ns. 1, 2, 3 e 4 ; a do coronel Antonio Sampaio, com o 6º e o 12º batalhões de infanteria de linha ; e a do coronel Souza Valença, com os corpos provisorios ns. 7, 8 e 9. Além destas unidades, organizou-se mais a «divisão de cavallaria independente», de voluntarios, do brigadeiro honorario Antonio de Souza Neto, que devia operar immediatamente na campanha do Estado Oriental.

No dia 12 de outubro destacou-se o brigadeiro José Luiz, com uma brigada composta do batalhão 13 de infanteria de linha, do 4º regimento de cavallaria ligeira e 3º corpo de guardas nacionaes, e, passando a infanteria para Artigas, em frente a Jaguarão, seguia com a cavallaria pelo Passo das Pedras, invadindo assim o territorio do Estado Oriental do Uruguay as forças do marechal João Propicio. Esta brigada chegou a 14 ao *Cerro Largo*, sendo recebida a tiro, pelas avançadas dos *blancos,* a sua vanguarda, composta de guardas-nacionaes ao mando do tenente-coronel Astrogildo Pereira da Costa, depois brigadeiro honorario e barão de Aceguá.

Dois dias depois entraram as avançadas brasileiras na villa de *Melo*, capital do mesmo departamento, de onde foram desalojados os blanquilhos, chegando nessa occasião o 13º de infanteria com o brigadeiro José Luiz, ficando acampada toda a brigada perto da villa.

No dia 24 retiraram-se as forças do brigadeiro José Luiz, de Cerro Largo, com direcção a Bagé, de onde seguiram para o acampamento do exercito no Pirahy-Grande.

A 1º de dezembro marchou deste acampamento com todo o seu exercito o general João Propicio, deixando guarnecidas as fronteiras de Quarahim a São Borja pelas forças do brigadeiro David Canavarro. No dia seguinte (anniversario natalicio do ex-imperador D. Pedro II), o exercito invasor passando por São Luiz, formou em grande parada em commemoração a esse dia ; proseguindo depois da parada a sua marcha de guerra, acampou na costa do arroio Hospital.

Como se sabe, a cidade de Paysandú, onde se achavam os do partido *blanco,* chefiados pelo coronel Leandro Gomes, foi posta novamente em apertado cêrco desde o dia 23, e a 28 della approximou-se o exercito do marechal João Propicio ; depois de conferenciar com os chefes Flores e Tamandaré, ficou resolvido que se faria o assalto decisivo á praça, no dia 31, pelo que na noite de 30, foram assestadas as baterias do commandante Emilio Mallet na coxilha da Boa Vista, fronteira á cidade, protegidas por duas companhias do 4º de infanteria, estendidas em atiradores.

Os contingentes do 1º batalhão de infanteria, de fuzileiros navaes e imperiaes marinheiros, em numero de 400 homens, com 6 canhões da esquadra ás ordens do major José Antonio Corrêa da Camara, foram incorporados á brigada do coronel Antonio Sampaio. A outra brigada, a do coronel Carlos Resin, secundou o ataque, que só terminou 52 horas depois, isto é, na manhã do dia 2 de Janeiro de 1865, notando-se que toda a cavallaria do exercito imperial conservou-se a alguma distancia da praça, sob as ordens do brigadeiro Manoel Luiz Ozorio.

Sabemos que, pelas 9 horas da manhã do dia 31 de dezembro, recebendo o general João Propicio participação do commandante da artilharia, que havia se esgotado a munição das suas 12 peças, teve que *mandar cessar fogo,* e, incontinenti determinou á infanteria que avançasse contra as posições inimigas, que foram sendo tomadas á arma branca, sustentando-se tão encarniçado combate durante dois longos dias.

Nas primeiras horas do dia 2, acima referido, se achavam os alliados de posse da cidade, cahindo em nosso

poder diversas bandeiras, 15 canhões, mais de 2.000 espingardas e 700 prisioneiros, entre os quaes 97 officiaes, encontrando-se na praça mais de 400 mortos e feridos.

O exercito brasileiro teve 79 praças e 5 officiaes mortos, e feridos 375 soldados e 13 officiaes ; a armada nacional teve um prejuizo de 10 marinheiros e um 1º tenente (o bravo Henrique Martins), mortos ; 30 praças e 1 official feridos. Assim, foi de 95 o numero de mortos, dos quaes 6 officiaes e 419 o de feridos, sendo 14 officiaes ; ou 514 homens fôra de combate por parte das forças brasileiras.

No dia 12 do mesmo mez marchou o marechal João Propicio com o seu exercito para Fray Bento, onde haviam desembarcado no dia 1º tres batalhões de infanteria, com 1.700 homens, chegados do Rio de Janeiro ; fez embarcar ahi a sua infanteria no dia 14, e determinou á cavallaria e á artilharia que seguissem por terra até á barra de Santa Lucia, onde se incorporaram aos batalhões conduzidos pelos navios da esquadra no dia 27 de janeiro.

No dia 31 marchou todo o exercito afim de pôr em sitio a cidade de Montevidéo, conforme as ordens recebidas do governo imperial.

Em todos estes movimentos conservou-se firme no proposito de bem servir á patria o marechal João Propicio, apezar de gravemente doente, sendo afinal forçado a solicitar do governo da côrte que lhe mandasse um substituto.

Sitiada por mar e por terra a cidade de Montevidéo, foram concedidos 7 dias para que pudessem della se retirar os estrangeiros, começando então a emigração de grande massa de povo, sendo ampliado o dito prazo até o dia 15 de fevereiro, a pedido dos agentes diplomaticos.

No dia 16 recebeu o exercito imperial um reforço de 1.228 praças de infanteria composto do 8º batalhão, do corpo de caçadores da Bahia, e policial da mesma provincia, ficando assim elevado a 8.000 e tantas praças, sendo 4.500 de infanteria, 198 de artilharia e as demais de cavallaria, inclusive os guardas nacionaes.

A 20 foi celebrado o convenio da capitulação com a convenção de paz, ao qual assistiram o marechal João

Propicio e o almirante Tamandaré, sendo representante diplomatico do Brasil o conselheiro Silva Paranhos, depois visconde do Rio Branco, que o firmou na villa da União, com o general D. Venancio Flores e D. Manuel Herrera y Hobes, por parte do governo Oriental. Dando parte deste feliz acontecimento ao exercito, sob seu commando, em a sua ordem do dia n. 24, de 21 do mesmo mez, assim a terminou o marechal João Propicio :

. . . . . .

. . . . . .

« Já não temos inimigos no solo oriental. Os que hontem existiam desappareceram, e em seu lugar acha-se hoje um governo amigo e alliado, que nos prestará toda a cooperação possivel contra o feroz e detestavel governo do Paraguay.

« Este resultado dos nossos sacrificios, de nosso sangue valentemente derramado, é immenso e deve ser grato a todos os brasileiros, como o é aos bons orientaes. As nossas reclamações serão satisfeitas ; a amnistia concedida pelo illustre general Flores não comprehende os roubos, assassinatos e outros crimes communs, pelos quaes antes e durante a guerra, se assignalaram alguns dos ferozes sequazes do partido vencido. Taes crimes serão punidos, porque a moral, a civilisação e a justiça assim o reclamam.

« As armas e a diplomacia brasileiras não podiam ser mais felizes, nem mais generosas em seu triumpho. O Brasil inteiro o ha de reconhecer e applaudir.

« Nossa missão, porém, não está terminada. Preparemos para outra não menos gloriosa. Santa é a cruzada que vamos emprehender. O desaggravo da nossa dignidade, nossos direitos desconhecidos e a redempção de um povo inteiro, que geme sob o mais brutal despotismo, exigem do exercito brasileiro novos sacrificios, e elle os fará por certo.

« Descansai um momento em meio dos orientaes, nossos companheiros d'armas, mas sem affrouxar em vossa dedicação ao imperador e ao Brasil que nos contemplam com amor e confiança. Velemos agora com mais escrupulo, se é possivel, o bom nome de que gosamos

entre os nossos alliados e todos os estrangeiros de bôa fé, que tem podido apreciar o brioso comportamento do exercito que me desvaneço de commandar ».

No dia seguinte (22) fez a sua entrada pela capital do Estado Oriental a brigada sob o commando do general Antonio Sampaio, e no dia 23 o conselheiro Silva Paranhos, acompanhado dos generaes João Propicio e D. Venancio Flores, e em breves dias se restabeleceu ahi um governo regular, sendo nomeado presidente o referido general Flores, que procedeu com toda a moderação.

Chegando da capital do imperio o aviso de 18 de fevereiro, que designava o brigadeiro Manuel Luis Osorio, para substituir no commando em chefe do exercito brasileiro o marechal João Propicio, pelos motivos acima, passou-lhe este o mesmo commando no dia 1º do seguinte mez de março, tendo tambem recebido o decreto da mesma data, que o condecorou com o titulo de barão de São Gabriel.

Recolhendo-se ao Brasil, passou a residir na cidade de São Gabriel, sendo definitivamente exonerado do commando em chefe do exercito em operações no Estado Oriental, por decreto de 19 de maio de 1865, por se terem aggravado os seus padecimentos dos quaes veio a fallecer a 9 de fevereiro de 1867, naquella cidade.

José Egydio Gordilho de Barbuda

(2º Visconde de Camamú)

Filho do marechal de campo visconde de Camamú, José Egydio Gordilho de Barbuda nasceu a 25 de fevereiro de 1808, na ilha da Madeira, do reino de Portugal, onde seu pae, então segundo tenente de artilharia, se achava de guarnição, vindo com elle no anno seguinte para o Brasil.

Em 1818 assentou praça de primeiro cadete no esquadrão de cavallaria da legião de caçadores da provincia da Bahia, a 2, sendo, por portaria do governador, capitão-general conde dos Arcos de 20, tudo de novembro do mesmo anno, nomeado capitão da guarda do governo da

mesma provincia. Pela resolução de consulta de 20 de dezembro de 1820 foi confirmado no alludido posto de capitão, para a arma de infanteria, contando antiguidade de praça do referido dia 20 de novembro de 1818.

Tendo seu pae, como já vimos, sido deportado para Lisbôa, em virtude dos acontecimentos que se deram na Bahia a 3 de novembro de 1821, deixou o capitão Gordilho a capital da mesma provincia e transportou-se para a côrte do Rio de Janeiro, onde se conservou até novembro de 1824, em que regressou á referida provincia. Da Bahia seguio para a provincia Cisplatina onde, apresentou-se em 8 de setembro de 1826 ao tenente-general visconde da Laguna, que o nomeou na mesma data seu ajudante de campo.

Por decreto de 12 de setembro do anno seguinte foi nomeado «commendador da ordem de Christo», e tendo terminado a campanha do sul, pela convenção de 27 de agosto de 1828, por despacho de 6 de maio de 1829 foi promovido a major aggregado ao 3º batalhão de caçadores, ao qual se achava addido desde 30 de dezembro do anno anterior.

Por derreto de 14 de outubro do referido anno de 1829 foi mandado servir em commissão em um dos corpos da divisão da provincia do Rio Grande do Sul, onde se apresentou, ficando addido ao 8º de caçadores aquartelado na cidade de Porto-Alegre, e por outro decreto de 17 de outubro de 1830, foi-lhe concedido o titulo de visconde de Camamú, com honras de grandeza.

A 9 de março de 1831, por ordem do governador das armas deixou de fazer serviço, sendo preso a 22, para responder a conselho de guerra, o qual passou a responder livremente no dia 26 tudo do mesmo mez e anno.

Preso novamente a 2 de abril e tendo respondido ao dito conselho, «foi sentenciado no que dispõe o artigo 2º dos de guerra, e por sentença do Conselho Supremo Militar de Justiça, de 22 de junho de 1831, com o — cumpra-se — do exm. sr. marechal commandante das armas da provincia, de 27 de julho do dito anno, foi solto e restituido ao exercicio do seu posto, com os vencimentos que lhe competiam».

Convêm notar que deu origem ao alludido conselho de guerra, uma representação feita pelo visconde de Camamú contra o então tenente-coronel Francisco Xavier da Cunha, commandante do batalhão em que servia, ao qual atribuia diversas faltas e irregularidades no serviço, esperando que o mesmo fosse submettido a conselho de guerra ; resolvendo, porém, a autoridade competente que em vez do referido commandante fosse elle visconde, o réu ; d'ahi a illegalidade do processo, reconhecida, como acima ficou dito, pelo Conselho Supremo Militar de Justiça.

Depois de solto, embarcou o major visconde de Camamú com destino á côrte, onde se conservou até o anno de 1833, em que regressou á provincia do Rio Grande do Sul.

Pela sua dedicação ao primeiro imperador do Brasil, como muitos outros officiaes do exercito, tornou-se suspeito do governo da regencia, sendo desligado do seu batalhão e mandado considerar — *avulso*, (classe de officiaes de 1ª linha que, com a dissolução de alguns corpos de exercito, ficaram sem collocação).

Queixando-se de ter sido attingido pela má vontade do governo de então, dizia em abril de 1835 o visconde de Camamú ao ministro da guerra :

« Continuando esta perseguição com mais vivo desenvolvimento do systema de deportação, fui eu contemplado nas listas dos deportados, com o coronel Bento José Lamenha e outros, para a provincia de Santa Catharina, pelo aviso de 21 de fevereiro do anno proximo findo, que para alli ordenava a minha immediata marcha. Succedendo dar parte de doente, não tanto pelas molestias que realmente soffria, como pelo receio de que se estendessem a minha deportação até a ilha de Fernando de Noronha, ou outro degredo, receio este justificado por factos quasi identicos, passei em consequencia a ser preso e mettido em conselho de guerra. Absolvido, porém, em 1ª e 2ª instancia, continúa não obstante a ter vigor o citado aviso ; e com quanto o presidente desta provincia modificando com os tempos o seu fervoroso zelo pela execução das ordens do governo, se tenha esquecido de me fazer

marchar, todavia ainda estou exposto a ser novamente intimado, e soffrer outra vez os vexames inherentes a um combinado systema de oppressão, se V. Exª me não valer neste caso. A' vista, pois, do que levo exposto, sou a supplicar a V. Exª que, attendendo ao motivo sempre infundado, mormente hoje, de semelhantes perseguições; ao transtorno e grave prejuizo que resulta a um militar, casado e estabelecido, como eu, das mudanças de provincia, mudanças unicamente filhas do capricho, do espirito de partido, e não exigidas por uma necessidade nacional; e, finalmente, a que, de todos os perseguidos e deportados como o coronel Lamenha, major Caldwell, et., etc., sou eu o unico que ainda se conserva experimentando o effeito de arbitrariedades, motivadas por paixões particulares, se digne revogar a *minha* ordem de marcha para a provincia de Santa Catharina, mandando ficar sem effeito o mencionado aviso de 21 de fevereiro de 1834, na parte que me diz respeito ».

A tão positivos argumentos deu o ministro da guerra de então, o barão de Itapicurú-Mirim, em 23 de maio do mesmo anno, o seguinte despacho:

Expeçam-se as ordens no sentido da representação da parte.

A' vista do que passou a exercer as funcções do seu posto na cidade de Porto-Alegre, onde se achava a 19 de setembro desse mesmo anno de 1835, dia em que se deram os primeiros conflictos entre os adversarios do governo da provincia e os defensores da legalidade, achando-se entre estes o visconde de Camamú, que foi ferido na lucta.

No dia seguinte, como sabemos, o presidente Fernandes Braga, pela escassez de elementos para resistir ao coronel Bento Gonçalves, abandonou a cidade de Porto-Alegre, embarcando á noite na escuna de guerra *Rio Grandense*, acompanhada de outra, a *Dezenove de Dezembro*, nas quaes com elle seguiram para o Rio Grande diversos dos seus partidarios, entre os quaes figurava o visconde de Camamú, que o acompanhou como emigrado até a côrte, onde se conservou, porém, por pouco tempo.

Tendo recebido ordem para ir servir nas forças em

operações contra os rebeldes do Rio Grande do Sul, tomou parte no anno seguinte nos ataques e tomada dos fortes de Itapuan, em 23 e 27 de agosto, e no combate da capella do Viamão, em 6 de Setembro, assistindo tambem ao do passo do Feijó, em 19 do mesmo mez e á batalha da ilha da Fanfa, no dia 4 de outubro, pelo que, por decreto de 18 de fevereiro de 1837, foi promovido a tenente-coronel «pelos relevantes serviços prestados para o restabelecimento da ordem da provincia do Rio Grande do Sul».

Os serviços de guerra que ainda lhe foi dado prestar nessa lucta entre irmãos, constam do attestado que em seguida transcrevemos:

«Em cumprimento ao despacho do Ill.mo e Ex.mo Sr. tenente-general e commandante das armas da Côrte, exarado no requerimento retro: attesto que o Excellentissimo Sr. Visconde de Camamú, *depois que sahio despachado* tenente-coronel de caçadores, em 18 de fevereiro de 1837, por seus relevantes serviços até aquella data, tem prestado todos os mais que passo a enumerar:

«1º — Foi substituir no commando militar do Municipio do Triumfo, ao brigadeiro reformado Manoel Carneiro da Fontoura, onde se conservou até a passagem por aquelle ponto do coronel chefe de legião Gabriel Gomes Lisbôa, quando este se recolhia á capital, depois da perda de Caçapava; neste commando se houve com aquelle acerto e discernimento que ainda hoje o torna estimado, não só dos seur subditos, como dos G. N. e habitantes do mencionado municipio.

«2º — No combate de 25 de junho de 1837, que teve lugar a meia legua das trincheiras da capital, e não obstante achar-se a tempo doente e quasi impossibilitado de montar a cavallo, se lhe apresentou no principio da acção, e por mim foi logo empregado no commando de uma força que tinha de observar a esquerda do inimigo e repellir qualquer tentativa que este projectasse para envolver a ala direita da força legal em combate.

«3º — Pela morte do major Mazerredo, no combate acima dito, commandou o 8º batalhão de caçadores, com-

mando que conservou até novembro do mesmo anno e no qual muito se esmerou para o arranjo e disciplina do corpo.

« 4º — Commandou a sortida que teve lugar a 28 de julho, composta de infanteria e cavallaria e uma bocca de fogo, que desembarcou nos arroyos do Lino e Cahy, com o fim de proteger, como protegeu, o embarque de farinha de guerra e carnes frescas para dentro da cidade.

« 5º — A 6 de agosto embarcou e era commandante da infanteria que fazia parte da força expedicionaria que acompanhou o coronel Gabriel Gomes Lisbôa á villa do Triumfo, aonde, por más disposições e pouca attenção que o mesmo coronel deu ás instrucções que levava, desgraçadamente se perdeu a 12 do mesmo mez de agosto; desastre que não teria talvez acontecido, se o Sr. tenente-coronel Visconde de Camamú não tivesse adoecido dias antes; devendo, comtudo a elle a salvação ainda de muitos dos nossos, pelas acertadas providencias que deu mesmo doente como se achava.

« 6º — Assistio ao combate de 29 de setembro, quando da capital sahio uma força a reconhecer as do inimigo e lançar-lhes granadas no seu proprio reducto; foi neste dia que com o seu batalhão fez a vanguarda da columna e cobrio depois a retirada, sendo, por esta occasião, que na linha de atiradores continuou a mostrar o seu já bem conhecido sangue frio á frente do inimigo e as melhores disposições como official de caçadores.

« 7º — A 14 de outubro, havendo noticia de uma cavalhada que os rebeldes tinham na fazenda do finado coronel Vicente, fui então com alguma força desembarcar na margem direita do arroyo do Lino, no entanto que o Sr. Visconde de Camamú, com o 8º batalhão de caçadores e 50 a 60 homens de cavallaria, devia sahir da cidade e cobrir aquelle movimento de flanco e retaguarda do inimigo; cumpriu tão perfeitamente as ordens que lhe dei que, ás quatro horas da tarde, já estavamos de volta á cidade, recolhendo-se por terra a maior parte da força que havia sahido embarcada.

« 8º — A 27 do mesmo outubro o Sr. visconde de Camamú mandava a infanteria que sahio a explorar a

margem direita do Gamby, até o passo do Triumfo e de que resultou a tomadia ao inimigo de mais de 300 cavallos e a dispersão de uma partida de mais de 20 homens.

Os serviços deste official são bem sabidos em toda a provincia do Rio Grande do Sul, para que agora exceda o que se requer em attestado como commandante que fui da brigada de infanteria e da guarnição da capital d'aquella provincia. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1838. — *Francisco Xavier da Cunha,* brigadeiro graduado do exercito.

A 10 deste ultimo mez e anno teve o visconde de Camamú a nomeação de deputado do ajudante general do exercito do sul, de cujo cargo foi exonerado pouco tempo depois, sendo mandado recolher á côrte do Rio de Janeiro e nomeado um conselho de investigação a seu respeito, o qual ficou archivado.

Em virtude do aviso do ministerio da guerra de 22 de junho de 1839, por o haver pedido, passou a responder a conselho de guerra, «por falta de respeito» ao presidente e commandante das armas do Rio Grande do Sul, marechal de campo Antonio Elzeario de Miranda e Briro; sendo, por sentença do mesmo conselho, de 20 de outubro, absolvido «por ter sido julgada não provada a culpa de que era arguido»; o conselho Supremo Militar de Justiça, porém, por sentença de 1º de abril de 1840, reformou aquella e o condemnou a um anno de prisão em fortaleza, cuja pena passou a cumprir na fortaleza de Villegaignon, sendo-lhe, porém, perdoada metade dessa pena, por decreto imperial de 16 de maio, e por outro de 11 de agosto, tudo do mesmo anno, foi perdoado do resto da prisão.

Por sentença do Supremo Tribunal de Justiça de 16 de março de 1841, se lhe concedeu o recurso de revisão da alludida sentença «por ter sido proferida sobre um processo manifestamente nullo e envolver por isso injustiça notoria». A 16 de abril do mesmo anno foi nomeado quartel-mestre general do exercito do sul, para onde seguira, a seu pedido.

Assistiu á passagem do mesmo exercito no «Passo de São Borja», a 13 de junho, sendo mencionado o seu

nome com louvor na ordem do dia do commando em chefe de 17 do mesmo mez, e igualmente assistiu ao combate de Inhatium, em 22, merecendo ser elogiado na ordem do dia, do dia seguinte.

Por accordam da Relação da Côrte de 12 de outubro, foi julgado nullo o processo desde seu começo, ficando, porisso, revogada a sentença condemnatoria acima mencionada.

Por decreto de 11 de março de 1842 foi condecorado com o officialato da ordem da Rosa e promovido a coronel por outro de 27 de maio do mesmo anno, sendo incluido no estado-maior do exercito, em o seguinte mez de novembro.

Regressando da provincia do Rio Grande do Sul, conservou-se em disponibilidade até que, por decreto de 9 de outubro de 1847, foi classificado no 1º batalhão de infanteria, em cujo commando recebeu a venéra de cavalleiro da ordem militor de São Bento de Aviz, que lhe foi conferida, por decreto de 14 de março de 1849.

Por aviso do ministerio da guerra de 12 de maio de 1851 foi mandado elogiar, em nome do imperador, o seu zêlo no serviço publico e pelo estado satisfactorio em que encontrou o seu corpo o respectivo inspector militar, tanto na parte economica e disciplinar, como na instrucção.

Por decreto de 3 de março de 1852 foi promovido a brigadeiro, e por outro de 3 de outubro de 1857, foi nomeado commandante da 2ª divisão do corpo de exercito do Rio Grande do Sul, para onde seguiu. Exonerado deste commando, por despacho de 15 de março de 1858, por decreto de 10 de abril do mesmo anno teve a commenda de São Bento de Aviz, e por outro de 2 de dezembro de 1859 foi elevado a marechal de campo.

Pela ordem do dia do Exercito, de 16 de fevereiro de 1863, foi nomeado commandante do corpo de estado-maior de 1ª classe, e por decretos de 16 de janeiro de 1865 teve as nomeações de commandante das armas e presidente da provincia de Matto Grosso, que havia sido invadida pelas tropas do dictador do Paraguay, Francisco Solano Lopes, para onde não seguiu por ter sido, por

outro decreto de 12 de fevereiro seguinte, nomeado ministro da guerra, ficando assim exonerado daquellas commissões.

Exonerado a 12 de maio do mesmo anno deste ultimo cargo, foi designado para servir na commissão revisora da legislação militar, e por decreto de 22 de janeiro de 1866 foi promovido a tenente-general. Foi agraciado com a gran-cruz da ordem militar de São Bento de Aviz, por despacho de 17 de fevereiro, e por aviso de 16 de maio, tudo do mesmo anno, passou a exercer interinamente as funcções de ajudante-general do exercito.

O tenente-general José Egydio Gordilho de Barbuda, 2º visconde de Camamú, falleceu nesta capital a 11 de março de 1867.

José Fernandes dos Santos Pereira

Nascido a 19 de março de 1793 no *Curvello* de Aguiar de Souza, termo do Porto, em Portugal, José Fernandes dos Santos Pereira, filho legitimo do sargento-mór de infanteria Domingos Fernandes dos Santos, assentou praça voluntariamente a 20 de junho de 1808 no 2º regimento de infanteria, depois 18, do exercito portuguez.

Como sabemos, em o anno anterior começára para Portugal a dolorosa serie de infortunios, consequentes a má orientação politica dos ministros de D. Maria I e do seu proprio filho, o principe regente, depois rei D. João VI, que por ter emigrado para o Brasil não foi alcançado por Junot, quando este general invadiu o territorio da sua infeliz patria a frente de 20.090 francezes auxiliados por tres exercitos hespanhóes.

Deixára o voluntario José Fenandes os seus estudos de humanidade ao grito enthusiastico do patriotismo, seguindo logo depois com o seu regimento contra a capital. A 1º de agosto, junto a foz do Mondego dava desembarque as suas tropas o general inglez Sir. Arthur Wellesley e a 17 do mesmo mez, no lugar denominado *Roliça*, cerca de nove leguas ao norte de Lisbôa, recebia o novel soldado o baptismo de fogo, na acção em que as massas francezas

foram repellidas de seus intrincheiramentos, apezar da perícia e bravura dos chefes, em cujo numero se achava o general Laborde.

Quatro dias depois era empenhada a batalha do *Vimeiro* onde Junot, depois de ter perdido 1.800 homens retira-se para a capital, e a 30 desse mez assigna a famosa capitulação de Cintra, pela qual se compromette a deixar o reino de Portugal com os restos do exercito invasor.

São do saudoso coronel de artilharia Augusto Fausto de Souza os seguintes factos historicos-militares, em os quaes figura repetidas vezes o nome de José Fernandes : (*)

«Voltando o regimento ao Porto foi José Fernandes transferido para a «Leal Legião Luzitana» que fôra organizada em Londres, com emigrados portuguezes, sob o commando de Sir. Robert Wilson, e tinha essa denominação para destinguil-a da legião portugueza que, sob as ordens do marquez d'Alorna, combatia na Allemanha ao lado do exercito de Napoleão.

«No principio de 1809, emquanto Sir. Robert operava na fronteira da Beira, o 2º batalhão de infanteria da legião, de que era chefe o coronel barão de Eln, e ao qual pertencia Fernandes, marchou para a fronteira da Galiza e d'ahi veio hostilizando o exercito do marechal Soult, que invadia novamente Portugal, depois de vencer os inglezes na Corunha.

«Em 20 de março o batalhão combateu valorosamente em Carvalho d'Este, junto á Braga; mas mal coadjuvado pelos paizanos armados, que debandaram, concentra-se na cidade do Porto, onde no dia 24 apresentou-se tambem Soult com o seu exercito. Não obstante o máo serviço prestado pelo povo, completamente indisciplinado, foi sómente no fim de 5 dias de combate, que o general francez pôde apoderar-se da cidade, fazendo a sua entrada no meio da horroroza mortandade cauzada tanto pelas cargas de cavallaria, como pelo desabamento da ponte do Douro, atopetada de gente, que fugia espavorida.

(*) Biographia do tenente-general José Fernandes dos Santos Pereira—*Campinho*—Janeiro de 1875—Tomo XLVIII da *Revista do Instituto Historico Brasileiro*. 2ª parte, pag. 181.

«Vendo dispersa totalmente a força regular, o moço Fernandes toma a deliberação de ir apresentar-se ao brigadeiro Silveira que, com um punhado de valentes, hostilizava fortemente os francezes, cortando-lhe as communicações com a Hespanha. Esse bravo general, sabendo que vinha contra elle a divisão de Laborde, fortifica-se em Amarante e ahi effectua a heroica defeza de 17 de abril a 2 de maio que constituio um dos episodios mais brilhantes d'essa guerra, e que lhe valeu o posto de marachal de campo e o titulo de conde de Amarante.

«A principio contra a divisão de Laborde e depois contra quasi todo o exercito francez, empenhou-se uma serie de combates sanguinolentos, em que rivalizava a furia de parte a parte ; n'elles tornou-se saliente a figura simpathica de um menino de 16 annos, que se batia com a impavidez de um veterano, até que recebeu uma baionetada, quando disputava braço á braço a passagem da ponte. Esse menino era José Fnandes, a quem o general Silveira enviou para Lamego, afim de tratar-se de seu ferimento.

«Emquanto isto se passava Sir. Wellesley havia recebido reforços da Inglaterra, e sciente da relaxação que reinava entre as tropas francezas, dirigi-se para o Porto, opera a bella passagem do Douro diante do marechal Soult e o força a sahir de Portugal, effectuando por esta occasião a admiravel retirada que mereceu os elogios do proprio Wellesley.

«Este, tendo perseguido seu adversario até as raias da Galliza, volta a Abrantes, entra na Hespanha e reunindo-se ao exercito do general Cuesta vai offerecer batalha, em 27 de julho, a dous exercitos francezes em *Talavera de la Reina*, sob o commando do rei José Bonaparte. Renhidissima foi a peleja durante os dias 27, 28 e 29, e a perda do inimigo seria completa, si parte do exercito hespanhol não tivesse fugido vergonhosamente logo no principio da acção. O exercito anglo-luzo fica senhor do campo, mas retira-se pouco depois para Merida, e d'ahi recolhe-se para Portugal com receio de ser cortado pelo novo exercito invasor, cuja marcha se annunciava.

«Para fazer-se idéa do encarniçamento com que se

combateu em Talavera. bastará dizer que o exercito alliado teve 6 generaes fóra de combate, alguns batalhões ficaram reduzidos a uma dezena de praças, e a «Legião Luzitana» (á qual já se reunira o joven Fenandes) sustentou com galhardia o nome de valente, que adquirira.

«Ao passo que Sir. Wellesley (agora lord. Wellington, visconde de Talavera) entra em Portugal e faz construir as linhas de reductos de Torres Vedras, a «Legião Luzitana» conserva-se na Hespanha interceptando as communicações entre os corpos dos exercitos francezes; e o moço Fernandes tem occasião de arrostar com o inimigo nas acções de *Puerto de Baños* a 12 de agosto contra o corpo do general Ney; de *Miranda de Castenar* a 19 do dito mez; e de *Ciudad-Rodrigo* a 18 de outubro, na qual se retirão as tropas do general francez Marchand, depois de rechassadas por 3 vezes com grande perda.

«Por esse tempo, o 3º exercito invasor de 55.000 homens aguerridos e habilmente commandados pelo marechal Massena penetra em Portugal, toma a praça de Almeida e segue em perseguição do lord Wellington. Este concentra suas forças, retira-se em bôa ordem e ao passo que cobre os seus depositos de Coimbra attrahe o inimigo para os desfiladeiros da serra do *Bussaco*, e ahi no memoravel dia 27 de setembro de 1810, inflige-lhe uma perda de 5.000 homens. Massena consegue evitar um desastre completo; descobre um atalho pelo qual se salva com seu exercito, avança sobre a capital, mas vai esbarrar diante das famosas linhas de *Torres Vedras*, cuja existencia ignorava. N'essa posição fica immovel desde outubro até março (1811), época em que, desanimando de receber os reforços que o general Foy fôra requisitar de Napoleão, resol-ve-se a executar a retirada que tão desastroza foi para as suas tropas, como paaa as infelizes povoações por onde passava.

«O exercito anglo-luzo que se mantivera vigilante nas linhas e se organizara durante a inacção de Massena, assim que vê este abandonar suas posições, põe-se tambem em marcha, persegue-o sem dar-lhe treguas, suscita-lhe toda sorte de embaraços, causa-lhe graves prejuizos, e quando o lança na fronteira, vai sitiar Almeida, occupada

pelo general Brénier. Massena, recebendo então os promettidos reforços com o marechal Bréssieres, tenta retomar a offensiva e soccorrer Almeida, apresenta batalha a lord Wellington em *Fuentos d'Onor* e ahi, depois de combater desesperadamente nos dias 2, 3 e 4 de maio é vencido e obrigado a repassar o Agueda, deixando Portugal livre de uma vez de seus invazores, mas reduzido á mais dolorosa extremidade.

«O joven José Fernandes que, com a nova organisação do exercito passára como 1º cadete (22 de outubro de 1811) para o 8º batalhão de caçadores, commandado pelo bravo major Dudley Hill, assistiu a essas operações, recebendo em Fuentos d'Onor um outro ferimento de bala na perna esquerda.

«O resto do anno de 1811 foi consumido em manobras offensivas em torno das praças fortes de Ciudad-Rodrigo e Badajoz, briosamente defendidas pelo general Barrié e Philippon. O anno seguinte, porém, foi iniciado com os dous brilhantes feitos da tomada por assalto d'essas duas praças, que constituiram dous profundos golpes atirados no dominio dos francezes na Peninsula.

«Aproveitando-se dos movimentos de concentração dos exercitos francezes em torno de Madrid, executados por ordem de Napoleão que partia para a Russia, lord Wellington accommette *Ciudad-Rodrigo* e consegue tomal-a 10 dias depois com grande gloria para o general Pack e para a brigada portugueza do seu commando, porque devendo fazer um ataque simulado por um ponto, com tal impeto e galhardia se houverão, que penetraram na praça em seguimento dos inimigos que guarneciam as obras exteriores, e decidiram assim a sua conquista.

«O outro feito foi ainda mais brilhante. Investida a praça de *Badajoz* a 16 de março, foi tomada a 7 de abril, no fim de uma serie de mortiferos combates, nos quaes se desenvolveu de ambos os lados inexcedivel valor; até que a entrada dos sitiantes pelas brechas através de um fogo infernal, obrigou o valente Philippon a capitular com os seus 5.000 soldados, ganhando com esta admiravel defeza um nome immortal para a praça de Badajoz.

«No terrivel assalto que começou na noite de 6 e ter-

minou com a rendição na tarde de 7, lord Wellington mandára o 8º de caçadores dar um ataque falso sobre o o forte das *Pardalheiras*, e que foi executado com summa pericia, concorrendo grandemente para o bom exito do ataque principal, por haver inutilizado parte da guarnição, sendo depois esse batalhão, um dos que mais se distinguiram no assalto ás brechas. A perda deste batalhão foi enorme : perdeu o capitão Brainig, o tenente Cardozo e o alferes Gaspar Pinto, ficando reduzido a um cadete e 4 soldados. O cadete era o intrepido José Fernandes, que foi logo promovido á alferes por distincção, e publicada a promoção a 2 de maio.

«Conquistada a praça de Badajoz, Wellington volta a Portugal, e a frente de um exercito de 50 mil homens das tres nações alliadas penetra na Hespanha, faz capitular Salamanca, e sabendo que Marmont vinha sobre elle para obrigal-o a repassar a fronteira retira-se prudentemente evitando acceitar combate, onde lhe offerecia o marechal francez ; até que, sendo a sua retaguarda atacada no logar de *los Arapiles*, perto de Salamanca, e achando favoravel esse sitio, trava ahi a celebre batalha de 22 de julho, batalha tão encarniçada que successivamente são postos fóra do combate 3 generaes em chefe francezes (Marmont, Bounet e o Clausel) e termina com a total derrota do inimigo, que se retira acceleradamente na direcção de Burgos.

«Esta victoria foi considerada tão importante que lord Wellington recebeu da regencia da Hespanha o collar do Tozão de Ouro, de Portugal uma grã-cruz, e da Inglaterra a permissão de juntar ao seu escudo as cruzes de S. Jorge, S. André e S. Patricio.

«Resolvido a aproveitar-se da desmoralização dos francezes, o exercito alliado segue-lhe as pizadas ; em 11 de agosto cauza-lhe prejuizo em *Maja-la-onda*, e a 19 do mez seguinte vai pôr sitio ao castello de *Burgos*, onde o general Dubreton resiste heroicamente até 19 de outubro, dia em que Wellington levantando o sitio, seguio para o lado do Douro, por saber que o general Clausel, tendo feito juncção com Caffarelli, marchava á frente de 70 mil homens em direcção ao Tejo.

«Durante esta retirada e quando o exercito anglo-luzo

effectuava, a 25 de outubro, a passagem do rio *Carion*, junto a Palencia, foi alcançado por Clausel, que apezar de todas as vantagens não logrou impedir a operação. Ao bravo 8º de caçadores, já muito desfalcado pelas acções precedentes, coube nesse dia o glorioso papel de sustentar o combate, a pé firme, contra o exercito francez, emquanto os alliados passavam a ponte de Duenas ; o que elle cumprio com a costumada galhardia, perdendo ahi 10 officiaes e 167 soldados, contando-se entre os feridos o valoloso Dudley Hil e o valente alferes Fernandes, que pela gravidade de tres ferimentos que recebeu, foi abandonado por morto no campo de batalha.

«A' noite foi o logar de combate occupado pela divisão inimiga do general Foy (depois tão notavel como orador e escriptor) o qual, fazendo no dia seguinte enterrar os cadaveres, mandou racolher ao hospital de sangue o alferes Fernandes que dava alguns signaes de vida.

«Dous mezes e meio durou o seu penozo tratamento ; e ainda não restabelecido foi esse official transferido para a cadeia civil de Burgos, onde com os outros prisioneiros ficou a espera que seguisse para a França algum comboio bastante numeroso e forte para oppôr-se ás guerrilhas do famoso Expor e Mina, que muito incommodavam os fracezes.

«Organizado o comboio, Fernandes e outros companheiros foram conduzidos para o norte da França, entrando por São João da Luz e passando por Baionna, Tarbes, Auxerre, Nancy (onde então estava preso o celebre Palafou, defensor de Saragoça), Sedan e Guise. Nesta cidade conservaram-se alguns mezes até que, em 1813 estando essa fronteira ameaçada de ser invadida pelas potencias do norte, Napoleão ordenou que os prisioneiros seguissem para o sul e fossem confinados em uma povoação dos Alpes.

«Cerca de um anno passaram neste desterro, até que em maio de 1814, pelo tratado de paz geral, foi-lhes concedida a liberdade de regressarem á patria ; o que fizeram seguindo dos Alpes para Marselha, Perpignan, vencendo os Pyreneos, passando por Figueira, Barcellona e Tarragona, donde embarcaram para Gibraltar. Deste ponto o

alferes Fernandes tomou passagem em um navio até Faro na costa do Algarve, seguio por terra para Lisbôa, onde a 14 de agosto se apresentou ao membro da regencia, D. Miguel Pereira Forjaz. Recebendo ordem de reunir-se ao seu batalhão, seguio para Trancozo, onde foi acolhido com a maior alegria pelos officiaes e soldados, e especialmente pelo bravo coronel Dudley Hill, que muito o estimava e o julgava perdido para sempre.

«Bemvindo lhe foi então o repouso ! Mais de 6 longos annos haviam decorridos depois que deixára seus lares; e desse tempo, quasi 2 annos jazêra prisioneiro em terra inimiga, sem lhe ser dada a consolação de receber noticias de sua patria, de sua casa e dos seus».

Já vimos que em 1815, ordens foram dadas para que de Portugal viessem as tropas necessarias ao augmento do exercito do sul, que assim reforçado devia supplantar os afamados guerrilheiros chefiados pelo conhecido caudilho D. José Gervasio Artigas.

Divulgada esta ordem em Lisbôa, pouco tempo depois partiam do Tejo os navios que, com destino ao Brasil, transportavam a «divisão de voluntarios reaes d'elrei», nas fileiras da qual foi um dos primeiras a se incorporar o bravo José Fernandes. promovido a tenente para o 2º batalhão de caçadores, por despacho de 22 de junho do mesmo anno.

Já nos temos referido, tratando dos principaes chefes das unidades dessa divisão, da sua chegada nesta capital e consequente aquartelamento na Armação (Nictheroy) onde, tendo tocado ao tenente José Fernandes a primeira guarda que devia prestar honras ao sr. D. João VI, que para lá se havia transportado, pelo seu garbo e desembaraço no commando dessa força foi agraciado com o habito da ordem de Christo, na impossibilidade de se o elevar ao posto de capitão, como era desejo do referido monarcha, por se lhe haver ponderado que era elle muito moderno e que tal acto acarretaria desgostos nos seus companheiros de arma mais antigos.

Deixando o seu quartel na Armação embarcou a 12 de junho para Santa Catharina e d'ahi seguio a divisão por terra, com destino ao Rio Grande do Sul onde, como

já sabemos, unida a um contingente de forças brasileiras, invadiu a Banda Oriental, e marchando em direcção a Maldonado, travou os combates de *Castilhos-chicos*, *Fasso do Xafalote* e *Santa-Thereza*, em setembro, bem como a acção da *India Muerta*, a 19 de dezembro, onde foi desbaratada a columna do chefe Fructuoso Rivera.

Nos primeiros dias do anno seguinte (1817) chegava a divisão a Maldonado, onde desde outubro a esperava o conde de Vianna com a sua flotilha e depois de conferenciarem os dois commandantes continua a sua marcha acampando a 19 de janeiro na *Chacarita*, recebendo ahi o commandante em chefe, tenente-general Lecór a deputação que lhe fôra enviada de Montevidéo, onde fez a sua entrada solemne a 20 desse mez.

Senhor da praça de Montevidéo, fez Lecór partir para a Colonia do Sacramento o bravo coronel Jorge Rodrigues, que della apossou-se sem a menor resistencia ; sendo porém logo depois incommodado pelas partidas de Rivera, Ortoguez e outros, que pretendiam interceptar-lhe as communicações com Montevidóo, teve que hostilisal-os onde quer que os encontrasse e nessas excursões sempre se destinguio o tenente José Fernandes que algum tempo depois serviu sob as ordens do então brigadeiro Saldanha, (depois duque do mesmo nome) que fora encarregado de restabelecer as communicaçes até então cortadas entre as forças de Montevidéo e as da *campanha*, ao mando do legendario Xavier Curado, para o que fixou o seu quartel general nas proximidades da Capella de Mercedes no *Rincon de las Gallinas*.

« Com as acções do *Passo de Arenas* e do *Arroyo-Grande* no fim de 1819, nas quaes o general Jorge Avilez e o major Bento Manoel, destroçaram as forças de Felippe Duarte e Fructuoso Rivera, o poder de Artigas, já muito enfraquecico pelas derrotas anteriores, ficou por demais debilitado.

« Decidido a tentar um ultimo e supremo esforço, esse caudilho reune 2.500 homens aguerridos e determinados, mas antes de executar o designio que tinha em mente, é alcançado pelo conde de Figueira no *Lunarejo*, cabeceiras do *Tacuarembó*, a 22 de janeiro de 1820, e

soffre completa derrota, com a perda de 800 mortos, 490 prisioneiros e 5.400 cavallos.

« Pouco depois deste golpe, Bento Manoel reforçado com um contigente de infanteria de que fazia parte o tenente Fernandes, é incumbido de varrer a campanha infestada pelas guerrilhas de Rivera ; e de tal sorte toma suas disposições, que dispersa as forças inimigas no Dayman, apodera-se de todo o seu trem e bagagens, resultando deste feito a rendição de Rivera, mediante o posto de coronel e o commando de um corpo de orientaes ».

Já sabemos que depois dessas occurrencias o destimido Artigas viu-se forçado a refugiar-se no Paraguay, onde o dictador Francia o reteve como prisioneiro ; indo depois residir em Assumpção, ahi falleceu em 1859, com mais de noventa annos de idade.

Proclamada a independencia do Brasil, ao chegar a Montevideo a noticia de tal acontecimento transmittida pelo secretario dos negocios do imperio, sabemos que á declaração espontaneamente feita pelo barão da Laguna, de adherir á causa brasilica, oppoz o seu lugar-tenente general Alvaro da Costa de Macedo a mais tenaz resistencia, por considerar a Banda Oriental como exclusivamente conquistada pelo governo de Portugal.

Refugiando-se em *Canelones* com os officiaes e tropas que o acompanhavam, fez dahi partir o referido barão, para o Rio de Janeiro, em novembro de 1822, um emissario conduzindo os documentos ffrmados pelos offlciaes das guarnições de Montevideo e da Colonia, protestando obediencia a D. Pedro I. Entre elles se achava o tenente Fernandes « que além de ter sido um dos primeiros que adheriram á independencia do Brasil, coopoerou para a extincção do 2º de caçadores (a que pertencia), não só arriscando sua pessoa, como até com seus bens, cedendo dinheiros para serem applicados ao pagamento das praças e engajamento da 4ª companhia fixa ; que desprezára as machinações do conselho militar, entregando as cartas com que este o convocava para o seu partido ; e que tambem foi incumbido, pelos officiaes do seu batalhão de responder á proclamação do dito conselho militar, demonstrando em todos os seus actos decidida affeição á causa do Imperio ».

Tendo jurado a constituição de 25 de março de 1824, por decreto de 1º de dezembro do mesmo anno, foi promovido a capitão para o 11º batalhão de caçadores, continuando a prestar seus valiosos serviços na provincia Cisplatina, fazendo parte da guarnição da Colonia do Sacramento.

Achava-se esta praça sitiada pelas forças do chefe Lavalleja, por terra, e pelos navios do almirante Guilherme Brown, os quaes não podendo subjugar os seus valentes defensores, por ameaças nem pelos ataques que se seguiram, esperavam no entretanto vel-os entregarem as armas, impellidos pela falta de munições de guerra e de bocca.

O benemerito chefe Manoel Jorge Rodrigues lembrou-se porém, de enviar pessoa de confiança ao almirante Rodrigo Lobo, para dessuadil-o do *erro em que incorria*, suppondo que a colonia havia sido tomada pelo inimigo, desde o dia 25 de fevereiro de 1826. Difficil e summamente arriscada era a empreza, mas foi ella coroada do mais feliz resultado pela coragem e sangue frio dos seus executores, o capitão José Fernandes e o bravo 1º tenente da armada nacional Joaquim José Ignacio, depois almirante e visconde de Inhauma, que embarcados em um pequeno escaler, afastaram-se na noite de 10 para 11 de março, dos seus companheiros de luta, em busca do navio chefe brasileiro, escudando-se com as trevas, com a agitação das ondas e, mais ainda, com o inacreditavel de seu arrojado intento, atravessam por entre os navios da esquadra inimiga, illudem a severa vigilancia mantida por Brown no bloqueio e conseguem afinal entregar nas mãos do almirante Lobo os officios instruidos pelas informações verbaes de que eram portadores.

« Dois dias depois chegavam a colonia os salvadores reforços e o capitão Fernandes era victoriado pela guarnição da praça, que ficava agora abastecida e habilitada a fazer pagar caro a audacia dos chefes inimigos. O velho Brown furioso ao ver a approximação da nossa esquadra, foi obrigado a fazer retirar os seus navios na madrugada de 14, deitando ao rio a artilharia grossa, afim de poder passar entre as ilhas de Hornos, onde ficava livre de ser

perseguido pelos nossos. Nessa mesma noite uma vigorosa sortida ordenada por Manoel Jorge do lado da campanha, escarmentou de tal modo a Lavalleja, que vio-se tambem forçado a levantar o sitio.

« O governo brasileiro recompensou o acto de intrepidez do capitão José Fernandes conferindo-lhe o habito do Cruzeiro ; ao passo que o almirante Rodrigo Lobo foi substituido no commando da esquadra e submettido a um conselho de guerra, sendo um dos principaes pontos da accusação, não haver alcançado a Brown no dia 24 de fevereiro e o abandono em que deixou a colonia, reduzida á ultima extremidade até o dia 13 de março ».

No anno seguinte, a 20 de fevereiro, deu-se no Passo do Rosario a celebre batalha de *Ituzaingó*, dando lugar a que nos primeiros dias de março, os *porteños* cheios de alegria festejassem a sua grande victoria, não obstante dous mezes depois ter sido submettido a conselho de guerra o general D. Carlos de Alvear, o commandante em chefe do exercito republicano em o referido dia 20 de fevereiro.

A' côrte do Rio de Janeiro se havia tambem recolhido o commandante do exercito imperial — marquez de Barbacena, onde, logo depois chegaram successivamente D. Manuel Garcia, e generaes Balcarce e Guide, patrocinados estes pelo ministro inglez, Lord Ponsomby, e conseguiram a terminação da guerra com o tratado de 27 de agosto de 1828, sendo reconhecida a independencia do Estado Oriental do Uruguay.

A' 23 de abril de 1829, as forças brasileiras deixaram a praça de Montevideo, seguindo para diversas localidades do territorio brasileiro, cabendo ao 11º de caçadores a capital do extincto imperio, onde recebeu José Fernandes a patente de major, a que fôra elevado por decreto de 18 de outubro. Pouco depois, com o casco do dito batalhão, seguiu para Ouro Preto, onde aquartelou a 22 de dezembro, tudo do referido anno de 1829, e ahi o reorganizou convenientemente na qualidade de commandante interino.

Depois dos acontecimentos de 7 de abril de 1831, com o mesmo batalhão regressou em julho para esta

capital, e mais tarde, fazendo parte do celebre batalhão de — officiaes soldados — prestou relevantes serviços á ordem publica, concorrendo para jugular a anarchia fomentada nos quarteis, pelos máos politicos de todos os tempos, cuja norma tem sido sempre a realização dos seus interesses, sem se preoccuparem com o sobresalto da população ordeira e o desprestigio da propria nacionalidade.

Passada essa epocha de agitação, tendo sido creada a guarda nacional, ao prestimoso José Fernandes foi commettida a commissão de major de legião e instructor geral dessa milicia em os municipios de Macahé e Cabo Frio, ficando encarregado tambem do recrutamento para as fileiras do exercito e da armada, conforme se vê dos despachos de dezembro de 1836.

Deixou estas commissões por ter sido, por aviso do ministerio da guerra de 12 de junho de 1838, nomeado para organizar e commandar o 2.º batalhão de caçadores do Rio Grande do Sul, para onde seguiu em o seguinte mez de julho, sendo por decreto de 18 de dezembro do mesmo anno, promovido a tenente-coronel.

Instruido no pé de guerra esse batalhão, á frente delle fez diversas excursões contra os rebeldes, até que por ordem do marechal Antonio Elzeario, em junho de 1839 o entregou ao major Antonio Maria de Souza em São José do Norte e se recolheu á côrte.

Havia então sido nomeado presidente de Santa Catharina o general Soares de Andréa, incumbido tambem de expulsar de alguns pontos dessa provincia os revolucionarios rio-grandenses, pelo que antes de para alli partir, entre outros officiaes, requisitou o tenente coronel José Fernandes, para organizar e commandar uma das columnas que deviam entrar em acção.

Desembarcando na ilha de Santa Catharina á 8 de agosto, emquanto o general Andréa armava a flotilha destinada a Laguna, tratou José Fernandes de organizar com a maior rapidez as suas forças que ficaram compostas com um batalhão da provincia, outro que chegára do Pará e mais dois de recrutas ; dois mezes depois iniciou a marcha de guerra, travando combate no dia 3 de novembro no *Encantado*, conseguindo dispersar a gente do chefe

rebelde Teixeira, que commandava esse ponto e o da armação de Garopaba, de onde passou a occupar a Villa-Nova, aguardando aviso para de accordo com a esquadrilha dar o ataque á villa de Laguna, então occupada pelas forças do chefe republicano David Canavarro.

Já vimos que esta posição foi abandonada depois do mais renhido combate, no dia 15 de novembro de 1839.

«Na tarde de 14 José Fernandes recebendo as communicações que esperava, pôz em movimento a sua columna, pelas 5 horas da manhã do dia seguinte e tal deligencia desenvolveu que ás 5 horas da tarde entrava na Laguna, sendo recebido pelas acclamações do povo, emquanto os rebeldes que vinham acossados desde o acampamento de *Itaperobá*, fugiam á nado e em canôas depois de fraca resistencia na villa, onde antes assassinaram barbaramente o vigario Villela e lançaram fogo a escuna *Itaparica*, em cujo porão haviam mettido o major Barreiros e mais 15 infelizes, que ficaram reduzidos a cinzas! Tanto pode a ferocidade de uma guerra entre irmãos!»

Recebendo na séde do governo a noticia da restauração da Laguna, endereçou o general Andréa ao tenente-coronel José Fernandes uma amistosa carta que assim principia:

«Dando á V. S. os parabens pela continuação dos distictos serviços, com que vai ornando a sua carreira militar, é de meu dever agradecer-lhe a honra que me cabe, por ter tido a fortuna de ser ajudado na minha commissão por um official que sabe unir a docilidade do homem civil com a energia, pericia e valor de um verdadeiro militar.»

O commando da guarnição da villa e municipio da Laguna passou desde então a ser exercido por José Fernandes a quem, pelos seus assignalados serviços, por despacho de 2 de dezembro desse anno foi concedida a graduação de coronel.

Seguindo d'ahi para o Rio Grande do Sul em julho de 1840, esteve em operações de guerra commandando a 2ª brigada de infanteria e, confirmado no posto de coronel, por decreto de 27 de maio de 1842, deixou o referido commando a 20 de agosto de 1843 dia em que assumiu o da 2ª divisão de exercito, onde se conservou até a pacificação

da provincia, ostentanto então sobre o peito a commenda de S. Bento de Aviz, pelos seus bons serviços de paz e guerra e nos punhos de sua farda os bordados de brigadeiro, cuja graduação lhe fôra concedida por despacho de 23 de julho de 1844.

Descriptas se acham na sua já referida biographia as importantes commissões que desempenhou durante o ultimo periodo dessa lamentavel luta e pelo modo por que nellas se houve, dil-o o immortal Caxias nas seguintes palavras, concluindo uma informação a seu respeito:

«.... Alem disso cumpre-me informar que quando tomei o commando em chefe do exercito do sul, encarreguei o supplicante do commando de uma brigada, e depois de uma divisão do mesmo exercito, em cujos exercicios muito concorreu para o bom resultado das operações, pela sua pericia, intelligencia, actividade e bravura, a que reunia as mais qualidades de um soldado exemplar. Bem reconheço que pelas leis militares do imperio os postos de general são da privativa escolha do monarcha; mas uma vez feita essa escolha para a graduação de taes postos parece de justiça, e a pratica de ha muito tempo até hoje tem sanccionado a validade do principio de antiguidade para a promoção á effectividade. Portanto, sendo o supplicante mais antigo na graduação de brigadeiro do que o outro a quem elle se refere, a justiça pedia que fosse o preferido para a effectividade; tanto mais quanto, sem offender a reputação do brigadeiro Henrique Marques de Oliveira Lisbôa, me parece que seus serviços não sobresaem em relevancia aos do supplicante que bem conhecidos são. Pelo expendido pois julgo o suplicante no caso de ser promovido a effectividade do posto de brigadeiro, visto haver ainda vagas deste posto no quadro do exercito. — Quartel-General da Côrte. 27 de novembro de 1846. — *Conde de Caxias*».

A' vista disto, por despacho de 14 de março de 1847, foi-lhe concedida a effectividade do posto de brigadeiro.

Na data acima se achava José Fernandes nesta capital, tendo depois, do restabelecimento da paz no Rio Grande do Sul, occupado o commando da guarnição de Porto-Alegre, até o fim de junho de 1846 em que foi

esse commando supprimido; sendo nomeado commandante da 1ª brigada e guarnição da cidade do Rio Grande e fronteira do Chuy, exerceu esse novo cargo com muito esmero até 26 de julho de 1851, em que passou a commandar a divisão da esquerda e 3ª do exercito em operações no Estado Oriental do Uruguay.

A divisão do brigadeiro José Fernandes, por ser a mais forte (compunha-se de 4 brigadas formadas por dez batalhões de infanteria e seis corpos de cavallaria) foi destinada a marchar, cobrindo a extensa linha da nossa fronteira ameaçada a todo instante por forças consideraveis do inimigo.

A 4 de setembro moveu-se o exercito brasileiro, forte de 16.000 homens dos quaes 7 mil de infanteria, 8.500 de cavallaria, com os contigentes de artilharia necessarios ás suas 16 boccas de fogo.

«A 3ª divisão, tendo no dia 2 feito juncção com as forças dos coroneis Prates e Severo, no passo do Sarandy, moveu-se tambem, e a 11 a sua vanguarda bateu Dionisio Coronel que havia sorprehendido o corpo oriental de Camillo Vega, que se nos incorporára; a 12 chegou ao arroio de *las Cañas*; a 19 ao arroio *Malo*; a 25 ao arroio *Conventos*, onde se lhe apresentaram o chefe da vanguarda de Dionisio com muitos officiaes e mais de 300 praças *oribistas*; e a 30 atravessa o Rio-Negro no «Passo d'El-Rei», emquanto o grosso do exercito imperial, a um dia de marcha, atravessa o mesmo rio no passo Polanco,

«Estava a 3ª divisão nas pontas do rio Gy, a 11 de outubro; quando Fernandes recebeu um officio de Dionisio Coronel, no qual annunciando-lhe a celebração de um ajuste de paz entre Oribe e Urquiza, perguntava-lhe *si esse ajuste se estendia tambem á 3ª divisão imperial?*. O digno general Fernandes reconhecendo o grosseiro ardil do seu inimigo, respondeu-lhe que *dirigisse sua communicação ao general em chefe, porque quanto a elle continuaria na sua marcha offensiva*. Esta resposta desorientou o chefe *oribista*, que reduzido á 500 homens e sabendo que Fernandes destacára uma força para perseguil-o, escreveu a este general, declarando que *estava prompto a submetter-se com a força do seu mando*; ao que respondeu o general brasileiro

enviando-lhe salvos-conductos para elle e seus soldados, ordenando-lhe que recolhesse as boccas de fogo e armamento na villa de Cerro-Largo.

«Quanto á columna de Ignacio Oribe, em ligeira retirada passára o Rio-Negro, tomando a direcção do acampamento do seu irmão Manoel Oribe.

«Ao passo que se movia o exercito brasileiro, os generaes Urquiza, Virasoro e Garzon, á frente de 10.000 homens, entrerianos, correntinos e emigrados orientaes, haviam passado o Uruguay, e forçando suas marchas apresentaram-se em frente de Oribe que se rendeu no dia 14 de outubro, com cerca de 4.000 homens a que estava reduzido seu exercito, pelas repetidas deserções que soffrera.

«A 20 de outubro acampava o exercito imperial na margem esquerda do Santa-Lucia, onde se lhe reunio a divisão do general Fernandes, o qual na marcha desde Jaguarão havia organisado tres corpos de orientaes e argentinos com cerca de 1.400 homens.

«Com a rendição do general Oribe, terminava a primeira parte da campanha, Tratou-se então de fazer os preparativos para começar a segunda, pois que (como se previra) o dictador de Buenos-Aires havia declarado guerra de morte á alliança».

O exercito brasileiro que orçava então em cêrca de 20.000 homens, teve nova organização a 17 de novembro, continuando o brigadeiro Fernandes no commando da 3ª divisão composta com a 4ª, 8ª e 9ª brigadas. Desse exercito foi destacada a 1ª divisão, do brigadeiro Manoel Marques de Souza, afim de reunir-se aos alliados sob o commando em chefe de Urquisa, que tendo atravessado o Paraná formou no Espinillo (Santa Fé) cêrca de 26.000 homens que deveriam marchar sobre Buenos Aires encurralando as tropas do dictador entre o dito exercito e a nossa esquadra.

As demais divisões brasileiras (2ª e 3ª) commandadas pelos brigadeiros Caldwell e José Fernandes, constituindo a reserva desse exercito, ficaram acampadas na Colonia do Sacramento e promptas para embarcar á primeira ordem, indo atacar a capital, logo que tal operação fosse julgada necessaria.

Estava o general em chefe brasileiro avisado por Urquisa de que a batalha teria logar no dia 4 de fevereiro, desde que este concluira, a 8 de janeiro, a passagem de todo seu exercito no ponto escolhido na margem direita do Paraná, donde logo moveu-se com destino a Buenos-Aires, pelo que ordenára a Caldwell que com toda a cavallaria se conservasse na Colonia, emquanto elle com José Fernandes á testa de toda a nossa infanteria embarcados em 7 navios da esquadra brasileira tomariam posição conveniente a um desembarque ao norte da referida capital, poudo assim o exercito do dictador Rosas entre dois fogos.

Sabe-se, porem, que tão acertada combinação não poude realisar-se, pois na vespera daquelle dia, quando tudo se achava a postos, ouvio-se a canhonada de Monte-Caseros e «ás duas horas da tarde do glorioso dia 3 de fevereiro de 1852 sabia-se em Buenos-Aires da completa derrota do inimigo e da fuga vergonhosa do feroz dictador»

« Passados 15 dias, a 18 de fevereiro, nossos soldados victoriosos eram cobertos de flores e de bençãos pelo povo de Buenos-Aires, por haverem restituido aos argentinos a paz e a liberdade, brilhante missão essa, que parece estar destinada a ser preenchida pelo nosso exercito, para com quasi todos os povos da America do Sul !»

A 4 de junho desse anno, transpunha o exercito brasileiro as fronteiras do Brasil, e dissolvidas as suas principaes unidades, reassumio o brigadeiro José Fernandes o commando da guarnição e fronteira do Rio Grande e da 1ª brigada a 30 do dito mez, recebendo pouco depois a medalha de ouro da campanha de Uruguay e a dignitaria da ordem da Rosa, sendo promovido a marechal de campo, por decreto de 18 de junho de 1853.

Chamado á côrte, por decreto de 12 de julho do dito anno foi nomeado commandante das armas da provincia de Pernambuco ; tomando posse desse cargo no Recife a 29 de setembro o exerceu a contento de todos, merecendo os mais significativos elogios do presidente da mesma provincia, quando della ausentou-se por haver obtido, por despacho de 25 de julho de 1854, a dispensa que solicitára desse cargo.

Apresentando-se na côrte, pediu e obteve permissão para residir no Rio Grande do Sul, para onde se transportou, fixando residencia na cidade de Porto-Alegre, e dahi pouco tempo depois solicitou a sua reforma que por decreto de 1º de agosto de 1856 lhe foi concedida no posto de tenente-general pelos seus longos annos de serviço.

Depois de reformado, dando-se a guerra contra o dictador do Paraguay, offereceu-se ao governo imperial para que o julgassem poder ainda servir, sendo aproveitada a sua dedicação á causa publica no commando da guarnição da cidade do Rio Grande, conforme se vê do aviso do ministerio da guerra de 21 de julho de 1865 «ficando-lhe subordinados os commandantes das fronteiras e guarnições do Chuy, Santa Victoria e Pelotas, bem como todas as forças da guarda nacional destacadas nessas localidades.

Nesta ultima commissão esmerou-se mais uma vez o general José Fernandes em bem servir a sua patria, reunindo fortes contingentes de voluntarios e guardas nacionaes que se destinavam ao exercito em operações nos campos do Paraguay, de um dos quaes fazia parte o bravo Silva Tavares, um dos heróes do Aquidaban, depois brigadeiro honorario do exercito, e que, tendo sido condecorado com o titulo de barão de Itaquy, o renunciou ainda no passado regimen, incorporando-se desde então ao partido republicano de sua provincia natal.

O tenente-general José Fernandes dos Santos Pereira, depois da conclusão da guerra do Paraguay occupou-se exclusivamente dos interesses de sua familia em o seio da qual falleceu a 19 de dezembro de 1874, na capital do Rio Grande do Sul.

José Joaquim Coelho

(Barão da Victoria)

A 22 de abril de 1814 assentou praça voluntariamente no 1º regimento de infanteria da côrte do Rio de Janeiro, José Joaquim Coelho, nascido em Lisbôa a 28 de setembro de 1797, e filho legitimo de Joaquim José Coelho.

Tendo com pronunciado interesse frequentado as

escolas de instrucção theorica e pratica do seu regimento, á 1º de julho de 1815 passou a anspessada, a cabo d'esquadra em 1º de maio de 1816 e a furriel em 16 de abril de 1817, posto este com que marchou para o Recife, incorporado á divisão expedicionaria contra a revolução republicana de 6 de março do mesmo anno, sendo, ao alli chegar, transferido para o batalhão de granadeiros da «divisão de voluntarios leaes d' el-rei» a 29 de julho do mesmo anno. A 1º de janeiro de 1818 foi elevado a 2º sargento para o 1º batalhão de caçadores e graduado em 1º sargento a 13 de maio passou a sargento-ajudante, pela ordem do dia de 14 de julho, tudo do mesmo anno.

Com a noticia da revolução constitucional do Porto, em 23 de agosto de 1820, se organizou na cidade de Goyanna um governo provisorio, sympatico á mesma revolução que ficou conhecido pelo titulo de «Junta Constitucional Governativa».

Organizando esse governo as suas forças militares, a ellas passou a pertencer o 1º batalhho de caçadores de 1ª linha, onde José Joaquim Coelho teve que exercer o cargo de ajudante, por proposta da mencionada junta, de 8 de setembro de 1821.

Por despacho de 5 de outubro do mesmo anno foi elevado ao posto de capitão, para a 5ª companhia do 2º batalhão de caçadores.

Por occasião dos conflictos entre o governador das armas e o da junta provisoria, ambos eleitos por acclamação, em 16 de setembro de 1822, acompanhou o capitão José Joaquim Coelho a referida junta á villa do Cabo, escolhida para séde do seu governo, de onde marchou com tropas regulares sobre o Recife, concorrendo para a deposição do referido governador das armas, capitão Pedro da Silva Pedroso e sua consequente prisão a 21 de fevereiro de 1823.

Neste ultimo anno, por deliberação da mencionada junta de 23 de abril, foi commissionado no posto de major commandante do alludido 2º de caçadores, e por decreto de D. Pedro I, de 12 de outubro, foi confirmado no posto de alferes do exercito imperial.

No anno seguinte, quando a 26 de julho foi procla-

mada a «Confederação do Equador» acompanhou o morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, e, depois de ter acampado no *Engenho-Velho*, seguiu com o grosso das forças-imperialistas para a Barra-Grande, onde prestou os serviços consignados no seguinte documento:

« Attesto que o senhor major José Joaquim Coelho, tendo seguido o «Exercito Cooperador da Bôa Ordem» desde que sahio desta praça, foi uma das primeiras pessôas que mais se distinguirão em todo o decurso da campanha, tanto com sua pessôa, como com as suas acertadas reflexões e medidas. Commandou sempre brava, e dignamente o primeiro batalhão de caçadores, e com elle foi na Barra-Grande encarregado de defender a nossa ala esquerda, e é nesta defesa que se encheo de gloria, porque o morro que formava o extremo desta ala, e que era a nossa mais importante posição por dominar todo o acampamento, foi sempre atacado com forças muito superiores, que elle em pessôa sempre repellio com parte do seu batalhão ; tendo ordem de se defender até á ultima extremidade, executou a foritficação deste morro por uma maneira tal, que sempre teve poucos feridos, e fez estragos os mais consideraveis ao inimigo, a ponto de desistir da empreza de poder forçar aquelle lugar, e por conseguinte, desallojar do nosso acampamento, sendo notavel nesta defesa o dia 8 de julho, dia do nosso maior triumpho e da sua maior gloria, que seria fastidioso o relatar circumstanciadamente, no que aliás nada augmentaria a um official, que por seu nome se tem feito respeitavel entre os homens honrados.

« No dia 17 do mesmo mez commandou o ataque feito sobre o inimigo, no qual, a não occorrer a chuva e a proximidade da noite, completaria a sua derrota por se achar já o inimigo em precipitada e vergonhosa fuga, o que por tal motivo veio a executar em 27 do mesmo e foi neste ataque que recebeu no braço esquerdo uma bala honrosa em defesa do imperador e da patria ; o que tudo affirmo, accrescentando mais que por me faltarem as expressões, não me satisfaço em dizer o quanto o coração sente a respeito de tão digno official, embora os malvados me taxem de exagerador. Passo a presente sem

me ser pedida. Recife, 4 de dezemboro de 1824.—*Conrado Jacob de Niemeyer* — tenente coronel engenheiro ».

Finda esta campanha, foi-lhe concedida a medalha de distincção, destinada aos que pertencendo ao «Exercito Cooperador da Bôa Ordem» se bateram na Barra-Grande.

Por decreto de 8 de março foi promovido a tenente; a capitão por outro de 15 de junho ; a major graduado por despacho de 2 de agosto e a effectivo por decreto de 12 de outubro, tudo de 1825, para o batalhão n. 17 de caçadores de 1ª linha.

Por decreto de 5 de fevereiro de 1827 foi promovido a tenente-coronel para o mesmo batalhão, com o qual seguiu para o Rio Grande do Sul em junho do mesmo anno, tendo tomado parte na campanha contra os republicanos do Rio da Prata, até o mez de outubro de 1828, em que foi publicada a convenção de paz, assignada nesta capital a 27 de agosto desse anno.

Dissolvido o exercito do sul, continuou o 17 de caçadores de guarnição na villa de São Pedro do Rio Grande do Sul, de onde marchou com destino á sua parada em Pernambuco, no fim do anno de 1831.

Este corpo, como muitos outros, ao alli chegar, teve de ser dissolvido segundo as terminantes ordens do governo da regencia, e os bravos que o compunham, foram dispersos pelas localidades mais proximas da capital, ficando o tenente-coronel Coelho pertencendo a 3ª classe dos officiaes avulsos e della nomeado commandante, conforme a organização publicada em o anno de 1832.

Em abril deste anno passou a commandar interinamente o batalhão nº 54 de caçadores de 2ª linha, com o qual teve de marchar contra os facciosos de Panellas e Jacuhipe, no seguinte mez de dezembro.

No ataque que commandou na entrada do Brejo-Velho, a 2 de março de 1833, recebeu um ferimento na perna, sendo por isso forçado a regressar ac Recife, onde se apresentou a 27 do mesmo mez, ficando doente em seu quartel, merecendo por essa occasião ser elogiado em ordem do dia, pelos relevantes serviços que acabára de prestar.

Segundo refere o chronista pernambucano Felix Por-

tella, antes de ter marchado para a chamada guerra de Panellas e Jacuhype, ao tenente-coronel Coelho deve-se o restabelecimento da ordem no Recife, perturbada pelos portuguezes partidarios do imperador deposto que, senhores de um dos bairros dessa capital, onde se achão as fortalezas do Brum e do Buraco, das quaes se apoderaram e com a artilharia dellas tiradas, damnificaram barbaramente os bairros de Santo Antonio e Boa-Vista.

« Por espaço de tres dias o commercio esteve paralizado, as repartições fechadas a as familias inteiramente privadas de mandarem comprar o necessario para o sustento diario.

« Não dispondo o governo de forças regulares para atacar os revoltosos acastellados no Recife, foi convidado e armado o povo dos outros bairros, que sem demora compareceu, em numero de quinhentos homens, na rua do Collegio, logar designado para a reunião; para commandar em chefe estas improvisadas tropas, foi nomeado o tenente-coronel Coelho. Auxiliado pelo seu bravo camarada, o capitão Carapéba, commandante do 54º batalhão de milicias, o valente militar viu-se logo cercado de grande numero dos ex-soldados do extincto 17, com os quaes poude formar o nervo da columna assaltante.

« Pelas nove horas da manhã do dia 16 de abril, o chefe, depois de uma breve exhortação, dividio a sua gente em dous corpos, á frente dos quaes marchou ao ataque dos amotinados.

« A vanguarda legal, ao chegar á embocadura do arco de Santo Antonio, começou a tirotear com o inimigo postado no arco da Conceição e, apoz algumas descargas, carregou denodadamente pela ponte até o logar de onde fôra retirado o lastro; e d'ahi não podendo mais avançar, retrocedeu a passo acelerado gritando: *A ponte está cortada* ! *A ponte está cortada* ! *Não ha por onde passar* ! — *E as madres da ponte tambem estão cortadas* ? interrogou o tenente-coronel Coelho — *Não*, foi a resposta. — *Então podemos passar*, garantiu resoluto; erguendo a espada, esporeou o cavallo, transpoz num instante a abertura, e voltando-se para os seus commandados, que attonitos contemplavam tamanho rasgo de temeridade, bradou-lhes:—

Imitae-me, camaradas ! *No arco da Conceição não ha mais ninguem, já fugiram todos* ! e toda a tropa desfilou com facilidade por cima das madres. (*)

« Realmente os revoltosos já haviam abandonado aquelle posto, e junto á peça de artilharia jaziam mortos o major Livramento, um dos seus chefes, e dous soldados; derramaram-se então os assaltantes pelas estreitas ruas do Recife levando a ferro e fogo quantos dos contrarios se lhes deparavam, e ao chegarem ao arco do Bom Jesus já ali encontraram as avançadas da columna que pelo isthmo viéra de Olinda.

« Esta força composta principalmente dos briosos estudantes do curso juridico, já occupára de passagem as duas fortalezas, e agora, junto á primeira avançou sobre o resto dos amotinados encurralados no extremo meridional da peninsula em que assenta aquelle bairro.

« O combate então não tardou em se transformar em massacre; os legalistas exasperados pela repetição das scenas de pilhagem da *Setembrada*, não davam quartel, e mesmo os milicianos que se entregaram prisioneiros voluntariamente, eram logo trucidados; sabedor de tamanhas barbaridades, o tenente-coronel Coelho procurou impedil-a ordenando que os prisioneiros fossem poupados e conduzidos á cadeia; humanitaria medida que, porém, não obstou que ainda muitos delles fossem friamente assassinados no trajecto.

« Pelas duas horas da tarde a insurreição estava completamente esmagada; o commandante em chefe mandou tocar reunir na rua da *Cadeia-velha* e depois de agradecer a todos os cidadãos o grande serviço que acabavam de prestar á patria, os convidou a se recolherem pacificamente aos seos lares, reservando apenas alguns populares para conduzir á igreja da «Madre de Deus» os cadaveres espalhados pelas ruas, cujos corpos eram arrastados e puchados pelas pernas como judas em sabbado de alleluia.»

Restabelecido do seu honroso ferimento marchou pela segunda vez o tenente-coronel Coelho para o interior da

(*) As madres da ponte mediam quasi cincoenta centimetros de largura; nota do referido Portella.

provincia em agosto de 1833, na qualidade de commandante em chefe de todas as forças em operações contra os rebeldes de Panellas, onde desenvolveu a sua costumada pericia merecendo os justos louvores das autoridades superiores. Deixou o acampamento das forças e recolheu-se á capital, assumindo a 6 de dezembro o commando das armas de Pernambuco para que fôra nomeado, por decreto de 9 de outubro do mesmo anno, seguindo novamente para o interior da provincia como commandante em chefe das forças que se batiam contra os facciosos já alludidos, tambem denominados *Cabanos*, recebendo mais um ferimento, tendo se portado sempre com a maior energia e actividade profissional devida á sua reconhecida intelligencia.

Exonerado do commando das armas por decreto de maio de 1835, passou-o ao seu substituto legal a 4 de junho do mesmo anno, sendo por doente transferido para a 2ª classe do exercito.

Apresentando-se, assumiu o commando da 3ª classe a 1º de abril de 1836, cargo este que deixou para exercer o de instructor geral da guarda nacional do Recife, a 6 de agosto do mesmo anno.

Por despacho da presidencia de 11 de maio de 1837, foi nomeado commandante geral do corpo policial da provincia, sendo dispensado do mencionado cargo de instructor e deste commando em 7 de dezembro, passando a commandar o 7º batalhão de caçadores.

Nos dois cargos que acabava de deixar se houve o tenente-coronel Coelho pelo modo porque o diz nas seguintes linhas, o seu biographo, dr. Aquino Fonseca :

« A guarda nacional do Recife não era, por assim dizer, mais do que uma reunião de pessoas vestidas com o mesmo fardamento, e armadas de granadeiras e espadas ; ella nada apresentava de marcial, embora em suas paradas e marchas mostrasse certo garbo, que é proprio dos pernambucanos. O tenente-coronel Coelho sabia o que se podia esperar da milicia cidadã, e, entrando no exercicio de instructor geral, cuidou logo de exercital-a no manejo das armas, e em verdade pouco depois mostrava-se ella digna da denominação que tinha, e offerecia o aspecto

lisonjeiro de força militar, podendo então rivalisar com qualquer outra do imperio.

« No corpo de policia não foi menos proficua a sua actividade, pois, no curto prazo durante o qual exerceu o commando daquella corporação — tão desmoralisada que o governo já cogitava em dissolvel-a — converteu-a em perfeito equivalente aos melhores batalhões de linha. »

Nessa epocha, sabemos, se achava em estado de guerra a então provincia do Rio Grande do Sul, pelo que ao tenente-coronel Coelho coube o commando da brigada organizada no Recife e destinada a engrossar as fileiras do exercito imperial que alli combatia o dos republicanos rio-grandenses.

Publicada a sua nomeação em ordem do dia de 18 do já citado mez de dezembro, embarcou com as forças de seu commando dando de véla a 31 ainda desse mez, desembarcando porém no Reconcavo da Bahia, pelas instrucções preventivas que recebêra do governo de Pernambuco, para reunir-se ás forças legaes que alli se defendiam dos rebeldes da capital.

Os brilhantes feitos praticados pelo tenente-coronel J. Joaquim Coelho nessa guerra *(Sabinado)* de caracter horrivel, se acham minuciosamente relatados nos seguintes documentos :

« Illm. Exm. Snr. — Sendo do meu dever dar a V. Ex. uma circumstanciada conta dos successos occorridos na brigada expedicionaria do meu commando, dos memoraveis dias 13, 14 e 15 do mez de março proximo passado; cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex., que tendo-me constado haverem os rebeldes collocado uma peça no dia 12, no ponto em frente do Candomblé, cuja peça não collocada ainda unida a uma outra de grosso calibre que já batia aquella posição pelo flanco esquerdo, causaria consideravel damno á força alli estacionada, como a V. Ex. foi sciente, e como si tivesse V. Ex. dignado franquear-me a occasião favoravel de tomar estas formidaveis posições, determinei em consequencia desta autorisação, na madrugada do dia 13, a fazer occupar aquella primeira posição o que felizmente, em consequencia de minhas ordens foi desalojada a força

inimiga, e apenas com dois tiros occupada a posição por uma força de cem homens, ao mando do capitão da companhia de guerrilhas João José de Menezes Doria, e no que muito se deve ao sargento do batalhão 7º de 1ª linha, André Nunes Cardoso : de ordem minha avançaram duas forças commandadas pelos sargentos André Nunes Cardoso e João Evangelista de Moura, a tomarem a peça inimiga que batia aquelle ponto pelo flanco esquerdo, o que felizmente, e cheios do maior valor executaram, protegidos por uma força ao mando do tenente Joaquim de Pontes Marinho. Nesta occasião tendo o inimigo carregado fortemente, forçoso me foi fazer avançar uma força de cem homens para proteger aquellas pelo lado do «Bate-folha», ao mando do capitão Manoel Cavalcanti de Mello; e, successivamente, fiz avançar o major commandante interino do batalhão 7º de caçadores, Trajano Cezar Burlamaque, dirigindo o commando da força em frente. Não tenho expressões para patentear a V. Ex. o valor, com que a brigada do meu commando e seus distinctos officiaes se conduziram em direcção aos respeitaveis pontos «Bate-folha» e «São Caetano», guarnecidos por 7 boccas de fogo d'artilharia de grosso calibre, collocadas em vantajosas posições. Neste momento de tanta intrepidez aproveitando-me eu deste ensejo e das ordens de V. Ex. que me autorisava a obrar convenhavelmente, fiz avançar toda a brigada nesta direcção e sustentando vigorosamente o fogo, avançaram sobre o inimigo em direitura á Conceição buscando a capital. Nesta occasião sendo V. Ex. presente, fez avançar a 1ª brigada ao mando do coronel Antonio Corrêa Seára, que unida com a do meu commando, bateu as linhas inimigas até as proximidades da Lapinha, posição esta que o inimigo fortemente guarnecia, e aonde, dividida a brigada do meu commando em duas forças, seguiu a do commando do major Burlamaque por «Bom-gosto», ficando por noite no «Forte Gequitaia» e outra parte em direcção a «Cruz do Cosme», em cuja posição encontrei a V. Ex. de posse, e aonde me foi dado o commando ; passando a noite em continuado fogo para sustentar as posições ganhas neste dia.

«A 14 appareceu o dia, e com elle novo combate, que

durou até ás 4 horas da tarde, hora em que os rebeldes tiveram de ceder suas posições e recuar ao centro da cidade, abrigando-se ao «Forte de São Pedro», conservando seus piquetes pelas ruas em direcção ao pateo da Piedade, para onde seguiu o exercito e passou a noite; ficando nós já na posse da fortaleza do Barbalho. No dia 15 marchou a brigada do meu commando a occupar a posição por V. Ex. ordenada, sitiando a fortaleza de São Pedro, a qual, depois de um vivo combate por duas horas sucumbia, entregando suas armas e a força de 610 homens por capitulação, dirigidos por seu intruso general Sergio Velloso.

« A distincta officialidade, officiaes inferiores, e soldados da brigada que tenho a gloria de commandar, fizeram prodigios de valor nas posições arriscadas que tiveram de sustentar; são credores da consideração do governo e V. Ex. lhes fará justiça, (seguem os nomes dos que mais se distinguiram). Com a possivel brevidade eu darei a V. Ex. exacta conta do prejuizo no combate, não o tendo podido fazer por motivo de minha precipitada marcha ao centro, afiançando a V. Ex. ser mui diminuta a minha perda e sem termo de comparação á dos rebeldes. Da avançada foram tomadas ao inimigo sete boccas de fogo, grande porção de armamento e munições de artilharia e fusil.

« Finalizo congratulando-me com V. Ex. pelo feliz resultado das nossas armas, por tão importantes serviços, prestados á integridade do Brasil e restando-me cumprir o dever de chefe, recommendo á consideração de V. Ex. a distincta e brava conducta que caracterisa os individuos que menciono e que no desempenho dos seus mais importantes deveres se cobriram de eterna gloria e merecimentos para o governo de S. M. o Imperador — Deus Guarde a V. Ex.» — Quartel do commando da brigada expedicionaria na cidade de Caxoeira, 5 de abril de 1838. — Illm. Ex. Snr. João Chrysostomo Callado — marechal commandante em chefe do exercito. — *José Joaquim Coelho* — commandante da brigada».

« Quartel General da Bahia, 7 de abril de 1838 — Ordem do dia n. 27 — O general commandante em chefe

do exercito restaurador da Bahia, tendo pela ordem do dia sob o n. 13, e pelo officio de 17 de março ultimo, que corre impresso, descripto resumidamente os admiraveis e gloriosos feitos das armas da legalidade nos sempre memoraveis dias 13, 14, 15 e 16 d'aquelle mez, e prestado os agradecimenios devidos aos bravos do exercito e armada, que arrojaram por terra as phalanges da rebeldia ; faltava-lhe ainda um dever a desempenhar em cumprimento do artigo 8º das instrucções que lhe foram dadas pelo governo imperial, na honrosa commissão de dirigir o exercito, que devia libertar a capital da Bahia, este dever, pois, o general passa a cumprir pela presente ordem do dia, publicando os nomes, patentes e feitos dos defensores da Patria, que mais se assignalaram por sua fidelidade, intelligencia, bravura, adhesão á causa da legalidade. — Brigada Expedicionaria — O valente e habil tenente-coronel de 1ª linha, o Sr. José Joaquim Coelho, commandante da brigada expedicionaria de Pernambuco, a quem fazendo justiça, se deve o feliz principio da acção pelas sabias e bem tomadas medidas, proseguiu com maior denodo, e como invencivel voava aos combates, sendo o primeiro a arrostar-se com os perigos : seus serviços são assáz distinctos : elle, á par do Sr. commandante da 2ª brigada (tenente-coronel Alexandre Gomes de Argollo Ferrão), assediou o forte de São Pedro ; e o general, no calor das batalhas sentio não estar autorizado para poder eleval-o á graduação de que se faz digno... (Assignado) *João Chrysostomo Callado*.

« Antonio Pereira Barreto Pedroso, desembargador aposentado na relação do Rio de Janeiro, deputado á assembléa geral legislativa, e provincial do Rio de Janeiro, presidente da provincia da Bahia, etc — Attesto que o Sr. tenente-coronel de 1ª linha do exercito José Joaquim Coelho, commandante da brigada de Pernambuco, expedicionario a esta provincia, tem nella feito os mais importantes e relevantes serviços com o corpo de seu commando, no qual deu incontestaveis provas de seu valor, intelligencia e zelo, pelo triumpho da causa da legalidade. A posição occupada pela brigada do

mesmo tenente-coronel foi uma das que mais vivos e repetidos fogos soffreu dos rebeldes que sempre foram repellidos pela bravura dessa brigada, e pelas sabias e adequadas ordens do seu muito digno commandante. Attesto mais que foi a mesma brigada quem no memoravel dia 13 de março, por ordem do mesmo Sr. tenente-coronel José Joaquim Coelho, deu começo ao ataque contra os rebeldes, e lhe tomou as primeiras peças, e posições que em sua frente estavam, dando assim principio e vantagem para o combate geral, que foi coroado com a victoria do glorioso dia 16 do mesmo mez, pelo que e pelos estragos que o mesmo Sr. tenente-coronel fez com sua brava tropa ao inimigo em todas as occasiões de fogo, é inegavel que elle muito e muito concorreu para a restauração da ordem nesta provincia.

Attesto igualmente que tendo sido o mesmo Sr. tenente-coronel nomeado para ir commandar a expedição dirigida contra os revolucionarios, que se haviam passado para o Reconcavo, que para ahi partiu, immediatamente, e fez debellar os mesmos revolucionarios, dos quaes muito grande parte se acha presa, tendo o mesmo Sr. tenente-coronel a gloria de haver extirpado aquelle elemento de desordem. Attesto finalmente que o mesmo Sr. tenente-coronel tem mantido em seus commandados a mais severa disciplina, conseguindo que elles tenham tido um exemplar camportamento nesta provincia. Por ser verdade, e para dar ao mesmo Sr. tenente-coronel um testemunho de muito apreço em que o governo da provincia tem os seus relevantissimos serviços, lhe passei a presente. — Bahia, 10 de abril de 1838. — *Antonio Pereira Barreto Pedrozo.*

No dia acima mencionado havia o tenente-coronel Coelho regressado do interior da provincia, para onde seguira a 18 do mez anterior, á frente de uma columna de infanteria com algumas boccas de fogo, para dispersar os grupos revolucionarios que na Estiva e na villa de Sant'Anna, engrossados pelos que se escaparam da capital, offereciam tenaz resistencia ás forças legaes. Nesse mesmo dia, por ordem da presidencia, assumiu o com-

mando das armas da provincia por ter embarcado para a côrte o marechal de campo Chrysostomo Callado.

A ordem do dia de 28, publicando a dissolução da brigada expedicionaria de Pernambuco de cujo commando ficou exonerado, transcreveu tambem o decreto imperial de 6, tudo do referido mez de abril, que o designára para exercer o alludido cargo de commandante das armas.

Por decreto de 20 de agosto, como recompensa dos relevantes serviços que acabava de prestar, foi promovido a coronel para o estado-maior do exercito e dispensado na mesma data daquelle commando para assumir o de uma brigada de infanteria com a qual seguiu para se incorporar ao exercito em operações no Rio Grande do Sul, onde se apresentou em o seguinte mez de novembro.

Em julho de 1839 deixou o exercito do sul, sendo mandado para a provincia de Pernambuco, onde a 20 de agosto assumiu, no Recife, o cargo de director interino do arsenal de guerra, recebendo ahi a insignia de cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz, que lhe fôra concedida por decreto de 27 do mesmo mez e anno, por contar mais de 25 annos de bons serviços militares.

Deixou o mencionado cargo de director do arsenal de guerra em novembro por ter sido nomeado commandante das forças oppostas aos rebeldes da então provincia das Alagoas, para onde seguiu conseguindo em pouco tempo restabelecer a ordem publica, sendo louvado pelo bom desempenho dessa commissão; ao regressar ao Recife recebeu a patente de brigadeiro graduado que lhe foi concedida por despacho imperial de 2 de dezembro de 1839.

Tendo sido alterada a ordem publica na comarca de Limoeiro em julho de 1840, para alli seguiu com plenos poderes, que sabiamente os empregou de modo a conseguir sem grande esforço que em toda a comarca fossem observadas as determinações das autoridades legalmente constituidas e os seus habitantes se entregassem calmamente aos seus labores.

Regressando ao Recife, por conveniencia da instrucção da guarda nacional, em 2 de dezembro acceitou novamente o cargo, que já exercêra, de instructor geral dessa

milicia, sem prejuizo, porém, do de director do arsenal de guerra, que deixou a 9 de janeiro do anno seguinte.

Como sabemos, nas provincias do norte, por essa epocha dominava o espirito da rebeldia. No Maranhão, já vimos, paginas atraz, o movimento que começára em 1838, tomou proporções taes que grandes contingentes de tropas regulares, chefiados pelo coronel Sergio de Oliveira, corriam as principaes comarcas do interior dessa provincia para debellar os bandos sanguinarios dos Raymundo Gomes, Livios, Ruivos e *Balaios,* e dos seus asseclas, que tudo devastavam, levando o terror ás visinhas provincias do Piauhy e Ceará, onde de certo encontravam adeptos, para a realisação dos seus nefandos crimes.

Do Ceará partem diversos contingentes de tropas de linha e de guardas nacionaes para, de combinação com as que operavam no Piauhy, impedir a invasão do seu territorio pelos fascinoras e ajudar a batel-os, onde fossem encontrados.

Assim, diz o bem conhecido chronista coronel João Brigido dos Santos, em 8 de setembro de 1839 foram elles batidos no *Bebedor*. A 8 de dezembro do mesmo anno parte da Fortaleza o tenente-coronel Antonio da Silva, que da Parnahyba viera buscar reforços para perseguir os *balaios,* facto este que se repetio em 19 de fevereiro e 18 de abril do anno seguinte, em que se deram varios combates, como os de *Frecheiras, Burity, Mombamba e Contendas,* sendo este ultimo a 10 de outubro, no mesmo mez em que tomou posse do governo do Ceará o senador padre José Martiniano de Alencar, que vio-se forçado logo depois (dezembro) a deixar a capital para com a sua presença evitar na villa de Sobral uma annunciada revolta das forças que marchavam contra os rebeldes do Piauhy e do Maranhão.

Erão os resultados das tramoias do partido da opposição que já se havia manifestado sediciosamente em outros municipios do interior, e o presidente Alencar, após a sua chegada áquella villa, vio-se accommettido na noite de 14 pelas forças do major Francisco Xavier Torres, as quaes depois de prolongado tiroteio fogem pela madrugrada de 15 deixando no campo algumas praças feridas e

quatro mortas. No entretanto se propagava a revolução por quasi todo o territorio da provincia, vendo-se, forçado o chefe Torres a se entregar ao seu perseguidor, tenente-coronel Antonio Barroso de Souza, nas circumvisinhanças de Baturité, coutinuando, porém, de collo altivo nas principaes comarcas o odioso movimento partidario.

A 6 de abril do anno seguinte passava o padre Alencar o exercicio do seu cargo ao seu substituto legal, que por sua vez o passou ao brigadeiro José Joaquim Coelho, a 9 de maio do mesmo anno, por ter sido por despacho do governo imperial de 7 do referido mez de abril, nomeado presidente e commandante das armas da revolucionada provincia do Ceará.

Como era de esperar, no exercicio desses cargos soffreu o brigadeiro Coelho a mais rigorosa critica dos membros do partido adverso de que era chefe na capital o major João Facundo de Castro Menezes, mais tarde assassinado em sua propria casa ao anoitecer do dia 8 de dezembro de 1841, sendo ferida sua mulher que se achava a seu lado na occasião do attentado, ao qual o citado coronel João Brigido classificou de «crime politico a que se seguiram muitas perseguições aos parentes e amigos da victima e á sua propria esposa» (*).

Na biographia do general Coelho, que temos á vista, encontram-se, porém, a tal respeito os seguintes paragraphos :

« Este barbaro e audacioso attentado, ao passo que aterrou a todos em geral, exasperou os opposicionistas ao extremo de imputarem-no ao partido governista e até ao presidente, a quem o morto havia hostilisado virulentamente pela imprensa.

« Os successos posteriores vieram demonstrar quanto era aleivosa semelhante accusação, que chegou a pôr em risco a vida do benemerito brigadeiro, contra quem os adversarios por vezes armaram braços homicidas, tentativas nefandas, felizmente a tempo frustradas ».

Dissolvida a Assembléa Geral Legislativa a 2 de maio do seguinte anno de 1842, esse tão inesperado acto

(*) Ephemerides do Ceará — Fortaleza 1900.

do governo imperial deu logar a agitações em quasi todo o territorio brasileiro que nas provincias de S. Paulo e Minas se transformaram nas conhecidas luctas civis, de que mais tarde nos occuparemos, não tendo dellas ficado isenta a então provincia do Ceará. Com o fim de pôr em relevo os serviços que ao governo imperial prestou o brigadeiro José Joaquim Coelho, aqui transcrevemos da referida biographia os seguintes periodos :

« O dr. José Lourenço de Castro e Silva, sobrinho do fallecido major Facundo, fôra enviado ao Rio de Janeiro afim de alli receber dos chefes supremos da opposição as instrucções relativas ao levantamento geral e simultaneo que se projectava operar em todas as provincias do imperio ; de volta desembarcou no Recife onde concertou com os seus correligionarios o melhor modo de fazer o rompimento, ficando assentado que este teria lugar no *Cariry*. Castro e Silva partio logo para a villa do Exú, situada ao pé da fralda meridional da serra do Araripe, quasi fronteira ao Crato ; naquelle ponto estabeleceu o seu quartel general e começou a reunir gente.

« A revolta devia explodir ao mesmo tempo no Crato, em Quixeramobim e Imperatriz, onde prevalecia a opposição, e d'ahi estender-se a Sobral, Granja, Cascavel e o resto da provincia.

« Mas o brigadeiro Coelho, sciente do plano dos conspiradores, não descurára uma só providencia propria a annulla-lo

« Em Sobral estacionára uma força consideravel, composta do corpo policial e da guarda nacional destacada, e mantinha no porto de Fortaleza um navio apparelhado e prompto para conduzil-o ao norte da provincia, caso os successos ahi exigissem a sua presença. No Crato fizera reunir um destacamento de oitenta praças ; além disto expedira ordens á guarda nacional do Icó, S. Matheus, Ynhamuns, Piauhy, Jardim e outros logares circumvisinhos, de estar de promptidão a marchar sobre o Crato ao primeiro signal do rompimento. Em Quixeramobim, finalmente, collocára um destacamento de quarenta praças de linha, para observar e conter os descontentes da Serra Azul e do Sotiá.

« Os sediciosos do Exú passaram-se para o territorio cearense indo acampar na fazenda Quixaba, do senador Alencar ; avisadas as autoridades do Crato, mandaram a todo pressa uma força para surprehendel-os, o que, porem, não teve lugar, porquanto já haviam abandonado aquelle ponto ; outro destacamento que lhes sahio no encalço foi forçado a retroceder ante a viva resistencia que lhe oppoz o inimigo com guerrilhas admiravelmente postadas num estreito desfiladeiro.

« Contavam os revoltosos no Exú com cerca de duzentos homens ; sessenta reunidos em Pernambuco, quarenta que lhes levou o alferes Canuto José de Aguiar e cem mandados pelo ex-commandante superior Francisco Xavier de Souza, Contavam tambem com o coronel Manuel de Barros Cavalcanti, homem de grande influencia em todo o Cariry : este, porem, declarou effectivamente estar prompto a cooperar com os meios ao seu alcance para tudo quanto delle reclamassem, menos para pegar em armas contra o imperador e rebellar-se contra a sua autoridade.

« Sem este concurso os sediciosos nada podiam alcançar, nem lhes era mesmo possivel tirar mais auxilio do Cariry ; esta decisão, portanto, os demoveu e fez arrefecer o seu intento.

« O presidente, depois de se haver collocado em prudente expectativa, afim de poder acudir ao ponto onde se manifestasse o maior perigo, e reconhecendo por fim ser o Crato o logar mais ameaçado, deliberou para lá marchar pessoalmente com as forças que pudesse distrahir sem desfalcar as outras guarnições. Partio, com effeito a 2 de agosto de 1842 ; mas, ao chegar a S. Bernardo, recebeu a participação da retirada dos rebeldes do Exú e do seu consequente debandamento. Permaneceu, entretanto, ainda dez dias ali até que, tendo confirmação positiva das primeiras noticias, desceu para o Aracaty, onde teve aviso de haver apparecido na Granja um grupo de sediciosos, o qual sob o mando d'um certo Ignacio Pessôa fôra sobre Camocim commettendo diversos attentados. Immediatamente o brigadeiro Coelho regressou á capital e se dispunha a seguir para aquella villa quando soube da disper-

são dos sediciosos, que, todavia continuaram infestando aquellas paragens como salteadores. O chefe de policia, Dr. José Vieira Rodrigues de Carvalho e Silva enviado a pôr cobro a certas depredações, já em dezembro dava por satisfatoriamente terminada a sua missão. De facto, em janeiro de 1843 toda a provincia gosava de socego e tranquilidade. A opposição tendo sido completamente derrotada em sua tentativa de sublevação, depuzera a primitiva arrogancia, e apenas lastimava a situação dos seus chefes, presos e processados pelos acontecimentos da capital e do Exú ».

Deixando a presidencia e o commando das armas do Ceará a 13 de março de 1843, seguiu o brigadeiro Coelho para o Recife de onde partiu para esta capital afim de tomar assento na assembléa geral legislativa, como deputado eleito pela provincia cuja pacificação a elle se devia. Sendo reconhecido e logo depois designado para fazer parte da commissão de marinha e guerra prestou nella os serviços que podiam esperar-se de sua reconhecida competencia.

Haviam-lhe sido já passadas as patentes de brigadeiro effectivo do exercito imperial e de commendador da ordem militar de São Bento de Aviz, á vista dos decretos de 18 de julho e 7 de setembro de 1842.

Dissolvida a camara dos deputados em 1844, regressou a Pernambuco, acceitando pela terceira vez o cargo de instructor geral da guarda nacional do municipio da capital, onde se conservou pouco tempo, pois tendo sido perturbada a ordem publica na visinha provincia das Alagoas para alli seguiu a 28 de outubro desse mesmo anno, conseguindo em breve tempo debellar a revolta, não consentindo, porém, que os vencedores se entregassem a excessos e bem assim a actos de vingança com os vencidos adversarios, como era o desejo de muitos.

De Alagoas seguio o brigadeiro Coelho para o sul, na qualidade de commandante das armas interino da provin- de São Pedro do Rio Grande do Sul, onde chegou em março de 1846 ; d'ahi regressou á côrte onde lhe foi entregue o decreto de 27 de março de 1848, que o nomeava commandante das armas da provincia da Bahia para a qual seguiu ; tomando posse a 8 de maio, occupou esse

cargo até o dia 19 do seguinte mez de novembro em que partio com urgencia para a provincia de Pernambuco então revoltada, como commandante da expedição e demais forças que deviam operar na mesma provincia, onde ao chegar a 23 assumio o respectivo commando das armas, para que fôra tambem nomeado por despacho de 16, tudo do referido mez de novembro.

« Chegando ao Recife, diz o seu alludido biographo, tratou de dar nova organização ás forças do seu commando de modo a poder mobilisal-as convenientemente ; e tão promptas foram estas providencias que já a 28 do alludido mez as armas legaes alcançavam brilhante vantagem sobre os contrarios, retomando-lhes a villa de Nazareth, e a 30 feria-se o combate de Maricota em que o coronil Amorim Bezerra foi obrigado a retroceder para Iguarassú.

« Este insuccesso imparcial e mais a falta commettida não se perseguindo o inimigo após a evacuação do ponto do Genipapo, nas mattas do Catucá, determinaram o general a collocar-se pessoalmente á frente das forças em operações

« Neste designio sahio do Recife, a 14 de dezembro, em direcção ao norte, com dous batalhões de caçadores e um de fuzileiros ; afugentou os contrarios de Goyanna, sem disparar um tiro, e seguindo-os sem descanço, os obrigou a acceitar combate no povoado de Cruangy, a 20, e após nove horas de fogo pô-los em completa debandada; continuando na perseguição até o dia 30, sempre vendo-os desapparecer á sua approximação, o general recolheu-se á capital afim de melhor combinar o plano da campanha que parecia dever se transportar ao sul, onde os *praieiros* se haviam fortificado em Agua Preta e Barreiros.

« Seguindo para o Rio Formoso por mar, tratou o general Coelho de expedir as necessarias ordens para que fossem atacados aquelles dous pontos.

« Para este fim dividio a sua força em duas columnas, uma das quaes confiou ao coronel João do Rego Barros, e com a outra, sob o seu immediato commando, levantou o campo a 22 de janeiro de 1849, seguindo em direcção a Agua Preta pela ribeira do Una, emquanto a primeira

columna marchava no mesmo sentido pela ribeira de Serinhãem ; de Bonito devia igualmente descer sobre o ponto a atacar a columna do coronel José Pedro Velloso da Silveira, e as forças alagoanas do coronel Antonio Maria de Souza.

« Entretanto a concentração exigia tempo, tendo algumas das columnas consideraveis distancias a vingar, pelo que foi o ataque geral fixado para o dia 30.

« Os rebeldes, que a principio pareciam dispostos a offerecer resistencia em Agua Preta, facilmente se deixaram convencer da superioridade do plano que, do Recife, lhes suggeria o Dr. Felippe Lopes Neto : a capital, affirmava o deputado *praieiro*, estava quasi desguarnecida de tropa e seria facilmente conquistada pelo exercito revolucionario si este sobre ella marchasse com rapidez, deixando apenas um destacamento para demorar a marcha do general Coelho.

«Abraçado o alvitre, o grosso dos rebeldes, formando uma columna de proximamente dous mil homens, deixou Agua Preta, a 27 de janeiro e dirigiu-se, a marchas forçadas para o Recife.

«A 2 de fevereiro tinha lugar o memoravel ataque, no qual sossobraram todas as esperanças da rebellião ; a victoria, que por muitas horas pareceu indecisa, pronunciou-se emfim completa em favor das armas legaes, graças á opportuna intervenção do general Coelho.

«O bravo commandante, ao saber do intento do inimigo, veiu acceleradamente no seu encalço e ainda chegou a tempo de accommettel-o pela retaguarda, quando mais accesa andava a peleja nos bairros centraes da capital.

«Os *praieiros*, embora batidos e desmoralisados, prolongaram ainda por quasi um anno a resistencia em varios pontos ao norte e ao sul da provincia, até que, desbaratados inteiramente no combate de 26 de janeiro de 1850, o mais prestigioso de seus caudilhos, o capitão Pedro Ivo Velloso da Silveira, abandonou a luta.

«Nesta phase final da rebellião ainda muito se distinguiu o general Coelho, usando sempre de preferencia de meios suasorios e só recorrendo em ultimo extremo á vio-

lencia das armas ; como todos os homens verdadeiramente valentes, não era cruel e sempre soube respeitar a desventura do adversario vencido.

«Caso raro em lutas civis : amigos e contrarios eram unanimes em louvar-lhe a conducta e os sentimentos de humanidade».

Por decretos de 14 de março de 1849 foi graduado em marechal de campo, e elevado a dignitario da ordem do Cruzeiro; por despacho de 29 de dezembro do mesmo anno foi nomeado commandante das armas da Bahia, para onde seguiu e tomou posse desse cargo a 10 de janeiro de 1850, que deixou em junho do anno seguinte para tomar assento na camara temporaria, por ter sido para ella eleito pela provincia de Pernambuco

A 11 do seguinte mez de agosto, deixou a cadeira de deputado e regressando á Bahia reassumio a 16 do mesmo mez o commando das armas dessa provincia.

Por decreto de 3 de março de 1852 foi promovido á effectividade do posto de marechal de campo e por outro de 15 de julho do mesmo anno teve o fôro de fidalgo da casa imperial.

Por despacho de 3 de fevereiro de 1855 foi removido do commando das armas da Bahia para o de Pernambuco do qual tomou posse no Recife no seguinte mez de março e o exerceu até o mez de julho de 1857 em que seguiu para a Europa, no goso de licença para tratamento de saude, tendo no exercicio deste ultimo cargo recebido a nomeação de grão-cruz da ordem militar de São Bento de Aviz e a patente de tenente-general graduado, conforme se vê dos decretos de 14 de março de 1855 e 2 dezembro de 1856.

Por despacho de 2 de junho foi nomeado conselheiro de guerra e, de volta da Europa achando-se nesta capital, por decretos de 15 de novembro e 2 de dezembro, tudo de 1858, foi designado para mais uma vez occupar o cargo de commandante das armas de Pernambuco e teve a effectividade do posto de tenente-general.

Depois de haver prestado o devido juramento do cargo de conselheiro de guerra, embarcou para o norte, reassumindo no Recife o alludido commando das armas, em cujo

exercicio recebeu a carta imperial de 14 de março de 1860, que o condecorou com o titulo de—barão da Victoria—distincção esta de que gosou por poucos dias, por ter fallecido a 19 do seguinte mez de junho.

Dando a noticia do passamento do tenente-general barão da Victoria, assim a conclue a redacção do conhecido almanack de Laemmert, na sua edição de 1861.

« O nome e a vida do general Coêlho, são por demais conhecidas no paiz, para que continuemos a fallar dos feitos de um dos mais bravos e leaes soldados do nosso exercito, que tanto se illustrára a si, quando honrou a espada que cingio.

« Casou-se em 3 de novembro de 1822, com Dª Maria Bernardina de Gusmão, filha de Joaquim Estanisláo da Silva Gusmão, de quem teve cinco filhos e quatro filhas.

«Todas as folhas diarias do Recife noticiárão a morte do distincto soldado em termos sentimentaes, acompanhados de sinceros elogios aos serviços prestados ao paiz, sempre que este precisou de sua espada.

«O que porêm foi mais significativo, e exprime quanto o general Coêlho era caro á cidade do Recife, foi o procedimento do commercio a retalho: quasi todas as lojas e estabelecimentos de pequeno commercio estiveram fechadas: mórmente nas ruas principaes e em todas pelas quees passou o feretro para ser levado ao cemiterio publico, não se via uma só loja aberta.

« Foi o mais expressivo e eloquente testemunho de gratidão que aquella população podia dar a tão benemerito militar.»

José Leite Pacheco

Nascido em Lisbôa a 3 de dezembro de 1800, José Leite Pacheco verificou praça de cadete de 1ª classe no 1º regimento de infanteria de linha de Portugal a 26 de maio de 1801, por ser filho legitimo do tenente-coronel do mesmo nome, do exercito portuguez.

Em 17 de janeiro de 1808 chegou ao Brasil sendo incluido no 3º regimento de infanteria de 1ª linha do Rio de Janeiro. Por decreto de 13 de maio de 1810 foi promovido

a alferes aggregado ao dito regimento, e desde esse dia começou a servir.

Por despacho de 17 de dezembro de 1815, passou a alferes effectivo. A 30 de abril de 1817 marchou para o Recife, fazendo parte da divisão de voluntarios leaes de el-rei, sendo designado para o 1º batalhão de caçadores da provincia de Pernambuco. Por despacho de 6 de fevereiro do anno seguinte, foi promovido a tenente para a 6ª companhia do mesmo batalhão.

Por decreto de 16 de novembro de 1820 foi elevado a capitão para a 2ª companhia do já mencionado batalhão de caçadores, sendo graduado no posto de major por despacho de 25 de setembro do anno seguinte.

Marchou do Recife a 14 de julho de 1822 com destino á provincia da Bahia, onde organizou e passou a commandar o 1º batalhão de caçadores da mesma provincia. Fez parte das forças que se bateram contra as de Portugal, defendendo a independencia do Brasil, desde 26 de outubro desse anno até o glorioso dia 2 de julho de 1823, recebendo a insigna de cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro, a qual fôra admittido por decreto de 1º de dezembro de 1822, data de sua creação, como recompensa de seus serviços militares e pelo modo por que se portou nos combates, tendo sido ferido levemente no de 3 de junho de 1823.

Por decreto de 10 de setembro de 1824 se lhe mandou passar a patente de major effectivo e por outro de 12 de outubro do mesmo anno foi promovido a tenente-coronel commandante do batalhão que organizára (1º de caçadores da Bahia).

Por decreto de 2 de janeiro de 1825 recebeu a medalha commemorativa concedida aos que fizeram a guerra a favor da Independenca na provincia da Bahia, e por outro de 30 de janeiro de 1826 teve a graduação de coronel, tendo antes jurado a constituição do Imperio.

A' 11 de fevereiro desse anno embarcou com o batalhão de seu commando (então 13 de caçadores) com destino ao exercito em operação no Rio Grande do Sul. Apresentando-se ao commandante em chefe, foi designado para commandar uma das brigadas do mesmo exercito, tocando-

lhe o commando da 2ª de infanteria, que fazia parte da divisão da esquerda (do brigadeiro Callado) quando esta foi atacada pela cavallaria inimiga, na celebre batalha pelejada a 20 de fevereiro de 1827 ; formando em quadrado rompeo tão opportunamente os seus tão certeiros fogos que vio cahir o 1º esquadrão inimigo de que apenas restavam a cavallo, cêrca de 20 praças, sendo morto nessa occasião um dos seus chefes, o destemido Bizary.

« Era aquelle quadrado, diz o saudoso major Ladisláo Titára, formado pelos batalhões 13 e 18 de caçadores, mais que muitos aguerridos ejá distinctos e victoriosos dos lusitanos, na guerra da independencia e ainda commandados pelos mesmos chefes, os corajosos tenente-coronel Bento José Lamenha Lins do 18º e coronel José Leite Pacheco do 13º ; facil é portanto comprehender-se que corpos taes jámais render-se-iam».

Por decreto de 12 de outubro desse anno teve Leite Pacheco a patente de coronel effectivo, e com o seu batalhão recolheu-se á côrte, dous annos depois da terminação da guerra.

Por aviso do ministerio da guerra de 8 de julho de 1831 foi dispensado do comando do batalhão, tendo obtido permissão do governo para residir na côrte, em quanto se achasse em disponibilidade, ficando por tal addido á 2ª classe dos officiaes da guarnição do Rio de Janeiro.

Por aviso do mesmo ministerio de 25 de agosto de 1833, foi designado para commandar as forças da provincia das Alagôas gosando das vantagens inherentes aos commandantes de armas ; passou a pertencer á 1ª classe do exercito que fazia a guanição da côrte, conforme se vê do aviso do ministerio da guerra de 3 de março de 1834, pelo que teve ordem para regressar da provincia das Alagôas.

Por aviso do dito ministerio de 20 de fevereiro de 1835, foi nomeado commandante da fortaleza da Praia Vermelha e empregado como instructor dos corpos da guarda nacional. Em virtude da lei de 20 de setembro de 1838 recolheu-se ao serviço do exercito por não poder continuar como instructor dos guardas nacionaes por ser official effectivo do mesmo exercito.

Por decreto de 5 de outubro do dito anno foi nomeado commandante das armas da provincia de Matto-Grosso, de cujo emprego obteve dispensa por despacho de 10 de julho de 1840. A 7 de maio de 1841 apresentou-se na côrte vindo daquella provincia.

Por decreto de 11 de setembro deste ultimo anno, foi nomeado commendador da ordem militar de São Bento de Aviz.

A 27 de maio de 1842 marchou para a provincia de São Paulo, na qualidade de commandante da 1ª brigada da expedição destinada á pacificação dessa provincia, de onde regressou em julho, sendo por aviso de 11 deste mez nomeado commandante da 1ª columna das forças em operações contra os rebeldes de Minas Geraes, para onde seguiu.

Entrou no combate do dia 20 de agosto no arraial de Santa Luzia do Sabará, sendo elogiado em ordem do dia do commando em chefe pelo bem que desempenhou os seus deveres.

A 29 de setembro apresentou-se ao quartel general na côrte, vindo de Minas Geraes, e, em cumprimento do aviso do ministerio da guerra de 7 do seguinte mez de outubro, respondeu a conselho de guerra pela imputação que lhe fora feita «de ter conservado em criminosa inacção na cidade de Barbacena a columna cujo commando lhe fora confiada na provincia de Minas Geraes» ; no entretanto colhemos e aqui reproduzimos a proclamação que na dita cidade fez publicar a 23 de julho, logo depois de se haver empossado daquelle commando. Eil-a :

« Mineiros ! O governo de Sua Magestade o Imperador a vós me envia, e eu me apresento á frente dos bravos da 1ª columna ; venho, não a combater povos pacificos, mais sim a debellar rebeldes, que tenazes em seus criminosos erros se conservarem surdos ao brado da Legalidade. Revestido de autoridade legitima, venho defender vossos direitos, respeitando vossas familias, e propriedades ; abandonai a tempo essa horda de facciosos, que para satisfazerem sua sêde de mando espargidos sobre este abençoado solo, bem como os dentes de Cadmo, tem destruido as entranhas da Patria. Não hesiteis um só

momento em apagar a mancha que os inimigos da religião, do throno e da nação pretendem lançar eternamente, sobre vossas innocentes familias. Reuni-vos aos defensores do throno, e das leis; partilhareis com elles sua gloria, e a patria será salva. Viva a santa religião! Viva a constituição! Viva S. M. o Imperador! Viva a familia imperial! Vivam os defensores da legalidade!— *José Leite Pacheco,* coronel.

Por sentença do conselho de guerra de 14 de dezembro, tudo do referido anno de 1842, foi absolvido por falta de fundamentos para criminalidade, senteaça esta que a 18 de janeiro do anno seguinte foi confirmada pelo Conselho Supremo Militar de Justiça.

Por decreto de 6 de novembro de 1847, teve o coronel Leite Pacheco a nomeação de commandante do «batalhão do deposito» da côrte e por aviso de 25 de setembro do anno seguinte assumiu interinamente o commando do 7º de caçadores, cumulativamente com aquelle commando, que exerceu até outubro.

Graduado no posto de brigadeiro por despacho de 2 de dezembro de 1849, por aviso de 11 de agosto de 1851 foi nomeado inspector dos corpos e companhias fixas das provincias da Bahia, Sergipe, Espirito Santo e Alagôas, seguindo logo depois para o norte, de onde regressou a 4 de janeiro de 1852, reassumindo o commando do batalhão do deposito em fevereiro do mesmo anno.

Promovido a brigadeiro effectivo por decreto de 3 de março deste ultimo anno, deixou o commando do batalhão do deposito e por acto de 22 do mesmo mez, foi nomeado inspector militar do 4º districto, para onde seguiu, regressando á côrte no seguinte mez de novembro.

Seguiu novamente para o norte para continuar na inspecção dos corpos de seu districto e os do 5º, inclusive as forças destacadas na provincia do Amazonas, em março de 1853. Recolheu-se a 20 de novembro de 1854, sendo por decreto de 18 de junho de 1856 nomeado commandante das armas da Bahia, para onde seguiu a 14 do mez seguinte, tomando posse do dito commando.

Dispensado deste cargo por despacho imperial de 23 de julho, apresentou-se na côrte a 3 de setembro, sendo por aviso de 16 deste mez e anno de 1856, nomeado para commandar interinamente o corpo de estado maior de 1ª classe, que deixou a 15 de abril do anno seguinte para assumir o de estado maior de 2ª classe.

Por decreto de 2 de dezembro de 1861 foi promovido a marechal de campo e por outro de 1º de julho de 1863 teve a mercê do fôro de fidalgo cavalleiro da extincta casa imperial.

O marechal de campo José Leite Pacheco, falleceu nesta capital a 10 de fevereiro de 1864.

José Luiz Menna Barreto

Em o decurso do anno de 1817 nasceu na antiga provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul — José Luiz Menna Barreto, filho do coronel do mesmo nome, que foi morto no Ricon das Gallinhas a 24 de setembro de 1825, pelejando com o seu regimento contra a columna dos guerrilheiros orientaes, dirigida pelo celebre caudilho Fructuoso Rivera.

Achava-se o jovem José Luiz em Porto Alegre bem encaminhado em seus estudos, quando deu-se o pronunciamento de 20 de setembro de 1835.

Em o anno seguinte, como já vimos, ao seu avô, marechal do exercito reformado João de Deus Menna Barreto, coube dirigir as forças que pusearam os rebeldes fóra da capital, no memoravel dia 15 de junho, data em que, por ter sido um dos defensores da legalidade, ficou alistado no exercito como 1º cadete do 2º regimento de cavallaria ligeira.

Tomou parte nos ataques levados ao acampamento dos revolucionarios no dia 30 desse mez e a 20 do seguinte, nos arredores de Porto Alegre, e no de 6 de setembro, junto á Capella-Grande.

No anno seguinte seguiu para a cidade do Rio Pardo, onde assistiu a 10 de janeiro ao combate travado entre forças legalistas e revolucionarias e, regressando a Porto-

Alegre, tomou parte nos que ahi se deram em 25 de junho e 29 de setembro.

Por decreto de 28 de agosto de 1838 foi promovido a alferes para o referido 2º regimento de cavallaria e logo depois embarcou com dsstino a esta capital, no goso de quatro mezes de licença, finda a qual apresentou-se ao seu regimento a 10 de março de 1839. Foi transferido para o 3º regimento da mesma arma a 2 de dezembro de 1839, data em que foi promovido a tenente, e a elle apresentou-se a 13 de abril de 1840.

Foi nomeado ajudante de ordens do marechal commandante militar da cidade do Rio Grande a 1º de outubro do mesmo anno, sendo de tal exercicio dispensado no mez seguinte.

Tendo seguido para Porto-Alegre, dahi marchou a 4 de julho de 1842 para a *campanha*, commandando o piquete do general commandante em chefe interino do exercito, brigadeiro José Maria da Silva Betancourt, com a patente de capitão graduado a que fôra elevado por decreto de 7 de maio dess anno, contando-se-lhe antiguidade de tal posto de 18 de julho do anno anterior.

Neste commando se conservou o capitão José Luiz até o dia 21 de outubro, em que delle pediu dispensa para tratar de sua saude na cidade do Rio Pardo.

A 19 de novembro de 1843 apresentou-se prompto para o serviço, sendo por decreto de 23 de julho do anno seguinte promôvido á effectividade do posto de capitão, achando-se então no gozo de outra licença, a qual terminou em 15 de junho de 1845. Pela ordem do dia do commando em chefe nº 232 de junho, foi nomeado major da 5ª brigada, da qual foi transferido, para occupar o mesmo cargo na 3ª.

Por decreto de 27 de agosto de 1847 teve a grduação de major, continuando no mesmo regimento e occupou o dito cargo na 3ª brigada até que delle foi dispensado pela ordem do dia do commando das armas, de 13 de janeiro de 1848.

A 23 de maio seguinte foi mandado fiscalisar o 4º regimento de cavallaria, para o qual, por decreto de 30 de abril de 1849, foi transferido.

Acompanhou as forças que foram mandadas estacionar na fronteira de Bagé em consequencia dos movimentos que alteraram a ordem na mesma fronteira e na do Quaraim, tendo tomado parte em todas as operações que ahi se deram desde fevereiro até junho, exercendo sempre as funcções de fiscal do seu regimento até dezembro de 1851.

Marchou com o regimento de São Gabriel para a fronteira de Alegrete, onde se concentrava o exercito, á 3 de agosto e o acompanhou na excursão pelo Estado Oriental do Uruguay, onde foi declarado em operações de guerra pela ordem do dia do commando em chefe de 6 de setembro, tudo do referido anno de 1851. Feita a campanha recolheu-se á provincia do Rio Grande do Sul, a 4 de julho de 1852.

Condecorado com a medalha de ouro creada por decreto de 14 de março de 1852, para os que fizeram a campanha do Uruguay, por despacho de 28 de junho do mesmo anno teve a effectividade do posto de major, e por carta imperial de 2 de dezembro de 1854 foi nomeado official da ordem da Rosa, em remuneração de seus serviços militares.

Promovido a tenente-coronel para o 1º regimento de cavallaria da côrte, por decreto de 15 de julho deste ultimo anno, com antiguidade de 28 de setembro de 1853, passou a commandar o mesmo regimento em fevereiro de 1855, e ao deixar esse commando, seis mezes depois, foi elogiado em nome do imperador, por ter mostrado nesse periodo bastante zelo e intelligencia na conservação do asseio e bom arranjo, não só das praças e seu aquartelamento, como da regularidade do serviço e disciplina do regimento. Por decreto de 14 de junho do mesmo anno teve o habito de São Bento d'Aviz.

No anno seguinte, por se achar theoricamente habilitado, solicitou do governo imperial a necessaria licença para frequentar os dois annos da escola militar, que lhe dava direito ao curso da sua respectiva arma, mas apesar das boas informações prestadas pelos chefes militares, obteve o seguinte despacho : « o supplicante pelo seu posto não está no caso de se matricular e se tem vontade de es-

tudar, o poderá fazer particularmente, obtendo depois licença para fazer exame das materias que se ensinão na escola militar. — Em 14 de fevereiro de 1856 ».

Por decreto de 2 de dezembro deste anno foi promovido a coronel commandante do 4º regimento de cavallaria ligeira, seguindo logo depois para o Rio Grande do Sul. A 17 de novembro de 1857 passou a commandar a 2ª brigada e fronteira do Pirahy, donde sahiu para assumir o commando da 2ª brigada do corpo do exercito de observação, a 19 de dezembro do mesmo anno. Por aviso do ministerio da guerra de 15 de março de 1858 foi nomeado commandante da fronteira e guarnição de São Borja e por decreto de 10 de abril seguinte, teve a commenda da ordem da Rosa.

Assumiu o commando da 3ª brigada e guarnição de Jaguarão a 3 de Julho de 1860 onde se conservou até o anno de 1862.

Por decreto de 29 de julho de 1864 foi promovido a brigadeiro, e a 1º de novembro do mesmo anno passou a commandar a 2ª divisão do exercito do sul que, sob o commando em chefe de seu tio, o marechal João Propicio, marchou para Montevidéo.(*) Em ordem do dia do mesmo commando n. 17, de janeiro de 1865, foi elogiado pela codjuvação que prestára desde o começo da acção até a tomada da cidade de Paysandú, a qual durou tres longos dias de renhidos combates. Recebeu a medalha de ouro desse campanha e por decreto de 18 de fevereiro seguinte foi agraciado com a dignitaria da ordem da Rosa.

Tendo seguido com o 1º corpo de exercito para Corrientes, d'alli regressou, por doente, e achando-se no Rio Grande do Sul por occasião da invasão das tropas do dictador do Paraguay, apresentou-se ao tenente general barão de Porto-Alegre e assistiu á rendição da villa de Uruguayanna no dia 18 de setembro de 1865, sendo louvado por aviso do ministerio da guerra do dia seguinte em nome do imperador, que ahi se achava, concedendo-se-lhe tambem a medalha de ouro commemorativa desse acto.

Tendo seguido para o 1º corpo de exercito em opera-

(*) Vide pagina 237 do presente volume.

ções no territorio do Paraguay, assumio a 22 de maio de 1866 o commando da 2ª divisão de cavallaria; tomou parte na memoravel batalha pelejada a 24 nos campos de Tuyuty onde, segundo a parte dada pelo chefe do estado maior desse corpo de exercito, « carregou sobre o inimigo com tanto valor que a elle se deve muito a derrota deste, pelo que o julga digno de mensão ». E da parte do commandante em chefe consta que « o seu comportamento o lisongeára, cabendo-lhe a esperança de vel-o colher novos louros, que só se alcançam a custa de esforços e sacrificios que já tem sabido fazer, adquirindo incontestavel jus á gloria, recompensa a mais preciosa dos bravos ».

Assistiu aos celebres combates de 16 e 18 de julho nas immediações de Tuyuty, sendo louvado por bem ter occupado o posto que lhe foi designado. Em ordem do dia de 2 de agosto de 1867 foi louvado pela maneira com que se portou no combate dado pelas forças brasileiras no dia 31 de julho do dito anno, na qualidade de commandante da primeira divisão de cavallaria codjuvada pela 2ª da mesma arma, flanqueando o inimigo e o perseguindo até proximo ás suas trincheiras em Humaytá, causando-lhe a perda de 90 mortos inclusive um commandante de batalhão e 12 prisioneiros, animaes e muita variedade de armamento, tudo tomado no campo do combate.

De outra ordem do dia 9 de setembro do mesmo anno consta ter se tornado digno de especial menção pelas acertadas providencias que tomou na acção gloriosa para as nossas armas no dia 6 desse mez, em que o inimigo deixou no campo de batalha mais de 150 mortos e 14 prisioneiros, inclusive um tenente e 5 praças feridos.

Por conveniencia do serviço foi transferido da 1ª para a 3ª divisão, em outubro, sendo publicada na ordem do dia de 16 do mesmo mez especial menção pelas suas acertadas determinações para o combate de 3, quando no commando da referida 1ª divisão carregou sobre as forças inimigas commandadas pelo general Caballero, pondo este em completa derrota, ficando no campo mais de 500 cadaveres, muito armamento, 201 prisioneiros, entre os quaes 5 officiaes e o commandante do 15º corpo, e 8 estandartes.

Em a ordem do dia 12 de dezembro ainda desse anno, que trata da memoravel acção pelejada a 3 de novembro, em nossa base de operações (Tuyuty), verifica-se que, commandando as forças destinadas a proteger o comboio que seguira para o acampamento de *Tuyu-Cuê*, ouvindo os primeiros tiros, acudiu ao logar e achando os reductos avançados tomados pelo inimigo sustentou com as forças de seu commando um vivo e motifero combate, para reconquistar estas posições portando-se com bravura, sendo ferido gravemente na bocca, pelo que se retirou da acção. O marechal marquez de Caxias, commandante em chefe mandou mencionar o seu nome na dita ordem do dia por ter sido um dos generaes que mais se destinguiram no cumprimento de seus deveres.

Foi nomeado commendador da ordem de Christo por decreto de 17 de agosto de 1867; por outro de 11 de abril, official da ordem do Cruzeiro e de 12 de dezembro, tudo de 1858, commendador de S. Bento de Aviz.

Em ordem do dia do referido commando de 31 de março deste ultimo anno foi elogiado pelo bem que se portou no reconhecimento á viva força na posição—Sauce—no dia 24 do mesmo mez e anno, commandando a 5ª divisão de cavallaria, cuja posição se estendia desde o passo *Espenilho* até o angulo mais saliente do grande *polygono*.

Da ordem do dia do mesmo commando de 14 de janeiro de 1869 verifica-se ter sido mandado louvar com as seguintes phrases: «Muitos foram os actos de valor praticados nos combates, batalhas, assaltos e feitos d'armas que tiveram logar no mez de dezembro, e que valeram os bem merecidos elogios, por ter cumprido religiosamente seu dever».

Em junho desse anno passou a exercer o cargo de chefe do estado-maior do 1º corpo de exercito.

O nome do general José Luiz Menna Barreto está comprehendido nas felicitações que a assembléa provincal do Rio Grande do Sul fez ao exercito em a sua sessão de 12 de julho de 1869. Em 16 de agosto do dito anno assumio o cargo de deputado do ajudante-general junto ao commandante em chefe marechal conde d'Eu, e na ordem

do dia deste commandante de 14 de novembro seguinte foi publicado o seguinte :

« O brigadeiro José Luiz Menna Barreto no ataque e tomada da praça de Peribebuy a 12 de agosto ultimo, deu mais uma prova de seu conhecido valor : em 16 foi nomeado para commandar interinamente o 1º corpo de exercito, e nesse commando, na batalha de *Nhuguassú* ou *Campo-Grande*, conquistou, palmo a palmo, o terreno immediato ao arroio *Juquery* e conseguindo transpôl-o obrigou o inimigo a deixar em nosso poder as 7 boccas de fogo que o protegiam. Não posso sem injustiça deixar de expressar que as honras da victoria alcançada pelo 1º corpo de exercito, são devidas ao dedicado commmandante interino o imperterrito brigadeiro José Luiz Menna Barreto, cujas acertadas ordens e disposições são as que mais concorreram para o brilhante e completo resultado obtido, ao passo que seu já muitas vezes comprovado valor e imperturbavel calma servia como de ponto de apoio e de centro ao valor não inferior de seus subordinados. A's 3 horas da tarde o resto dos inimigos espavoridos e dispersos tinham desapparecido na extrema matta que nos separava de *Caraguatahy* ; o campo de batalha, juncado de dois mil cadaveres inimigos, nos apresentou como tropheos de tão bella jornada não menos de 23 boccas de fogo ; prisioneiros feitos, entre os quaes varios officiaes da confiança de Lopez, sobem a 1.300, e dos inimigos dispersos e separados dos seus chefes mais de mil posteriormentes se apresentaram ao nosso exercito ; grande numero de carrêtas com munições. Cumpre um dever fazendo novamente especial menção do brigadeiro José Luiz que como commandante do corpo de exercito, pelo seu valor, actividade e pericia mais poderosamente concorreu para os resultados conquistados».

Comprehendido está o seu nome no voto de louvor e gratidão de 11 de maio de 1870 da assembléa geral legislativa.

Regressando ao Brasil, ao brigadeiro José Luiz coube o commando da guarnição de fronteira de Missões para onde se transportou em novembro do mesmo anno, e por

decreto de 10 de abril do anno seguinte foi promovido a marechal de campo.

Deixou aquelle exercicio por ter sido nomeado inspector dos corpos de artilharia e cavallaria da provincia do Rio Grande do Sul, por portaria de 27 de agosto de 1872, tendo recebido a medalha da campanha geral do Paraguay com o passador de ouro n. 5 e o respectivo diploma, passado a 8 de junho desse anno.

Por decreto de 4 maio de 1878 foi nomeado commandante das armas da alludida provincia do Rio Grande do Sul, sendo dispensado do cargo de inspector.

O marechal de campo José Luiz Menna Barreto, falleceu em Porto Alegre, no exercicio do cargo de commandante das armas, a 10 de outubro de 1879.

José Manoel Carlos de Gusmão

Filho do desembargador Manoel Carlos de Gusmão e natural da provincia do Rio de Janeiro, onde viu a luz a 25 de março de 1795, José Manoel Carlos de Gusmão assentou praça voluntariamente no esquadrão de cavallaria da guarda do vice-rei do Brasil D. Marcos de Noronha e Brito (conde dos Arcos) a 14 de setembro de 1807, sendo reconhecido 1º cadete.

Tendo sido creado o 1º regimento de cavallaria, com a mesma organização dada aos regimentos dessa arma no exercito de Portugal, conforme a vontade de D. João VI, expressa na sua carta de 13 de maio de 1808, nelle passou a servir o cadete Carlos de Gusmão, a quem por despacho de 17 de dezembro de 1815, foi concedida a patente de alferes, para o mesmo regimento.

Conhecido nesta capital o levantamento republicano de 6 de março de 1817, em Pernambuco, do esquadrão do 1º regimento de cavallaria, que para alli seguin a 18 de abril desse anno, fazendo parte da columna expedicionaria do tenente-general Luiz do Rego Barreto, fazia parte o alferes Carlos de Gusmão, que ao regressar á côrte foi promovido a tenente para o mesmo regimento, por carta regia de 6 de fevereiro de 1818.

A 24 de novembro de 1820 se lhe concedeu a gra-

duação de capitão, em cujo posto foi confirmado por decreto de 24 de junho de 1822, pelo principe regente D. Pedro, continuando como effectivo no 1º regimento de cavallaria.

Pelos seus reconhecidos dotes intellectuaes e assignalados conhecimentos das cousas militares, foi proposto pelo tenente-general Joaquim Xavier Curado, governador das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro para exercer o cargo de seu ajudante de ordens, conforme se vê do decreto de 20 de fevereiro de 1824.

Neste exercicio obteve Carlos de Gusmão a promoção de major de cavallaria addido ao estado maior do exercito, por decreto de 28 de maio de 1827, e a graduação de tenente-coronel por despacho de 7 de agosto de 1830.

Dado o golpe de Estado a 7 de abril de 1831, pedio logo depois ser dispensado do alludido cargo de ajudante de ordens do governador das armas, o que lhe foi concedido por decreto de 25 do seguinte mez de maio.

Nomeado o marechal José Maria Pinto Peixoto commandante em chefe das forças que na provincia de Minas-Geraes operavam contra as facções que adheriram ao movimento revolucionario que irrompera a 22 de março de 1833 na capital dessa provincia, por aviso de 3 de abril seguinte foi Carlos de Gusmão posto ás ordens do mencionado marechal e com elle seguio áquelle destino.

Por acto do commando em chefe de 4 de maio passou a commandar todas as forças que sitiaram as cidades de Ouro-Preto e Marianna, que foram abandonadas pelos sediciosos a 19 desae mez. Em o seguinte mez de junho, regressou ao seu quartel, sendo por aviso do ministerio da guerra de 12 de julho mandado elogiar pelos serviços que acábava de prestar em bem da ordem publica.

Conservando-se na côrte, por decreto de 2 de setembro de 1837 se lhe concedeu a effectividade do posto de tetente-coronel, e por outro de 2 dezembro de 1839 foi promovido a coronel commandante do 1º corpo de cavallaria, de 1ª linha, já então com a denominação de «1º regimento de cavallaria ligeira», commando este que deixou a 17 de maio de 1842, por ter seguido para a referida provin-

cia de Minas-Geraes, afim de exercer nella o alto cargo de commandante das armas.

Tendo rebentado uma revolução em junho desse anno na cidade de Barbacena, deu o coronel Carlos de Gusmão as primeiras providencias para debellar o movimento anarchico, como se vê dos seguintes documentos :

« Quartel-general na imperial cidade de Ouro Preto — Ordem addicinal do dia 13 de juuho de 1842. — O commandante das armas da provincia de Minas Geraes, sciente de ter rebentado uma sedição na cidade de Barbacena, trahiria nessa occasião a sua consciencia, commetteria uma injustiça, se por um instante deixasse dc confiar no brio, no valor e na fidelidade dos mineiros.

«O primeiro grito da anarchia já sôou na cidade de Barbacena ! Alli a facção acaba de acclamar um presidente illegal, desconhecendo as attribuições do senhor D. Pedro II, a quem compete a nomeação de taes funccionarios. Que mais resta ?

«O commandante das armas empenhado, como se acha, na manutenção da ordem, em fazer respeitar as leis e as autoridades legitimamente constituidas, em sustentar o governo, e com elle a integridade do imperio, dirige-se meste momento aos snrs. commandantes dos corpos, officiaes de todas as classes, guardas-nacionaes e mais praças da guarnição da provincia, e em nome do imperador e da patria os convida a tomar já as armas, a marchar sem demora ao campo da honra para debellar o monstro da anarchia que acaba de apparecer entre nós.

«O commandante das armas espera que mais esta vez os mineiros sempre fieis ao seu juramento não hesitarão por um só momento em tomar a defesa de tão justa causa, certificando-lhes desde já que terá a maior gloria em correr ao logar do combate á frente de tão briosos soldados. — *José Manoel Carlos de Gusmão.*

« Brasileiros ! O grito de rebellião, que sôou em Sorocaba, na provincia de S. Paulo, acaba de achar echo em Barbacena, na provincia de Minas Geraes. Homens, cujos principios foram repellidos pelos poderes politicos nacionaes, entendem que os devem fazer prevalecer tentando revolucionar o imperio. Não satisfeitos

com as rebelliões que tanto afligiram a nossa patria, durante a minha menoridade, querem ainda abysmal-a nos horrores da guerra civil. Fiel ao juramento, que prestei, de guardar a constituição e conscio dos deveres que ella me impõe, jamais deixarei de fazer executar as leis emanadas da representação nacional, de manter illesas as prerogativas de minha corôa, de promover a felicidade geral, e de salvar o Estado. Conto para isso com a efficaz cooperação dos meus leaes subditos de todas as provincias.

« Brasileiros, que fostes illudidos ! Abandonai os homens que vos tem conduzido ao crime ; como pae vos aconselho que desprezeis suas perfidas suggestões ; poupai-me a dura necessidade de punir-vos. Viva a nossa santa religião ! Viva a constituição do imperio ! Viva a nação brasileira ! — Palacio do Rio de Janeiro, 19 de junho de 1842, 21° da independencia e do imperio (Assignado), *Imperador* ».

« José Manoel Carlos de Gusmão, Guarda roupa de S. Magestade o Imperador, commendador da ordem de S. Bento de Aviz, cavalleiro das imperiaes ordens do Cruzeiro e da Rosa, coronel de cavallaria e commandante das armas da provincia de Minas Geraes. — Faço saber a todos os G. N. ou outras quaesquer pessoas que illudidas tenham acompanhado os rebeldes contra o governo imperial e leis feitas pelos poderes constituidos do Estado, que quanto antes se me devem apresentar, ou a qualquer dos commandantes das forças legalistas ou autoridades, com o armamento que lhes houver sido confiado, certas de que assim gosarão os effeitos da imperial clemencia, manifestada na proclamação de S. Magestade o Imperador aos brazileiros, datada de 19 do mez findo, que é mais uma prova de quanto o mesmo augusto senhor deseja o prompto exterminio da rebellião, salvando-se aquelles, que enganados, tem sido conduzidos ao crime, sem conhecimentos dos fins sinistros, que tem em vista os rebeldes em seus planos subversivos da ordem pública. E para que chegue a noticia a todos, e não possam allegar ignorancia os que por mais tempo desobedeceram ao governo legitimo, mando que se dê a este edital toda a

publicidade. — Quartel do commando das armas no Ouro Preto, 21 de julho de 1842 — *Manoel Bernardo Acursio Nunan*, secretario do commando das armas, o escrevi:— *José Manoel Carlos de Gusmão*».

Como não se tivesse podido conseguir o restabelecimento da ordem na provincia, pelos destacamentos disseminados em seus diversos municipios, resolvêra o governo imperial, por decreto de 13 do dito mez de julho, entregar o commando em chefe de todas as forças em operações contra os revolucionarios ao então brigadeiro barão de Caxias, que acabava de exercer igual commissão na provincia de São Paulo, que pacificára. Este brigadeiro ao assumir o exercicio do seu cargo a 8 de agosto, fez cessar o do coronel Carlos de Gusmão, a quem na mesma data nomeiou ajudante-general do exercito pacificador.

Como veremos adeante, mais detalhadamente, a revolta de Minas Geraes extinguiu-se com o brilhante feito de armas praticado pelo exercito pacificador no dia 20 de setembro de 1842, contra todo o exercito dos rebeldes, em Santa Luzia de Sabará, cabendo ao coronel Carlos de Gusmão ser elogiado em ordem do dia da mesma data, «por ter sido incansavel no cumprimento de seus deveres».

Pacificada a provincia regressou á côrte, por ter sido, por decreto de 29 de agosto anterior, exonerado do cargo de commandante das armas.

Por decreto de 15 de novembro de 1846 se lhe concedeu a graduação de brigadeiro e por outro de 7 de setembro do anno seguinte foi promovido á effectividade deste posto, continuando a residir nesta capital, onde falleceu a 8 de janeiro de 1858.

José Maria da Silva Bitancourt

Nascido no Rio de Janeiro a 5 de dezembro de 1795 José Maria da Silva Bitancourt assentou praça voluntariamente no regimento de artilharia d'esta cidade em 13 de janeiro de 1808, sendo reconhecido cadete de 1ª classe por ser filho legitimo do tenente-coronel Elesbão José da Silva Bitancourt.

Em o anno de 1811 foi admittido á matricula na academia militar da côrte, como alumno obrigado, e nella frequentou todas as aulas de mathematica, sendo approvado nos tres primeiros annos sem discrepancia de votos, pela pluralidade d'elles no 4º anno, e por unanimidade nos tres annos do curso de sciencias naturaes e militares e desenho, concluindo assim o curso de engenharia militar.

Por decreto de 17 de dezembro de 1815 foi promovido a segundo tenente para a 5ª companhia do mencionado regimento. Interrompeu seus estudos em 1817 por ter seguido voluntariamente a 18 de abril desse anno para a provincia de Pernambuco fazendo parte da expedição militar contra a revolução proclamada a 6 do mez anterior ; ahi foi empregado no archivo militar.

Regressando á côrte, por decreto de 4 de julho de 1818 foi promovido a primeiro tenente ajudante e a capitão por outro de 4 de novembro de 1820, para a 2ª companhia, tudo do mencionado regimento de artilharia.

Por occasião dos successos que se deram nesta capital em janeiro de 1822, quando todas as tropas se reuniram na praça da Acclamação, ahi se apresentando offereceu-se ao marechal Joaquim de Oliveira Alvares para conduzir uma peça que existia em seu quartel, para o ensino dos inferiores do regimento, tendo previamente preparado, á sua custa, as respectivas munições ; e sendo-lhe ordenado que o fizesse não sacrificando a tropa que a conduzisse, dirigiu-se ao seu referido quartel (no velho arsenal de guerra) onde encontrou o coronel Oliveira Bulhões, seu commandante e os officiaes superiores Francisco de Paula e Vasconcellos e Francisco Carlos de Moraes, aos quaes dando parte do que havia feito se submetteu ás suas ordens.

Sendo nomeado então para commandar a dita peça, esmerou-se para bem desempenhar essa commissão sem comprometter-se durante a marcha, tão pouco esperada dos já reunidos na referida praça que entre elles produziu alarma e prepararam-se para recebel-o a fogo, julgando ser as avançadas da rebellada divisão portugueza do tenente-general Jorge Avilez.

Esta marcha em virtude de ordem que recebera, foi justa com o capitão commandante do esquadrão de caval-

laria aquartelado proximo ao arsenal, e sendo por elle apoiada e por dois pelotões de soldados do seu regimento, armados com fuzis, ao chegar á sobredita praça teve ordem para nella se conservar no commando da dita força, que manteve até que com ella embarcou fazendo parte das tropas que na Praia Grande deviam vedar a communicação da divisão Avilez com o interior da provincia.

Quando se esperava por uma segunda divisão que devia vir de Portugal, offereceu-se o capitão Silva Bitancourt para servir na fortaleza de Santa Cruz, onde teve a satisfação de ser nemeado pelo seu commandante Francisco de Paula e Vasconcellos para instruir a respectiva guarnição no manejo das boccas de fogo e commandar a importante bateria do lume d'agua, empregando todas as suas forças para bem cumprir os seus deveres conforme communicou aquelle commandante.

Da referida guarnição fazia parte crescido numero de alumnos da academia militar que sempre tiveram em vista pugnar pela nobre causa da Patria defendendo-a com o sacrificio de suas vidas, compensando desta maneira os esforços que a mesma patria costuma fazer para instruil-os na paz, de modo a aproveital-os durante a guerra.

Por decreto de 24 de junho desse mesmo anno, tendo o governo tomado em consideração os seus valiosos serviços, houve por bem conceder-lhe a graduação do posto de major, continuando no mesmo regimento. A 27 de março de 1824 jurou a constituição politica do imperio assignando a respectiva acta, e a 12 de outubro do mesmo anno foi promovido a major effectivo, passando a occupar o logar de lente do seu regimento em fevereiro do seguinte anno, para cujo cargo fôra nomeado por decreto de 18 de novembro.

Por decreto de 12 de outubro de 1827 foi promovido a tenente-coronel commandante do regimento em que servia e que passou a ser denominado 1º corpo de artilharia de posição.

Em 1829, por decreto de 5 de janeiro, foi nomeado cavalleiro da ordem de São Bento de Aviz ; graduado no posto de coronel por despacho de 6 de maio foi condeco-

rado com o habito de cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro por decreto de 18 de outubro.

Por aviso de 14 de maio foi nomeado membro da commissão encarregada de informar quaes as materias que deviam compor o curso de estudo de artilharia, achando-se então no commando do 2º corpo da mesma arma desde 12 de janeiro. Por decreto de 10 de julho foi nomeado cavalleiro da ordem da Rosa, sendo promovido á effectividade do posto de coronel por despacho de 17 de outubro, tudo de 1830.

Pela fusão dos dois primeiros corpos de artilharia de posição, em virtude dos avisos de 15 e 16 de maio de 1831, passou a commandante do 1º corpo dessa arma, seguindo em deligencia a commandar as armas da provincia do Pará a 1º de junho, para cujo cargo fôra nomeado por decreto de 22 de abril, sendo transferido dez dias depois da sua partida para o 1º corpo de artilharia montada.

A 16 de julho, tudo do referido anno de 1831, com o presidente visconde de Goyana tomou posse, na cidade de Belém, do cargo de commandante das armas supramencionado.

Neste commando advieram ao coronel Silva Bitancourt profundos desgostos, sendo até accusado de capitanear uma sedição militar contra aquelle presidente, conforme registra na sua historia do Brazil o general Abreu e Lima nos seguintes termos :

« No dia 16 de julho alli aportaram o visconde de Goyana como presidente, e o coronel José Maria da Silva Bitancourt como commandante das armas. Ambos tomaram posse e começaram suas respectivas funcções por vias oppostas, tanto que no dia 7 de agosto, 21 dias depois, foi o visconde depôsto por uma sedição militar em que teve grande parte o commandante das armas Bitancourt. O ex-presidente partiu para o Rio de Janeiro e mais cinco ou seis individuos, entre elles o celebre conego Baptista, foram confinados para diversos presidios da mesma provincia. A presidencia foi então entregue ao conselheiro mais antigo, e asim permaneceu até 22 de fevereiro de 1832, em que chegou outro presidente ».

A respeito desse facto temos em mão os documentos

que em seguida transcrevemos, para verdade da historia patria.

« Senhor, o conselho geral desta provincia resolveu por unanimidade de votos em sessão de 16 do corrente, que seja enviada ao poder executivo a inclusa representação assignada por duzentos e oito cidadãos, e que se fizesse menção na acta daquelle dia que, reconhecendo os serviços prestados pelo coronel Bitancourt a esta provincia, sente que elle seja d'ella removido porque não tem dado senão provas de um verdadeiro brasileiro, amante da Patria e da liberdade legal,— Sala das sessões do conselho geral da provincie do Pará, 28 de fevereiro de 1822. — *Manoel Antonio Rodrigues* — presidente ; *Francisco Marques d'Elvas Portugal*—secretario.

« Illmos. Exmos. Snrs. do Conselho da Provincia. — Os abaixo assignados, inteiramente convencidos de que a não sonhada paz de que tem gosado e gosa esta provincia, de 7 de agosto até este momento, é devida em grande parte á energia, vigilancia e actividade do exmo. commandante das armas, José Maria da Silva Bitancourt, patriota bem conhecido que se tem coberto de gloria pelos relevantes serviços que nas maiores crises tem prestado á patria e a esta provincia em particular, por seus esforços para a livrar dos abismos da anarchia e das garras da discordia que por toda parte soprava ; não podendo soffocar por mais tempo os puros sentimentos do seu reconhecimento e gratidão para com aquelle benemerito cidadão e honrado militar ; e reconhecendo ao mesmo tempo que o bem estar da provincia altamente reclama a conservação deste illustre campeão das liberdades patrias para conter os facciosos e anarchistas cujos incessantes attentados principiavam a banir desta terra hospitaleira a paz e segurança individual, e fazer triumphar o imperio da lei tão altamente proclamada pelo sabio governo que preside aos destinos de todo o Brasil;

«Identificados em sentimento com a maioria da provincia, ferve-lhes n'alma o sincero desejo de colherem os sazonados fructos da obra de tantos sacrificios; e por isso, animados dos mesmos sentimentos patrioticos, que incontestavelmente vão encontrar nos respectivos membros

deste conselho a tal respeito, assim como de todos os bons paraenses, vem confundir com elle seus puros votos pelo bem da provincia que lhes deu o ser, e que não querem ver dilacerada, afim de levar ao conhecimento do governo de S.M. Imperial a sincera manifestação de sua ardente supplica.

«A inteira confiança que os abaixo-assignados e todo o Pará tem depositado no acrisolado patriotismo desta respeitavel corporação, lhes faz conceber a lisonjeira esperança de que tão justificada supplica ha de ter o devido acolhimento no recinto do conselho; na certeza de que quando se não realizem seus puros votos, sirva essa franca linguagem pelo menos de testemunho fiel de gratidão ao merito e virtude. — E. R. M.ce — (Seguem-se as 208 assignaturas)».

Deixando a 27 de fevereiro de 1832 o cargo de commandante das armas, recolheu-se á côrte o coronel Bitancourt, que pelos factos acima foi mandado submetter a conselho de investigação, por aviso da repartição da guerra de 27 de agosto do mesmo anno, o qual foi de parecer não haver materia para responder a conselho de guerra, opinião esta com que se conformou o commandante das armas da côrte, em 18 do seguinte mez de setembro.

Por decreto de 25 de fevereiro de 1833, foi o coronel Bitancourt transferido do exercito para o corpo de artilharia de marinha, que se achava commandando desde 22 de janeiro do mesmo anno. Reverteu ao serviço do exercito, por decreto de 8 de janeiro de 1835, sendo nomeado director da fabrica de polvora da Estrella, por despacho do dia seguinte, entregando a 13 do mesmo mez o commando do corpo de artilharia de marinha, sendo então louvado, em nome da regencia, pela disciplina em que deixou o referido corpo e pelo bom serviço que prestou durante o seu commando.

Por decreto de 12 de novembro de 1839 foi nomeado para fazer parte da commissão encarregada do projecto do grande arsenal de guerra, sendo graduado em brigadeiro por despacho de 2 de dezembro do mesmo anno.

A 9 de março de 1841 seguio para a provincia do Rio Grande do Sul onde, apresentando-se ao commandante em

chefe, foi designado para exercer o cargo de ajudante general do exercito em operações contra os republicanos rio-grandenses, merecendo ser elogiado em junho, agosto e outubro do mesmo anno pelo bom desempenho dos seus deveres.

Nomeado commandador da ordem de São Bento de Aviz, por decreto de 11 de março, assumiu a 21 de maio o commando em chefe do exercito do sul, sendo promovido então (27 de maio) á effectividade do posto de brigadeiro.

Em julho seguiu para a *campanha*, passando pela villa do Rio Pardo com destino a Vaccacahy, onde se achava o acampamento do exercito legalista.

Nenhum acto notavel havia ainda praticado o brigadeiro Bitancourt, a não ser a transferencia do acampamento das tropas imperiaes para o Arroio do Sol, quando chegou-lhe a noticia da nomeação do barão de Caxias para os cargos de presidente da provincia e commandante em chefe do exercito do sul, ao qual entregou este ultimo cargo a 24 de novembro, recolhendo-se á côrte.

Por despachos de 11 e 12 de janeiro de 1843 foi nomeado commandante das armas e presidente da provincia do Ceará, para onde seguiu, tomando posse dos mesmos cargos a 2 de abril d'esse anno, exercendo-os na mais imperturbavel serenidade, se não fora o sanguinolento conflicto que teve logar no Aracaty, por occasião da eleição de vereadores e juizes de paz a 7 de setembro de 1844, e do qual resultaram algumas mortes e ferimentos.

Exonerado dos alludidos cargos em 4 de novembro do dito anno, apresento-se na côrte, reassumindo a 1º de fevereiro de 1845 a direcção da fabrica de polvora da Estrella.

Em 16 de março de 1844 recebeu o diploma de membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro, e a 17 de abril de 1849 foi eleito vereador da camara municipal da villa da Estrella.

Graduado no posto de marechal de campo por decreto de 19 de julho, por outro de 2 de dezembro foi-lhe concedido o fôro de fidalgo cavalleiro da casa imperial e por

aviso de 19 do mesmo mez, tudo do anno de 1849, foi nomeado director das obras militares da côrte e do arsenal de guerra.

Por decreto de 3 de março de 1852 foi promovido á effectividade do posto de marechal de campo, sendo por despacho de 29 de setembro do mesmo anno exenerado dos cargos de director do arsenal de guerra e da direcção das obras militares da côrte em 5 do mez seguinte, passando a exercer novamente este ultimo em junho de 1855.

Nomeado vogal do Conselho Supremo Militar por decreto de 5 de abril de 1856, por despacho de 2 de dezembro de 1858 foi graduado no posto de tenente-general, sendo nomeado conselheiro de guerra por decreto de 17 de setembro de 1859.

Por carta imperial de 3 de abril lhe foi concedido o titulo de conselho e por decreto de 2 de dezembro, tudo de 1860, foi promovido á effectividade do posto de tenente-general.

Condecorado com a grã cruz da ordem de São Bento de Aviz por decrelo de 22 de maio de 1861, por outro de 31 do mesmo mez do anno seguinte foi nomeado ajudante general do exercito, cargo este que deixou em maio de 1864. Por decreto de 20 de dezembro de 1865 foi reformado no posto de marechal do exercito, continuando, porém, no exercicio de conselheiro de guerra até á data do seu fallecimento, que teve logar nesta capital em 9 de dezembro de 1875.

José Marianno de Mattos

Nascido no Rio de Janeiro no decorrer do anno de 1801, José Marianno de Mattos, filho de outro do mesmo nome, depois de ter se habilitado em latim e francez, matriculou-se na academia militar como alumno do primeiro anno mathematico em 3 de março de 1819.

Proseguindo seus estudos na mesma academia, assentou praça voluntariamente como soldado no 1º corpo de artilharia de posição á 2 de agosto de 1822.

Afim de poder concorrer á promoção do posto de 2º tenente por se achar matriculado no 4º anno da mes-

cionada academia, requereu ser promovido a sargento, recebendo em 2 de setembro favoravel despacho isto é, *que se lhe concedia á graduação de sargento para ser contemplado como tal nas propostas do regimento conforme o seu merecimento.*

Por decreto de 24 de fevereiro de 1823 foi promovido a 2º tenente e por outro de 12 de outubro do mesmo anno a 1º tenente para a 5ª companhia do 1º corpo de artilharia de posição.

Em 27 de março de 1824 jurou a constituição politica do novo imperio e neste mesmo anno, por decreto de 12 de outubro, foi promovido a capitão, sendo graduado em major por outro decreto de 18 de outubro de 1829.

Por despacho de 17 de outubro de 1830 foi nomeado cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro, pelos serviços militares que prestou na guerra da independencia, sendo transferido para o 1º corpo de artilharia montada da guarnição do Rio Grande do Sul em 30 de agosto do seguinte anno de 1831, de cujo corpo foi nomeado lente interino por decreto de 18 de outubro deste ultimo anno por ter o curso de engenheiros com approvações plenas em todos os annos em os quaes foi premiado.

Na sua permanencia na provincia do Rio Grande do Sul adquiriu o major José Marianno de Mattos, pelas suas luzes e fino trato, grande numero de amigos e admiradores, com os quaes collaborava em um dos partidos politicos; d'ahi a ogeriza que lhe tomou o marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto que desde o anno de 1830 exercia o cargo de governador das armas da mesma provincia.

A sua má vontade a respeito do major Marianno chegou ao ponto de pedir por vezes a sua retirada do corpo que commandava, o que reiterou num longo officio que derigio a 27 de janeiro de 1835 ao presidente da provincia. « por lhe parecer prejudicial á tranquilidade e á segurança da provincia a sua persistencia, por ser o primeiro a reconhecer possuir elle bastante talento a que unia uma refinada e hypocrita dissimulação »; Por sua vez os do partido contrario não desprezavão as occasiões em que o pudessem molestar, chegando ao extremo de processal-o *como* sedicioso quando com outros cidadãos da villa do

Rio Pardo representou contra as autoridades para ella nomeadas, sendo todos pronunciados e recolhidos á prisão, de que se livraram por via do *habeas-corpus;* facto este que concorreu para mais se exarcebarem os animos, dando logar ao pronunciamento armado de 20 de setembro desse mesmo anno de 1835, e de que foi chefe o coronel Bento Gonçalves da Silva.

Abraçando a causa dos revolucionarios, quando estes em Piratinim procederam á eleição do seu governo, recolhida a apuração, sahiram eleitos : Bento Gonçalves para presidente da republica e para vice-presidentes, entre outros, o major José Marianno de Mattos.

Estabelecendo o decreto de 6 de novembro de 1836 os departamentos do governo, coube-lhe assumir o da guerra, e, interinamente, o dos estrangeiros quando desde setembro do mesmo anno se achava judicialmente pronunciado em Porto Alegre, como cabeça de rebellião, sedição e insurreição, com muitos outros seus companheiros de lucta.

Logo que Bento Gonçalves a 23 de novembro de 1838 assumiu o commando do exercito republicano e dirigiu-se para a sua «Villa Setembrina», para dar combate ás forças imperialistas, a José Marianno coube substituil-o na presidencia da republica, na qual se conservou até 14 de março de 1841, data em que a entregou em São Gabriel áquelle chefe que regressára em marchas forçadas do Passo Fundo.

Resolvida a abertura do congresso constituinte da republica rio-grandense para o dia 30 de abril de 1840, fizeram-se as eleições nos municipios dominados pelos revolucionarios, achando-se entre os eleitos a esse congresso, que depois se tornaria legislativo, o influente major Marianno ; apezar, porém, de se ter apurado nesse anno tal eleição, só em 1º de dezembro de 1842 se conseguiu realizar a sua primeira reunião que, preenchidas as formalidades da praxe, recebeu em seu seio a pessôa do presidente da republica, Bento Gonçalves, que leu a sua mensagem, deixando em mãos da assembléa os poderes que anteriormente lhe haviam sido delegados.

Logo depois a mesma assembléa nomeou a commis-

são para organizar o projecto de constituição da nova republica, o qual lhe foi entregue em 8 de fevereiro de 1843. Dessa commissão fizeram parte os cidadãos Ulhôa Cintra, Sá Brito, Marianno de Mattos, Anjos França e Domingos de Almeida,

Depois de ter assumido o commando em chefe do exercito imperialista o marechal barão de Caxias, os republicanos, em cujas fileiras já imperava a discordia, viram-se fortemente perseguidos dia e noite, e depois da acção do Poncho Verde, muitos de seus chefes foram prisioneiros, contando-se entre elles o major Marianno, capturado a 26 de junho de 1844 e logo depois remettido para a côrte, sendo recolhido á fortaleza de Santa Cruz a 17 de agosto do mesmo anno, e sujeito a processo.

Decorridos que foram nove mezes se lhe concedeu a liberdade, em virtude da amnistia geral que fôra decretada a 18 de dezembro de 1844.

Revertendo ás fileiras do exercito imperial, por aviso de 13 de janeiro de 1846, foi designado para fazer parte da commissão de exame da artilharia e mais armas de fogo, e por decreto de 7 de setembro do anno seguinte, teve a graduação de tenente-coronel.

Designado em 21 de dezembro de 1850 para dar instrucção aos officiaes do 4º batalhão de artilharia, no manejo das novas boccas de fogo, por aviso de 8 de março do anno seguinte foi nomeado membro da commissão de exame dos candidatos aos postos de segundo tenente, capitão e major da arma de artilharia, o que feito seguiu a 17 de junho do mesmo anno para a provincia do Rio Grande do Sul.

Por decreto de 26 de julho de 1851 foi promovido á effectividade do posto de tenente-coronel para o estado-maior de 1ª classe. Apresentando-se ao commandante em chefe do exercito do sul, conde de Caxias, pela ordem do dia de 6 de setembro do mesmo anno passou a exercer o cargo de ajudante general do dito exercito, que já se achava em operações no territorio do Estado Oriental do Uruguay.

Depois da capitulação de D. Manuel Oribe, em 11 de outubro, a primeira divisão do exercito imperial

passou a fazer parte do «Exercito Alliado Libertador» sob o commando do capitão-general de Entre-Rios, D. Justo José de Urquiza, ficando o commandante em chefe conde de Caxias, com 16 mil homens de reserva na Colonia do Sacramento.

Conseguida a derrota do dictador de Buenos-Aires, com a celebre batalha de Moron, pelejada a 3 de fevereiro de 1852, regressaram ao Brasil as forças que constituiram o exercito invasor das republicas do Prata, sendo o tenente-coronel Marianno agraciado com a medalha concedida aos que fizeram parte do dito exercito, e por decreto de 29 de julho do mesmo anno foi nomeado commendador da ordem de São Bento de Aviz «pelos serviços prestados na campanha do Uruguay».

Por aviso do ministerio da guerra de 10 de agosto de 1854 foi nomeado director da fabrica de polvora da Estrella.

Por decreto de 2 de dezembro de 1856 foi promovido a coronel por merecimento, sendo dispensado a seu pedido do cargo de director da fabrica de polvora a 3 de dezembro de 1857.

Por aviso de 16 de dezembro de 1858 foi nomeado membro da commissão de melhoramentos do material do exercito, e por outro de 22 de fevereiro de 1859 foi mandado apresentar-se na secretaria da guerra, sem que por isso ficasse desligado daquella commissão, afim de ser incumbido de trabalhos especiaes, e por um outro de 12 de agosto do dito anno foi exonerado da commissão em que se achava na referida secretaria.

Por aviso de 18 de setembro de 1860 foi encarregado de montar a extincta escola de tiro do Campo Grande.

Por decreto de 2 de dezembro de 1861 foi promovido ao posto de brigadeiro.

Por aviso de 10 de fevereiro de 1862 foi nomeado membro da commissão encarregada de examinar o arsenal de guerra da côrte. Neste mesmo anno foi nomeado para fazer parte da commissão encarregada de apresentar um plano de reforma dos arsenaes de guerra.

Por decreto de 15 de janeiro de 1864 foi nomeado ministro e secretario dos negocios da guerra, cujo exer-

cicio deixou provisoriamente por motivo de molestia, a 23 de maio, e por outro decreto de 31 de agosto do mesmo anno foi exonerado do referido cargo.

Por decreto de 31 de dezembro de 1864 teve o general José Marianno a nomeação de vogal do Conselho Supremo Militar, cargo que exerceu por pouco tempo, porquanto falleceu nesta capital a 5 de janeiro de 1866.

José de Sá Bithencourt e Camara

O brigadeiro José de Sá Bithencourt e Camara, filho do coronel do mesmo nome, nasceu na villa de Camamú (Bahia) a 23 de janeiro de 1797.

A 16 de junho de 1818, achando-se em companhia de seu pae na provincia de Minas-Geraes, assentou praça como capitão no 2º regimento de infanteria de 2ª linha da comarca de Sabará. Por decreto de 12 de outubro foi nomeado tenente-coronel aggregado ao mesmo regimento e por outro de 19 de maio do anno seguinte foi agraciado com o habito de cavalleiro da ordem de Christo.

Em 23 de abril de 1823 marchou por terra afim de reunir-se ao «Exercito Pacificador» na provincia da Bahia, commandando um batalhão organizado com praças do referido regimento e com elle tomou parte na guerra da independencia, sendo por decreto de 12 de outubro do mesmo anno condecorado com o officialato da imperial ordem do Cruzeiro.

Promovido a coronel por decreto de 25 de março, por outro de 2 de julho, tudo de 1825, foi-lhe concedida a medalha destinada aos que fizeram a guerra em favor da independencia na mencionada provincia.

A 28 de fevereiro de 1826 teve nova praça, sendo por decreto de 19 de abril do mesmo anno transferido da 2ª linha para o estado-maior do exercito, no posto de coronel.

Por decreto de 18 de agosto de 1827 foi nomeado governador das armas da provincia da Bahia, cargo este que exerceu até 6 de abril de 1829.

Por aviso da repartição da guerra de 25 de agosto de 1834 passou a pertencer á guarnição da Bahia, de onde durante o periodo da revolução denominada Sabinada mar-

chou a reunir gente na comarca de Ilhéos, em 27 de novembro, regressando ao exercito a 23 de dezembro, tudo de 1837, com 70 homens e 300 espingardas das extinctas milicias. Foi encarregado da defesa do ponto *Cabrito* a 28 deste ultimo mez, deixando este posto por ter sido designado para commandar a 3ª brigada do exercito no ataque contra a capital, que teve logar a 2 de março de 1838.

Restaurada a mesma capital marchou com 200 praças a pacificar as comarcas do sul da provincia em 4 de abril; regressando a 26 de junho do mesmo anno, passou a commandar interinamente o batalhão de caçadores numero 3, que foi reorganizado.

Por decreto de 20 de agosto foi graduado no posto de brigadeiro, assumindo a 23 de outubro, tudo ainda do referido anno de 1838, o commando das armas da provincia, para o qual foi nomeado como effectivo por decreto de 2 de dezembro de 1839.

Por despacho de 18 de julho de 1841 foi nomeado commendador da ordem de S. Bento de Aviz e por decreto de 7 de setembro do anno seguinte foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro.

Por carta imperial de 25 de maio de 1844 foi nomeado presidente da provincia de Sergipe, pelo que deixou o commando das armas da Bahia a 30 do seguinte mez de junho. Tomou posse do cargo de presidente a 15 de julho deixando-o a 13 de dezembro tudo do mesmo anno, para tomar assento como deputado á assembléa geral legislativa pela mesma provincia.

Por aviso da repartição da guerra de 15 de janeiro ne 1846 teve permissão para residir na provincia da Bahia, para onde seguiu, cabendo-lhe assumir interinamente o commando das armas desta provincia, de 19 a 25 de novembro de 1848 e de 16 de junho a 16 de agosto de 1851.

Em novembro de 1856 foi eleito presidente da camara municipal da villa de Ilhéos, onde exercia o cargo de director dos terrenos diamantinos, tendo ahi fallecido a 28 de outubro de 1861.

José da Victoria Soares de Andréa

Nasceu no Rio de Janeiro a 13 de setembro de 1812 e assentou praça de aspirante a guarda-marinha a 6 de outubro de 1826. Era filho legitimo do marechal do exercito reformado Francisco José de Souza Soares de Andréa, barão de Caçapava, de quem já tratámos no 1º volume.

Por despacho do ministerio da marinha de 2 de dezembro de 1827 foi promovido a guarda-marinha, passando para o corpo de engenheiros do exercito no posto de 2º tenente, por decreto de 22 de maio de 1829 contando antiguidade deste posto de 2 de dezembro de 1827.

Promovido a 1º tenente a 2 de dezembro de 1833, seguiu a 28 do mesmo mez para o Rio Grande do Sul em companhia de seu pae, então brigadeiro. Regressando á côrte matriculou-se na academia militar onde concluiu o curso mathematico em 1835, seguindo logo depois a prestar seus serviços na provincia do Paraná.

Em 27 de fevereiro de 1837 foi nomeado para servir na expedição destinada a restabelecer a ordem no Amazonas, em a qual serviu como ajudante de campo do commandante em chefe que o encarregou tambem da organização do esboço de uma carta da provincia.

Por decreto de 22 de agosto do mesmo anno foi promovido a capitão pelos relevantes serviços que prestou á provincia do Pará onde tambem desempenhou varias commissões, emquanto nella permaneceu.

Recolhendo-se á côrte, por aviso de 11 de junho de 1839 foi empregado no extincto archivo militar e por outro de 9 de agosto do mesmo anno marchou para a provincia de Santa Catharina á deposição do presidente da mesma provincia, onde se conservou até 26 de junho do anno seguinte, sendo então graduado no posto de major.

Por aviso de 7 de julho de 1843 foi designado para servir em commissão na provincia de Minas-Geraes onde em 18 de agosto teve ordem do commandante em chefe do exercito pacificador da mesma provincia para seguir com o batatalhão de guardas nacionaes do presidio do Pomba e que devia dirigir pela margem esquerda do rio

das Velhas para obstar a retirada dos rebeldes reunidos no arraial de Sta. Luzia de Sabará, attestando o referido commandante em chefe em 29 do dito mez que, comquanto o mencionado batalhão não tivesse tomado parte no combate do dia 20 por ter sido este antecipado de um dia, se portou com dignidade e muito bem cumpriu as suas ordens.

Por decreto de 7 de setembro de 1842 foi promovido á effectividade do posto de major com antiguidade de 18 de julho de 1841 e por outro de 4 de outubro daquelle anno teve a mercê do habito da ordem da Rosa, em attenção aos serviços prestados á provincia de Minas-Geraes, principalmente por occasião do referido combate de Sta. Luzia e, achando-se na côrte por essa occasião, foi nomeado instructor da escola militar.

Em 10 de outubro de 1843 marchou novamente para a provincia de Minas-Geraes onde desempenhou varias commissões.

Seguiu para a provincia da Bahia em virtude do aviso de 29 de outubro de 1844, para ser empregado como engenheiro ás ordens do presidente da mesma provincia com o qual partiu desta capital, alli chegando em dezembro do mesmo anno. Terminada a sua commissão com a exoneração do referido presidente, com elle apresentou-se na côrte em agosto de 1846.

Por aviso de 5 de novembro do mesmo anno foi encarregado das obras de melhoramentos do quartel e fortaleza da Praia Vermelha.

Nomeado o tenente-general Soares de Andréa presidente e commandante das armas do Rio Grande do Sul, por aviso de 19 de março de 1848 foi designado para servir á sua disposição nessa provincia, para onde seguiu a 26 do mesmo mez. Alli chegando foi nomeado director das obras militares exercendo tambem o cargo de engenheiro da camara municipal do Rio Grande.

Por decreto de 27 de agosto de 1849 teve a graduação do posto de tenente-coronel e tendo sido eleito membro da assembléa legislativa daquella provincia para o biennio de 1850 a 1851, deixou a seu pedido o cargo que occupava

na camara municipal e muitos outros que satisfatoriamente desempenhava.

Por aviso do ministerio da guerra de 25 de junho de 1852 foi nomeado para fazer parte da commissão de demarcação de limites entre o Brasil e o Estado Oriental do Uruguay.

Seguiu a seu destino a 18 de outubro com a patente de tenente-coronel effectivo do corpo de engenheiros, que lhe tocára por antiguidade, conforme se vê do decreto de 13 de julho, tudo do referido anno de 1852.

Condecorado com o officialato da ordem da Rosa por carta imperial de 2 de dezembro de 1854, por decreto de 2 de dezembro de 1856 foi promovido a coronel por merecimento continuando na alludida commissão de limites.

Em janeiro de 1859 regressou á côrte por ter sido desligado daquella commissão a seu pedido, sendo declarado pelo presidente da mesma que os serviços nella prestados seriam sem duvida alguma devidamente apreciados pelo governo imperial. Passou a servir como membro da commissão de melhoramentos do material do exercito e a 26 de setembro de 1861 foi nomeado director das obras militares da côrte deixando na mesma data a commissão de melhoramentos.

Por decreto de 2 de março de 1864 foi promovido a brigadeiro, e por outros de 20 de abril e 18 de maio do mesmo anno foi nomeado commendador das ordens da Rosa e de São Bento de Aviz.

Declarada a guerra ao Brasil pelo dictador do Paraguay, foi designado para ir servir no exercito em operações sob o commando do marechal de campo Manoel Luiz Osorio, onde se apresentou a 1º de março de 1865, passando na mesma data a exercer o cargo de deputado do quartel-mestre general, que deixou a 1º do seguinte mez de abril para commandar a 1ª divisão do mesmo exercito.

Tranferido deste commando para o da 2ª divisão a 16 de fevereiro de 1866, deixou-o por sua vez a 12 do seguinte mez em que assumiu o commando geral da artilharia.

Da ordem do dia do commando em chefe de 28 de *maio* consta que na batalha de 24 do mesmo mez, tendo

sob suas ordens duas baterias de 12, uma de 6 e a decima nona brigada auxiliar da artilharia, se houve com valor, sendo louvado pelo desempenho das obrigações a seu cargo durante todo o tempo em que durou a mesma batalha. Em 29 de novembro do mesmo anno de 1866 passou a commandar interinamente a 1ª divisão que deixou em 28 de fevereiro do anno seguinte para commandar a 5ª.

Por decreto de 1º de junho de 1867 foi promovido a marechal de campo, revertendo ao commando geral da artilharia no mez seguinte.

Pela ordem do dia do commando em chefe de 12 de dezembro do referido anno foi elogiado por se haver distinguido no dia 3 do mez anterior na resistencia opposta pelas forças brasileiras acampadas em Tuyuty, contra as columnas paraguayas que tentavam apoderar-se de nossas posições.

Tendo regressado á côrte, assumiu a 31 de agosto de 1868 o commando geral da artilharia durante a ausencia do marechal conde d'Eu, commando que deixou a 12 de julho de 1870 por ter regressado da campanha do Paraguay o mencionado conde.

Por aviso do ministerio da marinha de 2 de setembro do mesmo anno passou a exercer o cargo de adjunto do conselho naval.

Em 1872 foi-lhe conferida a medalha geral da campanha do Paraguay e por aviso de 18 de novembro do mesmo anno foi nomeado commandante geral da artilharia e presidente da commissão de melhoramentos do material do exercito.

Por decreto de 21 de fevereiro de 1874 foi nomeado conselheiro de guerra e por outro de 13 de março de 1877 teve a graduação de tenente-general sendo promovido a effectividade deste posto por despacho de 29 de dezembro do mesmo anno.

Agraciado com a gran-cruz da ordem de São Bento de Aviz, por decreto de 16 de março de 1878, por outro de 27 de agosto de 1880, foi graduado no posto de marechal do exercito, em que foi reformado a 23 de agosto de 1884, continuando, porém, no exercicio do cargo de conselheiro de guerra.

O marechal do exercito José da Victoria Soares de Andréa falleceu a 1º de junho de 1891, nesta capital, onde esteve sempre cercado das affeições de sua respeitavel familia, dos seus numerosos amigos e admiradores do seu bello caracter.

Lopo de Almeida Henriques Botelho e Mello

Tendo nascido em Lisbôa a 6 de outubro de 1799, veio para o Brasil ainda criança em companhia de seu pae o tenente-coronel do exercito de Portugal Lopo Joaquim de Almeida Henriques, que havia sido nomeado administrador da capitania do Rio Grande do Norte, onde chegou a 30 de agosto de 1802.

Matriculou-se nas aulas do curso de humanidades, tendo obtido approvações plenas em latim, francez e philosophia. Assentou praça voluntariamente e jurou bandeira a 18 de setembro de 1819 no regimento de artilharia do Rio de Janeiro, sendo reconhecido 1º cadete em outubro do mesmo anno.

Em fevereiro de 1820 obteve permissão para matricular-se na «Real Academia Militar», que frequentou com aproveitamento, sendo por decreto de 24 de junho de 1822 promovido a 2º tenente para o 1º corpo de artilharia de posição, e a 1º tenente por outro decreto de 20 de junho de 1823, para o 2º corpo da mesma arma. Por despacho de 12 de outubro do mesmo anno passou a capitão para aquelle corpo de artilharia.

Ao ter noticia da revolução da provincia Cisplatina seguio para o Rio Grande do Sul a 13 de janeiro de 1826, pertencendo então ao corpo de artilharia montada. O seguinte attestado que dá conta dos seus serviços nessa campanha aqui o transcrevemos *ipsis verbis*, por ter sido passado pelo *coronel commandante geral da artilharia* do exercito commandado pelo tenente-general marquez de Barbacena. Eil-o :

« Thomé Fernandes Madeira, cavalleiro da ordem de São Bento de Aviz, condecorado com as medalhas das seis campanhas da guerra peninsular, — com a dos mais bravos — com a geral de Pernambuco, e coronel de artilha-

ria addido ao estado maior do exercito, por S. M. Imperial que Deus guarde, etc., ete. — Attesto em consequencia do despacho supra de Sua Excellencia o senhor governador das armas, que o supplicante, o senhor capitão Lopo d'Almeida Henriques Botelho e Mello commandou duas brigadas do primeiro corpo d'artilharia montada da côrte do Rio de Janeiro, no exercito do sul, quando eu era commandante geral da mesma arma no mencionado exercito, e em todo o tempo que servio debaixo das minhas ordens teve muito bôa conducta civil e militar, bem como na acção do dia 20 de fevereiro se comportou com valor, chegando a salvar na retirada um carro de munições quasi abandonado pelo cansaço das parelhas, com o qual ficou por muitas vezes á rectaguarda da nossa linha de atiradores, e, por consequencia exposto a todo o fogo do inimigo, e por ser verdade o affirmo pela minha palavra de honra, e mandei passar o presente — Rio de Janeiro, 3 de março de 1830. — *Thomé Fernandes Madeira.*

Terminada a campanha recolheu-se o capitão Lopo á côrte, onde se apresentou a 8 de junho de 1829, passando a ser considerado avulso e como tal excluido do corpo de artilharia a que pertencia por determinação da regencia permanente contida em aviso de 21 de junho de 1831.

Por aviso da repartição da guerra a 15 de novembro de 1832 obteve passagem para a guarnição do Rio Grande do Sul, para onde seguiu, e conservando-se na mesma provincia em disponibilidade, por occasião da rebellião de 20 de setembro de 1835, por não ter a ella querido adherir viu-se forçado a emigrar para o Rio de Janeiro, onde apresentou-se em outubro do mesmo anno.

Por determinação do ministerio da guerra, contida em ordem do dia do quartel-general do exercito de 29 de fevereiro de 1836, foi incluido como effectivo no 1º corpo de artilharia de posição, seguindo para o sul commandando uma brigada de artilharia tirada do referido corpo, que organizou em artilharia ligeira. Assistiu aos ataques de 4 de janeiro e 25 de julho contra os rebeldes e por decreto de 4 de agosto foi promovido a major para o primeiro corpo de artilharia a cavallo, «em attenção aos relevantes serviços prestados no exercito imperial para o

restabelecimento da ordem no Rio Grande do Sul», onde assistiu tambem ao ataque de 29 de setembro, tudo no anno de 1837.

Achando-se incorporado ás forças acampadas no Rio Pardo e que foram atacadas a 30 de abril de 1838 pelo exercito revolucionario commandado pelo brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, combateu valorosamente enfrentando os adversarios a sangue frio. Nesse combate recebeo 27 graves ferimentos, ficando prisioneiro do referido brigadeiro, de quem foi resgatado por uma força legal a 22 de novembro do mesmo anno.

Tendo obtido melhoras de seus honrosos ferimentos apresentou-se ao commandante em chefe das forças a 17 de abril de 1839, data em que marchou para a ilha dos Juncos afim de a fortificar convenientemente; tendo posto em fuga os atacantes, recolheu-se á capital a 6 de julho, sendo promovido a tenente-coronel commandante do corpo de artilharia a cavallo por decreto de 2 de dezembro do referido anno de 1839.

Nomeado cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro e da de São Bento de Aviz em fevereiro de 1840, em 1841 marchou para a *campanha* de onde regressou em outubro, recebendo o officialato da referida ordem do Cruzeiro, com que fôra agraciado por decreto de 2 de dezembro do mesmo anno.

Graduado no posto de coronel por decreto de 27 de maio de 1842, por outro de 23 de julho de 1844 foi promovido á effectividade deste posto para o estado-maior de 1ª classe.

Em 1846 tomou assento na assembléa provincial do Rio Grande do Sul para que fôra eleito deputado, e por decreto de 18 de novembro do mesmo anno lhe foi concedida a graduação de brigadeiro, continuando na provincia do Rio Grande do Sul.

Passou a exercer o commando da guarnição e fronteira do Rio Grande a 15 de outubro de 1853, que deixou em 1856, recolhendo-se á côrte, sendo designado a 24 de julho para commandar a fortaleza de Santa-Cruz. Deixou este commando em março de 1858, por ter sido nomeado *director da* escola militar preparatoria da provincia do

Rio Grande do Sul, para onde seguiu, sendo por decreto de 2 de dezembro do mesmo anno promovido á effectividade do posto de brigadeiro.

Exonerado do referido cargo de director da escola militar a 18 de maio de 1860, por decreto de 29 de janeiro de 1862 foi nomeado commendador da ordem de São Bento de Aviz e por outro de 2 de dezembro do mesmo anno teve a graduação de marechal de campo.

Por despacho de 18 de agosto de 1865 foi nomeado commandante das armas da provincia do Pará, cargo este de que foi exonerado a 19 de setembro do anno seguinte, tendo permissão para aguardar ordens do governo na provincia do Rio Grande do Sul.

Por portaria de 12 de fevereiro de 1867 foi nomeado membro da junta militar de justiça, creada na dita provincia em virtude do decreto n. 3.499 de 8 de julho de 1865, junta essa que devia funccionar unida ao exercito em operações, fóra do territorio do Brasil, para onde seguio.

Em abril assumiu o commando geral de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguay, estacionadas na provincia de Corrientes, onde falleceu no dia 29 de dezembro do referido anno de 1867, de molestia adquirida nessa tão prolongada campanha.

Luiz Alves de Lima

(Barão, conde, marquez e duque de Caxias)

. . . . . .

A disciplina militar prestante.
Não se aprende, Senhor, na phantasia.
Sonhando, imaginando, ou estudando;
Senão vendo, tratando e pelejando.

Camões — «Lusiadas» — Canto X.

O benevolo leitor de certo não esperará encontrar nas linhas que seguem a narração completa da vida do maior dos nossos generaes, e que tanto cooperou para a consolidação da independencia do Brasil e conservação do regimen monarchico proclamado em o anno de 1822 pelo filho do prestimoso D. João VI.

Si tal fosse o nosso desideratum, teriamos de augmentar consideravelmennte o numero de paginas do pre-

sente volume, trascrevendo toda a historia do «Brasil-Imperio», desfalcada apenas do seu epilogo bem caracterisado pela campanha da abolição da escravatura e das celebres questões militares, que muito concorreram para o — 15 DE NOVEMBRO DE 1889.

Assim, cingindo-nos ao compromisso anteriormente tomado, daremos apenas ligeiros *traços biographicos* do amado chefe de quem, em compensação, muitos outros mais competentes se tem occupado em diversas épocas, pondo em relevo as suas nobres qualidades de cidadão e soldado, usando este vocabulo na sua mais philosophica accepção.

*
* *

Filho legitimo de Francisco de Lima e Silva, então tenente do 1º regimento de infanteria de 1ª linha, e depois general, regente e senador do imperio, Luiz Alves de Lima nasceu a 25 de agosto de 1803 na fazenda de São Paulo, no Tuquarú, villa da Estrella, do Rio de Janeiro.

A 22 de novembro de 1808 assentou praça como 1º cadete no regimento de infanteria supramencionado. Tendo frequentado com aproveitamento o curso de humanidades, ao completar quatorze annos, a 25 de agosto de 1817, prestou o seu compromisso de honra — jurando bandeira — no quartel do seu regimento.

Em janeiro de 1818 matriculou-se na «Academia Militar da Côrte», tendo nella obtido as seguintes approvações: a 10 de dezembro de 1818, plenamente no 1º anno, (arithmetica, algebra até equações do 3º e 4º gráo, geometria, trigonometria rectilinea e noções de espherica, desenho e noções de calculo); a 7 de dezembro de 1819, plenamente no 4º anno (trigonometria espherica, principios de optica, catoptrica e dioptrica, lunetas de refracção e de reflexão; systema do mundo; determinação das latitudes e longitudes no mar e em terra, cartas topographicas e geographicas; reducções de cartas maritimas; noções de geographia do globo e suas divisões; noções de physica, dezenho de figuras e machinas); e a 11 do mesmo mez e anno, plenamente em—chimica—; a 7 de dezembro de 1820, plenamente no 2º anno mathe-

matico (repetição e ampliação das noções do calculo ; methodo para a resolução geral das equações; geometria analytica; calculo differencial e integoal ou das fluxões e das fluentes, suas propriedades á physica, á astronomia e ao calculo das probalidades, geometria descriptiva e desenho) ; a 12 de dezembro de 1821, plenamente no 3º anno (principios de mechanica, tanto na statica como na dinamica; hydrodinamica, tanto na hydrostatica como na hydraulica ;desenho).

Por decreto de 12 de outubro de 1818, como alumno, foi promovido a alferes para o 1º batalhão de fuzileiros da côrte e a tenente para o mesmo batalhão por despacho de 2 de janeiro de 1821. Tendo sido creado o — «Batalhão do Imperador»—foi para elle transferido, passando a exercer o cargo de ajudante.

A 24 de março de 1823, com o referido batalhão seguio por terra para a provincia da Bahia, reunindo-se ao exercito organizado pelo brigadeiro Pedro Labatut,—para expellir as tropas portuguezas que nessa provincia se oppunhão á independencia do Brazil.

Tomou parte na acção de 3 do seguinte mez de maio, onde se portou de modo a merecer elogios pela sua bravura e sangue frio. No conflicto de que nesse mesmo mez foram testemunha os campos de Pirajá, provocado pela prisão imposta pelo commandante em chefe do exercito ao coronel Felisberto Gomes Caldeira, commandante da brigada da esquerda, tomou parte na reuião de officiaes convocada pelos seus respectivos chefes, sendo o ultimo a assignar a acta em que a 21 do referido mez se pediu ao dito general «houvesse de sustar as hostilidades, não exigindo o choque de brasileiros contra brasileiros, servindo-se de apartar o secretario, José Maria Cambuci do Valle, por isso que tinha a opinião publica contra si, visto a preponderancia que tinha sob o espirito do referido commandante, obrigando-o a errar tantas vezes, etc.».

No combate de 3 de junho sobresahio ainda pela sua bravura e habilidade, concorrendo muito para o bom exito das operações, sendo o seu nome collocado entre os primeiro que foram recommendados á consideração do imperador D. Pedro I.

Restaurada a cidade da Bahia a 2 do seguinte mez de julho, regressou com o seu batalhão á côrte, sendo promovido a capitão para a 2ª companhia do mesmo e nomeado cavalleiro da imperial ordem do Cruzeiro, por decretos de 22 de janeiro e 17 de fevereiro de 1824.

Por occasião da revolta da provincia Cisplatina, em abril de 1825, com o seu batalhão para alli marchou no mez seguinte para fazer parte das forças que guarneciam a praça de Montevidéo, onde recebeu a medalha concedida aos que fizeram a guerra na Bahia em favor da independencia.

Salientando-se sempre em todos os encontros e sortidas feitas contra os partidarios da sublevação, mereceu especiaes louvores pelos que tiveram lugar nos dias 7 de fevereiro, 5 e 7 de junho, 14 de julho e 5 e 7 de agosto, á vista da sua intrepidez e sangue frio, pelo que por decreto de 12 de outubro, tudo de 1827, foi nomeado commendador da ordem de S. Bento de Aviz.

Terminada a campanha por força da convenção de paz de 27 de agosto de 1828, regressou á côrte em dezembro do mesmo anno, sendo promovido a major para o 1º regimento de infanteria de 2ª linha.

Por decreto de 27 de março de 1829 passou, no mesmo posto, para o batalhão do imperador e por outro de 18 de outubro do mesmo anno foi nomeado cavalleiro da ordem da Rosa.

Durante o movimento militar de 7 de abril de 1831, que determinou a abdicação do primeiro imperador, conservou-se prompto no seu quartel em São Christovam, até que por ordem do seu commandante «veio para o campo de Sant'Anna com o dito batalhão no logar que lhe competia, cumprindo assim o seu dever de official disciplinado e obediente aos seus superiores».

Nesse mesmo anno, em bem da intransigente disciplina, foram dissolvidos alguns corpos do exercito creando-se o tradicional BATALHÃO DE OFFICIAES-SOLDADOS do qual foi acclamado pelos seus companheiros, entre os quaes alguns de patentes mais elevadas, 2º commandante desse batalhão, que era exclusivamente destinado a manter a ordem e tranquilidade publica.

Deste batalhão, como já vimos, foi nomeado commandante o coronel João Paulo dos Santos Barreto que, por occasião da sublevação do corpo de artilharia de marinha em 7 de outubro de 1831 na Ilha das Cobras, muito concorreu para o restabelecimento da ordem, cabendo ao major Luiz Alves de Lima o commando da 2ª columna de ataque aos amotinados, composta com a ala esquerda do seu batalhão reforçada por 180 guardas municipaes; columna esta que desembarcou circumdando a ilha pelo lado esquerdo sem a menor resistencia e approximou-se da fortaleza que ficou cercada por esse lado, de modo que na occasião em que o coronel Barreto intimava a rendição pelo espaldão, do lado opposto entrava elle á frente da sua columna por ter derrubado o portão dispersando os que o defendiam, conseguindo antes aprisionar as sentinellas do dique e de outros pontos mais proximos, ficando neste mesmo dia restabelecida a ordem e recolhidos os rebeldes ao navio — presiganga.

Por decreto de 18 de outubro passou Luiz Alves de Lima a exercer o cargo de commandante geral do corpo de guardas municipaes permanentes da côrte, por elle organizado segundo as ordens do ministro da justiça, padre Diogo Antonio Feijó.

A 2 de abril do anno seguinte (1832) o então major Miguel de Frias e Vasconcellos, que por suas idéas republicanas se achava preso em Villegaignon, conseguio revoltar a sua guarnição e reforçando-a com a da fortaleza de Santa Cruz, desembarcou em Botafogo trazendo uma bocca de fogo, dahi seguindo para o «Campo de Sant'Anna» acompanhado de muitos populares, dando vivas á republica, que foi por elle proclamada.

Avisado do extraordinario successo,determinou o padre Feijó avançasse Luiz Alves de Lima com o corpo de seu commando contra os amotinados, tendo sido promptamente cumprida esta ordem; ao ver os amotinados, investiu com o seu corpo contra elles a quem em breve prazo dispersou com uma carga de bayoneta por elle pessoalmente commandada, e o major Frias para evitar a sua prisão, abandonou o campo procurando seguro asylo, como de facto o teve, em casa do desembargador Nabuco á rua

do Areal, onde, diz a tradição, logo depois chegava o seu *perseguidor,* que portou-se admiravelmente, como veremos adeante.

Por decreto de 12 de setembro de 1837 foi Alves de Lima promovido a tenente-coronel, continuando no commando geral do corpo de permanentes, até que o deixou provisoriamente por ter sido designado para acompanhar o ministro da guerra ao Rio Grande do Sul, levando comsigo alguma força.

Esta deliberação do regente fôra motivada pelo espirito de insubordinação de alguns militares do exercito imperial em luta contra os revolucionarios da mesma provincia.

Partindo desta capital a 6 de março de 1839 com escala pela cidade do Desterro, chegou a 21 á cidade do Rio-Grande. Dahi dirigindo-se a Porto-Alegre recebeu dos rebeldes, quando passava pelo Itapoan, alguns tiros de canhão que poucos estragos fizeram no casco do navio que os transportava, chegando sem mais occurrencia á dita capital.

Seguiu com o referido ministro para S. Gonçalo, onde foi elevada a 3.000 homens a columna do exercito ahi acampada, com a qual marchou para o passo da Orqueta onde foi ella collocada afim de seguir para a campanha em occasião opportuna, e dadas outras providencias, passaram á cidade do Rio Grande onde embarcaram com destino á côrte.

A 6 de maio reassumia Luiz Alves de Lima o commando dos guardas municipaes permanentes da côrte em o qual recebeu a patente de coronel a que fôra elevado por decreto de 2 de dezembro de 1839. tendo sido por outros de 12 e 17 do mesmo mez e anno nomeado presidente e commandante em chefe das forças em operações na provincia do Maranhão e exonerado daquelle commando.

Sem mais demora seguiu para a dita provincia em que, desde o anno anterior, havia arrebentado a sedição intitulada «Balaiada» que, por ter sido olhada como insignificante, em breve tempo se tornou pavorosa, e contra a qual, por seus horrores, naufragaram as melhores deligencias de presidentes e chefes militares.

Tomando posse dos seus altos cargos na cidade de Luiz, dirigiu a toda a provincia a seguinte proclação:

« Maranhenses ! Nomeado presidente e commandante armas desta provincia, por carta imperial de 12 de embro de 1839, eu venho partilhar das vossas fadigas, concorrer quanto em mim couber para a inteira e comta pacificação d'esta bella parte do imperio.

« Um punhado de facciosos, ávidos de pilhagem, e encher de consternação, de luto e sangue, vossas cies e villas ! O terror que necessariamente deviam inr-vos esses bandidos, concorreu para que se engrosem suas hordas ; comtudo, graças á Providencia e ás orias até hoje alcançadas pelos nossos bravos, seu nuo começa a diminuir diante das nossas armas. Mais esforço, e a desejada paz virá curar os males da rra civil.

« Qualquer que seja o estado em que se achem hoje ebeldes, eu espero com os soccorros que o governo l vos envia, e com a força que me acompanha, fortir nossas fileiras, e não abandonar-vos emquanto os não ver debellado. Eu passo a fazer os melhoramentos que ar necessarios ao nosso exercito e com a maior brevi: possivel me collocarei á sua frente. Maranhenses ! militar que politico, eu quero até ignorar os nomes partidos que por desgraça entre nós existam. Deveis ecer a necessidade e as vantagens da paz, condição iqueza e prosperidade dos povos, e confiando na Di- Providencia, que por tantas vezes nos tem salvado, ro achar em vós tudo o que fôr mister para a nossa a causa. —Palacio da presidencia na cidade de S. Luiz Maranhão, 7 de fevereiro de 1840. — *Luiz Alves de a* ».

O que lhe foi dado executar para conseguir o restacimento da ordem e tranquilidade publica nessa parte erritorio nacional, dil-o resumidamente o prestigiado r da «Vida do Grande Cidadão Brasileiro Duque de ias» monsenhor Pinto de Campos, nas seguintes linhas:

« Denominando o seu exercito : *Divisão Pacificadora Norte,* determinou se compuzesse de tantas columnas

volantes, quantas fossem necessarias, começando por tres brigadas, situadas nos pontos convenientes.

« Os rebeldes em armas eram muitos mil, numero consideravelmente superior aos dos soldados imperiaes. Não tinham acampamentos fixos, e as suas columnas fugiam do exercito e cahiam ás subitas sobre as fazendas e povoações inermes ou mal guarnecidas.

«Tendo-se accumulado uma força grande na comarca do Brejo, para ali mandou o coronel uma columna que a destroçou. Ordenou que a tropa acampada em Caxias, depois de fortificar a cidade de modo tal que não deixasse probabilidade de ser retomada, perseguisse outro consideravel nucleo, impellindo-o para o lado do Brejo, a fim de o collocar entre dois fogos. Congregou muita gente em diversas comarcas, entregou o commando militar da capital, com as competentes instrucções, a um habil official, e a 7 de março marchava pessoalmente para a campanha.

« Foi pelo caminho dispondo as operações, tomando providencias sobre economia e disciplina, e dando ás suas columnas os parciaes destinos que convinham: informado de que os rebeldes de Pastos-Bons tencionavam atravessar o Tocantins, e do Pará fazerem a guerra por largo tempo, officiou logo ao presidente para que este, guarnecendo a margem esquerda do rio, evitasse o contagio da rebellião ; do que surtio bom resultado.

« Estabeleceu na villa de Itapicurú-Mirim o principal deposito central de munições e viveres, para facilmente soccorrer quaesquer pontos, e um hospital, tudo bem intrincheirado. Expediu d'ali, e de Icatú partidas para Miritiba, onde a imprudencia de um official occasionára um desastre, e via a rebellião estender-se pela provincia do Piauhy, sem receber os axilios de que cada vez mais urgentemente precisava.

« A villa do Brejo, occupada por 1.200 homens, foi recuperada por duas columnas legaes que o coronel Luiz Alves mandára avançar de dois pontos diversos, e que dispersaram essa importante partida.

«Atravessaram os rebeldes o Parnahyba, d'onde jectavam contramarchar todos para atacar os ponte

fracos; mas o coronel immediatamente fez fortificar e guarnecer esses pontos com toda a segurança.

« Espediram-se forças para o Piauhy, que ahi derrotaram varias partidas. Depois de abrir a assembiéa provincial, cujo apoio sempre teve, partiu a 17 de maio para Miritiba, onde se affirmava haver bastantes turbulentos, que elle desejava pessoalmente escarmentar; mas já os não encontrou. Mandou a força até á Ribeira, onde ella tomou o entrincheiramento adverso, e á volta houve outra refrega no Matão Grande.

«As attenções do governo concentravam-se na guerra do sul e desdenhava-se a de norte. Por falta de pagamento sublevon-se em junho a guarnição de Itapicurú-Mirim, desarmando e prendendo os soldados aos officiaes, que todavia prestes se evadiram.

« No dia 16, o presidente ao receber a noticia, mandou ordens a todos os pontos cicumvizinhos, e seguiu logo pessoalmente com um destacamento para o ponto sublevado, onde desembarcou 24 horas depois. Outras forças convergiram para o mesmo lugar para onde tambem seguiram 300 rebeldes, dando-se um sanguinolente encontro, e o presidente de posse da villa, fez castigar os revoltosos, e guarnecendo-a de tropas novas, deixou-a tranquilla e regressou para a capital no dia 25.

« Com um exercito de 6.000 homens (dos quaes 2.000 sempre nos hospitaes), em grande parte composto de rebeldes apresentados e de muita má gente, com a necessidade de guarnecer muitos pontos, e de andarem partidas volantes em continuas explorações; havendo pelas mattas muitos e grandes magotes, que espreitavam o menor descuido, e sublevavam os escravos, achando-se reunidos poderosos nucleos, taes como um de 3.000 homens na Miritiba, e com pequenissimo auxilio do governo geral: eram enormes as difficuldades com que luctava o coronel presidente da provincia. De[illegible] mais de trinta tir[illegible] mensaes, e foi-se succe[illegible] [illegible]o [illegible] pontos im[illegible]ntes, d[illegible] vigoran[illegible]s lega[illegible] [illegible]o pr[illegible]

12 a[illegible]u-s[illegible]

gem Grande, 30 leguas ao sueste. D'esse acampamento despachou seis partidas exploradoras, algumas das quaes contra os escravos aquilombados; apresentaram-se-lhe logo 200 rebeldes e depois muitos mais. Ali recebeu elle a noticia da proclamação da maioridade, a qual foi acolhida por elle e pelo exercito com enthusiasmo; no dia 27 renovava na capital as demonstrações de jubilo e proclamava: — «Maranhenses! Um sublime pensamento deve agora inflammar o coração brasileiro. Asperrima foi a longa experiencia; aproveitae-a! Amor ao imperador, respeito ás leis e esquecimento de vergonhosas intrigas, que só teem servido para enfraquecer-vos; um só partido emfim, o do imperador!»

« Pouco depois d'isto, occorreu uma grave desordem em Vianna, para onde o presidente logo se transportou, tomando taes providencias, que os animos se acalmaram, e a cidade se tranquilisou. Houve ainda varias refregas, e entre ellas, um grande ataque na comarca de Pastos-Bons. Publicou em seguida o decreto de amnistia. A 22 de outubro seguiu para o interior da provincia, com destino a Caxias, percorrendo rapidamente esse largo tracto de terreno e sendo recebido em Caxias com todas as demonstrações de alegria, não só pela primeira columna ali acampada, como pelos habitantes ainda cobertos de luto, e que apesar d'isso festejaram com tres noites de luminarias a primeira visita de um presidente áquella cidade do deserto, que um anno antes estivera anodoada de sangue, e coberta de cadaveres insepultos, e com suas casas servindo de abrigo aos salteadores.

« D'ali mandou o presidente cercar o acampamento rebelde em S. Francisco, intimar a 900 rebeldes que depuzessem as armas, aliás que a um só delles não daria quartel. Como vissem que tão perto se achava quem tão rapido surgia por toda a parte, tão pesado lhes fôra, e tão facil executava o que dizia, cederam, pedindo 20 dias para reunir a sua gente espalhada e escondida, o que lhes não pôde negar o presidente, por conceder o decreto de amnistia o praso de 60 dias. Teve-os cautelosamente em vista, e até concordou em que, unidos aos leaes, empre-

gassem as armas contra os escravos aquilombados, habil expediente d'onde colheu os melhores resultados.

« Depois de tomadas outras disposições, poz-se em marcha para regressar á capital, falhando então o projecto de um dos caudilhos, de surprehender o presidente em caminho e prendel-o — reanimando dest'arte o agonisante espirito de rebellião.

« Dos insurgentes armados, os ultimos recusaram-se a depôr as armas, antes de fallarem com o presidente. Este, concluidas as eleições primarias, sahíu a 11 de janeiro de 1841 para Icatú, e em sua presença entraram os pelotões com armas carregadas e escorvadas de novo, e á voz imperativa do presidente, foram humildemente depondo 900 as armas a seus pés ; e dentro em poucas semanas, tal era já o estado da provincia, a despeito de tão multiplicadas contrariedades, que lhe foi facil destacar 1.500 soldados com destino á provincia de S. Pedro.

«E emquanto o chefe militar operava estes prodigios, ainda lhe sobrava tempo para se ostentar preclaro chefe administrativo. Elevou o corpo de policia ao estado completo. Poz em execução varias leis promulgadas. Ordenou o concerto de muitas egrejas, limpeza de rios, reparo de pontes e calçadas. Providenciou sobre urgencias do culto. Estabeleceu uma colonia de indios em Pindaré. Auxiliou a creação de fazendas de lavoura e de povoações livres. Preparou a navegação a vapor, melhoramentos do porto da capital, a abertura de um canal, etc. Concertou fortalezas, quarteis, armazens de polvora, etc. Mandou organizar e corrigir o mappa da provincia com os fragmentos que obteve de mãos particulares. Fez melhorar a planta do Maranhão, e levantou a de Caxias com as suas novas fortificações, e os mappas de varios rios. Fez construir sem dispendio da fazenda publica, varias pontes, taes como a da Paulica, com mais de cem pés de comprimento. Deu á repartição do correio impulso que lhe duplicou o movimento. Quem faria mais em um anno, ainda quando conservasse o espirito livre das apprehensões da guerra ? ».

Pacificada assim a provincia do Maranhão, solicitou a sua demissão, a qual lhe foi concedida por despacho de

2 de abril, apresentando-se na côrte a 30 de junho, sendo por decreto de 18 de julho, tudo de 1841, promovido ao posto de brigadeiro e condecorado com o significativo titulo de — barão de Caxias — e tambem unanimemente eleito deputado á assembléa geral legislativa por aquella provincia, achando-se no exercicio do cargo de commandante das armas da côrte, desde 21 de março de 1842.

Nomeado a 18 de maio desse anno para commandar as forças em operações contra os revolucionarios de São Paulo, recebeu da repartição da guerra as instrucções escriptas, da qual se dstaca o seguite topico :

«Os meios deixam-se á intelligencia, discripção e actividade de V. Ex., fazendo o uso que julgar mais conveniente da força de linha, que se manda pôr á sua disposição, e organizando na sobredita provincia todo a mais que julgar necessaria, tanto da mesma 1ª linha, como da gurda-nacional e praticando tudo o mais que entender conducente ao mesmo fim ».

Vinte e quatro horas depois, embarcava para Santos, levando tambem a carta imperial do mesmo dia que o nomeava vice-presidente da provincia rebellada.

São da bella monographia do distincto capitão Raymundo Pinto Seidl, os seguintes periodos, relativos á marcha triumphante do barão de Caxias pelo territorio de São Paulo, os quaes, com a devida venia, aqui transcrevemos :

« Para combater os trez mil homens que haviam empunhado armas, pôde apurar aqui 400 recrutas, apenas, dos quaes grande parte era formada por antigos rebeldes do Maranhão.

« E de tal ordem eram esses 400 soldados, tal o seu aspecto, que, conforme cita Pinto de Campos, provocaram do conselheiro Antonio Carlos esta apostrophe escarninha: « Como ! para combater fosse a quem fosse, e especialmente para combater homens da patria de Amador Bueno, para subjugar paulistas, mandão-se 400 cadaveres ambulantes ! »

« Mal chegou a Santos, partio Caxias com destino a S. Paulo.

« A rapidez das operações que emprehendeu foi, por

certo, poderoso elemento da victoria alcançada, para a qual não deveria ter concorrido pouco este estratagema: Logo que saltou em Santos expedio circulares ás autoridades, requisitando rações para 3.000 homens. A noticia espalhou-se, immediatamente, por toda parte, de modo que quando entrou em S. Paulo, os quatrocentos cadaveres que o acompanhavam foram tomados como sendo a vanguarda da sua força.

« Os rebeldes estavam acampados pouco além da ponte dos Pinheiros, prestes, portanto, a entrarem na cidade.

« Caxias fez immediatamente occupar essa e a ponte do Anastacio, e destruir a de Santo Amaro e a do O'. Em 25 de maio já tiroteava com o inimigo. Não era animador o estado em que encontrou a capital da provincia, da qual se apossaria Raphael Tobias de Aguiar, o chefe insurgente, se não fôra a rapidez com que Caxias entrou em operações. Por isso, bem razão tinha elle em dizer ao ministro da guerra, em officio daquella data :

« Se me tivesse demorado mais 48 horas n'essa côrte, certamente estaria hoje esta cidade em poder do inimigo, porque apenas encontrei aqui 400 a 500 guardas nacionaes mal armados, mal equipados e sem terem officiaes que os dirigissem ».

« Nesse mesmo officio, communicava que, em quanto fazia instruir esses guardas nacionaes e armava outros, ficaria na defensiva, e assim faria crer ao inimigo, que o receiava, «afim de conservando-se elle perto de meus postos avançados possa emprehender alguma sortida vantajosa ».

« A 28 de maio, á frente de 150 homens do 12º batalhão de caçadores, passando a ponte dos Pinheiros, atacou a vanguarda inimiga composta de mais de 600 homens, que se retiram para uma legua de distancia, não sendo perseguidos por se não poder Caxias afastar, sem perigo, do *grosso* (?) de suas forças.

«A 1º de junho tentou novamente travar combate atacando ao mesmo tempo pela vanguarda e pelo flanco esquerdo. Os insurrectos de novo retiraram-se, indo acampar cinco leguas além, entre o Cotia e o Parnahyba. Con-

tava Caxias que nesse ponto acceitassem combate e no dia seguinte avançou contra elles.

« Levava uma peça de bronze de 3 pollegadas, 200 praças do 12º de caçadores e 40 cavalleiros da guarda nacional, entre os quaes iam estudantes de direito. Não quizeram os inimigos medir-se tambem com esta força, apezar da superioridade numerica de que dispunham e abandonaram o campo.

« Essas continuas retiradas ante as forças commandadas por Caxias começaram a desmoralisar e desanimar os partidarios da insurreição.

«Surgiram desavenças e dissenções, que o commandante legal, accirrando-as, soube aproveitar em favor da causa que defendia. As forças insurrectas, cujo ajudante general era o tenente de artilharia Daniel Gomes de Freitas, ex-ministro da guerra dos rebeldes da Bahia e que se achava deportado em S. Paulo, passaram a ser commandadas pelo tenente-coronel Bento de Moraes, na opinião de Caxias muito inferior ao major Galvão, que as tinha organizado e, até então, era o seu commandante em chefe. Muitas provas existem da perspicacia com que Caxias sabia prever os acontecimentos. De posse de alguns dados, com a sua admiravel intuição, antevia o desenrolar successivo dos factos. Varias vezes isso aconteceu.

«Quando lhe chegavam noticias do inimigo, immediatamente meditava e resolvia os contra-golpes a oppôr ás tentativas adversas. A presteza, com que estabelecia as operações a fazer, ia a par com a rapidez em executal-as.

«Da perspicacia e promptidão com que tomava suas resoluções, citarei o exemplo que resulta das seguintes linhas de um seu officio (de 6 de junho) ao ministro: «Dous são os projectos dos rebeldes, o primeiro consiste em illudir-me e, marchando na minha retaguarda, atacar a capital; caso o possam levar a effeito, será uma fortuna para nós, porque, contramarchando com as forças ao meu mando, mettel-os-ei entre dous fogos; e o segundo cifra-se em retirarem-se sobre Sorocaba, para o que já cortaram as pontes que existem entre mim e elles e alli se *fortificarem* com quatro peças de grosso calibre que exis-

tiam na fabrica de S. João de Ypanema, e, porisso, *é provavel que aquella cidade que o inimigo reputa a sua cidadella seja o ponto onde tenha de succumbir a rebellião*».

«Adoptaram os insurrectos o segundo alvedrio e, como previra Caxias, foi Sorocaba o tumulo do movimento.

«A 2 de junho destacára o general de suas forças uma columna de 120 infantes e 100 cavalleiros, ao mando do tenente-coronel Amorim Bezerra, com o fim de soccorrer a cidade de Campinas, prestes a ser atacada pelo caudilho Antonio Joaquim Vianna, que em suas proximidades se achava no lugar denominado «*Venda Grande*», á frente de 400 homens, aguardando a vinda de um reforço.

«Não esperou o commandante legal a chegada desse reforço e no dia 4 atacou os insurgentes desbaratando-os, tomando-lhes a artilharia e bagagens e pondo-lhes fóra de combate cerca de 40 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros, entre os quaes o proprio caudilho Vianna. Esta victoria contribuio efficazmente para a pacificação da provincia, porque muito concorreu para o desanimo dos insurgentes.

«Ao mesmo tempo em que despachára Caxias sobre Campinas as forças commandadas pelo tenente-coronel Amorim Bezerra, fazia occupar Itararé, afim de evitar a retirada do insurgentes na direcção do Rio Grande do Sul.

«E, emquanto aguardava que o coronel da guarda nacional João da Silva Machado, nomeado por sua iniciativa commandante militar da comarca de Curityba, para lá seguisse e guarnecesse os pontos que lhe tinham sido indicados, no intuito de obstar a irrupção em S. Paulo de alguma partida de revolucionarios rio-grandenses, fazia Caxias tirotearem as suas avançadas com as do inimigo, afim de lhe não dar descanço.

«A 11 de junho poz em movimento suas tropas em direcção ás de Raphael Tobias, acampadas na fazenda de Caracapiuva, onde pensava poder batel-as. Não o conseguio: os insurgentes abandonaram o campo e foram postar-se á margem direita de Baruery.

«Em a noite de 13 desprendeu de suas forças uma partida de 400 homens sob o commando do coronel Leite

Pacheco afim de ir occupar posição á rectaguarda do inimigo. Presentindo-se cercados, os insurgentes em a noite de 14 deixam precipitadamente o acampamento onde foi encontrada grande copia de munição e mantimentos, e retiram-se quasi em debandada.

«Continuou Caxias a seguir o já desalentado exercito de Raphael Tobias, então em franca retirada sobre Sorocaba. Para dar tempo, porém, que fosse occupado Itararé seguia em marchas lentas. Tendo noticia da occupação desse ponto, fez convergirem para aquella cidade as columnas, do coronel Leite Pacheco, acampada na villa de Parnahyba e do tenente-coronel Amorim Bezerrra, que occupava Campinas, e avançou á frente da columna que o acompanhava. Já completamente desmoralisada estava a insurreição.

«As forças de Raphael Tobias, que, quando Caxias chegou a S. Paulo, á frente de 400 *cadaveres ambulantes*, estavam acampadas a uma legua de distancia da capital da provincia, tinham sido trazidas por deante até Sorocaba.

«Pretendeu, ainda, o chefe insurgente levantar o animo de seus apaniguados e dirigiu-lhes a seguinte proclamação, que transcrevo do proprio original como documento curioso.

«Paulistas! chegou o tempo de mostrardes si sois homens ou vis cobardes. Ou se dirá—ainda ha paulistas—ou os paulistas de hoje valem menos que as mulheres. Coragem! paulistas, mostrai-vos como heróes e não como escravos. Morramos todos, mas não deixemos á posteridade exemplo de temor e cobardia.

«Não penseis que fugindo evitareis o castigo, augmentareis a elle a deshonra. Paulistas! desempenhai o vosso nome, cobri-vos de gloria e salvemos a Patria. Viva a santa religião! Viva a constituição jurada! Viva o imperador em liberdade!»

«Não produzio effeito esta emphatica proclamação : o animo dos insurgentes estava por demais abatido. E, conforme previra Caxias, a insurreição paulista teve o seu tumulo em Sorocaba.

«A 20 de junho ahi entraram as tropas legaes, de que

faziam parte, além dos 400 *cadaveres* trazidos do Rio de Janeiro, muitos patricios de Amador Bueno, que se tinham vindo alistar sob as bandeiras legaes.

«Na ordem do dia em que publicou a tomada de Sorocaba, mais uma vez fazia aos seus soldados a recommendação de respeitarem estrictamente a vida e os direitos de propriedade dos habitantes.

«Esta norma de procedsr, a unica digna, fazia com que as tropas sob o seu commando não deixassem após si, uma esteira de odios.

«Caxias marcava a sua passagem pelas victorias alcançadas sobre o inimigo, mas não deixava estigmas de violencias inhumanas.

«Depois da tomada de Sorocaba, fez o general diversas columnas avançarem sobre Taubaté, Pindamonhangaba, Lorena e Silveira, onde os insurgentes foram tambem vencidos e aprisionados, conseguindo fugir muito poucos.»

Supplantada assim a revolta, regressou Caxias á côrte e, tendo sido,por decretos de 10 e 23 de julho nomeado commandante em chefe das forças em operações na provincia de Minas-Geraes e ajudante de campo do imperador, seguio para a dita provincia a 25, e a 30 do mesmo mez fazia publicar no Bromado o seguinte edital :

«Faço publico aos habitantes desta provincia, com a exclusão dos chefes da revolta, que tendo-se sempre mostrado fieis a S. M. O Imperador e á constituição, e por suggestões de perfidos e ambiciosos, que abusaram de sua bôa fé para se opporem ás leis ultimamente decretadas pela assembléa geral, e sancionadas pelo mesmo augusto senhor, tomarão armas, que se dentro de dez dias, contados da publicação deste edital, nas respectivas cidades e villas, se me apresentarem, ou o fizerem aos commandantes das diversas columnas do exercito sob meu commando, trazendo as armas, que lhes forão dadas pelos ditos chefes da revolta, poderão voltar aos seus domicilios, e continuar na sua vida domestica, e que aquelles, porém, que assim não obrarem serão recrutados para a 1ª linha do exercito.»

Neste mesmo dia tendo encontrado no rio do Peixe

as primeiras forças em operações sob o commando do coronel José Feliciano de Moraes Cid, assumio o commando do exercito, mandando seguir para São João d'El-Rey a marchas forçadas o 8º batalhão de caçadores de 1ª linha para reforçar a columna do coronel José Joaquim de Lima e Silva e tendo seguido na mesma direcção com o resto das forças, ao saber na marcha que os rebeldes tinham deixado São João e que encorajados pelo triumpho que obtiveram em Queluz, avançavam sobre a capital com intenção de tomal-a, dirigio-se para a cidade de Barbacena, então occupada pela columna ao mando do coronel Leite Pacheco, e d'ahi fez partir estas forças, e a marchas forçadas conseguio entrar na dita capital sem que os rebeldes, que em numero superior a 2.000 se achavam á vista d'ella, ousassem embaraçar a sua marcha. No dia 7 de agosto, tendo feito um reconhecimento sobre elles, teve a certeza de que se haviam retirado precipitadamente com destino á cidade de Sabará, mandando perseguil-os por uma forte columna ao mando do referido coronel Leite Pacheco.

Conseguiram os rebeldes após um fraco tiroteio, apossar-se no dia 11 da mencionada cidade, de onde após ligeira devastação puzeram-se em marcha ao cahir da tarde para o arraial de Santa Luzia.

«Tal era, porém, o seu desanimo, diz o monsenhor Pinto de Campos, que o presidente intruzo já no dia 14 autorizara um emissario para promover a pacificação da provincia, solicitando uma amnistia geral e instando por empenhar o valimento do barão de Caxias junto ao governo, apezar, diziam elles, de poderem ainda muito bem sustentar-se á frente de 3 a 4 mil homens victoriosos. As circumstancias, entretanto, não deixaram tempo para que em tal sentido, tivessem exito as diligencias de pacificação».

Transcrevemos em seguida a ordem do dia, contendo os pormenores do combate de Santa Luzia, que poz termos a essa revolução :

«Quartel General do Exercito Pacificador da Provincia de Minas Geraes, no arraial de Santa Luzia de Sabará, 20 de agosto de 1842 — Ordem do dia — Bravo

Exercito Pacificador da Provincia de Minas Geraes!— E' cheio de prazer e orgulho, que vou descrever o brilhante feito d'armas que hoje teve logar praticado por duas de nossas columnas contra todo o exercito rebelde. Constando-me que os revoltosos desta provincia em numero de 3.300 se havião concentrado neste arraial pela grande defesa que elle offerece, e que aqui se dispunhão para receber o ataque, que eu premeditava fazer-lhes com duas columnas, que occupavão a cidade do Sabará e villa do Caethé, fiz marchar no dia 18 do corrente a 3ª columna ao mando do sr. coronel José Joaquim de Lima e Silva da dita villa pela estrada da Lapa com direcção a este ponto; e ordenei-lhe que acampasse á vista das vedetas inimigas, que se achavão postadas d'aquelle lado; 460 guardas nacional commandados pelo tenente-coronel Francisco d'Assis Atayde, e dirigidos pelo major do imperial corpo de engenheiros José da Victoria Soares de Andréa, seguirão no dia 19 de Sabará pela margem esquerda do Rio das Velhas até tomar posição tal, que pudesse em pouco tempo assenhorear-se da Ponte Grande situada á rectaguarda deste arraial, e ao dito tenente-coronel ordenei que apparentasse, por todos os meios ao seu alcance, o ataque do grosso das minhas forças por aquelle lado; porém que não empenhasse o combate sem que o fogo tivesse rompido pelas columnas, que deviam atacar pelos dois outros flancos; e esta madrugada, á testa da 2ª columna commandada pelo sr. coronel José Leite Pacheco, que nessa occasião servia de centro de operações, marchei da predita cidade de Sabará pela estrada que segue directamente para este arraial, com intento de acampar a legua e meia de distancia do principal ponto de ataque, e com o fim de tirar ao inimigo a attenção pelo lado por onde eu pretendia atacar no dia 21, e obrigal-o a cortar a mencionada ponte, unica retirada que lhe podia convir; porem tendo um infame desertor delatado na vespera aos rebeldes quaes as verdadeiras forças de que eu dispunha, e as posições que a occupavão, fizerão logo sobre a força do dito tenente-coronel Atayde, que se achava do outro lado da ponte, um ataque com

dobrada força de que elle tinha, e que o obrigou a ir occupar a posição da vespera, então voltando os rebeldes toda a sua attenção sobre a columna do centro, com a qual eu marchava, disposerão-se em successivas emboscadas desde o alto de Tamandaré até o arraial, que dista legoa e meia, e ahi me esperarão.

« A's 8 1/2 horas da manhã encontrou-se a vanguarda da referida columna com 200 rebeldes, que romperão immediatamente o fogo sobre ella de dentro das vallas e mattas em que se achavão occultos; d'ahi travou-se o combate, e sempre de posição em posição a passo de carga, foi o inimigo delles rechaçado, até que occupou a alta colina, que domina o arraial. Não sendo minha intenção atacar hoje, tratei de tomar posições, afim de amanhã empenhar o combate formal; porém os rebeldes tomando semelhante resolução por fraqueza, reforçarão o ataque com perto de 3.300 caçadores, e uma peça de calibre 3, collocada em uma altura, que dominava o meu campo; forçoso foi resistir com os 800 bravos que compunhão a 2ª columna, e o combate parecia decisivo, pois que o inimigo já nos procurava flanquear pela esquerda, e investia sobre as nossas duas peças de artilharia, que jogavão com pouca vantagem para a posição dominante, que elle occupava. Neste momento (então 3 horas da tarde) ouvirão-se as descargas da 3ª columna; porque tendo seu bravo chefe o coronel José Joaquim de Lima e Silva ouvido o estrepito do renhido combate em que eu me achava empenhado desde as 8 1/2 horas da manhã, apenas com 800 homens contra mais de 3.000 rebeldes, bem armados e municiados, e conhecendo que o momento do ataque ordenado para o dia 21 tinha por alguma occorrencia, que elle ignorava, sido antecipado ; sem se importar com a força que os rebeldes havião posto de observação á sua columna, avançou com a rapidez do raio e cahio sobre o flanco esquerdo do inimigo. Observando eu esse movimento chamei a attenção dos rebeldes, que me atacavão para maior distancia, afim de os fazer descer das alturas, que occupavão, facilitando assim a entrada da 3ª columna no arraial; e conhecendo que tinha conse-

guido o meu fim, immediatamente contramarchei sobre elles, e com uma carga de baioneta que em pessoa dirigi, dada pelo 2º batalhão provisorio, composto em grande parte de guardas nacionaes da villa de Magé commandados pelo seu digno chefe o tenente-coronel Guilherme Pinto de Magalhães, e pelo 1º batalhão provisorio de 1ª linha ao mando do major Bento Thomaz Gonçalves, consegui em menos de meia hora desalojar o inimigo de posições, que pareciam inexpugnaveis, obrigando-o a abandonar a peça de artilharia, que havia collocado na maior altura do arraial, bem como grande porção de munições de guerra e bocca, muito armamento, e cerca de 300 prisionciros, ficando o campo juncado de cadaveres. Descrever os actos de valor de todos os bravos das duas columnas, que durante todo esse dia se baterão, é quasi impossivel, todos fizeram seu dever, todos se tornarão dignos de admiração; (seguem-se os nomes dos que, pelos seus feitos durante a acção, se tornarão dignos de menção).

«A victoria nos custou 6 officiaes feridos, dos quaes 3 gravemente, 4 contusos, sendo um delles o bravo major Luiz José Ferreira, commandante do 8º batalhão de caçadores de 1ª linha, e o outro o denodado capitão Montenegro; 2 cabos e 16 soldados mortos, e 64 soldados feridos: o inimigo teve vistos no campo 49 mortos, grande numero de feridos, e 300 prisioneiros inclusos 10 dos principaes chefes da revolta. A rebellião nesta provincia recebeu o ultimo garrote, nunca mais os rebeldes ousarão encarar os bravos e disciplinados soldados do exercito pacificador, elles vagão em differentes direcções sem chefes, exhaustos de munições de guerra e armamento, pois que quasi todo tem cahido em nosso poder. Fazem hoje justamente dois mezes que eu do palacio do intruzo presidente da provincia de S. Paulo, em Sorocaba, annunciava uma victoria ao exercito daquella provincia; ella foi sem duvida para mim de muito maior apreço, porque não custou derramamento de sangue brasileiro; porém vós sabeis que não temos sido aggressores; sobre as cabeças desses ambiciosos desordeiros recahe a maldição do ceu. Nós cumprimos

o nosso dever sustentando a monarchia, e as leis do paiz, que nos vio nascer, emquanto que elles lhes desobedecem e anarchisão o Imperio — *Barão de Caxias*, general em chefe».

Jugulada a revolta, conservou-se ainda por alguns dias na provincia que acabava de pacificar, e recebendo o aviso do ministerio da guerra de 29 do referido mez que, mandando louvar aos officiaes e praças que tomaram parte no combate de Santa Luzia, communicava-lhe tambem que o imperador «querendo dar mais uma prova do alto apreço em que tinha os serviços de bravura e valor do seu imperial exercito houve por bem promovel-o ao posto de marechal de campo graduado por decreto da mesma data em remuneração dos relevantes serviços prestados na pacificação das provincias de S. Paulo e Minas.»

Regressando á côrte, por decreto de 24 do seguinte mez de setembro foi nomeado commandante em chefe do exercito em operações contra os rebeldes do Rio Grande do Sul para onde seguio, levando tambem o decreto de 28 do mesmo mez que o autorisava a assumir a presidencia da mesma provincia, com instrucções para agir conforme as circumstancias aconselhassem ao seu reconhecido criterio como emerito administrador e chefe militar.

Empossado dos seus altos cargos em 9 de novembro de 1842 na cidade de Porto-Alegre, logo teve noticia de que o famigerado chefe da rebellião de S. Paulo, coronel Raphael Tobias, achava-se no territorio de sua jurisdicção com o fim de fazer causa commum com os revolucionarios rio-grandenses, incontinente expediu uma escolta que consegue captural-o na estrada das Palmeiras quasi ao chegar ao Passo-Fundo e, conduzido a Porto-Alegre, dahi o remette para a côrte afim de ser convenientemente processado.

Em seguida deu as primeiras providencias no sentido de poder iniciar as operações contra os revolucionarios, e da capital transportou-se ao Rincão dos Touros, de onde, sciente da falta de cavalhada, mandou adquiril-a em diversas localidades, pois bem sabia que a carencia de tão precioso elemento não lhe permittiria levar ao cabo seus planos.

Tendo conseguido reunir a maior quantidade de animaes aptos para entrar em campanha, expediu ordens terminantes para que fosse vedado ao inimigo obtel-os e que se devia a todo transe arrebanhar os que estivessem nas suas invernadas.

São da «Guerra Civil do Rio Grande do Sul» do dr. Tristão de Alencar Araripe, os seguintes detalhes :

« Julgando-se preparado, o barão de Caxias iniciou as operações militares, e antes de partir para a campanha guarneceu a linha de navegação desde a Lagôa-mirim até o Jacuhy, com lanchões e canhoneiras de guerra.

« Na cidade do Rio Grande ficaram dois batalhões de caçadores com 666 homens cada um e 800 de cavallaria. A cidade de Porto-Alegre ficou guarnecida por um batalhão de caçadores, o corpo policial com 900 praças e 300 cavalleiros para percorrerem os districtos circumvisinhos.

« Em São José do Norte estava um destacamento de 100 infantes e outro de cavallaria. Junto ao passo de São Lourenço, no rio Jacuhy e municipio de Cachoeira, acampava o exercito imperial, contando perto de 7.000 homens. O general comsigo trazia uma força de 1.800 soldados.

« Deste modo o barão de Caxias encetava a campanha com uma força, cuja totalidade orçava por 12.000 homens das tres armas.

« Em 11 de janeiro de 1843 transpoz o rio S. Gonçalo no passo da Barra, com uma columna ligeira de 1.000 infantes e 800 cavalleiros. Este movimento considerado difficil e arriscado, effectuou-se sem obstaculo por parte do inimigo que, suppondo outro o destino do barão de Caxias, o esperava do lado de Canudos, em cujas immediações conservava-se o general rebelde Antonio Netto, no entretanto que David Canavarro pairava com o grosso do exercito republicano nas proximidades de Cachoeira, acima do acampamento imperial de S. Lourenço.

« O barão desembarcou a salvamento com a sua columna ligeira, levando 5.000 cavallos, e dirigiu-se para o Rio Pardo, margeando a Lagoa dos Patos ao seu lado direito e costeando pela esquerda a serra do Herval. Era de presumir que, quando o barão passasse o São Gonçalo, fosse obstado no desembarque, ou que fosse atacado na

sua marcha para o Rio Pardo. O general Antonio Netto, que achava-se á frente de 2.000 cavalleiros e 300 infantes, nem uma, nem outra cousa fez. Por que ? Elle esperava o inimigo nos Canudos ; e vendo-o passar o rio ao norte, em ponto bem distante daquelle, não pôde acudir de prompto contra o adversario, que proseguia sem embaraço algum. Este facto, acremente arguido ao general rebelde por seus camaradas, assás diminuiu-lhe o prestigio entre os defensores da causa republicana.

« O barão de Caxias chegou ao Rio Pardo e dalli seguiu para o acampamento de São Lourenço, onde, com um percurso de 80 leguas, appareceu a 11 de fevereiro, um mez depois da sua passagem no passo da Barra, unindo-se assim com a sua columna ao exercito alli acampado.

« O generai foi recebido com demonstrações de enthusiasmo inspirado pelo prestigio do seu nome, e dos seus anteriores feitos, no qual já se refletia o brilho dessa marcha, que o trazia ao acampamento, como prenuncio da fortuna e da tactica do general, que assim começava por um acontecimento prospero e animador.

« Ahi organizou o exercito em tres divisões e para operar na campanha o dividio em duas columnas e aggregou ao seu estado-maior o brigadeiro Bento Manoel que, como ficou dito, regressára ás fileiras da legalidade, desempenhando mais tarde importantes commissões.

« Os rebeldes vendo effectuada a feliz operação da passagem do São Gonçalo pelo general legalista, e sua chegada ao acampamento do exercito, que commandava, reuniram as forças da republica. Antonio Netto e David Canavarro fizeram juncção em 18 de fevereiro de 1843 e toda a tropa rebelde, quer de infanteria, quer de cavallaria, pairou no passo do Rosario do rio Santa Maria e em suas adjacencias. As forças republicanas approximavam-se ao computo de 3.000 homens.

« Chegado ao acampamento de São Lourenço, o barão de Caxias resolveu procurar os rebeldes para dar-lhes combate ; mas antes de partir com esse intento expediu para cima da serra o coronel Jeronymo Jacintho, o qual

subiu pela picada de Botucarahy com 500 praças de cavallaria e no dia 4 de março destroçou o caudilho Portinho, que por alli marchara com uma força de 300 homens. O commandante rebelde ahi perdeu 11 pessoas, morrendo da força legal apenas um soldado.

« Com este destroço de Portinho ficaram os municipios de Vaccaria e os demais de serra acima completamente desassombrados de rebeldes.

« Era este o fim da expedição ; e elle estava conseguido, ficando o general da legalidade sem receio de forças contrarias, que pela sua retaguarda praticassem qualquer hostilidade.

« No entretanto marchava o mesmo general no intuito de combater os rebeldes no passo do Rosario ; chegando porém a São Gabriel, sabe que os rebeldes haviam abandonado aquelle porto em busca da fronteira do Alegrete. O barão deixou então em São Gabriel a sua bagagem pesada, guardada por tres batalhões de caçadores e 500 cavalleiros, formando um total de mais de 2.000 praças com 3 boccas de fogo sob o commando do coronel Jacintho Pinto, atravessa o rio Santa Maria com 4.000 homens e dirige-se para a capella de Sant'Anna do Livramento, persuadido de encontrar-se alli com as farças inimigas.

« A 31 de março avisinharam-se as tropas imperiaes da mesma capella quando já começava o crepusculo da tarde : quiz o barão, não obstante, proseguir na marcha, e atacar immediatamente o inimigo ; mas deste intento o desviou a consideração da superveniencia das sombras da noite.

« Entretanto o general reunia e ouvia um conselho militar sobre o ataque que premeditava, para dar a desejada batalha ; os adversarios, porém, evadem-se, e pela manhã tinham desapparecido. Diz-se, que fora este o primeiro e ultimo conselho militar que o barão de Caxias convocou em toda esta sua campanha do sul : tão contrariado ficára com o mallogro do seu plano ! Os rebeldes nessa mesma noite transpõem a fronteira brasileira na altura de Cunha-perú, e internam-se no territorio da Republica do Urugvay, com 2.500 homens.

« Tinha o general legalista percorrido desde o acampamento de São Lourenço até Sant'Anna para mais de 60 leguas em busca do inimigo, sem lograr forçal-o a combater; por alguns dias pára na sobredita capella, depois passa a fronteira e chega á margem direita do rio Taquarembó para obter cavalhada da visinha republica, como obteve, recolhendo 3.000 cavallos e esperançado em receber do general Manoel Oribe mais 6.000, que só mais tarde pôde receber».

Durante esse tempo deu-se a surpreza de São Gabriel, a que já nos referimos á pagina 182 quando tratámos do general Jacyntho Pinto, de que resultou a matança ordenada pelo caudilho João Antonio destacado da columna do chefe Canavarro, e do que tendo Caxias sciencia partira de Sant'Anna, ahi chegando a 19 de abril, com 4.000 homens e 9.000 cavallos, executando em 48 horas a extraordinaria marcha de 24 leguas.

Em São Gabriel o general em chefe fez pausa, e considerando na impossibilidade de coagir o inimigo a pelejar, si o seguisse com um corpo de tropas numeroso, quando elle reunia-se e dispersava-se em partidas ligeiras, entendeu dever procural-o, não em um só ponto, mas perseguil-o em diversas direcções, conforme as subdivisões da força adversa.

Com este intuito dividiu o seu exercito em duas columnas, ficando uma sob sua immediata direcção e a outra, como já vimos a pag. 89, sob a do brigadeiro Bento Manoel; de sua columna destacou logo uma expedição para as immediações do Paipasso, a qual alli chegando, encontra o arsenal rebelde abandonado e apodera-se de 5 canhões, grande porção de ferro em barra, armamento de infanteria e cavallaria, munições de guerra e muitos outros objectos, inclusive medicamentos. Ao mesmo tempo manda occupar a villa do Alegrete por um batalhão de caçadores e um esquadrão de cavallaria, ao todo 700 praças, cujo commando em bôa hora confiou ao coronel Francisco de Arruda Camara. Esta occupação privava os rebeldes da posse de um municipio donde tiravam os seus mais avultados recursos pecuniarios.

Vendo os rebeldes assim dividido o exercito imperial julgaram poder d'ahi tirar vantagens se levassem um ataque á columna de Bento Manoel e com effeito o realisaram a 26 de maio em Ponche-Verde, pelo modo porque já conhecemos, isto é, sahiram vencedoras as tropas legalistas contra as dos rebeldes em maior numero e dirigidas pelos seus chefes principaes, inclusive o coronel Bento Gonçalves que, pela segunda vez, medindo-se com Bento Manoel, foi derrotado.

Os rebeldes, enraivecidos pelo revez de Ponche-Verde, buscaram tirar desforra e para isso, o proprio David Canavarro foi assediar a villa do Alegrete, onde intimando o coronel Arruda Camara este sahio-se perfeitamente bem no assalto que seguio-se á mesma intimação conforme ficou exposto a pagina 119 do presente volume.

Depois deste facto, deu-se o combate de 8 de junho em Santa-Maria-Chica, notavel pelo valor com que se portou a força legalista em numero assás inferior á dos rebeldes, sendo ferido o bravo coronel lagalista Francisco Pedro, perdendo os contrarios 20 homens mortos, entre os quaes um major e 4 officiaes, tendo mais de 40 feridos.

Chegada a estação invernosa, procurou o general em chefe o melhor lugar para estabelecer o seu acampamento; entre outros preferiu os terrenos que margeam o rio Jaguari, onde a 3 de julho de 1843 determinou as suas linhas de bandeira na estancia do Carmo; não permaneceu, porém, ahi por muito tempo, pois recebendo aviso de que os rebeldes pensavam em transpor a fronteira do Rio Grande para arrebatar a cavalhada imperial que se achava invernada no Rincão dos Touros, levanta acampamento e segue a marchas forçadas pela direita do Camaquam, expedindo logo uma columna de 1.000 homens sob as ordens do tenente-coronel Manoel Marques, para surprehender o governo rebelde no Piratinim e occupar Pelotas, de onde poderia evitar o projecto dos rebeldes supra-mencionado.

Nessa excursão apoderou-se Manoel Marques do commandante e de toda a guarda de Piratinim, e de algumas carretas com fardamento e munições bellicas, conseguindo occupar Pelotas de onde providenciou para arrebanhar a

nossa cavalhada; percorreu tambem o districto de Cangussú pondo em debandada pequenas partidas dos rebeldes.

Deixando o Camaquam dirige-se Caxias para Caçapava onde entrou a 3 de agosto, para d'ahi buscar a fronteira de Jaguarão em que já se achava aquelle tenente-coronel com a sua columna habilitado a remontar o exercito com 6.000 cavallos.

Emquanto se deram estas occurrencias, os rebeldes acossados pela columna de Bento Manoel de combinação com a do general em chefe, passaram-se para o Estado Oriental com o fim de evitar tão tenaz perseguição, mas não foram bem succedidos pois lhes faltava o forte apoio de Fructuoso Rivera a quem o seu competidor Manoel Oribe havia derrotada no Cerro Largo, á vista do que repassaram a fronteira e se dirigiram para o Piratinim e adjacencias.

Nesse interim recebe Caxias a nomeação de grão-cruz da ordem de São Bento de Aviz a que, pelos seus importantes serviços fôra elevado por decreto de 11 de setembro desse anno.

Terminada a estação invernosa, deu ordens para que proseguissem as operações de guerra e, para não se dar guarida ao inimigo, organizou uma nova divisão para o seu exercito cujo commando confiou ao incansavel coronel Francisco Pedro de Abreu.

As tres columnas do exercito imperial de prompto se mobilisaram : de Bagé segue o general em chefe para São Gabriel; para Alegrete o brigadeiro Bento Manoel, ficando a cargo do coronel Francisco Pedro o territorio limitado pelos rios São Gonçalo e Jaguarão, sendo-lhe assim facil a surpreza que levou a 25 de outubro aos chefes Bento Gonçalves, Antonio Netto e Camillo dos Santos que, soube, o pretendiam surprehender, causando-lhes a morte de 5 dos seus homens, aprisionando-lhes dez, toda a bagagem, abarracamento, um estandarte e 240 cavallos que traziam por diante. Os rebeldes restantes se puseram em vergonhosa fuga.

Outra tentativa de surpreza, em represalia, teve logar por parte dos vencidos rebeldes, a 6 de novembro, ao

acampamento do coronel Francisco Pedro, em Cangussú, onde depois de renhido combate são mais uma vez rechassados, deixando no campo 30 mortos, inclusive 3 officiaes, muito armamento, conduzindo perto de 60 feridos, sendo o prejuizo dos legalistas não menor pois se acharam no campo 50 mortos e 11 feridos.

Dahi por diante se tornou por demais activa a perseguição dos rebeldes, que soffreram successsivas derrotas, salientando-se as de Batovy no dia 26 de dezembro e da picada de S. Martinho dias depois, findando-se assim o anno de 1843, caracterisado, pode-se dizer, por taes movimentos como se deprehende do seguinte topico de um officio dirigido ao governo pelo barão de Caxias:

«Por 38 leguas persegui o inimigo sem nunca o perder de vista, apezar de ser a força principal desta minha divisão da arma de infanteria, e trazer ella 3 peças de artilharia e crescido numero de carretas com munições de guerra e de bocca, emquanto toda a força dos rebeldes pertence a arma de cavallaria. E' inexplicavel o terror panico de que se possuio David Canavarro e seus comparsas no crime ; diversas vezes a nossa vanguarda carregou sobre a rectaguarda dos rebeldes e nem uma vez acceitaram o combate; nunca animarão-se a desencilhar os cavallos; de que resultou deixarem cansados cerca de tres mil e apparrecer a deserção em suas fileiras, podendo elevar-se a 150 o numero de homens que perderam em semelhante retirada forçada ou antes fuga.»

Um anno completo decorrera, depois que o barão de Caxias começára o desempenho de sua missão, e com verdade podia dizer, como disse: — «Hoje não ha uma só povoação da provincia dominada pelos rebeldes.»

No seguinte anno de 1844 as operações se iniciaram ficando o general em chefe á frente de uma divisão com 2000 homens das tres armas; Bento Manoel á frente de outra com 3.200, e o coronel Francisco Pedro com a columna ligeira de 1.000 homens, ao todo 6.200 combatentes, que com os 5.000 que afóra a capital, o Rio Grande e S. José do Norte, guarneciam Pelotas, Cacapava, S. Gabriel, Rio Pardo, Cruz Alta, Alegrete e S. Borja, ultrapassava o total de 11.000 homens o

effectivo do exercito imperial na provincia, contando com uma reserva de 15.000 cavallos e com promessas de ser augmentado este numero, pelas republicas visinhas.

Com taes elementos e bem assim autorisado a poder invadir, quando preciso fosse, o territorio da visinha republica, recomeçou Caxias a sua ardua tarefa de não dar descanço aos revolucionarios onde quer que os procurasse, dentro ou fóra do territorio brasileiro. E de facto, por assim o haver solicitado, é o caudilho José Antonio desarmado e internado na provincia de Corrientes pelo governador J. Madariaga quando em março de 1844 dahi pretendia sahir para fazer juncção com David Canavarro.

Chegando á fronteira de Sant'Anna do Uruguay, hoje cidade de Urugayana, por elle fundada, expede Caxias ordem para a defesa desse ponto, sendo convenientemente armados tres lanchões para vigiarem o rio; feito o que resolve seguir no encalço de Bento Gonçalves e Antonio Netto, que sabia acharem-se no Livramento, e nesta marcha passa no Rio Grande e na capital onde se demora poucos dias; dahi encaminha-se áquelle destino onde chega a 24 de junho, tendo o desprazer de não encontrar os referidos chefes que com David Canavarro abandonaram dias antes a posição, procurando aquelle as adjacencias de Piratinim e este a fronteira de Bagé, sendo, porém, em sua marcha obrigado a transpor o rio Quarahym com os seus 1.200 homens e a refugiar-se no territorio visinho por ter sido perseguido por Bento Manoel.

No dia 26 de junho realisa o coronel Francisco Pedro a captura dos chefes mais importantes, entre os quaes, o vice-presidente Marianno de Mattos, e bem assim surprehende a 14 de novembro o acampamento de David Canavarro pelo modo porque já mencionamos a pag. 91 deste volume, seguindo-se a esse importante feito d'armas outros encontros, sendo o combate do Quaró, a 29 de dezembro no Estado Oriental, o ultimo desta serie e em que foi derrotado e gravemente ferido, ficando prisioneiro do coronel legalista Vasco Alves, o chefe Bernardino Pinto com mais quatro dos seus officiaes e 13 soldados.

Findára o anno de 1844 e com elle perdidas foram

as esperanças dos revolucionarios para qualquer triumpho pelas armas e pelas negociações que entabolaram com diversos chefes politicos das outras provincias — com intuitos de ser formada com ellas uma confederação democratica·

Sabe-se que Caxias recebera anteriormente um pedido de conferencia secreta do chefe Bento Gonçalves, e em a qual declarou-lhe peremptoriamente «que nenhuma condicção acceitaria que não tivesse por base a deposição das armas e a obediencia ao governo imperial.»

Em novembro, de accordo com o mesmo barão, os revolucionarios haviam expedido para a côrte um emissario com o fim de obter a paz com certas condicções, o qual regressando com instrucções para Caxias, que eram as difinitivas resoluções do governo imperial, entrou este em negociações com os chefes rebeldes e em fevereiro de 1845 foram estipuladas as seguintes condições :

«1ª Amnistia geral e plena para todas as pessoas envolvidas na rebellião ; 2ª Isenção do serviço militar e da guarda nacional, para todos os individuos que tenham servido no exercito da rebellião; 3ª Gosarem os chefes rebeldes das honras de seus postos; 4ª Pertencerem os escravos, que serviram como soldados da republica ao Estado, que indemnisaria aos seus antigos senhores.»

Concluida assim a pacificação foi ella annunciada aos revolucionarios nos seguintes termos :

« Concidadãos ! Competentemente autorisado pelo magistrado civil, a quem obedeciamos, e na qualidade de commandante em chefe, concordando com a unanime vontade de todos os officiaes da força do meu commando, vos declaro que a guerra civil, que por mais de 9 annos devasta este bello paiz, está acabada. A cadeia de successos por que passam todas as revoluções tem transviado o fim politico a que nos dirigimos e hoje a continuação de uma guerra tal, seria o *ultimatum* da destruição e do anniquilamento da nossa terra.

« Um poder estranho ameaça a integridade do imperio e tão estolida ousadia jamais deixaria de echoar em

nossos corações brasileiros. O Rio Grande não será o theatro de suas iniquidades, e nós partilharemos a gloria de sacrificar os resentimentos creados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil.

« Concidadãos ! Ao desprender-me do grau que me havia confiado o poder que dirigia a revolução, cumpre assegurar-vos que podeis volver tranquillos ao seio de vossas familias.

« Vossa segurança individual e de propriedade está garantida pela palavra sagrada do monarcha, e o apreço de vossa virtude ao seu magnanimo coração. União, fraternidade, respeito ás leis e eterna gratidão ao inclito presidente da provincia o illmo. e excmo. sr. barão de Caxias, pelos afanosos serviços que ha feito na pacificação da provincia. — Campo em Ponche-Verde, 28 de fevereiro de 1845 — *David Canavarro* ».

No dia seguinte em o seu quartel-general na margem direita do Santa Maria, fazia tambem Caxias publicar a seguinte proclamação :

« Rio Grandenses ! E' sem duvida para mim de inexplicavel prazer o ter de annunciar-vos que a guerra civil que por mais de 9 annos devastou esta bella provincia, está terminada. Os irmãos contra quem combatiamos estão hoje congratulados comnosco e já obedecem ao legitimo governo do imperio do Brasil ».

Por decretos de 25 de março foi Caxias promovido á effectividade do posto de marechal de campo e elevado a conde; e por haver sido eleito quasi que por unanimidade (differença de 13 votos) senador pela provincia que acabava de pacificar, por carta imperial de 1º de setembro, tudo do referido anno de 1845, foi nomeado senador.

Exonerado dos cargos de presidente e commandante em chefe do exercito da provincia do Rio Grande do Sul por despacho de 8, sendo louvado pelos bons e importantes serviços que prestára conseguindo a completa pacificação da mesma provincia e pelo bem que desempenhára o referido commando, reassumiu a 12, tudo de outubro do seguinte anno de 1846, o commando das armas da côrte, que exerceu somente durante os periodos em que não funccionou o congresso nacional, sendo afinal delle exo-

nerado a seu pedido por decreto de 21 de setembro de 1850, data em que recebeu os devidos louvores pelos serviços que nesse cargo prestára ao governo e principalmente ao exercito nacional cujos officiaes coube-lhe fazer a distribuição pelos corpos das trez armas.

Por decretos de 15 e 16 de junho de 1851, ao conde de Caxias coube mais uma vez ser nomeado presidente e commandante em chefe de todas as forças da provincia do Rio Grande do Sul, pelos urgentes motivos de uma guerra em espectativa, sendo porém desta vez com filhos de outras nações.

Como o nosso caro collega capitão Pinto Seidl, muito bem resume, em o capitulo XI da sua já mencionada monographia, os acontecimentos que se deram no sul durante esse periodo do commando em chefe do marechal Caxias ainda, com a devida venia, aqui o transcrevemos :

« Como sempre, celere em correr para o posto de sacrificio indicado pela patria, dois dias depois da nomeação partia desta cidade com destino ao sul e em 24 de julho, pela madrugada, punha-se em marcha com toda a tropa que lhe fôra possivel reunir até então, de Orquêta para Sant'Anna do Livramento. A 26 estando nas pontas do Arroio Grande, desprendeu da columna principal uma força cujo commando conflou ao brigadeiro José Fernandes dos Santos Pereira, destinada a cobrir a fronteira de Jaguarão e a invadir por Artigas o Estado Oriental.

« Foi esta força o nucleo da divisão esquerda posteriormente organizada. A sua presença nesse ponto da fronteira deveu-se o insucesso do contra-golpe tentado por Oribe, quando determinou ao seu assécla Dionysio Coronel que invadisse por aquelle ponto o Rio Grande.

« Contava aquelle sanguinario caudilho oriental — tresloucada esperança ! — encontrar auxilio entre os antigos revolucionarios farrapos ao plano ousado que ideára de levar a guerra ao coração do Rio Grande e, assim, forçar Caxias a repassar a fronteira, impedindo-lhe de fazer juncção com as forças de Urquiza. Com este intuito enviou Oribe seus emissarios ao antigo general republicano Antonio de Souza Netto. Mas, como refere Ladisláo dos Santos Titára no livro que publicou em 1852 sobre as

campanhas contra os tyrannos do Prata : « tudo falhou ao misero servo de Rosas, porquanto o brasileiro Netto, procedendo como homem de honra, e mostrando prezar a gloria de sua patria, longe de prestar-se a taes perversidades polluindo-se de eterna infamia, congregou muitos brasileiros e orientaes e com elles apresentou-se ao general marquez de Caxias pela defesa do imperio ; de igual modo tinham procedido muitos outros brasileiros que a calumnia pretendeu insultar ».

« O procedimento patriotico dos antigos revolucionarios rio-grandenses nas campanhas pelo Brasil sustentadas de 1851 a 1870, nas regiões platinas, foi uma consequencia directa, um resultado necessario, da conducta nobre e generosa de Caxias em 1845. E', pois, mais um de entre os muitos e valiosos serviços prestados pelo invicto general a registrar nos fastos da nossa historia.

« Com effeito, si elle deshumanamente houvesse procedido na repressão do movimento revolucionario de 1835, si tivesse levado a ferro e fogo os guerrilheiros gaúchos, não teria tido o Brasil a lutar sob suas bandeiras, nos campos da Cisplatina, nas coxilhas de Moron, nos charcos do Paraguay, tantos dos antigos soldados do Piratinim.

« A' 1º de agosto achava-se Caxias nas pontas do Seival, de onde partio em marchas forçadas para Sant' Anna do Livramento. Foi ahi que deu organização ás forças em vesperas de invadirem o territorio inimigo. Dividio-as em quatro divisões, não hesitando em dar a David Canavarro o commando de uma dellas, a denominada *divisão ligeira*. Entre os commandantes das 14 brigadas que as compunham, figuravam homens como João Antonio da Silveira e José Gomes Portinho, antigos caudilhos farrapos, ao lado de Andrade Neves e Jacuhy, valentes adversarios da causa republicana. Unidos sob a egide do grande general, esquecidos dos odios de dez annos de luta, graças ao prestigio empolgante de Caxias, marcharam hombro a hombro, em procura do feroz Oribe, os adversarios encarniçados de pouco de mais um lustro. Como chefe do estado maior dessas forças servia Miguel de Frias e Vasconcellos.

« Tenho lido muita vez em diversos escriptores nacio-

naes acerrimas censuras á politica do imperio no Prata. Fallece-me a precisa competencia para discutir o assumpto. Demais tratar desse ponto nestas ligeiras linhas seria transviar-me da méta collimada ao inicial-as.

« Não deixarei, comtudo, de lançar aqui uma interrogação cuja resposta me parece obvia ; não deveria o governo imperial procurar, alliando-se a Entrerios e Corrientes, destruir o poder nefasto de Oribe e Rosas, havendo esses fascinoras perseguido e victimado tantos brazileiros ? Responder pela negativa a semelhante pergunta é negar á nossa nacionalidade o direito, ou melhor, o dever sagrado de proteger os seus subditos.

« A 4 de setembro transpunham a fronteira, rumo do Rio Negro, as forças commandadas por Caxias. A' região onde ganhára os seus galões de major por actos de intemerata bravura, voltava o invicto general como commandante em chefe de um exercito de 16.000 homens.

« Como nas lutas internas, humanamente e generosamente procedeu sempre nas guerras externas o maior dos nossos generaes. Ao iniciar suas operações, não se olvidava jámais de recordar aos seus soldados os deveres de humanidade para com a população das regiões que tinha a percorrer em relação aos vencidos.

« Na campanha contra Oribe assim tambem procedeu. São dignas, com effeito, de serem lidas as suas palavras na ordem do dia publicada em 4 de setembro, nas pontas do Cunha-Perú. Tral-a por extenso Pinto de Campos: limitar-me-hei, porém, a transcrever um pequeno trecho :

« Não tendes no Estado Oriental outros inimigos senão os soldados de Don Manoel Oribe (a intervenção armada do Brazil era feita contra Oribe, e em favor do governo de Montevidéo) e esses mesmos emquanto illudidos empunharem as armas contra os interesses da sua patria : desarmados ou vencidos, são americanos, são nossos irmãos e como taes os deveis tratar.

« A verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa e respeitadora dos principios de humanidade. A propriedade de quem quer que seja, amigo ou inimigo, nacional ou estrangeiro, é inviolavel e sagrada ; e deve ser tão reli-

giosamente respeitada pelo soldado do exercito imperial, como a sua propria honra. O que por desgraça a violar será considerado indigno de pertencer ás fileiras do exercito, assassino da honra e reputação nacional, e como tal severa e inexoravelmente punido. »

« Urquiza, a quem pelo convenio estipulado em 23 de maio, tinha de caber a iniciativa das operações contra Oribe e Rosas, entrára com antecedencia em acção e fizera as forças correntinas, entrerianas e orientaes, que deviam compôr a vanguarda, transporem o Uruguay por Paysandú, Hervidero e Passo de Higos, a 19 de julho, quando Caxias se achava ainda em marcha para Orquêta. Trazia, portanto, o governador de Corrientes, o qual até á data desse convenio fôra um dos principaes sustentaculos de Rosas, de cuja dependencia ignominiosa por fim se libertára, quasi dois mezes de vantagem na marcha. E' certamente ocioso dizer não ter resultado semelhante situação de inactividade por parte do general brasileiro, pois este quando a 30 de junho tomou posse em Porto-Alegre da presidencia e do commando das armas tudo encontrou por fazer.

« As forças do exercito e da guarda nacional, em lugar de estarem em marcha para a fronteira e ahi já concentradas, permaneciam esparsas pela provincia, não estando a maioria dos corpos da milicia civica sequer em via de organização; e isso apezar das recommendações feitas pelo governo geral, desde abril.

« Dado esse estado de cousas, como seria possivel a Caxias agir mais promptamente ?

« Tendo invadido o territorio occupadc por Oribe procuraram logo Urquiza, Virasoro e Garzon as forças daquelle sanguinario logar-tenente de Rosas. Para desviar delle o apoio e auxilio de seus asseclas argentinos ou orientaes, dirigiu-lhes o commandante da vanguarda proclamações, em que lhes annunciava a marcha do exercito imperial, seu effectivo e armamento e incitava-os a deporem as armas, porque era mais honroso para os argentinos renderem-se ante um argentino que ante um brasileiro. Com este estratagema logrou Urquiza o abandono de Oribe por muitos dos seus sequazes que, ás centenas,

deixavam as fileiras. Para o desanimo delles muito por certo contribuio o saberem estar o chacal de Palermo impossibilitado de lhes soccorrer, por lh'o impedirem os navios brasileiros sob o commando de Greenfell.

« No Passo del Molino pretendeu Oribe entrar em negociações com Urquiza, propondo-se capitular com a condição de ser permittido aos argentinos que o acompanhavam passarem para Buenos-Aires. Este desideratum já havia tentado conseguir, em começo de setembro, quando o exercito brasileiro passou a fronteira, por negociações entabuladas pelo seu ministro Villademouros, junto aos almirantes francez e inglez, Le Predour e Reydolds «pretextando, diz Titára, que semelhante passo era dado unicamente *por sentimentos de Humanidade*.» Onde se foi aninhar *a Humanidade ? !*

« Por fim, de retirada em retirada viu-se Oribe encurralado no porto de Bucêo, para onde se dirigira ainda na esperança de obter, transportar-se para Buenos-Aires ; Greenfell, porém, com os navios *Affonso*, *Constituição* e *Berenice* não lh'o permittio. Não esperou Oribe a approximação de Caxias, cujo valor conhecia pela noticia de seus feitos e de cuja grande argucia tivera já provas, pois em vão o tentára illudir durante a revolução farroupilha, e a 11 de outubro com a maior sofreguidão acceitou as condições impostas por Urquiza, que, aliás, não abusou da miseranda situação delle.

«Conforme refere Titára, a rendição de Oribe arrancou ao «tigre de Palermo» esta exclamação : «entregar-se antes de bater-se ! ! ». Menos de quatro mezes depois, no Monte Caceros, teria Rosas de experimentar em pessoa o valor das armas ante as quaes se abateram as de Oribe.

«Achava-se ainda o grosso do exercito alliado sob o commando de Caxias, ás margens do rio Gy, junto ao passo de Polanco. Ahi recebeu o general brasileiro a communicação dos factos passados em Bucêo, partindo logo para esse ponto, afim de pedir explicações a Urquiza, por ter consumado taes factos sem prévia audiencia dos outros chefes alliados. Justificou-se o caudilho entre-riano com a circumstancia em que se achára de dar uma prompta solução ao assumpto.

Acceitou Caxias como bôa essa allegação, naturalmente para evitar mais complicações nos já tão emmaranhados negocios do Prata; e seguio para Montevidéo, sendo acolhido festivamente pela população da cidade e principalmente por aquelles que a defenderam contra as forças de Oribe. Bem justas eram, na verdade, taes demonstrações de reconhecimento, pois com effeito é facil de comprehender quanto influiu no animo do logar-tenente de Rosas a presença das tropas brasileiras no territorio onde fôra até então senhor de baraço e cutelo.

«As recommendações feitas por Caxias ao exercito, ao passar a fronteira, sobre o respeito aos direitos da população pacifica, apenas uma vez, durante os 80 dias de operações foram desrespeitadas. Não tardaram, porém, as providencias do general brasileiro. Em a mesma ordem do dia que as publicou, mandava Caxias elogiar quatro soldados do 7º de infanteria por haverem entregado ao proprio dono uma bolsa com dinheiro por elles achada. Mostrava assim o illustre general comprehender perfeitamente que no premiar os bons actos concorre-se tambem (e na minha opinião mais efficazmente) para a manutenção da disciplina, a qual não consiste, como a algumas autoridades militares se afigura, exclusivamente na punição das faltas commettidas e sim igualmente na justa recompensa dos bons actos praticados.

«Achava-se o exercito brasileiro acampado em Cufré, além de Santa Lucia, quando foram suas forças distribuidas de uma fórma mais conveniente aos effectivos das brigadas, as quaes, de quatorze foram reduzidas a doze, continuando, porém, quatro divisões.

«Vencido Oribe, cuidaram os alliados de promover a derrota de Rosas. Neste sentido celebrou-se o convenio de 21 de novembro, cujo art. 1º declarava peremptoriamente: «o objecto unico a que os Estados alliados se propõem é libertar o povo argentino da oppressão que supporta sob a governação tyrannica do governador D. Juan Manoel de Rosas e auxilial-o para que, organizado na fórma regular, que mais julgue convir aos seus interesses e á sua paz e amizade com os estados vizinhos, possa constituir-se solidamente, estabelecendo com elles as re-

lações de bôa vizinhança de que tanto necessitam para seu progresso e engrandecimento reciproco.»

«A' primeira vista parece que o Brasil por esse tratado ia representar um papel de verdadeiro D. Quixote internacional; entretanto a intervenção delle contra Rosas era perfeitamente justificada, pois si outras e mais poderosas razões para isso não existissem, tinha o direito, si não o dever, de fazel-o como represalia ás repetidas intervenções do tigre de Palermo em seus negocios no sul. Demais, desde muito, já se preparava Rosas para essa guerra, tanto que em agosto já scientificára ao plenipotenciario britanico ser *uma guerra com o Brasil inevitavel e para as armas ir appellar contra elle*. Nessas condições....

«Pelo art. 4º do tratado deveria o Brasil fornecer para esse fim uma divisão de 3.000 homens de infanteria, um regimento de cavallaria e duas baterias de artilheria.

«Tinha-se, pois, de destacar para esse fim uma das quatro divisões acampadas em Santa Lucia. Commandavam-nas Porto-Alegre, Caldwell, Santos Pereira e Canavarro. A qual escolher?

«Era uma das mais notaveis entre as excepcionaes qualidades de Caxias o saber escolher os homens. A esse respeito, parece nunca falliu o seu espirito e ainda desta vez eloquentemente o demonstrou.

«Quando se tratou da alludida escolha, o plenipotenciario brasileiro em missão no Prata, conselheiro Honorio Hermeto Carneiro Leão, pensou em nomear-se o chefe do estado-maior de Caxias, coronel Miguel de Frias e Vasconcellos. Não attendeu o general a esta indicação, apezar de feita por quem era e de tratar-se de um seu amigo de infancia; e escolheu o então brigadeiro Manoel Marques de Souza.

«Quanto andou bem inspirado attestam-no os louros colhidos a 3 de fevereiro de 1852 em Moron, onde as armas alliadas venceram, logo que Urquiza resolveu seguir a tactica aconselhada por Porto-Alegre.

«Derribado Rosas e fugitivo a bordo de um navio inglez, livres os argentinos de seu dominio cruel, nada mais tinham a fazer no Prata as forças brasileiras. Em dias de maio deixaram, pois, o acampamento de Santa

Lucia, entrando a 4 de junho na villa de Jaguarão, nove mezes depois de haverem iniciado as suas operações contra Oribe. Em menos de um anno, tinham efficacissimamente concorrido as forças commandadas pelo inclyto Caxias para livrar um pedaço da America da tyrannia inhumana de dous sicarios. Como procederam durante o tempo em que permaneceram em terra estrangeira, dizem-no estes trechos da ordem do dia publicada ao penetrarem no territorio nacional :

« Vossa coragem foi a do verdadeiro soldado : nobre, generosa e *respeitadora dos principios de humanidade*. A propriedade, do nacional do estrangeiro, do amigo, como a do inimigo foi por vós respeitada ».

« Este bello procedimento era o reflexo das qualidades moraes do chefe que as conduziu. Não fosse elle nobre, generoso, humano, honrado e por certo taes palavras não teriam tido azo de serem ditas ».

Por decreto de 3 de março teve Caxias o promoção de tenente-general, sendo condecorado com a medalha de ouro concedida aos officiaes generaes que compuzeram o exercito em operações na Repuclica do Uruguay e por outro decreto de 26 de junho, tudo de 1852, foi elevado a marquez de Caxias.

Por carta imperial de 21 e decreto de 22 de julho do mesmo anno se lhe concedeu a exoneração dos cargos de presidente do Rio Grande do Sul e de commandante em chefe do exercito, sendo louvados os relevantes serviços que mais uma vez prestàra á sua patria.

Por decreto de 14 de junho de 1855 foi nomeado ministro da guerra do gabinete de 6 de setembro de 1853, na vaga deixada pelo marechal Pedro de Alcantara Bellegarde e por outro de 3 de setembro do anno seguinte assumio o alto cargo de presidente do conselho de ministros, que exerceu até o dia 4 de maio de 1857.

Por despacho de 18 de dezembro de 1858 foi nomeado conselheiro de guerra. Por decreto de 2 de março de 1861 foi nomeado ministro da guerra e presidente do conselho de ministro, cargo que exerceo até 24 de maio do anno seguinte ; e por outro de 2 de dezembro tambem de 1862 teve a graduação de marechal do exercito, sendo o

primeiro, desde a proclamação da independencia, que, como official activo, gosou de tal distincção.

Quando pela necessidade de demover as difficuldades originadas do celebre tratado de 1º de maio de 1865 D. Pedro 2º teve de se transportar á provincia do Rio Grande, então invadida pelas forças do dictador Solano Lopes, ao marquez de Caxias coube acompanhal-o em julho do dito anno, na qualidade de seu ajudante de campo, offerecendo-se-lhe assim o ensejo de assistir a 18 de setembro de 1865 á rendição da villa de Uruguayana, occupada pela columna ao mando do tenente-coronel Antonio Estigarribia.

Regressando á côrte, por decreto de de 28 de agosto do anno seguinte foi nomeado grão-cruz da ordem da Rosa, recebendo tambem a medalha commemorativa da mencionada rendição, e por outros decretos de 10 de outubro do mesmo anno teve a effectividade do posto de marechal do exercito e foi nomeado commandante em chefe de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguay para onde seguio a 29 do mesmo mez e anno.

Quatro dias depois desembarcava em Montevidéo ; percorrendo diversos logares no Rio da Prata, sobremodo o impressionou o grande numero de hospitaes militares custeados pelo Brasil, dos quaes contavam-se 2 em Buenos-Aires, 2 em Montevidéo, 3 em Corrientes, 1 no Cerrito, 1 em Itapirú, e 2 no Passo da Patria e em Tuyuty.

O 1º corpo de exercito brasileiro achava-se occupando a linha de defesa deste ultimo lugar. Em Curuzú estava o 2º e havia apenas uns 3.000 cavallos em estado deploravel para esses dois corpos. Tudo precisava ser urgentemente reorganizado.

A' 14 de novembro chegando a Corrientes, communicou a sua chegada e em que caracter, aos generaes Mitre, Polydoro e Porto-Alegre e ao almirante barão de Tamandaré.

A 18, pelas 4 horas da tarde, chegava ao acampamento de Tuyuty e, assumindo as funcções do seu alto cargo, fez publicar o seguinte :

« Commando em chefe de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguay. — Quartel

general, em Tuyuty, 18 de novembro de 1866 — Ordem do dia n. 1 — Por decreto de 10 de outubro proximo passado, houve por bem S. M. o Imperador, nomear-me commandante em chefe de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguay, na guerra a que nos provocou o chefe dessa Republica. — Assumindo o commando, acho-me mais uma vez no meio de vós, para vos coadjuvar e dirigir. Se a vós não conhecesse, eu vos recommendaria valor ; mas, nos innumeros combates até hoje havidos, tendes dado sobejas provas dessa virtude militar. Tambem não vos venho preceituar subordinação, pois sempre testemunhei a conducta do militar brasileiro nas mais arduas campanhas. — Conto porem, com a vossa constancia e dedicação ao paiz, para levarmos ao cabo a gloriosa empreza, em que estamos empenhados.—Mais um esforço e os nossos trabalhos seram coroados pela victoria ! Eu o creio e espero, porque a causa que defendemos é justa, e o Deus dos Exercitos nos ha de proteger. Novos reforços chegam a este campo ; de todas as provincias do Imperio marcham denodados brasileiros a duplicar vossas fileiras ; e a mão beneficente do nosso monarcha não deixará sem recompensa os sacrificios que fazeis pela honra da nossa Patria. Eia, pois, camaradas e amigos, prosigamos no caminho de gloria que haveis trilhado, repetindo commigo :

Viva o imperador e sua augusta familia !

Viva a nação brasileira !

Vivão os nossos alliados ! »

Logo que ao Rio Grande do Sul chegou a noticia de ter assumido o commando do exercito imperial o marechal Caxias, o legendario Ozorio apresenton-se incontinente prompto, mostrando desejos de seguir para o theatro da luta; o seu velho amigo e companheiro de armas o encarregou portanto de organizar mais um corpo de exercito na sua provincia natal, com o qual devia operar em Missões ou onde melhor aprouvesse ao chefe, conforme as circumstancias.

Ficava assim o exercito dividido em tres corpos, mas um embaraço se interpoz entre a boa vontade do novo chefe e a execução dos seus planos. Quasi todo o exercito

foi de repente accommettido de terrivel mal — o *cholera morbus* — que em pouco tempo ceifou para mais de 4.000 homens dos nossos em Curuzú, Passo da Patria, Tuyuty e no Cerrito.

Achava-se então o marquez como commandante em chefe dos exercitos alliados, pois o general Mitre, com 4.000 homens do seu resumido exercito, por questões intimas na Republica Argentina, se retirára a 9 de fevereiro de 1868, ficando o dito seu exercito reduzido a outros 4.000 homens.

Apresentando-se o marechal Ozorio á frente do 3º corpo por elle organizado, expedio Caxias a 1ª divisão de cavallaria do brigadeiro José Luiz afim de fazer um reconhecimento nos passos do *Estero Bellaco*, para poder levar a effeito a sua projectada marcha de flanco, tendo Humaytá como objectivo. Reconhecidos os quatro passos — denominados — *Timbó*, *Lopez*, *Pires* e *Tio Domingos*, a 21 de junho pôde elle effectuar essa marcha pelo ultimo destes passos, deixando o 2º corpo em Tuyuty, sob o commando do tenente-general Porto-Alegre, com obrigação de guarnecer e defender o Passo da Patria.

Commandando a vanguarda do exercito toma a posição de *Tujucué* a 30 de julho o marechal Ozorio, desalojando previamente uma força paraguaya que com quatro boccas de fogo se achava escondida em espesso laranjal; feito o que ordenou o commandante em chefe que o exercito acampasse de Tujucué a São Solano, onde tomaram posição as nossas principaes forças de cavallaria.

Desse acampamento determinou fosse aberta communicação franca com a nossa base de operações em Tuyuty de onde esperava receber toda a sorte de recursos, e já dispunha-se a dar outras acertadas providencias quando, por ter regressado ao campo o general Mitre a 31 desse mez, cessou a sua autoridade, de commandante em chefe dos EXERCITOS ALLIADOS.

Como vimos, por ter o exercito como base de operações os campos de Tuyuty, foi sempre do cuidado do dictador Lopez dar combate ás tropas destinadas a comboiar os nossos fornecimentos, combates esses que se succederam, bem como as explorações feitas, travando-se

então as mais renhidas pelejas, que ficaram conhecidas pelos nomes dos logares onde se deram taes como : *Ombú, Arroio Hondo* ; *Tataiyabá* ; *Villa do Pilar* etc., etc.

Forçado o passo de *Curupayti* pela 1ª divisão da nossa esquadra, resolveu Caxias mandar uma forte expedição á villa do Pilar que depois de bem fortificada, devia cortar por esse lado as communicações do inimigo com o interior de seu paiz.

De tal expedição foi incumbido o brigadeiro João Manoel Menna Barreto, que a 28 de outubro moveu-se com a sua 1ª divisão de cavallaria, superior a 2.000 homens, com alguma infanteria e quatro boccas de fogo, ao todo 2.400 praças.

No dia seguinte derrota João Manoel um batalhão paraguayo que se achava entrincheirado na estrada do Potrero-Ovelha, e sabendo que forças inimigas com quatro vapores se achavam no Tajy, para fortificar esse ponto, resolve atacal-as, como realmente o fez, pela madrugada do dia 2 de novembro. Rompendo o ataque a arma branca, por pessoal escolhido, e apanhado o inimigo de surpreza, mandou estender sobre a barranca o 1º batalhão de infanteria, em duas linhas de atiradores, dando começo ao mais nutrido e constante fogo contra os ditos vapores, emquanto os demais corpos com a artilharia vão se formando e operando do mesmo modo. Collocadas em posição vantajosa, romperam as boccas de fogo forte canhoneio, metralhando os vapores e os fugitivos que se atiram para o *Chaco*. Foge um dos vapores para o Humaytá, são mettidos a pique o *25 de Maio* e uma chata em frente a Tajy e incendiado pelos proprios paraguayos um terceiro vapor, para não cahir nas mãos de seus adversarios ; consegue porém fugir aguas acima o bem conhecido *Pirabebé*, si bem que um tanto avariado. Perdeu o inimigo 240 homens mortos na primeira investida a arma branca, 200 afogados ou mortos no Chaco e 60 prisioneiros com seis estandartes. Perderam os nossos 31 mortos, contando-se mais de 50 feridos.

Tinhamos assim conquistado uma excellente posição, graças ás acertadas ordens do general em chefe, e interceptada ficou a communicação do Humaytá pelo rio Paraguay acima.

Desesperado tenta o dictador um esforço supremo, e ao alvorecer do dia 3 de novembro manda cêrca de 9.000 dos seus mais aguerridos soldados contra a nossa base de operações em Tuyuty, designando o general Barrios para dirigil-os.

Avançando pelo *laranjal Mitre*, o inimigo surprehende, toma e incendeia o acampamento argentino ; apodera-se dos reductos, avança sobre o nosso acampamento e isola completamente o batalhão 4º de artilharia brasileiro do reducto central. As forças do bravo coronel Silva Paranhos que acompanhavam o comboio destinado a Tujucué, voltam prestes a acudir os alliados e reunem-se ás do brigadeiro José Luiz, soffrendo, porém, grandes estragos. O tenente-general Porto-Alegre concentra então a sua principal defesa no reducto central emquanto o ousado inimigo incendeia parte do acampamento brasileiro e atira-se ao commercio para saqueal-o.

A chamada *linha negra*, então commandada pelo coronel Albuquerque Maranhão,consegue, porém, repellir as forças que do Sauce se destinavam a augmentar a carneficina ; nos demais pontos cantavam victoria os paraguayos quando proximamente ás 10 horas começam a recuar ante a energica resistencia determinada pelo bravo Porto-Alegre,que tomando a offensiva cahe de subito sobre os assaltantes e retoma os reductos argentinos, acossando mais e mais os paraguayos que, em debandada e em precipitada fuga,vão abrigar-se nas suas trincheiras receiando ficarem cortados pelos reforços que chegavam do Tujacué. (*)

Nesse fatal dia tivemos entre mortos, feridos, prisineiros e extraviados 1731 homens inclusive 203 praças do 4º batalhão de artilharia, cujo commandante o então major Ernesto Augusto da Cunha Mattos, ficou prisioneiro com outro major argentino de nome Aranha e algumas mulheres. Os argentinos perderam seis boccas de fogo, 132 mortos e 95 feridos. Em compensação perdeu o inimigo cerca de 4.000 homens, dos quaes conta-

(*) Tratando do barão de Porto-Alegre daremos adiante mais alguns detalhes sobre este feito de armas.

ram-se 2.734 mortos no nosso acampamento e 155 prisioneiros. A' vista do resultado desta empreza ficou Lopes obrigado á simples defensiva dentro de Humaytá e a fazer suas communicações com o interior da republica, pelo Chaco.

A 13 de janeiro de 1868, com a retirada de D. Bartholomeu Mitre para Buenos-Aires, assume Caxias pela segunda vez o commando em chefe dos exercitos alliados, data essa iniciadora do periodo das operações de grande vulto que enriqueceram as paginas da nossa historia militar, mudando completamente o andamento da guerra.

Como sabemos, a 19 do seguinte mez de fevereiro, uma divisão da nossa esquadra, formada dos encouraçados *Bahia, Tamandaré* e *Barroso*, acompanhados dos monitores *Pará, Rio Grande* e *Alagoas*, effectua heroicamente a passagem do Humaytá, debaixo de um fogo infernal, de centenas dos mais possantes canhões; feito o que subiram rio acima os nossos vasos de guerra affrontando as baterias do *Timbó*, conseguindo afinal pelas 10 horas do dia, lançar ferros em *Tajy*, onde o chefe Delphim Carlos de Carvalho, recebe com os seus dignos commandados a mais ruidosa manifestação das nossas forças de terra.

Quebrado assim o tradicional encanto da poderosa obra de guerra, segue-se logo depois a tomada do forte do *Estabelecimento* pelo intemerato barão do Triumpho, com a sua cavallaria e alguma infanteria; ordenando o marquez de Caxias ao transportar-se para o *Tajy* que dois dos nossos couraçados e um monitor subissem o rio Paraguay e fizessem um reconhecimento até *Azsumpção*, o realisou o chefe Delphim, que regressando a *Tajy* no dia 26, noticiou que soffrera apenas alguns tiros de fuzil partidos das barrancas do *Tibicuari*.

Logo a 27 occupa o marechal Victorino Monteiro a posição denominada *Laurelles*, ficando assim cada vez mais apertado o sitio de Humaytá, e o dictador, enraivecido por ver a presteza das medidas então tomadas pelo chefe brasileiro, manda dar abordagem em alguns dos nossos couraçados, por tropa escolhida que faz embarcar em canoas protegidas pelos *camalotes*. São, porém, mal succedidos, si bem que não lhes faltassem audacia e muita

bravura, ficando alem dos muitos mortos alguns prisioneiros.

Fazendo um simulado ataque geral em *Tuyu-cué, Espenilio, Bocaina* e *Linha Negra*, consegue Caxias a 21 de março, abrir uma picada que se prolonga até á represa do *Sauce,* collocando-se a cincoenta passos do inimigo um canhão bem flanqueado por tres batalhões de infanteria sob o commando do inesquecivel, bravo e perito coronel Fernando Machado. O inimigo sendo surprehendido, não pôde resistir por muito tempo ao assalto dos nossos valentes que se apossam desse ponto estrategico, rompendo assim o Caxias o terrivel *quadrilatero* que por tão longo periodo havia sustado o andamento das operações por parte dos alliados.

Como consequencia deste feito o dictador é forçado a concentrar suas forças em Humaytá, abandonando as posições de *Curapayti, Passo-Pocú*, *Angulo* e *Espinilio,* as quaes são sem demora occupadas e fortificadas pelos nossos.

Com o fim de apertar o cerco pela margem direita do Paraguay, manda Caxias que sejam occupadas duas posições no *Chaco*, entregando os seus respectivos commandos aos coroneis Falcão, com tropas brasileiras e Rivas com argentinas. Tenta o inimigo debalde desalojal-os dessas posições o que, em desespero de causa, levou o dictador a mais uma vez abordar os nossos encouraçados, a 9 de junho, perdendo sem proveito algum muitos dos seus intemeratos servidores.

Proseguia no seu desejo de apertar o cerco o general em chefe, quando a 15 de julho sabe que forças inimigas, passavam do Humaytá para o *Chaco*, pelo que resolve fazer um forte reconhecimento sobre a fortaleza, com o fim de, sendo possivel, tomal-a a viva força. Dadas as necessarias instrucções ao general Osorio e ao coronel Fernando Machado, procede aquelle ao dito reconhecimento por *Paré-cué* emquanto o marquez de Caxias com a infanteria de reserva apoia-lhe o movimento. Como era de esperar, chega Osorio até á contra-escarpa dos fossos mas soffrendo grandes baixas em suas fileiras pelo nutridissimo fogo das baterias e fusilaria dos sitiados, não pode trans-

pol-os e manda pedir novas ordens ao general em chefe sobre se devia *avançar ou recuar tendo já perdido tanta gente*. Respondeu-lhe o marquez *que fizesse o melhor*; *no caso de querer avançar elle* (marquez) *estaria alli para ajudal-o, mas se entendesse que devia voltar, podia fazel-o*. Recebendo esta resposta e continuando a soffrer consideraveis perdas, manda Osorio dar o toque de retirar.

O nosso prejuizo elevou-se a 1.031 homens fóra de combate, sendo 258 mortos, 773 feridos; ficou-se porém com a certeza de que em uma segunda investida *se poderia* tomar a famosa Humaytá, porque conhecidos se tornaram os obstaculos a vencer, o que não passou despercebidamente ao dictador que logo a mandou evacuar, transportando a 25 de julho toda a sua guarnição para o *Chaco*.

Occupada a praça, nella se encontraram 177 canhões, tres estativas de calibre 6, 90 carros de munição, polvora em grande quantidade e bandeiras. Em seguida determinou Caxias a passagem para o Chaco de uma respeitavel força com o fim de impedir a fuga total da guarnição da abandonada Humaytá.

Após longos nove dias de continuados combates, estreitamente sitiados e coagidos pela falta absoluta de alimentos, rendem-se afinal 1.307 dos bravos paraguayos, tendo morrido para mais de mil, conseguindo fugir apenas cêrca de 400.

Já se havia feito muito, porém mais se tornava preciso fazer, porquanto o dictador tinha conseguido escapar-se e fortificava-se em *São Fernando*, sobre o rio *Tebicuary*.

Deixando o marechal Argollo Ferrão em Humaytá, com o 2º corpo de exercito, seguem o general em chefe á frente do 1º corpo, e o general Osorio com o 3º, em perseguição do inimigo e a 28 de dezembro, o forte do *Passo Real*, do Tebicuary, rende-se á columna do barão do Triumpho, abandonando o dictador S. Fernando, tendo porém antes feito a horrenda matança de 358 dos seus compatriotas por elle indigitados como conspiradores.

Assim, emquanto transpõem os nossos o *Tebicuary*, dous encouraçados levam um reconhecimento até *Angustura*, passando e regressando o *Silvado* por diante das

suas fortificações. Continuando o exercito em sua marcha, ao chegar ao passo da *Laguna*, no *Surubihy*, o barão do Triumpho derrota uma força inimiga, e o general Ozorio a 1º de outubro procede a um rigoroso reconhecimento sobre os entrincheiramentos de *Pequiciry*, que se achava guarnecido com 71 canhões bem amparados pelos brejos e lagôas, tendo á direita as baterias de *Angustura*, que nesse interim é forçada pelos navios da nossa esquadra, que vão fundear entre ellas e Villeta.

Foi então que o marquez de Caxias determinou a construcção da obra até então julgada inexequivel pelo pessoal technico do dictador Solano Lopez: — a estrada estrategica pelos pantanaes do Chaco com 10.714 metros, levada a effeito em 22 dias, — graças á energia e proverbial actividade do marechal Argollo Ferrão, procedendo-se depois á passagem de todo o 2º corpo de exercito, do Chaco para a margem esquerda do Paraguay, na guarda ou posto de *Santo Antonio*, a 5 de dezembro de 1868.

Pela madrugada do dia seguinte marchava o general em chefe sobre Villeta, quando a nossa cavallaria da vanguarda ao atravessar a ponte de Itoróró, é fortemente hostilisada pela artilharia e fusilaria inimiga. E' que ao dictador logo que teve conhecimento do desembarque das nossas forças no Santo Antonio e não em Villeta como o fizeram suppôr, impoz-se a destruição ou occupação dessa ponte, e opinando por esta ultima operação, pelas 10 horas da noite desse mesmo dia 5 de dezembro, fez occupal-a convenientemente pelo general Caballero á frente de 3.500 dos seus mais valentes guerreiros.

Resolvendo o general em chefe tomar a todo transe a posição, travou-se uma das mais renhidas pelejas de toda essa guerra que merece a mais minuciosa descripção, não cabivel, infelizmente, nestas reduzidas paginas; diremos apenas que por seis vezes perdeu o inimigo a ponte e por outras tantas a reconquistou, vendo-se por fim o nosso general em chefe forçado a desembainhar a sua nunca vencida espada e carregar pessoalmente o inimigo á frente do 1º corpo de exercito, ficando a ponte definitivamente tomada e o inimigo forçado a recuar até Villeta, deixando seis boccas de fogo em nosso poder, como *recompensa* dos

enormes prejuizos que tivemos : — 2.416 homens fóra de combate, entre os quaes 22 officiaes mortos, em cujo numero se contavam o intrepido coronel Fernando Machado, major Eduardo Fonseca, Azevedo, Gabriel Guedes e outros commandantes. O inimigo teve um prejuizo de cerca de 1.500 homens entre os quaes perto de 400 mortos.

Proseguindo em sua marcha a 11, novamente teve o general em chefe de se enfrentar com a columna do valente general Caballero, habilmente disposta sobre as cochillas da margem esquerda do arroio *Avay*, que estavam guarnecidas com 8 boccas de fogo.

Atacado de frente e flanco pelas nossas columnas ao mando do legendario Osorio, não relutou o general paraguayo em empenhar-se na acção apezar do tremendo temporal que então cahia e mais o prejudicava que aos nossos, pela má qualidade do armamento da sua infanteria (pederneiras). Prolongou-se o combate e sendo o bravo Osorio ferido no queixo, retira-se do theatro da acção, sendo d'ahi em diante a luta dirigida pelo general em chefe que, com o 2º corpo do exercito, reforça as columnas combatentes. Cercados então os adversarios conseguem formar um grande quadrado, manobra imposta pela approximação das divisões de cavallaria do barão do Triumpho e de João Manoel, quadrado que retirando-se, cada vez mais se enfraquecia pelo grande numero de mortos victimas da constante fuzilaria auxiliada pela metralha dos nossos canhões. O general Caballero sendo cercado, consegue escapar-se com dois ajudantes apezar de perseguido por praças de cavallaria das referidas divisões.

Os 3.600 cadaveres deixados no campo attestaram com que tenacidade resistiram os bravos paraguayos ás columnas do exercito commandado pelo marquez de Caxias, tendo-se arrolado para mais de mil prisioneiros, cinco bandeiras, 18 boccas de fogo e muito armamento e munições de guerra. O nosso prejuizo foi de 773 homens fóra de combate, entre mortos e feridos.

Como consequencia immediata desta victoria seguio-se a occupação de Villeta que passou a ser d'ahi em diante uma das bases de operações dos exercitos alliados.

Desejando levar, o mais breve possivel, um ataque ás

posições do dictador do Paraguay, dirige Caxias em pessôa um reconhecimento sobre Lomas, *Cumbaraty*, dispondo as cousas para começal-o pelo *Piki-syry*. Na madrugada de 24 de dezembro, ordenou ao barão do Triumpho que contornasse a retaguarda do inimigo e ao fazel-o encontra-se este general no *Potrero Marmoré* com uma pequena columna paraguaya que derrota, tomando-lhe 3.000 cabeças de gado.

O general em chefe, ás 3 horas da tarde desse mesmo dia, manda dar o signal de ataque ás trincheiras de *Piki-syry* e o bravo João Manoel executou brilhantemente essa ordem, levando um rapido assalto de flanco áquella posição de que apossou-se, tomando alem disso 31 canhões, fazendo 230 prisioneiros, ficando no campo 600 mortos e feridos. Deste feito resultou o isolamento de *Angustura* e communicação directa das nossas forças com as que tinham ficado em *Falmas*.

Em acto continuo dirige Caxias pessoalmente o ataque contra *Lomas Valentinas*, onde achava-se o dictador; o primeiro reducto com 14 boccas de fogo foi logo tomado depois da mais heroica resistencia, soffrendo grandes perdas os atacantes que no entanto sustentam a posição. No dia 22 manda o marquez vir reforços e no dia seguinte intima a rendição ao dictador, no prazo de 12 horas; este a recusa e faz seguir uma força de 600 homens de cavallaria afim de apressar a vinda da columna de 3.000 homens commandada pelo seu ministro Caminos; no entretanto o infatigavel coronel Vasco Alves consegue matar 200 homens dessa força, aprisiona 300 e os poucos que restão fogem com destino a *Lomas*.

Depois de um prolongado bombardeio durante os dias 25 e 26, ordena o general em chefe o assalto no dia 27. Apparentando leval-o pela frente, contorna a posição pela retaguarda e dirige pessoalmente a nossa infanteria que depois de renhido combate consegue entrar no reducto principal, de onde Solano Lopez, cercado de alguns dos seus officiaes, consegue fugir em direcção a *Itá* e encontrando-se com a columna do seu meucionado ministro vae com ella para *Cerro Leon*, com o intuito de organizar nova resistencia.

Foi na tarde desse memoravel dia 27 de dezembro de 1868 que se apresentaram no meio da confusão dos paraguayos, diversos prisioneiros brasileiros e estrangeiros, entre os quaes o major Cunha Mattos.

Esta victoria deu logar a que fossem arrolados no campo de batalha os seguintes tropheos: 72 boccas de fogo, 2.000 prisioneiros, muito armamento e munições de guerra, bandeiras, e 8.000 mortos, tudo do inimigo. Seguio-se depois a inevitavel rendição de *Angustura* no dia 30, com 1.200 combatentes e 15 peças de artilharia, e a 5 de janeiro de 1869, fazia o marquez de Caxias a sua entrada triumphal em Assumpção «para onde de victoria em victoria tinha levado o exercito brasileiro e os dos alliados desde o acampamento mortifero de Tuyuty».

Tendo mandado seguir alguns navios da esquadra pelo *Mauduvirá*, em perseguição dos vapores que o inimigo pudesse ainda ter, fez tambem occupar *Luque*, a 2ª capital do Paraguay, e no dia 13 determinou a marcha de uma pequena columna para Matto-Grosso para levar as boas noticias e fortificar o *Fecho dos morros*.

Na sua ordem do dia de 14 de janeiro 1869, referindo-se Caxias aos feitos d'armas praticados no mez de dezembro, pelos quaes promoveu por actos de bravura a muitos dos seus dignos commandados, intercalou os seguintes periodos:

« Na minha ordem do dia de 20 de dezembro do anno proximo passado, disse eu aos meus camaradas *que o inimigo, vencido na ponte de* ITORORÓ *e no arroio* AVAHY, nos esperava na *Loma Valentina com os restos do seu exercito.*

«*Que marchassemos sobre elle, e que, com uma batalha mais, teriamos concluido nossas fadigas e provações. Que o Deus dos exercitos estava comnosco, que marchassemos para o combate que era certa a victoria, porque o general e amigo que vos guiava ainda não tinha sido vencido.* — O inimigo se achava na Loma Valentina com o resto do seu exercito, alli o atacamos, alli o derrotamos completamente.

« O Deus dos exercitos não nos desamparou nem a bravura e intrepidez dos meus camaradas consentiram que fosse vencido o general e amigo que á sua frente se achava.

A guerra chegou ao seu termo, e o exercito e a es-

quadra brasileira podem ufanar-se de haver combatido pela mais justa e santa de todas as causas. »

Por outra ordem do dia de 18, por se achar doente e precisar de mudança de clima, declara *deixar com saudade as forças sob seu commando entregues ao marechal de campo Guilherme Xavier de Souza, até que restabelecido volte para o exercito,* e, estando em Montevidéo publica a sua ultima ordem do dia, a 9 de fevereiro, declarando que, por se achar gravemente enfermo, e ter obtido licença para tratar-se na sua patria separa-se do exercito que coube-lhe a honra de commandar, com o coração opprimido pela dôr que sentia dirigindo-lhe os seus adeuses e que, restabelecendo-se de seus encommodos, promettia voltar para ajudal-os na ardua campanha em que estavamos empenhados.

Chegando á côrte, a 15, por decreto de 20, tudo ainda de fevereiro, foi condecorado com a medalha de merito militar em attenção á sua distincta bravura nos combates dados contra as forças paraguayas, já o tendo sido no anno anterior com a gran-cruz das ordens de D. Pedro I e do Cruzeiro, sendo, a seu pedido, demittido do commando em chefe das forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguay por decreto de 23 de março e louvado pelo imperador pelos relevantes serviços que nesse commando prestou ; sendo-lhe então concedido o titulo de — Duque de Caxias.

Acha-se comprehendido o seu respeitavel nome nas felicitações que a assembléa provincial do Rio Grande do Sul, em sessão de 12 de julho de 1869, fez ao exercito e armada em operações no Paraguay, e na qual especialisa o nome do impeterrito — Duque de Caxias — «que tantas e tão brilhantes provas tem dado ao pavilhão nacional em os dias gloriosos de sua gloriosa existencia ».

A camara dos deputados em sessão de 5 de junho do mesmo anno deliberou que se consignasse na acta um voto de felicitação e reconhecimento ás forças brasileiras em operações no Paraguay e ao inclyto — Duque de Caxias «que com tanta proficiencia e valor as dirigio nos diversos combates onde alcançaram gloria immorredoura para a Patria e para ellas renome e gratidão do paiz» ao que, quando disso lhe deram conhecimento, respondeu

o benemerito brasileiro que pela sua parte cumpria-lhe asseverar que essa moção «lhe enchêra a medida dos seus mais ardentes desejos, por importar a certeza de que o seu paiz estava satisfeito DELLE, pois reconhecia que cumprira seu dever como cidadão e soldado.»

Por decreto de 12 de outubro de 1870 teve a nomeação de conselheiro de estado, que exerceu cumulativamente, com outras commissões militares, com a mais reconhecida proficiencia, sendo por outro decreto de 25 de junho de 1875, nomeado pela terceira vez ministro da gnerra e presidente do conselho de ministros, cargos estes que exerceu até 5 de jaueiro de 1878, data do decreto que delle o dispensou conforme solicitára, occupando-se desde então apenas com os seus cargos de conselheiro de estado e de guerra e de senador.

Sentindo aggravados os seus padecimentos retirou-se para a fazenda de Santa Monica, na estação do Desengano da «Estrada de Ferro Central», onde deixou de existir no dia 7 de maio de 1880.

No dia seguinte, ás 5 horas e 45 minutos da tarde, em trem especial chegava á estação do campo de Santa Anna o seu cadaver com o seu mais modesto uniforme de marechal do exercito — onde foram collocadas duas apenas das suas numerosas condecorações — a de merito militar e a geral da campanha do Paraguay.

Da fazenda á estação do Desengano — o ataúde tinha sido conduzido a mão e o acompanharam até esta capital diversas pessoas gradas e o barão e baroneza de Santa Monica seu genro e filha.

Do wagon para o coche conduziram o caixão seis praças de pret do 1º e do 10º batalhões de infanteria, seguindo o prestito para sua residencia á rua do conde de Bomfim n. 18, onde se acha actualmente o club da Tijuca, predio este que muito merecia ser adquirido pelo poder competente afim de que nelle funccionasse qualquer outra associação que não uma sociedade dansante e carnavalesca.

O enterro do grande general brasileiro realisou-se ás 9 1/2 horas da manhã do dia 10 de maio, sem as devidas honras militares, que as dispensára em seu testamento,

sendo ainda o feretro levado ao coche imperial por seis soldados do exercito, seguindo o immenso prestito para o cemiterio de S. Francisco de Paula (em Catumby), onde deu entrada ás 11 horas, por entre alas do alumnos da escola polytechnica e militar e de officiaes e praças do exercito.

Ao descer o caixão á sepultura o inesquecivel visconde de Taunay, então major do exercito, pronunciou um bem significativo discurso que assim terminava :

..... « Carregaram o seu feretro seis soldados razos ; mas, senhores, esses soldados que circumdão agora a gloriosa cóva e a voz que se levanta para falar em nome delles, são o corpo e o espirito de todo o exercito brasileiro. Representão o preito derradeiro de um reconhecimento inextinguivel que nós militares, de norte a sul deste vasto imperio, vimos render ao nosso velho marechal que nos guiou como general, como protector, quasi como pae durante quarenta annos ; soldados e orador, humildes todos em sua esphera, muito pequenos pela valia propria, mas grandes pela elevada homenagem e pela sinceridade da dôr. »

Desenove annos depois, isto é, a 15 de agosto de 1899, foi solemnemente inaugurada a sua estatua, á praça *Duque de Caxias*, antigo largo do Machado, desta capital ; monumento este levantado com o producto de uma subscripção popular «afim de perpetuar a gratidão da nação do Brasil e a memoria das suas virtudes civicas e militares e dos altos feitos com que engrandeceu a patria na paz e na guerra ».

Luiz da França Pinto Garcez

No decorrer do anno de 1799, nasceu em Lisboa, Luiz da França Pinto Garcez, que a 21 de setembro de 1811 verificou praça voluntariamente no esquadrão da legião de caçadores da Bahia e foi reconhecido 1º cadete, por ser filho legitimo do general Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França.

Tendo obtido transferencia para o 1º regimento de cavallaria da côrte em 1813, depois de apresentado obteve

permissão para matricular-se na academia militar, onde se achava estudando o ultimo anno do curso de sua arma quando ao ter noticia da revolução republicana de Pernambuco, em 1817, offereceu-se para seguir com as forças mandadas para a mesma provincia, sendo por decreto de 14 de abril do mesmo anno promovido a alferes para o seu regimento.

Durante a marcha das alludidas forças teve a nomeação de assistente do ajudante-general, e por decreto de 6 de outubro, ainda de 1817, foi graduado no posto de tenente.

Regressando á corte, por decreto de 6 de outubro de 1818 foi promovido á effectividade de posto de tenente ajudante do 1º regimento de cavallaria.

Por despacho da repartição da guerra de 20 de julho do anno seguinte foi nomeado ajudante de ordens do marechal inspector de cavallaria e tropas ligeiras da provincia da Bahia, sendo por decreto da mesma data promovido a capitão para o estado-maior do exercito.

Chegando á alludida provincia, foi encarregado da instrucção dos differentes corpos, dentro e fóra da capital.

Por occasião da guerra da independencia apresentou-se ao brigadeiro Pedro Labatut, que o empregou no exercito de seu commando, como ajudante de ordens e tambem o encarregou da instrucção geral dos corpos de cavallaria, organizados por ordem do referido brigadeiro, que por taes serviços lhe concedeu a graduação de major.

Em commissão de caracter reservado deixou o acampamento do exercito e apresentou-se na côrte ao principe D. Pedro de quem, depois de haver exposto qual o fim da sua commissão, recebeu palavras elogiosas e ordem para regressar por terra ao referido acampamento servindo de guia ao «Batalhão do Imperador» que, como sabemos tomou parte na guerra da independencia. Chegando ao acampamento, em ordem do dia do commando em chefe foi louvado pelo zelo e intelligencia com que se desempenhou de taes commissões.

Logo depois da entrada das tropas brasileiras na capital da Bahia, a 2 de julho de 1823, teve ordem de organizar e instruir o esquadrão de cavallaria de 1ª linha,

conseguindo em pouco tempo apresentar em parada luzidamente fardado e disciplinodo o referido esquadrão, para o qual por decreto de 29 de abril de 1824 foi promovido a major commandante.

A 24 de dezembro de 1825, com o esquadrão de seu commando, embarcou com destino ao exercito em operações no sul do imperio, sendo por decreto de 30 de janeiro do anno seguinte graduado no posto de tenente-coronel.

Chegando ao Rio Grande do Sul incorporou-se com o dito esquadrão a uma das brigadas de cavallaria pertencentes áquelle exercito, com o qual tomou parte na batalha ferida no Passo do Rosario á 20 de fevereiro de 1827, onde se portou de modo a merecer ser elogiado como se vê do seguinte documento;

«Joaquim Claudio de Barbosa e Pitta, commendador da ordem Militar de S. Bento de Aviz, condecorado com as medalhas da guerra peninsular e das campanhas do sul, coronel e commandante do 6º regimento de cavallaria de 1ª linha, e da 2ª brigada do exercito do sul etc.—Em consequencia de despacho do Illm. e Exm. sr. visconde da Laguna tenente-general e commandante em chefe do exercito, attesto que o Illm. sr. Luiz da França Pinto Garcez, tenente-coronel e commandante do esquadrão da Bahia que fazia parte da 3ª brigada que eu commandava na acção do dia 20 de fevereiro do anno proximo passado, foi este official digno como os mais commandantes dos corpos que a compunham, de ser louvado pela ordem da mesma de 22 de dito mez pelo acerto, e promptidão com que comprio as minhas ordens durante o fogo, conduzindo o corpo de seu commando de uma maneira louvavel, dando o melhor exemplo pela bôa apparencia e attitude militar, conservando-se assim todo o combate; sendo por mim recommendado este official a pár dos outros da mesma brigada a quem S. M. Imperial foi servido agraciar. E por ser verdade o que referi mandei passar o presente que assigno, deixando de ser sellada com o sinete de minhas armas por haver este ficado em Montevidéo. Campo volante na estancia do Rasgado, 15 de fexereiro de 1828— *Joaquim Claudio de Barbosa e Pitta*».

Por decreto de 12 de outubro de 1828 foi promovido

á effectividade do posto de tenente-coronel, e finda a campanha recolheu-se com seu esquadrão á provincia aa Bahia.

Por despacho de 13 de março de 1830 foi nomeado commandante das armas da provincia de Sergipe, sendo desligado do esquadrão que commandava afim de seguir a seu destino, não o tendo, porém, feito por haver solicitado dispensa dessa commissão que lhe foi concedida por despacho de 23 de setembro do mesmo anno. Continuando a servir na guarnição da Bahia, passou a commandar interinamente o 3º batalhão de caçadores de 1ª linha a 15 de maio de 1833, sendo por decreto de 22 de outubro do mesmo anno nomeado commandante effectivo do dito batalhão.

Pela ordem do dia de 26 de maio de 1835 assumio interinamente o commando das armas da provincia, e por decreto de 23 de julho do mesmo anno foi confirmado nesse commando que ainda exercia por occasião da revolução denominada *Sabinada*, cujos preliminares são narrados pelo conhecido chronista Gonzaga Duque do seguinte modo :

«Pouco depois, em 7 de novembro, ao cahir da noite, constou pela cidade que a guarnição da fortaleza de S. Pedro tinha-se sublevado. O governador Souza Paraizo mandou chamar immediatamente o commandante das armas coronel Luiz da França Garcez, e com elle combina a reacção. Pela manhã seguinte marcha o coronel para o forte em cuja proximidade fez alto, destaca emissarios para entenderem-se com os revoltosos aos quaes intima a deporem armas, mas, pasmo e vexado, vê seus soldados bandearem-se para o inimigo. A primeira partida estava ganha.

«Encorajados pelo successo, sahiram os rebeldes a tomar conta do largo do Palacio. Apenas teve noticia da marcha dos rebeldes o governador de mais nada cuidou, correu para bordo de um vaso de guerra donde partio para o reconcavo, sempre seguido pelo commandante Garcez. A fuga das principaes autoridades da provincia entrega aos revoltosos a posse da capital. Reunem-se os chefes do movimento, questiona-se as medidas urgentes e nomeia-se um directorio, sendo eleitos: presidente, Innocencio da

Rocha Galvão, qne se achava ausente nos Estados-Unidos; vice-presidente, João Carneiro da Silva Rego; secretario dr. Sabino Vieira e commandante das armas Sərgio José Velloso. No dia 11 do mesmo mez o vice-presidente convoca a camara e declara que a Bahia ficaria independente até a maioridade do sr. d. Pedro II.» (*)

E como do resto desta narração se deprehende haver ficado completamente inactivo o commandante das armas tenente-coronel Luiz da França lhe accrescentaremos, é nosso dever, os seguintes periodos para bem da verdade historica, hauridos em documentos authenticos:

Progredindo a revolução tomou elle em Pirajá o commando das forças legaes, tendo conseguido crear um exercito regular formado com pequenos e tardios contingentes, e com o pouco material que pôde adquirir e a despeito das maiores neccessidades e entraves, conseguio elevar esse exercito a uma attitude respeitavel, guarneceu diversos pontos de defesa onde bateu os revoltosos em muitas e successivas occasiões, quando por elles atacados, notando-se os memoraveis combates de 17 e 18 de fevereiro de 1838, nos quaes, depois de 48 horas do mais vivo fogo os desalojou de cinco das suas mais fortes posições, sendo de tal modo maltratados que jamais ousaram levar novos ataques ás posições dos legalistas. D'ahi por diante manteve-se o tenente-coronel Luiz da França sempre vigilante e respeitado pelos rebeldes até que nesse commando foi substituido 23 do referido mez de fevereiro pelo marechal de campo João Chrysostomo Callado, nomeado commandante das armas e de todas as forças imperiaes em operações na provincia da Bahia, passando então a exercer até á pacificação da provincia o cargo de ajudante-general das alludidas forças imperiaes.

Ainda sobre os factos acima narrados convém seja aqui reproduzida a seguinte ordem do dia firmada pelo tenente-coronel José Joaquim Coelho:

«Quartel do commando das armas, 17 de setembro de 1838— Ordem addicional do dia de hoje— O commandante das armas tem a maior satisfação em publicar á

(*) *Revoluções Brasileiras*, pag. 171.

guarnição o accordão do integro Tribunal da Relação, que por cópia lhe foi remettido pelo exmo. sr. presidente da provincia a 15 do presente mez, no qual foi julgado illeso de culpas o sr. tenente-coronel de 1ª linha Luiz da França Pinio Garcez, accusado em responsabilidade como commandante das armas, pela noite de 6 de novembro do anno proximo findo, e manhã seguinte quando rompeo a nefanda revolta que por mais de 4 mezes cobrio de luto esta bella capital; e conta que todos os distinctos e bravos militares a quem tem a honra e fortuna de commandar, com elle se congratularão pelo justo e feliz resultado de um processo que tanto brilhantismo addiciona aos muitos e importantes serviços com que este brioso militar, e nosso digno companheiro de armas, se havia enobrecido em Pirajá, tanto na creação e organização do do exercito da legalidade que pouco depois debellou a hydra da anarchia, como na direcção e bom exito dos muitos ataques em que sempre foi visto intrepido, activo e assaz corajoso.»

Pelo accordão acima citado o Tribunal da Relação da Bahia em 6 de setembro de 1838 julgaou improcedente a denuncia do crime de responsabilidade imputado ao tente-coronel Luiz da França na qualidade de commandante das armas por occasião da revolta, visto não se provar ter elle commettido falta ou negligencia no cumprimento dos seus deveres, pelo que, por decreto de 2 de dezembro do anno seguinte, teve a promoção ao posto de coronel para o estado-maior do exercito, sendo logo depois chamado á côrte em objecto de serviço.

Em fevereiro de 1841 marchou para o Rio Grande do Sul, commandando uma brigada de infanteria, e alli chegando assumiu interinamente o commando de uma divisão do exercito em operações, e por decreto de 2 de dezembro do mesmo anno foi graduado no posto de brigadeiro.

Depois de ter servido quasi dous annos nessa guerra fratricida, regressou á côrte a 8 de maio de 1845, de onde partiu para a Bahia afim de inspeccionar o corpo provisorio da guarda nacional, que devia ser dissolvido depois dessa inspecção e, concluindo esta commissão

mereceu louvores pela intelligencia com que a desempenhára, passando a 7 de junho do mesmo anno a exercer o cargo de inspector dos corpos de 1ª linha da mesma provincia.

Por decreto de 15 de novembro de 1846 foi promovido á effectividade de posto de brigadeiro, continuando na mesma provincia, sendo escolhido a 26 de fevereiro de 1853 para presidir o conselho administrativo de compras para o fornecimento do arsenal de guerra.

Por despacho de 2 de dezembro de 1861 teve a graduação de marechal de campo, e por se achar doente requereu ser reformado ; e porque a respectiva junta o considerasse incapaz de continuar no serviço activo, por decreto de 14 de outubro de 1862 foi reformado no posto de tenente-general com o respectivo soldo, de conformidade com a lei.

O tenente-general Luiz da França Pinto Garcez, fidalgo cavalleiro da extincta casa imperial, guarda roupa da mesma, commendador das ordens de São Bento de Aviz e de Christo, cavalleiro da do Cruzeiro e condecorado com a medalha de distincção da guerra da independencia, falleceu na Bahia a 3 de novembro de 1863. Os seus restos mortaes se achão depositados na matriz de Pirajá, ao lado dos do marechal Pedro Labatut e de outros militares que figuraram nas luctas pela independencia do Brasil.

Luiz Manoel de Lima e Silva

Nascido a 29 de agosto de 1806, na cidade do Rio de Janeiro — Luiz Manoel de Lima e Silva verificou praça no 1º regimento de infanteria de linha da referida cidade, a 17 de novembro de 1810, sendo reconhecido cadete de 1ª classe, por ser filho do marechal de campo José Joaquim de Lima e Silva.

Por decreto de 12 de outubro de 1822 foi promovido a alferes ; achando-se matriculado na academia militar foi approvado nas materias do primeiro anno do curso mathematico.

Promovido a tenente para o 2º batalhão de caçado-

res, por despacho de 19 de outubro de 1823, marchou no anno seguinte para o norte fazendo parte da — divisão cooperadora da bôa ordem — e, chegando a Pernambuco, tomou parte no tiroteio do «Engenho de Sant'Anna» e nos ataques geraes da tomada dos bairros da Boa-Vista e do Recife.

Recolhendo-se á côrte, recebeu a medalha de distincção concedida aos que fizeram a campanha contra os revolucionarios da referida provincia, e, por decreto de 18 de outubro de 1825, foi promovido a capitão para a 5ª companhia do 3º batalhão de caçadores.

Nesse mesmo anno marchou para o Rio Grande do Sul a incorporar-se ao exercito em operações contra o dos republicanos do Rio da Prata.

A 20 de fevereiro de 1827, na batalha pelejada no Passo do Rosario, com o seu batalhão fez parte da heroica 1ª brigada de infanteria que soube resistir ás successivas cargas da cavallaria inimiga, dizimando as fileiras dos seus esquadrões, e retirando-se em a mais perfeita ordem e disciplina, como se estivesse manobrando em um campo de parada. No ataque do «arroio do meio» á 12 de outubro do anno seguinte, em que tomou parte, mereceu louvores dos seus superiores.

Depois da paz estabelecida pela convenção preliminar de 27 de agosto de 1828, regressou ao Rio de Janeiro, onde se conservou com o seu batalhão até que, nomeado secretario do commando das armas da côrte, por decreto de 12 de setembro de 1837, foi promovido a major, ficando avulso.

Em agosto de 1841 passon a commandar o 9º batalhão de caçadores com o qual marchou no mez seguinte para a provincia do Rio Grande do Sul, onde entrou em operações na campanha contra os revolucionarios da mesma provincia.

Por decreto de 27 de maio de 1842 foi promovido a tenente-coronel commandante do referido 9º de caçadores. No anno seguinte assistiu ao tiroteio de Vaccaquá, a 13, e tomando parte na acção de Ponche Verde, pelejada a 26, tudo de maio, foi mencionado o seu nome em

ordem do dia do commando em chefe, pela distincção com que se portou durante a mesma acção.

Por decreto de 14 de março de 1844 teve a graduação de coronel, e por outro de 23 de julho do mesmo anno foi nomeado official da ordem da Rosa, pelos seus serviços contra a rebellião do Rio Grande do Sul.

Passou a commandar a guarnição da villa do Rio Pardo em agosto e, declarada a pacificação da provincia, deixou o dito commando e marchou com o seu batalhão, então 7º de caçadores, para Porto-Alegre.

Por decreto de 2 de dezembro de 1845 foi elevado a commendador da ordem da Rosa.

Em 1848 embarcou em Porto-Alegre com o referido batalhão com destino á provincia das Alagoas; desembarcando nesta capital, foi inspeccionado pela junta medica que o declarou incapaz de continuar a viagem á vista do seu precarlo estado de saude, sendo-lhe concedida a licença necessaria ao seu restabelecimesto,

Por decreto de 27 de agosto de 1849 foi promovido a effectividade do posto de coronel ; regressando ao Rio Grande do Sul, a 5 de março de 1850, assumio o commando da guarnição de Porto-Alegre.

A 31 de julho do anno seguinte deixou este commando por ter sido mandado servir no exercito em operações contra o governo da Republica do Uruguay em o qual lhe foi dado o commando da 11ª brigada de infanteria e da guarnição da villa de Caçapava. Em junho de 1852 foi exonerado desse commando, para reassumir o da garnição de Porto-Alegre.

Por decreto de 29 do seguinte mez de julho foi nomeado commendador da ordem de São Bento de Aviz, e por outro de 18 de junho de 1853 foi promovido a brigadeiro, sendo nomeado commandante superior da guarda nacional do municipio da capital do Rio Grande do Sul, por despacho de 22 de novembro do mesmo anno, cargo este que occupou até que, por motivo de molestia, foi reformado no posto de marechal de campo, conforme se vê do decreto de 4 de maio de 1864.

Durante a invasão paraguaya, exerceu o marechal Lima e Silva o alto cargo de membro da Junta Militar de

Justiça, no Rio Grande do Sul, do qual foi dispensado a 12 de fevereiro de 1867, por ter a mesma junta sido mandada funccionar em territorio estrangeiro.

O marechal de campo Luiz Manoel de Lima e Silva falleceu em Porto-Alegre a 23 de julho de 1873.

Temos noticia de que alem de umas ordenanças para a arma de infanteria, escreveu logo depois da campanha de 1828, com o titulo de ANNAES DO EXERCITO BRASILEIRO, a historia circumstanciada dessa guerra, que dedicou ao imperador D. Pedro 2º.

Luiz Philippe Maria Fernando Gastão d'Orleans

(Conde d'Eu)

Filho do duque de Nemours, o principe conde d'Eu nasceu em França a 28 de abril de 1842, iniciando ahi os estudos primarios com 6 annos de idade ; em consequencia porém dos acontecimentos politicos que se deram no periodo de 1848 a 1852 teve de interrompel-os, visto o seu progenitor ter sido, mais uma vez, obrigado a expatriar-se.

Demonstrando vocação pela nobre carreira das armas, a 15 de dezembro de 1859 alistou-se no exercito hespanhol como official subalterno, seguindo dias depois para a campanha da Africa.

Tendo por commandante em chefe o general D. Leopoldo O'Donnel, conde de Lucena, que deixára a presidencia do conselho de ministros para assumir aquelle cargo, após a declaração da guerra em 22 de outubro ds referido anno, o principe conde d'Eu militando na arma de cavallaria tomou parte no anno segninte no combate de 31 de janeiro e ua batalha decisiva de 4 de fevereiro que assegurou a tomada de Tetuan a 6 do mesmo mez. Nessa batalha tornou-se por demais saliente na brilhante carga que acarretou a victoria, merecendo ser condecorado no proprio campo da acção pelo commandante em chefe, com a medalha de 1ª classe da ordem hespanhola de São Fernando.

Proseguindo o exercito em a sua marcha victoriosa, com elle assistio a brilhante acção de *Sousse* pelejada a 11

de março e tomou parte na batalha de Guadrós a 23 do mesmo mez «tornando-se mais uma vez notavel pela sua intrepidez e bravura, espirito reflectido e sangue frio».

Tendo chegado a Tanger com o glorioso exercito hespanhol e, restabelecida a paz no Estado de Marrocos, regressou ao continente européo, onde proseguindo em seus estudos no collegio militar de Segovia, completou com as melhores notas o curso technico da arma de artilharia, sendo-lhe passada a patente de capitão da mesma arma.

Convidado pelo imperador D. Pedro II a consorciar-se com sua filha, a princeza imperial D. Izabel, acceitou tão honrosa escolha e, partindo da Europa a 9 de agosto, chegou a esta capital a 2 de setembro, de 1864.

Pelo seu enlace matrimonial com a referida princeza, cujo acto solemne teve lugar a 15 do seguinte mez de outubro, estipulou-se que ficaria o joven principe, conde d'Eu fazendo parte do exercito brasileiro, conforme se vê das seguintes clausulas do artigo addicional do seu contracto de casamento :

« Um projecto de lei será apresentado ás camaras na primeira sessão para o fim de se conferir a S. Alteza Real o Conde d'Eu, o posto effectivo, cujas honras lhe houvesse sido outorgadas por Sua Magestade o Imperador, e das quaes não será privado na hypothese da ultima parte deste artigo.

« Outro projecto de lei será tambem apresentado pelo governo á assembléa geral na primeira sessão dispondo o seguinte :

« Quando Sua Alteza Real o Conde d'Eu, viuvo e sem filhos, deixe o imperio, sem a obrigação prescripta no artigo 17, renunciará a effectividade do posto, não conservando das vantagens do mesmo artigo 17, senão a quarta parte da dotação do art. 6º »

Foi em virtude destes actos que por decreto do referido dia 15 de outubro de 1864 o Sr. D. Pedro II «querendo dar uma prova do alto conceito dos seus merecimentos houve por bem conferir-lhe o posto honorario de marechal do exercito, com todas as honras, isenções, regalias e privilegios, que competem ao mencionado

posto» ; e do qual teve a effectividade por decreto de 27 de julho do seguinte anno de 1865, sem prejuizo do quadro, nos termos da lei n. 1.252 de 8 do mesmo mez.

Nesse mesmo anno a 1º de agosto seguiu o marechal conde d'Eu para o Rio Grande do Sul, onde fazendo parte da comitiva do imperador, assistiu a 18 de setembro á rendição das forças paraguayas que se achavam de posse da então villa de Uruguayana.

Regressando a côrte, por decreto de 19 de novembro foi nomeado commandante geral da arma de artilharia, cumulativamente, segundo a lei, com o cargo de presidente da commissão de melhoramentos do material do exercito, e por aviso de 18 de dezembro, ainda do referido anno de 1865, assumiu a presidencia da commissão nomeada na mesma data «para compulsar e rever as regras de policia, administração e disciplina dos corpos do exercito em vigor e em uso, e mais legislação concernente ao mesmo exercito e estabelecimentos militares, inclusive a legislação penal.»

Esta commissão comportava seis secções para as quaes, além de dois generaes vice-presidentes, e um tenente-coronel secretario, foram nomeados mais de 15 membros sendo escolhidos entre os militares de altas patentes, medicos, desembargadores e jurisconsultos de reconhecida illustração, taes como o Barão de Souza Fontes, Visconde do Rio Branco, Candido Borges Medeiros, Calazans Rodrigues, Magalhães Castro, Thomaz Alves Junior, etc.

Não sabemos, porém, se existe em alguma dependencia do ministerio da guerra o desejado resultado, que seria, actualmente, um dos melhores subsidios para a consolidação da legislação militar ora a cargo da repartição do estado-maior do exercito.

Sabemos, porém, que a commissão perdurou por mais de doze annos, pois só foi dissolvida por aviso de 26 de abril de 1878.

Tendo sido concedida ao duque de Caxias, por motivo de molestia, a exoneração que pedira do commando em chefe de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguay, por decreto de 22 de

março de 1869 foi nomeado para o mesmo cargo o marechal do exercito conde d'Eu.

Investido de tão importante cargo, seguiu a 30 do mesmo mez para o theatro da guerra, no paquete *Alice* convidando para acompanhal-o os generaes Polydoro Jordão, Fonseca Costa e visconde do Herval, que se achavam, este no Rio Grande do Sul, convalescendo do honroso ferimento que recebera em *Avay* e aquelles nesta capital.

A 14 de abril, tendo tocado em Montevideo a 5, e em Buenos-Aires a 7, chegou o conde d'Eu a Assumpção, e a 16 assumiu em *Luque* o commando do exercito, publicando a seguinte ordem do dia .

« Nomeado, por decreto imperial de 22 de março proximo passado, commandante em chefe de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguay, assumo neste dia tão espinhoso cargo.

« Nas heroicas tropas que se acham reunidas sob meu commando tem posto o Brasil suas mais caras esperanças.

« Cabe-nos por um ultimo esforço conseguir plenamente o fim que pôz a nação brasileira as armas na mão; restituir á nossa querida patria a paz e a segurança indispensaveis ao pleno desenvolvimento de sua prosperidade.

« Tendo em mente tão sagrados objectos, cada um de nós cumprirá sempre seu dever.

«Volta hoje o anniversario do dia em que, guiados por um general de inexcedivel heroismo, effectuastes em presença do inimigo uma das mais atrevidas operações militares (*)

« As innumeras provas de bravura e resignação que depois como antes desse dia sempre memoravel, tem dado o exercito, a armada, os voluntarios da Patria e a guarda nacional, têm feito brilhar as armas brasileiras de uma gloria immorredoura.

« O Deus dos exercitos não ha de permittir que seja perdido o fructo de tantos sacrificios e de tanta perseverança.

(*) Referia-se á passagem do Paraná realisada por Osorio e de que detalhadamente trataremos mais adiante.

« Elle coroará mais uma vez os nossos esforços e os de nossos leaes alliados ; um triumpho definitivo firmará em quatro nações os beneficios da paz e liberdade ; e victoriosos tornaremos a vêr o ceu ameno da patria.

« Camaradas ! Prompto me achareis sempre a advogar perante os poderes do Estado os vossos legitimos direitos.

« Obrigado, quando menos esperava, a vir tomar o logar dos generaes cuja experiencia vos tem conduzido por entre as provanças de uma prolongada guerra, confio que encontrarei em cada um de vós a mais cordial cooperação.

« Ella me habilitará a cumprir com todas as obrigações da ardua commissão que me tem imposto minha entranhavel dedicação á grandeza do Brasil.

« Viva a nação brasileira !

« Viva S. M. o Imperador !

« Vivam os nossos alliados !

« *Gastão d'Orleans,* Commandante em chefe. »

Reorganizando as forças imperiaes de terra, deu o commando do 1º corpo do exercito ao legendario Osorio, ainda ausente ; o do 2º ao marechal Polydoro Jordão ; os das duas primeiras divisões de infanteria aos generaes Salustiano dos Reis e José Auto da Silva Guimarães, e das tres de cavallaria encarregou os brigadeiros João Manoel Menna Barreto, José Antonio Corrêa da Camara e Vasco Alves Pereira.

O cargo de chefe do estado-maior continuou a ser exercido pelo brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa, e o commando geral da artilharia pelo coronel Emilio Luiz Mallet.

As forças navaes ficaram constituidas em duas divisões, uma das quaes, commandada pelo chefe Victorio José Barbosa da Lomba, devia vigiar o rio Paraguay até Matto-Grosso.

Incontinenti mandou restabelecer a linha ferrea e telegraphica, para o serviço do exercito, determinando a construcção de um reducto bem artilhado para a defesa da ponte do *Juquery*,

Ao capitão de fragata Jeronymo Gonçalves encarre-

gou da exploração do rio *Manduvirá*, que foi por elle explorado até cerca de meia legua áquem da villa de *Caraguatay;* no seu regresso, porém, teve de bater uma partida de 1000 paraguayos, que com duas boccas de fogo pretenderam embargar-lhe o passo de *Guarayo*, e só depois de muito esforço para destruir obstaculos e torpedos postos no rio pelos inimigo, conseguiu fundear a 29 de abril na bocca do Manduvirá.

Tendo expedido ordem para deixar a *Tranqueira de Loreto* a divisão do general Portinho, mandou o marechal conde d'Eu, a 4 de maio, fazer um reconhecimento na *Patinho-Cué* e estradas para o *Itanguá*, bem assim ordenou ao brigadeiro Corrêa da Camara, que, com a sua divisão, seguisse para o norte do *Jejuy* afim de bater as forças do major Galeano.

Nessa mesma occasião ordenára ao coronel oriental Hyppolito Coronado a destruição da fabrica de ferro que o inimigo mantinha no *Ibicuy*, o que elle conseguiu, tendo assim o ensejo de pôr em liberdade 150 prisioneiros, que ahi eram obrigados a penosos trabalhos, sendo muito maltratados.

Dadas estas ordens seguiu para o *Pirayú*, que ia servir de ponto de partida para a chamada *Campanha das Cordilheiras*, e ahi estabeleceu o seu quartel-general, de onde teve a satisfacção de vêr em pouco tempo em nosso poder, pela boa execução dada aos seus planos estrategicos, toda a linha ferrea e valle do *Pirayú*, inclusive o acampamento de *Cerro-Leon*, conquistado pelo intrepido riograndense coronel Manoel Cypriano de Moraes, depois brigadeiro honorario.

Perto do *Tupipuitan*, a 30 de maio conseguio o brigadeiro Camara derrotar o chefe Galeano, matando-lhe 500 homens e tomando-lhe 15 boccas de fogo, 3 estandartes, armamentos, carretas e alguns prisioneiros.

De posse de tão promissoras noticias, manda o conde d'Eu a 1º de junho sobre Villa-Rica o brigadeiro João Manoel Menna Barreto, que dahi devia retroceder com destino ao *Ibicuhy*. Em sua marcha consegue este chefe derrotar uma partida de 600 paraguayos, que a 13 se achavam na entrada da picada da *Sapucaia*, matando para mais

de 200 homens; o general paraguayo, Caballero, consegue porém isolar da columna de João Manoel os esquadrões commandados pelos distinctos chefes Bento Martins e Chananeco.

Retira-se João Manoel em busca do *Paraguary* e os dois chefes rio-grandenses, depois de se terem internado pelos sertões, onde passaram as mais duras privações, correndo riscos extraordinarios, conseguem difficilmente chegar ao acampamento a 19 de junho, com o prejuizo apenas de tres dos seus, victimados pela mandioca-brava que inconscientemente comeram.

Na previdencia de qualquer movimento que pudesse surgir ao sul da zona destinada ás suas operações, determinou a conde d'Eu que seguisse uma esquadrilha, sob o commando do chefe Lomba, pelo *Tebicuary* acima; a 24 de junho faz este chefe passar, no passo do *Jará*, para a margem esquerda do *Tebicuary* a divisão do general Portinho, que dias antes havia derrotado uma força de 1.800 homens do coronel Vernal, ficando o referido general no passo do *Fleitas* de observação e á espera de ordens.

Continuando com os seus proveitosos reconhecimentos, conseguio o conde d'Eu apossar-se de todas as estradas e picadas que iam ter ás posições de *Altos, Ascurra, Peribebuy, Valenzuela,* margens da lagôa *Ipacaray* e rio *Salado*. Lopez achava-se em Peribebuy, tendo a sua retaguarda para *Caraguatay,* onde se achavam os poucos navios da sua desmantelada esquadra.

Firmada em *Pirayú* a nossa base de operações e obtido os necessarios pontos estrategicos, prosegue o conde na campanha derrotando logo no desfiladeiro da *Sapucaya* uma força inimiga, da qual foram tomadas duas boccas de fogo, batendo outras pequenas partidas inimigas, até que consegue transpôr o alto das Cordilheiras occupando *Valenzuela,* onde se lhe apresentam centenares de familias paraguayas, foragidas pelas mattas, em completa nudez, e trucidadas pela fome, da qual muitos cadaveres insepultos attestavam os seus mortiferos effeitos.

Determinou então o necessario reconhecimento sobre *Peribebuy*, elevada pelo dictador a capital da Republica

do Paraguay e que se achava intelligentemente fortificada e defendida por 19 boccas de fogo de varios calibres.

No dia 12 de agosto, tomadas as disposições para o ataque, ás 8 1/2 horas da manhã manda o conde d'Eu dar o signal, seguindo-se-lhe o assalto por tres lados da posição, cabendo á bandeira do 23º de voluntarios da patria, a immouredoura gloria de ter sido a primeira a tremular no parapeito das obras de defesa da por demais resistente capital do governo dictadorial do Paraguay.

Não nos permitte o destino deste trabalho dar desenvolvida noticia deste feito glorioso para as nossas armas, outros já o fizeram em termos proprios e adequados; diremos apenas que o inimigo derrotado perdeu 683 mortos, 1.117 prisioneiros, as suas 19 bocas de fogo e 12 bandeiras. De nossa parte tivemos entre os mortos o bravo brigadeiro João Manoel Menna Barreto, que, veremos, tantos e por demais valiosos serviços prestou nessa campanha, desde a invasão da sua provincia natal pelas hostes do desconsiderado tenente-coronel Antonio Estigarribia.

Completava a brilhante victoria alcançada pelo conde d'Eu em Peribebuy a tomada do reducto que defendia a entrada de *Altos* pela vanguarda da columna do brigadeiro José Auto Guimarães, commandada pelo valente coronel Camillo Mercio Pereira. Afim de poder cortar a retirada de Lopez foram expedidas ordens ao coronel Bueno para que, com uma divisão de cavallaria e duas boccas de fogo, fosse occupar o *Barreiro Grande,* posição intermediaria no caminho de *Cácupé-Caraguatahy,* marchando então o conde d'Eu com o 1º corpo de exercito sobre o dito caminho; o dictador, porém, com as forças que tinha em *Ascurra* e *Sangaú,* volteiando, foge precipitadamente para *Caraguatahy,* onde chega a 15, encarregando o general Caballero de garantir a sua retirada. Sciente de tal occurrencia, manda o nosso general em chefe contramarchar o 2º corpo e a divisão do brigadeiro Camara para cortar a frente do inimigo, emquanto elle, em pessôa o persegue pela retaguarda.

O 2º corpo e a divisão Camara, forçando a marcha, conseguem alcançar o *Barreiro Grande* na tarde de 15, e

pelas 2 horas da madrugada de 16 seguem para o *Caraguatahy*, encontrando-se ás 7 1/2 horas da manhã perto do *Nhuguassú* ou *Campo Grande* com a vanguarda do general Caballero, que forçada foi a retirar-se para uma legua de distancia, depois de ter galhardamente sustentado um violento, mas, rapido combate, enfrentando-se então com a vanguarda do nosso 1º corpo de exercito.

Estendendo o inimigo as suas linhas de atiradores, aproveita-se o quanto póde das irregularidades do terreno, pois, sabendo ser desesperada a sua condição, por poder achar-se de repente entre dous fogos, manobra com muito talento e reconhecida pericia e sangue frio, empenhando-se então por demais forte a luta de parte a parte, finda a qual teve o general paraguayo que recuar.

Nestas circumstancias, manda o conde d'Eu a 8ª brigada de infanteria com uma bateria de artilharia atacar-lhe o flanco direito, por onde mais facilmente podia ser contornado, mandando a divisão oriental tentar, por outro lado, igual movimento. Acossado pela referida 8ª brigada recua ainda mais o inimigo, pausadamente, até ás margens do arroio *Juquery*, de onde buscam os nossos desalojal-o, tornando-se então mais renhido o combate, sendo transposto o arroio pela 8ª brigada reforçada pelo 1º e 2º batalhão de linha, commandados pelo brigadeiro José Luiz Menna Barreto, e pela divisão de infanteria ao mando do general oriental D. Henrique Castro coadjuvado pelos nossos batalhões 7º e 8º de 1ª linha.

Os bravos paraguayos tres vezes voltaram á carga até que foram rechassados.

Perdura a acção para mais de cinco horas quando approxima-se a infantaria do 2º corpo e a 4ª brigada de cavallaria do bravo coronel Hyppolito Ribeiro que, com uma carga irresistivel, termina a batalha de *Campo Grande* ou *Nhuguassú*, ficando o inimigo completamente destroçado.

Os paraguayos perderam 2.000 mortos e maior numero de prisioneiros, 23 bocas de fogo, algumas bandeiras e 42 carretas de munições, sendo o nosso prejuizo de 62 mortos e 431 feridos.

Descançam os nossos apenas 24 horas, pois a 18 marchão afim de occupar *Caruguatahy*. O conde divide o

exercito em tres columnas : sabendo que antes de chegar ao seu objectivo tem de tomar *Cag-ni-djurá*, manda a columna do centro, ás ordens do marechal Victorino Monteiro, dar o assalto que é satisfactoriamente levado a effeito, indo a divisão Camara em perseguição dos fugitivos até 2 1/2 leguas de distancia.

Teve o inimigo nesse encontro para mais de 2.000 mortos, ficando em nosso poder 530 prisioneiros, 12 peças de artilharia, duas bandeiras, carretas, armamentos, etc.

Nesse mesmo dia o brigadeiro Camara volta-se contra uma partida de 200 homens que pretendião vadear o Manduvirá e, desesperados por serem tão de perto acossados, fazem voar pelos ares os seus seis restantes vapores que ahi se achavam (*Iporá, Apa, Paraná, Anhambahy, Pyrabebé, Salto de Guayrá*).

O conde d'Eu á frente da columna da esquerda occupa *Caraguatahy* e manda a da direita, commandada pelo general Emilio Mitre, perseguir o inimigo, e as divisões dos coroneis Bethbsé Nery e Oliveira Bueno, com duas boccas de fogo formam a vanguarda. Depois de repetidos combates, a 21 de agosto no passo de Butuy batem uma partida inimiga de 400 homens, tomando-lhe tres peças de artilheria e carretas com bagagem de Lopez. No dia seguinte, pelo cansaço dos animaes regressam para Caraguatahy, depois de destroçada uma partida de paraguayos, dos quaes foram mortos 300 e aprisionados 806. Vendo-se assim completamente batido em as suas famosas posições das *Cordilheiras*, procura o dictador refugiar-se em Santo Estanisláu, passando dahi para *Curuguaty* ou Santo Izidro, que tambem por sua vez foi elevada a capital da Republica do Paraguay.

Em o seu officio de 3 de setembro, dando minuciosas informações sobre o andamento das operações ao governo imperial, solicitára o conde d'Eu se lhe mandasse ordens quanto á continuação de tão custosa guerra e que em quanto não as recebesse proseguiria na tarefa e emprehenderia differentes expedições destinadas a occupar as diversas partes do territorio da republica e nellas estabelecer a dominação de autoridades amigas.

Ao que lhe mandou responder o imperador D. Pe-

dro II, em aviso da repartição da guerra de 6 de outubro, louvando-o, e aos generaes e mais commandados principalmente os que mais se distinguiram pelo valor, intrepidez e pericia com que se houveram, dirigindo e cooperando para os brilhantes feitos que tiveram lugar no mez de agosto, e que «relativamente á continuação da campanha contra o dictador do Paraguay, o mesmo governo entendia dever continuar-se a perseguir vigorosamente o inimigo até conseguir-se o fim do tratado da alliança, e que confiava que por esse modo ficaria breve e gloriosamente terminada a guerra em que se achavam empenhadas as potencias alliadas».

O marechal conde d'Eu trata então de conseguir o aprisionamento do dictador para o que, tendo mandado occupar todos os pontos principaes do territorio, o privava de obter novos recursos; advieram-lhe, porém, grandes difficuldades para o aprovisionamento de suas forças, attentas as grandes distancias, e ser preciso um fornecimento simultaneo para esses pontos divergentes. As mais prejudicadas, como sabemos, foram as forças da columna do brigadeiro Carlos Resin que se destinára a *São Joaquim* e teve de arcar com os horrores da fome durante mez e meio, notando-se que no *Capivary* o marechal em chefe chegou a distribuir com os soldados as vitualhas que conduzia para seu proprio uso, compartindo assim das duras privações de seus commandados.

Com a sua columna passou o brigadeiro Corrêa da Camara a operar pelo norte do *Yejary*, conseguindo destroçar as forças dos chefes paraguayos Canête, Franco, Bogado e Montiel, emquanto o principe conde d'Eu marchava para *Santo Estanisláo* e *Capivary* e o coronel Fidelis Paes, com a vanguarda toma *Curaguaty*; pelo que o dictador vê-se forçado a fugir precipitadamente para o norte, não esquecendo-se, porém, nessas precipitadas fugas de ordenar o fusilamento dos que julga seus traidores e dos que por inanição não o podem acompanhar.

Chegando a *Iguatemy*, logo foge para *Panadero* de onde segue á procura de seguro refugiu alem da *Serra de Maracajú*, que atravessa, tomando a direcção do *Cerro-Corá*.

O intrepido Corrêa da Camara, porém, não descança e por sua vez deixa *Conceição* indo em direcção a *Bella-Vista* com o intuito de obstar que o ditacdor, entrando em Matto Grosso, por Dourados, se escape para a Bolivia; recebendo, porém, noticias seguras de seu destino, isto é, que se havia desviado da estrada de Dourados em procura das alturas do *Aquidaban* célere contra-marcha com a sua incansavel columna a qual reuniu-se á do bravo coronel Silva Paranhos que destacára antes para occupar os passos do Rio *Negla*.

Sabe-se hoje que o *Cerro Corá* tem duas sahidas apenas, *Chiriguello* e *Guassú*, que sabido então pelo brigadeiro Camara, manda que o coronel Bento Martins vá occupar a primeira, emquanto elle com o resto de suas forças segue a occupar a segunda — o *Guassú*. A 28 de fevereiro de 1870 a vanguarda da columna chega ao arroio *Guassú*, e a 1° de março toma de surpreza a guarnição do passo de *Taquaras* sem que esta possa dar um só tiro, com as suas tres boccas de fogo ; uma emboscada, disposta na picada de *Aquidaban*, aprisiona um ajudante de ordens de Solano Lopez, que o havia mandado em busca da parte diaria que se demorava, e igual sorte teve um piquete de um tenente-coronel, um major e 10 praças, mandados a render a guarnição de *Taquaras*, escapando apenas uma praça que ao dictador leva a fatal noticia do seu encantoamento.

No entretanto, o brigadeiro Camara ao approximar-se da picada, manda o coronel Silva Tavares com a ala do 9° de infanteria commandada pelo então major Floriano Peixoto, e clavineiros do tenente-coronel Francisco Martins e mais alguns lanceiros, tomar as tres peças que a defendiam, o que sendo em acto continuo executado, avança elle com o resto de suas forças, atravessa o passo, com agua pelos peitos das cavalgaduras, seguindo logo o coronel Tavares com os seus lanceiros em perseguição dos inimigos, penetrando de envolta com elles na posição occupada pelo dictador que, ferido procura ainda escapar-se. Depois de apeiado e tentando atravessar o pequeno arroio *Aquidabanigui*, ao chegar á outra margem cae de joelhos ; intimado a render-se pelo general Camara recusa

fazel-o, apezar deste garantir-lhe a vida, procurando até feril-o com um golpe de espada.

« O general Camara ordenou então a *um soldado que o desarmasse, acto que foi executado no tempo em que exhalava elle o ultimo suspiro* (Parte dada por este general).

« Morreram, combatendo, o joven coronel Lopes, filho do dictador ; o vice-presidente Sanches ; o ministro da guerra Caminos, general Roas, coronel Delvalhe e muitos officiaes superiores e subalternos, ficando juncadas de cadaveres as picadas e os passos dos rios. Foram prisioneiros 244 pessoas entre as quaes os generaes Resquin e Delgado, Madam Elisa Linch e 4 filhos, a mãe e irmãs do sanguinario dictador, que se achavam presas e por sua ordem lhes havia sido intimada a sentença de morte, sendo, porem, postas em liberdade logo que de tão horrorosa deliberação teve conhecimento o glorioso chefe da expedição.

Esta victoria deu-nos como trophéos 16 boccas de fogo, dois estandartes, muito armamento e munições de guerra, porem o principal ornamento que colhemos foi a terminação da guerra feita á desmantellada Republica do Paraguay, muito digna de melhor sorte.

A 15 desse mez o marechal conde d'Eu achando-se no Rosario, em a sua ordem do dia n. 45 deu conhecimento ás forças brasileiras sob o seu commando de todos os detalhes que precederam a tão faustoso acontecimento. Elogiando os seus principaes auxiliares nesse feito assim a concluio :

. . . . . .

... « Terminando, direi que, quando eu não tivesse colhido outro resultado de meus trabalhos, dar-me-ia por satisfeito em ter feito brilhar e evidenciarem-se pela pratica os notaveis talentos do brigadeiro José Antonio Correia de Camara, em quem o Brasil tem, hoje em dia, um general ainda no vigor dos annos, capaz de levar ao cabo os mais arduos commettimentos e de honrar a sua patria perante o mundo civilisado ».

Passando-se para Humaytá, d'ahi despidiu-se o marechal conde d'Eu das forças brasileiras em operações no Paraguay, conforme se vê da sua extensa ordem do dia

de 16 de abril de 1870, em que passou o commando das alludidas forças ao marechal de campo visconde de Pelotas conforme o determinado no seguinte documento :

Ministerio dos negocios da guerra — Rio de Janeiro — em 19 de março de 1870—Senhor—Os gloriosos acontecimentos de 1° do corrente, contra as ultimas forças de Solano Lopes, destroçadas pelas do exercito brasileiro ao mando do general Camara, hoje visconde de Pelotas, na margem esquerda do Aquidaban, puzeram o desejado termo a guerra do Paraguay. — Achando-se assim satisfeita da maneira a mais completa a alta missão de Vossa Alteza Real, no commando em chefe de todas as forças do Brasil nessa Republica, tive ordem de S. M. O Imperador para declarar a V. Altesa Real que pode entregar o mesmo commando ao marechal de campo Victorino José Carneiro Monteiro ena falta deste ao tambem marechal de campo visconde de Pelotas e regressar ao Imperio conforme os desejos manifestados por V. Alteza Real ao receber sua nomeação.

« O mesmo Augusto Senhor, manda agradecer e louvar os relevantes serviços prestados por V. Alteza Real no dito commando, e determina que assim seja publicado em ordem do dia. — Deus Guarde a V. Alteza — *Barão de Muritiba*. A' Sua Alteza o Senhor Marechal do Exercito Conde d'Eu ».

Nesse mesmo dia embarcou o marechal conde d'Eu no paquete *Galgo*, com destino ao Rio de Janeiro, tocando em Buenos-Aires e Montevidéo, onde foi recebido com todas as honras e demonstrações de alto apreço, pela sua gerarchia e mais ainda por ter sido o general vencedor da longa e penosa campanha do Paraguay.

Por decreto de 28 do dito mez, vespera do dia da sua chegada a esta capital, foi-lhe concedida a medalha de merito militar, creada pelo decreto n. 4.131 de 28 de março de 1868 «em attenção aos actos de distincta bravura praticados como commandante em chefe de todas as forças brasileiras nos combates de Peribebuy e Campo Grande.»

São do *Jornal do Commercio* de 1.° de maio de 1870 as linhas que seguem:

«O regresso a esta côrte de sua alteza o sr. conde

d'Eu, foi ante-hontem motivo de um dos mais bellos movimentos populares que a capital do imperio tem presenciado e de que talvez se não encontrem muitos exemplos em outras nações.

«O principe foi recebido pela população da côrte não só como general vencedor, mas tambem como filho e irmão estimado, que, vencidos trabalhos e perigos, regressa ao seio da familia.

«Na manhã de ante-hontem pela volta das 7 horas o Castello fez o signal convencionado de achar-se á vista o transporte *Galgo*, a cujo bordo vinha o sr. conde d'Eu. Pouco depois largava a esquadrilha de cuja organização demos noticia, ao encontro do *Galgo*.

«Iam a bordo do encouraçado *Lima Barros* Sua Magestade o Imperador, Sua Magestade a Imperatriz e Sua Alteza a Sra. Princeza Imperial, além dos ministros de estado e outras pessoas de distincção.

«Quando o *Lima Barros* pôde prolongar-se com o *Galgo*, a familia imperial e os srs. ministros d'estado passaram para bordo do transporte, onde o Sr. conde d'Eu foi abraçado por Sua Magestade o Imperador, por Sua Alteza Imperial e por Sua Magestade a Imperatriz e comprimentado pelos Srs. ministros d'estado.

«Chegando a bordo, Sua Alteza a Sra. Princeza Imperial pregou na farda de seu augusto esposo a medalha de merito militar que foi conferida a Sua Alteza por decreto de 28 do passado, em attenção aos actos de distincta bravura por elle praticados como commandante em chefe de todas as forças brasileiras em operações na Republica do Paraguay nos combates de Peribebuy e Campo Grande.

«Acompanhado pela esquadrilha, seguio o *Galgo*, sendo ao passar pelos navios de guerra portuguez, americano e inglez, que se acham no porto, enthusiasticamente saudado, subindo a tripulação ás vergas, e embandeirados em arco os navios que acompanhavam as fortalezas em numerosas salvas. O nosso porto apresentava então um espectaculo magestoso, e a manhã serena e brilhante contribuia para realçar a grandeza da scena.

«Uma barca da companhia Ferry, vistosamente en-

feitada, fôra tambem ao encontro do *Galgo*, levando ao seu bordo o Sr. director do arsenal de guerra, varios officiaes, Dr. André Rebouças, muitas pessoas gradas e uma banda de musica. Quando encontraram o *Galgo* o Sr. director do arsenal de guerra, levantou diversos vivas, que foram correspondidos com enthusiasmo.

«A familia imperial almoçou a bordo do transporte, onde foram recebidos diversos officiaes generaes e pessoas de distincção que alli se dirigiram a comprimentar o Sr. conde d'Eu.

«Acompanhavam Sua Alteza, formando a sua comitiva, os Srs. coroneis João Mendes Salgado, Drs. Francisco Bonifacio de Abreu, Rufino Enéas Gustavo Galvão, Agostinho Marques de Sá, conego Seraflm Gonçalves dos Passos Miranda, cirurgião de esquadra Dr. João Ribeiro de Almeida os majores Hilario Mariano da Silva, Benedicto de Almeida Torres, Luiz Carlos Mariano da Silva, capitão Alfredo de Escragnolle Taunay, cirurgião-mór de brigada Dr. Firmino José Doria, tenentes José Ferreira Ramos, Belarmino Augusto de Mendonça Lobo e Augusto Alves de Abreu.

«Suas Magestades e Altezas desembarcaram no arsenal de marinha, onde se achava reunida extraordinaria concurrencia.

. . . . . .

. . . . . .

Nos dias que seguiram ao da chegada do principe conde d'Eu a esta capital, foram-lhe feitas brilhantes manifestações por diversas corporações e associações, com o louvavel intuito de demonstrar o quanto foram apreciados os seus serviços nos campos de Paraguay em prol da patria brasileira, sobresahindo entre ellas a composta do consul inglez e doze negociante da mesma nação que o foram comprimentar no dia 6 de maio em nome dos subditos inglezes residentes nesta capital, «pela solicitude e benevolencia com que foram tratados os seus compatriotas no Paraguay, solicitude a que e, unicamente a ella, se devem muitas vidas.»

Depois do necessario descanço, apresentou-se prompto para o serviço, pelo que reassumiu o marechal conde d'Eu

o cargo de commandante geral da arma de artilharia e da commissão de melhoramentos do material do exercito a 12 de julho do mesmo anno, o qual deixou para entrar no gôzo de uma licença a 22 do seguinte mez de agosto.

A 14 de maio de 1872 apresentou-se e reassumiu os alludidos cargos, que deixou a 18 de novembro do mesmo anno em que lhe foi concedida a medalha geral da campanha do Paraguay, de que trata o decreto n. 4.560, de 6 de agosto de 1870, tendo o passador de ouro o n. 1.

Por portaria de 22 de março de 1873 obteve mais um anno de licença em prorogação da com que se achava, «podendo gosal-a onde lhe conviesse», licença esta que ainda foi prorogada em as portarias de 16 de fevereiro de 1874, de 18 de janeiro de 1875 e de 29 de abril de 1878, com a clausula de poder residir na Europa, sendo esta ultima por sua vez prorogada até 31 de julho de 1880.

Desta prorogação ainda obteve outra até 31 de dezembro de 1881, finda a qual recolheu-se ao Brasil, onde conseguio mais quatro mezes de licença para se tratar fôra da côrte, por despacho de 31 de janeiro de 1882.

Em 1884 foi encarregado do commando em chefe das forças da guarnição desta capital que, unidas ao corpo de alumnos da escola militar da Praia Vermelha e alumnos das extinctas escolas de tiro e de aprendizes artilheiros, acamparam por oito dias no Realengo, designado para campo de instrucção das mesmas forças.

Ao terminar esses exercicios foi mandado louvar em aviso do ministerio da guerra de 8 de agosto, « pela habilidade e inexcedivel dedicação com que soube guiar aquellas forças nas diversas operações que podem surgir durante uma campanha».

Em virtude do determinado em aviso de 22 de outubro, acompanhado dos capitães Oliveira Santos, Hermes da Fonseca e Agricola Pinto, seguiu em commissão para as provincias do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, sendo tambem incumbido de examinar nesta ultima, o local mais apropriado para o estabelecimento de um campo de manobras, « devendo para tal fazer uma experiencia com contingentes das trez armas, seguindo, no que fosse applicavel, o programma executado nos exer-

cicios que acabava de dirigir no Realengo do Campo Grande ».

De tal commissão, que desempenhou do melhor modo que lhe foi possivel, recolheu-se á côrte reassumindo o commando geral da artilharia, e ao apresentar o seu relatorio, foi louvado em aviso do ministerio da guerra de 14 de julho « pela intelligencia, zêlo, dedicação e patriotismo com que correspondeu á espectativa e confiança do governo imperial ».

Ainda neste anno de 1885 assumiu o commando do corpo de exercito no campo de instrucção, na fazenda de Santa Cruz, de 16 a 26 de agosto, sendo louvado em nome do imperador « pela sua cooperação como commandante em chefe do alludido corpo de exercito, e na direcção que deu aos nobres trabalhos dos exercicios ».

A 13 de dezembro de 1886 obteve 6 mezes de licença para tratar de seus interesses fóra do Brasil e regressando ao Rio de Janeiro, conservou-se no exercicio dos seus cargos os quaes passou ao brigadeiro José Semeão de Oliveira, por ter tido permissão, em 10 de junho de 1889, para visitar algumas provincias do norte, como de facto o fez.

Tornando ao Rio de Janeiro, reassumiu as funcções do seu cargo, que occupou até que, como consequencia da Republica Brasileira, proclamada pelo inesquecivel marechal Deodoro da Fonseca a 15 de novembro de 1889, por decreto do governo provisorio n. 78 A de 21 de dezembro do mesmo anno, foi banido com toda a sua familia do territorio brasileiro, pela sua qualidade de genro de D. Pedro II, ficando assim *ipso facto* annullado o decreto legislativo que lhe concedêra a patente de marechal do exercito.

A 17 do já alludido mez de novembro, por determinação do governo provisorio havia embarcado na canhoneira brasileira *Parnahyba* com destino á Ilha Grande, onde aguardou o paquete *Alagoas*, destinado a conduzir á Europa toda a familia imperial deposta.

Do antigo *Paço* ao caes do Pharoux, fez o conde d'Eu o trajecto a pé, em amistosa confabulação com o almirante barão de Jacequay e o então tenente-coronel João Nepo-

muceno de Medeiros Mallet, e, depois de se haver installado a bordo, escreveu a seguinte despedida :

« Aos brasileiros: — A todos os amigos que nesta « terra me favoreceram com sua sincera e por mim tão « prezada affeição, aos companheiros que ha longos annos « já partilharam commigo as agruras da vida de campa- « nha prestando-me inapreciavel auxilio em pró da honra « e segurança da patria brasileira, a todos os que na vida « militar ou na civil até ha pouco se dignaram commigo « collaborar, a todos aquelles a quem em quasi todas as « provincias do Brasil devo finezas sem numero e gene- « rosa hospitalidade, e a todos os Brasileiros em geral um « saudosissimo adeus e a mais cordial gratidão !

« Não guardo rancor a ninguem ; e não me accusa a « consciencia de ter scientemente a ninguem feito mal. « Sempre procurei servir lealmente ao Brasil na medida « de minhas forças.

« Desculpo as accusações menos justas e juizos in- « fundados de que por vezes fui alvo.

« A todos offereço minha bôa vontade, em qualquer « ponto a que o destino me leve.

« Com a mais profunda saudade e intenso pezar afas- « to-me deste paiz ao qual deví, no lar domestico ou nos « trabalhos publicos, tantos dias felizes e momentos de « immoredoura lembrança.

« N'estes sentimentos acompanham-me minha muito « amada esposa e nossos tenros filhinhos, que, debulhados « em lagrimas, comnosco emprehendem hoje a viagem « do exilio.

« Praza a Deus que, mesmo de longe, ainda me seja « dado ser em alguma cousa util aos Brasileiros e ao « Brasil.

« Bordo da canhoneira *Parnahyba*, no ancouradouro « da Ilha Grande, em 17 de novembro de 1889. — *Gastão « de Orleans* ».

Manoel Antonio da Fonseca Costa

(Barão, visconde e marquez da Gavea)

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 24 de abril de 1803, Manoel Antonio da Fonseca Costa assentou praça voluntariamente no extincto 3º regimento de infanteria de linha a 17 de março de 1809, do qual foi excluido com baixa do serviço do exercito, a pedido de seu pae, tenente coronel de infanteria do mesmo nome, conforme se vê do aviso da secretaria da guerra de 11 de outubro de 1813.

Tendo fallecido o seu progenitor, voltou novamente ás fileiras do exercito a 8 de julho de 1818, sendo incluido como 1º cadete no antigo 1º regimento de cavallaria da côrte, onde, por decreto de 12 de outubro de 1820, teve o posto de alferes.

Fazendo parte da brigada expedicionaria que, sob o commando do coronel Lima e Silva, se destinava a bater a revolução republicana de Pernambuco, seguiu desta capital a 2 de agosto de 1824, exercendo as funcções de ajudante do esquadrão destacado do seu regimento para esse fim.

Ao chegar no porto de Jaraguá na então provincia das Alagôas, concorreu de modo efficaz para o desembarque do alludido esquadrão, e bem assim para a sua prompta remonta afim de poder emprehender a marcha estrategica dahi para o Recife, onde entrou combatendo.

Servindo ás ordens do commando em chefe da 1ª columna, tomou parte activa no ataque do bairro da Bôa-Vista, sendo então encarregado da execução de varias commissões.

Regressando á côrte, por aviso de 1º de março de 1826 passou a exercer as funcções de ajudante de campo do commandante da 2ª brigada, e por decreto de 12 de outubro do mesmo anno foi promovido a tenente para o estado-maior do exercito, continuando no dito cargo.

Recebeu a medalha de distincção destinada aos que compuzeram o «exercito cooperador da boa ordem», e a 7 de maio de 1828 foi dispensado do cargo de ajudante de campo.

Por decreto de 22 de setembro do mesmo anno, teve a nomeação de ajudante de ordens do governador das armas da provincia de São Paulo, para onde seguiu, recebendo nessa provincia a patente de capitão a que fôra elevado por despacho de 18 de outubro de 1829; recolheu-se á côrte por ter sido dispensado do cargo de ajudante de ordens, no seguinte mez de dezembro.

Depois da abdicação do primeiro imperador, passou a exercer o cargo de ajudante de ordens do commandante das armas da côrte, cujo exercicio interrompeu a 9 de setembro, reassumindo-o a 12 de outubro, de 1831.

Por decreto de 12 de setembro de 1837 foi promovido a major para a arma de cavallaria, pelo que teve de deixar o mencionado cargo de ajudante de ordens.

Por aviso do ministerio da guerra de 20 de junho de 1839 passou de novo a pertencer ao estado-maior do exercito, ficando encarregado do detalhe do serviço e da correspondencia dos commandantes de corpos, fortalezas e fortificações por acto de 1º de abril de 1842. Por despacho de 8 de junho do mesmo anno foi promovido a tenente-coronel, embarcando logo depois com um contingente de 280 praças para Santos afim de reunir-se ás forças que se achavam em Jerumirim, para dar combate aos sediciosos da provincia de São Paulo, que occupavam o Bananal.

Regressando desta expedição, por carta imperial de 7 de setembro foi nomeado commendador da ordem militar de São Bento de Aviz, sendo tambem elogiado em ordem do dia da guarnição da côrte pelos generaes Jorge Rodrigues e barão de Caxias, pela coadjuvação que lhes prestára como ajudante de ordens do commando das armas e encarregado do detalhe, para o prompto andamento do serviço durante aquellas crises. Passou para o estado-maior de 1ª classe, por despacho de 28 de novembro ainda de 1842, continuando no exercicio do mesmo cargo.

Havendo sido graduado em coronel, por decreto de 7 de setembro de 1847 foi promovido á effectividade deste posto para a arma de cavallaria, sendo-lhe designado o commando do 1º regimento de cavallaria ligeira para ter exercicio de seu posto. Por ter deixado o cargo que oc-

cupava no quartel-general do commando das armas, foi elogiado «pelo bem que o desempenhou durante mais de 16 annos, com diversos commandantes e nas crises mais arriscadas por que passou esta capital, concorrendo quanto foi possivel para a disciplina dos corpos da guarnição e bom andamento do serviço publico».

No commando do 1º regimento se houve de modo a merecer francos elogios das autoridades superiores, pelo interesse que sempre demonstrou pela parte economica e disciplinar desse corpo. Por despacho imperial de 25 de setembro de 1852 foi graduado em brigadeiro e logo depois nomeado presidente da commissão de exames da arma de cavallaria.

Nomeado commandante das armas da Bahia, ao deixar o commando do seu regimento em fevereiro de 1855, na revista que lhe passou o commandante das armas mereceu ser elogiado por essa autoridade, que tambem lhe agradeceu os bons serviços e efficaz cooperação que lhe prestára, já no commando do mesmo regimento, já em outras occasiões.

Por decreto de 14 do seguinte mez de março teve a effectividade do posto de brigadeiro, sendo nomeado guarda-roupa da imperial camara na mesma data; alcançando a sua exoneração de commandante das armas da Bahia por despacho de 18 de junho, por outro de 27 de outubro, tudo ainda de 1855, passou a fazer parte da commissão de promoções, onde serviu até a sua extincção, em 31 de dezembro de 1856.

Por decreto de 6 de fevereiro de 1858 passou a exercer o cargo de commandante superior da guarda nacional do municipio da côrte.

Agraciado com o officialato da ordem da Rosa a 14 de março do anno seguinte, por carta imperial de 14 de março de 1860 foi elevado a commendador da mesma ordem. Por decreto de 13 de agosto de 1862 foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar.

Em nome do imperador se lhe mandou agradecer por aviso de 3 de fevereiro de 1863, a offerta que fez em prol da defesa do paiz de 10 % do seu soldo mensal por espaço de um anno.

Por decreto de 13 de janeiro de 1864 teve a dignitaria da ordem da Rosa, merecendo por aviso do ministerio da justiça de 5 de março de 1865, francos elogios pela presteza com que organizára os contingentes da guarda nacional, destinados ao exercito em operações no sul do imperio.

Promovido a marechal de campo por despacho da 22 de janeiro de 1866, por decreto de 9 de março do mesmo anno teve o fóro de fidalgo cavalleiro, e a nomeação de veador da casa imperial.

Por decreto de 28 de março de 1868 foi nomeado conselheiro de guerra e por outro de 22 de abril seguinte teve a exoneração de commandante superior da guarda nacional, sendo-lhe concedida a mercê do titulo do conselho, dois dias depois.

Agraciado com o titulo de — barão da Gavea — por decreto de 17 de maio de 1871, por outro de 1º de março de 1873 passou a exercer o alto cargo de ajudante-general do exercito, sendo graduado no posto de tenente-general por despacho de 3 de fevereiro do anno seguinte.

Promovido a effectividade desse posto por decreto de 20 de julho de 1876, por carta imperial de 2 do mez seguinte foi nomeado grão-cruz da ordem militar de São Bento de Aviz.

Elevado a visconde do mesmo titulo, com honras de grandeza, por carta imperial de 19 de julho de 1879, por decreto de 29 de janeiro do anno seguinte foi graduado no posto de marechal do exercito, e por aviso do ministerio da guerra de 23 de março foi elogiado pela coadjuvação que no cargo de ajudante-general prestára ao governo, na pessoa do ministro demissionario conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, que demonstrou por esse modo o seu reconhecimento e o grande apreço que lhe era devido, como distiucto militar.

Promovido á effectividade do posto de marechal do exercito, por decreto de 27 de junho de 1880, passou a fazer parte da commissão da reorganização do exercito, por aviso de 27 de setembro de 1883.

Pelos serviços que em um periodo da sua longa carreira militar pôde prestar á nação portugueza, foi distinguido pelo governo de S. M. Fidelissima, com a nomeação

de commendador da real ordem militar da N. Senhora da Conceição de Villa Viçosa, tendo obtido a necessaria licença para poder usar das respectivas insignias, sendo-lhe tambem concedida por despacho do governo imperial de 3 de dezembro, tudo de 1885, a gran-cruz da ordem da Rosa.

Por decreto de 17 de maio de 1888 teve a exoneração que pedira do alto cargo de ajudante-general do exercito, recebendo nessa occasião a carta imperial assignada no dia anterior, que o elevara de visconde a — marquez da Gavea — e em aviso do ministerio da guerra daquella data, foi elogiado, em nome do imperador, pelo zêlo, lealdade e dedicaçao com que desempenhara os deveres do tão importante cargo de ajudante-general no decurso de mais de 15 annos.

Dessa data em diante o venerando marquez da Gavea occupou apenas a sua cadeira de conselheiro de guerra, e ao ser decretada a lei da compulsoria, a 30 de janeiro de 1890, foi um dos por ella alcançado por contar mais de 86 annos de idade, 76 dos quaes, como acabames de vêr, consagrados á carreira das armas em que se nobilitou, nobilitando-a.

O marechal do exercito marquez da Gavêa poucos mezes depois da sua reforma, isto é a 13 de junho de 1890, falleceu nesta capital, cercado das mais significativas provas de consideração e respeito, não só dos representantes do governo da florescente republica, como dos das outras classes da nossa socidade, onde contava grande numero de amigos e admiradores.

Manoel Felizardo de Souza e Mello

A 5 de dezembro de 1806, na freguezia do Campo Grande então pertencente á capitania do Rio de Janeiro, nasceu Manoel Felizardo de Souza e Mello, filho legitimo do sargento-mór Manoel Joaquim de Souza.

Educado no Reino, onde habilitou-se com a carta de bacharel em mathematica pela «Universidade de Coimbra», ao regressar ao Rio de Janeiro, por decreto de 2 de abril de 1827 teve a graduação de capitão do corpo de en-

genheiros, por houver sido nomeado lente substituto da academia militar da côrte, por despacho de 7 de fevereiro do mesmo anno, contando o seu tempo de serviço desde outubro de 1822, epoca em que se matriculou nas aulas de mathematica da referida Universidade. (Provisão de 13 de julho de 1841).

Sem prejuizo do seu cargo naquella academia, fez parte da commissão liquidadora do primeiro « Banco do Brasil »; do exame do pessoal do thezouro e das demais repartições arrecadadoras da côrte.

Em 1832 seguiu para o Rio Grande do Sul como inspector da thezouraria provincial, cargo que occupou por espaço de tres annos « com tanta habilidade e tino administrativo que em o mesmo periodo duplicaram as rendas. »

Deixando esta commissão, reassumiu as suas funcções na academia militar, em a qual por decreto de 17 de setembro de 1836 foi provido na cadeira, como proprietario, do primeiro anno do curso de mathematica.

Nomeado presidente da provincia do Ceará por carta imperial de 16 de outubro de 1837, tomou posse da administração da mesma provincia na cidade da Fortaleza a 23 do seguinte mez de dezembro. Em os annos seguintes neste cargo prestou valiosos serviços ás visinhas provincias do Piauhy e Maranhão que se achavam a peito com a mais desbragada rebeldia, tendo por isso se transportado até Sobral para dar impulso á perseguição dos rebeldes.

Em janeiro de 1839 deixou a administração do Ceará, embarcando para o Maranhão a assumir identico cargo para que fôra nomeado por carta imperial de 20 de dezembro do anno anterior. Já dissemos que essa ex-provincia achava-se então sob o peso da mais violenta e brutal rebellião e, segundo o competente historiographo Dr. Joaquim Manoel de Macedo :

« Ahi a presidencia foi para Manoel Felizardo um martyrio ; missão desesperadora, em que qualquer outro bastante faria não succumbindo, em que elle fez muito resistindo impassivel, pondo em campo cerca de cinco mil soldados e facilitando assim a completa pacificação da provincia, que foi mais tarde realizada pelo barão, depois conde, marquez e duque de Caxias.

« Nas épocas de luta violenta o espirito de partido é muitas vezes iniquo e implacavel : na colheita dos louros de um triumpho os vencedores amam o exclusivismo das horas das victorias ; esmerilhar e patentear sem nuvens a verdade é difficil, senão quasi impossivel aos que vivem com os homens da mesma idade, aos que ouvem os interessados, aquelles que são partes e pretendem ser juiz, como quer que seja, é incontestavel que na presidencia do Maranhão, Manoel Felizardo soube não se deixar abater e vencer por 15.000 rebeldes, conseguio a restauração da cidade de Caxias, expoz a sua vida na tomada da villa de Icatú ; prestou, portanto serviços reaes, e por elles foi merecidamente promovido ao posto de major ».

Realmente, por despacho de 25 de fevereiro havia sido promovido á effectividade do posto de capitão em que era graduado e por decreto de 2 de maio tudo, de 1840, foi promovido a major « pelos serviços prestados na provincia do Maranhão ».

Deixando o Maranhão entregue ao então coronel Luiz Alves de Lima, de quem já tratámos, passou o major Manoel Felizardo a administrar a provincia das Alagoas, para a qual havia sido designado presidente por carta imperial de 2 de julho ainda de 1840. No exercicio deste cargo foi nomeado commendador da ordem de Christo, conforme se vê da carta imperial de 18 de julho de 1841.

Em dezembro de 1842 apresentou-se nesta capital afim de tomar assento como deputado á assembléa geral legislativa, para que fôra eleito pela provincia do Rio de Janeiro.

Por despacho de 4 de novembro de 1843 foi nomeado presidente e commandante das armas da provincia de São Paulo ; tomando posse desses cargos a 25 do mesmo mez, excerceu-os até maio do anno seguinte, e, recolhendo-se á corte, recebeu a carta de doutor em mathematica, passada pela congregação da antiga escola militar.

Por contar mais de 20 annos no magisterio, pedio e obteve ser jubilado como lente proprietario, conforme se vê do decreto de 13 de fevereiro de 1847, sendo graduado no posto de tenente-coronel por despacho de 7 de setembro do mesmo anno.

Por decreto de 9 de março de 1848 foi nomeado mi-

nistro e secretario de estado dos negocios da marinha e interinamente dos da guerra, obtendo o titulo de conselho no mesmo mez.

Exonerado dos cargos acima, a 14 de maio, por decreto de 9 de setembro ainda de 1848, foi novamente designado para exercel-os. Em 1849, por decreto de 23 de julho, foi nomeado ministro da guerra e exonerado do cargo de ministro da marinha.

Como ministro da guerra, diz o citado historiador, « contribuiu muito para debellação da revolta praieira em Pernambuco, deu provas de grande actividade e energia, preparando, dispondo com rapidez, e fazendo utilizar todos os meios necessarios para a guerra do Prata, que acabou incruenta no Estado Oriental, dissolvendo-se o o exercito de Oribe, e na confederação Argentina sendo vencido em Monte-Caseros o tyrano de Palermo.»

Distinguido pela rainha de Portugal com a gran-cruz da ordem real militar de N. S. Jesus Christo, por decreto de 18 de outubro de 1849, «em solemne testemunho do apreço que teve e parte activa que tomou na qualidade de ministro e secretario de estado dos negocios da marinha, nos relevantes serviços prestados pela marinha de guerra brasileira, por occasião do desarvoramento da náo portugueza *Vasco da Gama* em frente ao porto do Rio de Janeiro», por portaria de 31 de dezembro do mesmo anno foi-lhe permittido aceitar a dita condecoração, sendo então senador do extincto imperio, pelo Rio de Janeiro.

Por decreto de 19 de maio de 1850 ficou encarregado do expediente da secretaria dos negocios da marinha e por outro de 24 de julho do anno seguinte foi classificado no corpo de estado-maior de 1ª classe, sendo promovido a tenente-coronel effectivo por despacho de 9 de junho de 1852.

Exerceu interinamente o cargo de ministro da fazenda, de 11 de fevereiro a 6 de setembro de 1853, data em se lhe concedeu tambem exoneração do de ministro da guerra.

Por decreto de 2 de dezembro de 1854 teve a promoção de coronel por merecimento, para o mesmo corpo.

Graduado no posto de brigadeiro, por despacho de 2

de dezembro de 1857, teve a nomeação de presidente da provincia de Pernambuco a 4 de novembro do anno seguinte, do que obteve dispensa por despacho de 17 de dezembro do mesmo anno.

Em 1859, por decreto de 12 de fevereiro, voltou mais uma vez a occupar o alto cargo de ministro da guerra, que deixou a 10 de agosto. Por decreto 14 de abril de 1860 foi nomeado director da «Escola Central» e por outro de 2 de dezembro do mesmo anno, confirmado no posto de brigadeiro.

Assumiu o cargo de ministro da agricultura, commercio e obras publicas a 21 de abril de 1861, do qual foi exonerado por decreto de 24 de maio do anno seguinte.

Por motivo de molestia solicitou a sua reforma que lhe foi concedida, na fórma da lei, no posto de marechal de campo, por despacho de 2 de julho de 1864. Por aviso de 18 de dezembro de 1865 foi designado para compôr a 3ª secção da commissão encarregada de rever a legislação militar, sob a presidencia do marechal do exercito conde d'Eu.

O marechal de campo Manoel Felizardo de Souza e Mello falleceu nesta capital a 16 de agosto de 1866.

Terminando a sua biographia, diz o dr. J. Manoel de Macedo:

« Foi tão illustrado como probo. Nas lutas politicas de cidido e constante membro influente do partido conservador, hostilisou com energia a opinião contraria, e foi pelos liberaes com igual ardor combatido; ninguem, porem, houve que negasse a sua bella intelligencia e grande illustração e menos ainda a sua probidade».

Manoel da Fonseca Lima e Silva

(Barão de Suruhy)

Filho legitimo do marechal de campo José Joaquim de Lima e Silva, o marechal do exercito barão de Suruhy nasceu a 10 de junho de 1793 na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Assentou praça voluntariamente como 1º cadete no 1º regimento de infanteria de linha do Rio de Janeiro, a

25 de novembro de 1806, sendo promovido a alferes para o mesmo regimento por despacho de 13 de maio 1808.

Em janeiro de 1811 matriculou-se no 1º anno da academia militar, e tanto neste como no 5º anno, com o qual completou o curso de sua arma, foi approvado plenamente, sendo promovido a tenente-ajudante por despacho de 17 de dezembro do mesmo anno.

Elevado a capitão para a 1ª companhia do referido regimento, por carta régia de 17 de dezembro de 1815, foi delle transferido para o batalhão de caçadores que, incorporado á divisão do general Luiz do Rego, em abril de 1817 seguiu contra a revolução republicana de Pernambuco, e ao regressar teve a nomeação de cavalleiro da ordem de Christo.

Por decreto de 24 de junho de 1822 foi promovido a major e, organizado em janeiro do anno seguinte o «Batalhão do Imperador» passou para elle com o mesmo posto.

Seguindo por terra com o seu novo batalhão para a Bahia, tomou parte na guerra da independencia; commandando o batalhão, e depois a 1ª brigada do «Exercito Pacificador», destinguiu-se pela sua pericia e bravura nos principaes ataques e combates até 2 de julho de 1823, data em que, embarcaram para a Europa as tropas luzitanas que, sob o commando do general Madeira, occupavam a cidade de S. Salvador.

Regressando á côrte, em novembro de 1823, teve a nomeação de moço fidalgo da imperial camara e por decretos de 17 de fevereiro e de 9 de agosto do anno seguinte foi condecorado com a venéra de official da ordem do Cruzeiro e promovido a tenente-coronel commandante do mencionado batalhão do imperador.

Em maio de 1825, conhecida a revolta da Cisplatina, marchou com o seu batalhão para a praça de Montevidéo, oude recebeu a medalha concedida aos que fizeram na Bahia a guerra a favor da independencia, e por decreto de 8 de fevereiro de 1828 teve a graduação de coronel, regressando á côrte logo que se tornou publica a convenção preliminar de paz celebrada nesta capital a 27 de agosto do mesmo anno.

Por decretos de 18 de outubro do anno seguinte foi

promovido á effectividade do posto de coronel e nomeado cavalheiro da ordem da Rosa, e em julho de 1830 passou a exercer o cargo de veador da imperatriz.

«A 6 de abril de 1831 o coronel Manoel da Fonseca Lima, cujas idéas liberaes erão conhecidas, tomou parte no pronunciamento do Campo de Sant'Anna, e tendo D. Pedro I abdicado a corôa, prestou todo o seu apoio ao governo e ao partido liberal moderado.»

A 16 de julho de 1831 subio ao ministerio com a pasta da guerra, deixando o poder a 3 de agosto de 1832, depois de baldar-se o golpe de Estado de 30 de Julho.

A 14 de outubro de 1835 foi de novo ministro da guerra e interinamente da marinha, sendo exonerado d'esta pasta em fevereiro e tambem da outra a 1º de novembro de 1836; passando a ministro do imperio, obteve a pedido a sua demissão a 24 de abril de 1837, recebendo então louvores do regente pelos bons serviços que prestára. Por decretos de 16 do seguinte mez de agosto foi promovido a brigadeiro e nomeado vogal do Conselho Supremo Militar.

Deputado á assembléa provincial do Rio de Janeiro em o dito anno, a mesma assembléa incluio o seu nome na lista dos vice-presidentes da provincia. Em 1838 foi nomeado membro da commissão encarregada de concluir o projecto da ordenança do exercito, sendo, quando terminado, agradecido pelo regente. Em janeiro foi declarado que désse parecer a respeito dos acontecimentos que havião perturbado a tranquilidade da provincia do Rio Grande do Sul, o que cumpriu em fevereiro, e por decreto de 18 de julho foi-lhe concedido o titulo de conselho pelos serviços que prestou durante a menoridade de D. Pedro II. Foi nomeado secretario de guerra em o seguinte anno.

Por decreto de 9 de maio de 1844 foi nomeado presidente e commandante das armas da provincia de S. Paulo e por outro de 25 de maio do anno seguinte teve a graduação de marechal de campo.

Nomeado grã-cruz da ordem de São Bento de Aviz por decreto de 14 de março de 1846, por outro de 15 de novembro do mesmo anno teve a effectividade do posto de marechal de campo; sendo exonerado da presidencia

de São Paulo a 30 de outubro de 1847, regressou á côrte.

No anno seguinte foi posto á disposição do ministerio da justiça por ter sido nomeado commandante superior da guarda nacional do municipio da côrte por decreto de 21 de dezembro, cargo este que exerceu cumulativamente com o de inspector dos corpos da guarnição desta capital.

Por decreto de 3 de março de 1852 foi promovido a tenente-general e nomeado conselheiro de guerra por outro de 3 de julho do mesmo anno, sendo então exonerado do cargo de secretario de guerra do Conselho Supremo Militar, que exercia desde o anno de 1842.

Por carta imperial de 2 de dezembro de 1854, teve o titulo de — barão de Suruhy — com honras de grandeza. Creada a repartição e o cargo de ajudante-general, por decreto de 31 de janeiro de 1857, coube-lhe ser o primeiro a desempenhar tão importante funcção, deixando então o commando superior da guarda nacional, sendo por aviso de 9 do seguinte mez de fevereiro mandado louvar pelo imperador pelos serviços que prestára nesse cargo.

Exonerado a seu pedido do cargo de ajudante-general por despacho de 7 de novembro de 1860, passou a presidir a commissão encarregada do exame do arsenal de guerra desta capital.

Por decreto de 22 de novembro de 1865, por motivo de molestia, foi reformado no posto de marechal do exercito, continuando a exercer as funcções de conselheiro de guerra.

Depois de reformado fez parte como presidente da commissão de exame da legislação militar, conforme se vê do aviso do ministerio da guerra de 15 de maio de 1866.

O marechal do exercito Manoel da Fonseca Lima e Silva, Barão de Suruhy, falleceu neste capital no dia 1º de abril de 1869.

Manoel Luiz Osorio

(Barão, visconde e marquez do Herval)

Tombaste como o Sol e á mesma hora,
A Patria envolta em crepe te deplora.

No regaço da Patria adormeceste.
Tu vives para a Historia, não morreste.

Rio, 5—10—79.

Capitão *F. P. de Araujo Corrêa.*

Em duas espadas gloriosas, podemos dizer, descançou por cêrca de meio seculo a monarchia do Brasil: — na do immortal Caxias e na do legendario Osorio; sendo que, quanto a este, sabe-se que, devido á sua immensa popularidade, fôra mais de uma vez convidado para derrubal-a, ao que sempre respondia «não haver ella ainda feito o seu tempo no Brasil.»

Comprehende-se facilmente que de paginas seriam precisas para, mesmo resumidamente, esboçar o historico da vida de tão prestimoso cidadão; o que seria tambem relembrar outros tantos factos da historia-patria, desde os primeiros dias da nossa emancipação politica; mas felizmente. outros já o fizeram com o neccessario desenvolvimento.

Assim, tendo em vista o fim deste trabalho, nos limitaremos apenas a fazer um estudo synthetico da sua longa fé de officios, recorrendo a autores de reconhecida competencia, para o esclarecimento dos pontos obscuros e mais lacunas que soem apparecer em taes documentos. E nada mais.

*
* *

No dia 10 de maio de 1808, nasceu na freguezia da «Conceição do Arroio», da então capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Manoel Luiz Osorio, filho legitimo do tenente-coronel Manoel Luiz da Silva Borges e de d. Anna Joaquina Luiza Osorio.

Devido á sua organização vigorosa e por demais sadia, ainda muito criança foi matriculado na unica escola de primeiras lettras que existia na freguezia onde nascera, dirigida segundo resam as chronicas, por um official

de sapateiros, que a tal se prestava, a pedido dos moradores mais abastados dos arredores. Como se pode avaliar, poucos ensinamentos obteve do seu arvorado mestre-escola o futuro marquez do Herval, que maior somma de conhecimentos recebeu mais tarde de seu tio e padrinho Bernardino José Luiz Osorio, na epoca em que o seu progenitor já se achava de volta da campanha que terminou em 1812.

Attingindo aos 14 annos de idade, diz o dr. Fernando Osorio, conhecia o menino Manoel a natação, a equitação e a dança, montava em qualquer animal bravio, com a mesma facilidade que no manso, ensilhado ou em pello.

Como se poderá sempre esperar da propria natureza, taes exercicios feitos ao ar livre e auxiliados pela mais nutritiva alimentação, deram a Osorio surprehendente desenvolvimento physico, embora simultaneamente não o obtivessem as suas faculdades intellectuaes, pela carencia absoluta, como vimos, de quem na localidade para isso tivesse as precisas habilitações. Logo, porém, que seu pae passou a residir no Salto (Estado Oriental), mandou-o em 1821 para uma escola particular onde conseguio fossem aperfeiçoados os poucos conhecimentos que tinha das primeiras lettras.

Dedicado com ardor aos estudos se achava o joven Osorio, quando chegando ao Salto a boa noticia da independencia do Brasil, se lhe seguio outra, a da resistencia opposta em Montevidéo pelo general D. Alvaro da Costa ao decreto do general Lecór que desligava do exercito de Portugal a divisão luzitana, acto este que originou no sul a tambem chamada «guerra da independencia.»

Organizado o exercito para resistir ao dos luzitanos, o tenente-coronel Silva Borges recebeu ordem para a elle reunir-se com o seu regimento, o que fez, levando seu filho Manoel Luiz, com a firme resolução de alistal-o nas fileiras do alludido exercito. E de facto, depois de mostrar-lhe quaes as conveniencias que lhe poderiam advir, dado esse passo, verificou-lhe praça como voluntario a 1º de maio de 1823 na legião de cavallaria da provincia de São Paulo, que como as demais tropas brasileiras, sitiava a praça de Montevidéo.

Neste sitio teve Osorio, o seu baptismo de fogo, na guerrilha junto ao arroio *Miguelete* contra a cavallaria dos luzitanos.

Resolvendo-se D. Alvaro a assignar a capitulação ajustada a 18 de novembro do dito anno de 1823, embarcaram as tropas portuguezas com destino á Europa, dando logar a que as brasileiras entrassem na praça de Montevidéo a 4 de março do anno seguinte, cessando assim o rigoroso sitio a ella posto por mar e terra.

A 13 de maio jurava o soldado Manoel Luiz Osorio a constituição politica do então imperio do Brasil, a 1.º de outubro era reconhecido cadete de 1ª classe, e por decreto de 1º de dezembro, tudo de 1824, promovido a alferes, para o 3.º regimento de cavallaria de 1ª linha.

Terminada estava a campanha e por conseguinte livre e desempedido se achava para continuar os seus estudos, pelo que pediu e obteve licença para nelles proseguir na academia militar do Rio de Janeiro, para onde tinha ordem de embarcar com outros companheiros para esse fim, quando foram cassadas essas licenças por se achar declarada uma segunda guerra, qual a que teve origem com a sublevação dos *trinta e trez* orientaes chefiados por D. Juan A. Lavalleja.

Com os primeiros contingentes de tropas que no mez de abril seguiram de Montevideo para a *campanha*, partiu o alferes Osorio, conforme havia solicitado.

O chefe insurgente, engrossadas as suas fileiras, havia convocado o povo para eleger os seus representantes no governo provisorio, e no dia 14 de junho foi tal governo proclamado e instalado na *Florida*, seguindo-se no mez de agosto a reunião da assembléa revolucionaria que declarou a provincia Oriental, de facto e de direito, livre e independente de Portugal, do Brasil ou de qualquer outro poder soberano do Universo, « se declarando, porém, unida ás demais provincias do Rio da Prata », e o chefe Lavalleja investido do alto cargo de seu governador e capitão general do qual se achou empossado, prestando o devido juramento.

Sabemos da conducta do então brigadeiro brasileiro Fructuoso Rivera que com as forças sob o seu commando

bandeára-se para os insurgentes, devendo-se a elle os primeiros triumphos colhidos pelos revolucionarios em favor da independencia de sua patria taes como os de 24 de setembro, no Rincão das Gallinhas e de 12 de outubro, tudo de 1825, no arroio Sarandy.

Nesta ultima acção tomou parte o alferes Osorio, que, mais tarde, sendo general, a descreveu detalhadamente conforme se acha transcripta a pagina 63 do presente volume, notando-se que do *seu esquadrão só escaparam combatendo, braço a braço, nove praças e um official,* que era elle ; e o conseguiu *rompendo um cêrco de ferro e fogo do qual lhe parecia impossivel sahir.*

Da sua fé de officios consta que nesse combate se extraviára, mas está averiguado que tendo conseguido romper o cêrco, acompanhado dos seus poucos commandados, fôra tenazmente perseguido, e que somente devido á sua agilidade e presença de espirito, livrou-se dos seus mais crueis perseguidores, que erão dois, fazendo-os baquear um após outro quando suppunham elles chegado o ensejo de aprisional-o ou matal-o ; e que assim desembaraçado tomára a direcção de uma sanga onde encontrou apeado o seu chefe coronel Bento Manoel Ribeiro, por ter a sua montada cahido ao transpol-a, occupado em compôr os arreios para proseguir na sua retirada. Nesse interim divisou o alferes Osorio um grupo de inimigos que delles se approximavam e comprehendendo o perigo em que se achava aquelle coronel, prestes organiza uma guerrilha com outros companheiros, para, entretendo os perseguidores, dar tempo a que seu chefe pudesse salvar-se.

Este logo que se vio livre do inimigo, reuniu os poucos dos seus commandados dispersos, com o auxilio do prestimoso alferes Osorio, a quem confiou o commando dos de primeira linha na passagem do rio *Gy*, estabelecendo elle ahi uma guerrilha que conteve o inimigo que os perseguira até esse passo.

Ao chegar ao outro lado do rio, depois que todos o haviam transposto, foi Osorio recebido com manifestação de alegria pelos seus camaradas, sendo abraçado pelos chefes Bento Manoel Ribeiro e Bento Gonçalves.

Transposta a fronteira pelos derrotados do Sarandy,

foram elles se incorporando ao exercito em via de organização no Rio Grande do Sul, á frente do qual collocarão o brigadeiro Francisco de Paula Rosado, de quem já tratámos no 1º volume.

No pestilento acampamento da capella de Sant'Anna, com os demais camaradas, esteve o alferes Ozorio por todo o anno de 1826, supportando as miserias e desgraças que se aggravavam dia a dia pela desharmonia entre aquelle general e o seu collega presidente da provincia.

« Quando se preparou um exercito em Sant'Anna do Livramento para invadir o territorio inimigo, dizia no senado do extincto imperio em 1877 o então marquez do Herval, esse exercito enterrou alli mais de 700 soldados, mortos quasi a fome, no estado mais deploravel, sem medicamentos, sem hospitaes; tudo era miseria. Eu vi muitas vezes, quando se retiravam os batalhões do exercicio, deixarem nas linhas das differentes manobras, soldados como se estivessem mortos no campo de batalha, tendo cahido em seus postos semi-vivos, extenuados de fome.

« Elles não tinham um pouco de farinha nem sal ; o seu sustento diario eram duas libras de carne assada. E estavamos senhores do nosso territorio ! As carretas que podiam levar alguma cousa para esse exercito, não tinham conductores, porque estes estavam em armas, eram os primeiros soldados que para alli se chamavam. De maneira que o general estava em sitio no seu proprio paiz e vendo os seus soldados morrerem de fome ! Ainda ha de haver alguns desse tempo, tão velhos hoje como eu, então bem moço ».

Invadido o territorio brasileiro pelo exercito republicano sob o commando do general D. Carlos d'Alvear, deliberou o general brasileiro marquez de Barbacena, que em janeiro de 1827 havia se empossado do commando em chefe do nosso exercito, tomar a offensiva, e a 17 deste mez moveu-se fazendo a sua vanguarda um esquadrão do qual fazia parte o alferes Osorio.

Depois de superadas mil difficuldades, conseguiu o marquez acampar com o seu exercito em excellente posição junto ao arroio das Palmas, contendo assim os avan-

ços dos invasores para o interior da provincia do Rio Grande do Sul.

Ao marquez de Barbacena chegou a noticia de que o chefe Alvear, depois de assenhorear-se de Bagé, batia em retirada por S. Gabriel, em demanda do valle do Santa Maria, e, convencido de que o inimigo lhe fugia, levantou acampamento para perseguil-o.

A 18 de fevereiro a vanguarda ao mando do coronel Abreu, repellio uma força de cavallaria com que o inimigo procurou reconhecer o seu movimento, e no dia seguinte tomava o grosso do exercito imperial a estrada que vae dar ao passo do Rosario no do Santa Maria, onde fez alto a uma legua deste; nessa occasião transpunha o inimigo aquelle passo e, com toda a sua bagagem já passada para a margem esquerda, preparou-se com descanço para na direita receber o ataque do marquez.

Este, como bem sabemos, se deu no dia 20, batendo-se o alferes Osorio, incorporado á segunda divisão do commando do general Callado, que fez a sua retirada *com um valor, que parecia difficil conceber*. (Parte do quartel-mestre general do exercito, Antonio Elzeario).

Na retirada, ao alferes Osorio coube o commando das guerrilhas que protegiam a retaguarda daquella divisão, que não deixou de ser acossada pelo inimigo, mantido, porém, a conveniente dstancia.

Os pormenores dessa retirada podem ser lidos na memoria escripta pelo coronel allemão Adolpho de Sewelok, publicada, em vernaculo, no tomo XVII da *Revista do Instituto Historico Brasileiro*.

Por decreto de 12 de outubro desse anno obteve Osorio a promoção de tenente para o 5.º regimento de cavallaria e, continuando em campanha, entrou na acção das Cunhetas, pelejada a 16 de abril de 1828.

Terminada a guerra com a convenção de paz assignada n'esta capital em outubro de 1828, fez o visconde da Laguna a distribuição das tropas brasileiras por diversas guarnições, tocando á de Bagé o 5º regimento de cavallaria a que pertencia o tenente Osorio. Contava então 20 annos de idade e 5 de praça effectiva com 3 campanhas. Conhecia perfeitamente bem a topographia da sua

terra natal e da ex-provincia Cisplatina, agora independente, e bem assim a indole, usos e costumes dos seus habitantes.

Praticamente havia se tornado apto a discutir e resolver problemas da arte militar, quer no dominio da estrategia, quer no da tactica, e até da alta sciencia do commando. Observara os ardis da guerra propria das coxilhas e dos campos do sul, tendo tido como mestres os mais destemidos chefes e guerrilheiros de grande nomeada nos annaes militares do Brasil, durante a primeira metade do seculo XIX.

Taes conhecimentos não ficaram estacionarios ; progrediram dia a dia, e com o correr dos annos, auxiliado pela meditação e conhecimentos pela leitura dos bons livros, deram como resultado os seus altos commettimentos no campo de batalha e que o fizeram um dos primeiros, entre os mais afamados cabos de guerra, do nosso e do velho continente.

De Bagé passou o regimento do tenente Osorio para a guarnição do Rio Pardo, onde foi recebido com ovações enthusiasticas, relacionando-se em pouco tempo toda a sua officialidade com as principaes familias dessa então villa florescente.

Em março de 1829 destacou Osorio para a fronteira, de onde regressou em junho. — Destacou novamente em 2 de agosto de 1831.

« A 8 de janeiro de 1832 foi mandado recolher preso, a ordem do general commondante das armas da provincia, por faltas que não foram communicadas ao regimento, então com a denominação de 4º corpo de cavallaria. Foi solto a 11 de dezembro do mesmo anno » , resa a sua fé de officios.

Vejamos qual o motivo real da tão longa prisão, soffrida pelo brioso tenente Luiz Osorio.

Em aviso de 10 de junho de 1834 ordenou o ministro da guerra ao general commandante das armas do Rio Grande do Sul que informasse sobre os actos hostis e insultos mais salientes praticados nos limites com o Estado Oriental, tanto da parte destes como do Brasil, desde a terminação da guerra em 1828.

Eis a resposta do commandante das armas, datada de 5 de setembro :

« Que nos annos de 1829, 1830 e 1831, repetidas vezes passaram o Jaguarão, na fronteira do Rio Grande, differentes partidas de brasileiros commandadas pelos conhecidos Juca Tigre, Barbacena e Theodoro d'Avila. Roubavam, assassinavam moradores do departamento do *Cerro-Largo* e condusiam os roubos para a provincia;

« Que pelo mesmo tempo, os indios da povoação *Bella União*, estabelecida pelo general Rivera, passando o rio Quarahim, talavam o territorio rio-grandense, roubavam fazendas brasileiras na fronteira do Alegrete, a ponto de quasi deixarem desertos os campos mais proximos ao Quarahim.

« Em resultado de representação que dirigio ao presidente da provincia e reclamações do encarregado dos negocios do Brasil em Montevidéo, conveio o governo oriental em fazer supprimir o novo estabelecimento da *Bella-União* que tantos damnos causava áquella parte da fronteira brasileira ;

« Os continuos roubos desses indios deram causa a que uma guarda brasileira, postada no Quarahim, commandada pelo tenente de 1ª linha Manoel Luiz Osorio, passando o rio, fosse por seu turno levar o estrago ao Estado Oriental, matando todas as pessoas que estavam trabalhando em uma encerra de égoas, sem perdoar as mulheres.

«Chegando ao meu conhecimento e do exmo. presidente da provincia, pelas participações vindas da fronteira e reclamações das autoridades orientaes, este facto criminoso, se mandou prender o tenente Osorio. E, como para ser julgado, se tornasse indispensavel proceder-se á devassa, ordenou o exmo. presidente ao juiz ordinario da villa da Cachoeira, a cujo julgado pertencia a fronteira do Alegrete, que se dirigisse ás ditas immediações, afim de devassar sobre feito tão escandaloso.

«Nenhum dos juizes, porém, a despeito das reiteradas ordens da presidencia, se resolveu marchar para aquelle destino, e com frivolo pretexto illudiram e desobedeceram os mandados da primeira autoridade, dando assim

causa a que se mandasse relaxar o tenente, por não ser conforme á justiça conserval-o preso por mais longo tempo sem culpa formada, ainda que o seu crime era demasiado publico e existiam testemunhas que o comprovavam ».

Como vemos, neste documento, foi o tenente Osorio considerado criminoso pelas altas autoridades do Rio Grande do Sul, as quaes, não obstante o terem censervado preso durante um anno, não conseguiram fosse feita a formação da culpa, para que pudesse elle defender-se nos tribunaes competentes. Taes accusações são, porém, perfeitamente destruidas por seu filho, dr. Fernando Osorio, nos seguintes periodos que extrahimos do 1º volume do seu precioso livro «Historia do General Osorio » :

« Na simples exposição do marechal (commandande das armas), no procedimento dos juizes, e nos applausos dos povos da fronteira, está a mais eloquente defesa do tenente Osorio ».

« A colonia *Bella-União* fundada pelo general Rivera em Quarahim, com indios que levou das Missões, os quaes se sustentavam á custa das propriedades brasileiras, foi estabelecida com o fim servir de apoio aos malevolos e á escravatura do Rio Grande do Sul, e mui particularmente para se assenhorar de um territorio que pertence ao Brasil, como fizeram vêr os deputados orientaes em 1829, na assembléa constituinte de Montevidéo, e consta das actas e da resposta dada pelo referido general.

« Osorio vendo quasi diariamente as tropelias dos indios semi-selvagens da *Bella-União,* contemplando as victimas que o buscavam pedindo protecção, vindo-lhe umas, feridas pelos indios, outras chorosas, já com as casas incendiadas e expostas ás intemperies, já sem alimentação alguma, porque os ladrões lhe arrebatavam tudo ; presenciando Osorio o desamparo das esposas, das filhas e das crianças rio-grandenses, em consequencia das atrocidades praticadas pelos indios assassinos de seus esposos e paes ; indignado Osorio contra a attitude inerte do governo que se limitava a dar ordens por officios recommendando vigilancia, e a trocar notas diplomaticas de méra cortezia, emquanto que as victimas gemiam desprotegidas, um dia, esperou que os salteadores atravessas-

sem a fronteira e foi-lhes ao encontro. Eram numerosos. Achou-os ainda conduzindo a propriedade roubada, cahio sobre elles apenas com 20 praças, travou lucta renhida e os desbaratou completamente.

« Cumprio o que devia, em consequencia da sua posição de official n'aquelle ponto.

« E se o não tivesse cumprido ? Merecia a pécha de cobarde e indolente, que durante toda a sua existencia fizera por não merecer.

« *Matou todas as pessôas que estavam trabalhando em uma encerra, sem perdoar as mulheres*, disse o marechal Barreto.

« Sim ; mas essas pessôas morreram brigando, e essas mulheres pelejaram tambem ao lado dos homens ; e o tenente Osorio combatendo não distinguiu sexos, mas apenas encarniçados contendores diante de si.

« Depois da peleja foi que encontrou mulheres entre os mortos ; pois que durante ella não via senão vultos do mesmo modo arrojados e valentes, montando cada qual o seu cavallo em pello ; uns empunhando lanças, outros armas de fogo, manejando *bolas* alguns.

« Osorio os encontrou em *flagrante delicto*. Bateu-os. Em defesa de uma causa justa expoz-se á morte, contra os barbaros salteadores. Onde o seu crime ? qual o seu escandaloso procedimento ?

« Exacta comprehensão do direito tiveram os juizes da fronteira—Perseguir, processar Osorio seria uma iniquidade. Demais, não encontrariam testemunhas senão para comprovar que o tenente Osorio agira no exercicio de uma—legitima defesa ».

Depois de ter sido posto em liberdade, a convite de amigos que o admiravam resolveu Osorio iniciar-se na politica de seu paiz filiando-se ao partido denominado *liberal moderado*, cujo lemma era : «trabalhar para que a revolução gloriosa de 7 de abril de 1831 se não perdesse nos abysmos da dissolução social».

Esse partido creou uma associação politica com o titulo «Defensora da Independencia» ; associação que no dizer do general Abreu Lima—verdadeiramente governou o Brasil pelo espaço de quatro annos e foi, em realidade,

outro — Estado no Estado — porque sua influencia era a unica que predominava no gabinete e nas camaras, e sua acção, mais poderosa que a do governo, se estendia por todos os angulos do imperio.

«Como filiaes da *Defensora*, quatro associações se estabeleceram na provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul, sendo uma no Rio Grande, e as outras em Jaguarão, Pelotas e Rio Pardo.

« A esta ultima Osorio se filiou. Declarando-se *liberal constitucionalistas*, adversario intransigente do partido portuguez ou luzitano, tambem conhecido pelas denominações de *retrogado*, *restaurador absolutista*, *conservador* e *caramurú ;* manifestando sem rebuço seus sentimentos liberaes, mas não apoiando a idéa *federativa* pelos *exaltados* defendida,—por lhe parecer uma ameaça á integridade da patria ; desde então jámais deixou de envolver-se na politica ».

Irrompendo a 20 de setembro de 1835, na cidade de Porto-Alegre, a revolução chefiada pelo coronel Bento Gonçalves, um dos chefes do partido liberal, achava-se o tenente Osorio em Bagé e desde então começou a servir contra os rebeldes.

« Apparecendo a revolução na provincia, estava destacado com o regimento em Bagé, de onde marchei a reunir me á columna commandada pelo general das armas Barreto, a qual, em frente a S. Gabriel foi pelo mesmo general dissolvida porque elle teve noticia de que na villa havia uma força inimiga de 600 homens, muito superir á sua. e que a revolução tinha triumphado em toda a provincia. Em seguida fugiu para o Estado Oriental. Nesse acto o meu distincto amigo e camarada capitão Mazarrêdo pediu-me que o salvasse, collocando-o n'aquella mesma noite fóra do alcance dos revolucionarios ; então, com 4 praças do regimento escoltei e guiei o meu amigo até o Estado Oriental. Depois voltei e fui apresentar-me a Bento Manoel, nomeado commandaute das armas pela revolução».

São palavras do proprio Osorio por seu filho transcriptas no livro já citado, com o fim de destruir o que a seu respeito escreveram tratando dessa revolução, attri-

buindo-lhe factos que não praticou com relação ao marechal Barreto commandante das armas que, como sabemos, vendo-se sem recursos materiaes para enfrentar-se com os revolucionarios refugiou-se em Montevidéo.

Sem entrarmos em detalhes, apontaremos aqui apenas as acções em que se achou o tenente Osorio durante todo o periodo da guerra civil, salientando os relevantes serviços que prestou á integridade da patria e muito especialmente á monarchia brasileira.

Como já ficou dito, apresentou-se Osorio ao coronel Bento Manoel que não poz duvida em confiar-lhe o commando do seu desfalcado regimento e da fronteira de Bagé. Dahi seguio mais tarde com ordem de ir apresentar-se com o dito regimento á «divisão da direita» do *exercito legal* creado por Bento Manoel.

Com este chefe á frente, a 17 de março de 1836, uma columna que fazia parte daquella divisão marchou em busca dos revolucionarios, cuja vanguarda era commandada pelo coronel Affonso de Almeida Côrte Real e achava-se nas proximidades do rio Santa Maria. No passo do Rosario, collocou-se o dito chefe para receber o ataque que foi dirigido pelo tenente-coronel Silva Borges, tendo ao lado seus dois filhos, José e Manoel. Estes concorreram efficazmente para a derrota da vanguarda do exercito revolucionario, entregando-se Côrte Real á intimação que lhe fôra feita pelo tenente Luiz Osorio que o prendeu e desarmou, sendo mandado para a côrte convenientemente escoltado.

Por molestia do chefe revolucionario João Manoel de Lima e Silva, assumiu o commando do exercito da republica rio-grandense o bravo coronel Antonio de Souza Netto, e sciente disso preparou-se Bento Manoel para dar-lhe combate na primeira opportunidade, para o que, fazendo concentrar suas forças, recebeu o chefe Medeiros as necessarias ordens para esse fim, levando como sempre, a seu lado o tenente Osorio que a 21 de novembro foi nomeado major da 3ª brigada de cavallaria.

No anno seguinte começou Osorio por tomar parte no combate das Pedras Altas pelejado a 4 de janeiro,

sendo os republicanos obrigados a refugiarem-se no visinho Estado Oriental.

No dia seguinte publicava o chefe *imperialista* uma extensa ordem do dia communicando a victoria alcançada contra os republicanos, exaltando os brios de seus commandados pela constancia com que soffriam as privações de uma trabalhosissima campanha, « sem sal, sem farinha, sem vestuario, sem soldo, attestando assim que só elles podiam ser considerados entre os melhores soldados do Universo.»

Mais tarde, como já vimos paginas atraz, era o chefe Bento Manoel que se passava para os republicanos, e convidando Osorio a seguir-lhe teve a mais formal resposta negativa.

Achando-se em Caçapava com o coronel João Chrissostomo, que assumira o commando das forças legaes que a guarneciam, vendo-se sitiado, conseguiu Osorio escapar-se com algumas praças pela madrugada de 7 de abril, indo assim levar a Porto Alegre a fatal noticia do cêrco.

No dia seguinte amanheceram completamente tomadas todas as saidas da villa de Caçapava, sendo o coronel João Chrisostomo obrigado a capitular com cêrca de 600 homens e 13 boccas de fogo. Verdade era que os sitiantes contavam no seu exercito para mais de 1.500 praças dirigidas pelos chefes Netto, Guedes, Canavarro e João Antonio, todos já de accôrdo com Bento Manoel.

Sciente o presidente da provincia dos factos praticados por Osorio e do seu comportamento com relação á solicitação do seu ex-commandante, Bento Manoel, como uma prova de gratidão dos legalistas e em remuneração de tão altos serviços endereçou-lhe a seguinte portaria :

« Achando-se vago o lugar de major da legião neste municipio, e attendendo aos mui relevantes serviços que o tenente Manoel Luiz Osorio tem prestado á causa da legalidade, e á sua actividade, pericia e mais partes que nelle concorrem para o bom desempenho das funcções inherentes ao dito posto, hei por bem nomear o mencionado tenente para o referido posto de major de legião, que desde logo principiará a exercer, percebendo o soldo e mais vantagens que lhe competem como tal.—Palacio do

Governo em Porto Alegre, 1º de maio de 1837. — *Americo Cabral de Mello,* vice-presidente ».

Pela ordem do dia, do commando das armas, da mesma data havia Osorio sido nomeado para commandar o esquadrão de cavallaria da cidade de Porto Alegre.

De Caçapava marchou o exercito, a sitiar a capital, então defendida por 700 praças de infantaria, 250 de cavallaria e 22 boccas de fogo, com as respectivas guarnições auxiliados por cerca de 150 paisanos convenientemente adestrados e armados.

A 11 de maio recebeu o commandante da praça a intimação dos sitiantes, que desprezou, pelo que resolveu o chefe republicano levar a effeito o assalto ás posições de orde, porém, foi vigorosamente repellido.

Repetido o ataque a 18, teve o mesmo successo que o anterior. A 23 commandou Osorio a força que além das trincheiras perseguio e bateu os rebeldes pela margem direita do Guahyba, aprisionando 32 delles, 50 cavallos, 170 bois e 8 canôas, pelo que foi louvado em ordem do dia do commando em chefe.

No combate travado a 29 de setembro, em que foi chefe das forças legaes o brigadeiro Xavier da Cunha, o 8º batalhão de caçadores, do commando do major Mazzarrêdo, que nessa occasião foi morto, achava-se ameaçado de ser envolvido por um dos flancos, quando acudindo Osorio com parte do seu esquadrão, apoiado pela infanteria de allemães, fez abortar a manobra dos adversarios que, alem de tudo, foram damnificados pela fuzilaria do dito batalhão quando retiraram-se.

«A' 8 de novembro de 1837, diz a fé de officio que temos á vista, deixou o tenente Osorio o commando do esquadrão da cidade de Porto Alegre, por ter sido nomeado pelo presidente da provincia «para engajar forças no Estado Oriental do Uruguay, commissão esta que não cumpriu por ter recebido contra ordem, quando já se achava de viagem, na cidade do Rio Grande.»

Em as paginas 339 a 343, do seu já mencionado livro, o dr. Fernando Osorio, apresenta os verdadeiros motivos desta alteração.

O presidente que nomeára o tenente Osorio, major

de legião e commandante da cavallaria de Porto Alegre, havia sido substituido por outro que, influenciado pelos inimigos politicos do brioso major, não teve escrupulos em dar a sua assignatura á portaria de tal nomeação, cujos termos sabia não significavam a verdade nem o interesse do serviço publico, obrigando o demittido a apresentar-se ao seu principal desaffecto «antes de receber, delle presidente, as instrucções sobre a nova commissão para que fôra designado» ! !

Aguardando as ultimas determinações do novo presidente a seu respeito, na cidade do Rio Grande, teve Osorio o ensejo de, sob as ordens do chefe legalista Silva Tavares, tomar parte em uma sortida contra uma partida de republicanos, que foi completamente destroçada.

E por ter o dito chefe se empenhado com o presidente da provincia para a sua inclusão na brigada de seu commando—«acceitou este de braços abertos a solicitação de Tavares que o tirava da posição embaraçosa em que se collocára para com a victima de seus amigos ; e pois, em 17 de janeiro de 1838 ordenou a Tavares que— *empregasse convenientemente o capitão Manoel Joaquim Maria de Souza e passasse a exercer interinamente as funcções de major da brigada de seu commando o major de legião Manoel Luiz Osorio, emquanto não podia effectuar a commissão para que fôra nomeado.*

Em vista de taes deliberações, teve Osorio de seguir do Rio Grande para o acampamento de Canudos onde se achava o coronel Silva Tavares e, ao alli chegar, assumiu a 22 de abril o exercicio do cargo de major da 1ª brigada de cavallaria da guarda nacioeal. A 3 do mez seguinte entrou no combate pelejado junto á povoação do Herval, sendo promovido a capitão por deereto de 20 de agosto, tudo do referido anno de 1838, continuando a servir sob as ordens do coronel Tavares.

Observador e conhecedor dos homens dessa epoca, pouca ou nenhuma confiança tinha o futuro heroe de Tuyuty, nas providencias que poderiam ser determinadas para a pacificação da sua provincia, onde aquelles a quem incumbia-lhe prover e cuidar, se achariam por longo tempo sem ter quem de tal se encarregasse.

D'ahi a resolução que tomou em abril de 1839 de endereçar extensa e bem justificadada petição ao governo para que fosse decretada a sua reforma «como premio de seus serviços á Patria no espaço de 16 annos, contando nestes, 9 annos e mezes de campanha.»

A esta petição fez juntar uma serie de documentos e informações firmados pelos seus chefes que muito abonavão a sua irreprehensivel conducta militar e civil e o que perderia o exercito se delle se afastasse o peticionario, salientando-se entre ellas a do referido chefe Silva Tavares e coroneis Medeires Costa, Oliveira Lisboa e Frederico Caldwell, destoando, porém, destes, e desta vez por vingança, o já mencionado presidente que o deportára de Porto Alegre, e assim procedendo dava a conhecer que pouco não era o prestigio de que gosava entre os seus camaradas e concidadãos o capitão Luiz Osorio; pois assim concluia a sua informação: «Nestes termos, parece-me que bom seria não só conceder-lhe a reforma, que implora, mas até determinar-se-lhe um logar para residir fóra desta provincia emquanto não terminar a guerra civil que a tem assolado».

Sabemos, porém, que antes desse facto, achando-se no Rio Grande o ministro da guerra, Sebastião do Rego Barros, com elle se havia entendido pessoalmente o capitão Osorio, commissionado pela maioria dos officiaes da legalidade, externando-se com a franqueza que o caracterizava, sobre os actos desacertados do presidente e commandante em chefe do exercito, quer em relação á politica do primeiro cargo quer em face da arte militar, quanto ao segundo; ao que, segundo consta, o ministro promettera providenciar logo que chegasse á côrte.

Dessa conferencia, como sóe sempre acontecer, teve prompta noticia o presidente, e assim se explica a sua *boa vontade* de, desde então privar o exercito nacional do forte concurso de quem cinco lustros depois o soube conduzir nas mais difficeis emergencias nos campos do Paraguay. (vide paginas 354 a 367 da obra citada).

Apezar, porém, do libello accusatorio que acompanhou o requerimento do capitão Osorio, deram-lhe o seguinte despacho: *Esperado*.—E quando o substituto do referido

presidente, no commando em chefe do exercito, (general Jorge Rodrigues), a 24 de setembro, tudo do dito anno de 1839, enviou ao governo a proposta da reorganização do 2º regimento de cavallaria de linha, assim se expressou :

«Para capitão da 3ª companhia, o capitão Manoel Luiz Osorio. Conta 16 annos de serviço, e é capitão de 20 de agosto de 1838. Serve na lucta actual com bastante distincção e está empregado como major de legião de guardas nacionaes».—Por decreto de 2 de dezembro de 1839 era Osorio transferido para o mencionado 2º regimento.

Em fevereiro do anno seguinte, com forças das tres armas, marcha o general Jorge Rodrigues a occupar o rio Cahy com o fim de obstar ás tropas republicanas que sitiavam a capital, se dirigissem para a *campanha*.

Do Cahy ordenou o mesmo general fossem feitas varias excursões sobre os principaes pontos dominados por partidas revolucionarias, feito o que, ao expirar o mez de março, achavam-se reunidas nas proximidades do Cahy, as mais fortes unidades do exercito imperialista que, segundo os seus planos, devia atacar o inimigo que ameaçava a capltal.

Nesse intuito moveu-se o general Jorge Rodrigues a 25 de abril, dando-se o encontro dos dois exercitos a 3 do seguinte mez, no passo do Taquary, onde se ferio a celebre batalha de que por vezes temos tratado, retirando-se os republicanos, depois de uma hora da mais mortifera peleja, ás suas predilectas posições nos arredores da capella do Viamão.

Das forças de cavallaria que do acampamento de Canudos marcharam para fazer juncção com as do grosso do exercito legalista fazia parte o major de legião Luiz Osorio e tendo essas forças executado fielmente as ordens do general em chefe, regressaram do dito acampamento a 8 de julho.

Neste mez, deu-se a chamada revolução da maioridade de D. Pedro II, promovida pelas mais altas influencias do partido *liberal*, resultando fosse esse monarcha empossado do throno contando apenas quatorze annos e sete mezes de idade.

Em principios de março de 1841, por ordem do commando em chefe do exercito imperialista, as forças de cavallaria de que fazia parte a brigada da guarda nacional onde Osorio exercia o cargo de major, e se achavam em São Gonçalo, marcharam dessa posição e a 16 se reuniam áquelle exercito no serro dos Porongos. Pela ordem do dia de 17 de abril deixou o cargo de major de brigada para assumir o de deputado do ajudante-general junto ao commando da 2ª divisão, e por outra de 25 de maio deixou esta commissão conforme pedira, passando na mesma data a servir sob as immediatas ordens do commandante em chefe do exercito, general João Paulo dos Santos Barreto.

Como já vimos, o general João Paulo alçançou a fronteira sem que houvesse conseguido dar uma batalha campal, porque o inimigo a isso se furtára, de modo que fatigada a sua tropa e principalmente a cavalhada, contramarchando, estabeleceu seu quartel de inverno no rincão de São Vicente, na margem direita do Ibicuhy.

Durante esta marcha deram-se alguns encontros e escaramuças entre forças dos dois exercitos, taes como: o da noite de 12 para 13 de junho no passo de São Borja, onde muito se distinguiu o capitão Osorio, procurando meios rapidos para a passagem de todo o exercito, antes da chegada do inimigo, cuja vanguarda foi repellida, com surpreza para elles; o da Tapéra do Trilha ou Estancia do Meio, a 18 de julho, e o do banhado de São Gabriel ou do Inhatium, a 22 do mesmo, em os quaes tambem combateu ao lado do general em chefe; e as guerrilhas do Páo Fincado, de São Lucas, Pirajú, Boqueirão de São Thiago, Santa Maria, etc.

No seguinte anno de 1842, por decreto de 27 de maio, teve Osorio a promoção a major para o mesmo regimento (2º), contando, porém, antiguidade de 18 de julho de 1841, e por carta imperial de 13 de julho foi agraciado com a venéra de cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro, « pelos serviços prestados na provincia do Rio Grande do Sul».

Em novembro do mesmo anno assumia o commando em chefe do exercito imperialista o general Caxias, que tinha de ser o pacificador da provincia, cuja *campanha*

achava-se então completamente dominada pelos revolucionarios.

Já vimos o que este chefe conseguiu nos vinte e seis mezes em que tão habilmente dirigiu as operações, offerecendo-se então o ensejo de estreitar as boas relações que sempre mantivera com o prestimoso major Luiz Osorio, a quem muito apreciava por saber que, á sua proverbial franqueza e lealdade reunia os preciosos dotes de um verdadeiro official de cavallaria, conhecedor a fundo da tactica d'essa arma e tambem de toda a topographia do territorto que servia de theatro a essa guerra fratricida.

E com effeito, em julho do anno seguinte, após os combates e recontros de São Gabriel, a 10 ; do Vacaycuá a 13 de abril; do Ponche Verde a 26 de maio e de Santa Maria Chica á 8 de junho, já vimos que sabendo Caxias que o inimigo havia deliberado apossar-se da cavalhada que com muito custo adquirira e conservava na margem direita do São Gonçalo, confiou a sua guarda e defesa ás forças do coronel Marques de Souza de que fazia parte o major Osorio.

Nessa marcha, que se fez com toda a celeridade, aquelle coronel mandou o major Osorio avançar com dois esquadrões, no intuito de chamar a attenção do inimigo para outra estrada, emquanto elle devia se approximar do Piratinim com o grosso da columna afim de ver se podia realisar, por surpresa, a captura dos principaes chefes da revolução que ahi se achavam.

« Este movimento, diz a ordem do dia n. 77 do commando em chefe do exercito, produzio o effeito de tão sómente pôr em precipitada fuga 150 rebeldes capitaneados pelo bem conhecido Amaral Ferrador os quaes puderam escapar ao gume das espadas da legalidade, por haverem passado com antecipação o rio. A força e esquadrões de Osorio entraram quasi ao mesmo tempo na villa. Neste ponto soube o coronel Marques que o inimigo levára em duas carretas os generos que alli tinha em arrecadação. O referido major Osorio foi mandado em seu seguimento, e a pouca distancia se apossou dellas, fazendo-lhes seis prisioneiros, matando-lhe dois no acto de tomal-as, e esca-

pando-se vinte nos mattos que bordam a povoação. Roupas de lã e de algodão americano e algumas peças destes generos e de chitas, armas brancas e de fogo, arreamento, cartuchame de artilharia, infanteria e cavallaria, foram o despojo que se colheu na empreza ».

A 15 de dezembro assumiu Osorio o commando interino do 2º regimento de cavallaria, para o qual, por decreto de 23 de julho do seguinte anno de 1844, foi promovido a tenente-coronel, havendo sido, por despacho de 5 do mez anterior, nomeado cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz, pelos seus bons serviços.

Por ordem do commando em chefe do exercito marchou em 12 de outubro do mesmo anno em commissão especial ao Estado Oriental do Uruguay e recolheu-se a 19 do dito mez. Estando o exercito em Candiota marchou com 150 praças para São Gonçalo afim de conduzir dalli 1.500 cavallos, trezentos fardamentos e armamentos e cincoenta contos de reis, o que cumpriu, e apresentou-se a 7 de janeiro de 1845.

A 1º de março seguinte terminou a lucta no Rio Grande do Sul, após um periodo de quasi dez annos, cabendo a Ozorio com o seu regimento a guarda e vigilancia da fronteira de Bagé, acampando no Pirahy, sendo então eleito deputado provincial nas eleições procedidas nesse mesmo anno.

Quando em janeiro de 1846 percorreu D. Pedro II as principaes cidades e villas da campanha do Rio Grande do Sul, coube ao regimento de Osorio servir-lhe de escolta, e de tal modo apresentou esse corpo que a todos causou a melhor impressão, pelo garbo do seu escolhido pessoal e ainda mais pela sua cavalhada, composta somente de cavallos brancos.

Aberta a 1º de março desse anno a assembléa legislativa da provincia, apezar de eleito deixou o tenente-coronel Osorio de comparecer ás suas sessões, limitando-se a entreter correspondencia com os seus collegas de representação, obtendo assim melhoramentos para diversas localidades, passando-se então com licença para o Estado Oriental a tratar de seus interesses particulares.

Por carta imperial de 6 de outubro de 1846 foi agra-

ciado com o officialato da ordem da Rosa, e regressando á provincia, por ordem da presidencia de 26 de março de 1847, seguiu para a Republica de Corrientes em commissão de caracter reservado. Desta commissão desempenhou-se de modo a merecer fosse endereçado ao commando das armas pelo presidente da provincia o seguinte officio :

« Illm. e Exm. Snr. — Com os officios de V. Ex. de 10 a 15 do mez corrente, recebi as copias das participações a V. Ex. feitas pelo tenente-coronel Manoel Luiz Osorio relativas ás opiniões que circulam do outro lado do Uruguay a respeito da politica do Imperio sobre a questão do Prata; das eventualidades que póde trazer a solução deste pleito em favor de Rosas, dos temores que agitam a muitos influentes dos dous Estados mais visinhos ao nosso, e, finalmente, dos meios que ao mesmo tenente-coronel parecem mais proficuos para a duração da paz do Imperio. E bem compenetrado da intelligencia, lucidez e critica que sobresahem nesses escriptos, não tenho senão que applaudir o bom desempenho da commissão do dito tenente-coronel Osorio a quem V. Ex. communicará o quanto venho de expender, manifestando-lhe a minha mais particular satisfação e contentamento.—Deus Guarde a V. Ex. — Palacio do Governo em Porto Alegre, 27 de maio de 1847. — *Manoel Antonio Galvão.* — Illm. e Ex. Snr. brigadeiro José Joaquim Coelho ».

A 17 de do seguinte mez de setembro obteve Osorio dois mezes de licença, concedidos pela mencionada presidencia, *que gosou*, apresentando-se prompto para o serviço a 20 de janeiro de 1848.

« Por ordem do presidente e commandante em chefe do exercito, commnicada em officio do deputado do ajudante-general, foi declarado que a licença acima mencionada tinha sido ficticia, porque durante o tempo da referida licença esteve em commissão importante por ordem reservada do governo da provincia de 17 de julho de 1847 ». Diz a fé de officios que temos á vista, mas a parte por elle então dirigida ao commandante das armas, transcripta a pag. 446, do livro do dr. Fernando Ozorio, demonstra quanto de importante havia nessa commissão e

que bem poucos a podião desempenhar com tanta sagacidade e intelligencia.

O Figueiró (Candido) de que nella se trata, era um pessimo brasileiro, que a frente de uma quadrilha de salteadores costumava percorrer a fronteira e a transpunha quasi sempre hostilisando fortemente os partidarios do celebre Oribe; afinal, com os seus principaes comparsas, foi destroçado em janeiro de 1848 no Quarahim.

Durante esta ausencia, tendo-se procedido á eleição em toda a provincia, foi Osorio pela segunda vez eleito pelos seus concidadãos da parochia de Bagé e, sem descurar dos seus deveres militares, continuou a prestar forte concurso ao seu partido, sendo ouvido em as mais difficeis questões sobre assumptos politicos, pelo que, devido á sua influencia, teve que soffrer por algumas vezes contrariedades e dissabores, como é facil de imaginar; mas com a maior resignação a ellas se submettia sem comtudo abrir mão dos seus direitos de cidadão, garantidos pelas leis do paiz que, como militar ou civil, sempre serviu com abnegação e lealdade.

Com a 3ª brigada a que pertencia o seu regimento achava-se o tenente-coronel Osorio acampado na Tapéra do Trilha, quando a 23 de novembro de 1849, por ordem superior, marchou com o dito regimento para a fronteira «afim de impedir reuniões que perturbavam a tranquilidade publica» regressando a 16 de dezembro do mesmo anno.

Taes reuniões, como se sabe, obedeciam a um plano engendrado pelo nosso conhecido coronel Francisco Pedro de Abreu (barão de Jacuhy), qual o de penetrar no Estado Oriental para, em represalias, bater as tropas de D. Manoel Oribe que, senhor absoluto da *campanha* do mesmo Estado, onde existiam grande numero de estancieiros brasileiros, ordenára a estes que se recolhessem aos pontos fortificados, ou então que saissem para fóra do Estado, no termo de oito dias, sob pena de serem degollados e prohibiu a marcação dos gados e toda a faina nas estancias, para mais facilmente apoderar-se dos animaes alheios, a pretexto de não terem dono e muitos outros horrores que se acham descriptos pelo saudoso major

Titára no seu livro «Memorias do Grande Exercito Alliado Libertador ».

Em artigo publicado nesta capital em agosto de 1850, dizia o barão de Jacuhy :

« Eu estou convencido de que tanto os governos como os particulares estão na rigorosa obrigação de empregar contra salteadores reconhecidos todos os meios de repressão que estiverem ao seu alcance».

Mas o governo de então que não pensava do mesmo modo, não se deixou guiar pelos seus conceitos. D'ahi, as providencias que em parte coube ao tenente-coronel Osorio ser o executante e para isso dirigio-se, si bem que contrariadissimo, ao Upamorotim onde sabia acharem-se reunidos diversos chefes que acompanhavam o barão de Jucuhy, providenciando sobre os meios de secundal-o materialmente, os quaes, ao saberem da sua marcha, se dispersaram em fins de novembro, de modo que, satisfeito havia regressado Osorio, como vimos, ao seu acampamento a 16 do mez seguinte.

Ainda pelo motivo acima mencionado teve de novamente marchar com o seu regimento para a fronteira de Bagé e Quarahym a 7 de janeiro de 1850, conforme lhe ordenára o commandante da brigada a que pertencia, em officio que assim terminava :

« O reconhecido prestimo, intelligencia e conhecimento pratico de Vme. para o bom desempenho de uma tão importante commissão, me asseguram o feliz resultado do objecto a que é destinado e dos louvores que sem duvida terá de receber de S. Ex. o Snr. Tenente-General commandante do exercito».

De combinação com o chefe oriental D. Diogo Lamas e o seu collega tenente-coronel Severino Ribeiro, commandante da fronteira do Quarahym, conseguio Osorio se frustrassem os primeiros planos do barão de Jucuhy, que foi preso por aquelle tenente-coronel e remettido ao general commandante da 5ª brigada e fronteira do Alegrete. Este o enviou para Porto-Alegre, porém o barão consegue escapar-se da escolta apenas se distanciára 5 leguas de Alegrete, voltando mais firme que nunca aos seus intentos de «fazer justiça por suas mãos».

Outros chefes foram tambem capturados pelas acertadas providencias do tenente-coronel Osorio, mas, como já acontecera ao principal, conseguiram illudir os encarregados de guardal-os e tambem evadiram-se. Nestas circunstancias, mais aferrado se mostrava o barão de Jacuhy aos seus projectos, passando a manobrar com a sua gente pelas proximidades do Quarahym esperando occasião asada para mais uma vez invadir o Estado Oriental. Avisado, porem, dera Osorio, conhecimento dos planos do barão ao referido coronel oriental D. Diogo Lamas, no intuito de evitar maiores complicações, cumprindo assim as instrucções que lhe foram dadas, conforme tudo se deprehende do officio que a 27 do dito mez derigiu ao commandante da 1ª brigada e fronteira do Rio Grande e se encontra entre os annexos da obra do major L. Titára a que já nos referimos.

Essa lucta de represalias, que pelos contemporaneos se denominou de—*California*, teve o seu termo no mez de março de 1850, tendo porem augmentado cada vez mais os odios entre brasileiros e orientaes oribistas (blancos), «sem falar no sacrificio de muitas vidas e de algumas reputações que desde então se tornaram duvidosas».

Concorrendo Osorio para o desejado resultado, adquiriu inimigos e desafectos entre os partidarios do barão de Jacuhy que, como é natural, procuraram sempre desgostal-o por todos os meios, inclusive o da imprensa, cujos artigos desfavoraveis á sua conducta foram completamente destruidos com documentos que demonstram exuberantemente ter elle agido sempre no stricto cumprimento de seus deveres de militar leal e sincero. (Vide—*Historia do General Osorio*—paginas 474 a 489).

A 4 de junho seguinte regressava Osorio, com o seu regimento, ao acampamento da Tapéra do Trilha, onde se conservou até janeiro de 1851, por ter a 29 desse mez entrado no gozo de dois mezes de licença para tratar de seus interesses. Apresentando-se a 25 de março, tres dias depois á frente do 2º regimento, marchou a incorporar-se á brigada de cavallaria que, sob o commando do brigadeiro Marques de Souza, devia ser exercitada no campo de manobras.

Sabemos que nessa epoca, em nada lisongeiras eram as relações do governo do Brasil com as republicas do Prata. Augmentavam-se cada vez mais de parte a parte os resentimentos, queixas e prevenções, de modo a ser cousa de pouca demora um desforço pelas armas.

O dictador de Buenos-Aires, ostensivamente fortalecia o arbitrario D. Manoel Oribe, e chegou ao ponto de pedir fosse castigado o barão de Jacuhy, pelos factos praticados na *campanha* do Estado Oriental, e bem assim a todas as autoridades brasileiras accusadas de protegel-o. Andou correcto o governo do Brasil negando-lhe o direito de ingerir-se em negocios alheios, desejando até discutir assumptos que competiam aos dois Estados, á vista do que fez o dictador retirar desta capital o seu representante, que ao chegar a Buenos-Aires foi recebido festivamente pelo povo, com gritos, porem, de desenfreada hostilidade para com o nosso governo.

Reforçado o exercito de Manoel Oribe, pelo dictador de Buenos-Aires, que tinha em mente a conquista do Rio Grande do Sul, esperançado mesmo no exterminio da monarchia brasileira, fez aquelle caudilho marchar para a nossa fronteira em Santa Thereza, uma forte columna, que felizmente não a achou desprovida de forças brasileiras.

Ligando-se aos governos de Entre Rios e Corrientes, em correspondencia secreta, andou o do Brasil com reconhecido tino politico, conforme se vê do convenio celebrado a 29 de maio de 1851, para ser mantida a independencia da Republica do Estado Oriental do Uruguay, concorrendo por todos os meios, para a sua pacificação, expellindo do seu territorio o general D. Manoel Oribe com as forças sob seu commando; ficando as coisas em o seu verdadeiro estado normal se deveria em seguida proceder á eleição livre do presidente, segundo a sua constituição politica.

Para tanto se conseguir, ao tenente-coronel Osorio se fez seguir a 5 de julho, «em commissão especial do presidente da provincia, para as republicas de Entre-Rios e Corrientes, onde devia tratar com os respectivos governadores, pela forma prescripta nas *instrucções* que lhe foram entregues ao receber tal incumbencia.»

Dando ao caso a importancia que merecia, 18 dias depois, isto é, a 23 do mesmo mez, regressava Osorio, tendo dado cabal desempenho á sua commissão e com o maior prazer apresentou-se em Orqueta ao novo commandante do exercito, conde de Caxias, a quem prestou contas as mais minuciosas da sua missão «em uma conferencia que durou toda a noite.»

No dia seguinte deu Caxias as necessarias ordens para a organização de uma divisão que devia cobrir toda fronteira desde o Chuy até Bagé e operar sobre o Cerro Largo e Maldonado na visinha republica, e a 26 com o regimento de Osorio e mais dois batalhões de infanteria, em marchas forçadas seguio para Sant'Anna do Livramento, para organizar o exercito imperial que tinha de entrar em operações.

A 16 de agosto, por ordem do general em chefe marchou Osorio para a republica Oriental para entender-se com o general D. Justo Urquisa, sobre assumptos que se prendiam ás futuras operações e que teriam por theatro o territorio da mesma republica, o que satisfez com a sua proverbial presteza e exactidão, regressando ao acampamento a 21 do mesmo mez, embora ficassem inutilizadas as suas melhores montarias.

Concluida a organização do exercito, á 2ª brigada de cavallaria, ao mando do brigadeiro Marques de Souza, ficou pertencendo o 2º regimento do tenente-coronel Osorio, com o qual marchou a 4 de setembro com todo o exercito para o territorio da vizinha republica.

Já sabemos que o exercito do general Oribe, impossibilitado de evitar um encontro com o dos alliados, nem mesmo recorrendo á fuga para Buenos-Aires, pela vigilancia da nossa esquadra, cujos navios cruzavam as aguas do Prata, sujeitou-se a capitular sem combater, reconhecendo a 11 de outubro de 1851 o governo constituido em Montevidéo, passando-se toda a tropa argentina do seu commando para o do general Urquisa, que de tudo deu conhecimento ao general em chefe do exercito brasileiro.

Este, sem perda de tempo, deixou encarregado do commando o marechal de campo Bento Manoel Ribeiro e do passo do Polanco, onde se achava, acompanhado unica-

mente do regimeeto do tenente-coronel Osorio, partio a entender-se com o referido general que se achava no Pantanoso acceitando as rasões que este lhe apresentara com relação a Oribe para evitar maiores complicações.

Estava, portanto terminada a primeira campanha. Para a segunda, prestes foram iniciados os movimentos do «exercito alliado» sendo escolhida a povoação de Diamante em Entre-Rios para a concentração das tropas.

A 1ª divisão brasileira, que devia fazer parte do exercito invasor, pertencia a brigada composta com os batalhões 8º e 11º e o 2º regimento de cavallaria, do tenente coronel Osorio, que da colonia do Sacramento partio a 16 de dezembro ; no dia 22, todo o exercito alliado encetava a passagem do Paraná, que concluio com felicidade a 8 de janeiro de 1852.

No dia 12 transpunhão os alliados o *Arroyo de Medio* fronteira da provincia de Buenos Aires, e depois de vinte e um dia das mais penosas marchas, supportando milhares de contratempos, acossados pelo forte calor, com privação de aguadas e outros recursos, a sua vanguarda avistou a do exercito do dictador Rosas, sobre a coxilha á margem oriental do arroio das *Conchas* ; continuaram, porem, a marchar, e depois de um fraco tiroteio foi essa vanguarda desalojada e nessa posição acamparam.

No dia seguinte deu-se a tradicional batalha de Moron, sendo levado de vencida o exercito do dictador Rosas que, apezar de todo o seu illimitado poderio, teve de, em trajos disfarçados, procurar asylo a bordo de um navio inglez, com receio de ser feito prisioneiro.

O papel que ao tenente-coronel Osorio coube desempenhar na batalha de Moron, por outros já descripta em seus detalhes, se acha consignado em grande numero de para elle sobremodo honrosos documentos, dos quaes apenas aqui transcreveremos os dois constantes da nota abaixo. (*)

(*) ...« O 2º regimento de cavallaria ligeira, tendo sido destacado desta divisão, por ordem do snr. general Urquiza para fazer parte da vanguarda do Exercito—Alliado, foi incorporado á divisão do commando do general La Madrid, *da qual fazia a testa*, etc., etc.

« Tendo o regimento de marchar depois para a frente da es-

Pela ordem do dia do commando em chefe do exercito imperial de 5 de fevereiro de 1852 foi Osorio louvado « por haver com a bravura, pericia e sangue frio que o caracterizam, carregado, á frente do seu regimento, sobre uma bateria inimiga, tomando-a, pondo em completa derrota os que a guarneciam » : e por decretos de 3 e 7 do seguinte mez de março foi promovido a coronel commandante do 2º regimento de cavallaria ligeira « por merecimento ainda uma vez comprovado no campo de batalha » e condecorado com a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro pelos serviços prestados nas campanhas do Uruguay e Buenos Aires; e por outro decreto de 14 do dito mez teve a medalha de ouro concedida aos officiaes superiores que fizeram as referidas campanhas e entraram na batalha de Moron.

Pela ordem do dia do mesmo commando 12 de abril passou a exercer o commando da 6ª brigada de cavallaria com a qual recolheu-se á provincia do Rio Grande do Sul a 4 de julho, data em que se considerou terminada a campanha.

---

querda da linha inimiga, ahi formou em batalha, e por ordem do referido general La Madrid, *avançava a trote sobre uma bateria* que dirigia seus fogos á divisão Oronho, quando surprehendidas as guarnições da mesma bateria pela *audacia com que o regimento assim as investia*, abandonaram as peças, fugindo com os armões ; mas sendo perseguidas por um esquadrão de atiradores, foram obrigadas a abandonal-os, perdendo vinte e tantos homens e muitos prisioneiros, deixando em nosso poder cinco boccas de fogo, cinco carros com munições e varios artigos de guerra. (Extrahido da parte do commandante da divisão brasileira — brigadeiro Marques de Souza).

—« Cuartel General del Gran Ejercito Libertador en Palermo, febrero 6 de 1852.—Exmo. Sñr. – El General que subscrive, tiene el honor de poner en conocimiento de S. E. el Gobernador y Capitan General de la provincia de Entre-Rios, y General em Gefe del Grande Ejercito Alliado Libertador, que la division que se dignó S. Ex. confiarle á su direccion, al mando del costado derecho de nuestra linea en la grande batalla de 3, y compuesta del *regimiento n. 2 de caballeria del Ejercito Imperial, bajo las ordenes de su teniente-coronel y gefe interino D. Manuel Luis Osorio*, y etc., etc.

« El teniente-coronel Osorio con *su bravo e diciplinado* cuerpo se ha conducido con *bisarria admirable*, sin haber tenido mas pérdida que del bisarro teniente Manoel Francisco Monteiro y el distinguido alferes Norberto Xavier Rosado, muertos, como así mismo um sol-

No perfeito gozo de seus direitos, passou Osorio a occupar-se da politica de sua provincia onde, como já vimos, gozava de não commum influencia e alto prestigio, de modo que os candidatos não o deixaram descançar com os reiterados pedidos de protecção para obterem a desejada maioria de votos, se bem que nem sempre os primeiros fossem os escolhidos ou reconhecidos, como se deu com o barão de Porto Alegre que, occupando o primeiro logar na lista triplice para senador foi nomeado o terceiro.

Da sua actividade politica teve, porém, de ser distrahido o coronel Osorio por exigencias do serviço militar, motivadas mais uma vez pelas perturbações internas da nossa visinha Republica do Uruguay. Dahi, a ordem que recebera para exercer a mais rigorosa vigilancia em toda a fronteira de Jaguarão, de modo a não permittir se manifestasse qualquer adhesão ao movimento politico que havia rebentado em Montevidéo e muito menos as reuniões de quaesquer grupos partidarios nessa zona.

Mais tarde, a 16 de agosto de 1853, recebe do com-

---

dado, y dos de esta ultima clase heridos, habiendo tomado dicha division al enemigo, um crecido numero de prisioneros, la galera del famoso degollador Santa Coloma, y de más que empresa en el a su gefe immediato, etc., etc.

« Cabe-me así mismo la satisfacion de haber en la ultima carga, que dí con la division ó *regimiento brasileiro del teniente-coronel* Osorio sobre los ultimos restos de la infanteria del tirano, haberles obligado al abandono de los obuses y tres ó quatro cañones, con que se dirigian haciendonos fuego mas allá de Moron, etc., etc.

« En una palabra, Exmo. Sñr., no puedo menos que confesar a V. E. en obsequio de la verdad, que en ninguna de las muchas batallas en que é tenido el honor de allarme (aunque non con tan valientes gefes e soldados, como los que V. E. en esta vez me ha confiado), he hecho menos, solo por no contrariar las sabias disposiciones de V. E. en cuyo obsequio (seame permitido decir, porque lo han visto todos) hé privadome con la division de mi mando, de tomar al barbaro verdugo Juan Manoel Rosas; pues, con este exclusivo objecto me havia propuesto privarle su fuga por la retaguardia de los Santos Lugares, y presentarme de frente envolviendo toda su ala izquierda, al mismo tiempo en que *la nuestra* y el centro arrojavam con *inaudita bravura* de sus posiciones al salvaje tiranno y sus ordas de esclavos, etc., etc., (assignado) *Gregorio Araoz de la Madrid* ».

mando da brigada a que pertencia o seu regimento para o ter prompto a marchar á primeira ordem, devendo suas praças conduzir somente a roupa da ordem e que o archivo devia constar apenas dos livros subsidiarios das companhias. etc. etc.

Já vimos no 1º volume que o presidente do Estado Oriental, D. Juan Francisco Giró, vio-se forçado a abandonar o poder, que passou a ser exercido a 25 de setembro por um triumvirato (Lavalleja, Rivera e Flores) o que não agradou aos do partido *blanco* que logo deram começo na campanha ao movimento reaccionario a cuja frente collocaram o coronel D. Dionisio Coronel. Não obstante o prestigio deste chefe, o movimento teve de baquear, mas continuando a agitação em toda a republica, o governo constituido pedio o apoio do gabinete de São Christovão, que, na fórma do tratado de amizade e alliança de 12 de outubro de 1851, foi forçado a attendel-o.

Em a nossa fronteira já se achava então organizada a divisão de observação que tendo recebido ordem para penetrar no territorio oriental o invadio a 28 de março de 1854, levando um effectivo de 4.000 praças, sendo seu commandante o brigadeiro Pereira Pinto e o da 2ª brigada o coronel Manoel Luiz Osorio. A 2 de maio seguinte, como já vimos, chegára a divisão brasileira ás portas de Montevidéo, onde foi agradavelmente recebida pelo ministro brasileiro, Dr. José Maria do Amaral, e no dia seguinte pelas 10 horas da manhã fazia a sua entrada solemne na cidade, ao som das salvas dos navios de nossa esquadra surtos no porto.

A 26 de junho deixou Osorio Montevidéo e, em «commissão reservada marchou para a campanha, recolhendo-se a 5 de agosto». Tal commissão lhe foi dada pelo nosso alludido ministro que receioso se achava irrompesse na *campanha* entre os do partido *blanco* um movimento contra a «divisão brasileira auxiliadora», o que não passava de boatos alarmantes, como o perspicaz Osorio teve occasião de verificar nesses poucos dias em que percorreu mais de 300 leguas. Assim trouxe elle a tranquillieade para a capital da Republica Oriental.

Por aviso do ministerio da guerra de 10, publicado

na ordem do dia da divisão, de 24 de janeiro de 1855, ao coronel Osorio se ordenava «seguisse em objecto de serviço para a provincia do Rio Grande do Sul. A 1º de fevereiro entregou o commando da 2ª brigada e a 10 do mesmo mez marchou a seu destino, sciente do serviço que ia prestar ao governo imperial, por lhe ter sido entregue o seguinte documento :

Illm. Sr. coronel Osorio—O governo tem mandado marchar alguma força para a fronteira de S. Borja, afim de auxiliar as nossas negociações em Assumpção, e desejando ter alli pessoa habilitada por suas relações, credito e confiança, passo nesta data ordem ao brigadeiro commandante da «Divisão Auxiliadora», para que se recolha ao Rio Grande, e, ao presidente desta provincia, avisando-o de que deverá V. S. ser o commandante da força que deve, conforme as ordens, estacionar na referida fronteira. V. S. e a força se deverão conservar em S. Borja, emquanto não receberem ordem em contrario, e esperamos que V. S. se haja nesta commissão como costuma.—Sou, com affecto e consideração, de V. S. — Affectuoso camarada — *Pedro de Alcantara Bellegarde*. (*) Rio 12 de janeiro de 1855».

Apresentando-se em S. Borja a 17 de maio, assumiu Osorio o commando das forças que guarneciam a fronteira de Missões, e pela ordem do dia do commando das armas, de 18 de junho seguinte, foi nomeado commandante da referida fronteira e da 2ª brigada, então organizada com forças das tres armas, que a guarneciam. Pela ordem do dia do referido commando, de 5 de maio de 1856, passou a commandar a 4ª brigada e as fronteiras de S. Borja e Missões, fazendo parte da dita brigada o *seu* regimento que regressára de Montevidéo.

Por decreto de 2 de dezembro ainda de 1856 teve Osorio a graduação de brigadeiro, e continuando na mesma commissão obteve, a 10 de janeiro de 1857, quarenta dias de licença para tratar de negocios de seu particular interesse.

Recolhendo-se dessa licença a 25 de fevereiro, reas-

(*) Exercia então o cargo de ministro da guerra.

sumiu, em S. Borja, as funcções de commandante da guarnição, sendo-lhe então dada a desempenhar a importante commissão de descobrir os *Campos das Vaccas Brancas*, povoados pelos famosos jesuitas e que, segundo a velha tradição, deviam se achar no territorio das Missões brasileiras. Organizada a expedição, fel-a dividir em turmas, marchando estas em rumos diversos, dos quaes regressaram ao ponto de partida a 18 de novembro, — «tendo tido a felicidade de descobrir requissimos *hervaes*, antigos e novos e os celebres *Campos das Vaccas Brancas*, entre os rios Cumandahy e Pindahy, acima do extincto povo de S. Xavier. Estavam cobertos de crescidos e vastos taquaraes, á sombra dos quaes verdejavam a grama e a macega. Completamente abandonados, comquanto extensos, não apresentavam a enorme área que se lhes suppunha, nem individuo algum da raça bovina que lhes deu o nome, porém, signaes de antiga occupação. Um HERVAL precioso foi achado entre os rios Pindahy e Sebollaty, immenso e tão cerrado *que se podia passar de um páo a outro páo de herva, da melhor qualidade procurada*».

Assim vemos que ao brigadeiro Osorio coube a gloria dessa importante descoberta pelo escolhido pessoal que empregára e do que conservou memoria o finado D. Pedro II, que mais tarde procurando remunerar os seus valiosos serviços de guerra com um titulo nobliarchico o nomeou — Barão do Herval —, como adiante veremos.

A' vista dos embaraços oppostos pelo governo do Paraguay á conclusão dos tratados apresentados pelo governo do extincto imperio, a 3 de outubro de 1857 decretou este a organização de um exercito de observação com tres divisões, da primeira das quaes fez parte a 1ª brigada de cavallaria, cujo commando assumiu o brigadeiro Osorio em março do anno seguinte, por ter para elle sido designado por decreto do referido dia 3 de outubro de 1857, deixando, portanto, o commando da fronteira de São Borja.

Dissolvido o mencionado corpo de exercito, que se achava acampado no Ibicuhy, ficou ahi apenas de — observação a força correspondente a uma divisão, seguindo Osorio a 29 de abril de 1858 para a fronteira de Jaguarão, para cujo commando havia sido nomeado por aviso de

15 do mez anterior. Alli chegando o assumio a 28 de maio, recebendo então o decreto que lhe concedia a commenda da ordem da Rosa « pelos serviços militares prestados na provincia do Rio Grande do Sul.

Por aviso do ministerio da guerra de 25 de novembro, tudo ainda de 1858, teve Osorio a nomeação de—inspector do 2º districto da arma de cavallaria, que comprehendia a côrte e provincias da Bahia e Pernambuco.

Da historia da sua vida consta ter sido esta nomeação o resultado de manejos politicos, porque a sua presença no sul muito contrariava os seus poderosos adversarios ; no entretanto accommodada sua familia, prestes seguio ao seu destino, apresentando-se á repartição competente, e em 24 de março do anno seguinte entrava no exercicio do seu novo cargo.

Concluida a inspecção do 1º regimento de cavallaria, remetteu ao governo a 16 de maio, o respectivo relatorio, recebendo a 4 do seguinte mez de junho, ordem do ajudante general para recolher-se á provincia do Rio Grande do Sul, onde apresentou-se ; tendo sido por decreto de 15 deste ultimo mez promovido á effectividade do posto de brigadeiro, e exonerado do cargo de inspector do 2º districto de cavallaria por despacho de 8 de dezembro de 1859, reassumio o de commandante da fronteira de Jaguarão.

Regressando á sua provincia natal precisou o brigadeiro Osorio pôr em bom pé os seus negocios particulares de ha muito descurados pelos seus multiplos affazeres, para o que obteve seis mezes de licença por aviso de 27 de abril de 1861, da qual entrou no goso a 5 de julho, data em que deixou aquelle commando.

Depois de ter estado em Pelotas, dirigiu-se para o Estado Oriental, onde possuia alguns bens da fortuna, e alli permaneceu até que esgotando-se a licença, reassumiu o commando da fronteira de Jaguarão a 6 de fevereiro de 1862 e desde então, mais do que nunca, empregou a sua actividade em favor dos seus correligionarios, conseguindo sempre realizar o que os mais ardilosos em manejos politicos confessavam ser inexequivel.

Como consequencia desse seu inquebrantavel apêgo

ás cousas politicas de sua estremecida provincia e por se tornar um elemento *perigoso* contra os seus adversarios que se achavam no poder, mais uma vez estes delle abusaram fazendo com que por aviso do ministerio da guerra de 20 de abril de 1864 o chamassem á côrte «para objecto de serviço, devendo ser substituido no commando da brigada e fronteira de Jaguarão pelo official a quem competisse.»

Recebida a ordem por intermedio do presidente da provincia, cumprio-a sem mais delongas, como nella se continha, e a 3 de junho apresentava-se, o por demais temido chefe politico, ao ministro da guerra, de quem ficou aguardando ordens.

Neste interim obteve que por carta imperial de 20 de julho desse anno lhe fosse concedida a «commenda» da ordem militar de São Bento de Aviz a que fizera jus.

Depois de se ter explicado no paço de São Christovão com o proprio imperador, a 6 de agosto recebia Osorio do ajudante general do exercito, o seguinte officio: «Illm. Exm. Snr.—Permittindo o exm. snr. ministro e secretario de estado da marinha e interino da guerra que V. Ex. regresse a provincia do Rio Grande do Sul, assim lhe communico para seu conhecimento e governo.— Deus Guarde a V. Ex. etc. etc. (assignado) — *João Frederico Caldwell.*»

No dia 26 do dito mez desembarcava Osorio na cidade do Rio Grande do Sul, onde tomou o transporte que o conduziu a Jaguarão, sendo ahi recebido com grandes festas promovidas pelos seus bons amigos, acompanhados pela quasi totalidade dos habitantes do municipio.

No seguinte mez de setembro deviam ser realisadas as eleições municipaes; a presença do brigadeiro Osorio deu novo alento aos do seu partido, que, nessas eleições venceu em toda a linha!

Como sabemos, desde janeiro desse anno de 1864 lavrava a guerra civil no Estado Oriental do Uruguay, da qual resultaram as complicações internacionaes entre o governo dessa republica e o do extincto imperio, pela gravidade dos factos praticados com o consenso das autoridades do partido *blanco* «cujo odio pelo Brasil, manifestado em todas as epocas, se elevava a encobrir

os perpetradores de tropelias e crimes de todo genero commettidos contra brasileiros residentes nessa republica ».

O governo imperial depois das conferencias que tivera com o brigadeiro honorario Antonio Netto, a 24 de abril, fez seguir para o Rio da Prata, a bordo da fragata *Amazonas* o conselheiro José Antonio Saraiva, na qualidade de ministro plenipotenciario, em missão especial junto ao governo do Estado Oriental, e bem assim a 9 do seguinte mez de maio, com o mesmo destino zarpou desta capital a corveta *Niterohy*, conduzindo o vice almirante barão de Tamandaré, com o seu estado maior, para assumir o commando da divisão naval brasileira nas aguas do Prata.

Como já vimos á pagina 236 do presente volume, nomeado commandante das armas da provincia do Rio Grande do Sul o marechal de campo João Propicio Menna Barreto, desde meiado de julho achava-se elle em Bagé, providenciando energicamente para a organização do «exercito de observação», que mais tarde teria de invadir o Estado Oriental do Urugnay.

Tendo sido o mesmo marechal, por decreto de 24 de setembro, designado para commandante em chefe desse exercito, com o qual se achava acampado no Pirahy, o organizou com duas divisões, a primeira das quaes composta de trez brigadas, coube o commando ao brigadeiro Manoel Luiz Osorio, que para isso havia sido requisitado em tempo. Uma terceira divisão se achava então em organização, sendo dado o seu commando ao brigadeiro honorario David Canavarro.

A 1º de dezembro este corpo de exercito, com 6.200 homens, transpõe a fronteira com destino ao Salto e Paysandú, onde acampou no dia 29 desse mez, cooperando para o ataque dessa posição.

A vanguarda do exercito imperial, composta de 1.200 voluntarios ás ordens do brigadeiro Antonio Netto, já ahi se achava desde o dia 15.

Tendo sido tomada a praça de Paysandú dez dias depois, isto é, a 12 de janeiro de 1865, marchou o exercito para Fray Bentos, onde recebeu reforço do Rio de

Janeiro, e ahi embarcou, seguindo a cavallaria e artilharia por terra até á barra de S. Lucia. Nesse porto deu desembarque á infanteria, seguindo com o grosso do exercito com destino a Montevidéo, onde chegou a 1º de fevereiro, conservando-se nas suas immediações e a 16 recebeu mais um fôrte contingente de 1.228 praças de infanteria.

Por ter obtido licença para tratar de sua saude no Brasil o marechal João Propicio, ao brigadeiro Osorio foi determinado que assumisse interinamente o commando do exercito brasileiro em operações no Estado Oriental, o que cumprio, fazendo publicar a 1º de março de 1865, junto ao *Cerro* de Montevidéo a seguinte ordem do dia :

« A obediencia que devo a S. M. O Imperador e ao governo, collocaram-me nesta posição, superior ás minhas forças ; mas contando com o zêlo, dedicação, patriotismo e leal codjuvação de meus camaradas, espero cumprir os deveres que me são impostos».

Compunha-se então o exercito brasileiro em operações de 13.181 homens dos corpos de 1ª linha, guarda nacional e voluntarios da patria, sendo 33 de corpos especiaes, 1.427 de artilharia, 4.925 de cavallaria e 6.796 de infanteria.

Tratando-se da escolha do local para a concentração das forças brasileiras e dos alliados que deviam operar contra o exercito paraguayo, o governo imperial deu preferencia á provincia de Entre-Rios, contra a opinião do general Osorio que se pronunciára pela foz do Quarahym.

Do *Cerro* de Montevidéo marchou o exercito brasileiro a 27 de abril com destino ao arroyo de S. Francisco, perto de Paysandú, onde acampou ; a 1º de junho levantou acampamento avançando 20 leguas para o norte até o *Dayman* onde acampou a 12, e a 24 principiou a atravessar o rio Uruguay, indo acampar a 27, tudo de junho, a um quarto de legua da villa da Concordia, á margem do arroyo Juqueri-Grande, tendo feito uma das mais penosas e difficeis marchas, perseguido pelo máu tempo, embarcando e desembarcando por seis vezes.

Assumindo o commando em chefe dos exercitos alliados a 25 de julho o general D. Bartolomeu Mitre, passou em revista todas as tropas ahi acampadas, formando o

exercito brasileiro 17.000 homens das tres armas com 32 boccas de fogo ; o argentino 4.500 tambem das tres armas, deixando de tomar parte nessa formatura o pequeno exercito oriental, por ter marchado no dia 18 desse mez para o norte auxiliado pela 12ª brigada brasileira e o regimento argentino S. Martin, afim de reunir-se á columna argentina que, sob o commando do general Paunero, devia atacar as forças paraguayas commandadas pelos chefes Duarte e Estigarribia.

Por decreto de 18 de maio de 1865 houve por bem o governo imperial nomear o brigadeiro Osorio para effectivamente exercer o cargo de commandante em chefe do exercito brasileiro em operações, conforme o estipulado em um dos paragraphos do artigo 3º do «Tratado da Triplice Alliança», celebrado a 1º do mesmo mez e anno na cidade de Buenos-Aires, e por outro decreto de 8 de julho seguinte foi elevado ao posto de marechal de campo.

Tendo levantado o acampamento do seu exercito, á frente delle rompeu Osorio a marcha para o norte acampando em *Gualéguaysito* em agosto, no *Mandosoby-Chico* em setembro e no *Mocoretã* em outubro, de onde marchou alcançando a 23 do mesmo mez *Mercedes* que deixou para acampar em *Cuencas*. Em principio de novembro deixou este acampamento, a 16 o estabelecia na margem direita do *Corrientes* e a 8 de dezembro no *Empedrado*, no arroyo *Riachuelo* a 13 e a 21 na *Lagôa Brava*, tendo o exercito argentino acampado em *Sto. Cosme* a elle se reunindo pouco depois o do general Flores.

Nessa posição, depois de ter percorrido mais de 90 leguas, conservou-se o exercito brasileiro por quatro longos mezes aguardando os necessarios meios de transporte para a travessia do rio Paraná, pois nada havia que para tal servisse; a vista do que o general Osorio, encarregou de obtel-os ao prestimoso tenente-coronel José Carlos de Carvalho, o incansavel chefe da commissão de engenheiros, que se desempenhou satisfatoriamente dessa commissão, de modo que em fins de março se achava tudo prompto para aquella travessia. Antes, porem, de ser ella levada a effeito com o poderoso auxilio da esquadra do almirante Tamandaré, deu-se a occupação da ilha do Itapirú ou da

Redempção, a 5 de abril, por forças exclusivamente brasileiras, sob o commando do tenente-coronel João Carlos de Wilagran Cabrita, segundo alguns veteranos dessa campanha, contra a opinião do general Osorio, mas com o assentimento do general em chefe D. Bartolomeu Mitre que, «entretanto, não mandou para a dita ilha um só dos seus soldados».

Vendo-se constantemente hostilizado pelos fogos de fuzilaria e de artilharia da guarnição da ilha, resolveu o dictador Lopez mandar desalojal-a num golpe de audacia, que confiou ao então tenente-coronel Diaz; e, effectivamente este pelas 4 horas da madrugada do dia 10 fez embarcar em diversas canôas 1.266 paraguayos escolhidos, commandados por officiaes de reconhecida bravura, os quaes protegidos pela escuridão conseguiram facil desembarque, mas sendo em tempo presentidos pelas sentinellas, foram bravamente repellidos empenhando-se a lucta com todas as armas peito a peito, sahindo vencedoras as armas brasileiras.

Infelizmente deu-se o triste desenlace que todos conhecem:—a morte do heroe desse feito, produzida pela explosão de uma bomba inimiga que penetrára na camara da lancha a vapor, onde elle dictava a parte do combate que devia ser remettida ao general em chefe do exercito brasileiro.

Desse dia em diante passou a ser denominada — Ilha do Cabrita — essa porção de terra, hoje desapparecida, como um tributo á memoria daquelle que, defendendo-a, immortalizou seu nome.

Resolvida pelos generaes do exercito alliado a occupação do territorio paraguayo do outro lado do Paraná, e, confiada essa difficil operação ao chefe brasileiro, fez elle publicar no dia 15 de abril de 1866, a seguinte proclamação:

« Soldados do Exercito Imperial!

« A margem do do rio que tendes á vista é o termo das nossas fadigas e dos sacrificios da nação brasileira. Chegou a hora da expiação para esse inimigo cruel, que devastou nossos campos indefezos e commetteu tantos actos de ferocidade contra populações inermes!

«O ingrato a quem o Brasil encheu de beneficios verá agora que não nos impunha pela importancia dos seus recursos ; já, e muito tarde, vai conhecer que a politica generosa do governo imperial em relação ao Paraguay era inspirada pela magnanimidade dos seus principios e pela nobreza do caracter brasileiro.

«Soldados e compatriotas ! Tenho presenciado a vossa serenidade no meio das privações, a vossa constancia nos soffrimentos. Tendes dado o mais bello exemplo de dedicação á Patria, a cujo chamado acudistes enthusiasticamente, vindo dos mais longinquos pontos de todas as provincias do Imperio a reunir-vos aqui em torno do pavilhão nacional. Approveito este momento solemne para agradecer-vos em nome do Brasil e do governo de S. M. o Imperador.

«Soldados ! E' facil a missão de commandar homens livres ; basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho está alli em frente.

«Não tenho necessidade de recordar-vos que o inimigo vencido e o paraguayo desarmado, ou pacifico, devem ser sagrados para um exercito composto de homens de honra e de coração. Ainda uma vez mostremos que as legiões brasileiras no Prata só combatem o despotismo e fraternizam com os povos

«Avante soldados !

«Viva o Brasil ! Viva o Imperador ! Vivam os exercitos alliados ! — *M. L. Osorio*, marechal de campo, commandante em chefe.»

Cumprindo-nos salientar quaes as providencias que foram postas em pratica para ser levado a effeito esse grande commettimento, um dos mais importantes dessa guerra de cinco annos e em boa hora confiado ao mais bravo dos generaes alliados — o legendario Osorio — para bem o fazer passamos a transcrever, com a devida venia, algumas paginas de um modesto folheto, sob o titulo—PASSAGEM DO RIO PARANA', escripto em 1880, pelo illustrado cidadão dr. Luiz Vieira Ferreira, ex-capitão do estado-maior de 1ª classe, paginas que, segundo elle, nada mais são do que a «copia de notas tomadas no campo na

epoca dos proprios acontecimentos», e que porisso mesmo, para nós multiplica o seu valor. Eil-as:

«Os generaes alliados de mar e de terra se reuniam a bordo do *Apa*, onde o almirante Tamandaré tinha o seu pavilhão, e em longas conferencias traçavam o plano segundo o qual os exercitos deviam se mover.

«O chefe da commissão de engenheiros, que assistia a quasi todas essas conferencias, e que tanto se mostrava empenhado pelo começo das operações, no dia 15 reunio officiaes na camara do vapor *General Osorio*, onde a commissão tinha a sua secretaria, e com o maior contentamento declarou-lhes que estava resolvida a passagem do Paraná para o dia seguinte, e que portanto á commissão cabia desde logo dobrar de actividade para aprestar todo o material de que seria mister.

«Os officiaes receberam essa noticia com a satisfação que só póde nascer da convicção que nutriam, de que essa operação brilhante tardava já com prejuizo incalculavel para nossas armas, e cada um, com a dedicação, actividade e zelo que distinguia essa briosa corporação, tratou logo de executar o que lhe foi ordenado.

«Tudo se poz em movimento.

«Nos depositos fluctuantes dividiam-se as munições segundo o destino que deviam ter: as canoas cruzavam-se, tripoladas por praças do batalhão de engenheiros, e com algum official da commissão conduziam os petrechos bellicos para as *chatas* que tinham de leval-os ao territorio paraguayo. Das pontes estabelecidas pela commissão na margem correntina, approximavam-se as forças que tinham de embarcar, e as boccas de fogo que as acompanhariam. Emfim a agitação era completa e acompanhada de uma alegria como se todos se preparassem para uma grande festa.

«O plano da passagem determinava que o exercito brasileiro se dividisse formando quatro expedições, com a composição e destino qne vai mostrar-se:

«A 1ª expedição, com a qual tinha de seguir o general Ozorio constava de:

«o vapor *Viper*, levando 1.300 praças de infanteria, e

a reboque a chata *Rio-grandense* com os cavallos do estado maior da expedição e os de um esquadrão ;

«o vapor *Whiternich* com 1.300 praças, rebocando a chata *Cearense* com as munições de infanteria e artilheria de 4 ;

«o vapor *Susan-Bearn* com 1.460 praças, rebocando a *Pernambucana* com 8 boccas de fogo de 4, as respectivas guarnições e duas chalanas com muniãões ;

« 50 praças do batalhão de engenheiros com seus respectivos officiaes, sob o commando do capitão Antonio Tiburcio Ferreira de Souza.

«Os trabalhos desta expedição eram dirigidos por parte da commissão de engenheiros, além do chefe dr. Carvalho, pelos capitães Luiz Vieira Ferreira e Abreu Lima, e os tenentes Jeronymo Rodrigues Moraes Jardim e Manoel Ignacio Carneira da Fontoura.

«A 2ª expedição constava de :

O vapor *Marcilio Dias* com 1.200 praças e o *Riachuelo* com 1400 ;

o *Presidente* com 914, rebocando a *chata Monitor* com 21 cavallos, 2 canôas com 50 praças do batalhão de engenheiros, sob o commando do 1º tenente Diogo Ferreira de Almeida e mais 2 com o material correspondente ;

o *Uruguay* com 800 praças.

«Da commissão de engenheiros, o capitão José Thomé Salgado e o tenente Alvaro Joaquim de Oliveira.

«A 3ª expedição era formada pelo :

vapor *Galgo* com 1300 praças, rebocando um pontão com 2 boccas de fogo de 4 e outro com 200 praças : o *Duque de Saxe* com 500 praças, levando a reboque 4 canôas grandes com 200 praças ;

o *Princeza* com 1000 praças, rebocando um pontão com praças e um com cavallos.

o *Araguaya* com 300 praças, levando a reboque um pontão com artilharia.

«Da commissão de engenheiros, os tenentes José Simeão de Oliveira e Bernardino de Senna Madureira.

« Um contingente do batalhão de engenheiros commandado pelo capitão Floriano Vieira Peixoto, embar-

lher o ponto conveniente ao desembarque de nossas forças, ou se o conselho de generaes tinha tido informações que o determinassem a preferir essa localidade, mas tudo leva a crêr que houve más informações, pois os navios da expedição, meia legua distante da foz do Paraguay, approximaram-se mais da margem esquerda e a canhoneira *Beberibe* parou, como se chegasse a seu destino já conhecido, sendo imitada pelos outros vapores que a seguiam.

« O caso é que a canhoneira *Beberibe*, parando quasi atracada á margem esquerda do Paraguay, os outros navios da expedição pararam tambem, e o general Osorio seguio em um escaler para bordo do navio chefe da divisão da esquadra que alli proximo bloqueava aquelle rio.

«Os dois officiaes da commissão que estavam a bordo do vapor *Osorio* seguiram em um escaler para a margem inimiga e saltaram no territorio paraguayo ao mesmo tempo que o capitão de fragata Delfim; e a exemplo do que fazia este official, fizeram approximar o vaporsinho *Osorio* á margem por espias amarradas nas arvores, visto não ser conveniente alli largar ancora.

«Trataram depois os dois officiaes da commissão de preparar as pranchas para desembarque das tropas e empregaram nesse serviço, como em desembaraçar do matto o logar onde os soldados tinham de formar, algumas praças do batalhão de engenheiros que tinham vindo com elles.

«Quando o general em chefe aportou na margem esquerda, já achou as pranchas passadas para um dos transportes de tropas e para a *chata* que conduzia os cavallos de montaria do general, de seu estado-maior e piquete.

«Começou então o desembarque pelo piquete, que se compunha de dez praças de cavallaria de linha ao mando do intrepido tenente Pantaleão, tendo como official inferior seu irmão João Baptista da Silva Telles, igualmente valoroso. (*)

«Desembarcado apenas o piquete, o general mandou-o

(*) Fallecido a 21 de dezembro de 1893, por ferimento de bala, sendo general de divisão e commandante da extincta brigada policial desta capital.

explorar o terreno por onde o exercito deveria passar, ordem essa que foi cumprida com a bravura, quasi temeridade, com que o tenente Pantaleão costumava proceder nos maiores perigos e mais apertados transes.

«O terreno era pessimo. Margeando o rio havia um estreito albardão enxuto e coberto de matto, mais depois seguia-se um extenso banhado, em alguns logares com mais de um metro de profundidade, e só além é que o terreno se tornava secco e desembaraçado ao transito, em um campo soffrivelmente espaçoso.

«O piquete ás ordens de Pantaleão, apenas vadeou o alagadiço, estendeu-se em linha de exploradores, conseguindo sorprehender uma pequena guarda do inimigo postada proxima do angulo formado pelas margens do rio Paraná e Paraguay, que ella devia vigiar.

«Percebendo a guarda a presença do nosso piquete fugio precipitadamente do logar em que estava alojada em um rancho de palha; mas pouco adiante estendeu em atiradores e começou a fazer fogo sobre o piquete. Compunha-se ella de 20 praças de cavallaria mais ou menos e alguma infanteria.

«A' incuria dessa guarda paraguaya devemos talvez a facilidade com que logramos effectuar o desembarque de nossas tropas no territorio inimigo sem perda de um homem. Porque se ella estivesse com mais zelo no desempenho dos seus deveres, teria visto nossos vapores cheios de tropas descerem o Paraná e subirem o Paraguay, teria desde logo dado parte desse movimento ao dictador, que talvez conseguisse chegar a tempo de disputar-nos o desembarque.

«Parece que a guarda, depois de sorprehendida, mandou aviso ás forças que estavam no Itapirú, porque pouco tempo depois a linha que se oppunha aos nossos exploradores foi reforçada por mais alguns soldados, que foram bizarramente recebidos pelo tenente Pantaleão.

«O general Osorio hesitando em empenhar as tropas naquelles terrenos alagados, regressou á margem do rio e disse aos officiaes da commissão de engenheiros que parassem o desembarque, e que talvez tivessem de reembarcar as poucas companhias que já estavam em terra;

que elle ia fazer novas explorações; e dito isso partiu a galope pelo estreito albardão por onde tinha ido o piquete.

«Tinha, porém, o piquete estabelecido uma guerrilha contra a linha de atiradores com que o inimigo o hostilisava; linha que crescia successivamente e ia se tornando respeitavel em relação ao diminuto numero de praças do piquete: mas este tinha por chefe um dos officiaes de mais bravura do nosso exercito, e esse punhado de homens não podia deixar de fazer prodigios.

«O general em chefe ao chegar presenciou o relevante serviço prestado pelo seu piquete e a coragem com que soube sustentar a guerrilha inteiramente só, até que alguma infanteria lhe pudesse prestar auxilio.

«Em tão difficil circumstancia os dois officiaes da commissão de engenheiros, considerando as desastrosas consequencias que traria a perda de tempo naquella operação; que não era possivel deixar o general em chefe só com o seu piquete em luta com o inimigo, e que a idéa de reembarque não podia ser realizada, porque seria uma derrota, deliberaram entre si, e o capitão Vieira Ferreira, tomando a responsabilidade, mandou continuar o desembarque; e as tropas que desembarcavam procuravam, atravez do matto e do banhado, caminho para o logar em que se dava o tiroteio.

«Essa resolução não foi filha de desobediencia, mas expressão patriotica da responsabilidade que toma um subalterno em leal e sincero apoio de seu chefe, quando tem convicção profunda do acerto de seu acto para salvação geral, embora conheça que a falta de victoria lhe custará a vida.

«A celeridade do desembarque, a immediata transposição do matto e do brejo, eram a condição indispensavel para o feliz exito da operação; pois conviuha que tivessemos nossas forças de posse de terreno vantajoso para medir suas armas com as do inimigo quando este, avisado como já estava, chegasse a apresentar-nos de frente forças mais consideraveis.

»Felizmente quando os paraguayos nos apresentaram uma linha de maior importancia já o general tinha reunido ao seu bravo piquete algumas companhias do 2º ba-

talhão de linha, e 2º corpo de voluntarios, que formaram tambem uma linha de atiradores destemidos, sob o commando do major Manoel Deodoro da Fonseca, hoje (1880) o glorioso marechal de campo, que o Brasil ama e venera, e o mundo inteiro conhece. (*)

« Os vapores transportes estavam tão carregados de tropa que seria maravilhoso atirar sobre elles uma bala de fuzil sem produzir a perda de uma vida; portanto se o inimigo conseguisse approximar uma bocca de fogo e fazer-nos alguns tiros de metralha poderia sem difficuldade malograr-nos a operação ou pelo menos tornal-a de uma perda enorme.

« Os officiaes dos transportes subirão ás vergas e dessa elevada posição, que dominava o matto, conseguiam vêr o movimento das forças inimigas, e annunciaram a approximação de forças consideraveis que dentro em pouco distinguiram serem ellas das tres armas.

« Não se enganavam, com effeito, pois em pouco tempo o tiroteio tornou-se mais nutrido e o estampido da artilharia paraguaya se fez ouvir.

« Então o desembarque accelerou-se de um modo espantoso.

« O enthusiasmo de nossas tropas expandiu-se, e todos querião á porfia tomar parte no combate.

« As pranchas estavam constantemente cheias de pelotões successivos que passavam, e muitas praças pulavam dos navios mais proximos para a margem.

« Tinha já chegado tambem a segunda expedição e com ella o capitão José Thomé Salgado e o 1º tenente

---

(*) As provas desta asserção do illustrado dr. Vieira Ferreira sobre o extincto marechal Deodoro da Fonseca encontram-se actualmente nas paginas da nossa historia. Nellas aprenderão os vindouros que á sua heroica resolução de, mesmo doente, ter-se posto a frente das tropas sublevadas que, na manhã de 15 de novembro de 1889, marchavam de São Cristovão, deve-se o terem as forças de terra e mar, reunidas no quartel-general do Campo de Sant'Anna, para rechassal-as, se collocado tambem ás suas ordens logo que souberam de tão importante occurrencia, e do que resultou a proclamação da Republica Brasileira, da qual, inspirando confiança á maioria dos brasileiros, se tornou o chefe do governo que nesse memoravel dia ficou constituido pelo exercito e armada em nome da nação.

Alvaro de Oliveira, membros da commissão de engenheiros, que foram logo para terra proporcionarem tambem o desembarque ás tropas.

« A commissão com as praças de engenheiros abriram uma picada pelo matto, e com arvores cortadas estivaram o brejo para tornar possivel a passagem da nossa artilharia para o theatro do combate.

« Avisado o chefe da commissão dessas circunstancias, mandou descmbarcar a bateria de boccas de fogo de calibre 4, ao mando do capitão João Nepomuceno de Medeiros Mallet, com os respectivos carros de munição, do qual só tres canhões puderam naquella occasião entrar em combate.

« Já então a picada estava prompta e as boccas de fogo seguiram por ella, sendo vencida a difficuldade da rodagem no brejo pela força dos braços dos bravos soldados.

» As munições eram conduzidas dos respectivos carros á mão de artilheiros e outras praças.

« Desse modo, a despeito de todo os entraves, dos variados obstaculos com que se nos apresentava o caminho do dever, nossa bateria de quatro se estabeleceu nos lugares que lhe indicára o nosso general, e fez sentir ao inimigo o effeito mortifero de seus projectis.

« Tambem o combate não foi porfiado por parte dos paraguayos.

« Logo que conseguimos metter em acção alguns batalhões de infanteria e as tres boccas de fogo, o general em chefe dirigiu com tanto denodo e acerto o ataque que o inimigo bateu em retirada, deixando em nosso poder alguns feridos, que foram aprisionados e conduzidos ao hospital de sangue.

« Estava conseguida a grande operação que intentáramos !

« Oito mil brasileiros ao mando do invencivel general Osorio estavam estabelecidos no territorio inimigo, donde não deveriam sahir sinão depois de derribada a autoridade do tyranno, depois de lavada a affronta que elle nos tinha traiçoeiramente atirado, e anniquilada a força escravisadora daquella infeliz nação.

« Entretanto a hospedagem na terra do inimigo não

podia nos ser propicia, e o resto do dia 16 e a noite para 17 foi formidavel.

« Armou-se de repente furiosa tempestade ; o sol encobriu-se e pesadas nuvens percorriam o espaço envolvendo em um manto negro a abobada celeste. Os ventos se desencadeiaram ; a chuva cahia em borbotões, e a temperatura baixou consideravelmente, enregelando os nossos bravos soldados, baldos de todos os recursos naquella occasião, sem abrigo, sem coberta, sem meios de se aquecer a não ser o fogo do patriotismo que lhes conservava levantando o animo e o valor.

« Em semelhante circumstancia não podia o general emprehender novos feitos, mesmo porque eram diminutas as tropas que se achavam em territorio que o inimigo conhecia palmo a palmo, e eriçado de obstaculos, que se podiam converter em successivas emboscadas perigosas ; alem de que careciamos dar folego ás tropas summamente fatigadas e consumidas pela aspereza do tempo.

« Assim, pois, o general, de accôrdo com o chefe da commissão de engenheiros, procurou a melhor e mais segura posição para o exercito passar aquella noite terrivel, e ficou o exercito bivacado com uma frente tão desenvolvida quanto o terreno permittiu, apoiando seus flancos sobre o rio Paraná e uma lagôa ou terrenos intransitaveis.

«Previa o general que os paraguayos, conhecedores como eram do terreno, se aproveitassem da escuridão da noite, dos effeitos da copiosa chuva que cahia para tentarem um ataque á posição que occupavamos: e portanto, garantido como estava pelos flancos, tratou de cobrir a frente por forças avançadas que pudessem vigiar o inimigo ou, para melhor dizer, sentil-o por qualquer direcção que elle se apresentasse.

«Não só a passagem do Paraná não tem tido na apreciação dos que vêem a guerra de longe, a consideração de que é digna e que immortalizaria um exercito europeu, onde os commentadores exploram o mais insignificante feito desse genero para ennobrecerem as armas de suas nações, como os combates de 16 e 17 de abril não parecem ser considerados entre os primeiros feitos dessa campanha.

«Ha nisso grave injustiça, que um dia a historia fará

desapparecer, quando tambem tiverem desapparecido da scena do mundo as figuras importantes dessa brilhante phase da vida do Brasil, e as paixões tiveram deixado de ser levadas em conta na narração da verdade.

«Em nossa fraca opinião os dias 16 e 17 de abril bastavam para immortalizar o nome do general Osorio; e estamos certos de que na consciencia desse general a batalha de 24 de maio, maior das batalhas feridas na America do Sul até esta época, não fará diminuir o valor do triumpho que conseguiu no combate de 17 de abril.

«As condições na madrugada de 17 eram pessimas.

«Posições desconhecidas inteiramente por nós, terreno propicio ás emboscadas e surprezas do inimigo, exercito muito inferior em numero ao que elle podia apresentar-nos, inferioridade nas armas, porque não tinhamos cavallaria, o cansaço, emfim, de nossas tropas que havia mais de 24 horas estavam em movimento, sem repouso, sem regular refeição e expostas á chuva e a um frio rigoroso: tudo isso exigia da parte do general a maior prudencia, o mais desenvolvido tino, conhecimentos da arte da guerra, e muita energia para não sacrificar seus valentes soldados.

«Pois bem: o general Osorio sastifez cabalmente a todas essas condições.

«Auxiliado pelo intelligente e incansavel chefe da commissão de engenheiros, situou perfeitamente o exercito e o cobriu com verdadeira arte, frustrando todas as tentativas que o inimigo emprehendeu.

«E quando sobre a madrugada do dia 17 o inimigo atacou resoluto e com energia nossas linhas avançadas, ameaçando seriamente a nossa artilharia que se achava em posição, mas ainda sem ter sido possivel fortificar-se, o magestoso vulto do general Osorio, aos primeiros clarões do dia, se destacou no renhido do combate grandioso e sublime!

«Montado em seu fogoso ginete contemplava a luta com serenidade pasmosa, dava todas as ordens com acerto e sem soffreguidão, empenhava na peleja as forças indispensaveis, pois a topographia do terreno não permittia desenvolver grandes linhas de ataque; sabia esperar pelo resultado de suas ordens, e prompto apresentava nos pon-

tos mais perigosos o reforço que suppunha mister para firmar o triumpho.

«Os paraguayos não puderam vencer semelhante resistencia, por mais esforços que fizessem, por mais arrojo que desenvolvessem. Seus regimentos estavam desimados pelo fogo vivissimo e certeiro das oito boccas de fogo da bateria Mallet; seus batalhões recuavam ante nossa briosa infanteria, e sua propria artilharia era atacada pela nossa linha de atiradores, sendo uma das peças logo tomada por tres praças do 1º batalhão de infanteria, uma das quaes, o musico José Luiz da Silva, exclamou pondo a mão sobre o canhão inimigo:—«esta peça é brasileira!»

«O anjo da victoria offerecia a sua palma virente ao general brasileiro, o triumpho estava declarado pelas nossas armas, e o exercito inimigo, com sensiveis perdas, bateu em retirada.

«Como tropheo desta victoria o exercito brasileiro recolheu uma bandeira do inimigo, tres boccas de fogo de campanha, grande quantidade de fuzis, de lanças, e alguns prisioneiros, a maior parte feridos.

«Nossas perdas orçaram nos dous dias em 200 homens, inclusive mortos e feridos, officiaes e soldados, sendo o numero de mortos 1/4 do de feridos.

«As do inimigo em homens não foram inferior ao triplo das nossas.

«Conseguir, pois, tão vantajosos resultados nas circumstancias precarias em que se achava aquelle pequeno exercito, é um padrão de gloria para um general em chefe: razão porque dissemos que os successos dos dias 16 e 17 de abril bastavam por si sós para immortalisar o nome do general Osorio.

«Apenas posto em fuga o inimigo no combate que acabamos de narrar; o general mandou cobrir por trincheiras a posição de nossa artilheria, pois era de presumir que os paraguyos voltassem a combate, visto poderem revesar suas tropas, e convir-lhes aproveitar o pequeno numero das nossas que estavam daquelle lado do rio.

«Por seu lado o general não devia emprehender naquella occasião uma operação offensiva, pela fadiga das tropas, pela necessidade de cuidar dos feridos e transpor-

tal-os para o hospital, enterrar os mortos, e para não perder uma posição que já conheciamos, emquanto não pudessemos intentar a marcha até ao forte de Itapirú e seu assalto.

«Assim, a commissão de engenheiros, com os dous contingentes do batalhão de engenheiros, deu começo ás fortificações, auxiliados pelos officiaes da bateria e algumas praças.

«Essa resolução não escapou aos paraguayos e lhes fez approximar alguns piquetes com o fim de observarem uma occasião azada para tentarem novo ataque.

«Foram repetidas as demonstrações do inimigo em differentes pontos das nossas linhas; trocaram-se mesmo alguns tiroteios em diversas emboscadas, mas a construcção das trincheiras progredia rapidamente.

«Uma occasião, os paraguayos percebendo que os nossos canhões estavam fóra das baterias, para dar logar ao trabalho de entrincheiramento, aproveitaram-se disso, e suas tropas de cavallaria e infanteria se apresentaram fóra do matto e dispunham-se a avançar sobre nossa artilharia; mas esse movimento sendo logo conhecido por nossa parte, os canhões, que de facto estavam um pouco retirados do parapeito que se construia, foram rapidamente collocados em posição de combate, e ficaram aptos para jogarem á barbeta, naquelles logares em que as canhoneiras não estavam ainda abertas no parapeito.

« Todo o exercito chegou a postos e o inimigo viu em um momento que não colheria naquelle novo ataque senão peiores resultados do que teve naquella madrugada. Isso o fez mudar de intento e occultar-se pressuroso d'aquellas infatigaveis boccas do fogo.

« O trabalho de engenharia pôde ser concluido sem accidente algum, podendo desde então o exercito contar com maior segurança, ficando mais descançadas as tropas que se achavam de protecção á artilharia.

« Conseguido esse resultado, nossa posição tornou-se bastante forte, pois não podiamos ser atacados senão de frente e essa estava bem defendida pela artilharia entrincheirada e por excellentes corpos de infanteria, que to-

mavam todas as avenidas por onde o inimigo poderia tentar um ataque.

« O campo em que estavamos situados, tendo á direita o rio Paraná, estava na altura da nossa esquadra que se poderia approximar e estabelecer uma formidavel bateria fluctuante, que poderia jogar os seus projectis de revez sobre o terreno occupado pelo inimigo, que nos fazia frente. Este auxilio, porem, não se nos tornou necessario.

« Na manhã do dia 18 o pequeno e glorioso exercito do general Osorio preparou-se para novas emprezas e para assaltar o forte de Itapirú, se o inimigo quizesse defendel-o.

« Do logar onde estavamos ao Itapirú, comquanto não fosse longe, havia espaços bastantes para renhidos combates, se o inimigo ousasse disputar-nos a marcha.

« O terreno intransitavel era estreito, cortado de capões de matto, recortados de picadas ; os claros muitas vezes embaraçados de macéga que não permittia á vista alcançar muito longe ; e todos esses accidentes só o inimigo os conhecia bem ; poderia, portanto, dar um preço elevado a cada palmo de terra que fosse obrigado a cedernos. Mas os successos de 16 e 17 lhe davam pleno conhecimento da impetuosidade das armas commandadas pelo bravo Osorio e lhe tiraram toda a resolução de resistencia.

« Nosso exercito avançou e as forças paraguayas abriram-nos caminho.

« Entretanto não podiamos alcançal-as na retirada ; não tinhamos cavallaria e naquella marcha-manobra toda a precaução era indispensavel, e o exercito apenas devia avançar em marcha ordinaria.

« Os officiaes da commissão de engenheiros, por se acharem a pé, marchavam com os contingentes do batalhão dessa denominação junto á bateria de artilharia, promptos a prestarem o auxilio que se tornasse necessario para a presteza da marcha.

« O chefe, porém, que estava montado, acompanhou outras tropas, seguindo sempre as linhas de atiradores que mais se avantajavam.

« Essas linhas seguiam de perto o inimigo tendo-o

muitas vezs á vista, mas não podia alcançal-o pela necessidade de explorar os terrenos, os mattos, os macegaes e alguns ranchos que encontravam.

« Muito notavel se tornou nesse importante serviço o capitão do 1º batalhão Affonso José de Almeida Corte Real, que com a sua companhia executou explorações arriscadissimas e occupou sempre os pontos mais perigosos. Ouvimos muitas vezes o Dr. Carvalho fallar desse official com verdadeiro enthusiasmo, elogiando a pericia com que exercia as fucções do seu posto.

« Não havendo resistencia do inimigo, nossa marcha foi rapida, e chegámos á vista do forte de Itapirú, d'onde o inimigo retirou-se logo, não sendo possivel tentar defendel-o.

« O chefe da commissão pediu ao commandante do 6º batalhão de infanteria, o tenente-coronel Antonio da Silva Paranhos, a bandeira nacional e partiu com ella a galope para o forte, sendo apenas acompanhado por seu ordenança.

« Approximando-se, achou o forte abandonado, entrou e plantou-lhe nas ruinas de suas muralhas o estandarte brasileiro.

« Era nosso o forte de Itapirú, e nossas tropas o penetraram com as armas ao hombro; pois o inimigo abandonando-o tinha tomado precipitadamente o caminho de seus entrincheiramentos do Passo da Patria; sendo provavel que para esse resultado concorresse o ver elle a attitude que tomava o grosso de nossas forças que tinham ficado na margem correntina, e a esquadra, donde veio logo uma bandeira nacional para ser erguida no forte e dispensar a do 6º batalhão.

« Desde que o exercito do general Osorio principiou a mover-se no dia 16, o esquadra se poz em attitude de proteger a operação, estendendo-se convenientemente pelo rio Paraná, das Tres Boccas para o Itapirú; e á medida que o exercito se approximava desse forte o almirante Tamandaré mandava tomar posições do lado da margem direita do rio, que melhor se prestassem ao bombardeamento do campo inimigo; sendo esse movimento a razão mais certa da falta de resistencia dos paraguayos no dia 18.

«Na verdade, desde que as forças paraguayas, que fizessem frente ás do general Osorio, tivessem os canhões de alguns navios da esquadra a hostilisal-as pelo flanco esquerdo, não se poderiam sustentar e na retirada soffreriam grandes perdas perseguidas como seriam pelos projectis dos canhões de grande alcance que possuem nossos navios.

«Para que qualquer navio da esquadra pudesse bater a margem paraguaya sem offender nossas tropas fôra convencionado um signal por meio de uma bandeira que assignalaria a posição de nossas forças, e assim os fogos da esquadra, tomando uma direcção obliqua ao rio, e deixando á esquerda o ponto assignalado, não nos podiam de modo algum offender, e causariam grande damno ao inimigo que tinha forças dessiminadas ao correr do rio, pela impossibilidade de fazel-as concorrer todas á frente do combate.

«Entretanto esse valioso auxilio não se realizou na noite de 16 para 17, ficando o exercito invasor entregue ás suas proprias forças.

»Da manhã, porem, do dia 18 em diante, a cooperação da esquadra apresentou resultados magnificos. Tomando posição diante do Passo da Patria, bombardeou o acampamento do tyranno, produzindo-lhe damnos que mais tarde foram reconhecidos por nós.

«Seus tiros certeiros levavam o incendio ao acampamento do inimigo, e punham em debandada columnas paraguayas que se formavam no acampamento, talvez com intenção de vir ao encontro das nossas tropas ; e a essa efficaz cooperação devemos sem duvida a vantagem de effectuar a marcha desse dia sem accidente algum lamentavel.

«O exercito do general Osorio tendo-se assenhoreado do forte de Itapirú, levando o inimigo em direcção ao seu acampamento do Passo da Patria, chegou á proximidade das lagoas que contornavam em grande parte aquelle acampamento e que o inimigo teve pressa de passar, antes que o alcançasse a força brasileira e que os navios da esquadra lhes causassem maiores damnos.

«Na visinhança dessas lagoas postaram-se alguns

piquetes avançados e o exercito acampou pouco adiante do forte de Itapirú.

«Recebemos então a visita dos generaes Mitre, Flores e Paunero, que, com o general Osorio se dirigiram aos piquetes avançados, afim de observar as posições inimigas, o que sendo percebidos pelos paraguayos fizeram-lhes elles alguns tiros,

« Continuava activamente o movimento de nossas tropas e materiaes que restavam ainda por passar, e os transportes, *chatas* e outros meios á disposição de um distincto chefe de nossa marinha, capitão de mar e guerra Alvim, traziam activamente tudo a desembarcar no Itapirú, onde foram se reunindo ao exercito do general Osorio as tropas restantes, nossas e dos nossos dignos alliados, começando o desembarque pelas forças commandadas pelo general D. Venancio Flores, compostas dos orientaes e de uma brigada brasileira.

«Entratanto alguns dias eram necessarios para completar-se inteiramente a reunião dos exercitos alliados com o seu enorme material de guerra na margem direita do Paraná, para que então se pudesse emprehender novos movimentos.»

Forçado o inimigo a abandonar o Passo da Patria nelle foi estabelecido o quartel-general do exercito brasileiro, e no dia 24 para ahi seguiram todas as forças alliadas, adiantando-se o general Netto com a sua cavallaria para fazer a vanguarda a que no dia seguinte (25) se reuniram a escolta de D. Venancio Flores, a artilharia oriental, o nosso 1º regimento de artilharia e as divisões Argollo e Sampaio.

A 26, sahindo aquelle chefe a um reconhecimento até o Estero-Bellaco, bateu uma força inimiga das tres armas que deixou no campo 50 homens. Feito novo reconhecimento a 29, os inimigos retiraram-se sem offerecer resistencia e a 20, com o general em chefe, procedeu Osorio a mais um reconhecimento e em seguida mandou augmentar as forças da vanguarda com 4 peças de artilharia raiadas de calibre 4, e a 1º de maio determinou que da brigada Victorino seguissem dois batalhões de protecção á artilharia da vanguarda, ficando esta portanto elevada a 3.580 ho-

mens com 6 peças, e disposta do seguinte modo: acampados na frente das nossas vedetas, onde havia um grande banhado, estavam os batalhões 3º, 5º e 16º da brigada Pecegueiro; a cêrca de 2.000 metros estavam as 4 peças raiadas a cavalleiro da estrada e a poucos metros de uma matta com tres batalhões de protecção; á esquerda e rectaguarda estavam os batalhões orientaes 24 de Abril, Independencia e Florida. Em frente da vanguarda estendia-se o já mencionado Estero-Bellaco que encobria o exercito inimigo. No dia 2 de maio piquetes argentinos foram mandados pela manhã em descoberta, e ao voltarem deram parte de estarem limpas de inimigos as mattas visinhas alem do Estero.

Ao meio-dia, porém, achando-se as forças da vanguarda recebendo as suas rações, cahiram inopinadamente sobre a artilharia e o 7º batalhão que a protegia, 800 homens de cavallaria commandados pelo tenente-coronel paraguayo Franciscisco Fidel Valente e sobre os batalhões orientaes outros tantos paraguayos da mesma arma, commandados pelo tambem tenente-coronel Benitez, emquanto o chefe da expedição, tenente-coronel José Diaz, com 4 batalhões e 4 peças de artilharia fazendo recuar a nossa vanguarda se apodera das 4 boccas de fogo que ahi se achavam, apezar da heroica resistencia da sua guarnição, sobresahindo pela sua bravura o commandante da bateria capitão João Dias Cardoso de Mello, de modo que quando os tres batalhões da brigada Pecegueiro e o general Victorino acudiram já as peças iam longe.

O inimigo acabava de receber novos reforços de infanteria e cavallaria, ficando com um total de 7.800 homens em lucta renhida com os nossos que até então erão pouco mais de metade daquelle total.

Chegada a terrivel e triste noticia ao grosso do exercito, o general Osorio, que tão previdente como bravo e intrepido, havia declarado achar a nossa vanguarda mal garantida, inconvenientemente acampada e facilmente surprehendida por um inimigo superior em forças, acabava de ter uma conferencia em sua barraca com o almirante Tamandaré; sem mais demora monta a cavallo, e a galope dirige-se para o campo da acção acompanhado da

divisão que delle se achava mais perto. Alli chegando com o general Flores consegue restabelecer a ordem, melhorando a situação dos seus camaradas e fazendo recuar o audacioso inimigo ante as nossas cargas de bayonetas, os levou até além do Estero-Bellaco, a mais de dois kilometros de suas linhas avançadas da vespera.

«Quatro canhões, uma bandeira e um estandarte, estão em poder dos alliados e no campo se encontram mais de 2.000 mortos, ficando 300 prisioneiros, todos feridos.

Além das 4 peças do capitão Cardoso de Mello, perdemos 85 officiaes e 1.019 praças; os argentinos 6 officiaes e 46 soldados e os orientaes 33 officiaes e 322 soldados.

Segundo o abalizado escriptor general dr. José Bernardino Bormann, esse ataque foi uma verdadeira surpreza e sem justificação, porque :

«Tudo na vanguarda ia mal; já o acampamento, já tambem o effectivo das forças que era insignificante.

«Para dar uma idéa do que ia por alli, basta relatar que a bateria de artilharia estava assestada a 50 passos de uma matta, sem horisonte para sua acção; os animaes de sua tracção longe da posição ; a pouca cavallaria, tinha os animaes pastando, e della apenas um esquadrão a cuja frente o bravo general Netto fez maravilhas, e com grande parte dos seus soldados cavalgando em pello, pôde entervellar-se a sabre e á lança com o inimigo.

«Sem duvida o dia 2 de maio seria um triste anniversario nos nossos annaes militares, se não fosse o heroico general Osorio que tratou de assumir a responsabilidade de dirigir o combate, já em situação precaria, apparecendo como um raio na luta, com o 40º de voluntarios, que a passo accelerado, ao lado daquelle general. parecia disputar o galopar do seu ginete, seguido logo das forças da 6ª divisão.

«O coronel Pecegueiro que promptamente acudiu, apenas recebeu ordem, foi entretanto accusado de não ter se apresentado logo na vanguarda.

«Quizeram lançar sobre esse bravo e honrado militar *as culpas de Israel*, e o conseguiram.

«Mas, se os interessados em occultar os proprios erros

o victimaram; as consciencias justas condemnaram os seus perseguidores e o seu nome não ficou maculado».

Depois dessa malograda acção do astucioso inimigo, houve varias escaramuças e tiroteios quasi diarios, até que a 17, reunidos os necessarios meios de mobilidade, deu-se o encontro do *Passo Cidra* onde a nossa vanguarda investiu contra uma trincheira defendida por um contingente das tres armas, que a abandonou e foi perseguido até o *Estero Rojas*, refugiando-se nas espessas mattas do *Sauce* e ás linhas intrincheiradas que desde essa época estavam sendo cuidadosamente promptificadas.

No dia 19, resolvem os generaes alliados, em conferencia, que no dia seguinte seria investido o campo inimigo; e assim o fizeram, deixando pela manhã o Estero Bellaco, levando de vencida os piquetes avançados da vanguarda inimiga, que assentaram o seu acampamento «*en el centro del Estero Bellaco del Norte, o' sea frente el Paso Gomez*. (*),

A posição que estas forças abandonam é o areal denominado de *Tuyuti*, cuja esquerda termina na lagôa Pires e a direita se prolonga coberta de *jatahys* até se perder de vista. Na frente, a cêrca de dois kilometros, vê-se o mattagal, como disputando a marcha dos invasores. Estão ahi o *Sauce* e á sua esquerda um pouco á frente o *Estero Rojas*, de onde, á vista do movimento dos alliados, transporta o dictador o seu quartel-general para o *Paso-Pucú*. Do inimigo apenas se torna visivel, no seu flanco direito, uma unica bateria.

Vê-se que nos encaminhamos para uma descripção da maior batalha até hoje pelejada na America Meridional, mas como, apezar dos quarenta e um annos decorridos, ainda surgem controversias sobre tão importante feito de armas, com a devida venia transportamos para este trabalho o que ha feito em a sua «Historia da Guerra do Paraguay» em que tomou parte, o já mencionado general dr. José Bernardino Bormann.

«Estão, pois, os dois exercitos inimigos um fronteiro ao outro, promptos a recomeçar a peleja com maior furia.

(*) *Memorias del coronel J. C. Canturion.*

«A' esquerda e centro do exercito alliado estão as tropas brasileiras sob o commando de Osorio: á direita, os argentinos sob as ordens immediatas de Mitre, o general em chefe, e, um pouco para a frente, como uma especie de vanguarda, o general Flores com a sua pequena e valente divisão oriental, reforçada pela 6ª divisão brasileira ás ordens de Victorino Monteiro, e o 1º regimento de artilharia a cavallo, com 24 boccas de fogo e 1 bateria oriental de 6 canhões,

«O resto da artilharia está em baterias na esquerda, centro e direita.

«Na frente das 30 boccas de fogo da vanguarda construiu-se uma ligeira trincheira.

«Esses canhões estavam sob o commando do bravo tenente-coronel da artilharia brasileira Emilio Luiz Mallet.

«Tal era a disposição do nosso campo.

«No dia 23 foi o coronel Bello, commandante da 5ª brigada, com os batalhões 3º e 4º de infanteria, todos brasileiros, proceder a um reconhecimento, durante o qual 12 canhões nossos jorraram 450 tiros de granada no campo inimigo.

«Este foi de uma parcimonia admiravel ; apenas respondeu com 26 canhonaços!

«Feito o reconhecimento, assentou-se em atacar o inimigo. depois de realizar-se um outro mais forte, mais lato, no dia seguinte.

«Surge pois o dia 24 de maio.

« Durante a manhã nenhuma novidade notavel no campo paraguayo.

«O exercito alliado ás 2 horas deve realizar o combinado reconhecimento.

«No nosso campo, pouco antes das 11 horas, ouvem-se varios toques de clarins e cornetas.

«Trata-se de distribuir as *etapas* e os viveres.

»Os clarins de artilheria transmittem a ordem de *pegar cavallos* e os artilheiros, apenas expiram os ultimos sons daquelles instrumentos, prorompem em enthusiasticas acclamações.

«A infanteria, mais facil de preparar, recebe tranquillamente as suas rações e a cavallaria, pela maior parte

desmontada, não necessita preparar-se com muita antecedencia, e, da mesma sorte que os infantes, os cavalleiros recebem tambem as suas *etapas*.

«De repente, um tiro de canhão, e varios foquetes a *congréve* partem das mattas fronteiras e despertam a attenção das avançadas, e, de improviso, de varios pontos em que se abrigam entrincheiradas as forças do marechal Lopez, surgem columnas das 3 armas que impectuosamente se arremessam ás nossas posições.

»E' meio dia.

«Os clarins, cornetas e tambores tocam *chamada ligeira* ou fazem signal de *sentido* e de *inimigo das 3 armas!*

«Com incrivel rapidez a maior parte do exercito alliado está de arma em punho e começa um fogo violentissimo que, entretanto, não detèm a acceleração com que avançam as columnas inimigas.

« E' uma nova surpreza ; cousa singular, ella tem lugar, como a de 2 do mesmo mez, quando se pretende fazer um reconhecimento ás posições adversarias !

«Os melhores officiaes do exercito paraguayo dirigem o ataque. (*)

«Sobre a esquerda, centro e vanguarda especialmente se arremessa o inimigo.

«Os seus esquadrões de cavallaria, apoiados com artilharia e grande massa de infanteria, lançam-se com intrepidez ou antes terrivel furia sobre as posições occupadas por aquellas forças; mas, Mallet na vanguarda e, nos outros pontos os respectivos chefes, com os seus canhões vomitavam uma saraiva continúa de metralha, e o estampido da canhonada, reunindo-se aos alaridos selvagens do inimigo e ruido da fusilaria que principia a generalisar-se em uma extensão superior a 4 kilometros, dão áquellas paragens o aspecto que teria o inferno em uma revolta de demonios !

«A nossa esquerda, onde está o 1º batalhão de arti-

(*) Generaes Vicente Barrios e Isidoro Resquin, coroneis José Diaz, Francisco Pereyra, Pantaleão Balmaceda e Bruguez, tenentes coroneis Aguiar, Marcó, Albarenga e Avelino Cabral.

lharia e parte do 3º, atacada por 10 batalhões de infanteria, 4 regimentos de cavallaria e 6 canhões, ao mando de Barrios, vê parte de seu flanco esquerdo recuar até ás proximidades do Estero Bellaco, ao repentino e impectuoso ataque inimigo. Na vanguarda, os batalhões orientaes *Libertad* e *Independencia* sorprehendidos não podem formar e fogem em desordem, deixando o primeiro, o seu commandante D. Castro morto no campo da batalha, e o segundo, o commandante Elias gravemente ferido.

«O general Osorio comprehendeu logo que podia ser envolvido pelo flanco esquerdo então sem apoio, naquelle terrivel momento, e assim incute a coragem que scintilla em seu olhar; eleva o animo de seus soldados com palavras energicas.

«Tudo se refez com a rapidez do relampago.

«Os batalhões, com Osorio e Sampaio á frente, carregam a bayoneta aquellas massas inermes e compactas que procuravam esmagal-os; levam-nas adiante de si vencidas aos vivas á nação brasileira e ao imperador.

«A carnificina ahi é tremenda, porque ha momentos em que alguns batalhões perdem a formatura e os soldados aferram-se aos inimigos, luctam, combatem corpo a corpo, dirribam-os por terra e só não matam aquelles poucos que supplicam a sua generosidade.

«Nuvens espessas, densas de pó, se elevam das patas dos ginetes dos esquadrões paraguayos, e, em espiraes e turbilhões voltejam pelos ares, envoltas em outras de fumo das espingardas e da artilharia.

«O dia sombrêa como se houvesse um eclipse solar e parcial, porque a luz apenas atravessa as camadas de pó e fumo que envolvem os combatentes.

«O relampago da artilharia rasga, porem, com a sua luz vermelha essas nuveus que parecem querer asphyxiar os lutadores e a mortifera metralha, jorrada por Mallet, mutila, mata, posteja horrivelmente a cavallaria inimiga, que rodopia phrenetica, dá meia-volta, recomeça a carga, e cada vez que investe encontra a morte!

«Estes heroicos paraguayos parecem ter a alma da substancia de que se fundiram as terriveis baterias de Mallet.

«O medo não lhes invade a alma de bronze !

«Alguns, embora horrivelmente feridos, chegam a abraçar-se ás boccas de fogo argentinas e exclamar: *Es mia !*

«Estas baterias da vanguarda não parecem canhonear; os seus trovões são tão rapidos. como se um poder magico tivesse transformado cada canhão em um vulcão, em momento de medonha erupção.

«São, como se disse, as baterias de Mallet a *artilharia a rewolver* do exercito alliado.

«Melhoradas as condições da nossa esquerda, o impavido Osorio a galope, dirige-se ao centro da linha de batalha, atacada por 2 batalhões e 8 regimentos de cavallaria sob o commondo do general Izidoro Resquin, Ahi a peleja corre tambem muito aspera, renhida e sangrenta.

«Osorio é recebido aos vivas; as nossas tropas deliram de enthusiasmo e a galhardia da nossa bayoneta repelle as brilhantes cargas paraguayas.

«Não temos infelizmente cavallaria sufficiente para oppor aos intrepidos esquadrões inimigos.

«A direita do exercito alliado, occupada pelas forças argentinas corre immenso perigo.

«O inimigo sorprendera a cavallaria argentina sob o commando dos generaes Hornos e Caceres, toma-lhe 2 estandartes e, victima da mesma surpreza é tambem a artilheria, ás ordens do coronel Julio Vedia.

«Os paraguayos cutilam cavalleiros e artilheiros que em desordem mesmo, procuram resistir; parte d'aquelles, porém, foge aterrado até Itapirú, espalhando noticias as mais alarmantes.

«Os canhões correm grande risco ; parte das forças inimigas vae leval-os como bellos traphéos.

«Alguns paraguayos, mesmo feridos, estão abraçados a algumas boccas de fogo.

«A confusão é medonha ; os bravos artilheiros de balde lutam junto ás armas que a patria lhes confiou para sua defesa e para sua gloria. Mas, os valentes tombam aos golpes do *numero*.

«Paunero vem em protecção e á bayoneta arranca os canhões aos paraguayos.

«Elle é auxiliado por alguns esquadrões de cavallaria que se refizeram, se reorganizaram, passados os primeiros momentos da surpreza. Não escapa um só dos inimigos que chegaram até a artilharia; tudo é morto, homens e cavallos.

«Osorio sabe que o alliado corre grande perigo.

«Então, á frente de alguns batalhões brasileiros, avança em direcção á direita, no meio de um delirio indizivel de enthusiasmo.

«Vivas ao general Osorio, acclamações e hurrhas, partem dos argentinos, á chegada do galhardo general, que já encontra a ordem restabelecida, a acção em boas condições, embora accesa de furor e o campo juncado de esquadrões paraguayos que, ou mordiam, mortalmente feridos, a terra da pátria, ou já gosavam no seio da morte o repouso dos valentes.

«Falta-nos cavallaria: temos menos de 500 homens a cavallo.

«A valente cavallaria rio-grandense está a pé.

«O inimigo, arroja-se tambem sobre ella.

«As divisões brasileiras dessa arma, 2ª, 4º e 5 combatem como infantes, e na ponta das lanças, como as legiões macedonicas, esperam o inimigo que não póde romper aquelles muros de aço.

«O general Netto com sua *brigada ligeira*, composta de poucos esquadrões, faz prodigios, arremessando-se ao inimigo e abrindo entre elles claros enormes.

«Por todo o campo de batalha o valor, o heroismo e abnegação honram a conducta de uns e de outros.

«Um esquadrão só de officiaes, em numero de 200, da *brigada ligeira*, pratica brilhantes actos de valor.

«Netto, á frente delle, corta a fundo a massa inimiga.

«O estourar das espingardas; o ribombo incessante do canhão; o nitrir dos ginetes; os gritos de colera dos combatentes e assonancia commovedora dos gemidos de milhares de feridos que tombam por terra, despertam, cada vez mais, o furor dos sobreviventes.

«No meio desse medonho conflicto; do valor e heroismo collectivo das massas, desprende-se, a cada instante,

a coragem individual, enchendo de episodios o scenario de sangue.

. . . . . .

. . . . . .

«As perdas dos paraguayos são consideraveis :

«Nós temos milhares de homens que não podem tomar parte na acção, porque o terreno é limitado.

«Estão, pois, promptos, como uma poderosa reserva.

«Entretanto, não se passa o mesmo no lado contrario: ahi é urgente empenhar-se toda a força de reserva.

«Já se decorrem 3 horas de uma lucta terrivel.

«Mas, depois, as cargas vertiginosas, phreneticas da cavallaria inimiga, cessam ; o fogo de sua artilharia declina, agonisa; crepita só a fuzilaria.

«Póde-se agora vêr o campo de batalha.

«Milhares de cavalleiros inimigos jazem mortos, ao lado de suas montadas, em frente ás nossas baterias ; em outros pontos do campo de batalha, os cadaveres de cavalleiros, infantes e artilheiros, estão em grande numero nessa promiscuidade que se observa, quando as tres armas investem simultaneamente.

«Que colheita extraordinariamente grande fez a morte nestes quatro kilometros !

«O exercito inimigo está cortado em duas fracções.

«E' preciso anniquinal-as de todo para que a victoria seja uma completa realidade.

«Osorio avança, então, com a esquerda e centro por um sólo em que a cada momento se tropeça em cadaveres, e a bayoneta reaccende a lucta com desespero; a vanguarda e a direita imitam o movimento daquelle general e, em poucos minutos, a mais completa derrota pronuncia-se nas fileiras inimigas.

«Toda a linha foi rôta e os restos do exercito inimigo, dispersos refugiam-se para o interior das mattas, donde, d'improviso, surgira o impectuoso ataque.

«O inimigo deixou no campo de batalha cerca de 13.000 homens mortos.

«Os nossos gloriosos tropheos são: 4 canhões; 1 estativa de foguetes, 3 bandeiras, 4 estandartes, 9 caixas de guerra, 12 cornetas, quantidade consideravel de arma-

mento, mais de 5.000 espingardas, equipamento, munição e mais 500 prisioneiros dos quaes apenas *21 estão sãos!*

«Quanto nos custou a victoria?

«Nós, brssileiros, tivemos 3.011 homens fóra de combate; os argentinos 606 e os orientaes 296; de sorte que, o total foi de 3.913 combatentes entre mortos e feridos. O campo de batalha offerece um aspecto medonho.

«*El campo se quedó repugnante de cadaveres mutilados e caballos despanzurrados y perniquebrados*», como diz Palleja no seu DIARIO.

«Muitos foram os heróes dessa immortal jornada.

«Entre elles salientam-se OSORIO, levemente ferido, a cuja inexcedivel bravura e actividade deve-se a victoria, pois apparecia em toda a parte em que a lucta era mais cruenta.»

Sabe-se que o legendario Osorio queria a todo transe marchar no dia seguinte em perseguição do inimigo, mas a vontade do general em chefe dos alliados oppoz-se formalmente a isso; se o tivesse deixado levar avante esse seu patriotico intento, desde então realizada ficaria a celebre marcha de flanco, levada a effeito a 22 de julho do anno seguinte pelo immortal Caxias e a Humaytá, sem as suas obras de defesa exteriores, construidas em setembro de 1866, completando um dos lados do celebre *quadrilatero*, talvez tivesse cedido ante o arrojo do vencedor de *Tuyuti*. E, talvez a guerra não si tivesse prolongado por tanto tempo!

Sem nada de maior se passaram os ultimos dias de maio e os primeiros do seguinte mez de junho, em que perdemos o bravo general honorario Antonio Netto, victima de impaludismo adquirido em os banhados do Passo da Patria.

O marechal Osorio, então agraciado com o titulo de barão do HERVAL, (*) por sentir aggravado o seu já então precario estado de saude, logo depois do seu brilhante feito de 16 de abril, solicitára do governo que o mandasse

(*) «Com honras de grandeza, em sua vida, para distinguil-o e honral-o em sua qualidade de commandante em chefe do exercito imperial em operações contra a Republica do Paraguay,» diz a carta imperial de 18 de maio de 1866.

substituir ou ao menos designasse a quem devia entregar o commando em chefe do exercito em seus impedimentos, pelo que, por decreto de 14 de maio, foi nomeado o marechal de campo Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, não só para esse fim como tambem, no caso de ser preciso, substituir o visconde de Porto Alegre no commando do 2º corpo do exercito que organizára no Rio Grande do Sul.

Assim, a 15 de julho de 1866 entregava o barão do Herval o commando em chefe do exercito áquelle marechal e a 18 embarcava com destino ao Brasil.

Achando-se em sua patria e no seio de sua extremosa familia, poucos dias gosou Osorio do necessario descanço e mais cuidados, porquanto consultado se podia voltar á actividade, deu-se por prompto e logo foi designado para assumir o commando das armas da provincia do Rio Grande do Sul, sendo por decreto de 20 de outubro nomeado commandante do corpo de exercito em operações na fronteira da mesma provincia.

Tendo conseguido organizal-o com tropas de 1ª linha, guardas-nacionaes e voluntarios da patria, em março de 1867 recebeu ordem para reunir-se ás forças alliadas que operavam no Paraguay, o que cumprio, seguindo para a fronteira de S. Borja de onde passou para Corrientes, fazendo alto em S. Carlos.

A 22 de junho achava-se na *Tranqueira de Lorêto*, no dia seguinte em *Monte Negro* e no immediato no *Sangará*, chegando no dia 30, tudo do referido mez de junho, em *Itaguaté*, e dahi partindo chegou no mesmo dia a *Santa Izabel*.

A 2 de julho marchou deste ultimo logar alcançando o *Japé* em frente ao *Cerrito*, onde acampou.

Continuando pela margem correntina em pequenas marchas para não cançar a gente e os cavallos e sempre flanqueado pelas canhoneiras *Greenhalgh*, *Henrique Martins* e *Chuy* e transportes *Andarahy* e *General Argollo*, chegou no dia 3 no porto denominado Tuyuty e a 5 ao *Passo de Lenguas*, onde permaneceu a espera de ordens do marquez de Caxias.

A 10 de julho achava-se o barão do Herval com

o seu corpo de exercito acampado a 12 kilometros do *Italy*, de onde se transportou á 13 para o Passo da Patria no territorio paraguayo, utilisando-se dos navios de transporte da esqnadrilha do chefe Carneiro da Rocha. Este corpo de exercito que passou a ser o 3º do exercito brasileiro em operações, apresentava um total 5.400 homeus das tres armas.

Com este reforço, e ainda mais com o valioso auxilio do seu velho amigo e camarada, deu o marechal Caxias inicio ás operações que tinha em mente: — ameaçar a esquerda do inimigo e approximar-se de Humaytá, para lhe interceptar os recursos do interior e obrigal-o a empenhar-se em uma batalha decisiva.

Como sabemos, para a execução desse plano estrategico, a 22 do dito mez de julho o general em chefe das forças brasileiras, dando a vanguarda dos exercitos alliados a Osorio, (*) repassou o *Estero Bellaco*, no *Passo Houdo*, marchou em direcção ao *Passo Pires* e dahi transpoz o do *Tio Domingos* e, percorridas dez leguas supportando um frio intenso, a 28 alcançaram as nossas avançadas a povoação de *Tuyu-Cué*, que verificaram achar-se guarnecida.

O barão do Herval manda então desalojar essa guarnição que depois de batida, lança fogo ás principaes habitações e desapparece, não sem ter deixado no campo 90 cadaveres e 10 prisioneiros. No dia seguinte ontra força paraguaya é batida em São Solano e o grosso do exercito alliado acampa em *Tuyu-Cué*, tendo á vista a famosa Humaytá.

Regressando ao theatro da guerra ahi recebeu Osorio a patente de tenente-general a que o governo imperial, em attenção aos seus dilatados serviços, houve por bem promovel-o, por decreto de 1 de junho desse anno de 1867.

Com o fallecimento do vice-presidente da Republica

(*) Da columna da vanguarda faziam parte a 1ª e a 2ª divisão de cavallaria brasileira, infanteria e artilharia oriental, 3 companhias do batalhão de engenharia brasileira; a 4ª divisão de infanteria, idem, reforçada com a 4ª e 12ª brigadas da mesma arma e nacionalidade; quatro estativas de foguetes a *Congrève* e 4 peças raiadas de artilharia brasileira(Ordem do dia n. 2 de 21 de julho, do commando em chefe.)

Argentina, o general D. Bartholomeu Mitre deixa a 13 de janeiro de 1868 o commando em chefe dos exercitos alliados e, reassumindo-o nessa mesma data, o marechal Caxias prosegue sem mais tropeços no seu patriotico intuito de abreviar as já tão demoradas operações contra o dictador do Paraguay que, como se sabe, mais do que nunca se achava firme no seu proposito de resistir,— custasse o que custasse.

Combinando todos os movimentos com o chefe da esquadra, barão de Inhaúma, realiza este o celebre forçamento do Humaytá a 19 de fevereiro, fundeando os nossos couraçados junto á *Tayi*, pelas 10 horas da manhã, tendo sido tambem arrebatada do inimigo em terra a excellente posição que lhe servia de deposito, denominada *Forte do Estabelecimento*. Tendo Osorio prestado os melhores serviços nesse dia, o general em chefe os mencionou em a sua ordem do dia de 24 de fevereiro, do seguinte modo : «Não tenho expressões de que me possa servir para sufficientemente manifestar o reconhecimento e gratidão que devo ao bravo e arrojado general barão do Herval. Os sacrificios, que constantemente tem feito, e continua a fazer permanecendo no theatro da guerra, e a testa do corpo da vanguarda do exercito, apezar do estado precario de sua saúde; a vigilancia, prudencia, e circumspecção, com que exerce as arduas e laboriosas attribuições a seu cargo, constituem só por si o maior elogio de tão benemerito general. Sua codjuvação no desenvolvimento do plano que realizei no dia 12, foi a mais plena e satisfactoria.»

Por decreto de 11 de abril desse anno «pelos serviços prestados na guerra contra o governo do Paraguay» teve Osorio o titulo de visconde do Herval, com honras de grandeza e por outro de 20 de junho foi nomeado grã-cruz da ordem militar de S. Bento de Aviz, continuando a servir no exercito em operações.

A 16 do seguinte mez de julho, tendo feito o memoravel reconhecimento—a viva força—sobre o Humaytá, em sua ordem do dia de 26 do dito mez, assim se expressou o commandante em chefe : «O exmo. sr. visconde do Herval, não obstante o extroordinario e vivissimo fogo de artilharia com toda a classe de projectis, arremessados

contra os nossos soldados, e os variados accidentes do terreno, transpoz a 1ª linha de fossos anteposta ás muralhas de Humaytá, das quaes, estando bem proximo, mandou carregar sobre ellas o 4º e 13º batalhões de infanteria e o 39º de voluntarios, ao mando do coronel Frederico Augusto de Mesquita, que affrontando a mortifera chuva de metralha, granadas, balas rasas e fuzilaria, e soperando toda a sorte de difficuldades que a cada passo encontrava sobre o terreno revestido de abatizes e de outros accessorios de defesa, chegou á contra-escarpa das ditas muralhas; mas observando o mesmo exm. sr. visconde, que a resistencia tenaz que o inimigo oppunha, encoberto em seus extensos e altanados parapeitos, tornava difficil a escalada da muralha no ponto sobre o qual havia avançado, mandou parte a s. ex. o sr. marquez do que estava occorrendo, tendo em resposta, que s. ex., deixava ao seu juizo e criterio obrar como julgasse acertado, e que se precisasse de mais força s. ex.. segueria em pessoa com a reserva de que dispunha.

«Tendo, porém, o exmo. sr. visconde do Herval conseguido o reconhecimento desejado, e certo de que mais nada podia adiantar sem grande perda, ordenou a retirada das forças, evolução que se praticou na melhor ordem, marchando os batalhões com as suas bandeiras desfraldadas e com o mesmo animado aspecto que ostentaram, quando faziam frente ás fortificações do inimigo.

. . . . . .

. . . . . .

«S. Ex. o sr. marquez tem muito prazer em tecer ao exmo. sr. tenente-general visconde do Herval os maiores elogios por haver executado satisfatoriamente o reconhecimento do dia 16, dando, como sempre, admiravel exemplo aos seus commandados do mais decidido valor, sangue frio e abnegação.»

Depois deste reconhecimento, sabemos, o dictador, vendo-se descoberto e certo de que em outro seria forçosamente desalojado dessa sua tão *inexpugnavel* posição, deu-se pressa em evacual-a, como de facto o fez, possando-se a 25 para o *Chaco*. Sciente de tão importante occurrencia, mandou o general em cheíe tomar conta da praça, em a

qual se encontraram 177 canhões, 3 estativas de calibre 6, armamento, munições e polvora em grande quantidade, etc., etc,; e em seguida fez tambem passar para o *Chaco* uma força afim de obstar a fuga total da guarnição, o que conseguio depois de 9 dias de continuos combates, rendendo-se perto de 1.500 dos bravos paraguayos mais acossasados pela fome do que pelo receio de cruenta lucta, tendo morrido delles, mais de mil, conseguindo escapar uns quinhentos.

O dictador, porém, esse tinha sabido escapar-se em tempo e já bem se fortificava em ó celebre *S. Fernando* sobre o *Tebicuary*.

O general em chefe, determinando-se a seguir no encalço do inimigo, faz occupar o *Humaytá* pelo 2º corpo de exercito, do marechal Argollo Ferrão, e dando sempre a vanguarda das forças alliadas ao general Osorio, marchou a 17 de agosto, em busca da costa de *Nhembocú*.

Nessa marcha, com seu corpo de exercito, procede Osorio a 1º de outubro um reconhecimento sobre as linhas entrincheiradas do *Pekiciry*, que continham 71 canhões, alem de bem amparadas por brejos e lagôas, tendo á direita as baterias de Angustura; e, simultaneamente, o chefe Delphim de Carvalho, com os seus navios, força essas fortificações (Angustura) postando-se entre ellas e *Villêta*. Antes daquellas linhas existião algumas trincheiras avançadas e mascaradas que de prompto forão tomadas.

Na ordem do dia de 3 do mesmo mez, o marechal Caxias, mandando dar conhecimento deste e de outros factos praticados durante a marcha, diz: «O commandante em chefe agradece ao distincto sr. tenente-general visconde do Herval a maneira porque desempenhou esta operação, demonstrando mais uma vez seu valor e pericia que o torna saliente entre os bravos deste exercito».

Construiu-se em 22 dias, graças a perseverança, abnegacão e coragem do soldado brasileiro, a famosa estrada estrategica sobre o *Chaco*, por onde contornou o exercito as posições de dictador, que em tal não acreditára, e no dia 5 de dezembro o 2º corpo de exercito do marechal Argollo, passa do Chaco para a margem esquerda do Paraguay, na guarda ou posto de Santo Antonio, mar-

chando no dia seguinte sobre *Villéta*, sendo a nossa cavallaria da vanguarda fortemente hostilizada ao querer transpôr a ponte sobre o *Itoróró*, onde na vespera *não tinham encontrado inimigo algum!*

Por não a terem convenientemente guardado como mandam os principios da arte da guerra, caro nos custou nesse dia a sua posse absoluta, como o leitor, de certo, não ignora.

Sciente o general em chefe de tão importante occurrencia, tomou as suas disposições fazendo desfilar o exercito na seguinte ordem: na vanguarda o coronel Fernando Machado com a 5ª brigada e uma força de cavallaria; á retaguarda ao mando do marechal Argollo, seguiam o 2º corpo, com o general Jacintho Machado a testa e depois o visconde do Herval, com o seu 3º corpo.

Empenhada a acção, este recebe ordem para, fazendo uma volta de 3 leguas em direcção a direita do inimigo, procurar logar propicio onde o pudesse investir pela retaguarda, o que seria motivo para a mais cabal das derrotas. O denodado Osorio, que supportára uma penosa marcha tendo batido uma força inimiga que pretendera embargar-lhe o passo, chega, porém, depois de ter o marechal Caxias conseguido cantar victoria, auxiliando-o apenas na perseguição dos que foram derrotados e são completamente destroçados pelas cavallarias do 3º corpo.

Está, porem, proximo o arroio *Avay*. Osorio é nomeado a 9, para commandar a ala direita do exercito alliado em marcha sobre Villeta, tendo então se lhe reunido toda a cavallaria.

Antes, porem, de alcançar o *Passo-Malo*, o barão do Triumpho se dirige sobre a retaguarda do inimigo que havia tomado posição no alludido arroio e, não obtante a chuva torrencial que cahe, avança o visconde contra as linhas inimigas, tomando posição conveniente para rompel-as e destroçal-as, no que foi imitado pelo 2º corpo. Entrando em acção a nossa artilharia, responde com certeiros tiros ás 18 boccas de fogo inimigas que da margem opposta do arroio varrem a estrada por onde avançam as nossas columnas de ataque; mas os nossos bravos soldados não lhes dando a menor importancia, continuam na marcha

com invejavel intrepidez, pois se acham por demais habituados com esses contratempos.

Surge então o legendario Osorio á frente de 3 batathões do 3º corpo e de uma divisão de cavallaria ao mando do então coronel José Antonio Corrêa da Camara, e investindo bruscamente sobre o inimigo, consegue fazel-o recuar de suas posições com perdas notaveis. Nessa occasião avançam pela direita do inimigo o 1º e o 2º corpo e pela esquerda a divisão de cavallaria do bravo João Manoel Menna Barreto.

A lucta torna-se renhida e como sempre os nossos adversarios combatem com o maior denodo e galhardia, conseguindo as suas cavallarias envolver alguns dos mais arrojados dos nossos batalhões de infanteria. « Mas a victoria é nossa. Osorio anima cada vez mais os seus batalhões, levando por diante o inimigo, em completa derrota. Nesse momento, porem, é ferido no queixo por uma bala de fuzil e obrigado a retirar-se.»

O nome do bravo dos bravos não deixava de occupar a memoria dos que na côrte do extincto imperio tinham a responsabilidade do governo, mesmo porque a massa popular e toda a imprensa não se cansavam de acclamal-o como merecia pelos reiterados actos de bravura e abnegação durante toda essa lucta, assim é que por decreto de 26 desse mez de dezembro se lhe concedeu, por taes motivos, a grãn-cruz da ordem imperial do Cruzeiro, e o general em chefe, marquez de Caxias, na ordem do dia de 14 de janeiro de 1869, em que relata detalhadamente os acontecimentos dessa campanha desde que os exercitos alliados deixaram o porto das Palmas, publicou a seu respeito o seguinte :

«Não posso deixar de consignar na presente ordem do dia os mais sinceros votos de minha gratidão e reconhecimento ao exmo. sr. tenente-general, visconde do Herval, commandante do 3º corpo de exercito, pelos actos de valor praticados nos combates, batalhas, assaltos e feitos d'armas que tiveram logar no mez de dezembro de 1868; e que valeram os bem mencionados elogios, não só pela valiosa e efficaz coadjuvação que delle recebi e da qual muito dependeram os triumphos que no dito mez al-

cançaram nossas armas, como pelas provas irrecusaveis da firme e inabalavel dedicação que sempre manifestou ao serviço publico e á minha pessoa.»

Por decreto de 20 de fevereiro foi Osorio condecorado com a medalha de merito militar, creada por decreto de 28 de março do anno anterior, em attenção aos reiterados actos de bravura praticados em diversos combates.

Achando-se em tratamento do seu honroso ferimento na provincia do Rio Grande do Sul, convidado para mais uma vez expôr a sua vida batendo-se contra o já enfraquecido exercito do dictador do Paraguay, respondeu ao governo que em breve seguiria para o theatro da guerra, cuja direcção, como já vimos, havia sido dada ao marechal do exercito principe conde d'Eu.

Satisfeito o mesmo principe com a noticia de que teria a seu lado nessa lucta, tão insigne guerreiro, ao assumir o commando em chefe de todas as forças brasileiras em Luque, na sua ordem do dia de 16 do seguinte mez de abril, como já vimos, assim se expressou : «Volta hoje o anniversario do dia em que, guiados por um general de inexcedivel heroismo, effectuastes em presença do inimigo uma das mais atrevidas operações militares.» E logo no dia seguinte deu sciencia ao exercito de que se achava nomeado para commandante do 1º corpo do mesmo exercito o tenente-general visconde do Herval, ficando interinamente no dito commando o marechal de campo Guilherme Xavier de Souza.

Conforme o promettido, do Rio Grande do Sul partiu o visconde do Herval com destino ao exercito em operações, onde apresentou-se a 6 de junho no *Pirayú*, e o commandante em chefe dando parte dessa feliz occurrencia em sua ordem do dia n. 17 do dia seguinte declarou «haver elle assumido o commando do 1º corpo de exercito apezar de não se achar ainda restabelecido do ferimento recebido na batalha do *Avay*, e que, annunciando este facto ao exercito, não podia deixar de com elle congratular-se pela presença de tão illustre quão distincto general.»

Commandando esse corpo de exercito marchou o tenente-general Osorio em busca do inimigo e achando-se este perfeitamente entrincheirado em *Perebebuy*, foi resol-

vido atacal-o nessa praça a 11 de agosto, cabendo-lhe o commando da ala esquerda das forças atacantes e, segundo se vê das diversas partes desse feito, tendo dividido em tres a columna sob seu commando, uma das quaes conservou como reserva « dando pela centesima vez, diz o commandante em chefe na sua ordem do dia de 14 de novembro de 1869, mais uma prova de seu inexedivel e já historico heroismo, avançou á testa da columna da direita e pessoalmente ajudou a collocar os pranchões que devião dar passagem aos nossos soldados por cima do fosso que o inimigo defendia. Sou informado que só pela rara felicidade de falhar duas vezes a espoleta de um canhão, escapou tão importante vida de ser victima do tiro da metralha que contra elle fôra dirigido a queima roupa. »

Terminando a acção que deu-nos a posse da praça de *Perebebuy,* seguiu o visconde do Herval, com o 1º corpo para a estrada de *Ascurra* onde tomou posição.

Achava-se a 15 em *Caacupé,* quando sabendo-se que a cavallaria da vanguarda, tendo alcançado parte das forças da retaguarda do inimigo lhe matára e aprisionára cerca de 50 homens, foi consultado sobre si seria possivel continuar na perseguição dessas forças, respondeu que pelo mau estado da sua cavalhada tal medida não se poderia pôr em pratica, por quanto alguns cavallos já haviam cahido por terra, como se deu com o do proprio chefe brigadeiro Vasco Alves; á vista do que resolveu o conde d'Eu adiar a execução do seu projecto para o dia seguinte.

Sentindo, porém, que os seus ferimentos se achavam por demais aggravados, não lhe permittindo ao menos conservar-se á cavallo por algumas horas, solicitou Osorio a necessaria licença para retirar-se do theatro da guerra e recolher-se ao Brasil, ao que o commandante em chefe « reluctando privar-se, na pessoa de tão illustre general, de um auxilio tão efficaz, quer para o conselho, quer para a acção, em vão procurou adiar a solução de semelhante pedido. Na manhã de 16, porém, reconhecendo que o seu estado de saude não lhe permittia acompanhar o exercito na marcha desse dia, teve que conceder-he licença para retirar-se, temporariamente, para Assumpção, na esperança de que alguns dias de descanço lhe restituiriam o

desejado vigor para tomar novamente ao seu lado o posto que tão dignamente preenchia. »

E, com effeito, a 27 do seguinte mez de setembro, obtida algumas melhoras em Assumpção apresentava-se e reassumia o commando do primeiro corpo de exercito na villa do Rosario.

Pela sua ordem do dia de 14 de novembro declarou o commando em chefe do exercito que lhe corria o dever de, á vista dos documentos recebidos do governo imperial, louval-o com effusão, como louvava, em nome do imperador, como no seu, segundo o determinado em aviso do ministro da guerra de 6 do mez anterior, por ter na qualidade de commandante do 1º corpo de exercito, pelo seu valor, actividade e pericia mais poderosamente concorrido para os resultados conquistados, no mez de agosto, pelo exercito, em prol da honra e segurança do Brasil.

A 30 de novembro, ainda por motivo de molestia, obteve licença para tratar-se no Brasil, embarcando em Assumpção no vapor *Alice* que o transportou até o Rio Grande do Sul.

Terminada a guerra com o desenlace colhido pelo dictador a 1º de março de 1870 na margem do *Aquidabaniqui*, recebe o tenente-general Osorio, que havia sido elevado ao titulo de marquez do Herval desde 29 de dezembro do anno transacto, a communicação de ter a camara dos deputados da assembléa geral deliberado, por unanimidade de votos, em sessão de 11 de maio, que se consignasse na respectiva acta um voto de louvor e gratidão porque tendo feito a guerra provocada pelo ex-presidente da Republica do Paraguay, conquistou para a Patria gloria imperecivel.

A 20 de julho lhe foi conferida a medalha creada por decreto de 8 de maio de 1865 para os que fizeram a campanha do Estado Oriental do Uruguay sob o commando do marechal João Propicio Menna Barreto, e a 24 de maio de 1872, a geral da campanha do Paraguay.

Descançando sobre os louros colhidos no campo da honra, continuou entretanto Osorio em plena actividade politica, e collocado o seu respeitavel nome na lista triplice para senador, pelos seus conterraneos, por carta imperial

de 11 de janeiro de 1877 foi o escolhido pelo imperador para exercer esse alto cargo. Tendo partido do Rio Grande do Sul para delle ser empossado chegou a esta capital no dia 28 do seguinte mez de abril, e ao desembarcar do paquete nacional *Rio de Janeiro,* teve a recepção assim descripta pelo pranteado Dr. Teixeira de Mello: « O denodado e illustre general é recebido no meio das maiores demonstrações de regosijo pela população da capital do imperio que lhe preparára uma verdadeira ovação como manifestação do grande apreço em que tinha os serviços que o legendario cabo de guerra prestára á patria na guerra do Paraguay. As corôas de louro, poesias, discursos, illuminações e outras demonstrações de contentamento ficam reservadas para o dia e noite seguintes. Quando o illustre general entra para a carruagem que o deve conduzir para a sua residencia, tiram os cavallos della e pucham-n'a á mão até á praça da Constituição, onde elle, fatigado por tantas emoções, pede que o dispensem das outras manifestações que pudessem estar reservadas, pois precisava de repouso e não desejava incommodar mais uma população inteira. Os jornaes do dia seguinte vem cheios da descripções da geral ovação de que foi alvo o glorioso soldado, em cujo semblante varonil, diz um delles, se viam desenhados o seu caracter franco, leal, ousado até á temeridade, o typo do verdadeiro general, adorado pelos seus soldados e temido pelo inimigo.

— « Vinha radiante de contentamento a sua bonita cabeça de velho heroe, encanecido ao serviço da patria.»

Tomando posse de sua cadeira de senador a 2 de maio, logo depois, por desejar conhecer a terra onde os seus filhos sempre bem acolhidos e dirigidos por notaveis mestres se aperfeiçoavam em as sciencias juridicas e sociaes, partio para o norte e ao chegar ao Recife recebe tambem estrondosa manifestação de toda a população dessa capital, pelo que sempre com muito reconhecimento recordava esse facto que dizia ser um dos maiores dias de contentamento da sua atribulada vida.

Regressando á côrte, pedio e obteve licença para uzar a—espada de honra—que lhe fôra offerecida pelo exercito que commandou no Paraguay. Essa espada foi-lhe entre-

gue em Porto Alegre quando ahi chegava de regresso da campanha, sendo recebido com as mais significativas ovações da população porto-alegrense e de outras localidades do Rio Grande do Sul que para tomarem parte em tão justo preito ahi se reunira.

Por decreto de 27 de junho ainda de 1877 teve o marquez do Herval a patente de marechal do exercito graduado e por outro de 5 de janeiro do anno seguinte, com a ascenção ao poder do partido liberal de que era um dos mais prestigiosos chefes, foi-lhe entregue a pasta de ministro da guerra, que muito dignamente occupou até o dia em que deixou de existir, facto este que teve logar em a sua residencia á rua do Riachuelo n. 117, (*) ao cahir da tarde do dia 4 de outubro de 1879.

« O seu funeral, disse em 1880 o mencionado Dr. Teixeira de Mello, realiza-se no dia 6 com uma pompa verdadeiramente regia e o seu fallecimento causa uma duradoura e indescriptivel sensação de pezar na população em peso.

« O cadaver do grande general, competentemente embalsamado pelo Dr. F. F. da Costa Ferraz, foi depositado nesse dia na capella do arsenal de guerra da côrte, onde fica litteralmente coberto de corôas sem conta e de um custoso valor, não só intrinseco como artistico. D'ahi foi transportado a 16 de novembro para o asylo dos invalidos da patria. na ilha do Bom Jesus, assistindo o imperador á ultima ceremonia.

« Trata-se de erguer um monumento que perpetue no bronze a imagem do soldado valente, que nunca voltou o rosto ao inimigo e que andou sempre pelo caminho da victoria. » (Ephemerides Nacionaes).

Com effeito, o compromisso assim tomado pelo povo teve a sua realização graças aos patrioticos esforços dos incansaveis membros da directoria da commissão com-

(*) A casa onde residia o general Osorio á rua do Riachuelo, tem hoje o n. 157 e torna-se notavel pela sua larga fachada coberta de azulejo com uma grande porta e treze janellas. Ahi teve o autor o prazer de ser por elle benevolamente acolhido em agosto de 1878, quando cadete pretendente á matricula na escola militar de Porto Alegre, o que conseguio.

posta dos Srs. G. Gaffré, Eduardo P. Guinle, Faustino Vianna, Vicente Lisboa e outros, e já a 21 de julho de 1892 eram os seus preciosos restos mortaes solemnemente transportados, da igreja da Santa Cruz dos Militares, onde haviam sido depositados, para a crypta especialmente construida na base do monumento que se erigia no antigo largo do Paço, hoje praça 15 de novembro.

Este monumento, o primeiro produzido por um artista brasileiro, o bem conhecido Rodolpho Bernadelli, assenta em uma base polida em granito dos Alpes, onde foram collocados os baixos relevos, representando: o brilhante feito do *Passo da Patria* na face sul; o *vinte e quatro de maio* na do norte; uma corôa de carvalho circumdando o distico— A OSORIO— *o povo*, na anterior, e a data e logar do seu nascimento (Rio Grande do Sul —10 de maio de 1808) na posterior.

O monumento, que foi inaugurado a 12 de novembro de 1894 com uma das maiores festas que se tem visto nesta capital, mede 8 metros de altura e está com a frente para o mar. «O marechal Osorio a cavallo, um pouco inclinado para a direita, de espada desembainhada, parece, pelos gestos, que vai dar alguma ordem, tendo em vista o inimigo. (*). »

Ao acto solemne da inauguração, que teve lugar a uma hora da tarde desse dia, além da enorme massa de povo e do corpo de exercito formado pelo collegio militar e

(*) De alguns veteranos que serviram sob as ordens do marquez do Herval em diversas campanhas, temos ouvido dizer que o trabalho do nosso provecto mestre Bernardelli, embora executado segundo as regras da exigente esthetica, não traduz a realidade, quer quanto ao physico, quer quanto aos usos e costumes do nosso heróe, qualidades estas que tanto destaque davam á sua sympathica figura no mais encarniçado das pelejas, de modo a nunca ter-se confundido com outros chefes, enthusiasmando sempre seus commandados e causando ao inimigo admiração e respeito. Entretanto, dizem elles, existe ha muito tempo no salão nobre do ministerio da guerra uma téla que o representa como tal fôra em campanha, pois estão muito naturalmente apanhados seus traços physionomicos, estando coberto o seu magestoso porte com as suas vestes predilectas e com as quaes desempenhou as mais arriscadas commissões e alcançou as mais renhidas victorias.

forças da guarda nacional, tropa de linha e brigada policial, sob o commando do bravo general Roberto Ferreira, compareceram os membros do governo, commissão militar da Republica Oriental do Uruguay, ministro da Republica Argentina, o almirante barão da Passagem, o Dr. Fernando Osorio, e representantes de muitas commissões, dirigindo-se todos depois das manifestações populares para a base da estatua, onde pronunciaram brilhantes discursos, recebidos com applausos e vivas á memoria do legendario guerreiro, terminando este acto com a seguinte mensagem, que foi lida pelo fallecido general dr. Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Castallat, ministro da viação e obras publicas e interinamente da guerra.

« Senhores !—Em nome do Sr. marechal vice--presidente da republica, que bem a seu pezar e por doente deixa de assistir a esta grande solemnidade a que une-se de todo o coração ; e em nome da classe a que pertenço, constituida pela armada e exercito nacionaes, pois não ha distinguir entre o marinheiro e soldado brasileiro, entre os representantes dos heróes de Riachuelo e de 24 de maio, entre Osorio e Barroso, venho dirigir-vos algumas palavras.

« Senhores ! Eis-nos diante desse monumento formado de bronze e de granito, a desafiar o perpassar do tempo, erguido pelo povo para perpetuar a lembrança de um heróe brasileiro, cuja vida foi uma conquista constante de louros que engrinaldam a fronte da Patria !

« Abre-se o peito do Brasil, e do seu coração emerge o vulto grandioso do legendario guerreiro !

« Osorio !.... Teu nome só, compõe uma sublime epopéa do patrio Brasil !

« Nós vimos, jovens então, tua espada invicta brilhar no meio de nuvens de fumo e de pó. Vimos tua lança fulgurar na frente de hostes aguerridas que te seguiam arrastadas por teu valor ! Ouvimos tua voz poderosa dominando o troar dos canhões, chamar a victoria !

« A tua voz de commando era uma faisca que electrisava os peitos de teus companheiros de armas !

« Nós te vimos, condor brasileiro, respirar a largos

sorvos o ar dos combates, como se fôra teu elemento vital; tua alma de heróe illuminar-se e mostrar-se pharol a guiar tuas hostes enthusiasmadas!

« Tu eras digno do exercito que guiavas e o tornastes digno de ti!

« Triumphador em mil combates, teu nobre sangue derramado cobriu de purpura preciosa o manto da Patria; mas... quando nas ruas, nas praças, nas cidades, o povo, que te idolatrava, ainda proclamava os teus gloriosos feitos, a mão da morte rasgou o seio do Brasil para receber teu corpo inanimado.

« Não se ouvio mais o ruido do leão victorioso.

« O cedro altissimo cedeu ao golpe do raio possante contra o qual não valem forças.

« A Patria cobriu-se de crepe; mas corações generosos emprehenderam a tarefa de consolal-a, e mostram-lhe hoje aos olhos ainda não enxutos do pranto esse monumento que ao menos lhe abrandará a dôr!

A essa commissão patriotica, que tão bem representa o sentimento do povo brasileiro, devemos o pagamento da divida que contrahimos para comtigo Osorio!

« A esses illustres cidadãos e ás distinctas corporações que vieram depositar corôas junto á estatua, que sobreleva-se aos restos mortaes do immortal brasileiro, nossos sinceros agradecimentos; e aos nossos fieis alliados que com tanta gentileza por sua vez vieram render um preito de homenagem ao grande heróe que os amava como irmão, a profunda gratidão do governo da Republica, da classe que represento, do Brasil inteiro.

« Osorio! aqui estão teus filhos, aqui estão teus amigos, aqui estão teus irmãos d'armas, dentre os quaes destacam-se os vultos gloriosos dos invalidos da Patria, aqui está o povo brasileiro que vem saudar-te!

« O troar do canhão que enthusiasmava tua alma de heróe annuncia ao mundo que não morreste para o teu Brasil!

« O exercito, que de tanta gloria cobriste, passa em continencia diante do teu tumulo e sente ainda o fogo do teu olhar electrisal-o.

« A Republica do Brasil passa reverente diante de tua estatua e entôa tua apotheose :

« Salve, heróe !

« Salve, Osorio ! »

Entre a grande quantidade de flores e grinaldas que foram depositadas no pedestal da estatua, notava-se uma corôa de bronze de bello effeito, offerecida pelo governo da Republica Oriental com a seguinte inscripção — *Campeão da liberdade Sul-Americana.—Montevideo* — novembro de 1894; — e bem assim outra do mesmo metal com a inscripção — *Campanha Paraguay — 1865 a 1869 — Republica Argentina — á memoria do general Osorio*, collocada pelo Snr. Garcia Merou ministro dessa republica, que nessa occasião pronunciou um notavel discurso terminando com as seguintes palavras :

« Exm. Señor ! Señores ! — En nombre del pueblo argentino, e interpretando los deseos de su gobierno, tengo el honor de depositar al pié dela augusta imagen del mariscal Osorio, como un homenaje debido al heroismo y a la virtud, una corona de laurel, que recuerda y simboliza todos los esfuerzos, todos los sacrificios, todas las glorias de la aspera campaña.

« Que ella sirva para perpetuar en el corazon de las generaciones que nascen á la vida, junto con las honzañas del guerrero, la amistad que liga á las naciones que un dia formaran en los filos de la Triple-Alianza ! Que al calor de los sentimientos generosos que a todos nos animan, estrechemos los vinculos que nos unen hasta darles la consistencia del noble metal de que está formada !

« Y al separarnos de este bello monumiento, erigido por la gratitud nacional a la memoria de um patriota sin tacha — no olvidemus el camino que conduce hasta él, para encontrar en su sombra inspiraciones generosas ; como al salir de los trajedios de Esquillo los atenienses hacian vibrar com golpes sonoros el bronce de sus escudos,—y arrojaban al viento, en largos aclamaciones, esta palavra immortal que concentra todos los entusiasmos y todas las grandezas del alma : **Patria ! Patria !**... He dicho. »

O governo da nossa republica para tornar ainda mais

duradoura essa data entre os que se acharam na campanha do Paraguay ao lado do legendario Osorio, fez baixar um decreto concedendo as honras do posto immediato a todos os officiaes reformados e honorarios e praças de pret com serviços da dita campanha. E desde então tem o mesmo governo determinado que no dia 24 de maio sejão prestadas as devidas homenagens a essa estatua, por contingentes dos corpos da guarnição desta capital, de accordo com a tabella de continencias.

Manoel Marques de Souza

(Barão, visconde e conde de Porto Alegre)

Filho do brigadeiro do mesmo nome, o tenente-general Manoel Marques de Souza — conde de Porto Alegre — nasceu a 13 de junho de 1804 na actual cidade do Rio Grande, do Estado do Rio Grande do Sul.

Ao completar 13 annos, por ter mostrado desejos de seguir a carreira militar, depois de obtida a necessaria dispensa de idade, alistou-se como cadete no 1º regimento de cavallaria ligeira da «divisão de voluntarios reaes», que então se achava de guarnição em Montevideo.

Ainda não havia chegado a seu termo a lucta que desde 1816 sustentavam as aguerridas tropas do celebre caudilho José Artigas, contra as divisões do exercito de D. João VI, pelo que o joven cadete Marques de Souza, fez a sua aprendizagem como soldado, tendo por mestre d'armas o seu progenitor, ao lado do qual sempre se achou em os combates, sortidas e recontros, que pelo mesmo foram dirigidos na ultima phase dessa campanha, na qual, diz a sua fé de officios, «tomou parte de 1818 a 1822, sendo por isso condecorado com a respectiva medalha».

Por decreto de 24 de junho de 1818, foi promovido a alferes ajudante de campo do capitão-general Carlos Frederico Lecór, tendo antes se destinguido nos combates do *Fando* a 30 de março e no de *Manga* a 1º de abril.

Terminada a guerra com a incorporação da «Banda

Oriental» que passou a denominar-se «Provincia Cisplatina», conservou-se o joven alferes em Montevidéo até que proclamada a independencia do Brasil, coube-lhe a honrosa missão de, em dezembro de 1822, embarcar para a côrte do Rio de Janeiro para, da parte do exercito do sul comprimentar o imperador D. Pedro I pela sua elevação ao throno; feito o que regressou ao sul, continuando a exercer o cargo de ajudante de campo do visconde da Laguna, que então se achava sustentando o sitio de Montevideo, cuja praça estava occupada pelas tropas portuguezas, commandadas pelo general D. Alvaro da Costa, em franca opposição á independencia do Brasil.

Nesta segunda campanha coube ao alferes Marques de Souza salientar-se no combate de 18 de maio de 1823 em *Las Piedras*, ao lado de seu pae, e, depois da capitulação de D. Alvaro, tendo sido promovido a tenente para o estado maior do exercito, por decreto de 1° de dezembro de 1824, seguio para o Rio de Janeiro onde, em principios do anno seguinte, matriculou-se na academia militar.

Declarada a revolução dos *trinta y trez* a 19 de abril de 1825, entre as medidas tomadas pelo governo de D. Pedro I para de prompto debellal-a, figurou a suspensão das matriculas dos militares que pertencião aos corpos do sul e bem assim caçadas foram todas as licenças concedidas a outros que lá ainda se achavam, para o mesmo fim; pelo que, bem a seu pezar, teve o tenente Marques de Souza de interromper os seus iniciados estudos militares, seguindo a apresentar-se ao tenente-general visconde da Laguna em Montevideo.

Organizado o exercito que devia enfrentar-se com o de D. Carlos de Alvear, passou a servir sob as ordens do brigadeiro commandante da 1ª divisão, Sebastião Barreto Pereira Pinto, a que primeiro investiu contra o inimigo na celebre batalha de Ituzaingó. Da parte deste brigadeiro sobre a mesma batalha, consta:

«Os officiaes empregados ás minhas ordens, Manoel Marques de Souza, tenente do estado maior do exercito, e Francisco Felix da Fonseca, tenente do batalhão de caçadores 23, cumpriram com seus deveres; comtudo

supplico de V. Ex. todo o favor e justiça pelo tenente Manoel Marques de Souza, pois muito me coadjuvou».

Por sua conducta assim abonada, por decreto de 20 de março de 1827 foi Marques de Souza promovido a capitão, e a 16 de agosto seguinte passou a exercer o cargo de ajudante de ordens do tenente-general visconde da Laguna, que substituira o marquez de Barbacena no commando do exercito do sul.

A 4 de fevereiro de 1828 deixou o cargo de ajudante de ordens e, terminada a guerra em outubro desse anno, passou a servir sob as ordens do marechal de campo Manoel Jorge Rodrigues, commandante da divisão de observações que permaneceu em Montevideo, com o qual, depois de ter estado na capital do Rio Grande do Sul, onde esse general exercêra o cargo de governador das armas, embarcou para a côrte em 1830.

Por decreto de 29 de março de 1829, em attenção aos seus serviços obteve a graduação de major, e por despacho de 28 de agosto de 1830 foi classificado na 6ª companhia do 4º regimento de cavallaria ligeira, de que foram commandantes seu pae e seu avô em epocas anteriores.

Regressando á provincia do Rio Grande do Sul, apresentou-se ao dito regimento que passou a commandar logo depois.

Sendo então pronunciado adepto do governo monarchico, tendo explodido em Porto-Alegre á revolta de 20 de setembro de 1835, conservou-se o major Marques de Souza inteiramente devotado á causa da legalidade, pondo em acção todos os meios ao seu alcance para combatel-a. Cumprio com o seu dever, mas tambem podia ter deixado de o fazer, sem que por tal pudesse ter sido increpado de negligente ou tornar-se passivel de qualquer pena, porquanto os seus esforços eram então demasiadamente fracos, considerando-se que ao proprio marechal commandante das armas não lhe valeram nem o prestigio pessoal nem o do seu alto cargo, pois forçado foi a refugiar-se em paiz estrangeiro, emquanto a primeira autoridade da provincia, cedendo á força, teve que abandonar a capital e logo depois a provincia, recolhendo-se á côrte do imperio.

Em taes circumstancias, porém, prevaleceu no major Marques de Souza a fidelidade ao throno imperial, e sem descançar passou a reunir toda a gente que poude, apressando-se em fazer juncção com o prestigiado e valente chefe imperialista coronel João da Silva Tavares.

Assim engrossadas as suas fileiras, deram ambos o celebre combate do Arroio-Grande, a 14 de outubro de 1835, sendo os rebeldes completamente batidos, muito sobresahindo-se durante a acção o major Marques de Souza.

A revolução, porém, tomára vulto; eram frequentes as adhesões, e por consequencia a pequena força legalista destes dois chefes, então unica na provincia, impossibilitada de enfrentar-se com as dos rebeldes reunidas em grande numero, teve de dispersar-se para evitar o inutil derramamento de sangue.

Acompanhando uma dessas pequenas partidas, escapando de ser sacrificado, conseguiu o major Marques, atravessando mil tropeços, alcançar a barra do Rio Grande, onde já encontrou embarcado o presidente deposto, e que se fazia de véla. Um momento mais e seria elle victima daquelles a quem oito dias antes havia infligido a citada derrota.

Chegando á côrte, poz-se á disposição do governo, mostrando desejos de voltar ao sul, e de facto o fez com as primeiras forças que a 8 de março do anno seguinte (1836) aqui embarcaram com aquelle destino. Desembarcando na cidade de Pelotas e tendo sob suas ordens um contingente de 80 praças do 1º batalhão de caçadores, deram-lhe o commando militar da mesma cidade.

Havia apenas entrado no exercicio desse cargo quando a 7 de abril o chefe revolucionario Antonio Netto á testa de 600 homens ataca Pelotas e destroça a força commandada pelo coronel Albano de Oliveira Bueno, ficando este prisioneiro e bem assim o major Marques de Souza que, como vimos, dispunha apenas de 80 homens, na maior parte recrutas bisonhos.

Do que passou o major Marques como prisioneiro durante a marcha que fez até Porto-Alegre, facil será avaliar-se pelo triste fim que teve o seu companheiro de

infortunios o coronel Albano, que durante ella foi fusilado.

Lançado no porão do «presiganga» ao chegar a Porto-Alegre, esteve sujeito a todos os horrores de uma prisão tão immunda e perigosa, onde era ameaçado a cada passo de ter igual sorte daquelle seu companheiro se pretendesse subtrahir-se a tamanha penuria.

No entretanto tentavam alguns legalistas o restabelecimento da lei, e conhecendo elles os sentimentos e a coragem do major Marques, não hesitaram em consultal-o, iniciando-o em seus projectos. Por mais de uma vez, por carencia absoluta de meios, abortaram os seus planos tendo portanto ameaçada a vida por igual numero de vezes, e o barbaro assassinato do coronel Vicente Freire, por tal motivo, não o fez no emtanto fraquear.

Arrostando os innumeros perigos a que se achava exposto continuou do fundo de tão infecta prisão a trabalhar com os seus denodados companheiros, dando tudo como resultado a contra revolução de 15 de junho de 1836 em Porto-Alegre, em que os legalistas cantaram victoria.

Mas não se havia tudo feito ; era preciso que a causa que defendiam fosse sustentada a todo transe. Com o governo legal estavam sómente a cidade do Rio Grande e São José do Norte, porém sitiadas, e o coronel Bento Ribeiro, então commandante das armas achava-se na *campanha*, sem destino certo, cercado apenas de diminuta força que procurava, entretanto. engrossar e prover do necessario fardamento, armamento e munições de guerra.

Em Porto-Alegre contavão os legalistas cêrca de 400 homens mal armados e pouco adestrados em trabalhos de guerra, pelo que os revolucionarios, em numero cinco vezes maior, não hesitaram em dar successivos assaltos a essa importante posição que não souberam conservar. A defesa porem tornou-se heroica. Esses poucos bravos guiados por velhos e aguerridos chefes, praticaram actos da mais destemida bravura e sangue frio como poucos se têm dado, tornando para sempre memoraveis os dias 18 e 30 de junho e 20 de julho de 1836.

E quem commandou essa praça de guerra por determinação dos referidos chefes, nesses difficeis dias, foi o

major Manoel Marques de Souza, fazendo os serviços que competia a todas as graduações e empregos militares precisos em um ponto sitiado, e disso deram os melhores attestados os legendarios generaes João de Deus Menna Barreto, (*) Chagas Santos, Bento Corrêa da Camara e outros que ahi se achavam.

Por decreto de 18 de fevereiro do anno seguinte, teve Marques de Souza a effectividade do posto de major, e a cidade de Porto-Alegre o titulo de — LEAL E VALOROSA.

Depois de serviços tão relevantes, e tendo em muito alterada a sua saude pelas privações que soffrera como prisioneiro, em outubro desse anno requereu e obteve seis mezes de licença para tratar-se na côrte onde se apresentou no seguinte mez de novembro; esgotada essa licença sem nenhum resultado, por conselho de seu medico solicitou outra de igual tempo para ir á Europa com o mesmo fim, a qual lhe foi concedida a 20 de junho de 1837, tendo sido prorogada por mais tres mezes, em 20 de dezembro do mesmo anno.

Regressando da Europa, por decreto de 20 de agosto de 1838 teve a graduação de tenente-coronel, mas não de todo restabelecido de seus incommodos conservou-se com parte de doente na cidade do Rio Grande, só apresentando-se prompto para o serviço em 1840, assumindo então o commando do 2º regimento de cavallaria ligeira para o qual fôra designado quando promovido a tenente-coronel effectivo por decreto de 2 de dezembro do anno anterior.

A revolução continuava a fazer verter o sangue de brasileiros em uma lucta, de idéas para uns e de cumprimento do dever para outros, e o tenente-coronel Marques de Souza, no numero destes, a 16 de setembro de 1841, á frente do seu regimento, teve que enfrentar-se, infligin-

(*) Mais tarde visconde de São Gabriel, de quem já tratamos no 1º volume, e a quem muitos confundem nesse feito, com seu filho, brigadeiro reformado Gaspar Francisco Menna Barreto que collocando-se tambem ao lado dos legalistas muito os auxiliou, pelo que, por decreto de 20 de agosto de 1838, foi melhorada a sua reforma no posto de marechal de campo, «em attenção aos relevantes serviços que prestou em defesa da ordem publica e integridade do Imperio.»

do-lhe derrota, com a columna do chefe José Daniel na varsea do Varejão, sendo por tal elogiado em ordem do dia do general em chefe, e mereceu mais ser por decreto imperial de 27 de março de 1842 promovido a coronel para o mesmo regimento.

No anno seguinte, pela ordem do dia do general conde de Caxias, de 11 de junho, foi louvado «pelo bem com que se houve no commando da expedição que seguiu á margem direita do rio São Gonçalo». Já nos referimos a essa commissão que teve por fim livrar a cavalhada do exercito imperial, no Rincão dos Touros, de ser arrebanhada pelos revolucionarios, e do que teve aviso o referido conde. Mas o coronel Marques na sua marcha aproveita o ensejo de achar-se perto da villa do Piratiny, capital da republica, nella consegue entrar, batendo a força que encontrára, fazendo elevada presa de armas, munições etc.; depois percorre todo o territorio entre a Lagôa-Mirim e o oceano, até o arroio Chuy, regressando ao quartel-general do commando em chefe com cerca de 4.000 cavallos.

A 2 de dezembro, ainda por ordem do commando em chefe, seguiu com a columna de seu commando para servir de apoio á do capitão Albernaz que devia attrahir uma partida inimiga, a qual destroçou e perseguiu activamente arrebatando-lhe as cavalhadas, merecendo tambem ser elogiado em ordem do dia do commando em chefe de 7 de dezembro pelo bom desempenho que soube dar a esta expedição.

Terminára assim o anno de 1843, e o general em chefe, firme no seu proposito de não dar descanço aos revolucionarios, ao encetar suas operações em 1844, designou o coronel Marques de Souza para guardar a importante posição da villa de São Gabriel, com forças sufficientes para repellir quaesquer tentativas dos revolucionarios sobre a sua posse.

Nesta como nas demais commissões que lhe haviam sido confiadas, se desenvolveu Marques de Souza de modo que a 10 de agosto foi elogiado pelo zelo e energia que soube manter no commando da guarnição da referida villa.

Terminada a lucta conforme a proclamaram os chefes revolucionario e imperialista a 28 de fevereiro e 1º de

março de 1845, ao coronel Marques de Souza coube a honrosa e grata missão de embarcar para o Rio de Janeiro conduzindo a bôa nova ao governo imperial, por escolha do seu preclaro chefe o marechal conde de Caxias.

Dois annos depois, por decreto de 14 de março, o mesmo governo, em attenção aos seus importantes serviços, lhe concedia a graduação de brigadeiro e dava-lhe o commando da 2ª brigada de cavallaria em o qual conservou-se até abril de 1848, por ter sido então designado para desempenhar uma commissão na côrte.

Já nos temos referido ás desordens que, devido a prepotencia do dictador Rosas e seu insuflado e digno auxiliar general Oribe, se desenrolavam no Rio da Prata, e com o fim de pôr um termo a tantos horrores, por demais affrontosos á humanidade e á civilisação, resolveu o governo do Brasil nellas intervir empregando a força publica.

Conseguida a paz no Estado Oriental, fazendo parte do «Exercito Alliado Libertador do Rio da Prata», embarcou a 1ª divisão do exercito brasileiro, cujo commando recahiu, por escolha do general em chefe conde de Caxias, no prestimoso Manoel Marques de Souza, cuja effectividade do posto de brigadeiro havia sido decretada em 14 de agosto de 1850.

Já vimos como a 3 de fevereiro de 1852, em *Monte Caseros,* se cobriu de gloria essa parte do exercito nacional, dando ganho de causa á liberdade de ha muito perdida pelos nossos irmãos do Rio da Prata, e, conforme se vê do boletim do exercito alliado dando conta dessa batalha : « O Sr. brigadeiro Marques, chefe do centro e das forças brasileiras, deu um dia de gloria á sua patria, accrescentando novos louros á sua fronte e grangeando o respeito e gratidão dos seus alliados ».

O general em chefe do exercito brasileiro, em a sua participação ao governo imperial, de 12 de fevereiro, referindo-se á 1ª divisão do mesmo exercito que tomou parte nessa batalha disse :

. . . . . .

. . . . . .

« O brigadeiro Manoel Marques de Souza, commandante della, mostrou no dia dessa memoravel batalha

muito tino e valor, dirigindo o combate do centro da linha inimiga, sem duvida o ponto mais forte della, prevenindo mesmo o ataque quando vio que a occasião era opportuna. Nossos batalhões manobravam como se estivessem em parada, e isso aterrou consideravelmente o inimigo.

« Eu recommendo a S. M. o Imperador este official general, que faz honra ao exercito brasileiro. Na inclusa referida parte que elle me dirigio se relatam todos os pormenores da acção e a ella me refiro em tudo. Ao proprio general Urquiza ouvi fazer-lhe os maiores elogios ; e tal foi a confiança que elle lhe soube inspirar, que aquelle general lhe confiou o commando do centro do seu exercito ; e addicionando a divisão brasileira que commandava mais tres batalhões de argentinos e uma forte bateria de artilharia, o encarregou de tomar o ponto sem duvida o mais forte da linha inimiga ».

A 1º de março retirou-se para Montevidéo a 1ª divisão do commando do brigadeiro Marques de Souza que reunio-se ao grosso do exercito imperial, tendo sido elogiado em ordem do dia de 5 do mez anterior pela coragem e sangue frio com que se houve na referida batalha de Moron. Do governo imperial recebeu o brigadeiro Marques pela sua invejavel conducta significativo titulo de — barão de Porto Alegre — com honras de grandeza e bem assim a promoção a marechal de campo, e a medalha de ouro concedida aos officiaes generaes que fizeram as campanhas do Uruguay e Argentina, conforme se vê dos decretos de 3 e 14 de março, tudo do referido anno de 1852.

A 26 de junho assumiu em Jaguarão o commando interino do exercito do sul do qual foi dispensado a 24 de setembro para assumir o das armas da provincia do Rio Grande do Sul.

No anno seguinte recebeu mais a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro, tendo deixado o commando das armas do Rio Grande do Sul a 5 de março, conforme havia solicitado, continuando a residir em Porto Alegre.

A 20 de fevereiro de 1856, levado pelos soffrimentos physicos de caracter chronico, que os reputava adquiridos na sua laboriosa vida militar, solicitou a sua reforma,

a qual só lhe foi concedida por decreto de 7 de julho do mesmo anno, sendo-lhe passada a patente de tenente-general a que por lei fizera jus.

Deixando assim a actividade militar, entregou-se no entretanto o barão de Porto Alegre a não menos agitada carreira politica, conseguindo em 1858 entrar na lista triplice para senador, sendo porém escolhido como vimos um dos seus competidores.

Em o anno de 1861, tendo sido eleito deputado á assembléa geral, a 24 de maio de 1862 occupou a pasta da guerra no ministerio Zacarias, que como sabemos governou apenas durante o insignificante periodo de seis dias.

Com a declaração de guerra ao Brasil pelo dictador do Paraguay e consequentes invasões de Matto-Grosso a 26 de dezembro de 1864 e do Rio Grande do Sul a 10 de junho de 1865, no barão de Porto Alegre reavivaram-se os antigos ardores de guerreiro e patriota exaltado, de modo que poz-se logo á disposição do governo que sem mais delongas, por decreto de 21 de julho deste ultimo anno, o nomeiou commandante em chefe do exercito em operações no Rio Grande do Sul.

Seguindo para a *campanha*, a 21 de agosto publicava a sua primeira ordem do dia, em que, declarando assumir o mencionado commando, esperava que a briosa força que ia commandar lhe facilitaria o desempenho de sua obrigação, tendo cada um dos que a compunha o unico pensamento de debellar o inimigo commum e salvar a honra e dignidade nacional.

No dia 23 do mesmo mez organizava o seu exercito, com quatro divisões sendo : a 1ª que já existia, ao mando do brigadeiro honorario David Canavarro ; a 2ª sob o commando do coronel barão de Jacuhy; a 3ª do brigadeiro José Gomes Portinho e a 4ª, composta de duas brigadas, commandada pelo coronel Joaquim José Gonçalves Fontes. A artilharia ficou sob as immediatas ordens do capitão Manoel d'Almeida Gama Lobo. d'Eça (duas baterias) e organisou-se uma secção de transporte, com um capitão, dois subalternos e 62 praças.

O invasor Antonio Estigarribia achava-se sitiado na villa de Uruguayana e já a sua guarnição soffria os hor-

rores da fome. Recebera varias intimações para se render, em agosto e em setembro, dos diversos chefes alliados, mas não as quizera tomar em consideração e até as repellira com certa arrogancia, no entretanto sabendo da chegada do presidente da Republica Argentina D. Bartholomeu Mitre, logo a elle se dirigio no dia 13 de setembro, *convidando-o a que lhe dirigisse proposições para evitar o derramamento de sangue*. Não teve, porem, a honra de receber resposta do mencionado presidente.

Já então havia chegado ao acampamento dos exercitos alliados o snr. D. Pedro II com a sua comitiva, o que de certo amenisou a investidura do cargo para que fôra nomeado o barão de Porto-Alegre, pois sabe-se que não correram com a desejada placidez as primeiras conferencias dos generaes em chefe dos exercitos alliados no territorio brasileiro, onde o do argentino pretendeu até assumir o commando em chefe de todas as forças sitiantes, não o tendo feito pela attitude energica dos dois chefes brasileiros—Porto-Alegre e Tamandaré — sendo que este o trouxera da *Concordia* pelos desejos que mostrara de vêr o imperador e com elle conferenciar sobre o proseguimento das operações dos exercitos alliados.

Pela manhã do dia 18 de setembro estes tomaram posição em frente ás trincheiras dos sitiados. Achavam-se então em linha de batalha : 12.393 brasileiros com vinte e duas boccas de fogo ; 3.802 argentinos com vinte e quatro ; 1.200 orientaes com oito.

Antes dessa tão solemne formatura o commandante em chefe das forças brasileiras fez destribuir a seguinte proclamação ;

« Camaradas ! Approxima-se o momento em que os vandalos, que teem levado o incendio e a desolação aos habitantes inermes de uma e outra margem do Uruguay, deverão expiar seus nefandos crimes. Ahi os tendes á nossa frente entrincheirados no ambito que offerece o recinto da villa de Uruguayana, que com barbaro prazêr teem quasi de todo arruinado.

« O nosso adorado monarcha nos honra com sua augusta presença em companhia dos augustos principes seus genros, e do ministro da guerra.

« Tendes por companheiros nesta lucta de honra os valorosos soldados das nações alliadas, e para *testemunhas de vossos feitos os chefes das mesmas nações* que commigo vos guiarão na marcha gloriosa que vamos emprehender.

« Camaradas ! Demos ao nosso inimigo uma lição assim de valor como de civilisação e humanidade. Offereçamos-lhe ainda uma vez antes de principiarmos o combate, algumas horas para reflectirem, e ao mundo inteiro uma prova de que no nosso justo resentimento nos quitamos de suas atrocidades por actos dignos de um povo livre.

« Viva S. M. o Imperador ! Viva a Nação Brasileira ! Vivam as nações alliadas ! — *Barão de Porto-Alegre.*»

O imperador, seu genro marechal conde d'Eu, o ministro da guerra e mais comitiva imperial occupavam o centro das columnas e o almirante Tamandaré com o duque de Saxe. outro genro do imperador, se recolheram aos navios da esquadrilha.

Ao meio dia tudo se achava prompto para dar o assalto ás fortificações, depois que a nossa artilharia houvesse cumprido o seu dever.

Os generaes alliados com os seus estados-maiores se dirigiram então ao monarcha brasileiro para comprimental-o e as ultimas ordens deste foram transmittidas ao general Porto-Alegre, que fez com que o seu ajudante de ordens apresentasse ao commanndante dos sitiados a seguinte intimação :

« Em nome do imperador e dos chefes alliados.

« A prolongação do rigoroso sitio em que se acham as forças sob o commando de V. S. deverá por certo tel-o convencido de que sentimentos meramente humanitarios reteem os exercitos alliados em operações nesta provincia ante o ponto do territorio que V. S. occupa. Estes sentimentos que nos animam e que sempre nos dominarão, qualquer que seja o resultado da guerra, me obrigam a ponderar a V. S. que semelhante posição e estado de cousas deve ter um paradeiro, e, em nome do imperador e dos chefes alliados, annuncío a V. S. que dentro do prazo de duas horas nossas operações vão começar. Toda

a proposição que V. S. fizer, qne não seja a de renderem-se as forços do seu commando sem condições, não será acceita, visto que V. S. repelliu as mais honrosas que lhe foram pelas forças alliadas offerecidas. Qualquer que seja, pois, a sua resolução, deve V. S. esperar da nossa generosidade o tratamento consentaneo com as regras admittidas pelas nações civilisadas.—Deus guarde a V. S. —Acampameuto junto aos muros da Uruguayana, 18 de Setembro de 1865.—*Barão de Porto Alegre*, tenente-general—Ao Snr. coronel Antonio Estigarribia, commandante em chefe da divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, sitiada em Uruguayana.»

Animado com a presença do imperador no acampamento alliado, deu-se pressa Estigarribia em apresentar sua contestação á intimação do chefe nestes termos :

« O commandante em chefe da divisão paraguaya offerece render a guarnição da praça de Uruguayana sob as seguintes condições :

« 1ª O commandante da força paraguaya entregará a divisão do seu commando, desde sargento, inclusive, guardando os exercitos alliados para com elles todas as regalias que as leis da guerra prescrevem para com os prisioneiros.

« 2º Os chefes, officiaes e empregados de distincção sahirão da praça com as suas armas e bagagens, podendo escolher o ponto para onde queiram dirigir-se ; devendo o exercito alliado mantel-os e vestil-os emquanto durar a presente guerra, se escolherem algum logar que não seja o Paraguay e devendo ser por sua conta se preferirem o dito logar.

« 3º Os chefes e officiaes orientaes ao serviço do Paraguay, ficarão prisioneiros de guerra do Imperio, guardando-se-lhes todas as attenções a que tenham direito.— Feito em Uruguayana, em 18 de setembro de 1865.—*Antonio Estigarribia.*»

Esta resposta foi logo presente ao imperador que, de accordo com os generaes do exercito alliado, deliberou acceital-a, não admittindo, porem, que os officiaes sahissem da praça com as armas nem que voltar pudessem ao territorio paraguayo emquanto durasse a campanha. Redigio

tal contestação o ministro da guerra Angelo Muniz da Silva Ferraz, que firmando-a em nome dos chefes alliados seguio, acompanhado pelo chefe do estado-maior brasileiro e mais dois officiaes afim de entregal-a ao commandante da praça sitiada.

Este acceitou as restricções impostas e deu a seguinte resposta.

« Commando da divisão paraguaya sitiada em Uruguayana 18 de setembro de 1865. — O abaixo assignado acceita as proposições de S. Ex. o Snr. Ministro da Guerra e deseja unicamante que S.M. o Imperador do Brasil seja o melhor garante deste ajuste. A elle e a V. Exª me confio e me entrego prisioneiro de guerra com a guarnição, submettendo-me ás condições prescriptas por V. Exª O abaixo assignado, espera que V. Exª procederá immediatamente a ajustar com elle o modo como se deve effectuar o desarmamento e a entrega da guarnição. — *Antonio Estigarribia.* »

A's 4 horas da tarde deu principio o desfilamento das tropas paraguayas e entregaram as armas 50 officiaes e 5.131 praças, e foram recolhidas 7 bandeiras, armamento, munições, equipamento e 6 peças de artilharia. Os prisioneiros foram distribuidos pelos alliados, e o chefe Estigarribia depois de ter sido levado á presença do imperador pelo ministro da guerra, foi recolhido preso á barraca do coronel barão de Jacuhy.

No dia seguinte deram-se conhecimento ao exercito das seguintes proclamações :

« Soldados ! O territorio desta provincia acha-se livre graças a simples attitude das forças brasileiras e alliadas. Os inimigos renderam-se; mas não está terminada a nossa tarefa. A honra e a dignidade nacional não foram de todo vingadas; parte da provincia de Matto-Grosso e do territorio da Republica Argentina jazem ainda em poder do nosso inimigo. Avante, pois, que a Divina Providencia e a Justiça da causa que defendemos, coroarão os nossos esforços. — D. Pedro 2º, Imperador Constitucional e Defensor perpetuo do Brasil. — *Angelo Moniz da Silva Ferraz.*

ORDEM DO DIA Nº 13

« Soldados do imperio brasileiro em operações nesta provincia !

« Guerreiros do exercito alliado no Rio Grande do Sul !

« Companheiros na vindicta da honra nacional das tres potencias Sul-Americanas !

« A divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, a guarnição da Uruguayana á vossa presença depoz as armas sem ter disparado um tiro.

« A' frente de vossas armas, ante o vulto augusto de SUA MAGESTADE O IMPERADOR; em presença do exmo. snr. ministro da guerra, dos augustes principes e da côrte, viste desfilar hontem, desarmados, ás 4 horas da tarde, 7 regimentos de infanteria e um corpo de cavallaria do exercito paraguayo!

« Vossos fuzis e vossas lanças estavam descançados; vossos canhões não annunciavam um combate de sangue, quando os hymnos da triplice alliança proclamavam a explendida victoria da civilisação contra o vandalismo.

« Soldados da liberdade !

« Em nome do imperador, o general em chefe do exercito imperial vos saúda, e vos conjura que respeiteis a desgraça do inimigo vencido.

« O general em chefe agradece a dedicação de cada um de vós, como o enthusiasmo de todos; esperando poder ainda uma vez orgulhar-se de haver-se achado a vossa frente — *Barão de Porto Alegre*.

Alguns dias depois da rendição de Uruguayana a maior parte das forças que se achavam no Rio Grande do Sul seguiu a incorporar-se ao grosso do exercito alliado, e o barão de Porto Alegre passou a occupar a guarnição de São Borja, que tomou para base de operações ; ficára assim o seu exercito reduzido a cerca de 4.000 homens, mas, com os grandes contingentes, que foi recebendo, conseguio em breve espaço de tempo eleval-o a mais de 16.000 homens, das tres armas, inclusives os corpos de pontoneiros e de transportes.

Como sabemos, a primeira missão deste corpo de ex-

ercito foi a de conservar-se de observação cobrindo as fronteiras do Rio Grande e Corrientes, e estar prompto a invadir o territorio paraguayo por Itapúa, de combinação com o exercito alliado, que tinha de invadil-o pelo Passo da Patria.

Depois de modificado este plano pelo general em chefe, a 22 de fevereiro de 1866 transpoz o barão de Porto Alegre o Uruguay e acampou em S. Thomaz a 16 do mez seguinte a poucos kilometros de Itapúa. Depois de ter mandado proceder a varios reconhecimentos sobre a fronteira do inimigo, achou-se prompto para invadir-lhe o territorio, isoladamente ou de accôrdo com alguns dos corpos do exercito alliado.

Por determinação do governo imperial os dois exercitos em operações fóra do imperio tiveram a denominação de: 1º corpo o do commando do marechal de campo Manoel Luiz Osorio, e de 2º o do tenente-general Porto Alegre, conforme publicou a ordem do dia do exercito n. 506 de 6 de março; e na de n. 515 de 15 de maio seguinte, tambem se tornou publico que a Camara dos Sres. Deputados, da qual o mesmo tenente-general era membro, a pedido do governo lhe concedia licença para continuar a commandar o 2º corpo de exercito brasileiro em operações contra o Paraguay.

A 1º deste ultimo mez, havia o barão de Porto Alegre reorganizado o seu exercito em tres divisões, com um commando geral de artilharia que comprehendia o corpo provisorio de artilharia a cavallo, o 4º batalhão de artilharia a pé e o, tambem provisorio de pontoneiros.

As tres divisões foram organizadas: a 1ª, com tres brigadas de infanteria e uma de cavallaria, sob o commando do brigadeiro Joaquim José Gonçalves Fontes; a 2ª, com duas brigadas de cavallaria, ou 6 corpos dessa arma, continuando sob o commando do brigadeiro honorario José Gomes Portinho e a 3ª, tambem composta como a 2ª, isto é de 6 corpos de cavallaria, ou 2 brigadas, sob o commando do coronel Manoel Lucas de Lima.

Além destas, ficou organizada uma « brigada ligeira» sob o commando do tenente-coronel Astrogildo Pereira da Costa, depois brigadeiro honorario e barão de Asseguá.

Resolvido pela junta de guerra a 25 de junho, que o 2º corpo devia fazer juncção com o grosso do exercito alliado, em principios de julho marchou o tenente-general Porto-Alegre, em cumprimento dessa determinação, deixando, porém, em Itaimbé, de observação ás forças paraguayas da Candelaria e Itapúa, uma brigada, cujo commando deu ao general Portinho.

Alcançando a Tranqueira de Loreto embarca parte de suas tropas em navios da esquadra seguindo a outra por terra, de modo que a 29 desse mez, achando-se acampado junto ás ruinas do forte de Itapirú, fez publicar a seguinte ordem do dia:

« CAMARADAS! Eis-nos, finalmente, no solo paraguayo, Está, pois, realisado um dos nossos mais ardentes desejos.

« Se outros, mais felizes do que nós, precederão-nos, e primeiros tiveram a gloria de vencer em mais de uma batalha as fanatisadas cohortes da féra do Paraguay, deste paiz digno de melhor sorte, não dependeu isso, como sabeis, da vondade do vosso general e sim de recursos que elle não tinha e só poude obter quando as peripercias da guerra aconselharam a operação que acabamos de fazer. Briosos soldados do 2º corpo de exercito! Ides pela primeira vez pelejar com um inimigo que, desconhecendo as leis da guerra entre povos civilisados, não os respeita, praticando inauditos actos de atrocidades. Não useis, pois, de represalias, que elles não tem consciencia do mal que fazem, e demais a generosidade é qualidade inherente aos valentes.

« Tratai com cordialidade os nossos camaradas dos exercitos alliados. Unidos como estamos, por um só pensamento, — o de vingar cobardes e insidiosas affrontas que ingratos ousaram irrogar á nossa honra e dignidade nacional, são todos nossos amigos, e devem-nos por isso merecer a maior confiança.»

Na primeira quinzena do mez seguinte o 2º corpo teve ordem de levantar acampamento para atacar o forte de *Curuzú*, um pouco aquem das barrancas fortificadas do *Curupayti* na margem esquerda do rio Paraguay. Dizem alguns historiadores que o barão de Porto Alegre manifestára desde então desejos de que fosse augmentado o

seu exercito, para, tomada a posisão de *Curuzú*, proseguir sem mais detença sobre a de *Curupayti*, que tambem seria tomada, podendo, assim, alli manter-se, pois seria certo que o inimigo lhe levaria forte ataque, vendo occupada pelos alliados a guarda avançada do Humaitá. Não tendo sido attendido, pela madrugada do dia 2 de setembro em diversos navios e transportes da nossa esquadra, embarcaram as diversas unidade do 2º corpo de seu commando com as quaes as 2 1/2 horas da tarde poz o pé em terra, meia legua abaixo de Curuzú.

Tendo sido tomadas as disposições para o ataque, deixou no entretanto para realisal-o na manhã do dia seguinte em vista do adiantado da hora, tomando então posição conveniente para passar a noite, sendo durante ella feitos os necessarios e urgentes trabalhos de fortificação e de locação para a sua artilharia.

Ao clarear do dia, manda formar a infanteria em massa, á retaguarda e esquerda da bateria de 6 boccas de fogo do regimento provisorio, aproveitando-se das ondulações do terreno, e cobrindo-lhe de modo conveniente a frente e esquerda pelos atiradores que se apoiavam por este flanco no rio e pela direita em cerca de 3500 homens de cavallaria, que se achavam a pé, e 200 da brigada ligeira (montada).

Dado o signal de fogo este é feito com verdadeiro enthusiasmo pelos nossos artilheiros sendo, porém, energicamente respondido pelos canhões inimigos, apezar dos estragos que soffrem do canhoneio da esquadra.

Pelas sete horas, vendo crescer o ardor dos seus commandados, julgou ser propicia a occasião e mandando calar a artilharia, da esquadra e de terra, ordenou o assalto a bayoneta — sendo bem conduzidos os nossos valentes infantes pelos brigadeiros Albino de Carvalho e Gonçalves Fontes, aos gritos de vivas ao imperador e á nação brasileira !

Em poucos minutos os nossos, cobertos por uma chuva de ferro e chumbo que não lhes embarga o passo, vencem o fosso e galgam o parapeito, onde a luta se torna quasi pessoal, com artilheiros e infantes inimigos. E' nesta occasião que, como já vimos (pag. 31) o brigadeiro Albino

guiado pelo bravo tenente-coronel Astrogildo, se dirige pela esquerda do inimigo e consegue envolvel-o, contribuindo ambos de modo efficaz para a victoria alcançada nesse dia, exclusivamente por brasileiros.

O 2º corpo que desembarcára com oito mil e poucos homens das tres armas, com quasi toda a sua cavallaria desmontada (exceptuando a brigada do coronel Astrogildo) teve 788 homens fóra de combate dos quaes 63 officiaes.

Satisfeito com o resultado alcançado pelos seus commandados, ao receberem o baptismo de fogo, fez o general Porto Alegre publicar a 14 de setembro a seguinte ordem do dia :

« Sobre as trincheiras de Curuzú, tremúla altivo o pavilhão nacional, que, sustentado pelos bravos cuja frente me acho, percorrerá triumphante este solo aonde impera ainda a tyrannia. A jornada do dia 3 foi o brilhante prologo da obra, de cujo desempenho a patria nos incumbe.

« Occupar-me das peripecias do ataque, seria repetir o que está consignado na parte que abaixo vai transcripta.

« Soldados ! Se vingar a honra vilmente ultrajada, o direito conculcado, e a liberdade opprimida foi, é, e será sempre a mais nobre missão que póde ter o exercito de um paiz livre, ufanai-vos, porque tal é a nossa incumbencia. — *Barão de Porto-Alegre.*

A' posição occupada pelo 2º corpo do exercito brasileiro convergiram nos dias 11, 12 e 14 desse mesmo mez tropas do exercito argentino sob o commando do presidente Mitre, com cerca de 8.000 combatentes e a *brigada* brasileira do coronel Silva Paranhos forte de 2000 homens, o que elevou o total das forças em Curuzú a mais de 17000 combatentes.

Tinha-se então em vista occupar a viva força as barrancas de *Curupayti*, o que não se tendo feito logo apoz a tomada de Curuzú, não mais seria possivel realisar-se com a mesma facilidade prevista pelo general Porto-Alegre.

Alem dessa primeira delonga surgiu a planejada pelo ditactor do Paraguay, realisando-se a celebre conferencia de Yataity-Corá, onde nada conseguindo quanto ao *estabelecimento da paz,* consegue, porem, o tempo que lhe era

preciso para muito bem fortificar, tornando inexpugnavel, a posição que occupava em *Curupayti*.

Determinado o ataque para o dia 17, teve que ser adiado pela chuva torrencial que cahio, quasi sem interrupção desde esse dia até o dia 20, pelo que já tendo o inimigo rompido fogo sobre as nossas obras começadas e outras construidas em auxilio de premeditado assalto, foi este marcado para o dia 22. A acção, como sabemos, foi dirigida pelo proprio commandante em chefe dos exercitos alliados, D. Bartholomeu Mitre, tendo nella tomado parte com o seu exercito e o do já então visconde de Porto-Alegre, de combinação, porem, com os dos generaes Flores e Polydoro Jordão que deviam se dirigir, este sobre as trincheiras paraguayas do Sauce e aquelle sobre São Solano.

A esquadra, tomando posição, hostilisaria como pudesse o flanco direito do inimigo.

Sobre o mallogrado ataque de *Curupayti*, que não poderá deixar de figurar em a nossa historia militar, julgamos a proposito transcrever aqui o que tres dias depois escreveu em Curuzú o proprio general Porto Alegre, dirigindo-se ao seu particular amigo, coronel Tristão de Araujo Nobrega, e foi publicado na *Reforma* de 2 de fevereiro de 1885 :

« Logo depois da tomada desta posição pedi um auxilio de quatro mil homens de infanteria, para poder proseguir de accordo com a esquadra na execução do plano que em junta de guerra, haviamos combinado tomando Curupayti e atacando Humaitá, que estava muito mal guarnecido de tropa.

« Não sendo desgraçadamente satisfeito aquelle meu pedido, só em 12 deste mez é que o general Mitre aqui chegou com o seu exercito argentino com a força de oito a nove mil homens, e no dia seguinte uma brigada de 2.000 homens de infanteria, que o Sr. general Polydoro me mandára. Como, porém, os argentinos não viessem promptos para realisar-se logo o ataque, tanta demora, como eu previra déra lugar a que o inimigo désse um grande desenvolvimento ao seu entrincheiramento em Curupayti, accumulando ali mais de 50 boccas de fogo, sendo uma

grande parte de grosso calibre, 68 e 32, e concentrando naquelle ponto a maior parte da força do seu exercito.

« Na presença de meios de resistencia tão poderosos, como eram aquelles a que me refiro, entendi eu que já não podia ter lugar o premeditado ataque conforme haviamos combinado, devendo soffrer uma modificação nas suas disposições, isto é, que em vez de ser simultaneo o ataque de Curupayti e o das linhas do entrincheiramento inimigo sobre o Tuyuty, onde está o 1º corpo do exercito, convinha que ao ataque d'aquelle ponto precedesse o das mencionadas linhas, para que o general Polydoro pudesse vir com o seu exercito, que dista d'aqui menos de duas leguas, atacar pela retaguarda as fortificações de Curupayti, ao passo que nós lhe fariamos o ataque pela frente, e então seria impossivel ao inimigo resistir, vendo-se nesse caso forçado a abandonar a posição, tendo dous expedientes a tomar: concentrar suas forças em Humaitá, o que não me parece provavel que fizesse, porque teriam ali a sorte das que commandava o Estigarribia em Uruguayana, ou retirar-se procurando passar o Tebicuary, operação esta que, com os poderosos recursos de que dispomos por agua, poderiamos mallograr, embarcando aqui e fazendo desembarcar acima daquelle rio uma força tal que o impossibilitasse de tentar qualquer resistencia em Assumpção ou de chegar primeiro do que nós a Villa Rica.

« Não julgando, porém, conveniente os meus collegas generaes em chefe semelhante alteração no plano combinado para o referido ataque, forçoso foi submetter-me á opinião da maioria, marcando-se o dia 22 do corrente para o ataque, que deveria ser precedido de um forte bombardeio da nossa esquadra sobre o forte de Curupayti e seus entrincheiramentos.

« Cinco eram as columnas dispostas para o ataque, tres brasileiras e duas argentinas.

« A extrema direita do entrincheiramento inimigo, que é o forte de Curupayti, e o centro do mesmo entrincheiramento, deviam ser atacados por duas columnas e apoiadas por outras do meu exercito ; e a extrema esquerda, onde haviam construido um reducto abaluartado, seria

atacada por uma columna argentina que era apoiada tambem por outra columna.

« A's 7 horas da manhã do indicado dia principiou o bombardeio da esquadra que pelo bem dirigido dos seus fogos quasi fez calar os da artilharia inimiga, prolongando-se até ás 11 1/2 da manhã, quando o bravo vice-almirante Tamandaré veio prevenir-nos, ao general Mitre e a mim, que ia fazer os encouraçados *Brasil, Barroso e Tamandaré* forçarem a estacada que o inimigo havia estabelecido pouco abaixo de Curupayti, e que mandaria cessar o bombardeio, se nós julgassemos chegado o momento de realisar o ataque.

« De accordo inteiramente com a opinião de Tamandaré, que estava conforme com o que anteriormente haviamos combinado, ordenamos o ataque.

« Ao assomarem as testas de nossas columnas, mais de cincoenta boccas de fogo, sendo muitas de 68 e 32, romperam um bem dirigido e horrivel fogo que lhes abriram claros quando ellas se desenvolviam em linha ao passo de carga, dando enthusiasticos vivas ao imperador, á nação brasileira e ao exercito alliado.

« O primeiro entrincheiramento inimigo, que consistia n'um alto de 12 palmos e dez de fundo, com o seu parapeito guarnecido de algumas peças de artilharia de campanha, que o inimigo retirou precipitadamente, assim como a força que ahi tinha, foi logo transposto. Proseguindo, porém, o ataque á segunda linha da fortificação, que consistia num fosso, com um grande parapeito eriçado de artilharia, tendo na sua frente um banhado muito atolador e sobre o qual haviam estabelecido abatizes, impossivel foi realizar o assalto, que ás melhores tropas do mundo seria tambem impossivel levar a effeito.

« Mesmo assim, os nossos bravos soldados permaneceram até ás duas horas da tarde naquellas posições, fazendo um vivissimo fogo sobre o inimigo que ousava assomar-se e debaixo do mais vivo fogo de metralha da artilharia inimiga; até que a essa hora, dizendo-me o general Mitre que era impossivel fazer avançar mais a sua columna de ataque, e considerando-a compromettida na

posição em que se achava, pedia a minha opinião acerca do que devia fazer.

« Respondendo-lhe eu que desde que não tinham podido as nossas columnas abordar a segunda linha da fortificação inimiga, pelos embaraços insuperaveis que haviam encontrado, permanecer ali seria augmentar inutilmente o já consideravel numero de nossas baixas.

« Em consequencia, ordenamos a retirada, que só ás 3 1/2 se pôde verificar; porque, além de eu mandar conduzir todos os feridos, como mortos, que se encontraram sobre o campo, custou e muito a fazer retirar os nossos soldados que estavam fazendo fogo, dizendo elles que não sabiam retirar. Para provar a ordem em que se operou tão difficil operação, bastará dizer que do inimigo não ousou um só sahir de suas trincheiras para vir fazer-nos fogo. »

No dia 22 de setembro de 1866 o exercito alliado teve um prejuizo de 4.061 homens, sendo 2.082 argentinos, e a nossa esquadra perdeu 35 praças; no entretanto, como bem disse o general Porto Alegre em a sua ordem do dia n. 88 de 10 do mez seguinte: « Em *Curupayti* ficou illesa a honra da Bandeira Brasileira. »

Depois deste revez, o general fez construir em Curuzú uma bateria propria a bater as do inimigo naquella posição e diariamente se ouvia o troar do canhão dessa posição como na do Tuyuty; auxiliavam o exercito nesses duellos de artilharia os fortes canhões da nossa esquadra que, a mais das vezes para não ter *competidores* os punha em actividade durante a noite, levando o descontentamento aos que se achavam em descanço nos arraiaes inimigos.

Empossado a 18 de novembro no commando em chefe de todas as forças brasileiras em operações o marechal Caxias, por doente solicitou-lhe a necessaria licença por tempo indeterminado para recolher-se ao Brasil o general Porto Alegre, que a 27 do dito mez passou o commando do 2º corpo ao marechal de campo Argollo Ferrão, embarcando com destino ao Rio Grande do Sul.

Tendo, porém, adquirido algumas melhoras volta ao theatro da guerra, e a 1º de março do seguinte anno de 1867 reassume o commando do seu 2º corpo em Curuzú, fazendo publicar no dia seguinte o aviso do ministerio da

guerra de 30 de novembro do anno anterior em que o governo imperial o mandava louvar e a outros officiaes sob o seu commando pelo acto expontaneo e patriotico que praticaram cedendo, para as urgencias do Estado, as quantias mencionadas em o seu officio de 12 do referido mez.

Apparece então o terrivel flagello do *cholera morbus* em todos os acampamentos, e o de Curuzú foi o que mais soffreu devido á sua pessima posição entre o rio e uma lagôa, tendo por àssim dizer todo o seu terreno coberto de pantanos. Apezar disso não cessaram os bombardeios diarios misturados com os horrores dessa e de outras molestias endemicas, havendo dias em que o numero de obitos se elevou a mais de cento e cincoenta.

Com um grande temporal e consequente alagamento dos hospitaes foi a epidemia visivelmente decrescendo até o seu completo desapparecimento; o terrivel flagello, porém, tinha ceifado a vida de mais de 4.000 combatentes das nossas fileiras.

Forçado pela enchente do rio Paraguay, que começára a alagar o acampamento de Curuzú, resolveu o general em chefe que o 2º corpo o deixasse indo occupar a nossa base de operações em Tuyuty, emquanto a esquadra subia aquelle rio e aproveitava-se do crescimento das aguas para mais facilmente hostilizar o inimigo em as suas protegidas posições.

Em julho achava-se todo o 2º corpo em o seu novo acampamento reduzido, porém, a pouco mais de 8.000 homens, dos quaes a metade eram recrutas recemchegados das provincias brasileiras.

Como sabemos, deu-se nesse mez (22) a marcha de flanco, cuja vanguarda tocou ao 3º corpo, do general Osorio, ficando ao de Porto Alegre o alto encargo de velar pela segurança da importante base de operações dos exercitos alliados.

Occupando o Tuyú-cué com o grosso do exercito, tratou o commandante em chefe de estabelecer a communicação directa dahi para Tuyuty, abrindo-se então uma estrada de cerca de 30 kilometros de extensão, que devia servir ao transito dos comboios de aprovisiona-

mento que de Tuyuty seguiriam até meio caminho protegidos por forças do 2º corpo de exercito e d'ahi por diante pelas dos que se achavam em Tuyú-Cué.

A 11 de agosto atacou o inimigo um desses comboios, do qual se apoderou pela presteza com que deu-se o assalto, pois desde a vespera diversas forças se achavam emboscadas para isso; mas ao ouvirem-se os primeiros tiros fez o general Porto Alegre com que o socorressem sem mais demora, conseguindo frustrar os planos do audacioso inimigo; pelo que, o commandante em chefe, em a sua ordem do dia de 23 desse mez o mandou louvar « pelas acertadas providencias que tomou para que fosse retomado do poder do inimigo um comboio com viveres e forragens para o exercito em Tuyú-Cué ».

Esses golpes de mão do inimigo contra os nossos comboios desde então se tornaram frequentes, e como já vimos á pagina 35 deste volume, pelas 8 horas da manhã de 24 de setembro, como se desconfiava, foram descobertas forças de cavallaria e infanteria inimigas que pretendiam apoderar-se de um desses comboios, mas tão encarniçada fôra a lucta, que o brigadeiro Albino mandou dar parte do que occorria ao general Porto Alegre, e pediu-lhe reforços, ao que attendeu, seguindo em pessoa á frente desse reforço, assumindo assim a direcção da lucta, que durou cinco horas, batendo o inimigo em retirada, apezar das vantagens que lhe offerecia o terreno e da sua superioridade numerica. Tivemos nessa tão prolongada lucta 12 officiaes mortos e 29 feridos e quatrocentas praças fóra de combate entre mortos e feridos.

Depois desta acção, dita do *Umbú*, seguiram-se a dos *Palmares* a 3; a de *Tatayibá* a 21; o combate de *Potrero Ovelha* a 29, tudo de outubro, e finalmente a tomada a viva força das fortificações do *Tayí* a 2 de novembro, conforme as acertadas determinações do commandante em chefe, marquez de Caxias.

Com a occupação desta ultima posição, conseguira este preclaro chefe a realisação de seus desejos: — encerrar as linhas do inimigo de modo a interceptar-lhe as communicações com o interior do paiz, ficando-lhe apenas

o rio como ultimo recurso o qual a nossa esquadra não tardaria tambem a disputar-lhe a posse.

O dictador vendo-se em tão critica situação, não trepidou em demonstrar seu desespero executando um audacioso feito contra os alliados. E de facto, nesse mesmo dia 2, ordenou ao general Vicente Barrios que pela madrugada do dia seguinte, com 8.000 homens de suas melhores tropas divididas em tres columnas, cahisse de surpreza sobre a nossa base de operações em Tuyuty, cuja defesa se achava a cargo do já bem desfalcado 2º corpo de exercito brasileiro e de um pequeno contingente de tropas argentinas.

O inimigo, graças ao bom serviço de espionagem que sempre soube manter, estava ao facto de tudo que se passava em os nossos acampamentos ; sabia por conseguinte da retirada de dois fortes batalhões brazileiros para reforçar *Tuyucué*, e bem assim da marcha da columna que nesse dia 3 devia acompanhar o comboio de viveres como de costume. Facil se lhe apresentava então a victoria, o que de certo grande transtorno causaria ao proseguimento das bem delineadas operações do marquez de Caxias que iam sendo executadas com o melhor exito.

Pela madrugada do dia 3 o visconde de Porto Alegre, como sempre, achava-se fóra do leito, cuidando dos seus uniformes, emquanto o seu estado-maior proximo a sua barraca, o aguardava prompto para montar a cavallo e acompanhal-o em o seu costumado passeio pela estrada de Tuyúty a Tuyú-cué, nos dias em que por alli tinha de transitar o comboio de viveres.

Ainda bem o dia não clareara de todo já se ouviam pela direita da nossa posição varios tiros de fuzil que passaram logo depois a descargas cerradas denunciando o inicio de um combate. Eram as columnas paraguayas que acommettiam por tres pontos differentes o nosso acampamento. Encontrando em profundo somno os que guardavam as trincheiras argentinas, dellas se apoderam facilmente e bem assim de um fortim onde se achava o 4º batalhão de artilharia brasileira sob o commando do major Cunha Mattos, e logo em seguida vão incendiando os

acampamentos da direita, investindo ousadamente em direcção ao reducto central.

« O bravo Porto Alegre, diz o general Bormann, comprehendeo logo o que se passava, e faz voltar a bateria do 2º corpo de artilharia, colloca-se á frente do 42º e de algumas praças do 41º, do 36º e do 3º de artilharia, aquelles de voluntarios da patria, este de linha, e avança com esse punhado de bravos ao encontro do inimigo. Elle expede um ajudante com ordens para tudo estar prompto no *reducto* afim de repellir os numerosos inimigos.

« O bravo, com as cargas que manda dar nas testas das columnas, vae demorando a marcha dos barbaros que procuram repellil-o com incessantes descargas de fuzilaria e tiros de canhão.

« Ahi a lucta ê na relação de 1 para 20 !

« Por entre o fumo que se desprende das armas, os paraguayos reconhecem o general brasileiro, o que não era difficil porque elle não abandona o seu uniforme ; apontam-lhe as espingardas, e, por duas vezes, matam-lhe os cavallos.»

Assim, por duas vezes achou-se o bravo Porto Alegre a pé, mas sempre combatendo—A infanteria não era arma para elle desconhecida, mas é que assim deixava a sua homerica figura de ser vista pelos nossos bravos soldados. — Cahio o general ! Disseram elles.

« O grito de furor que soltaram os nossos bravos ainda deve impressionar aquellas regiões tão celebres na sempre memoravel guerra do Paraguay. Impellidos por uma mola, todos os officiaes e soldados agruparam-se, cercaram o general, dispostos a venderem caro, muito caro, a vida, em sua defesa. O inimigo acreditou que a victoria se inclinava para o seu lado, e, vendo cahir o general, suppoz tel-o morto. Num arranco desesperado, esforçou-se para romper a nossa linha, ou antes a nossa muralha para se apossar do seu cadaver. O grande poder de Deus, que se manifesta nos lances supremos, inflammando o valor e o patriotismo dos nossos bravos, detevelhe o impeto e mudou a perspectiva do quadro. Rapido, o general cavalgou outro animal em substituição do que

o inimigo matára. Accendeu-se o enthusiasmo nas nossas fileiras. O inimigo, ou admirado de tanta audacia, ou para recompor as suas fileiras, recuou. Porto Alegre mandou carregar a bayoneta. Obedecendo á bravura, os nossos soldados arrojaram-se como leões. Toda a linha inimiga cedeu — como cede o arco quando sobre o seu centro se actua. As suas extremidades, porém, como as syrtes de um dilemma, queriam prender o punhado de heróes que lhe disputaram a victoria. » (*)

Recolhendo-se ao *reducto-central* acompanhado dos valorosos voluntarios da patria e da bateria do 2º corpo de artilharia, promptamente foram executadas as ordem do general-heróe para a sua defesa, embora 1.800 brasileiros tivessem de resistir ao assalto simultaneo de treplicado numero de paraguayos reconhecidamente bravos e audaciosos.

Já então attrahidos pelo forte canhoneio haviam contramarchado as forças que acompanhavam o comboio e que chegam á nossa direita quando o inimigo já estava de posse dos *reductos* argentinos.

O general José Luiz Menna Barreto, que as commandava, pretendeu tomar esses reductos a bayoneta, mas á vista da superioridade em numero do inimigo, teve que recuar sendo gravemente ferido na bocca.

Assume então o seu commando o coronel Paranhos que manda dar o toque de retirar, mas sempre batendo-se até o Estero-Bellaco onde faz frente e resiste esperando novo reforço, emquanto um piquete da nossa cavallaria vai entretendo o inimigo.

Este, porém, descobrindo o nosso apparatoso commercio obliqua á direita, sendo então a disciplina rapidamente supplantada pela cubiça e á intrepidez succedeu a mais desregrada gulosice.

No entretanto no reducto central continúa por demais porfiada a lucta de parte a parte, quando surge pela rectaguarda dos assaltantes o bravo coronel Fernando Machado á frente de tres batalhões cooperando fortemente

(*) Coronel *Cunha Junior*, Tuyuty—Ataque de 3 de novembro de 1867.

para a derrota do inimigo, ao mesmo tempo que o coronel Paranhos consegue destroçar a 3ª columna e o coronel Albuquerque Maranhão, chefe da esquerda e do centro das nossas avançadas, repelle bravamente o ataque que soffrêra de forças enviadas de Yatahy-Corá que tiveram de recuar desordenadamente e com grande prejuizo.

Já o inimigo, convencido está da impossibilidade de apossar-se a viva força do reducto central onde se acha e sempre visivel de todos — o bravo Porto-Alegre.

Este, sentindo que o inimigo recúa reune um punhado de infantes e com algumas boccas de fogo do 2º corpo provisorio sahe do reducto em perseguição das destroçadas columnas do general Barrios « que tratam de voltar pelo caminho que haviam percorrido, quando cheias de esperança, avançaram para tomar a nossa *base de operações* ».

Logo depois do meio dia havia cessado o fogo, recolhendo-se aos seus acampamentos os nossos batalhões victoriosos, porém reduzidos a menos de metade.

Nesse memoravel dia tivemos fóra de combate entre mortos, feridos e prisioneiros 145 officiaes e 1586 praças, o que dá o total consignado a pag. 369 deste volume, onde, por uma troca de lettras está *Aranha* quando é Aranda o nome do major argentino que tambem ficou prisioneiro.

Sabe-se que nessa gloriosa acção o general Porto-Alegre, que apezar de seus 63 annos de idade combateu com a mesma agilidade de um moço, nenhum ferimento recebera apezar de terem sido crivados de balas dois cavallos em que montara, e de nas abas da farda que vestia se contarem 47 furos de projectis de infanteria.

O general em chefe marquez de Caxias, annunciando aos exercitos alliados a victoria do dia 3 de novembro, em a sua ordem do dia de 12 de dezembro de 1867 o mandou elogiar «pela heroica e brilhante defesa que naquelle dia oppoz ao inimigo, sustentando a sua posição contra o ataque inesperado de forças superiores em numero, patenteando mais uma vez a sua nunca desmentida bravura».

Ao terminar o seu apreciavel trabalho sobre este glorioso feito diz o citado coronel Cunha Junior : «A jornada de 3 de novembro de 1867 foi uma das mais impor-

tantes das que se feriram na sempre memoravel campanha do Paraguay. Foi a unica talvez, em que combatemos com notavel inferioridade numerica. Se o ousado plano de Lopez tivesse vingado não é licito aventurar de que modo teria mudado a face da guerra.

« Releva observar que batido, derrotado o 2º corpo de exercito, os que escapassem do ferro inimigo, achariam a morte nas profundas aguas do Paraná. Seria o sacrificio dessa hoste valente; mas o que era peior na guerra, e só nas contingencias infernaes da guerra, é que com esse sacrificio — perdiamos a nossa base de operações, os nossos depositos. Lopez, de posse della, onde encontrava todos os recursos, fartos e suppridos depositos, de tudo, absolutamente de tudo, munições de bocca e guerra, roupa, cavalhada, boiada, navios, vapores, e até muito dinheiro, reconstruiria o seu exercito. E a que emergencia, a que difficuldades não ficariam expostos os exercitos alliados, internados, sem recursos, sem meios, sem ter o que comer, nem com que fazer a guerra?

« Que face tomaria a campanha? A que novos sacrificios não seria o Brasil obrigado? Não teria elle, senhor da sorte dos nossos exercitos, imposto a paz com todas as vantagens e honras de vencedor? Não veria esta tremenda derrota aggravar a propria situação interna e governamental do paiz? Não se dizia que o monarcha preferia a abdicação á paz imposta por Lopez? Onde mais a nossa supremacia de potencia de primeira ordem? Sem nos encarregar das respostas, affirmamos que á bravura, ao patriotismo do visconde de Porto-Alegre e do seu valoroso exercito deve o Brasil um dos mais brilhantes feitos d'armas, uma das mais bellas paginas da historia escripta com o sangue de seus filhos. »

A 16 de janeiro do seguinte anno de 1868, allegando achar-se privado, por motivo de molestia, de continuar a exercer convenientemente o commando do 2º corpo de exercito, pedio o visconde de Porto Alegre ao general em chefe para mandar substituil-o no dito commando afim de retirar-se para o Brasil, pelo que em ordem do dia, de 27 do mesmo mez, foi-lhe concedida a exoneração que solicitára, agradecendo-lhe o marquez

de Caxias a efficaz coadjuvação que prestou ao desenvolvimento e bom exito das operações de guerra, e louvando-o pelo zelo, intelligencia e valor com que sempre se houve no desempenho das funcções a seu cargo.

Recolhendo-se á côrte, recebeu o titulo de conde de Porto Alegre, em remuneração da victoria que alcançou a 3 de novembro, e bem assim a medalha de merito militar pelos combates de 3 e 22 de setembro de 1866 e do referido dia 3 de novembro.

Sem que jamais obtivesse melhoras para os seus velhos soffrimentos, a 18 de julho de 1875, pelas 7 horas da manhã, falleceu nesta capital o tenenle-general conde de Porto Alegre. O seu cadaver, tendo sido convenientemente embalsamado, foi, com todas as honras que lhe eram devidas, transportado por um navio de guerra ao Rio Grande do Sul e depositado no cemiterio de Porto Alegre, onde chegou no dia 5 de novembro do mesmo anno.

A população dessa cidade, querendo dar um testemunho imperecivel de sua gratidão para com tão eminente cidadão e patriota, a 2 de fevereiro de 1885 inaugurou na antiga praça «D. Pedro II» a sua estatua, sendo o acto, que foi cercado da maior solemnidade, presidido pela princeza imperial regente, D. Izabel, condessa d'Eu, que na tarde desse dia fez cahir as cortinas que encobriam o « brilhante marmore que ás gerações vindouras recordará as feições e os feitos do grande soldado brasileiro que em vida se chamou Manoel Marques de Souza e conquistou os bordados de sua farda de tenente-general, as nobilissimas condecorações que lhe ornavam o masculo peito, com a ponta de sua fulgurante espada, traçando epopeias de gloria nas paginas da patria historia, durante a metade de um seculo».

Manoel Muniz Tavares

No decurso do anno de 1802, uasceu na cidade do Recife—Manoel Muniz Tavares filho de Francisco Muniz Tavares.

Estudante de preparatorios, aos 14 annos de idade, logo depois da mallograda revolução republicana de 6

de março de 1817, assentou praça voluntariamente no batalhão de caçadores da divisão de voluntarios leaes d'el-rei a 19 de agosto do dito anno de 1817.

A 1º de janeiro do anno seguinte passou para o 8º batalhão de caçadores, depois 18º, onde alcançou os postos de official inferior até o de 1º sargento.

Seguindo com outros companheiros para a villa de Goyanna, e ahi pondo-se ao lado do governo provisorio, foi por este elevado ao posto de alferes a 14 de setembro de 1821.

Com as primeiras forças que de Pernambuco seguiram para a Bahia, onde o general Madeira se declarára contra a independencia do Brasil, deixou o alferes Muniz Tavares a cidade do Recife, e incorporando-se ao «Exercito Pacificador» fez toda essa campanha, tendo tomado parte no combate de 8 de novembro de 1822 no Pirajá, assim como em todos os mais que se feriram até o memoravel 2 de julho de 1823, sendo-lhe conferida a medalha commemorativa dessa guerra.

Por proposta do governo-geral de Pernambuco, de 26 de abril de 1823, teve a promoção de tenente, e regressando ao Recife em novembro deste ultimo anno, foi elevado a capitão para o 3º batalhão de caçadores de 1ª linha, conforme propuzera o governo provisorio da provincia da Bahia.

Pronunciado-se contra o movimento republicano que irrompera em 1824 no Recife, seguiu para a Barra Grande, onde mereceu ser designado para o cargo de major de brigada do exercito legalista, assumindo logo depois o commando do 3º batalhão de caçadores de 1ª linha, que só deixou depois da tomada do Recife.

Continuando a lucta no centro da provincia, foram organizados alguns batalhões provisorios para perseguir os rebeldes, de um dos quaes lhe coube o commando, e tendo dado combate aos mais destemidos grupos de revolucionarios, conseguiu sempre batel-os levando-os de vencida, até que se refugiaram nas visinhas provincias da Parahyba e Ceará muitos delles, e a outros conseguindo aprisionar, regressou ao Recife com grande numero de rebel-

des que foram recolhidos ás prisões publicas para serem julgados pela junta militar.

O governo imperial, por seus serviços nessa campanha, conferio-lhe a medalha especial da mesma com o distico — Constancia — sendo confirmado em todos os postos acima, em que fôra commissionado, por decretos do mesmo governo, sendo pelo de 8 de março, em alferes, de 15 de junho, em tenente, e de 2 de agosto, tudo de 1825, em capitão, para o 17º batalhão de caçadores.

Ainda neste anno foi nomeado commandante militar e dos corpos da 2ª linha de todo o termo de Serinhaem, onde teve de acabar pela força, com os quilombos de escravos fugidos, desertores e ladrões que infestavam as mattas desse districto e, ao regressar ao Recife, foi elogiado em ordem do dia pelos bons serviços que prestára.

Por decreto de 12 de outubro foi-lhe conferido o habito da ordem imperial do Cruzeiro. No seguinte anno de 1826, por ordem do governo, seguiu para o sul da provincia de Pernambuco, com o fim de prender ou dispersar uma quadrilha de salteadores, o que conseguio recolhendo-se de novo á capital.

A 14 de junho de 1827, com o seu batalhão, 17º de de caçadores, marchou para a campanha do Rio Grande do Sul, onde teve de entrar em alguns combates parciaes com as tropas argentinas e orientaes ; deixou esta campanha a 15 de outubro de 1828, por se haver effectuado o tratado de paz, ficando, porém, de guarnição na cidade do Rio Grande até novembro de 1829 quando embarcou com destino a esta capital por ter sido, por decreto de 18 do mez anterior, elevado ao posto de major para o 59º batalhão de 2ª linha, estacionado em Pernambuco.

Apresentando-se ao presidente dessa então provincia, este o mandou assumir o commando do batalhão n. 58 da mesma linha, na villa de Goyanna, de onde partiu com a nomeação de commandante militar do municipio do Brejo da Madre de Deus. Recolhendo-se á capital, passou a fiscalisar o 18º batalhão de caçadores 1ª linha.

Marchou para tomar parte na guerra de Panellas e Jacuhipe a 13 de maio de 1833, onde, ao apresentar-se ao

commando em chefe, teve os commandos da vanguarda e da direita do exercito em operações, e depois o do centro, tendo, com elles entrado em todos os ataques de consideração que se deram contra os rebeldes e fanaticos.

Achando-se ainda nessa campanha foi designado para marchar commandando o 2º batalhão da brigada expedicionaria da provincia do Pará; embarcando a 19 de novembro de 1835 alli chegou a 15 do mez seguinte, acampando na ilha da Catijube.

Marchou em perseguição dos rebeldes do — Chapéo Virado — a 21 de janeiro de 1836 e recolheu-se depois de os haver debandado, a 23 do mesmo mez, sendo por tal elogiado em ordem do dia do commandante da brigada e em officio do general presidente da provincia de 26 tambem desse mez.

Com a mesma incumbencia acima marchou para a villa de Collares a 18 de fevereiro e recolheu-se a 24, tendo conseguido bater e fazendo debandar completamente a força rebelde que, fortificada, occupava e bem defendia a villa em a qual foi logo restabelecido o imperio da lei. Por este feito foi elogiado em ordem do dia do general presidente e commandante das armas da provincia, de 21 de março do dito anno de 1836.

Marchou ainda para a tomada da capital do Pará occupada pelo chefe e forças dos rebeldes, a 13 de maio. Não havendo, porém, encontrado resistencia nessa cidade, seguiu com o seo batalhão a bater o ponto do Benjamim, para o qual se retirára uma força inimiga a 14, e nesse mesmo dia regressou depois de a haver destroçado.

Ainda a 31 desse mez foi mandado contra uma partida de rebeldes no Rio Maguaré, de onde recolheu-se a 8 de junho, tendo conseguido destroçal-a, e a 10 marchou contra os rebeldes do Rio Acará, a cuja frente se achava o intruso presidente do Pará, o celebre Eduardo Nogueira Angelim (*), recolhendo-se a 13 de julho, depois de ter conseguido pôr em fuga os inimigos.

Pela ordem do dia de 17 do mesmo mez, passou a commandar o 1º batalhão de operações «para disciplina e ar-

(*) Vide 1º volume, paginas 83 a 86.

ranjo do mesmo», entregando o commando do 2º expedicionario em que se achava, ao seu substituto legal. Deixou aquelle commando a 11 de agosto e reassumiu o deste ultimo batalhão na mesma data, sendo elogiado em ordem do dia, por ter bem desempenhado a commissão que lhe fôra commettida.

A 26 do dito mez marchou na expedição á ilha do Marajó, que ainda se achava em poder dos rebeldes, de onde recolheu-se a 24 de dezembro, deixando a ilha completamente pacificada; trez dias depois seguiu para a ilha de Muanna a bater um grupo de rebeldes, que, diziam haver alli apparecido; recolheu-se a 6 de janeiro. de 1837, sem nada ter encontrado.

Em 7 de julho marchou na expedição destinada ao Alto e Baixo-Amazonas, ficando acantonado com o batalhão na villa de Santarem. Marchou contra os rebeldes da villa de Luzeia, a 12 de outubro, e recolheu-se a 16 do mez seguinte.

Por decreto imperial de 22 de agosto, publicado em ordem do dia de 9 de outubro, desse anno de 1837, foi Muniz Tavares graduado no posto de tenente-coronel, pelos relevantes serviços prestados na provincia do Pará.

Designado pelo commandante da expedição do Amazonas para dirigir uma força contra os insurgentes do Rio Preto, marchou com esse destino a 2 de abril de 1838.

Por decreto de 28 de agosto desse anno teve a effectividade do posto de tenente-coronel; sendo nomeado para commandar o Alto e Baixo-Amazanas, recolheu-se do Rio Preto a 10 de outubro.

Por decreto de 2 de junho do anno seguinte foi nomeado commandante do 4º batalhão de caçadores de 1ª linha.

Condecorado com a commenda da ordem de Christo, por carta imperial de 2 de dezembro de 1841, por decreto de 7 de setembro do anno seguinte teve a graduação de coronel, com antiguidade de 18 de julho d'aquelle anno.

A 10 de setembro de 1843 deixou o commando do Alto e Baixo-Amazonas, e do 4º batalhão de caçadores, por ter sido chamado á côrte, onde se apresentou á repar-

tição competente, entrando no gozo de seis mezes de licença.

Por decreto de 26 de maio de 1844 foi nomeado commandante geral do corpo municipal permanente da côrte, e por outro de 25 de março do anno seguinte foi nomeado official da ordem da Rosa, pelos seus bons serviços.

Classificado no estado maior de 1ª classe do exercito por decreto de 7 de setembro de 1847, por despacho de 27 de agosto de 1849 foi promovido á effectividade do posto de coronel.

Tendo sido exonerado do commando geral do corpo permanente, por aviso do ministerio da guerra de 30 de outubro deste ultimo anno, marchou commandando o 2º batalhão de fusileiros para a provincia de Pernambuco, quando parte della ainda se achava revoltada, e alli chegando, a 22 de dezembro, foi nomeado, pelo commandante das armas, da mesma provincia, para commandar as forças que operavão ao sul contra os rebeldes, commissão esta que deixou em 11 de janeiro de 1850, quando assumiu o cargo de ajudante-general e de commandante da guarnição da cidade do Recife.

Pela ordem do dia de 28 do mesmo mez foi elogiado pelo bem que se portou, na qualidade de ajudante-general, no ataque geral que no dia 26 deram as tropas da legalidade aos rebeldes, que foram completamente destroçados, e tambem pelo bem que desempenhou a commissão de commandante das forças que operaram no sul da provincia.

A 14 de maio deixou o commando da guarnição, e a 18 de setembro embarcou com o 2º batalhão de seu commando para a provincia do Rio Grande do Sul, onde ao chegar foi incorporado á 4ª brigada do exercito de observação, cujo commando assumio a 21 de janeiro de 1851. Pela nova arganização dada ao mesmo exercito, passou a ser 3ª, a brigada de seu commando, com a qual marchou a tomar parte na guerra do Estado Oriental do Uruguay, a 29 de julho.

Por decreto de 14 de março de 1852, foi condecorado com a medalha de ouro da campanha do Uruguay, e regressando ao Brasil no mez seguinte, recebeu tambem a

commenda da ordem da Rosa, pelos seus serviços na mesma campanha (decreto de 20 de julho). A 27 de setembro embarcou com destino á provincia de Pernambuco.

Commandou as armas desta provincia de 14 de abril a 10 de maio de 1853, de 19 de junho a 29 de setembro do mesmo anno, e de 26 de junho de 1854 a 5 de março de 1855.

Por carta imperial de 14 do dito mez e anno foi nomeado commendador da ordem militar de São Bento de Aviz «pela maneira digna e bom desempenho quando commandante das armas da provincia de Pernambuco», por cujo motivo ainda mereceu louvores do imperador, conforme se vê do aviso da reppartição da guerra de 29 do mesmo mez e anno.

Por decreto de 27 de abril de 1856 foi nomeado commandante das armas da provincia do Amazonas, sendo por outro de 15 de setembro transferido para o da provincia do Pará, e depois, pelo de 7 de novembro, para o da Bahia, tendo somente deste tomado posse, a qual teve logar a 19 do mesmo mez.

A 3 de abril de 1858 deixou este commando, que reassumio interinamente a 28 de novembro do mesmo anno.

Por decreto de 2 de dezembro ainda de 1858 teve Muniz Tavares a graduação de brigadeiro, e em fevereiro do anno seguinte entregou o commando das armas da Bahia ao marechal Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto.

Por despacho de 2 de dezembro de 1861 foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro, sendo por isso mandado excluir do batalhão que commandáva, pela ordem do dia do commandante das armas da Bahia de 14 do mesmo mez, o qual depois de manifestar sua consideração e estima, lhe agradeceu a boa vontade com que se houve coadjuvando-o no desempenho do serviço da respectiva guarnição.

Por decreto de 24 de março de 1862, mais uma vez foi o brigadeiro Muniz Tavares nomeado commandante das armas da Bahia, cargo que exerceu até 8 de outubro de 1864, por ter sido delle dispensado por decreto de 5 desse mez, com ordem de recolher-se á côrte.

Achavão-se então as nossas forças de mar e terra em via de concentração no sul do Brasil, na previsão de guerra, e ao brigadeiro Muniz Tavares foi dada a ordem de para alli seguir afim de ser convenientemente empregado; mas os seus 63 annos de vida e perto de 50 de constantes serviços de paz e guerra, do extremo norte ao sul do paiz, não lhe permiitiram cumprir mais uma vez, como desejava, esse sagrado dever de bom soldado e estremecido patriota, pelo que solicitou ser inspeccionado pela junta militar de saude que o julgou incapaz para todo o serviço, sendo por tal reformado por decreto de 8 de junho de 1865, no posto de marechal de campo, com as mais vantagens da lei.

Depois de reformado obteve a permissão para residir na provincia da Bahia, onde ainda lhe foi dado exercer, si bem que interinamente, o respectivo commando das armas, de 1º de outubro de 1866 a 22 de abril de 1867.

Depois deste nenhum outro serviço militar, compativel com a sua alta patente lhe foi dado exercer, conservando-se no entretanto nessa sua provincia adoptiva cuja capital, na sua juventude ajudára a libertar, como vimos, do poder do obstinado general portuguez Ignacio Luiz Madeira de Mello.

Ahi falleceu o marechal de campo Manoel Muniz Tavares a 13 de junho de 1873, legando aos seus descendentes um nome honrado de militar brioso e intransigente na disciplina, quanto fôra devotado ao bem estar de sua patria.

Manoel de Souza Pinto de Magalhães

(Barão de Tury-assú)

Filho do dr. João Sant'Arna Neves de Souza, nasceu Manoel de Souza Pinto de Magalhães em 1796 — na heroica cidade do Porto—a guarda avançada das liberdades do velho reino de Portugal.

Abrindo-se-lhe a existencia n'uma epoca em que o seu paiz, como tantos outros do continente europeu, teria de curvar-se, pela força, ante a vontade absoluta do grande Napoleão, Manoel de Souza Pinto de Magalhães alis-

tou-se voluntariamente a 10 de junho de 1811 no batalhão de caçadores nº 11 do exercito de Portugal, sendo reconhecido cadete em 12 de novembro do anno seguinte.

Promovido a alferes por decreto de 9 de fevereiro de 1813, para o mesmo batalhão, assistiu á memoravel batalha de Victoria, pelejada a 21 de julho do mesmo anno, «que tanto lustre e gloria proporcionou ás armas portuguezas em alliança com as do aguerrido exercito de Arthur Wellesley».

Elevado a tenente por despacho de 22 de junho de 1815, para o batalhão nº 2 da «Divisão de Voluntarios Reaes de El-Rey», veio para o Brasil exercendo o cargo de ajudante de campo do general Francisco Homem de Magalhães Quevedo Pizarro, commandante da 2ª brigada da mesma divisão, seguindo com ella logo depois para Montevidéo, onde, como sabemos, só aquartelou em janeiro de 1817.

Em serviço na Banda Oriental do Uruguay, obteve Manoel de Souza Pinto de Magalhães a promoção de capitão por carta regia de 27 de agosto de 1818 e a de sargento-mór para o regimento de infanteria de 1ª linha da provincia do Maranhão, por despacho de 12 de outubro do mesmo anno.

Dois accessos em menos de dois mezes, sendo o ultimo para a classe dos officiaes superiores, demonstram o merito do official que os merecêra, tendo-se em vista os seus serviços de guerra e principalmente os da campanha contra as tropas de Artigas, na marcha que fizêra do Rio Grande do Sul a Montevidéo.

Apresentando-se ao capitão-general Bernardo da Silveira Pinto na ilha de São Luiz do Maranhão, este logo o encarregou da instrucção da nova tactica, aos corpos do 1º de linha, e em 1820 deu-lhe igual incumbencia com relação aos regimentos de milicias da provincia e ao batalhão de pedestres da capital.

Promovido a tenente-coronel por decreto de 4 de julho de 1820 e a coronel por outro de 5 de agosto de 1822, tudo para o seu referido regimento, prestou Manoel de Souza Pinto de Magalhães na côrte do Rio de Janeiro solemne juramento á constituição politica assignando a acta que a

30 de março de 1824 foi lavrada no quartel-general do exercito.

« E á nova patria que tomou por sua, serviu sempre com inteira fidelidade e dedicação como si entre nós nascido houvesse e fosse o seu berço embalado pelas auras americanas». (*)

Regressando ao Maranhão, o commandante das armas conde de Escragnolle conhecedor das suas habilitações theoricas e praticas, o encarregou no anno seguinte da organização do batalhão de caçadores de 2ª linha da villa do Paço do Lumiar, e em 1826 o nomeou vogal do conselho militar creado na capital para conhecer do procedimento e serviços dos officiaes dos corpos de 1ª e 2ª linha.

Deixando o coronel Escragnolle o exercicio de commandante das armas, por doente, a 15 de dezembro de 1828, tendo fallecido no dia seguinte, ao coronel Manoel de Souza Pinto coube substituil-o nesse cargo, que exerceu até maio de 1829; reassumindo-o tambem interinamente a 16 de maio de 1831 o exerceu até 16 de julho do mesmo anno quando se apresentou o seu substituto legal.

Em março de 1833 obteve seis mezes de licença para tratar de seus interesses, e mais tarde (30 de dezembro de 1836) obteve dois annos de licença na fórma da lei par ir á Europa tratar de sua saude.

Restabelecido de seus encommodos, apresentou-se prompto para o serviço na capital do Maranhão, em janeiro de 1839 e, no anno seguinte, por ordem da presidencia de 8 de fevereiro ficou encarregado do commando das forças da guarnição da capital e da instrucção geral de toda guarda a nacional. Achava-se então a provincia supportando o flagello da guerra civil provocada pelos descontentes politicos, sendo um dos chefe dos rebellados o celeberrimo Raymundo Gomes Vieira *Jutahy*.

Dispensado dos alludidos cargos a 10 de maio seguinte, assumio tres dias depois o commando das armas da provincia pela retirada do referido presidente, o então coronel Luiz Alves de Lima. Deixou este cargo a 9 de

(*) Necrologio publicado no Maranhão em 19 de novembro de 1862 n'*A coalição*.

junho do dito anno de 1841 em o qual, por decreto de 20 de dezembro, foi-lhe concedida a graduação de brigadeiro.

Em despacho de 15 de janeiro de 1842 foi nomeado commandante das armas da provincia do Maranhão e das forças em operações na mesma provincia, cargos estes que exerceu até 4 de janeiro de 1844, data em que ambos foram extinctos.

Por decreto de 21 de agosto de 1845 passou para a 1ª classe do estado maior do exercito, e por aviso da repartição da guerra de 26 de agosto do anno seguinte foi louvado em nome do imperador D. Pedro II pela renuncia que fez de todos os vencimentos que lhe couberam como inspector dos corpos de 1ª linha das provincias de Maranhão e do Piauhy.

Pelo decreto de 22 de Outubro de 1849 foi nomeado inspector dos corpos existentes no Ceará, Maranhão e Pará e por aviso de 27 de fevereiro de 1850 se determinou que essa inspecção se entendesse aos corpos existentes em Pernambuco.

Por decreto de 14 de agosto de 1850 foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro, sendo dispensado do cargo de inspector militar a 17 de março de 1852, a seu pedido.

Pela carta imperial de 2 de dezembro de 1854 se lhe fez mercê do titulo de barão de Tury-Assú. Occupava então o cargo de presidente do conselho administrativo da confecção de fardamento para as tropas da provincia, conforme se vê da portaria de 28 de setembro de 1853, e o de commandante superior dos guardas nacionaes da capital.

Por decreto de 2 de dezembro de 1855 foi promovido a marechal de campo, sendo reformado por motivo de molestia, por despacho de 8 de maio do anno seguinte, conforme pedira, no alto posto de tenente-general pelos seus longos annos de serviço, continuando a residir na capital do Maranhão.

O tenente-general Manoel de Souza Pinto de Magalhães, barão de Tury-Assú, condecorado com as medalhas da campanhas da Peninsula e de Montevidéo ; cavalleiro da ordem da Torre, Espada, Valor, Lealdade e Merito ;

e da militar de Christo; official da ordem imperial do Cruzeiro e commendador da de São Bento de Aviz, falleceu no Maranhão a 12 de novembro de 1862.

Dando noticia de seu passamento um dos jornaes da capital dessa então provincia assim a conclue:

« Não era o barão de Tury-Assú um simples soldado, filho dos exercicios e praticas militares; era um homem de intelligencia culta, proprio para os trabalhos de campo como para os gabinetes, instruido philosopho e cultor das boas letras. Ao lado dos estudos que fazia da arte da guerra vel-o-eis occupado com as Decadas de Barros, com os escriptos de Severino de Faria, Chateaubriand, Voltaire ou de Francisco Manoel.

« Oriundo de mui distincta familia portugueza e pelo casamento que aqui contrahio alliado a uma das mais distinctas familias da provincia, o barão de Tury-Assú legou a seus filhos um nome cheio de respeito e uma grata memoria de sua vida, que, se foi longa em annos, foi tambem extensa em bons serviços e excellentes acções. »

Miguel de Frias e Vasconcellos

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, a 15 de outubro de 1805, Miguel de Frias e Vasconcellos verificou praça voluntariamente e jurou bandeira no 1º regimento de cavallaria do exercito em 21 de outubro de 1820, sendo reconhecido cadete de 1ª classe por ser filho do tenente-coronel Joaquim de Frias e Vasconcellos.

Matriculando-se na academia militar concluio o curso geral, e por decreto de 20 de junho de 1823 foi promovido a 2º tenente para o « regimento de artilharia da côrte », contando antiguidade desse posto de 24 de fevereiro.

A' 12 de outubro do mesmo anno passou a ajudante do regimento, e por decreto de igual data, do anno de 1824, teve a promoção de 1º tenente, continuando como ajudante.

Promovido a capitão por despacho de 12 de outubro de 1826, para a 4ª companhia do 1º corpo de artilharia de posição, assumiu o exercicio deste cargo em o qual muito coadjuvou o governo por occasião da insubordinação dos

batalhões de mercenarios, no dia 11 de junho de 1828 ; pelo que foi o seu nome mencionado com louvor na ordem do dia do governador das armas da côrte de 21 do mesmo mez.

Por decreto de 12 de outubro do dito anno teve Miguel de Frias a graduação de major e por outro de 17 de março de 1829 foi nomeado deputado do ajudante-general do governo das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro, ficando tambem encarregado da repartição de quartel-mestre general ; sendo então transferido para o imperial corpo de engenheiros.

Como se vê, tendo apenas vinte e quatro annos de idade conseguira o estudioso official as dragonas de major de engenheiros, sendo-lhe dado occupar os mais altos cargos da administração da guerra nesta capital e bem assim o de lente e examinador da academia militar.

Approximavam-se, porem, os acontecimentos politicos que deram logar á abdicação do primeiro imperador e sobre os factos em que o major Miguel de Frias se tornou saliente aqui transcrevemos o que delles nos relata o conhecido historiographo—Dr. Joaquim Manoel de Macedo:

« O major Frias era conhecido pelo nobre e fervente espirito de nacionalidade e pelas suas idéas liberaes : se a lucta chegasse a travar-se não seria duvidosa a sua posição ; D. Pedro I, porém, mostrou-se grande e generoso na hora da adversidade ; não quiz que corresse o sangue brasileiro, e abdicando salvou o Brasil e a monarchia.

« A ultima palavra do imperador que descia de um throno foi recebida pelo major Frias, a quem disse, entregando o decreto de abdicação : *Aqui está a minha abdicação. Desejo que sejam felizes ! Retiro-me para a Europa, e deixo um paiz que tanto amei e ainda amo.*

« Os primeiros annos da monarchia de S. M. Sr. D. Pedro II marcam uma época dolorosa para o Brasil; as revoltas se succediam umas ás outras, o exercito indisciplinado tornára-se um perigo, e por isso fôra dissolvido ; o governo luctava quasi sem força no meio das facções, e só um milagre de patriotismo pôde suster o paiz que ia precipitar-se na anarchia.

« E' neste periodo tormentoso, que grave erro vem

interromper a bella carreira de Miguel de Frias e obrigal-o a um exilio, que o privou da patria, e a ella dos seus serviços. Ligado ao partido que se achava na opposição, e que logo tomára o titulo de exaltado, o major Frias, que com outros officiaes se achava preso em uma das fortalezas, toma parte nos planos de uma revolução(*); e ignorando que ella tivesse abortado, revolta-se na fortaleza, e á frente de poucos companheiros vem desembarcar na cidade, e marcha para o campo de Sant'Anna no dia 3 de abril de 1832. Debalde amigos que o encontram lhe annunciam a sua perda infallivel: «E' tarde, responde elle, já dei o primeiro passo». O resultado dessa lucta era de prever. A legalidade triumphou facilmente, e o major Frias teve de emigrar.

« Porque não ha de a historia esclarecer ponto geralmente desconhecido, e que muito honra a generosidade de quem o praticou ?...

« Em poucos minutos o major Luiz Alves de Lima á frente do corpo de policiaes permanentes (que não tinha ainda 200 praças) desbaratára o bando de revoltosos de 3 de abril, que apenas derão um tiro com a peça de artilharia trazida da fortaleza.

« O major Frias fugia a todo correr do seu cavallo e o então major Sr. Luiz Alves de Lima o seguio para cumprir o dever de prendel-o ; mas na corrida, fazendo movimentos de redeas e dobrando o corpo afim de escapar a um tiro de pistola, com que se precipitára a ameaçar-lhe a vida um rude e phrenetico partidario, o seu cavallo prancheou e o major Frias pôde, graças a isso, distanciar-se.

« Avançando de novo, o então major, depois duque de Caxias, e ouvindo a espontaneos informantes que o chefe da revolta se azilára em uma casa da rua do Sabão da Cidade Nova, teve de dirigir-se a ella e de uzar do direito de correl-a em procura do homem legalmente perse-

(*) Por aviso do ministerio da guerra de 29 de setembro foi recolhido preso á fortaleza da Lage, pelos acontecimentos occorridos no theatro na noite de 28 do mesmo mez, á disposição da justiça civil, por não ser o crime militar, d'ahi foi removido para Villegaignon de onde se evadio.

guido. O dono da casa, o respeitavel protector, deu logo entrada ao valente major Luiz Alves de Lima, que avançando da sala por um corredor, vio uma porta trancada, mas conservando a chave, deu então volta á esta, abrio a porta, e olhou...

« O major Frias estava em pé no meio do quarto azilador....

« O major Luiz Alves não quiz ver... a generosidade cegou-o... fechou de novo a porta e sahio.

« Miguel de Frias pôde assim escapar á prisão e emigrar para os Estados-Unidos.

« Quem será capaz de não applaudir a acção magnanima d'aquelle que incorreu em tão generosa e sublime cegueira logo depois do combate e da victoria, embora faceis?... (Vide pag. 329 deste volume.)

« O Brasil abre o seio, e nelle recebe com amor o major Frias que volta á terra da patria depois de dous annos de exilio; começa então, ou dentro em pouco, uma serie não interrompida de serviços relevantes prestados pelo distincto brasileiro. »

A 29 de maio de 1834, tendo regressado ao Brasil apresentou-se o major Frias em sessão do jury desta capital de 24 de agosto do mesmo anno, onde foi julgado não haver materia para accusação pelo crime relativo aos acontecimentos de 3 de abril de 1832.

Em sentença do conselho de guerra de 6 de setembro ainda desse anno foi absolvido do crime de deserção, mas o Conselho Supremo Militar de Justiça a 10 do mesmo mez reformou essa sentença e o condemnou ao perdimento do posto. Em accordão, porem, do Supremo Tribunal de Justiça a que recorreu em gráo de revista, foi-lhe esta concedida em 1º de dezembro, «por envolver o processo notoria injustiça e manifesta nullidade—Pelo accordão da Relação Revisora de 10 de fevereiro de 1835 foi afinal absolvido e reintegrado no seu posto.

Por decreto de 13 de setembro de 1837 teve a promoção de major effectivo contando antiguidade de 17 de março de 1829, passando desde então a prestar os mais valiosos serviços á extremecida patria, na paz e na guerra.

Designado para o cargo de inspector geral das obras

publicas do municipio da côrte, bem o exerceu de 31 de maio de 1839 até 20 de agosto de 1840 em que, por decreto dessa data, assumiu o cargo de director do arsenal de guerra, sendo elogiado pelo zelo e valiosos serviços prestados na organização da repartição de obras publicas e na economia e fiscalisação das despezas da mesma repartição.

O aviso do ministerio do imperio de 1º de setembro do mesmo anno o mandou louvar pela intelligencia com que desempenhou o cargo de inspector geral das obras publicas.

Exonerado a seu pedido do cargo de director do arsenal de guerra, por despacho de 24 de março de 1841, por ordem do ministerio da guerra de 4 de julho do anno seguinte marchou para a provincia de Santa Catharina afim de servir como engenheiro ás ordens do respectivo presidente, sendo por este, em officio de 9 de setembro, louvado pelo bom desempenho e promptidão com que executou a commissão sobre as aguas thermaes para que fôra nomeado em 8 do mez anterior.

Tendo sido nomeado presidente e commandante em chefe do exercito em operções na provincia do Rio Grande do Sul o tenente-general Caxias, para alli seguiu afim de serem aproveitados os seus valiosos serviços, dos quaes foi o primeiro a organização do projecto para a construcção de um cáes, que apresentou, recebendo louvores do referido presidente pela promptidão com que se dedicou a semelhante trabalho.

A 12 de novembro foi nomeado engenheiro do exercito em operações, e pela ordem do dia do commando em chefe de 6 de fevereiro de 1843 passou a exercer as funcções de quartel-mestre-general do mesmo exercito.

Por decreto de 14 de setembro seguinte foi promovido a tenente-coronel graduado, e por outro de 14 de março de 1844 teve a effectividade deste posto.

Recolhendo-se á côrte a 12 de novembro, por aviso do ministerio da guerra de 16 de janeiro de 1845 foi nomeado director geral das obras militares do municipio da côrte e de todas as fortalezas.

Sendo dispensado em 14 de abril desta ultima commissão, foi elogiado por bem a ter desempenhado, sendo-

lhe dado novamente exercer as funcções do inspector geral das obras publicas desta capital a 19 do dito mez e anno.

Por aviso do ministerio do imperio de 29 de fevereiro de 1848 foi louvado pelo zelo e actividade que sempre demonstrou no desempenho destas funcções, e por outro de 26 de setembro do anno seguinte teve identicos elogios pela actividade e intelligencia com que dirigio o serviço da extincção dos incendios.

Por decreto de 5 de dezembro, ainda de 1849, foi graduado em coronel, e por aviso do ministerio da justiça de 2 de maio de 1850 foi louvado pelo zêlo e promptidão com que se houve por occasião do desastre que a 30 de abril tivera logar em uma casa que se estava construindo na rua dos Ourives; sendo por egual motivo tambem elogiado por aviso do ministro do imperio de 3 de maio, que mais tarde, em 21 de dezembro, declarou mais que satisfactoriamente desempenhára todas as commissões de que o havia encarregado, e bem assim os deveres inherentes ao cargo de ispector geral das obras publicas do municipio da côrte.

Em officio do commando das armas da côrte de 15 de junho de 1851 passou a disposição do general Caxias, que fôra nomeado commandante em chefe do exercito do sul e presidente da provincia do Rio Grande do Sul.

Por decreto de 24 de julho do mesmo anno teve passagem para o estado maior de 1ª classe, onde foi promovido á effectividade de posto de coronel dois dias depois.

A 31 do mesmo mez seguiu para o Rio Grande do Sul, sendo pela ordem do dia do commando em chefe do exercito em operações, de 28 de agosto, nomeado para exercer o alto cargo de chefe do estado maior do mesmo exercito.

« Assim, diz o referido dr. Joaquim Manoel de Macedo, a brilhante carreira militar de Miguel de Frias, que fôra interrompida em 1832, de novo era marcada por serviços relevantes; sua estrella, que uma vez as nuvens da tempestade tinham escurecido, tornára a scintillar no céo brasileiro, e o bravo official ia recebendo o premio de seu merecimento nos postos a que por direito subia. »

Pela ordem do dia do mencionado commando, de 17 de janeiro de 1852, foi agradecida a coadjuvação que prestára ao general em chefe, emquanto o seu estado de saude assim o permittio; e porque elle se aggravára, teve de deixar o exercito, recolhendo-se á côrte.

Por aviso do ministerio da guerra de 7 de janeiro de 1853 foi-lhe concedida licença para exercer o cargo de presidente da camara municipal da côrte para que fôra eleito em 1852.

Eis o que a respeito dessa eleição e serviços que prestou a esta capital o benemerito coronel Miguel de Frias, diz o já mencionado Dr. J. Manoel de Macedo, em o seu apreciavel ANNO BIOGRAPHICO BRASILEIRO:

« Além dos variados e espinhosos trabalhos de administração que por passarem desapercebidos aos olhos do publico, nem por isso deixam de ser interessantes, e em muitos casos de elevada trascendencia, Miguel de Frias legou á capital do imperio, como engenheiro, obras que o recommendárão á consideração do governo, e á gratidão do povo; entre outras falla por todas o encanamento das aguas do Maracanã, que salvou especialmente a população pobre da calamidade da sêde que em alguns periodos de grande secca se fizera sentir, e levou a agua ás portas de todos, tornando então o Rio de Janeiro uma das mais notaveis cidades do mundo debaixo deste ponto de vista.

« Os fluminenses não podião cerrar os olhos a tanto merecimento; o nome de Miguel de Frias e Vasconcellos, que já uma vez tinha sido contemplado entre os nove escolhidos do povo para a edilidade da capital, foi de novo pronunciado nas vesperas de uma eleição; e elle, membro constante e firme do partido liberal, achava-se então, como os seus companheiros, no campo da opposição; embora! as urnas eleitoraes fallaram, e uma votação espontanea e numerosa elevou esse digno brasileiro a presidente da camara; julgou-se que o processo eleitoral tinha sido viciado, e o govesno declarou nulla a eleição; embora outra vez! as urnas fallaram de novo, e Miguel de Frias e Vasconcellos obteve ainda maior numero de votos; estas victorias não lhe custarão nem empenho proprio nem trabalhosa recommendação de amigos; essa candidatura era

a manifestação eloquente e decidida de geraes sympathias ; em suas listas o povo escrevia o nome de Miguel de Frias a impulso do proprio coração.

« E ainda não basta : não se encontra o nome do brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos unicamente na campanha como soldado ; no arsenal de guerra, nas obras militares e publicas, como administrador e engenheiro ; o tempo lhe sobrava ainda para consagrar-se aos mais philantropicos trabalhos »,

Em 16 de dezembro de 1855 assumiu o coronel Frias a presidencia da commissão de melhoramentos do material do exercito e por decreto de 2 de dezembro de 1856 foi promovido a brigadeiro.

Sempre atormentado pelos soffrimentos physicos, falleceu nesta capital, em consequencia delles, a 25 de maio de 1859, não se achando de todo esquecido o seu respeitavel nome de militar brioso e cidadão honestissimo, carinhoso e de inimitavel altruismo, porque ainda o conservamos em uma pequena rua, que da ponte dos marinheiros vae ter á de São Christovão, — caminho forçado em o seu trajecto de ida e volta na celebre noite de 6 para 7 de abril de 1831.

Pedro de Alcantara Bellegarde

« Em novembro de 1807, diz o dr. Joaquim Manoel de Macedo, as aguias conquistadoras de Napoleão, invadindo Portugal, tinhão obrigado a emigração da familia real portugueza para o Brasil : a náo *Principe Real* que conduzia o principe regente depois rei D. João VI, e seu filho D. Pedro que havia de ser 15 annos mais tarde fundador do novo imperio, trazia por commandante de um destacamento de artilharia o capitão Candido Norberto Jorge de Bellegarde, a quem acompanhava sua digna esposa D. Maria Antonia de Niemeyer Bellegarde, apezar do melindroso estado em que se achava, e que pelas commoções violentas de terrivel tempestade deu á luz precocemente a 3 de dezembro a um menino que, levado á pia baptismal pelo principe D. Pedro, recebeu os dous pri-

meiros nomes de seu padrinho, chamando-se Pedro de Alcantara Bellegarde.

« Tendo em 1810 morrido no Rio de Janeiro o já então major Candido Norberto, o principe D. Pedro mandou no anno seguinte (*) assentar praça de cadete de artilharia, com vencimento de tempo de serviço e soldo, não só ao menino Bellegarde, seu afilhado, como ao irmão deste Henrique Luiz Niemeyer Bellegarde ».

Em abril de 1815 o menino Bellegarde teve transferencia para o 1º regimento de artilharia do exercito de Portugal, e em maio do anno seguinte foi novamente incluido no regimento de artilharia do Rio de Janeiro. Em 1820 effectuou matricula na academia militar, onde estudou os sete annos do respectivo curso, sendo premiado em cinco delles.

Entrando em concurso obteve a promoção de 2º tenente por decreto de 20 de junho de 1823 e a de 1º tenente por outro decreto de 12 de outubro do mesmo anno, para o referido regimento de artilharia, em o qual ainda foi classificado quando, por despacho de 12 de outubro de 1824, teve a patente de capitão, continuando, porém, a frequentar a academia militar.

Tendo concluido os seus estudos nesta academia, por decreto de 30 de maio de 1826 foi transferido para o « imperial corpo de engenheiros », sendo desde então designado auxiliar de varias commissões de engenharia, em as quaes se conduzio de modo a merecer dos seus chefes os mais francos elogios. Por despacho de 12 de outubro de 1828, foi-lhe concedida a graduação de major, seguindo logo depois para Campos de Goytacazes, onde por mais de dois annos occupou-se em trabalhos de sua profissão, como engenheiro.

Achando-se vagos tres logares de substituto da academia militar foi um dos seis candidatos que em 1832 se apresentaram em concurso e o unico proposto pela « Junta de Direcção » mas o governo da regencia só o nomeou em março de 1834.

(*) A 17 de janeiro de 1811, tendo sido dispensado da menoridade por aviso do ministerio da guerra de 8 do mesmo mez e anno.

Pouco tempo depois era o major Bellegarde nomeado lente cathedratico da academia militar, onde leccionou com proficiencia e interesse quasi todas as cadeiras dos diversos cursos, até que em 1853 pedio e obteve jubilação.

Em 1836 concorreu notavelmente para a fundação e foi director e lente da escola de architectos medidores da provincia do Rio de Janeiro, e preparou e publicou compendios para ella.

Ao mesmo tempo com seu tio o coronel Conrado Jacob de Niemeyer, apresentou á assembléa geral legislativa o plano para o arrasamento do morro do Castello.

Por decreto de 3 de setembro de 1837 foi promovido a effectividade do posto de major e condecorado com o habito de cavalleiro da ordem de São Bento de Aviz, por carta imperial de 11 de junho de 1839, anno este em que, com outros cidadãos de reconhecida illustração scientifica e litteraria, fundou nesta capital o actual « Instituto Historico e Geographico Brasileiro ».

Em 1841, acudindo a convite do governo provincial de Pernambuco, partio com o coronel Conrado Niemeyer para aquella provincia e em dois mezes entregarão um plano completo para o encanamento das aguas potaveis do Recife, obra que se realisou com applauso merecido.

Por carta imperial de 18 de julho desse anno foi agraciado com a venéra de cavalleiro da ordem da Rosa, e por decreto de 27 de agosto do anno seguinte teve a nomeação de chefe da commissão de pratica dos officiaes do corpo de engenheiros, sendo promovido a tenente-coronel por despacho de 7 de setembro do mesmo anno.

Graduado em coronel por decreto de 14 de março de 1844, recebeu a 18 de dezembro de 1846 a carta de doutor em mathematica, que lhe fôra conferida pela congregação da escola militar, e a 14 de março do anno seguinte teve a effectividade do posto de coronel.

Por carta imperial de 11 de outubro de 1848 entrou para o serviço do paço como moço da camara do imperador Pedro II e guarda-roupa effectivo, e por decreto de 9 de novembro foi nomeado encarregado dos negocios e consul geral do Brasil na Republica do Paraguay, tendo nesses cargos conseguido celebrar o tratado de alliança

«que facilitou o desenvolvimento da politica do Imperio no Rio da Prata».

Por decreto de 2 de dezembro de 1850 foi nomeado commendador da ordem militar de São Bento de Aviz, e, por despacho de 30 de abril de 1852, promovido a brigadeiro, sendo logo depois jubilado no logar de lente cathedratico da escola militar, conforme pedira.

Regressando do Paraguay, por decreto de 6 de setembro de 1853 assumiu os cargos de ministro da marinha, que exerceu interinamente até 15 de dezembro deste anno, e effectivo da guerra que servio até 14 de junho de 1855, em que a seu pedido foi lavrado o decreto de sua exoneração. Por despachos deste ultimo anno, de 14 de março e 30 de agosto, teve as nomeações de veador da imperatriz do Brasil e de vogal do Conselho Supremo Militar.

Havendo fallecido o marechal do exercito barão de Caçapava, chefe da commissão de limites do Brasil com o Estado Oriental do Uruguay, por decreto de 30 de outubro de 1858 foi o brigadeiro Bellegarde designado para substituil-o, seguindo dias depois para a provincia do Rio Grande do Sul, onde se achava quando o governo imperial, tendo em consideração os serviços prestados nessa e outras commissões, houve por bem eleval-o ao posto de marechal de campo, por decreto de 2 de dezembro de 1860.

Tendo regressado do sul, coube-lhe ser nomeado ministro da agricultura, commercio e obras publicas, por decreto de 9 de fevereiro de 1863, na vaga do conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú, no gabinete organizado a 30 de maio de 1862. O marechal Pedro de Alcantara Bellegarde falleceu nesta capital a 12 de fevereiro de 1864.

Como homem de sciencia escreveu diversas obras das quaes se salientam as seguintes :

Limites ao sul do imperio com o Estado Oriental do Uruguay, em exposição official ao governo.

Compendio de topographia para uso da escola de architectos medidores da provincia do Rio de Janeiro.

Noções de geometria descriptiva, para uso dessa mesma escola.

Compendio de mechanica elementar e applicada.

Noções elementares de direito das gentes, para uso dos alumnos da escola militar.

Noções e novas taboas de balistica pratica.

Instrucções para as medições stereometricas e areometricas mandadas observar nas alfandegas do imperio em outubro de 1835.

Compendio de architectura civil e hydraulica etc., etc.

Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão

(Visconde de SantaThereza)

O tenente-general Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão—filho do coronel João Florencio Jordão, nasceu nesta capital a 2 de novembro de 1802.

Tendo concluido o curso de humanidades e desejando seguir a carreira das armas, foi admittido na academia militar, sendo approvado plenamente nas materias do primeiro anno mathematico em 20 de dezembro de 1823.

Tres dias depois recebeu o primeiro premio dos destinados aos alumnos mais distinctos do referido anno.

A 7 de fevereiro de 1824 assentou praça como voluntario no 1º regimento de artilharia da côrte, sendo reconhecido cadete em 8 de abril e por decreto de 12 de outubro, tudo do mesmo anno, foi promovido a 2º teuente aggregado á companhia de bombeiros, continuando a frequentar as aulas da academia militar.

Por despacho de 17 de fevereiro, foi promovido a 1º tenente para a 3ª companhia do regimento de artilharia e a 6 de dezembro tudo de 1825, teve approvação plena no 2º anno do curso geral da citada academia, sendo-lhe conferido o terceiro premio a 22 do mesmo mez e anno.

Approvado plenamente no 3º anno do alludido curso a 10 de março, por decreto de 12 de outubro foi promovido a capitão para a companhia de bombeiros do 2º corpo de artilharia de posição, obtendo tambem approvações plenas nas materias do 4º anno, a 12 de dezembro, tudo do anno de 1827.

Proseguindo em seus estudos, obteve as mesmas approvações, no 6º e 7 anno, concluindo o curso de engenharia a 22 de dezembro de 1831; achava-se então

servindo na commissão encarregada de examinar o estado das fortalezas e mais pontos fortificados desta capital.

Em aviso do ministerio da guerra de 28 do referido mez de dezembro foi louvado pelo zelo e intelligencia com que se houve no desempenho dessa commissão, e por outro da mesma repartição de 6 de março de 1837, passou para a companhia de artifices do arsenal de guerra da côrte.

Por decretos de 12 de julho do mesmo anno foi promovido a major para o corpo de engenheiros e nomeado vice-director do mencionado arsenal.

A 24 de maio de 1839 deixou o exercicio deste cargo por ter seguido em commissão especial á provincia do Rio Grande do Sul, que, como sabemos, se achava em estado de guerra. Apresentando-se ao commando em chefe do exercito em operação a 15 do mez seguinte, passou a exercer o cargo de deputado do quartel-mestre-general do mesmo exercito.

A 3 de maio do anno seguinte assistio ao combate do «Passo do Taquary» e pelo bem que se portou no mesmo teve o seo nome honrosa menção em ordem do dia do general em chefe.

Tendo obtido tres mezes de licença para tratar de seus interesses na provincia de Santa Catharina, dando parte dessa occurrencia em officio de 10 de abril de 1841 ao governo imperial, a presidencia da provincia, assim se expressou a seu respeito... «consenti em tal licença, porem, devo significar a V. Ex.ª que este official por sua intelligencia, bravura e zêlo no serviço, vem a fazer aqui falta, principalmente em aquelle cargo em que muito se acreditou por suas boas contas e limpeza de mãos.»

Por decreto de 25 de março foi nomeado cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro; tendo se apresentado nesta capital, por aviso de 18 de junho passou a commandar interinamente o corpo municipal permanente, e por decreto de 3 de agosto, tudo ainda de 1841, foi graduado no posto de tenente-coronel «em remuneração dos serviços prestados no combate do passo do Taquary.»

Nomeado commandante effectivo do corpo municipal permanente, por despacho de 7 de setembro de 1842 foi nomeado official da ordem da Rosa.

Em 1844 deixou o commando do corpo municipal e seguiu para o Rio Grande do Sul fazendo parte da commissão encarregada do reconhecimento da fronteira limitrophe com o Estado Oriental do Uruguay. Recolhendo-se á côrte em 1846, por aviso do ministerio da guerra de 28 de maio foi louvado pelo zêlo que mostrou nesse serviço e bem assim pelo desempenho da commissão encarregada da inspecção e inventario do arsenal de guerra desta capital, da qual era membro.

Por decreto de 2 de outubro de 1848 foi nomeado commandante geral do corpo de permanente da côrte, e por outro de 25 de março de 1849 foi agraciado com a commenda da ordem da Rosa.

Promovido a coronel por despacho de 26 de julho de 1851, em aviso da repartição da guerra de 6 de julho do anno seguinte o imperador D. Pedro II o mandou louvar pelos serviços prestados para a extincção do incendio no edificio da—Guarda Velha.

Nomeado chefe do estado-maior do commando superior da guarda nacional da côrte, por despacho de 15 de novembro de 1853, por decreto de 2 de dezembro do anno seguinte foi nomeado commendador da ordem militar de São Bento de Aviz.

Por aviso do ministerio da guerra de 15 de março de 1856, foi designado para exercer interinamente o cargo de director da escola de applicação do exercito. Tendo sido dispensado do commando geral do corpo de permanentes, em aviso de 27 do dito mez foi louvado pelos bons serviços que prestou no mesmo commando, sendo-lhe igualmente agradecida a coadjuvação que havia prestado ao governo no desempenho daquelle emprego.

Em outro aviso de 29 de junho foi louvado pelo bom arranjo e asseio em que foi encontrado pelo imperador o estabelecimento da escola de applicação, bem como pelo adiantamento dos alumnos no jogo das armas e mais exercios praticos. Por decreto de 2 de dezembro, tudo ainda de 1856, foi promovido a brigadeiro e, no anno seguinte exerceu o cargo de deputado do ajudante-general do exercito nesta capital.

Por despacho de 8 de março de 1858 teve a nomeação

servindo na commissão encarregada de examinar o estado das fortalezas e mais pontos fortificados desta capital.

Em aviso do ministerio da guerra de 28 do referido mez de dezembro foi louvado pelo zelo e intelligencia com que se houve no desempenho dessa commissão, e por outro da mesma repartição de 6 de março de 1837, passou para a companhia de artifices do arsenal de guerra da côrte.

Por decretos de 12 de julho do mesmo anno foi promovido a major para o corpo de engenheiros e nomeado vice-director do mencionado arsenal.

A 24 de maio de 1839 deixou o exercicio deste cargo por ter seguido em commissão especial á provincia do Rio Grande do Sul, que, como sabemos, se achava em estado de guerra. Apresentando-se ao commando em chefe do exercito em operação a 15 do mez seguinte, passou a exercer o cargo de deputado do quartel-mestre-general do mesmo exercito.

A 3 de maio do anno seguinte assistio ao combate do «Passo do Taquary» e pelo bem que se portou no mesmo teve o seo nome honrosa menção em ordem do dia do general em chefe.

Tendo obtido tres mezes de licença para tratar de seus interesses na provincia de Santa Catharina, dando parte dessa occurrencia em officio de 10 de abril de 1841 ao governo imperial, a presidencia da provincia, assim se expressou a seu respeito... «consenti em tal licença, porem, devo significar a V. Ex.ª que este official por sua intelligencia, bravura e zêlo no serviço, vem a fazer aqui falta, principalmente em aquelle cargo em que muito se acreditou por suas boas contas e limpeza de mãos.»

Por decreto de 25 de março foi nomeado cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro; tendo se apresentado nesta capital, por aviso de 18 de junho passou a commandar interinamente o corpo municipal permanente, e por decreto de 3 de agosto, tudo ainda de 1841, foi graduado no posto de tenente-coronel «em remuneração dos serviços prestados no combate do passo do Taquary.»

Nomeado commandante effectivo do corpo municipal permanente, por despacho de 7 de setembro de 1842 foi nomeado official da ordem da Rosa.

Em 1844 deixou o commando do corpo municipal e seguiu para o Rio Grande do Sul fazendo parte da commissão encarregada do reconhecimento da fronteira limitrophe com o Estado Oriental do Uruguay. Recolhendo-se á côrte em 1846, por aviso do ministerio da guerra de 28 de maio foi louvado pelo zêlo que mostrou nesse serviço e bem assim pelo desempenho da commissão encarregada da inspecção e inventario do arsenal de guerra desta capital, da qual era membro.

Por decreto de 2 de outubro de 1848 foi nomeado commandante geral do corpo de permanente da côrte, e por outro de 25 de março de 1849 foi agraciado com a commenda da ordem da Rosa.

Promovido a coronel por despacho de 26 de julho de 1851, em aviso da repartição da guerra de 6 de julho do anno seguinte o imperador D. Pedro II o mandou louvar pelos serviços prestados para a extincção do incendio no edificio da—Guarda Velha.

Nomeado chefe do estado-maior do commando superior da guarda nacional da côrte, por despacho de 15 de novembro de 1853, por decreto de 2 de dezembro do anno seguinte foi nomeado commendador da ordem militar de São Bento de Aviz.

Por aviso do ministerio da guerra de 15 de março de 1856, foi designado para exercer interinamente o cargo de director da escola de applicação do exercito. Tendo sido dispensado do commando geral do corpo de permanentes, em aviso de 27 do dito mez foi louvado pelos bons serviços que prestou no mesmo commando, sendo-lhe igualmente agradecida a coadjuvação que havia prestado ao governo no desempenho daquelle emprego.

Em outro aviso de 29 de junho foi louvado pelo bom arranjo e asseio em que foi encontrado pelo imperador o estabelecimento da escola de applicação, bem como pelo adiantamento dos alumnos no jogo das armas e mais exercios praticos. Por decreto de 2 de dezembro, tudo ainda de 1856, foi promovido a brigadeiro e, no anno seguinte exerceu o cargo de deputado do ajudante-general do exercito nesta capital.

Por despacho de 8 de março de 1858 teve a nomeação

nos encommodar terrivelmente, enfiando e batendo de revez as nossas baterias, e talvez mesmo com o fim de nos obrigar a mudar de acampamento.

« Feito o ataque, travou-se um renhido combate a que o inimigo correspondeu com todo o ardor e energia, e só depois de 15 horas de peleja cedeu elle a posição que conquistamos.

« Durante o dia 17, posto que não houvesse combate, não deixou o inimigo do nos encommodar com tiroteios e algum fogo de artilharia e foguetes; mas, conhecendo elle a vantagem que teria em rehaver a posição que perdera, parecia preparar os meios para um novc ataque, e ao amanhecer do dia 18 tornou o exercito alliado a ver-se na necessidade de sustentar outra peleja.

« Das descripções inclusas, que envio a V. Ex. para adiantar a noticia destes acontecimentos, collige-se o que houve de mais importante a semelhante respeito.

« Não envio a V. Ex. todas as partes dos commandantes das divisões, brigadas e mais corpos, que entraram em acção, por não ter ainda cessado o trabalho e movimento da mesma força, afim de se poder sustentar as posições conquistadas. Espero, entretanto, poder cumprir este dever dentro de pouco tempo, e então apresentarei a V. Ex. a ordem do dia do exercito acerca destes feitos d'armas que, não obstante terem nos custado perdas sensiveis, considero muito importantes e vantajosos para o proseguimento das nossas operações.»

***

« COMBATE DO DIA 16 DE JULHO DE 1866.—Commando em chefe do 1º corpo do exercito imperial em operações no Paraguay — Quartel-general em Tuyuty, 20 de Julho de 1866.

« No intuito de adiantar sobre o flanco direito as suas linhas de fortificações, tratou o inimigo de occupar um boqueirão existente no matto quasi em frente á extrema esquerda da nossa linha, e onde principiou elle a construir uma trincheira como obra avançada da sua, com o duplo fim de enfiar o nosso flanco esquerdo e bater-nos de revez.

« A essa immensa vantagem para o inimigo accrescia

a de poder nos atacar violentamente, assenhoriando-se do logar denominado Potrero Piris, para onde facilmente se communicaria por avenidas e picadas que sem duvida teria de abrir.

« Os srs. generaes Mitre, e barão do Herval, tendo reconhecido a necessidade de ser desalojado o inimigo dessa importante e vantajosa posição, tinham resolvido atacal-o.

« No dia 15 do corrente mez, e na occasião em que me apresentei para assumir o commando do exercito brasileiro, ficou ajustado entre aquelles srs. generaes e eu se levasse a effeito o ataque, e tomada aquella posição.

« Na noite do mesmo dia 15 determinei ao brigadeiro Guilherme Xavier de Souza, que, a 4ª divisão de infanteria brasileira sob o seu commando, levando 4 boccas de fogo, além de uma força do batalhão de engenheiros com ferramenta de sapadores, fosse pernoitar nas immediações da posição atacavel com o fim de a sorprender na madrugada seguinte, prevendo que já estivessem adiantadas as obras da trincheira em que o inimigo parecia trabalhar dois dias antes.

« Determinei igualmente que a brigada do coronel Oliveira Bello composta de 3 batalhões, e pertencente á 3ª divisão, fosse pernoitar no Potrero-Piris, d'onde atravez de mattos, e de um pequeno campestre immediato ao potrero, se poderia talvez communicar para o fundo do boqueirão em que o inimigo construia a trincheira; e ao brigadeiro J. L. Menna Barreto, commandante da 3ª divisão do exercito, incumbi a direcção do ataque do mesmo lado.

« Foram mais designadas 2 bocas de fogo de campanha, que, á disposição de S. Ex. o Snr. general Flores, poderiam com outras 2 de montanha existentes nas fortificações da esquerda da nossa linha operar sob as ordens do mesmo general, contra a direita do entrincheiramento inimigo.

« Com taes disposições foi com effeito ao romper do dia 10 sorprendido o inimigo nos trabalhos da trincheira, abandonando ahi, uma estiva de foguetes a congréve, e 146 peças de ferramenta de sapadores.

« A força inimiga acudio com vigor á defesa da po-

sição, e o nosso batalhão nº 12 de infanteria de linha, que formava a linha de atiradores, abrindo um espaço no seu centro, deu lugar a que os batalhões 31º de voluntarios e 14º de linha atacassem vigorosamente a trincheira, levando o inimigo de rojo, até o fundo do boqueirão, onde, fazendo este uma volta para o lado direito, eram os nossos soldados excessivamente offendidos pelo inimigo collocado na extensa continuação dessa volta, recebendo elles ao mesmo tempo não só tiros de metralha e de foguetes a congréve, como vivissimo fogo de fuzilaria, que partia de todo o interior do matto sobre o flanco direito.

« Nessa situação tornou-se o combate sobremaneira renhido, entretanto a nossa artilharia não podia operar pela estreiteza do terreno occupado todo pela infanteria.

«A nossa columna de ataque não pódia deixar de perder terreno, retirando-se em ordem até collocar de novo sobre a trincheira, de onde continuava a sustentar o fogo, revesando-se os corpos, na melhor ordem possivel, nesse desfiladeiro em que nem bem se podia formar um batalhão de frente.

« Depois de começado o combate, tinha eu mandado avançar a 1ª divisão de infanteria sob o commando do brigadeiro Argollo Ferrão, e pelas 9 1/2 horas do dia entrou essa divisão em acção, substituindo a 4ª que não só havia soffrido graves perdas, como se achava cansada, não obstante o vigor e a coragem com que ainda pelejava.

« A 1ª divisão proseguio no combate do mesmo modo que aquella, sendo reforçada com dous batalhões, e depois pelas 5 horas da tarde, por uma brigada argentina sob o commando do coronel Conesa, a qual pelejou tambem com denodo e coragem, revesando-se todos estes corpos convenientemente.

« Só depois das 9 horas da noite, começou a diminuir o fogo do inimigo, continuando-se, porém, de espaço em espaço, simultanea fuzilaria, tiros de metralha e foguetes a congréve, lançados dos pontos occupados pelo inimigo.

« A bateria da extrema esquerda da nossa vanguarda, sob o mando do general Flores, secundava o ataque, metralhando o matto em que o inimigo combatia, e bem as-

sim o caminho por onde se dirigia a força paraguaya para o lado da acção.

«Por ordem do mesmo general as peças de campanha que tinham sido postas á sua disposição e as quatro que marcharam com o brigadeiro Guilherme de Souza convergiram a operar por uma entrada na ponta do matto immediatamente ao logar da trincheira atacada, e todo o movimento por esta parte foi dirigido pelo referido general.

« A brigada que sob a direcção do brigadeiro J. L. Menna Barreto occupava o Potrero-Piris, fez a possivel diligencia para entrar em combate, tentando atravessar o matto por algumas picadas que pareciam dirigir-se ao ponto occupado pelo inimigo, o que, porém, não pôde conseguir pela grande distancia em que ficava e espessura do mesmo matto.

« A's 10 horas da noite fiz substituir toda a força que até então tinha combatido, por 5 batalhões da 6ª divisão sob o commando do brigadeiro Victorino Monteiro, e que devia sustentar a posição conquistada.

« O inimigo, não obstante ter sido desalojado da trincheira disputada, ainda fez alguns tiroteios e tiros de canhões e de foguetes a congréve até pouco depois de meia-noite, no que foi sempre correspondido.

« Esta exposição dá a conheeer que o combate do dia 16 pode ser commemorado como um brilhante feito d'armas da presente campanha, obstando-se com elle que o inimigo tomasse sobre todo o acampamento dos exercitos alliados tanta vantagem, que mais tarde tornaria o combate mais sanguinolento e a actual posição de difficil e talvez impossivel sustentação.

« Toda a força que combateu prehencheu bem o seu dever, e tem direito aos elogios que por mais de uma vez tem cabido ao soldado brasileiro pelo seu denodo e valor no combate.

« Aos brigadeiros Guilherme de Souza e Argollo Ferrão, commandantes das divisões que mais parte tiveram na acção, cabem honrosos elogios, e ao coronel Conesa, commandante da força argentina, bem merecidos encomios pela coadjuvação prestada por ordem de S. Ex. o Sr. general em chefe dos exercitos alliados.

« Todos os officiaes e mais praças rivalisaram em coragem e constancia durante as 15 horas deste tão renhido combate. Entretanto, é de lamentar o perdemos alguns dos nossos bravos officiaes e soldados, pois nos ficaram fóra do combate cerca 1.200 praças, entre mortos e feridos, sendo felizmente destes a maior parte levemente, como mais especificadamente será detalhado com os documentos annexos á ordem do dia do exercito.

« Calcula-se com muita razão que a perda do inimigo seja superior a 2.000 homens, a julgar-se pelo numero de mortos que deixou nos logares em que puderam ser vistos, sem contar com os que ficaram disseminados pelo matto em que combatiam.

« Alem da estativa de foguetes a congréve e da ferramenta abandonada pelo inimigo na trincheira conquistada, tem sido achadas até hoje nos logares proximos ao combate mais de 900 espingardas e 600 bayonetas, devendo-se mencionar o prejuizo cauzado no parque do inimigo por uma das nossas granadas, cuja explosão fez voar grande porção de munições como foi visto por todo o nosso exercito.

« Este importante feito d'armas não só nos prestou os esclarecimentos obtidos por um reconhecimento de viva força, como nos deu a segurança do campo que ora occupamos.

« Deus guarde a V. Ex. etc., etc. »

***

« Combate do dia de 18 julho de 1866. — Commando em chefe do 1º corpo de exercito em operações no Paraguay — Quartel-general em Tuyuty, 23 de julho de 1866.

« Depois de conquistada a trincheira inimiga em consequencia do combate do dia 16, continuou na noite desse dia a ser essa posição occupada pela 6ª divisão sob o commando do brigadeiro Victorino Monteiro, bem como pela brigada argentina, sob o commando do coronel Conesa, que foi substituida no dia 17 por outra brigada de 4 batalhões tambem argentina sob o commando do coronel Cesario Dominguez. Durante este dia o inimigo apenas fez

contra aquellas forças ligeiros tiroteios e alguns tiros de canhão e foguetes a congréve.

« Na noite de 17 percebeu o brigadeiro Victorino Monteiro que o inimigo tentava abrir picada pelo interior do matto, protegendo este seu trabalho com repetidos fogos de mosquetaria.

« Ao amanhecer do dia 18, tratando-se de fazer um reconhecimento mais positivo, começou o fogo pelo exterior e interior do matto que fica entre a trincheira conquistada e a bateria inimiga, tomando parte no combate, e sob o commando do brigadeiro Victorino Monteiro, toda a força brasileira e argentina que alli se achava.

« Segundo as communicações daquelle brigadeiro recebeu elle nessa occasião ordem do sr. general Flores para proseguir no ataque até á trincheira inimiga. O combate tornou-se então renhido nesse ponto, e ahi era dirigido de conformidade com as ordens do mesmo sr. general, por isso que a posição ficára proxima ao flanco esquerdo da nossa vanguarda de que elle é commandante.

« Sem duvida S. Ex. terá detalhado todo o combate nessa posição, o que me não foi possivel fazer por ter eu acudido com outras força não só á trincheira anteriormente conquistada, como aos pontos extremos da nossa esquerda, por onde desconfiei que pudessemos ser contornados.

« A' 4ª divisão sob o commando do brigadeiro Guilherme de Souza que marchou em protecção da 6ª engajada no fogo, indiquei uma posição conveniente não só para esse fim como para defender aquella trincheira.

« Essa 4ª divisão concorreu tambem com parte de sua força para o ataque dirigido pelo general Flores, até que, tendo ordem para se retirar, reoccupou a posição por mim indicada.

«Pelo lado do Potrero-Pires tinha eu mandado postar o 8º e 16º batalhões de infanteria de linha e 10º de voluntarios da patria, pertencentes á 8ª brigada do commando do coronel D. José Balthazar da Silveira, reforçados estes corpos com o 2º e 3º regimentos de cavallaria ligeira e 1º corpo provisorio de cavallaria da guarda naciodal, que se acham armados como infanteria, estando toda esta força

sob a direcção do brigadeiro J. L. Menna Barreto, com o fim não só de chamar a attenção do inimigo para esse lado fazendo-o divergir do principal ponto de ataque, como tambem para tentar a tomada de um posto fortificado e guarnecido com artilharia, como obra destacada das linhas inimigas e que tem por fim bater as proximas avenidas do matto e immediações da lagôa Pires.

« E tendo eu na tarde de 16, em consequencia do renhido combate desse dia, requisitado, por prevenção, do tenente-coronel Agostinho Maria Piquet o concurso do 1° e 2° corpos de caçadores a cavallo, pertencentes ao exercito do barão de Porto Alegre e que se achavam no Passo da Patria, foi o dito tenente-coronel prompto em marchar para o men acampamento na mesma noite de 16.

« Na manhã de 18 lhe ordenei que tambem fosse tomar posição no Potrero Pires, afim de proteger a força sob o commando do brigadeiro J. L. Menna Barreto no ataque por aquelle lado. Com effeito, depois de ter essa força investido contra o referido posto fortificado, fez tambem entrar em acção os dous corpos de caçadores a cavallo commandados pelo mesmo tenente-coronel Piquet.

« O ataque durou até meia hora da tarde, conseguindo-se que a força chegasse até ás proximidades do parapeito d'aquelle posto defendido energicamente pela artilharia e infanteria inimiga.

« Tendo, porém, cessado o fogo no ponto principal do ataque feito sob as ordens do general Flores, era inutil proseguir na tentativa da tomada do posto avançado, que não podia ser conservado senão tendo sido igualmente tomada outra trincheira inimiga.

« Ao general Emilio Mitre, que havia concorrido ao logar do combate com uma força argentina, disse eu que não conviria tentar ainda a tomada da trincheira, e sim conservar as posições que occupavamos; o que com effeito succedeo.

«A esse tempo tive noticia de que o inimigo fizera um movimento sobre o flanco direito do acampamento do exercito argentino e quando eu me dirigia a S. Ex. o Sr. general commandante em chefe dos exercitos alliados para

me informar do occorrido, conheci que o inimigo tinha sido batido e rechassado por esse lado.

« Cessando, portanto, o combate, fiz collocar convenientemente a força necessaria para sustentarmos todas as posições occupadas desde o dia 16, e mandei então levantar algumas obras de fortificação para tornar mais efficaz a occupação dos nossos postos, e para melhor segurança do acampamento em que nos achamos. O mais breve possivel serão concluidas essas obras.

« Segundo as communicações feitas pelo commandante das divisões e mais forças que entraram em acção neste dia, o exercito brasileiro teve fóra de combate cerca de 850 praças, entre mortos e feridos, contando-se no numero destes o brigadeiro Victorino Monteiro, que soffreu um ferimento grave na mão esquerda, sendo para notar que a maior parte das feridas, como succedeu no dia 16, sejam leves, o que attribúo a terem sido produzidas pelos estilhaços das arvores do expesso matto em que teve logar grande parte deste combate, e por onde atravessaram a fuzilaria e metralha inimiga.

« A perda do inimigo não póde ser determinada, por isso que combateu neste dia sempre coberto pelas suas linhas entrincheiradas, mas, a julgar-se pela intensidade dos fogos, deve ter ella soffrido grandes perdas, principalmente pelos multiplicados projectis de artilharia que lhe foram lançados das nossas baterias.

« As forças que combateram nesse dia em nada desmerecerem do valor com que o tem feito mais de uma vez.

« Com os documentos que se devem ainda recolher dos differentes corpos e brigadas do exercito, melhor se poderam especificar os nomes das praças que ficaram fóra do combate.

« Deus guarde a V. Ex. etc, etc. » (*).

Referindo-se aos sangrentos combates de 16 e 18 de julho, diz o já citado general Bormann em o 1° volume da sua *Historia da guerra do Paraguay* : «Os nomes de varios

(*) Além dos documentos acima transcriptos existe a importante ordem do dia n. 3, de 24 de julho de 1866, que deixamos de transcrever por ser facilmente encontrada nas collecções das ordens do dia do exercito em operações no Paraguay.

officiaes-generaes foram indicados como os dos responsaveis pela terrivel canificina—Não esqueceram o do general Polydoro Jordão, commandante do 1° corpo de exercito brasileiro.— Commettiam grave injustiça !

« A' energia desse general devera-se a posse das trincheiras de *Punta-Naro* e *Carapá*, que, se não fossem tomadas, obrigariam os alliados a retirarem-se do campo de Tuyuty, batidos pelo flanco esquerdo e de revez. O general Polydoro encontrára, ao assumir o commando no dia 15, isto é, na vespera da acção, o plano de ataque já combinado, e assim não tinha outro recurso senão acceitar a situação.

« O que se devêra ter feito, era não consentir que o inimigo, tranquillamente e aos olhos dos exercitos alliados, contruisse as trincheiras, e isso era facil conseguir-se com insignificantes sacrificios ; esperar, porém, que elle as construisse e artilhasse para então investil-as, foi um erro e deu-se ao mundo um triste documento de incapacidade militar.»

A' pagina 117 e seguinte do 3° volume da historia da mesma guerra, attribuida ao fallecido dr. Francisco Felix Pereira da Costa, sobre os mesmos combates lê-se :

« Disse-se que em certa occasião o general Mitre mandou dizer ao general Polydoro que achava conveniente abandonar a posição tomada ; o marechal brasileiro respondeu-lhe que a resolução em que estava era perder o ultimo soldado antes de recuar ; pouco tempo depois que isto se passou o inimigo poz-se em retirada.

« Este facto mostrou ainda mais uma vez quanto os generaes brasileiros são superiores em estrategia no campo de batalha a outros generaes. »

.....

.....

« A brilhante inauguração que fez do seu commando o general Polydoro (disse o nosso correspondente de Buenos-Aires) a sua previdencia, a energia das resoluções, a actividade em fazel-as executar e sobre tudo a sua bravura serena, se revelaram com igual alcance.

« O grande risco em que por tres vezes esteve, foi porque succedendo no commando ao marechal Osorio não

devia mostrar-se menos que este na qualidade que mais enthusiasma o soldado — a intrepidez. Entretanto, suas disposições, concebidas com grande acerto e ordenadas com a maior calma, mostraram ao exercito que a sua sorte está em mãos firmes, e por isso ganharam-lhe a confiança desde o general de divisão até o soldado.

« Depois do combate e durante uma parte da noute, continuou o general Polydoro a dar as suas ordens sobre a defesa das posições tomadas, curativos dos feridos, etc.; retirou-se para o seu quartel-general á meia noute, para descançar e tomar o primeiro alimento d'aquelle dia ; e o mesmo succedeu a todos os que entraram n'aquelle combate. »

Os alliados tiveram nesses dois dias fóra de combate, entre mortos, feridos e extraviados, 4621 homens, sendo : brasileiros, 261 officiaes e 3361 praças ; argentinos, 59 officiaes e 690 praças, e orientaes 12 officiaes, inclusive o valente coronel D. Leon de Palleja, e 238 praças. O inimigo teve um prejuizo não menor, salientando-se entre os mortos o general Elizaldo Aquino, major Marcellino Coronel e outros.

Logo depois desses mortiferos combates, muito preoccupou-se o general Polydoro em melhorar as precarias condições do seu exercito, a que deu nova organização ; conseguio bôa cavalhada para montar as suas cavallarias e dotou a sua artilharia do material cuja falta muito attenuava os seus effeitos, de sorte que em fins do seguinte mez de agosto não lhe faltavam os meios para uma completa mobilisação, ou marcha offensiva contra o inimigo, o que teria levado a effeito se a seu cargo e não de outro general estivesse a suprema direcção da guerra.

Afinal pela deliberação tomada no conselho de generaes que teve logar á 18 do dito mez de agosto, resolveu-se o commandante em chefe a movimentar as forças alliadas porque, segundo um historiador comtemporaneo, com a chegada do corpo de exercito do barão de Porto-Alegre, « não havia desculpas ou pretextos para ficar parado e vio que era possivel fazer alguma cousa ».

E determinado ficou atacar-se o inimigo pelas suas posições da direita, isto é, pelo *Curuzú* e *Curupayti,* o que

se realizou nos dias 3 e 22 de setembro pelo modo porque já noticiamos paginas atraz.

Foi durante esse periodo que teve lugar a celebre conferencia do *Yataity-Corá,* entre o dictador Solano Lopez e o general Mitre e da qual o marechal Polydoro deu sciencia ao governo imperial pelo modo seguinte:

« Commando em chefe do 1° corpo de exercito em operações no Paraguay — Quartel-general em Tujuty, 14 de setembro de 1866.

« Illm. e Exm. Sr. — Julgo conveniente communicar a V. Ex. a seguinte occurrencia: Na tarde do dia 10, apparecendo uma bandeira branca sobre o flanco esquerdo das trincheiras inimigas, vio-se que com ella caminhavam algumas pessôas para a direita da nossa linha, que estava então guardada pela força argentina; dalli partiram alguns tiros, sem duvida porque o official commandante das nossas avançadas não tinha distinguido essa bandeira, e em consequencia d'isso as pessôas que traziam regressaram para o campo inimigo.

« No dia 11 pela manhã tornou a apparecer a mesma bandeira, e com ella avançou um parlamentario que entregou ao general Mitre, a mandado de Francisco Solano Lopez, a nota, cuja cópia e traducção envio sob n.° 1.

« O general Mitre, o general Flores e eu, reunidos no meu acampamento, deliberamos que, tratando-se apenas de uma entrevista de Lopez com o general Mitre, conviria acceitar o convite; em consequencia do que, redigio o general Mitre em nossa presença a resposta, cuja copia envio sob. n.° 2, que foi transmittida pelo mesmo parlamentario.

« Na tarde desse mesmo dia tornou a apparecer a bandeira parlamentaria, sendo entregue ao general Mitre por parte de Solano Lopez, a resposta cuja copia envio sob n.° 3.

« Hontem á hora aprazada teve logar aquella entrevista, e durante o tempo em que o general Mitre esteve com Lopez, recebi por parte deste um comprimento de civilidade e convite para ir ao lugar da conferencia. Agradeci o comprimento e desculpei-me de não poder comparecer.

« Com o general Flores houve igual procedimento, e

foi elle ao lugar da conferencia, onde demorou-se muito pouco tempo.

« Regressando dalli, o general Mitre apresentou-nos a nota ou *memorandum,* cuja copia envio a V. Ex. sob o nº 4 e verbalmente declarou que nenhum resultado definitivo tinha produzido tal conferencia, ficando entendido que as operações de guerra continuariam como se achavam dispostas.

« Hoje ao romper do dia partio o general Mitre para o acampamento do barão de Porto-Alegre, para onde anteriormente tinha seguido toda a força destinada a incorporar-se ao 2º corpo do exercito.

« Dando disto conhecimento a V. Ex., previno de que igual participação faço nesta data ao conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa, ministro do Brasil em missão especial no Rio da Prata.

« Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Snr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, & & ».

Tal conferencia deu lugar ás reflexões constantes das paginas 196 a 198 do 3º volume da «Historia da guerra do Paraguay» já citada, do dr. Pereira da Costa. Ei-las :

« Um correspondente do exercito informou em data de 19 de setembro que a conferencia entre Lopez e Mitre não teve solução conveniente pela má fé do proponente; que Lopez prôpoz exigencias inadmissiveis á vista do tratado de alliança e da dignidade e honra nacional do Imperio.

« Lopez, que tinha por fim embrumar uma situação que nos era vantajosa, e ruinosa para elle, em consequencia da derrota soffrida com a tomada de Curuzú e com a perda de centenas de seus soldados mortos e feridos, que deixaram coberto o campo de combate ; quiz ter alguns dias de repouso para refazer-se e fortificar-se.

« Para este fim fez aquella proposta, para ganhar tempo e illudir os alliados; conseguio o que queria, que era levantar trincheiras em Curupaity, visto que os alliados lhe deram tempo para o fazer, e depois de deixarem constuir aquellas fortificações, foram-nas então atacar.

« Quande Lopez convidou só o general Mitre para uma conferencia, já foi com a intenção de que os outros

generaes dos exercitos alliados nella não tomassem parte ou não fossem ser testemunhas do que elle desejava tratar com Mitre.

« Lopez esforçou-se sem duvida nesta entrevista para convencer a Mitre de que devia fazer paz com elle, embora Lopez não a fizesse tambem com o Imperio, o que não pôde conseguir, porque o tratado da alliança, redigido em Buenos-Aires diz assim no seu art. 6º :

« *Art. 6º — Compromettem-se os alliados solemnemente a não depôr as armas senão de commum accordo, nem antes de haverem derribado o actual governo do Paraguay, e a não tratar separadamente com o inimigo, nem assignar qualquer tratado de paz, tregoas, armisticio ou convenção alguma para determinar ou suspender a guerra, salvo com perfeito accordo de todos* ».

« Por consequencia, Mitre não podia deixar de sustentar esta estipulação daquelle tratado, assignado pelo seu plenipotenciario, e repellir as propostas de Lopez.

« Mitre tambem desejava que se cumprisse este vantajoso artigo do tratado, pois olhava com muito cuidado para os interesses da Republica Argentina e não lhe convinha que Lopez continuasse a ser presidente da Republica do Paraguay, porque então annulava-se a influencia que a Confederação Argentina pretendia exercer no novo governo que se estabelecesse n'aquelle estado.

« Portanto foi-lhe necessario sustentar a clausula do tratado de alliança que exigia que Lopez sahisse do Paraguay. Além disto, os terrenos do Chaco, que o tratado de alliança estorquio a outros estados para da-los á Rupublica Argentina, não os possuiria se Lopes ficasse sendo presidente do Paraguay.

« Conclue-se, portanto, que, se a conferencia dos dous generaes não teve o effeito desejado por Lopez, foi porque não conveio aos interesses argentinos.

« O general Polydoro soube sustentar a sua dignidade e a do Brasil não cedendo ao convite feito posteriormente por Lopez para assistir á conferencia ; quando não houvesse outros motivos para assim proceder, bastava não ter sido o seu nome incluido no convite, que devia ter sido

dirigido aos generaes do exercito alliado, e não só ao general Mitre como foi, »

Foi tambem durante esse mez que surgiram as desavenças entre os generaes alliados, de mar e terra, acarretando graves demoras na execução dos planos definitivos das operações á vista do inimigo, que de tudo se aproveitava para melhorar as suas condições de defesa, emquanto o Brasil cada vez mais se onerava em proveito, porem, dos nossos alliados do Rio da Prata.

Do revéz que soffremos em *Curupayti* houve quem pretendesse accusar o illustre general Polydoro; ouçamos, porem, o que a respeito escreveo o coronel E. C. Jourdan.

« Parece a algumas pessoas que em parte concorreu para o desastre de Curupayti a incuria do 1° corpo em Tuyuty. Tal não foi nem podia ser. O general Polydoro ficou em Tuyuty depois da partida da columna do general Flores com menos de 11.000 homens e com 1.800 argentinos e orientaes, não podia atacar as linhas inimigas, guarnecer os acampamentos e cobrir a base de operações, tanto mais que nas linhas de Rojas, Sauce e Passo-Pocú, Lopez tinha 15.600 infantes e artilheiros e 3.400 de cavallaria.

« Alem disso, o protocollo do conselho de guerra de 8 de setembro assignalava a Polydoro que « *devia manter-se na defensiva em Tuyuty podendo, opportunamente prevenido, operar pelo Sauce ou pela frente do inimigo.*

« Dos signaes combinados e transmittidos pelo patacho *Iguassú* e deste para o observatorio do 1° corpo no Protero Pires, onde eram recebidos e transmittidos pelo 1° tenente de engenheiros Alvaro Joaquim de Oliveira, sómente foi assignalado o primeiro, o que significava : «*A esquadra principia o ataque de Curupayti.*» Para uma demonstraçãa energica de Polydoro era necessario ter-se dado o 4º: «*Curupayti é nosso*» e arvorado o 5º: «*Convêm um ataque geral*».

« O general Polydoro cumprio, pois, o seu dever. As baterias de Tuyuty deram 1.071 tiros e a 1ª divisão ao mando de Argollo fez uma demonstração sobre o Sauce, tendo 2 mortos e 6 feridos.»

Ao que accrescentaremos o que sobre o mesmo

assumpto diz o dr. Pereira da Costa : « Conclue-se do resultado que tiveram essas operações de guerra na margem esquerda do rio Paraguay, que dos generaes então presentes o unico que conheceu melhor a situação das cousas e o que convinha fazer, foi o general Polydoro, e depois o Flores ; mas o errado systema se ir fazer a guerra na margem do Paraguay, só foi conhecido pelos generaes que a comprehenderam depois que viram os seus resutados.» (Pagina 215 do volume citado).

Nomeado o marechal marquez de Caxias commandante em chefe de todas as forças brasileiras em operações no Paraguay, ao ter noticia de sua chegada em Corrientes a 17 de novembro de 1866 seguio o general Polydoro até o «Passo da Patria», acompanhado de seu estado-maior e de dois esquadrões de cavallaria, para condignamente receber aquelle chefe e, no dia seguinte, ás 4 horas da tarde com elle regressou ao acampamento de Tuyuty, onde todas as unidades do seu exercito se achavam em solemne parada afim de prestarem as devidas continencias ao preclaro general que em pouco tempo os havia de conduzir a sucessivas victorias.

O general Polydoro solicitamente auxiliou o commandante em chefe na execução de seus planos para o bom andamento das operações, mas tendo se aggravado os seus padecimentos physicos, delle obteve licença para retirar-se do theatro da guerra, o que fez a 10 de maio de 1867, publicando a seguinte ordem do dia :

« Senhores officiaes e mais praças do 1º corpo de exercito, dez mezes de campanha aggravarão grandemente os meus inveterados padecimentos.

« Subjugado por elles, vi-me forçado á pedir á S. Exc. o Sr. General em Chefe, licença para restabelecer-me no nosso santo torrão natal : S. Exc. benignamente attendeu-me, e o vosso velho general despede-se de vós.

« Camaradas, durante o tempo em que me coube a honra de commandar-vos, pude apreciar de perto a vossa coragem nos combates, a vossa resignação nos soffrimentos e a vossa constante abnegação ; sois dignos soldados, devotados cidadãos ; não precisaes, pois, de exhortações e

conselhos para continuar na senda honrada que até hoje tendes trilhado.

« Se o sol vivificante das felizes regiões em que nascemos, restituir ao meu corpo alquebrado um pouco de vigor, eu voltarei a partilhar ainda uma vez das vossas fadigas, das vossas privações, dos vossos perigos e um pouco tambem da vossa gloria.

« Grandes destinos vos aguardão, e se eu não puder associar-me comvosco no triumpho, nem por isso menos jubiloso pulsará meu coração, quando retumbarem na amplidão dos ares os hymnos das victorias por vosso valor conquistadas.

« Srs. officiaes e mais praças do 1º corpo de exercito, —adeos».

No dia seguinte deixou o marechal Polydoro o acampamento onde prestou á sua patria importantes serviços, hoje sómente bem apreciados pelos que então serviram sob as suas ordens.

Apresentando-se na côrte, por decreto de 29 foi nomeado conselheiro de guerra, recebendo tambem a patente de tenente-general a que fôra promovido por despacho de 1º, tudo do mez de junho, e a carta imperial de 13 de abril transacto, que o elevou a dignitario da ordem imperial do Cruzeiro, «pelos serviços que prestou nos combates de 16 e 18 de julho de 1866 ».

Reassumindo o commando da escola militar da Praia Vermelha, por decreto de 20 de junho de 1868 foi-lhe conferida a gran-cruz da ordem militar de São Bento de Aviz.

Já vimos que tendo sido designado o marechal do exercito conde d'Eu para substituir o duque de Caxias no commando em chefe das forças brasileiras em operação no Paraguay, por decreto de 22 de março de 1869, foi o tenente-general Polydoro nomeado para acompanhar aquelle principe, que ao chegar a Luque, lhe confiou o commando do 2.º corpo de exercito, conforme se vê da ordem do dia do exercito em operações de 17 de abril do mesmo anno. — Cumpria assim o velho servidor da patria o que havia promettido na sua ordem do dia acima transcripta.

Por decreto de 28 de junho se lhe mandou passar o diploma da medalha de merito militar, sendo o seu respeitavel nome comprehendido nas felicitações que a assembléa provincial do Rio Grande do Sul fez ao exercito e armada em sessão de 12 do seguinte mez de julho.

Na madrugada do dia 3 de agosto, á frente do 2º corpo de exercito, marchou em direcção a *Paraguary*, onde, por se terem aggravado os seus velhos padecimentos de modo a ser julgado perigoso se continuasse a marcha, obteve licença para adquirir melhoras em Assumpção, occurrencia esta que foi levada ao conhecimento do governo imperial pelo marechal conde d-Eu, nestes termos:

«Tive a dôr de me vêr privado do dedicado concurso das luzes e experiencias de tão benemerito general».

Logo, porém, que se acentuaram as desejadas melhoras e por ser de imprescindivel necessidade que se desse a mais sabia e energica direcção aos serviços de aprovisionamento das forças em operações, e bem assim ao bom emprego do não pequeno pessoal que se achava disseminado por diversas localidades do territorio do Paraguay, pela ordem do dia de 19 de setembro resolveo o marechal conde d'Eu, nomeal-o para commandar as forças ao sul do *Manduvirá*, e o mandou louvar «pelos importantes serviços que prestára na qualidade de commandante do 2º corpo do exercito».

Nesse cargo, porém, a sua saude ia progressivamente se arruinando, de modo que a 13 de janeiro de 1870, pedio e obteve licença para regressar a esta capital, «depois de nove mezes de perseverante resistencia ao clima deleterio do Paraguay, que tanto abalo lhe produzia na estremecida saude.

« Dominou pela força de vontade os seus multiplos e successivos achaques, resistio com patriotismo digno de admiração aos reclamos incessantes do corpo pelo descanço, organizou a marcha do serviço de Assumpção e muito coadjuvou o principe e o conselheiro Paranhos, com o seu inalteravel bom senso, habitos administrativos e inflexivel justiça.

«Sua intelligencia brilhou, como sempre, serena e vivaz. Della colheu o exercito fructos valiosos e S. Alteza,

em nome dos beneficiados fez-lhe o seguinte e bem merecido agradecimento:

« Sua Alteza ao mandar louvar tão distincto e venerando general pelos importantes serviços que prestou no commando das forças ao sul do Manduvirá, não pode deixar de encarecer quão sensivel se tornára nesse posto importante a falta de sua experiencia e inexcedivel rectidão e quanto merece da gratidão nacional o sacrificio que fez de voltar no ultimo quartel de sua bem empregada vida, para o theatro da campanha e nelle conservar-se por mais de nove mezes, apezar do seu estado de saude, cada vez mais melindrado, e do inhospito clima deste paiz ».

Tendo embarcado a 16 de janeiro em Assumpção. desembarcou nesta capital a 14 de fevereiro, onde reassumio o commando da escola militar e por decreto de 27 de abril foi agraciado com o titulo de — visconde de Santa Thereza — «em attenção aos relevantes serviços prestados na guerra do Paraguay» da qual teve tambem a medalha geral, creada pelo decreto n.º 4.560 de 6 de agosto de 1870.

No exercicio dos cargos de commandante da escola militar e de conselheiro de guerra, falleceu nesta capital o prestimoso general Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão a 13, sendo os seus restos mortaes sepultadas na tarde do dia 16, tudo de janeiro de 1879, no cemiterio de São João Baptista da Lagôa.

Dando a infausta noticia do seu falleeimento, consagrou-lhe um dos jornaes desta capital as seguintes palavras: « Rigido e inflexivel no cumprimento dos seus deveres militares, foi sempre espelho vivo de official brioso e general disciplinado, e, como tal, amado dos seus subordinados ».

Solidonio José Antonio Pereira do Lago

O marechal de campo Solidonio José Antonio Pereira do Lago, filho legitimo de José Antonio Pereira do Lago, nasceu nesta capital a 17 de julho de 1798.

Resolvendo-se a seguir a carreira das armas, em 1816 matriculou-se na «Real Academia Militar», verificando

praça de soldado na companhia de mineiros do 1º regimento de artilharia a 22 de novembro do mesmo anno, percebendo os vencimentos de sargento, na conformidade do titulo 4º da carta de lei que creou a mencionada academia.

Reconhecido primeiro cadete em 21 de fevereiro do anno seguinte, em abril do mesmo anno destacou voluntariamente para a provincia de Pernambuco onde foi combater a revolução republicana de 6 de março, fazendo parte do corpo de artilharia da «Divisão de Voluntarios Leaes d'El-Rei».

Por decreto de 6 de fevereiro de 1818 foi promovido a alferes de infanteria, e pacificada aquella provincia regressou á côrte em setembro de 1819, commandando um contingente de 100 praças do corpo de artilharia ligeira, a que então pertencia « por expontanea nomeação do tenente-general Luiz do Rego Barreto, pela confiança que já então lhe merecia», e cujo commando exerceu por mais de dois annos.

A 9 de janeiro de 1822, comparecendo á reunião popular que teve logar nesta capital, assignou o alferes Solidonio a representação dirigida ao Senado da Camara, para que este a entregasse ao principe regente D. Pedro e delle obtivesse a declaração de que ficava no Brasil. Esse principe, como sabemos, se pronunciou de modo a tornar-se desde então o chefe ostensivo do movimento revolucionario que nesse anno nos separou da velha metropole.

Continuando a frequentar a academia militar, por decreto de 12 de outubro ainda desse anno passou Solidonio do Lago para a arma de artilharia.

Em agosto de 1824 destacou para Pernambuco na qualidade de commandante de uma divisão do 1º corpo de artilharia montada, desembarcando em Alagoas, de onde seguiu por terra a incorporar-se ao «Exercito Cooperador da Bôa Ordem» sob o commando do brigadeiro Francisco de Lima e Silva.

Nesta segunda campanha contra os republicanos de Pernambuco muito se distinguio o tenente Solidonio nas occasiões dos combates, salientando-se, porém, na defesa das posições do Motócolombó e aterro dos Afogados « em

que patenteou reflectido valor e intelligencia, e bem assim na tomada que fez da escuna — *Independencia ou morte* — contra a qual dirigindo um vivo fogo obrigou-a a arriar a sua bandeira e a entregar-se. »

Finda essa lucta recebeu a medalha de distincção creada para recompensar aos bravos do exercito cooperador e por decreto de 17 de fevereiro de 1825 foi promovido a 1º tenente, com antiguidade de 22 do mez anterior, sendo nomeado cavalleiro da ordem imperial de Cruzeiro pelos serviços que prestou á causa do governo imperial.

Regressando á côrte em 23 de julho do dito anno, proseguio nos seus estudos na academia militar, sendo graduado em capitão por despacho de 12 de outubro de 1827.

Tendo sido approvado plenamente nas doutrinas do cinco primeiros annos da academia militar e *simpliciter* em physica, pela resolução de 14 de abril de 1830 foi promovido á effectividade do posto de capitão, ficando incorporado á extincta quarta classe dos officiaes avulsos, por officio do quartel-general de 30 de julho de 1832.

Por aviso do ministerio da guerra de 3 de agosto de 1833 passou para o corpo de artilharia a cavallo estacionado na provincia do Rio Grande do Sul.

Em outubro de 1837 marchou para a provincia da Bahia ás ordens do respectivo presidente, desembargador Antonio Pereira Barreto Pedroso, que o havia requisitado, por se achar essa provincia a braços com o movimento revolucionario de que já tratamos. *(A Sabinada)*.

Tendo bem se desempenhado das diversas commissões em que foi empregado, logo depois offereceu-se para servir nas linhas avançadas do «Exercito Pacificador», sendo então encarregado do commando da artilharia volante do ponto da Cajaseira « em cujo exercicio se portou sempre com honra e brio, desenvolvendo a maior bravura em todos os ataques que ao referido ponto levaram os rebeldes, especialmente no dia 17 de fevereiro de 1838, no qual tendo sido ferido gravemente na perna direita, ainda dirigio, cahido por terra, o fogo por mais de uma hora, visto faltar na occasião official que commandasse o posto. »

Por decreto de 20 de agosto de 1838 foi promovido a major, e nomeado cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz por despacho de 6 de julho do anno seguinte.

Achando-se em serviço de seu posto no 1º batalhão de artilharia a pé, a 31 de maio de 1842 foi delle desligado e destacou para a provincia de São Paulo, por ter sido despachado commandante militar da villa de S. Sebastião e municipios adjacentes, por nomeação da mesma data, na qual organizando forças em virtude de instrucções que recebeu do governo, com ellas marchou para o norte da mesma provincia, onde fez restabelecer a ordem e empossar legitimas autoridades das villas de Santo Antonio de Parahybuna, S. Luiz, Pindamonhagaba, freguezia de Caçapava e cidade de Taubaté; tendo depois parado nestas tres ultimas como commandante militar por nomeação do barão de Caxias, general em chefe do «Exercito Pacificador». Foi elogiado por estes serviços em nome do imperador, em aviso de 7 de julho, que directamente lhe foi dirigido pela secretaria da guerra; e bem assim pelo presidente da referida provincia, por igual motivo, nas portarias que lhe dirigio em 28 de junho e 27 de julho.

Por decreto de 2 de agosto foi agraciado com a mercê de official da ordem da Rosa em attenção aos serviços prestados á integridade do imperio na provincia de S. Paulo.

Por decreto de 7 de setembro foi graduado no posto de tenente-coronel, com antiguidade de 18 de julho do anno antecedente, tendo a effectividade deste posto, por despacho de 22 de novembro, tudo do mencionado anno de 1842.

Passou a commandar o 1º batalhão de artilharia a pé onde fôra classificado por decreto de 13 de fevereiro de 1843, e com elle embarcou a 26 de outubro de 1845 na corveta de guerra *Carioca*, com destino a Pernambuco.

A 29 de novembro desembarcou na Bahia em obediencia á ordem do presidente e commandante das armas da mesma provincia, tenente-general Soares de Andréa, por haver nella arribado aquella corveta no dia anterior.

Na provincia da Bahia se conservou por todo o anno de 1846 com o seu batalhão, que foi considerado como um

dos elementos de ordem e garantia da tranquilidade publica, sendo elogiado pelo referido commandante das armas em ordem do dia de 3 de setembro por haver plenamente satisfeito os seus deveres, e por aviso de 30 de outubro foi tambem elogiado em nome do imperador pelo estado de arranjo, economia e disciplina em que se encontrou o seu batalhão na inspecção que soffreu.

Tendo ordem de regressar á côrte, pela ordem do dia de 20 de dezembro, tudo do snpracitado anno de 1846, mereceu ser mais uma vez elogiado «pela habilidade, pericia e distincção com que conservou e manteve na melhor disciplina o batalhão de seu commando durante o tempo que com elle serviu na guarnição da Bahia.

Desembarcou nesta capital com o dito batalhão a a 1° de janeiro de 1847, sendo por aviso de 26 do mesmo mez nomeado membro da commissão de instrucção pratica de artilharia.

Por aviso de 11 de abril de 1848 foi nomeado commandante das armas interino da provincia de Pernambuco, para onde seguiu a 13. Neste commando o tenente-coronel Solidonio prestou importantes serviços ao governo imperial, em vista do estado de agitação em que se achava essa então provincia, com os movimentos revolucionarios que nella se preparavam e dos quaes já temos tratado.

Regressando á côrte em junho, por decreto de 27 de agosto de 1849 teve a graduação de coronel, e a 11 de agosto de 1851, com o seu batalhão marchou para a campanha do Rio Grande do Sul. Desembarcando na cidade do Rio Grande a 18, incorporou-se ao exercito em operações que invadio o territorio da Republica Oriental a 18 do seguinte mez de setembro, e a 22 assumiu o commando geral das forças brasileiras que guarneciam a fortaleza do *Cerro* e logares adjacentes, durante o sitio feito pelas forças do general Oribe, até á sua capitulação.

Passou este commando a 3 de outubro ao coronel João José da Costa Pimentel e seguio para a colonia do Sacramento a 27 de novembro, onde desembarcou no dia seguinte, sendo então nomeado commandante da sua guarnição pelo commando em chefe do exercito imperial.

Deixando este commando a 26 de fevereiro de 1852,

marchou para Montevidéo com o seu batalhão, onde acampou a 11 do mez seguinte nas immediações do *Cerro*, assumindo o commando geral da artilharia, em cujo cargo regressou ao Brasil com as demais forças do exercito imperial a 5 de abril. A 25 de junho reassumiu na cidade do Rio Grande o commando de seu batalhão com o qual embarcou para esta capital e onde desembarcou a 2 julho, recolhendo-se ao seu quartel.

Por decreto de 29 deste ultimo mez foi agraciado com a commenda da ordem da Rosa em attenção aos serviços militares prestados na provincia do Rio Grande do Sul; por despacho de 25 de setembro foi promovido á effectividade do posto de coronel e a 23 de novembro, tudo do alludido anno de 1852, teve a medalha de ouro por ter feito a campanha do Estado Oriental do Uruguay.

Nomeado para commandar as armas da Bahia, por despacho de 23 de julho de 1856, passou a 8 de agosto o commando do seu batalhão ao major Porto Carrero e, seguindo ao seu destino, tomou posse do alludido commando a 19 do mesmo mez, exercendo-o até 19 de novembro de 1857, por ter sido por decreto de 7 do mesmo mez transferido para identico cargo na provincia do Pará, sendo graduado no posto de brigadeiro por despacho de 2 do mez seguinte.

Nomeado por aviso de 3 de dezembro para exercer as funcções de deputado do ajudante-general do exercito, apresentou-se nesta capital á autoridade competente.

Por aviso do ministerio da guerra de 16 de fevereiro foi dispensado desse cargo e nomeado para commandar a 1ª brigada do exercito estacionada na fronteira do Rio Grande do Sul, sendo por decreto de 2 de dezembro, tudo de 1860, promovido a brigadeiro effectivo.

Em 13 de março de 1861 foi dispensado desse commando, sendo louvado pela sua decidida coadjuvação na manutenção da disciplina em geral e dos corpos e guarnição que deixou de commandar.

Apresentando-se na côrte, por decreto de 30 de outubro foi nomeado commandante das armas de Pernambuco, e por outro de 30 de novembro teve a commenda da ordem militar de São Bento de Aviz, tudo ainda em 1861.

Assumindo o commando das armas de Pernambuco, exerceu-o por longo tempo a contento do governo imperial, até que delle dispensado por despacho de 15 de junho de 1864, se transportou para esta capital onde assumiu interinamente o commando do corpo de estado-maior de 1ª classe a 16 de fevereiro, que deixou em 11 de março, sendo nomeado para tambem interinamente exercer o cargo de secretario de guerra, a 16 de junho, reassumindo aquelle commando a 9 de julho, tudo do anno de 1865.

Apezar de contar 68 annos de idade, nomeado para prestar serviços no exercito em operações contra o governo do Paraguay, em outubro de 1866 seguio o brigadeiro Solidonio para o Rio da Prata, onde ao chegar, pela ordem do dia do commando em chefe de 22 do seguinte mez de novembro, foi nomeado commandante das forças do mesmo exercito estacionadas na cidade de Corrientes, que era então a nossa principal base de operações.

Por outra ordem do dia do mesmo commando, de 17 de abril de 1867, deixou essa commissão por ter sido nomeado presidente da «Junta Militar de Justiça», que funccionava no acampamento de Tuyuty, cargo este que deixou a 10 de fevereiro do anno seguinte por ter embarcado com destino á côrte com licença do commandante em chefe marquez de Caxias.

Regressando ao Paraguay, reassumiu a 24 de novembro de 1868 o alludido cargo de presidente da junta militar, no acampamento do exercito em frente a *Vileta*.

Terminada a guerra recolheu-se ao seu quartel nesta capital onde teve conhecimento do voto de louvor e gratidão que a camara dos deputados da assembléa geral em sessão de 11 de maio de 1870 consignou em acta, e que abrangia o seu nome, por ter feito a guerra até o brilhante feito de armas em 1º de março do mesmo anno.

Por decreto de 9 de novembro ainda desse anno foi promovido a marechal de campo graduado, tendo fallecido nesta capital a 14 de janeiro do seguinte anno de 1871.

Wenceslau de Oliveira Bello

Filho do coronel de milicias Luiz Alves de Freitas Bello e natural de Minas-Geraes, onde nasceu em 1787, Wenceslau de Oliveira Bello assentou praça voluntariamente na antiga companhia de artilharia n. 1 do exercito de Portugal, a 1º de janeiro de 1804.

Sendo reconhecido cadete de 1ª classe, por despacho do vice-rei D. Fernando José de Portugal, seguiu para Lisboa afim de fazer os estudos proprios da arma de artilheria.

Em abril de 1808 voltou da Europa e foi incluido no regimento de artilharia do Rio de Janeiro. Por carta regia de 4 de agosto teve a patente de 2º tenente, passando neste posto para a companhia de artilharia a cavallo em 17 de dezembro, tudo do mesmo anno. Por decreto de 17 de dezembro de 1812, foi promovido a 1º tenente.

Com a alludida companhia marchou a 9 de agosto de 1814 para o Rio Grande do Sul tendo-lhe sido concedida a graduação do posto de capitão por despacho de 20 do mez anterior.

Ao desembarcar, teve ordem de seguir para a fronteira a incorporar-se ás forças do exercito em observação.

Em outubro de 1815 marchou, em deligencia de serviço, para a cidade de Porto Alegre, onde contrahiu matrimonio com D. Anna Flora, filha do sargento-mór André Alves Pereira Vianna.

Regressando ao acampamento de sua companhia a 26 de agosto de 1816, seguio com ella para Montevidéo incorporado á divisão do centro de que era commandante o general Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca. Nessa marcha tomou parte na acção do Passo do Palho na *Calera de Santa Luzia*, a 3 de janeiro de 1817 e bem assim no combate que teve logar na noite de 12, quando a divisão se approximou da povoação de Minas, e, finalmente, com ella entrou em Montevidéo a 20, tudo do referido mez de janeiro.

Em 5 de setembro deixou a cidade de Montevidéo e seguio para o Rio Grande do Sul encarregado da organização de uma brigada de obuzes que devia reunir-se á di-

visão ligeira commandada pelo referido general Bernardo da Silveira Pinto, que se achava na *campanha*.

Tendo desempenhado com a maior presteza essa commissão, marchou a reunir-se á dita divisão com a qual regressou a Montevidéo em janeiro de 1818. Por despacho de 22 deste mez teve a effectividade do posto de capitão.

Chegando a Santa Luzia, teve ordem de fortificar a bocca do *rincão de ferro* onde construio um reducto em que foram montadas tres peças de grosso calibre. Por decreto de 26 de agosto de 1819 foi promovido a sargento-mór de artilharia, continuando a servir em Montevidéo.

Por despacho de 14 de agosto de 1820 foi graduado no posto de tenente-coronel.

Tendo sido proclamada a independencia do Brasil, o tenente-coronel Wenceslau Bello como era natural, põe-se ao lado do tenente-general barão da Laguna, que foi obrigado a declarar em sitio as tropas luzitanas que se achavam em Montevidéo sob as ordens do general D. Alvaro da Costa.

Em ordem do dia do commando em chefe das forças sitiantes, de 20 de maio de 1823, foi elogiado pela sua conducta na acção de *Las Piedras*, pelejada a 18 do mesmo mez, conforme parte dada pelo brigadeiro Manoel Marques de Souza, que a dirigira.

Nesse mesmo anno recebeu o tenente-coronel Bello a medalha de distincção, por ter feito a campanha Cisplatina, de 1816 a 1820, conforme se vê do decreto de 31 do mencionado mez de janeiro, e, quando o general D. Alvaro propoz a capitulação da praça, o general em chefe das forças brasileiras o designou para fazer parte da commissão encarregada do exame das suas condições, ficando assentado, como sabemos, que todas as forças luzitanas seriam obrigadas a evacuar a cidade de Montevidéo e regressarem a Portugal.

Por decretos de 1° de dezembro de 1824 foi promovido á effectividade do posto de tenente-coronel para o estado-maior do exercito e nomeado commandante das armas da provincia do Rio Grande do Norte.

Tendo deixado a provincia Cisplatina, apresentou-se na côrte do Rio de Janeiro, onde foi agraciado com os

habitos de cavalleiro das ordens de São Bento de Aviz e imperial do Cruzeiro, por decretos de 20 de maio e 18 de outubro de 1825.

Por despacho de 12 de outubro de 1826 foi promovido a coronel, e por outro de 28 de abril de 1828 teve a nomeação de commandante das armas da provincia das Alagôas, de onde passou a exercer identico cargo na de Sergipe, por decreto de 2 de julho de 1829, por ter o povo e a tropa deposto o official que o occupava.

Por motivo de molestia requereu e obteve a sua reforma no mesmo posto de coronel, por decreto de 9 de setembro, ainda do referido anno de 1829, com permissão para residir na provincia do Rio Grande do Sul.

Por occasião da revolução de 1835, com dois dos seus filhos apresentou-se o coronel Wenceslau Bello ao general Francisco das Chagas Santos, para combater nas fileiras do exercito imperialista, logo que se reuniram as tropas para esse fim e que, como sabemos, conseguiram restaurar o governo legal em Porto Alegre a 15 de junho de 1836.

Com a apresentação do coronel Wenceslau Bello, muito conseguiram os chefes militares que defendiam aquella cidade, que por elles passou a ser convenientemente fortificada, de modo a resistir aos diversos ataques dos revolucionarios que a sitiavam desde que não a puderam conservar em seu poder.

Por decreto de 20 de agosto de 1838, houve por bem o governo da regencia promovel-o á effectividade do posto de coronel, entrando de novo para o quadro activo do exercito, «em attenção aos distinctos serviços que prestou na provincia do Rio Grande do Sul».

Por carta imperial de 24 de maio de 1839 foi nomeado presidente da provincia de Sergipe, para onde seguio e tomou posse desse cargo a 28 do seguinte mez de agosto.

Exonerado a seu pedido dessa presidencia por despacho de 20 de agosto de 1840, recolheu-se ao seu quartel nesta capital, sendo nomeado para commandar interinamente a fortaleza de Santa Cruz, por aviso de 27 de março de 1841.

Por carta imperial de 18 de julho, foi nomeado commendador da ordem de São Bento de Aviz e graduado no posto de brigadeiro, por decreto de 20 de dezembro, tudo do mesmo anno.

Deixou o commando da fortaleza por ter sido, por carta imperial de 9 de janeiro de 1843 nomeado presidente da provincia do Espirito Santo, em cujo cargo foi empossado a 15 de fevereiro seguinte.

Dispensado do mesmo cargo a 19 de outubro, o entregou ao seu substituto, a 1º de dezembro, tudo do referido anno de 1843, e apresentou-se na côrte do imperio.

Em obediencia ao que foi determinado pelo governo em despacho de 25 de maio de 1844, mais uma vez o brigadeiro Wenceslau de Oliveira Bello teve de embarcar para o norte como presidente de provincia, cargo este de que foi empossado na capital do Rio Grande do Norte a 19 de julho do mesmo anno, exercendo-o até o dia 28 de abril do anno seguinte em que embarcou com destino a esta capital onde recebeu a patente de brigadeiro, passada em obediencia ao decreto de 25 de março desse anno, que o confirmára neste posto.

Já attingido pelos 60 annos de existencia e precisando obter algumas melhoras para a sua saude que, como vimos, de ha muito achava-se alterada, pela rectidão com que sempre procurou cumprir os seus deveres militares e ultimamente como cidadão prestante, occupando o cargo de delegado do governo imperial nas provincias supramencionadas, solicitou sua reforma, que lhe foi concedida por decreto de 6 de março de 1847, uo posto de marechal de campo, na fórma das leis em vigor.

O marechal de campo Wenceslau de Oliveira Bello, depois de reformado continuou a residir nesta capital onde falleceu a 22 de julho de 1852.

***

Com o marechal Oliveira Bello encerramos esta segunda galeria de—GENERAES DO EXERCITO BRASILEIRO—, a qual não obstante o ter sido organisada segundo a ordem alphabetica dos cincoenta e seis nomes que a compõem,

obedeceu tambem á—chronologica—, porquanto os possuidores desses nomes entraram para o quadro dos generaes effectivos durante o periodo de 1831 a 1864, que consideramos o primeiro do reinado do segundo imperador do Brasil. Coube a Bento Manoel Ribeiro ser o primeiro general feito pela regencia em nome do mesmo imperador (decreto de 14 de novembro de 1836), como foi o ultimo desse periodo, o principe conde d'Eu, pelos motivos constantes da pagina 389 deste volume.

ADDENDA E RECTIFICAÇÕES

PRIMEIRO VOLUME

ANTERO JOSÉ FERREIRA DE BRITO; pag. 3. —Nasceu a 11 de janeiro de 1787 da cidade de Porto-Alegre e não na do *Rio Grande*. Filho legitimo do doutor do mesmo nome. Alistou-se voluntariamente como soldado na 2ª companhia da «Legião de Cavallaria de linha do Rio Grande do Sul» e não nas antigas milicias. Cabo d'esquadra a 30 de maio de 1809 e forriel a 24 de novembro de 1810.

THOMAZ JOAQUIM PEREIRA VALENTE; pag. 335. — O máo juizo sobre a sua conducta no governo de Santa Catharina, applica-se ao coronel João Vieira Tovar de Albuquerque, de quem foi o substituto no mesmo governo. (Rectificação do dr. Teixeira de Mello, a pag. 79, do 2º tomo das suas *Ephemerides Nacionaes*.)

SEGUNDO VOLUME

FRANCISCO CARLOS DE MORAES, pag. 126. — Achando-se na 3ª classe de exercito, por decreto de 25 de setembro de 1852, foi reformado em marechal de campo, permanecendo nesta capital, onde falleceu o 10 de agosto de 1862.

JOÃO EDUARDO PEREIRA COLLAÇO AMADO; pag. 199. — Foram os *farroupilhas* Onofre Pires e Affonso J. d'Almeida Côrte Real, os dois presos que se evadiram (vide pags. 77 e 430 do presente volume).

ADVERTENCIA

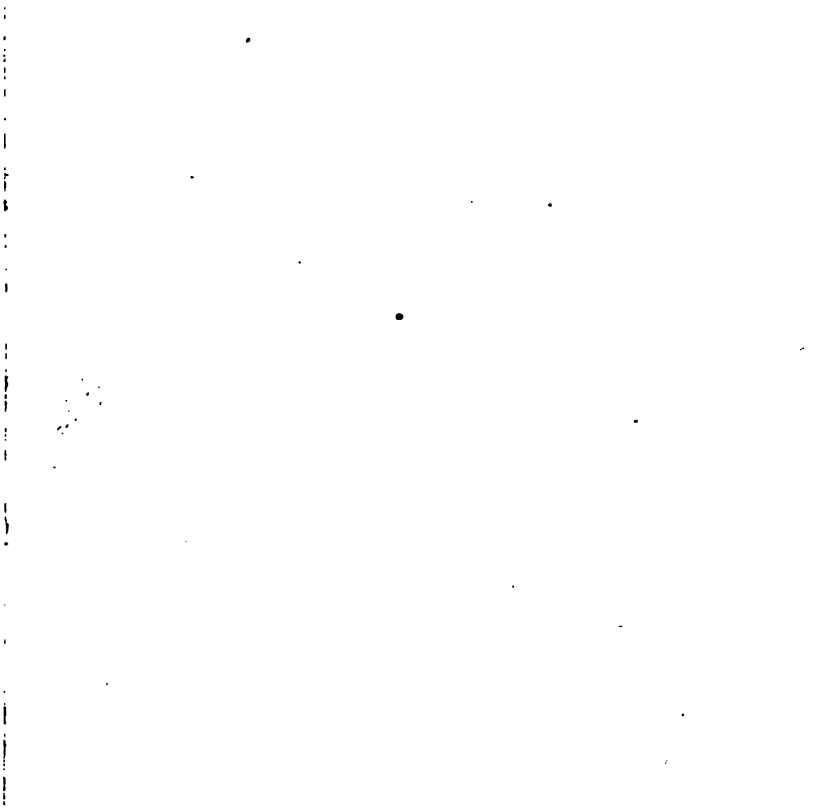
A' revisão escaparam algumas infracções das regras de syntaxe, a falta e augmento de lettras, syllabas, palavras e outros erros ou omissões, o que tudo, esperamos, o leitor benevolo, desculpando-nos, facilmente corrigirá.

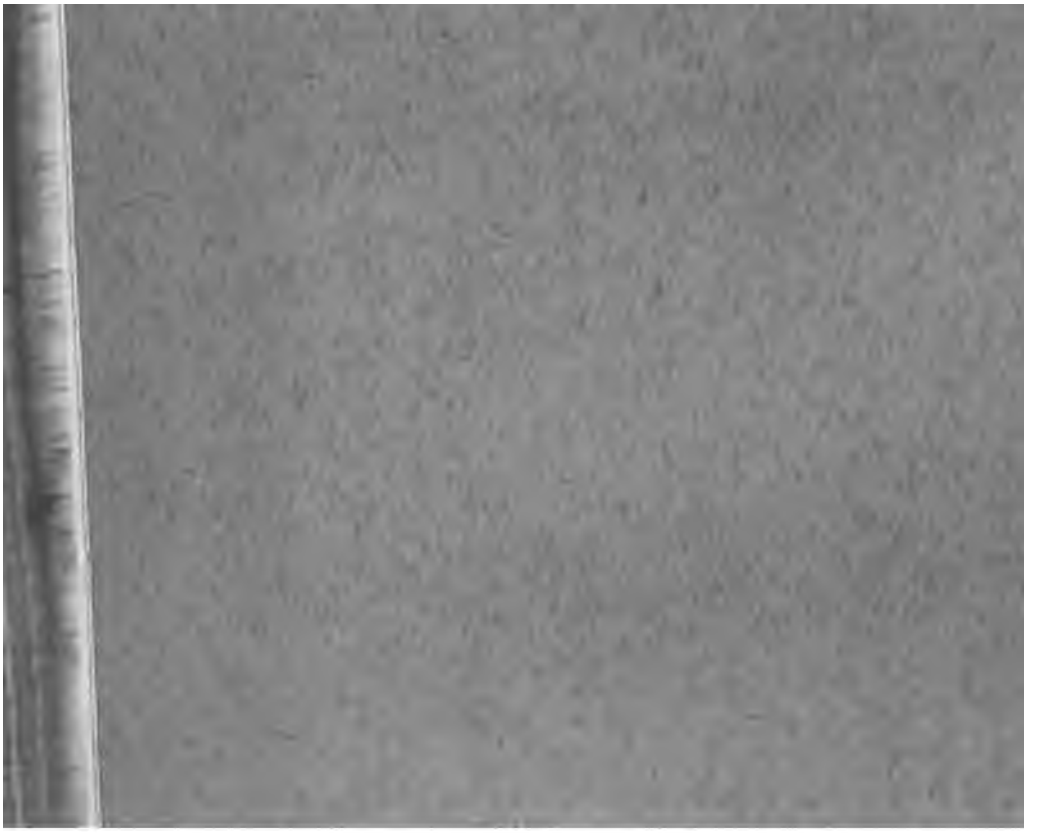
FIM DO 2º VOLUME.

INDICE

Frontispicio 1
Dedicatoria 3
Elogios officiaes 5
Opinião da Imprensa 6
Alexandre Manoel Albino de Carvalho 21
Antonio Corrêa Seára 36
,, Joaquim de Souza 42
,, Manoel de Mello 45
,, Nunes de Aguiar 49
Bento Manoel Ribeiro 54
Ernesto Augusto Cesar Eduardo de Miranda 94
Feliciano Antonio Falcão 96
Felippe Nery de Oliveira 103
Firmino Herculano de Moraes Ancora 110
Francisco Antonio da Silva Bittencourt 112
,, de Arruda Camara 115
,, Carlos de Moraes 124
,, Felix da Fonseca Pereira Pinto 126
,, José Damasceno Rosado 136
,, Sergio de Oliveira 139
,, Xavier Calmon da Silva Cabral (barão de Itapagipe) 148
,, Xavier da Cunha 152
Henrique de Beaurepaire Rohan (visconde de Beaurepaire Rohan) 159
,, Marques de Oliveira Lisbôa 169
Jacintho Pinto de Araujo Corrêa 177
Jeronymo Francisco Coelho 185
João Carlos Pardal 189
,, de Castro Canto e Mello (visconde de Castro) 194
,, Eduardo Pereira Collaço Amado 196
,, Frederico Caldwell 201
,, José da Costa Pimentel 214
,, Paulo dos Santos Barreto 218
,, Propicio Menna Barreto (barão de São Gabriel) 230
José Egydio Gordilho de Barbuda (2.º visconde de Camamú) .. 241
,, Fernandes dos Santos Pereira 249
,, Joaquim Coélho (barão da Victoria) 267
,, Leite Pacheco 288
,, Luiz Menna Barreto 293
,, Manoel Carlos de Gusmão 300
,, Maria da Silva Bittencourt 304
,, Marianno de Mattos 311
,, de Sá Bittencourt e Camara 316
,, da Victoria Soares de Andréa 318
Lopo de Almeida Botelho e Mello 322
Luiz Alves de Lima (barão, conde, marquez e duque de Caxias) 325
,, da França Pinto Garcez 379
,, Manoel de Lima e Silva 385
,, Philippe M. Fernando Gastão de Orleans (conde d'Eu) .. 388

Manoel Antonio da Fonseca Costa (barão, visconde e marquez da Gavea) 407
,, Felizardo de Souza e Mello 411
,, da Fonseca Lima e Silva (barão de Suruhy) 415
,, Luiz Osorio (barão, visconde e marquez do Herval) 419
,, Marques de Souza (barão, visconde e conde de Porto Alegre 501
,, Muniz Tavares 531
,, de Souza Pinto de Magalhães (barão de Tury-Assú) 538
Miguel de Frias e Vasconcellos 542
Pedro de Alcantara Bellegarde 549
Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão (visconde de Santa Thereza) 553
Solidonio José Antonio Pereira do Lago 575
Wenceslau de Oliveira Bello 582
Addenda e rectificações 586
Indice 587





F 2505 .P7 1906 C.1
Os generaes do exercito brazil
Stanford University Librar
3 6105 034 263 314

DATE DUE

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD, CALIFORNIA 94305